Edição:

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA

INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS

OBRA CO-FINANCIADA PELO PRONORTE SUB-PROGRAMA C

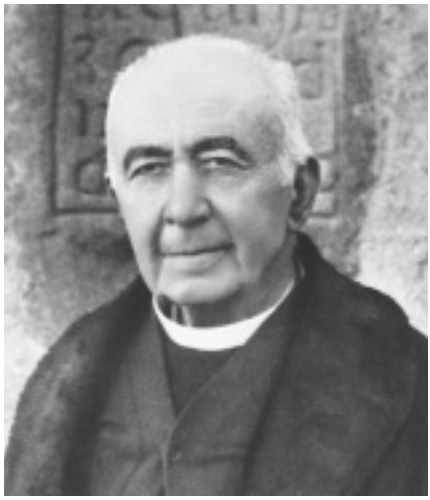
BRAGANÇA

MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICO-HISTÓRICAS DO DISTRITO DE BRAGANÇA

ou

Repositório amplo de notícias corográficas, hidro-orográficas, geológicas, mineralógicas, hidrológicas, biobibliográficas, heráldicas, etimológicas, industriais e estatísticas interessantes tanto à história profana como eclesiástica do distrito de Bragança

OS FIDALGOS



FRANCISCO MANUEL ALVES, ABADE DE BAÇAL

TOMO VI

Tomo anterior | Menu Inicial | Tomo seguinte

TÍTULO: MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICO-HISTÓRICAS DO DISTRITO DE BRAGANÇA
TOMO VI - OS FIDALGOS
AUTOR: FRANCISCO MANUEL ALVES, ABADE DE BAÇAL
COORDENAÇÃO GERAL DA EDIÇÃO: GASPAR MARTINS PEREIRA
REVISÃO DESTE VOLUME: JOSÉ AUGUSTO DE SOTTO MAYOR PIZARRO
UNIFORMIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: MARIA SARMENTO DE CASTRO
EDIÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA/INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS – MUSEU DO ABADE DE BAÇAL
EXECUÇÃO GRÁFICA: RAINHO & NEVES, LDA./SANTA MARIA DA FEIRA
ISBN: 972-95125-7-4
DEPÓSITO LEGAL: 152080/00
OBRA CO-FINANCIADA PELO PRONORTE, SUBPROGRAMA C
JUNHO DE 2000

INTRODUÇÃO

JOSÉ AUGUSTO PIZARRO

«Um livro de genealogia nos tempos democráticos actuais?!», *interrogava-se o Abade de Baçal em 1927, logo no início do «Prólogo» ao volume VI das suas* Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, *inteiramente dedicado aos Fidalgos. Para muitos, porém, a questão ainda hoje se coloca. Ainda hoje, repito, muita gente se interroga sobre o interesse dos trabalhos genealógicos ou heráldicos, sobretudo quando este tipo de estudos continua a ser olhado por muitos com o mesmo desdém que o Abade de Baçal então criticava.*

Esta atitude é tanto mais de estranhar quanto é notório o reconhecimento, a nível internacional, da importância da Genealogia e da Heráldica para o conhecimento histórico. Para prová-lo, bastaria citar nomes como os de Léopold Génicot, de Georges Duby ou de Michel Pastoureau, para se perceber o contributo decisivo das fontes linhagísticas e heráldicas para um conhecimento muito mais aprofundado da sociedade e da cultura medievais. Os seus trabalhos, bem como os dos seus discípulos, permitiram valorizar fontes até então esquecidas ou pouco aproveitadas, quando não mesmo desprezadas pelos historiadores.

Desdém que radicava na desconfiança dos meios universitários face à produção dos estudos genealógicos dos séculos XVIII e XIX, eivados de falsidades e bem mais vocacionados para alimentar vaidades e prosápias pessoais do que para a reconstituição rigorosa e compreensão do

passado. Sem um mínimo de critérios que avaliassem criticamente os dados utilizados, misturavam-se algumas informações de arquivo com nobiliários de qualidade muitas vezes duvidosa, com o único fito de acumular nomes e desfiar gerações, sem procurar qualquer tipo de interpretação histórica e sociológica.

Este panorama, porém, e seria injusto não o sublinhar, sofreu uma profunda alteração com os trabalhos de Anselmo Braamcamp Freire – nomeadamente a sua obra Brasões da Sala de Sintra *–, na qual inteiramente se renovaram os métodos e os conceitos, conferindo à genealogia e à heráldica um lugar destacado como ciências históricas.*

Infelizmente, porém, Braamcamp Freire não foi devidamente entendido pelos genealogistas posteriores. É certo que os nomes de Luís de Bivar Guerra, Eugénio da Cunha e Freitas, Marquês de São Payo, Marquês de Abrantes, Luís de Mello Vaz de São Payo, Vaz-Osório da Nóbrega e de alguns outros, nos remetem para trabalhos de grande qualidade e rigor e que honram a memória daquele Mestre; mas são ainda muitos aqueles que ainda agora continuam a perspectivar aquelas duas ciências em moldes já hoje inteiramente ultrapassados.

Assim, e por paradoxal que possa parecer, não se deve deixar de sublinhar o papel decisivo dos meios académicos para a recuperação da Genealogia como ciência histórica (*). Destaque-se, por isso, o nome do Professor José Mattoso, responsável pela primeira edição crítica dos nossos livros de linhagens medievais, bem como de uma série de trabalhos de reconstituição de genealogias alti-medievais, que lhe permitiram renovar profundamente o conhecimento da nobreza medieval portuguesa e avançar interpretações totalmente inovadoras sobre alguns aspectos da nossa História medieval. Esforço que tem sido continuado por um grupo bastante alargado de discípulos, como o demonstram as várias teses de doutoramento sobre nobreza medieval apresentadas em diferentes universidades, onde também pela primeira vez a Genealogia e a Heráldica começam a integrar os planos curriculares dos cursos de História.

(*) A Heráldica ficou a dever inteiramente ao falecido Marquês de Abrantes essa renovação.

Neste contexto, o que representa este volume da obra do Abade de Baçal e, agora, a sua reedição? Quem ler o Prólogo *do autor das Memórias ficará com a ideia de que a lição de Braamcamp Freire tinha sido bem apreendida. Mas, a realidade é bem distinta. Francisco Manuel Alves não era um genealogista, bem o sabemos, mas o imenso material que recolheu podia ter sido apresentado de forma menos caótica. Contudo, e o leitor terá a oportunidade de o confirmar através de algumas das nossas notas críticas, o maior «pecado» em que o Abade de Baçal incorreu, quanto a nós, foi o de não se preocupar minimamente em fazer uma selecção crítica das informações que utilizou, misturando informações de arquivo com outras provenientes de nobiliários de qualidade muitas vezes duvidosa, sem proceder a qualquer tipo de análise e confronto crítico, veiculando ou repetindo fantasias nobiliárquicas.*

Obra sem qualquer mérito? Não diríamos tanto, até porque o estudioso tem aqui à disposição um conjunto de informações cujo interesse não se pode negar. Mas também terá que ter consciência de que o seu aproveitamento o irá obrigar a fazer um esforço considerável para «separar o trigo do joio...». Os estudos genealógicos e heráldicos portugueses já há muito que mereciam que essa separação se fizesse e que, de futuro, de uma vez por todas o joio de todo desaparecesse.

AOS EX.mos SRS.

Dr. António Francisco de Menezes Cordeiro

Dr. José Vaz de Sousa Pereira Pinto Guedes Bacelar

Dr. Vítor Maria Teixeira

que, com os Ex.mos Srs. Dr. António Augusto Pires Quintela, José António Furtado Montanha e Dr. Raúl Manuel Teixeira, coadjuvaram a publicação do VI volume destas *Memórias*

O. D. C.

O AUTOR

P.e Francisco Manuel Alves

PRÓLOGO

Um livro de genealogia nos tempos democráticos actuais?! A genealogia é um ramo da História e o conhecimento da História é indispensável ao político, ao jurisconsulto, ao economista, ao financeiro, ao sociólogo, ao legislador, a quantos procuram guiar a humanidade, porque todos os sistemas sociais encontram nela uma confirmação, uma negação, um critério orientador.

Não tratamos da genealogia como instituição social, aliás respeitável, porque correspondeu à aspiração mental de um largo período civilizador, mas sim da sua história. Demais, quando historiadores e escritores como Herculano, Oliveira Martins, Camilo Castelo Branco, Luciano Cordeiro, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Castilho, Braamcamp Freire e Baena, para só falar dos do nosso tempo, deixando tantos outros, se aproveitaram tão largamente dos nobiliários reeditando mesmo alguns, a que vem a sua defesa e as censuras de um ou outro patarática, motivadas talvez por alguma das razões abaixo apontadas?

«Houve tempo – diz um republicano avançado considerado oráculo entre os seus e de muito valor, mesmo para os estranhos – em que eu considerava as notícias genealógicas como estéril exploração da vaidade individual; quando, porém, no estudo dos poetas do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende fui encontrar no *Nobiliário dos Silveiras,* por D. Luís Lobo da Silveira (Ms. da Biblioteca

do Porto), elementos que me esclareceram a biografia de muitos poetas desta família, desde o Caudel-mor até Heitor da Silveira, o amigo de Camões, com particularidades luminusíssimas sobre as cortes de D. João II e D. Manuel, reconheci então que os dados genealógicos eram um valioso subsídio, principalmente fixando-os por um ou outro documento histórico oficial que dê base e coerência cronológica ao conjunto»(1).

Verdade, verdade, digam quanto queiram os iconoclastas antigenealogistas, que jamais arrancarão do espírito humano a tendência, por assim dizer, inata para perpetuar a sua memória através de todas as gerações vindouras, a menos que se não trate de autênticos imbecis, rastejantes quais vermes sobre a terra, incapazes de compreenderem os problemas que os nobiliários resolvem, incapazes de um sentimento levantado; a menos que se não trate de criminosos ou de quem, por motivos especiais, pretende ocultar o seu cadastro, a origem donde vem.

É certo que os anónimos vulgares, os pés descalços sem eira, nem beira, nem ramo de figueira, os que carecem de registo na conservatória predial ou industrial, aqueles a quem o pão não chega para todo o ano, procuram primeiro satisfazer estas necessidades – *primum vivere, deinde filosofare* – e, por despeito, fingem rir-se – riso amarelo... estão verdes... – mas desde que se encontram fartos, ricos, procuram sofregamente dar-se importância, por si e pelos seus antepassados.

A fidalguia não constituía feudo especial de certas famílias; todos lá podiam chegar, desde que seus feitos o merecessem, sem mesmo desmentir o conceito de Vieira: «Ganha-se mais no Paço às barretadas que no campo às lançadas», e todos de lá saíam quando a degenerescência invadia seus descendentes. É a eterna lei do fluxo e refluxo dominando também na étnica social, precipitando no anonimato plebeu os inábeis para as lutas brilhantes da vida.

(1) SANCHES DE BAENA, *Bernardim Ribeiro,* «Prólogo» de Teófilo Braga, pág. 9.

Os títulos nobiliárquicos eram um estímulo, o prémio de acções relevantes, impagáveis a dinheiro, e mal avisados andaram os governos pobres em desprezar tão valioso recurso.

Fomentava a vaidade e outros sentimentos deprimentes, dirão. Mas que acção há digna de renome sem o estímulo da vaidade ou de alguma das suas espécies, se virtude e vício são a mesma coisa até certo ponto?

A anedota lendária fala-nos na ignorância estúpida do morgado; nos caprichos cerebrinos do morgadinho; nos *paracismos* pretenciosamente ridículos da fidalga. Quando chegavam a esta fase já não havia fidalguia: era a decadência a manifestar-se empurrando os descendentes do antigo nobre para o *mare magnum* plebeu, para o sofrimento, necessidade, miséria e desgraça, a regenerar pelo trabalho mecânico, primacial escola da virtude que salva as energias físicas verminadas pelo vício; as energias morais corrompidas pela depravação dos costumes originada nas facilidades da vida e as energias mentais embotadas pelos mesmos motivos.

Vexavam e oprimiam o povo (2), donde o rifão: *em tua casa nem fidalgo nem galgo ou abriles e caballeros pocos buenos,* segundo os adagiários antigos. Por isso a magna carta da liberdade popular consignava no respectivo foral municipal a garantia de os fidalgos não poderem demorar-se na região além de um certo tempo: ordinariamente um a três dias. Infelizmente a opressão dava-se em alguns casos raros, bem compensados pelos benefícios que espalhavam.

Nota-se nos nobiliários antigos a preocupação de filiar a origem das famílias nobres nos reis godos.

É desnecessário advertir que pouco ou nenhum crédito merecem tais filiações, anteriores ao século XIV, referentes a famílias particulares [1], pois, quando mesmo nas reais, nos catálogos dos bispos das dioceses, dos governadores de armas: de províncias, de praças, em que há outros motivos de fixação mesmo indirectos,

(2) Confirmam isto várias passagens desta obra, veja-se: volume I, pág. 312; volume III, documentos n.os 66 e 76; volume IV, p. 375 a 379 e documentos n.os 103 e 104; volume VI, p. 421 e 555 e a cada passo as Inquirições de D. Sancho, D. Afonso e D. Dinis publicadas nos volumes III e IV.

surgem tantos problemas, tantas lacunas, o que será na seriação de uma família a intervalos enormes sem documentação nenhuma e numa época em que poucos sabiam escrever e em que factos de grande importância social ficaram inéditos, coisa digna de lástima, como a cada passo nos estão lembrando os historiadores?!

Narram os autores coevos a história do domínio gótico entre nós, que abrange alguns séculos cheios de lutas constantes, de feitos dignos de relevo, em meia dúzia de páginas; em menos ainda a dos mouros; numa ou duas palavras um reinado, uma batalha, embora referente à fundação da nacionalidade; são escassíssimos na menção de personagens e, quando as apontam, é impossível estabelecer-lhe ligação genésica; os *Livros de Linhagens* atribuídos ao Conde D. Pedro, a obra mais antiga da especialidade entre nós carecem igualmente de base para tal [2] e há linhagista todo ancho da autenticidade incontestável das suas linhas avoengas neo--romano-góticas esmaltadas de basta pancadaria em lombos agarenos, como quem malha em centeio verde!! E há quem se diga fidalgo pela graça de Deus, isto é, desde sempre, por se não poder fixar a época em que apareceu como tal!!

Não; não pode ser. O nobre é nobre, é *alguém* e dá ao sucessor a qualidade de *filho de algo* (= fidalgo), desde que as suas qualidades físicas, mentais ou morais o destacam do vulgar em feitos atinentes ao bem comum, tendo, portanto, direito ao nosso respeito e até admiração. A época em que a nobreza começou tem apenas valor atávico, contraproducente mesmo, fixando as degenerescências, se os descendentes tentam viver de glórias passadas, sem honrar os apelidos herdados.

Os nobres nasceram dos feitos bélicos, mentais ou industriais, donde: nobres da espada, do livro, da finança, três títulos igualmente lídimos, embora durante muitos séculos apenas o primeiro se considerasse como legítimo, podendo pois dizer-se que os nobres nasceram geralmente das convulsões sociais, das lutas dinásticas, das mudanças de instituições, das revoluções triunfantes, em suma, e morreram com elas, regressando ao anonimato popular donde surtiram; é o destino das coisas mundiais – nascer, brilhar, morrer –. Entraram como *fidalgos de fresca data,* como *novos ricos,* segundo o conceito mordente dos antecessores despeitados, dos incapazes de triunfar, e saíram dirigindo

os mesmos chascos laivados de risinho amarelo aos sucessores. Um ou outro que surdiu por processo mavórtico em período calmo não invalida a regra: é um retardatário que alcançou mais tarde a meta em demanda do quinhão que lhe pertence.

A primeira dinastia teve os seus nobres e até um suplemento de procreação fidalga com as lutas intestinas de D. Afonso III e D. Sancho (é muito frequente este suplemento), mas a dinastia Joanina criou gente sua, fidalgos de novo, donde o estiolamento, a morte daqueles, e assim pelo mesmo teor nas outras [3].

Durante a primeira dinastia brilharam ao norte do distrito de Bragança os Braganções, mas sumiram-se com ela para dar lugar aos Braganças, aos Sampaios no sul e aos Távoras no centro [4]. Com as Guerras da Aclamação surgem os Figueiredos no norte, os Gis e Barões de Santa Bárbara com a expulsão dos jesuítas, mas morrem com o advento do constitucionalismo, que levanta os Pessanhas, batidos agora pelos *novos ricos* da república, na boca dos que se ficam atrás, esquecidos de que eles são os novos ricos de ontem, como estes os de ante-ontem e assim sucessivamente; esquecidos de que o *novo rico* representa o valor positivo de quem compreendeu o momento histórico e trepou. Com falha de carácter, dirão. É possível, mas em honra e geração não há que apurar muito porque, lá diz a sabedoria das nações: «Não há geraçao sem p... e ladrão».

Nem sempre era a piedade que levava a construir tantas capelas e edículos cultuais como vemos, mas sim considerações mundanas, o orgulho de não ver os bens divididos depois da morte, o desejo de fundar casas ricas, a satisfação da necessidade espiritual da imortalidade estendida mesmo à propriedade. Daqui a origem dos morgadios e o recurso à égide da Igreja que fulmina com excomunhões e interditos quem tocar no que lhe pertence. Também raro será o morgadio ou casa de alguma importância que não tem por fundador ou principal cooperador um padre.

O que desejava fundar um morgadio obtinha licença da autoridade eclesiástica para edificar uma capela isolada sobre si, um altar numa igreja ou ampliar outro já existente. Estas obras ficavam-lhe pertencendo para sepultura própria e dos seus, e, com o pretexto de a fabricar, ou seja, prover às despesas da sua conservação, doava-

-lhe boas propriedades sob a gerência administrativa do morgado, geralmente o filho macho mais velho do doador, e assim de geração em geração, com obrigação de certas missas e actos pios por alma do fundador, disfrutando o excedente dos rendimentos – um ovo por um real, quando não era roubar o carneiro e dar os pés pelo amor de Deus.

Eis, para exemplo, as condições da instituição duma capela de morgadio na igreja de São João Baptista, de Bragança, em 1624 por Joseph Alonso e sua mulher Ana de Rios, segundo o *Tombo* dos bens dessa igreja existente no Museu Regional de Bragança: O abade e mordomos da igreja «davam todo o consentimento e licença e autoridade aos ditos Joseph Alonço e sua mulher em seu nome e dos mais fregezes *(sic)* para que possam abrir e levantar na dita Igreja hua Capella no lugar onde esta hum altar do Nome de Jesus ao direito da capella de Nossa Senhora da Consolação da mesma Igreja no qual altar de Nome de Jesus, tem o dito Joseph Alonço e sua mulher posto o retabulo por sua conta e o mais delle a qual licença lhes concedem segurando elles ditos Joseph Alonço e sua mulher as paredes e madeiramento e teto, da dita Igreja e abendo algum dano elles o... (ilegível) à sua conta por acharem ser isto lícito, útil e proveitoso para a dita Igreja e freigezes *(sic)* della e... ficar mais lustrosa e realçada com a dita capella e poderão os ditos instituidores asentar dentro della suas segulturas e seus herdeiros e successores sem nella se enterrarem nenhum freiges, nem abade... e querem e he sua vontade que dos rendimentos dos bens de raiz avinculados a dita capella ao diante declarados se gastem cada anno quinze mil reis pela maneira seguinte, a saver, querem elles instituidores que cada semana se digão trez missas na dita capella para sempre... pelas quaes se dara de esmola ao sacerdote que as disser dose mil reis cada anno... e dos outros tres mil reis que restam se poirão em deposito cada anno em as mãos do padroeiro... e delles dara ao sancristão da dita Igreja o que for bem pello trabalho de ajudar as ditas missas e limpeza do altar e capella... e o resto dos ditos tres mil reis ficara sempre em deposito, como fica dito para o fabrico da dita capella e ornamentos della... e disserão elles instituidores que obrigavam, sojeitavam e

vinculavam a dita capella e fabrico della os bens de raiz seguintes: – a saber 440 alqueires de trigo de foro e vinte de centeio que elles tem e lhe pertencem nos lugares de Soeira, Crastellos, Villa Nova, Donae e Meixedo... e mais avinculavam e ipotecavam as casas de sua morada, e mais outras casas situadas todas na cidade de Bragança e mais vinculavam terras que levavam 24 alqueires de semeadura, uma vinha que levava trinta homens de caba e um lameiro... os quaes bens todos juntos andarão sempre unidos avinculados, e inteiros, em mão do padroeiro da dita capella, sem se poderem partir nem vender, nem diminuir, nem alhear, e elle padroeiro os disfrutara e gozara, e dos rendimentos, exufruto delles os cultivara, e conservara inteiros, e pagara os ditos quinze mil reis, em cada hum anno para as missas e fabrico e mais gastos necessarios, e o que mais renderem os ditos bens sera para o dito padroeiro... e logo nemearam elles instituidores por primeiro padroeiro da dita capella, um, a outro ao que deradeiro delles ficar e por morte de ambos, nomeam e extituem por primeiro padroeiro a Roque Alonso seu filho, e por falecimento fique ao filho macho mais velho que delle ficar sendo legitimo, e não havendo filho macho, legitimo que seja femea, e despois delles aos filhos que delles nacerem e procederem, não entrevindo nunqua bastardia, perferindo sempre, o macho e femea... e despois disso ira sempre assim succedendo pella mesma ordem aos filhos mais velhos».

Com o andar dos tempos as circunstâncias económicas mudaram e alguns morgadios tornaram-se irrisórios pela insignificância dos rendimentos; por isso, a lei de 3 de Agosto de 1770 permite que os inferiores a 200.000 réis de renda na Extremadura e Alentejo e l00.000 réis nas outras províncias sejam abolidos e seus bens livres e alodiais.

Foi no tempo de D. Afonso III, diz Pinho Leal, que em Portugal se introduziu a *palavra fidalgo* no sentido de distinguir os *cavaleiros* e *escudeiros de linhagem* dos que o eram por graça especial do rei.

D. Afonso V mandou que todos os fidalgos entrassem no serviço da Casa Real sendo inscritos como *moradores* no Paço e rece-

bendo anualmente certas pagas, segundo a hierarquia ou serviços de cada um, às quais se deu o nome de *moradia.*

Daqui veio a necessidade de classificar os fidalgos em diversas categorias, das quais se formaram duas ordens e três graus de cada uma destas.

A primeira era composta dos seguintes graus: 1º, fidalgo-cavaleiro; 2º, fidalgo-escudeiro; 3º, moço-fidalgo.

A segunda ordem tinha os seguintes três graus: 1º, cavaleiro-fidalgo; 2º, moço da câmara; 3º, escudeiro-fidalgo.

Todos recebiam *moradia,* segundo os seus graus e categorias, e o escudeiro-fidalgo de segunda ordem podia ir gradualmente percorrendo todos os graus até chegar a *fidalgo-cavaleiro* de primeira.

Os que serviam o rei no Paço denominavam-se fidalgos com exercício, mas depois deu-se esta denominação a todos os fidalgos, servissem ou não o rei. Ainda hoje assim se pratica.

Para obter o primeiro grau de nobreza basta simplesmente provar que se é filho legítimo de pai fidalgo. Ter foro de fidalgo, é ser feito fidalgo sendo filho de pai que o não era.

Não só os reis, mas também os príncipes e infantes e os duques de Bragança podiam dar foro de fidalgo, mas deviam ser confirmados pelo rei.

De todos estes títulos de nobreza apenas hoje se conservam dois: – moços-fidalgos e fidalgos-cavaleiros [(3)].

Não cause estranheza a divergência que se nota em alguns nomes referentes ao mesmo indivíduo adiante mencionados, porque, em geral, os fidalgos tinham vários apelidos e nem sempre os usavam todos, sendo que o primogénito tinha o direito de adoptar os mais distintos, donde a divergência.

(3) LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* artigo «Lisboa», pág. 295, onde também se encontra a significação, importância e distinção de graduações dos diversos títulos de nobreza.

Muito a nosso pesar não seguimos os ramos das famílias nobres fora do distrito de Bragança, onde floresceram assinaladamente muitos deles, por ser apenas deste que tratamos e não avolumar demasiado a obra.

Baçal, na varanda ao sol, coado através da folhagem do martírio que em festões avança de coluna a coluna tendo sobre um joelho a *Muxeninha,* bisneta da *Tartaruga,* já falecida, que, de quando em vez, estende a pática brincalhona sobre os papéis, e aos pés deitado o *Prinze,* que, embora digno, não consegue apagar-me as gratas recordações do *Lafrau,* enquanto uma abelha no canteiro aos sucalcos do curral zumbe em volta da floração vermelha de um goivo enamorado das rosas em botão da camélia e meia duzia de pardais, sumidos por entre as galinhas, os porcos e a burra, procuram apanhar os grãos que meus sobrinhicos Luzia Alves e Bernabé Alves lhe deitam, 14 de Dezembro de 1927.

Padre Francisco Manuel Alves.

ABAMBRES

1º Antônio Álvares Coelho de Freitas Barros Faria e Figueiredo, natural de Abambres, concelho de Mirandela, filho de Francisco Álvares Coelho de Freitas, fidalgo da Casa Real. Fidalgo cavaleiro por alvará de 19 de Setembro de 1835 (4).

2º José Pinheiro, presbítero, e seus pais Simão Esteves e Maria Pinheiro, erigiram em 1724 uma capela em Abambres dedicada às Almas, com vínculo de bens em morgadio (5).

ABREIRO

1º Álvaro de Mendonça Machado de Araújo, que adiante citaremos, nasceu em Abreiro, concelho de Mirandela, a 21 de Março de 1850. Era filho de:

2º José Maria de Mendonça Machado de Araújo, fidalgo cavaleiro da Casa Real, capitão de cavalaria, ajudante de campo do general Póvoas e de D. Maria Augusta Teixeira de Almada Meneses Guerra, filha de João Firmino Teixeira, Barão de Barcel, e de D. Joana Angélica de Almada Meneses Guerra.

José Maria de Mendonça Machado de Araújo entrou nas lutas constitucionais a favor de D. Miguel, de quem foi partidário acérrimo até à morte, e um dos convencionados de Évora-Monte. Neto de:

3º José Joaquim de Mendonça Machado de Araújo, fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão-mor de Valadares, e de D. Maria Teresa da Rocha Cabral e Quadros, dama do Paço, açafata da rainha D. Carlota Joaquina. Bisneto de:

4º Bento Manuel Machado de Araújo, senhor da casa da Amiosa, proprietário em Trás-os-Montes, fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão-mor de Valadares, coronel do regimento de milícias dos Arcos, e de D. Maria Antónia de Mendonça Cardoso, da casa de S. Cosmado, na Beira-Alta, senhora de grande nobreza, bem provada pela dilatada série de ascendentes, todos fidalgos cavaleiros da Casa Real. Terceiro neto de:

5º Manuel Machado de Araújo, senhor da casa da Amiosa, proprietário em Trás-os-Montes, fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro da

(4) Livro 5º do *Registo das Mercês do Real Arquivo,* fol. 150, in *Dicionário Aristocrático,* 1840.
(5) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

Ordem de Cristo, familiar de número do Santo Ofício, Juiz dos Órfãos em Valadares, comissário de cavaleiros, guarda-roupa do infante D. Francisco, governador de Castro Laboreiro, senhor de Vale de Poldras e Campelo.

Foi Manuel Machado de Araújo quem mandou construir em Abreiro, em frente da sua casa, o cruzeiro onde se venera a imagem do Senhor dos Aflitos e a da Senhora da Piedade, no género um dos melhores monumentos da província em beleza arquitectónica.

Também a instâncias suas, devido à consideração que gozava na corte, se construiu a célebre ponte de Abreiro em 1734.

Segundo a lenda popular, esta ponte, o cruzeiro de Abreiro e a Arcã (restos de uma anta, no termo da povoação), foi tudo construído pelo Diabo. É sabido que a lenda atribui ao demónio as obras, quer sagradas, quer profanas, de difícil construção, e o arco da ponte de Abreiro assombrava pela sua enorme altura, abertura e escabrosidade do sítio [6].

Manuel Machado de Araújo foi casado com D. Maria Manuela Machado de Araújo, sua prima, filha e herdeira única de Manuel Machado de Araújo, o Velho, moço fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, governador de Castro Laboreiro, senhor de Vale de Poldras e Campelo, que morreu religioso bento em Cela Nova. Quarto neto de:

6º JOÃO DE BARBEITAS PADRÃO MACHADO DE ARAÚJO, moço fidalgo da Casa Real, Juiz de fora na ilha da Madeira, e de D. Luiza Homem de El-Rei. Quinto neto de:

7º ANDRÉ MACHADO DE ALMEIDA, moço fidalgo da Casa Real, instituidor do Morgado da Amiosa, senhor, por sua mulher, de Vale de Poldras e Campelo, e de D. Maria de Barbeitas Padrão e Araújo, herdeira e filha única de D. Pedro de Barbeitas Padrão, senhor de Vale de Poldras e Campelo, e de D. Maria de Araújo e Azevedo. Sexto neto de:

8º GASPAR MACHADO DO AMARAL, moço fidalgo, e de D. Margarida do Amaral e Almeida. Sétimo neto de:

(6) Nesta parte não podemos concordar com o manuscrito que vamos seguindo, porque a ponte de Abreiro, hoje em ruínas, restando-lhe apenas os pilares, por ser levada pela grande cheia do inverno de 1909, mas que vimos ainda em pé numa excursão que fizemos àqueles sítios em 1897, tinha todas as características das pontes medievais, das quais restam ainda bem visíveis os agulheiros que seguravam as cambotas dos arcos. Todavia, podia muito bem ser que Manuel Machado de Araújo fizesse reconstruir o arco, arruinado por outra cheia ou qualquer outro motivo, sobre os pegões medievais. Referir-nos-emos adiante a uma reconstrução feita nessa ponte.

9º GASPAR PIRES MACHADO, moço fidalgo, que serviu o duque de Bragança D. Teodósio, e de D. Maria do Amaral, filha de Cristóvão do Amaral Castelo Branco. Oitavo neto de:

10º FERNÃO MACHADO DE ARAÚJO e de D. Constança Dias Vilas-Boas, de quem diz a *Nobiliarquia Portugueza,* pág. 105, ser matrona de tão louváveis costumes, que lhe crescia o pão nas arcas para dar aos pobres, e que no dia do seu óbito se tocaram expontaneamente os sinos da freguesia para festejar o coroamento no Céu das suas virtudes.

E ficaremos aqui na linha ascendente do Doutor Álvaro Mendonça Machado de Araújo, de quem o manuscrito que temos seguido menciona até aos décimos sextos avós, porque se trata de personagens que viveram longe do distrito de Bragança, objecto único dos nossos estudos. Entretanto sempre diremos que na casa dos nonos avós menciona um Fernão Álvares da Maia, partidário do infante D. Pedro, junto de quem foi morto na batalha de Alfarrobeira em 20 de Maio de 1449; na dos décimos, um Diogo Pires Machado, igualmente partidário do infante e morto na mesma batalha, e ainda em outras entronca os ascendentes em Mem Moniz (que, em 1147, arrombou as portas de Santarém e de Lisboa, em poder dos mouros, para os nossos entrarem na fortaleza, donde lhe veio o apelido de Machado) [5], em D. Sancho I, rei de Portugal, em Amalarico, rei godo da Espanha, pelos anos de 505. É pecha dos nobiliários: não param enquanto não levam a ascendência aos reis godos, como se só deles viesse o nobre sangue. Etnicamente não deixam de ter razão, para salientar a distinção com outras raças que nos vieram da África e da Ásia. Porém, este até à linha dos décimos sextos avós merece crédito, por constarem da carta de brasão de armas passada em 1734 a Manuel Machado de Araújo, da qual adiante damos um extracto.

Álvaro de Mendonça Machado de Araújo (1º, atrás citado) fez, com distinção, o curso liceal em Bragança e o universitário em Coimbra, onde concluiu a formatura em direito a 9 de Julho de 1873 e no ano seguinte exerceu a advocacia em Valpaços. Em 1875, por morte de Carolino Pessanha, chefe do partido progressista no sul do distrito de Bragança, formou, com João Vaz de Madureira, Silvério de Moura Barreto, Joaquim Basílio da Costa e doutor Francisco Augusto da Silva Leal, um grupo dirigente do partido em oposição aos regeneradores, chefiados por Francisco Pavão, a quem nos referiremos ao tratar de *Parada de Infanções.* Este grupo aderiu em 1876 ao Pacto da Granja e em 1879 obteve pela primeira vez autoridade, sendo Álvaro de Mendonça nomeado administrador de Mirandela.

Em Dezembro de 1880 foi nomeado primeiro oficial do Governo Civil de Bragança; em Fevereiro do ano seguinte caiu o partido progressista e

em 1883 transferiram-no para Faro, onde fundou o jornal *Progresso do Algarve,* destinado a defender a sua política. Em 1884 faz concurso para secretário-geral e foi colocado no Governo Civil da Horta, de cujo lugar não chegou a tomar posse, sendo transferido para igual cargo em Bragança. A 11 de Janeiro de 1890 subiu ao poder o partido regenerador, que logo o transferiu para a Horta; não acatou porém, o despacho e ficou em Bragança, onde abriu escritório de advogado.

Em 1892 foi eleito deputado por Mirandela e no ano seguinte presidente da Câmara Municipal de Bragança, onde prestou relevantes serviços.

Em 1894 foi eleito deputado por acumulação e em 1898 nomeado governador civil de Braga e de Bragança em 1904.

Em Março de 1910 foi nomeado auditor administrativo do distrito de Bragança, onde se conservou até 1913, ano em que foi promovido à segunda classe e transferido para Braga.

Álvaro de Mendonça era considerado como uma sumidade em direito administrativo, e como escritor a ele nos referiremos em volume especial.

Casou em Barcel, concelho de Mirandela, a 29 de Abril de 1875, com sua prima D. Isabel Maria de Almada Meneses Pimentel, filha de João Evaristo Teixeira de Almada Meneses Guerra e de D. Sancha Augusta de Almada Pimentel, Viscondessa de Barcel (ver *Barcel*). Morreu em Braga a 11 de Dezembro de 1916 e veio a enterrar a Abreiro. Descendência:

I. *D. Olema de Mendonça Machado de Araújo,* nasceu no Mogo de Malta, concelho de Carrazeda de Ansiães, a 7 de Março de 1876, e casou a 8 de Abril de 1911 com o doutor Alberto Gomes de Moura, tenente-coronel médico de artilharia, combatente da Grande Guerra, natural de Bragança. Descendência:

Álvaro de Mendonça Machado de Araújo Gomes de Moura, nascido a 29 de Agosto de 1914.

II. *D. Túlia de Mendonça Machado de Araújo,* solteira, proprietária em Abreiro e Barcel, nasceu em Abreiro a 7 de Março de 1878.

III. *Abel de Mendonça Machado de Araújo,* nasceu a 10 de Novembro de 1879. Fez o curso liceal com distinção em Bragança e o universitário em Coimbra, onde concluiu a formatura em Direito em Junho de 1901. Não exerceu profissionalmente a advocacia, se bem que defendeu com brilhante êxito algumas causas em Bragança, Mirandela, Vila Flor e Lisboa. Foi sub-delegado em Alfândega da Fé, mas não seguiu a magistratura. Professor interino do liceu de Bragança em 1905-1906 e, pelo mesmo tempo, secretário-geral do Governo Civil de Bragança. A 14 de Outubro de 1912 começou a reger a cadeira de Sociologia na Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, de que foi nomeado professor efectivo em 1919, passando em 1923 para o grupo Português-Latim.

Tem colaborado no *Jornal de Mirandela, Nordeste, Pátria Nova,* ambos de Bragança, *Diário Ilustrado* e *Agricultura Transmontana,* de Mirandela.

Tem um filho natural, mas legitimado, Joaquim de Mendonça Machado de Araújo, que nasceu em Barcel a 24 de Março de 1903.

IV. *D. Maria Olímpia de Mendonça Machado de Araújo,* solteira, proprietária em Abreiro e Vieiro, nasceu em Abreiro a 20 de Janeiro de 1890. A esta inteligente e muito ilustrada senhora agradecemos as informações que gentilmente nos forneceu para esta monografia.

Na carta iluminada de brasão de armas concedida por el-rei D. João V, em 26 de Fevereiro de 1734, a Manuel Machado de Araújo (5º, atrás citado), morador em Valadares, que se encontra em Abreiro em poder da família Mendonça Machado de Araújo, sua descendente lídima, mencionam-se seus avós até ao duodécimo e por ela lhe concede escudo partido em pala: no primeiro, as armas dos Machados; no segundo, as dos Araújos. Timbre: dois machados de prata com cabos de ouro postos em aspa, atados com um troçal vermelho e por diferença, uma brica de ouro com seu trifólio preto. Em alguns escudos usados pela família no frontispício das casas, no mausuléu e no cruzeiro em Abreiro vêem-se os machados do timbre encimados por um coronel.

Em poder da mesma família há, além de outros documentos nobiliárquicos, os seguintes:

– Carta de fidalgo-cavaleiro dada pela rainha D. Maria I, a 13 de Dezembro de 1779, a Manuel Machado de Araújo (5º, atrás citado), cavaleiro professo da Ordem de Cristo, natural da vila de Calheta, ilha da Madeira, em atenção aos serviços que prestou «nesta Corte e Provincia do Minho no foro do Moço do Guarda Roupa do Infante D. Francisco, que Deus haja, meu muyto prezado tio, e no posto de capitão-mor de Castro Laboreiro; no de governador daquelle castello, em que sucedeo a hum tio do mesmo nome por patente de quatorze de março de mil settecentos e quarenta e seis; e ultimamente no de Sargento-Mor de Infantaria com exercicio do de Governador do mesmo Castello por patente de vinte e seis de Mayo de mil settecentos e sessenta e outo, tudo por espaço de trinta e seis annos.

... E no decurso do refferido tempo da guerra e paz se houve com grande actividade e prestimo nas muytas e particulares diligencias da mayor consideração do meu Real serviço, que lhe forão recomendadas pelos Generaes daquella Provincia; sendo pela sua capacidade e intelligencia, por elles escolhido para entrar no Reyno da Galiza a observar e indagar as forças, dizignios e opperações dos Inimigos: o que executou vadeando todo aquelle Reyno por espaço de hum mez, trazendo hüa exata e fiel rellação de tudo, sem que por este trabalho aceitasse a Ajuda de

custo, que se lhe offereceo, tendo sempre hum mesmo cuydado de mandar à sua custa Pessoas intelligentes the o Ferrol e Crunha, e mais partes do mesmo Reyno, conseguindo por ellas a certeza de tudo o que nelle se passava; conservando tambem pela sua vigilancia em Castella correspondencias ocultas por confidentes, a quem pagava da sua fazenda, pelas quais tinha noticia de todas as desposições dos inimigos que logo por correyos comunicava aos seus respetivos generaes, enviando-lhes as Gazettas de Espanha, deffendendo ao mesmo tempo aquella Fronteyra das invazões dos Inimigos, havendo-se no refferido... com muyta honra, desinteresse, e zelo do meu serviço».

– Alvará de 1 de Fevereiro de 1716, que concede o hábito de Cristo em atenção aos seus feitos na guerra com Castela, em que entrou por tempo de onze anos, cinco mezes e vinte e um dias, e ao modo como se portou sendo governador do Castelo de Castro Laboreiro.

– Alvará de 15 de Novembro de 1769, no qual El-rei D. José manda armar cavaleiro a Bento Manuel Machado de Araújo, a quem foi lançado o hábito da Ordem na Sé de Braga. Teve o foro de fidalgo cavaleiro por carta de 21 de Abril de 1780, como se mostra do respectivo documento.

– Alvará de 25 de Outubro de 1803, que manda armar cavaleiro a José Joaquim de Mendonça Machado de Araújo (3º, atrás citado). Teve o foro de fidalgo-cavaleiro por carta régia de 4 de Junho de 1783.

– Carta régia de 29 de Julho de 1822 que concede o foro de fidalgo-cavaleiro a José Maria de Mendonça Machado de Araújo (2º, atrás citado).

– Carta-patente de 7 de Junho de 1769, provendo Bento Manuel Machado de Araújo (4º, atrás citado) no posto de capitão-mor da vila de Castro Laboreiro, vago por desistência de seu pai Manuel Machado de Araújo. Por outra carta de 5 de Agosto de 1778 teve o posto de capitão das Ordenanças da vila de Valadares e seu termo.

– Carta-patente de 19 de Novembro de 1806, provendo José Joaquim de Mendonça Machado de Araújo (3º, atrás citado) no posto de capitão-mor da vila de Valadares, vago por desistência de seu pai.

No arquivo da família conservam-se muitos outros documentos referentes a mercês régias e a promoções concedidas a vários membros colaterais da mesma; um manuscrito autógrafo do genealogista Padre Marcelino Pereira sobre a nobreza dos Machados de Araújo e a *Árvore Genealógica* dos Pintos Cardosos, senhores do morgado de S. Tiago de Mirandela, e de Morais e Pimenteis Machucas, de Bragança. Da *Árvore Genealógica* ocupar-me-ei quando tratar de *Mirandela,* o manuscrito autógrafo não merece citação especial.

AGROCHÃO

Domingos de Sá Morais, abade de Penhas Juntas, natural de Agrochão, requereu em 1858 licença para benzer uma capela que tem junto às suas casas de moradia, a qual fôra destruída por um incêndio (7). Vínculo de algum antigo morgadio?

ÁGUAS FRIAS

1º D. Francisca Avilez, viúva de Simão Dias Pereira, «mulher nobre», de Águas Frias, concelho de Chaves, erigiu em 1663 uma capela na povoação, em frente das suas casas de moradia, dedicada a Nossa Senhora da Conceicão, a que vinculou bens, que adiante se descrevem (8).

2º Manuel Teixeira, presbítero, de Águas Frias, erigiu em 1743 uma capela, dedicada a S. João Baptista, na povoação, junto às suas casas de moradia, a que vinculou bens que adiante se descrevem (9).

AGUIEIRAS

1º Pascoal Gonçalves e Francisco Dias, presbíteros, irmãos, erigiram em 1719 uma capela a Nossa Senhora de Anunciação na quinta dos Chanros, freguesia das Aguieiras, concelho de Mirandela, a que doaram bens competentes (10).

2º João Pinheiro de Castro e sua mulher Maria de Queiroga, moradores em Sobreiró, concelho de Vinhais, erigiram em 1733, na povoacão de Prado Afreixo, freguesia das Aguieiras, uma capela dedicada ao nome de Jesus, a que doaram bens com vínculo de morgadio (11).

ALA

António Pereira, presbítero, de Ala, concelho de Macedo de Cavaleiros, fez, em 1656, doação de bens que adiante se descrevem e vinculou em

(7) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(8) Ibidem.
(9) Ibidem.
(10) Ibidem.
(11) Ibidem.

morgadio, à capela que ia erigir na mesma povoacão, dedicada a Santo António [12].

ALFÂNDEGA DA FÉ

Sás Machados (Ver: *Vimioso* – Morais Faria Antas). Esta família traz sua origem do tempo do conde D. Henrique, porque, quando este iniciou a expulsão dos mouros da província de Trás-os-Montes, saíram da vila de Alfândega sete cavaleiros, quatro do apelido de Sás, um de Siqueiras e dois de Mesquita [6], os quais, defendendo a vila com grande valor, praticaram grandes proezas, acudindo, com gente paga à sua custa, em ajuda do dito conde e de seu filho D. Afonso Henriques, em presença dos quais deram mostras de tanto valor que, dando-lhes em prémio vários títulos e honras, deram à vila de Alfândega o sobrenome de Fé, o qual ainda hoje conserva em memória do que estes cavaleiros fizeram em sua defesa.

1º Doutor Pascoal de Siqueira de Mesquita é o primeiro de que temos notícia. Casou com D. Ana de Sá de Mesquita, e diz-se ser descendente de um dos cavaleiros acima nomeados.

2º Simão de Sá de Siqueira, filho de Pascoal de Siqueira de Mesquita (1º, atrás citado), que casou com D. Filipa da Costa Machado, filha de Diogo Machado da Costa, da vila de Bemposta. Descendência:

I. *D. Filipa.*

II. *D. Ana de Sá, que faleceu solteira.*

III. *Diogo Machado de Sá, abade da Gestosa.*

IV. *Gonçalo de Sá Machado.*

V. *Luís de Sá.*

3º Gonçalo de Sá Machado (IV, atrás citado), filho quarto e morgado da casa, capitão-mor da dita vila, que casou com D. Luísa Freire de Andrade (a quem nos referiremos ao citar a família Farias e Machados do *Vimioso)* Descendência:

D. Filipa, que casou em Lodões da Vilariça com... Pinto. Descendência:

a) Policarpo Pinto.

b) Maria Rosa, freira em S. Bento de Bragança.

4º Policarpo Pinto *(a)*, acima citado) que casou com D. Maria de Sá, filha de Vicente de Sá, da vila de Castro Vicente, fidalgo da Casa Real. Descendência:

I. *D. Maria,* que morreu esposada.

(12) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

II. *D. Catarina,* que casou com Cristóvão José de Gouveia, filho de Lucas de Gouveia, de Moncorvo.

5º Luís de Sá, filho quinto de Simão de Sá de Siqueira e juiz dos órfãos das vilas de Vila Flor, Vilas Boas, Frechas e Sampaio, que casou em Lodões com D. Catarina Pinto. Descendência:

I. *André Machado de Macedo e Lago.*

II. *D. Ana Maria do Salvador,* freira em S. Bento de Bragança.

III. *Manuel Machado Pereira do Lago,* reitor da Adeganha.

IV. *D. Doroteia.*

V. *Frei Luís,* frade de São Francisco.

5º André Machado de Macedo e Lago (I, acima citado), herdeiro e morgado da casa, juiz dos órfãos das ditas vilas, que casou com D. Francisca, irmã de Afonso Botelho, de Vila Real, que morreu de parto e não deixou descendência. Casou segunda vez com... (13).

ALGOSO

1º Alexandre José de Morais Antas e Silva, presbítero, João Machado, suas irmãs: D. Bernardina Maria de Jesus e D. Angélica Maria das Neves, de Algoso, obtiveram em 1797 licença para oratório particular nas suas casas de moradia, onde se celebrasse missa (14). D. Bernardina Maria de Jesus morreu em Algoso a 2 de Maio de 1821 (15). Sobre a fidalguia de Algoso ver *Vimioso.*

2º José Maria de Sampaio Bacelar Pinto de Melo, natural e morador na vila de Algoso, distrito de Bragança.

Filho de Bernardo Pinto Bacelar de Sampaio e de sua mulher D. Ana da Fonseca Pacheco.

Neto paterno de Manuel Pinto Bacelar e de sua mulher D. Maria de Sampaio Borges de Melo, filha de Afonso Martins Preto e de sua mulher D. Maria Geraldes de Sampaio e Melo, filha de Diogo Geraldes de Sampaio, filho de Francisco Geraldes de Sampaio e de sua mulher Maria de Barrientos.

Neto paterno de Afonso Geraldes de Sampaio e de sua mulher Engrácia Gonçalves.

(13) *Brasão de armas de Manuel de Morais Faria Antas da Silva* (Vimioso), segundo uma certidão passada por Simão da Silva Lamberto, escrivão da Nobreza em Portugal, tirada dos livros do respectivo cartório. Ao tratar de *Vimioso* faremos a descrição deste códice.

(14) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

(15) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 128, fol. 56 v.

Bisneto de Jerónimo Fernandes de Sampaio, irmão de Fernão Vaz de Sampaio, quarto senhor de Vila Flor, Chacim e outras terras, alcaide-mor da Torre de Moncorvo e de Castelo de Vide, filhos ambos de Vasco Fernandes de Sampaio, terceiro senhor da dita vila e mais terras e de sua mulher D. Mécia de Melo, filha de Vasco Martins de Melo e de sua mulher D. Isabel de Azevedo.

Bisneto, pela varonia, de Francisco Pinto Bacelar, irmão de Fernão Pinto Bacelar, de Vilar de Ossos, cuja casa usa as armas dos Pintos e Bacelares, ambos filhos de Francisco Pinto Bacelar e de D. Maria das Neves Pinheiro; netos de Fernão Pinto e de sua mulher D. Catarina Bacelar. Foi-lhe passado este brasão a 9 de Novembro de 1752 (16).

3º Manuel Bernardo Monteiro de Sampaio e Melo, presbítero, de Algoso, onde morreu em 1825, irmão de José Caetano de Faria, deixou por testamenteira D. Teresa Mora, viúva deste, e por herdeiros seus sobrinhos, filhos desta: António, Francisco, D. Ana e D. Maria (17).

4º José de Sampaio Bacelar Pinto de Morais Sarmento, natural da vila de Algoso, concelho do Vimioso.

Filho de José Maria de Sampaio Bacelar Pinto de Melo e de D. Inácia de Campo da Gama.

Neto materno de Manuel de Morais de Vasconcelos, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão-mor de Algoso, e de D. Jerónima de Campo, filha de Paulo Machado.

Bisneto de Julião de Morais Sarmento, capitão-mor de Algoso, e de D. Maria de Sousa Pimentel.

Terceiro neto de Valentim de Sá Sarmento e de D. Maria de Novais, filha de Aleixo da Nóboa de Gois, que procedia da casa de Nóboa, e dos senhores de Machedo, da Galiza.

Quarto neto de Francisco Sarmento de Morais, que, por via legítima, procedia de Jácome Luís Sarmento, alcaide-mor de Bragança, e de Gonçalo Rodrigues, o Calvo, senhor de Tuizelo, Vilar de Ossos e outras terras, de quem descendem muitas famílias ilustres desta província.

Teve escudo com as armas dos Morais Sarmentos, Gomes e Vasconcelos, passado a 7 de Novembro de 1752 (18).

5º José Sarmento de Vasconcelos, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, natural da vila de Algoso. Casou com D. Maria Josefa de Carvalho e Castro, natural de Paradinha, filha e herdeira de João de

(16) SANCHES DE BAENA, visconde de – *Arquivo Heráldico Genealógico,* 1873, p. 425.
(17) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 137, folha 41, onde vem transcrito o seu testamento.
(18) SANCHES DE BAENA – *Arquivo heráldico,* ... parte I, p. 421.

Andrade de Carvalho, cavaleiro da Ordem de Cristo e sargento-mor de Moimenta da Beira, natural de Paradinha, e de sua mulher D. Maria Luísa da Silva e Castro, natural de Pinhel. Descendência:

D. Ana Isabel Sarmento de Vasconcelos, que casou com Manuel Osório do Amaral, senhor do Morgado do Espírito Santo e casa de Almeidinha, que deixou descendência.

José Sarmento de Vasconcelos era filho de Julião de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, capitão-mor da vila de Algoso, e natural de Vinhais, irmão de Bento de Morais Sarmento, familiar do Santo Ofício e coronel de infantaria, e de D. Maria da Gama de Vasconcelos, natural de Algoso, irmã de Lucas de Gouveia de Vasconcelos, familiar do Santo Ofício, morador na Torre de Moncorvo, a quem adiante nos referiremos.

Neto paterno de Valentim de Sá Sarmento, natural de Vinhais e de D. Maria de Novais, natural de Quintela de Vinhais, filha de Aleixo da Nóvoa de Góis Sarmento, oriundo da casa de Machedo, da Galiza, e de D. Ana de Novais, natural de Quintela de Vinhais, que era filha de Gaspar de Novais, natural de Vila Franca, morador em Quintela de Vinhais, e de D. Maria de Morais, irmã do Almirante Jácome de Morais Sarmento e neta paterna de Diogo de Novais, natural de Vila Franca (9º, adiante citado), e de D. Catarina da Costa de Figueiredo (10º, adiante citado) e materna de Gonçalo de Morais, natural de Vilar de Ossos, e de D. Ana Gomes Sarmento, filha de Jácome Luís Sarmento, adiante citado.

Segundo neto paterno de Francisco Sarmento de Morais, natural de Tuizelo, morador em Vinhais e Juiz da Alfândega da mesma vila, e de D. Isabel de Sá Pinheiro, sua sobrinha, natural de Tuizelo, filha de Duarte Ferreira de Morais, terceiro senhor do Morgadio de Tuizelo e de D. Leonor de Aragão, aquele, filho de Francisco Rodrigues de Morais, segundo administrador do Morgadio de Tuizelo filho de Duarte Rodrigues de Morais (6º, adiante citado) e de D. Violante de Sá, adiante citada, filha de Álvaro Fernandes Pinheiro, fidalgo da Casa Real, natural de Lisboa, irmão de D. António Pinheiro, Bispo de Miranda, e de D. Maria de Aragão.

Terceiro neto paterno de Rodrigo de Morais, que tomou parte no cerco de Diu, na Índia, e de D. Maria Sarmento, irmã de Lopo Sarmento, Alcaide-mor de Bragança, filha de Jácome Luís Sarmento (7º, adiante citado) e de D. Joana Gomes de Macedo (8º, adiante citada).

Quarto neto paterno de Duarte Rodrigues de Morais, primeiro instituidor do Morgadio de Tuizelo no ano de 1530, e da muito formosa Catarina Gonçalves.

Neto paterno de Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos, cavaleiro da Ordem de Cristo, natural da Torre de Moncorvo, e de D. Mariana de Sousa Pimentel, natural da vila de Algoso, primeira mulher, filha de Pedro

da Gama de Morais, capitão-mor da vila de Algoso, e de D. Maria de Morais Pimentel, irmã do Inquisidor Manuel Pimentel de Sousa e de João Machado Pimentel, tesoureiro-mor de Miranda, sobrinha materna de António Pimentel de Sousa, cónego em Coimbra, e neta materna de Gaspar Pimentel, natural da cidade de Miranda. Pedro da Gama de Morais era filho de Gonçalo Anes da Gama e de D. Leonor de Morais, esta, filha de Jorge Machado de Madureira, alcaide-mor da vila de Algoso, e de D. Isabel de Morais (13º, adiante citado), e aquele, filho de Gonçalo Anes da Gama, natural de Valverde, termo do Mogadouro, capitão de Infantaria, e de D. Catarina Gil da Gama.

Segundo neto materno de Lucas Gouveia de Vasconcelos e de D. Maria de Gouveia, sua parente, neta de António da Costa Pimentel, natural da Torre de Moncorvo.

Terceiro neto materno de Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos e de D. Ana Botelho, filho de João Botelho de Matos, o *Velho*, (11º, adiante citado), natural da Torre de Moncorvo, e de D. Inês Fernandes de Meireles Varejão (12º, adiante citado).

Quarto neto materno de Jerónimo Gomes de Vasconcelos, natural da Torre de Moncorvo, e de D. Isabel de Gouveia, segunda mulher.

6º Duarte Rodrigues de Morais, que na *Árvore* está notado com o nº 1, foi filho de João Calvo de Morais, apesar de dizerem que se chamava Gonçalo Rodrigues de Morais e que foi chamado o *Calvo,* por o ser em excesso. (É esta a opinião de certo genealogista, com a qual não concordamos e que está em oposição com o que trata o título de Morais, a respeito de João Calvo de Morais). Era senhor dos lugares de Vilar de Ossos, Lugarelhos, Quintela, Rio de Fornos e Tuizelo na província de Trás-os-Montes e senhor de um castelo junto a Baiona, no reino da Galiza, de onde veio para Portugal.

Era muito abastada a sua casa, pois de treze lugares lhe pagavam Foros e Pitanças. Casou com sua parente D. Leonor de Morais, filha de João de Morais e de sua mulher D. Leonor de Meireles.

7º Jácome Luís Sarmento, que na *Árvore* está notado com o nº 2, era filho de Jerónimo Luís Sarmento e de D. Inês da Costa.

Neto de D. Luís Sarmento Mendonça e de D. Catarina de Pesquera, natural de Burgos [19].

Segundo neto de D. António Sarmento, alcaide-mor de Burgos, e de D. Maria de Mendonça, a cuja ascendência nos referiremos adiante. (O códice, de onde extraímos os elementos para esta monografia, resenha larga fila de avoengos destes Sarmentos, alcaides-mores de Burgos, em

(19) Vide o *Nobiliário de Haro,* 1ª parte, fol. 45.

que figuram senhores de Salvaterra e muitas outras terras, condes de Valência, de Carrion, de Monteagudo, de Miranda, por forma a deduzirem estes Sarmentos a sua varonia dos Reis de Portugal, Castela, Aragão, Hungria, Cicília, França e dos imperadores de Constantinopla e dos Romanos!! Não nos sentimos porém com forças para o acompanhar).

8º D. JOANA GOMES DE MACEDO, que na *Árvore* está notada com o nº 3, era irmã de D. Isabel Gomes de Macedo, mulher de Aleixo de Morais Pimentel, padroeiro do capítulo de S. Francisco de Bragança, escrivão da fazenda de El-Rei D. João III, vedor da fazenda da Infanta D. Maria, Comendador da Ordem de Cristo, ambas filhas de Rui Gomes Mascarenhas, comendador de S. Miguel de Abambres, cuja igreja edificou, e de sua mulher D. Ana de Macedo, que também o foi de Lopo de Mariz, filha de João de Macedo, alcaide-mor da vila de Outeiro e da Bemposta e capitão general nas guerras que se moveram, no ano de 1476, entre El-Rei D. Afonso V de Portugal e D. Fernando, o *Católico,* e de sua mulher D. Branca de Sousa, filha de João de Sousa, alcaide-mor de Bragança.

Sob o nº 4, a *Árvore* desenvolve a ascendência de D. Violante de Sá, filha de Francisco Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, comendador de Lamas, que entronca com os senhores do Couto e Castelo de Fabaris, senhores de Matosinhos, de Sever de Paiva, do coral de Cavaleiros, de Vila Flor (por Vasco Pires de Sampaio, senhor de Vila Flor, seu segundo avô), do Sardoal, de Farelães, da terra de Alva, Ferreira de Aves, de Maciela, alcaides-mores do Porto, Francoso e Abrantes, incluindo mesmo os ascendentes do condestável D. Nuno Álvares Pereira.

9º DIOGO DE NOVAIS, que na *Árvore* está notado com o nº 5, natural de Vila Franca era filho do Desembargador Duarte de Almeida de Novais e de D. Úrsula de Morais, esta, filha de Inácio de Morais, lente de humanidades em Coimbra, mestre dos Infantes, filhos de El-Rei D. Manuel, e neta de Pedro Álvares de Morais Pimentel (a cujos ascendentes nos referiremos adiante – ver 12º), e aquele, filho de João Martins Ferreira e de sua mulher D. Maria de Almeida, filha de Francisco de Novais, dos Novais do Porto.

10º D. CATARINA DA COSTA DE FIGUEIREDO, que na *Árvore* está notada com o nº 6, era filha de Francisco da Costa Homem, alcaide-mor de Bragança, e de sua mulher D. Catarina de Figueiredo, filha de Diogo de Figueiredo, fidalgo da casa do Duque de Bragança e seu secretário.

11º JOÃO BOTELHO DE MATOS, o *Velho,* que na *Árvore* está notado com o nº 7, natural de Moncorvo, teve o foro de escudeiro fidalgo (que era, assim como o de cavaleiro fidalgo, que se concedia por acrescentamento, o melhor título de nobreza naquele tempo, como trata difusamente a *Nobiliarquia Portuguesa,* cap. 17, pág. 163), e era filho de Afonso Lourenço de Matos, natural de Olivença, que serviu a casa de Bragança, e, passando em

serviço desta à província de Trás-os-Montes, fixou residência em Moncorvo, onde teve dilatada e nobre descendência. Da nobre ascendência de João Botelho de Matos trata largamente o códice, chegando até ao seu décimo quinto avô: nada menos que D. Ramiro II, rei de Leão.

12º D. Inês Fernandes de Meireles e Varejão, filha de Francisco Pires Carneiro Varejão e de sua mulher D. Isabel Nunes de Meireles, filha única e herdeira de João Álvares Pereira, natural de Bragança, e de sua mulher D. Brites Nunes de Meireles, natural de Moncorvo, onde fundaram e dotaram a Misericórdia e nela estão sepultados.

13º D. Isabel de Morais, filha de Francisco Galego, espanhol e fidalgo, e de sua mulher D. Ana de Morais Alvarez Pereira, natural de Bragança, filha de Manuel Pinto Pereira e de D. Antónia de Barbuda.

Neta de Pedro Álvares de Morais Pimentel, Padroeiro do Capítulo de S. Francisco de Bragança, e de D. Maria Pereira, filha de Gonçalo Vaz Guedes (progenitor dos senhores de Felgueiras, Vieira e Fermedo, por varonia), dos Guedes, senhores de Murça.

Segunda neta de Álvaro Gil de Morais Pimentel, Padroeiro do Capítulo de S. Francisco de Bragança, e de D. Isabel de Valcácer, filha de João Rodrigues de Valcacer, 3º neto de Garcia Rodrigues de Valcácer, adiantado da Galiza e senhor de muitas terras.

Terceira neta de Gil Afonso Pimentel e de D. Leonor de Morais, filha única e herdeira de Gonçalo Rodrigues de Morais, Padroeiro do Capítulo de S. Francisco de Bragança, e de D. Maria de Sousa; neta de Rui Martins de Morais; segunda neta de Gonçalo Rodrigues de Morais; terceira neta de Martim Gonçalves de Morais, que teve o senhorio de muitas terras, e de D. Lourença de Távora, filha do primeiro Lourenço Pires de Távora, senhor desta casa, e de D. Guiomar Rodrigues, que também foram pais de Lourenço Pires de Távora, que casou com D. Alda Gonçalves de Morais, irmã do sobredito Martim Gonçalves de Morais. Deles procedem, por varonia, os marqueses de Távora, condes de Alvôr e de S. Vicente; quarta neta de Gonçalo Rodrigues de Morais, senhor de Morais, Vinhais e Lagoa; quinta neta de Rui Gonçalves de Morais, senhor dos referidos lugares, alcaide-mor de Bragança; sexta neta de Martim Gonçalves de Morais, senhor das mesmas terras, e sétima neta de D. Gonçalo de Morais, que veio da cidade de Sória para Bragança e povoou os lugares de Morais e Lagoa.

Quarta neta de João Afonso Pimentel, que passou para Castela com seu tio João Afonso Pimentel, primeiro conde de Benavente, e de D. Teresa Pacheco, filha de João Pacheco, senhor de Serralvo, e de D. Mariana Rodrigues de..., progenitores dos marqueses de Serralvo [20].

(20) Vide *Nobiliário de Haro,* livro 3º, cap. 4, fol. 135.

Quinta neta de Martim Afonso Pimentel, irmão de João Afonso Pimentel, primeiro conde de Benavente, em Castela, e progenitor dos senhores desta casa, dos marqueses de Távora, condes de Viana e outros, e de D. Inês Vasques de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, guarda-mor de El-Rei D. Fernando, senhor da Castanheira, Povos, Chileiros, alcaide-mor de Évora e de D. Maria Afonso de Brito, dos quais descendem os duques do Cadaval e outros senhores.

Sexta neta de Rodrigo Afonso Pimentel, comendador-mor da Ordem de Santiago, e de D. Lourença da Fonseca, filha de Lourenço Vasques da Fonseca, senhor de Nogales, e de D. Sancha Vasques de Moura, décima neta de El-Rei D. Fernando, o *Magno,* e undécima neta de El-Rei D. Ordonho I, de Leão [7].

Sétima neta de João Afonso Pimentel, primeiro do nome, e de D. Constância Rodrigues de Morais, filha de Rui Martins de Morais, alcaide-mor de Bragança, e de D. Alda Gonçalves de Moreira.

Oitava neta de D. Afonso Vasques Pimentel, terceiro do nome, irmão de D. Urraca Vasques Pimentel, mulher do conde D. Gonçalo Pereira, dos quais descendem todos os príncipes cristãos, e de sua mulher D. Sancha Fernandes.

E assim continua a sua ascendência, verificando-se ser D. Isabel de Morais (13º, atrás citada) décima nona neta de El-Rei D. Fruela II e da rainha D. Ximena [21].

14º Inácio Pimentel Perestrelo e sua mulher D. Maria Josefa de Vasconcelos erigiram em 1725 uma capela dedicada a Santo Inácio de Loiola, junto às suas casas de moradia em Algoso, a que vincularam bens [22].

ALVITES

1º Cristóvão José de Frias Sarmento, natural de Alvites, concelho de Mirandela, filho de José de Frias de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, neto de Cristóvão José Ferreira Sarmento. Nomeado fidalgo-cavaleiro por alvará de 11 de Abril de 1787 [23].

2º Estêvão Manuel de Frias Sarmento.

3º António Xavier de Frias Sarmento, ambos irmãos do primeiro nomeado, foram em igual data agraciados com o mesmo título de fidalgos cavaleiros [24].

(21) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*
(22) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(23) Livro 21 das *Mercês da rainha D. Maria I,* fol. 287, in *Dicionário Aristocrático,* 1840.
(24) Ibidem.

4º D. Maria Joaquina Cândida, nasceu em Alvites a 18 de Fevereiro de 1781, e noviciou no convento de Santa Clara de Vinhais em 1796. Era irmã dos precedentes, filha, igualmente, de José de Frias de Morais Sarmento, de Miranda do Douro, e de D. Rosa Maria de Bandos, de Alvites, onde residiam; neta paterna de Cristóvão de Frias Sarmento Ferreira, de Vinhais, e de D. Doroteia Faustina Micaela Botelho de Matos, natural de Alocentre, sobrinha do cónego de Miranda do Douro, depois bispo da Baía, José Botelho de Matos, que residiram em Miranda do Douro, e neta materna de Amador de Bandos Pegado, de Alvites, e de D. Bárbara de Bandos, de Alfândega da Fé, onde residiam.

5º D. Maria Bárbara Benigna, irmã da precedente, nasceu em Alvites a 23 de Dezembro de 1773 e noviciou, também em 1796, no convento de Santa Clara de Vinhais (25).

6º António Maurício Pereira Cabral, natural de Alvites, termo de Mirandela, filho do desembargador Manuel Inácio Pereira Cabral, fidalgo da Casa Real.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 6 de Abril de 1827 (26).

AMENDOEIRA

D. Maria Guiomar da Assunção Pinto, solteira, filha do Doutor Jerónimo de Sá Pereira e de D. Bernarda Maria Pinto, natural da Amendoeira, concelho de Macedo de Cavaleiros, morreu a 31 de Agosto de 1825. Tinha quatro irmãos: Padre Manuel, João Henrique, António e Francisco (27).

ARCAS

1º António de Sá Morais, natural das Arcas, concelho de Macedo de Cavaleiros. Faleceu a 16 de Setembro de 1734. Instituiu um morgadio na capela de S. Caetano, que erigiu na mesma povoação, vinculando-lhe seus bens, aos quais Manuel de Lobão e Paulo e Matias, seus irmãos, tios do

(25) Existem os respectivos processos no Museu Regional de Bragança: *Freiras de Santa Clara de Vinhais,* maços 1 e 2.
(26) Livro 22 das *Mercês de El Rei D. João VI,* fol. 192 v., in *Dicionário Aristocrático.*
(27) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 137, fol. 470, onde se encontra registado o seu testamento. Ver *Sepúlvedas* (Bragança)

primeiro possuidor desse morgadio, Leandro de Sá Morais, tronco dos Pessanhas no distrito de Bragança, doaram seus bens [28].

2º Francisco de Assis Pereira do Lago, nasceu nas Arcas, concelho de Macedo de Cavaleiros, a 8 de Janeiro de 1842; filho legítimo de João Silvério de Sá Pereira do Lago, fidalgo da Casa Real, administrador do vínculo de S. Francisco de Assis da quinta de Mosteiro, freguesia de Sanfins da Castanheira, concelho de Chaves, e de D. Matilde de Gouveia de Morais Sarmento.

Casou em 1867 com D. Carolina Candida de Almeida Pessanha, filha do par do reino Manuel de Almeida Pessanha e de D. Carolina Teresa Rodrigues.

Antigo deputado da nação, foi, por decreto de 25 de Fevereiro de 1886, nomeado governador civil de Bragança, cargo que desempenhou até 16 de Janeiro de 1890, voltando a ser nomeado para o mesmo cargo por decreto de 11 de Fevereiro de 1897.

Foi-lhe dado o título de visconde das Arcas em 1879 [29].

Ver adiante *São Fins da Castanheira* e, sobre a fidalguia das Arcas, *Vimioso.*

3º Domingos Teixeira de Andrade, natural das Arcas, concelho de Macedo de Cavaleiros, filho de Francisco de Morais Colmieiro. Fidalgo-cavaleiro por alvará de 17 de Março de 1713. Era brigadeiro, coronel do regimento de Bragança, e em 1741 erigiu na mesma povoação uma capela dedicada a S. Domingos com vínculo de morgadio [30].

4º António José de Almeida Morais, natural das Arcas, filho de Francisco José de Sá Morais, fidalgo da Casa Real, e de D. Ana Martins, das Arcas; neto paterno de Francisco Pessanha e de D. Joana, das Arcas, e materno de Afonso Martins e de D. Maria Alves, naturais de Nuzelos. Fidalgo-cavaleiro por alvará de 5 de Julho de 1745 [31].

5º D. Josefa Francisca, irmã do precedente, nasceu a 3 de Setembro de 1734 e noviciou em 1757 no convento de Santa Clara de Bragança [32].

6º António Manuel de Almeida Morais, filho de António José de Almeida Morais (4º, atrás citado), teve o foro de fidalgo-cavaleiro por alvará de 23 de Julho de 1788 [33].

---

(28) PESSANHA, José Benedito de Almeida – *Notícia histórica dos Almirantes Pessanhas,* p. 28.
(29) *Portugal: dicionário histórico biográfico*, etc., artigo *Arcas.*
(30) Livro 5 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 274 (tem a íntegra), in *Dic. Aristocrático,* 1840. Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(31) Livro 35 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 483. Museu Regional de Bragança, maço *Capelas*
(32) Museu Regional de Bragança, *Freiras de Santa Clara,* maços *1 e 2.*
(33) Livro 24 das *Mercês da rainha D. Maria I,* fol. 168, in *Dicionário Aristocrático,* 1840.

ARGOZELO

1º João Alves, pároco das Veigas, concelho de Bragança, obteve em 1630 licença para erigir uma capela dedicada a Santo Amaro na povoacão de Argozelo, donde era natural, à qual vinculou bens que adiante se descrevem [34].

2º Francisco Vaz de Quina, presbítero, de Argozelo, erigiu em 1719 junto às suas casas de moradia uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, à qual vinculou bens que adiante se descrevem [35].

3º Doutor Francisco Vaz de Quina, sobrinho do precedente, reitor de Ifanes, vigário geral de D. Miguel António Barreto de Meneses, bispo de Miranda (1773-1780), foi provido no priorado da Colegiada de Santa Maria de que tomou posse em 1782 [36].

4º D. Mariana Filícia Rita de Quina, natural de Lisboa, viúva do bacharel Raimundo André Vaz de Quina, moradora em Argozelo, morreu em 1849. Descendência:

I. *D. Maria Josefa,* casada com Joaquim Álvares Falcão.

II. D. *Raimunda.*

III. *Albano.*

É hoje representante desta família o meu antigo condiscípulo Eduardo Augusto Vaz de Quina,abastado proprietário na freguesia de Argozelo, onde vive viúvo e com filhos.

ARUFE

Ver *Bragança – Sepúlvedas.*

BABE

1º Luís Sanches de Castro, sua mulher D. Catarina Branca e seus filhos: D. Joana de Castro, recolhida no convento de Santa Clara de Bragança, e Francisco Sanches de Castro, morador em Babe, concelho de Bragança, erigiram em 1705 uma capela, nesta povoação, dedicada a Nossa

(34) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(35) Ibidem.
(36) Documentos do Museu Regional de Bragança.

Senhora da Anunciada, com vínculo de morgadio, cujos bens estavam situados em Babe, Palácios, Gimonde e Torre de D. Chama, os quais herdara D. Catarina Branca do doutor Tomás de Castro que provavelmente pertencia à família de seu marido – tio? irmão? (37).

Nem da capela, nem da casa desta família restam indícios, apenas existe a pedra de armas, gravada em granito, que andou por ali aos tombos, abandonada, e agora foi colocada pelo povo na parede que guarnece um tanque no meio da povoação.

2º JOÃO AFONSO FREIRE, natural de Babe, concelho de Bragança, desembargador da mesa do despacho Episcopal, provisor e vigário geral nas vacantes no bispado de Miranda.

Filho legítimo de Francisco Afonso, natural de Santulhão, e de D. Ana Afonso Freire, natural de Babe.

Neto paterno de Bartolomeu Afonso e de sua mulher D. Marta Cordeiro, naturais de Santulhão.

Bisneto de Francisco Afonso e de D. Catarina Martins, naturais de Santulhão.

Neto materno de Francisco Afonso, natural de S. Pedro de Sarracinos *(sic)*, e de D. Maria Fernandes, natural de Babe, filha de João Afonso, natural da vila de Rebordãos, e de D. Catarina, natural de Babe, bisneta de Francisco Afonso e de D. Isabel Geraldes, naturais do sobredito lugar de Sarracinos.

Teve por armas escudo ovado e esquartelado: no primeiro, as armas dos Afonsos, no segundo, as armas dos Freires, no terceiro as dos Cordeiros, no quarto as dos Martins e por diferença uma brica vermelha com um farpão de prata. Por timbre o da dignidade do suplicante, que é um chapéu preto com três borlas por banda.

Foi passado este escudo a 24 de Maio de 1756.

A certidão autêntica deste brasão de armas de nobreza e fidalguia com o escudo iluminado, existe, escrita em pergaminho, em Santulhão, na casa da família Adrião. Tivera em meu poder devido à obsequiosidade da muito ilustrada Ex.ma Snr.a D. Maria Ermelinda Ferreira, natural de Palácios e distinta professora oficial de Babe, parente do agraciado.

Por esta e várias outras informações que gentilmente me forneceu aqui lhe fica consignado o meu reconhecimento.

O *Arquivo Heráldico Genealógico* também menciona este João Afonso Freire, mas não é tão explícito.

(37) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

BARCEL

1º João Firmino Teixeira, Barão de Barcel [38], concelho de Mirandela, por decreto de 4 de Setembro de 1879 antigo tenente do regimento de milícias e abastado proprietário em Abreiro, Barcel e Navalho, tudo no referido concelho, nasceu em Barcel a 16 de Setembro de 1801 e morreu em Abreiro a 18 de Julho de 1884. Combateu nas lutas constitucionais (1830-1834) a favor de D. Miguel e, após a Convenção de Évora-Monte, recolheu a sua casa, onde ficou fiel ao credo miguelista, entregando-se à administração da sua importante fazenda que muito valorizou, sendo considerado como o homem mais abastado do concelho. A sua coragem e valentia ainda hoje é memorada na lenda popular.

Era filho de José Manuel Pires, alferes de ordenanças e 2º sobrinho do célebre Padre Matias Pires, vigário do Cobro (que deixou muitas elucidações a respeito dos factos acontecidos a famílias residentes no antigo concelho de Lamas, hoje de Mirandela), e de D. Ana Maria Teixeira, rica proprietária em Abreiro e Barcel.

João Firmino Teixeira casou em Navalho, concelho de Mirandela, a 30 de Julho de 1823 com D. Joana Angélica de Almada Meneses Guerra, filha de António Gomes Guerra, juiz dos órfãos nas antigas vilas de Abreiro e Freixiel, monteiro-mor das mesmas e grande proprietário, e de D. Ana Brites Angélica de Almada e Meneses, da casa do Arco, de Mirandela, de quem foi herdeira única, filha do doutor José Narciso de Almeida Pimentel, filho único e representante dos Pimentéis da casa da Praça, de Vila Flor, que foi juiz de fora em Alenquer e corregedor em Santarém. Descendência:

I. *D. Maria Augusta Teixeira de Almada Meneses Guerra*, que casou com José Maria de Mendonça Machado de Araujo (2º, citado em *Abreiro).*

II. *João Evaristo Teixeira de Almada Meneses Guerra* (2º, adiante citado).

2º João Evaristo Teixeira de Almada Meneses Guerra, que casou com D. Sancha Augusta de Almeida Pimentel, Viscondessa de Barcel, título este que lhe foi conferido por decreto de 7 de Dezembro de 1904. Sucedeu-lhe seu filho:

3º João Inácio Teixeira Meneses Pimentel, que nasceu em Mogo, concelho de Carrazeda de Anciães, a 10 de Fevereiro de 1859 e morreu em Abreiro, concelho de Mirandela, a 30 de Dezembro de 1915. Foi enge-

(38) Em *Portugal: dicionário histórico*, artigo *Barcel,* vem uma pequena notícia acerca do Barão de Barcel.

nheiro-agrónomo, director da Estação Trasmontana de Fomento Agrícola, com sede em Mirandela, sócio do Instituto de Coimbra, cavaleiro da Ordem de S. Tiago, fecundo escritor a quem nos referiremos particularmente no volume consagrado aos do distrito de Bragança. Casou a 19 de Abril de 1890 com D. Antónia Duarte de Almeida, filha do doutor Custódio Duarte de Almeida, chefe de saúde e secretário geral do governo de Angola (onde prestou relevantes serviços durante as epidemias da varíola, febre amarela e cólera, sendo nessa ocasião condecorado), e sobrinha do poeta Manuel Duarte de Almeida. Descendência:

I. *Rui de Meneses Pimentel* (4º, adiante citado).

II. *Gastão de Meneses Pimentel* (5º, adiante citado).

III. D. *Antónia de Meneses Pimentel* (6º, adiante citada).

4º Rui de Meneses Pimentel, que nasceu em Mirandela a 4 de Maio de 1894, e aí tive eu a honra de o consorciar a 31 de Janeiro de 1927 com D. Maria Júlia de Araújo Leite, natural de Mirandela. Tem exercido os cargos de administrador dos concelhos de Carrazeda de Ansiães e de Mirandela.

5º Gastão de Meneses Pimentel, que nasceu em Abreiro a 16 de Novembro de 1895 e casou em Mirandela a 7 de Setembro de 1922 com D. Maria Fausta Cid Baptista. Não tem descendência.

Tem sido presidente do senado mirandelense.

6º D. Antónia de Meneses Pimentel, que nasceu em Mirandela a 7 de Fevereiro de 1896 e casou em Abreiro a 28 de Abril de 1921 com o Dr. José Gomes Rios, natural de Taboaço, tenente de artilharia reformado, em virtude de ferimentos recebidos na Grande Guerra, professor do Liceu de Lamego. Tem um filho, João Inácio de Meneses Pimentel, nascido em 1921.

7º Doutor Constâncio de Almada Meneses Guerra, formado em medicina, é actualmente (1927) o representante dos Almadas Meneses Guerra. É casado com uma senhora da família do conde de Almendra, de quem tem a seguinte descendência:

I. *Carlos de Almada Meneses Guerra,* também formado em medicina.

II. D. *Oliva de Almada Meneses Guerra,* autora dos *Espirituais* e *Encantamentos,* poesias. Desta última obra esgotaram-se em dois meses três edições. Tem também colaborado em várias revistas e jornais.

BARREIROS

Vicente Luís da Silva, licenciado, abade de Macedo do Mato, João Gonçalves da Silva, presbítero, morador em Barreiros, e D. Domingas da Silva, moradora em Macedo do Mato, irmã dos dois, erigiram em 1732

uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, em Barreiros, concelho de Vale Paços, com vínculo de morgadio [39].

BEMPOSTA

1º Jerónimo Preto de Lemos, cónego magistral na Sé de Miranda do Douro, erigiu em 1730 uma capela dedicada a S. Jerónimo na povoação de Bemposta, à qual vinculou bens que adiante se descrevem [40].

2º D. Manuel Martins Manso, bispo da Guarda, natural de Bemposta, erigiu em 1859, nesta povoação, junto às suas casas de moradia, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição [41]. Já então estavam abolidos os vínculos de morgadio; todavia, mencionamos a capela por curiosidade histórica local. Sobre a fidalguia de Bemposta, ver o que dizemos adiante, ao tratarmos de *Vimioso*.

3º Pedro de Morais Pimentel, fidalgo de solar, natural da vila de Bemposta, concelho do Mogadouro, filho de Diogo de Morais Pimentel, capitão-mor e juiz da alfândega da dita vila, e de sua mulher Luciana de Morais, irmã de D. Catarina de Aguirre, senhora do lugar de Bricones, em Castela.

Neto paterno de Pedro de Morais Pegas, filho legítimo de Afonso Supico Pegas, da geração dos Pegas, e casado com D. Bernarda Pimentel de Lousada.

Bisneto paterno de Diogo Pimentel, fidalgo de geração, cota de armas e solar, a quem El-Rei D. Manuel mandou passar brasão de armas dos Pimentas.

Terceiro neto paterno de Álvaro Pimentel, fidalgo e, pelos Pimentéis, parente do conde de Benavente (prestou relevantes serviços em terras de África, na tomada de Arzila e Alcácer e nas guerras contra Castela), e de D. Branca Lopes.

Quarto neto paterno de João de Lousada, fidalgo do tronco dos Lousadas, do reino de Galiza, e de D. Teresa Pimentel.

Quinto neto paterno de João Afonso Pimentel, irmão de outro João Afonso Pimentel, primeiro conde de Benavente, os quais descendem do tronco e linhagem verdadeira dos Pimentéis.

Neto materno de Baltasar de Morais.

(39) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas*.
(40) Ibidem.
(41) Ibidem.

Bisneto materno de Diogo de Morais, natural e morador na vila de Bemposta, a quem, por ser fidalgo de geração e cota de armas, foi concedido, em 1584, o brasão de geração dos Morais.

Terceiro neto materno de D. Beatriz de Morais.

Quarto neto materno de Gonçalo de Morais, o *Velho*.

Quinto neto materno de Pedro de Riba de Sil de Morais.

Pedro de Morais Pimentel teve por armas um escudo posto ao balon esquartelado: no primeiro, as armas dos Pegas; no segundo, as dos Morais; no terceiro, as dos Pimentéis e no quarto as dos Lousadas. Elmo de prata, aberto, guarnecido de ouro, paquife de metais e cores das armas; por timbre, o dos Pegas: uma das Pegas.

Brasão passado a 15 de Abril de 1682 (42).

4º Diogo de Morais, morador na vila de Bemposta, filho legítimo de Beatriz de Morais; neto de Gonçalo de Morais, o *Velho,* e bisneto de Pedro de Riba de Sil de Morais.

O brasão de *Morais* tem, por diferença, uma brica de prata e nela um crescente de lua azul. Brasão passado a 20 de Setembro de 1584 (43).

BORNES

§ 1º

1º Lourenço Martins, de Bornes, e D. Constança Rodrigues instituíram o morgadio de Santa Marta de Bornes, na capela-mor da igreja matriz do mesmo lugar, na qual estão sepultados. Lourenço Martins de Bornes foi uma das testemunhas que assistiram ao casamento de El-Rei D. Pedro I com D. Inês de Castro, celebrado em Bragança, e assina no instrumento com o título de «Escudeiro» (44).

Como no tempo antigo, principalmente nesta província, havia pouco o costume de fazer memórias das famílias; apesar de possuir algumas notícias desta, não posso descrever a linha direita da sua descendência com a verdade de nomes. O primeiro descendente de que pude obter informação segura é:

(42) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 682, livro 3º, fol. 390 v., MACHADO, José de Sousa – *Brasões Inéditos.* Braga, 1906, p. 141.
(43) Livro 1º, fol. 118 v., in MACHADO, José de Sousa – *Brasões Inéditos,* p. 126.
(44) BRANDÃO, António Frei – *Monarquia Lusitana,* parte V, livro XVI, fol. 77, verso.

2º Francisco da Costa Homem de Oliveira, alcaide-mor de Bragança, casado com D. Catarina de Figueiredo. Sucederam-lhe neste morgadio seus sobrinhos:

3º Leonis de Oliveira, fidalgo da Casa Real, filho de Gaspar de Oliveira, e de D. Isabel Borges, neto de outro Leonis de Oliveira, que foi juiz ordinário em Bragança em 1497; casou com D. Catarina da Costa. Descendência:

I. *Lopo Álvares de Oliveira,* fidalgo da Casa Real, que está sepultado na igreja de Santa Escolástica de Bragança. Na pedra tumular vêem-se as armas dos Oliveiras e Costas e a esta sepultura chama-se: «Enterro dos parentes dos fundadores».

II. *D. Helena da Costa,* que casou com Gonçalo Teixeira, filho de Jácome Teixeira de Macedo. Depois de viúva, fundou, com sua filha D. Maria Teixeira, o mosteiro de Santa Escolástica desta cidade.

III. *D. Maria Álvares de Oliveira* [45]. (Ver *Parada.*)

4º Gaspar de Oliveira, fidalgo da Casa Real, que sucedeu neste morgadio, casou com D. Francisca Sarmento, filha de Lopo Sarmento, alcaide-mor de Bragança.

5º Gaspar de Oliveira Sarmento, que casou com D. Maria Sarmento, filha do almirante Jácome de Morais Sarmento e de D. Ana de Almeida Castelo Branco. Não teve descendência.

6º D. Joana de Oliveira Sarmento, irmã do precedente e que lhe sucedeu neste morgadio, casou com André de Morais Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, desembargador da Suplicacão, e depois aposentado com a propriedade de juiz da alfândega de Bragança, cargo este que tinha sido desempenhado por seu sogro Gaspar de Oliveira Borges. Descendência:

I. *André de Morais Sarmento* (7º, adiante citado).

II. *D. Maria de Oliveira Sarmento,* que casou com Duarte Ferreira e viveu em Bragança. Descendência:

a) João Ferreira Baptista, cavaleiro do hábito de Cristo, capitão de infantaria, sem descendência.

b) D. Maria de Oliveira, que casou na vila de Vinhais com Manuel de Morais. Descendência:

Francisco Xavier Sarmento de Morais, capitão de cavalaria, e outros.

7º André de Morais Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, juiz da alfândega de Bragança, que casou com D. Cezília de Abreu. Descendência:

(45) Nasceu em Santa Maria de Bragança a 11 de Maio de 1567. Foi seu padrinho o bispo de Miranda D. António Pinheiro. *(Nota do autor.)*

I. *André de Morais Sarmento* (8º, adiante citado).

II. *D. Cezília de Morais Sarmento de Oliveira* (9º, adiante citada).

III. *D. Maria Custódia,* freira no mosteiro de Santa Escolástica.

IV. *Jácome de Morais Sarmento,* general dos Rios de Sena, que casou na Índia.

8º ANDRÉ DE MORAIS SARMENTO, cavaleiro do hábito de Cristo, juiz da alfândega de Bragança, casou com D. Maria Josefa de Butrão Sarmento, filha do alcaide-mor Lázaro de Figueiredo Sarmento. Tiveram por descendência uma filha única, D. Mariana, que morreu nova.

9º D. CEZÍLIA DE MORAIS SARMENTO DE OLIVEIRA, que sucedeu neste morgadio a sua sobrinha, casou com João Teixeira de Morais Sarmento (que possuía outro morgadio, de que trata o § 2º), irmão de Frei Sebastião Sarmento, da Ordem de Cristo, filhos de Jácome de Morais e Sousa, do hábito de Cristo, mestre de campo de infantaria auxiliar, e de D. Violante de Butrão Sarmento, filha de Sebastião de Figueiredo Sarmento; netas de João Teixeira de Morais e Sousa e de D. Catarina Borges de Oliveira Sarmento; segundos netos de João Teixeira de Morais de Macedo e de D. Isabel de Sousa e terceiros netos de outro João Teixeira de Macedo, irmão de Gonçalo Teixeira, pai de D. Maria Teixeira, uma das fundadoras do mosteiro de Santa Escolástica. Teve por descendência um filho único:

10º JÁCOME JOSÉ DE MORAIS SARMENTO, que casou com D. Isabel de Morais Pimentel, filha de José de Morais Madureira, fidalgo da Casa Real, e de D. Maria de Morais Pimentel. Descendência:

I. *João Vicente Manuel Teixeira de Morais Sarmento.*

II. *D. Mariana Antónia de Morais Margarida de Butrão Sarmento.*

III. *D. Cezília Maria de Oliveira Sarmento,* que foram freiras em Santa Clara de Bragança.

IV. *D. Maria Joaquina de Figueiredo Sarmento,* que casou com André Sebastião da Veiga Cabral, não deixando descendência.

V. *D. Violante Maria de Morais e Sousa,* freira em Santa Clara de Bragança.

§ 2º

1º ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE MORAIS, cavaleiro do hábito de Cristo, governador que foi de Mombaça, e depois da cidade de Santa Cruz de Cochim, onde faleceu e está sepultado no colégio da Companhia de Jesus, era filho de Álvaro de Morais e de D. Catarina Borges, de Bragança, instituiu um morgadio e por não ter filhos, como consta do seu testamento de 2 de Janeiro de 1640, legou-o a seu sobrinho:

2º Álvaro de Morais, filho de Rodrigo de Morais, irmão do precedente, e de D. Ana Carneiro. Por não ter deixado descendência sucedeu-lhe neste morgadio:

3º Francisco de Morais Sarmento, abade de Cervos, irmão de António de Oliveira Morais (1º, atrás citado). Sucedeu-lhe:

4º D. Catarina Borges de Oliveira Sarmento (irmã dos 1º e 3º, atrás citados), que casou com João Teixeira de Morais e Sousa. Descendência:

I. Doutor *Francisco de Morais Sarmento,* que foi provedor de Coimbra. Não deixou descendência.

II. *Jácome de Morais de Sousa,* do hábito de Cristo, mestre de campo de infantaria auxiliar, que casou com D. Violante de Butrão Sarmento, de quem era filho João Teixeira de Morais Sarmento, que casou com D. Cezília de Morais Sarmento de Oliveira (9º do § 1º, atrás citado).

III. *Lopo de Morais Carneiro,* desembargador, cavaleiro do hábito de Cristo.

IV. *D. Joana de Oliveira,* que casou com Francisco Ferreira de Morais, fidalgo da Casa Real, do hábito de Cristo, morgado de Tuizelo. Não deixou descendência.

5º Doutor Francisco de Morais Sarmento, que não casou. Possuía também um vínculo instituído, em 1662, por Sebastião Velasques Pereira, no lugar de Rabal, e que por este lhe foi legado.

Ao Doutor Francisco de Morais Sarmento sucedeu neste morgadio seu sobrinho João Teixeira de Morais Sarmento (acima citado), a quem também legou o vínculo referido [46].

Segundo um documento do Museu Regional de Bragança, Lourenço Martins (1º do § 1º, atrás citado) e sua mulher Constança Rodrigues «muito poderosos àquele tempo», moradores em Bornes, concelho de Macedo de Cavaleiros, tiveram um filho, Lourenço Gomes, que, não tendo deixado descendência, vinculou todos os seus bens com encargos pios, entre os quais quatro alqueires de pão cozido, dois carneiros assados e cozidos, bem como dois almudes de vinho, tudo distribuído anualmente em dias determinados aos necessitados às portas da igreja de Bornes.

O primeiro administrador do morgadio foi João Afonso, abade de Vale-Benfeito, e por sua morte os abades que lhe sucederam na freguesia. Em 1421 Fernão Gomes, abade de Bornes, alegando que devia ter parte na capela, por o corpo do fundador estar sepultado na sua igreja paro-

(46) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, *Dos Morgados, §* 7º, fol. 289.

quial, moveu demanda ao seu colega João Afonso e obteve provimento. Entrou também no litígio o reitor de Izeda e conseguiu despacho favorável [47].

§ 3º

1º Francisco Inácio Sarmento, filho de D. Quitéria, casado, morreu em Bornes a 19 de Janeiro de 1832 deixando um filho [48].

2º D. Joana de Sá Pereira, que casou com Manuel António Borges, morreu em Bornes em 1817, deixando três filhos: Francisco, Manuel e Maria [49].

3º Gaspar Freire de Andrade, confirmado de Bornes, obteve em 1717 licença para erigir uma capela na povoação dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres, como cabeça do morgadio fundado por seu tio, também chamado Gaspar Freire de Andrade, que igualmente fora confirmado de Bornes [50].

BOUÇA

Sebastião Manuel de Sampaio e Castro, primeiro Visconde da Bouça, em duas vidas (decreto de 20 de Agosto de 1877 e carta régia de 21 de Fevereiro de 1878), cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, senhor da casa e morgadio da Bouça, na freguesia deste nome, concelho de Mirandela, abastado proprietário no distrito de Bragança, nasceu a 5 de Dezembro de 1807 e era filho de Manuel António Vaz de Sampaio, senhor da casa da Bouça, na povoação deste nome, concelho de Mirandela, que nasceu a 10 de Março de 1780 e faleceu a 11 de Outubro de 1822 capitão do regimento de milícias de Bragança, e de D. Francisca Teresa de Assunção Marques de Castro, senhora do vínculo denominado «Santo Cristo de Sonim», instituído em 1583 pelo licenciado António Marques de Paiva abade da freguesia de Sonim, concelho de

(47) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas*. Nestes documentos fala-se num pintor que viveu em Vale-Benfeito, em 1656, mas não lhe apontam o nome.
(48) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 27, folio 14, onde se encontra registado o seu testamento.
(49) Ibidem, livro 33, fol. 228, onde vem o seu testamento.
(50) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

Vale Paços; filho de João Luís Álvares Teixeira de Andrade, familiar do Santo Ofício, e de D. Luísa Marques de Castro, senhora do referido morgadio de Sonim, que instituiu o morgadio de Santo António da Sioga do Monte, no termo da cidade de Coimbra, do qual foi depois administradora D. Zília de Melo Machado Côrte Real, casada com o Doutor Bernardo de Serpa Pimentel, lente de prima da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra.

Sebastião Manuel de Sampaio e Castro casou em 1836 com D. Emília Eugénia Pinheiro de Figueiredo Sarmento, que nasceu a 10 de Abril de 1790, filha de António José Pinheiro de Figueiredo Sarmento, cavaleiro da Ordem de Cristo, bacharel formado em direito, provedor da fazenda dos defuntos e ausentes da capitania de Benguela, onde também serviu de Juiz de Fora, que faleceu a 12 de Outubro de 1824, e de sua mulher D. Maria de Sousa. (Adiante, ao citarmos *Rabal,* referir-nos-emos mais detalhadamente a este juiz, nosso ascendente colateral, e verificaremos que faleceu a 3 de Outubro de 1823). Descendência:

D. Maria Cândida, que nasceu a 17 de Maio de 1837 e casou a 12 de Janeiro de 1868 com Manuel Pinto Guedes Bacelar Sarmento (no qual oportunamente se há-de verificar a segunda vida do título de visconde da Bouça, conforme o alvará de Lembrança, que lhe foi passado a 21 de Fevereiro 1878), que nasceu a 4 de Setembro de 1842, filho primeiro de Manuel Pinto Vaz Guedes Bacelar Sarmento Pereira de Morais Pimentel, moço fidalgo com exercício e depois fidalgo escudeiro (alvará de 13 de Outubro de 1828 [51]), que nasceu a 29 de Julho de 1816; filho segundo dos segundos viscondes de Monte Alegre e herdeiro da sua casa por falecimento do filho primogénito destes, senhor do morgadio de S. Miguel do Seixo, oitavo senhor do morgadio de Nossa Senhora da Assunção de Vilar de Ossos, no concelho de Vinhais, vigésimo segundo senhor do morgadio de Machucos e padroado do capítulo de S. Francisco de Bragança, que casou a 15 de Outubro de 1835 com D. Ana Carolina Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto Teles de Meneses e Melo, que nasceu a 31 de Março de 1819, senhora e herdeira da casa de Vila Garcia e Rio de Moinhos, filha de Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes da Fonseca, moço fidalgo com exercício na Casa Real (alvará de 12 de Junho de 1803), major graduado de cavalaria do exército, senhor da casa de Vila Garcia e do morgadio da Torre de S. Verísimo, em S. Miguel de Lobrigos, senhor da casa de Senães e Cerveira, por sucessão a

(51) PINTO, Albano da Silveira – *Resenha das Famílias, Titulares e Grandes de Portugal,* 1º vol., p. 303. Ver adiante, em *Bragança,* Morais Pimenteis, da casa do Arco e Vilar de Ossos.

sua mãe, e, pelo seu casamento, senhor do morgadio de Nossa Senhora da Vida, em Rio de Moinhos, do qual era senhora sua mulher D. Josefa Teles de Magalhães Teixeira de Meneses e Melo. Deixou descendência.

Em 1856 obteve Sebastião Manuel de Sampaio e Castro licença para erigir na Bouça, junto às suas casas de habitação, uma capela dedicada ao Coração de Maria, pois o *oratório* antiquíssimo que havia em sua casa não comportava a sua família [52].

BRAGANÇA

Abreu Sarmento

Cópia de um documento original, escrito em três folios de papel grosso, não pautado, em poder do erudito genealogista Francisco de Moura Coutinho, director da agência do Banco de Portugal em Bragança:

«*Pedro Ferreira de Sá Sarmento de Lozada, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Moço fidalgo da Caza de S. Magestade e coronel do Regimento de Cavallaria de Almeida.*

Atesto que Antonio Manuel de Abreu Sarmento tenente do Regimento de cavalaria de Bragança e seus irmãos Manuel Caetano de Abreu Sarmento e Jose Vicente de Abreu Sarmento Alferes do mesmo Regimento cidadoens e naturaes desta mesma cidade são filhos legitimos de Antonio de Abreu de Barros Sarmento, Sargento Mor e Cidadão da mesma Cidade e de sua mulher D. Rosa Maria de Faria Figueiredo e Lemos e he esta netta pela parte Paterna de Manuel de Faria Figueiredo Borges da Rocha Cavalleiro professo na Ordem de Christo com a merce de huma Comenda Fidalgo da Caza de S. Magestade e Mestre de Campo de hum terço pago de Infanteria Auxiliar no tempo da guerra da feliz acclamação em que tambem governou esta cidade e as praças de Castello bom e Castello Mendo na provincia da Beira e de sua mulher D. Anna Maria de Figueiredo Sarmento netta esta de Miguel de Figueiredo Sarmento irmão inteiro do Alcaide Mor desta mesma cidade Pedro de Figueiredo Sarmento e bisnetta de D. Francisca Luiz Sarmento legitima mulher de Antonio de Figueiredo Cavalleiro professo na Ordem de Christo Fidalgo da Caza Real irmãm inteira de Lopo Sarmento Alcaide Mor tão bem desta Cidade e

(52) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

ambos filhos de Jacome Luiz Sarmento; em cuja sobreditta guerra sei Eu por papeis e atestaçoens autenticas e fidedignas que Eu vi, ter obrado, e procedido o ditto Mestre de Campo com tanta honra e valor, e arriscado tantas vezes a sua vida naquella guerra em defensa deste Reyno com tanto zelo e desembaraço que mereceo receber duas Cartas de distintissima honra e glória sua; huma do Senhor Rey D. João o quarto e outra da Senhora Raynha D. Luiza, que Eu li, prometendo-lhe e offerecendo-lhe nellas o premio de seus serviços e trabalhos quando tratasse de seus acrescentamentos, e despachos de cujos relevantes serviços não lograrão merce ou despacho algum seus descendentes athe ao presente; e o sobredito Antonio de Abreu he filho legitimo de Estevao de Abreu de Barros Cidadão desta Cidade e Alferes de Cavallaria da Tropa de Couraças no tempo da sobreditta guerra em que servio dando provas do mais destinto valor e honra achando-se com a sua Companhia no sitio e tomada da praça de Valença de Alcantara e da mesma sorte no anno de 1665 na batalha de Montes Claros na qual recebeo duas feridas por ser o seu esquadrão hum dos que mais se assignalou e bateo com os Inimigos e no sitio do forte e praças da Guarda que foi rendida às nossas armas, como consta de atestaçoens honrradissimas que Eu vi, e tem em seu poder os ditos seus nettos, o qual Estevão de Abreu he irmão inteiro de Pascoal de Abreu de Barros General que foi da Armada da India e Governador de Bombaça e de outras praças daqueles Estados, cujos serviços de hum e outro tãobem não forão athe ao presente remunerados, Filhos ambos estes de Balthasar de Abreu Doutel de Almeida e de sua legitima mulher D. Joanna de Barros das mais principaes familias desta Cidade, nettos de João Doutel de Almeida e de sua mulher D. Cezilia de Abreu, netta esta de Gaspar Mendes Fidalgo da Caza Real Cavalleiro professo na Ordem de Christo e Comendador da Comenda de S. Niculáo de Basto, bisnettos de Antonio Doutel de Almeida Instituidor do morgado dos Douteis nesta Cidade, terceiros nettos de Francisco Doutel noblissimo Cidadão della, quartos nettos de João Doutel Fidalgo da Caza Real Moço da Camara do Senhor Rey D. Manuel e proprietario dos officios de Juiz dos Orfaos, e de Escrivão da Alfandega desta mesma Cidade, e quintos nettos de Gil Martins Doutel Monteyro Mor deste Reyno e Senhor de juro e erdade das terras de Alva Balsemão Abitureira Azoya Parada Penafiel Bastuço Palmeira e Faro: – e não só por estes seus ascendentes mas por todos seus quatro Avós são os ditos Antonio Manoel de Abreu e seus Irmãos das Pessoas mais destintas Nobres e honrradas desta Provincia, porque por seu Pai e Avó Paterno, são descendentes como asima se ve do sobreditto Monteiro Mor sempre por linha de Barão, e por sua Mai e Avós Paternos della são descendentes dos Alcaides Mores desta Cidade; e das Nobelissimas e

muito antiguas familias dos seguintes apelidos:

Dos FARIAS por seu sobredito bis Avó Manuel de Faria que deles legitimamente procede por linha de Barão;

Dos FIGUEIREDOS por seu quinto Avô Materno Antonio de Figueiredo Cavalleiro da Ordem de Christo Fidalgo da Caza Real e natural de Val de Besteiros na provincia da Beira legitimo descendente de Rui Vasques de Figueiredo Senhor do Julgado de Figueiredo com o titulo de Vassallo de El Rey D. Affonso quarto cujo onorifico titulo daquele tempo tiverão tãobem seus Avós Filho este de Vasco Esteves de Figueiredo Senhor do mesmo Julgado descendente de Guesto Ansur aquelle Illustrissimo e Valoroso Cavalleiro, de que fala a *Nobiliarchia Portugueza* pag. 279;

Dos MORAES por seu quarto Avó Gonçallo de Moraes o Velho Cavalleiro professo na Ordem de Christo e Capitam Mor da Villa de Vinhaes, o qual foi oitavo netto por Baronia de Rui Martim de Moraes Alcaide Mor desta Cidade no anno de 1321 e de sua mulher D. Alda Gonçalves de Moreira de quem tãobem procedem o Conde de Benavente em Castella e os Moraes Pimenteis desta Cidade e este Rui Martins he bis Netto de D. Gonçallo de Moraes Illustre Cavalleiro Hespanhol natural da Cidade de Coria, e de sua mulher D. Constança Soares natural desta Cidade aonde elle veio cazar no anno de 1210 os quaes derão por sua devoção ao Serafico Patriarca S. Francisco a sua capella de Santa Catharina no anno de 1214 para fundação do seu Convento desta mesma Cidade em que o mesmo santo pos a primeira pedra;

Dos SOUSAS E ALVINS por seu setimo Avo João de Souza de Alvim Alcaide Mor desta Cidade filho de Pedro de Sousa de Alvim tãobem Alcaide Mor della que acompanhou a Senhora D. Leonor filha de El Rey D. Duarte quando foi cazar com Frederico terceiro Emperador de Alemanha, do qual Pedro de Sousa descendem tãobem os Senhores de Murça por sua Filha D. Izabel de Souza Irmãm inteira do ditto João de Sousa;

Dos COLMENEROS E LOZADAS por sua setima Avó D. Constança Gil Colmenero mulher do dito João de Sousa Netta de Alvaro Annes de Lozada Colmenero Alcaide Mor do Castello de Monforte de Rio Livre Irmão do senhor das Frieiras de quem procedem os Da Mesquitta e outras Cazas Nobilissimas nos Reinos de Galiza e Hespanha e Ascendentes tãobem dos dittos Senhores de Murça;

Dos SARMENTOS por seu quinto Avo Jacome Luiz Sarmento Nobelissimo descendente por linha Masculina de D. Garcia Fernandes Sarmento Rico homem de Hespanha Tronco e Progenitor das legitimas familias deste appelido que são as Cazas dos Condes de Salina Santa Martha Riba de Avia e de Outros titulos, e Adiantados mayores de Galiza e de Castella de quem o sobreditto seu quinto Avo Jacome Luiz Sarmento procede;

Dos MANNÉIS por sua nona Avó D. Maria Manuel segunda mulher de D. Garci Fernandes Sarmiento senhor de Salvaterra, e tio direito Irmão do Pai de D. Diogo Gomes Sarmiento primeiro Conde de Santa Martha, e de seu Irmão D. Bernardo Sarmiento Conde do Riba d'Avia a qual he filha de D. Sancho Manuel e de sua mulher D. Genebra da Cunha Giron elle dos Condes de Carrião terceiro Netto do Infante D. Manoel senhor de Escallona Filho de El Rey *D.* Fernando terceiro de Castella e da Rainha D. Brites Filha de Felipe Emperador de Alemanha e da Imperatriz Irene Filha do Imperador Isaçio Angelo de Constantinopla, e ella Filha de Martim Vasques da Cunha que com seu Irmão Lopo Vazques como se ve *Nobliarquia Portugueza* pág. 271 se passarão a Castella em tempo de El Rey D. João primeiro filhos estes de Vasco Martins da Cunha sexto senhor da Tabua e de outras terras que era terceiro Netto de *D.* Vasco Lourenso da Cunha segundo senhor da Tabua;

E dos PEREIRAS por sua undecima Avó D. Constança Rodrigues Pereyra mulher de D. Gonsallo Garcia de Figueiredo Ayo do Infante D. João Alcaide Mor da Feira e senhor de Mavira e Irmãm de João Rodrigues Pereira senhor de Aveiro e outras terras, ambos filhos de Rui Vasques Pereira senhor de Cabeceiras de Basto e de sua molher D. Maria de Berredo filha de Gonçallo Annes de Berredo senhor do solar deste nome e de sua mulher D Sancha de Guzmão filha esta de Pedro Nunes de Gusmão e de sua mulher D. Ignez Fernandes de Lima e Netta de Fernão de Annes de Lima, bis Netta de João Fernandes o Bom de Lima e terceira Netta de Fernam de Ayrias Baticella e de D. Thereza Bermuy Filha de D. Bermudo Peres de Trava e da Infanta D. Urraca Irmãm de El Rey D. Affonso Henrriques, como se ve na *Nobliarquia Portugueza* pag 296; e o ditto Rui Vasques Pereira he filho de D. Vasco Pereira Irmão do Arcebispo D. Gonçallo Pereira; filhos estes do Conde D. Gonçallo Pereira e de sua mulher D. Urraca Vasques Pimentel bis Avos do Grande D. Nuno Alveres Pereira glorioso ascendente dos nossos Reys, e legitimo descendente aquelle do Conde D. Forjaz Netto do Conde D. Mendo, Progenitor este dos Pereiras deste Reyno e Irmão de Deziderio ultimo Rey dos Longobardos de Ittalia e marido o ditto Conde D. Forjaz de D. Joanna de Romaes filha do Conde D. Ramon e Netta de D. Fruella primeiro Rey de Leam[53], e a mulher do ditto D. Vasco Pereira hera D. Ignez da Cunha filha de Lourenso Martins da Cunha que hera terceiro Netto de D. Payo Ciutèrre da Silva Adiantade Mor de Portugal e de D. Uzenda bis Netta esta de Ramiro segundo, e aquelle quarto Netto de D. Fruella ambos Reys de Leam.

(53) SAMPAIO, António de Vilas Boas e – *Nobiliarquia Portuguesa,* p. 316.

O que tudo he certo, notorio, e indubitavel asim pelo que referem 35 historias Genealogicas desta Provincia, e Reyno e as de Hespanha, e os documentos mais autenticos e veridicos que se achão em poder dos mesmos Antonio Manuel e seus Irmãos, como tãobem por varios outros manuscritos antigos que tenho lido e examinado com bastante aplicação por ser hum dos mais inteligentes em ler as letras antiguas, o que he bem notorio e sabido; e ser verdade o referido o afirmo pelo habito de Christo que professo; e por me ser pedida a presente a mandei escrever que assignei e sellei com o selo de minhas Armas em Bragança a 20 de Julho de 1779.

[Logar de um selo branco com o escudo do brasão de armas (54).]

a) *Pedro Ferreira de Sá Sarmento de Lozada».*

Aires Soares – Santa Apolónia

1º Pedro aires Soares, filho de Aleixo Soares e de D. Elena de Goes, e sua mulher D. Maria Mercedes de Sá instituíram em 1656 um morgadio na capela de Santa Apolónia, no qual lhe sucedeu seu filho:

2º Aleixo Soares, que casou com D. Maria de Butrão Soto-Maior, filha de Sebastião de Figueiredo Sarmento. (Ver Figueiredos, em *Bragança.*) Descendência:

I. *Pedro Soares de Figueiredo Sarmento* (3º, adiante citado).

II. *Sebastião de Figueiredo Sarmento,* abade de Alfaião e outros. Sem descendência.

3º Pedro Soares de Figueiredo SArmento, cavaleiro do hábito de Cristo, coronel de infantaria, que casou com D. Perpétua da Rocha, filho de Francisco da Silva Barreto e de D. Perpétua da Rocha, da vila de Vinhais (55).

Tendo falecido, no Rio de Janeiro, D. Ana Micaela da Fonseca Barros, viúva do tenente-general João de Barros Pereira do Lago Soares de Figuei-

(54) Esse escudo é esquartelado: no 1º, 3º e 4º tem, respectivamente, as armas dos Ferreiras, Sarmentos e Lousadas; estas últimas como as descreve o *Arquivo Heráldico Genealógico,* isto é: uma lagem de cor de piçarra saindo dela os lagartos. No segundo parece ver-se as armas dos Morais.
(55) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, *Dos Morgados,* § 31, fol. 323 (mihi). A propósito da quinta de Santa Apolónia ver Bragançãos.

redo Sarmento, deixando seus filhos: José Maria de Barros Pereira do Lago, João de Barros Pereira do Lago, capitão e demente, e outros menores, foi António Gomes de Brito, capitão-mor, cavaleiro da Ordem de Cristo, morador no Rio de Janeiro, nomeado seu curador e administrador do morgadio de Carrapatas, concelho de Macedo de Cavaleiros, fundado em 1742 por Bernardo de Barros e seus irmãos. Os bens estavam situados em Carrapatas, Cortiços, Amendoeira, Izeda e Bragança, compreendendo-se nestes últimos a quinta de Santa Apolónia, que o curador deu em enfiteuse no ano de 1837 a Inocêncio António de Miranda, prior de Santa Maria de Bragança, e a seu irmão Manuel Inácio Romarim de Miranda, por tres vidas (56). Esta importante quinta de Santa Apolónia passou, em 1896, por compra, ao pai de D. Adélia Amália Leopoldina de Sá Miranda, natural de Carrapatas, esposa do oficial do exército José Freire de Matos Mergulhão, que a vendeu a António Augusto, negociante, de Bragança, seu actual possuidor.

Alonsos

1º José Alonso instituiu um morgadio, com capela dedicada ao nome de Jesus, onde foi sepultado em 1602 e em cuja pedra tumular se lê o seu nome (57), na igreja paroquial de S. João Baptista, que, por sua morte, passou para o seu descendente:

2º João Salgado de Castro, que casou com D. Margarida Trancoso de Lira e Henriques, que residiam em Ponte do Lima, província do Minho. Não descrevemos a sua descendência porque nos faltam notícias certas para o podermos fazer.

Os nomes citados são extraídos do *Tombo* da citada igreja, a folhas 18 e 97.

Amaral Sarmento

António do Amaral Sarmento, que residiu na Índia, natural de Bragança, filho de Sebastião Machado de Figueiredo. Fidalgo-cavaleiro por alvará de 10 de Outubro de 1706 (58).

(56) Museu Regional de Bragança, *Cartório Notarial,* livro 71, fol. 45 v., e livro 242, fol. 11 e seg.
(57) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, *Dos Morgados,* § 17.
(58) Livro 6 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 265. Tem a íntegra in *Dic. Aristocrático,* 1840. *Nota.* «Tem a íntegra» – quer dizer: que o alvará não se registou por extracto, como muitas vezes sucedia, mas sim na íntegra.

Família Bragançãos

Extractos dos *Livros de Linhagens* a propósito dos fidalgos deste apelido, os quais desempenharam um importante papel durante a primeira dinastia:

«D. Mendo Alão de Bargança filhou por força huma filha d'elrey d'Armenia que hia em romaria a Santiago, e fege nella D. Fernão Mendes o yelho e D. Ouriana Mendes: e êste [59] casou com filha d'elrey D. Affonso de Castella o que ganhou Toledo, e fege nella D. Mem Fernandes; e este D. Mem Fernandes foi casado com D. Sancha Viegas filha de D. Egas Gosendes de Riba Douro, e fege nella D. Fernão Mendes o bravo e Ruy Mendes, que cegou entrante à lide que ouve com seu irmão D. Fernão Mendes, porque lhe jurara em Santa Maria de Moreirola que nom fosse contra elle, e porque passou o juramento que fizera em Santa Maria de Moreirola cegou entrante á lide e morreo em ella.

Este D. Fernão Mendes o bravo foi o que matou sa madre na pelle da ussa, e poselhe os cães, porque lhe baralhara com a barregan: e este foy o que cortou o dedo, porque criou o usso, com huma azagua: e este foi o que levou por frema d'elrey D. Affonso o primeiro rey de Portugal a irmã que tinha casada com D. Sancho Nunes de Barbosa em terra de D. Gonçalo de Sousa o bom, porque se riram del ante elrey, por huma pouca de nata que lhe corria pela barba sendo hi comendo: e este foi o que se exerdou a sa morte pela infanta que assi houve: e este foi casado com huma dona e fege nella D. Pedro Fernandes; e este D. Pedro Fernandes foi casado com huma dona, e fez em ella D. Vasco Pires Veirom e D. Garcia Pires e D. Nuno Pires e D. Tereja Pires; e este D. Garcia Pires Veirom foi casado com D. Gontinha Soares Carnesmás, filha de D. Soeiro Mendes Mãos-d'aguia e da condeça D. Elvira da Faya, e fege nêlla geraçom como de susu he escrito: D. Vasco Peres Veirom foi casado, e fez Nuno Vasques e D. Orraca Vasques; e esta D. Orraca Vasques casou com D. Vasco Fernão Pires Pelegrim irmão dos Lumiares, e lidimo, mas foi de outra madre, e fege nella Orraca Fernandes e Sancha Fernandes Meminha sandia: e esta D. Orraca Fernandes foi casada com D. João Garcia de Sousa o Pinto d'Alegrete, e fege nella geraçom como he dito. E D. Nuno Vasques foi casado, e fez geraçom como dito he: e este Nuno Vasques ouve hum filho e huma filha que ouve nome Orraca Nunes, e foi casada com Fernão Rodrigues Cabeça-de-vaca; e este Fernão Rodrigues Cabeça-de-vaca fez filho

(59) Parece faltar Fernão Mendes.

Pero Fernandes e Fernão Fernandes e João Fernandes Cabeça-de-vaca.

E o sobredito D. Garcia Peres Ladrom irmão de D. Vasco Veirom foi casado com Gontinha Soares e fege nella Fernão Garçia; e este Fernão Garçia fez cavalleiro Nuno Martins de Chacim, e fege nella D. Pero Garcia o que... e emprenhou sa irma D. Maria Garcia, e ouve ende hum filho, e ouve nome Martim Tabaya, e fege nella Elvira Garcia; e esta Elvira Garcia foi casada com D. Ordonho Alvares das Asturias, e fege nella geraçom como de susu he dito.

E D. Pedro Garcia filho de D. Garcia Peres Ladrom foi casado com huma dona, e fege nella D. Tereja Pires de Bargança; e esta D. Tereja Pires foi casada com D. João Martins Avana filho que foi de D. Martim Pires da Maya, e fege nella D. Aldonça; e esta D. Aldonça foi casada com D. Gil Vasques de Soverosa filho que foi de D. Vasco Gil, e fege nella D. Guiomar Gil e D. Marqueza Gil: e este D. Gil Vasques foi o que mataram na lide de Gouvea: e esta D. Guiomar Gil e Marqueza Gil foram casados e fizeram geração como de suos he dito. E esta D. Tereja Pires foi barregan de Lourenço Martins de Berredo, e fege nella Alda Lourenço; e esta Alda Lourenço foi casada com Martim de Barbosa irmão de Fernão Pires; e depois foi esta D. Tereja Pires[60] freira de Cistel. E a sobredita D. Tereja Pires filha de D. Pedro Fernandes de Bargança ouvea por barregan o infante de Molina, e fege nella D. Berenguela e D. Leonor: esta D. Berenguela ouvea elrey D. James d'Aragão, e delles diziam que a recebera, e outros que nom: e D. Leonor foi casada com D. Affonso Garcia de Celada, e fege nella João Affonso e a mulher de Pero Dias de Castanheda.

E o sobredito Nuno Pires filho de D. Pero Fernandes de Bargança, ouve por barregan a Maria Fogaça, e fege nella Ruy Nunes e Froilhe Nunes; e esta Froilhe Nunes foi casada com Martini Pires de Chacim, casamento desaguisado, e fege nella Nuno Martins e Alvaro Martins»[61].

Nos mesmos *Livros de Linhagens II, Portugaliae Monumenta Historica,* pág. 175, vem uma espécie de ilustração à linhagem dos Barganções e diz:

«D. Alam que foi clerigo filho-dalgo, e filhou a filha d'elrey de Armenia quando foi em oração a Santiago e foi sa hospeda em São Salvador de

(60) Martins C.

(61) *Portugaliae Monumenta Histórica, Os Livros de Linhagens,* p. 165, título I. No tomo I das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa,* p. 145, foram publicados estes livros com o título de *Livro Velho das Linhagens de Portugal,* e diz o autor que este é mais antigo do que o atribuído ao conde D. Pedro. Brandão, na *Monarquia Lusitana,* edição da Academia, tomo II, livro X, p. 26 e seg., diz que o *Livro Velho das Linhagens* foi escrito no ano de 1343[8].

Castro de Avelaãs, e filhouha com seu linhagem, e enviou as campanhas suas para sa terra, e ficou elle com ella, e fege nella dous filhos donde vieram os linhagens dos Braganҫãos».

Depois, no *Livro das Linhagens do conde D. Pedro,* que é o IV dessa colecção, título 44, pág. 343, diz-se que:

«D. Diego Gomçallvez foi casado com Dona Orraca Meemdez, irmaã de dom Fernam Meendez o Braganҫaão... e fez em ella dom Soer Diaz, e dom Joham Diaz de Freitas, e dona Eixamea Diaz que mordeo a bespa no cono e deu huum peido, e deu por beemçom a todos os de seu linhagem que matassem a bespa omde quer que a achassem: e fez este dom Diego Gomçalvez em esta dona.Orraca Meemdez sa molher suso dita outro filho que ouve nome Ruy Diaz d'Urrão».

Disto parece concluir-se que esta D. Orraca Meemdez é a mesma irmã de Fernão Mendes, atrás mencionada, com o nome de D. Ouriana Mendes.

Fernão Mendes de Bragança, o bravo Rui Mendes e Nuno Mendes, seus irmãos, pelejaram na batalha do Campo de Ourique, como aponta a *Memoria de Santa Cruz de Coimbra*(62). Este autor tem como improvável o facto atrás relatado, sucedido com Fernão Mendes, o *Bravo,* e que é o seguinte: estando este com mais convivas de El-Rei D. Afonso Henriques, em Coimbra, se babou lapuzmente, escorrendo-lhe as gorduras pelos cantos da boca com a pressa da deglutição. E, porque escarneceram dele, tomou-se de tal sanha que, para o sossegar, teve El-Rei de lhe dar em casamento a mulher de Sancho Nunes Barbosa, sua própria irmã.

Pois eu, atendendo aos costumes da época, não acho inverosímil nada disto; um bravo Braganҫão desses tempos devia ser talhado por aquele feitio – lambão e despolido nas maneiras, falho de sentimentos, ciumento e lavado de escrúpulos de consciência. Não matou ele a própria mãe? Não deu a sua geração avultada cópia de barregãs? Não chegou um deles a conhecer a própria irmã? Não é em vão que desde tempos imemoráveis tinham nossos maiores por ídolo e por símbolo o porco...

Demais, em que repugnaria isto aos costumes da época, quando vemos um Afonso III passar a segundas núpcias durante a constância do

(62) BRANDÃO, *Monarquia Lusitana,* edição da Academia, tomo II, livro X, p. 26 e seg. Os Braganҫãos tomaram parte muito activa nas guerras do tempo de D. Afonso Henriques, como aponta Brandão, 2, p. 19, 498.

primeiro matrimónio e no dia seguinte iria a terceiras se lhe dessem outro reino, como Duarte Nunes de Leão, parafraseando, dizia: «Não que um reino vale bem uma mulher»; um Pedro II, outro que tal Bragança, não arpoou a mulher ao próprio irmão? Dir-me-hão que isto era mancebia e como tal repugnaria às pessoas de qualidade e sentimentos cristãos, mas tal estado tinha garantias sociais consignadas nas leis e em contínua mancebia andavam os reis.

Depois Brandão acrescenta: «...e quanto a Fernão Mendes, o *Bravo,* intendemos ser casado com a infanta D. Sancha, irmã del-rei D. Affonso Henriques, da qual não teve filhos mas deixou-lhe o estado de Bragança, que era de seu senhorio, o qual por esta razão se uniu depois á corôa. Isto diz o conde D. Pedro. Mas do *Livro antigo das Linhagens* consta que Fernão Mendes, foi casado com D. Tereja Soares, filha de Soeiro Mendes, o *Bom,* e delles nasceu Pero Fernandes de Laedra pae de Vasco Pires e de Garcia Pires em que fala o conde D. Pedro e delles procedem os do apelido de Chacim.

Teve Pero Fernandes de Laedra muita parte dos estados de seu pae, como consta de escrituras da Sé de Braga e assi a terra de Brigança, que o conde diz ficara á infanta e por ella á corôa, devia ser alguma cousa tocante a suas armas. E porque aos escrupolosos não fique nesta materia duvida alguma, digo que em o *Livro do Cabido da Sé de Braga* a fol. 118 está uma carta de excommunhão do arcebispo D. João Peculiar contra Pedro Fernandes porque nas terras de seu senhorio, ocupava algumas tocantes á Sé de Braga; e vae fazendo menção particular das terras, que todas cahem nos termos de Bragança e Miranda que foram do estado de Fernão Mendes» (63).

O apelido de Chacim teria sido tomado da vila deste nome, talvez por permanecer por mais tempo na casa que ali possuíam (64) [9].

Continuam os *Livros de Linhagens:*

«Este Dom Garcia Pires de Bragamça que se chamou por sobrenome Ladrom foy casado com dona Gontinha Soarez, filha de dom Soeyro Meemdez Facha ao que disserom Manos d'Aguia e fez em ella dom Fernam Garcia, e que fez cavalleyro dom Nuno Martiimz de Chacim, e dom Pero Garcia que jouve com sa irmaã dona Moor Garcia e fez com ella semell... e dona Elvira Garcia que foy casada com dom Ordonho Alvarez

(63) BRANDÃO, *Monarquia Lusitana,* edição da Academia, tomo II, livro X, p. 26 e seg.
(64) Ibidem.

das Esturas e ouverom semel... Este dom Pero Garcia suso dito foi casado com dona... e fez em ella dona Tereyia Pirez de Bragança e esta dona Tereyia Pirez foi casada com dom Joham Martins Avana, e fez em ella dona Aldomça Anes que foy borregaa delrrey dom Affomsso, e depois foy casada com dom Gill Vasques o que matarom na lide de Gouvea e vemcerom os seus a lide... e fez em ella dona Guiomar Gill de dona Marquesa Gill que forom casados... E esta dona Tereyia Pirez sobredita ouvea Lourenço Martins de Breda, e fez em ella dona Alda Louremço que foy casada com Martim de Barvosa e depois foi freyra de Cistell. E dona Tereyia Pires irmaã do sobredito dom Garcia Pirez Ladraão e filha dos ditos Pero Fernandez o Bragação e de dona... ouvea o iffante de Molina por barregaã e fez em ella dona Berimgueira e dona Leanor. E esta dona Berimgueira ouvea eirrey dom James d'Aragom, e delles deziam que a rrecebera e delles que nom. E dona Leanor sua irmaã foy casada com dom Affonso Garcia de Cellada, e fez em ella dom Joham Affomsso e dona Enês Affomsso.

Esta dona Enês Affomsso foy casada com Pero Diaz de Castanheda, e fez em ella Diego Gomez, e Affomsso Garcia que morreo sem semel, e dona Berimgueira Pirez filha de Pera Diaz de Castanheda que foy casada com Lopo Rodriguez de Villalobos e fez em ella Ruy Pires e dona Tareyia, e dona Mayor, e dona Marqueza, e dona... e estas todas quatro foram freyras e nom ouverom semel. E o dito Diego Gomez filho de Pero Diaz de Castanheda e de dona Enês Affomsso foi casado com dona Johana Fernandéz filha de Fernam Pirez de Gozmam e ouverom semel.

.....

.....

De Nuno Pirez de Bragamça filho de dom Pero Fernandez o Bragamçação.

Este Nuno Pirez de Bragamça seemdo casado com dona Elvira Meemdez filha de dom Meem Moniz de riba de Doyro, depoys que fez em ella dona Orraca Nuniz, leixoua e nom curou mais della, e roussou dona Maria Fogaça e tevea por barregãa depois da morte de Fernão Guedaz seu marido, e fez em ella Ruy Nuniz e dona Froilhi. Este Ruy Nuniz Coldre foy casado com dona... e fez em ella Companha Avizimaa. E donna Froilhe Nuniz sua irmaã foy casada com Martim Pirez de Chacim, e fez em ela D. Nuno Martins de Chacim, e dona Maria Martins, e dona Sancha Martins. Este Nuno Martins de Chacim filho dos sobreditos Martim Pirez e dona Froylhe foy homem muito homrrado e privado delrrey dom Dinis de Portugall e seu adeantado antre Doyro e Minho e na Beyra, e foy casado com dona Sancha Correa filha de Pero Paaez Correa e de dona Dardia Pirez filha de dom Pero Meemdez d'Aguiar, e fez em essa dona... Nuniz, e dom Gomez Nuniz que foy creligo muy boo e muito homrrado.

E dona Maria Nuniz foi casada com Fernamdesteves Pintalho, e fez em ella dona Sancha Fernandez e dona Maria Fernandez que foram casadas e ouverom semel... Esta dona... Nuniz irmãa da sobredita dona Maria Nuniz e filha dos ditos Nuno Martins de Chacim e de dona Samcha foy casada com Gonçalle Anes de Revreda, e fez em ella Joham Macia da Revreda que foy casado.

De como Nuno Martins de Chacim foi casado a segunda vez.

Este Nuno Martins de Chacim dêsque lhe morreo dona Samcha Corrêa a primeira molher com que foy casado, casou despois com dona Tareyia Nuniz, filha de Nuno Meemdez Queixada irmaão d'Estevam Meemdez Petite, e fez em ella Gill Nuniz, e Eytor Nuniz, e Samcho Nuniz, e dona Orraca Nuniz, e Alvaz Nuniz o samdeu que morreo sem semel.. E dona Samcha Nuniz e dona Tareyia outrossy morreram sem semel. – E a sobredita dona Samcha Paaez d'Alvarenga desque lhe morreo dom Nuno Méemdez Queixada seu primeiro marido casou depois com dom Fernam Gomez Barreto, e ouverom semel... E dom Gill Nuniz filho dos sobreditos Nuno Martins de Chacim e de dona Tareyia Nunez foy casado com dona Maria Martins, filha de Martim Pirez Zote e de dona Maria Vicente filha de Vicente Pirez Dulquezes e de dona Moor Pirez do Pereyra... e fez em ella dona Samcha Gill e dona Guiomar Gill. Esta dona Samcha Gill foi casada com dom Pero Pomce das Esturas de terra de Leom filho de dom Fernam Pirez Ponço e de dona Orraca Goterrez, e ouverom semel...E dona Guiomar Gill sua irmãa foi casada com Lopo Affonso de Merloo, o Avizimaao, e fez em ella huuma filha que foy freyra em Santa Clara de Coymbra; E Eitor Nuniz filho de Nuno Martins de Chacim suso dito e de dona Tareyia Nunez foy casado com dona Marquesa Gill filha de dom Gill Vaasquez de Soverosa, o que morreo na lide de Gouvea, e de dona Aldomça Anes, e nom ouverom semel. E Sancho Nuniz irmaão do dito Eytor Nuniz e filho dos sobreditos foy casado com dona Tareyia Vaasquez, filha de Vaasco Gomez Zagomba e de dona Maria Pirez filha de dom Pero Homem de Pereyra, e fez em ella huuma filha que ouve nome D. Orraca Samchez que se pagou dos homeens e nom ouve semel como quer que muito fezesse polla aver. .....
.....

De Ruy Nuniz filho de dom Nuno Martins de Chacim e de dona Maria Gomez de Briteiros filha de dom Gomez Meendez de Briteiros.

Este Ruy Nunez foy casado com Aldomça Martins, filha de Martim Tavaya e de dona Aldomça Paaez irmaã de dom Pero Paaez Marinho, e fez em ella Nuno Rodriguez Bocarro e dona Maria Rodriguez. Este Nuno Rodriguez Bocarro filho de Ruy Nuniz suso dito mataromno em riba Doyro sobre Miramda apar de huuns moynhos hu amdava em companha

de dom Alvaro Nuniz de Lara e hia em partimento de huuma pelleja. E este Nuno Rodriguez Bocarro foy casado em Lixboa com dona Maria Migueez filha de Miguell Fernandez colaço delrrey dom Affomso, e nom ouverom semel.

E dona Maria Rodriguez irmãa do sobredito Nuno Rodriguez e filha dos ditos Ruy Nunez e Aldoniça Martins ouvea elrrey dom Diniz de Portugal por barregãa e depois cazou com Martim Fernandez Barreto, e ouverom semel» (65). .....

Do que fica transcrito podemos concluir quanto a linhagem dos Bragançãos se desenvolveu durante a primeira dinastia da monarquia portuguesa, a grande influência de que dispunham e quanto os seus costumes deixavam muito a desejar, sendo uns dos mais depravados aqueles a que se referem os livros de linhagens mencionados, o que significa muito, pois estão cheios de iniquidades expostas em claro estilo realista.

Pelos apelidos destes fidalgos – Chacim, Urroo, Ladrom, etc., sem dúvida tomados de povoações destes nomes ainda hoje existentes em terras de Bragança e Miranda, podemos concluir que nelas tiveram os seus solares ou notáveis propriedades.

Os mesmos *Livros de Linhagens,* no título II, pág. 175, dizem que os filhos-dalgo do reino de Portugal provêm de cinco troncos. Um deles é de «D. Alam que foi clerigo filho-dalgo, e filhou a filha d'elrey de Armenia quando foi em oração a Santiago e foi sa hospeda em São Salvador de Crasto de Avelaãs, e filhouha com seu linhagem, e enviou as companhas suas para sa terra, e ficou elle com ella, e fege nella dous filhos donde vieram os linhagens dos Bragançãos».

Se atendermos a que as gerações nobres de Portugal nos princípios da monarquia precedem de cinco troncos que se cruzam por recíprocos casamentos – e que entre esses nobres se encontram os apelidos Bragançãos e Chacins, como já vimos, e Sarracins (66), Romeu (67) Laedra (68), Ladrão (69) e Urróo (70) [10], somos naturalmente levados a supor que os solares destes fidalgos seriam nas terras de onde lhe vieram os apelidos, situadas no dis-

(65) *Livros de Linhagens,* já citados, p. 326, onde pode ver-se a geração completa dos Bragançãos, que foi numerosa e entroncou nas primeiras casas de Portugal.
No volume I destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança,* p. 295, mencionamos os *tenens* que a família dos Bragançãos deu por governadores a Bragança.
(66) *Livro de Linhagens,* p. 170.
(67) Ibidem, p. 153.
(68) Ibidem, p. 183.
(69) Apelido de um dos Bragançãos.
(70) *Livro de Linhagens,* p. 344.

trito de Bragança. É curioso o que se lê na pág. 344 do mesmo livro: «Este Ruy Dias d'Urróo... ouve humma filha de gaamça em humma molher filha d'algo e avia nome dona Tareyia Rodriguez, e chamaromlhe por sobrenome quando era moça Tareyginha porque bailava bem». Em Bragança há um local chamado Tereijinha; se este nome lhe não provêm da bailadeira acima citada, serve pelo menos para nos explicar a sua proveniência etimológica.

Relativamente aos Chacins, diz Baena: «A familia dos Chacins foi illustradissima como descendente por varonia de D. Mendo Alão, senhor de Bragança [11]. Tomou o appellido do logar de Chacim de que foi primeiro senhor Ruy Mendes de Bragança, O *Bravo,* que foi casado com D. Thereza Affonso, filha do primeiro rei deste reino, e nelle fez solar para seus descendentes que delle se appellidaram de Chacim.

São suas armas, em campo de arminhos, três bandas de vermelho que vem a ser o campo semeado de arminhos de negro; timbre um javali de sua cor, bandado de arminhos, em três faxas» (71).

«Ha tradição fora dos Chacins a torre de Santa Apolonia, limite de Bragança, e na igreja de Castro de Avelãs ha um tumulo desta familia» (72).

(Já atrás aludimos ao morgadio de Santa Apolónia e adiante nos referiremos ao túmulo de Castro de Avelãs.)

Família Camelos de Morais Leites

1º Padre Manuel Camelo de Morais, comissário do Santo Ofício, abade de São João Baptista, de Bragança, com capela de Nossa Senhora do Pilar, instituiu este vínculo e legou-o aos filhos que tivesse sua sobrinha:

2º D. Inês de Mariz Sarmento, casada com Francisco de Morais Perestrelo, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, juiz dos órfãos de Bragança, e na falta dos filhos dela aos filhos do doutor Pedro de Mariz Sarmento, casado em Lisboa com D. Luísa Joana de Frias, que deixou descendência (73).

(71) SANCHES DE BAENA, *Arquivo Heráldico Genealógico,* 2ª parte, artigo «Chacim».
(72) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia X, «Solar dos Chacins», fol. 213 (mihi).
(73) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», §§ 33, fol. 324 (mihi).

Capelas, com vínculo de morgadio, e oratórios

Conquanto os oratórios não correspondam a vínculos de morgadio como as capelas, mencionamos aqueles de que temos conhecimento, porque, quasi sempre, eram nobres as famílias que obtinham licença para eles.

1º CAPELA DE NOSSA SENHORA DO LORETO. Uma sentença de 1607, que excomunga Bartolomeu de Abreu, de Bragança, que pretendia ter direito ao padroado da capela de Nossa Senhora do Loreto, da mesma cidade, por carecer de fundamento tal pretensão e recusar a entrega das chaves da capela. Requerimento em 1665 do abade de S. João, de Bragança, para ser mantido na posse em que estava de apresentar ermitão na capela de Nossa Senhora do Loreto (74).

2º D. ANGÉLICA DE MORAIS MADUREIRA, de Bragança, obteve, em 1727, licença para *oratório* particular, nas suas casas de moradia.

3º TOMÁS LUÍS ANTÓNIO LEITÃO, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, sua mulher D. Ana Maria Joaquina, seus filhos D. Vicência Engrácia, D. Maria Umbelina, D. Margarida Josefa, António Joaquim, Tomás António, Manuel António, Carlos Valeriano e D. Gertrudes Margarida, todos nobres, de Bragança, obtiveram, em 1788, licença para *oratório* particular, nas suas casas de moradia.

4º Em 1791 mandou o bispo de Bragança, D. Bernardo Pinto Ribeiro Seixas, «por se achar arruinada e indecente a capela de Nossa Senhora da Consolação, sita na Igreja da extincta freguesia de S. João Baptista», que a imagem se colocasse «em um dos altares que por Ordem Nossa, o Nosso Reverendo Deão manda fazer nos claustros da Nossa Sé, em que se acha incorporada a dita freguezia... e o mesmo se praticará com a Imagem de São João Baptista, que se colocará em qualquer dos outros altares».

Nesta igreja de S. João Baptista (que, com a mudança do bispado de Miranda para Bragança, deixou de ser cabeça de freguesia, transferindo-se esta para a Sé Catedral) havia a capela do Senhor Jesus, vínculo de morgadio que foi administrado por Luís Salgado de Vasconcelos, de Ponte do Lima. Em harmonia com a lei, este vínculo foi extinto por insignificante e os bens declarados livres.

A capela foi comprada por Domingos Lopes Nogueira, abade de

(74) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas*. Para evitar repetidas citações fica entendido que todas as notícias deste capítulo são tiradas deste maço. Quando se trate de *oratório* particular, entenda-se sempre a faculdade de nele se celebrar missa.

Mafreita, que a vendeu a Bernardo Baptista da Afonseca e Sousa, professo na Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, surperintendente das caudelarias de Bragança, donde era natural, o qual em 1786 a dotou de bens necessários à sua fábrica e obteve o direito de padroado da mesma.

Esta igreja de S. João caiu em ruínas com o tempo, e ultimamente já havia só a capela de que se trata no *Largo* denominado de S. João, administrada pela família de Bernardo Baptista da Afonseca e Sousa, barão de Santa Bárbara, que, por fim, a vendeu já profanada. Sobre as suas ruínas construiu-se o edifício da agência do Banco de Portugal em Bragança, que ali funcionou durante poucos anos. Foi depois vendido, e desde 1925 serve de habitação particular.

5º Francisco José Sarmento Lousada, de Bragança, obteve, em 1726, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

6º Diogo Whitte e sua mulher D. Ana Clara Felizarda da Silveira, nobres, de Bragança, obtiveram, em 1799, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

7º D. Rita Maria Josefa, D. Ana Maria Rita, D. Antónia Maria Benta e D. Joana Francisca Josefa, todas irmãs, nobres, de Bragança, obtiveram, em 1793, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

8º Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda, brigadeiro de cavalaria e governador de Bragança, sua mulher D. Joana Correia de Sá, seus filhos D. Maria Inácia, D. Ana Clara Correia de Sá e João António Gomes de Sepúlveda –, presbítero, todos nobres, de Bragança, obtiveram, em 1784, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

9º D. Maria de Morais Ordonhes, nobre, de Bragança, obteve, em 1737, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

10º Caetano José Saraiva, abade reservatário de Montonto, desembargador da mesa episcopal, examinador sinodal, cónego magistral da Sé de Bragança e vigário geral do bispado, obteve, em 1785, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

11º Simão dos Santos Gracês Coelho, cónego doutoral da Sé de Bragança, obteve, em 1783, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

12º João Ferreira Sarmento de Lousada, sua mulher D. Guiomar Luísa Pimentel de Figueiredo, seus filhos D. Maria Isabel Ferreira Pimentel, D. Francisca Rosa, D. Joana Luísa, D. Maria Antónia, D. Rita Ferreira, João Ferreira Sarmento, Francisco Ferreira Pimentel e José Ferreira, nobres, todos de Bragança, obtiveram, em 1801, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

A casa desta família deve ser o palacete da rua da Amargura, decorado com três brazões, dois em cada esquina e outro no tecto de uma das, salas,

com as armas dos Ferreiras, Sarmentos, Lousadas e Morais, por sinal muito mal tratadas nuns retoques que lhes deram quando o prédio pertencia ao falecido Luís Lopes dos Santos. Os seus herdeiros venderam-no em 1927 a D. Gaudência Miranda, a seu marido Dr. António Augusto Pires Quintela e a seu irmão Dr. Manuel Miranda, ilustrados professores liceais em Bragança. No volume I, pág. 93, destas *Memorias Arqueológico-Históricas* citamos esta casa que, em 1841, pertencia a Manuel Inácio Romarim de Miranda, comendador da Ordem de Cristo, oficial cavaleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito e da de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e coronel graduado, e a seu irmão Inocêncio António de Miranda, prior de Santa Maria de Bragança, tios dos actuais proprietários («depois de anos mil volta o carro ao seu carril») que a 28 de Setembro do mesmo ano foi aumentada com outra casa, comprada por 160.000 réis, a Diogo Albino de Sá Vargas (75).

Esta família Vargas, pela extinção dos morgadios, em 1834, obteve os melhores prédios rústicos e urbanos vinculados em Bragança, dos quais vendeu alguns de pouca importância, como se vê pelos documentos desse tempo, conservando os mais importantes ainda hoje na posse de seus descendentes.

Ver: *Bragança, Ferreiras,* nº 48-3.

13º João Gomes de Figueiredo, fidalgo da Casa Real, morador em Morais e depois em Bragança, obteve, em 1741, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

14º Manuel Leite Pereira, tenente-coronel de infantaria da guarnição de Bragança, sua mulher D. Luísa Caetano Rita de Lemos, seus filhos Manuel Leite Pereira de Lemos, D. Antónia Liberata Rita Pereira e D. Joana Teresa de Barros, obtiveram, em 1798, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

15º D. Guiomar Maria de SÁ, de Bragança, obteve, em 1721, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

16º João da Costa Gabriel Pissarro e José Gabriel da Costa Pissarro, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, fidalgo de cota de armas, de Bragança, obtiveram, em 1812, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia «em que quotidianamente se possa celebrar o Santo Sacrifício da missa para sua espiritual consolação». Parece irónico, pois, se não me engano, eram semitas.

17º D. Tereza Paula de Mendonça, seu filho coronel Manuel de Sam-

(75) Museu Regional de Bragança, *Cartório Notarial,* livro 228, fol. 50 e seg.; livro 235, fol. 23 v.; livro 248, fol. 110 e livro 70, fol. 133 v.

paio Melo e Castro e D. Maria Amália da Piedade e Sampaio, filha natural deste, obtiveram, em 1795, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia, em Bragança.

18º D. Brites Maria de Sá Morais, moradora em Bragança, obteve, em 1734, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

19º Domingos Teixeira de Andrade, morador em Bragança, obteve, em 1748, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

20º Doutor António José de Morais Sarmento e Sá, juiz de fora em Bragança, e sua mulher D. Rosa Maria de Sá Ferreira, obtiveram, em 1786, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

21º José Carlos Ledesma Pereira de Castro e sua mulher D. Luísa Augusta Mendes Pereira, erigiram, em 1863, uma capela dedicada a Santo António, na sua quinta de Fontarcada, subúrbios de Bragança, donde os fundadores eram naturais e moradores.

22º Bento da Ponte, beneficiado da Sé de Miranda, erigiu, em 1714, uma capela dedicada a Santa Rita, na sua quinta da Ribeira de Cabeça Boa, subúrbios de Bragança. Essa quinta é actualmente conhecida pelo nome de Santa Rita, provavelmente derivado da invocação da capela.

23º Tomás Carlos Leopoldino de Sá, sua mulher e filhos obtiveram, em 1836, licença para *oratório* particular, tanto na sua casa de moradia, em Bragança, como na sua quinta de Fontarcada.

24º

MISERICORDIA O DOMINE
MEMENTO MEI ET VOS HO AMI
CI MEI ORATE PRO ME AD DOMI
NUM QVI TVMVLVM VIDETIS ME
SA. DO PE. DOS. PIZ.
FVNDADOR DESTA CAPELA
1676

Esta inscrição encontra-se numa sepultura que existe no terreiro de uma casa sita na Caleija do Norte, em Bragança, que pertenceu ao farmacêutico Avelino Ferreira e agora está na posse de seu genro, o dr. António Rapasote. Tudo leva a crer que a capela-S[epultur]A DO P[adr]E D[oming]os P[ir]IZ – por ele fundada, talvez com vínculo de morgadio, em 1676, fosse no local onde se encontra a sepultura. Dela, porém, não conhecemos outra notícia além da constante da inscrição.

Família Castro de Morais

António Caetano de Castro de Morais, natural de Bragança, filho de Martim Correia e neto de Francisco Xavier de Castro, fidalgo da Casa Real e fidalgo-cavaleiro, por alvará de 13 de Abril de 1769 (76).

Família Castro Morais – Conde da Rosa (77)

1º Francisco António de Castro Morais Correia Pimentel, fidalgo da Casa Real, tenente de infantaria do regimento de Bragança, fez parte da guarnição da praça de Miranda em 1762, e, sendo tomada esta praça, foi feito prisioneiro e mandado para Pamplona, cidade do reino de Navarra, onde casou com a condessa da Rosa, D. Antónia de Lucano e Abarca, filha dos condes da Rosa. Descendência:

I. *D. Francisco de Paula Castro e Abarca.*

II. *D. Martinho Correia e Abarca.*

III. *D. António de Castro e Abarca.*

IV. *D. Maria Josefa Abarca de Castro Morais.*

Francisco António de Castro Morais Correia Pimentel era filho de Martinho Correia de Sá de Castro Morais, fidalgo da Casa Real, capitão de infantaria do regimento de Bragança, e de D. Sebastiana Guiomar Doutel de Almeida e Sousa.

Neto paterno de Francisco Xavier de Castro Morais, fidalgo da Casa Real, mestre de campo de infantaria, e de D. Guiomar Maria de Sá e Brito, natural do Rio de Janeiro, a quem adiante nos referimos sob o nº 2.

Segundo neto paterno de Gregório de Castro Morais, fidalgo da Casa Real, mestre de campo de infantaria, no Rio de Janeiro, onde faleceu no ano de 1710, durante a invasão dos franceses; filho segundo de D. Sebastiana Veloso de Morais, natural de Mirandela, sua prima, filha de Belchior Pinto Cardoso, terceiro senhor da casa e morgadio de Santiago de Mirandela e de sua segunda mulher e parente D. Joana Veloso de Morais, aos quais nos referiremos ao citar os *Pintos Cardosos de Mirandela, senhores do morgadio de Santiago.*

Terceiro neto paterno de Gregório de Castro Morais, fidalgo da Casa Real, comendador de S. Miguel de Bugalhal na Ordem de Cristo, sargento-mor de batalhas e governador das armas de Trás-os-Montes, na aclamação de el-rei D. João IV, e de D. Francisca da Rocha Pita, sua segunda mulher, filha de Francisco da Rocha Pita, primeiro instituidor do morgadio do Nome de Jesus, de Chaves, e de D. Catarina do Salvador,

(76) Livro 23 das *Mercês de El-Rei D. José,* fol. 460, in *Dicionário Aristocrático,* 1840.
(77) Ver *Bragança – Douteis.*

filha de José Francisco, instituidor do dito morgadio (?).

Quarto neto paterno de Gregório de Castro Morais, segundo padroeiro da igreja de Nossa Senhora do Pópulo e do morgadio de Santa Catarina, que foi instituído em 1262 [12] (filho de Jaime de Morais Pimentel, e de sua mulher D. Antónia de Castro) e de D. Catarina Veloso Teixeira, filha de Martim Teixeira Homem, comendador da Ordem de Cristo.

Neto materno de António Doutel de Almeida, cavaleiro da Ordem de Cristo, sargento-mor da comarca de Bragança, e de D. Maria da Fonseca Nogueira, a quem nos referimos sob o nº 3.

Segundo neto materno de António Doutel de Almeida, cavaleiro da Ordem de Cristo (cego de um olho), e de D. Isabel de Sá, filha de Francisco de Almeida e de D. Francisca de Sá; neta paterna de Teodósio da Fonseca, juiz de fora de Barcelos, e de D. Francisca de Almeida Sarmento de Figueiredo, filha de Jácome Luís de Figueiredo; neta materna de Miguel de Figueiredo e de D. Isabel de Sá, filha de António de Macedo Pimentel.

Terceiro neto materno de António Doutel de Almeida e de D. Catarina Sarmento, filha de Gaspar da Silva, natural de Vinhais, segundo marido de D. Isabel de Morais Sarmento, filha de Rodrigo de Morais, o *Indiano,* natural de Tuizelo.

Quarto neto materno de João de Almeida Doutel e de D. Cecília de Abreu.

2º D. Guiomar Maria de Sá e Brito, mulher de Francisco Xavier de Castro Morais, atrás citados, era filha de Martim Correia de Sá, mestre de campo de infantaria, no Rio de Janeiro, e de D. Guiomar de Brito Freire, natural de Lisboa.

Neta paterna de Manuel Correia Vasques (que passou a servir no Rio de Janeiro com seu irmão Salvador Correia de Sá, governador da capitania, filhos de Gonçalo Correia, que viveu na sua quinta de Peraboa, junto a Vila-Nova de Famalicão, e de sua segunda mulher D. Maria Rodrigues), e de D. Maria de Alvarenga, filha de Tomé de Alvarenga, e de D. Maria de Morais.

Neta materna de Luís de Brito Freire, natural de Lisboa (filho de Gaspar de Brito Freire, senhor do morgadio de Santo Estêvão de Lisboa e de Nossa Senhora de Jesus, e de D. Francisca da Silveira, filha de Álvaro da Silveira, comendador de Sortelha e alcaide-mor de Alenquer) e de D. Guiomar de Almeida.

3º D. Maria da Fonseca Nogueira, mulher de António Doutel de Almeida, era filha de Teodósio da Fonseca Nogueira, tenente-general mestre de campo de Trás-os-Montes, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Brites de Morais Borges.

Neta paterna de Teodósio da Fonseca Nogueira, juiz de fora de Barcelos, acima citado (filho de Rodrigo Nogueira da Fonseca, ouvidor de Bragança, e de D. Ana Soares, irmã de D. Frei João Soares, bispo de Coimbra), e de D. Francisca de Almeida de Figueiredo Sarmento, acima citada, filha de Jácome Luís de Figueiredo Sarmento e de D. Ana de Almeida, filha bastarda de Francisco de Almeida Doutel, arcediago da Sé de Goa, na Índia Oriental.

Neta materna de Belchior de Almeida e Seixas, natural de Vilarinho da Castanheira (filho de Baltazar de Seixas Pinto, filho de Pedro Esteves Pinto, fidalgo da Casa Real, e de D. Brites de Almeida, filha de Belchior de Almeida), e de D. Maria Pinto de Morais, filha de Gaspar Borges Pinto, natural da vila de Freixiel, e de D. Isabel Pinto de Morais, filha de Jorge Pinto [78].

Família Castro Pereira

Daniel José Dias de Castro Pereira, natural da cidade de Bragança, filho de Gabriel Dias Mendes e de sua mulher D. Josefa Maria de Castro.

Neto paterno de António Dias Pereira e de sua mulher D. Ana Luísa.

Neto materno de António de S. Tiago Pereira do Lago.

Bisneto de Manuel de São.

Terceiro neto de João de Castro.

Teve por armas um escudo esquartelado: nos primeiro e quarto quartéis as armas dos Dias, que são várias (como pode ver-se em *Vilas Boas* ou *Sanches de Baena*), no segundo as dos Castros e no terceiro as dos Pereiras.

O brasão foi-lhe passado a 16 de Fevereiro de 1828 e registado no *Cartório da Nobreza,* livro VIII, fol. 217 v. [79].

Família Colmieiro de Morais

1º António Colmieiro de Morais, natural de Bragança, filho de António Colmieiro de Morais, fidalgo da Casa Real e neto de Francisco Colmieiro de Morais. Fidalgo-cavaleiro por alvará de 25 de Agosto de 1689 [80].

(78) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.* No artigo «Mirandela» (Pintos Cardosos) vai a descrição deste códice.
(79) *Arquivo Heráldico,* pasta I, p. 135.
(80) Livro V das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 208 v., in *Dicionário Aristocrático.*

2º Baltasar de Sousa Colmieiro, natural de Bragança, irmão do precedente, fidalgo-cavaleiro por alvará da mesma data [81].

Família Colmieiro Teles de Távora

Baltasar de Sousa Colmieiro Teles de Távora, natural de Bragança, filho de António Colmieiro de Morais, fidalgo da Casa Real e neto de Francisco Colmieiro de Morais.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 30 de Outubro de 1723 [82].

Família Costas

1º Padre António da Costa, seu irmão, Padre Pedro da Costa e seu sobrinho, Padre João da Rocha Pimentel, todos de Bragança, instituíram, em 11 de Junho de 1709, um morgadio de que foi primeiro administrador:

2º Gonçalo da Rocha Pimentel, que era sobrinho dos dois primeiros e irmão do último acima citados, cidadão de Bragança, casado com D. Mariana de Morais Sarmento, filha de António Fernandes Couto e de D. Ana de Morais Sarmento, que também entraram com as suas terças.

Gonçalo da Rocha Pimentel era filho de Manuel da Rocha Pimentel e de D. Maria da Costa, irmã dos instituidores.

Neto de João da Rocha e de sua segunda mulher D. Faustina da Rosa, filha de António da Rosa, alcaide-mor do castelo de Outeiro [83]. Ver *Parada de Infanções* 2º e *Bragança – Capelas* 17º.

Gonçalo da Rocha Pimentel obteve em 1735 licença para construir uma capela dedicada a Santo António na sua quinta das Carvas, limite de Bragança, em harmonia com as disposições testamentárias de Pedro Soares da Costa, pároco de Lagoa, Padre António da Costa, morador em Mós, e João da Rocha Pimentel, confirmado de Coelhoso, seus tios, que lhe fizeram doação de seus bens em vínculo de morgadio, com essa obrigação [84]. Ainda actualmente (1927) existe esta capela que, juntamente com a quinta, há poucos anos venderam os Sarmentos de Santo Estêvão, con-

(81) Ibidem.
(82) Livro XV das *Mercês de El-Rei D. João* V; fol. 213 v., in *Dicionário Aristocrático.*
(83) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», § 29, fol. 322 (mihi).
(84) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

celho de Chaves, a José Manuel Rodrigues (o *Gaiteiro),* de Gimonde. Na padieira da porta da capela há um escudo, a que noutro lugar nos referimos, com as armas dos Machados e dos Teixeiras ou Pereiras.

3º Padre PEDRO SOARES DA COSTA instituiu, em 1720, um morgadio ao qual o padre Manuel da Rosa anexou parte da sua fazenda. Foi seu primeiro administrador:

4º ANTÓNIO DA ROSA SARMENTO PIMENTEL, filho de Faustino da Rosa Pimentel, irmão de Gonçalo da Rocha Pimentel, e de sua mulher D. Ana de Morais Sarmento, que primeiro foi casada com António Fernandes Couto [85] (Ver 2º acima citado).

Família Cruz e Sousa

ANTÓNIO DA CRUZ E SOUSA, cónego da Sé de Bragança, «cónego Ervões», como era conhecido da povoação onde nasceu, no concelho de Chaves. Foi, por diploma de 9 de Julho de 1868, nomeado cavaleiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição, de Vila Viçosa, em atenção às suas circunstâncias e aos serviços por ele prestados à igreja e ao Estado [86].

Família Doutéis

As notícias referentes ao morgadio dos Doutéis, de Bragança, que a seguir inserimos, foram transcritas de um livro in-fólio de papel almasso liso, manuscrito, com capa de pergaminho, que está em Bragança em poder de Abílio de Jesus Ramos Zoio.

Este códice consta de 209 fólios paginados de frente e com a rúbrica – Doutel – todos escritos até ao fólio 42º. No 2º fólio há um escudo iluminado que consta de seis besantes de prata em campo vermelho, postos em duas palas, divididos por uma flor de liz.

O licenceado Sebastião Cardoso, juiz de fora em Miranda do Douro, que foi incumbido de fazer o tombo dos bens do morgadio Doutel, em 1634, como fica apontado, pondo o livro ao invés, começou pelo fim, fazendo-lhe novo termo de abertura e encerramento, paginando igualmente e rubricando os fólios, lançando assim no códice, virado com o

(85) Ibidem.
(86) *Diário do Governo* de 20 de Novembro de 1868.

debaixo para cima, os termos e processos da demarcação a seu cargo, que alcançam até ao fólio 63º, vindo portanto a ficar em branco os que vão desse até ao 42º.

Damos entre parentesis [ ], segundo costumamos, as partes que não são copiadas textualmente do códice, por carecerem de importância histórica:

«Anno do nascimento de nosso senhor Jesu Xpõ de mil e seis centos he vinte e nove annos nesta cidade de braguamça. Aos vinte e sinquo dias do mes de setembro do dito anno eu Antonio Doutel dalmeida filho legitimo de Joam dalmeida e de çezilia dabreu comsideramdo quam breves sam as jdades he quam estemdida a malicia delas por aver nacido Aos oito de maio da era de mil e quinhentos e noventa e hum detreminej de deixar esta memoria dos primeiros progenitores da familia dos douteis pelo que alcamcej dos papeis que adiante vam tresladados com o tombo das peças havemculadas Ao morguado deles situadas nesta cidade de braguamça e seu termo com hobriguaçam que cada hum dos pesuidores seja obriguado ha acresentar ao dito morguado dez mil res com obriguação de seis misas cada anno ditas pelos Jconimos de santa maria no covento [*sic*] de sam francisquo desta cidade na forma da instituição».

[Sem mais preâmbulos segue este requerimento:]

«Diz Antonio Doutel dalmeida cidadão desta cidade de Brag.ça que elle tem alguns papeis de sua descendencia e nobreza e de seo morguado e outras de foros e de compras e outras sentenças e mais papeis de importancia que lhe são forçosos apresentar em juizo para que se não perqam nem seo direito delles lhe he necessario neste livro tresladar a sustancia e teor delles

P. a V M. mande a qualquer t.am que vistos os originaes os faça tresladar em forma ou a substançia delles e tudo tresladado neste livro numerado e asinado do sobrenome delle supplicante ho reduza em publica concertado com outro t.am em modo que faça fé para conservação e lembrança de seo direjto e R. M.es.

Asim como pede brag.ça em 8 de q.bro de 24 [?] a) *Soares*».

[Faltam no manuscrito os fólios n.os 4, 5 e 6 – Segue no fólio nº 7 o texto interpolado:]

«1

.....

... poder que elle por suas cartas possa por momteiros em aqueles loguares que em que soem de estar postos em tempo dos outros Reis que ante

nos forão e lhos nos mandamos poer e que outro si possa tirar aqueles que entemder que não sam jdonios e pertemcentes pera ello salvo aqueles que aguora o forão postos por nosas cartas e por outros em seu loguar como entemder por nosso serviço e mamdamos que elle aja todolos prões que sohião dover do dito officio os outros monteiros mores que forão em estes Reinos e que nos delle aviamos de over de dereito e que outrossi aja de nos daqui em diante em cada hum anno de temnça com o dito officio dozentas dobras porem mamdamos a todolos meirinhos corregedores comcelhos juizes e justiças almoxarifes e escrivaes dos ditos Reinos e a outras quoaisquer pessoas a que esta carta for mostrada que ajam o dito *gil miz* por nosso monteiro mor como dito he e que outrossi ajam por nossos monteiros os que elle fizer por suas cartas em aqueles loguares homde sohião de ser postos e lhe por nos for mamdado como dito he. E outros nenhuns não aí não fação en testemunho desto lhe mandamos dar esta nosa carta dante na nosa leal cidade do porto dous dias de maio el Rei o mamdou Gonçalo Lourenço a fez era de mil e coatro centos e vinte e tres annos e eu pedro pessoa t.am a sobescrevi e asinei asinando o soplicante de como resebeo o propio em desoito de novembro de seis sentos e vinte e quatro – pedro pessoa. Recebi o proprio A.io doutel dalmeida».

[Doação de Parada a Gil Martins Doutel, monteiro-mor]
[1 de Maio de 1385]

«Dom Joam pela graça de deus Rej de portugal e do alguarve.

A quamtos esta carta virem fazemos saber que nos comsideramdo o muito serviço que El Rej dom fernamdo nosso irmão a que deus perdoe he nos nestes Reinos Recebemos e emtemdemos de Receber de gil miz doutel nosso vassalo e queremdolho nos gualardoar com merçes como cada hum Rej e theudo a fazer a fazer ha quem o serve de nosso propio moimento e oitanemcia e poder absoluto queremdo fazer graça e merçe ao dito gil miz fazemolhe pura doaçam antre uiuos ualdoria pera sempre pera ssi e pera todos seus filhos llidemos e herdeiros que dele deçemderem per llinha dereita da nosa terra da parada contodas suas Remdas dereitos e proes e pertemças e foros e trebutos porqualquer guissa que a nos avemos e de dereito devemos de aver e melhor se a elle melhor poder aver e aviam os Reis que ante nos forão porem mamdamos que o dito gil miz e os ditos seus sucesores e herdeiros que assi despois delle vierem por llinha dereita ajam a dita terra de parada com todas suas remdas dereitos trebutos foros e prões e pertenças della de juro derdade pera todo sempre e fação della e em ella o que lhe aprouver e por bem teverem assi como de

cousas suas propias nom embarguamdo quoaisquer lleis dereitos costumes façanhas que em contrairo desto sejam postos os quoais nos mamdamos qua não ajão lloguar em esta doaçom nem lhe posão empecer e outro ssi mamdamos que o dito gil miz por ssi e por seus procuradores por poder desta carta tome e possa tomar a posse da dita terra e das Rendas e dereitos foros e trebutos e prões della e que nenhuã pesoa que seja lhe não ponha nem posa por sobre ello nenhum embarguo e se lho poserem mamdamos a todolos almoxarifes e escrivais juizes e justiças a que esta carta for mostrada que lho não consintão e o metão logo della em posse como dito he e en testemunho desto lhe mamdamos dar esta nosa carta na cidade do porto ao primeiro dia de maio Ell Rej o mamdou gomçalo lourenço a fez era de mil e coatro çentos e vinte e tres annos eu pedro pessoa t.am a sobescrevi e asinei e asina o soplicante de como recebeo o propio em desoito de novembro de seis sentos e trinta e quoatro anos pedro pessoa Recebi o proprio A.io doutel dalmeida».

[Doação a Gil Martins Doutel das aldeias de Agoeia e das Aveçoreiras em termo de Monte-Mor-o-Velho]
[29 de Setembro de 1384]

«Dom Joam pela graça de deus filho do mui nobre Rej dom pedro mestre da cavalaria da hordem daviz defemssor e Regedor dos rreinos de portugual e do alguarve.

A quoantos esta carta virem fazemos saber que nos queremdo fazer graça e merce a gil miz doutel por muito serviço que nos delle Recebemos e hentemdemos a rreceber e queremdolho nos conhecer e gualardoar com merçes como cada hum snõr he theudo temos por bem e damoslhe e fazemos pura doaçam daqui em diante pera todo sempre pera elle e pera todos seus herdeiros e sucesores que despois delle vierem de juro de erdade das nosas aldeas da agoeia e das aveçoreiras que som em termo de monte maior Ouelho con todolos dereitos e Remdas e foros e trebutos que nos ahi avemos e de dereito devemos de aver e melhor se os elle melhor poder aver e as aviam os Reis que antes forão destes Reinos porem mamdamos que o dito gil miz e os ditos seus herdeiros e suçesores que depos elle vierem ajão e levem e pesuam as ditas aldeias e Remdas e dereitos e foros he trebutos dellas e que fação dellas e em ellas o que lhe aprouver e por bem teverem assi como de sua cousa não embarguamdo quoaisquer lleis e costumes facanhas e outras quoaisquer cousas que em contrairo desto sejam postas as coais nos mamdamos que não ajão lloguar nesta doaçam nem lhe posão empecer e outro ssi mamdamos que o dito gil miz por ssi e por seus procuradores por poder desta nosa carta tomem

e posam tomar a posse das ditas aldeas e rremdas e dereitos e foros e trebutos dellas e que nenhua pessoa lhes não ponhão nem posam em ellas poer embarguo nenhum e se lho poserem mamdamos a todolos almoxarifes escrivães e justiças e juizes a que esta carta for mostrada que lho não comsintão e o metão llogo dellas em posse como dito he.

E a nosa merçe he de lhe dellas fazer doaçam de juro derdade pera sempre como por a guisa suso ditta salvo seja som dadas ha outra pessoa por nosa carta.

E em testemunho desto lhe mamdamos dar esta nosa carta na cidade de Lixboa a vinte e nove dias de setembro o mestre o mamdou por Joam gil e martim de maia seus vasallos alcaides de sua fazemda afomso piz a fez era de mil e coatro centos e vinte e dous annos e eu pedro pessoa t.am o sobescrevi e asinei e asinou o suplicante como recebeo a propia en dezoito de novembro de seis centos e trinta e coatro anos – pedro pessoa. Recebi o proprio A.io Doutel dalmeida».

[Doação a Gil Martins Doutel de Ova e Balsarnão]
[1 de Maio de 1385]

«Dom Joam pela graça de deus Rej de portugal e do alguarve a quoantos esta carta virem fazemos saber que gil miz doutel nosso vassallo nos mostrou hua carta em que era conteudo que semdo nos mestre da cavalaria da ordem daviz e defemssor e Regedor dos ditos Reinos lhe demos de juro de erdade pera elle e pera todos seus sucesores e herdeiros que depos delle vierem as nosas terras da Ova e de balsamao com todas suas Remdas dereitos e pertemças e foros e trebutos segumdo na dita carta melhor e mais compridamente he conteudo e pedimdonos por merçe que pois a deus aprouve em nos poerem este estado de Rej que lhe comfirmassemos a dita carta que lhe fizemos das ditas terras e nos vemdo o que nos pedia e queremdolhe fazer graça e merçe pello muito serviço que dele Recebemos e emtemdemos de Receber e porque nossa vontade e merçe he que outro nenhum não aja as ditas terras salvo elle temos por bem o comfirmamoslhe a dita doação pela guissa que na dita carta he conteudo porem mamdamos que lhe seja comprida e guoardada ha dita carta que lhe das ditas terras demos em semdo nos defensor e Regedor dos ditos Reinos como dito he segundo se em ella contem e mamdamos e defemdemos que nenhua pessoa que seja lhe nao va contra ella em nenhua guisa que seja e ali não fação e en testemunho desto lhe mamdamos dar esta nossa carta dante na cidade do porto primeiro dia de maio El Rej o mamdou Gonçallo louremço a fez era de mil e coatro centos e vinte e tres annos – e

eu pedro pessoa t.am a subscrevi e asinei e asinou o suplicante de como recebeo a propia em dezoito de novembro de seis centos trinta e coatro annos – pedro pessoa Recebi o proprio A.io Doutel dalmeida».

Treslado do testamento de Antonio Doutel e de sua mulher anna Rodrigues que foi autorisado em publiqua forma de direito:

«Em nome de Deus. Aos vinte e seis dias do mes de Janeiro do anno do nascimento de nosso sñr Jesu Xpõ de mil e quinhentos digo na cidade de bragança Antonio doutel e anna Roiz sua molher moradores na mesma cidade ordenarão seu testamento na maneira seguinte...

Que sejão enterrados no mosteiro de são francisquo na capella da conceição no jaziguo de francisquo doutel pai delle antonio doutel. .....
.....

Pedem desde aguora cada um deles o abitto do bemaventurado sam francisco pera acabarem nelle e gozarem das indulgencias e beneficios conçedidos aos que no abitto falecem .....
.....
... e dentro em dez dias [a contar do dia do falecimento] lhe farão suas honrras e lhe dirão trinta missas com seu officio de nove licois e o dia antes besporas e lhe darão de oferta trinta alqueires de triguo e quinze almudes de vinho e seis carneiros com sua cera necesaria e não lhe perão sobre sua sepultura mais que coatro tochas e desta esmola acima levarão ametade sam francisco e da outra ametade avera as duas partes nosa senhora donde he freigueza e sam Joam hum terço

Deixa a misricordia sinquoenta alqueires de pão .....
.....

Lhe dirão por ella na dita cassa de sam francisquo os Religiosos della hum trintairo de santo amador e por seu pai e defuntos e darão de esmolla tres mil reis».

[Por igual forma dispõe o marido e nomeiam para herdeiro seu filho, João d'Almeida, com encargo de mandar celebrar anualmente, por sua alma, seis missas. Porém, no caso que à data do falecimento dos testadores fosse ainda viva sua sogra e mãe D. Joana Gomes esta herdaria metade da fazenda de Antonio Doutel. Que a sua fazenda ficava vinculada em morgadio, com o ónus das ditas missas, sempre sob a administração do seu filho primogénito e só passaria às suas filhas na falta destes, sem a poderem vender ou alhear, tendo além disso cada administrador obrigação de lhe unir uma peça rendosa de dez mil reis.

Foi registado este testamento pelo tabelião Francisco Nunes de Valcacer, em Bragança, aos 26 de Janeiro de 1574, na residencia de António

Doutel, sendo testemunhas Belchior Pires Ferro; Paulo Sobrinho, serralheiro e Francisco Fernandes, sombreireiro, todos de Bragança].

Treslado do Imventario De Antonio Doutel que se faleceu no mez de maio de mil e quinhentos e noventa e tres annos:

« .....

Hum chão pera casas que está por cima da orta que comprou a gaspara borges parte com os seleiros.

Hua cortinha que está por cima da ponte das ferrarias caminho do loreto [o nome ponte das Ferrarias está bem legível e não oferece dúvidas].

Hua terra que está a fonte da tereiginha. .. que parte com o caminho do porto de Baçal... avaliada em 26.000 réis, leva de semeadura 50 alqueires de pão.

Hua terra que está em Riquafee... parte com o caminho do moinho dos padres...

Hua terra que está aos vales de sam francisquo... parte com caminho de sam lazaro... e com caminho da fonte do alcaide... (87)

Hua terra que está por baixo de sam sebastiam...

Hua vinha que está em cabeça de touro que he do patrimonio do licenceado francisco dalmeida que está na India...».

[Pela avaliação constante do inventário, vê-se que o valor total do casal constituído em morgadio era de – 789.000 réis, assim decomposto: bens móveis – 103.000 réis; imóveis – terras que levavam de semeadura 193 alqueires de pão, no valor de – 689.000 réis, incluindo um lameiro, no valor de 35.000 réis, e duas vinhas que levavam, entre ambas, 48 homens de cava, no valor de 72.000 réis.]

Treslado da sentemça de louvamento e composição entre Antonio Doutel dalmeida e seu irmão Baltasar dabreu e sua mae sezilia dabreu e seu cunhado Antonio Gomes mena [feito em 10 de Janeiro de 1628]:

[Mostra que António Doutel de Almeida era filho de João de Almeida, cidadão de Bragança, já ao tempo falecido, e de D. Cecília de Abreu; que António Gomes Mena era casado com D. Ana Rodrigues Doutel, filha de João de Almeida, acima citado, e neta de António Doutel, o *Velho,* instituidor do morgadio, casado com D. Ana Rodrigues.]

(87) Esta terra deve ser a quinta de S. Lázaro, pertencente à família Sá Vargas (Dr. Diogo Albino de Sá Vargas, deputado e professor em Lisboa). A meio dela há um elegante chafariz onde se vê o escudo, a que noutro lugar nos referimos, com as armas dos Figueiredos e dos Abreus.

Treslado do Alvara de merçe que me fez sua magestade para poder nomear a pessoa que quizer no officio de escrivao da alfandega desta cidade:

«Eu el Rej faço saber aos que este alvará virem que avemdo Respeito ha Antonio doutel dalmejda escrivão dalfandegua e feitos della da cidade de braguamça aver vinte annos que serve o dito officio com verdade e inteireza sem ser compremdido em devassa algua e averem no servido da mesma maneira João dalmeida seu pai e avó hei por bem de lhe fazer merce comceder licemça pera que possa por sua morte nomear o dito officio em hum seu filho ou filha pera a pessoa que com ella cazar pelo que mamdo aos vedores de minha fazemda que nomeamdo o dito antonio doutel dalmeida este officio em filho lhe façao passar carta delle em seu nome presentamdo primeiro sua nomeação e a que tiver do dito officio e nomeamduo em filha a façao passar a pessoa que com ella cazar pela maneira acima declarada semdo o dito seu filho ou a pessoa que cazar com a dita sua filha aptos pera o servir...

... lixboa a vinte e coatro de janeiro de seicentos e trinta annos».

[Por provisão régia de 31 de Março de 1634 foi mandado ao juiz de fora da cidade de Miranda do Douro que viesse fazer o tombo e demarcação dos bens do requerente António Doutel de Almeida, que constituíam o seu morgadio. Esses bens são, com pequenas alterações, os já descritos e que, por qualquer circunstância, tenham interesse histórico ou topográfico menciona este documento:]

«Huas casas nesta cidade na rua que chamão Bragança.

Outra caza que partem com a rua do Curral do Concelho.

Hua horta que parte da parte de cima com o caminho que vae para a ponte das ferrarias e da parte de baixo com o rio Fervença.

Hua terra que esta em Rica fé termo desta cidade que está indo pera os moinhos dos Padres da Companhia de Jesu».

[Ao morgadio pertenciam várias propriedades e foros, também descritos neste tombo, situadas em Santa Comba de Roças e Nogueira.

No fólio nº 57 v., encontra-se o traslado do testamento que fez António Doutel de Almeida, em Bragança, a 8 de Dezembro de 1638. Declara que, autorizado por real provisão, nomeia no ofício de escrivão da alfândega a seu filho mais velho, João Doutel de Almeida, que será também o sucessor no vínculo do morgadio].

No fólio nº 61 v., há um capítulo assim intitulado:

Titulo da fazenda que Antonio Doutel de Almeida em virtude do testamento comque faleceo unio ao vinculo que seu avo Antonio Doutel de Almeida tinha instituido, com as mesmas condiçoens da tal instituição.

Entre essa fazenda há a seguinte:

«Hua quinta chamada a de bertanga no sitio da Trazinha [sic] limite desta cidade que leva de semeadura maes de duzentos alqueires de pão parte de hua parte com o caminho que vaj para a ponte das carvas da otra com o caminho que vaj para o porto de Bassal da otra com o rio Sabor e da otra com terras de Francisco de Almeida desta cidade».

[Esta quinta deve ser a chamada hoje «da Tereiginha» pertencente à família Sá Vargas (Dr. Francisco Morgado, médico militar, marido de D. Fortunata Sá Vargas).]

Genealogia dos Doutéis – Conde da Rosa

1º ANTÓNIO DOUTEL DE ALMEIDA, instituiu o morgadio em 26 de Janeiro de 1576. Era filho de Francisco Doutel e neto de João Doutel, fidalgo da Casa Real, por alvará de 11 de Maio de 1497, descendente de Gil Martins Doutel, que foi monteiro-mor do reino, por mercê del-rei D. João I, de 2 de Maio de..., na qual também lhe é feita doação das terras de Parada, Alva e Balsamão. D. João I, quando ainda regente, havia-lhe feito doação das aldeias da Agonia e Aveçoreiras, no termo de Montemor. Tudo isto consta do tombo deste morgadio e nele estão copiadas autenticamente estas mercês.

O primeiro administrador do morgadio foi seu filho:

2º JOÃO DE ALMEIDA, que casou com D. Cecília de Abreu. Sucedeu-lhe seu filho:

3º ANTÓNIO DOUTEL DE ALMEIDA, que casou com D. Catarina Sarmento, filha de Gaspar da Silva, capitão-mor de Vinhais, e de D. Isabel de Morais. Descendência:

I. *António Doutel de Almeida* (4º, adiante citado).

II. *Francisco de Morais Doutel* abade de Penas Juntas.

III. *D. Isabel de S. João.*

IV. *D. Cecília de S. Bento*, que foram abadessas no mosteiro de Santa Escolástica.

4º ANTÓNIO DOUTEL DE ALMEIDA, que nasceu a 15 de Novembro de 1659 e casou com D. Isabel de Sá, filha de Francisco de Almeida de Figueiredo Taborda e de D. Francisca de Sá. Descendência:

I. *António Doutel de Almeida* (5º, adiante citado).

II. *Francisco de Morais Doutel* abade de Vilarinho.

III. *Francisco Xavier Morais Doutel* que casou em Macau.

IV. *Manuel Doutel.*

V. Teodósio da Fonseca Nogueira (este e o precedente, morreram na guerra de 1711, ocupando os postos de alferes).

VI. *D. Catarina Sarmento.*

VII. *D. Madalena.*

VIII. *D. Inácia.*

IX. *D. Isabel* que nasceu em Bragança (Santa Maria), a 19 de Julho de 1684, sendo baptizada por Francisco de Morais Doutel, abade de Penas Juntas, e professou no convento de S. Bento de Bragança em 1702, onde tomou o nome de Isabel de S. João.

X. *D. Joana,* freira, assim como as outras suas irmãs, no mosteiro de Santa Escolástica.

XI. ANTÓNIO DOUTEL DE ALMEIDA, cavaleiro do hábito de Cristo, capitão-mor de Vilarinho da Castanheira, casou com D. Maria de Morais da Fonseca, filha de Teodósio da Fonseca Nogueira. Descendência:

I. *António Henrique Doutel de Almeida.*

II. *Manuel de Figueiredo Sarmento.*

III. *Lourenço de Morais Doutel.*

IV. *D. Joana Doutel de Figueiredo Sarmento,* casada com João Machado de Vasconcelos. Deixou descendência.

V. *D. Maria de Santo António,* freira.

VI. *D. Francisca*[88], que foi freira no convento de S. Bento de Bragança, onde professou em 1726, tomando o nome de D. Francisca Josefa de Santo António. Nasceu em Bragança a 2 de Novembro de 1704 e foi baptizada por Francisco de Morais Doutel, abade de Vilarinho, sendo sua madrinha D. Maria, viúva de António da Ponte Galego[89].

6º ANTÓNIO WENCESLAU DOUTEL DE ALMEIDA, sua mulher D. Maria Joaquina de Morais Sarmento e seus filhos, António Doutel, João Doutel, José Doutel, Manuel Doutel, Joaquim Doutel, Francisco Doutel e D. Maria Miquelina Doutel, todos nobres, de Bragança, obtiveram em 1787 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia[90].

7º D. INÁCIA CLARA DOUTEL E VASCONCELOS, viúva de António Henriques Doutel, e sua filha D. Ana Luísa, naturais de Bragança, obtiveram, em 1753, licença para se recolher, como seculares, no convento de S. Bento de Bragança[91].

(88) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», § 11, fólio 293 (mihi).
(89) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de S. Bento.*
(90) Ibidem, maço *Capelas.*
(91) Ibidem, maço *Freiras de S. Bento.*

8º D. Ana Maria Engrácia Doutel, filha de Martinho Correia e de D. Sebastiana Guiomar Doutel, de Bragança, professou em 1798 no convento de S. Bento da mesma cidade.

A doação de bens para professar foi-lhe feita por D. Francisco de Paula Correia de Sá Castro Pimentel e Abarca, fidalgo da Casa Real, conde da Rosa e barão de Garcipolheira, e sua mulher D. Maria Inácia Vila Nova e Abarca, constando de umas casas, sitas ao cimo da rua da Alfândega, com quintal e capela, com todas as suas pertenças.

O conde chama à freira sua tia e a Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda, general, seu tio (a quem passou procuração para tratar dos seus bens durante a sua ausência em Espanha). Esta procuração foi passada pelo conde e sua mulher em Bragança na sua casa de habitação. No processo figura também o reverendo Manuel Doutel de Figueiredo Sarmento, primo da freira [92].

9º D. Maria José de Figueiredo Sarmento, filha de António Doutel de Almeida, noviciou em 1763 no convento de S. Bento de Bragança, onde foi admitida «sem dar dote, ficando com as obrigações de música» [93].

Outro morgadio dos Doutéis

1º Padre Francisco de Almeida, que instituiu este morgadio em 28 de Setembro de 1592, com a obrigação de se fazer uma capela no convento de S. Francisco de Bragança, foi arcediago da Sé de Goa e era filho de António Doutel, instituidor do morgadio dos Doutéis, a que nos referimos noutro lugar.

O primeiro administrador deste morgadio foi:

2º Jácome Luís de Figueiredo, que casou com D. Ana de Almeida, e que era irmão do alcaide-mor Pedro de Figueiredo Sarmento. Sucedeu-lhe sua filha única:

3º D. Francisca de Figueiredo Sarmento, que casou com Teodósio da Fonseca Nogueira, filho de Rodrigo Nogueira da Fonseca Taborda, cavaleiro do hábito de Cristo, desembargador da junta de Bragança. Descendência:

I. *Francisco de Almeida de Figueiredo Taborda* (4º, adiante citado).

II. *Rodrigo Nogueira da Fonseca,* cavaleiro do hábito de Cristo, mestre de campo de infantaria auxiliar. Não deixou descendência.

III. *Teodósio da Fonseca Nogueira,* cavaleiro do hábito de Cristo,

(92) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de* S. *Bento.*
(93) Ibidem.

tenente-general mestre de campo, que casou com D. Brites de Morais. Descendência:

a) Rodrigo Nogueira da Fonseca Borges, cavaleiro do hábito de Cristo, capitão de infantaria, que casou com D. Ana de Morais Sarmento, filha de Cristóvão da Silva Sarmento, da vila de Vinhais. Deixou descendência.

b) D. Maria de Morais da Fonseca, que casou com António Doutel de Almeida. (Ver *Doutéis,* de Bragança – 5º)

4º Francisco de Almeida de Figueiredo Taborda, que casou com D. Francisca de Sá, filha de Miguel de Figueiredo, também irmão do alcaide-mor Pedro de Figueiredo Sarmento. Descendência:

I. *Francisco de Almeida de Figueiredo* (5º, adiante citado).

II. *Francisco de Figueiredo Sarmento* (6º, adiante citado).

III. *Manuel de Figueiredo Sarmento* (7º, adiante citado).

IV. *Jácome Luís de Figueiredo Sarmento,* que estando provido no deado de Miranda faleceu antes de tomar posse.

V. *D. Isabel de Sá,* que casou com António Doutel de Almeida. (Ver *Doutéis,* de Bragança – 4º.)

VI. *D. Maria Nogueira,* que casou com António da Ponte Galego, comendador de Santa Maria de Bragança, na Ordem de Cristo. Descendência:

a) D. Catarina, freira no mosteiro de Santa Escolástica.

b) D. Maria de Figueiroa, que casou em terceiras núpcias com Sebastião da Veiga Cabral, mestre de campo general, governador das armas da província de Trás-os-Montes. Descencência:

Francisco Xavier da Veiga Cabral, fidalgo da Casa Real, governador da cidadela de Bragança.

António da Ponte Galego.

Sebastião da Veiga Cabral.

Também teve filhas que professaram.

5º Francisco de Almeida de Figueiredo, cavaleiro do hábito de Cristo. Não casou. Sucedeu-lhe seu irmão:

6º Francisco de Figueiredo Sarmento, cavaleiro do hábito da Cristo, capitão de cavalaria, que casou com D. Maria Lopes de Morais. Não deixou descendência. Sucedeu-lhe seu irmão:

7º Manuel de Figueiredo Sarmento, sargento-mor de infantaria, que casou com D. Joana de Castro.

Possuía também outro vínculo pertencente a sua mulher e do qual esta fora uma das instituidoras [94].

(94) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», § 12, fol. 296 (mihi).

8º D. CRISTINA CAROLINA DOUTEL, filha do tenente-coronel José Maria Doutel de Almeida e de D. Ana Leonídia Belmina de Sá, de Bragança, noviciou em 1802 no convento de S. Bento da mesma cidade (95).

Família Ferreira

1º MANUEL LUÍS FERREIRA, natural de Bragança, filho de Pedro Manuel Ferreira e de D. Mariana Teresa Cordeiro de Carvalho.

Neto paterno de Pedro Manuel Ferreira e de D. Bárbara Nunes Leite.

Bisneto paterno de Manuel Pires Salgado Ferreira, professo da Ordem de Cristo e sargento-mor das ordenanças de Vila Nova de Foz Côa, a quem foi conferido brasão de armas a 10 de Setembro de 1697.

Neto materno de António Cordeiro de Carvalho e de D. Jerónima Vieira de Carvalho.

Teve por armas um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Ferreiras e na segunda as dos Carvalhos. Foi-lhe passado este brasão a 27 de Outubro de 1805 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 7º, fol. 99 v (96).

Família Ferreiras

1º LOPO FERREIRA, fidalgo da Casa Real, filho de Rui Ferreira, foi o primeiro membro desta família que residiu em Bragança, na praça do Colégio. Em 1733 ainda ali residia João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, seu descendente por quatro linhas e sexto neto por cada uma delas.

Lopo Ferreira casou em primeiras núpcias com D. Violante de Sá, filha de João Rodrigues de Sá, o *Velho,* senhor de Matosinhos. Descendência:

I. *Francisco Ferreira de Sá* (2º, adiante citado).

II. Doutor *Pedro Ferreira,* desembargador do Paço.

III. *D. Genebra Ferreira de Sá* (3º, adiante citada).

Lopo Ferreira casou em segundas núpcias com D. Marinha Gonçalves, não tendo deixado descendência deste matrimónio.

2º FRANCISCO FERREIRA DE SÁ, fidalgo da Casa Real, comendador de Lamas e Corujas, na Ordem de Cristo. Residiu em Bragança na casa que era de seu pai.

Casou com D. Paulina, de Guimarães. Descendência:

(95) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de S. Bento.*
(96) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 494.

I. *Martim Ferreira,* fidalgo da Casa Real. Faleceu na Índia, não deixando descendência.

II. *D. Isabel Ferreira de Sá,* que casou com seu primo coirmão Aires Ferreira de Sá (4º, adiante citado).

III. D. *Violante de Sá,* que casou com Francisco Rodrigues de Morais, primeiro administrador do morgadio de Tuizelo, cuja descendência se vê no fólio 18 v. (97).

3º D. Genebra Ferreira de Sá, filha de Lopo Ferreira (1º, atrás citado), residiu em Bragança e casou com Cristóvão de Morais, da vila de Vinhais. Descendência:

I. *Aires Ferreira de Sá* (4º, adiante citado).

II. *Lopo Ferreira,* fidalgo da Casa Real.

III. *João Ferreira,* fidalgo da Casa Real.

IV. *Cristóvão Ferreira.*

V. *Estêvão Ferreira.*

VI. *António Ferreira.*

VII. *Gaspar Ferreira.*

Estes seis últimos morreram solteiros, na Índia, no Real serviço.

VIII. *D. Maria de Sá* (13º, adiante citada).

4º Aires Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, filho de D. Genebra Ferreira de Sá (3º, atrás citada). Residiu em Bragança e casou com D. Isabel Ferreira de Sá, sua prima coirmã, filha de Francisco Ferreira de Sá, comendador de Lamas e Corujas (2º, atrás citado). Descendência:

I. *Pedro Ferreira de Sá,* fidalgo da Casa Real (5º, adiante citado).

II. *Francisco de Sá,* fidalgo-capelão da Casa Real, prior de Santa Maria de Sobrado.

III. *D. Isabel de Sá* (12º, adiante citada).

IV. *D. Ângela de Sá,* que casou com Baltasar Machado. Não deixou descendência.

V. *D. Luísa.* Não deixou descendência.

5º Pedro Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, filho de Aires Ferreira de Sá (4º, atrás citado), residiu em Bragança e casou com D. Maria de Morais Doutel, filha de João de Morais Araújo e de D. Maria de Leão, naturais de Bragança, e neta materna de Francisco Doutel. (Estas notas constam do inventário feito por Gonçalo de Seixas Sarmento, escrivão dos Orfãos, por ocasião do falecimento da mulher de Pedro Ferreira, inventário este que passou depois para a posse de João Ferreira Sarmento

(97) Este fólio do códice, de onde extraímos estas notícias, está cortado; por isso damos no fim desta descrição a sua linhagem, conforme indicação de outro genealogista.

Pimentel, junto a uma causa entre Baltasar Machado e Pedro Álvares Pereira.) Descendência:

I. *João Ferreira de Sá,* fidalgo da Casa Real (6º, adiante citado).

II. *Francisco Ferreira de Sá,* que serviu na Índia, onde morreu, não deixando descendência.

III. *Aires Ferreira de Sá,* fidalgo da Casa Real.

IV. Padre *António Ferreira de Sá,* da Companhia de Jesus.

V. *D. Isabel Ferreira,* que casou, em Bragança, com António Soares de Macedo, cavaleiro da Ordem de Cristo. Não deixou descendência.

VI. *D. Maria de Sá,* que casou, em Vinhais, com António da Silva Barreto. Teve uma filha, D. Isabel Ferreira, que casou, em Bragança, com João de Figueiredo, pai de D. Francisca de Figueiredo, segunda mulher de António Ferreira Sarmento (10º, adiante citado).

6º João Ferreira de Sá, filho de Pero Ferreira (5º, atrás citado), viveu em Vinhais e casou com D. Clara Sarmento de Lousada, sua prima, filha de Cristóvão Ferreira de Sá (14º, adiante citado), e de sua mulher D. Maria Sarmento de Lousada. Descendência:

I. *Aires Ferreira de Sá* (7º, adiante citado).

II. *Pedro Ferreira de Sá,* que, vindo de Roma para exercer o cargo de cónego de Miranda, morreu no mar.

III. *António Ferreira Sarmento* (10º, adiante citado).

IV. *D. Isabel de Sá Ferreira Sarmento,* que casou com Dioniz Pinto da Silva, de Quintela de Vinhais. Deixou descendência.

V. *D. Maria Baptista,* freira em Santa Clara de Vinhais.

7º Aires Ferreira Sá, primeiro filho de João Ferreira de Sá (6º, atrás citado), capitão-mor da vila de Vimioso, cavaleiro da Ordem de Cristo, morreu na tomada da praça de Alcanices, nas guerras da Feliz Aclamação. Casou com D. Bibiana de Albuquerque, filha de Francisco de Macedo e de D. Ana do Campo, de Vimioso. Sucedeu-lhe seu filho:

8º Pedro Ferreira de Sá Sarmento, que viveu em Bragança [onde faleceu a 11 de Abril de 1731], cavaleiro da Ordem de Cristo, moço fidalgo da Casa Real, coronel de cavalaria de um regimento de dragões na província de Trás-os-Montes, governador do castelo de Outeiro. Casou com D. Jerónima Pimentel, sua prima-irmã, filha de Paulo de Macedo, cavaleiro da Ordem de Cristo, mestre de campo de infantaria auxiliar, e de D. Maria Mendes Pimentel, da cidade de Miranda. Descendência:

I. *Francisco José Sarmento de Lozada* (9º, adiante citado).

II. *D. Ana Maria Pimentel,* que casou com seu tio, Aires Ferreira Sarmento, da vila de Vinhais, filho de António Ferreira Sarmento, o *Chilro.*

, Francisco José Sarmento de Lozada, cavaleiro do hábito de Cristo, moço fidalgo da Casa Real, sargento maior do regimento de dragões de

Chaves, casou em Santa Maria de Bragança, a 11 de Abril de 1709, com D. Joana Francisca Ferreira, filha de Duarte Ferreira de Morais, moço fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, governador de Vinhais, e de D. Teresa de Morais. Descendência:

I. *Pedro Ferreira de Sá.*

II. *João Ferreira,* cavaleiro da Ordem de S. João de Malta, por alvará que lhe foi conferido em 1723.

III. *Francisco Ferreira.*

IV. D. *Teresa Jerónima,* que morreu solteira.

V. *D. Jerónima,* religiosa do mosteiro de Santa Clara de Bragança.

VI. *D. Joana Francisca,* que morreu solteira.

VII. *D. Francisca Josefa,* que morreu solteira.

VIII. *D. Antónia Maria.*

IX. *D. Maria Rosa Sebastiana.*

X. *D. Rosa Teresa.*

Estas três últimas foram religiosas de Santa Clara de Bragança.

10º António Ferreira Sarmento, chamado o *Chilro,* que residiu em Vinhais. Era filho de João Ferreira de Sá (6º, atrás citado) e de D. Clara Sarmento de Lozada, filha de Cristóvão Ferreira de Sá e de D. Maior Sarmento de Lozada. Casou com D. Joana Ferreira Sarmento, sua prima, filha de Cristóvam Ferreira Sarmento, filho de João de Lozada Sarmento e de D. Maria de Sá, irmã de seu cunhado Cristóvão Ferreira de Sá e de D. Maria Sarmento, filha de André do Amaral e de D. Maria Sarmento, de Vinhais. Descendência:

I. *D. Maria Ferreira Sarmento,* que casou com Francisco Xavier de Mariz, cavaleiro do hábito de Cristo, fidalgo da Casa Real, sargento-mor da comarca de Miranda, filho de Estêvão de Mariz Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo e governador de Vinhais.

II. *D. Clara.*

III. *D. Joana do Espírito Santo.*

As duas últimas foram freiras no mosteiro de Vinhais.

António Ferreira Sarmento casou, em segundas núpcias, com sua sobrinha D. Francisca de Figueiredo, natural de Bragança, filha de João de Figueiredo e de D. Isabel Ferreira, filha de António da Silva Barreto e de D. Maria de Sá, filha de Pedro Ferreira de Sá (5º, atrás citado). Descendência:

I. *Manuel Ferreira,* que não deixou descendência.

II. *Aires Ferreira Sarmento* (11º, adiante citado).

11º Aires Ferreira Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, capitão-mor da vila de Vinhais, onde residiu em 1721-1724, casou com sua sobrinha D. Ana Maria Pimentel, filha do seu primo coirmão Pedro Ferreira

de Sá Sarmento (8º, atrás citado), fidalgo da Casa Real. Não deixou descendência.

12º D. ISABEL DE SÁ, filha de Aires Ferreira de Sá (4º, atrás citado), residiu em Bragança e casou com João de Morais Araújo, da mesma cidade. Descendência:

I. *D. Juliana de Sá,* que casou com Francisco de Morais Sarmento, filho de Cristóvão Ferreira de Sá (14º, adiante citado), que instituiu para este seu filho o morgadio da quinta de *Vale de Flores,* que em 1721-1724 estava na posse de João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, bisneto de Baltasar Ferreira Sarmento e de Gaspar Ferreira Sarmento, ambos irmãos do instituidor, que residiu em Bragança, nas casas que pertenciam a Lopo Ferreira (1º, atrás citado).

II. *D. Joana de Sá,* que casou com Baltazar Ferreira Sarmento, atrás citado.

III. *D. Maria de Sá,* que casou com Jerónimo Ferreira Sarmento (30º, adiante citado).

D. Isabel de Sá casou, em segundas núpcias, com Pero Álvares Pereira, não deixando descendência deste matrimónio.

13º D. MARIA DE SÁ, filha de Cristóvão de Morais, da vila de Vinhais, casou com Francisco de Morais, de Bragança. Descendência:

I. *Cristóvão Ferreira de Sá* (14º, adiante citado).

II. *Lopo Ferreira de Sá* (38º, adiante citado).

III. *Brás Ferreira.*

IV. *Francisco de Sá Ferreira* (40º, adiante citado).

V. *D. Maria de Sá,* que casou com João de Lozada Sarmento, filho de Francisco de Morais, da vila Vinhais, e de D. Francisca Sarmento de Lozada.

14º CRISTÓVÃO FERREIRA DE SÁ, que residiu em Bragança e casou com D. Maior Sarmento de Lozada, filha de Francisco de Morais, da vila de Vinhais, e de D. Francisca Sarmento de Louzada, filha de Bernardo de Lozada, senhor do couto de Mormontelos, meio irmão de D. Rodrigo Henriques de Castro Osório, conde de Lemos, e de D. Maior Sarmento de Arelhano, filha de D. João de Lozada, senhor de Mesquita, Frieiras e Vale de Cervos, na Galiza, e de D. Francisca Sarmento Pimentel. Descendência:

I. *Francisco de Morais Sarmento,* que casou com D. Juliana de Sá.

II. *Baltasar Sarmento Ferreira* (15º adiante citado).

III. *Gaspar Ferreira Sarmento* (26º, adiante citado).

IV. *Jerónimo Ferreira Sarmento* (30º, adiante citado).

V. *Julião de Sá Sarmento,* reitor de Grijó de Valbemfeito.

VI. *D. Clara Sarmento de Lozada,* que casou com seu primo João Ferreira de Sá (6º, atrás citado).

VII. *D. Maria Sarmento,* que casou com André do Amaral, natural do Tojal e que residiu em Vinhais (3º, adiante citado).

VIII. *D. Jerónima Ferreira de Morais,* que casou com Francisco Ferreira de Sá, moço fidalgo da Casa Real, filho de Duarte Ferreira de Morais, morgado de Tuizelo, e irmão de D. Maria Sarmento Ferreira que casou, na cidade de Miranda, com Francisco de Ordaz Anhaia, morgado de Fonte Aldea. Deixou descendência.

IX. *D. Joana Sarmento.*

15º Baltasar Sarmento Ferreira, filho segundo de Cristóvão Ferreira de Sá (14º, atrás citado), residiu em Bragança e casou com D. Joana de Sá, filha de João de Morais Araújo, de Bragança, e de D. Isabel de Sá (12º, atrás citado). Descendência:

I. *Francisco Ferreira Sarmento Pimentel,* abade de S. João de Bragança.

II. *António Sarmento Pimentel de Morais* (16º, adiante citado).

III. *João Ferreira Sarmento Pimentel* (2º, adiante citado).

IV. *D. Maria de Sá,* primeira mulher de seu primo António de Morais Madureira, morgado de Parada. Não deixou descendência.

V. *D. Isabel Sarmento,* que casou com Pedro Pereira Mimoso. Não deixou descendência.

VI. *D. Juliana,* que morreu solteira.

16º António Sarmento Pimentel de Morais, cavaleiro do hábito de Cristo, filho segundo de Baltasar Sarmento Ferreira (15º, atrás citado), residiu em Vinhais e casou com D. Mariana de Soto Maior, natural da cidade do Porto. Descendência:

I. *D. Joana de Soto Maior,* primeira mulher de António da Ponte Galego, comendador de Santa Maria de Bragança e S. Romão de Baçal, na Ordem de Cristo. Não deixou descendência.

II. *D. Maria de Soto Maior,* que casou com Domingos da Ponte Galego, cavaleiro do hábito de Cristo, tenente-general e mestre de campo de infantaria. Não deixou descendência.

Domingos da Ponte Galego, casou, em segundas núpcias, com D. Maria de Morais Sarmento, de Bragança, viúva de João de Queiroz de Sá, sargento-mor da comarca da mesma cidade, filha de Francisco Gomes Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, e de D. Filipa Pereira de Sá, natural da mesma cidade. Descendência:

a) António Sarmento Pimentel, capitão de infantaria, que casou com D. Paula de Barros. Não deixou descendência.

b) Francisco Sarmento Pimentel, que morreu clérigo.

c) José Ferreira Sarmento, capitão de infantaria, que casou com D. Maria de Lemos, de Vila Flor, e, em segundas núpcias, com uma filha do juiz dos órfãos de Vila Real. De ambos os matrimónios não deixou descendência.

d) Baltasar Ferreira Sarmento, capitão de cavalaria do regimento ligeiro (17º, adiante citado), que residiu em Vinhais.

e) Amaro Ferreira Sarmento, tenente de cavalaria do mesmo regimento.

f) D. Joana Ferreira, que casou com seu tio Jorge de Lemos do lugar de Mascarenhas. Não deixou descendência.

g) D. Bernarda Ferreira (18º, adiante citada).

h) D. Maria Ferreira de Morais (19º, adiante citada).

i) D. Teresa Ferreira, que casou com Paulo Montes, de Vila Flor. Não deixou descendência.

17º Baltasar Ferreira Sarmento, filho quarto de António Sarmento Pimentel de Morais (16º, atrás citado), casou em primeiras núpcias com D. Maria Teixeira, de Sobreiró. Não deixou descendência. Casou em segundas núpcias com D. Doroteia Teixeira de Sampaio, filha do Doutor Alexandre Teixeira de Sampaio, de Vale de Telhas, provedor das comarcas de Miranda e Castelo Branco e natural de Vale de Telhas, termo de Mirandela.

18º D. Bernarda Ferreira, filha de António Sarmento (16º, atrás citado), casou em primeiras núpcias com Duarte Tavares, da vila de Chacim. Deste matrimónio teve um filho que morreu solteiro. Casou em segundas núpcias, na mesma vila, com André de Sá Morais, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, coronel de um regimento de infantaria da praça de Bragança. Deste matrimónio deixou a seguinte descendência:

I. *Gaspar António.*

II. *D. Ana.*

III. *D. Joana.*

19º D. Maria Ferreira de Morais, filha de António Sarmento (16º, atrás citado), que casou com Lias Teixeira de Magalhães, *o Brasileiro,* de Vila Real. Descendência:

Francisco Xavier Teixeira de Morais Sarmento.

20º João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, capitão de volantes, governador do forte de S. João de Deus de Bragança e da praça de Miranda do Douro, capitão de cavalaria da ordenança e mais tarde comissário geral das tropas da ordenança da província de Trás-os-Montes por patente de Sua Magestade (a primeira que passou nesta província). Era filho terceiro de Baltasar Sarmento Ferreira (15º, atrás citado) e casou com D. Ana Ferreira, sua prima coirmã, natural do lugar de Sanfins da Castanheira, termo da vila de Monforte de Rio Livre, filha de Gaspar Ferreira Sarmento (26º, adiante citado). Descendência:

I. *Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel* (21º, adiante citado).

II. *Cristóvão Ferreira Sarmento Pimentel* (23º, adiante citado).

III. *Braz Ferreira Sarmento Pimentel,* que morreu solteiro.

IV. *João Ferreira Sarmento,* fidalgo-capelão da Casa Real, Comissário do Santo Ofício, protonotário apostólico, abade de Quintela de Lampaças.

V. *Pedro Ferreira Sarmento Pimentel* (24º, adiante citado).

21º Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel, Cavaleiro do hábito de Cristo, filho de João Ferreira Sarmento Pimentel (20º, atrás citado), residiu em Bragança e casou com sua prima D. Ana de Sá Pereira, natural do lugar de Santa Cruz da Castanheira, filha de Pedro [Rodrigo?] de Sá Soares. Vide *Sás Soares,* de Monforte. Descendência:

I. *João Ferreira Sarmento Pimentel* (22º, adiante citado).

II. *Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel,* fidalgo da Casa Real, Capitão de infantaria, do terceiro regimento novo da praça de Bragança. Morreu em virtude de ferimentos que recebeu na batalha de Almansa, contra Castela.

22º João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, provedor do exército que se organizou na província de Trás-os-Montes em 1710 para a restauração da praça de Miranda e superintendente, por Sua Magestade, da criação dos cavalos da comarca de Bragança. Era filho de Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel (21º, atrás citado) e casou com D. Inácia Maria de Vasconcelos, filha de Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos, cavaleiro do hábito de Cristo, natural de Moncorvo. Vide *Vasconcelos,* de Moncorvo. João Ferreira Sarmento Pimentel residia, em 1722, nas casas da praça do Colégio da Companhia, que pertenceram ao seu ascendente Lopo Ferreira (1º, atrás citado). Descendência:

I. *Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel,* fidalgo da Casa Real, que morreu solteiro.

II. *João Ferreira Sarmento de Lozada,* fidalgo da Casa Real (48º, adiante citado).

III. *Manuel,* que morreu muito novo.

IV. *D. Maria Josefa Pimentel* [casou com Duarte Teixeira].

V. *D. Francisca Xavier Sarmento* [casou com José Pinto de Queirós].

VI. *D. Antónia Bernarda de Lacerda,* freira no mosteiro de S. Bento de Bragança.

23º Cristóvão Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, familiar do Santo Ofício, filho segundo de João Ferreira Sarmento Pimentel (20º, atrás citado). Residiu em Miranda e casou com D. Ana de Macedo Pimentel, filha de Paulo de Macedo, cavaleiro do hábito de Cristo, familiar do Santo Ofício, mestre de campo de infantaria auxiliar, e de sua mulher D. Maria Mendes Pimentel, todos da cidade de Miranda. Descendência:

D. Josefa Jerónima de Lozada, que casou com Manuel de Morais de Faria, morgado de Carrazedo. Deixou descendência.

24º Pedro Ferreira Sarmento Pimentel, cavaleiro do hábito de Cristo, filho de João Ferreira Sarmento Pimentel (20º, atrás citado). Residiu em Bragança e casou [em Santa Maria a 14 de Junho de 1679] com D. Joana de Sousa Pereira, natural de Suções, filha de António Machado Pereira Pinto, natural de Vila Flor e residente em Suções, e de sua segunda mulher D. Joana de Sousa, natural de Chaves. Descendência:

João Ferreira de Sousa Pimentel (25º, adiante Citado). [Nasceu em Santa Maria de Bragança a 2 de Dezembro de 1681.]

25º João Ferreira de Sousa Pimentel, fidalgo da Casa Real, sargento-mor do regimento de dragões da província de Trás-os-Montes, casou com D. Maria de Bandos, natural de Alfândega da Fé, filha de Manuel de Bandos Machado, natural de Mogadouro, e de D. Bárbara Pegado, natural de Bragança. Descendência:

I. *D. Bárbara* [de Sousa, que casou Com Domingos Pires Pavão, morgado de Parada].

II. *D. Joana Maria,* freira no mosteiro de Santa Clara de Bragança.

III. *João Ferreira Sarmento,* abade de Quintela, protonotário apostólico, comissário do Santo Ofício.]

26º Gaspar Ferreira Sarmento, filho de Cristóvão Ferreira de Sá (14º, atrás citado), residiu em S. Fins da Castanheira e casou com D. Ana Vaz Teixeira, do mesmo lugar, filha de Vasco Anes Teixeira e de D. Isabel Pinheiro. [D. Ana Vaz Teixeira faleceu em Bragança (Santa Maria) a 30 de Março de 1659.] Descendência:

I. *Cristóvão Ferreira Sarmento,* que morreu na tomada da praça de Alcanices, nas guerras da Feliz Aclamação. Não deixou descendência.

II. *D. Ana Ferreira,* que casou com seu primo coirmão João Ferreira Sarmento Pimentel (20º, atrás citado).

III. *D. Isabel Ferreira,* que casou com Pascoal de Frias de Morais, morgado de Carrazedo.

IV. *D. Maria da Assunção,* freira em Santa Clara de Bragança.

27º D. Isabel Ferreira, filha de Gaspar Ferreira Sarmento (26º, atrás citado), residiu no lugar de Carrazedo, termo de Bragança, e casou com Pascoal de Frias de Morais, morgado de Carrazedo. Descendência:

I. *António de Frias de Morais Sarmento* (28º, adiante citado).

II. *João de Frias de Morais Sarmento* (29º, adiante citado).

28º António de Frias de Morais Sarmento, morgado de Carrazedo, casou com D. Catarina de Lobão, da vila de Azinhoso. Descendência:

D. Maria de Frias Sarmento, filha única, que casou com António de Morais Sarmento, que, por sua mulher, foi morgado de Carrazedo. Deixou descendência. (Vide 39º).

29º João de Frias de Morais Sarmento, ajudante de cavalaria da corte,

neto de Gaspar Ferreira Sarmento, atrás citado, e filho de D. Isabel Ferreira (27º, atrás citada). Casou em Lisboa com sua prima D. Ana Serrão. Descendência:

I. *D. Luísa de Frias de Morais Sarmento,* que casou com Pedro de Mariz Sarmento, cavaleiro professo do hábito de Cristo, desembargador da Casa de Suplicação e conselheiro da Junta do Conselho da Rainha. Deixou descendência.

II. *D. Isabel Cecília de Morais Sarmento,* que casou em primeiras núpcias, em Lisboa, com António de Sousa de Macedo. Não deixou descendência. Casou em segundas núpcias, na mesma cidade, com o doutor João de Torres da Silva, desembargador do senado da comarca de Lisboa.

30º Jerónimo Ferreira Sarmento, filho de Cristóvão Ferreira de Sá (14º, atrás citado), residiu em Vinhais e casou com sua prima D. Maria de Sá, filha de João de Morais Araújo e de D. Isabel de Sá (12º, atrás Citada). Descendência:

I. *João Ferreira,* abade de Alfaião.

II. *Braz Ferreira Sarmento,* cónego de Miranda.

III. *D. Maria Ferreira,* que casou com Aleixo da Nóvoa, de Vinhais. Deixou descendência.

IV. *D. Serafina Ferreira,* que casou com Francisco da Silveira de Vasconcelos, sargento-mor da comarca de Bragança. Não deixou descendência.

V. *D. Antónia,* freira em Santa Clara de Vinhais.

VI. *D. Isabel Ferreira,* que casou com Gil de Morais, de Logarelhos. Teve um filho, João Sarmento, pai de Bernardo Sarmento, que residiu em Logarelhos.

VII. *Julião de Sá Sarmento,* reitor de Grijó de Vale Benfeito.

31º D. Maria de Sá, ou Sarmento, filha de Cristóvão Ferreira de Sá (14º, atrás citado), casou com André do Amaral, natural do Tojal, morador em Vinhais. Descendência:

I. *Francisco do Amaral Sarmento.* Não deixou descendência.

II. *António do Amaral Sarmento* (33º, adiante citado).

III. *D. Mécia Sarmento,* que casou em Bragança com Inácio Machado.

IV. *D. Maria de Sá* (32º, adiante citada).

V. *D. Catarina Sarmento* (35º, adiante citada).

VI. *D. Teodora Sarmento* (37º, adiante citada).

32. D. Maria de Sá, filha de André do Amaral, e de D. Maria de Sá, ou Sarmento (31º, atrás citado), casou com seu primo Cristóvão Ferreira de Lozada Sarmento, de Vinhais. Descendência:

I. *Manuel Ferreira Sarmento Pimentel,* cavaleiro do hábito de Cristo, que casou em Bragança com D. Maria da Rosa. Não deixou descendência.

II. *D. Joana Ferreira Sarmento,* primeira mulher de António Ferreira Sarmento (10º, atrás citado).

33º ANTÓNIO DO AMARAL SARMENTO, sargento-mor da comarca de Miranda, filho de André do Amaral (31º, atrás citado). Casou com D. Maria de Morais, filha de Francisco Colmieiro de Morais, cavaleiro do hábito de Santiago, e de sua mulher D. Catarina de Valcarcel, filha de Fagundo de Morais, de Vinhais, e de D. Joana de Castro, filha de Gonçalo Vaz de Castro alcaide-mor de Melgaço. Descendência:

I. *Francisco do Amaral Sarmento,* abade de Alfaião.

II. *Manuel do Amaral Sarmento* (34º, adiante citado).

III. *D. Maria de Morais,* que casou com Sebastião Machado de Figueiredo, cavaleiro do hábito de Cristo, que residiu em Bragança, sargento-mor da comarca de Miranda. Deixou descendência:

IV. *D. Francisca.*

V. *D. Marinha.*

VI. *D. Joana.*

As três útimas foram freiras em Santa Clara de Vinhais.

34º MANUEL DO AMARAL SARMENTO, cavaleiro do hábito de Cristo, filho de António do Amaral Sarmento (33º, atrás citado), casou com D. Catarina de Morais, filha de João de Queiroz Deça, sargento-mor da comarca de Bragança, e de D. Maria de Morais Sarmento, de Bragança, filha de Francisco Gomes Sarmento e segunda mulher de António Sarmento de Morais Pimentel (16º, atrás citado). Descendência:

I. *António do Amaral Sarmento.*

II. *Manuel do Amaral Sarmento,* alferes de cavalaria.

III. *Francisco José Sarmento,* reitor de Parada.

IV. *Frei Luís de S. Boaventura,* padre franciscano e pregador.

V. *Sebastião de Queiroz,* abade de Edroso.

VI. Padre *João de Queiroz,* da Companhia de Jesus, que foi para a Índia.

VII. *D. Maria do Amaral Sarmento,* que casou com Manuel da Costa Pessoa, fidalgo da Casa Real, alcaide-mor de Évora-Monte, filho de Manuel da Costa Pessoa, governador de Cabo Verde, e de D. Josefa, ou Inês, Maria Luísa Teixeira, sua sobrinha e filha de Simão da Costa Pessoa, mestre de campo de infantaria do terceiro regimento velho de Chaves, governador de Cabo Verde e irmão de Manuel da Costa Pessoa, já citado. Deixou descendência.

VIII. *D. Marinha Xavier.*

IX. *D. Filipa Maria.*

As duas últimas foram freiras em Santa Clara de Bragança.

35º D. CATARINA SARMENTO, filha de André do Amaral (31º, atrás citado), casou em Vinhais com Cristóvão da Silva. Descendência:

I. *Cristóvão da Silva Sarmento* (36º, adiante citado).

II. *António de Morais Sarmento,* capitão de infantaria, que casou em Miranda. Deixou um filho, Cristóvão da Silva Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, sargento-mor de Miranda e depois [1721-1724] cónego da Sé de Évora.

III. *Lourenço da Silva Sarmento,* abade de Talhinhas.

IV. *D. Perpétua Sarmento,* que casou com Paulo de Mesquita, e em segundas núpcias com António de Morais Leite, de Bragança. Não deixou descendência.

V. *D. Maria.*

VI. *D. Ana.*

As duas últimas foram freiras em Santa Clara de Vinhais.

36º Cristóvão da Silva Sarmento, filho de Cristóvão da Silva (35º atrás citado), casou com D. Isabel de Morais, filha de António de Morais e de D. Maria de Valcarcel, da vila de Vinhais. Descendência:

I. *Aires de Sousa,* que casou, em Sobreiro, com D. Maria de Castro Morais ou Magalhães. Deixou descendência.

II. *António de Morais da Silva,* cónego de Miranda.

III. *Francisco de Morais da Silva,* sargento-mor de infantaria auxiliar, que casou com D. Maria de Morais. Deixou descendência.

IV. *Frei João de Morais,* monge de S. Bernardo.

V. *André de Morais,* prior de S. Julião de Santarém, depois abade de Espinhoso e comissário do Santo Ofício.

VI. *João Baptista,* clérigo.

VII. *Lourenço da Silva,* clérigo.

VIII. *D. Ana de Morais Sarmento,* que casou com Pedro, ou Rodrigo da Fonseca Nogueira, de Bragança, cavaleiro do hábito de Cristo, filho de Teodósio da Fonseca Nogueira, do hábito de Cristo e tenente-general mestre de campo.

IX – *D. Catarina de Morais Sarmento,* que casou em Miranda com José Sarmento, governador do castelo de Outeiro.

37º D. Teodora Sarmento, filha de André do Amaral (31º, atrás citado), casou com Francisco Vaz de Morais, do lugar de Candedo. Descendência:

I. *José de Morais Sarmento.* Deixou descendência.

II. *André do Amaral Sarmento,* que casou em Bragança com Antónia de Macedo. Descendência:

a) Manuel do Amaral Sarmento, capitão-mor de Penas Roias, que casou no Mogadouro. Deixou descendência.

b) André do Amaral Sarmento, abade de Castelo Branco, termo do Mogadouro.

38º Lopo Ferreira de Sá, filho de Francisco de Morais, de Bragança, e de D. Maria de Sá, filha de Cristóvão de Morais (13º, atrás citado) e de D. Genebra Ferreira de Sá. Casou com D. Isabel de Faria, de Quintela de Vinhais. Descendência:

D. Brites de Faria e Sá, que casou com Jerónimo de Morais Sarmento, filho de Aires de Morais Sarmento, de Tuizelo. Descendência:

a) António de Morais Sarmento, que casou com D. Maria de Frias Sarmento, morgada de Carrazedo. (Vide 28º) Deixou descendência.

b) Jerónimo de Morais Sarmento, o *Guelha.* Não deixou descendência.

c) Manuel de Faria Sarmento, abade de Serpicos.

d) Aires de Morais Sarmento, confirmado de Agrochão.

39º António de Morais Sarmento *(a),* acima citado), neto de Lopo Ferreira de Sá (38º, atrás citado), casou com D. Maria de Frias Sarmento, morgada de Carrazedo (28º, atrás citada). Descendência:

Manuel de Morais Faria, que casou com D. Josefa Jerónima Ferreira, filha única de Cristóvão Ferreira Sarmento Pimentel (23º, atrás citado). Deixou descendência.

40º Francisco de Sá Ferreira, filho quarto de Francisco de Morais, de Bragança, e de D. Maria de Sá (13 °, atrás citada), residiu em Mirandela e casou com D. Brites Pinto Cardoso, filha de João Pinto da Fonseca e de D. Catarina Cardoso. Descendência:

I. *Gaspar Pinto Cardoso.*

II. *D. Antónia Pinto,* que casou com Francisco de Morais do Campo, de Mirandela.

III. *D. Úrsula Pinto,* que casou com Francisco Borges de Morais, de Espinhoso. (Vide 43º)

E outros.

41º Gaspar Pinto Cardoso, filho de Francisco de Sá Ferreira (40º, atrás citado), primeiro administrador do morgadio instituído por seu tio Belchior Pinto Cardoso, reitor de Mirandela. Casou em Chaves com D. Catarina de Vargas Teixeira, filha de Gaspar de Queiroga Teixeira e de D. Ana de Vargas. Descendência:

I. *Belchior Pinto Cardoso.*

II. *Luís Cardoso de Queiroga,* que morreu estudante em Coimbra.

III. *André Cardoso de Queiroga,* cavaleiro do hábito de Cristo, que casou com D. Isabel de Mariz, filha de Lopo Dourado de Mariz, de Vinhais, e de D. Isabel. Descendência:

a) Gaspar.

b) Luís.

c) André.

IV. *D. Emerciana Teixeira,* que casou em Vila Real com André Correia de Mesquita, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo. Teve um filho, João Correia de Mesquita, que casou com D. Mariana de Mesquita, dos quais era filha D. Rosa Maria de Mesquita, adiante citada.

V. *D. Brites de Sá,* que casou em Bragança com Francisco de Morais Madureira. Deixou descendência.

42º BELCHIOR PINTO CARDOSO, que casou, em primeiras núpcias, com D. Ana de Sousa de quem teve uma filha única, D. Catarina Pinto, que casou com Gaspar Pinto, da vila do Mogadouro, sogro de João Botelho de Morais, de Bragança.

Belchior Pinto Cardoso casou, em segundas núpcias, com D. Joana Veloso, filha de Duarte Ferreira de Morais, morgado do Tuizelo, e de sua mulher D. Jerónima Veloso. Deste matrimónio deixou a seguinte descendência:

I. *Belchior Luís Pinto Cardoso* (5º adiante citado).

II. *João Pinto,* abade do Felgar, comissário do Santo Ofício.

III. *D. Sebastiana de Sá* (49º, adiante citada).

IV. *D. Mariana Veloso* (50º, adiante citada).

43º D. ÚRSULA PINTO, filha de Francisco de Sá Ferreira (40º, atrás citado), casou em Espinhoso com Francisco Borges de Morais. Descendência:

I. *Salvador de Morais* (44º, adiante citado).

II. *Estêvão de Morais,* clérigo.

III. *D. Catarina de Morais* (45º, adiante citada).

IV *D. Susana de S. Francisco,* abadessa de Santa Clara de Vinhais.

44º SALVADOR DE MORAIS que casou em Logarelhos com D. Maria Borges, filha de Francisco de Castro e de D. Maria Borges, da vila de Vinhais. Descendência:

I. *Manuel Ferreira,* reitor de Vila Verde.

II. *D. Francisca Ferreira,* que casou em Bragança com Donato Ferreira. Teve uma filha, D. Ana de Sá, que casou em Logarelhos com João de Morais Colmieiro, deixando descendência.

45º CATARINA DE MORAIS, filha de Francisco Borges de Morais (vide 43º), que casou com Teodósio de Frias, de Carrazedo. Descendência:

I. *Francisco Sarmento de Frias* (46º, adiante citado).

II. Padre *Bento de Frias,* clérigo.

III. *D. Mariana de Frias,* que casou com Tomás de Castro de Morais, filho de Amaro Duarte e de D. Catarina Sarmento, de Logarelhos, de quem foi filho José de Castro, que casou em Santa Valha com D. Catarina (Caetana?) filha de António de Morais, de Sonim, e de D. Maria de Sá Vilares.

IV. D. *Paula de Frias,* que casou com Francisco Rodrigues, da vila de

Vinhais, de quem foi filho João de Frias Sarmento, que foi capitão de infantaria, na Índia.

46º Francisco Sarmento de Frias, filho de Teodósio de Frias (vide 45º), que casou com Jerónima Sarmento, filha de Amaro Duarte e de D. Catarina Sarmento, de Logarelhos, a quem atrás nos referimos. Descendência:

Teodósio de Frias Sarmento, sargento-mor de ordenança (47º, adiante citado)

47º Teodósio de Frias Sarmento, que casou com D. Maria da Costa, filha de Francisco Rodrigues, de Cedães, e de D. Maria Martins da Costa. Descendência:

I. *Teodósio de Frias Sarmento.*

II. *Francisco José Sarmento.*

48º João Ferreira Sarmento de Losada, fidalgo da Casa Real, filho de João Ferreira Sarmento Pimentel (22º, atrás citado), e de D. Inácia Maria de Vasconcelos, filha de Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos, da vila de Moncorvo. Casou com D. Maria Leonor de Vasconcelos, natural de Sanhoane, comarca de Penaguião. Descendência:

I. *António Ferreira Sarmento Pimentel,* fidalgo da Casa Real, que residiu em Bragança, em 1757, e casou com D. Vicência Angélica de Gouveia e Vasconcelos, filha de Cristóvão José de Gouveia e Vasconcelos, de Moncorvo.

II. *Francisco Ferreira Pimentel.*

III. *João Ferreira Sarmento de Lozada,* que nasceu em Sanfins da Castanheira, termo de Monforte, e casou com D. Guiomar Luísa de Figueiredo Antas, de Freixo de Espada à Cinta, filha de António Pinto de Morais Botelho, de Freixo, e de D. Joana Luísa de Figueiredo Antas, de Val de Lamas. Descendência.

a) Francisco, que nasceu em Bragança (Sé) a 10 de Janeiro de 1797.

b) José, que nasceu em Bragança (Sé) a 6 de Janeiro de 1798.

E outros, filhos e filhas. Ver *Bragança* – Capelas – 12º.

IV. *D. Maria Isabel Ferreira Sarmento Pimentel,* que casou com Manuel Joaquim Teixeira Coelho de Meireles, que residia na sua quinta de Ariz, concelho de Moura Morta, comarca de Lamego, filho de Miguel Luís Teixeira de Meireles, professo na Ordem de Cristo, e de D. Joana Romana Coelho, residentes na mesma quinta de Ariz.

49º D. Sebastiana Veloso (vide 42º), que casou, em Bragança, com Gregório de Castro Morais, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, mestre de campo de infantaria, no Rio de Janeiro, e faleceu durante a invasão francesa àquela cidade [anterior a 1721]. Deixou descendência.

50º D. MARIANA VELOSO (vide 42º), que casou, em Bragança, com o doutor Lopo de Mariz Carneiro, cavaleiro do hábito de Cristo, desembargador da Relação do Porto. Deixou descendência.

51º BELCHIOR LUÍS PINTO CARDOSO (vide 42º) que residiu em Mirandela, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, coronel de infantaria, governador de Montalegre, casou com D. Rosa Faria de Mesquita Pinto, filha de João Correia de Mesquita e de D. Mariana de Mesquita. Descendência:

I. *Belchior Pinto Cardoso.*

II. *Luís Lázaro Pinto Cardoso.*

III. *D. Luísa Caetana de Mesquita,* que casou, em Bragança, com Domingos de Morais Madureira Pimentel fidalgo da Casa Real, comendador de Babe, filho de José de Morais Madureira e de D. Brites de Sá.

IV. *D. Sebastiana Maria,* freira em Santa Clara de Bragança.

V. *D. Ana de Lorena.*

VI. *D. Rosa Maria de Mesquita.*

A família Ferreira residia na elegante casa brasonada que fica em frente da praça da Sé, em Bragança, abaixo da residência do morgado da Praça, a quem nos referimos noutro lugar.

A fachada é decorada com nove balcões de granito, guarnecidos de belas grades de ferro e assentes sobre modilhões ou carrancas três sob cada um.

192
TOMO VII
FONSECA | FONTOURA

206
TOMO VII
GIL | GOMES

422
TOMO VII
PIRES | PISSARRO | POÇAS FALCÃO | PONA

Varonia dos Ferreiras

1

D. Álvaro Rodrigues Ferreira, rico-homem, meirinho-mor e senhor de Maziela.

2

D. Fernando Álvares de Ferreira, rico-homem de Portugal.

3

Pedro Ferreira, senhor da vila de Ferreira. | *Maria Vaz.*

4

Estêvão Pires Ferreira. | *D. Catarina Esteves Borges.*

- *Estêvão Anes Borges.* *N.*
- *João Rodrigues Borges,* senhor da terra de Álvaro.
- *D. Catarina Lopes,* que jaz em S. Domingos de Santarém com o título de muito virtuosa.

5

Pedro Ferreira.

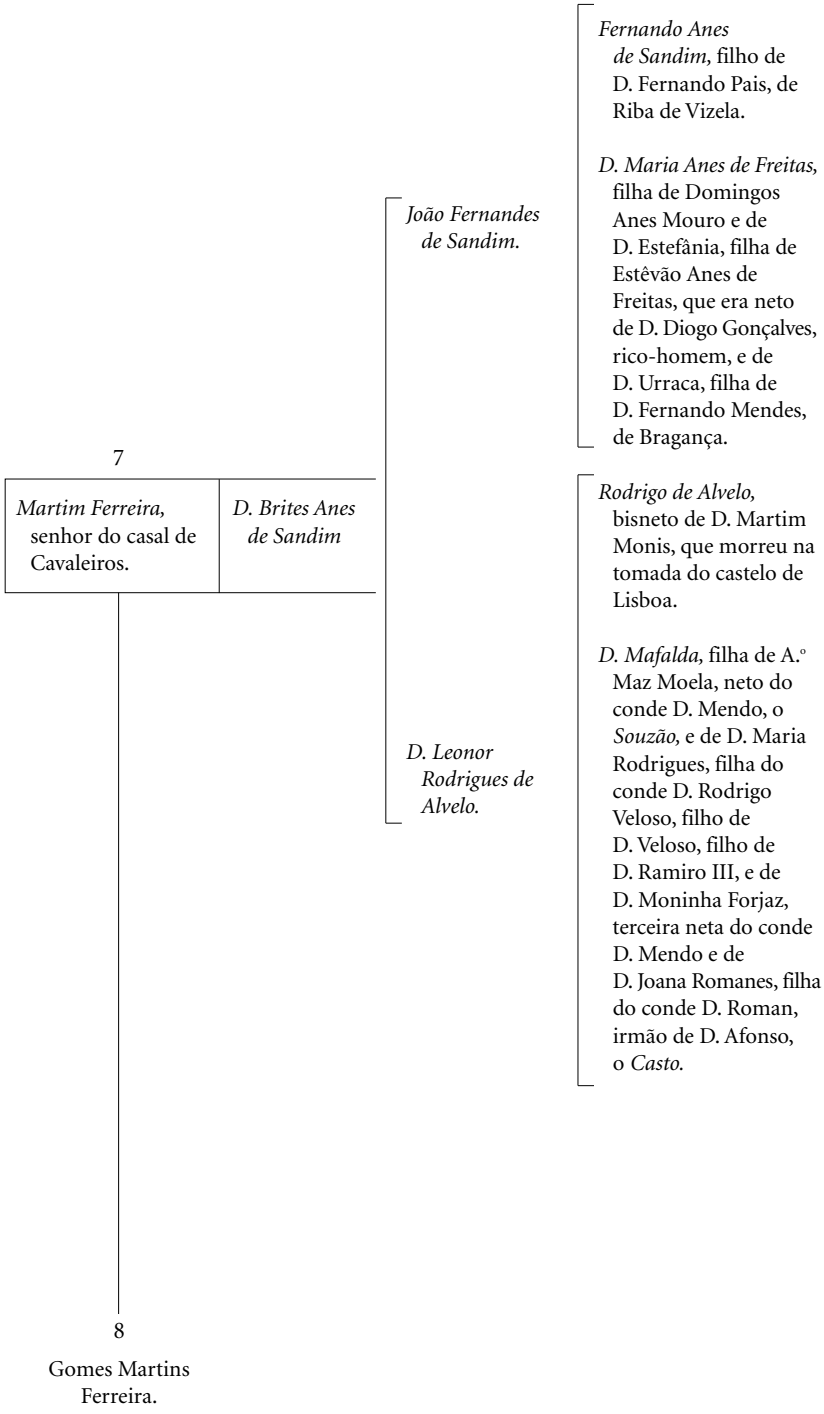
6

Estêvão Ferreira, senhor do casal de Cavaleiros. | D. Maior Martins. H.

- *Martinho Anes Fariseu,* senhor de Terroso, Airó, Cebros e Porto Carreiro.
- *Joana Nunes,* segunda mulher.

7

Martim Ferreira.


7
Martim Ferreira, senhor do casal de Cavaleiros.
D. Brites Anes de Sandim
João Fernandes de Sandim.
Fernando Anes de Sandim, filho de D. Fernando Pais, de Riba de Vizela.
D. Maria Anes de Freitas, filha de Domingos Anes Mouro e de D. Estefânia, filha de Estêvão Anes de Freitas, que era neto de D. Diogo Gonçalves, rico-homem, e de D. Urraca, filha de D. Fernando Mendes, de Bragança.
D. Leonor Rodrigues de Alvelo.
Rodrigo de Alvelo, bisneto de D. Martim Monis, que morreu na tomada do castelo de Lisboa.
D. Mafalda, filha de A.º Maz Moela, neto do conde D. Mendo, o Souzão, e de D. Maria Rodrigues, filha do conde D. Rodrigo Veloso, filho de D. Veloso, filho de D. Ramiro III, e de D. Moninha Forjaz, terceira neta do conde D. Mendo e de D. Joana Romanes, filha do conde D. Roman, irmão de D. Afonso, o Casto.
8
Gomes Martins Ferreira.

8

Gomes Martins Ferreira, senhor do casal de Cavaleiros.

D. Catarina.

9

Martim Ferreira, senhor do casal de Cavaleiros, vassalo da casa do infante D. João.

D. Violante da Cunha.

Fernando A. Correia, senhor de Farelães.

A.º Correia, senhor de Farelães, Viatodos e Vila Meã, alcaide-mor de Abrantes.

D. Berengeira Anes, filha de Rui Pereira, capitão-mor de marinha.

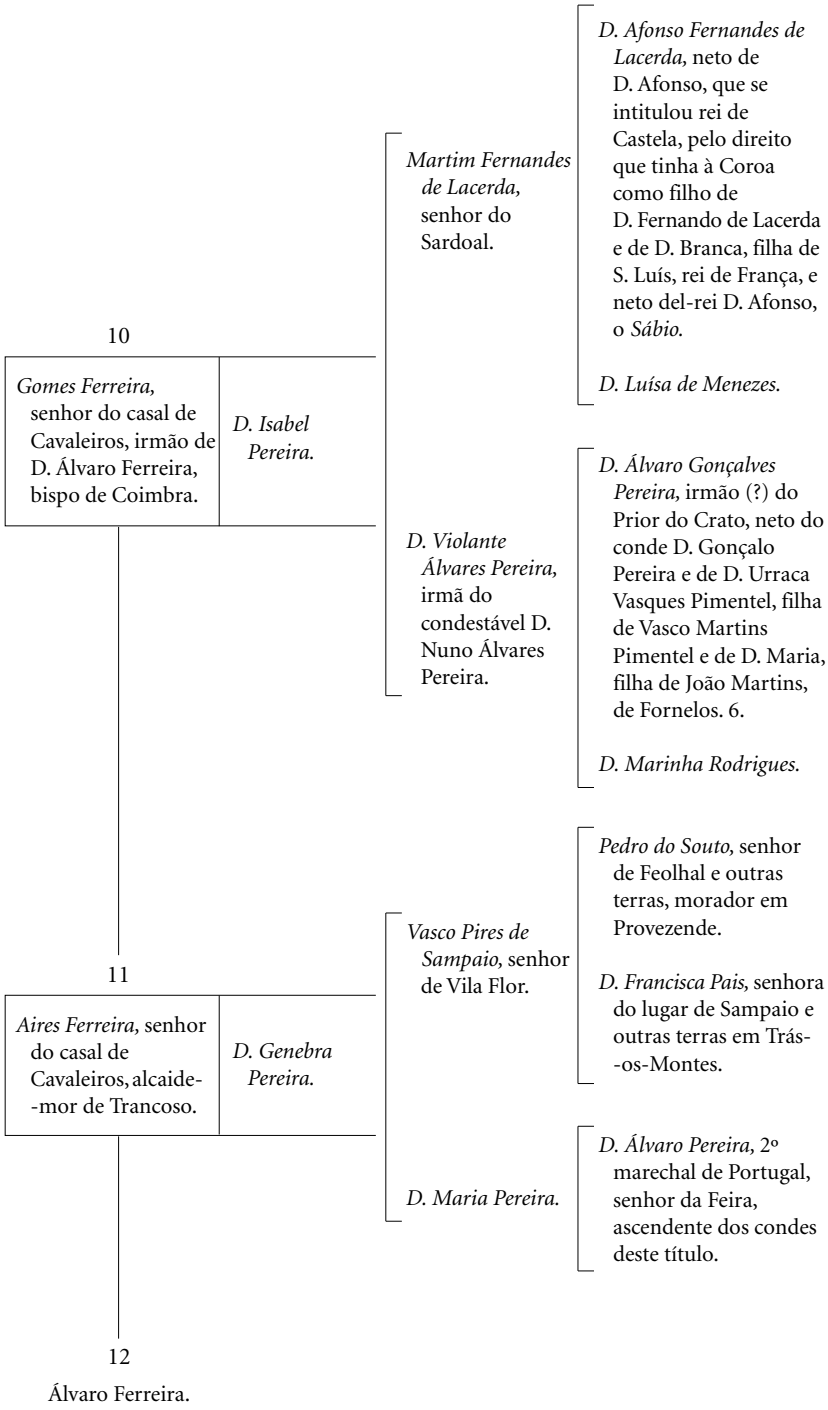
Leonor Anes da Cunha.

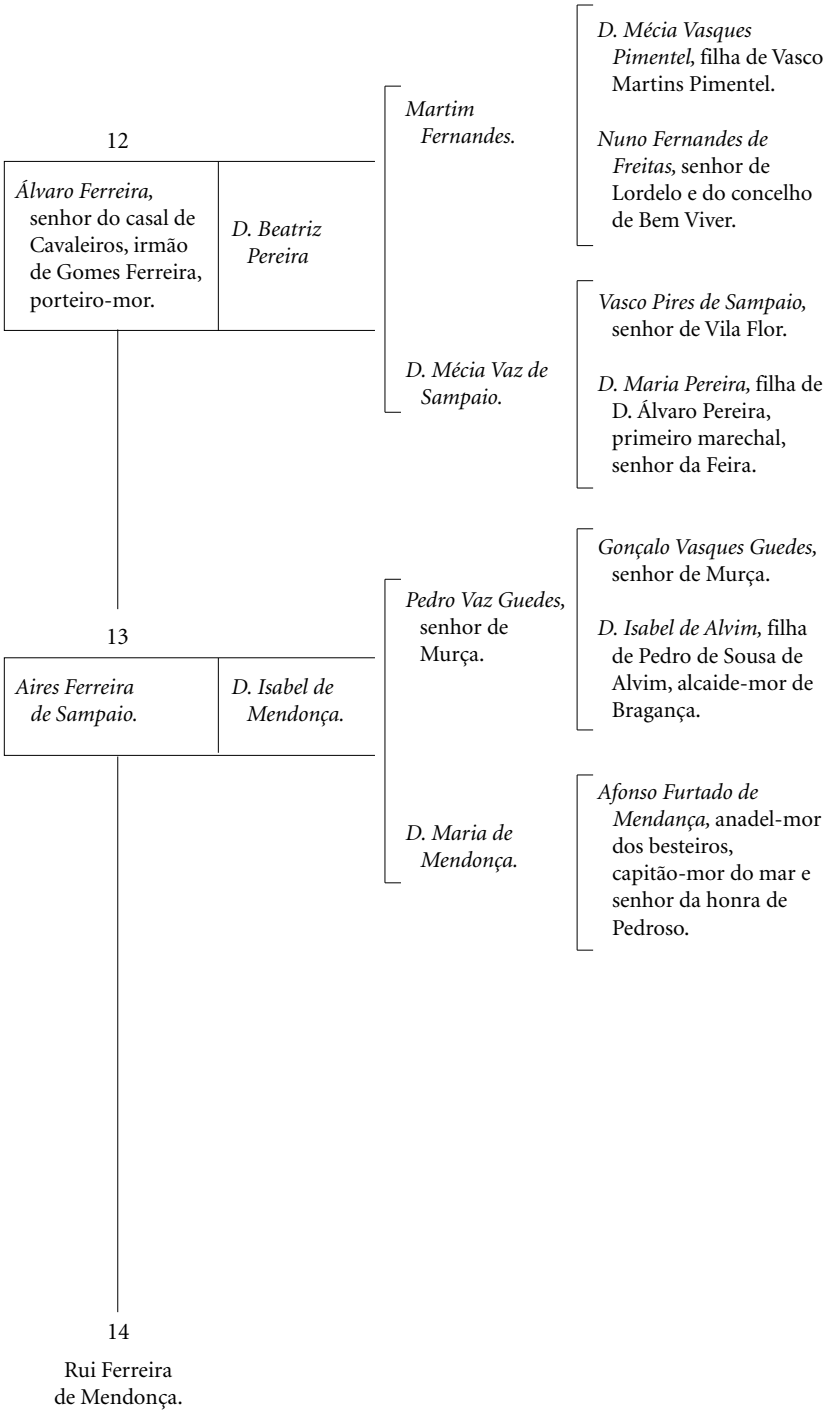
João da Cunha, que residiu em Grijó.

N.

10

Gomes Ferreira.


10
Gomes Ferreira, senhor do casal de Cavaleiros, irmão de D. Álvaro Ferreira, bispo de Coimbra.
D. Isabel Pereira.
Martim Fernandes de Lacerda, senhor do Sardoal.
D. Afonso Fernandes de Lacerda, neto de D. Afonso, que se intitulou rei de Castela, pelo direito que tinha à Coroa como filho de D. Fernando de Lacerda e de D. Branca, filha de S. Luís, rei de França, e neto del-rei D. Afonso, o Sábio.
D. Luísa de Menezes.
D. Violante Álvares Pereira, irmã do condestável D. Nuno Álvares Pereira.
D. Álvaro Gonçalves Pereira, irmão (?) do Prior do Crato, neto do conde D. Gonçalo Pereira e de D. Urraca Vasques Pimentel, filha de Vasco Martins Pimentel e de D. Maria, filha de João Martins, de Fornelos. 6.
D. Marinha Rodrigues.
11
Aires Ferreira, senhor do casal de Cavaleiros, alcaide-mor de Trancoso.
D. Genebra Pereira.
Vasco Pires de Sampaio, senhor de Vila Flor.
Pedro do Souto, senhor de Feolhal e outras terras, morador em Provezende.
D. Francisca Pais, senhora do lugar de Sampaio e outras terras em Trás-os-Montes.
D. Maria Pereira.
D. Álvaro Pereira, 2º marechal de Portugal, senhor da Feira, ascendente dos condes deste título.
12
Álvaro Ferreira.


12
Álvaro Ferreira, senhor do casal de Cavaleiros, irmão de Gomes Ferreira, porteiro-mor.
D. Beatriz Pereira
Martim Fernandes.
D. Mécia Vasques Pimentel, filha de Vasco Martins Pimentel.
Nuno Fernandes de Freitas, senhor de Lordelo e do concelho de Bem Viver.
D. Mécia Vaz de Sampaio.
Vasco Pires de Sampaio, senhor de Vila Flor.
D. Maria Pereira, filha de D. Álvaro Pereira, primeiro marechal, senhor da Feira.
13
Aires Ferreira de Sampaio.
D. Isabel de Mendonça.
Pedro Vaz Guedes, senhor de Murça.
Gonçalo Vasques Guedes, senhor de Murça.
D. Isabel de Alvim, filha de Pedro de Sousa de Alvim, alcaide-mor de Bragança.
D. Maria de Mendonça.
Afonso Furtado de Mendança, anadel-mor dos besteiros, capitão-mor do mar e senhor da honra de Pedroso.
14
Rui Ferreira de Mendonça.

14

Rui Ferreira de Mendonça. — *D. Filipa de Ataíde.*

- *Martim Lopes de Azevedo,* décimo primeiro senhor da casa de Azevedo e da vila do Souto, de Riba do Homem.
  - *Diogo de Azevedo,* senhor de Azevedo e da vila do Souto.
  - *D. Isabel de Sousa de Magalhães,* senhora da vila da Ponte da Barca e terra da Nóbrega.
- *D. Isabel de Ataíde.*
  - *Pedro de Ataíde,* chamado *Inferno,* valoroso capitão em Tânger e na Índia.
  - *D. João Rodrigues de Sá,* camareiro-mor del-rei D. João I, alcaide-mor do Porto e senhor de Sever, Paiva e Matosinhos.

15

Lopo Ferreira.

15

Lopo Ferreira, fidalgo da Casa Real, residiu em Bragança e casou com D. Violante de Sá, filha de João Rodrigues de Sá, arcediago de Labruja (filho de João Rodrigues de Sá, camareiro-mor de El-Rei D. João I, alcaide-mor do Porto e senhor de Sever, Paiva e Matosinhos, etc.), e de D. Isabel Pacheco, filha de Diogo Lopes Pacheco, rico-homem, senhor de Ferreira, notário maior de Castela, que era filho de Lopo Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira, meirinho-mor de Portugal e rico-homem.

Francisco Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, comendador de Lamas, que casou com D. Paulina de Guimarães (*).

Martim Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, último varão desta linha, não deixou descendência.

D. Isabel Ferreira de Sá, que casou com seu primo Aires Ferreira de Sá, filho de Cristóvão de Morais e de D. Genebra.

D. Violanle de Sá, que casou com Francisco Rodrigues de Morais, morgado de Tuizelo.

Doutor *Pedro Ferreira,* desembargador do Paço, no tempo de D. João III.

Pedro Ferreira de Sá, que casou com D. Maria de Morais Doutel.

João Ferreira de Sá, que casou com D. Clara Sarmento, filha de Cristóvão Ferreira de Sá e de D. Maior Sarmento.

Aires Ferreira de Sá, pai do coronel Domingos Ferreira de Sá Sarmento.

Francisco Ferreira de Sá, fidalgo-capelão da Casa Real, prior de Santa Maria de Sobrado.

Aires Ferreira de Sá, que casou com sua prima D. Isabel Ferreira de Sá, filha de Francisco Ferreira de Sá e de D. Paulina.

D. Juliana, que casou com Francisco de Morais Sarmento.

D. Isabel de Sá, que casou com João de Morais Araújo.

D. Joana, que casou com Bartolomeu Ferreira Sarmento.

D. Maria, que casou com Jerónimo Ferreira Sarmento.

D. Ângela de Sá, que casou, não deixando descendência.

D. Luísa de Sá, que morreu solteira.

Lopo Ferreira de Sá.

João Ferreira de Sá.

E outros que morreram na Índia, não deixando descendência.

Francisco de Morais Sarmento, que casou com D. Juliana de Sá, filha de João de Morais Araújo e de D. Isabel.

João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, comissário geral das tropas da ordenança na província de Trás-os-Montes, governador do forte de S. João de Deus e da praça de Miranda, que casou com sua prima D. Ana Ferreira, filha de Gaspar Ferreira Sarmento e de D. Ana Vaz Teixeira. Faleceu em 1695, com mais de oitenta anos de idade.

D. Genebra Ferreira de Sá, que casou com Cristóvão de Morais, da vila de Vinhais.

Baltasar Sarmento Ferreira, que casou com D. Joana de Sá, irmã de D. Juliana de Sá.

Cristóvão Ferreira de Sá, que casou com D. Maior Sarmento de Losada.

Gaspar Ferreira Sarmento, que casou com D. Ana Vaz Teixeira, filha de Vasco Anes Teixeira.

Jerónimo Ferreira Sarmento, que casou com D. Maria de Sá, filha de João de Morais Araújo e de D. Isabel.

Julião de Sá Sarmento, reitor de Grijó de Valbemfeito.

D. Maria de Sá, que casou com Francisco de Morais, filho de Pero Álvares de Morais Pimentel.

D. Clara Sarmento, que casou com João Ferreira de Sá, filho de Pedro Ferreira de Sá.

D. Maria de Sá, que casou com André do Amaral.

D. Jerónima.

D. Joana.

Lopo Ferreira.

Brás Ferreira.

Francisco de Sá Ferreira.

D. Maria de Sá.

(*) D. Paulina de Guimarães era filha de A.º de Guimarães, comendatário de várias igrejas, e neta de Martinho de Guimarães, comendador de S. Cosme de Garfe, senhor do Couto e Castelo de Savariz, e de D. Leonor Fernndes de Sousa, filha de Fernão Lourenço da Mina.

Por este esquema genealógico se mostra a ascendência de Lopo Ferreira, que residiu em Bragança, cuja varonia findou em seu neto, Martim Ferreira, fidalgo da Casa Real. Porém a descendência foi continuada, em duplicadas linhas, pelo comendador Francisco Ferreira de Sá e por D. Genebra Ferreira de Sá, filhos de Lopo Ferreira e de D. Violante de Sá, a saber:

D. Isabel Ferreira de Sá e D. Violante de Sá, filhas do comendador Francisco Ferreira de Sá;

Aires Ferreira de Sá e D. Maria de Sá, filhos de D. Genebra Ferreira.

A série de casamentos dos seus descendentes motiva a aparente persuasão de que a varonia de Lopo Ferreira, estando já extinta, continua. A varonia desta família no referido esquema genealógico deve dividir-se em quatro linhas diferentes, que são:

1ª Cristóvão de Morais, que casou com D. Genebra Ferreira de Sá.

2ª Francisco Rodrigues de Morais, que ,casou com D. Violante de Sá.

3ª Francisco de Morais, que casou com D. Maria de Sá, filha de Cristóvão de Morais e de D. Genebra.

4ª André do Amaral, que casou com D. Maria de Sá, filha de Cristóvão Ferreira de Sá.

Erradamente temos visto mencionado Aires Ferreira de Sá como filho do comendador Francisco Ferreira de Sá, sem reflectirem que, sendo assim, o casavam com sua própria irmã D. Isabel Ferreira de Sá, que está irrefutavelmente provado ser filha do comendador Francisco Ferreira de Sá, como adiante mostraremos, e assim o entendeu João Ferreira Sarmento Pimentel, comissário geral das tropas de ordenança da província de Trás-os-Montes, no memorial que fez da sua ascendência e se encontra na folha 12º e seguintes do códice já citado.

Por um instrumento de inquirição, de que foi escrivão João Machado e inquiridor Vasco Martins (?) Pegado, feito em Bragança em 12 de Setembro de 1595 por Aires Ferreira e Francisco Ferreira consta serem estes filhos legítimos de Pedro Ferreira e netos de Aires Ferreira e de D. Isabel de Sá, primos coirmãos, esta, filha de Francisco Ferreira de Sá, e aquele, filho de sua irmã D. Genebra.

Este instrumento de inquirição encontra-se apenso aos autos de justificação, feitos em 10 de Abril de 1724 por João Ferreira Sarmento Pimentel, de que foi escrivão Filipe de Carvalho, e que se corrobora por duas escrituras mais antigas.

O comendador Francisco Ferreira de Sá possuía a quinta da Granja por prazo que dela lhe fizeram os monges de S. Bernardo, do mosteiro de S. Martinho da Castanheda (vulgo do Lago), por escritura de 3 de Junho de 1529. Sucedeu-lhe no prazo sua filha D. Isabel Ferreira de Sá. Quando esta casou com seu primo Aires Ferreira de Sá, foi renovado o prazo por

escritura de 4 de Agosto de 1550, feita no mesmo mosteiro de S. Martinho e em presença de Aires Ferreira e nela se declara que o direito do prazo lhe provinha por sua mulher D. Isabel Ferreira como filha de Francisco Ferreira que o possuíra. Estas escrituras passaram para a posse de José Cardoso Borges, que mais tarde comprou a referida quinta.

Verificada a filiação de Aires Ferreira, encontra-se também a de sua mulher e prima D. Isabel Ferreira de Sá.

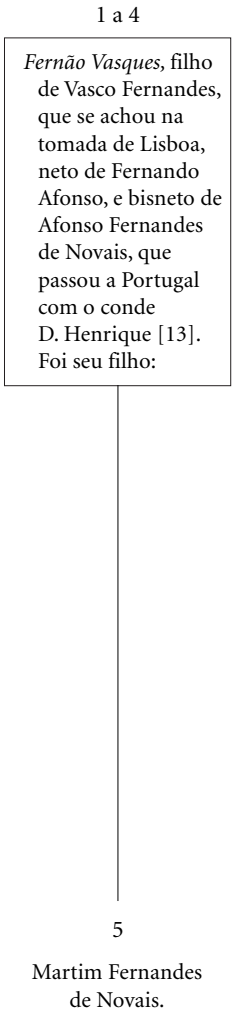
Encontrei também, em um memorial, errada a filiação de D. Maria de Sá, mulher de Francisco de Morais, fazendo-a filha de Aires Ferreira de Sá e de sua mulher e prima D. Isabel Ferreira de Sá, sendo sem dúvida filha de Cristóvão de Morais e de D. Genebra Ferreira de Sá, o que se verifica pelas dispensas com que casaram, Francisco de Morais Sarmento e seus irmãos Baltasar e Jerónimo, netos de D. Maria de Sá com três netas de Aires Ferreira de Sá, irmão de D. Maria de Sá.

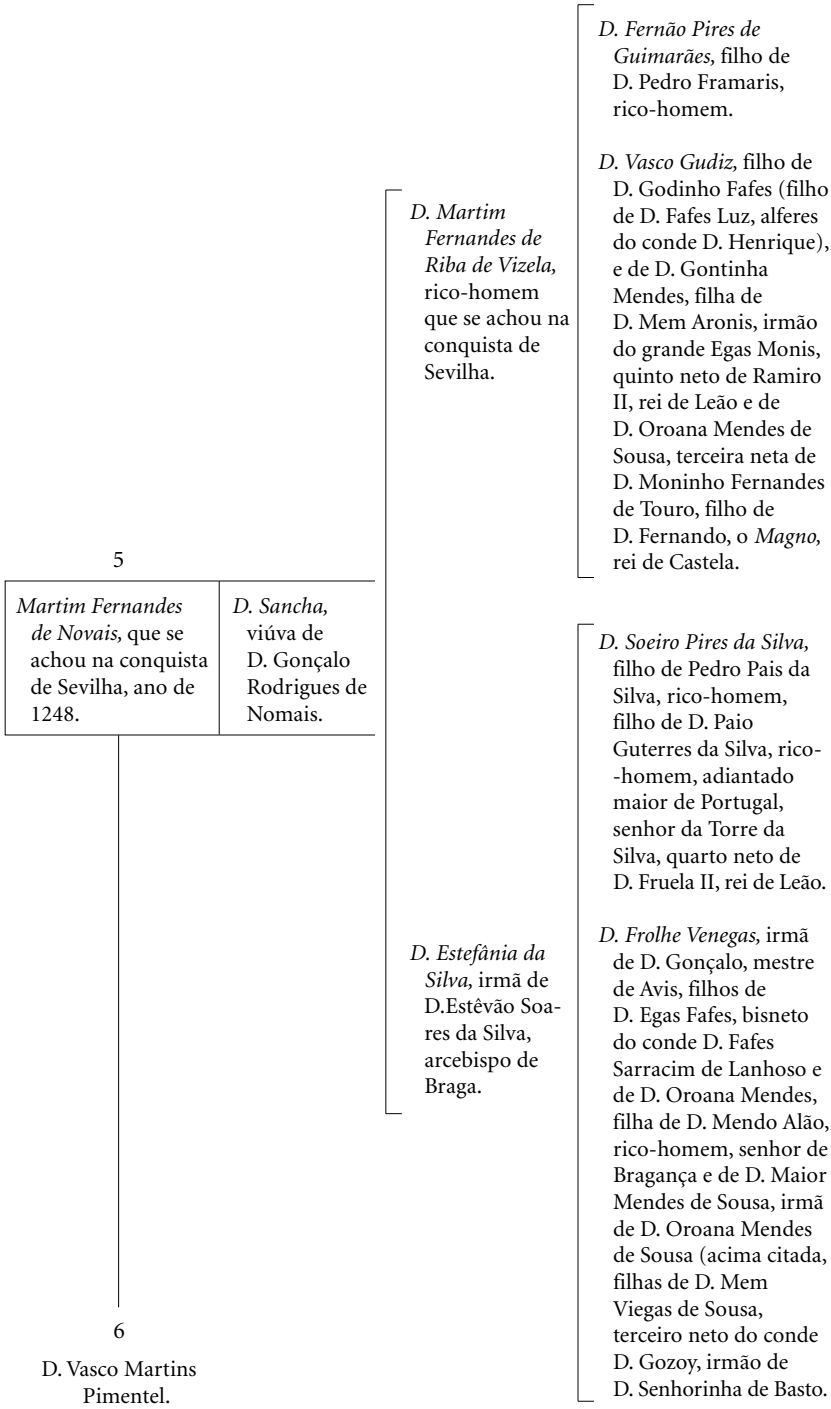
Do inventário de Aires Ferreira de Sá consta ter tido só os filhos mencionados na árvore e se mostra da sentença de partilhas o que coube a D. Ângela, junta a uns autos entre Baltasar Machado e Pero Álvares Pereira, que estavam em poder de João Ferreira Sarmento Pimentel, com esta nota .

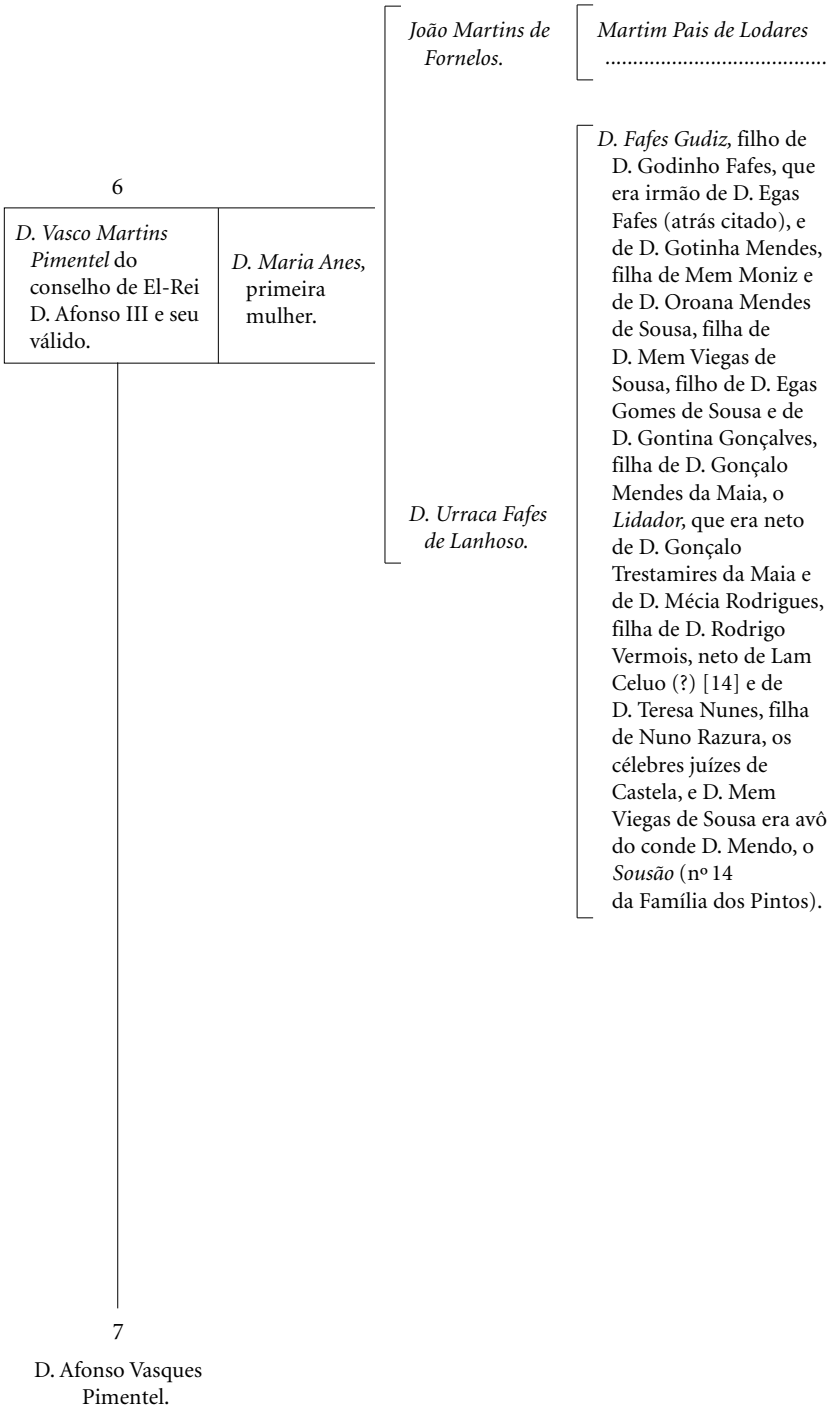
O comendador Francisco Ferreira de Sá deixou três filhos: Martim Ferreira, D. Isabel e D. Violante. Martim Ferreira teve o fôro de moço fidalgo, sendo depois elevado a fidalgo escudeiro e mais tarde a fidalgo cavaleiro, como se vê do seu alvará registado no III livro da matrícula, fol. 147, em 8 de Março de 1559, e de outra certidão da mesma matrícula, de 7 de Fevereiro de 1568. Em alguns memoriais desta família é-lhe dado o nome de Francisco, afirmando-se também que não tivera geração, em virtude do que ficou quebrada a varonia nesta linha, o que se comprova e confirma nas averiguações que tenho feito, pois recaiu em seu cunhado e irmã Aires Ferreira de Sá e sua mulher D. Isabel, a mercê dos seus serviços, que consta do padrão de 40 reis (?) de tença, de que Sua Magestade lhes fez doação em 1 de Setembro de 1588. Pelos serviços prestados por António Ferreira, Cristóvão Ferreira, Aires Ferreira de Sá, que morreram na Índia solteiros, sem geração, obtiveram os mesmos Aires Ferreira de Sá e sua mulher o fôro de fidalgos. Tudo isto consta dos documentos juntos à justificação referida, feita por João Ferreira Sarmento Pimentel em 10 de Abril de 1724.

Varonia dos Pimenteis

O esquema genealógico que a seguir inserimos foi feito por João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do habito de Cristo, provedor do exército que em 1710 se organizou na província de Trás-os-Montes para a restauração da praça de Miranda e superintendente da cavalaria.




5
Martim Fernandes de Novais, que se achou na conquista de Sevilha, ano de 1248.
D. Sancha, viúva de D. Gonçalo Rodrigues de Nomais.
D. Martim Fernandes de Riba de Vizela, rico-homem que se achou na conquista de Sevilha.
D. Fernão Pires de Guimarães, filho de D. Pedro Framaris, rico-homem.
D. Vasco Gudiz, filho de D. Godinho Fafes (filho de D. Fafes Luz, alferes do conde D. Henrique), e de D. Gontinha Mendes, filha de D. Mem Aronis, irmão do grande Egas Monis, quinto neto de Ramiro II, rei de Leão e de D. Oroana Mendes de Sousa, terceira neta de D. Moninho Fernandes de Touro, filho de D. Fernando, o Magno, rei de Castela.
D. Estefânia da Silva, irmã de D.Estêvão Soares da Silva, arcebispo de Braga.
D. Soeiro Pires da Silva, filho de Pedro Pais da Silva, rico-homem, filho de D. Paio Guterres da Silva, rico-homem, adiantado maior de Portugal, senhor da Torre da Silva, quarto neto de D. Fruela II, rei de Leão.
D. Frolhe Venegas, irmã de D. Gonçalo, mestre de Avis, filhos de D. Egas Fafes, bisneto do conde D. Fafes Sarracim de Lanhoso e de D. Oroana Mendes, filha de D. Mendo Alão, rico-homem, senhor de Bragança e de D. Maior Mendes de Sousa, irmã de D. Oroana Mendes de Sousa (acima citada, filhas de D. Mem Viegas de Sousa, terceiro neto do conde D. Gozoy, irmão de D. Senhorinha de Basto.
6
D. Vasco Martins Pimentel.


João Martins de Fornelos.
Martim Pais de Lodares
.....
D. Fafes Gudiz, filho de D. Godinho Fafes, que era irmão de D. Egas Fafes (atrás citado), e de D. Gotinha Mendes, filha de Mem Moniz e de D. Oroana Mendes de Sousa, filha de D. Mem Viegas de Sousa, filho de D. Egas Gomes de Sousa e de D. Gontina Gonçalves, filha de D. Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, que era neto de D. Gonçalo Trestamires da Maia e de D. Mécia Rodrigues, filha de D. Rodrigo Vermois, neto de Lam Celuo (?) [14] e de D. Teresa Nunes, filha de Nuno Razura, os célebres juízes de Castela, e D. Mem Viegas de Sousa era avô do conde D. Mendo, o Sousão (nº 14 da Família dos Pintos).
D. Urraca Fafes de Lanhoso.
6
D. Vasco Martins Pimentel do conselho de El-Rei D. Afonso III e seu válido.
D. Maria Anes, primeira mulher.
7
D. Afonso Vasques Pimentel.

Estêvão Anes de Maceira, filho de João Lourenço de Maceira.

Fernão Esteves de Maceira, o Pintalho.

D. Urraca Viegas de Portocarreiro, irmã de D. João Viegas de Portocarreiro, arcebispo de Braga, filhos de D. Egas Henriques de Portocarreiro, neto de D. Fernando Afonso de Toledo, rico-homem.

7

D. Afonso Vasques Pimentel, irmão de D. Lourenço Vasques Pimentel, mestre da Ordem de Santiago em Portugal.

D. Sancha.

D. Nuno Martins de Chacim, rico-homem, adiantado maior das províncias da Beira e Minho, filho de D. Martim Pires de Chacim e de D. Froilhe Nunes, filha de D. Nuno Pires de Bragança, filho de D. Pero Fernandes Bargação e de D. Froilhe, filha de D. Sancho Nunes de Barbosa, filho do conde D. Nuno de Celanova, irmão de S. Rosendo, bispo de Dume, e de D. Teresa, filha natural de D. Afonso Henriques

D. Maria Nunes.

D. Sancha, irmã do grande D. Paio Correia, décimo sexto mestre da Ordem de Santiago, filho de Pero Pais Correia, filho de D. Paio Soares Correia, o *Velho,* e de D. Maria Gomes da Silva, filha do conde D. Gomes Pais da Silva, quinto neto de D. Fruela II, rei de Leão.

8

João Afonso Pimentel.

Martim Gonçalves de Morais, filho de Gonçalo Rodrigues de Morais, chefe desta família, que deu ao patriarca S. Francisco a capela de Santa Catarina e terreno para fundar o convento de Bragança, ano de 1214; povoou o lugar de Morais, no mesmo distrito, a que deu o nome, e casou com D. Constança Soares, filha de Soeiro Dias, filho de Diogo Gonçalves e de D. Urraca Mendes, filha de D. Fernão Mendes de Bragança e de D. Sancha Viegas de Baião. Gonçalo Rodrigues de Morais era filho de D. Rodrigo Garcês, mestre de Calatrava, filho do conde D. Garcia Garcês de Aza e de D. Leonor Fortunes, filha de Fortum Lopes, senhor de Sória, da família dos Morais, daquela cidade. O conde D. Garcia Garcês era filho do conde D. Garcia de Cabra, neto do conde D. Garcia de Naxara e da infanta D. Elvira, senhora da cidade de Touro, filha de D. Fernando I, rei de Castela e Leão, bisneto do conde D. Garcia, senhor de Aza, terceiro neto de D. Fernando Gonçalves de Aza, quarto neto de D. Gonçalo Fernandes, senhor de Aza, filho de D. Fernão Gonçalves, conde de Castela, e de D. Sancha, infanta de Navarra. Do mestre de Calatrava foi irmã D. Joana Garcês, mulher de D. Fernando Rodrigues de Gusmão, rico-homem, pai de S. Domingos, glorioso fundador da Ordem dos Pregadores.

D. Elvira Pires.

Rui Martins de Morais, chefe dos Morais, alcaide-mor de Bragança, padroeiro da Capela de Santa Catarina, na sala do Capítulo do convento de S. Francisco de Bragança.

Gonçalo Rodrigues de Moreira.

D. Maior Martins, filha de D. Martim Martins, infanção de Beja, filho de Martim Fernandes d'Ulguezes, alcaide-mor de Leiria.

D. Alda Gonçalves de Moreira, primeira mulher.

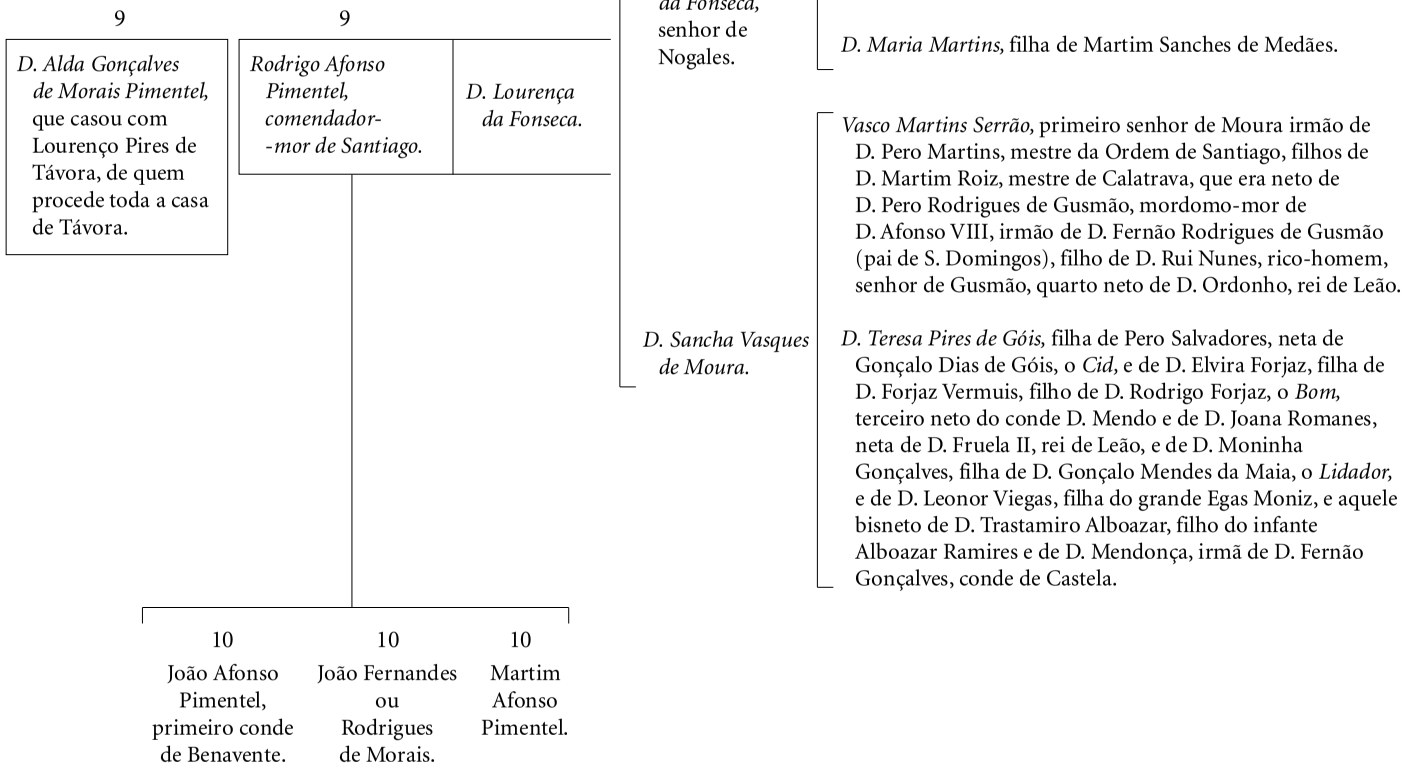
8

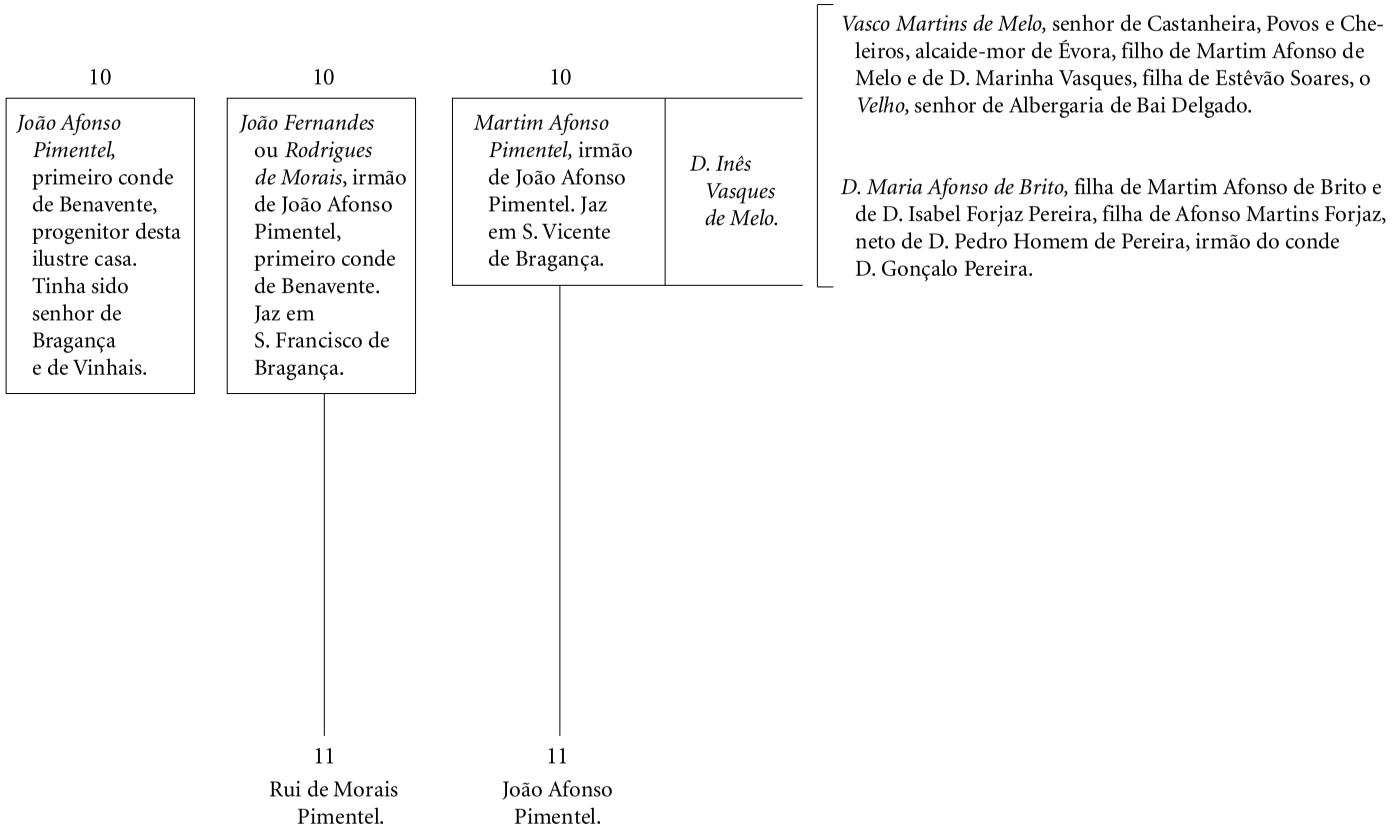
João Afonso Pimentel.

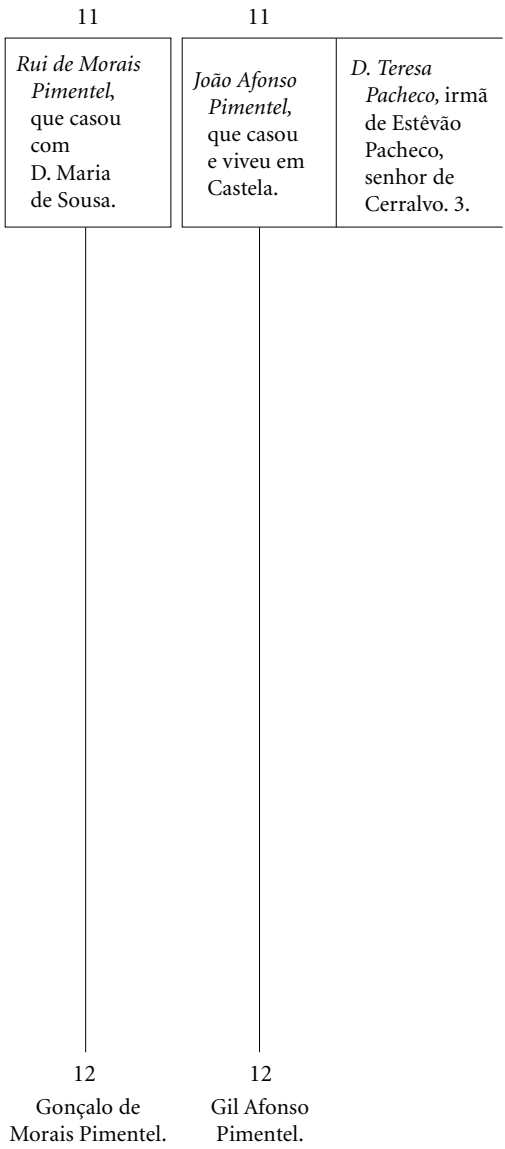
D. Constança Rodrigues de Morais.

9 *D. Alda Gonçalves de Morais Pimentel.*

9 *Rodrigo Afonso Pimentel.*


9
D. Alda Gonçalves de Morais Pimentel, que casou com Lourenço Pires de Távora, de quem procede toda a casa de Távora.
9
Rodrigo Afonso Pimentel, comendador-mor de Santiago.
D. Lourença da Fonseca.
Lourenço Vasques da Fonseca, senhor de Nogales.
Vasco Mendes de Fonseca, filho de Mem Gonçalves da Fonseca e de D. Maria Pires de Tavares
D. Maria Martins, filha de Martim Sanches de Medães.
D. Sancha Vasques de Moura.
Vasco Martins Serrão, primeiro senhor de Moura irmão de D. Pero Martins, mestre da Ordem de Santiago, filhos de D. Martim Roiz, mestre de Calatrava, que era neto de D. Pero Rodrigues de Gusmão, mordomo-mor de D. Afonso VIII, irmão de D. Fernão Rodrigues de Gusmão (pai de S. Domingos), filho de D. Rui Nunes, rico-homem, senhor de Gusmão, quarto neto de D. Ordonho, rei de Leão.
D. Teresa Pires de Góis, filha de Pero Salvadores, neta de Gonçalo Dias de Góis, o Cid, e de D. Elvira Forjaz, filha de D. Forjaz Vermuis, filho de D. Rodrigo Forjaz, o Bom, terceiro neto do conde D. Mendo e de D. Joana Romanes, neta de D. Fruela II, rei de Leão, e de D. Moninha Gonçalves, filha de D. Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, e de D. Leonor Viegas, filha do grande Egas Moniz, e aquele bisneto de D. Trastamiro Alboazar, filho do infante Alboazar Ramires e de D. Mendonça, irmã de D. Fernão Gonçalves, conde de Castela.
10
João Afonso Pimentel, primeiro conde de Benavente.
10
João Fernandes ou Rodrigues de Morais.
10
Martim Afonso Pimentel.


10
João Afonso Pimentel, primeiro conde de Benavente, progenitor desta ilustre casa. Tinha sido senhor de Bragança e de Vinhais.
10
João Fernandes ou Rodrigues de Morais, irmão de João Afonso Pimentel, primeiro conde de Benavente. Jaz em S. Francisco de Bragança.
10
Martim Afonso Pimentel, irmão de João Afonso Pimentel. Jaz em S. Vicente de Bragança.
D. Inês Vasques de Melo.
Vasco Martins de Melo, senhor de Castanheira, Povos e Cheleiros, alcaide-mor de Évora, filho de Martim Afonso de Melo e de D. Marinha Vasques, filha de Estêvão Soares, o Velho, senhor de Albergaria de Bai Delgado.
D. Maria Afonso de Brito, filha de Martim Afonso de Brito e de D. Isabel Forjaz Pereira, filha de Afonso Martins Forjaz, neto de D. Pedro Homem de Pereira, irmão do conde D. Gonçalo Pereira.
11
Rui de Morais Pimentel.
11
João Afonso Pimentel.



João Pacheco, segundo senhor de Cerralvo, filho de Estêvão Pacheco, neto de Lopo Fernandes Pacheco, filho de Diogo Lopes Pacheco, rico-homem, senhor de Ferreira, e de D. Joana Vasques, filha de D. Vasco Pereira, senhor de Cabeceiras de Basto, filho do conde D. Gonçalo Pereira e de D. Urraca Vasques, filha de D. Vasco Martins Pimentel (6º, atrás citado).

D. Isabel Valente, filha de Martim Afonso Valente, alcaide-mor de Lisboa, senhor do morgadio da Póvoa; esta D. Isabel é mulher de Lopo Pacheco. A mulher de João Pacheco, segundo senhor de Cerralvo, foi D. Maria de Castro, filha de D. Álvaro Rodrigues de Castro, adiantado-mor de Leão.

Gonçalo Rodrigues de Morais, chefe dos Morais, padroeiro da capela de Santa Catarina do capítulo de S. Francisco de Bragança e natural da mesma cidade (do arquivo da família consta que teve o título de vassalo), filho de Rui de Morais e de D. Leonor de Morais; neto de Gonçalo Roiz de Morais e de D. Genebra Gonçalves de Macedo; bisneto de Martim Gonçalves de Morais e de D. Lourença Pires de Távora, filha do primeiro Lourenço Pires de Távora e de D. Guiomar Rodrigues da Fonseca, filha de Rui Pais de Agares e irmã do segundo Lourenço Pires de Távora, que casou com D. Alda Gonçalves (9º, atrás citada), prima coirmã de Martim Gonçalves de Morais, filho de Gonçalo Rodrigues de Morais e de D. Estefânia Soares; neto de Rui Martins de Morais (8º atrás citado) e de D. Urraca Gonçalves, de Leiria, segunda mulher.

D. Maria de Sousa.

12

Gonçalo de Morais Pimentel, que casou com D. Inês Rodrigues de Morais, irmã de Gonçalo Roiz de Morais, filho de Rui de Morais e de D. Leonor.

13

Rui de Morais.

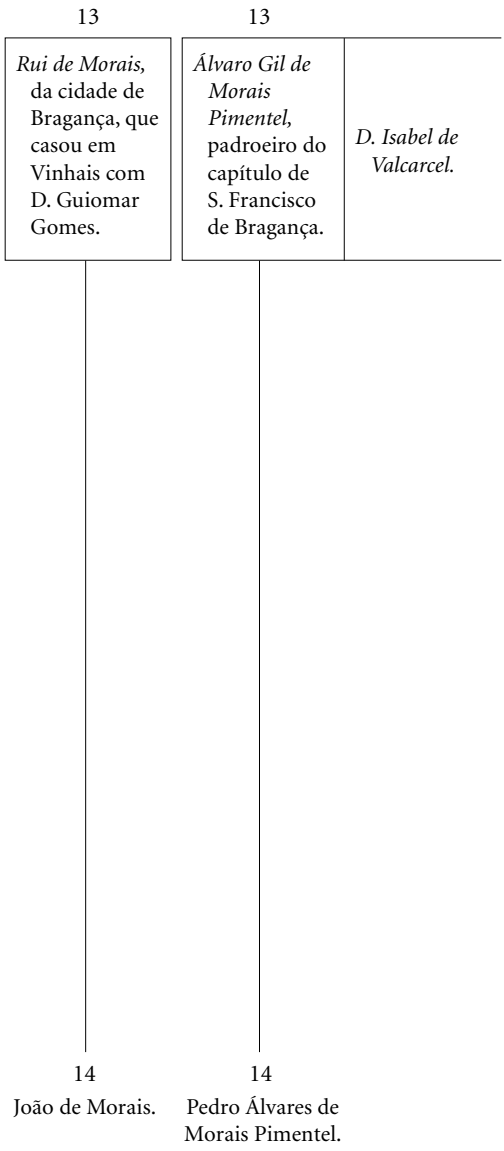
12

Gil Afonso Pimentel, que passou a Portugal com Afonso Pimentel, terceiro conde de Benavente, na perseguição de D. Álvaro de Luna, e casou em Bragança.

13

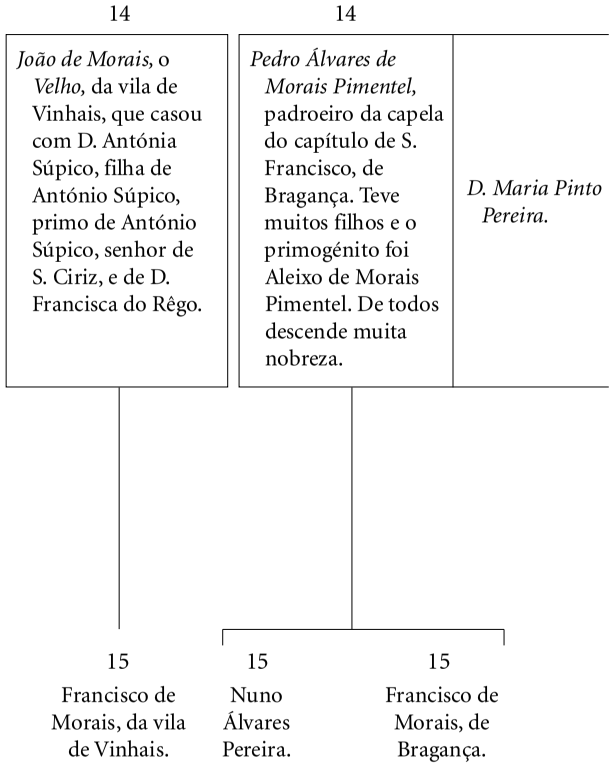
Álvaro Gil de Morais Pimentel.

D. Leonor de Morais, filha única, parente em quinto e sexto grau.



João Rodrigues de Valcarcel, linhagem antiga e ilustre do reino da Galiza, terceiro neto de Garcia Rodrigues de Valcarcel, adiantado-mor da Galiza e irmão de D. Constança, que outros chamam D. Maior de Valcarcel, da qual D. Afonso Osório de Castro, era parente em quarto grau (como filho de Pero Alz. Osório, primeiro conde de Lemos, neto de Rodrigo Alz. Osório, segundo senhor de Cabrera, bisneto de Pero Alz. Osório, o *Bom,* primeiro senhor de Cabrera, e de D. Constança de Valcarcel, filha do adiantado Garcia Rodrigues de Valcarcel, terceiro avô de D. Afonso Osório), teve filho natural a D. Rodrigo Henriques de Castro Osório, segundo conde de Lemos, que foi pai de D. Beatriz de Castro, terceira condessa de Lemos, casada com D. Diniz de Portugal, irmão do duque de Bragança D. Jaime, e tiveram a D. Fernando, quarto conde de Lemos e D. Isabel de Castro, quinta duquesa de Bragança, mulher do duque D. Teodósio.

D. Constança, ou *D. Maior de Valcarcel,* que casou com D. Álvaro de Lozada, senhor do Rio Negro (16º, adiante citado).

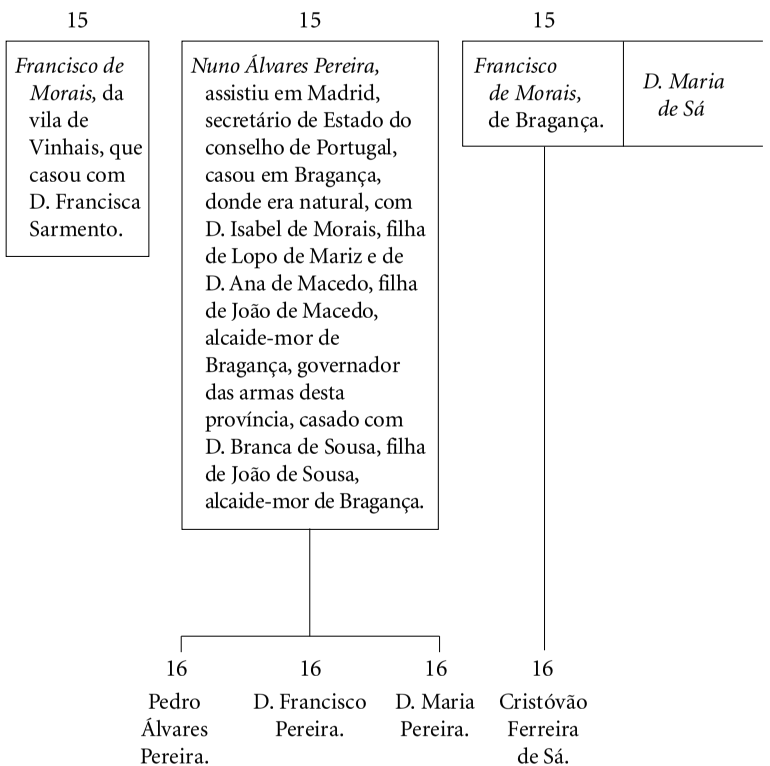


Gonçalo Vasques Guedes, da ilustre linhagem Guedes de Murça.

D. Maria Pereira Pinto, irmã de Frei D.º de Murça, reitor da Universidade de Coimbra, filhos de Nuno Álvares Pereira e de D. Isabel Pereira de Sampaio, filha de Rui Lopes de Sampaio, senhor de Anciães.

Nuno Álvares Pereira era filho de Rui Vaz Pinto, senhor de Ferreiros e Tendais, e de D. Catarina de Melo; neto de Aires Pinto e de D. Constança Pereira; bisneto de Vasco Garcês Pinto e de D. Urraca Vasques de Sousa; terceiro neto de Garcia Guterres Pinto, rico-homem, e de D. Maria Gomes Abreu; quarto neto de Guterres Soares de Menezes, rico-homem (filho de D. Soeiro Teles, rico-homem, filho de D. Telo, primeiro senhor de Menezes, filho de D. Pero Bernardes de S. Fagundo; quinto neto de D. Fruela II, rei de Leão, e de D. Elvira Anes Pinto, filha de D. João Garcia de Sousa, o *Pinto* (de quem procede a família dos Pintos, por parte de sua filha D. Elvira), filho de D. Garcia Mendes de Sousa e de D. Elvira, neto do conde D. Mendo de Sousa, o *Sousão* (filho da infanta D. Teresa, filha natural do rei D. Afonso Henriques), que casou com D. Maria Rodrigues Velasco, filha de D. Rodrigo Veloso, neto (?) de D. Ramiro II, rei de Leão.

D. João Garcia de Sousa, o *Pinto,* que casou com D. Urraca, filha de D. Fernão Pires Pelegrim, filho de D. Pero Viegas (descendente do grande Egas Moniz) e da infanta D. Urraca Afonso, filha natural de D. Afonso Henriques.



Cristóvão de Morais, da vila de Vinhais.

D. Genebra Ferreira de Sá, irmã de Francisco Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, comendador de Lamas e Corujas na Ordem de Cristo, e do Doutor Pero Ferreira, desembargador do Paço, filhos de Lopo Ferreira, fidalgo da Casa Real, e de D. Violante de Sá (ver nº 15 na árvore dos Ferreiras).

16

Pedro Álvares Pereira, do conselho de Estado, conde de Muja, senhor de Serra Leoa, que casou com D. Mécia de Faro, filha de D. Fernando de Faro, senhor de Barbacena. Não deixou descendência.

16

D. Francisco Pereira, do conselho de El-Rei, bispo de Miranda e de Lamego.

16

D. Maria Pereira, que casou com Diogo Botelho, governador do Brasil, pai do grande Nuno Álvares Botelho, governador da Índia, pai de Francisco Botelho, primeiro conde de S. Miguel.

16

Cristóvão Ferreira de Sá.

16

Cristóvão Ferreira de Sá.

16

Cristóvão Ferreira de Sá.	*D. Maior Sarmento de Lozada.*

Francisco de Morais, da vila de Vinhais. (Ver nº 15)

João de Morais, o *Velho,* natural de Vinhais. (Ver nº 14).

D. Antónia Súpico.

D. Francisca Sarmento

Bernardo de Lozada, senhor do couto de Marmontelos, na Galiza (irmão, pelo lado materno, de D. Rodrigo II, conde de Lemos), filho de D. Álvaro de Lozada, senhor de Rio Negro (de quem procedem os marqueses de Vrauce; os Lozadas descendem de Mem Rodrigues, senhor de Seabra) e de D. Maior de Valcarcel, mãe do conde D. Rodrigo, ambos descendentes do adiantado da Galiza, Garci Rodrigues de Valcarcel. (Ver nº 13.)

D. Maior Sarmento de Arelhano (descendente, pela linhagem de Arelhano, de João Ramires de Arelhano, rico-homem, primeiro senhor de los Cameros, de quem procedem os condes de Aguilar, quarto neto de D. Sancho Ramires, irmão de D. Garcia Ramires (o *Restaurador),* rei de Navarra, filhos de D. Ramiro e de D. Elvira, filha de Rui Dias, senhor de Vivar e de Valença, por antonomásia o *Cid),* filha de D. João de Lozada, senhor das vilas de Mesquita, Frieiras e Val de Cervos (filho de Garcia Dias de Quadornega, senhor da Queiba Val de Conso e Val de Lubião, casado com D. Maior Álvares de Lozada) e de D. Francisca Sarmento, filha de D. Pero Sarmento, filho de D. António Sarmento, filho de D. Bernardino Sarmento, primeiro conde de Ribadávia, irmão de D. Diogo Pires Sarmento, conde de Ribadávia, ambos filhos de Garci Fernandes Sarmento, alferes-mor de El-rei D. João II, adiantado-mor da Galiza, como tinham sido seu pai e avós, e de D. Elvira Manrique de Lara; e filhos de D. Diogo Sarmento, adiantado-mor da Galiza, que era irmão de Garci Fernandes Sarmento, progenitor dos condes de Salvaterra, Sabroso e Gondomar que teve de sua segunda mulher, D. Maria Manuel, filha de D. Sancho Manuel e de D. Genebra da Cunha Girão, a D. António Sarmento, cavaleiro do hábito de Santiago, alcaide-mor de Burgos, que casou com D. Maria de Mendonça, pais de D. Luiz Sarmento, que casou com D. Catarina de Pesquera y

del Castilho, de quem eram filhos D. Francisco Sarmento, bispo de Astorga, Jaen e D. António Sarmento de Mendonça, cavaleiro do hábito de Calatrava. Este último deixou, entre outros, um filho de nome Jerónimo Luís Sarmento, que casou com D. Inês da Costa, irmã de Francisco da Costa Homem, alcaide-mor de Bragança, de quem eram netos Lopo Sarmento, alcaide-mor da mesma cidade, os seus cinco irmãos, que casaram, e D. Francisca Sarmento, de quem descendem, nesta província, os Sarmentos. O pai de Lopo Sarmento foi Jácome Luís Sarmento.

16
Baltasar
Sarmento Ferreira.

17

Baltasar Sarmento Ferreira. — *D. Joana de Sá.*

João de Morais. — .....
.....

D. Isabel de Sá. — *Aires Ferreira de Sá,* fidalgo da Casa Real, filho de Cristóvão de Morais e de D. Genebra Ferreira de Sá (Ver nº 15, na árvore dos Ferreiras).

D. Isabel Ferreira de Sá, filha de Francisco Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, comendador de Lamas e Corujas, e de D. Paulina de Guimarães, filha de A.º de Guimarães, comendatário de muitas igrejas, e de D. Isabel Anes.

18

João Ferreira Sarmento Pimentel.

18

João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, comissário geral das tropas da ordenança da província de Trás-os--Montes, governador do forte de S. João de Deus e de Miranda.

D. Ana Ferreira, sua prima.

Gaspar Ferreira Sarmento.

Cristóvão Ferreira de Sá (ver nº 16).

D. Maior Sarmento de Lozada.

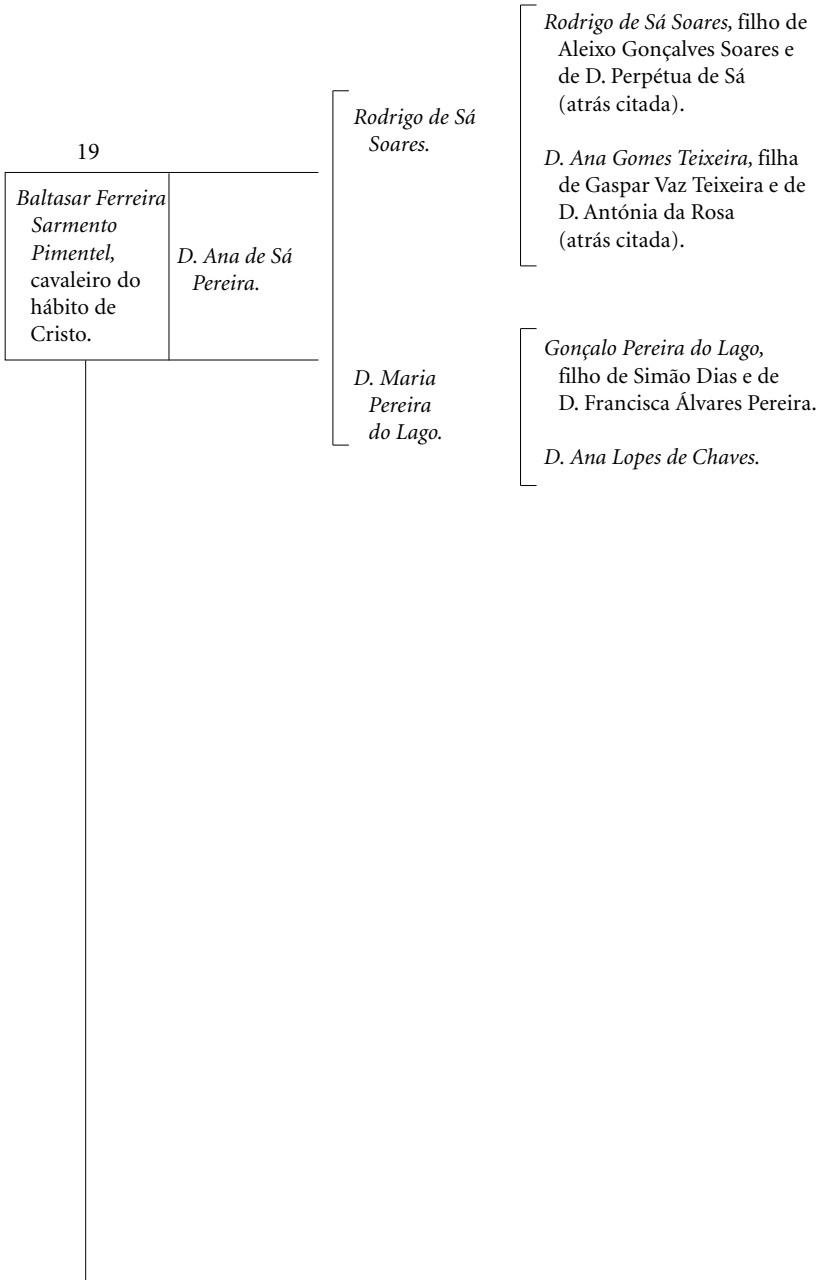
D. Ana Vaz Teixeira.

Vasco Anes Teixeira, filho de Gaspar Vaz Teixeira e de D. Antónia da Rosa.

D. Isabel Pinheiro, filha de Aleixo Gonçalves Soares (filho de Gonçalo Aires de Sá e de D. Maior Teixeira) e de D. Perpétua de Sá.

19

Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel.


19
Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel, cavaleiro do hábito de Cristo.
D. Ana de Sá Pereira.
Rodrigo de Sá Soares.
D. Maria Pereira do Lago.
Rodrigo de Sá Soares, filho de Aleixo Gonçalves Soares e de D. Perpétua de Sá (atrás citada).
D. Ana Gomes Teixeira, filha de Gaspar Vaz Teixeira e de D. Antónia da Rosa (atrás citada).
Gonçalo Pereira do Lago, filho de Simão Dias e de D. Francisca Álvares Pereira.
D. Ana Lopes de Chaves.
20
João Ferreira Sarmento Pimentel.

20

João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, provedor da ordenança que se formou na província de Trás-os--Montes em 1710, etc.

D. Inácia Maria de Vasconcelos

Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos, do hábito de Cristo.

Lucas de Gouveia de Vasconcelos, filho de Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos. (Ver a *Árvore de Costado*, fol. 14 v.)

D. Maria de Gouveia, filha de Manuel de Gouveia e de D. Isabel Venegas.

D. Maria de Madureira.

(Ver notícia adiante)

Luiz Botelho de Sequeira, filho de Jorge Botelho de Sequeira. (Ver a *Árvore de Costado*, fol. 16 v.)

D. Luísa Ferreira de Sá, filha de Luís Ferreira Leitão e de D. Juliana de Sá.

21

João Ferreira Sarmento de Lozada.

21

João Ferreira Sarmento de Lozada, fidalgo da Casa Real.	*D. Maria Leonor de Vasconcelos.*

José Luís de [V.as] (?)

D. Isabel.

D. Maria de Madureira (atrás citada, ver nº 20), que casou com Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos, cavaleiro do hábito de Cristo, era parente, em quarto grau, de Manuel Teles da Silva, segundo conde de Vilar Maior e primeiro marquês de Alegrete, como segue:

Afonso Botelho, meirinho do Paço, fidalgo da Casa Real
que casou com D. Isabel Botelho.

Luiz Botelho de Sequeira (o *Velho*), fidalgo, que casou com D. Ana Rodrigues de Magalhães.	1º	*D. Guiomar de Sequeira,* que casou com Simão Ferreira.
Jorge Botelho de Sequeira, que casou com D. Maria de Proença de Fonseca.	2º	*D. Luísa de Almeida,* que casou com Simão da Cunha, trinchante da Casa Real.
Luiz Botelho de Sequeira, juiz dos órfãos de Moncorvo, que casou com D. Luísa Ferreira de Sá.	3º	*D. Mariana de Mendonça,* que casou com Fernão Teles de Menezes, primeiro conde de Vilar Maior.
D. Maria de Madureira, que casou com Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos.	4º	*Manuel Teles da Silva,* segundo conde de Vilar Maior e primeiro marquês de Alegrete.
D. Inácia Maria de Vasconcelos, que casou com João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real.	5º	*Fernando Teles da Silva,* terceiro conde de Vilar Maior e segundo marquês de Alegrete, e João Gomes da Silva, conde de Tarouca.
João Ferreira Sarmento de Lozada, fidalgo da Casa Real (ver nº 21).	6º	*Manuel Teles da Silva,* quarto conde de Vilar Maior, terceiro marquês de Alegrete.

Notas biobibliográficas

As notícias que acabámos de relatar sobre os Ferreiras, de Bragança, são copiadas de um manuscrito, in-fólio pequeno, que teve encadernação e hoje lhe faltam as capas, bem como os primeiros vinte fólios que foram cortados. Pertence este manuscrito ao coronel Francisco Ferreira Sarmento, morador na rua do Pinheiro número 31 – Porto.

A paginação, feita de frente, vai, no original, até ao fólio 56º, seguindo depois sem paginação até ao 69º, último que está manuscrito, continuando seguidamente muitas folhas em branco.

A tinta cortou já o papel em vários pontos. Para facilidade das citações e referências, continuei a paginação até ao fólio 69º, pondo os números entre parêntesis.

Pela inspecção da caligrafia pareceu-me que até ao fólio 34º v. foi este manuscrito obra de um escritor; deste até 42º de outro; outro o levara até ao fim e ainda outros lhe vieram, posteriormente, fazendo acréscimos, notas e esclarecimentos.

Parece-me que um dos escritores era de Moncorvo, pois no fólio 32º, tratando de D. Isabel de Madureira, diz que viveu na vila de Moncorvo «aonde veio casar da do Vimioso».

Não usaria a fórmula – «aonde veio casar»... se o autor não vivesse em Moncorvo; no entanto, é muito timidamente que aventamos esta hipótese.

Outro dos escritores vivia indubitavelmente em Rio de Fornos, pois no fólio 39º diz que «D. Hierónima de Sá casou com António de Morais Borges, filho de Manuel de Morais Borges *deste Rio de Fornos de Vinhaes*».

Outro dos escritores devia ter vivido em Bragança, pois no fólio (58º v.) diz «D. Hierónima, religiosa no mosteiro de Santa Clara *desta cidade*» [Bragança].

Foi escrito em épocas diversas, pois consta dos fólios 41º v. (e 57º), haverem sido escritos, respectivamente, nos anos de 1705 e 1733.

Em 1720 fundou-se a Academia Real de História Portuguesa, cujos membros tomaram a seu cargo a história eclesiástica e profana do reino, dividindo-o, para isso, em secções mais ou menos de harmonia com as províncias administrativas.

Os académicos – dois para cada secção: um para assuntos eclesiásticos e outro para os seculares – puseram-se em relação com os indivíduos que nessas províncias melhor podiam informá-los.

O bispado de Bragança tocou ao académico Fr. Fernando de Abreu, e os que lhe forneceram notícias foram: sobre Bragança, José Cardoso Bor-

ges; sobre Miranda do Douro, o doutor Manuel de Matos Botelho, abade de Duas Igrejas; sobre Ansiães, o padre João Pinto de Morais e António de Sousa Pinto; as Câmaras Municipais de Vila Flor, Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta também coordenaram as notícias que lhes diziam respeito e que se acham arquivadas (manuscritas) na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Entre essas notícias avultam as genealógicas e por isso, à primeira vista, poderia supor-se que este manuscrito tivesse relação com tal assunto. A sua leitura, porém, mostra tratar-se particularmente da árvore de uma família – a dos Ferreiras – escrita por pessoas diferentes, em tempos diversos, com acréscimos, notas e esclarecimentos posteriores.

Pelo que se diz nos fólios 51º (e 57º), vê-se que, nos fólios que foram cortados no princípio, havia a genealogia dos morgados de Tuizelo e a dos Ferreiras, e mais se mostra (fólio 51º) que a destes últimos andava errada, motivo este, a meu entender, que determinou o corte das folhas até à 20ª inclusive, para depois escreverem tudo mais exatamente no fólio (57º) e seguintes.

Foi pois um Ferreira, de Bragança, que escreveu, ou fez escrever, a última parte deste códice. A meu ver foi João Ferreira Sarmento Pimentel, que casou com D. Inácia Maria de Vasconcelos e que viveu entre os anos de 1705 e 1733, a quem largamente nos temos referido.

É de crer que a labuta a que se impôs José Cardoso Borges para mandar à Academia as notícias de Bragança, onde muito largamente tratou das genealogias, influísse no ânimo de João Ferreira Sarmento Pimentel para regularizar as respeitantes à sua família, que, segundo o mesmo Borges *(Descrição Topográfica de Bragança,* notícia 14ª, *Ferreiras de Bragança),* conservava no *Tombo do Morgadio* uma lembrança da origem da família e um sumário manuscrito da mesma, em idioma castelhano.

Descendência de D. Violante de Sá

Como no nº 2 dos *Ferreiras de Bragança* se diz que a descendência de D. Violante de Sá se vê no fólio 18º v., e este fólio é um dos que faltam no manuscrito, damos a seguir essa linhagem conforme outro genealogista a descreve. Diz ele:

«Descendência de D. Violante de Sá, filha de Francisco Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, comendador de Lamas e Corujas na Ordem de Cristo que casou com D. Paulina de Guimarães:

1º Francisco Rodrigues de Morais, morgado de Tuizelo, que casou com D. Violante de Sá. Descendência:

2º Duarte Ferreira de Morais, moço fidalgo, que casou com D. Leonor Pinheiro, irmã de D. António Pinheiro, bispo de Miranda. Descendência:

I. *Jerónimo Ferreira de Morais.*

II. *Francisco Ferreira de Sá.*

III. *Valentim de Sá*, deão de Angola.

IV. *D. Isabel de Morais Ferreira*, que casou com Francisco Sarmento de Morais, de Tuizelo.

3º Jerónimo Ferreira de Morais, moço fidalgo, que casou em Chaves com D. Catarina Veloso. Descendência:

I. *Duarte Ferreira de Morais.*

II. *Afonso Ferreira de Sá.*

III. *António de Sá.*

Estes dois últimos eram capitães de infantaria e morreram na Índia.

IV. *Francisco Álvares Veloso.*

E outros.

4º Duarte Ferreira de Morais, moço fidalgo, que casou com D. Jerónima Veloso, sua prima. Descendência:

I. *Jerónimo Ferreira de Morais.*

II. *António Álvares Veloso.*

II. *D. Joana Veloso*, que casou em Mirandela com Belchior Pinto Cardoso.

5º Jerónimo Ferreira de Morais, moço fidalgo, mestre de campo de infantaria auxiliar, que casou com D. Francisca Botelho, filha do doutor Francisco Botelho de Abreu, desembargador da Relação do Porto. Descendência:

I. *Francisco Ferreira de Morais*, moço fidalgo, cavaleiro do hábito de Cristo, que casou com D. Joana de Oliveira, de Bragança. Não deixou descendência.

II. *Duarte Ferreira de Morais.*

III. Doutor *António Ferreira da Silva,* cónego de Miranda, provisor, vigário geral, governador do mesmo bispado e depois abade de Espinhosela.

IV. *João Botelho de Morais*, que casou na vila do Mogadouro com D. Maria Pinto. Deixou descendência.

6º Duarte Ferreira de Morais, moço fidalgo, cavaleiro do hábito de Cristo, de Bragança, governador de Vinhais, que casou com D. Teresa de Morais, filha de Inácio Perestrelo, da mesma vila. Descendência:

I. *Miguel Ferreira de Morais*, moço fidalgo, que casou com D. Francisca Maria Caetano de Morais Pimentel, filha de André de Morais Sarmento, que também teve morgadio em Tuizelo, e de sua mulher D. Ana.

II. *D. Joana Francisca Ferreira,* que casou com Francisco José Sarmento de Lousada, moço fidalgo.

III. *D. Francisca Jerónima,* freira no mosteiro da Conceição de Bragança.

E outras» (98).

Família Ferreiras de Castro Figueiredo (Morgado da Praça)

ANTÓNIO FERREIRA DE CASTRO FIGUEIREDO, solteiro, morgado da Praça (por viver numas casas em frente da Praça da Sé, em Bragança, que hoje pertencem, por compra, a D. Albertina Augusta Carneiro – *Guedelhas* –), faleceu a 1 de Setembro de 1830, deixando por testamenteiro seu primo, o doutor António José de Sousa Ferreira, arcebispo de Lacedemónia, natural de Tinhela, concelho de Valpaços, e na sua falta José Manuel Ferreira de Sousa e Francisco Xavier Ferreira de Sousa, irmãos do arcebispo, que parece tinha também três irmãs: D. Rita Maria Ferreira de Sousa, D. Maria Joaquina Ferreira de Sousa e D. Caetana Ferreira de Sousa, todas primas carnais do morgado da Praça. Este tinha duas irmãs – D. Caetana Joaquina Clara e D. Ana Maria Peregrina – que foram freiras em Santa Clara de Bragança (99).

Segundo diz a tradição, era tal o valimento que este morgado tinha para com El-Rei D. João VI que, quando lhe fazia algum pedido, monologava o monarca: «*pois é preciso fazê-lo; pede o nosso António de Bragança*».

Deixou um filho natural, que vivia em Pinela, concelho de Bragança, onde era conhecido por morgado de Pinela, que casou com a célebre criminosa chamada Miquelina, a qual, numa das suas trágicas proezas, lhe apresentou um dia na mesa, ao jantar, os olhos duma criada que assassinara, só por ouvir dizer ao marido que eles eram muito lindos!...

O doutor António José de Sousa Ferreira, arcebispo de Lacedemónia, notável filólogo e escritor, memorado no *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio Francisco da Silva, nasceu em Tinhela a 15 de Janeiro de 1771 e recebeu ordens de missa em 1802.

(98) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* Ferreiras de Bragança, fol. 461 (mihi).

(99) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 194, fol. 53 v., onde vem transcrito o seu testamento.

O património para se ordenar foi-lhe dado, além de seus pais, por José António Alves Teixeira, confirmado de Nuzelos, Lourenço Pinheiro e sua mulher D. Rita Maria Pinto de Faria, de Tinhela, e padre Francisco de Sá Miranda, de Bobadela. O doutor A. de Sousa Ferreira era filho de José de Sousa e Freitas, de Tinhela, e de D. Rita Ferreira de Castro, do Vimioso, neto paterno de José de Sousa, de Tinhela, e de D. Ana Maria Moimenta, de Oucidros, e materno de António Ferreira de Castro e de D. Arcângela de Morais, da Ferradosa (100).

Família Ferreira Lima

José António Ferreira de Lima, primeiro visconde de Ferreira de Lima, nasceu em Bragança a 12 de Janeiro de 1804 e faleceu em...

Era filho de Francisco José Ferreira de Lima, negociante da praça de Bragança, proprietário e antigo capitão de ordenanças, e de D. Brites Inácia.

Exerceu os cargos de Juiz da Relação de Lisboa e Juiz conservador da nação francesa. Casou em 1857 com D. Amélia Augusta de Campos, filha natural, legitimada, de Manuel de Campos Pereira, proprietário, capitalista e negociante da praça do Comércio, de Lisboa.

Por alvará de 19 de Fevereiro de 1866 foi nomeado fidalgo-cavaleiro da Casa Real, sendo-lhe conferido o título de visconde por carta de 14 de Janeiro de 1880.

O visconde de Ferreira de Lima era do conselho de El-rei D. Luís, comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e da de lsabel, a CatóIica, de Espanha, e Juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

Deixou um filho, Francisco de Campos Ferreira de Lima, que nasceu a 26 de Setembro de 1860 (segundo visconde deste título), bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, que segue a magistratura, tendo sido já delegado na comarca de Vila Nova de Foz Côa (101).

(100) Museu Regional de Bragança, maço *Ordinandos, Tinhela.*
(101) *Portugal: Dicionário histórico*, ..., artigo «Ferreira de Lima».

Família Ferreira de Sá

ANTÓNIO FERREIRA DE SÁ, natural de Bragança, filho de Jerónimo Ferreira de Morais, moço fidalgo, e neto de Duarte Ferreira de Morais.

Fidalgo-capelão por alvará de 1 de Julho de 1694 (102).

Família Ferreira de Sá Sarmento

1º JOÃO ANTÓNIO JOSÉ FERREIRA DE SÁ SARMENTO, natural de Bragança, filho de Francisco José Sarmento Louzada e de D. Joana Francisca Caetana de Morais, habilitou-se em 1723 para cavaleiro da Ordem de Malta (Letra I. Maço I. Documento II).

2º BALTAZAR FERREIRA SARMENTO, natural de Bragança, filho de Baltazar Ferreira Sarmento e neto de João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, filho de Baltazar Sarmento Ferreira.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 29 de Julho de 1689 (103).

3º ANTÓNIO FERREIRA SARMENTO PIMENTEL, natural de Bragança, filho de João Ferreira Sarmento de Louzada, fidalgo da Casa Real e neto de João Ferreira Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 24 de Outubro de 1739 (104).

4º BALTAZAR FERREIRA SARMENTO PIMENTEL, natural de Bragança, filho de João Ferreira Sarmento, fidalgo da Casa Real e neto de Baltazar Ferreira Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 9 de Junho de 1706 (105).

5º CRISTÓVÃO FERREIRA SARMENTO PIMENTEL, natural de Bragança, filho de João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, e neto de Baltazar Ferreira Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 29 de Julho de 1688 (106).

(102) Livro 8 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 436, in *Dicionário Aristocrático.*
(103) Ibidem, livro 5, fol. 207, idem.
(104) Livro 31 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 36, idem.
(105) Livro 17 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 85 v., idem.
(106) Ibidem, livro 4, fol. 214 v., *idem.*

Família Figueiredos

As notícias que em seguida transcrevemos são extraídas de um manuscrito in-fólio grande, de papel de linho, encadernado, existente em Bragança, que em 1908, ano em que o vimos e estudamos, estava na posse do tabelião-notário José Júlio Chaves de Lemos e actualmente está em poder dos seus herdeiros.

Na capa tem os seguintes títulos, escritos com letra diversa e mais moderna do que a do texto:

Arvore Genealogica

da

familia dos Figueiredos da quinta de Arufe

por

Joseph Cardoso Borges escrivão da Camara

1740

Mais acertado seria o título de *Árvore Genealógica da Família dos Figueiredos de Bragança,* pois é desta família que exclusivamente trata *a Árvore,* como se declara na certidão final. O resto foi inserido posteriormente, talvez pelo visconde de Ervedosa, ou alguém da sua família, nas costaneiras e folhas em branco do manuscrito, como *evidentemente* se conclui da diversidade da letra.

Deste manuscrito, que consta de cinco fólios, apenas copiei completamente o que nele se encontra até ao fólio 3º, inclusive. Dos outros dois fólios só extraí o que interessa ao distrito de Bragança.

1ª CASA

«1º HEITOR DE FIGUEIREDO, foi filho de Diogo de Figueiredo, fidalgo da casa do Sereníssimo Duque D. Jaime; neto de João de Figueiredo e bisneto de João Lourenço de Figueiredo e de sua mulher Senhorinha Gomes de Figueiredo, filha de Gomes Gonçalves da Costa, senhor de Santa Eufémia de Matança e de sua mulher D. Teresa de Figueiredo, filha do bispo de Viseu D. Gonçalo de Figueiredo que primeiro foi casado».

«Certidão passada do Archivo da serenissima Casa de Bragança das mercês na forma referida deste livro de Figueiredo Sarmento a Heitor de Figueiredo passada por Provisão de S. Magestade pelo Padre Manuel Nunes guarda do mesmo Archivo, arcediago que foi da insigne collegiada da capella Real e certidão de brasão de armas a Diogo de Figueiredo passada pelo rei d'armas cavalleiro da Ordem de S. Thiago. Lisboa, 10 de Outubro de 1587. Escrivão Diogo de S. Romão».

«2º E o dito JOÃO LOURENÇO DE FIGUEIREDO, filho segundo de Aires Gonçales de Figueiredo, senhor das terras de Maia e do castello de Gaia e das villas de Figueiró, Pedrogão, Prado e Thavira e de sua mulher D. Leonor Pereira. E Aires Gonçalves de Figueiredo, que se achou na tomada de Ceuta, com noventa annos de idade, pelejando a pé e armado todo o dia; era irmão do bispo de Vizeu D. Gonçalo de Figueiredo, filhos de Gonçalo Garcia de Figueiredo, aio do infante D. João, alcaide-mor da Feira, senhor de Tavira e de sua mulher Constança Rodrigues Pereira».

«3º E neto AYRES GONÇALVES DE FIGUEIREDO de Martim Lourenço de Figueiredo senhor da villa de Castello Bom na Beira 2º neto de Gonçalo Garcia de Figueiredo, senhor da Feira e alcaide-mor do seu castello, 3º neto de Fernão Rodrigues de Figueiredo, senhor da Quinta e julgado de Figueiredo, 4º neto de Ruy Vasques de Figueiredo, senhor do mesmo julgado que teve o titullo de vassallo por mercê de el-rei D. Affonso 4º; como tiverão seus avós e naquelle tempo de grande estimação. Filho de Vasco Esteves de Figueiredo, senhor do julgado de Figueiredo, descendente de Goesto Ansur, illustre cavalleiro que libertou seis donzellas das cem que annualmente tirava o rei mouro de Cordova nefando tributo a que o tirano Mauregato sujeitara o reino para se conservar com favor dos mouros, na intruzão delle; e decidio a celebre batalha de Clavijo, que venceu Ramiro 1º, na era de Cezar 882 que é o anno de Christo 844 ou para melhor dizer venceu o appostulo S. Thiago que nella appareceu a primeira vez triumphante guerreiro de que justamente resultaram os votos

que se lhe pagam; e a ordem militar da Espada que de seu glorioso nome se instituiu: pois aos fios da .....»

«Desta illustre familia descendem por varonia Pero de Figueiredo de Alarcão e D. Francisco de Mello Manuel, sargento-mor de batalha, alcaide-mor de Lamego; e por femia os condes de Vimieiro, S. Lourenço e Castello Melhor».

2ª CASA

«JACOME LUIZ SARMENTO 5º avó de Sebastião de Figueiredo Sarmento foi filho de Jeronymo Luiz Sarmento que passou a Portugal onde se achava sua irmã D. Leonor Sarmento no serviço da princeza D. Joanna mae del-rei D. Sebastião e casou com D. Ignez da Costa, irmã de Francisco da Costa Homem alcaide-mor de Bragança e era filho de D. Antonio Sarmento de Mendonça, cavalleiro da Ordem de Calatrava e de sua mulher D. Izabel Barba; e este foi de D. Luiz Sarmento de Mendonça e de D. Catharina de Pesqueira e del Castillo, filho de D. António Sarmento, cavalleiro da Ordem de Santiago, alcaide-mor de Burgos e de sua mulher D. Maria de Mendonça filha de D. Pero Gonçalves de Mendonça, 1º conde de Monteagudo».

«D. Antonio Sarmento era filho de Garcia Fernandes Sarmento senhor de Salvaterra e de D. Maria Manuel segunda mulher e aquelle progenitor dos condes de Salvaterra, Sabrozo e Gondomar e filho segundo de Garcia Fernandes Sarmento adiantado-maior do reino de Galliza e de sua mulher D. Elvira Manrique de quem procedem os condes de Santa Martha e Ribadavia».

3ª CASA

«D. JOANNA GOMES DE MACEDO mulher de Jacome Luiz Sarmento quintos avós de Sebastião de Figueiredo Sarmento foi filha de Lopo de Mariz e de sua mulher D. Anna de Macedo, filha de João de Macedo alcaide-mor do castello de Outeiro, capitão-general da fronteira e de sua mulher D. Branca de Sousa, filha de João de Sousa alcaide-mor de Bragança que foi filho de Leonis Macenedo, casado com Thereza de Quinhones, irmão de Fernando Esteves de Macedo que foi pai de Gonçalo de Macedo morgado de Parada em quem adiante se hade fallar; e o dito Fernando Esteves de Macedo e Leonis Macenedo filhos de Gonçalo Esteves e de sua mulher D. Maria Martins e netos de Estevam Anes de Bragança cavalleiro, pai do dito Gonçalo Esteves».

«Por escritura do Archivo da Camara de Bragança consta que João de Macedo, alcaide-mor de Outeiro e sua mulher D. Branca de Sousa vende-

rão ao senado da Camara a quinta de Campo Redondo assim como a houve João Cotrim e sua mulher Izabel Soares e Leonis Macenedo e Thereza de Quinhones pae e mai do dito João de Macedo e assignaram a escritura este e sua mulher, e João de Sousa alcaide-mor de Bragança sogro do dito João de Macedo e outros».

[Esta venda foi realizada em 1497. Ver o tomo I destas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, pág. 321.]

«Ruy Martins de Moraes, alcaide-mor de Bragança, casou com D. Alda Gonçalves de Moreira e teve D. Constança Rodrigues de Moraes, que casou com João [Afonso] Pimentel e foi seu filho Rodrigo Affonso Pimentel, commendador maior da Ordem de S. Thiago, casado com D. Lourença, filha de Lourenço Vasques da Fonseca, senhor de Nogales, e de sua mulher D. Sancha Vasques de Moura e forão seus filhos D. João Affonso Pimentel, 1º conde de Benevente: Martim Affonso Pimentel que fez a linha dos Moraes Pimenteis de Bragança e João Rodrigues ou Rodrigues de Moraes de que tambem ha nobre descendencia».

«Moraes Pimenteis, de Bragança

Martim Affonso Pimentel está sepultado na egreja de S. Vicente de Bragança em um arco á mão direita da porta principal junto ao altar de S. Braz onde antigamente estava o altar do Santo Christo casou com D. Ines Vasques de Mello filha de Vasco Martins de Mello senhor da Castanheira e outras terras alcaide-mor de Santarem e de sua mulher D. Violante Affonso de Brito filha de Martim Affonso de Brito e de sua mulher D. Izabel Affonso.

Gil Affonso Pimentel neto do precedente que passou a este reino com seu primo João Affonso Pimentel terceiro conde de Benavente refugiando-se da perseguição de D. Alvaro de Luna para a villa de Mogadouro e ahi tratou com os senhores da illustrissima e Ex.ma Casa de Tavora a que tambem toca o sangue de Moraes casamento do dito Gil Affonso Pimentel com D. Leonor de Moraes filha unica de Gonçalo Rodrigues de Moraes e de sua mulher D. Maria de Sousa da cidade de Bragança e descendente de Ruy Martins de Moraes acima alcaide-mor de Bragança de quem descendiam ambas as casas; e tinha Gonçalo Rodrigues de Moraes o titulo de vassallo (carta de el-rei D. Affonso V), como seus avós, padroeiro da capella de Santa Catharina que é a do capitulo de S. Francisco de Bragança e se conservou em seus ascendentes pela terem dado e sitio para a fundação do convento ao mesmo seraphico patriarcha anno de 1214.

Pedro Alvares de Moraes Pimentel, padroeiro da capella do capitulo de S. Francisco de Bragança, como o foi seu filho primogenito Aleixo de Moraes sexto avô de Sebastião de Figueiredo Sarmento».

5ª CASA

«LUIZ DE MADUREIRA senhor do morgado e casa de Parada foi filho de Alvaro Annes de Madureira e de sua mulher D. Anna Buiça, neto de Gonçalo de Macedo que foi filho de Fernando Esteves de Macedo e este de Gonçalo Esteves que o foi de Esteve Annes de Bragança».

6ª CASA

«Doutor FRANCISCO JORGE, desembargador do Paço, instituidor do morgado de Santo António, com sua mulher D. Izabel Borges em o qual succedeu seu filho o Dr. Christovão Borges, desembargador da Supplicação e chanceller-mor que por não ter successão, succedeu no morgado sua irmã D. Antonia Carneiro, casada com António de Madureira de Macedo, do habito de Christo, quartos avós de Sebastião de Figueiredo Sarmento».

8ª CASA

«MATHEUS DE SÁ SOTTO MAIOR, casado com Izabel Soares, senhora do morgado e honra de Carapessos teve duas filhas: D. Maria de Sá Sotto Maior e D. ... de Sá Sotto Maior; a primeira succedeu no morgado de Carapessos, casada com Luiz Alvares de Macedo e Madureira, filho de Luiz de Madureira, que o foi de Álvaro Annes, senhor de Sezulfe e este de Gonçalo de Macedo, morgado de Parada, filho de Fernando Esteves de Macedo e este de Gonçalo Esteves que o foi de Esteve Annes de Bragança».

9ª CASA

«LUIZ DE MORAES MACHADO, fidalgo da Casa de Sua Magestade, alcaide-mor do Vimioso, filho de Jorge de Moraes, com o mesmo foro e alcaidaria mor e de sua mulher Genebra de Madureira».

[Memórias e documentos autênticos da Câmara e cartórios da vila do Vimioso.]

«E Cecilia Mendes mulher de Luiz de Moraes Machado era filha de Francisco Mendes Antas, senhor da quinta de Picadeiros e de sua mulher Guiomar d'Aguilar».

10ª CASA

«ESTEVÃO MENDES ANTAS filho de Estevão Mendes Antas senhor do Vimioso, cujo senhorio perdeu seu filho primogenito Mendo Affonso por não ter successão».

[Instrumento que se acha na vila do Vimioso, de que tenho cópia jurídica.]

11ª CASA

«MANUEL PIMENTEL DE SOUSA cavalleiro da Ordem de Christo filho de João Fernandes de Sousa e de D. Maria Suppico, filha de Luiz Suppico fidalgo da Casa de Sua Magestade senhor de S. Seriz e da Quinta da Granja de S. Pedro e do morgado de S. Fagundo de Urros».

13ª CASA

«E D. ISABEL DE MADUREIRA filha unica e herdeira de Alvaro Annes de Madureira e de sua mulher D. Branca de Sousa, senhores do morgado e casa de Parada».

14ª CASA

«E D. ISABEL DE MORAES filha de Francisco de Moraes Cabral, chamado Palmeirim, cavalleiro na Ordem de Christo».

«Armas de que usão os Moraes Pimenteis – de Bragança – Escudo em pala no 1º de Moraes – aberto em pala, campo vermelho, torre de prata lavrada de preto, telhado de ouro com bandeira de prata e assentada a torre junto a uma corrente de agua. No segundo – moreira de sua côr com amoras de ouro em campo vermelho, na segunda parte do escudo de Pimenteis, cinco conchas de prata em campo verde, timbre e torre dos Moraes».

«Solar da familia Moraes

É solar desta familia o logar de Moraes, termo de Bragança e delle procedem as casas da principal nobreza de Tra-los-Montes e se tem dirivado as casas da primeira grandeza de Portugal e Castella e ainda exaltado aos regios solios por D. Leonor filha de D. Pedro de Toledo vise-rei de Napoles casado com D. Maria Osorio Pimentel, 3ª marqueza de Villa Franca, filha de D. Luiz Pimentel que o foi de D. Rodrigo Affonso Pimentel 4º

conde de Benavente 4º neto de João Affonso Pimentel e de D. Constansa Rodrigues de Moraes filha de Ruy Martins de Moraes, alcaide-mor de Bragança chefe dos Moraes, casado com D. Alda Gonçalves de Moreira. E casou D. Leonor com Cosme primeiro gran duque de Tuscana de que procederão os mais; e destes os reis de França, Inglaterra, Hespanha e hoje a serenissima senhora princeza do Brazil; os duques de Lorena, Saboya, Baviera, Parma e Mantua».

CERTIDÃO

«Joseph Cardoso Borges cidadão da cidade de Bragansa, sargento-mor e escrivão da Camara da mesma por S. Mag. etc. Certifico que Sebastião de Figueiredo Sarmento natural da dita cidade, cavalleiro do habito de Christo fidalgo da Casa Real tenente commandante de hua companhia de cavallos, he filho unico e legitimo de Manuel Jorge de Figueiredo Sarmento, cavalleiro do habito de Christo com o mesmo foro capitão de infanteria que morreu na brecha de Valensa de Alcantara anno de 1705; filho primogenito de Lazaro Jorge de Figueiredo Sarmento cavalleiro do habito de Christo com o mesmo foro, alcaide-mor de Bragança, marechal de campo governador do seu castello senhor do morgado de Carapessos e de Santo Antonio e da capella dos Figueiredos sita na Collegiada de Santa Maria o qual foi filho de Sebastião de Figueiredo Sarmento cavalleiro do habito de Aviz, capitão de cavallos e de sua mulher D. Marianna de Buytrão Sotto Maior senhora do morgado de Carapessos (que até aqui são do meu conhecimento proprio) como foram os ascendentes da dita D. Marianna de Buytrão Sotto Maior; e como tal he o dito Sebastião de Figueiredo Sarmento, cavalleiro do habito de Christo legitimo descendente por linha reta primogenita dos morgados de Carapessos e de todos os mencionados na arvore atraz e dos mais que contem os additamentos á mesma *escritos em cinco meias folhas de papel imperial com esta tudo da mesma letra,* que mandei escrever; e vai sem cousa que duvida faça, e vai conforme aos autores genealogicos alegados que conferi com outros documentos juridicos a que dou inteiro credito e tenho em meu poder desta familia e sua ascendencia. De que tudo se mostra he o dito Sebastião de Figueiredo Sarmento da mesma linhagem de Pereiras de que era o illustrissimo arcebispo D. Gonçalo Pereira e seus irmãos D. Vasco Pereira filhos do conde D. Gonçalo Pereira – o *Liberal* – e da condessa D. Urraca Vasques Pimentel e que do dito D. Vasco Pereira e de sua mulher D. Ignez da Cunha foram filhos Ruy Vasques Pereira e D. Joanna Vasques e D. Aldonça Vasques senhora do morgado e honra de Carapessos do qual D. Vasco Pereira e de seus descendentes, ascendentes e collateraes descende

Sebastião de Figueiredo Sarmento por quinze linhas alem das que duplicam que são muitas assim e da maneira que vae espressada. E em fé de verdade o juro aos Santos Evangelhos e mandei fazer a presente por mim sobscripta e assignada. Bragança e abril doze de mil sete centos e quarenta. Joseph Cardoso Borges o sobscrevi e assignei».

Segue outra certidão, passada em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1749, pelo dr. Antonio Rousado, na qual atesta que a árvore genealógica constante do manuscrito de que vimos tratando está conforme com todos os livros genealógicos.

Assim termina o manuscrito, todo escrito com uma só caligrafia.

Tem mais dois fólios em branco e colados neles a «Árvore genealógica dos costados, impressa em Lisboa, ano de 1829» (é a genealogia do visconde de Ervedosa); no verso desta está colada a folha do *Pharol Transmontano,* que traz o artigo do abade de Rebordãos sobre a família dos Morais, e, no fólio seguinte, tem colada uma genealogia de Salvador Correia de Sá, alcaide-mor do Rio de Janeiro, sogro de Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda.

Há ainda, juntos a este livro, três fólios pequenos de papel grosso, escritos com caligrafia e letra antiga, que contém o seguinte:

«O desembargador Francisco Jorge e sua mulher Izabel Borges da cidade de Bragança instituiram o morgado de Santo Antonio com capella no convento de S. Francisco da mesma cidade em 1550; tiveram 3 filhos, e filhas 7 a saber: com noticia das successões.

O Dr. *Gaspar Jorge* casado com Filippa Mendes, foi muito rico e morreu sem geração e chamaram os instituidores em terceiro logar a este filho.

O desembargador *Christóvão Jorge,* 1º chamado pelos instituidores para poder seguir os estudos; e que não chamaram o filho mais velho por não ter disso necessidade e estar melhor encaminhado.

Balthazar Jorge, que também morreu sem geração e 2º chamado.

Das filhas *D. Antonia Carneiro* e chamadas na falta de legitima descendencia dos varões foi a que succedeu neste morgado a seu irmão Christovão, casou com Antonio de Madureira de Macedo cavalleiro do habito de Christo.

Francisco de Madureira de Macedo, succedeu neste morgado a sua mãe e casou com D. Antonia de Buytrão Sotto Maior.

Luiz Alvares de Macedo, que succedeu neste morgado a seu pae Francisco de Madureira de Macedo, casou com D. Violante Sarmento teve filha unica D. Antonia que não casou e foi freira em Santa Clara de Bragança e o pae declarou pertencer o morgado a seu sobrinho Lazaro, filho de sua irmã D. Marianna de Buytrão Sotto Maior.

D. Marianna de Buytrão Sotto Maior casou com Sebastião de Figueiredo Sarmento cavalleiro do habito de Aviz capitão de cavallos nas guerras da Acclamação.

Lazaro de Figueiredo Sarmento alcaide-mor de Bragança administrador deste morgado casou com D. Marianna de Moraes Pimentel e teve os filhos seguintes:
D. Marianna, D. Maria que casaram e *D. Violante,* que tambem casou.

Manuel Jose de Figueiredo Sarmento, do habito de Christo, capitão de infanteria, que morreu na brecha de Valença em vida de seu pae. Casou e seu filho unico.

Sebastião Jorge de Figueiredo Sarmento que está na posse do dito morgado».

João Sarmento, capitão de infanteria que morreu na batalha de Almança em vida de seu pae.

O Reverendo *Roque de Sousa Pimentel,* abbade de Vinhas que existe.

José que morreu solteiro em vida de seu pae e outros.

Há ainda, colado num destes fólios, um papel com a notícia do falecimento, em Arufe, a 7 de Dezembro de 1859, de D. Maria Josefa, viscondessa de Ervedosa.

Findam aqui as notícias tiradas da *Árvore Genealógica da Família dos Figueiredos, da quinta de Arufe,* atrás descrita.

Notícias avulsas sobre os Figueiredos

1º João de Figueiredo. Achou-se no cerco de Arzila, em 1508 onde lhe quebraram um olho. Defendeu a Torre do Albacar, tendo nela arvorado quatro bandeiras; em memória deste feito el-rei D. João III acrescentou-lhe nas suas armas a mesma torre com bandeiras. Eram as armas: cinco folhas de figueira em campo de ouro, «que com a nova insígnia ficaram muito lustrosas» (107).

2º Francisco de Figueiredo Sarmento. Por decreto de 21 de Fevereiro de 1854, Isabel II, rainha de Espanha, nomeou comendador «de la Real Orden Americana de Izabel la Catolica, libre de gastos, a Francisco de Figueiredo Sarmento, visino de Bragança» (108).

3º João José de Figueiredo de Bragança, e seu irmão António de Figueiredo Sarmento, filhos de Francisco José de Figueiredo Sarmento e de D. Luísa Peregrina de Lira e Vasconcelos, receberam ordens menores em 1810 (109).

4º Sebastião Jorge de Figueiredo Sarmento, natural de Arufe, concelho de Bragança, onde residia, teve, de D. Maria Peixoto de Morais Pimentel, natural do Vimioso, com quem depois casou (num requerimento que fez em 1808 dizia-se solteiro), os seguintes filhos:

5º José Bernardo de Figueiredo Sarmento.

6º António Joaquim de Figueiredo Sarmento.

7º Francisco José de Figueiredo Sarmento.

8º Manoel António de Figueiredo Sarmento.

9º D. Josefa de Figueiredo Sarmento.

Foram todos baptizados, como filhos de pai incógnito; os dois primeiros em Rebordainhos; os terceiro e quarto em Salsas e a última em Sortes. Reconheceu-os depois como filhos, pedindo que os seus registos baptismais fossem transcritos nos livros do registo paroquial de Rebordainhos, a que Arufe está anexada (110).

(107) ESPERANÇA, Frei Manoel da – *História Seráfica,* livro 2º, col. XXIII.
(108) *Livro do Registo da Câmara de Bragança,* fol. 127 v., onde se encontra registado o respectivo documento.
(109) Museu Regional de Bragança, maço *Ordinandos.*
(110) Ibidem.

10º D. Maria Leonor de Figueiredo Sarmento faleceu em Rebordainhos a 6 de Março de 1830, deixando por testamenteiro seu sobrinho José Bernardo (5º, atrás citado) e por herdeira sua sobrinha D. Antónia Marcelina, filha de seu irmão Manuel António [111].

11º Frei Diogo de Santa Ana escreveu um *Memorial da Família Morais Pimentel, de Bragança.*

12º António de Figueiredo Sepúlveda, tenente-coronel. Foi assassinado em Bragança, no ano de 1882, sem deixar filhos. Suas irmãs também não deixaram descendência.

13º Bernardo de Figueiredo Sarmento, irmão dos precedentes, não casou, mas deixou filhos legitimados:

14º Padre Francisco de Figueiredo, já falecido.

15º Carlos Augusto de Figueiredo Sarmento, que nasceu a 10 de Março de 1869 e faleceu em Bragança, a 29 de Novembro de 1926, tendo casado com D. Arminda Pinto Coelho de Ataíde, a quem nos referiremos em *Moimenta.* Descendência:

16º Carlos Augusto de Ataíde Figueiredo Sarmento, que nasceu em Bragança a 8 de Maio de 1904. Frequenta a Universidade de Coimbra.

17º D. Maria Ana Pinto Coelho de Ataíde Figueiredo Sarmento que nasceu em Bragança a 9 de Março de 1903.

Família Figueiredos da Rica Fé

1º José António de Figueiredo Sarmento. De uma carta iluminada com o brasão de armas e título de nobreza, concedida por El-Rei D. João V, em 27 de Julho de 1713, e existente no arquivo da Quinta da Rica Fé, junto a Bragança, a favor de José António de Figueiredo Sarmento, capitão, natural de Bragança, consta ser este descendente dos Figueiredos e Sarmentos, fidalgos antigos, filho de António de Figueiredo Sarmento, coronel de infantaria, governador da cidade de Bragança; trisneto de Pedro de Figueiredo, alcaide-mor de Bragança.

Concede-lhe escudo partido em pala: na primeira as armas dos Figueiredos; na segunda as dos Sarmentos. Elmo de prata, aberto, guarnecido de ouro, paquife de metal e cor das armas; por timbre dois braços de leão vermelho, em aspa, com duas folhas de figueira das armas nas mãos, e por diferença um trifólio de ouro no canto do escudo.

(111) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 183, fol. 64.

2º DOMINGOS ANTÓNIO GIL DE FIGUEIREDO SARMENTO, que nasceu na Mofreita, concelho de Bragança, a 2 de Março de 1772. Filho legítimo do doutor Domingos António Gil, natural da Moimenta, concelho de Vinhais, e de D. Rita Vicência de Figueiredo Sarmento, também da Moimenta.

Casou a 20 de Março de 1814 com D. Mariana Vitória Gil, que nasceu em Bragança, filha legítima de João Esteves Alves, senhor da Quinta da Rica Fé, subúrbios de Bragança, e de D. Catarina Gil, ambos da Moimenta.

Na lista dos oficiais de infantaria nº 24, da guarnição de Bragança, que estavam na praça de Almeida, quando da sua explosão em 26 de Agosto de 1810 (112), encontra-se o nome do capitão Domingos António Gil de Figueiredo Sarmento e o do tenente Domingos António Gil, facto que convém não esquecer para a destrinça biográfica de um e outro, pois ambos fizeram a campanha contra os franceses.

Na lista, que Chaby (113) aponta, dos oficiais mortos e feridos na Guerra Peninsular, figura, como ferido, o major Domingos António Gil, acima mencionado, e ainda os nossos conterrâneos: capitães, Bernardo Baptista da Fonseca e Joaquim António de Miranda e o tenente João Correia de Castro Sepúlveda.

Seja-me lícito mencionar aqui também um meu ascendente, senão distinto pela posição social, ao menos digno pela devoção com que verteu o sangue pela pátria. É ele Ildefonso Alves, natural de Baçal, soldado de infantaria nº 24, irmão de meu avô paterno, Barnabé Alves, que morreu, na batalha de Toulouse, em 10 de Abril de 1814, nas campanhas contra os franceses, como consta do seu registo de óbito, que se encontra no livro respectivo de Baçal, fólio 53, e da tradição da minha família.

Domingos António Gil de Figueiredo Sarmento era tenente-coronel de infantaria nº 6, quando rebentou a Revolução de 24 de Agosto de 1820, à qual aderiu prontamente (114). A *História de Portugal, popular e ilustrada,* de Pinheiro Chagas, vol. 8º, pág. 61, publica a reprodução da sua fotografia.

(112) Ver tomo I, p. 165, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança.*
(113) CHABY, Cláudio de – *Excertos Históricos,* 3ª parte, vol. V, p. 1196.
(114) Acerca do que fez nesta Revolução, ver o que dizemos ao tratar de Bernardo Correia de Castro Sepúlveda. O *Portugal Antigo e Moderno,* artigo *Porto,* p. 347, dá uma relação dos oficiais realistas que se passaram para os liberais e menciona, entre outros, a Domingos António Gil de Figueiredo Sarmento.

(No original há aqui um escudo em pala, feito à pena, tendo na primeira cinco folhas de figueira em sautor e na segunda treze besantes,)

«*Sebastião de Figueiredo Sarmento,* fidalgo da Casa Real do hábito de Cristo, familiar do Santo Ofício, tenente comandante de uma companhia de cavalos, solteiro, natural e morador da cidade de Bragança.

Manuel Jorge de Figueiredo Sarmento, fidalgo da Casa Real, do hábito de Cristo, capitão de infantaria do 3º velho (sic?) da praça de Bragança, morto na defesa de Alcântara, ano de 1706, filho primogénito, casado com D. Maria de Morais Ozores, filha de Baltasar de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, governador da Praça de Vinhais, e de D. Francisca Ozores, tiveram Sebastião de Figueiredo Sarmento, fidalgo da Casa Real, que casou com D. Mariana de Gouveia Pegado Vasconcelos, natural do Mogadouro e tiveram filhos e filhas [1]

Lázaro Jorge de Figueiredo Sarmento, fidalgo da Casa Real, do hábito de Cristo, familiar do Santo Ofício, alcaide-mor de Bragança, marechal de campo, governador do seu castelo, juiz da alfândega da mesma cidade, senhor do morgado de Santo António no convento de S. Francisco e da capela dos Figueiredos na Colegiada de Santa Maria, do morgado e honra de Carapeços.

D. Mariana de Morais Pimentel, natural da vila do Vimioso.

Sebastião de Figueiredo Sarmento, fidalgo da Casa Real, do habito de Avis, capitão de cavalos na guerra de Aclamação. M.

D. Marianna de Buytrão Sotto Maior, senhora do morgado e honra de Carapeços na Quinta da Madureira.

Pedro de Figueiredo Sarmento, do hábito de Cristo, fidalgo escudeiro, alcaide-mor de Bragança, instituidor da capela dos Figueiredos.

D. Violante Sarmento, sua prima.

António de Figueiredo, do hábito de Cristo, moço fidalgo da casa dos Sereníssimos Duques com acrescentamento a fidalgo escudeiro.

D. Catarina Sarmento, camareira-mor da S. D. Catarina duquesa de Bragança.

Heitor de Figueiredo, fidalgo da casa dos Sereníssimos Duques, senhor de Nuselos, alcaide-mor de Borba. ..... — 1ª casa

Jácome Luís Sarmento, que também foi casado com D. Violante Rodrigues de..., de que há nobre descendência. *D. Joana Gomes de Macedo.* — 2ª casa

Lopo Sarmento, do hábito de Cristo, da casa dos Sereníssimos senhores Duques de Bragança, alcaide-mor da mesma cidade.

D. Ana Carneiro.

Jácome Luís Sarmento, acima. *D. Joanna Gomes de Macedo,* acima. — 3ª casa

António Carneiro, natural de Chaves. *D. Maria de Morais Pimentel.* — 4ª casa

Francisco de Madureira de Macedo, senhor do morgado de Carapeços. M.

D. Antónia de Buytrão Sotto Maior.

António de Madureira de Macedo, do hábito Cristo. M.

D. Antónia Carneiro.

Luís de Madureira, senhor do morgado e casa de Parada. *D. Isabel de Macedo.* — 5ª casa

Dr. Francisco Jorge, desembargador do Paço, instituidor do morgado de Santo António no convento de S. Francisco. *D. Isabel Borges.* — 6ª casa

D. Gonçalo de Buytrão Idiaquis Moxica, capitão-mor de Viana.

D. Filipa de Sá Sotto Maior.

D. António de Buitrão Idiaquis Moxica, capitão-mor de Viana. *D. Violante de Sotto Maior.* — 7ª casa

Mateus de Sá Sotto Maior, senhor do morgado de Carapeços, filho de Leonardo de Sá, senhor da quinta de Deucriste. *D. Isabel Soares.* — 8ª casa

Diogo Machado Pimentel, fidalgo da Casa Real, do hábito de Cristo, juiz dos Órfãos da cidade de Miranda, irmão de Manuel Pimentel de Sousa, inquisidor do Santo Ofício, natural da vila do Vimioso.

D. Isabel de Morais Madureira.

Francisco Machado de Morais, fidalgo da Casa Real, juiz dos órfãos de Miranda.

D. Isabel de Sousa Pimentel.

Diogo Machado de Morais, fidalgo da Casa Real juiz dos orfãos de Miranda.

Isabel Mendes Antas.

Luís de Morais Machado, fidalgo da casa real, alcaide-mor do Vimioso. *D. Cecília* Mendes [outros genealogistas dão o apelido de Macedo a esta família]. — 9ª casa

Estêvão Mendes Antas. D. Catarina de Quinhones. — 10ª casa

Gaspar Pimentel de Sousa.

Maria de Albuquerque.

Manuel Pimentel de Sousa, cavaleiro da Ordem de Cristo. *D. Maria Supico.* — 11ª casa

António de Albuquerque. Joana do Campo. — 12ª casa

António de Morais Madureira, senhor do morgado e casa de Parada.

D. Aldonça de Albuquerque, primeira mulher.

Álvaro de Morais Madureira, senhor do morgado e casa de Parada.

D. Ana de Morais Pimentel, sua prima.

António de Morais Pimentel. D. Isabel de Madureira, herdeira da casa de Parada. — 13ª casa

Manuel de Morais Pimentel, irmão de António de Morais Pimentel, acima. *D. Isabel de Morais* — 14ª casa

João Pegas de Escobar, capitão-mor de Miranda.

D. Faustina Malho de Buissa.

Manuel Pegas de Escobar, da cidade Miranda. *Joana Pimentel.* — 15ª casa

Gomes Buissa. Mariana Malho, todos da primeira nobreza de Miranda.» — 16ª casa

[1] As palavras grifadas estão no manuscrito com letra diferente e mais moderna.

(Como em cima, o original tem neste sítio um escudo em pala, feito à pena, contendo na primeira as armas dos Pereiras e na segunda cinco vieiras.)

Árvore genealógica de Domingos António Gil de Figueiredo Sarmento

1º António de Figueiredo Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, governador de Bragança, fundador da capela de Santo António do Toural, em Bragança, em 1712 com vínculo de morgadio [115]. Descendência:

2º José António de Figueiredo Sarmento, que nasceu, em Bragança, a 23 de Fevereiro de 1697. Teve carta de brasão de armas, passada a 27 de Julho de 1713, que ainda se conserva no arquivo da Quinta da Rica Fé. Casou, em Bragança, a 15 de Maio de 1724, com D. Faustina de Sousa, natural de Vila Real, filha de Manuel Pereira de Lemos, cavaleiro da Ordem de Cristo. Descendência:

3º António de Figueiredo Sarmento, que nasceu, em Bragança, a 11 de Abril de 1726, e casou com D. Rosa Maria do Vale, da Mofreita, concelho de Bragança. Descendência:

4º D. Rita Vicência de Figueiredo, que nasceu em Mofreita e casou, em Moimenta, concelho de Vinhais, com o doutor Domingos António Gil, que faleceu em Bragança a 3 de Maio de 1807. Descendência:

5º Domingos António Gil de Figueiredo Sarmento. «O Bravo Gil», da Guerra Peninsular contra os franceses e das lutas liberais, de quem vamos tratando e a quem se refere esta genealogia, casou com D. Mariana Vitória Gil, filha de João Esteves Alvarez, natural da Moimenta, e de D. Catarina Gil, da Rica Fé; neta paterna de Sebastião Alves e de D. Isabel de Lousada, da família Gil Lamadeita Rodrigues Salgado Lousada, de Moimenta, desfrutadora de um «opulento morgadio», de que fala o *Arquivo Heráldico Genealógico,* pág. 293 [116].

6º D. Ana Raquel Carolina Gil de Figueiredo Sarmento, que casou com o capitão de cavalaria José António de Lima Carmona, natural de Vilar de Nantes, concelho de Chaves, que muito se distinguiu nas lutas constitucionais [117], Filho de Manuel António da Costa Lima, corregedor da comarca de Bragança, natural de Ponte de Lima, e de D. Antónia Marcelina de Machado e Azevedo Carmona, natural de Vilar de Nantes. Descendência:

(115) Ver tomo I, p. 332, e tomo II, p. 30l, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança.*
(116) A propósito de João Esteves Alvarez, ver o tomo II, p. 301, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança.*
(117) Ibidem, tomo I, p. 210.

7º ANTÓNTO PAULO GIL DE FIGUEIREDO CARMONA, que nasceu em Rica Fé, subúrbios de Bragança, a 30 de Janeiro de 1853 e aí faleceu a 22 de Abril de 1913. Era casado com D. Maria Eugénia de Morais, natural de Soutelo da Gamoeda, concelho de Bragança, irmã do doutor Francisco Manuel de Morais, que faleceu em Bragança a 13 de Junho de 1898, ambos terceiros netos de Isabel Afonso, irmã de Madalena Afonso, terceira avó paterna do autor destas linhas.

António Paulo Gil de Figueiredo Carmona teve um irmão:

Teodoro Gil de Figueiredo Carmona, que nasceu em Rica Fé, a 7 de Janeiro de 1857. É diplomado com o curso de infantaria e com o de engenharia civil, que terminou em 1898. Alferes em 1885, tenente em 1894, capitão em 1900. Em 1891 foi despachado, mediante concurso de provas públicas, professor para o liceu de Faro, sendo depois transferido para o central de Lisboa, onde se conserva. Casou, a 23 de Janeiro de 1893, com D. Virgínia Júlia da Conceição Reis, filha de um comerciante de Lisboa (118).

Descendência de António Paulo Gil de Figueiredo Carmona:

8º JOSÉ HIPÓLITO DE MORAIS CARMONA, filho único, bacharel formado em direito pela Universidade em Coimbra, actual juiz auditor em Bragança, que nasceu em Soutelo da Gamoeda a 20 de Abril de 1877 e casou, a 5 de Outubro de 1910, em Lisboa (Lapa) com D. Maria da Conceição Barata, natural de Celorico da Beira. Descendência:

I. *D. Maria Eugénia,* que nasceu, em São Pedro do Sul, a 14 de Setembro de 1911.

II. *D. Maria José,* que nasceu, no Marco de Canaveses, a 5 de Janeiro de 1917.

A poesia que a seguir publicamos foi-nos obsequiosamente cedida pelo Ex.mo Sr. doutor José Hipólito de Morais Carmona. Estava impressa em 8º e parecia ter feito parte de um livro, pois tinha a paginação 3-4--5-6:

(118) Ver *Portugal: Dicionário, etc.* ..., artigo «Figueiredo Carmona», e também *O Correio de Cintra,* de 10 de Maio de 1903, onde se encontra reproduzida a sua fotografia.

«Ao Ill.mo Snr.

Domingos Antonio Gil de Figueiredo Sarmento

Coronel de infantaria nº 6 e regenerador da Patria

ELOGIO

Augusta imagem do presente augusto
Que o eco benigno nos mandou n'outr'ora!
Imagem do trovão, que espanca, espalha
O cerrado negrume, o torvo asylo
Do despotismo atroz, da tyrannia!
Dia, dia sem par nos Lusos fados!...
Eis magestosa idéa á mente assoma...
No templo augusto da memoria eterna
As bronzias portas, estridentes se abrem,
E, no vasto salão da Eternidade,
Hum Gil se avista ao longe, acceso em brio!
Fulgente ferro, valoroso brando,
De guerreira Phalange ensaia os golpes,
Primeiro arremettendo ao monstro ousado:
Na mão a espada, e lá no peito a Patria,
Amor, que na alma nutre, espalha na alma...
Eis grita á salvação da afflicta Patria;
E, ao grito salvador, Heroes pullulão;
– Zoilos! estremecei, rugi, mordei-vos, –
Em balde intentareis roubar-lhe a gloria;
Entre meigos transportes de alegria,
O Nome do seu Gil profere a Patria,
Com sorrisos lhe afaga o caro nome:
– Zoilos! estremecei, rugi, mordei-vos
– Em balde intentareis roubar-lhe a gloria:
Em marmoreo padrão d'Heroes na Estancia
A Patria já gravou seu nome e gloria;
Eterna gratidão milhoens de altares,
Portuenses corações, ergueu-lhe ha muito:
Ó Nobres Cidadãos! Abri-me o peito,
Da lisonja vingai meu grato canto;
Dizei que vezes mil seu doce Nome
Lembrança grata vos revolve n'alma?

Dizei porque razão Ihe armaes a deixtra? (119)
E gratos mimos tributaes, benignos,
Aos guerreiros ousados que elle educa? (120)
Não foi da gratidão o doce influxo,
Quem sempre vos dictou tão nobres teitos?
Ó Gil! Ó Grande Gil! Ó Nome augusto!
Disfruta a gloria que te dá teu nome,
Que a par dos Bronzes durará brilhante.
Se inutil Zoilo de trahir teus feitos;
No templo augusto dos Heroes famosos,
Ovante o Nome teu lhe aponta, amostra;
Nos ternos corações dos Portuenses
Aras lhe amostra, que erigirão gratos;
Despreza então a inveja, insulta o ódio,
He tua a Eternidade, insulta os Evos.

Dias dourados, quais vio Grecia e Roma

SONETO

Já, já nada podeis, monstros do Averno,
Ministros d'um furor sanguisedento!
A patria triunfou oh! que portento!
Já, já nada podeis, monstros do inferno!

Da tyrannia atroz collosso eterno,
D'um só golpe cahio n'um momento;
O Nome Portuguez, do esquecimento.
Ovante resurgio, é sempiterno:

A par da liberdade, o Nome Augusto
Do mais benigno rei as furias doma,
O inferno espavorio encheo de susto!

O sec'lo Saturnino eis já s'assoma,
E a Patria restaurou, do esforço a custo,
Dias dourados, quaes vio Grecia e Roma.

(119) Alude à oferta de uma espada que lhe fez *O Comércio do Porto,* a qual eu ainda vi na casa da Rica Fé.
(120) Alude a vários presentes que *O Comércio do Porto* fez ao regimento de infantaria nº 6.

O heroe libertador da Patria inteira

SONETO

Carthago deu Annibal valoroso,
Que os muros abalou da altiva Roma;
Mas seu alto valor reprime e doma
Prudente Scipião victorioso.

Na Grecia grande, altivo, generoso
Leonides sem par eis lá se assoma;
Seu nome e dos heroes, em grato idioma,
Em Termopylas brilha portentoso:

A Grecia subjugou Filippe ousado;
Tremula de Alexandre a audaz bandeira
No mundo de seus feitos assombrado

Mas vossa gloria, heroes, é mui ligeira
A par d'um Gil, que foi, por nosso fado,
O heroe libertador da Patria inteira.»

Família Figueiredos

PEDRO DE FIGUEIREDO, morador em Bragança, filho de António de Figueiredo.

Neto de Sebastião de Figueiredo.

Bisneto de Diogo de Figueiredo.

Armas dos *Figueiredos:* por diferença uma moleta de prata. Brazão passado a 10 de Dezembro de 1587 (121).

Família Figueiredos – I

1º PEDRO DE FIGUEIREDO SARMENTO, do hábito de Cristo, alcaide-mor de Bragança, herdou o foro de seu pai, António de Figueiredo, do hábito de Cristo, que foi moço fidalgo e fidalgo escudeiro da Casa Real.

(121) MACHADO, José de Sousa – *Brasões Inéditos,* livro I, fol. 132 v., nº 435.

Casou com D. Violante Sarmento, sua prima, filha do alcaide-mor Lopo Sarmento e de D. Ana Carneiro, filha de António Carneiro, da vila de Chaves, e de D. Maria de Morais Pimentel, filha de Aleixo de Morais Pimentel (122).

Instituiu um morgadio, em 1585, com capela na igreja de Santa Maria de Bragança, e nomeou por primeiro administrador sua mulher D. Violante Sarmento. Descendência:

I. *Sebastião de Figueiredo Sarmento* (2º, adiante citado).

II. *Lopo de Figueiredo Sarmento.*

III. *António de Figueiredo Sarmento,* abade de Carrazedo.

Outros filhos que não deixaram descendência e filhas que foram freiras.

Lopo de Figueiredo Sarmento (II, atrás citado), casou com D. Catarina de Vasconcelos e deixou uma filha, D. Violante Sarmento, que casou com Pedro de Mariz Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, alcaide-mor de Bragança. Descendência:

a) D. Mariana de Mariz Sarmento, que casou com Sebastião da Veiga Cabral, mestre de campo general, governador das armas da província de Trás-os-Montes. Não deixou descendência.

b) D. Joana do Céu, freira no mosteiro de Santa Escolástica de Bragança.

c) D. Francisca Xavier de Mariz Sarmento, que casou, em Vinhais, com António de Morais Ferreira, cavaleiro do hábito de Cristo. Descendência:

João de Morais Ferreira Sarmento, do hábito de Cristo, capitão de infantaria, que morreu na batalha de Almança.

José de Morais, do hábito de Cristo, capitão de cavalaria.

António Caetano de Morais, que morreu ajudante de campo.

D. Maria Arcângela, que casou, na corte, com António Vaz Coimbra, do hábito de Cristo.

Filhas que foram freiras e outros filhos.

António de Figueiredo Sarmento, abade de Carrazedo (III, atrás citado), deixou um filho legitimado e que foi seu herdeiro, António de Figueiredo Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, governador de Bragança (ver *Figueiredos* – III), que deixou a seguinte descendência:

José António de Figueiredo Sarmento, do hábito de Cristo, que foi sargento-mor de infantaria.

Francisco Xavier de Figueiredo Sarmento, que morreu capitão de infantaria.

(122) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica, etc.*, notícia X, *Solar dos Morais,* nº 21.

Henrique de Figueiredo Sarmento, que se ausentou para Macau.

Francisco Manuel de Figueiredo Sarmento, que depois da paz passou a servir nas armas de El-Rei católico e em 1721 era capitão de infantaria.

D. Clária Maria de Figueiredo Sarmento (ver *Figueiredos* – III).

D. Inácia de Figueiredo Sarmento, que casou com Francisco Xavier Neves, capitão de Bragança.

D. Maria de Figueiredo, que foi freira no mosteiro de Santa Escolástica de Bragança.

2º Sebastião de Figueiredo Sarmento, cavaleiro do hábito de Avis, capitão de cavalaria nas guerras da Feliz Aclamação, casou com D. Mariana de Butrão Soto Maior (ver 6º em *Figueiredos* – II) e sucedeu neste morgadio por nomeação de sua mãe D. Violante Sarmento. Descendência:

I. *Lázaro de Figueiredo Sarmento* (3º, adiante citado).

II. *D. Maria de Butrão Soto Maior* (ver 2º em Santa Apolónia – Bragança).

III. *D. Violante de Butrão Sarmento* (ver 9º em *Bornes).*

IV. *D. Ana de Figueiredo,* que casou com Diogo Machado Pimentel, do hábito de Cristo, irmão de Manuel Pimentel de Sousa, do conselho geral do Santo Ofício, secretário da infanta D. Isabel Luísa Josefa. Descendência:

a) António Pimentel de Sousa, que casou com D. Angélica de Mariz Sarmento (que depois casou, em segundas núpcias, na corte, com o desembargador Inácio de Morais Sarmento). Descendência:

Manoel de Mariz Sarmento, do hábito de Cristo, que casou com D. Bárbara Caetana.

João Baptista Pimentel de Sousa, do hábito de Cristo, que casou, na corte, com D. Maria Antónia de Castelo Branco e Melo.

José Caetano de Mariz Sarmento, que morreu no real serviço em viagem para a Índia.

Caetano José de Mariz Sarmento, que foi capitão de mar e guerra na Índia e morreu gloriosamente no assalto da cidade de Porguis, sendo vice-rei o conde de Ericeira, D. Luís Carlos de Menezes, e general desta expedição D. Lopo de Almeida.

3º Lázaro de Figueiredo Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, alcaide-mor de Bragança, mestre de campo de infantaria, que faleceu sendo governador da praça de Bragança, cargo que desempenhou depois do falecimento do governador António de Figueiredo Sarmento, seu primo. Casou com D. Mariana de Morais Pimentel, filha de Diogo Machado Pimentel e de sua primeira mulher D. Isabel de Morais, filha de António de Morais Madureira, morgado de Parada (ver 9º em *Parada).* Descendência:

I. *Manuel Jorge de Figueiredo Sarmento,* do hábito de Cristo, capitão

de infantaria, que morreu montando a brecha de Valença de Alcântara em 1706.

II. *João Sarmento Pimentel,* capitão de infantaria, que morreu na batalha de Almança.

III. *Roque de Sousa Pimentel,* protonotário apostólico, comissário do Santo Ofício e abade de Vinhais.

IV. *Lázaro Jorge de Figueiredo Sarmento* (ver 8º em *Figueiredos* – II).

V. *D. Caetana Luísa de Sousa Pimentel* (ver 6º em *Vimioso).*

VI. *D. Maria Josefa de Butrão Sarmento,* que casou com André de Morais Sarmento. Não deixou descendência (ver 8º em Bornes).

VII. *D. Rosa Maria Teresa de Sousa Pimentel.*

VIII. *D. Francisca Antónia,* freira no mosteiro de Santa Escolástica de Bragança.

Em 1721-1724 era administrador deste morgadio Sebastião de Figueiredo Sarmento [por nomeação que nele fez seu avô Lázaro de Figueiredo Sarmento (123)], filho de Manuel Jorge de Figueiredo Sarmento (I, atrás citado) e de D. Maria de Morais Sarmento, filha de Baltasar de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, do hábito de Cristo, governador de Vinhais, e de D. Francisca Ozores.

Família Figueiredos – II

1º Dr. Francisco Jorge, do conselho de El-Rei e desembargador do Paço, e sua mulher D. Isabel Borges, filha de Álvaro Pires Borges e de D. Violante de Morais Pimentel, irmã de Pedro Álvares de Morais Pimentel, instituíram em 3 de Outubro de 1550 um morgadio, com capela dedicada a Santo António, na igreja de S. Francisco de Bragança, na qual teve sepultura num arco metido na parede. Por sua nomeação sucedeu-lhe neste morgadio seu filho:

2º Doutor Cristóvão Borges, desembargador da Suplicação e depois chanceler, por alvará de 17 de Novembro de 1594. Não casou. Sucedeu-lhe sua irmã:

3º D. Antónia Carneiro, que casou com António de Madureira, neto de Garcia Álvares de Madureira, fidalgo da Casa Real, filho do morgado de Parada, Alvar'Eanes de Madureira (ver 4º em *Parada*). Sucedeu-lhe seu filho:

(123) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», fólio 260 (mihi).

4º Francisco de Madureira, que casou com D. Antónia de Butrão Soto Maior, filha de D. Gonçalo de Butrão Idiaquis e Monchique, cavaleiro biscainho, que passou a este reino, sendo mestre de campo de infantaria, com D. Filipe I, e casou na província do Minho com D. Filipa de Sá de Menezes, da quinta de Deo Christi, junto a Viana. Sucedeu-lhe seu filho:

5º Luís Álvares de Macedo Madureira, que casou com D. Violante Sarmento, filha de Lopo de Figueiredo Sarmento. Tiveram uma filha única, D. Antónia, que foi freira em Santa Clara de Bragança.

D. Violante Sarmento casou, em segundas núpcias, com Pedro de Mariz Sarmento, alcaide-mor de Bragança.

Sucedeu-lhe neste morgadio:

6º D. Mariana de Butrão Soto Maior, irmã de Luís Álvares de Macedo Madureira (5º, atrás citado), que casou com Sebastião de Figueiredo Sarmento, do hábito de Avis, filho do alcaide-mor Pedro de Figueiredo Sarmento (ver 3º em *Figueiredos* – I).

Sucedeu-lhe seu filho:

7º Lázaro de Figueiredo Sarmento (ver 3º em *Figueiredos* – I), cavaleiro do hábito de Cristo, alcaide-mor de Bragança, que casou com D. Mariana de Morais Pimentel.

Sucedeu-lhe seu quarto filho:

8º Lázaro Jorge de Figueiredo Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, alcaide-mor de Bragança, juiz da Alfândega da mesma cidade, que também possuía um vínculo chamado de Santa Maria, instituído por Faustino de Madureira em 12 de Abril de 1646, que o legou a seu sobrinho Luís Álvares de Macedo Madureira (5º, atrás citado) [124].

Família Figueiredos – III

1º António de Figueiredo Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo e governador de Bragança, instituiu em 1712 um morgadio na capela dedicada a Santo António do Toural, da mesma cidade. Era neto de Pedro de Figueiredo Sarmento e de D. Violante Sarmento (ver 1º em *Figueiredos* – I).

Teve de D. Francisca Borges, solteira, uma filha ilegítima, D. Clara de Figueiredo Sarmento, que depois (a 20 de Dezembro de 1712) legiti-

(124) Ibidem, § 2, fol. 260 (mihi).

mou [125] quando esta já estava casada com José Cardoso Borges, a quem adiante nos referimos.

O primeiro administrador deste morgadio foi seu filho:

2º José António de Figueiredo Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo e sargento-mor de infantaria [126].

José Cardoso Borges, sargento da cidade de Bragança e seu distrito, e sua mulher D. Clara Maria de Figueiredo Sarmento instituíram em 5 de Novembro de 1706 um morgadio.

José Cardoso Borges era filho de Francisco Borges Barreiros, cidadão de Miranda, e de D. Ana Rodrigues.

Neto de outro Francisco Borges Barreiros e de D. Juliana Vaz Borges, da mesma cidade, descendentes de Francisco Borges. Descendência:

I. *Bento José de Figueiredo Sarmento,* que serviu num regimento de infantaria.

II. *José Sarmento de Figueiredo,* que em 1721-1724 frequentou a Universidade.

III. *António Manuel Sarmento.*

IV. *Francisco Bernardo Borges de Figueiredo.*

V. *D. Escolástica Maria de São Bento,* freira no mosteiro da Conceição.

VI. *D. Maria Josefa Gertudes,* educanda no mesmo mosteiro [127].

Em 1758 noviciou no convento de Santa Clara, de Bragança, D. Maria Teresa Pinto de Figueiredo Sarmento, filha de Bento José de Figueiredo Sarmento (1º, atrás citado), cavaleiro professo da Ordem de Cristo, natural de Bragança, e de D. Ana Maria Feliz Pinto da Fonseca e Avelar, natural de Vale de Prados, concelho de Macedo de Cavaleiros.

Neta paterna de José Cardoso Borges, sargento-mor de Bragança, natural de Miranda do Douro, e de D. Clara Maria de Figueiredo Sarmento, de Bragança, filha do governador da mesma cidade António de Figueiredo Sarmento (ver 1º em *Figueiredos* – III).

Neta materna de Francisco Álvares de Avelar, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, sargento-mor da comarca de Vila Real, residente em Vale de Prados, e de D. Maria Pinto da Fonseca, de Espadanedo.

A noviciante nascera a 23 de Maio de 1743. Foi seu padrinho de baptismo o beneficiado Caetano Mendes da Fonseca a por procuração que

(125) A carta régia da perfilhação, em pergaminho, conserva-se na posse da família do padre Francisco Figueiredo, há poucos anos falecido.
(126) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», fol. 268 (mihi).
(127) Ibidem, § 35, fol. 325 (mihi).

fez ao sobredito sargento-maior José Cardoso Borges e a António Manuel de Figueiredo Sarmento, professo na Ordem de Cristo, e filho do dito José Cardoso Borges, os quais ambos tocaram a dita baptizada» (128).

D. Mariana Escolástica de Figueiredo Sarmento, irmã da precedente, noviciou no mesmo convento, no referido ano, e no processo declara-se que o pai era tenente-coronel (129);

Manuel de Figueiredo Sarmento, irmão das precedentes, recebeu ordens menores em 1778 (130).

Manuel de Carvalho, natural de Bragança, filho de António Carvalho, a quem El-Rei fez mercê de quarenta mil réis de tença em atenção aos serviços prestados na infantaria nas províncias do Alentejo e Trás-os--Montes e na cidade de Bragança, por mais de doze anos, contados de 26 de Março de 1706 até 20 de Dezembro de 1719, nos postos de soldado, sargento, alferes, tenente e capitão de campanha, e aos feitos praticados no ataque da praça de Alcântara, de Cidade Rodrigo (onde foi ferido numa perna por uma bala), Castelo de Vide e em todas as campanhas desse tempo, onde se portou sempre valorosamente.

Doze destes quarenta mil réis reverteriam para seu sobrinho Diogo de Moura Coutinho, que «os gozaria a título do hábito da Ordem de Cristo», e os outros para suas sobrinhas – Ana Maria Feliz Pinto da Fonseca e Catarina Pinto da Fonseca (quatorze mil réis para cada uma) (131).

Família Figueiredos – IV

1º D. Maria Lopes de Morais, instituiu, em 5 de Dezembro de 1673, um morgadio com capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Casou com Francisco de Figueiredo Sarmento. Não teve descendência e legou este morgadio a seu marido (ver 6º em *Doutéis,* de Bragança).

2º Francisco de Figueiredo Sarmento, administrador deste morgadio, que o legou a:

3º Francisco Xavier da Veiga Cabral, fidalgo da Casa Real, governador da vila de Bragança (ou cidadela), filho de D. Maria de Figueiroa,

(128) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara.*
(129) Ibidem.
(130) Ibidem, maço *Ordinandos.*
(131) Carta régia, em pergaminho, em poder da família do falecido padre Francisco Figueiredo, de Bragança.

sobrinha de Francisco de Figueiredo Sarmento, filha de António da Ponte Galego e de D. Maria Nogueira, neta de Domingos da Ponte Galego, general de artilharia da província de Trás-os-Montes, e casada com Sebastião da Veiga Cabral, mestre de campo general, governador da mesma província [132].

Família Figueiredos Sarmentos

PEDRO JOSÉ SOARES DE FIGUEIREDO SARMENTO, tenente-coronel de infantaria de Bragança, governador da nova Colónia, com patente de brigadeiro, em 1763, onde esteve até 1775, casou no Rio de Janeiro e faleceu em Lisboa em Junho de 1776, deixando uma filha única.

Era filho de Aleixo José Soares de Figueiredo Sarmento e de D. Rosa Maria Teresa de Sousa Pimentel, irmã de Lázaro José de Figueiredo Sarmento, alcaide-mor de Bragança.

Neto paterno de Pedro Soares de Figueiredo Sarmento, cavaleiro da Ordem de Cristo, coronel de infantaria, e de D. Perpétua de Figueiredo, filha de Francisco da Silva Barreto, fidalgo da Casa Real (filho de Domingos Nunes de Morais, capitão-mor de Paçó, e de D. Maria da Silva, filha de Francisco da Silva Barreto, capitão-mor de Paçó), e de D. Perpétua da Rocha Figueiredo, que era neta de Gaspar da Silva, capitão-mor de Vinhais, e de D. Isabel de Morais, filha de Rodrigo de Morais (o *Indiano*), natural de Tuizelo.

Segundo neto paterno de Aleixo Soares e de D. Maria de Buitrão Soto Maior, filha de Sebastião de Figueiredo Sarmento, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão de cavalaria, e de D. Mariana de Buitrão Soto Maior [133], aos quais nos referiremos na *Árvore Genealógica dos Figueiredos, da Quinta de Arufe.*

Família Fonseca Pinto

AGOSTINHO JOSÉ DA FONSECA PINTO, bacharel, filho do doutor Agostinho José da Fonseca, professo na Ordem de Cristo, professor de filosofia em Bragança, natural de Faria, termo de Barcelos, e de D. Mariana Albina

(132) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», § 13, fol. 298 (mihi).
(133) PINTO, D. Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*

de Lima Pinto, do Porto, nasceu em Bragança a 26 de Março de 1825. Era neto materno de Miguel José Pinto Castelinho, natural de Alfândega da Fé, major de artilharia, director do trem do ouro e das obras militares da cidade do Porto.

Casou, em 1850 com D. Adelaide Felisbina de Mesquita Antas, natural de Outeiro [134].

Família Fonseca e Sousa, barão de Santa Bárbara

1º Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa, natural de Bragança, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, graduado em direito pela Universidade de Coimbra, familiar do Santo Ofício, juiz dos órfãos na mesma cidade e seu termo.

Filho de Domingos Pires Aires, natural de Paçó do Outeiro, capitão de fronteira em Trás-os-Montes, e de D. Francisca de Sousa, natural de Bragança.

Neto paterno de Domingos Pires das Neves que governou a vila e castelo de Outeiro, onde foi capitão de fronteira, e de D. Maria Aires, natural de Quintanilha.

Bisneto paterno de Mateus Pires de Fontes, que nas guerras da Aclamação foi capitão de um terço volante de infantaria, e de D. Teresa de Morais.

Terceiro neto paterno de Francisco Pires Machado, capitão-mor da vila de Outeiro, governador do castelo desta praça, nas guerras da Aclamação, e de D. Joana de Abreu.

Quarto neto paterno de Joaquim Pires Machado, sargento-mor das ordenanças da vila de Outeiro, e de D. Francisca de Morais.

Quinto neto paterno de Inácio Pires Machado de Araújo, natural de Outeiro, onde foi sargento-mor de infantaria e governador do Castelo, e de D. Serafina de Sousa.

Neto materno de Bernardo da Fonseca, de Bragança, capitão de fronteira do distrito de Penas Juntas, e de D. Maria de Santiago Vidal, natural de Travanca, concelho de Vinhais, neta de Domingos Vidal de Morais, mestre de campo de infantaria de marinha, comandante de várias esquadras navais e um dos heróis da aclamação de D. João IV, em 1640.

Bisneto materno de António da Fonseca, alferes de infantaria, e de D. Maria de Sousa.

(134) Museu Regional de Bragança, maço *Casamentos, Outeiro.*

Terceiro neto materno de outro António da Fonseca, natural de Amarante, onde foi capitão-mor, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e de D. Joana de Sousa e Mesquita.

Quarto neto materno de Joaquim António da Fonseca Lemos, fidalgo da Casa Real e mestre de campo de terço de infantaria da cidade do Porto, e de D. Eugénia Maria de Brito.

Quinto neto materno de Belchior da Fonseca e Araújo, fidalgo da Casa Real, desembargador dos agravos e juiz da Coroa na Relação do Porto, e de D. Luísa de Sá.

Teve por escudo as armas dos Machados, Fonsecas, Sousas e Morais.

O brasão foi-lhe passado a 19 de Junho de 1756 (135).

Por alvará de 20 de Novembro de 1760 foi-lhe concedido o título de moço-fidalgo com mil e seiscentos réis de moradia e um alqueire de cevada, por haver casado com D. Luísa Leonor Soto Maior, açafata da infanta D. Maria Francisca Benedita, filha de El-Rei D. José, a quem serviu neste cargo durante nove ou dez anos.

Igual título, com idêntica quantidade de cevada e moradia, foi concedido a seu filho Manuel Bernardo Inácio da Fonseca Sousa Pereira e Sá, natural de Fermentãos (136).

Descendência:

I. *Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa Morais Sá Pereira do Lago* (2º, adiante citado).

II. *Manuel Bernardo Inácio da Fonseca de Sousa Pereira de Sá Sarmento,* natural de Bragança (segundo o documento de onde extraímos esta notícia).

III. *António Manuel Gualberto de Morais Castro Pereira de Sá e Sarmento.*

IV. *João Baptista da Fonseca Sousa de Sá Pereira.*

No livro do *Registo da Câmara de Bragança,* fol. 207, encontra-se registada a carta régia de 25 de Agosto de 1788 que concede a estes quatro filhos de Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa o título de fidalgos-cavaleiros da Casa Real, com mil e seiscentos réis de moradia, por mês, e um alqueire de cevada, por dia. Mas, no livro 14 das *Mercês da Rainha D. Maria I*, fol. 300, in *Dicionário Aristocrático,* 1840, diz-se que esse título foi concedido ao filho primogénito por alvará de 29 de Abril de 1783.

V. *D. Mariana Antónia* (na clausura, Mariana Rita do Sacramento), nasceu em Bragança a 12 de Março de 1730 e noviciou, em 1753, no convento de S. Bento de Bragança.

(135) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 111.
(136) *Livro 4 do Registo da Câmara Municipal de Bragança,* fol. 13, v.

VI. *D. Teresa Bernarda da Fonseca e Sousa.*

VII. D. *Maria Matilde.*

VIII. *D. Luísa Maria Inácia.*

IX D. *Francisca Violante.*

Professaram todas no mesmo convento (137).

2º Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa Morais Sá Pereira do Lago, primeiro barão de Santa Bárbara, brigadeiro de cavalaria reformado, comendador da Ordem de Avis e condecorado com a medalha de quatro campanhas da Guerra Peninsular. Nasceu a 4 de Julho de 1784 e casou a 20 de Outubro de 1800 com D. Ana Correia de Sá Castro e Sepúlveda, filha do tenente-general Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda. Faleceu a 4 de Junho de 1858.

Por carta régia de 20 de Dezembro de 1843, D. Maria II concedeu-lhe o título de barão de Santa Bárbara, atendendo aos importantes serviços que prestou tanto na guerra da independência peninsular como na restauração do legítimo trono (138).

Por carta régia de 9 de Abril de 1855, atendendo aos longos e importantes serviços prestados pelo barão de Santa Bárbara, Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa Morais de Sá Pereira do Lago, foi concedido a seu filho primogénito António Manuel da Fonseca e Sousa, major graduado do regimento de cavalaria nº 7, o mesmo título, em sua vida. Por cada um destes títulos pagaram os agraciados, de direitos de mercê, seiscentos e trinta e três mil réis (139).

Descendência:

I. *António Manuel da Fonseca Sousa e Sá Morais Pereira do Lago* (3º, adiante citado).

II. *D. Antónia Augusta da Fonseca,* que nasceu a 19 de Janeiro de 1817 e casou, a 12 de Abril de 1860, com Cândido Ferreira de Sousa e Castro, desembargador da Suplicação, fidalgo da Casa Real.

3º António Manuel Da Fonseca Sousa e Sá Morais Pereira do Lago, segundo barão de Santa Bárbara, nasceu a 8 de Setembro de 1806, era major graduado e cavaleiro de Avis quando faleceu a 20 de Novembro de 1869.

Criação do título. Barão – Decreto de 20 de Outubro de 1840. Como se vê, não condiz com a data atrás apontada, que é a que se encontra no documento de onde extraímos esta notícia.

(137) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de S. Bento.*
(138) *Livro do Registo da Câmara Municipal de Bragança,* fol. 165.
(139) Ibidem, fol. 165 v.

Renovação. Decreto de 9 de Abril de 1855 (140).

O doutor Manuel Ferreira Deusdado (141) e Soares (142) referem-se honrosamente a Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa Morais Sá Pereira do Lago.

Família Gomes Mena

1º António Gomes Mena, natural de Bragança, cavaleiro da Ordem de Cristo, filho de Sebastião Machado de Figueiredo.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 21 de Março de 1695 (143).

2º António Gomes Mena, natural de Bragança, filho de João Gomes de Figueiredo, fidalgo da Casa Real, neto de António Gomes Mena.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 9 de Agosto de 1698 (144).

Família Leal Gomes

Gaspar Leal Gomes, natural de Bragança, familiar do Santo Ofício e sargento-mor de Lamego.

Filho de Manuel Leal e de D. Francisca Gomes, da mesma cidade.

Neto paterno de Francisco Leal e de D. Ana Fernandes, igualmente naturais de Bragança, onde residiram.

Neto materno de Pedro Álvares e de D. Francisca Gomes, do lugar de Donai, termo de Bragança.

Foi, durante dezasseis anos, capitão das ordenanças, servindo, por vezes, de capitão comandante e ocupando os postos de sargento-mor e de capitão-mor nas faltas dos proprietários. Como vereador mais velho, exerceu os cargos de juiz de fora e de juiz dos órfãos de Lamego.

O brasão de armas, passado a 12 de Fevereiro de 1729, tem, por diferença, uma brica de vermelho com um trifólio de oiro e está registado no livro 8º, fol. 95 (145).

(140) PINTO; SANCHES DE BAEENA – *Resenha das Famíltas Titulares e Grandes de Portugal*, vol. 2, pag. 514.
(141) *Quadros Açóricos*, p. 263.
(142) SOARES, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo – *Nobiliário da Ilha Terceira*, tomo 1º, p. 36.
(143) Livro 9 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II*, fol. 243 v., in *Dicionário Aristocrático*.
(144) Ibidem, livro 12, fol. 107, idem.
(145) MACHADO, José de Sousa – *Brazões Inéditos*, p. 175.

Família Leitão Bandeira

Tomás Luís António Leitão Bandeira, cavaleiro da Ordem de Cristo, graduado em leis pela Universidade de Coimbra, opositor aos lugares de letras, natural da cidade de Bragança, onde residiu. Filho de António Gomes Leitão Bandeira, cavaleiro da Ordem de Cristo, juiz proprietário dos órfãos da mesma cidade, natural de Lisboa, e de D. Joaquina Eugénia Mariana de Campos.

Neto paterno de Inácio Gomes Leitão Bandeira e de D. Leonarda Maria de Vasconcelos.

Neto materno de João Nunes da Fonseca e de D. Margarida Antónia de Campos.

Teve por armas um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Leitões e na segunda as dos Bandeiras. Foi-lhe passado este brasão a 16 de Novembro de 1770 (146).

Família Lopes de Morais Garrido

Francisco Xavier Lopes de Morais Garrido, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, monteiro-mor das vilas de Carocedo, Failde e seus distritos, natural de Bragança, onde residiu. Filho primogénito de António Lopes Alves de Morais, capitão de infantaria das ordenanças e fronteira de Trás-os-Montes, no distrito de Bragança, e de D. Isabel dos Santos de Vasconcelos Garrido.

Neto paterno de Francisco Lopes de Morais, capitão de fronteira, do mesmo distrito, e de D. Maria Fernandes da Silva.

Bisneto paterno de Simão de Sá Sarmento, cavaleiro da Ordem de Cristo, fidalgo escudeiro da Casa Real, capitão de cavalaria na guerra da Aclamação, e de D. Guiomar Teresa de Andrade, de quem era consanguíneo o general de batalha Domingos Teixeira de Andrade, que governou a província de Trás-os-Montes.

Neto materno de Bartolomeu Pires de Vasconcelos, cavaleiro da Ordem de Santiago, capitão de infantaria do partido de Trás-os-Montes, e de D. Maria Lopes Marques de Morais Garrido.

Bisneto materno de D. José Marques de Castelo Branco, fidalgo galego, filho segundo de Diogo Marques Osório, senhor de Picosacro, no reino da Galiza, e de D. Joana Rosa do Carmo e Mendonça.

(146) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* etc., p. 583.

Teve por escudo as armas dos Sás, Lopes, Garridos e Morais. Foi-lhe passado este brasão a 2 de Junho de 1760 e está registado no Cartório da Nobreza, livro particular, fol. 127 (147).

Família Malheiro da Cunha

ANTÓNIO MALHEIRO DA CUNHA, natural de Bragança, filho de Baltasar de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo.

Neto de Rodrigo de Morais Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 18 de Abril de 1694 (148).

Família Mendes

«Mui frequente foi o apelido Mendes em muitas familias nobres assim em esta cidade como em outras terras de provincia que se derivou, e em todas ha tradição se continuava de Fernão Mendes de Bragança, e deste solar pretendem ter a sua origem. Em o ano de 1344 foi juiz desta cidade [Bragança] Martim Mendes que tinha título de vassalo del-rei, e consta de um instrumento do Arquivo da Camara da era de 1382, que tem nº 3 no qual Martim Mendes, e Nuno Martins juizes, e vereadores, Lourenço Martins, Afonso Anes, estes tinhão título de vassalos, Antonio Martins, vereador, Gomes Lourenço, procurador, Domingos Anes, Pedro Martins de Alcaniças, Mem Domingues, Pedro Rodrigues, Alvaro Rodrigues, todos estes cavaleiros, Gonçalveanes, Garcia Lopes e outros homens bons elegerão procurador a João Rodrigues, e Estevão Pires, vassalo del-rei para irem ás Cortes de Santarem dar homenagem que tomou o infante D. Pedro em nome da infanta D. Maria, sua filha, por ordem del-rei D. Afonso 4º, seu avô.

Dos Mendes desta cidade passou um ramo para a vila do Vimioso, e consta de uma sentença do Arquivo da Camara, que tem nº 16 e deo o Senhor D. Afonso primeiro Duque em 1454 a favor de Rodrigo Aires e João Afonso, escudeiros, porque o concelho lhe impedia tapar uma herdade junto do rio Fervença, por cima da ponte de Quintela, (hoje se chama das Ferrarias) e diz se juntara uma carta del-rei D. João Iº de queixa que lhe fes Joane Mendes, de Bragança, vassalo del-rei, porque o

(147) Ibidem, p. 222.

(148) Livro 8 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 357, in *Dic. Aristocrático.*

concelho intentava tirar-lhe a posse da mesma herdade, que dizia fora já de seo avô Estevão Anes, que é o Estevão Anes de Bragança, de que fala o Conde D. Pedro, título 38, e a venderão ao dito Rodrigo Aires e João Afonso, Rui Vasques, e sua mulher Isabel Mendes, e seo irmão Estevão Mendes e mulher Catalina Mendes, que moravão no Vimioso, dos quais descende a nobreza daquela vila.

Em esta cidade se conservou uma casa nobilissima com o apelido de Mendes até D. Filipa Mendes, senhora da famosa quinta do Vilar (149), que tem quarenta visinhos, e porque ficando viuva de Gaspar Jorge Carneiro, filho do Doutor Francisco Jorge, desembargador do Paço, o que instituiu o morgado que hoje possue o alcaide-mor Lazaro de Figueiredo Sarmento, por não ter filhos, fes dela doação ao Colegio da Companhia desta cidade, quando se fundou. Deste apelido se não uza já nesta cidade» (150).

Família Morais e Castro

1º Bento de Morais e Castro, natural de Bragança, filho de Gregório de Castro de Morais, fidalgo da Casa Real.

Neto de Gregório de Castro Morais.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 12 de Junho de 1690 (151).

2º António Manuel Gualberto de Morais e Castro Pereira de Sá Sarmento, natural de Bragança, filho de Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa, fidalgo da Casa Real. Neto de Domingos Pires Aires. Fidalgo-cavaleiro por alvará de 25 de Agosto de 1788 (152).

Família Morais Leite

António de Morais Leite, tenente de infantaria, filho de Francisco de Morais Leite, cidadão de Bragança, instituiu, em 1721, um morgadio.

Casou com D. Maria de Morais, que, depois do seu falecimento, administrou o morgadio como tutora de seus filhos (153).

(149) Deve ser Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros.
(150) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia X, fol. 210 v. (mihi).
(151) Livro 9 *das Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 57 v., in *Dic. Aristocrático.*
(152) Livro 24 das *Mercês da Rainha D. Maria I,* fol. 167, in *Dic. Aristocrático.*
(153) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia *XI,* «Dos Morgados», § 33, fol. 324 (mihi).

Família Morais Madureira

Domingos de Morais Madureira, natural de Bragança, filho de Domingos de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo.

Neto de José de Morais Madureira Pimentel.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 28 de Julho de 1721 (154).

Família Morais Madureira Pimentel

Domingos de Morais Madureira Pimentel, natural de Bragança, filho de José de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa Real.

Neto de Francisco de Morais de Madureira Pimentel.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 24 de Junho de 1721 (155).

Família Morais Madureira Pimentel, Machucas da Casa do Arco – Visconde de Mirandela, de Monte Alegre – Bacelares, de Vilar de Ossos

Tombo do morgadio de S. Francisco pertencente a Domingos de Morais Madureira e Pimentel, de Bragança

É um códice de papel almaço não pautado, nem selado. Contém 122 fólios manuscritos e mais 62 em branco: ao todo 184 fólios, todos numerados de frente.

Do fólio 141º por diante contém as notícias que a seguir transcrevemos, com a diversidade de caligrafias que apontamos.

No fólio 162º e seguintes vem copiado um longo artigo publicado na *Ilustração Transmontana,* Porto, 1910, pág. 66, sobre Manuel Pinto Bacelar, primeiro visconde de Monte Alegre.

Ao bom Amigo Ex.mo Senhor Doutor António Luís de Castro Moreira, ainda nosso parente, procurador em Bragança dos descendentes do morgado de S. Francisco (Bacelares), agradecemos a fineza de nos haver pro-

(154) Livro 13 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 20, *in Dic. Aristocrático.*
(155) Ibidem, livro 13, fol. 20, idem.

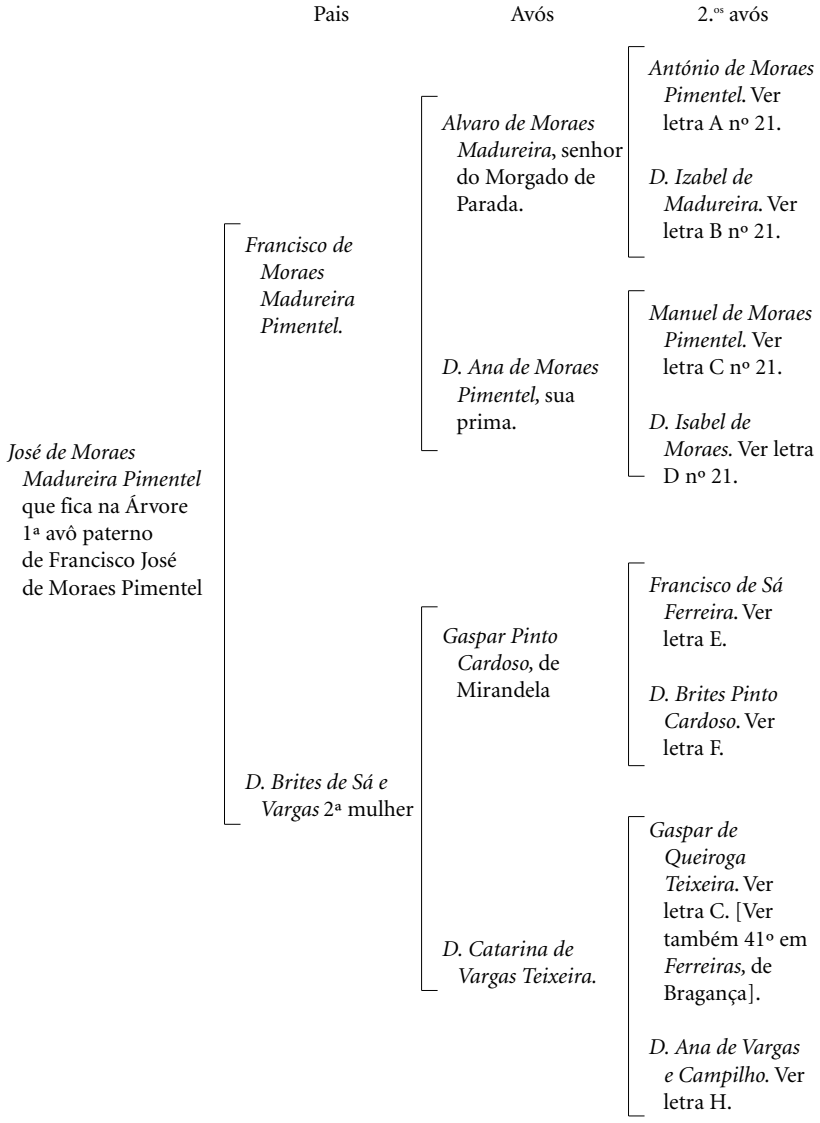
porcionado o estudo deste códice que pertence a José António Vaz Guedes Pinto Bacelar, de Ordem, concelho de Lousada, terceiro neto do primeiro visconde de Monte Alegre.

O Ex.mo Senhor Doutor António Luís de Castro Moreira proporcionou-nos ainda a leitura de outro códice sobre o morgadio de S. Francisco, ao qual nos referiremos mais adiante.

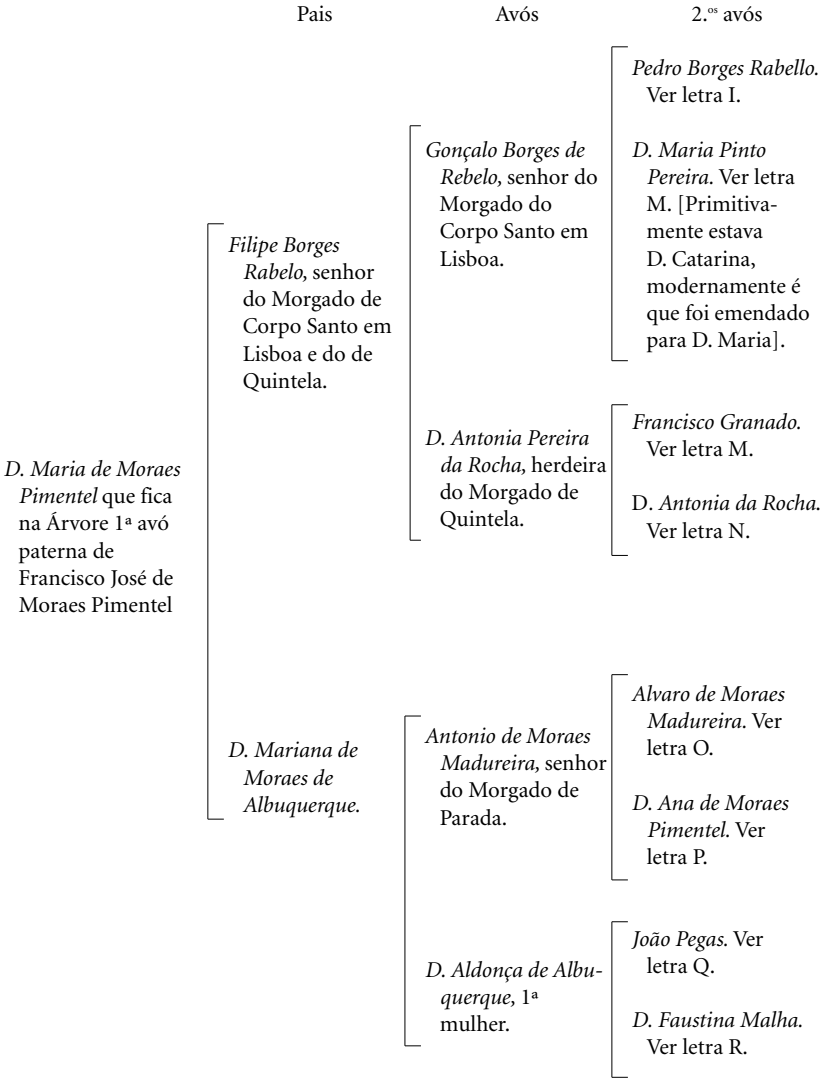
«Árvore 1ª dos quatro avós de Francisco José de Moraes Pimentel

	Pais	Avós
Francisco José de Moraes Pimentel, nasceu a 14 de Novembro de 1713. Fidalgo da Casa Real.	*Domingos de Moraes Madureira Pimentel,* fidalgo da Casa Real, comendador de S. Pedro de Babe na Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, n.... de l6... Casou... de 17... morreu 2 de Dezembro de 1724.	*José de Moraes Madureira Pimentel,* fidalgo da Casa Real, familiar do Santo Ofício, instituidor do Morgado dos Moraes em 1703, nasceu a 16 de Março de 1650. Ver a Árvore 2ª.
		D. Maria de Moraes Pimentel, sua sobrinha. Ver a Árvore 3ª.
	D. Luiza Caetana da Mesquita Pinto, sua prima v.	*Belchior Luiz Pinto Cardoso,* fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, coronel de Infantaria e governador de Monte Alegre. Ver a Árvore 4ª.
		D. Rosa Maria da Mesquita Pinto, sua sobrinha. Ver a Árvore 5ª.

Árvore 2ª


Pais
Avós
2.os avós
José de Moraes Madureira Pimentel que fica na Árvore 1ª avô paterno de Francisco José de Moraes Pimentel
Francisco de Moraes Madureira Pimentel.
D. Brites de Sá e Vargas 2ª mulher
Alvaro de Moraes Madureira, senhor do Morgado de Parada.
D. Ana de Moraes Pimentel, sua prima.
Gaspar Pinto Cardoso, de Mirandela
D. Catarina de Vargas Teixeira.
António de Moraes Pimentel. Ver letra A nº 21.
D. Izabel de Madureira. Ver letra B nº 21.
Manuel de Moraes Pimentel. Ver letra C nº 21.
D. Isabel de Moraes. Ver letra D nº 21.
Francisco de Sá Ferreira. Ver letra E.
D. Brites Pinto Cardoso. Ver letra F.
Gaspar de Queiroga Teixeira. Ver letra C. [Ver também 41º em Ferreiras, de Bragança].
D. Ana de Vargas e Campilho. Ver letra H.

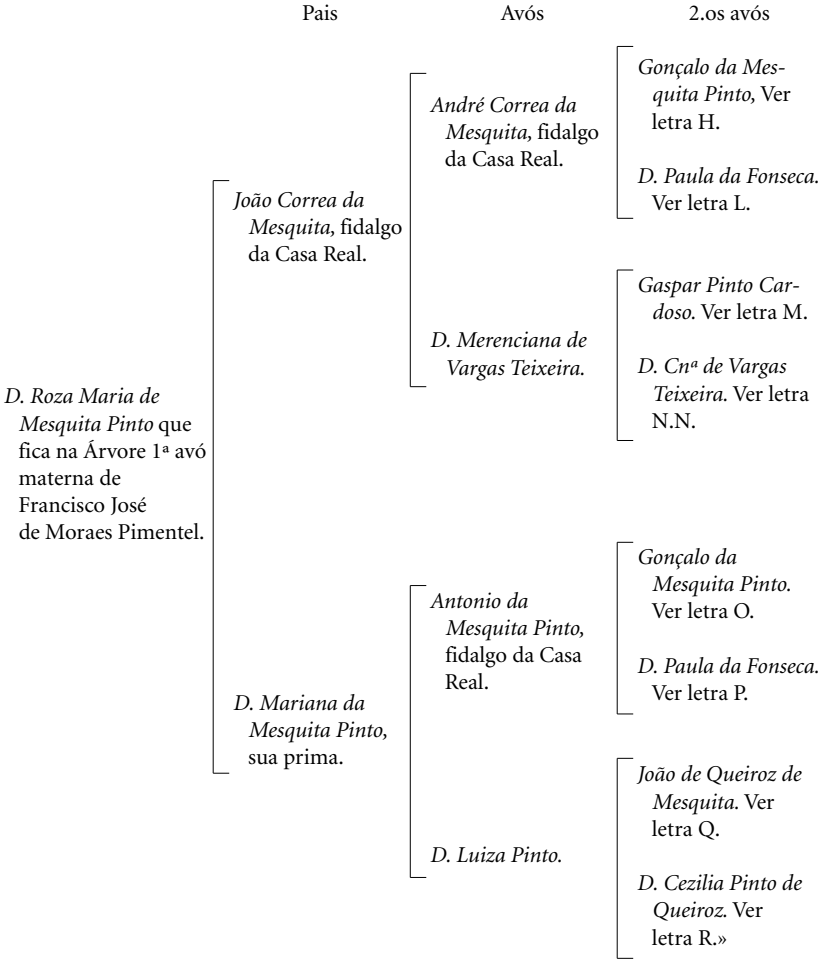
Árvore 3ª


Pais
Avós
2.os avós
D. Maria de Moraes Pimentel que fica na Árvore 1ª avó paterna de Francisco José de Moraes Pimentel
Filipe Borges Rabelo, senhor do Morgado de Corpo Santo em Lisboa e do de Quintela.
Gonçalo Borges de Rebelo, senhor do Morgado do Corpo Santo em Lisboa.
Pedro Borges Rabello. Ver letra I.
D. Maria Pinto Pereira. Ver letra M. [Primitivamente estava D. Catarina, modernamente é que foi emendado para D. Maria].
D. Antonia Pereira da Rocha, herdeira do Morgado de Quintela.
Francisco Granado. Ver letra M.
D. Antonia da Rocha. Ver letra N.
D. Mariana de Moraes de Albuquerque.
Antonio de Moraes Madureira, senhor do Morgado de Parada.
Alvaro de Moraes Madureira. Ver letra O.
D. Ana de Moraes Pimentel. Ver letra P.
D. Aldonça de Albuquerque, 1ª mulher.
João Pegas. Ver letra Q.
D. Faustina Malha. Ver letra R.

Árvore 4ª

	Pais	Avós	2.os avós
Belchior Luiz Pinto Cardoso que fica na Árvore 1ª avô materno de Francisco José de Moraes Pimentel.	*Belchior Pinto Cardoso* 2º administrador do Morgado de S. Tiago, mᵉ de campo de infantaria auxiliar.	*Gaspar Pinto Cardoso* 1º administrador do morgado de Santiago de Mirandela. Ver letra M.	*Francisco de Sá Ferreira.* Ver letra M.
			D. Brites Pinto Cardoso. Ver letra B.
		D. Catarina de Vargas Teixeira. Ver letra N.	*Gaspar de Queiroga Teixeira.* Ver letra C.
			D. Ana de Vargas de Campilho. Ver letra D.
	D. Joana Veloso de Moraes, 2ª mulher.	*Duarte Ferreira de Moraes,* senhor do Morgado de Tuizelo, fidalgo da Casa Real.	*Jeronimo Ferreira de Moraes.* Ver letra E.
			D. Catarina Veloso. Ver letra F.
		D. Jeronima Veloso, sua prima.	*Jeronimo Alvarez Veloso.* Ver letra G.
			D. Maria de Medeiros. Ver letra H.

Árvore 5ª


Pais
Avós
2.os avós
D. Roza Maria de Mesquita Pinto que fica na Árvore 1ª avó materna de Francisco José de Moraes Pimentel.
João Correa da Mesquita, fidalgo da Casa Real.
André Correa da Mesquita, fidalgo da Casa Real.
Gonçalo da Mesquita Pinto, Ver letra H.
D. Paula da Fonseca. Ver letra L.
D. Merenciana de Vargas Teixeira.
Gaspar Pinto Cardoso. Ver letra M.
D. Cnª de Vargas Teixeira. Ver letra N.N.
D. Mariana da Mesquita Pinto, sua prima.
Antonio da Mesquita Pinto, fidalgo da Casa Real.
Gonçalo da Mesquita Pinto. Ver letra O.
D. Paula da Fonseca. Ver letra P.
D. Luiza Pinto.
João de Queiroz de Mesquita. Ver letra Q.
D. Cezilia Pinto de Queiroz. Ver letra R.»

No códice, de onde extraímos as notas para este esquema genealógico, tem a seguir uma notícia mais desenvolvida sobre estas árvores genealógicas. Começa com o *Título de Pimentéis* deduzindo-lhe a origem de D. Fruela, rei de Leão e Galiza, que sucedeu no trono a seu irmão D. Ordonho II, no ano de 924. Não remontando porém a tanta antiguidade e, cingindo-nos a tempos mais recentes e um pouco mais seguros, temos o seguinte que copiamos na íntegra [15]:

«Titolo de Pimenteis

.....

13

João Affonso Pimentel [descendente de El-Rei D. Fruela, segundo o códice que vamos seguindo] que foy hum dos principaes cavalheros do seo tempo em Portugal; cazou com D. Constança Rodrigues de Moraes, filha de Ruy Miz de Moraes, Alcayde mor da cidade de Bragança terceyro Padroeyro da Igreja de S. Francisco, e de sua mulher D. Alda Gonçalves de Moreyra, irmaa de D. Maria Gonçalves de Moreyra mulher de Affonso Furtado de quem descendem os Condes de Valde Reis, e Rio Grande, filhos ambos de Gonçalo Rodrigues de Moreira, do Conselho de El Rey D. Diniz, e hum dos mayores privados que teve; cujos ascendentes da dita D. Constança Rodrigues de Moraes se referem adiante nº 17. Teve:

14

Rodrigo Affonso Pimentel, Comendador mor que foy da ordem de Santiago e foy sua mulher D. Lourença da Fonceca filha de Lourenço Vasques da Fonceca senhor do lugar e Honra de Fonceca e Padroeyro do Mosteiro de Mancellos, com a illustre ascendencia de Ricos homens, que forão dos primeiros conquistadores deste Reino e de sua mulher D. Sancha Vasques de Moura, que era filha de Vasco Miz Serrão de Moura, parente muito chegado da Senhora Rainha D. Brites mulher do Senhor Rey D. Affonso 3º, neta de D. Martim Rodrigues de Gusman Mestre da Ordem de Calatrava, bisneta de D. Rodrigo Perez de Gusman, 3ª neta de D. Pº Rodrigues senhor de Gusman mordomo de El Rey D. Affonso 8º de Castella e 6º neto por varonia de El Rey D. Ordonho primeiro de Leão com a gloria de ser progenitor dos Duques de Medina Sidonia, cujo sangue entrou na Caza Real deste Reino. Foi seo filho:

15

MARTIM AFFONSO PIMENTEL que teve titulo de Vaçallo de El Rey D. João primeyro, e está enterrado na Igreja de S. Vicente desta cidade em hum arco, que fica entrando pela porta principal á mão direyta: era irmão de João Affonso Pimentel, primeiro conde de Benevente. Cazou com D. Ignes Vasques de Mello, irma de Martim Affonso de Mello, goarda mor do Senhor Rey D. João 1º, do qual procedem os Duques de Cadaval, e outros muitos senhores do Reyno, filha de Vasco Miz de Mello senhor das villas de Castanheyra, Povos, Chelleyros, Alcayde mor de Evora e Santarem, e por esta via 8ª neta do Senhor Rey D. Affonso Henriques, como 5ª neta do Conde D. Mendo o Souzão. Foy seo filho:

16

JOÃO AFFONSO PIMENTEL, o qual com seo Tio Paterno João Affonso Pimentel que foy o Primeyro Conde de Benevente passou a Castella; cazou com D. Thereza Pacheco Irmaa de Estevão Pacheco, Monteyro mor que foy dos Reys D. João 2º e Henrique 4º de Castella; filha de João Pacheco primeyro Senhor de Cerralvo, e de sua mulher D Joanna Rodrigues de las Varilhas, bisneta de Lopo Fez Pacheco, e de sua mulher D. Izabel Affonso Valente; 3ª neta de Diogo Lopes Pacheco, Rico homem valido do Senhor Rey D. Affonso 4º senhor de Ferreyra d'Aves, de Bellas, e outras terras, progenitor dos Duques de Escalona, e dos Marquezes de Cerralvo, e Condes de Santo Estevão de Gormáz, o qual retirando-se de Portugal foy Notario mayor de Castella, e de sua mulher D. Joanna Vasques Pimentel filha de D. Vasco Pereyra, e neta do Conde D. Gonçalo Pereira, e de sua mulher D. Urraca Vasques Pirnentel que tambem forão progenitores dos serenissimos Reys de Portugal, e de quasi todos os Principes da Europa, e por muitas linhas descendentes dos Reys de Leão, Aragão, Navarra, e Castella. Foy seo filho:

17

Titolo de Moraes

GIL AFFONSO PIMENTEL, que voltou para este Reino e cazou nesta cidade de Bragança com D. Leonor de Moraes filha unica e heredeyra de Gonçallo Rodrigues de Moraes, Vassallo de El Rey D. Affonso 5º oitavo Padroeyro do Capitulo de S. Francisco de Bragança e de sua mulher D. Maria de Souza. Neta de Rodrigo de Moraes 7º Padroeyro do dito Capi-

tulo, e de sua mulher D. Leonor de Moraes de Tavora filha de Luiz de Madureira e de D. Cnª de Moraes de Tavora, que era neta de Pº Lourenço de Tavora, Reposteiro mor do Senhor Rey D. João 1º e Luíz de Madureira era filho de Gonçalo Vaz do Rego, Alcayde mor do Vimiozo, e de D. Izabel Mendes que descendia dos Senhores daquella Villa. Segunda Neta de Gonçallo Rodrigues de Moraes 6º Padroeyro, etc. e de sua mulher D. Genebra de Macedo, Irmaa de Martim Gonçalves de Macedo, que se achou com El Rey D. Joao 1º na de Aljubarrota. 3ª Neta de Martim Gonçalves de Moraes 5º Padroeyro etc. e de sua mulher D. Lourença Pires de Tavora, que outros chamão D. Lucrecia Lourenço de Tavora, Irma de Lourenço Pires de Tavora, e filhos do primeyro Lourenço Pires de Tavora, progenitor da Illustrissima caza de Tavora, e descendente por varonia de Ramiro 2º Rey de Leão. 4ª Netta de Gonçallo Rodrigues de Moraes 4º Padroeyro do dito Capitulo de S. Francisco e de sua segunda mulher D. Vrraca Gonçalves de Leyria digo com D. Estefania Soares, dos quaes foy tambem filha D. Alda Gonçalves, mulher do segundo Lourenço Pires de Tavora, progenitor desta casa. 5ª Netta de Ruy Miz de Moraes 3º Padroeyro etc. Alcayde mor de Bragança, senhor de Moraes e outras terras e de sua segunda mulher D. Vrraca Gonçalves de Leyria. 6ª Netta de Martim Gonçalves de Moraes 2º Padroeyro da Igreja de S. Francisco que viveo em tempo dos Reys D. Sancho Capello e D. Affonso 3º senhor de Moraes e outros lugares, e de sua mulher D. Elvira Pirez.

Setima Neta de Gonçallo Rodrigues de Moraes, que foy o primeyro que de Castella passou para esta cidade onde vivia em o anno de 1210, e 1217, e foy o que deo ao Patriarca S. Francisco em 1214 a Ermida de Santa Catarina, e a area em que fundou seo Convento nesta cidade que he o primeyro de Portugal de sua Ordem; e de sua mulher D. Constança Soares filha de Soeyro Dias, e de D. Sancha Pires, neta pela parte Paterna de Diogo Gonçalves, que morreu na batalha de Ourique, e de sua mulher D. Vrraca Mendes Irma de Fernão Mendes o Bravo senhor de Bragança; e pela parte materna neta de Pedro Soares de Belmir, e de D. Gontinha Paez da Silva filha de D. Payo Guterres da Silva, Adiantado de Portugal.

Oitava Neta de D. Rodrigo Garcez, Mestre de Calatrava.

Nona Neta do Conde D. Garcia Garces de Aza e de D. Leonor Fortunes, filha de Fortum Lopes, senhor de Soria.

Decima Neta do conde D. Garcia de Cabra, Ayo do Infante D. Sancho, e de sua mulher D. Eva Pires de Trava, filha do Conde D. Pedro Fernandes de Trava.

Undecima Neta do Conde D. Garcia chamado de Naxara, e da Infanta D. Elvira senhora da cidade de Touro, filha legitima de El Rey D. Fernando o 1º de Castella e Leão.

Duodecima Neta do Conde D. Garcia chamado Marañon.

Decima terceira Neta de D. Fernando Gonçalves, senhor de Aza.

Decima quarta Neta do Conde D. Gonçalo Fernandes, senhor de Aza em o Bispado de Osma, que povoou por mandado do Conde seu Pay.

Decima quinta Neta do Conde D. Fernando Gonçales soberano de Castella, e de sua segunda mulher a Infanta D. Sancha, filha de D. Sancho Abarca, Rey de Navarra» (156).

18

«Alvaro Gil de Moraes Pimentel, filho de Gil Afonso Pimentel nº 17, decimo Padroeyro do Capitulo de S. Francisco de Bragança, cazou com D. Izabel de Valcacer filha de D. João Rodrigues de Valcacer que era Irmão de D. Mayor de Valcacer, May de D. Rodrigo Ozorio de Castro, conde de Lemos e 4ª Neta de D. Garcia Rodrigues de Valcacer adiantado do Reyno da Galiza adonde era Senhor de muitas terras, e Castellos e Cazas fortes. Foi seu filho:

19

Pedro Alves de Moraes Pimentel, undecimo Padroeiro do Capitulo de S. Francisco de Bragança; cazou com D. Maria Preira (Irmaa de Joao Pinto Preira, ver letra I e de Francisco Vaz Pinto, ver letras II O e de F.r Diogo de Murça que foi Reytor da Universidade de Coimbra). [A parte incluída entre parêntesis está em nota, à margem, escrita em duas caligrafias diferentes, mas antigas]. Filha [D. Maria Pereira] de Gonçalo Vas Guedes (neto de outro do mesmo nome que foy 3º Senhor de Murça) e de sua mulher D. Izabel Preira, que era filha de Pedro Lopes de Sampayo, e de sua molher D. Maria Preira 5ª neta por varonia de D. Afonso Denis (filho de D. Afonso 3º Rey de Portugal e dos Algarves) e de sua molher D. Maria Peres da Ribeira filha do Rico Home D. Pedro Annes de Portel, erdeira da grande e antigua caza dos Souzas. Foy seu filho entre outros:

(156) Segue-se agora, no original, página e meia em que, por engano, se repete o que já fica transcrito referente aos n.os 13, 14 e 15 e que por isso omitimos.

20

ALEIXO DE MORAES PIMENTEL, comendador na Ordem de Cristo Vedor da Fazenda da Senhora Infanta D. Maria (Irmã do Senhor Rey D. João o 3º) 12 padroeiro do Capitulo de S. Francisco de Bragança (Irmão Primogenito de Nuno Alves Preira de Moraes secretario de Estado e dipois Conselheiro de Estado, no Reinado do Senhor Rey D. Felipe, Prudente, Pay de Pedro Alves Preira, conselheiro de Estado Senhor da Serra Leoa e do Pahul de Muge casado com D. Maria de Faro da illustrissima Caza dos Condes de Vimieiro, e de D. Maria Preira, May do grande jeneral Nuno Alves Botelho, e Avo do 1º Conde de S. Miguel) cazou com D. Izabel Gomes de Macedo, filha de Rui Gomes Mascarenhas, comendador de S. Miguel de Bambres, e de sua molher D. Anna de Macedo, filha de João de Macedo, Alcayde mor de Outeiro e de sua molher D. Branca de Souza que foi filha de João de Souza, Alcayde mor de Bragança. Forão seus filhos entre outros:

21

GASPAR DE MORAES PIMENTEL que sucedeo no Padroado do Capitulo de S. Francisco, cazou na villa de Chaves com D. Vrsela de Castro, filha de Gregorio de Castro 12º Senhor do Morgado e Albergaria de Santa Catharina, cuja descendencia se acabou em sua 2ª Neta D. Anna Maria de Moraes.

21 (157)

JAIME DE MORAES PIMENTEL, que cazou na villa de Chaves com D. Antonia de Castro 4ª Senhora do Padroado de N. S. do Populo e filha de Gregorio de Castro assima referido, dos quaes foi Neto Gregorio de Castro Moraes, comendador de S. Miguel de Bugalhal na Ordem de Christo, sargento mor de Batalha, Governador da Provincia de Tras dos Montes, 7º Padroeiro da Igreja de N. S. do Populo, 4º Senhor do seo Morgado (que instituhio e deixou seu Avo Jaime de Moraes) nos quaes sucedeo a seu Irmão Luiz Alves de Moraes Pimentel e por morte de sua sobrinha D. Anna Maria de Moraes sucedeo taobem no Morgado de Santa Cathrina e Padroado do Capitulo de S. Francisco de Bragança.

(157) No original encontra-se três vezes repetido o nº 21 e da mesma forma o reproduzimos.

21 – A. [B] (158)

Madureyras

Antonio de Moraes Pimentel, filho 3º de Aleixo de Moraes Pimentel nº 20 cazou com D. Izabel de Madureira, filha unica e herdeira de Alvaro Annes de Madureira Feijó Senhor do Morgado e Caza de Parada e de sua molher D. Branca de Souza; Neta de Luiz Annes de Madureyra (159), senhor da mesma Caza, e Morgado, e de sua molher D. Izabel Soares de Macedo; 2ª Neta de Alvaro Annes de Madureira, Instituidor dos Morgados assima referidos, senhor de varias terras nesta Provincia, com a jurisdição civel e crime mero e misto imperio por mercê do Senhor Rey D. Affonso o 5º em remuneração dos muitos e grandes serviços que lhe fez assim nas partes da Africa como nestes Reynos desta mercê se fará menção á margem deste livro (foy seu lrmão D. Frej Luiz Annes de Madureira da Ordem de S. Bento, Abade do Mosteiro de Crasto de Avelans que dizem foj Arcebispo de Braga Primas das Hespanhas) e de sua molher D. Anna de Buiça.

21 [C. D.]

Manuel de Moraes Pimentel, filho 4º de Aleixo de Moraes Pimentel, nº 20 cazou com D. Izabel de Moraes, fiiha de Francisco de Moraes Cabral, cavaleiro da Ordem de Christo, chamado o Palmeirim, e de sua molher D. Barbora Madejra, e tiverão entre outros filhos:

1º *Aleixo de Moraes Pimentel,* abbade de Santa Eulalia de Cavanelas neste Arcebispado de Braga sogeito de grande talento e letras; governou os Bispados de Miranda e Vizeu e aquele Arcebispado, e foi consultado em dous bispados.

2º *Frei Diogo de Santa Anna,* Religioso dos Heremitas de Santo Agostinho de vida muito exemplar, passou á India, e reduzio a obediencia da Santa igreja Romana o Patriarcha David, seis Bispos e sento e treze sacerdotes, e Deputado do Santo Officio e das Ordens Militares, deixou-o o Arcebispo D. Frej Aleixo de Menezes quando veyo para Arcebispo de Braga por administrador do Convento de Santa Monica de Goa que o

(158) Faltam no original as letras B. C. D. a que se fazem referências na Árvore 2ª e por isso as damos entre parêntesis nos lugares que supomos deviam ocupar.

(159) À margem tem uma nota escrita com caligrafia da época que diz: «foy senhor dos lugares de Valdeprados, Vila Franca, Ferreira, Viduedo e Arufe [continua a mesma nota, mas com caligrafia do presente século ou fins do anterior] e das jogadas de Parada, Paredes, S. Pedro, de Grijó e Coelhoso as quaes se annexaram ao seu Morgado por Bula do Papa Urbano 6º no anno de 1417».

tinha fundado, o que elle adiantou de novo com o seu zello e vertude com tanta grandeza que he o edificio mais nobre e magnifico que ha naqueles Estados. Vide *Hist. Indostonis de Mon. Goa.*

3º *Bento de Moraes Pimentel* que sucedeo na caza de seu Pay e instituhio o Morgado de Rio Torto, cazou com D. Izabel Teixeira e tem descendencia.

4º *D. Anna de Moraes,* cazou com seo Primo Alvaro de Moraes Madurejra, nº 22.

22 – O. R.

Alvaro de Moraes Madurejra filho de Antonio de Moraes Pimentel, nº 21 sucedeo na Caza e Morgado de Parada de seu Pay, cazou com D. Anna de Moraes Pimentel, sua prima, filha de Manoel de Moraes Pimentel nº 21. Forão seus filhos:

1º *Antonio de Moraes Madureira* que sucedeo na Caza de seu Pay e Morgado de Parada, cazou duas vezes a primeira com D. Aldonça de Albuquerque, natural da cidade de Miranda, filha de João Pegas e Faustina de Albuquerque forão Paes de D. Marianna de Moraes Albuquerque que cazou com Felipe Borges Rebelo sexto Senhor do Morgado do Corpo Santo em Lisboa e de Quintella de Lampassas com geração e de D. Izabel de Moraes Pimentel Avó Materna do Alcajde mor Lazaro Jorge de Figueiredo Sarmento. Cazou segunda vez com D. Antonia Pinto Preira e teve a Alvaro Annes de Moraes Madureira Feijó Senhor do Morgado e Caza de Parada que cazou com D. Thiodora Pinto, Pais de Antonio de Moraes Madurejra, senhor do Morgado de Parada que vive neste anno de 1728 e não tem filhos.

3º *Manoel de Moraes Pimentel,* Beneficiado.

23

Francisco de Moraes Madurejra, filho 2º de Alvaro de Moraes Madurejra cazou com D. Brites de Sáa e Vargas, filha de Gaspar Pinto Cardoso 2º senhor do Morgado de S. Thiago [?] da villa de Mirandella, natural de Vinhaes e de sua molher D. Catherina de Vargas Teixeira. Forão seus filhos:

24

Joseph de Moraes Madurejra, Fidalgo da Caza de S. Magestade, que segue.

2º *Domingos de Moraes Madurejra,* Comendador da Ordem de Christo, na Comenda de S. Pedro de Babe, Mestre de Campo de Infantaria, Moço do Guarda Roupa dos Senhores Reis D. Affonso e D. Pedro. Uniu bens ao Morgado que seus Irmãos instituirão de S. Francisco de Bragança.

3º *Francisco de Moraes Madurejra,* Abbade de Carrazedo, Instituidor com seus Irmãos do Morgado de S. Francisco.

4º *Manuel de Moraes Pimentel,* Comissario do Santo Officio, Abbade de Meixedo, Instituidor do referido Morgado. [Também foi abade de Bouçoais e de Rebordelo.]

5º *João,* Morreo Menino.

6º *D. Maria de Moraes Pimentel* que cazou com seu Sobrinho Ignacio Borges Rebello 7º Senhor do Morgado de Corpo Santo em Lisboa e de Quintella de Lampassas, com geração.

7º *D. Catherina* da *Anunciada,* Abbadeça no Convento de Santa Clara desta cidade, *D. Anna de Jesus, D. Izabel do Espirito Santo, D. Mariana de S. Domingos* todas religiosas no Convento de Santa Clara.

24

Joseph de Moraes Madureira Pimentel, Fidalgo da Casa de S. Magestade, Comissario do Santo Officio, filho de Francisco de Moraes Madurejra, Instituidor com seus Irmaos do Morgado de S. Francisco, cazou com D. Maria Borges de Moraes, filha de Felipe Borges Rebello e de D. Mariana de Moraes Albuquerque. Forão seus filhos:

25

1º *Francisco de Moraes Madurejra* que morreo Capitão de Infantaria sem geração.

2º *Domingos de Moraes Madurejra Pimentel* que segue.

3º *Caetano Pinto de Moraes,* Fidalgo Capelão da Caza de S. Magestade, Comissario do Santo Officio, Abbade de Santa Maria da villa de Rebordãos.

4º *D. Josepha Maria de Moraes Pimentel* que cazou com Fernando Pinto Bacellar, Cavalleiro da Ordem de Christo, Mestre de Campo de Infantaria, morador em Villar dossos, com geraçao. Segue adiante nº 28. Terceiros avós do Visconde de Monte Alegre Francisco Pinto Vaz Guedes Bacellar Pereira de Moraes Pimentel, Senhor da povoação de Villar dossos e hoje deste Morgado de S. Francisco de Bragança.

5º *D. Brites do Nascimento, D. Sebastiana Maria, D. Mariana Evange-*

lista, D. Maria Magdalena da Anunciada, D. Caetana Luiza, D. Francisca Thereza da Concejção, todas religiosas no Convento de Santa Clara.

6º *D. Izabel de Moraes Pimentel* que cazou nesta cidade com Jacome Joseph de Moraes Sarmento, filho de João Teixeira de Moraes Sarmento, Cavaleiro da Ordem de Christo, Senhor dos Morgados de Santa Marta de Bornes e outros, e de D. Sezilia de Moraes Sarmento com geração.

25

Domingos de Moraes Madurejra Pimentel, Comendador de S. Pedro de Babe na Ordem de Christo, Fidalgo da Caza de S. Magestade, filho 2º de Joseph de Moraes Madurejra Pimentel, Senhor do Morgado de S. Francisco, cazou com sua prima 2ª D. Luiza Caetana de Mesquita, natural da villa de Mirandella, filha de Belchior Luiz Pinto Cardoso, Fidalgo da Caza de S. Magestade, Mestre de Campo de Infantaria e governador de Montealegre, Cavalleiro da Ordem de Christo, Senhor do Morgado de S. Tiago de Mirandella e de D. Roza Maria de Mesquita Pinto. Forão seus filhos:

1º *Francísco Joseph de Moraes Madurejra Pimentel.* Fidalgo da Caza de S. Magestade. Nasceo aos 17 de Novembro de 1713.

2º *Caetano Ignacio* de *Moraes Pimentel.* Nasceo aos 30 de Julho de 1716. Morreo menino.

3º *Joseph Manoel de Moraes Pimentel.* Fidalgo da Caza de S. Magestade. Nasceo aos 9 de Março de 1719.

4º *Domingos de Moraes Madurejra Pimentel.* Fidalgo da Caza de S. Magestade, Cavaleiro de S. João de Malta. Nasceo aos 14 de Agosto de 1720.

5º *Antonio Luiz de Moraes Pimentel.* Nasceo aos 13 de Junho de 1723, Religioso Professo na Ordem de Christo.

6º *D. Maria de Moraes e Mesquita.* Nasceo aos 3 de Novembro de 1724.

7º *D. Rosa Joanna.* Nasceo aos 8 de Fevereiro de 1718. Segue abaixo.

8º *D. Catharina.* Morreo menina.

9º *D. Brites Clara Eugenia de Saá.*

26 (160)

D. Roza JoanA Gabriela de Moraes Pimentel, filha de Domingos de Moraes Pimentel e de sua molher D. Luiza Caetana de Mesquita, natural

(160) Esta parte, desde o nº 26 até ao nº 31 inclusive, está escrita com caligrafia diversa e foi inserida posteriormente nas páginas que o primeiro autor deixou em branco.

de Mirandella nº 25 dipois de ter cazado com Francisco Xavier da Veiga Cabral, Tenente General, Governador das Armas desta Provincia (161), filho de Sebastião Xavier da Veiga, Mestre de Campo General, natural de Lisboa e de sua molher D. Maria de Figueiroa, sua terceira molher, Comendadora de Santa Maria de Bragança e seu ramo de Baçal; de Rabal e Deilão, foi herdeira do Morgado e caza de seu paj por falecimento de seus lrmaons, e forão seus filhos:

1º *Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara,* primeiro Visconde de Mirandella, Marechal General, Vice rej dos Estados da India, sem successão.

2º *Sebastião Xavier da Veiga Cabral,* Tenente General dos Reaes Exercitos.

3º *José Tristão da Veiga Cabral,* Tenente General dos Reaes Exercitos.

4º *João da Veiga Cabral,* sargento mor de Cavalaria.

5º *Manuel da Veiga Cabral,* Coronel de Cavalaria.

6º *Francisco Xavier da Veiga Cabral,* Capitão de Cavalos, Comendador na Ordem de Christo. Cazou em Tiozelo com D. Maria Antonia de Sá Sarmento. Sem geração.

7º *D. Antonio Luiz da Veiga Cabral da Camara,* Bispo de Bragança chamado o Bispo Santo. [Segue esta nota em caligrafia mais moderna]: Nasceu em Viana do Castelo a 10 de Novembro de 1758. [Ver a sua biografia no II volume destas *Memórias Archeológico-Históricas do Distrito de Bragança*].

8º *D. Izabel Maria Felizarda, D. Catherina Maria Ignez, D. Francisca Maria Xavier, D. Antonia Maria Benta,* nasceu em Bragança (Vila) e professou em 1790, freiras em S. Bento, e *D. Ana Maria Rita* que nasceu a 21 de Setembro de 1751 e professou em 1790, *D. Roza Maria Victoria, D. Luiza Maria Clara, D. Francisca Maria Xavier, D. Maria Rita, D. Maria Joaquina,* freiras em Santa Clara, e *D. Maria Engracia* morreo sem estado.

27

D. Joana da Veiga Cabral de Moraes Pimentel, molher de Antonio Doutel de Almeida, dipois da morte de seu irmão mais velho Francisco Antonio da Veiga Cabral, e falta de succeção, e morte de seus irmaons mais velhos, ficou senhora da Caza, e foi creada sigunda viscondeça de Mirandella, e Comendadora de Santa Maria de Bragança, de Bassal, e de

(161) Morava nas casas que hoje pertencem à família Sá Vargas (Dr. Diogo Albino de Sá Vargas), sitas na rua de Trás, com comunicação para a rua Nova.

Santa Maria de Pena d'Aguia Bispado de Lamego, morreu a 14 de Outubro de 1819, sem succeção».

28

«D. JOSEPHA MARIA DE MORAES PIMENTEL, que nasceu a 18 de Março de 1676, filha mais velha de José de Morais Madureira Pimentel, e de sua molher D. Maria Borges de Moraes Rebello nº 24-4, instituidores do Morgado de S. Francisco de Bragança, cazou com Fernando Pinto Bacelar, fidalgo da Casa Real, Mestre de Campo, Governador de Miranda e Senhor do Morgado de Nossa Senhora da Assumpção, e Caza de Vilardossos, forão seus filhos:

1º *Lazaro Pinto de Moraes Bacelar* que segue.

2º *Antonio Xavier de Moraes Bacelar,* doutor em canones, Abbade de S. Cipriano de Vilardossos, e Moimenta.

3º *José Pinto de Moraes Bacelar,* Desembargador Agravista na Caza da Suplicação, Ajudante da Intendencia geral da Policia de Lisboa e fez grandes serviços no lugar de Intendente geral do ouro e diamantes em a America.

4º *Fernando Pinto de Moraes Bacelar,* Doutor em Canones, e Abbade de Rebordaons.

5º *Frei Manoel de Moraes Bacelar,* Religiozo em o Convento de Tibaens.

6º *Domingos de Moraes Bacelar,* Doutor em Canones, Abbade de Cicouro.

7º *Gonçalo de Moraes Pinto Bacelar,* Capitão de Cavalos.

8º *D. Anna de Moraes Pimentel, D. Caetana de Moraes Pimentel* Freiras em Santa Clara de Vinhaes. [Ver no fim deste artigo a *Nota A.*]

9º *D. Brites Maria de Sá Moraes Bacelar,* cazou com Antonio de Moraes Rebello, senhor dos morgados do Corpo Santo e Quintella, com geração.

10º *Lazaro Pinto de Moraes Bacelar,* fidalgo da Caza Real[162], mestre de Campo de Miranda, cazou com D. Ignez Bernarda Pessoa da Costa do Amaral, filha unica de Manoel da Costa Pessoa, fidalgo cavaleiro da Casa Real, alcaide mor de Evora Monte e de sua primeira mulher D. Maria do Amaral Sarmento e Mena, filha do Manoel do Amaral Sarmento, tenente coronel de infantaria, alcaide mor de Monforte de Rio Livre. Forão seus filhos:»

(162) No fólio 175 deste mesmo manuscrito, diz que era «cavaleiro da Ordem de Cristo e Familiar do Santo Oficio». Esta nota está transcrita com caligrafia diversa.

29

«MANOEL PINTO BACELAR primeiro Visconde de Monte Alegre (163), que segue. Nasceu aos 4 de Setembro de 1740.

2º *Frei Francisco Pinto Bacelar,* Religiozo em Vinhaes.

3º *D. Maria Josefa Moraes Bacelar,* morreu sem estado, *D. Ignez Maria de Moraes, D. Mariana de Moraes, D. Brites de Moraes Bacelar,* morrerão meninas.

Manoel Pinto Bacelar, acima dito, primeiro Visconde de Monte Alegre, Grão Cruz e Commendador da Ordem da Torre e Espada, Tenente General dos Reaes Exercitos, e Governador das Armas da Provincia da Beira. Era neto pela parte paterna de Fernando Pinto Bacelar nº 25-4, Governador de Miranda e materno de Manuel da Costa Pessoa, filho de outro Manuel da Costa Pessoa, Conselheiro do Ultramar, Tenente General de Cavallaria, Commendador de S. Pedro de Louroza, e Alcaide Mór de Evora Monte e de sua molher e sobrinha D. Ignez Pessoa, filha de seu Irmão Simão da Costa Pessoa, Mestre de Campo General, e Governador das Armas da Provincia de Traz-os-Montes. Era segundo Neto de Fernando Pinto Bacelar, capitão de Cavallos na Guerra de Aclamação do Senhor Rei D. João 4º, e de sua molher D. Maria Magdalena de Moraes Sarmento, filha herdeira de Gonçalo de Moraes Sarmento, Fidalgo da Caza Real, e Instituidor do Morgado de Nossa Senhora da Assumpção de Villar d'Ossos, filho de Pedro de Moraes Sarmento, chamado o Triscas, Capitão de Mar e Guerra, e Commandante das Naos da India, onde fez grandes serviços, cujo era filho de Gonsalo de Moraes Sarmento, chamado o Velho de Villar d'Ossos, Sargento Mór de Infantaria, descendente de Gonsalo Rodrigues de Moraes, que era neto de João Fernandes de Moraes, e chefe dos Moraes, filho de Ruy de Moraes, e de sua molher D. Guiomar Gomes, e neto de Gonsalo de Moraes e de sua molher D. Ignez Rodrigues, segundo neto de Ruy Gonsales de Moyaes e de sua molher D. Maria de Souza, moradores em Bragança, e terceiro neto de João Gonsales de Moraes, Irmão inteiro de João Affonso Pimentel, primeiro Conde de Benavente.

Este Gonsalo de Moraes, o Velho de Villar d'Ossos, foi cazado com D. Anna Gomes Sarmento de Macedo, sua prima, filha de Jacome Luiz Sarmento, Alcaide Mór de Bragança, e de sua molher D. Joanna Gomes de Macedo.

O visavô do Visconde de Monte Alegre, Fernando Pinto Bacelar, Capitão de Cavallos na Acclamação, foi depois coronel, e Governador do Forte de S. Francisco de Chaves, era filho de Francisco Pinto Bacelar, natural de

(163) A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Riosfrios, da villa de Mertolla, Bispado de Coimbra e de sua mulher D. Maria das Neves, natural de Bera, filha de Francisco Soares de Abreu Castello branco, e de D. Antonia Coutinho de Mesquita natural do Sardual.

Era neto de Fernando Pinto Bacelar, natural do Espinhal, e de sua molher e Prima D. Catharina Bacelar, descendentes de Ruy Vaz Bacelar, senhor de Bacelar, e de sua molher D. Helena Gomes de Abreu, filha de Vasco Annes de Abreu, Senhor da Torre de Abreu, de Regalados e Melgaço, Alcaide Mor de Lapella, junto a Valença do Minho, e de sua molher D. Mór Annes, filha de Fernão Annes, Corregedor da Corte. Erão estes dos maiores Senhores no tempo de El-Rei D. Pedro Primeiro, de quem procedem por varonia, este Visavo do Visconde de Monte Alegre, e a Caza de Miguel Carlos Bacelar na Provincia do Minho.

30

Manoel Pinto Bacelar, 1º Visconde de Monte Alegre cazou [à margem em caligrafia diferente lê-se: «em 16 de Julho de 1776 e morreu a 2 de Maio de 1816 (164). Jaz na Cathedral da Sé de Vizeu»] com D. Joanna Delphina Vanzeler da Sª Teixeira de Andrade, herdeira da Caza de Fornos do Pinhal, filha de Pedro Francisco Vanzeler, Coronel de Dragoens em Chaves, Governador do Forte de S. Neutel de Chaves e de sua molher D. Maria Josefa Teixeira de Andrade Pinto, Irman inteira de D. Anna Luiza da Sª Teixeira de Andrade molher do Embaixador que foi de Hespanha, D. Francisco Innocencio de Souza Coutinho, Paes do 1º Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, filhas ambas de Domingos Teixeira de Andrade Pinto, sargento-mor de batalha, governador das armas da provincia de Trás-os-Montes. Teve filhos deste matrimonio:

1º *D. Maria Agueda Pinto Bacelar.*

2º *D. Marianna Dorothea Pinto Bacelar,* Freira Professa em Santa Clara de Vinhaes (165).

3º *D. Anna Maria Pinto Bacelar,* morreo menina.

4º *D. Ignez Candida Pinto Bacelar* a quem segue por ficar herdeira da Caza e dos dois Morgados de S. Francisco de Bragança, e Nª Sª da Assumpção de Villar d'Ossos. Foi segunda viscondessa de Monte Alegre.

(164) No mesmo manuscrito mas em caligrafia diferente, fólio 175 v. diz que morreu a 1 de Maio de 1815.

(165) Obteve em 1796 licença para se conservar como secular no convento de Santa Clara de Vinhais onde estava havia já oito anos, onde depois professou em 1803. Museu Regional de Bragança, Maço, *Freiras de Santa Clara de Vinhais.*

5º *D. Joanna do Carmo Pinto Bacelar.*
6º *D. Antonia Umbelina Pinto Bacelar».*

31

«D. Ignez Candida Pinto Bacelar, cazou com Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, Moço Fidalgo com Carreira na Caza Real, Tenente-Coronel de Cavallaria, filho de Miguel Antonio Vaz Guedes Pereira Pinto, Moço Fidalgo, o Senhor da Caza e Morgado do Arco em Villa Real, e de sua molher D. Francisca Eleucadia Pereira Pinto Teixeira de Magalhaens, filha de José Caetano Teixeira de Magalhaens, Fidalgo da Caza de S. Magestade, Capitão Mór de Villa Real. (Ver *Vilar d'Ossos)*. Tiverão:

1º *Manoel Pinto Vaz Guedes Bacelar de Moraes Pimentel,* morreo menino. [Segue, em caligrafia diferente: «em 24 de Julho de 1813 havendo nascido a 3 de Novembro de 1809»].

2º *Miguel Pinto Vaz Guedes Bacelar,* morreo menino.

3º *Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes Bacelar,* morreo menino.

4º *Francisco Pinto Vaz Guedes Bacelar de Morais Pimentel.* [Segue, em caligrafia diferente: «nasceu a 13 de Fevereiro de 1814»]. Segue adiante.

5º *Manoel Pinto Vaz Guedes Bacelar.* Segue, em caligrafia diferente: [nasceu em Vilar d'Ossos a 29 de Julho de 1816»]. 3º visconde de Monte Alegre que segue.

6º *D. Emilia do Patrocinio Vaz Guedes Bacelar,* morreo menina.

7º *D. Eugenia Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto Bacelar,* nasceu em Lamego a 19 de Agosto de 1812.

8º *D. Carolina Amalia Vaz Guedes Pereira Pinto Bacelar.* [Segue, em caligrafia diferente: «nasceu a 31 de Julho de 1818»].

32 (166)

Francisco Pinto Vaz Guedes Bacellar Sarmento Pereira de Moraes Madureira Pimentel, 3º visconde de Monte Alegre, Moço Fidalgo com Exercicio no Paço e (167) acrescentamento a Fidalgo Escudeiro na mesma

(166) Esta parte, até ao número 35, é copiada do fólio 175 v., do mesmo manuscrito, onde vem uma notícia sobre os *Bacelares,* que o primeiro visconde de Monte Alegre mandou copiar, devidamente autenticada, de outra que existia em Valença do Minho, nas notas do tabelião Pedro Martins. Esta notícia foi depois continuada com os descendentes dos Bacelares até ao presente.
(167) Desde aqui até ao fim a caligrafia é diferente da anterior, em que foi copiada a notícia, e mostra ser dos fins do século XIX ou princípios do XX.

Real Caza, Comendador na Ordem de Christo e Tenente do 1º regimento de Cavalaria de Lisboa, nasceu a 14 de fevereiro de 1814 em Lamego.

33

Manuel Pinto Vaz Guedes Bacelar Sarmento de Moraes Pimentel, nº 31 – 5º casou com sua prima D. Ana Carolina Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto Teles de Menezes e Mello, filha herdeira de Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes da Fonseca e D. Josefa Julia Teles de Magalhães Teixeira de Menezes e Mello, neta paterna dos primeiros viscondes de Vila Garcia e materna de José Teles. Foi senhor do Morgado de S. Miguel do Seixo, 8º senhor do de Nossa Senhora da Assumpção de Villar d'Ossos e 22º Senhor do dos Machucas e Padroado do Capitulo de S. Francisco Xavier de Bragança e, por sua mulher, senhor igualmente do Morgado de Nossa Senhora da Vida, em Riodemoinhos, Louzada, e antiga e nobre caza de Vila Garcia, em Amarante (168). Teve:

1º *D. Inez Candida Vaz Guedes Pinto Bacelar,* que casou com Manuel de Mello Vaz de Sampaio, de Ribalonga, e foi senhora, por sua morte, do Morgado de Nossa Senhora d'Assunção de Vilar d'Ossos.

2º *Luiz Vaz Guedes Pereira Pinto Bacelar Teles de Meneses Sarmento de Moraes Pimentel* que segue [nasceu a 8 de Novembro de 1837].

3º *D. Maria Augusta Vaz Guedes Pinto Bacelar,* que herdou de seu pae, o morgado de S. Miguel do Seixo, em Mirandela, sem sucessão.

4º *Miguel Vaz Guedes Bacelar,* bacharel em Matematica e Filosofia, general de Infanteria, condecorado com a Torre e Espada e com serviços distintos no exercito.

5º *Manuel Pinto Bacelar,* que casou duas vezes: a primeira com 166D. Maria Candida Sampaio, por quem foi 2º visconde da Bouça, em Mirandela; e a segunda com sua prima D. Beatriz Vaz Guedes d'Ataide Malafala, filha de Antonio Vaz Guedes d'Ataide Malafala. Sem sucessão de ambas. Par do reino.

6º *D. Maria Augusta Vaz Guedes Pinto Bacelar.*

7º *D. Maria Ana Vaz Guedes Pinto Bacelar,* que casou com seu primo o general de cavalaria, Ajudante de Campo de S. Magestade o Rei D. Carlos 1º e comandante geral de policia de Lisboa, José Antonio de Moraes Sarmento, de quem não houve sucessão.

(168) Outro manuscrito que vimos, acrescenta que era «representante dos viscondes de Mirandela, Montalegre e Vila Garcia, 10º morgado da Torre de S. Veríssimo em S. Miguel de Lobrigos e que está sepultado na capela de S. Miguel do Seixo, perto da Torre de D. Chama».

8º *D. Maria Eugenia Vaz Guedes Pinto Bacelar.*

(Todas estas senhoras, sem sucessão, foram herdeiras do Morgado de S. Francisco Xavier de Bragança).

9º *D. Joanna Vaz Guedes Pinto Bacelar.*

10º *D. Antonia Vaz Guedes Bacelar.*

Ambas freiras

11º *José Vaz Guedes Pinto Bacelar,* sem sucessão.

12º D. *Anna Vaz Guedes Pinto Bacelar,* sem sucessão.

13º *Francisco Vaz Guedes Pinto Bacelar.*

34

Luiz Vaz Guedes Pereira Pinto Bacelar Teles de Menezes Sarmento de Moraes Pimentel, nº 33-2º segundo visconde de Vila Garcia e 5º de Monte Alegre, por sua vez representante do viscondado de Mirandela; de que foi primeiro visconde Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara, nº 26-1º, cazou com D. Maria da Conceição de Souza Homem Teles de Magalhães Menezes da Caza de Valmelhorado, no concelho de Felgueiras, e teve:

1º *Manuel Vaz de Souza Bacelar Teles,* bacharel em direito pela Universidade de Coimbra. [A este e a seus irmãos referir-nos-hemos em *Vilar de Ossos*].

2º *José Vaz de Souza Pereira Pinto Guedes Bacelar,* bacharel em direito pela Universidade de Coimbra.

3º *D. Ana Maria Vaz Guedes Bacelar,* que casou na Aguiã, Arcos de Valde-Vez, com Simão da Rocha de quem teve filhos.

4º *Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes de Souza Bacelar,* capitão de infantaria, que casou com D. Izabel Botelho, de Alvites, Mirandela, sem sucessão.

5º *Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes de Souza Bacelar.*

6º *Fernando Vaz Guedes de Souza Homem Bacelar,* que cazou com D. Ana da Conceição, e tem filhos.

7º *Gonçalo Vaz Guedes de Souza Homem Bacelar.*

8º *D. Maria da Conceição Vaz Guedes Bacelar.*

35

Francisco Vaz Guedes Pereira Pinto Teles de Menezes Sarmento de Moraes Pimentel, n. 31-4º e 32, cazou com D. Alcina Ismenia de Meireles

Machado Brandão de Souza Lobo da muito antiga caza de Argonça, em Louzada, freguezia de Ordem, aparentada com as principaes cazas da mesma comarca, inclusive a de Riodemoinhos, donde é oriundo este Francisco Vaz Guedes, seu marido, como se prova de uma Justificação de nobreza existente na mesma caza de Argonça. (Seguimos com este filho de Manuel Pinto Bacelar, e não com os representantes do seu filho mais velho, por não ser esse o fim que nos propuzemos, qual é o de continuar a geração, por varonia, dos filhos de Francisco Vaz, cabeça deste número 35). Teve por filhos:

1º *D. Ana Carolina Vaz Guedes Bacelar,* que cazou com Arnaldo Peixoto de Souza Vilas Boas descendente da ilustre casa da Ribeira em Louzada e teve filhos.

2º *D. Maria Angelica Vaz Guedes Bacelar,* que casou com Abel Candido Pinto Coelho Soares de Moura, da casa da Lama, no mesmo concelho de Louzada, e morreu sem sucessão.

3º *Manuel Maria Vaz Guedes Pereira Pinto Bacelar,* que morreu sem sucessão.

4º *D. Maria Ismenia Vaz Guedes de Souza Meireles Bacelar.*

5º *D. Maria Augusta Vaz Guedes de Souza Meireles Bacelar.*

6º *D. Maria Luiza Vaz Guedes Bacelar,* que cazou com José Maria Pinto de Souza Vasconcelos, do Ribeirinho, em Pombeiro, Felgueiras, e teve filhos.

7º *Miguel Antonio Vaz Guedes Bacelar,* que morreu sem sucessão.

8º *Francisco Vaz Guedes Pinto Bacelar.*

9º *José Antonio Vaz Guedes Pinto Bacelar,* que cazou com D. Izaura Celeste de Figueiredo Homem da Rocha Serpa Pinto e teve por filhos:

1º Francisco José.

2º Olivia Alcina.

- *Luiz Vaz Guedes Pereira Pinto Bacellar,* Visconde de Vila Garcia (nº 34 atrás citado).
  - *Manoel Pinto Vaz Guedes Bacellar Sarmento Pereira de Moraes Pimentel.* (Monte Alegre).
    - *Luiz Vaz Guedes Pereira Pinto,* 2º Visconde de Monte Alegre.
      - *Miguel Antonio Vaz Guedes Pereira Pinto,* F.C.R.
      - *D. Francisca Pereira Pinto de Magalhães,* sua prima.
    - *D. Ignez Candida Pinto Bacellar,* senhora do solar de Villar d'Ossos.
      - *Manoel Pinto Bacellar de Moraes Pimentel,* 1º Visconde de Monte Alegre.
      - *D. Joanna Delfina Wanzeller Teixeira de Andrade Pinto.*
  - *D. Anna Carolina Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto Telles de Menezes e Mello.* (Villa Garcia).
    - *Miguel Vaz Guedes Pereira Pinto,* capitão de cavalaria, morto na acção de Santa Barbara em 13-3-1823.
      - *José Vaz Guedes Pereira Pinto,* 1º Visconde de Villa Garcia.
      - *D. Anna Benedicta Fonseca Pinto,* herdeira.
    - *D. Josefa Julia Telles de Magalhães Teixeira de Menezes e Mello.*
      - *José Telles de Menezes e Mello,* desembargador da Casa da Supplicação.
      - *D. Anna Joaquina Leonor Teixeira de Magalhães e Lacerda.*

Francisco Pereira Pinto Guedes de Oliveira, F.C.R. senhor da Casa do Arco.

D. Maria Victoria Luiza Homem de Brito, herdeira.

José Caetano Teixeira de Magalhães e Lacerda, F.C.R. senhor da Casa de Calçada.

D. Thereza Bernarda Antonia Pereira Coutinho.

Lazaro Pinto de Moraes Bacellar.

D. Ignez Bernarda da Costa Pessoa Teixeira do Amaral.

Pedro Wanzeller, coronel de dragões em Chaves, governador do forte de S. Neutel.

D. Maria Josefa Teixeira de Andrade, herdeira da Casa de Fornos do Pinhal.

Miguel Antonio Vaz Guedes Pereira Pinto, F.C.R.

D. Francisca Pereira Pinto de Magalhães, sua prima.

Manoel da Fonseca Pinto Ribeiro de Vasconcellos, senhor do solar de Villa Garcia e 5º senhor de Lobrigos.

D. Anna Maria Bernarda Pinheiro da Silva, senhora da Casa de Simões (Guimarães).

Manoel Telles de Menezes, senhor da Casa de Rio FaIcão.

D. Maria de Meirelles Coutinho, herdeira.

José Caetano Teixeira de Magalhaes e Lacerda, senhor da Casa de Calçada.

D. Thereza Bernarda Vieira Pereira Coutinho.

Miguel Pereira Pinto do Lago, senhor da Casa do Arco.
D. Calharina da Fonseca Pinto, primeira mulher.

Manoel de Brito Homem, senhor do morgado de Figueiredo e Montebello.
D. Izabel de Brito Homem, sua prima.

Luiz Teixeira de Magalhães e Lacerda, alcaide-mor de Villa Real.
D. Leonor Pimentel de Queiroz e Mesquita.

Miguel Pereira Pinto do Lago (acima).
D. Anna Maria Pereira Coutinho, segunda mulher.

Fernão Pinto de Moraes Bacellar.
D. Josefa Maria de Moraes Pimentel.

Manoel da Costa Pessoa, alcaide-mor de Evora Monte.
D. Maria Magdalena do Amaral Sarmento.

João Wanzeller, ministro da Prussia em Lisboa.
D. Francisca Piper de Moraes.

Domingos Teixeira de Andrade Pinto, sargento-mor de batalha e governador de armas de Trás-os-Montes.
D. Maria Barbosa da Silva.

Francisco Pereira Pinto Guedes de Oliveira, F.C.R. senhor da Casa do Arco.
D. Maria Victoria Souza Homem de Brito, herdeira.

José Caetano Teixeira de Magalhães e Lacerda, senhor da Casa de Calçada.
D. Thereza Bernarda Antonia Pereira Coutinho.

Gonçalo Pinto da Fonseca, senhor de Villa *Garcia.*
D. Theodora Jacintha Cerqueira de Vasconcellos.

João da Fonseca Pinheiro, da casa de Lima em Simões.
D. Anna Pinheiro.

Manoel Coelho.
D. Maria Anna Telles de Menezes e Mello.

Domingos de Meirelles Freire, senhor de Rio de Moinhos.
D. Anna da Fonseca Coutinho.

Luiz Teixeira de Magalhães e Lacerda (vide acima).
D. Leonor Pimentel de Queiroz e Mesquita (vide acima).

Miguel Pereira Pinto do Lago (vide acima).
D. Anna Maria Pereira Coutinho (vide acima).

E. M. (169)

Francisco de Saá Ferreira que fica na *Arvore 2ª* letra *E* foy filho de Francisco de Moraes chamado *meya lingoa* que dizem ser filho de Pedro Alves de Moraes Pimentel e de sua molher D. Maria de Saá, filha de Aires ferrejra de Saá e de sua molher e Prima D. Izabel de Saá que foj filha de Francisco Ferrejra Comendador de Lamas e Corujos, e de sua molher D. Paulina de guimaraens. Neta de Lopo Ferreira, e de D. Violante de Saá (filha de João Rodrigues de Saá, senhor de Matozinhos e outras terras Camarejro mor de EI Rey D. João o 1º, e de D. Izabel Pacheco, filha de Lopo fernandes Pacheco, rico home Senhor de ferrejra de A[v]es) 2ª Neta de Ayres ferrejra 6º Senhor do Cazal de Caualejros, Alcayde mor de Trancoso, e de sua molher D. Ginebra Preyra que foj filha de vasco Pires de S. Payo, e de sua molher D. Maria Preira, elle filho de Pedro Alves de Souto mayor, Fidalgo galego, e de Francisca Paes, Senhor de Sampayo e outras terras em Tras dos Montes, e aquella filha de Alvaro Preira 2º Mariscal de Portugal, Senhor das villas de Santa Maria, e da Feira, por merce de El Rey D. João o 1º, e de sua molher D. Mexia vasques Pimentel, Filha de Vasco Martins Pimentel, o Patinho e de sua molher D. Thereza Gil. Ver *Conde D. Pedro* nº 13 [16].

F. – B.

D. Brites Pinto Cardoso que fica na *Arvore 2ª* letra *F,* foj filha de João Pinto da Foncequa natural de Mirandella, e de sua molher e Prima D. Catherina Cardozo natural de Fronteira em Alemtejo, Neta paterna de João Pinto da Foncequa filho 2º da Caza de Balsemão e de sua molher D. Maria Alves natural de Mirandella.

G. – C.

Gaspar de Queiroga Teixeira que fica na *Arvore 2º* letra *G* foj filho de Diogo de Queiroga e de sua molher Merencia Teixeira, Neto de Alvaro de Queiroga, e 2º Neto de Diogo de queiroga, Senhor da Caza de Betomssos em Galiza; e pela parte Materna Neto de Jacome Teixeira e de sua molher

(169) Esta parte, até ao fim, é escrita com caligrafia antiga, a mesma com que começou a ser escrito este manuscrito, interrompido no final do número 25.

Francisca Rodrigues 2º Neto de Martim Teixeira o velho natural da villa de Chaves e de sua molher Francisca Rodrigues de Moraes Irmã de Gonçalo Rodrigues de Moraes da cidade de Bragança.

H. – D.

D. ANNA DE VARGAS E CAMPILHO que fica na *Arvore 2ª* letra *H* foj filha de Diogo de Campilho e Sampayo e de D. Merenciana de vargas, neta Paterna de Francisco de Campilho Senhor das villas de Couillos, e Filomena em Castella a velha, que passou para este Reyno e de sua molher D. Izabel de Sampayo, 2ª Neta de Henrique de Pamfila Senhor das referidas terras, e de sua molher D. Lionor Calderon, 3ª Neta de Henrique de Pamfila que da Grecia se retirou para Hespanha fugindo á hira de Mahomet Imperador de Constantinopla que a conquistou pelos annos de 1478, em Castella foj Senhor das referidas villas por Merce de El Rey D. João 1º que se acha rezistada na Torre de Simancas no livro das merces do dito Rey a fol. 253 na qual se declara ser Duque da cidade de Pamfila. Neta Materna de Roque Teixeira e de D. Merenciana de Vargas, que veyo do reyno de Castela no tempo da Senhora D. Anna de vellasco Duqueza de Bragança, e era filha de D. Lope de Figuiroa, e de D. Estefana de Vargas Neta paterna de Martim de Figuiroa, Fidalgo da Caza do El Rey e de D. Hieronima Calderon e pela Materna de D. Antonio Ramiro e de D. Aldonça de vargas; Era Roque Teixeira filho de Martim Teixeira o velho da villa de Chaves e de sua molher D. Francisca Rodrigues de Moraes – *Letras G.-C.* Neto Paterno de vasco Annes Colmieiro de Louzada, e de sua molher Branca Teixeira filha de João Teixeira de Macedo, senhor da Teixeira e de sua molher D. Violante de Barros 2º Neto de Alvaro Annes Colmiejro, e de Felipa Gomes, Senhora galega. 3º Neto de outro Alvaro Annes Colmieiro de Louzada, Alcaide mor da villa de Monforte do Ryo livre, e de sua mulher Izabel Pires Leite de Chaves, que foj filha de Pedro Esteves da Roda Chaves vassalo de El Rey 8º senhor do Morgado e Alvergaria de Santa Catherina de que tomou posse em 25 de fevereiro do anno de Christo de 1409 (e em doze de dezembro de 1412 alcansou Provizão de El Rey D. João o 1º pela qual lhe manda sigurar a posse e nella se declara em como fora confirmada a Instituição do dito morgado por El Rey D. Deniz) e de sua molher Betasa Affonso Leite, Neta de Estevão Rodrigues Chaves vassalo de El Rey que vivia na sua quinta de villa Real do termo de Chaves na Era de 1410 que hé anno de Christo de 1372. 2ª Neta de Rodrigo Esteves de Chaves, que vivia na dita quinta no anno de 1301. 3ª Neta de Estevão Pires de Chaves 2º Senhor do Morgado e Alvergaria de Santa Cathe-

rina, a que uniu a quinta de Santa Cruz e Irmão de Lourenço Pires de Chaves 1º Instituidor do dito Morgado e Alvergaria em 13 de Junho do anno de Christo de 1249 [17]. 2.os Netos por varonia de Ruj Lopes conquistador da villa de Chaves no anno de 1160 Reynando em Portugal o Senhor Rey D. Affonso Henriques, em cuja memoria uzarão do Apelido de Chaves.

I.

PEDRO BORGES REBELLO 5º Senhor do Morgado do Corpo Santo em Lisboa (que fica na *Arvore 3ª* letra *I*) foj filho de Pedro Borges Rebello 4º Senhor do Morgado referido (170) e de sua molher D. Maria Pinto Preira, filha de João Pinto Preira Alcajde mor de Ervededo e de sua molher D. Izabel de Moraes sua sobrinha filha de Pedro Alves de Moraes Pimentel, nº 19 e de sua molher D. Maria Preira, que era Irmã do dito João Pinto Preira; Neto de Lopo Alves Borges, que vivia no anno de 1561 e de D. Maria Botelho (Irmã de Ruy de Abreu Rebello 2º Senhor do dito Morgado que Instituhio nelle sua Thia D. Maria de Rebello em 12 de Abril de 1516, 2º Neto de Alvaro Pires Borjes e de D. Violante Vas de Moraes filha de Gil Affonso Pimentel e de D. Lionor de Moraes. 3º Neto de Lopo Alves de Meireles, Fronteiro mor da cidade de Bragança. 4º Neto de Alvaro Nunes de Meireles e de sua molher D. Maria Borges, filha de Diogo Gonçales Borges, senhor da Torre de Moncorvo.

L.

D. CATHERINA PREIRA, que fica na *Arvore 3ª* letra *M* foi filha de Nuno Alves Preira secretario de Estado no de Portugal na Corte de Madrid, (lrmão de Aleixo de Moraes Pimentel, nº 20 e de sua molher D. Izabel de Mariz, filha de Lopo de Mariz e de D. Anna de Macedo, que o foj de João de Macedo, Alcajde mor de Outejro e de sua molher D. Branca de Souza, filha de João de Souza Alcajde mor de Bragança.

(170) À margem, com caligrafia diferente e mais moderna, há uma nota que diz: «aliás Lopo Alvares Borges e de sua molher D. Leonarda de Oliveira da Costa, familia mui antiga de Bragança e este D. Pedro Alves Borges Rebelo hé que foi cazado com D. Maria Pinto Pereira, filha de João Pinto Pereira, Alcaide mor de Ervededo e não com D. Catherina como na Arvore 3ª se fazia menção a qual foi molher do filho e não do pai, do qual não houve geração e seu irmão Gonçalo Borges Rebelo lhe sucedeu no morgado de Corpo Santo.»

M.

D. MARIA PINTO PEREIRA que fica na Arvore 3ª letra *M* foi filha de João Pinto Pereira, fidalgo da Caza Real por Alvará de 29 de... 1543 com tença de cem mil reis nelle declarados, Alcaide mor de Castelo de Ervededo, era Irmão de Francisco Vas Pinto e de Frei Diogo de Murça, todos filhos de Gonçalo Vaz Guedes, Netos do Senhor de Murça.

E.

HIERONIMO FERREIRA DE MORAES que fica na *Arvore 4ª* letra *E* 4º Senhor do Morgado de Tiozello, Moço fidalgo da Caza de S. Magestade, foi filho de Duarte Ferrejra de Moraes 3º Senhor do referido morgado, e Comendador da Ordem de Christo, e de D. Lionor Pinheiro, Irmã de D. Antonio Pinheiro, Bispo que foj de Miranda, Neta de Francisco Rodrigues de Moraes, 2º Senhor do referido morgado, e de sua molher D. Violante de Saá, filha de Francisco Ferrejra comendador de Lamas e de sua molher D. Paulina de Guimaraens cujos ascendentes se tem referido – Letra *E. M.* 2º Neto de Duarte Rodrigues de Moraes e de sua molher a muito honrada Catherina Gonçales Instituidores do referido morgado. 3º Neto de João Calvo de Moraes que dizem veyo de Galiza aonde foj senhor de hum Castelo junto a Bayona, e segundo outras memorias que se acharão em Lisboa em Titulo de Moraes, que parecem ser verdadejras se chamou Gonçalo Rodrigues o Calvo nas quaes se diz cazou com D. Lionor de Moraes e que forão Senhores de Thiozello, Villardossos, Quintella, Lagarelhos, Ryo de Fornos e outros lugares.

F.

D. CATHERINA VELLOSO que fica na *Arvore 4ª* letra *F.* foj filha de Francisco Alves Vellozo, Fidalgo da Caza Real, e de sua molher... de Araujo, natural da villa de Chaves. Neta de Antonio Alves Velloso e de Maria da Silva elle Fidalgo da Caza de S. Magestade que depois de viuvo foj abbade do Eiró de Covas e Bipa ou Bissa (?) no termo de Montealegre.

I. I. O.

GONÇALO DE MESQUITA PINTO, Moço Fidalgo da Caza de S. Magestade que fica na *Arvore 5ª* letra *I. I.* senhor do Morgado de Abassas foj filho de

Andre Correya de Mesquita e de sua molher D. Anna Pinto, Neto paterno de João Correya de Mesquita e de D. Ignes Teixeira, filha de Antão Fernandes Leite, Comendador na ordem de Christo e materno de Francisco Vas Pinto, (lrmão de João Pinto Preira, Alcajde mor de Ervededo, de que se fes menção na letra *I*), e de sua molher D. Maria Valença, filha de Francisco de Valença, Fidalgo castelhano, natural de Samora, e de sua molher D. Maria de Burgos. 2º Neto pela mesma via de Gonçalo Vas Guedes, (que era Neto de outro Gonçalo Vas Guedes, senhor de Murça) e de D. Maria Pinto Preira que foj filha de Nuno Alves Preira e de sua molher D. Izabel de Sampayo, Neta paterna de Ruy Vaz Pinto, senhor de Ferreiros e Tendões e de sua molher D. Catherina de Mello filha de Martim de Mello, senhor de Mello. 2ª Neta de Ayres Pinto e de sua molher D. Constança Rodrigues Preira, filha de Payo Rodrigues Preira. 3ª Neta de Vasco Garcês Pinto e de sua molher D. Urraca Vasques de Souza. 4ª Neta de Garcia Soares Pinto e de D. Maria Gomes de Abreu filha de Ruy Gomes de Abreu. 5ª Neta de Guterres Soares e de D. Elvira Annes Pinto filha de D. João Garcia Pinto que foj o 1º que uzou deste Apelido e foj filho do Conde D. Garcia de Souza e da Condesa D. Elvira Gonçales, e Neto do Conde D. Mendo o Souzão, este D. João Garcia Pinto cazou com D. Urraca Fernandes filha de D. Fernando Fernandes Pelegrim.

L. P.

D. Paula da Fonseca que fica na *Arvore 5ª* letra *L.* foj filha de Gaspar Pinto da Fonseca e de D. Catherina da Fonseca».

Outro tombo do morgadio de S. Francisco pertencente a Domingos de Morais Madureira e Pimentel, de Bragança

É um códice de papel almaço não pautado, selado com selo de cinco réis e encadernado. Contém 125 fólios numerados de frente e 2 sem numeração, todos manuscritos, 8 fólios em branco, 3 de índice, manuscritos e 2 em branco. Tem portanto 140 fólios.

O manuscrito começa no fólio 3 v., por um alvará, datado de 21 de Novembro de 1710, em que El-Rei autoriza o licenciado António de Paiva e Pona, superintendente dos tabacos na província de Trás-os-Montes, desembargador do Paço e juiz deste *Tombo,* a medir e demarcar os bens do morgadio de S. Francisco, com autoridade judicial, fazendo lavrar os respectivos termos por tabelião público. Por uma referência que se lê no nº 22, presume-se que estes termos foram lavrados em 1728.

No fólio 5 v. vem um requerimento, feito em 1710 por Domingos de Morais Madureira e Pimentel, dirigido a El-Rei, em que diz pertencer-lhe o morgadio de S. Francisco, instituído por seu pai José de Morais Madureira e por seus tios abades Francisco de Morais Madureira e Manuel de Morais Pimentel, e pede para que este seja demarcado judicialmente.

No fólio 6 v. vem a escritura da fundação do morgadio, feita em 12 de Fevereiro de 1803 por José de Morais Madureira, sua mulher D. Maria de Morais Pimentel (o nome de Pimentel vem confirmado no fólio 94 verso) e seu filho Francisco de Morais Madureira, ajudante de infantaria do terço da praça de Bragança, com bens vinculados.

Para a fundação do morgadio concorreram com doação de bens: Francisco de Morais Madureira, abade de Carrazedo, e Manuel de Morais Pimentel, abade de Bouçoaes, comissário do Santo Ofício, que foi depois abade de Meixedo, onde faleceu.

O abade de Carrazedo foi o que concorreu com maior soma de bens.

Na escritura está a seguinte cláusula, que nesse tempo era geralmente imposta em todos os morgadios:

«Todos os successores que houverem de succeder no dito Morgado sejão Catholicos e Liaes á Coroa real sem raça de Mouro Judeu ou outra qualquer imfeta nação».

Em 1605, Manuel de Morais Pimentel, bisavô do instituidor José de Morais Madureira, adquiriu, por escritura, o direito de ter, ele e família, sepultura privada na capela-mor da igreja de Santa Clara, de Bragança.

Os dois padres fundadores punham mais por condição que «se lhe diga huma missa em dia de S. Francisco cada anno em o seo Convento

em quanto se não fizer a Capella com a invocação do mesmo Santo na quinta de Savariz».

Esta capela em Savariz, ou nunca se fez ou arruinou-se e não há memória dela.

Queriam, também, que a capela de Savariz fosse da invocação de S. Francisco, por ser este o nome do pai dos instituidores.

Os bens vinculados valiam 22.000 cruzados.

Bens do morgadio em Bragança e seu termo

«Casas nobres do dito morgado sitas na rua da Carreira que tem dez jinelas com um arco de aboboda sobre a travessa que vae para a rua Direita tem as armas dos Moraes e Pimenteis, apelidos que por antiga nobreza pertencem á dita caza, por cima do arco uma janela com reixa».

Outras casas na Rua da Costa Pequena.

Outras na Rua dos Oleiros, que confrontavam com Maria Rodrigues Coreona, com a Rua Nova e com Miguel Novais da Costa.

Outras casas, na mesma Rua dos Oleiros, que confrontavam com Gabriel Alves Lotas, desta cidade.

Outras casas nas Eiras do Bispo, que confrontavam com Francisco de Castro, governador do Rio de Janeiro.

Outras casas na travessa «que vai da rua Direita para o Corpo da Guarda principal».

Uns moinhos ao Botoco, que confrontavam com o pelame de Duarte da Paz e o caminho das Moreirinhas e com o que vem da ponte das Tinarias.

Quinta de Campelo, composta de terras, lameiros e casas de moradia.

Além destes bens o morgadio tinha muitas e boas propriedades em Cabeça Boa, Alfaião, Savariz, Lagomar, Portela, Fermil, Parâmio, Fontes e Maçãs, todas descritas neste *Tombo.*

Os bens de Fontes, Maçãs e Parámio haviam sido comprados pelo abade de Carrazedo, Francisco de Morais Madureira, um dos doadores, a Martim Carneiro de Morais, abade de Gondezende.

Os fundadores, José de Morais Madureira e sua mulher D. Maria de Morais Pimentel, tinham cinco filhas recolhidas em Santa Clara e um filho de nome Caetano Pinto de Morais.

O primeiro doador, Francisco de Morais Madureira, devia ter falecido pouco depois da instituição do morgadio, porque a 12 de Dezembro de 1711 já o abade de Carrazedo, também Francisco de Morais Madureira, doava vários bens para o morgadio a seu sobrinho «o doutor Domingos

de Moraes Madureira Pimentel, filho de seu irmão José de Moraes Madureira». Entre esses bens doados pelo abade, e que eram a maior parte do morgadio, entravam «hums moinhos no Rio Fervença da dita cidade de Bragança aonde chamão ao Batoco que forão do mestre de campo General Sebastião da Veiga Cabral que Santa Gloria haja».

No fólio 107 vem um requerimento de Francisco José de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa Real, possuidor do morgadio, que herdou por falecimento de seu pai, Domingos de Morais Madureira Pimentel, em que pede para lhe transcreverem no livro do *Tombo* várias escrituras de bens do mesmo morgadio. O requerimento é datada de 12 de Fevereiro de 1731.

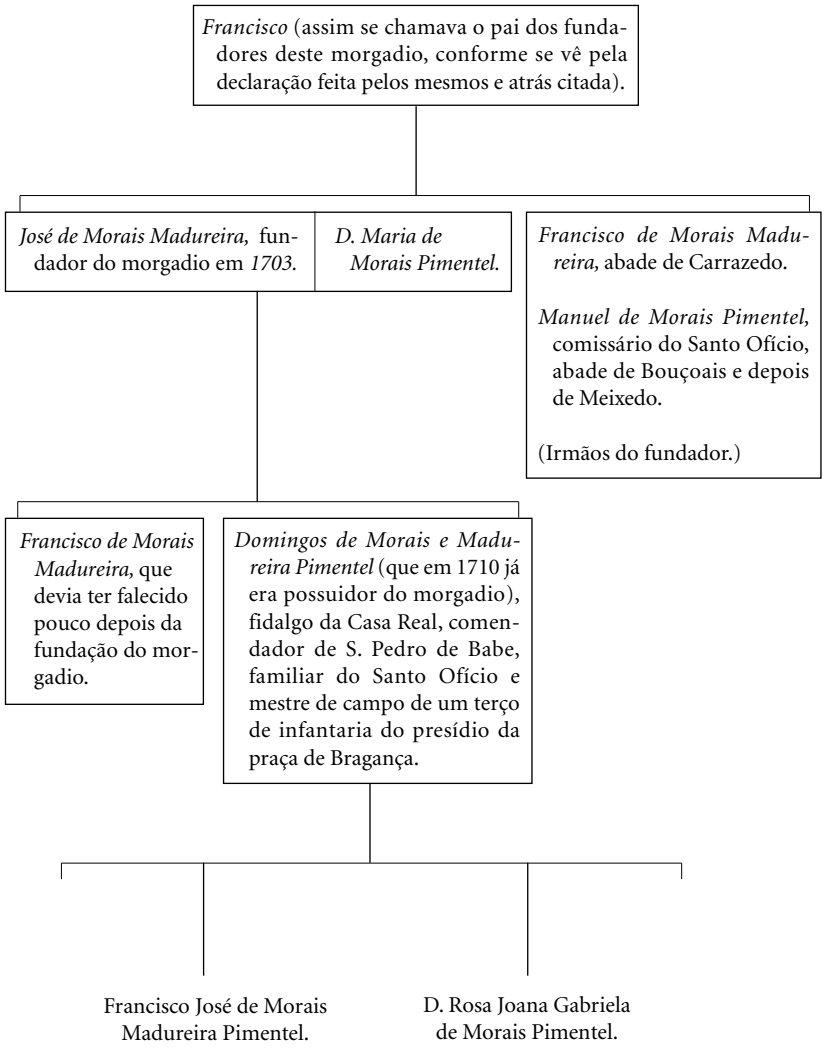
No fólio 117 v. vem um requerimento de José de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa Real, possuidor dos bens do morgadio, que herdou por falecimento de seu pai, Domingos de Morais Madureira Pimentel, em que pede para se lançarem no livro do *Tombo* os bens que seu tio Domingos de Morais Madureira doou ao morgadio. É datado de 30 de Julho de 1732. A doação foi feita em 27 de Junho de 1732. Domingos de Morais Madureira era cavaleiro professo da Ordem de Cristo, tinha a comenda de S. Pedro de Babe; familiar do Santo Ofício e mestre de campo de um terço de infantaria auxiliar do presídio da praça de Bragança.

O doador Manuel de Morais Pimentel, abade de Bouçoais e depois de Meixedo, era já falecido em 9 de Fevereiro de 1731. Seu irmão Francisco de Morais Madureira, abade de Carrazedo, vivia ainda nesta data, em que fez novas doações de bens ao morgadio, juntamente com seu irmão Domingos de Morais Madureira.

No fólio 122 vem o requerimento de D. Rosa Joana Gabriela de Morais Pimentel, viúva do general das armas da província de Trás-os-Montes, moradora em Bragança, em que pede que neste *Tombo* se transcreva o testamento de seu irmão, o doutor José Manuel de Morais Pimentel, respeitante ao morgadio, feito a 5 de Maio de 1789.

No fólio 107 v. vem outra escritura de doação ao morgadio, feita pelo já citado abade de Carrazedo a 5 de Agosto de 1722 «a seu subrinho Domingos de Moraes Madureira Pimentel, fidalgo da casa de S. Magestade, commendador de S. Pedro de Babe, filho de seu irmão José de Morais Madureira... de huas casas que elle tem e comprou».

São muitas as propriedades doadas.


Francisco (assim se chamava o pai dos fundadores deste morgadio, conforme se vê pela declaração feita pelos mesmos e atrás citada).
José de Morais Madureira, fundador do morgadio em *1703.*
D. Maria de Morais Pimentel.
Francisco de Morais Madureira, abade de Carrazedo.
Manuel de Morais Pimentel, comissário do Santo Ofício, abade de Bouçoais e depois de Meixedo.
(Irmãos do fundador.)
Francisco de Morais Madureira, que devia ter falecido pouco depois da fundação do morgadio.
Domingos de Morais e Madureira Pimentel (que em 1710 já era possuidor do morgadio), fidalgo da Casa Real, comendador de S. Pedro de Babe, familiar do Santo Ofício e mestre de campo de um terço de infantaria do presídio da praça de Bragança.
Francisco José de Morais Madureira Pimentel.
D. Rosa Joana Gabriela de Morais Pimentel.

Francisco José de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa Real, devia ter falecido sem deixar descendência, porque no *Monumento* ao bispo D. António não se fala nele e a árvore genealógica aponta como sucessora no morgadio sua irmã.

D. Rosa Joana Gabriela de Morais Pimentel, nasceu em Bragança a 6 de Fevereiro de 1718 e faleceu a 4 de Junho de 1793, tendo casado com Francisco Xavier da Veiga Cabral da Câmara, tenente-general e governador das armas da província de Trás-os-Montes. Tiveram numerosa descendência, de entre a qual se destaca o célebre bispo de Bragança D. António Luís da Veiga Cabral da Câmara.

Notas

D. Maria Madalena da Anunciada, filha de Fernão Pinto Bacelar, capitão-mor de Vinhais, e de D. Josefa Maria de Morais Madureira, que residiu em Vilar de Ossos e anteriormente na quinta do Seixo, perto da Torre de D. Chama, onde nasceu a 12 de Março de 1701, professou, em 1723, no convento de Santa Clara de Vinhais. Na mesma quinta do Seixo nasceram suas irmãs:

D. Teresa, a 10 de Outubro de 1702. (Na clausura, D. Teresa da Anunciada.)

D. Maria, a 10 de Março de 1705. (Na clausura, D. Maria José.)

D. Caetana, a 1 de Novembro de 1707.

Todas noviciaram no mesmo convento e na mesma data.

D. Maria José só professou em 1732 e do respectivo processo consta: que uma sua irmã estivera, nove anos antes, para casar com Baltasar de Morais, de Mirandela (seria uma D. Ana, que foi madrinha de suas irmãs D. Teresa e D. Maria, sendo padrinho Baltasar de Morais, de Mirandela?); que um seu irmão tomara o hábito de S. Bernardo em Alcobaça e que tinha muitos irmãos.

D. Inês Bernarda, de Vilar de Ossos.

D. Maria Josefa, irmãs, filhas de Lázaro Pinto de Morais Bacelar e de D. Inês Bernarda Pessoa Teixeira, de Vilar de Ossos, obtiveram, em 1755, licença para entrar, como recolhidas, no convento de Santa Clara de Vinhais.

D. Maria Antónia de Morais Bacelar, de Vilar de Ossos, obteve, em 1780, licença para entrar, como secular, no convento de Santa Clara de Vinhais, a fim de ajudar uma irmã de seu pai, freira no mesmo convento.

D. Antónia Rosa, filha de António de Morais Madureira e de D. Luísa de Sá Morais, que nasceu em Bragança (Santa Maria), a 2 de Julho de 1743, professou no convento de S. Bento da mesma cidade em 1765 (171).

Família Morais Sarmento

1º Francisco de Morais Pimentel, filho de Cristovão Ferreira de Sá e de D. Maior Sarmento (ver *Bragança – Ferreiras),* instituiu um morgadio em 8 de Agosto de 1646. Na escritura da instituição diz-se viúvo de D. Juliana de Sá. Legou-o a seu irmão:

2º Baltasar Sarmento Ferreira, que casou com D. Joana de Sá. Entre outros, foi seu filho:

3º João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, comissário geral das tropas de ordenança da província de Trás-os-Montes, que casou com D. Ana Ferreira, sua prima, filha de Gaspar Ferreira Sarmento. Sucedeu-lhe neste morgadio:

4º Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, que casou com D. Ana de Sá Pereira. Sucedeu-lhe:

5º João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, que residiu nas casas que foram de Lopo Ferreira, seu ascendente, e veio da casa de Cavaleiros para Bragança. Casou com D. Inácia Maria de Vasconcelos. Descendência:

6º Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel, que possuía outro morgadio, instituído por Gaspar Ferreira Sarmento (ver 3º, atrás citado) e sua mulher D. Ana Vaz Teixeira, a 28 de Setembro de 1646 (172).

E outros.

7º André de Morais Sarmento, natural de Bragança, filho de Baltasar de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo,

(171) Todas estas notícias referentes às freiras são extraídas dos respectivos processos arquivados no Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara de Vinhais.*

(172) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança* notícia XI, «Dos Morgados», § 21, fol. 309 (mihi).

neto de Rodrigo de Morais Sarmento. Fidalgo-cavaleiro por alvará de 18 de Abril de 1694 (173).

Família Pinto Cabral

ANTÓNIO PINTO CABRAL, natural de Bragança, filho de Sebastião da Veiga Cabral, fidalgo da Casa Real, neto de Rodrigo Caldeirão.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 9 de Julho de 1720 (174).

Família Pinto de Morais

1º CAETANO PINTO DE MORAIS, natural de Bragança, filho de Domingos de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, neto de José de Morais Madureira Pimentel.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 28 de Julho de 1721 (175).

2º CAETANO PINTO DE MORAIS, natural de Bragança, filho de José de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa Real, neto de Francisco de Morais Madureira Pimentel (Ver *Bragança – Morais Madureira Pimentel.*)

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 24 de Julho de 1721 (176).

Família Sá

JOSÉ ANTÓNIO DE SÁ. Nos livros do *Registo da Câmara Municipal de Bragança* encontra-se registada a carta de fidalgo deste bragançano ilustre (a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores), na qual se lê o seguinte:

«D. Maria rainha de Portugal etc. Fazemos saber aos que esta carta de nobreza e brasão d'armas virem que o Doutor José Antonio de Sá opositor ás cadeiras da Universidade de Coimbra, socio correspondente da Real Academia de Sciencias, juiz de fora da villa de Moncorvo, natural da

(173) Livro 8 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 355, in *Dicionário Aristocrático.*
(174) Livro 11 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 457 v., in *Dicionário Aristocrático.* No exemplar deste dicionário que possuo, adiante do nome *Rodrigo Caldeirão* há uma nota manuscrita que diz: «que foi lente em Coimbra».
(175) Livro 13 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 20, in *Dic. Aristocrático.*
(176) Ibidem, fol. 21.

cidade de Bragança nos fez petição de Carta de Brazão d'Armas... que seus antepassados sempre como fidalgos se trataram vivendo á lei da nobreza com armas, cavallos, creados e todo o mais tratamento proprio da nobreza e por isso lhe mandei passar Carta de Brazao d'Armas... Escudo partido em palla, na primeira as armas dos Sás... na segunda as dos Castros... Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e cores das armas. Timbre dos Sás que é um bufalo nascente xadrezado de negro e prata armado e com uma argola nas ventas, tudo do mesmo metal e por differença uma brica vermelha com um farpão de prata. Lisboa 18 de Agosto de 1784» (177).

Encontra-se este escudo no cemitério de Bragança, aberto em mármore, no jazigo da «Familia Novaes e Sá», onde está sepultado o doutor Joaquim Guilherme Cardoso de Sá, neto do agraciado.

Também no mesmo livro do *Registo da Câmara de Bragança*, fol. 189 v., se encontra a portaria de 9 de Junho de 1826, registada no ano de 1859, que concede a Tomás Carlos Leopoldino Cardoso de Sá, filho legítimo do conselheiro José António de Sá, fidalgo da Casa Real, 1$600 réis de moradia por mês e um alqueire de cevada por dia. Foro e moradia que por seu pai lhe pertenciam.

O doutor José António de Sá era filho de Luís Francisco de Sá e de D. Catarina Rosa de Castro.

Neto paterno de Francisco de Sá e de D. Ana da Paz.

Neto materno de Manuel de Passos Furtado e de D. Isabel de Castro.

Chegou a receber ordens menores em 1777, como se vê do respectivo processo arquivado no *Museu Regional de Bragança.*

Faleceu em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1815.

Família Sá Carneiro Vargas

JOSÉ DE SÁ CARNEIRO VARGAS, segundo comandante do primeiro batalhão da primeira brigada de ordenanças da província de Trás-os-Montes, era filho de Álvaro Carneiro Henriques de Sá Vargas e de D. Luísa Angélica da Costa, naturais de Bragança.

Neto paterno de José de Sá Vargas e de D. Leonor Nunes Josefa. Neto materno de Jerónimo Alves da Costa Henriques e de D. Isabel Maria da Costa.

(177) Livro do Registo da Câmara Municipal de Bragança, fólio 190. Ver a sua bibliografia no volume que consagramos aos escritores. O seu título de fidalguia está registado no Cartório da Nobreza, livro 3, fol. 153.

Casou em Bragança (Santa Maria) a 7 de Janeiro de 1801 com D. Maria Joaquina Rosa de Campos, natural de Murça, filha de Henrique José da Silva e de D. Antónia Luísa de Campos.

Teve por armas um escudo esquartelado: no primeiro as armas dos Sás; no segundo as dos Vargas; no terceiro as dos Henriques e no quarto as dos Costas.

Este escudo foi-lhe passado a 9 de Setembro de 1814 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 7, fol. 296 (178).

O apelido Vargas será derivado de varga, que, segundo Viterbo, era certa armadilha feita de ramos de árvores para apanhar peixes, e aludirão a isto as ondas do escudo?

Família Sepúlvedas (Visconde de Ervedosa)

António Correia de Castro Sepúlveda, primeiro visconde de Ervedosa (título hoje extinto) com grandeza, em sua vida, por alvará de 25 de Fevereiro de 1849, fidalgo-cavaleiro da Casa Real por alvará de 8 de Março de 1807 (o *Dicionário Aristocrático* diz que é de 1800), do conselho de Sua Magestade, alcaide-mor de Trancoso (179), administrador dos morgadios de Mirandela, Amendoeira e outros, na comarca de Bragança, proprietário do ofício de Juiz da Alfândega de Bragança, gran-cruz da Ordem Militar de S. Bento de Avis, comendador de São Martinho de Soeira na Ordem de Cristo, comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, comendador de número extraordinário da Ordem de Carlos III de Espanha, condecorado com as medalhas militares de ouro por bons serviços e de prata por comportamento exemplar, marechal de campo reformado do exército (em 31 de Março de 1858).

Sucedeu na casa a seu pai em 28 de Abril de 1814 (180). Nasceu em Bragança (Santa Maria) a 30 de Março de 1790 e foi baptizado por Francisco Xavier Gomes de Sepúlveda, abade de Rebordãos, com licença do respectivo pároco, sendo seu padrinho Francisco Xavier da Veiga Cabral e Câmara, fidalgo da Casa Real, alferes de cavalaria de Miranda. Faleceu, também em Bragança, a 4 de Março de 1875.

Casou a 23 de Maio de 1804 com D. Maria Josefa Taveira de Figueiredo Teixeira de Barros (D. Maria Josefa Teixeira de Barros Morais, diz a

(178) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógica,* etc., parte I, p. 420.
(179) Na *Árvore Genealógica da Família dos Figueiredos da quinta de Arufe* que atrás descrevemos, diz-se que foi alcaide-mor da vila de Avis.
(180) SANCHES DE BAENA – A *Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal,* p. 77, diz que foi a 23 de Abril.

Árvore Genealógica), décima senhora do morgadio de S. Jorge, em Favaios, de onde era natural, e dos morgadios de Arufe, concelho de Bragança, e de Tralhariz, concelho de Carrazeda de Ansiães, filha e herdeira do doutor Bernardo José de Figueiredo Teixeira de Barros, senhor dos referidos morgadios, fidalgo da Casa Real, e de D. Caetana Josefa de Figueiredo Sarmento, natural de Bragança (de Arufe, diz a referida *Árvore Genealógica);* neta materna de Sebastião de Figueiredo Sarmento, alcaide-mor de Bragança, filho de Manuel Jorge de Figueiredo Sarmento, também alcaide-mor de Bragança [181].

D. Maria Josefa Taveira de Figueiredo Teixeira de Barros, viscondessa de Ervedosa, tinha os seguintes irmãos:

Sebastião Jorge de Figueiredo Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, morador na quinta de Arufe, que casou com D. Francisca, do Vimioso, da qual teve filhos que morreram sem descendência.

D. Caetana, que casou com o primeiro barão de Paúlos, António Colmieiro da Veiga Osório Caldeirão.

D. Francisca.

D. Mariana, que casou com Bernardo Sarmento, tenente-coronel de infantaria, seu primo, senhor da quinta de Santa Apolónia e morgado de Carrapatas. Tanto esta como D. Caetana morreram sem descendência e os morgadios passaram para os Barros, que residiam no Rio de Janeiro [182].

O Visconde de Ervedosa assentou praça em cadete aos seis anos de idade, foi despachado major em Abril de 1805 [183]; em 1820 tomou o comando do regimento de infantaria nº 24, onde foi promovido a tenente-coronel e a coronel em Março de 1823. Em Dezembro desse ano, devido à mudança da situação política, foi-lhe anulada esta promoção pelo Governo absolutista, que muito o perseguiu, sendo preso, julgado em Conselho de Guerra e condenado à morte, que evitou fugindo, mas foi-lhe saqueada a casa. Por decreto de 5 de Setembro de 1837 reformou-se em brigadeiro e em 31 de Março de 1858 foi-lhe melhorada a reforma no posto de marechal de campo [184].

(181) Esta notícia, que tiramos da citada *Árvore Genealógica,* parece-nos menos exacta, pois supomos que nem este nem o filho foram alcaides-mores de Bragança.
(182) *Árvore Genealógica da Família dos Figueiredos da quinta de Arufe.*
(183) No fólio 17 v. do *Livro do Registo da Câmara Municipal de Bragança* vem transcrita a provisão de 25 de Abril de 1812, na qual o Príncipe Regente participa à Câmara que António Correia de Sepúlveda, sargento-mor de Bragança, não podia ir exercer o cargo de vereador, para que fora eleito naquele ano, por se encontrar em Lisboa, há mais de dois anos, assistindo a seu pai.
(184) *Portugal: dicionário histórico,* artigo «Ervedosa».

Quando da sua demissão de director da Alfândega de Bragança, a que adiante aludiremos, o visconde de Sá da Bandeira afirmou: que tal emprego lhe fora dado por D. João VI em recompensa dos serviços de seu pai, o general Sepúlveda, pela gloriosa parte que tomara na guerra contra os franceses, sendo o primeiro a levantar o grito da revolta; que era um cavalheiro digno, que muito sofrera pela causa liberal e que perdera dois filhos, assassinados atrozmente, por serviços à mesma causa.

O conde de Lavradio alegou que do general Sepúlveda, pai do visconde, como se via da carta régia de El-Rei D. José e despacho do marquês de Pombal, podia dizer-se que fora quem criara a capitania do Rio Grande do Sul e a defendera dos ataques dos espanhóis (185).

Na sessão da Câmara dos Pares de 29 de Maio de 1848 o visconde de Sá da Bandeira interpelou o Ministro da Fazenda por ter demitido do lugar de director da Alfândega de Bragança o visconde de Ervedosa (186). Parece que foi reintegrado e, mais tarde, outra vez demitido, como se vê no seguinte decreto de 11 de Agosto de 1852:

«Constando-me que o porteiro e guarda da Alfândega de Bragança efectuaram em terreno espanhol, no dia 15 de Maio deste ano, uma tomadia de 211 cabeças de gado, 203 das quais foram logo arrematadas, sem que se saiba o destino que tiveram as oito restantes; e que este irregular procedimento dos referidos empregados, que sòmente agora acaba de chegar ao conhecimento do govêrno, foi autorizado pelo chefe da respectiva Alfândega, tendo havido pronta arrematação do gado apreendido sem o devido conhecimento de causa; e querendo dar uma severa demonstração de quanto reprovo a conduta leviana e repreensivel daqueles empregados fiscais, cujo insólito procedimento assim contribuiu para estabelecer uma desinteligência entre os habitantes do meu reino e os do reino vizinho, naquele ponto da fronteira: Hei por bem demitir o visconde de Ervedosa do emprêgo de sub-director da Alfândega de Bragança, para que havia sido nomeado por decreto de 11 de Novembro de 1851».

Igual demissão tiveram o porteiro e os guardas que contribuíram para a apreensão (187).

(185) *Diário do Governo* de 19 de Junho de 1848.
(186) Ibidem.
(187) Ibidem.

O Visconde de Ervedosa teve os seguintes filhos:

I. *Manuel Jorge,* que nasceu em S. Jorge de Favaios a 27 de Julho de 1807. Foi feito prisioneiro nas lutas constitucionais e foi assassinado em Estremoz, no posto de alferes de infantaria, a 27 de Julho de 1833.

II. *Francisco Correia,* que nasceu a 13 de Agosto de 1808. Prisioneiro como seu irmão, foi igualmente assassinado com outros companheiros na cadeia de Estremoz no mesmo dia 27 de Julho. Era também alferes de infantaria.

Ainda hoje vivem em Meixedo, concelho de Bragança, descendentes do brutamontes que, segundo a tradição, foi nomeado governador da cadeia de Estremoz por vinte e quatro horas, tempo suficiente para fazer executar a machado a bárbara carnificina, que o seu acanhado espírito faccioso de tarimbeiro lhe sugeria como remédio anti-constitucional e rasgo de herói! Em todos os tempos as convulsões sociais encontraram ao seu serviço feras desta capacidade, que, supondo erguer-se pela ferocidade tigrina, apenas conseguem a execração da posteridade e o regresso ao lamacento subsolo social de onde saíram, mal passa a demência da luta!

III. *D. Francisca Júlia,* que nasceu a 29 de Junho de 1810. Não casou.

IV. *D. Teresa Augusta,* que nasceu a 23 de Setembro de 1818. Também não casou.

V. *Bernardo Correia de Castro Sepúlveda,* que nasceu a 19 de Julho de 1820 e casou com D. Maria da Conceição.

Descendência:

a) Bernardo Correia de Castro Sepúlveda, que nasceu em Arufe, freguesia de Rebordainhos, e casou, em primeiras núpcias, com D. Maria do Carmo Ferreira, de Bragança, de quem não teve filhos, e, em segundas núpcias, com D. Amélia Augusta Pinto Bandeira, filha do general Pinto Bandeira.

Foi durante dez anos secretário geral do Governo Civil da província de S. Tomé. Faleceu em Lisboa, no regresso do Ultramar, a 28 de Agosto de 1912, com quarenta e quatro anos de idade.

Do segundo matrimónio deixou a seguinte descendência:

D. Amália.

Manuel Jorge.

D. Maria da Conceição

D. Maria Augusta.

D. Maria Filomena.

b) António Augusto de Castro Sepúlveda, que casou com D. Carlota Amélia Pimentel, natural de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, onde residem. Descendência:

Humberto César.

D. Amélia Carlota.

Armindo.

c) Manuel Jorge Correia de Castro Sepúlveda, que casou, em Bragança, com D. Maria José Pinto Bandeira, irmã da esposa de seu irmão Bernardo Correia de Castro Sepúlveda, igualmente filha do general Pinto Bandeira.

Tem uma filha única, D. Maria Teresa.

d) D. Maria Josefa de Castro Sepúlveda, solteira.

e) Francisco Herculano de Castro Sepúlveda, que faleceu solteiro a 30 de Outubro de 1918.

f) D. Francisca Júlia Correia de Castro Sepúlveda, que nasceu, como seus irmãos, em Arufe, freguesia de Rebordainhos, concelho de Bragança, a 13 de Setembro de 1872, e casou, a 3 de Setembro de 1892, na freguesia de Favaios, concelho de Alijó, com Raul dos Santos Ribeiro de Sampaio, que nasceu a 25 de Agosto de 1871, em Sanradela, freguesia de Vilar de Maçada, concelho de Alijó, filho do doutor Mateus Augusto de Sampaio, médico do ultramar e grande colonial, e de D. Luísa dos Santos Pereira, natural de Canelas, freguesia de Poiares. Descendência:

D. Alda Augusta de Sepúlveda Sampaio, que nasceu em S. Jorge, freguesia de Favaios, a 9 de Agosto de 1873 e casou com o doutor Armando dos Santos Pinto Pereira, médico na cidade do Porto.

Mateus Augusto de Sepúlveda Sampaio, que nasceu em S. Jorge, a 24 de Março de 1895 e casou com D. Maria Olímpia Saavedra, da casa de Provesende.

D. Luísa dos Santos de Sepúlveda Sampaio, que nasceu em S. Jorge, a 12 de Julho de 1896, e casou com o doutor Armando dos Santos Pinto Pereira. Faleceu a 28 de Novembro de 1918, casando depois seu marido com sua irmã D. Alda (atrás citada).

Ascendência do visconde de Ervedosa

1º António Gomes de Abreu, que casou com D. Serafina de Sepúlveda, ambos de condição e ascendência humilde.

Foi seu filho:

2º António Gomes de Sepúlveda, que instituiu, em 1743, um morgadio em Mirandela, de onde era natural, provedor da Misericórdia da mesma vila em 1719 e 1740, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, sargento-mor de cavalaria de Almeida, promovido a coronel em 12 de

Janeiro de 1704 e colocado no regimento de cavalaria ligeira da província da Beira.

Casou com D. Maria Luísa Pereira, filha de Mateus Rodrigues do Eiró e de D. Maria Alves Pereira. Descendência

I. Doutor *José António Gomes de Sepúlveda,* presbítero. Faleceu na Amendoeira a 17 de Março de 1801.

II. *João Gomes,* que nasceu em Bragança a 4 de Março de 1725 e faleceu, na Amendoeira, a 29 de Outubro de 1781. Foi capitão de cavalaria e professo na Ordem de Cristo.

III. *Manuel Jorge,* tenente-general do exército (3º adiante citado).

IV. *Bento,* que nasceu a 2 de Março de 1727.

V. *Manuel Inácio,* que nasceu a 28 de Janeiro de 1729.

VI. *Maria Antónia*, que nasceu a 3 de Abril de 1734. Foi freira em S. Bento de Bragança e faleceu a 19 de Abril de 1800.

3º Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda, do Conselho da rainha D. Maria I e de El-Rei D. João VI, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, por alvará de 6 de Setembro de 1789 (em virtude do seu posto de marechal de campo, nos termos da lei de 14 de Julho de 1798), alcaide-mor de Trancoso, administrador dos morgadios de Mirandela e Amendoeira, grã-cruz da antiga Ordem da Torre e Espada, comendador de São Martinho de Soeira, bispado de Bragança, na Ordem de Cristo, governador da província do Rio Grande do Sul, no Brasil, onde defendeu valorosamente as fronteiras daquele território, então português, e criou, dentro da sua jurisdição, sete freguesias, erigindo recolhimentos e seminários de educação, governador das armas da província de Trás-os-Montes e tenente-general do exército [188].

Foi o primeiro general da sua classe que pegou em armas contra os invasores franceses, comandados por Loison, em 1808.

Sucedeu nos vínculos e casa de seu pai, a 13 de Março de 1755. Nasceu em Bragança a 12 de Abril de 1735 (e não a 16, como referem alguns genealogistas) e faleceu a 28 de Abril de 1814 [189]. Casou no Rio de Janeiro, a 24 de Setembro de 1781, com D. Joana Correia de Sá Velasques e Benevides, natural daquela cidade, filha de Martim Correia de Sá, fidalgo da Casa Real, alcaide-mor do Rio de Janeiro, e de D. Isabel Correia de Sá, sua prima (da casa de Asseca).

Descendência:

(188) No volume consagrado aos escritores referir-nos-emos largamente à família Sepúlveda.
(189) *O Panorama,* 1844, 2ª série (1844); p. 205.

I. *D. Maria Inácia Correia de Sá e Sepúlveda,* que nasceu, no Rio de Janeiro, a 31 de Julho de 1782 e foi baptizada na capela do Paço Episcopal pelo bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, sendo padrinhos o general Pedro de Saldanha e Albuquerque e Nossa Senhora do Loreto, de Bragança. Casou a 13 de Fevereiro de 1797, com Francisco de Figueiredo Sarmento, natural de Bragança, fidalgo da Casa Real, por alvará de 20 de Dezembro de 1802, cavaleiro da Ordem de Cristo, filho de Bento José de Figueiredo Sarmento, de Bragança, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, coronel de infantaria, e de D. Ana Felícia de Avelar, natural de Vale de Prados, concelho de Macedo de Cavaleiros.

II. *D. Ana Clara Correia de Sá e Sepúlveda,* que nasceu em Lisboa a 25 de Julho de 1783, e foi baptizada na capela real da Ajuda, sendo padrinhos o Marquês do Lavradio e sua filha, a Condessa de Vila Verde. Faleceu a 25 de Dezembro de 1857, tendo casado a 20 de Outubro de 1800 com Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa de Sá Morais Pereira do Lago, primeiro Barão de Santa Bárbara, brigadeiro reformado, que faleceu a 8 de Junho de 1858.

Deixou descendência.

III. *D. Guiomar Correia de Sá e Sepúlveda,* que nasceu a 1 de Julho de 1784 e foi baptizada na capela do Paço Episcopal de Bragança pelo bispo D. Bernardo Pinto Ribeiro Seixas, sendo padrinho Francisco António Correia de Castro, fidalgo da Casa Real, Conde da Rosa. Casou com José Luís Carneiro Botelho de Vasconcelos, fidalgo da Casa Real, senhor de vínculo em Moncorvo, coronel das milícias de Trancoso.

É interessante o seguinte requerimento que lhe diz respeito:

«Ill.mo e R.mo S.or – Diz D. Guiomar Corrêa de Sá e Sepulveda, filha do Ex.mo S.or Tenente General desta cidade, que tendo cazado com José Luiz Carneiro de Vasconcelos, não obstante até o presente não tem consumado o seu Matrimonio, e se acha dentro do Bimestre que o Direito lhe permite entrar em Religião, e porque este he o seu desejo, pois que tem vocação de ser Religiosa no Convento de Santa Clara desta cidade para o que – Pe. A. V. S.a se digne mandar proceder ás deligencias do Estilo – E. R. M.»

A autoridade mandou que se justificasse, e ela, interrogada, declarou: que tinha vinte e um anos; que casara a 23 de Junho e que não consumara ainda o matrimónio.

O nubente, interrogado, declarou ser verdade a não consumação do matrimónio.

Uma das testemunhas disse constar-lhe que o matrimónio não se con-

sumara, porque a esposa não consentia; mas os cônjuges não alegaram tal razão.

Foi-lhe reconhecido o direito de entrar em religião, e, com efeito, entrou para o convento de Santa Clara de Bragança (190).

Que razões íntimas levariam D. Guiomar, filha de uma família então no auge da grandeza, a tal proceder?! Foge do tálamo para a clausura, e adiante (191) veremos outra que quer fugir da clausura para o tálamo! Se as celas e sepulturas monásticas falassem, que de mistérios não revelariam!...

IV. *António Correia,* 1º Visconde de Ervedosa (atrás citado).

V. *Bernardo Correia de Castro e Sepúlveda,* que nasceu a 20 de Agosto de 1791 e faleceu em Paris a 9 de Abril de 1833.

Foi deputado às cortes de 1821, comendador da antiga Ordem da Torre e Espada, cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Avis, brigadeiro do exército, governador das armas da corte e província da Estremadura, em 1821. Foi agraciado com a medalha de comando durante a Guerra Peninsular e serviu de ajudante-general do exército Lusitano.

Foi baptizado em Santa Maria de Bragança pelo prior da mesma freguesia Bento Tomé de Sousa, sendo padrinhos Francisco José Ferreira de Sá Sarmento, fidalgo da Casa Real, tenente-coronel de cavalaria, cavaleiro da Ordem de Cristo e Nossa Senhora do Sardão. Não deixou descendência.

VI. *João António,* que nasceu a 17 de Fevereiro de 1796, e foi baptizado na Sé de Bragança pelo bispo D. António da Veiga Cabral da Câmara, sendo padrinho Rodrigo Xavier de Sousa da Silva Alcoforado Alencastro.

Foi deão da Sé de Bragança e comendador da Ordem Militar de Carlos III de Espanha.

«Livro de memória feito em Bragança Ano de 1791.»

É este o título de um manuscrito em 4º, encadernado, com 160 fólios, paginados de frente, papel branco não pautado, existente hoje (1926) em S. Jorge de Favaios, na posse da família Sepúlveda, descendente de António Correia de Castro Sepúlveda, visconde de Ervedosa, filho do general Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda.

(190) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara.*
(191) Ver *Castro Vicente.*

Ao encadernar o códice, na lombada, puzeram *MEMOR [IA.]*.

Como diz principalmente respeito ao general Sepúlveda será pelo título de *Memória de Sepúlveda* que o citaremos.

Antes do fólio I tem cinco fólios sem numeração. Dois deles estão em branco e três manuscritos, dois dos quais contêm o «*Indes*» e o outro a «*Recopilação*», isto é, um quadro onde se mencionam, por ordem cronológica, os feitos culminantes da vida do general Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda.

Além de várias laudas de papel por escrever, tem ainda em branco os fólios 12 a 19, 25, 27, 40, 66 a 69 e 72 a 160. Pela caligrafia vê-se claramente que foi escrito por duas pessoas diferentes, sendo, porém, provável que ainda uma terceira pessoa colaborasse nele.

Segundo tradição da família a caligrafia predominante é a do general Sepúlveda; todavia tenho sobre isso as minhas dúvidas. A meu entender, a do fólio 57 e de parte do «*Indes*» deve ser do abade de Rebordãos, Francisco Xavier Gomes de Sepúlveda, mas não o posso afirmar. Em todo o caso é fácil averiguar-se este facto, pois tanto de um como de outro, e ainda mesmo do Visconde de Ervedosa, existem vários documentos manuscritos.

A «*Recopilação*» é disposta da seguinte forma:

Naci	**em 16**	**de Abril**	**de 1735**
Graduações	**Dias**	**Mez**	**Ano**
Soldado	10	Maio	1754
Capitão	1	Setembro	1762
Coronel	30	Julho	1765
Brigadeiro	14	Junho	1774
Marechal de campo	9	Maio	1789
Tenente general	29	Abril	1793
Governador das armas	11	Novembro	1793
Conselheiro de guerra	2	Outubro	1808

Este *Livro de Memória* aponta notícias inéditas e por isso vamos dele extrair as seguintes:

D. Isabel Correia de Sá e Sepúlveda, quarta filha, por ordem cronológica, do general Sepúlveda (não mencionada nos nobiliários), nasceu em

Bragança (?) a 19 de Agosto de 1785 e foi baptizada em Santa Maria de Bragança pelo prior da mesma freguesia, José António de Morais Sarmento, sendo padrinhos António Manuel de Figueiredo, tenente-coronel de cavalaria de Miranda, e D. Maria Teresa de Jesus Sepúlveda, religiosa em S. Bento da mesma cidade.

À margem tem uma nota, em caligrafia diferente, que parece ser do abade de Rebordãos, Francisco Xavier Gomes de Sepúlveda, que diz: «faleceu em Rebordãos a 10 de Janeiro de 1803, tinha saído do convento de S. Bento quatro dias antes para tomar ares».

D. Catarina Correia de Sá e *Sepúlveda,* que nasceu em Bragança (?) a 25 de Novembro de 1786 e foi baptizada na mesma igreja de Santa Maria de Bragança pelo prior acima citado, sendo padrinho Frei *(sic)* Domingos de Morais Pimentel, cavaleiro professo na Ordem de S. João de Malta, comendador de Santa Maria de Águas Santas, governador do forte de S. João de Deus de Bragança, e madrinha Nossa Senhora de Rossavales.

À margem uma nota na mesma caligrafia da antecedente diz:

«Faleceu aos 4 de Março de 1789 e foi sepultad[a] na capela do capítulo da Igreja dos frades de S. Francisco de Bragança».

D. Teresa Correia de Sá e Sepúlveda, que nasceu a 19 de Outubro de 1788 e foi baptizada em Santa Maria de Bragança pelo vigário geral Caetano José Saraiva, sendo padrinho Manuel Leite Pereira, capitão do segundo regimento de infantaria de Bragança, e madrinha Nossa Senhora da Conceição.

Manuel Correia de Castro e Sepúlveda, que nasceu 8 de Abril de 1794 e foi baptizado na Sé de Bragança pelo bispo D. António da Veiga Cabral da Câmara, sendo padrinho Manuel Pinto de Morais Bacelar, tenente-coronel de cavalaria, e madrinha sua mulher D. Joana Delfina e Vanzeler.

À margem uma nota em caligrafia igual à das notas antecedentes diz: «faleceu a 23 de Junho de 1801 de uma febre escarlatina em três dias, foi sepultado no Capitulo de S. Francisco».

José Correia de Castro e Sepúlveda, que nasceu a 23 de Dezembro de 1793 e foi baptizado na Sé de Bragança pelo bispo D. António Luís da Veiga Cabral da Câmara, sendo padrinho Sebastião Correia de Melo e Alvim, coronel de cavalaria, fidalgo da Casa Real.

D. Maria José de Sepúlveda, solteira, natural de Gradíssimo, residente na Amendoeira, tudo no concelho de Macedo de Cavaleiros, faleceu a 5 de Agosto de 1804, na Amendoeira, nas casas «da quinta do Excelentíssimo Senhor Tenente General Governador desta província Manuel Jorge Sepúlveda», deixando herdeiros, por usufruto, sua irmã D. Joana Maria Gomes, e por morte desta sua prima D. Valentina «e o irmão desta o

Reverendo Francisco Xavier Gomes de Sepulveda, abbade de Rebordãos» (192).

Criação do título. VISCONDE – Decreto de 13 e carta de 19 de Maio de 1815. – GRANDEZA – Decreto de 25 de Fevereiro de 1839 (193).

Família Veigas Cabrais Caldeirões

1º FRANCISCO ANTÓNIO DA VEIGA CABRAL, que sucedeu na casa de seus pais, fidalgo da Casa Real e coronel de infantaria do primeiro regimento da cidade da Baía, onde se encontrava no ano de 1777, no estado de solteiro.

2º SEBASTIÃO XAVIER DA VEIGA CABRAL, fidalgo da Casa Real, coronel de infantaria do regimento de Bragança, que se ausentou para o Rio de Janeiro, onde viveu solteiro.

3º JOÃO DA VEIGA CABRAL, tenente do segundo regimento de cavalaria ligeira de Trás-os-Montes.

4º MANUEL CABRAL DA VEIGA, também tenente do mesmo regimento.

5º JOSÉ TRISTÃO VAZ DA VEIGA CABRAL, alferes do mesmo regimento, que não casou.

Eram todos filhos de Francisco Xavier da Veiga Cabral, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, comendador de Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Bragança, de Santa Maria de Deilão, S. Bartolomeu de Rabal e Almas de Baçal, todas da Ordem de Cristo, governador de Chaves, sargento-mor de batalhas, governador das armas das províncias de Trás-os--Montes e Minho, e de D. Rosa Joana Gabriela de Morais Pimentel.

Netos paternos de Sebastião da Veiga Cabral, fidalgo da Casa Real, comendador de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Bragança, de Santa Maria de Deilão e S. Bartolomeu de Rabal, todas da Ordem de Cristo, tenente-general da artilharia de Trás-os-Montes e, por último, general mestre de campo do exército de El-Rei D. Pedro II, e governador das armas da província de Trás-os-Montes, onde faleceu em 1767 e jaz sepultado na Igreja de Santa Maria de Bragança, e de D. Maria de Figueiroa, sua terceira mulher, filha de António da Ponte Galego, fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo, mestre de campo de infantaria do terço de Bragança que teve a patente de brigadeiro de infantaria com exercício, e de D. Maria Nogueira; neta paterna de Domingos da Ponte Galego,

(192) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 59, fol. 27 v., onde vem transcrito o seu testamento. Ver *Vilar do Monte.*
(193) PINTO, Albano da Silveira; SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal,* vol. I, p. 530.

fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo, sargento-mor de batalhas na guerra da Aclamação e governador das armas na província de Trás-os-Montes, filho de João da Ponte (filho de André da Ponte e de D. Maria da Ponte, naturais do reino de Galiza) e de D. Maria de Figueiroa, filha de Domingos Soares e de D. Isabel da Fonseca; neta materna de Francisco de Almeida de Figueiredo Taborda, filho de Teodósio da Fonseca Nogueira e de D. Francisca de Figueiredo Sarmento, filha de Jácome Luís de Figueiredo. A mulher de Francisco de Almeida de Figueiredo Taborda chamava-se D. Francisca de Sá e era filha de Miguel de Figueiredo Sarmento e de D. Joana Mendes de Sá, filha de António Machado Correia e de D. Joana Mendes.

Segundos netos paternos de Pedro Caldeirão, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Joana da Veiga Cabral, sua segunda prima, filha de Jerónimo da Veiga Cabral, desembargador dos Agravos, e de D. Leonor Caldeirão; neta paterna de Tristão Vaz da Veiga, comendador da Ordem de Cristo e governador de Malaca, e de D. Maria Casco, filha de Diogo Casco de Vasconcelos, terceiro senhor do morgadio de Mexede, e materna de Manuel Caldeirão, fidalgo da Casa Real, tesoureiro-mor do reino, e de D. Guiomar Caldeira, filha de Bento Rodrigues Caldeirão, a quem adiante nos referimos.

Terceiros netos paternos de Francisco Caldeirão, doutor em leis pela Universidade de Coimbra e lente de leis na mesma Universidade, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Leonor Maria Caldeira, sua prima, filha de Fernão Rodrigues Caldeira e de N.

Quartos netos paternos de Manuel Caldeirão, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, tesoureiro-mor do reino, e de D. Guiomar Caldeira, filha de Bento Rodrigues Caldeirão, fidalgo da Casa Real.

Netos maternos de Domingos de Morais Madureira Pimentel Machuca, fidalgo da Casa Real, comendador de S. Pedro de Babe na Ordem de Cristo e familiar do Santo Ofício, e de D. Luísa Caetana de Mesquita Pinto Cardoso, sua prima, natural de Mirandela, filha de Belchior Pinto Cardoso, quarto senhor da casa e morgadio de S. Tiago de Mirandela, e de D. Rosa Margarida de Mesquita Pinto Pereira, sua sobrinha, natural de Vila Real, aos quais adiante aludiremos em Mirandela – *Pintos Cardosos, senhores do morgadio de S. Tiago.*

Já atrás citamos os ascendentes de seu marido Domingos de Morais Madureira Pimentel Machuca, em *Morais Madureiras Pimenteis* e *Machucas, de Bragança*(194).

(194) PINTO, D. Bento – *Caderno de Árvores de Costado.* Ver em *Mirandela* – Pintos Cardosos – a descrição deste códice.

Como por várias vezes nos referimos à *Descrição topográfica e histórica da cidade de Bragança, por José Cardoso Borges,* julgamos necessária uma referência detalhada sobre esta obra.

É um códice original, manuscrito, contendo 218 fólios, paginados de frente, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob o número 248 da *Colecção Pombalina,* sem nome de autor, nem data em que foi escrito. Na lombada escreveram: «*Notícias de Bragança por Borges*».

É sem dúvida a este códice que Hübner se refere quando diz: «em parte nenhuma pude descobrir as Memórias de Bragança por José Cardoso Borges» (195).

Eduardo da Rocha Dias na sua obra: *Notícias arqueológicas extraídas do Portugal Antigo e Moderno de Pinho Leal, com algumas notas e indicações bibliográficas,* 1908, tomo I, pág. 70, *Adenda I,* pág. 39 e *Adenda II;* pág. 15, resenhando as obras que tratam de Bragança, descreve uma pela seguinte forma: *Memórias de Bragança* por J. Cardoso Borges (Manuscripto da Biblioteca Nacional de Lisboa, B 2, 73)».

Sob esta marcação não há tal códice, sendo portanto possível que se enganasse e quisesse indicar o nº 248 acima referido.

Examinando o códice deduzimos:

Que foi escrito pelos anos de 1721 a 1724, como se vê das Notícias VIII e IX, § 2º e *Ferreiras,* de Bragança, § 4º, nº 17 (o códice é dividido em Notícias);

Que o seu autor comprou os bens que em Portugal possuía o mosteiro de S. Martinho da Castanheira, de terra de Sanabria (Espanha), como declara na Notícia II, Catálogo dos Priores. Estes bens pertenciam, em 1798-99, à família dos Figueiredos, de Bragança (196);

Que o autor era natural de Miranda do Douro, mas «de tenra idade» criado em Bragança (Notícia IX, Miranda);

Que era sargento-mor de Bragança, fundador de um morgadio na mesma cidade e casado com D. Clara Maria de Figueiredo Sarmento, filha de António de Figueiredo Sarmento, governador de Bragança (Notícia XI, § 1º e § 35º);

Que era escrivão da Câmara Municipal de Bragança se vê pela certidão que inserimos na *Árvore Genealógica da família dos Figueiredos da quinta de Arufe;*

(195) HUBNER, Emílio – *Notícias Arqueológicas de Portugal,* 1861, p. 87 e seg.
(196) VITERBO, Sousa – *Elucidário,* artigo «Pobramento».

Que escreveu este livro a pedido de Frei Fernando de Abreu (Notícia IX, Miranda), encarregado pela Real Academia das Ciências de Lisboa de escrever a história da diocese de Miranda.

De tudo isto se constata ser o códice obra de José Cardoso Borges, natural de Miranda, mas criado em Bragança, sargento-mor e escrivão da Câmara da mesma cidade, onde casou e fundou um morgadio.

CABAGES

Francisco Alves, de Vale de Janeiro, concelho de Vinhais, mandou construir em 1674 uma capela, com vínculo de bens, na quinta das Cavages, pertença da mesma freguesia. Seus filhos, porém, não concordaram com a doação de bens que lhe anexou, em razão de ter «cinco filhos e estar capaz para muitos mais» (197).

CABANELAS

Família Doutel de Andrade

1º Francisco António de Andrade, natural de Aguieiras, concelho de Mirandela, faleceu em Cabanelas pelos anos de 1909. Casou com D. Constância Augusta Doutel, que nasceu em Aguieiras pelos anos de 1861 e actualmente reside em Cabanelas, no rico casal que herdou de seus pais.

Descendência:

2º João Silvério Doutel de Andrade, bacharel em direito, nasceu em Cabanelas, concelho de Mirandela, a 25 de Fevereiro de 1894 e casou em Abambres, no mesmo concelho, em 1917, com D. Antónia Prazeres Colmieiro Falcão, de Ala, concelho de Macedo de Cavaleiros, que faleceu em 1919, deixando uma filha única:

D. Maria Isabel Doutel Colmieiro, que nasceu a 25 de Fevereiro de 1918.

3º Eduardo Augusto Doutel de Andrade, que reside em Mirandela e casou a 2 de Julho de 1924 com D. Maria Alexandrina Pavão de Morais Pinto, que nasceu nos Possacos a 23 de Agosto de 1889, sobrinha de Alberto de Sousa Ataíde Rebelo Pavão (a quem nos referiremos em *Parada*

(197) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

de Infanções – Pavões) e viúva de Carlos de Mascarenhas, com quem casara em 1910.

D. Maria Alexandrina Pavão de Morais Pinto tem, do primeiro matrimónio, a seguinte descendência:

I. *D. Maria Luísa de Morais Pinto Mascarenhas,* que nasceu em Coimbra a 2 de Janeiro de 1911.

[Do segundo matrimónio, teve a:]

II. *D. Maria de Lourdes Doutel de Andrade,* que nasceu a 11 de Maio de 1926.

André Borges e seus filhos capitão Félix Borges, padre Sebastião Borges e André Borges, sua nora, mulher e cunhada D. Maria Josefa, todos de Valbom dos Figos, freguesia de Mascarenhas, concelho de Mirandela, instituíram, em 1748, um morgadio com capela dedicada a S. Braz, que doaram a sua neta, filha e sobrinha D. Maria Bernarda Borges, de Sobreira, freguesia das Aguieiras, concelho de Mirandela, para casar com António Xavier Doutel de Almeida, de Cabanelas.

A capela ainda existe na casa brasonada dos Douteis, em Cabanelas (198).

António Gomes da Costa, capitão, marido de D. Joana Doutel de Figueiredo Sarmento, e seus irmãos padre e doutor João Gomes da Costa e Ana Gomes da Costa, solteira, de Vale da Porca, concelho de Macedo de Cavaleiros, instituíram, em 1732, um vínculo de morgadio, com capela dedicada a S. João Baptista e às Almas do Purgatório (199).

O tecto da sacristia da igreja paroquial de Vilarinho de Agrochão, em abóbada de berço, é pintado no estilo dos frescos de Pompeia e ao centro tem o escudo dos Douteis, que adiante descrevemos. Na casa da residência paroquial há um escudo e pinturas idênticas, sendo notáveis pelo naturalismo as de uma sala, com episódios cómicos da vida campestre e marítima, em que sátiros, dríades e outras figuras mitológicas ostentam atitudes desbragadas, próprias da renascença que as inspirou, atitudes a que chamaríamos imorais se não tivessem a justificá-las tantas obras de arte idênticas que figuram no mobiliário das igrejas e dos paços episcopais, sem excluir o próprio Vaticano. No tecto da mesma igreja, em apainelados guarnecidos de molduras, há cinquenta e quatro quadros pintados.

No tecto da igreja paroquial de Lamalonga, distante da de Vilarinho de Agrochão menos de dois quilómetros, há também pintados cinquenta e cinco quadros idênticos.

(198) Documentos existentes no arquivo da casa *Doutel* em *Cabanelas.*
(199) Ibidem.

Perto fica a igreja paroquial de Avantos, que ostenta igualmente no tecto oitenta e quatro quadros do mesmo género dos antecedentes e quarenta e um no tecto da capela-mor.

Todos estes quadros representam santos, com indicação dos nomes, e episódios da sua vida ou da de Cristo. Pinturas idênticas se vêm na abóbada da igreja paroquial de Marzagão, concelho de Carrazeda de Ansiães. Não são despidos de valor estes trabalhos pictóricos, e merecia a pena que alguém da especialidade os estudasse e se olhasse pela sua conservação.

É possível que não fosse estranho a estas obras decorativas o pintor João António Rodrigues Bustamaut, a quem nos referiremos em *Parada de Infanções – Pavões.*

Se alguem ouvir o nosso apelo, a título de curiosidade lembramos que aos lados do altar-mor das igrejas paroquiais de Sacoias, Varge e Aveleda há quadros de incontestável valor, sobretudo os da primeira, onde as guarnições em meandro são tipicamente clássicas.

Nos tectos das capelas-mores das igrejas paraquiais de Gimonde e Meixedo, ambas, como as acima citadas, pertencentes ao distrito de Bragança, há também pinturas em apainelados, mas inferiores àquelas.

CAÇARELHOS

1º Manuel Pires, foi administrador do morgadio de Caçarelhos, concelho do Vimioso, sobre a capela do qual proferiu sentença em 1621 o licenciado Francisco Ferreira, vigário-geral do bispado de Miranda do Douro.

Parece que a capela era dentro da igreja matriz de Caçarelhos, e, além de outros encargos, tinha o de manter um hospital na povoação [200].

2º José Francisco da Silva Padrão, abade de Caçarelhos, e sua irmã D. Quitéria Maria do Sacramento, obtiveram em 1785 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia [201].

Já que de morgados se trata, vem a propósito citar um, embora fantástico, todavia criação genial de um grande espírito: é Calisto Elói e Benevides de Barbuda, morgado de Agra de Freima, nascido em Caçarelhos em 1815, segundo diz Camilo Castelo Branco no seu livro *A queda de um anjo.*

(200) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.* Ver o volume IV, p. 673, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança.*
(201) Ibidem.

Camilo descreve este morgado como um trasmontano robusto, enérgico, erudito em estudos arcaicos, pautando o seu viver, pensar e discorrer pelas leituras clássicas dos *quinhentistas,* só vendo o bem-estar social nas usanças, leis e costumes antigos. Quando deputado pelo seu círculo, aponta-o como homem de fino espírito e de eloquência arrebatadora, esmagando os adversários com argumentação irresistível, finas ironias e acertados apartes, mas sempre, mesmo no vestir e falar, como um *quinhentista.*

Por fim, aparece-lhe em casa uma cortesã, a pretexto de consultas genealógicas, e tanto se saracoteia, tantos requebros ostenta, que o homem cai babadinho de todo, e, de anjo que fora, sempre muito virtuoso, não pensando em mais mulheres do que na sua, sem lhe perpassar pela mente o adultério, precipita-se nos braços desta sereia que o transforma. Deixa a leitura dos bons clássicos portugueses; aprende francês e lê só obras desta língua; deixa o seu viver simples, português de lei e requinta no luxo indumentário, na custosa mobília, no palacete profusamente adornado de mil pequenos nadas, de quadros, de objectos artísticos, de colgaduras; faz viajatas ao estrangeiro, enlaçado à marafona; goza a vida numa ânsia de voluptuosidade estonteante. Por seu lado, sua mulher, que até ali vivera somente pensando na boa administração do grangeio doméstico – galinhas, porcos, debulha de cereais, sementeiras e melhor oportunidade na venda das colheitas – cede às instâncias de um primo e lá vai tudo.

Diz-se que esta genial criação de Camilo Castelo Branco é decalcada sobre o tipo moral de Francisco António Pereira de Lemos, bacharel em direito, deputado às cortes em 1838, morgado de Vilarelhos, concelho de Alfândega da Fé, a quem nos referimos adiante, e que as críticas literárias dos seus discursos alvejavam o ministro Aires de Gouveia, bispo de Betezaida.

CANDEDO

1º D. Luísa de Morais Silva, solteira, natural de Candedo, concelho de Vinhais, faleceu a 14 de Abril de 1821. Tinha os seguintes irmãos: Padre *Francisco Xavier.*

Padre *Domingos.*

António Xavier.

D. Maria José, que residiu em Vale de Janeiro. E primos nos Vilares, da Torre de D. Chama [202].

(202) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 115, fol. 11, onde se encontra o seu testamento.

2º D. Joana Joaquina de Amaral Sarmento, natural de Candedo, faleceu a 8 de Fevereiro de 1828, deixando por testamenteiro seu irmão António Caetano [203].

CARRAGOSA

1º Domingos Rodrigues de Morais, natural de Carragosa, concelho de Bragança, filho de João Rodrigues e de D. Luzia Lopes, de Carragosa, casou com D. Maria Ordonhes, da família Morais Antas, do Vimioso. Descendência:

2º D. Maria Bárbara Pimentel e Antas, que noviciou, em 1828, no convento de Santa Clara de Bragança.

3º D. Anastácia Maria da Conceição, que nasceu no Vimioso em 1709. Foi seu padrinho D. João Franco de Oliveira, bispo de Miranda.

Professou no mesmo convento em 1725. Adiante, em *Vimioso – Mendes e Antas*, a ela nos referiremos detalhadamente.

4º António Gonçalves Alvaredo, de Carragosa, abade de Vilar de Peregrinos, concelho de Vinhais, faleceu a 17 de Outubro de 1817, deixando por herdeiros suas irmãs D. Teresa, D. Maria e D. Caetana e, por morte destas duas últimas, os filhos da primeira [204].

Sobre esta família Alvaredo, de Carragosa, mas oriunda de Gustei, concelho de Bragança, enlaçada com a família Cameirão, de Talhas e Izeda, ver na lista dos cónegos os apelidos *Alvaredo* e *Cameirão;* e adiante *Gustei.*

A esta família, da qual ainda somos parente, pertencem, além de outros:

5º António José Rodrigues, que nasceu em Carragosa a 3 de Fevereiro de 1850 e faleceu, sendo pároco da Fradizela, concelho de Vale Paços, nos últimos dias de Março de 1913.

6º Alfredo José Rodrigues, doutor em direito, advogado em Bragança e abade de Linhares, que nasceu em Carragosa a 24 de Fevereiro de 1874.

Ambos filhos de:

7º João Bernardo Rodrigues e de D. Regina Gonçalves Alvaredo, que nasceu em Carragosa a 9 de Abril de 1833, filha de Domingos António Cameirão, natural de Izeda, e de D. Francisca Gonçalves, de Carregosa, irmã de António José Gonçalves Alvaredo, abade de Carregosa, onde nas-

(203) Ibidem, ivro 155, fol. 49, onde vem o seu testamento.
(204) Ibidem, livro 77, fol. 17, onde também se encontra o seu testamento.

ceu a 21 de Junho de 1807, que era sobrinho do padre Francisco Gonçalves Alvaredo, falecido em Carragosa a 29 de Agosto de 1849.

CARRAPATAS

Ver *Bragança – Aires Soares.*

CARRAZEDO

Família Frias Sarmentos

José Maria de Frias Sarmento Pimentel, oitavo senhor da casa de Carrazedo, concelho de Bragança, fidalgo da Casa Real.

Filho de José de Frias Sarmento de Morais, fidalgo da Casa Real, mestre de campo e sétimo senhor da casa de Carrazedo, e de D. Rosa Maria de Bandos Pegado, senhora da casa e morgadios de Alvites, Alfândega, Mirandela e Lamalonga, a quem abaixo nos referimos.

Neto paterno de Cristóvão José Ferreira de Frias Sarmento, cavaleiro da Ordem de Cristo, mestre de campo de Miranda, sexto senhor da casa de Carrazedo, e de D. Doroteia Faustina Micaela Botelho de Matos.

Segundo neto paterno de Manuel de Morais de Frias Sarmento, quinto senhor da casa de Carrazedo, e de D. Josefa Ferreira Sarmento de Lozada, sua parente, filha de Cristóvão Ferreira Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Ana de Macedo, natural de Miranda; neta paterna de João Ferreira Sarmento, fidalgo da Casa Real, capitão de infantaria, e de D. Ana de Sá Ferreira, sua prima carnal; neta materna de Paulo de Macedo, mestre de campo e cavaleiro na Ordem de Cristo, e de D. Maria Mendes Pimentel.

Terceiro neto paterno de António de Morais Sarmento, senhor e proprietário do ofício de escrivão da Alfândega de Vinhais, e de D. Maria de Frias Sarmento, quarta senhora da casa de Carrazedo, filha de António de Frias Sarmento, terceiro senhor do morgadio de Carrazedo, e de D. Catarina de Lobão, natural do Azinhoso.

Quarto neto paterno de Jerónimo de Morais Sarmento, natural de Tuizelo, e de D. Jerónima Ferreira de Sá Faria, senhora e proprietária do ofício de escrivão da Alfândega de Vinhais.

Neto materno de Amador de Bandos Pegado e de D. Bárbara Luísa de Bandos Pegado, sua segunda prima, natural da vila de Alfândega.

Segundo neto materno de Vicente de Bandos Pegado, capitão-mor de Mirandela, e de D. Maria Felícia Pinto de Sampaio.

Terceiro neto materno de Amador Pinto de Sampaio (205).

Família Frias e Farias

1º O doutor PASCOAL DE FRIAS, abade de Carrazedo, fundou a 8 de Dezembro de 1620, com vínculo de morgadio, a capela de Nossa Senhora da Conceição no convento de S. Francisco de Bragança (da qual faz especial menção o padre Esperança, *Historia Seraphica,* I parte) e deu a este convento a livraria, que consta de mais de setecentos volumes, além dos que foram levados para o colégio de S. Boaventura.

Tem esta instituição uma cláusula que determina que, não satisfazendo os administradores com as obrigações anuais, que são: dar ao convento duzentos alqueires de trigo, quatro almudes de azeite, três mil réis para cera e quatro para fabrico, o padre guardião e síndico nomeará outra pessoa da família para que prontamente as satisfaça e, não a havendo, nomeará o provedor e mais irmãos da casa da Santa Misericórdia de Bragança e, satisfeitos os encargos da capela, será distribuído o restante do rendimento deste morgadio em esmolas e obras da casa.

2º GONÇALO DE MORAIS SARMENTO, primeiro administrador do morgadio, era filho de Aires de Morais Sarmento e de D. Ana de Araújo.

Neto de Rodrigo de Morais.

Bisneto de Duarte Rodrigo de Morais, morgado de Tuizelo, e de D. Paula de Frias, irmã do instituidor.

Sucedeu-lhe seu filho:

3º PASCOAL DE FRIAS, que casou com D. Isabel Ferreira de Sá, filha de Gaspar Ferreira Sarmento e de D. Ana Vaz Teixeira. (Ver *Bragança – Ferreiras*).

Sucedeu-lhe seu filho:

4º ANTÓNIO DE FRIAS, que casou com D. Catarina de Lobão. Era irmão de João [de] Frias, que casou em Lisboa com a sua parenta D. Ana de Frias.

Teve uma filha única:

5º D. MARIA DE FRIAS, que casou com António de Morais Sarmento, filho de Jerónimo de Morais Sarmento e de D. Brites de Faria de Sá, filha

(205) PINTO, D. Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*

de Lopo Ferreira de Sá (ver *Bragança – Ferreiras)* e neta paterna de Aires de Morais Sarmento e de D. Ana de Araújo.

Sucedeu-lhe seu filho:

6º MANUEL DE MORAIS FARIA, que casou com D. Josefa Jerónima de Lozada, filha de Cristóvão Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, do hábito de Cristo, e de D. Ana de Macedo [206].

Manuel de Morais Faria, tambem aparece com o apelido de Frias e a mulher com o de Ferreira Sarmento, natural de Miranda do Douro.

Descendência:

I. *D. Ana Maria Sebastiana,* que nasceu em Carrazedo a 19 de Junho de 1711 e professou, em 1735, no convento de Santa Clara de Vinhais.

II. *D. Josefa Maria de Morais Sarmento,* que noviciou, em 1750, no mesmo convento.

III. *D. Doroteia Luísa de Morais Sarmento,* que nasceu a 12 de Outubro de 1725 e foi baptizada pelo doutor provisor, mais tarde bispo da Baía, José Botelho de Matos. Noviciou em 1749 no mesmo convento, onde tomou o nome de D. Doroteia Luísa de S. José.

IV. *D. Inácia Jacinta,* que professou, em 1749, no mesmo convento onde tomou o nome de D. Inácia Jacinta do Evangelista [207]. Ver *Alvites,* onde esta família se fixou, abandonando Carrazedo.

D. Feliciana Maria Maurícia, filha do mestre de campo Cristóvão José Ferreira Sarmento, de Miranda do Douro, e de D. Doroteia Faustina Botelho, natural de Alcoentre.

Neta paterna de Manuel de Morais Faria, morgado de Carrazedo de onde era natural, e de D. Josefa Ferreira Sarmento, natural de Miranda do Douro.

Neta materna de Custódio Botelho, de Lisboa, irmão do doutor José Botelho de Matos, cónego da Sé de Miranda do Douro, mais tarde bispo da Baía, e de D. Natércia dos Reis, de Alcoentre.

Nasceu em Miranda do Douro a 22 de Março de 1731 e foi baptizada por seu tio, o cónego Matos, acima citado, sendo padrinhos seu tio, Plácido Botelho de Matos, abade de Duas Igrejas, e D. Feliciana Maria Maurícia, sua tia, religiosa em S. Bento de Bragança.

Professou, em 1752, no Convento de Santa Clara de Vinhais.

D. Angélica, irmã da precedente, nasceu em Miranda do Douro a 15

(206) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», § 16.

(207) Museu Regional de Bragança, *Freiras de Vinhais,* maços nºs 1 e 2.

de Outubro de 1737, onde foi baptizada por seu tio, doutor António Xavier de Morais Sarmento, pároco encomendado de Carrazedo, sendo padrinhos Diogo de Morais Pimentel, governador da praça de Miranda do Douro, e sua mulher D. Angélica de Mariz.

Professou, também em 1752, no Convento de Santa Clara de Vinhais (208).

Na capela de Nossa Senhora da Conceição, a que atrás nos referimos, sita ao lado do altar-mor da igreja de S. Francisco de Bragança, há em quatro pedras de granito metidas na parede, à altura de dois metros, esta inscrição a letras de tinta inclusas e conjuntas:

ESTA CAPELA FVNDOV O DOVTOR PASCOAL DE FRIAS ABBD. Q. FOI DE CARZD CÕ OBRIGAÇÃO DE HṼA MISSA CADA DIA PERA SEMPRE Q. SE DIZ NA CAPEL. S. TODAS AS 2AS FEIRAS DOS FIES DE DẼS E TODOS OS MAIS DIAS DE N. S. DA CÕCEIÇAO CÕ HṼA CÕMEMORAÇÃO A S. JOSEPH E OVTRA Pº VIVIS ET DEFVNCTIS DASSE DE ESMOLAS 200 ALQ. DE Tº 3 MIL RẼS PERA 3 ALMVDES DE AZEITE P. ALAMPADA T̃. DE FABRICA 4 MIL RẼS CADA ANNO SÃO OS PRIMEIROS AM̃INISTRADORES E POSSVIDORES DOS FRV CTOS DELA COM VINCVLOS DE MORGADO G. DE MORAIS SARMº E SVA MOLHER DONA PAVLA E POR SVAS MORTES SEVS DESCENDENTES (209).

Família Morais Sarmento

1º Cristóvão Ferreira Sarmento de Frias Pimentel, sexto senhor da casa e morgadio de Carrazedo e mestre de campo do terço de auxiliares da comarca de Miranda, casou com uma sobrinha do deão de Miranda (João Botelho de Matos (210), que depois foi elevado à dignidade de arcebispo da Baía), D. Doroteia Faustina Micaela Botelho de Matos. Deixou descendência.

(208) Museu Regional de Bragança, *Freiras de Santa Clara de Vinhais,* maços 1 e 2.
(209) Volume IV destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança,* p. 339.
(210) José, e não João, era o nome do cónego, que depois foi arcebispo da Baía e suponho que não chegou a ser deão da Sé de Miranda do Douro.

Era filho de Manuel de Morais de Frias Sarmento, quinto senhor da casa e morgadio de Carrazedo e proprietário do ofício de escrivão da Alfândega de Vinhais, e de D. Josefa Ferreira Sarmento de Lozada, sua parente, a quem adiante nos referiremos.

Neto paterno de António de Morais Sarmento, senhor e proprietário do ofício de escrivão da Alfândega de Vinhais, e de D. Maria de Frias Sarmento, sucessora da casa e morgadio de Carrazedo, filha de António de Frias Sarmento, terceiro senhor do morgadio de Carrazedo, e de D. Catarina de Lobão, natural do Azinhoso; neta paterna de Pascoal de Frias Sarmento, segundo senhor do morgadio de Carrazedo (filho de Gonçalo de Morais Sarmento e de D. Paula de Frias, natural de Lisboa, primeira administradora do morgadio de Carrazedo, filha de Teodósio de Frias), e de D. Izabel de Sá Ferreira, natural de Castanheira, filha de Gaspar Ferreira Sarmento (filho de Cristóvam Ferreira de Sá) e de D. Ana de Vargas Teixeira, filha de Vasco Anes Teixeira e neta materna de António Monteiro, natural do Azinhoso (filho de Martim Vaz Monteiro e de D. Guiomar Monteiro, filha de Diogo Monteiro, o *Velho,* e de D. Isabel da Costa), e de D. Maria Soeiro, filha de Miguel Fernandes Monteiro, morgado da vila da Mada, e de D. Isabel de Madureira, filha de João Telo.

Segundo neto paterno de Jerónimo de Morais Sarmento, natural de Tuizelo (filho de Aires de Morais Sarmento, também de Tuizelo e de D. Ana de Araújo Veloso, natural de Chaves, aos quais nos referiremos em *Tuizelo – Morais e Sarmentos),* e de D. Jerónima Ferreira de Sá e Faria, senhora e proprietária do ofício de escrivão da Alfândega de Vinhais, filha de Lopo Ferreira de Sá, senhor e proprietário do ofício de escrivão da Alfândega de Vinhais (filho de Francisco de Morais Pimentel, natural de Bragança, chamado o *Meia lingua*, porque não expressava bem as palavras, e de D. Maria de Sá Ferreira, sua segunda mulher, filha de Aires Ferreira de Sá, natural de Braganca), e de D. Isabel de Faria, filha de Marcos de Faria Machado, natural de Barcelos e de D. Isabel da Silva, filha de António da Silva Barreto, comendador da Ordem de Cristo.

Neto materno de Cristóvão Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Ana de Macedo, natural de Miranda, filha de Paulo de Macedo, mestre de campo de auxiliares e cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Maria Mendes Pimentel, neta de José Súpico da Cunha, capitão-mor de Miranda.

Segundo neto materno de João Ferreira Sarmento, fidalgo da Casa Real, capitão de infantaria, e de D. Ana de Sá Ferreira, sua prima carnal[211].

(211) PINTO, D. Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*

Família Rebelo de Faria

1º EDUARDO ERNESTO DE FARIA, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, onde concluíra a formatura em 1895, professor liceal em Bragança e prestigioso advogado, nasceu em Miranda do Douro a 16 de Abril de 1871. A ele nos referiremos em especial no volume consagrado aos escritores.

Não nos foi possível obter a confirmação, mas temos fortes razões para afirmar que o doutor Eduardo Ernesto de Faria é descendente dos Farias de Miranda do Douro, ramificados depois para Carrazeda de Ansiães e respectivo morgadio e para Alvites, concelho de Mirandela.

É filho do doutor Francisco Inácio Rebelo de Faria, que nasceu em Miranda do Douro a 23 de Dezembro de 1826, e de D. Quitéria Margarida Pinto.

Neto paterno de José Luís Rebelo Raposo, natural de Miranda do Douro (filho de José António Rebelo e de D. Isabel Vaz, de Algoso), e de D. Inácia Maria Falcão de Faria, que nasceu a 17 de Fevereiro de 1794 e era filha de José Afonso de Faria e de D. Antónia Falcão, ambos da Póvoa, onde casaram em 19 de Outubro de 1785; neta paterna de Manuel Afonso, natural da Póvoa, e de D. Mariana de Faria (que também aparece com o nome de Maria de Faria), natural de Miranda do Douro; neta materna de Manuel Falcão e de D. Helena Antão, ambos da Póvoa.

O casamento de José Luís Rebelo Raposo com D. Inácia Maria Falcão de Faria realizou-se em Miranda do Douro a 8 de Janeiro de 1818, sendo padrinho Pedro Guerra Rebelo, governador interino da praça de Miranda do Douro.

Foi governador desta praça desde 1807 a 1815 Manuel Alves de Faria, tenente-coronel de infantaria. Não confundir, porém, estes governadores com o que vendeu a praça aos castelhanos.

MANUEL ANTÓNIO DE MADUREIRA E SOUSA, abade de Carrazedo, concelho de Bragança, filho do capitão António Peres de Sousa, correio-mor, cidadão de Bragança, e de D. Francisca Doroteia de Madureira.

Neto paterno de Domingos Pires de Sousa e de D. Comba Gonçalves Sarmento.

Neto materno de António Mendes de Madureira e de D. Joana Maria de Matos.

Bisneto materno de Pedro Mendes de Madureira, que teve brasão de armas, passado a 23 de Março de 1699.

Manuel António de Madureira e Sousa nasceu em 1755 e tomou posse da abadia de Carrazedo em 1778.

Teve por armas um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Sousas e na segunda as dos Madureiras. O brasão de armas foi-lhe passado a 29 de Maio de 1782 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 3º, fol. 54 (212). A este abade de Carrazedo nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Eram seus irmãos:

D. Antónia Vicência Fortunata, que professou em Santa Clara de Bragança em 1789.

Francisco António de Sousa Alexandre.

D. Maria Josefa Alexandra, recolhida em S. Bento de Bragança.

José Jorge de Madureira, abade de Vale Bemfeito.

CARVALHAIS

1º Mateus Vasques da Guerra, de Mirandela, que residiu em Carvalhais, erigiu em 1701 uma capela, com vínculo de morgadio, dedicada a S. Mateus (213), junto das suas casas de moradia em Carvalhais (ou Mirandela? Supomos que foi em Carvalhais).

2º D. Valéria Joana de S. Francisco, que nasceu em Carvalhais, concelho de Mirandela, a 16 de Dezembro de 1720 e professou no convento de Santa Clara de Vinhais em 1745.

Era filha de D. Alexandre de Macedo Soto Maior e Castro e de D. Caetana de Castro e Sousa, que residiram em Carvalhais.

Neta paterna de D. Duarte de Macedo e de D. Mariana, naturais de Vila Real.

Neta materna de Valério de Castro Delgado e de D. Mariana de Sousa, de Murça.

3º D. Lourença Maria de Macedo (na clausura D. Lourença Maria de Santo António), irmã da precedente, nasceu em Murça, onde os pais também residiram, a 10 de Agosto de 1715 e professou em 1744, no mesmo convento (214).

(212) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 463.

(213) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

(214) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Vinhais.* Sobre a família dos Soto Maiores que por Carvalhais teve passagem, ver MENERES, Alfredo – *Carvalhais, Traços Históricos,* 1916, p. 241 e seguintes. Adiante, em *Pessanhas,* voltaremos a referir-nos a esta família.

Visconde de Chanceleiros

Sebastião José de Carvalho, primeiro Visconde de Chanceleiros, em sua vida, por decreto de 13 de Setembro de 1865; par do reino, por sucessão a seu pai, cargo de que tomou posse e prestou juramento na sessão da Câmara dos Pares de 9 de Agosto de 1861; ministro e secretário de Estado honorário; ministro das obras públicas em 1 de Março de 1871; plenipotenciário, por parte de Portugal, para negociar um tratado com a Bélgica; governador civil do distrito de Lisboa; bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra; Grã-Cruz das Ordens de Leopoldo da Bélgica e da Imperial Ordem da Rosa do Brasil.

Nasceu na quinta do Rocio, freguesia de Nossa Senhora das Virtudes, da Ventosa, concelho de Aldeia Galega, a 11 de Janeiro de 1833 e casou em 1868 com D. Albertina Ema da Cruz Guerreiro, filha única dos primeiros Viscondes de Vale de Lamas. Faleceu em Junho de 1905.

Ascendência do Visconde de Chanceleiros

1º Pedro de Carvalho, proprietário na vila de Murça, de onde era natural, casou com D. Leonor do Espinheiro, natural de Carvalhais.

Descendência.

2º Sebastião José de Carvalho, proprietário e lavrador abastado que casou com D. Josefa Maria de Carvalho, ambos naturais da freguesia de Carvalhais, termo de Mirandela, onde residiram.

D. Josefa Maria de Carvalho era filha de Manuel Rodrigues de Carvalho, natural de Carvalhais, e de D. Vitória Nunes, natural do lugar de Vilarinho de Azenha, termo da comarca de Moncorvo.

Descendência:

I. *Sebastião José,* bacharel formado em direito, foi ministro de Estado dos negócios da fazenda em 1820, deputado as cortes de 1821 e serviu de deputado-comissário geral do comissariado do exército. Faleceu a 27 de Fevereiro de 1827.

II. *Manuel António,* primeiro Barão de Chanceleiros (3º, adiante citado).

3º Manuel António de Carvalho, primeiro Barão de Chanceleiros, em sua vida, por decreto de 12 de Agosto de 1845; conselheiro de Estado efectivo; par do reino por carta régia de 22 de Outubro de 1847, de que prestou juramento e tomou posse na Sessão de 7 de Janeiro de 1848; ministro e secretário de Estado honorário, cargo que exerceu por várias

vezes e em ocasiões melindrosas e difíceis no Ministério dos Negócios da Fazenda; por diversas cartas régias foi nomeado para presidir à Câmara dos Pares, nas faltas eventuais do presidente e vice-presidente efectivos; deputado da nação às cortes de 1820, ao congresso constituinte de 1836 e nas legislaturas de 1839-40 e 1840-46; desembargador extravagante da Casa e Relação do Porto; deputado da Junta dos Reais Empréstimos; bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra e habilitado pelo Tribunal do Desembargo do Paço para exercer os lugares da magistratura em 1813; comendador da antiga Ordem da Torre e Espada; condecorado com a medalha de quatro campanhas da Guerra Peninsular; comendador da Ordem de Leopoldo da Bélgica.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Nasceu em Carvalhais, concelho de Mirandela, a 31 de Maio de 1785 e faleceu em Lisboa a 18 de Dezembro de 1858.

Casou a *22* de Outubro de 1826 com D. Maria José de Carvalhosa Henriques, filha de João Anastásio de Carvalhosa Henriques, do conselho da rainha D. Maria II; provedor do Algarve; bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra e proprietário no lugar da Cortegana, termo de Aldeia Galega e da Merciana.

Descendência:

I. *D. Maria do Rosário,* que nasceu em 1832 e casou com Carlos Zeferino Pinto Coelho, viúvo de D. Rosalina de Sá Viana, bacharel formado em direito e distintíssimo advogado, que muito se notabilizou em grandes debates nos tribunais de Lisboa, e deputado da nação nas legislaturas de 1857, 1860-64 e 1865-68.

II. *Sebastião José,* primeiro Visconde de Chanceleiros (atrás citado).

III. *Lourenço António,* que nasceu em Lisboa a 27 de Fevereiro de 1837. Foi ministro e secretário de Estado honorário; bacharel formado em matemática pela Universidade de Coimbra; deputado da nação nas legislaturas de 1865-69, 1872-74 e 1875-77; engenheiro civil e Grã-Cruz da Ordem de Carlos III de Espanha.

Casou a 31 de Maio de 1877 com D. Mariana Carolina do Casal Ribeiro, filha dos primeiros Condes de Casal Ribeiro.

IV. *Pedro Augusto de Carvalho,* que nasceu em Lisboa a 8 de Julho de 1841. Foi do conselho de El-Rei D. Luís I; director geral das contribuições directas no ministério dos negócios da fazenda e bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Brasão. – Um escudo com as armas dos Carvalhos. Por timbre um cisne de prata com a estrela das armas no peito.

O brasão de primeiro Barão de Chanceleiros foi passado a 30 de Junho de 1826 e o de visconde do mesmo título a 23 de Maio de 1840 (215).

Os Soto Maiores, de Carvalhais, concelho de Mirandela, provêm de um fidalgo galego, que se estabeleceu em Portugal no tempo de El-Rei D. Afonso V, a quem prestou grandes serviços, e por isso lhe deu o título de Conde de Caminha.

1º D. Pedro de Soto Maior, descendente do citado fidalgo galego, casou com D. Filipa de Sousa e Castro e passou a residir em Vila Real, onde faleceu em 1664.

Descendência:

D. Maria de Soto Maior, que casou em Mirandela com Mateus Vasques de Guevara.

Descendência:

2º D. Filipa de Macedo, que casou com seu primo D. Alexandre de Macedo Soto Maior, que nasceu em Várzea do Douro a 4 de Janeiro de 1683, capitão-mor de Murça, e fixou depois residência em Carvalhais, administrando os bens que aí possuía e o morgadio de Mirandela.

D. Alexandre de Macedo Soto Maior casou, em segundas núpcias, com D. Caetana de Sousa Cabral, de Murça, filha do doutor Valério de Castro Delgado e de D. Maria de Sousa Cabral.

Deste segundo matrimónio deixou, além de outros, os seguintes descendentes:

I. *D. Henrique de Macedo Soto Maior,* senhor do morgadio de Mirandela, que casou em Alfândega da Fé a 19 de Outubro de 1755 com D. Mariana Josefa de Sousa e Meneses, filha do doutor Domingos Luís de Almeida Noga e de D. Ana de Sousa Meneses. Nasceu em Carvalhais em 1721 e aí faleceu em 1770.

Além de outros, deixou os seguintes descendentes:

a) D. Alexandre, fidalgo da Casa Real, senhor do morgadio de Mirandela e prazos de Carvalhais, pai de D. Margarida, que casou com Francisco Sebastião Pessanha (ver 8º em *Pessanhas).*

(215) PINTO, Albano da Silveira; SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal,* vol. I, p. 451. Ver SANCHES DE BAENA, *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 461. *Dicionário Bibliográfico,* tomo 19, artigo «Sebastião José de Carvalho». MENERES, Alfredo – *Carvalhais, traços históricos,* p. 299, onde largamente se trata desta família.

II. *D. Mariana de Macedo Soto Maior,* que casou em Vila Flor com Tomás Manuel de Morais e Castro, monteiro-mor, senhor de um morgadio em Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, e do da Praça, concelho de Vila Flor.

Sucedeu-lhe seu filho:

a) Francisco António de Macedo Soto Maior, que casou com D. Luísa Leite Pereira de Almeida Machado e Lemos.

Descendência:

Francisco de Morais Leite Soto Maior e Castro, que casou com sua prima D. Guilhermina Leite Pereira de Seabra.

Descendência:

Agripino.

Adília.

Felicidade.

Arnaldo.

Beatriz.

D. Maria Leopoldina de Morais Leite Soto Maior de Castro, que casou em Freixiel, concelho de Vila Flor, com Justiniano de Morais Madureira Lobo, senhor de um morgadio na mesma povoação.

Descêndencia:

Guilhermino.

Beatriz.

Isabel.

CASTANHEIRA

Ver *Santa Cruz da Castanheira.*

CASTELÃOS

1º António Borges de Oliveira e sua mulher D. Maria da Costa instituíram, em 1628, um morgadio em Castelãos, concelho de Macedo de Cavaleiros.

Sucedeu-lhe seu filho:

2º Pedro Borges da Costa, que casou com D. Joana Borges, que estava ao serviço dos Duques de Bragança em Vila Viçosa.

Descendência:

I. *Miguel da Costa Borges* (3º, adiante citado).

II. *José de Oliveira da Costa,* reitor de Macedo de Cavaleiros.

3º Miguel da Costa Borges, que casou com D. Maria de Sá Sarmento, irmã de Bento de Morais Sarmento, do hábito de Cristo, coronel de infantaria, filho de Valentim de Sá, da Vila de Vinhais, e de D. Maria de Novais.

Sucedeu-lhe seu filho:

4º João da Costa de Oliveira Sarmento, cavaleiro do hábito de Cristo, que residiu no lugar de Macedo de Cavaleiros.

A este morgadio andava unido um vínculo que foi instituído por seu tio o reitor José de Oliveira da Costa, com capela na igreja matriz, em Macedo de Cavaleiros, dedicada a Jesus Maria José (216).

Manuel da Fonseca, licenciado, doou, em 1672, bens que vinculou à capela por ele mandada construir, dedicada a S. Tomás e a Santa Teresa de Jesus, em Castelãos, concelho de Macedo de Cavaleiros, onde residia (217).

Bernardo dos Santos Pereira, professor na Ordem de Cristo, familiar de número do Santo Ofício, que residiu em Castelãos, concelho de Macedo de Cavaleiros, erigiu, em 1759, junto às suas casas de moradia, uma capela com retábulo «novo à moderna», a que vinculou bens em morgadio (218).

CASTELO BRANCO

1º António José de Morais Pimentel, natural de Castelo Branco, concelho do Mogadouro, desembargador.

Era filho do capitão-mor e monteiro-mor do Mogadouro, Manuel Inácio de Morais e de D. Maria José Antónia Pimentel.

Neto paterno de Luís Inácio de Figueiredo e de D. Rosa Maria de Morais.

Neto materno de António Rodrigues Pimentel e de D. Maria Ferreira.

Teve carta de brasão de armas que se conserva em poder de seus descendentes, [com a data de 23 de Junho de 1795].

(216) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», § 27, fol. 318 (mihi).
(217) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas*
(218) Ibidem.

Casou com D. Ana Josefa de Sampaio Sarmento Pinto de Sousa Bacelar.

Descendência:

2º ANTÓNIO JOSÉ DE MORAIS PIMENTEL SARMENTO SAMPAIO PINTO DE SOUSA BACELAR, que nasceu a 30 de Outubro de 1801 e faleceu a 24 de Dezembro de 1863 em Castelo Branco.

Era fidalgo-cavaleiro, por alvará de 19 de Novembro de 1822 (219), cavaleiro professo na Ordem de Cristo e bacharel em cânones.

3º ANTÓNIO AUGUSTO DE MORAIS PIMENTEL, que nasceu em Castelo Branco e aí faleceu a 5 de Fevereiro de 1913.

Teve grande prestígio político tendo sido chefe do partido regenerador, no seu concelho (220), onde foi recebedor das contribuições e rico proprietário.

Casou, em primeiras núpcias, com D. Maria da Purificação Sanches Ferreira, que faleceu em 1874, filha do abastado proprietário de Castelo Branco João Manuel Sanches Ferreira.

Descendência:

I. *D. Júlia Delmira de Morais Pimentel,* que casou em 1887 com Norberto Augusto de Carvalho, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, que seguiu a magistratura e é juiz de direito.

Faleceu em Castelo Branco em 1918.

Descendência:

a) D. Maria Beatriz Pimentel de Carvalho.

b) Celestino António Pimentel de Carvalho, que casou em 1915 com D. Felisberta Gil, de Trancoso.

Foi recebedor em Vinhais, de onde em 1922 foi transferido para o Mogadouro.

c) D. Antónia Emília Pimentel de Carvalho.

d) Virgílio José Pimentel de Carvalho.

II. *D. Maria Emília de Morais Pimentel,* solteira, que reside em Castelo Branco.

III. *D. Elisa Augusta de Morais Pimentel*, que casou em 1890 com Acácio Augusto da Fonseca, falecido em 1922, natural de Alfândega da Fé, recebedor no Mogadouro, filho de António Manuel da Fonseca e de D. Ana Josefa de Morais.

Descendência:

(219) Livro 17 das *Mercês de El-Rei D. João* VI, fol. 33.

(220) COELHO, Trindade – A *minha candidatura por Mogadouro,* p. 16 e seguintes.

a) António Manuel de Morais Pimentel da Fonseca, que reside em Alfândega da Fé.

b) Arnaldo Augusto de Morais Pimentel da Fonseca (4º, adiante citado).

c) Manuel Luís de Morais Pimentel da Fonseca, que faleceu de um desastre na caça.

IV. D. *Ana Josefa de Morais Pimentel,* solteira.

António Augusto de Morais Pimentel, casou, em segundas núpcias, com D. Bernardina da Assunção Sanches Ferreira, irmã de sua primeira mulher.

Descendência:

I. *António José de Morais Pimentel,* que casou, em 1909, com D. Maria Clara Sanches Ferreira, sua prima carnal, filha única do rico proprietário dos Estevais doutor Francisco Manuel Ferreira Sanches e de D. Maria Clara Ferreira.

Em 1920 foi despachado professor primário para a Escola Primária Superior de Matosinhos. Também foi administrador do concelho do Mogadouro. É dono de uma importante casa agrícola nos Estevais, concelho do Mogadouro. Descendência:

a) Armando Sanches de Morais Pimentel, que nasceu nos Estevais.

b) António Augusto Sanches de Morais Pimentel.

II. *D. Olímpia Beatriz de Morais Pimentel,* que casou em 1915 com seu primo carnal Francisco Joaquim Sanches, filho natural de Augusto Sanches Ferreira. Residem em Castelo Branco.

Descendência:

Guilherme de Morais Pimentel Sanches.

III. *D. Ermezinda Augusta de Morais Pimentel,* que casou em 1922 com António Augusto Afonso, também natural de Castelo Branco, onde residem.

IV. *D. Maria da Luz de Morais Pimentel,* que casou em 1915 com Manuel António Rodrigues, filho de António Manuel Rodrigues e de D. Ana Rodrigues, natural da Ferradosa, concelho de Alfândega da Fé. Residem na Gouveia, povoação do mesmo concelho.

Descendência:

Otília Bernardina de Morais Pimentel Rodrigues, que nasceu na Gouveia.

V. *Altino Norberto de Morais Pimentel,* doutor em direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso em 1911, tendo sido, no ano seguinte, despachado oficial do registo civil para a comarca do Mogadouro, de cuja Câmara tem sido presidente, e é um dos mais ricos proprietários do concelho.

Reside no Azinhoso e casou em 1917 com D. Otília Júlia de Oliveira, filha do doutor Augusto César de Oliveira e de D. Maria Angélica de Oliveira, natural do Azinhoso. Descendência:

Artur Oliveira de Morais Pimentel, que nasceu no Azinhoso.

D. Maria Angélica Oliveira de Morais Pimentel, que nasceu no Azinhoso.

4º Arnaldo Augusto de Morais Pimentel da Fonseca. Recebeu a sua primeira educação no Colégio do Espírito Santo, em Braga, de onde passou, em 1911, após a expulsão das ordens religiosas, para o Colégio Moderno, em Coimbra. Concluiu o curso liceal em Braga em 1916 e o de direito na Universidade de Lisboa, em Julho de 1922. Em Junho de 1919 foi nomeado segundo oficial da Direcção Geral de Administração Civil do ministério das Colónias.

Em 1920 foi secretário particular do ministro da Justiça, no ano seguinte do das Finanças e, em 1923, exerceu o cargo de administrador do concelho de Alfândega da Fé (221).

O palacete dos Pimentéis, em Castelo Branco, é um dos mais elegantes edifícios no género, do distrito de Bragança.

CASTRO DE AVELÃS

Sebastião de Carvalho Torres, abade de Vilar Seco, e Afonso de Carvalho, abade de Terroso, por escritura de doação feita nas notas de António Pires de Sousa, de Bragança, em Março de 1744 instituíram um vínculo de morgadio, em Castro de Avelãs, concelho de Bragança, que mais tarde parece ter sido administrado pelo doutor João de Castro e em 1779 por João António de Meireles (222).

No fim deste volume publicaremos a reprodução do escudo dos Carvalhos, existente na fachada da sua casa brazonada, em Castro de Avelãs.

(221) Ao ilustrado doutor Arnaldo Augusto de Morais Pimentel da Fonseca agradecemos com muito reconhecimento os elementos fornecidos para esta descrição dos Pimentéis, de Castelo Branco.

(222) Ver o volume IV destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança,* p. 335.

CASTRO VICENTE

1º Bernardo de Aragão Cabral, natural de Castro Vicente, filho de Manuel de Aragão Cabral.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 29 de Julho de 1701 (223).

2º António de Oliveira Cabral, de Castro Vicente, filho de Bernardo de Aragão Cabral, fidalgo da Casa Real, e neto de Manuel de Aragão Cabral.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 24 de Novembro de 1701 (224).

3º D. Inácia Jacinta, filha de Alexandre de Aragão Cabral e de D. Joana Ferreira, de Castro Vicente, professou, em 1723, no convento de Santa Clara de Bragança (225).

4º D. Ana Maria de São José, que nasceu em Castro Vicente, a 11 de Fevereiro de 1706, filha de Manuel Pinto Barbosa Pimentel e de D. Isabel Soares de Macedo.

Neta paterna de Lourenço Álvares Barbosa e de D. Maria de Morais, ambos de Castro Vicente.

Neta materna de Estêvão Machado e de D. Maria de Macedo Soares, de Freixo de Espada à Cinta.

Professou, em 1741, no convento de S. Bento de Bragança.

É interessante o processo desta freira para ajuizarmos dos repugnantes votos celibatários: escreve às autoridades eclesiásticas que a protejam contra as violências da sua família que a quer freira à força – arranjos da fortuna caseira – quando ela só quer casar com Manuel Carlos de Morais Homem, natural de Tronco, juiz dos órfãos em Monforte de Rio Livre. Durante seis longos anos, com suas longas noites, curte saudades no convento à espera de um dia que nunca chegou, resistindo às ameaças de morte que um irmão lhe fazia se não professasse, resolução esta que afinal tomou porque as autoridades eclesiásticas não davam ouvido aos seus pedidos, no intuito de evitar escândalos (226).

(223) Livro 14 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 211, in *Dicionário Aristocrático. Tem a íntegra,* isto é, no original está o documento por completo e não em extracto.
(224) Livro 14 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 222, in *Dicionário Aristocrático.*
(225) Está o respectivo processo no Museu Regional de Bragança, *Freiras de Santa Clara de Bragança,* maços 1 e 2.
(226) Ibidem, *Freiras de S. Bento,* maços 1 e 2.

CEDÃES

Doutor ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA, de Cedães, presbítero, erigiu, em 1791, uma capela no fundo do lugar de Cedães, concelho de Mirandela, dedicada ao Espírito Santo, a que vinculou bens. Pelo documento consta que, ao tempo, havia mais duas capelas em Cedães – S. Brás e Santa Cruz, esta no campo (227).

CÉRCIO

Ver o volume IV, pág. 347, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

CHACIM

ANTÓNIO JOSÉ DE ESCOVAR, capitão-mor da vila de Chacim, concelho de Macedo de Cavaleiros, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, natural e residente na mesma vila, obteve, a 2 de Junho de 1759, carta de nobreza e brasão de armas.

O escudo era esquartelado: no primeiro as armas dos Pintos; no segundo as dos Escovares; no terceiro as dos Martins e no quarto as dos Pachecos. Elmo de prata, aberto. Por timbre o dos Pintos e por diferença uma brica azul com um farpão de ouro. Este brasão foi registado no *Cartório da Nobreza,* Livro 14, fol. 27.

Ascendência de António José de Escovar

1º JORGE ÁLVARES PACHECO, irmão de António Álvares Pacheco, tenente-coronel do regimento de Bragança.

2º ANTÓNIO MARTINS FRANCO, que casou com D. Maria do Rego, padroeiros da capela de S. Jerónimo do morgadio da Cruz, na Sé de Miranda do Douro.

Bisneto materno de António Mendes de Andrade e de D. Maria de Andrade (irmã de João Mendes de Andrade, capitão de cavalaria do regimento de Bragança), que residiam em Vilar de Ouro.

(227) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

3º Joaquim Pinto de Escovar, natural de Miranda do Douro, que casou com D. Bárbara Mendes, natural de Vilar de Ouro e residiram em Lisboa.

4º Manuel Pinto de Escovar, natural de Lisboa, que casou com D. Antónia Maria dos Anjos, natural de Miranda do Douro e residiram em Chacim.

Estas notícias são extraídas da carta original de brasão de armas que amavelmente nos mostrou o reverendo Domingos Pires, ilustrado pároco de Castelãos, concelho de Macedo de Cavaleiros, a quem aqui consignamos o nosso reconhecimento por esta e várias outras finezas que lhe devemos.

O texto da carta abrange seis fólios de pergaminho, entre filetes a duas cores. A primeira letra capital e muitas outras são iluminadas, assim como a tarja da primeira página. O escudo das armas é ricamente iluminado e ocupa uma página. Quanto ao formulário desta carta e das mais deste género, pois quase não fazem diferença umas das outras, ver *Mascarenhas – Barrosos*, onde publicamos uma na íntegra.

Na fachada da casa dos Pimenteis, de Vilar, em Chacim, encontra-se um escudo, gravado em granito, de emblemas idênticos aos acima apontados, sendo portanto de concluir que pertenceu a António José de Escovar.

Manuel António de Escovar e Moura, natural de Alfândega da Fé, era, em 1775, professor de grego em Bragança, e nesse ano ficou por fiador dos alimentos com que D. Isabel Maria Felizarda, freira em Santa Clara, da mesma cidade, sustentaria a criada que pretendia ter [228].

Ver na lista dos cónegos o apelido Escovar.

Doutor António Paulo de Vilhena e Silva, abade de Chacim e seus irmãos Isidoro José da Silva de Vilhena, José Joaquim da Silva de Vilhena, D. Bernarda Norberta de Vilhena e Silva e D. Maria Angélica de Vilhena e Silva, naturais de Chacim, obtiveram, em 1793, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia [229].

António José de Escovar, professo na Ordem de Cristo, de Chacim, mestre de campo do terço auxiliar, obteve, em 1731, licença para *oratório* particular [230].

(228) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara.*
(229) Ibidem, maço «Capelas».
(230) Ibidem.

Francisco José Pinto, presbítero, seus irmãos: Manuel António Pinto de Escovar e D. Maria do Carmo e Castro e sua sobrinha D. Luísa Maria Brízida, obtiveram, em 1783, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia em Chacim (231).

Gaspar Caetano de Sá Ferreira, chantre na Sé de Bragança obteve, em 1776, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia em Chacim (232).

Manuel Pinto da Costa, bacharel, e sua mulher D. Joana Maria da Cruz erigiram, em 1767, uma capela em Chacim dedicada a S. Caetano, com vínculo de morgadio, cujos bens se descrevem, do qual seriam administradores seus filhos José Joaquim, Maria Joaquina, Luísa Maria sucessivamente, caso o primeiro nomeado morresse sem descendentes (233).

COELHOSO

Como não pudemos apurar a quem pertenceu a pedra de armas que há em Coelhoso, concelho de Bragança, damos a seguinte notícia das pessoas mais gradas que encontramos desta povoação:

1º D. Mariana Antónia Margarida, filha do capitão Domingos da Silva e de D. Ana Maria Rodrigues, de Coelhoso.

Neta paterna de João Afonso, de Lanção, e de D. Beatriz da Silva, de Pinelo.

Neta materna de Francisco Rodrigues, natural de Vila Boa, e de D. Ana Martins, de Parada.

Noviciou, em 1751, no convento de Santa Clara de Bragança.

2º D. Ana Maria Isabel, irmã da precedente, noviciou, no mesmo ano, no referido convento (234).

3º D. Rita Antónia Vilas Boas, de Coelhoso, onde faleceu a 18 de Agosto de 1829, deixando por herdeira sua irmã D. Catarina de Sena Vilas Boas, que residiu em Tinhela (235).

(231) Museu Regional de Bragança, maço Capelas.
(232) Ibidem.
(233) Ibidem.
(234) Estão os dois processos no Museu Regional de Bragança, *Freiras de Santa Clara,* maços 1 e 2.
(235) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo – Testamentos*, livro 175, fol. 10.

Noutro lugar nos referiremos aos Ferreiras, de Tinhela, assim como aludiremos também a outras pessoas de certa representação de Coelhoso.

4º D. Antónia Teresa, filha de Gonçalo da Rocha Pimentel e de D. Mariana de Morais Sarmento, que residiam em Bragança.

Nasceu em 1715 em Coelhoso (acidentalmente?)

Professou, em 1734, no convento de Santa Clara de Bragança (236).

5º D. Josefa, que nasceu em Coelhoso e era filha de Bento Manuel Pavão Neves, capitão-mor de Algoso, e de D. Ana Machado, natural da quinta da Cabreira, filha de... Azevedo Machado Lemos, natural de Logarelhos (237).

6º José Maria Neves Pavão, que nasceu a 5 de Agosto e recebeu ordens menores em 1773.

Era filho de João Neves Pavão, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e de D. Maria de Morais, de Coelhoso.

Neto paterno de João Rodrigues, de Coelhoso, e de D. Maria Teixeira, de Frieira, que residiram em Coelhoso.

Neto materno de Manuel Martins, de Variz, terra de Penas Roias, e de D. Susana de Morais (ou Mariz, mas mais provável Morais), da Matela, terra de Algoso, que residiram na Junqueira.

As testemunhas inquiridas no processo de habilitação de *genere* do ordinando José Maria Neves dizem não estarem certas se nasceu ou não em Coelhoso, mas afirmam que ali se criou desde criança (238).

A pedra de armas de Coelhoso, a que atrás nos referimos, está gravada num bloco de granito solto, deslocado do edifício em que primitivamente foi colocada, e pertence (por herança? por compra?) à família do Padre Francisco Manuel da Rocha, natural e actualmente pároco da mesma povoação, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Também é representante desta família Rocha, de Coelhoso, o general Vieira da Rocha, que já foi ministro da Guerra.

(236) Museu Regional de Bragança, *Freiras de Santa Clara*, maços 1 e 2.
(237) Livros do registo paroquial de *Coelhoso*.
(238) Museu Regional de Bragança, maço *Ordinandos* (Junqueira). Ver 3º em Junqueira, concelho do Vimioso.

CORTIÇOS

ANTÓNIO DE LEMOS COSTA, seus irmãos Domingos de Lemos Costa, Francisco de Lemos Costa, D. Maria Eugénia de Lemos Costa, D. Mariana de Lemos Costa e seu sobrinho João Marcelino de Sá Machado, todos dos Cortiços, concelho de Macedo de Cavaleiros, obtiveram, em 1825, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia [239]. Ver em *Parada de Infanções* – 13º e 15º em *Morais Madureiras Feijós.*

Família Alcoforado

Segundo uma tradição corrente nos Cortiços, concelho de Macedo de Cavaleiros, Mariana Alcoforado, a célebre freira das cartas amorosas, era natural ou oriunda dos Cortiços. Ignoro o fundamento da tradição; todavia, aponto alguns nomes desse apelido:

1º BALTASAR VAZ ALCOFORADO, dos Cortiços e sua mulher D. Ana da Cunha emprazaram-se, em 1592, por sessenta alqueires de pão meados num casal pertencente à igreja da mesma povoação, da qual era reitor, ao tempo, o licenciado Manuel da Cunha (certamente irmão ou parente da mulher do emprazado).

O escrivão da vila dos Cortiços que lavrou a escritura era irmão de Baltasar Vaz Alcoforado [240].

2º D. ANGÉLICA MARIA DE JESUS, filha de Francisco de Lemos Costa Alcoforado, dos Cortiços, e de D. Bernarda Maria Osório, de Vinhas, nasceu a 1 de Dezembro de 1726. Foi seu padrinho de baptismo o doutor Baltasar Vaz Alcoforado e madrinha D. Angélica da Rosa Alcoforado.

Noviciou, em 1744, no convento de S. Bento de Bragança [241].

3º JOSÉ ANTÓNIO DE SOUSA ALCOFORADO, abade de Quintela de Lampaças, que faleceu a 19 de Dezembro de 1818.

Do seu testamento vê-se que tinha os seguintes irmãos: Leonardo de Sousa Alcoforado, Francisco Joaquim de Sousa Alcoforado, e as seguintes filhas: D. Carlota Maria de Sousa Alcoforado e D. Mafalda de Sousa Alcoforado [242].

(239) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(240) Ibidem, maço *Bens.*
(241) Ibidem, maço *Freiras de S. Bento.*
(242) Ibidem, *Cartório Notarial*, livro 131, fol. 125.

4º D. Carolina Joaquina de Sousa Alcoforado natural de Cortiços, viúva de António José de Gouveia Vasconcelos, residente, após o seu casamento, na Torre de D. Chama, propôs-se em 1849 casar com Francisco de Assis Carneiro, de Moncorvo, filho de Luís Marcelino de Morais Carneiro e de D. Vicência Teresa de Figueiredo (243).

CORUJAS

Capela de Santo Amaro na quinta das Quimeras, Guimbras, Gimaras (com todos estes nomes aparece no documento). Arruinou-se com o tempo e em 1754 foi reedificada pelo povo de Corujas, se bem que João de Morais Leite, natural de Ferreira, arcediago de Miranda, punha embargos, dizendo que a quinta era foreira ao mosteiro de Santa Clara de Bragança, mas que os possuidores desistiram do direito em favor de João de Morais Leite, seu bisavô, sendo o foro remido por Manuel de Morais Soares. Por fim o povo fez a reconstrução, ficando o arcediago com o direito de conservar em seu poder uma chave da capela, para nela celebrar missa quando estivesse na quinta.

Há ainda um outro documento de 1637 referente à capela da quinta, que então parece seria habitada por vários moradores (244). Ver *Ferreira.*

DUAS IGREJAS

Ver em *Bragança – Morais* e o volume IV, pág. 346, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

EDRAL

Família Morais Sarmentos Leite Chaves, de Edral, concelho de Vinhais

D. Maria Bernarda de Morais Sarmento, que casou com Inácio Teodósio Rodrigues Santa Marta, provedor de Miranda. Era filha de João Sarmento de Morais, fidalgo da Casa Real, e de D. Maria Antónia de Távora Teixeira e Chaves, sua parenta, a quem adiante nos referiremos.

(243) Museu Regional de Bragança, maço *Casamentos – Selas.*
(244) Ibidem, maço *Capelas.*

Neta paterna de José Sarmento, fidalgo da Casa Real, sargento-mor do termo de Miranda, e de D. Catarina de Morais Sarmento, natural de Vinhais, que era bisneta de Gaspar da Silva de Morais, capitão-mor de Vinhais.

Segunda neta paterna de João Gomes Sarmento, natural de Edral, que residiu em Miranda, e de D. Faustina Malho Beça, filha de Gaspar de Beça Pimentel, cavaleiro da Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, filho de Gomes de Beça, fidalgo da Casa Real, natural de Miranda, e de D. Brites de Melo, filha de Pedro de Melo, cavaleiro da Ordem de Cristo.

Terceira neta paterna de Francisco de Morais da Silva, natural de Edral, e de D. Maria Sarmento, natural de Vinhais, filha de Domingos Nunes do Amaral, natural do Tojal da Beira, e de D. Joana Sarmento, filha de Gonçalo de Morais, natural de Vilar de Ossos.

Quarta neta paterna de Francisco Vaz de Morais, natural de Espinhoso, sargento-mor do concelho de Vinhais (filho de João Vaz de Morais e neto de Vasco Anes de Morais), e de Brites da Silva, filha de Pedro de Morais, natural de Candedo.

Neta materna de António Pequeno Chaves, cavaleiro da Ordem de Cristo, sargento-mor da comarca de Moncorvo (filho de João Leite Chaves, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Francisca Pereira de Távora), e de D. Bernarda de Morais Sarmento, sua segunda mulher, filha de João de Barros Pereira do Lago (filho de João de Barros Pereira do Lago e de D. Ana Soares de Morais) e de D. Helena de Morais Sarmento[245].

João Leite Chaves, instituiu, em 1772, um vínculo de morgadio em Edral, de que foi administrador seu filho Manuel Pequeno[246].

João Domingos, reitor de Edral, concelho de Vinhais, fez em 1657 escritura pública de doação de bens vinculados em morgadio à capela de Santo António, que mandou construir na mesma povoação[247].

Manuel de Morais Soutelo, presbítero, erigiu, em 1688, uma capela dedicada ao Nome de Jesus, junto às suas casas de moradia em Edral, a que vinculou bens que se descrevem[248].

(245) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*
(246) Ver o volume IV, p. 340, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(247) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(248) Ibidem. Volume IV, p. 340, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

EDROSO

Francisco de Varje, presbítero, natural de Edroso, freguesia de Quirás, concelho de Vinhais, erigiu, em 1797, uma capela junto às suas casas de moradia. Já tinha a imagem da Senhora «que mandara vir do Porto» (249).

EIXOS

1ª António Luís de Morais e Castro, natural dos Eixos, concelho de Mirandela, filho de Jaime de Morais e Castro, fidalgo da Casa Real.

Neto de Jaime de Morais e Castro.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 2 de Marco de 1757 (250).

2º António Bernardo de Morais e Castro, dos Eixos, filho do precedente, teve o mesmo foro, por alvará de 10 de Outubro de 1781 (251).

ERVEDOSA

Ver *Bragança – Sepúlvedas.*

FERREIRA

João de Morais Leite e sua mulher D. Ângela Soares, que residiram em Ferreira, termo de Bragança, erigiram, em 1668, uma capela na mesma povoação, em frente das suas casas de moradia, dedicada a S. João Baptista, a que doaram bens com vínculo de morgadio, constantes de olivais. Foi seu primeiro administrador, após a morte dos instituidores, seu filho Manuel Morais Soares (252). Ver *Corujas.*

(249) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(250) Livro 11 das *Mercês de El-Rei D. José I*, fol. 274, in *Dicionário Aristocrático.*
(251) Livro 11 das *Mercês da Rainha D. Maria I*, fol. 279, in *Dicionário Aristocrático.*
(252) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

FONTE DE ALDEIA

Ver volume IV, pág 346, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

FORNOS DE PINHAL

1º António Fernandes, presbítero, e seus irmãos Pedro Fernandes e Maria Gonçalves, de Fornos de Pinhal, erigiram, em 1783, uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, no sítio do Milhadouro, limite do referido lugar, com doação de bens (253).

2º António de Andrade Teixeira, presbítero, confirmado das Aguieiras, erigiu, em 1697, uma capela dedicada a Santo António, na povoação de Fornos de Pinhal (254).

3º D. Maria Josefa Teixeira de Andrade, e suas filhas D. Maria e D. Ana Luísa Joaquina, obtiveram, em 1784, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia, onde se pudesse celebrar missa (255).

FRECHAS

Família Araújo

1ª Manuel José de Araújo Borges Pinto, de Frechas, concelho de Mirandela, casou com D. Vitória dos Santos Pinto.

Descendência:

2º Adriano João de Araújo Borges Pinto, de Frechas, que casou com D. Miquelina Augusta Reimão de Meneses Machado Falcão.

Descendência:

3º Francisco de Araújo Borges Pinto, que casou em Roios, concelho de Vila Flor, com D. Albertina Pegado.

4º António de Araújo Borges Pinto, que casou com D. Emília Pimentel da Gama, de Cedães, filha de Manuel José da Gama, de Cedães, e de D. Emília Pimentel, de Vilar do Monte.

Descendência:

(253) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(254) Ibidem.
(255) Ibidem.

5º D. Emília Gama Araújo Borges Pinto, solteira.

6º D. Adriana Gama Araújo Borges Pinto, que nasceu em Frechas, a 18 de Janeiro de 1897 e casou, a 10 de Outubro de 1925, com António Eduardo Faria, tenente do exército, do Mogadouro, onde nasceu a 30 de Setembro de 1897, filho do doutor Eduardo Ernesto Faria, natural de Miranda do Douro, distinto advogado e professor do liceu de Bragança (a quem nos referimos em *Carrazedo),* e de D. Laurinda Augusta de Abreu Faria.

Descendência:

7º António Eduardo Araújo Faria, que nasceu em Frechas a 25 de Junho de 1926.

FREIXIEL

1º Frei Miguel Pais de Meneses, fidalgo da Casa Real, comendador de Santa Maria Madalena, da vila de Freixiel, concelho de Vila Flor, apresentou, a 18 de Maio de 1805, como pároco na igreja de Freixiel a Frei Manuel Bernardo de Magalhães e Sousa, ao tempo vigário de Candoso, autor do *Livro Genealógico.* (Ver adiante a descrição deste livro.)

2º João de Morais Miranda, capitão-mor de Freixiel, filho do doutor Frutuoso Tomaz de Miranda, natural de Bretiande, e de D. Ana de Morais.

Casou em Freixiel, concelho de Vila Flor, com D. Isabel de Morais Pinto, sua segunda prima.

Descendência:

3º João de Morais Cardoso, cavaleiro do hábito de Cristo, capitão-mor de Freixiel, que casou com D. Paula Teixeira de Sampaio, de Moncorvo.

Descendência:

4º Tomé de Morais Cardoso, capitão-mor de Freixiel [256].

(256) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e, Padre Frei – *Livro Genealógico,* tomo I, fol. 211.

Descrição bibliográfica do «Livro Genealógico» do Padre Frei Manuel Bernardo de Magalhães e Sousa, vigário de Candoso

Este códice, que se encontra em Freixiel em poder da família Aragão, representante do antigo fidalgo Justiniano de Morais Madureira Lobo, consta de dois tomos de papel fólio, não pautado, encadernados num só volume, com capa de carneira, onde se lê:

«*Livro Genealógico*

Primeiro e Segundo Tomos

Ano 1804»

O primeiro tomo consta de 273 fólios numerados de frente, com tinta vermelha, e o segundo contém 270 fólios, também numerados de frente, mas com tinta preta.

O frontispício, onde vem o título do códice, a maior parte dos dísticos dos capítulos, muitos nomes próprios dos títulos, os números que distinguem os diversos membros dos ramos genealógicos, etc., estão escritos com tinta vermelha.

As letras de alguns nomes próprios têm ornamentos feitos com tinta amarela e pontuados a vermelho. O restante está escrito com tinta preta.

O fólio 176 do primeiro tomo está escrito com caligrafia diferente, de que não conheço o autor.

Os fólios 177 e 178 são autógrafos de Manuel de Morais Magalhães Borges, autor das *Notabilidades antigas e modernas da vila de Anciães,* transcritas no primeiro tomo deste códice, desde o fólio 251, até ao 272, como se vê da nota final, que vem no fólio 178 v. que diz:

«Toda esta ascendencia paterna que fica declarada sam das pessoas mais calificadas que ouve nesta Villa e termo e desta comarca de Sellores e mui conhecidos neste Reyno pellos Sampayos Pereyras Sylvas Mesquitas Magalhães Moraes Souzas Pintos Carvalhos Seixas, e lhes pertencem seos appellidos e os mais que ficam declarados segundo vi no dito Diogo Gomes de Figueiredo na livraria dos Ill.mos Marquez de Alegrete, e do Conde de Tarouca, e em hum livro de Arvores de costado, na livraria de S. Domingos de Lisboa; e por hum livro genealogico em caza de Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães da Torre de Moncorvo composto por Matheus de Saa da mesma Villa e por livros da Camera desta Villa de Anciaens, e de notas, e outros authenticos Documentos dignos de toda a

fee e credo. E por isso assim o decia... Anciaens, e Mayo de 1756. Manoel de Moraes Magalhães Borges».

Os fólios 176, 177 e 178 foram apensos ao códice e encardenados juntamente com ele. Além disso, no fim do segundo tomo encontra-se-lhe anexado um documento, em caligrafia diferente, já muito deteriorado, que tem por título: «Verdadeira desendência dos Pereiras e Sampayos de Anciaens tirada de hum Instrumento antigo que estava no cartorio que servio Bartolomeu de Souza, o qual Instrumento foi feito e reconhecido pelo Rey *(sic)* deste Reyno no anno de 1610 aos 5 de Fevereiro do dito anno, e em suma constava o seguinte». Note-se, porém, que este *Instrumento* vem copiado no fólio 167 e seguintes do primeiro tomo.

FÓLIOS QUE FALTAM NO CÓDICE – Além de outros que porventura nos escapassem, demos pela falta dos seguintes fólios:

No primeiro tomo os fólios – 18 a 25 inclusive, 30 a 34, 120, 145 e 180.

No segundo tomo os fólios – 57, 58, 169, 170, 172, 182, 183, 229 a 233, inclusive, e 244 a 247, inclusive.

AUTOR DO LIVRO GENEALÓGICO – Pelos fólios 28, 169 v. e 272, do primeiro tomo e fólios 24 v., e 25 v. do segundo, vê-se: que o autor do *Livro Genealógico* é o padre Frei Manuel Bernardo de Magalhães e Sousa, vigário de Candoso, concelho de Ansiães; que já vivia, ou era vigário de Candoso, em 1788 e que foi em Candoso que escreveu o *Livro.*

O padre Frei Manuel Bernardo de Magalhães e Sousa, vigário de Candoso, nasceu em Carvalho de Egas, concelho de Ansiães, a 8 de Abril de 1755. Tinha dois irmãos: Padre Frei Martinho José de Magalhães e Sousa, vigário de Barcel, antigo encomendado do Mogo de Malta e de Candoso, e Francisco José de Magalhães e Sousa, vigário de Carvalho de Egas.

Em 1788 residiam todos nas vigarias atrás indicadas.

Eram filhos legítimos de Manuel Caetano de Magalhães e Sousa, natural de Carvalho de Egas, ajudante das Ordenanças no antigo concelho de Vilarinho da Castanheira, hoje pertencente ao de Carrazeda de Ansiães, e de D. Mariana de Almendra, natural de Carvalho de Egas *(Livro Genealógico,* tomo primeiro, fólio 28, tomo segundo, fólios 24 v. e 25 v.

Serviu-se Frei Manuel Bernardo de Magalhães e Sousa de várias memórias manuscritas de famílias e de genealogistas para organizar o seu *Livro Genealógico.* Assim, no tomo primeiro, fólio 67 v., na «*Advertência do que veio á minha mão por acaso. Ramo de Suçaens*», transcreve uma notícia genealógica de João António Vaz Teixeira Boto, datada de Vale de

Figueira a 20 de Fevereiro de 1789. Quem seria este genealogista, que vivia em Vale de Figueira em Fevereiro de 1789?

No fólio 192 e seguintes, transcreve a ascendência de Gonçalo Manuel de Magalhães Teixeira Dá Mesquita, de Marzagão, escrita pelo próprio que vivia em Marzagão em 1791 e que devia ter casado no princípio do ano de 1801, pois ainda neste ano lhe nasceu um filho.

No fólio 203 v., transcreve a «*Addição, e declaração as Advertencia, e descendencia (sic) das familias de Pintos, e Moraes de Freixiel, pela pouca clareza com que se descrevem neste Libro de Lembrança, por meu Irmão Doutor Antonio de Souza Pinto, Reitor de Marzagão*».

O mesmo se vê ainda dos fólios 218 e 227.

O título de *Frei* que o padre Manuel Bernardo de Magalhães e Sousa usava, não indica que ele fosse frade, segundo o significado que hoje damos a esta palavra, mas sim que era pároco numa igreja pertencente a comenda de ordens militares, que por isso costumavam tomar o título de *Frei*.

Época em que foi escrito – Apesar de no frontispício mencionar o ano de 1804, dos fólios 78, 148 v. e 272 do primeiro tomo, e 173 v., do segundo, vê-se que o *Livro* se continuava escrevendo nos anos de 1802, 1803 e 1809. Além disso, teve acréscimos posteriores, ainda em 1818, como se vê no fólio 81 do primeiro tomo.

É interessante o *Livro Genealógico* porque, em geral, trata de famílias plebeias, coisa rara em genealogistas, e ainda porque mostra como já então a bastardia, o adultério e os filhos sacrílegos de padres abundavam e como os pastores e criados se «*intendiam*» com as amas, tanto plebeias como fidalgas, apesar das penas severas cominadas nas *Ordenações do Reino*.

Famílias de que trata o códice:

Tavares Vilas Boas, de Tralhariz.
Trigo e Trigo de Magalhães, dos Pereiros.
Silvas, Sampaios, de Linhares.
Borges, dos Pereiros.
Almendra, de Carvalho de Egas, de Santa Comba da Vilariça e de Samões.
Botelho, de Candoso.
Magalhães e Sousa, de Assares.
Morais Pinto, de Assares.

Magalhães e Castro, da Eucísia.
Sá, de Vale Benfeito.
Madureira Machuca e Morais Madureira Machura, de Vila Flor.
Lobão Telo e Silva, de Carvalho de Egas.
Morais Pinto (João de), morgado de Roios.
Machado, de Samões.
Almendra, de Samões.
Almeida Crespo e Sobral Vassalo, de Freixiel.
Costa, de Candoso.
Queijo, de Mourão e Vale Torno.
Morais Pinto e Sampaio, de Linhares.
Morais, de Tralhariz e Selores.
Sil, de Vila Flor.

FREIXO DE ESPADA À CINTA

1º ANTÓNIO DE ALBUQUERQUE, da vila de Freixo de Espada à Cinta, filho de Gaspar de Albuquerque, fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo e familiar do Santo Ofício, e de D. Jacinta de Campos.

Neto paterno de Álvaro de Albuquerque, fidalgo da Casa Real, e de D. Catarina de Morais.

Neto materno do capitão Tomás de Campos e de D. Rosa Alvarez, da mesma vila.

Brasão passado a 27 de Julho de 1644. Tem por diferença uma brica de prata e nela uma almofada verde (257).

2º ANTÓNIO DE SÁ SOTO MAIOR, natural de Freixo de Espada à Cinta, filho de Francisco de Sá Soto Maior, fidalgo e tronco desta geração.

O rei D. Henrique, por carta régia, concedeu-lhe o brasão de seus antecessores: escudo de campo esquartelado: no primeiro as armas dos Sás; no segundo as dos Soto Maiores e assim os contrários. Por diferença uma merleta de ouro. Elmo de prata, aberto, guarnecido de ouro, paquife de prata, azul, ouro e vermelho, e por timbre um búfalo de sua cor, enxaquetado de prata, com uma manilha de prata nas ventas. Concede-lhe também todas as honras de fidalgo por descender das gerações dos Sotos-Maiores e Sás. Dada em Lisboa a 10 de Abril de 1579 e registada na chancelaria de D. Henrique, livro XI, fol. 211 v. (258).

(257) MACHADO, José de Sousa – *Brazões inéditos,* Braga 1906, livro 2º, fol. 93, nº 16.
(258) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 83.

3º Bartolomeu Pimentel, moço da Câmara real, comendador de Santa Margarida de Mazedo (data e prestimónio do Duque de Caminha, Marquês de Vila Real), almoxarife do mestrado da Ordem de Cristo na vila de Tomar, onde residia, natural da vila de Freixo de Espada à Cinta. Esteve muitos anos em África.

Era filho de João Pimentel e de D. Maria Álvares Pereira, que residiam em Freixo de Espada à Cinta.

Neto paterno de Lourenço Pimentel, natural do lugar de Urros, termo da vila da Torre de Moncorvo, onde residiu.

As armas dos Pimentéis têm por diferença um trifólio verde. Brasão passado a 29 de Fevereiro de 1627 (259).

4º Francisco de Andrade Freire, que residia na vila de Freixo de Espada à Cinta, era filho de Francisco de Andrade e de D. Isabel Lopes.

Neto de D. Inês de Brito e de Álvaro Pires.

Bisneto de Rui de Andrade, cavaleiro do hábito de S. Tiago, e D. Maria de Brito.

Sua avó, Inês de Brito, era irmã de Cristóvão de Andrade, que possuía o brasão dos Freires de Andrade e Britos, passado a... de Maio de 1644 (260). tem por diferença um trifólio de prata picado de azul.

5º Gonçalo de Morais, juiz dos órfãos, escrivão da Câmara de Freixiel e Abreiro, foi grande cavaleiro, capitão de pé de castelo e governador de Freixo de Espada à Cinta (261).

6º Augusto Sebastião Guerra, médico do partido municipal da vila de Freixo de Espada à Cinta. Fugiu da vila logo que ali apareceram os primeiros casos de cólera (epidemia que flagelou o reino fazendo muitas vítimas, mesmo no distrito de Bragança em povoações como Argozelo e outras) pelo que o governo o exautorou expulsando-o do cargo e precavendo-se para quando requeresse algum lugar de saúde (262).

Como nestas páginas se fala de tantas pessoas de destaque, não será despropósito cravar aqui esta, que o não é menos, na sua especialidade.

7º Gaspar da Rocha, que residia na vila de Freixo de Espada à Cinta, donde era natural, era filho de Tomás da Rocha e de D. Joana de Melo.

Neto paterno de Afonso Martins e de D. Catarina Alvarez.

Neto materno do licenciado Francisco de Campos e de sua segunda mulher D. Violante de Melo.

(259) *Brasões inéditos,* por José de Sousa Machado, livro 1º, fol. 348 v., nº *82.*
(260) Ibidem, livro 2º, fol. 70 v., nº 171.
(261) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e, *Livro Genealógico,* tomo I, fol. 204.
(262) *Diário do Governo* de 11 de Janeiro de 1866.

Brasão passado a 28 de Julho de 1644. Tem por diferença uma brica de prata e nela uma almofada verde (263).

GIMONDE

ANTÓNIO GONÇALVES, presbítero, e suas irmãs D. Joana e D. Maria Gonçalves, de Gimonde, concelho de Bragança, obtiveram, em 1789, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (264).

GRALHÓS

ANTÓNIO RODRIGUES MENDES, confirmado de Vale de Telhas, concelho de Mirandela, seus irmãos Manuel Rodrigues, presbítero, D. Isabel Rodrigues e seus sobrinhos Manuel Carneiro de Morais e mulher D. Maria Josefa de Morais, naturais de Gralhós, erigiram, em 1696, uma capela nesta povoação, dedicada a S. Caetano (265).

GRIJÓ DE VALE BENFEITO

JOSÉ MANUEL DE MIRANDA e sua mulher D. Ana Inês Pereira, de Grijó de Vale Benfeito, concelho de Macedo de Cavaleiros, erigiram, em 1849, uma capela dedicada a Nossa Senhora e a S. José, na referida povoação, junto às suas casas de moradia (266).

A 7 de Agosto de 1827, Inocêncio António de Miranda, abade de Medrões, ao tempo residindo em Grijó de Vale Benfeito, natural de Paço do Outeiro, fez testamento deixando: os rendimentos da freguesia de Medrões, que lhe pertenciam, de esmola à igreja, para concluir as pinturas do altar-mor e mais obras pertencentes à abadia; os bens de Vale Benfeito a seus sobrinhos José Manuel de Miranda e sua mulher D. Ana, Frederico Guilherme e Carlos António Tomás de Aquino, o casal da Freixeda a sua sobrinha D. Josefa. Quanto aos bens de Paço de Outeiro dizia já os haver doado a uma sobrinha que lá residia.

(263) MACHADO, José de Sousa – *Brasões Inéditos*, livro 2º, fol. 90, nº 230.
(264) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(265) Ibidem.
(266) Ibidem.

No volume consagrado aos escritores referir-nos-emos a este célebre abade de Medrões [267].

GURIBANES

D. Maria Antónia (na clausura, D. Maria Peregrina Henriqueta), que nasceu em Grijó de Vale Benfeito a 14 de Setembro de 1745, professou no convento de S. Bento de Bragança em 1765.

Era filha de Bernardo de Barros Pereira do Lago, de Guribanes, e de D. Mariana Gertrudes Soares de Figueiredo, de Bragança.

Neta paterna de João de Barros Pereira do Lago, de Guribanes, e de D. Paula da Costa Carneiro, de Carrapatas.

Neta materna de Aleixo Soares e de D. Rosa Maria Pereira de Sousa Pimentel, de Bragança.

Foi baptizada por Félix Manuel Pereira do Lago, reitor de Bornes, sendo padrinhos António Gomes Mena e sua mulher D. Caetana de Sousa Pimentel, naturais de Morais [268].

Ver em *Arcas – Pereira do Lago.*

GUIDE

Pedro Fernandes, licenciado e presbítero, natural de Guide, concelho de Mirandela, obteve, em 1629, licença para abrir na parede da igreja matriz da povoação um arco de cantaria, a fim de erigir uma capela dedicada a Nossa Senhora da Assunção, a que vinculou bens [269].

GUSTEI

Doutor João Gonçalves Alvaredo, médico dos partidos de Bragança, professo na Ordem de Cristo, natural de Gostei, concelho de Bragança, obteve, em 1785, licença para *oratório* particular na sua casa de moradia [270].

(267) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo, Registo de testamentos,* livro 211, fol. 92 v.
(268) Museu Regional de Bragança, *Freiras de S. Bento,* maços 1 e 2.
(269) Ibidem, maço *Capelas.*
(270) Ibidem, maço *Capelas.*

IZEDA

Francisco André Ochôa, juiz de fora na vila de Monforte de Rio Livre, familiar do Santo Ofício, natural de Izeda, concelho de Bragança.

Era filho de Gonçalo Ochôa e de D. Maria André Rodrigues, filha de Francisco André Rodrigues e de D. Catarina Leonarda.

Neto paterno de Francisco Ochôa e de D. Catarina Leonarda.

Bisneto de Gonçalo Ochôa e de D. Maria Leonarda.

Terceiro neto de outro Gonçalo Ochôa e de D. Maria Rodrigues.

Quarto neto de Francisco Ochôa, filho de Pedro Ochôa, escudeiro fidalgo da Casa Real no tempo de D. João III, neto de Lopo Afonso Ochôa, que teve o mesmo foro, e bisneto de Afonso Vaz Ochôa, fidalgo da Casa Real no tempo de D. Afonso V, o qual era quarto neto de Pedro Afonso Ochôa, rico-homem no tempo de D. Dinis, irmão de Simão Ochôa, abade de Rebordelo, quartos netos de Martim Henriques Ochôa, cavaleiro de Navarra, da casa solar e palácio de Ochôa, daquele reino, donde veio à conquista de Portugal na companhia do conde D. Henrique.

Teve brasão com as armas dos Ochôas, passado a 20 de Fevereiro de 1773, que está registado no *Cartório da Nobreza,* livro I, fol. 194 (271).

1º Pedro Afonso, reitor de Izeda, obteve, em 1612, licença para abrir um arco na igreja matriz da mesma povoação, onde colocaria um altar dedicado a Santo António, ficando com aspecto de capela (272).

2º Francisco André e sua mulher D. Sebastiana Rosa, de Izeda, obtiveram, em 1802, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (273).

3º António Jorge Marques Malta e sua mulher erigiram, em 1860, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, em Izeda, junto às suas casas de moradia (274).

4º António Álvares, de Izeda, presbítero, erigiu, em 1844, uma capela na povoação, junto às suas casas de moradia, dedicada a Santo António, com doação de bens que se descrevem (275).

(271) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* parte I, p. 177.
(272) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(273) Ibidem.
(274) Ibidem.
(275) Ibidem.

JUNQUEIRA DA VILARIÇA

1º D. Maria de Barros Pereira do Lago, filha do morgado da Junqueira, concelho de Moncorvo, casou com Manuel Maria Pinto de Magalhães e residiu na Adeganha, concelho de Moncorvo.

2º D. Elisa Clara Pinto de Magalhães, irmã da precedente, casou em Freixo de Espada à Cinta, onde reside, com um membro da família do grande poeta Guerra Junqueiro.

3º D. Josefa Ernestina Pinto de Magalhães, irmã da antecedente. Nasceu no Porto, freguesia de Massarelos, pelos anos de 1863, mas seus pais são oriundos da Junqueira.

Casou em 1884 com Francisco António Fernandes Quintanilha, natural de Quintanilha, concelho de Bragança, onde foi funcionário do Governo Civil.

Descendência:

4º D. Regina da Glória Pinto de Magalhães, doutora em Direito pela Universidade de Coimbra. Exerce a advocacia em Lisboa, onde reside, casada com o doutor Vicente Ribeiro de Sousa Leite e Vasconcelos.

5º D. Júlia Gentil Pinto de Magalhães, diplomada com o curso de farmácia, viúva do segundo Visconde de Nossa Senhora da Ribeira, doutor..., que faleceu na Figueira da Foz pelos anos de 1918.

6º D. Maria Adelaide Pinto de Magalhães, solteira, diplomada com o curso de agronomia.

Estas três senhoras, oriundas de Quintanilha por parte de seu pai, nasceram acidentalmente em Bragança, onde ele era funcionário do Governo Civil. Descendem, pelo lado materno, do primeiro circum-navegador Fernão de Magalhães, a quem aludiremos em *Vila Flor,* e singularizam-se por serem as primeiras que em Portugal obtiveram formaturas em direito e agronomia.

JUNQUEIRA DE ALGOSO

Tombo dos bens do morgadio da Junqueira, concelho do Vimioso, instituído por Bento Martins, sua mulher D. Catarina de Morais e sua irmã D. Bárbara Martins

É um códice manuscrito, contendo 89 fólios, paginados de frente, feito por autoridade judicial em 1734, encadernado, existente na Junqueira em poder dos descendentes do morgadio. Na capa, a letras douradas, diz:

Tombo de Algoso, 1743

A demarcação dos bens foi feita pelo doutor João Gonçalves Pereira, juiz de fora da vila de Algoso.

As propriedades estavam situadas nos lugares da Junqueira, Matela, Avinhó, São Pedro da Silva e Algoso.

Os instituidores, por não terem filhos, fundaram dois morgadios por escritura de 27 de Maio de 1732: um com os bens de Algoso e quinta de Santo Adrião, na freguesia de S. Pedro da Silva, e outro com os da Junqueira, Matela e Avinhó.

Para primeiros administradores do morgadio chamaram seu sobrinho Manuel Martins e os filhos deste: Bento e D. Maria, naturais da Junqueira, ficando o Bento com os bens de Algoso e de S. Pedro da Silva e D. Maria com os outros. Caso os nomeados para suceder no morgadio falecessem sem deixar descendência, passava o morgadio para D. Catarina Martins, casada com Manuel Rodrigues, que residiam na vila de Penas Roias, e ainda para sua sobrinha D. Mariana Martins, de Morais, termo de Bragança.

Os administradores teriam obrigação de mandar dizer um certo número de missas e de alumiar uma lâmpada na igreja de Algoso.

Os bens constavam também de olivais.

A quinta de Santo Adrião, situada no termo na povoação de S. Pedro da Silva, fora comprada pelos intituidores em 1715 a Matias Morais Machado, solteiro, das Arcas, por 433.000 réis (só três partes da quinta, porque a outra parte foi vendida a D. Bárbara Martins (a tal da família?) e já fora tombada judicialmente em 1700 pelo doutor António de Paiva e Pona, juiz de fora de Algoso).

Em 1700, quando o doutor Paiva e Pona fez o *Tombo,* a quinta pertencia a D. Catarina de Morais, viúva de Francisco Pessanha, que residia nas Arcas.

Nesta quinta, demarcada pelo *Tombo,* ficava a capela de Santo Adrião pertencente aos habitantes de S. Pedro da Silva; tudo o mais era da quinta, a não ser o lameiro, pegado à capela, que pertencia à mesma.

A quinta de Santo Adrião tinha de medição, toda em volta, 3.816 varas, ou sejam 4.197 metros e 6 decímetros. Além da área da quinta, pertenciam-lhe outras propriedades fora dela.

1º João Manuel de Sá Machado, que por carta régia de D. João VI, de 6 de Dezembro de 1811, foi nomeado, em atenção aos seus serviços e merecimentos, capitão-mor das ordenanças da vila de Algoso, cargo vago pela impossibilidade de Bento Manuel de Morais Pavão.

2º Manuel Caetano Martins, nomeado segundo ajudante das ordenanças de Penas Roias, pelo governador das armas da província de Trás-os-Montes, marechal de campo Francisco da Silveira Pinto da Fonseca em 23 de Janeiro de 1810.

3º João Manuel de Sá Machado (1º, atrás citado), que residiu em Algoso e era natural de Vilar da Vilariça, concelho de Alfândega da Fé, de quarenta e nove anos, celebrou em 1806 escritura de casamento com D. Maria Antónia Benedita de Morais Pavão, solteira, de vinte e dois anos, filha de Bento Manuel de Morais Pavão, da Junqueira, capitão-mor de Algoso, sobrinha de António Manuel Pereira Pinto de Azevedo Lemos, de Vilarelhos, concelho de Alfândega da Fé.

Alexandre José de Morais Antas e Silva, presbítero, e suas irmãs D. Angélica Maria das Neves e D. Bernardina Maria de Jesus, tios da nubente, fizeram-lhe, na mesma data, doação de bens para o casamento. Pela respectiva escritura se vê que o pai da nubente era administrador de bens de morgadio (276).

4º Bento Manuel de Sá Machado, o *Morgadinho da Junqueira,* como vulgarmente era chamado, solteiro, de vinte e seis anos, administrador do morgadio da Junqueira, foi assassinado às oito horas da noite do dia 9 de Janeiro de 1870 no sítio chamado das Favas, limite da mesma povoação, pelo *Faz-Tudo* (alcunha), natural de Vale de Pena, concelho do Vimioso, em razão de ter feito ir à praça e comprado um baldio da povoação da Junqueira e de matar a tiro as galinhas e porcos que entravam nele e nos mais que possuía. O *Faz-Tudo*, como sucede muitas vezes, concentrou em si as iras populares e... a musa popular aludindo ao caso cantava:

«Na povoação da Junqueira
Ha um brioso morgado;
De família muito nobre,
Dos seus muito estimado.

Um dia foi a Algoso,
Sua tia visitar,
E três ou quatro cobardes
Lembraram-se de o matar.

Adeus, ó minha tia D. Augusta
Que me vou p'ra Junqueira;
Buscar os fatos novos
P'ra manhã ir à feira.

(276) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 167, fol. 99, e livro 169, fol. 16, onde se encontram as respectivas escrituras. Ver o volume IV, p. 348, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

Onde vais, ó meu sobrinho,
Que andas tão amiaçado;
Na vila do Vimioso,
Todos sabem que és morgado

Foi o cavalo p'ra casa
Todo insanguentado,
Foi dar a noticia,
Que mataram o morgado.

Na ribeira das Favas
Já ha giestas floridas;
Mataram o morgadinho
Capitão das raparigas

O morgado da Junqueira
Queria ser um figurão
Comprou as eiras do povo
Foi a sua perdição.

Ó Carlos não me deixes
Não me acabem de matar;
Leva-me p'ró pé da ponte
P'ra eu ir descansar.

Ele levou-o em seus braços
Bem junto do coração
Dá-me uma pinga d'agua
P'ra passar esta aflição.

O meu amo não o deixo
Bem pode estar descansado
Nem que passe aqui a noite
Hei-de sempre acompanhalo.

Ó Faz Tudo! Ó Faz Tudo,
Ó Faz Tudo, ó ladrão [277];
Mataste o morgadinho
Foi a tua perdição.

(277) Manuel José Gonçalves, o *Faz Tudo,* de alcunha, era natural de Vale de Pena, concelho de Vimioso e ainda hoje lá vivem sobrinhos dele.

Dia 9 de Janeiro
Dia de grande aflição,
Mataram o morgadinho
Com balas no coração.

Eu se matei o morgadinho
É porque tinha razão;
Comeu-me a minha galinha
E matou-me o meu leitão.

Hei-de rodear a Junqueira
Com um fio de ouro miúdo,
P'ra ver se caço nele
Aquele ladrão do *Faz Tudo.*

Ó Faz Tudo! Ó Faz Tudo,
Agora já não fazes nada,
Vais preso p'ra Relação
A sentença já 'stá dada.

Do morgado da Junqueira
Saiu uma pomba branca;
Pedindo que lhe fizessem
Uma capelinha branca.

Adeus querida mãi e manas
Em geral peço perdão
A'manhã, por estas horas
O meu corpo estará no caixão.

Dali por um bocado
Só se ouviam muitos gritos
Era a mãi e as irmãs
Que choravam em altos gritos.

Seu irmão vinha diante
C'oa cabeça perdida,
Onde estão os assassinos
Que lhe quero tirar a vida.»

Bento Manuel de Sá Machado, o assassinado, era filho de Rodrigo Manuel de Sá, de Algoso, e de D. Maria Emília, de Chacim, que residiam na Junqueira [278].

5º Bento Manuel de Sá Machado, um dos vários filhos ilegítimos do *Morgadinho* assassinado e único que se habilitou como herdeiro, morreu num hospital do Porto a 11 de Dezembro de 1906, para onde fora curar-se do ferimento de um tiro de arma de fogo que se lhe disparara. Era casado e deixou filhos.

LAGOA

1º Brás Camelo da Gama, licenciado, reitor de Lagoa, irmão de D. Inês de Morais, viúva de Manuel de Bandos, que residiam no Mogadouro, instituiu um vínculo de morgadio, em 1633, com capelas de missas, na igreja matriz de Lagoa, em favor de sua sobrinha D. Anastácia de Morais, casada com Salvador da Gama de Morais, também sobrinho do instituidor, e que residia em Algoso.

Fez larga doação de bens: oliveiras, casas, etc., sitos em Lagoa, onde os morgados seriam obrigados a residir, sob pena de perderem a herança. Junto ao processo da escritura de doação vem o testamento do instituidor com nomeação de vários membros da sua família [279].

Aos sobrinhos do instituidor sucedeu:

2º Matias Machado de Morais, que casou com D. Catarina de Morais da Gama.

Sucedeu-lhe seu filho:

3º José Machado de Morais, que casou com D. Maria Madalena de Morais da Gama, que em 1721-1724 residiam em Lagoa [280].

Lourenço Gonçalves, presbítero, morador em Lagoa, instituiu em 1662, uma «capela, ou altar das Almas que he nicho na parede da Igreja de Sam Martinho do dito lugar de Lagoa que he matriz pera a banda do meio dia».

Vê-se do documento que no referido sítio havia um nicho e o padre é que mandou abrir nele um altar com retábulo e alfaias necessárias para o culto, doando bens para a fábrica, entre eles várias oliveiras.

---

(278) Sobre este morgadio da Junqueira, ver o volume IV, p. 348, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

(279) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

(280) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia *XI,* «Dos Morgados», § 20, fol. 308 (mihi).

Seriam primeiros administradores do vínculo José Lourenço e sua mulher D. Maria Pires, primos do instituidor (281).

LAGOAÇA

1º António José Antunes Navarro, primeiro Conde e primeiro Visconde de Lagoaça; fidalgo-cavaleiro da Casa Real, por alvará de mercê nova de 30 de Janeiro de 1862; comendador das Ordens de Nossa Senhora da Conceição e de S. Maurício e S. Lázaro, da Itália; Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora de Guadalupe, do México; deputado em várias legislaturas, par do reino e presidente da Câmara Municipal do Porto.

Nasceu na Lagoaça, concelho de Freixo de Espada à Cinta, a 11 de Julho de 1803 e faleceu no Porto a 17 de Julho de 1867, havendo casado, sete dias antes, com D. Luísa Benedita Monteiro Antunes Navarro, que nasceu a 17 de Julho de 1837.

Tiveram um filho, António José Antunes Navarro, que nasceu no Porto a 15 de Março de 1864.

O Conde de Lagoaça era filho de Manuel José Antunes, proprietário e negociante, e de D. Helena Teresa Antunes, naturais da Lagoaça.

O título de conde foi-lhe concedido por decreto de 31 de Outubro e carta régia de 6 de Novembro de 1866 e o de visconde, em duas vidas, por decreto de 2 de Novembro e carta régia de 2 de Dezembro de 1859.

Teve por armas um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Antunes e na segunda as dos Navarros (282). O brasão de armas foi-lhe concedido por alvará de Agosto de 1862.

2º Júlio de Castro Pereira, segundo Visconde de Lagoaça, em verificação da segunda vida concedida a seu tio António José Antunes Navarro, atrás citado.

Bacharel formado em direito, comendador da Ordem de Cristo e da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, por diploma de 27 de Março de 1873, proprietário e negociante na praça do Porto.

---

(281) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

(282) PINTO, Albano da Silveira – *Resenha das Famílias Titulares* e *Grandes de Portugal,* 2º vol., p. 71.
SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* parte 1ª, p. 55.
Portugal: Dicionário histórico, artigo «Lagoaça».

Nasceu a 27 de Março de 1836 e casou a 20 de Junho de 1876 com D. Adelaide Henriqueta de Sousa Basto, que nasceu a 5 de Março de 1849, filha dos primeiros Viscondes da Trindade.

A renovação do título foi por decreto de 6 de Julho de 1867 (283).

A correspondência telegráfica de A *Palavra* de 8 de Outubro de 1906 diz: «Foi agraciado com a comenda de Leopoldo da Bélgica o snr. conde de Lagoaça, nosso encarregado de negócios do Brasil».

Descendência:

I. *D. Alice de Castro Pereira,* que casou a 15 de Janeiro de 1903, na igreja do Bonfim, Porto, com Jaime Guilherme Pimentel de Faro, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, delegado do procurador régio.

II. *Júlio de Castro Pereira.*

E outros.

Por diploma de 18 de Agosto de 1863, publicado no *Diário do Governo* de 3 de Outubro seguinte, foi concedida licença a António José Antunes Navarro, Visconde de Lagoaça, para aceitar a comenda da Ordem Italiana de S. Maurício e S. Lázaro.

Por diploma de 23 de Outubro de 1865, publicado no *Diário do Governo* de 1 de Dezembro seguinte, idêntica licença lhe foi concedida para aceitar a Grã-Cruz da Ordem Imperial de Guadalupe, do México.

O decreto que o nomeou par do reino é de 30 de Setembro de 1865.

O que o nomeou Conde de Lagoaça é de 31 de Outubro de 1866, por ocasião da visita de El-Rei ao Porto, onde fora inaugurar o monumento erigido por esta cidade a D. Pedro IV, sendo ele governador civil do distrito.

O Diário do Governo de 29 de Julho de 1868 traz a relação dos titulares que formavam a Corte, e, entre eles, menciona o Visconde de Lagoaça.

3º António José Antunes Navarro, segundo Conde de Lagoaça, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra (1888), par do reino por direito hereditário, antigo secretário geral do Governo de S. Tomé e Príncipe e depois secretário de legação.

Nasceu a 15 de Março de 1864 e era filho dos primeiros Viscondes e primeiros Condes de Lagoaça, atrás citados.

(283) PINTO; SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares…*, p. 72. Mas o *Portugal: Dicionário Histórico*, artigo «Logoaça», diz que foi por decreto de 1 de Julho e que o seu casamento se realizou em 1870. Também o *Diário do Governo* de 23 de Dezembro de 1867, diz que o decreto é de 1 de Julho.

Casou, em 1887, com D. Maria Francisca de Castelo Branco, que nasceu a 25 de Julho de 1869 e era filha de D. António de Castelo Branco, terceiro Marquês de Belas e nono Conde de Pombeiro, e da marquesa D. Júlia de Oliveira Pimentel, neta paterna de D. José Castelo Branco, oitavo Conde de Pombeiro, e da condessa D. Maria Francisca Luísa de Sousa; neta materna de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, segundo Visconde de Vila Maior, e da viscondessa D. Sofia de Roure Auffdiener, filha do marechal de campo João Ferreira de Campos e de D. Emília de Roure Auffdiener (284).

Transcrevemos do *Diário de Notícias* de 9 e 10 de Março de 1917 os seguintes locais, sobre o falecimento e funeral do segundo Conde de Lagoaça:

«**Conde de Lagoaça** – Finou-se ontem na Casa de Saúde das Amoreiras o Snr. António José Antunes Navarro, segundo Conde de Lagoaça.

Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi par do reino por direito hereditário, secretário geral do Governo de S. Tomé e Príncipe.

Tomou parte assídua nos debates parlamentares, sobretudo em 1893, fazendo com Marçal Pacheco e Conde de Tomar oposição a um gabinete regenerador.

Foi secretário da extinta Câmara dos Pares e serviu como secretário em várias legações no estrangeiro.

Era filho do primeiro Conde de Lagoaça que foi deputado e par do reino, capitalista e presidente da Câmara Municipal do Porto.

O extinto contava 53 anos, e foi na terça-feira passada acometido de doença nos seus aposentos no Hotel Aliança, donde o transportaram para a Casa de Saúde.

O funeral realiza-se hoje da igreja de Santa Isabel para o Cemitério Ocidental e dele se incumbiu a agência Júlio de Almeida, da rua Alves Correia».

«**Funerais do Conde de Lagoaça** – Ficaram ontem depositados no Cemitério Ocidental os restos mortais do Snr. António José Antunes Navarro, segundo Conde de Lagoaça.

O féretro estava depositado na igreja de Santa Isabel, sendo organizado um turno até ao carro fúnebre, pelos Snrs. Artur Montenegro, José

(284) *Portugal: dicionário histórico*, artigo «Lagoaça».

Moreira de Almeida, João Bregaro, D. Fernando Castelo Branco (Pombeiro), visconde de Coruche e Vicente Trigoso.

No cemitério também foram organizados turnos.

O Snr. Ministro dos Negócios Estrangeiros fez-se representar por um dos seus secretários.

Dirigiram o funeral os Snrs. António Velez Caldeira e Manuel Basílio Castelo Branco.

O cadáver ficou depositado no jazigo do Snr. Conde de Farrobo».

A local que se refere ao funeral é acompanhada da reprodução da sua fotografia.

LAMAS DE ORELHÃO

1º Felix Pereira de Medeiros, natural da vila de Lamas de Orelhão, capitão-mor da mesma, filho de Pedro Pereira de Medeiros Teixeira Padrão, sargento-mor da referida vila, e de D. Ana Maria de Morais Teixeira Coelho.

Neto paterno de Leonardo Pereira de Medeiros e de D. Úrsula de Medeiros Teixeira.

Neto materno de Baltasar Teixeira Coelho e de D. Ângela Teixeira de Morais.

Teve carta de brasão com as armas dos Pereiras, Medeiros, Teixeiras e Morais, passada a 9 de Dezembro de 1790, que está registada no *Cartório da Nobreza,* livro 4, fol. 199 v. (285).

2º Pedro José Vaz Pereira, sargento-mor das ordenanças de Lamas de Orelhão, filho do capitão de ordenanças João Vaz de São Roque e de D. Comba Álvares Dias Pereira.

Neto paterno de Pedro Vaz e de D. Maria Vaz.

Neto materno de Pedro Álvares e de D. Tereza Dias Pereira.

Foi-lhe passada carta de brasão com as armas dos Vaz e dos Pereiras, a 21 de Março de 1815, que está registada no *Cartório da Nobreza,* livro 7, fol. 309 v.(286).

(285) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Arquivo Heráldico,* parte 1ª, p. 163, *Livro Genealógico,* tomo II, fol. 194 v. e 198 v.
(286) Ibidem, p. 547.

LAVANDEIRA

1º João da Silva, natural da Lavandeira, concelho de Carrazeda de Ansiães, fidalgo da Casa Real, casou com D. Catarina Pereira de Sampaio (287).

2º Julião da Silva, natural da Lavandeira, escudeiro da Casa Real, nasceu a 10 de Maio de 1554 e casou com D. Sabina Ribeiro (288).

LIMÃOS

Gaspar de Morais Antas, de Bragança, que residiu em Limãos, e sua mulher D. Isabel de Morais, pessoas nobres, erigiram, em 1697, uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, na povoação de Limãos, junto às suas casas de moradia, com vínculo de bens em morgadio (289). Ver *Rio de Fornos.*

LINHARES

João da Silva de Sampaio, natural de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, moço da Câmara da Casa Real, filhado a 9 de Julho de 1638, casou com D. Maria de Magalhães (290).

LISBOA

Nossa Senhora da Luz

1º Desembargador Rodrigo Botelho de Morais, natural de Bragança, instituiu um morgadio, com capela dedicada a Nossa Senhora da Assunção, na igreja de Nossa Senhora da Luz, no termo de Lisboa.

Era fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo e foi como embaixador à Suécia e Alemanha. (O decreto que o nomeou está no *Livro*

(287) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico,* tomo I, fol. 176.
(288) Ibidem. Ver *Sampaios – Verdadeira descendência dos Pereiras e Sampaios.*
(289) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(290) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico,* tomo I, fol. 176. Ver *Sampaios – Verdadeira descendência,* etc.

do Registo do Desembargo do Paço, que começou em 1633, fólio 57, e é do teor seguinte: «Ao Desembargador Rodrigo Botelho que hora envio por meu embaixador a Suecia tenho feito, com retenção do cargo de conselheiro da Fazenda, e de Juis das Justificações, pela experiencia que tem de minha fazenda, e confiança que faço da sua pessoa, de um lugar de Desembargador do Paço supranumerario, para exercitar quando lhe der o cargo de Conselheiro, e que por este Decreto tome posse, e que durante a sua ausencia vença as propinas». Com efeito, tomou posse em 12 de Maio de 1643.)

O instituidor está sepultado na capela do morgadio.

Legou o morgadio a seu sobrinho:

2º Francisco de Morais Sarmento, abade de Cervos, que o legou também a seu sobrinho:

3º Doutor Francisco de Morais Sarmento (ver 3º em *Bornes),* do qual foi universal herdeiro João Teixeira de Morais Sarmento.

Em 1721-1724 estavam de posse deste vínculo os herdeiros do desembargador Lopo de Mariz Carneiro [291].

MAÇAIRA [MACEIRA]

1º Henrique Pires Machado, capitão, sua mulher D. Maria José e seus filhos Luís Pires Machado e D. Maria José Machado obtiveram em 1794 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia na povoação da Maçaira, concelho de Vinhais [292].

2º Domingos Gonçalves, confirmado de Vale de Janeiro, natural da Maçaira, erigiu em 1741 uma capela nesta povoação dedicada a Nossa Senhora do Rosário, por não haver outra para dizer missa, pois se tinha arruinado a do povo [293].

(291) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, Dos Morgados, § 9, fol. 287 (mihi).
(292) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(293) Ibidem.

MACEDO DE CAVALEIROS

Solar dos Macedos

«É solar dos Macedos o lugar de Macedo no distrito desta cidade, e se chamou em tempos antigos Mazanedo que se corrompeu em Macedo. Todas as casas nobres desta cidade são Macedos e outras muitas das províncias; e nesta cidade acho a Gonçalo de Macedo, que era filho de Martim Gonçalves de Macedo em um acordão da Câmara de 1448 sendo juízes Rodrigo Afonso Galego e Pedro Machado, escrita em pergaminho e tem nº 19.

De João de Macedo desta cidade, que foi alcaide-mor de Outeiro descendem os Condes de S. Miguel e outra muita nobreza; e suposto se vai perdendo nesta cidade o apelido dos Macedos, ainda se conservam em seus descendentes duas casas nobres antigas com torres, que foram dos Macedos; uma do alcaide-mor Lázaro de Figueiredo Sarmento, na Rua Direita, e outra de Álvaro de Morais Soares capitão de cavalos, na Rua do Espírito Santo; e dentro dos muros houve uma casa com torre desta família e se chamava a torre dos Maçanedos; consta por uma escritura do Arquivo da Câmara de 1519 da compra que fez de umas casas e venderam João Correia escudeiro e sua mulher Genebra de Macedo, que diz partem com casas de Álvaro de Chaves e com a casa torre que foi dos Maçanedos e dizem que os Macedos trazem origem do Conde D. Gomes de Maçanedo; bem pode ser viesse para esta algum de seus descendentes e fosse sua esta torre, de que tivesse princípio o solar dos Macedos.

Neste lugar de Macedo se conserva o Morgado que em 8 de Fevereiro da era de 1391, que é o ano de 1353 instituiu Rui Fernandes de Macedo, filho de Fernão Esteves de Macedo e teve mais filhos a Aires Fernandes de Macedo e Gonçalo Fernandes de Macedo, que foi pai de Martim Gonçalves de Macedo, o que livrou a el-rei D. João primeiro do lance em que se viu com o Sandoval na batalha de Aljubarrota em que se achavam estes Macedos e deu motivo aquela acção para o timbre das suas armas e deste Martim Gonçalves de Macedo era filho Gonçalo de Macedo.

Não usam hoje estes Morgados do apelido de Macedo de que muito se deviam lembrar, pois possuem o mesmo solar com vínculo acreditado com brasão tão nobre que aqueles ilustres cavaleiros grangearam e deles ficou este nome ao lugar de Macedo e a este morgado uma regalia; porque vindo a ser o lugar de Macedo foreiro da Casa de Bragança unicamente as herdades deste morgado não pagam reguengo e tem por tradi-

ção que os duques as conservaram nesta liberdade pela ocasião de Aljubarrota com D. João I, seu ascendente» (294).

Martim Gonçalves de Macedo, atrás citado, socorreu El-Rei D. João I na batalha de Aljubarrota, matando Álvaro Gonçalves de Sandoval, cavaleiro castelhano, que lhe tomara a massa. Por recompensa fez-lhe El-Rei mercê da alcaidaria do castelo de Outeiro, dos direitos reais de Bragança e de muitos outros (295).

Era possuidor deste morgadio em 1721-24 Jorge de Morais Sarmento, descendente dos primitivos instituidores, casado com D. Micaela do Sil Carneiro, filha de André do Sil Carneiro, filho de Mateus de Morais e de D. Maria de Madureira Sarmento, herdeira deste morgadio, filha de Manuel de Madureira Sarmento e de D. Ana de Castro e neta de Álvaro de Madureira e de D. Violante Sarmento (296).

1º D. Maria José de Escovar, viúva, e seus filhos Francisco Manuel de Morais Sarmento e Vasconcelos, fidalgo da Casa Real, e D. Doroteia Agostinha de Morais Sarmento e Vasconcelos, de Macedo de Cavaleiros, obtiveram em 1792 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (297).

2º Doutor João Bernardo de Oliveira Sarmento, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, natural e residente em Macedo de Cavaleiros, faleceu a 9 de Dezembro de 1806, deixando por sua alma duas mil missas!; cem moedas de ouro, de 4$800 réis cada uma, para comprar um pálio rico para a igreja matriz da freguesia e por herdeiro seu sobrinho «ahinda que o não seja» Lucas Agostinho de Gouveia Sá Vasconcelos, de Moncorvo, e seu irmão João de Gouveia Sarmento Vasconcelos, na falta dele (298). Ver o volume IV, pág. 344, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

Família Morais Sarmento de Vasconcelos

Por uns apontamentos genealógicos desta família que nos enviou o capitão do exército Luciano José de Morais Sarmento e Vasconcelos,

(294) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia X, fol. 220 (mihi).
(295) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* parte 2ª, artigo «Macedo».
(296) BORGES – *Descrição, Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, *Dos Morgados,* §14, fol. 299 (mihi).
(297) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(298) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 35, fol. 31, onde se encontra, na íntegra, o testamento.

membro da mesma família, deduz-se a origem do primeiro Morais, cuja descendência mencionamos em Bragança – *Morais*. Seguem depois:

1º Rodrigo Rodrigues de Morais, que casou com D. Maria Sarmento, filha de Jácome Luís Sarmento, alcaide-mor de Bragança.

2º Doutor Francisco Sarmento de Morais, formado em direito.

3º Valentim de Sá Sarmento.

4º Julião de Morais Sarmento capitão-mor de Algoso, cavaleiro da Ordem de Cristo por alvará de 8 de Fevereiro de 1700 e fidalgo-cavaleiro da Casa Real por alvará de 6 de Dezembro de 1705.

Casou com D. Maria de Gouveia e Vasconcelos, filha de Cristóvão de Gouveia e Vasconcelos, natural de Algoso.

5º José Sarmento de Vasconcelos, último administrador do morgadio de Trovões, instituído por seu tio Bento de Morais Sarmento, natural de Paradinha, onde também tinha casa brasonada. Era fidalgo da Casa Real por alvará de 18 de Agosto de 1738 e cavaleiro do hábito de Cristo por alvará de 20 de Fevereiro de 1752.

6º Francisco Manuel de Morais Sarmento e Vasconcelos.

7º Manuel António de Morais Sarmento e vasconcelos.

Descendência:

8º Manuel António de Morais Sarmento e Vasconcelos, que não casou, mas deixou filhos bastardos que ainda existem.

9º Luciano Augusto de Morais Sarmento e Vasconcelos, que casou em Alfândega da Fé, deixando três filhos, dos quais o mais velho é o nosso informador:

10º Luciano José de Morais Sarmento e Vasconcelos, capitão do exército.

O belo palacete desta família (um dos edifícios mais importantes de Macedo de Cavaleiros), situado em frente dos Paços do Concelho, com grande e rica propriedade contígua e capela do morgadio dedicada a Santo António, pertence, por compra, à família Pimentel Martins que, segundo me informam, mandou picar as armas do escudo por não serem suas.

António Caetano de Oliveira fez o mesmo em Moncorvo às do palacete que comprou e que pertencera aos Morais Sarmentos e o mesmo tem sucedido em várias partes!

Que falta de gosto (muitos brasões têm valor artístico) e de veneração pelos monumentos históricos! Quando ingressaremos no culto do passado, sem o qual não há a compreensão do presente nem a formação do espírito da finalidade rácica que marca o triunfo característico de um povo no futuro?!...

MASCARENHAS

Família Barrosos

Transcrevemos em seguida a carta de brasão de armas concedida a Francisco Xavier Barroso de Sousa, que se encontra em poder da família Barroso, de Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, descendente do agraciado.

Como todas as *Cartas de Brasão de Armas de Nobreza e Fidalguia* estão redigidas sob idêntico formulário, variando apenas os nomes das pessoas agraciadas e respectivos ascendentes, transcrevemos esta na íntegra para se poder ajuizar das suas fórmulas tabeliónicas.

Das outras daremos somente a genealogia das pessoas nelas mencionadas.

Quanto à sua descrição bibliográfica, visto também todas elas serem idênticas no papel (pergaminho), iluminuras de tarjas, letras capitais e brasão, divergindo apenas no número de fólios, igualmente nos abstemos de repetir essa descrição que já se encontra em *Chacim,* 5º.

«Portugal – Rey de Armas P. A. L.ª. Nestes Reynos e Senhorios de Portugal pelo muito Alto muito Poderoso e Fidelissimo Dom José Nosso Senhor por Graça de Deus Rey de Portugal, e dos Algarves d'aquem e dalem mar, em Africa senhor da Guiné da cõquista, navegação comercio da Etheopia, Arabia, Persia, e da India etc.

Faço saber a todos os que esta minha carta de Brazão de Armas de nobreza, e fidalguia de linhagem digna de fé, e crença, virem, que neste Juizo de Nobreza me fez petição por escripto *Francisco Xavier Barroso de Souza* morador no lugar de Val de Madeiro, termo da villa de Mirandella, seisto administrador da casa e Morgado, de Santo Antonio do lugar de Mascarenhas, dizendo nella que elle suplicante he filho legitimo de Manoel Mendes Alvares Moreno e Sousa, quinto administrador do dito morgado, e de sua mulher D. Izabel Barroso de Sousa: Neto pela parte Paterna de João Alvares Moreno de Sousa, capitão de Auxiliares, quarto administrador do referido morgado: Bisneto de Francisco Alvares de Sousa Sarmento, cavaleiro da Ordem de Christo, tenente de cavallos na guerra da Acclamação, terceiro administrador: terceiro neto de Joaquim de Sousa Sarmento, governador que foy do castello de Outeiro.

E pela Materna, que he neto de Sebastião Barroso, capitão de Infantaria de Ordenanças de Mirandella e de sua mulher D. Maria Teixeira, que he filha de Alvaro Annes de Sousa, capitão de Infantaria de Bragança e de sua mulher D. Joaquina Teixeira de Mendonça, filha de Francisco Pinto

Teixeira, cavalleiro da Ordem de Christo e o dito Alvaro Annes de Sousa era filho de Antonio Barroso de Sousa, Governador, que foy, de Caboverde, e terceiros Avós do suplicante.

Os quaes todos foram muito nobres, e por taes conhecidos na Provincia de Tras os montes, onde viveram e descendiam do verdadeiro tronco das nobres e antigas linhagens dos Sousas Xixorros, Sarmentos, Barrosos, e Teixeiras, que neste Reyno de Portugal são fidalgos de Linhagem, Cotta de Armas, e de Solar conhecido, e lhe pertenciam directamente as proprias das suas famílias, sem que em algum delles houvesse labeo de Judeu, ou Mouro, ou de outro sangue infecto que pudesse por nodoa na sua fidalguia, nem fama ou rumor em contrario, que todos forão servidos honrradamente e á ley da nobreza, com Armas, cavallos e creados, e tudo o mais necessario ás suas pessoas, como á qualidade de sua fidalguia convinha; pelo que me pedia lhe desse carta de Brazão cõ as Armas que lhe pertencião pela referida família de seus Avós, na forma do estillo, para poder usar dellas em todas as partes, e onde o costuma fazer a Nobreza e gozar das liberdades concedidas ás linhagens a que pertencem.

E vista por mim a dita sua petição e sentença de justificação a ella junta proferida pelo Dezembargador José Ferreira de Moura, Corregedor do Civel da Corte e Casa da Supplicação em dez de Mayo deste presente anno de mil setecentos cincoenta e outo, escrita por João Gonçalves da Costa, Escrivão do dito Juizo, por ella me constou haver o suplicante justificado com testemunhas tudo o sobredito; a qual fica conservada no cartorio da Nobreza em poder do Escrivão delle, que ante mim serve, e por quem esta vay sobrescita e porque o suplicante tem mostrado sua nobreza, e fidalguia de seus progenitores e requer este Brazão para conservação da sua nobreza, e da memoria de seus antepassados busquei os livros dos Registos das Armas da Nobreza, e Fidalguia destes Reynos que em meu poder estão, e nelles achei os que pertenceram ás nobres e antigas linhagens dos Sousas, Xixorros, Sarmentos, Barrosos e Teixeiras na forma que lhas dou illuminadas, nesta Carta com as mesmas figuras, cores, e metaes, segundo as regras do nobre oficio da Armaria, a saber.

Hum escudo escuartellado no primeiro quartel as Armas dos Sousas Xixorros... [(299)]: no segundo quartel as Armas dos Sarmentos...; no terceiro as dos Barrosos...; e no quarto as dos Teixeiras... Elmo de prata aberto guarnecido de ouro Paquife dos metaes, e cores das Armas, timbre o dos

(299) Como damos noutra parte a descrição das armas por apelidos, abstemo-nos de fazer aqui essa descrição.

Sousas, que he hum leão das Armas e por differença uma brica vermelha com hum trifolio de prata.

O qual escudo eu Pedro de Sousa Rey de Armas Portugal, e Principal com o poder de meu muito nobre e Real officio lhe dou para delle uzar nos seus Reposteiros, Sinetes, casas, portadas de quintas, capellas e mais edificios da sua fundação e deixallas sobre sua sepultura como costumão os Fidalgos deste Reino. E requeiro a todos os Dezembargadores, Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes e a todas as mais justiças de sua Magestade, da parte do mesmo Senhor e da minha em virtude do officio que tenho e em especial mando aos officiaes da Nobreza Reys de Armas, Armas Arautos, e Paçavantes, que agora são e ao diante forem, deixem trazer huzar ao suplicante as ditas Armnas e hozarem dellas em todos os actos acima referidos e cumprão, e fação dar o devido e inteiro cumprimento a esta minha carta, e certidão de Brazão de Armas, que mandei passar, e para firmeza feé e testemunho della vay por mim assignado com o nome do meu Real officio.

Dada nesta Corte, e sempre Leal Cidade de Lisboa aos seis dias do mes de outubro do anno do Nacimento de Nosso Senhor Jeusus Christo de mil setecentos e cincoenta e outo.

Frey Manoel de Santo Antonio da Ordem de S. Paulo a fez, por especial Provisão de sua Magestade que Deus Guarde.

Eu Rodrigo Ribeiro da Costa, escrivão da Nobreza nestes Reynos e Senhorios de Portugal e todas as suas conquistas por sua Magestade que Deus Guarde Portugal Rey de Armas.

Fica Registado este Brazam no Cartorio da Nobreza no Livro 2 a folhas 2.» (300).

1º FRANCISCO XAVIER BARROSO DE SOUSA, a quem foi concedida a carta de brasão de armas, sexto administrador do morgadio de Santo António de Mascarenhas.

Descendência:

2º D. MARIA ANGÉLICA DE SOUSA BARROSO, que casou com António Aires de Sá Pinto, capitão-mor de Mirandela, terceiro morgado de Quintas, onde residiu, tinha casa brasonada no concelho de Mirandela.

Descendência:

3º ANTÓNIO LUÍS DE SOUSA PINTO BARROSO, quarto morgado de Quintas, oitavo administrador da casa e morgadio de Santo António de Mas-

(300) Sanches de Baena, no *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 222, dá o extracto desta carta, mas diz que está registada no *Cartório da Nobreza,* livro particular, fol. 118.

carenhas, que casou com D. Maria Emília de Sampaio e Melo, natural de Ansiães, da família do vice-rei da Índia, Lopo de Sampaio.

Descendência:

4º ANTÓNIO ALEXANDRE PINTO BARROSO, bacharel formado em direito, que casou com D. Maria Amália Gomes de Magalhães Pegado, natural de Roios, concelho de Vila Flor, irmã de Constantino José de Magalhães Pegado, rico proprietário que reside solteiro em Roios, onde nasceu a 23 de Junho de 1851, sendo seu padrinho de baptismo Constantino José Marques, o célebre *Rei dos Floristas,* que residia em Paris, representado pelo seu procurador José António Pegado de Oliveira, natural da Mogadouro.

Descendência:

I. *Álvaro Pegado de Sousa Barroso* (5º, adiante citado).

II. *Alexandre Carlos de Sousa Barroso,* que casou em Rio Torto, concelho de Vale Passos, com uma senhora dos Morais Pimentéis, morgados daquela povoação. Sem geração.

III. *D. Maria Angélica de Sousa Barroso,* que casou com o conselheiro Francisco Xavier de Moura Carvalhais, a quem nos referiremos adiante, avós maternos do falecido agrónomo José António de Moura Pegado, de quem trataremos no volume consagrado aos escritores.

5º ÁLVARO PEGADO DE SOUSA BARROSO, que nasceu em Roios, concelho de Vila Flor, foi governador substituto do distrito de Bragança em 1907, rico proprietário em Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, onde reside.

Fez transportar, em 1904, da casa morgadia de Mascarenhas pedra de armas dos seus ascendentes e colocou-a na fachada do palacete de Travanca.

Casou em Calvelhe, concelho de Bragança, em 1883 com D. Ana Augusta da Silva Reimão de Meneses Falcão, que tinha pedra de armas em Vale de Lagoa, concelho de Mirandela.

Descendência:

I. *Amador Álvaro Pegado de Sousa Barroso,* bacharel formado em direito, que casou com sua prima D. Maria Beatriz Aragão Lobo, de Freixiel.

II. *D. Maria Beatriz Pegado de Meneses Barroso.*

III. *D. Teresa Pegado de Meneses Barroso,* viúva de seu primo José António de Moura Pegado, agrónomo, atrás citado, falecido em Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, a 16 de Maio de 1924.

IV. D. *Maria Fábia Pegado Mendes Barroso.*

V. *António Alexandre Pegado Mendes Barroso,* agrónomo.

6 ° D. MARIA AMÁLIA GOMES DE MAGALHÃES PEGADO (ver 4º, atrás citado), era filha de Manuel Gomes da Silva Pinto de Magalhães, natural

de Roios, concelho de Vila Flor, e de D. Maria Cândida Pegado de Oliveira, natural do Mogadouro.

Estas famílias Pegado de Oliveira e Pinto de Magalhães tinham pedra de armas em Lodões, Junqueira da Vilariça e Mogadouro.

Neta paterna de Pedro Gomes da Silva e Matos, fidalgo da Casa Real, cavaleiro e comendador da Ordem de Cristo, alcaide-mor de Braga, e de D. Maria Angélica de Magalhães Pinto [filha de Manuel António de Magalhães Pinto, senhor da casa de Carvalhais, concelho de Mirandela e da de Roios, segundo dizem outros genealogistas].

Bisneta paterna de Manuel Gomes da Silva e Matos, fidalgo da Casa Real, cavaleiro e comendador da Ordem de Cristo, e de D. Francisca Teresa da Silva e Matos, de Braga, filha de Manuel António de Magalhães, cavaleiro da Ordem de Cristo e de D. Caetana da Conceição Morais Pinto, naturais da Junqueira da Vilariça.

Neta materna de José António Pegado de Oliveira, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, comendador da Ordem da Conceição, e de D. Josefa Emília Seabra Sousa Lobo (301).

Bisneta materna de Martinho Caetano Pegado de Oliveira, natural do Mogadouro, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, mestre de campo de milícias de Miranda do Douro, e de D. Maria Caetana da Conceição Marcos Pinto, de Moncorvo, filha de António de Seabra da Mota e Silva, cavaleiro da Ordem de Cristo, corregedor da comarca de Moncorvo, e de D. Doroteia Bernardina de Sousa Lobo Barreto (302).

Entre vários documentos existentes no arquivo da família Barroso, em Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, conservam-se algumas cartas dirigidas a Jacinto Venâncio de Meneses Sarmento, membro desta família, durante as guerras da Patuleia ou Maria da Fonte, umas para Rio Torto, concelho de Vale Passos, e outras para Travanca, das quais damos um extracto, por respeitarem à história do distrito de Bragança.

(301) Irmã do grande jurisconsulto, alma jurídica do *Código Civil* português, Visconde de Seabra, dizem outros apontamentos genealógicos que tenho, e também que D. Ana Pegado, irmã de José António Pegado de Oliveira (acima citado), casou com... Moura, governador civil do Porto, irmão do ministro... natural de Vila Nova de Foz Côa e que foi mãe da primeira baroneza do Mogadouro.

(302) Todas estas notícias referentes a D. Maria Amália Gomes de Magalhães Pegado e seus ascendentes constam da certidão de idade de seu irmão Constantino José, que se encontra no respectivo livro de baptizados de Roios referente ao ano de 1851, fol. 94, já publicada por MENERES, Alfredo – *Carvalhais – Traços históricos,* p. 132.

A primeira com a data de 20 de Setembro de 1845, é-lhe dirigida de Anelhe (Chaves) por J. L. (ou Q. não se percebe bem, pois as duas iniciais, verdadeiras ou supostas, estão enlaçadas e pouco distintas) e diz:

«Hé porem certo, que os Liberais Chamorros estão em grande desavença huns com outros. De Lisboa tive avizo dos Agentes de que lá está tudo em boa harmonia, e já teremos dinheiro, que nos for mister para tudo. Já estou em correspondencia com o José Cardoso, que está pronto, e he capaz, como V Ex.ª sabe, pois que o Visconde da Azenha nos falhou. Quem tal diria? comque ainda não perco as esperanças de que este anno possa ter logar o que desejamos... estou em correspondencia com Lamego, e Guarda, e Braçal, com o Brigadeiro Magalhaens».

A segunda, com data de 6 de Dezembro de 1846, é-lhe dirigida de Bragança pelo brigadeiro António Lobo da Silva e diz:

«Tendo eu convocado os officiaes que julguei muito capazes – que são Damião José de Mattos Pimentel – tenente coronel de cavallaria, Antonio da Praga – capitão de cavallaria – Francisco Pires, tenente de infantaria – Antonio Manoel Catallão tambem tenente, e Francisco José Garcia proprietario, afim de combinarmos sobre a maneira porque possamos com toda a segurança trabalhar para a nossa Causa, julgamos que V. S.ª tenha a bondade de ir pessoalmente ter huma intrevista com S. Ex.ª o Sr. General Makedonell, afim de que este (se hé veridico o ter força Armada), e que possa dispor de alguma, para vir a esta cidade a coadjuvarnos, para fazermos aqui a Acclamação, e transmetirnos Polvora, e balla, e podendo ser tambem recursos pecuniarios, bem como algumas Armas, para podermos formar alguns Batalhões, pois julgamos que podemos contar com bastantes homens; e tambem há aqui bastantes cavallos de particulares, e tambem há 30 de cavallaria 7, que talvêz se possa formar hum Esquadrão.

O Snr. tenente Francisco Pires, hé o pertador desta declaração por ser capaz e V. S.ª de viva voz pode ilucidallo em tudo quanto julgar ser util e necessario.

Este mesmo official vae encarregado de ir saber de umas poucas de Armas, que ha tempos nos offerecerão.

Cabendo no possivel, depois do regresso de V. S.ª de ter fallado com o Snr. General, o vir a hum povo, que julgar conveniente, eu irei tambem para combinarmos».

Esta carta é assinada por todos os oficias nela mencionados, bem como pelo proprietário Francisco José Garcia.

A terceira, com data de 24 de Dezembro de 1846, é-lhe dirigida de Guimarães, pelo quartel-mestre general Vitorino José da Silva Tavares, e diz:

«Mando-lhe, por ordem de Reinaldo Macdonell general em chefe do exercito realista portuguez que com toda a gente armada que V. Ex.ª poder reunir de todas as armas se approxime a Villa Real para coadjuvar a Reclamação dos Direitos de El Rei, hindo de combinação com o Brigadeiro Luiz de Figueiredo Araujo e Castro, que alli se deve achar, ou aonde o portador desta disser».

Há também o diploma seguinte que é interessante para julgarmos de como a conspirata marchava e da nobreza de proceder de seus membros. Diz ele:

«Achando-me nomeádo por Sua Magestade Fidelissima, El Rey, o Senhor D. Miguel 1º (que Deos Guarde) Seu General em Cheffe, e Director Militar Independente neste Reyno de Portugal, para a Restauração, de Seu Throno, que lhe fôra usurpado por huma facção liberticida, nomeio o coronel Jacintho Venancio de Meneses Sarmento, Brigadeiro dos Reaes Exercitos, esperando do seu conhecido zello, e pericia militar, que tomando na mais seria consideração o triumpho da Causa do Altar, e do Throno, sobre a da usurpação e impiedade, se empenhe com todas as forças, para formar Esquadroens de Cavallaria, na Provincia de Traz-os--Montes, ficando authorizado não só, para a organização dos mesmos Esquadroens, mas tambem para nomear todos os seus officiaes, que hajão de ser por mim confirmados, tendo por muito certo, que por sua intrepidez, e patriotismo, acompanhado de um comportamento generoso, na protecção da pessoa, e propriedade individual, qualquer que tenha sido a conducta passada, será o melhor incentivo para o desenvolvimento dos Povos, e seu corajoso empenho na defeza dos Sagrados Direitos da legitimidade.

Quartel General em Guimarães 28 de Novembro de 1846. O *General em chefe e Director militar Reinaldo Macdonell*».

A parte grifada é toda escrita por Macdonell[303].

Solar dos Mascarenhas

«Pedro Fernandes de Bragança, que tambem se apelidou de Laedra, em razão de que ficando esta cidade à infanta sua madrasta deixou o primeiro apelido, que depois usarão alguns seus descendentes, e tomou o

(303) Ver a propósito das guerras da Patuleia no distrito de Bragança o volume I, p. 207 e seguintes, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

segundo das terras em que ficou patrimoniado, e forão do senhorio de seu pai Fernão Mendes. Uma destas foi terra de Laedra e pertencia ao destrito desta cidade; não ha hoje memoria desta denominação, mas acho se incluia nas vilas de Sezualfe, Mirandela e Torre de D. Chama, que ainda teve uma aldeia chamada Fornos de Laedra.

... A vila de Mirandela, antigamente chamada Cabeços de S. Miguel, e el-rei D. Dinis melhorou de sitio, e parece se lhe impos o nome diminutivo de Miranda, que pelo mesmo tempo se lhe levantava o castelo e muros; e na semelhança de que a esta se avesinha o Douro e a Mirandela o famoso rio Tua, mas com vantagens de paiz mais fertil, e nenhuma na bondade das aguas.

Foi a vila de Mirandela de terra de Laedra, e no seu termo ha uma aldeia que se chama Vilar de Ledra de que parece se denominou a terra de Leedra que ficou a Pedro Fernandes, e da família dos Braganções uns ficaram em esta cidade, e outros em terra de Leedra dos quais tras tambem origem o ilustre solar dos Mascarenhas em uma aldeia assim chamada no termo de Mirandela, cuja igreja dizem fundara Estevão Anes de Bragança que parece ser irmão de Urraca Anes, mulher de Estevão Rodrigues, a quem el-rei D. Sancho 2º fez senhor de Mascarenhas, e este filho de Rodrigo Fernandes, ou Mendes da mesma linhagem dos Braganções; e que este tão nobre solar se deduzisse dos Braganções se mostra da escritura de composição feita por ordem del-rei D. Diniz com os fidalgos de Mascarenhas, a saber Afonso Lourenço, cavaleiro de Mascarenhas e sua mulher Urraca Anes, o qual era neto de Estevão Rodrigues, como tambem Martim Vaz Mascarenhas e concorreram juntamente outros fidalgos que viviam nesta cidade, como eram Afonso Rodrigues com procuração de sua mulher Maria Pires e de sua mai Urraca Garcia, Afonso Mendes com procuração de sua mulher Tereza Pires, Pedro Fernandes e sua mulher Sancha Pires, Afonso Hermiges e sua mulher Maria Pires que todos eram dos Braganções, de que se prova serem todos da mesma família, pois concorriam com igual ação no contrato; e a escritura está na Torre do Tombo no primeiro livro del-rei D. Diniz, a fol. 174 e a traz Brandão na 5ª parte fol. 323 e que Afonso Lourenço fosse tambem neto de Estevão Rodrigues consta do livro primeiro de honras e doações de leitura nova, fol. 122, que alega Brandão supra L. 17 p. 2, fol. 173 verso.

O Marquez de Montebelo em as Notas ao Conde D. Pedro, plana 262 diz que é opinião que de um descendente de D. Gueda que vivia no lugar de Mascarenhas, vem os desta familia. Pedro Martins, seu descendente casou nesta cidade diz o Conde D. Pedro, Titulo 30. Nº 18, mas sempre Estevão Rodrigues é mais antigo e muito melhor se povou (sic) Mascarenhas porque Pedro Martins, quando muito póde ser do tempo del-rei

D. Afonso 3º e as mulheres dos fidalgos sobreditos seriam filhas deste, que todos tem o patronimico de Pires e se verefica a opinião pois tudo concorre no mesmo tempo.

Bem sei que o esplendor dos Mascarenhas é tão grande que não necessita destas congeturas, ainda que bem fundadas, mas ficará esta cidade com a certeza de que a sua antiga nobreza se ilustra com o nobre sangue dos Mascarenhas e de D. Gueda.

Afonso Rodrigues era procurador del-rei em terra de Bragança e de Miranda e tinha o titulo de vassalo, que naqueles tempos senão dava senão a fidalgos de grande qualidade e da primeira nobreza do reino, como se vê da Cronica del-Rei D. Pedro e do mais que diz a *Nobiliarquia Portugueza,* fol. 118» (304). [18]

Família Carpinteros Macedos Pimentéis

JOAQUIM DE MACEDO SARMENTO PIMENTEL, fidalgo da Casa Real, coronel de infantaria, filho de Bartolomeu de Macedo Malheiro de Morais, desembargador da Relação do Porto, cavaleiro da Ordem de Cristo, senhor do morgadio de Mebres, e de D. Antónia de Morais Sarmento Pimentel, senhora do morgadio de Nossa Senhora do Desterro de Mascarenhas e S. Brás de Golfeiras (Mirandela), sua sobrinha.

Neto paterno de António de Macedo Melo de Carpinteros e de D. Francisca Rosa de Morais, filha de Jorge de Lemos Teixeira, senhor do morgadio de Nossa Senhora do Desterro de Mascarenhas, e de D. Maria de Morais Pinto, de Mirandela, filha de Francisco de Morais do Campo de Aguiar, senhor do morgadio de Santa Comba (filho de Francisco de Morais do Campo, morgado de Santa Comba, e de D. Isabel Sarmento, filha de Gonçalo de Morais, capitão-mor de Vilar de Ossos), e de D. Ana Pinto Cardoso, de Mirandela, filha de Francisco de Sá Ferreira e de D. Brites Pinto Cardoso, primeira administradora do morgadio de Santiago de Mirandela.

Segundo neto paterno de Domingos de Carvalho e Macedo de Carpinteros e de D. Jerónima M.

Neto materno de Miguel da Rosa Pimentel, desembargador e corregedor do crime no Porto, cavaleiro da Ordem de Cristo, senhor do morgadio de S. Brás de Golfeiras (Mirandela), e de D. Teresa Morais Sarmento, filha de Estêvão de Mariz Sarmento, governador de Vinhais, e de D. Fran-

(304) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia X, fol. 214 (mihi).

cisca de Morais, filha de António de Morais da Silva e de D. Maria de Valcacer; neta paterna de Gaspar da Silva, capitão-mor de Vinhais, e de D. Isabel de Morais e materna de António de Valcacer (filho de Rodrigo de Morais Sarmento e de D. Maria de Mariz, filha de Francisco Dourado de Mariz e de D. Margarida de Brito Mascarenhas) e de D. Francisca de Morais Colmieiro.

Rodrigo de Morais Sarmento era filho de Aires de Morais Sarmento e de D. Ana de Araújo (305).

Padre Francisco Rodrigues Vergueiro, seus irmãos Luís, José, António, Rita e sobrinhos José, António, Doroteia e Catarina, naturais de Mascarenhas, obtiveram em 1811, licença para *oratório* particular, nas suas casas de moradia, onde se celebrasse missa (306).

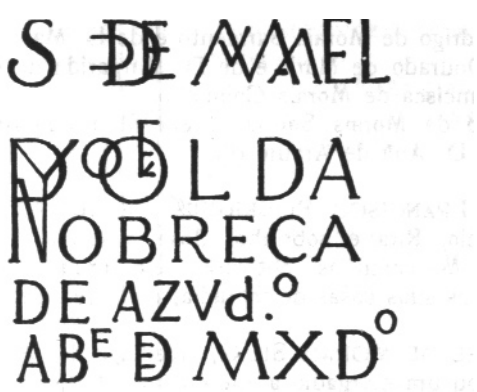
Manuel de Morais Silva, arcediago de Miranda pelos anos de 1715, fundou um morgadio a que vinculou bens, sitos em Mascarenhas, Vimioso, Vila Franca e Edral (307).

MEIXEDO

Na parede do corpo da igreja matriz de Meixedo, concelho de Bragança, lado do Evangelho, foi aberto um elegante arco de granito para construir a Capela das Almas, assim chamada por ser hoje sede da Confraria das Almas. A capela é elegante, airosa, proporcionada, de tecto abobadado e apainelado em granito, com pinturas de personagens e cenas religiosas sem valor artístico, como igualmente o não tem a talha dourada do altar, onde se vê, a um canto, como que escondido, um baixo relevo que representa um frade dominicano içando por intermédio do seu rosário, à laia de guindaste, almas do Purgatório para o Céu. Está-se a ver, entre nós, a exemplificação da ideia do famoso *Juízo Final* de Miguel Ângelo.

No pavimento da Capela, toda também lajeada de granito, sob uma sepultura brasonada, há a seguinte legenda de letras inclusas e conjuntas em que o lapidário meteu por sua conta alguns rabiscos a mais:

(305) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*
(306) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(307) Volume IV, p. 340 e 347, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*



«S[epultura] de Manoel da Nobreca de Azevedo abade de Meixedo»

Dos *Estatutos da Confraria das Almas de Meixedo,* que se conservam no arquivo paroquial desta freguesia, feitos a 30 de Maio de 1742, vê-se que o abade Manuel da Nóbrega de Azevedo, licenciado, pároco de Meixedo durante quarenta e cinco anos, fundou a capela em 1695 com encargo de três missas semanais, vinculando-lhe um grande casal constante de casas, terras, vinhas, prados e foros, do qual seriam administradores os párocos seus sucessores. Mais dispôs em testamento que seu sobrinho José da Nóbrega de Azevedo, abade que lhe sucedeu, com o produto da prata e móveis que deixou, lhe estabelecesse missa quotidiana.

Deste importante casal possuem apenas hoje os párocos de Meixedo as casas da residência, onde ainda vimos o escudo do abade fundador, agora depositado no *Museu Regional de Bragança,* aberto em madeira, a ornamentar a sala principal da casa, idêntico ao que existe na sua sepultura na capela indicada.

O abade Manuel da Nóbrega de Azevedo foi visitador na diocese pelo bispo D. André Furtado de Mendonça, em 1676.

Em 1674 representou o bispo da Guarda, D. Martim Afonso de Melo, que então possuía também o benefício de S. Vicente, em Bragança, ao fazer-se o *Tombo* dos bens desse benefício, que se encontra no *Museu Regional de Bragança.*

Ver o volume IV, pág. 336, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

MELES

Pascoal Pereira de Morais, presbítero, de Meles, erigiu em 1717 nesta povoação, uma capela dedicada a Santa Ana a que vinculou bens [308].

MIÕES

António Borges, sua mulher D. Antónia Teresa e seus filhos João António e D. Maria José, dos Miões, freguesia de Vilar de Ledra, concelho de Mirandela, obtiveram em 1795 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia onde se celebrasse missa [309].

MIRANDA

1º António de Morais Sarmento, natural da cidade de Miranda, filho de José Sarmento, fidalgo da Casa Real, e neto de José Gomes da Silva.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 3 de Fevereiro de 1724 [310].

2º Doutor António Moreira Pêgas Freire, natural da cidade de Miranda, filho de Matias Moreira, e de D. Isabel Pires.

Neto paterno de Nicolau Moreira e de D. Maria Gonçalves.

Bisneto de Bento Moreira e de D. Isabel Pêgas.

Terceiro neto de João Lopes Freire, fidalgo da Casa Real, todos naturais e cidadãos de Miranda do Douro.

Teve por armas um escudo esquartelado: no primeiro e quarto as armas dos Moreiras; no segundo as dos Pêgas e no terceiro as dos Freires.

Este brasão foi-lhe passado a 2 de Dezembro de 1774 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro I, fol. 213 v. [311].

3º Manuel Cardoso de Matos, boticário, que residiu em Miranda, casou com D. Maria Rodrigues.

(308) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(309) Ibidem.
(310) Livro 15 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 322, *in Dicionário Aristocrático.*
(311) BAENA, Sanches de – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 77.

Foi nomeado familiar do Santo Ofício por título do inquisidor geral D. Veríssimo de Alencastre, arcebispo de Braga, de 11 de Maio de 1678. Este título, em pergaminho, encontra-se no arquivo da família *Figueiredo,* em Bragança.

Capelas

1º Diogo Gonçalves, cavaleiro da Casa Real, escrivão da alfândega de Miranda do Douro, e sua mulher D. Patornilha da Rua, erigiram uma capela dedicada a S. Pedro, na Sé de Miranda do Douro, em 1565 (312).

2º Doutor Luís Álvares do Rego, abade de Sendim, natural de Miranda do Douro, obteve em 1616 licença para abrir um arco na Sé de Miranda por cima da porta travessa, da altura da mesma porta, para nele erigir uma capela, que serviria para sua sepultura, à qual vinculou bens.

3º Francisco Soares de Araújo e sua mulher D. Úrsula Maria Godinho de Madureira, que residiram em Miranda do Douro, administradores da capela de S. Pedro (ver 1º, atrás citado) que cederam em 1636 aos cónegos para obras que projectavam fazer, recebendo em troca a de S. José da mesma catedral, para a qual mudaram as sepulturas de seus antepassados.

4º Bernarda de Chaves, solteira, que residiu em Miranda do Douro, irmã do falecido cónego da mesma Sé, pediu licença em 1665 para mandar celebrar missa na capela que erigira, em harmonia com a vontade de seu irmão, a Nossa Senhora do Bom Sucesso no sítio da Terronha, limite da mesma cidade.

5º João Cabral de Aragão, presbítero, doou em 1681 por escritura pública, bens à capela que mandou fazer na sua propriedade no sítio da Vilarinha, limite de Miranda, onde residia.

6º Diogo de Morais Pimentel, governador da praça de Miranda obteve em 1737 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia. Era casado com D. Angélica de Mariz Sarmento, ambos da «principal nobreza desta província».

7º Carlos Macarte, natural da Irlanda, comandante de infantaria da praça de Miranda, e sua mulher D. Ana Joaquina de Ordaz Flores Sarmento, obtiveram, em 1776, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

(312) Todas as notícias deste capítulo constam do Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

8º Francisco Vaz de Quina, cónego-prior na Sé de Miranda, obteve em 1790, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

9º Inácio Teodósio Rodrigues Santa Marta Soares, provedor de Miranda, e sua mulher D. Maria Bernarda de Morais Sarmento, obtiveram, em 1773, licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

10º D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, bispo de Miranda, fundou em 1760, na Sé Catedral, a capela de Nossa Senhora do Rosário.

Neste mesmo documento se alude à capela de S. Jerónimo, fundada na mesma Sé por Luís Alves do Rego, abade de Sendim, de que era administrador ao tempo, José Machado de Ataíde Alves do Rego, e a um vínculo de morgadio em Duas Igrejas, administrado ao tempo por João de Ordaz Flores.

Na cota deste processo há uma nota que diz: «Já não existe esta capela pela desfazer o Snr. D. Manuel Bispo deste Bispado»... e o bispo instituidor declarava que a sua capela seria para nela se celebrar missa quotidiana por todo o sempre!... Coisas do mundo!...

11º António de Morais Madureira Godinho, abade de Meixedo, em testamento feito em 1809, deixa herdeira sua sobrinha D. Joana de Madureira Godinho, filha de sua irmã D. Úrsula de Madureira Godinho (ver 3º atrás citado). O abade Madureira administrador do morgadio que esta sua irmã tinha em Miranda do Douro (durante a sua menoridade? por incapacidade?) (313).

MIRANDELA

Família Doutel de Almeida

António Doutel de Almeida Machado e Vasconcelos, nasceu a 23 de Abril de 1775. Foi brigadeiro reformado; do conselho de Sua Majestade; comendador da Ordem de Cristo e, no Brasil, grande do Império.

Era filho de António Wenceslau Doutel, senhor de vários morgadios em Bragança e Eixes, e de D. Maria Joaquina Madureira. Foi segundo Visconde de Mirandela, por haver casado, em primeiras núpcias, em 1804, com D. Joana Francisca Maria Josefa da Veiga Cabral da Câmara, herdeira de seu irmão no sobredito título e mais casa, em 31 de Maio de

(313) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 102, fol. 121 v.

1810, que nasceu em 1760 e faleceu a 14 de Outubro de 1819. Era senhora do morgadio de Machucas e padroado do Capítulo de S. Francisco de Bragança.

Ascendência da segunda viscondessa de Mirandela

Francisco Xavier da Veiga Cabral da Câmara, fidalgo da Casa Real; comendador da Ordem de Cristo; governador das armas das províncias do Minho e Trás-os-Montes e tenente-general, que casou com D. Rosa Joana Gabriela de Morais Pimentel, filha e herdeira de Domingos de Morais Madureira Pimentel (senhor do morgadio de Machucas e padroado do capítulo de S. Francisco de Bragança; fidalgo da Casa Real; comendador da Ordem de Cristo) e de D. Luísa Caetana da Mesquita (314).

Descendência:

I. *Francisco António da Veiga Cabral da Câmara,* que nasceu em 1734, foi herdeiro de sua mãe no morgadio de Machucas e Padroado do Capítulo de S. Francisco de Bragança; marechal do exército; do Conselho de Sua Magestade; Grã-Cruz de Aviz; vice-rei da Índia; conselheiro do Supremo Conselho Militar e de Justiça; governador das armas do Rio de Janeiro e primeiro Visconde de Mirandela.

Faleceu no Rio de Janeiro a 31 de Maio de 1810 sem sucessão, pelo que foi sua herdeira e representante sua irmã, a segunda Viscondessa de Mirandela, atrás citada (315).

II. *Sebastião Xavier,* do Conselho da Rainha D. Maria I; tenente-general; governador do Rio Grande do Sul (Brasil). Faleceu sem geração.

III. *Francisco Xavier,* major de cavalaria, que casou com D. Maria Antónia de Sá Ferreira, filha natural e herdeira de Francisco José de Sá Ferreira Sarmento, senhor do morgadio de Tuizelo, fidalgo da Casa Real e tenente-coronel do regimento de cavalaria de Chaves. Não deixou descendência.

IV. *João,* coronel de cavalaria. Não deixou descendência.

V. *Manuel,* marechal de campo, que faleceu na Índia. Não deixou descendência.

(314) Sobre serem estes Morais senhores do padroado do Capítulo de S. Francisco, ver volume II, p. 247 e seg., destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

(315) Ver a seu respeito SORIANO, Simão José da Luz – *História da Guerra Civil em Portugal,* 1ª época, tom. 2º, p. 444 e CHAGAS, Pinheiro – *Historia de Portugal Popular Ilustrada,* vol. 7º, p. 467, 468 e 621.

VI. *D. Afonso Luís,* bispo de Bragança.

Veja-se a relação dos outros filhos na pág. 162 deste volume, para não estarmos a repeti-la.

A criação do título de visconde foi por decreto de 13 de Maio de 1810 e a renovação da segunda vida, por decreto de 13 de Maio de 1815 (316).

Família Morais Sarmentos e Sás,
senhores do morgadio de Santa Comba em Mirandela

1º António Bernardo de Morais Sarmento e Vasconcelos, quinto administrador da casa e morgadio de Santa Comba, da vila de Mirandela e familiar do Santo Ofício, faleceu em Março de 1769.

Era filho de Baltasar de Morais Sarmento e Sá, quarto administrador da casa e morgadio de Santa Comba, da vila de Mirandela, e mestre de campo do terço de auxiliares da Câmara de Vila Real, e de D. Josefa Quitéria de Azevedo e Vasconcelos, natural do concelho de S. Martinho de Mouros, comarca de Lamego, província da Beira, sua segunda mulher.

Neto paterno de Francisco de Morais do Campo, terceiro administrador da casa e morgadio de Santa Comba de Mirandela, e de D. Serafina de Sá, natural de Mirandela, irmã de Gaspar de Sá Queiroga, comissário de cavalaria, pai de Luís de Sá e Queiroga, que foi governador no Brasil.

Terceiro neto paterno de Francisco de Morais do Campo, segundo administrador da casa e morgadio de Santa Comba de Mirandela, e de D. Antónia Pinto Cardoso, natural de Mirandela, filha de Francisco de Sá Ferreira e de D. Brites Pinto Cardoso, primeiros administradores do morgadio de Santiago de Mirandela.

Quarto neto paterno de Francisco de Morais do Campo, primeiro instituidor do morgadio de Santa Comba de Mirandela, em 1477, e que ainda existia, passados trezentos anos, e de D. Isabel Sarmento, sua parenta, filha de Gonçalo de Morais, capitão-mor de Vilar de Ossos, e de D. Ana Gomes Sarmento, filha de Jácome Luís Sarmento.

Quinto neto paterno de Baltasar de Morais, que viveu pelos anos de 1570 na sua casa da praça da vila de Mirandela (era quarto filho de Rui

(316) *Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal,* Lisboa, 1838, p. 129, e SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal,* II vol., p. 135.

de Morais e de D. Guiomar de Macedo e neto de Gonçalo Rodrigues de Morais e de D. Inês Rodrigues, como se vê em *Morais*), e de D. Ana do Campo, filha e herdeira de Álvaro do Campo, nobre natural da vila do Vimioso.

António Bernardo de Morais Sarmento e Vasconcelos casou na cidade de Braga com sua segunda prima D. Luísa Caetana Pinto de Mesquita, filha de Luís Lázaro Pinto Cardoso, quinto administrador do morgadio de Santiago de Mirandela, e de D. Mariana Teresa da Silva Teixeira e Sousa, natural de Braga, sua segunda mulher.

Descendência:

I. *Aleixo de Morais Sarmento,* sucessor da casa (2º, adiante citado).

II. *D. Antónia Maria de Vasconcelos* e *Sá,* que casou na vila do Vimioso com José Manuel de Morais Faria, sargento-mor do terço de auxiliares da Câmara de Mirandela. Não deixou descendência.

III. *Caetano de Sá de Morais Sarmento,* que faleceu solteiro.

IV. *D. Leonor Maria Quitéria* de *Vasconcelos,* que casou com António de Morais Castro, senhor do morgadio dos Arcíprestes, na freguesia de Santa Valha, termo da vila de Monforte de Rio Livre.

Em 1777 era já viúva. Deixou descendência.

2º ALEIXO DE MORAIS SARMENTO, sucessor da casa e morgadio de Santa Comba de Mirandela, casou com sua tia D. Rita Gertrudes de Mesquita Pinto Cardoso.

Descendência:

Uma filha que faleceu nova.

D. Mariana, que casou com Luís Ribeiro.

Aleixo de Morais Sarmento tinha os seguintes irmãos, além dos atrás mencionados:

Francisco Pinto, cónego em Coimbra.

Belchior Pinto, cónego em Bragança.

D. Rosa.

D. Maria Antónia, que casou em Vila Flor com João de Seixas[317].

(317) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.* Esta parte referente a Aleixo de Morais Sarmento é de caligrafia diferente da de D. Bento Pinto.

Varonia de Aleixo de Morais Sarmento (318)

«1 – JOÃO MARTINS DE MORAES, segundo dizem muitos Genealógicos de melhor nota, assim antigos como modernos, que he o chefe dos Moraes, e isto provão com Escrituras, e documentos os mais antigos, que poderão indagar, e alcançar; cazou com N... e teve:

1 – *Gonsalo Rodrigues de Moraes,* segue-se.

2 – *N...*

2 – GONSALO RODRIGUES DE MORAES, cazou com Ignez Rodrigues, jáz sepultado na Igreja de S. Facundo de Vinhaes, onde dizem que está o solar da Familia dos Moraes deste Reyno; ainda que outros Genealogicos dizem, que o solar desta Familia he o mesmo lugar de Moraes, que fica nas visinhanças da villa de Vinhaes, e teve:

1 – *Gonsalo Rodrigues de Moraes,* segue-se.

2 – *Ruy de Moraes,* com geração abaixo.

3 – GONSALO RODRIGUES DE MORAES, cazou com Briolanja de Sousa, filha de João de Sousa Macedo, Alcayde mor de Outeiro, e de Constança Gil, e teve:

1 – *N...*

2 – *N...*

3 – *D. Catharina de Moraes,* mulher de seu Primo Henrique de Moraes com geração.

3 – RUY DE MORAES, filho segundo de Gonsalo Rodrigues de Moraes, cazou com Guiomar Macedo, irman de Anna Gomes Macedo, e teve estes filhos pela ordem seguinte, de que descendem muitas familias nobres, e distintas de Traz os Montes:

1 – *Ruy de Moraes,* com geração.

2 – *Henrique de Moraes,* que cazou com sua Prima D. Catharina de Moraes, o que consta da Dispensa que veio de Roma, com geração.

3 – *João de Moraes,* o Grande, com geração.

4 – *Balthazar de Moraes,* segue-se.

4 – BALTHAZAR DE MORAES, vivia pelos annos de 1584, na villa de Mirandella, onde se estabeleceu, e fez casa, a qual ainda hoje existe na Praça da dita villa, em que vivem os seus successores; cazou na villa do Vimioso, Provincia de Traz os Montes, e não como dizem outros em terras de Bragança da mesma Provincia, ou na mesma villa de Mirandella, que he erro contra o parecer de Pedro Ferreira de Sá Sarmento (319) genea-

(318) Copiado de PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*

(319) D. Bento Pinto, no folio 51 v., voltando a falar deste genealogista, diz que era cavaleiro da Ordem de Cristo, moço fidalgo da Casa Real e natural da província de Trás-os-Montes.

logico muito curioso daquella Provincia, que indagou estas noticias com hum trabalho incansavel, como se ve pelos Papeis genealogicos, que elle nos tem communicado, ainda que outro Genealogico moderno nos diz, que este Balthazar de Moraes cazara no lugar de Paraduja, comarca de Lamego, Provincia da Beira, com D. Joanna de Aguiar Pinto, como se acha na Nota daquelle tempo e Neta de Gaspar de Aguiar Pacheco; mas sim cazou na dita villa do Vimioso com Anna do Campo, filha herdeira de Alvaro do Campo, homem nobre, e distinto daquella villa, o que consta de documentos, e da escritura do seu testamento, e da certidam do Baptismo, e das fazendas, e boa caza, que tinha, e teve:

1 – *Francisco de Moraes do Campo,* segue-se.

2 – *Nicolau de Moraes,* que casou com D. Guiomar de Andrade, com geração.

3 – *Balthazar do Campo,* que foi clerigo e mais tres irmãs, sem geração.

5 – Francisco de Moraes do Campo, vivia tambem em Mirandella, como seu Pay onde instituiu a capella, ou Morgado de Santa Comba, das Terças de seus Irmãos, cazou em Villar d'Ossos com Izabel Sarmento, filha de Gonsalo de Moraes, capitam mor de Villar d'Ossos e de D. Anna Gomes Sarmento, filha de Jacome Luis Sarmento, que foi Alcayde mor de Bragança; e teve:

1 – *Francisco de Moraes do Campo,* segue-se.

2 – *D. Izabel Sarmento,* que morreu sem tomar estado.

3 – Francisco de Moraes do Campo, segundo Administrador do Morgado de Santa Comba, e senhor de propriedade dos Officios de Inquizidor, contador, e Distribuidor da villa de Mirandella, vivia pelos annos de 1590; cazou com D. Antonia Pinto Cardoso, como consta do Testamento feito pelo dito Francisco de Moraes, seu marido, a 2 de Junho de 1636, escripto pelo Escrivão daquella villa João de Escobar, filha de Francisco de Sá Ferreira, e de D. Brites Pinto Cardoso, primeiros senhores da caza, e Morgado de Santhiago de Mirandella, tiverão:

1 – *Balthazar de Moraes,* que morreu sem successso.

2 – *Francisco de Moraes do Campo,* segue-se.

3 – D. *Izabel de Moraes,* cazada com Donato de Lemos, senhor do Morgado de N. S. do Desterro em o lugar de Mascarenhas, termo da villa de Mirandella, com geração, o que consta da Escritura de Dote, que deu o dito Francisco de Moraes do Campo a sua irman, feita a 23 de Maio de 1634, escrita pelo sobredito Escrivão João de Escobar

[Uma nota de caligrafia diferente diz: «he falço ser senhor do Morgado que pretence a seu Primo abaixo Jorge de Lemos.

4 – *D. Maria de Moraes,* cazada com Jorge de Lemos Teixeira senhor do Morgado asima de N. S. do Desterro de Mascarenhas.»]

4 – *D. Francisca da Fonseca,* cazada com Gonsalo de Moraes Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, senhor da caza de Villar d'Ossos, que consta de hüa Procuração, ou Escritura de Dote feita por seu cunhado Francisco de Moraes do Campo, aos 31 do mez de Agosto de 1646, na qual lhe doou os officios de Inquizidor, Contador, Distrbuidor; ignora-se se tiverão descendencia.

7 – FRANCISCO DE MORAES DO CAMPO, terceiro Administrador do Morgado de Santa Comba, cazou com D. Serafina de Sá, filha de Antonio de Sá da Gama, e de D. Anna de Vargas, e forão estes tambem progenitores de Gaspar de Sá e Queiroga, que foi commissario da cavallaria e este Pay de Luis de Sá, que governou na capitania de S. Antonio no Brazil; tiverão

1 – *Baltazar de Moraes Sarmento e Sá,* segue-se.

2 – *António de Sá de Moraes,* que foi Abbade de Marialva depois, Abbade de S. Miguel de Fiaens, chamado vulgarmente Abbade de Sonim, sendo esta a annexa onde viveu.

8 – BALTHAZAR DE MORAES SARMENTO E SÁ, quarto Administrador do Morgado de Santa Comba; cazou duas vezes, a primeira com D. Maria Sarmento, sua Prima segunda, filha de Fernam Pinto Bacellar, senhor do Morgado de Villar d'Ossos e de D. Magdalena Sarmento e teve:

1 – *Balthazar de Moraes Sarmento,* que indo a Roma para se dispensar, afim de cazar com sua Prima, falleceu na volta para este Reyno, sem geração.

2 – *D. Maria Caetana de Santo Antonio,* Freyra em Santa Clara de Vinhais, vive ainda neste presente anno de 1776, de hüa idade muito avultada.

Cazou segunda vez, sendo Mestre de campo de Auxiliares da Comarca de Chaves com D. Josefa Guiteria de Azevedo e Vasconcellos, filha de Gaspar Leite de Miranda e de D. Bernarda de Azevedo e Vasconcellos, naturaes da Provincia da Beira, concelho de S. Martinho de Moura, comarca de Lamego, da qual teve:

1 – *Antonio Fernardo de Moraes Sarmento,* segue-se.

2 – *D. Antonia Maria de Vasconcelos,* cazada na villa de Vimioso, comarca de Miranda, com José Manoel de Moraes Faria, Sargento-mor do Terço de Auxiliares de Miranda; não tem tido filhos até este presente anno de 1776.

3 – *Caetano de Sá de Moraes e Vasconcellos,* que não tomou estado.

4 – *D. Leonor Maria Guiteria de Vasconcellos,* cazada com Antonio de Moraes Castro, senhor do Morgado dos Arcyprestes, do lugar de Santa Valha, termo da villa de Monforte, com geração.

9 – Antonio Bernardo de Moraes Sarmento, quinto Administrador do Morgado de Santa Comba, cazou na cidade de Braga com sua Prima segunda D. Luiza Caetana Pinto de Mesquita, filha de Luiz Lazaro Pinto Cardoso, Fidalgo da Casa Real, cavalleiro professo na Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, e quinto senhor da caza e Morgado de Santhiago da villa de Mirandella, e de D. Mariana Thereza da Silva Teixeira e Sousa, e teve:

1 – *Aleixo de Moraes Sarmento,* segue-se.

2 – *D. Rosa Maria de Moraes Pinto e Vasconcellos.*

3 – *Francisco de Sá de Moraes Pinto.*

4 – *D. Maria Antonia Pinto de Moraes e Vasconcellos.*

5 – *Belchior Pinto de Moraes Sarmento e Vasconcellos.*

Tiverão mais outros que morrerão de tenra idade.

10º – Aleixo de Moraes Sarmento, succedeu na caza de seus Pays e he sexto Administrador do Morgado de Santa Comba; e esta é a verdadeira descendencia, a qual se pode provar com documentos os mais irrefragaveis: ainda não é cazado neste presente anno de 1776».

[Uma nota em caligrafia diferente diz: «cazou com sua Thia D. Rita de quem teve duas fiihas, morreu hüa e vive D. Mariana casada com Luiz Ribeiro de Santa Eulalia na Beira e tem 4 filhos».]

«Pergunta que se fez a certo Genealogico moderno (320)

Deseja-se saber, quaes forão os Pays de Antonio Luis de Madureira Parada Lobo, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, coronel Brigadeiro de Cavallaria, Governador da Praça de Estremoz, na Provincia do Alemtejo, e Sargento mor de Batalhas, com o exercicio do Governo das Armas da mesma Provincia do Alemtejo que governou por carta; e dizem que cazara na villa de Setuval, e que he parente dos Madureiras da villa de Chaves, e de outras familias nobres, e distintos da Provincia de Traz os Montes.

Resposta, que se deu a pergunta supra

O Pay deste Antonio Luis de Madureira Parada Lobo era homem ordinario, veio para a cidade de Lisboa por ter feito hum crime de morte na

(320) Copiado de PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.* Ver em *Parada de Infanções – Família Madureira Feijó.*

cidade de Bragança, e como era homem muito valente, e de hüas forças muito desmarcadas, foi criado estimado do senhor Rey D. Pedro 2º, fe-lo subir; teve irmaons Abbades, e conegos na Sé de Miranda, que o ajudarão a fazer casa, a qual he hoje das mais bem abstecidas: cazou, não ha duvida, na casa dos Madureiras da villa de Chaves, e por esta alliança contrahio parentesco com muitas cazas distintas, e principaes da Provincia de Tras os Montes. Cazou o dito Antonio Luis de Madureira Parada Lobo na villa de Setubal com D. Margarida Gerardo de Castello Branco e Liz, filha de Francisco Feyo de Castello Branco, cavalleiro muito distinto, natural de Lisboa, e de D. Joanna Izabel de Araujo de Liz Netto, da qual teve:

1 – *Francisco José de Madureira Parada Lobo,* que succedeu na caza de seus Pays, e he Fidalgo da Caza Real, cavalleiro da Ordem de Christo, capitam de cavallos no Regimento de Dragoens de Chaves, o qual cazou na cidade de Braga com hüa senhora herdeira que ficou de João Duarte de Faria Machado, cavalleiro da Ordem de Christo, de quem até este presente anno de 1776, não tem descendencia.

2 – *N...* que se ignora o estado que tomou.

Teve mais 3 filhas, que forão Freyras em S. Bento de Evora, hoje todas fallecidas. Eis aqui quanto narra a resposta, que tive do sobredito Genealogico moderno».

Família Pessoa

Ver – *Vinhais – conde de Vinhais.*

Pintos Cardosos, senhores do morgadio de S. Tiago

1º Belchior Luís Pinto Cardoso, natural de Mirandela, filho de Belchior Pinto Cardoso e sobrinho de Miguel Ferreira de Morais, cavaleiro da Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 13 de Novembro de 1691 (321).

2º Belchior Pinto Cardoso, natural de Mirandela, filho de Belchior Luís Pinto Cardoso, fidalgo da Casa Real, neto de Belchior Pinto Cardoso.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 23 de Outubro de 1694 (322).

(321) Livro 7 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 114 v., in *Dicionário Aristocrático.*
(322) Ibidem, livro 9, fol. 134.

No alpendre da igreja matriz de Mirandela, lado esquerdo, metida na parede, à altura de dois metros, pouco mais ou menos, há a seguinte inscrição gravada em lápide de granito:

SENDO REITOR
JOÃO PINTO CAR
DOZO SE FES ESTA
IGRÃ NO ANO DE
l698

De Bento Pinto, *Caderno de Árvores de Costado,* extraímos o seguinte, referente à Família Pintos Cardosos:

«Ignacio Pinto Cardoso, 6º senhor do Morgado de Santhiago de Mirandella, filho de Luiz Lazaro Pinto Cardoso, 5º senhor da caza e Morgado de Santhiago da villa de Mirandella, Fidalgo da Caza Real, cavalleiro da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, falleceu no anno de 1758 no primeiro dia de Novembro, e de D. Antonia Maria de Mesquita e Silveira, sua 3ª Prima, lª mulher sem geração».

É de notar que o nome – *Ignacio Pinto Cardoso, 6º senhor do Morgado de Santhiago de Mirandella* – foi escrito por outra pessoa, com caligrafia relativamente mais moderna, bem como esta nota: «D. Maria Rosa Pinto Cardoso 7ª senhora do Morgado de Santhiago».

No fólio 26, voltando a tratar dos Pintos Cardosos, Senhores do Morgado de Santiago de Mirandela – a fim de incluir os ascendentes de D. Mariana Teresa da Silva Teixeira e Sousa, natural de Braga, segunda mulher de Luís Lázaro Pinto Cardoso, quinto senhor da casa e morgadio de Santiago de Mirandela – diz que o sexto senhor desse morgadio foi Belchior Pinto Cardoso, fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, marechal de campo do terço de auxiliares da comarca de Miranda, por decreto de 29 de Outubro de 1776, «que vai na idade de 40 anos». Este fólio é do autor primitivo do códice que vamos extractando (323).

«Neto paterno de Belchior Luiz Pinto Cardoso, 4º senhor da caza e Morgado de Santhiago de Mirandella, cavalleiro da Ordem de Christo, Fidalgo da Casa Real, Governador de Montalegre, com patente de coronel e de D. Rosa Margarida Pinto Pereira de Mesquita, natural de Villa Real, sua subrinha, filha de João Correa de Mesquita e de D. Mariana de Mesquita Pinto.

(323) Adiante faremos a descrição deste códice.

Segundo neto paterno de Belchior Pinto Cardoso, 3º senhor da caza e Morgado de Santhiago de Mirandella, Mestre de Campo de Auxiliares pagos na feliz Guerra da Acclamação, commendador da Ordem de Cristo e de D. Joana Velozo de Moraes, natural de Tuizello sua parenta, 2ª mulher, filha de Duarte Ferreira de Moraes, 5º senhor da caza e Morgado de Tuizello, Moço Fidalgo da Casa Real (pela sua vez filho de Jeronymo Ferreira de Moraes, quarto senhor da caza e Morgado de Tuizello, Moço Fidalgo da Casa Real e de D. Catharina Alvarez Velozo, natural de Chaves, filha de Francisco Alvarez Velozo, vedor geral em Chaves, Fidalgo da Casa Real) e de D. Jeronyma Velozo de Araujo, natural de Chaves, sua prima, filha de Jeronymo Alvarez Velozo, Fidalgo da Casa Real, Irmão de D. Catharina Alvarez Velozo, abaixo indicada e de D. Maria de Medeiros, filha de Pedro Pires de Medeiros.

Terceiro neto paterno de Gaspar Pinto Cardoso, 2º senhor da caza e Morgado de Santhiago de Mirandella, e capitam mor da mesma pelo tempo dos Reis Filipes de Castella e de D. Catharina de Vargas Teixeira, natural de Chaves, sua parenta, filha de Gaspar de Queiroga Teixeira, natural de Chaves e de D. Anna de Vargas Campilho, filha de Diogo Campilho e Sampayo.

Quarto neto paterno de Francisco de Sá Ferreira, natural de Vinhaes, viveu em Mirandella onde cazou (era filho 3º de Francisco de Moraes Pimentel, o *Meia lingua*, e de sua 2ª mulher D. Maria de Sá Ferreira, Neto de Pedro Alvarez de Moraes Pimentel, 10º senhor do Padroado de S. Francisco de Bragança, e 2º neto de Alvaro Gil de Moraes Pimentel 9º Padroeiro do dito capitulo e de sua mulher D. Izabel Balcacer, em titulo de Moraes) e de D. Brites Pinto Cardozo 1ª administradora do Morgado de Santhiago de Mirandella, que tinha sido instituido por seu Irmão Belchior Pinto Cardozo, conego de Evora, e reitor que fora da mesma villa, filhos ambos de João Pinto da Fonseca, Fidalgo da Caza Real, capitam-mor de Mirandella e de sua mulher D. Catharina Cardozo.

Neto materno, o dito Ignacio Pinto Cardozo, de Antonio Luiz Vas Pinto Coelho Pereira da Silva, 5º senhor do Morgado de Retiães e de toda a casa de Felgueiras, Vieira e Fermedo, e da quinta de Simaens e de D. Marianna Magdalena Luiza da Silveira e Mesquita, sua Prima, e 2ª mulher (filha de Martim Teixeira Coelho de Mello, senhor de Teixeira, e da caza de Sergude e de D. Anna Maria de Mesquita Pinto, sua Prima: neta paterna de Gonsalo Coelho Teixeira, senhor da villa de Teixeira e da caza de Sergude e de D. Maria de Noronha, sua Prima e materna de Gonsalo Pinto de Mesquita, Fidalgo da Casa Real, senhor do Morgado de Abbaças, filho 2º e de D. Marianna da Silveira sua Prima».

«Dom Áfonso etc. como g.or etc. faço saber aos q. esta minha carta de padrão uirem que tendo resp.to aos seru.ços de belchior pinto cardoso filho de gaspar pinto cardoso e natural da uilla de mirandela feitos a sua custa desde o principio daclamaçam athe o anno de seiscentos cincoenta e dois de sargento mor da mesma uilla hindo no anno de seiscentos quarenta e hum de secorro as uillas de oiteiro e uimioso com hum terço de gente bem desiplinada e depois por cabo de alguas companhias a Monforte de Rio secco fazer emtradas em galiza achandose nas fauçois de fezes, mandém, e oimbra e passando a bragança com sete companhias a seistir na peleja do ualle de monterrey na toma do luguar de tamaguello no inçendio de *Rosal*(324) *oimbra* fazendo retirar de bertellos hum capp.tam nosso sem perigo que peleijara com ho enemigo e se achaua com infirior poder aforra outras faucaes de importançia em que obrou como ualente soldado athe o anno de seiscentos sincoenta e dois e sendo no de seiscentos sincoenta e tres encarregado da supretendencia da criaçam de caualos da comarca da torre de moncoruo proceder naquelle ministerio com zello e diligencia e não menos aumento da criação o anno de seiscentos sincoenta e sinco e sendo prouido no posto de capp.tam mor da uilla de mirandella e de mestre de campo de hu terço de auxiliares preseverar numa e noutra ocupação por tempo de sinco annos seis meses e uinte sete dias achandose na fação de alcaniças e fazendo o conde de S. João entrada em galiza o deixar gouernando a prouincia em cujo tempo empedio alguas emtradas que o inimigo intentou e da mesmoa man.ra se hauer noutras ocazioes de igual reputação em que deu mostras de ualor Houue p.r bem fazerlhe m.ce p.a seu filho belchior luis pinto cardoso de promessa de com.da de lote de cem mil r.s a cujo titolo tomara o abito de Xpo que lhe tenho m.do lançar dos quaes cem mil r.s se lhe fassão sesenta efetivos em parte donde haja bom pagam.to e uisto o que por sua petiçam me representou Hey p.r bem de que se lhe asentem uinte mil r.s dos sesenta asima referidos no rendim.to dos bens de Anto da pas coronel e Ines de oliu.ra e seus filhos e marcela de pena e seus flhos e nos de Anto Lopes e nos de diogo gomes buticario todos auzentes em castella por elle apontados sem prejuizo de treso e das prim.ras nomeasois como pedio pelo do m.do desembargador João Correa de Carualho juiz do tombo dos bens dos cõfiscados e auz.tes no Reino de Castella ou ao ministro a quem pertencer que com efeito faça fazer pagem.to ao mesmo belchior luis pinto Cardoso

(324) Rosal – Lugar da paróquia de Santa Maria de Oimbra.

dos vinte mil r.s declarados cada anno nos bens apontados p.ª os ter cõ o abito Xpo cujo vensim.to delles lhe comesara a correr de desaseis de julho do anno prez.te de seiscentos sasenta e sete e por firmeza disto lhe mandei dar esta carta por mim asinada e selada com ho sello pendente da dita ordem que sera Reg.da nos l.os da faz.da della m.ces que faço e pagou quinze mil rs. que deuia dos tres q.tos desta m.ce a dita ordem que os resebeo o th.ro delles Antº do Couto Franco como se vio por conhesim.to em forma feito pelo escriuão de seu cargo e por ambos asinado carregados em o 1º de sua Reseita a folhas sincoenta e oito que foi Roto ao asinar deste e não pagou o nouo dir.to pello não deuer como constou por sertidão delle. Dada nesta cidade de Ix.ª aos uinte tres dias do mes de Julho xpouão peixoto a fes Anno do nascimento de nosso s.or Jesu Xpo de mil e seis sentos sasenta e sete annos franc.º per.ª de betancor o fis escreuer. El Rey» (325).

Belchior Pinto Cardoso, era filho de Gaspar Pinto Cardoso e de D. Catarina Vargas Teixeira. Casou, em primeiras núpcias, com D. Leonor de Sousa, pelo que herdou o lugar de juiz dos órfãos de Mirandela, para que foi nomeado em 13 de Maio de 1539.

Tendo enviuvado casou em segundas núpcias com D. Joana Veloso, natural de Chaves. Deste matrimónio deixou, entre outros filhos, a seguinte descendência:

I. *Belchior Luís Pinto Cardoso,* a que se refere o padrão, e que herdou o morgadio.

II. *Gaspar Pinto Cardoso,* que foi por vezes juiz ordinário em Mirandela.

III. Padre *João Pinto Cardoso,* reitor de Mirandela, cuja igreja paroquial reedificou, e que faleceu depois de 1737 sendo abade de Felgar.

Belchior Pinto Cardoso, que sucedera a seu pai Gaspar Pinto Cardoso no morgadio da sua casa (morgadio de S. Tiago de Mirandela, instituído pelo reitor desta vila, Belchior Pinto Cardoso, falecido em 1627), era irmão de D. Brites, que casou com Jerónimo Ferreira de Morais (de Bragança?).

Ao erudito amigo Ernesto Augusto Pereira Sales agradecemos a fineza de nos ter fornecido este documento.

«Este Caderno de Arvores de Costado, que contem muita parte das Arvores de Costado de alguas Familias nobres, e distintas da Provincia de Tras os Montes, offerece ao Senhor Belchior Pinto Cardoso, Morgado de Santhiago de Mirandella seu Irmão D. Bento Pinto, Conego Regular, conventual no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, neste anno de 1777».

(325) *Chancelaria da Ordem de Cristo,* livro 50, fl. 153.

Assim começa o códice in-fólio, manuscrito, a que atrás nos referimos, encadernado, constando de 79 fólios sem numeração, existente em Mirandela em poder dos morgados a que respeita. (Quando nos tivermos de referir a este códice, fica convencionado que citaremos: *Caderno de Árvores de Costado dos Pintos Cardosos de Mirandela.)*

No fólio 4 há um escudo iluminado com as «Armas de Pintos e Cardosos, de que uzão os Morgados de Santhiago da villa de Mirandella».

No fólio 42 há outro com as «Armas de Moraes e Pimenteis, de que uzão a Caza dos Machucas de Bragança».

Conquanto a parte principal deste códice fosse escrita pelo cónego mencionado, posteriormente foram-lhe adicionados novos esclarecimentos genealógicos e até *árvores* inteiras.

Como apenas copiei deste códice as árvores genealógicas das famílias pertencentes ao distrito de Bragança e a alguém podem interessar algumas das que encerra, dou em seguida o índice dos títulos de que trata:

Fólio 5 / Fólio 16 – Casa dos Simões, senhores da casa de Felgueiras, Vieira e Fermedo.
Fólio 6 – Pintos Sousas Coutinhos, senhores da casa e morgadio de Balsemão, junto a Lamego.
Fólio 7 – Bahias Teixeiras, da vila de Chaves.
Fólio 8 – Veigas Cabraes Caldeirões, de Bragança.
Fólio 9 – Peixotos e Silvas, da casa da rua Escura da vila de Guimarães.
Fólio 10 / Fólio 11 – Teixeiras Chaves Pequenos, da vila de Chaves.
Fólio 12 – Pintos Coelhos Cardosos e Menezes, senhores do morgadio de Cepões, junto a Lamego.
Fólio 13 – Moraes Madureiras Lobos, da vila de Chaves.
Fólio 14 – Sousas Pereiras, de Vila Pouca de Aguiar.
Fólio 15 – Sousas Pereiras, senhores da casa e morgadio de Vilar de Perdizes.
Fólio 17 – Teixeiras Magalhães e Lacerdas, de Vila Real.
Fólio 18 – Castros Morais, de Bragança.
Fólio 19 / Fólio 24 / Fólio 26 / Fólio 67 – Pintos Cardosos, de Mirandela, senhores do morgadio de Santiago.
Fólio 20 – Senhores da casa de Sergude e Bom Jardim, no Porto.
Fólio 21 – Ferreiras Moraes, ramo da casa de Tuizelo que passou para a vila do Mogadouro.
Fólio 22 – Carpinteiros Macedos, de Melres.
Fólio 23 – Ferreiras Sás, de Bragança.

Fólio 25 – Noronhas, senhores das quintas da Corujeira e Prelada, no Porto.
Fólio 27 – Castros Morais, de Chaves, senhores dos morgadios de Nossa Senhora do Pópulo e de Santa Catarina.
Fólio 28 – Soares Figueiredos e Sarmentos, de Bragança.
Fólio 29 / Fólio 36 – Morais Sarmentos, de Vinhais.
Fólio 30 – Morais Sarmentos, de Edral, concelho de Lomba, comarca de Miranda.
Fólio 31 – Magalhães Fontouras Costas e Homens, senhores do morgadio de S. Francisco de Valpaços.
Fólio 32 / Fólio 37 – Morais Sarmentos e Sás, de Mirandela, senhores do morgadio de Santa Comba.
Fólio 33 – Ferreiras Sás e Sarmentos, da vila de Vinhais.
Fólio 34 – Morais Madureiras Pimenteis e Machucas, de Bragança.
Fólio 35 – Mesquitas Morais e Castros, da Torre de Moncorvo.
Fólio 38 – Colmieiros Morais, de Vinhais.
Fólio 39 – Sás Soares e Morais, de Santa Cruz da Castanheira, em Monforte de Rio Livre.
Fólio 40 – Morais e Sarmentos, do lugar de Tuizelo.
Fólio 43 – Morais Sarmentos, em Paradinha de Moimenta da Beira.
Fólio 54 – Osorios Amarais, senhores do morgadio do Espírito Santo e casa de Almeidinha, termo de Viseu.
Fólio 55 – Correias e Lacerdas, senhores da casa de Farelães.
Fólio 56 – Magalhães e Menezes, de Braga.
Fólio 57 – Falcões Costas, naturais da cidade de Braga.
Fólio 58 – Pereiras Coutinhos Vilhenas e Andrades, de Penedono.
Fólio 59 / Fólio 60 – Sás e Melos, senhores da Anadia de Coimbra.
Fólio 61 – Sás Pereiras, senhores da casa de Condeixa.
Fólio 62 – Pereiras Pintos e Lagos, senhores da casa dos Ruivos e do Arco de Vila Real.
Fólio 63 – Bravos de Baião Sousas.
Fólio 64 – Carpinteros Macedos Pimenteis, senhores do morgadio de Nossa Senhora do Desterro de Mascarenhas e S. Brás de Mirandela.
Fólio 66 – Frias Sarmentos, senhores da casa de Carrazedo.
Fólio 68 / Fólio 69 – Morgado de Rio Torto de Cima de Morais Teixeira.
Fólio 70 – Pintos Cardosos, senhores do morgadio de Rio Torto de Baixo.
Fólio 71 – Montes Seixas e Lemos de Vila Flor.
Fólio 72 – Morgados de Vila de Ala, termo do Mogadouro.
Fólio 73 / Fólio 74 – Mouras Coutinhos, da casa de Esgueira, Aveiro.

Manuel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura, reitor de Lamas de Orelhão, concelho de Mirandela, onde faleceu em 1856, escreveu, além de outras obras de que falaremos no volume consagrado aos escritores, a seguinte:

Memoria Genealogica, ou Apparato para o tratado das genealogias da provincia de Tras-os-Montes, tirado dos melhores genealogicos e dos cartorios e documentos authenticos, assim antigos como modernos procurados para este fim – 1816:

Esta obra manuscrita, contendo 272 folhas, conserva-se na Biblioteca Municipal do Porto, e, como interessa ao nosso intuito, damos a notícia das famílias de que trata, pertencentes ao distrito de Bragança, que são:

Fólio 38 – Botelhos Magalhães, de Moncorvo.
Fólio 44 – Morgado de Santavalha. (Aponta-os como padroeiros do convento de S. Francisco de Bragança.)
Fólio 44 – Morais, morgados de Santa Comba de Mirandela.
Fólio 82 / Fólio 90 – Machucas Morais, de Bragança.
Fólio 83 – Almeidas Douteis, de Bragança
Fólio 84 / Fólio 92 – Veigas Cabrais Caldeirões, de Vila Real e Bragança
Fólio 85 – Mirandas, do termo de Bragança.
Fólio 86 / Fólio 94 – Colmieiros, de Bragança.
Fólio 89 – Castros e Morais, de Bragança, senhores do morgadio de Santa Catarina em Chaves.
Fólio 91 – Ferreiras, de Bragança e Carneiros, de Moncorvo.
Fólio 93 – Madureiras Morais, senhores da casa e morgadio de Parada.
Fólio 94v. – Teixeiras Morais, de Bragança.
Fólio 95 – Carneiros Vasconcelos, de Moncorvo.
Fólio 96 a Fólio 102 – Dourados Marizes e Sarmentos, de Bragança e Vinhais.
Fólio 103 – Ferreiras Sás e Carneiros, de Bragança e Murça de Panóias.
Fólio 120 – Morais Sarmentos e Silvas, de Miranda do Douro.
Fólio 124 – Ferreiras Sás Sarmentos, de Vinhais.
Fólio 125 – Morais Sarmentos, de Vinhais.
Fólio 128 – Amarais Morais Sarmentos e Barretos, de Vinhais.
Fólio 129 – Morais Sarmentos Madureiras, de Vimioso.
Fólio 131 – Morais Ferreiras e Sarmentos, de Carrazedo, perto de Vinhais.

Falando do nono senhor do morgadio de Tuizelo, perto de Vinhais, Pedro Ferreira Sarmento de Sá, moço-fidalgo da Casa Real, cavaleiro na Ordem de Cristo, filho de Francisco José Sarmento de Lousada, tenente-coronel de cavalaria, de Chaves, que depois se reformou, e em Fevereiro de 1774 vivia em Lisboa, ainda solteiro, em caligrafia diferente há esta nota: «Este entrou em hum baú no convento de Santa Clara de Vinhais e teve de hũa freira chamada D. Maria Antonia hũa filha chamada D. Maria Antonia que cazou com Francisco Xavier da Veiga, fidalgo da Casa Real filho do general A... e não teve successão e acabou esta casa» [(326)].

Fólio 137 a Fólio 140 – Morgado de S. Tiago de Mirandela.
Fólio 137 – Macedos Carpinteiros, de Meles e Mascarenhas, no termo de Mirandela.
Fólio 147 – Lousadas Barrosos, de Monforte de Rio Livre.
Fólio 151 – Sás Soares e Morais, de Santa Cruz da Castanheira, de Monforte de Rio Livre, hoje concelho de Chaves, e Frias Sarmentos.
Fólio 154 – Morais Mirandas Cardosos, de Moncorvo e Freixiel.
Fólio 155 – Botelhos Magalhães, de Moncorvo.
Fólio 156 – Ferreiras Aragões Carneiros, de Castro Vicente.
Fólio 157 – Bandeiras, de Moncorvo.
Fólio 159 – Mesquitas Morais, de Moncorvo e Selores.
Fólio 160 – Marcos Magalhães Pegados, de Moncorvo, Mogadouro, Lodões e Roios.
Fólio 165 a 170 a Fólio 265 – Sampaios, senhores de Vila Flor e Chacim.
Fólio 174 – Castros e Mesquitas, de Vilarinho da Castanheira e Lobazim.
Fólio 177 – Carvalhos, de Ansiães.
Fólio 205 – Morais Colmieiros Figueiredos Sarmentos, de Suções, termo de Mirandela.

(326) O nome da freira está riscado, mas percebe-se bem. O nome do general está escrito em abreviatura ilegível. No livro dos *Acórdãos* do Cabido de Miranda de 1686 a 1735, fólio 92, vem a devassa feita, por ordem do Cabido em 1699, ao proceder irregular de uma freira do convento de Vinhais, mas não se especifica o caso nem se aponta o nome da freira.

Fólio 206 } – Pereiras Medeiros e Morais, de Lamas de Orelhão.
Fólio 208 }
Fólio 207 – Sousas Guedes, de Lamas de Orelhão.
Fólio 209 – Machados Moutinhos, de Lamas, quinta do Cascalhal.
Fólio 214 – Queirogas Pereiras Medeiros Sás e Carneiros, de Lamas de Orelhão.
Fólio 260 – Carneiros Morais, de Vila Franca de Lampaças.

1º ANTÓNIO XAVIER DE MORAIS TEIXEIRA HOMEM, desembargador, conselheiro honorário da fazenda real, natural de Mirandela, filho de Martinho Teixeira Homem.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 3 de Setembro de 1824 (327).

2º DUARTE DE VASCONCELOS COUTINHO, que residiu em Mirandela, filho de Pedro de Escovar.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 25 de Setembro de 1654 (328).

3º FRANCISCO ANTÓNIO DE SAMPAIO, natural de Mirandela, cavaleiro professo na ordem de Cristo, desembargador graduado da Relação do Porto, filho de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (329), cavaleiro professo na ordem de Cristo, conselheiro aposentado da Mesa da Consciência e Ordens, e de D. Antónia Teresa Teixeira Galvão.

Neto paterno de Luís Ribeiro de Sampaio e de D. Leonor da Costa.

Neto materno de João Teixeira Galvão, capitão do regimento de milícias de Chaves, e de D. Maria Pires Ferreira, aparentado com as pessoas mais distintas da sua província.

Teve brasão com as armas dos Ribeiros, Sampaios, Teixeiras e Galvões, passado a 22 de Dezembro de 1825 (330).

Ver adiante, no *Suplemento – Bornes.*

4º GONÇALO PIMENTEL, natural de Mirandela, residiu em Lisboa e era filho de António Pimentel e de D. Francisca Gomes.

Neto de Gonçalo Pimentel e de D. Beatriz Gomes.

Era parente, em segundo grau, por linha transversal, de pessoas muito nobres do serviso de El-Rei e cavaleiros da Ordem de Cristo, como eram: Diogo Vaz Machado, Gaspar Soares Pimentel, Luís Machado Pimentel e António Martins Lordelo, que residiam em Tanger, na Africa.

(327) Livro 19 das *Mercês de El Rei D. João VI,* fol. 154.
(328) Livro IV da *Matrícula,* fol. 146.
(329) A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.
(330) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* parte I, p. 181, e parte 2ª, artigos respectivos.

BRAZÃO DOS PIMENTEIS, passado a ... de Outubro de 1645 (331). Por diferença no primeiro canto, à direita, uma flor de liz em prata assente dentro duma brica azul.

Família Veiga Sequeira Vaia

«Eu El Rey faço saber aos que este Aluará uirem que tendo Respeito a Dominguos de sequeira caualeiro fidalgo de sua casa filho de Belchior de sequeira e natural de Mirandella ser despachado por seus seruiços e aução por aluará de uinte de outubro de seis centos e uinte e tres com promessa de hum officio de justiça ou fazenda que coubesse em sua qualidade de que athe gora não foi prouido e assi ao seruiço que depois de despachado com o Aluara referido fes na jornada da recuperação da cidade do saluador (332) o anno de seis centos e uinte e quatro e no decurso da uiagem proçeder como bom soldado particularmente na peleja que o seu galião uindo para o Reino teue com seis naos de piratas por descursso de tres dias e lhe pertencerem por sentença do juizo das justificações os seruiços que seu irmão Balthezar de siqueira que foi moço da camr.ª fes aribando da uiagem da India da costa da mina na nao ajuda que na mesma costa fez naufragio e depois de uoltar ao Reino que se tornou a embarcar para a ilha de são thomé seruir de capitão da fortaleza della e de ouuidor na ilha do principe e lhe pertenser juntam.te pella mesma sn.çã a aução dos seruiços de outro seu irmão por nome fran.co Borges que tãobem foi moço da cam.ra o qual morreo seruindo em malaca p.ª donde se tinha embarcado em satisfação de tudo e do Aluara refferido Hei por bem de lhe fazer mr.ce (alem de outra que pellos respeitos lhe fis) de hüa cappella de uinte e sinco mil r.s de Renda p.ª hüa sua sobrinha e para sua guarda e minha lembrança lhe mandei dar este Aluara que lhe mandarei cumprir e guardar intr.ª m.te como nelle se conthem constando prim.ro por certidão dos offiçiaes dos nouos dr.tos de como os tem pagos se os deuer na forma de minhas ordens e uallera posto que seu effeito haja de

(331) MACHADO, José de Sousa – *Brasões Inéditos,* livro 2º, fol. 142, nº 238.
(332) Na carta de confirmação de doação de 17 de Outubro de 1659, que, na regência da viúva de D. João IV, pela menoridade de D. Afonso VI, se passou a Luís Álvares de Távora, terceiro Conde de S. João, lê-se o seguinte: «Eu El Rey faço saber aos q este alvará virem que tendo respeito ao que me representou o conde de S. João Luis Alvares de Tavora sobre lhe pertencerem duas vidas mais nos bens da corôa e ordens de sua casa pelas jornadas que os condes seu pay e Avô fizerão na Armada da restauração da Bahia em que se embarcaram com muitos criados seus...».
Este Domingos de Sequeira, a quem se refere este documento, é decerto um dos muitos transmontanos abrangidos sob a designação de criados seus.

durar mais de hum anno sem embargo da ordenação do liuro segundo titollo quarenta em contrario. Balthezar gomes o fes em lisboa a uinte e seis de outubro de seissentos e quarenta e oito. Pº de gouvea de mello o fes escrever. Rej.» (333).

Ainda a respeito deste Domingos de Sequeira, lê-se no *Livro II das portarias do reino,* fls. 159 v., ou no vol. 1º do *Inventário dos livros das portarias do reino,* a pág. 287:

«Mercê a Domingos de Sequeira, cavalleiro-fidalgo, natural de Mirandella, e filho de Belchior de Sequeira, de uma correição ou provedoria para seu sobrinho o licenciado Antonio da Veiga de Sequeira, e de um logar de freira ou de uma capella de 20$000 reis de renda para uma sobrinha; pelos serviços prestados na armada, S. Salvador, S. Thomé e Principe, e por lhe pertencer tambem por sentença do juizo das justificações os serviços de seus irmãos Balthazar de Sequeira, governador de S. Thomé e ouvidor da ilha do Principe, na Costa da Mina e no naufragio da nau *Ajuda,* e de Francisco Borges, morto em Malaca, ambos moços da Camara. – De 16 de outubro de 1648».

Este António da Veiga de Sequeira (que de juiz de fora da cidade de Viseu passou, em 26 de Novembro de 1649, para provedor na cidade de Miranda) foi tio e sogro de Luís de Sequeira, moço fidalgo da Casa Real, fundador da capela de S. José, em Mirandela, e instituidor do morgadio que deixara seu tio Domingos de Sequeira.

O último representante desta família Veigas de Sequeira foi D. Margarida da Veiga Vaia Sarmento Pavão, que casou com Francisco de Sousa Rebelo Pavão, a quem nos referiremos em *Parada de Infanções – Pavões.*

Capelas

1º Luís de Sequeira, moço da câmara de El-Rei, doou em 1659 bens que se descrevem à capela por ele mandada fazer em Mirandela dedicada a S. José e a Santo António com vínculo de morgadio (334).

(333) *Chancelaria de D. João IV,* livro 21, fol. 129 v.
(334) Todas as notícias deste capítulo são extraídas do Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

2º Luís Álvares de Távora, conde de S. João, e sua mulher D. Inácia Maria de Meneses, erigiram em 1664 uma capela dedicada a S. Sebastião, contígua ao seu palácio em Mirandela, a que vincularam bens – «uma cortinha com olival e uma *canameira* que levava de semeadura quarenta alqueires de linhaça».

3º Doutor Martim Teixeira Homem, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, comissário das Três Ordens Militares, sua muiher D. Ana Maria Pinto e sua mãe D. Domingas Fernandes, viúva de Antonio Gomes Pinto, que residia em Mirandela, erigiram em 1757 uma capela com vínculo de morgadio, dedicada a S. Miguel e a Nossa Senhora da Conceição, no sítio denominado S. Miguel, em frente das suas casas de moradia, cujo nome lhe advém de outra capela que ali houve dedicada ao mesmo Santo e que se arruinou.

A nova capela ficava mesmo contígua às casas de moradia dos instituidores, tinha um pórtico «Romano... com seus cunhais de cantaria e no simo do portico as armas dele instetuhidor».

4º Paulo de Sá Morais, que residiu em Mirandela, e sua mulher D. Ângela de Escobar Roubão, erigiram em 1705 uma capela dedicada a Santo António junto das suas casas de moradia, com vínculo de morgadio.

5º Doutor Francisco de Lira da Silva Varelo, provedor de Moncorvo, e sua mulher D. Maria José da Silva Macedo obtiveram em 1758 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia em Mirandela.

6º D. Quitéria Inácia Rita de Lira Varela e Aragão, seu filho Aleixo Manuel de Lira Varela e Aragão e sua mulher D. Margarida Máxima Pimenta Teles, de Mirandela, obtiveram em 1801 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

7º Jacinto Borges Mena, de Mirandela, erigiu em 1766 uma capela junto às suas casas de moradia, dedicada a S. Francisco e a S. Jacinto.

8º Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, professo na Ordem de Cristo, provedor da comarca de Miranda do Douro, e sua mulher D. Antónia Teresa Teixeira de Crasto, de Mirandela, obtiveram em 1784 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

MOFREITA

1º Estêvão de Morais Carvalho, sacerdote do hábito de S. Pedro, natural da Mofreita, concelho de Bragança, erigiu em 1737 uma capela

dedicada a Santo António, na mesma povoação, junto às suas casas de moradia, a que vinculou bens [335].

2º ANTÓNIO DA VEIGA, presbítero, de Bragança, José Vaz, presbítero, de Dine, e sua prima D. Domingas Vaz, de Fontes Trás Baceiro, obtiveram em 1793 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia, na Mofreita. Preliminares do Recolhimento da Mofreita fundado pelo bispo D. António da Veiga, quando abade da mesma povoação.

3º A REGENTE DO CONSERVATÓRIO *(sic)* da Mofreita, obteve em 1794 licença para *oratório* particular no mesmo estabelecimento.

4º Doutor DOMINGOS LOPES NOGUEIRA, abade da Mofreita, e sua irmã D. Ana Leocádia Nogueira, obtiveram em 1779 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia.

MOGADOURO

ANTÓNIO JOSÉ DE MORAIS PIMENTEL, bacharel, juiz de fora de Moncorvo, filho do capitão-mor e monteiro-mor da vila do Mogadouro Manuel Inácio de Morais e de D. Maria José Antónia Pimentel.

Neto paterno de Luís Inácio de Figueiredo e de D. Rosa Maria de Morais. Neto materno de António Rodrigues Pimentel e de D. Maria Ferreira. Teve carta de brasão com as armas dos Morais e Pimentéis, passada a 22 de Junho de 1795, a qual está registada no *Cartório da Nobreza,* livro V, fol. 62 [336].

Família Ferreiras Morais, ramo da Casa de Tuizelo que passou à vila do Mogadouro [337]

1º FRANCISCO FERREIRA DE MORAIS PINTO, moço fidalgo, coudel-mor das coudelarias da comarca de Miranda, vivia solteiro em 1777.

2º D. FRANCISCA ANTÓNIA FERREIRA DE MORAIS PINTO, religiosa em Santa Clara de Bragança, hoje [1777] falecida.

(335) Todas as notícias deste capítulo são extraídas do Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

(336) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* parte I, p. 64.

(337) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.* Ver o volume IV, p. 348, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

3º D. Catarina Maria Rosa de Morais Pinto, também religiosa em Santa Clara de Bragança, hoje [1777] falecida.

4º Martinho Monteiro, fundou uma capela com vínculo de morgadio de que foram administradores: Lucas de Castro Monteiro e José Jorge Machado.

Barão do Mogadouro

1º António Saraiva de Albuquerque Vilhena, segundo Barão do Mogadouro, por sua mulher, e tenente-coronel honorário do batalhão nacional de caçadores da cidade da Guarda.

Nasceu a 9 de Setembro de 1822 e casou a 5 de Outubro de 1844 com a segunda Baronesa do Mogadouro, D. Ana Isabel Maria de Moura Pegado de Oliveira, que nasceu a 10 de Outubro de 1824.

Descendência:

2º João António Ferreira de Moura, terceiro Barão do Mogadouro.

A criação do título foi por decreto de 28 de Dezembro de 1839.

A renovação para o terceiro barão foi por decreto de 24 de Agosto de 1852 (338).

O *Diário do Governo* de 29 de Julho de 1868 traz a relação dos titulares que formavam a Corte, e, entre eles, menciona o barão e a baronesa do Mogadouro.

Família Ferreira, de Tuizelo, ramificada para o Mogadouro – Bispo D. António Pinheiro

1º Francisco Ferreira de Morais Pinto.

2º D. Jerónima de Morais Pinto, irmã do precedente, que faleceu solteira na sua casa da vila do Mogadouro.

Eram filhos de João Botelho de Abreu e Morais, moço-fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, natural de Bragança, juiz dos órfãos da vila do Mogadouro, e de D. Maria Pinto Pereira.

Netos paternos de Jerónimo Ferreira de Morais, sexto senhor da casa e morgadio de Tuizelo, moço-fidalgo da Casa Real, e de D. Francisca Botelho de Abreu, sua prima, filha de Francisco Botelho de Abreu, desembargador do Porto e natural da cidade de Bragança, e de D. Maria Teixeira.

(338) PINTO; SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, 2º vol, p. 136.

Segundos netos paternos de Duarte Ferreira de Morais, quinto senhor da casa e morgadio de Tuizelo, moço-fidalgo, e de D. Jerónima Veloso de Araújo, natural de Chaves, à qual nos referimos já em *Pintos Cardosos, de Mirandela, senhores do morgadio de Santiago.*

Terceiros netos paternos de Jerónimo Ferreira de Morais, quarto senhor da casa e morgadio de Tuizelo, moço-fidalgo da Casa Real, e de D. Catarina Veloso de Araújo, natural de Chaves, filha de Francisco Álvares Veloso, vedor-geral em Chaves, fidalgo da Casa Real, filho de António Álvares Veloso.

Quartos netos paternos de Duarte Ferreira de Morais, terceiro senhor da casa e morgadio de Tuizelo, moço-fidalgo da Casa Real (filho de Francisco de Morais, segundo senhor da dita casa e morgadio, e de D. Violante de Sá, filha de Francisco Ferreira de Sá, comendador da Ordem de Cristo), e de D. Leonor de Aragão, filha de Álvaro Fernandes Pinheiro, irmão de D. António Pinheiro, quarto bispo de Miranda.

Netos maternos de Gaspar Pinto Ferreira, juiz dos órfãos da vila do Mogadouro, e de D. Catarina Pinto Cardoso, natural de Mirandela, filha de Belchior Pinto Cardoso, terceiro senhor do morgadio de Santiago de Mirandela, ao qual já nos referimos em *Mirandela,* e de sua primeira mulher D. Leonor de Sousa, natural de Mirandela, filha de Gaspar de Sousa, juiz dos órfãos de Mirandela, que residiu em Carvalhais e que por ser natural de Tânger lhe chamavam o *Tangerino,* e de D. Comba Pinheiro.

Segundos netos maternos de Bartolomeu Pinto Pereira, juiz dos órfãos do Mogadouro, e de D. Maria de Madureira, filha de João de Azevedo, que residiu em Vila Flor, e de D. Ana de Lobão.

Terceiros netos maternos de Gaspar Pinto Pereira e de D. Maria de Ataíde, natural do Mogadouro, filha de Álvaro de Sousa e Ataíde e de D. Catarina de Lobão.

Quartos netos maternos de Diogo Pinto Pereira (filho terceiro de Francisco Vaz Pinto e de D. Maria de Valença) e de D. Isabel de Lobão Pimentel, filha de Henrique Pimentel, alcaide-mor de Miranda[339].

MOIMENTA

António José Gonçalves, da Moimenta, concelho de Vinhais, obteve em 1790 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia onde

(339) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*
Em *Mirandela – Pintos Cardosos,* fazemos a descrição deste códice.

se pudesse celebrar missa. Esta concessão era extensiva também a seu tio João Gonçalves, reitor de Tinhela e natural da Moimenta (340).

Família Gil Lamadeita

1º João Gil Lamadeita Rodrigues Salgado Lousada, natural da Moimenta e administrador de um opulento morgadio.

Era fiiho de Francisco Gil Lamadeita, administrador do mesmo morgadio, e de D. Maria Josefa Salgado Lousada, natural de Vila Nova da Serra, jurisdição de Puebla de Sanabria, reino de Castela.

Neto paterno de Domingos Gil Lamadeita.

Bisneto paterno de Estêvão Lamadeita, filho de Bartolomeu Lamadeita, natural de Requeixo, jurisdição de Puebla de Sanabria, donde passou para Portugal, filho de Estêvão Lamadeita, natural do mesmo lugar.

Neto materno de D. Francisco Rodrigues de Lousada e de D. Maria Josefa Salgado.

Bisneto materno de outro Francisco Rodrigues de Lousada, filho de outro do mesmo nome, e de D. Catarina Lousada.

Teve por brasão de armas um escudo esquartelado: no primeiro as armas dos Lamadeitas; no segundo as dos Lousadas; no terceiro as dos Salgados e no quarto as dos Castros.

Foi-lhe passado este brasão a 5 de Fevereiro de 1771 e registado no *Cartório da Nobreza,* livro I, fol. 144 (341).

Encontra-se em Bragança, na posse da família Figueiredo (Padre Francisco de) um códice iluminado contendo o brasão de armas de João Gil Lamadeita Rodrigues e a respectiva carta. Este códice esteve na exposição de arte que se fez em Bragança em 29 de Agosto de 1924, promovida pelo devotado regionalista e grande crítico de arte Dr. Raul Manuel Teixeira, juiz de direito na Carrazeda em Ansiães.

2º D. Rita Joana Cláudia, da Moimenta, filha de Francisco Gil e de D. Teresa Gil, noviciou no convento de S. Bento de Bragança em 1787 (342).

3º Francisco Gil Lamadeita, escritor e abade de Meixedo, onde faleceu em 1739, pertencia a esta família e a ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

(340) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(341) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico*, p. 293.
(342) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de S. Bento.*

A família Gil Lamadeita está hoje representada pelas duas irmãs:

4º D. Arminda Pinto Coelho de Ataíde, viúva de Carlos Augusto de Figueiredo Sarmento, a quem nos referimos em *Bragança – Figueiredos,* nasceu em Murça, a 12 de Junho de 1871, onde seu pai era delegado.

5º D. Ermelinda Virgínia Pinto Coelho de Ataíde, nasceu em Murça, a 10 de Janeiro de 1875. Solteira.

São filhas de Francisco Pinto Coelho de Ataíde (343), natural da Moimenta, que faleceu sendo delegado do procurador régio em Chaves, em 1881, com quarenta e nove anos de idade, e de D. Ermelinda Virgínia de Sousa Figueiredo, natural de Rio de Fornos, concelho de Vinhais.

Netas de Joaquim de Castro Pinto de Ataíde, juiz dos órfãos de Monforte do Alentejo, em Novembro de 1819 e corregedor em Bragança, por despacho de 3 de Setembro de 1827. Era natural de Basto, diocese de Braga, filho de José Bernardo de Castro e de D. Perpétua Pinto Coelho de Ataíde. Pertence a esta família o célebre advogado e escritor Domingos Pinto Coelho, que tanto se tem notabilizado nos tribunais de Lisboa e na imprensa.

Tendo ficado órfã a herdeira única do opulento morgadio da Moimenta durante a corregedoria de Pinto de Ataíde em Bragança, que como tal superintendia no inventário, este casou com ela.

Bisnetas de Francisco Gil de Lamadeita e Castro, que nasceu em 1777 e em 1823 era tenente-coronel.

Terceiras netas de João Lamadeita Salgado (1º, atrás citado), capitão das ordenanças, por carta régia de 2 de Março de 1788.

Em 29 de Maio de 1767 José Álvares Teixeira, abade de Sobreiro, concelho de Vinhais, fez doação de bens a sua irmã D. Teresa Maria de Jesus para casar com João Gil Lamadeita (344).

MONCORVO

Família Botelhos

1º Doutor Afonso Botelho Soto Maior, do conselho da Fazenda Real, natural de Moncorvo, filho de Manuel Botelho, residiu em Lisboa, onde foi merinho-mor do Paço e casou com D. Isabel Botelho.

---

(343) Ver o volume I, p. 223, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

(344) Documentos existentes em poder da família Ataíde da Moimenta.
O apelido Lamadeita vem de uma povoação assim chamada, na raia da Galiza, freguesia de Verrande, que enfrenta com Vilar Seco de Lomba, no concelho de Vinhais.

Fidalgo cavaleiro, por alvará de 29 de Agosto de 1705 (345).

Descendência:

I. *Luís Botelho de Sequeira* (2º, adiante citado).

II. D. *Guiomar de Sequeira.*

2º Luís Botelho de Sequeira, residiu em Mondim e casou com D. Ana Rodrigues de Magalhães, filha de Manuel Fernandes da Cunha, capitão-mor de Leiria (?).

Descendência:

I. *Jorge Botelho de Sequeira* (3º, adiante citado).

II. *D. Isabel Botelho de Sequeira.*

III. D. *Luísa de Almeida.*

3º Jorge Botelho, residiu em Mondim e casou com D. Maria de Proença, filha de Manuel de Proença

Descendência:

I. *Frei Mauro Botelho.*

II. *Frei Germano de Magalhães,* ambos frades bernardos.

III. *Luís Botelho de Sequeira* (4º, adiante citado).

IV. *Jorge de Magalhães da Cunha,* abade de Alfândega.

V. *Belchior Botelho da Fonseca.*

VI. *D. Maria de Magalhães,* que casou com o doutor Manuel Godim.

VII. *D. Filipa de Magalhães.*

VIII. *D. Luísa de Magalhães,* ambas freiras em Trancoso.

IX. *D. Francisca.*

X. *D. Isabel,* ambas freiras em Viseu.

4º Luís Botelho, residiu em Moncorvo, onde foi juiz dos órfãos e casou com D. Luísa de Sá, filha de Luís Ferreira Leitão. Ver em *Moncorvo – Ferreiras.*

Descendência:

I. *Luís Botelho de Magalhães* (5º, adiante citado).

II. *Lopo de Sá Ferreira,* que foi alferes do mestre de campo.

III. *Jorge Botelho de Magalhães,* que sendo alferes de infantaria faleceu no sítio de Elvas.

IV. *D. Maria de Madureira,* segunda mulher de Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos.

O códice, de onde extraímos estas notícias, diz a seguir, em caligrafia diferente e mais moderna: «cuja filha D. Ignacia Maria de Vasconcellos casou com João Ferreira Sarmento Pimentel em Bragança. Com geração».

(345) Livro 13 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 368.

V. *D. Juliana de Sá,* que casou com Domingos Carneiro Borges. Deixou descendência.

VI. *D. Francisca de Magalhães,* que faleceu solteira.

5º Luís Botelho de Magalhães, residiu em Moncorvo, foi familiar do Santo Ofício e casou com D. Mariana de Mesquita, filha de António Barreto de Aragão, de Moncorvo.

Descendência:

I. *Francisco Xavier Ferreira,* que faleceu ainda criança.

II. *D. Maria Raquel,* que casou com o doutor Diogo Monteiro Coelho, de Lamego.

III. *D. Rosa Manuela,* freira em Lamego [346].

Família Caregeiros (Sanceriz)

Vicente Machado de Brito, que teve novo brasão de armas, passado em 1599 [347], por estar gasto o primeiro que lhe fora concedido a 2 de Novembro de 1513, era fidalgo da Casa Real, senhor da vila de S. Ciriz.

Filho primogénito de João Machado de Brito.

Neto de Pedro Machado.

Bisneto do doutor João Machado, desembargador da Casa da Suplicação, ao qual fora passado em 1513 o primeiro brasão.

Terceiro neto do doutor Pedro Machado, desembargador de El-Rei D. Afonso VI do seu conselho e ouvidor da Casa da Suplicação.

Quarto neto de João Esteves de Vila Nova Caregeiro, alferes-mor de El-Rei D. João [IV].

Quinto neto de Vasco Afonso Caregeiro, senhor da torre de Moncorvo.

Sexto neto de Afonso Anes Caregeiro, instituidor dos morgadios dos Caregeiros.

Brasão – escudo em campo esquartelado: no primeiro as armas dos Caregeiros; no segundo as dos Machados; no terceiro as dos Esteves e no quarto as dos Coelhos. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro, paquife de ouro verde e por timbre a águia do primeiro que é dos Caregeiros.

(346) *Notícias sobre os Ferreiras de Bragança.* Em *Bragança – Ferreiras* publicamos a descrição bibliográfica deste códice.

(347) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico*, p. 650.

Família Carvalho Camelo e Castro

1º António Luís de Carvalho Camelo e Castro (a quem alguns genealogistas chamam António Manuel de Carvalho Camelo e Castro), era natural de Moncorvo, filho de António Francisco de Carvalho Camelo e Castro, fidalgo da Casa Real.

Neto de Luís Camelo de Castro.

Foi nomeado fidalgo cavaleiro, por alvará de 20 de Março de 1786 (348).

2º António José de Carvalho Camelo e Castro, irmão do precedente, foi agraciado com igual título na mesma data (349).

3º António Francisco de Carvalho Camelo e Castro, natural de Moncorvo, filho de Luís Camelo e Castro, fidalgo da Casa Real.

Neto de António Carvalho de Gamboa.

Foi nomeado fidalgo cavaleiro, por alvará de 27 de Janeiro de 1757 (350).

Família Ferreiras

1º Miguel Ferreira Leitão, filho de Pero Simão Ferreira, foi corregedor em Coimbra e é o primeiro desta família que aparece a residir em Moncorvo. Instituiu o morgadio da Tarrincha, nos campos da Vilariça, e casou com D. Luísa de Meneses, de Moncorvo.

Era filho de António Domingues de Madureira (ver *Morais e Domingues de Madureira),*

Descendência:

I. *Luís Ferreira Leitão* (2º, adiante citado).

II. *D. Maria de Gamboa e Madureira,* que casou com o doutor Baltazar de Azevedo, lente de Prima. Não deixou descendência.

III. *D. Guiomar de Gamboa.* Não deixou descendência.

IV. *D. Ana dos Santos.*

V. *D. Isabel Ferreira,* ambas freiras na Ribeira.

2º Luís Ferreira Leitão, residiu em Moncorvo e sucedeu no morgadio da Tarrincha.

Casou com D. Juliana de Sá Pereira, filha de Ambrósio de Sousa Pinto, de Moncorvo.

Descendência:

(348) Livro 20 das *Mercês da Rainha D. Maria I,* fol. 244, in *Dicionário Aristocrático.*
(349) Ibidem.
(350) Livro II das *Mercês de El-Rei D. José,* fol. 191 v., in *Dicionário Aristocrático.*

I. *D. Luísa Ferreira de Sá,* que sucedeu no morgadio da Tarrincha e casou com Luís Botelho de Sequeira, natural de Mondim (ver *Ferreiras).*

II. *D. Ana de Sá,* que casou com Cristóvão Correia Pires, natural da Faia, concelho de Faria [351]. Outros genealogistas dão-lhe o nome de Cristóvão Ferreira Freire.

Descendência de D. Luísa Ferreira de Sá (I, atrás citada) [352]:

D. Maria de Madureira, que casou com Cristóvão de Gouveia de Vasconcelos, cavaleiro do hábito de Cristo.

Descendência:

D. Inácia Maria de Vasconcelos, que casou em Bragança com João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real.

MANUEL INÁCIO FERREIRA DE SOUSA E ABREU, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, capitão da companhia dos privilegiados da cidade da Baía, natural de Moncorvo, filho do capitão Manuel Ferreira de Andrade e de D. Maria Madalena de Sousa e Abreu.

Neto paterno de Domingos Ferreira de Andrade e de D. Antónia Gonçalves Ferreira.

Neto materno de João de Sousa de Magalhães e de D. Maria de Abreu de Mesquita.

Teve no escudo as armas dos Sousas do Prado, Ferreiras, Andrades e Abreus.

Foi-lhe passado este brasão a 8 de Fevereiro de 1765 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro particular, fol. 135 [353].

Família Fonseca Moniz, barão de Palme

D. GERTRUDES ERMELINDA MONIZ, segunda Baronesa de Palme, nasceu a 22 de Setembro de 1817 e casou a 14 de Setembro de 1850, com José Cardoso Coelho de Morais Pessoa, que também foi barão de Palme, filho do capitão-mor de Lafões, João Cardoso Coelho de Morais.

(351) Ver *Bragança – Ferreiras* onde vem a descrição do códice donde extraímos estas notícias, o qual aponta a genealogia dos *Ferreiras,* de Moncorvo, desde o tempo de D. Afonso Henriques, com larga série de avoengos ilustres nas armas, nas letras e na virtude, série que todavia não transcrevemos por se tratar de pessoas que não viveram no distrito de Bragança.
(352) Esta parte que segue foi acrescentada no códice em caligrafia diversa e mais moderna.
(353) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 483.

Era filha de José Maria da Fonseca Moniz, primeiro Barão de Palme, que nasceu em Moncorvo a 20 de Dezembro de 1794, brigadeiro do exército; comandante da terceira e quarta divisões militares; do conselho de El-Rei; comendador das Ordens de Avis, da Torre e Espada e da Conceição; condecorado com a medalha nº 2 da Guerra Peninsular; deputado à sexta legislatura e à segunda depois da restauração da carta em 1846, e à oitava de 1851 a 1852.

Faleceu a 20 de Dezembro de 1862, tendo casado a 29 de Novembro de 1816 com D. Maria Clementina Leite de Oliveira que nasceu a 30 de Agosto de 1790 e faleceu a 21 de Abril de 1848, filha segunda de José António de Oliveira Pinto e de D. Ana Bernardina Leite de Oliveira.

Neta de Francisco José Nunes da Fonseca Moniz que nasceu a 25 de Abril de 1750 e casou a 10 de Maio de 1870 com D. Ana Maria Madureira Torres, que nasceu a 4 de Julho de 1752, natural da vila da Torre de Moncorvo, filha de João de Torres de Porto Carrero, natural da vila de Mós, e de D. Luísa Ferreira de Castro, natural da vila da Torre de Moncorvo.

Francisco José Nunes da Fonseca Moniz, deixou a seguinte descendência:

I. *José Maria da Fonseca Moniz,* primeiro Barão de Palme, atrás citado.

II. *D. António Bernardo da Fonseca Moniz,* bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra; bispo do Algarve, depois transferido para a diocese do Porto, onde faleceu a 4 de Dezembro de 1859; cavaleiro da Ordem Cristo, em Outubro de 1825; deputado à oitava legislatura de 1851 a 1852 e à segunda de 1836.

A *Revista Contemporânea,* págs. 13 e 14, trata da vida e feitos deste prelado.

III. *Carlos Felizardo da Fonseca Moniz,* abade de Beiriz; do conselho de El-Rei; deputado à oitava legislatura de 1851 a 1852, que durou oito meses: de 15 de Dezembro a 24 de Julho. Faleceu a 10 de Novembro de 1880.

Bisneta do doutor José Nunes da Fonseca, natural do lugar de Urros, que casou com D. Rosália Maria Rita, natural de Moncorvo.

Criação do título. BARÃO – Decreto de 2 de Junho de 1851.

Renovação – Decreto de 18 de Fevereiro de 1852.

Brasão de armas – Escudo esquartelado: no primeiro as armas dos Fonsecas; no segundo, em campo azul cinco estrelas de oiro, de oito raios, em sa[u]tor; no terceiro as armas dos Cardosos e no quarto as dos Coelhos. Por timbre o dos Fonsecas, que é um toiro vermelho armado de oiro e uma estrela do mesmo metal, na espádua.

Residência – Quinta de Palme, em São Pedro do Sul [354].

O primeiro Barão de Palme, José Maria da Fonseca Moniz, entrou nas campanhas da Guerra Peninsular contra os franceses sendo despachado alferes, por distinção, em Dezembro de 1813.

Em virtude dos seus sentimentos constitucionais emigrou em 1828 com a divisão liberal para a Galiza e dali para Inglaterra, embarcando depois para os Açores, onde tomou parte na acção da Vila da Praia e na restauração da ilha de S. Miguel. Foi um dos sete mil e quinhentos bravos que desembarcaram em 8 de Julho de 1832 nas praias do Mindelo.

A bravura com que se houve nos diversos recontros que se feriram no Cerco do Porto, principalmente na batalha de Ponte Ferreira e sortida de Lordelo, valeu-lhe o oficialato da ordem da Torre e Espada.

Igual bravura mostrou depois na expedição ao sul do reino, no combate de Cacilhas e batalha de Almoster.

Em 1835, fez parte da divisão auxiliar que foi a Espanha, regressando, porém, logo a Portugal em virtude de doença.

Tomou parte na luta civil denominada «Maria da Fonte». Foi deputado em 1846 e depois na legislatura de 1851 a 1852.

Família Malheiro

Alexandre José Malheiro, capitão de infantaria auxiliar do terço da comarca de Moncorvo, natural da freguesia de Santa Eugénia da mesma comarca, filho de Luís Álvares Malheiro, almoxarife da citada comarca, capitão reformado do mesmo terço, e de D. Maria Josefa Joaquina, sua prima, da Casa da Ponte.

Neto paterno de Pedro Martins Malheiro, almoxarife da citada comarca, e de D. Maria Gonçalves da Cruz.

Teve brasão, passado a 5 de Maio de 1788, com as armas dos Malheiros, Guedes, Mesquitas e Araújos, o qual se encontra registado no *Cartório da Nobreza,* livro IV, fol. 56 v. [355].

(354) SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares,* tomo 2º, p. 222 e *Arquivo Heráldico Genealógico,* pelo mesmo.
Portugal Dicionário Histórico, artigo *Palme* (José Maria da Fonseca Moniz, primeiro barão de).
(355) SANCHES DE BAENA –*Arquivo Heráldico Genealógico,* part. 1ª, p. 9.

Morgado do Marmeleiro

Transcrevemos em seguida o testamento de Afonso Domingues, escudeiro de El-Rei, e de sua muíher D. Filipa Vaz, extraído do *Tombo do morgadio de Santo* António, em cujo frontispício se lê:

«Tombo do morgado de Santo Antonio que instituiu Affonso Domingues de Madureyra e Felippa Vaz primeiros instituidores d'este morgado de que hoje é administrador Luís Camello de Castro Fidalgo da Casa de S. M. Anno de 1757. Torre de Moncorvo».

Ao distinto engenheiro António de Carvalho e Sá, actual representante dos fundadores deste morgadio, agradecemos a cópia deste testamento que nos enviou, extraída do documento original:

«Em nome de Deos Amen. Saibam quantos este instrumento de manda e Testamento virem que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatro centos noventa e um annos aos vinte dias do mez de Novembro na villa da Torre de Moncorvo em presença de miu Taballiam e testemunhas ao diante escriptas parecerão Affonso Domingues Escudeiro de El Rey Nosso Senhor, e sua mulher Phelippa Vaz moradores na dita villa, e disserão que helles temendo Deos Nosso Senhor e a sua hora da morte que helles nam podião escuzar e não sabiam quando poderia ser que helles ambos presentes de suas proprias e livres vontades helles faziam a sua manda e Testamento por esta guiza que se adiante segue.

Primeiramente disseram que helles emcomendavão as suas Almas a Deos Padre que os criou, e fez de nem huma cousa e a Santa Maria sua Madre que ella queira ser Rogada por helles ao seu Bento Filho que os queira levar a sua gloria.

Disseram que mandavam enterrar seos corpos na Igreja de Santa Maria da dita villa dentro na dita Igreja, e que mandavão que lhe pagassem por suas cobas ou coba em que ambos fossem enterrados segundo costume. Item que elles deixam um ao outro por seu testamenteiro e herdeiro na maneira que se ao diante segue. – S – qualquer que delles primeiro fallesser da vida presente haija o que ficar vivo toda a sua fazenda dambos em dias de sua vida somente seja obrigado de mandar cantar hum anal de miças e vestir tres pobres de pardo. – S – de capas e saias e o que asim ficar vivo a morte do primeiro por sua morte não possa tomar mais de outro tanto, e se por ventura em sua vida fizer alguãs esmollas de bens moveis porque com a raiz não possa bullir nem aramar que preste tudo o que asi gastar e despender por ambos e por suas Almas de ambos.

Disserão ambos que se por ventura sua sobrinha della Phellippa filha de sua Irmãa asertar de chegar a idade de cazar que por seus bens moveis ou em dinheiro ou em Roupa ou couza que valha trez mil reis e todo o al que ficar de sua fazenda asi dos bens moveis como de Raiz por morte do deradejro fique para hum Esprital novo que elles ambos apraz de fazerem em as suas cazas em que hora vivem o qual será regido, e admenistrado por esta giza que se adiante segue. S. que asertando de cazar o que asim deradejro ficar vivo, e havendo algum filho ou filha que tal como este seja admenistrador, e não havendo filho ou filha que seja admenistrador qual parente delles o mais chegado sendo para hisso apto e pertencente que mais que se achar puder asi em direjta linha ao qual será ordenado o que por seu travalho havera pella dita manistraçam e se por ventura lhe não for ordenado em vida de ambos que o que ficar vivo deradejro lhe ordene o que haja de haver porem no Esprital havera quatro camas de boa roupa. S. sinco cabecais para cada cama e quatro lansois, e uma Alvadeira (356) que hüa cuberta de burel e um par de mantas que sam asim oito mantas e quatro cubertas e quatro almadraques (357) e vinte cabecais e dezaseis lançois, e para estas quatro camas sejam feitos quatro leitos de madeira que se possam mudar duma parte para a outra e os lançois e cabertas sejam de sete varas e os juizes que forem na dita Villa em cada um anno tomaram conta ao dito admenistrador se tem tudo isto pela giza que dito he e haveram por seu trabalho de tomar conta trinta reis em cada hum anno ou o seu justo vallor e isto com condiçam que no dia que entrarem por juizes lhe tomem a dita. S. se tem as ditas camas perfeitas e se separam os bens que lhe para isso sam deixados em Tombo e manejra que sempre sejam melhorados e nam peiorado e isto mesmo se recebe os pobres com bom gazalho ou se lhes dá agoa, sal e fogo o que quiserem a qual informaçam elles haveram por tres vesinhos os mais chegados a casa do dito Esprital que sejam de boa fama e sam conciencia que seus testemunhos devam ser cridos e se acharem que elles o nam faz como deve na primejra escapam (358) que se fizer na dita Villa o mandem chamar e o amoestem perante todos que se correia e emmende da lesa em que achado for, e não o querendo elle fazer daly athe tres mezes primeiros seguintes se enformaram em outro algum da linha direita que o melhor faça e o mandaram chamar e lhe daram a dita administraçam do dito Esprital e bens fazendo lhe todo emtregar, e haverá por seu trabalho o que o outro havia de haver

(356) Noutra cópia esta – *Aradaia.*
(357) VITERBO, Sousa – *Elucidário,* artigo «Almadraque II» «Almadrequexa».
(358) Idem, artigo *Escapar.*

e se tal pessoa for que tudo tenha gastado, e nam tiver por onde pagar que o metam na cadeia, e dos bens que do dito ano ficar seram posto em Tombo o qual será posto com este Testamento na arca do Conselho e o administrador terá de todo o tresllado para se regrar por elle e saber o que hade fazer.

Dizendo mais os sobreditos que o dito menistrador terá carrego de mandar dizer hüa miça no dito Esprital no altar delle pellas almas delles em cada sesta feira de cada hüa semana e pagará ao clerigo que a disser por ella dez reis, e se lhe nam der candeias que lhe pague doze reis pella dita misa, e o Clerigo ponha o qual clerigo será aquelle que o dito menistrador vir que é mais apto, e ainda se puder logo a tomar por abença no começo do anno que tenha cuidado de lhas dizer, e asertandoce de morrer algum perigrino no dito Esprital que o dito menistrador lhe dea lançol em que o emvolvam e lhe fará dizer tres miças por sua alma pagas a quinze Reis a miça porque he couza de mizericordia, e servisso de Deos, e esta mesma manejra se fará sempre com todos os Espritaleiros e se o bem nam fizerem desde que amoestados forem como dito hé, e se por ventura El Rey nosso Senhor porque tem entendido nesta cauza quizer unir e ajuntar ao Esprital da dita Villa com este que antam se terá a maneira que Sua Alteza em elle mandar em testemunho disto entregaram e mandaram ambos ser feito este Testamento e por este revogam e dam por revogados, e por nem huns outros quais quer sedullas e Testamentos que athe aqui tenham feito ambos ou cada um delles, e que este querem que valha, e se cumpra como dito he, e outro nenhum nam porque estas sam as suas vontades proprias, testemunhas que foram prezentes chamadas e rogadas Vasco Annes, e Luís da Costa, escudeiros, e Affonço Annes, creado do Contador e o gualguo Cordoeiro espozado, todos moradores na dita Villa e Joam de Cansigens e outros e eu Joam Affonso Tabelliam del Rey, nosso Senhor, na dita Villa da Torre que este por Rogo e requerimentos dos sobre ditos escrevy e aqui meu signal fiz que tal he» (359).

1º Afonso Domingues, instituidor do morgadio de Santo António de Moncorvo em 1491, era filho de Gonçalo Domingues de Madureira e de D. Ana Mendes, ambos de Ansiães. Casou, em primeiras núpcias, com D. Filipa Vaz e, em segundas núpcias, com D. Beatriz Dias.

Do segundo matrimónio teve a seguinte descendência:

(359) Na *Ilustração Trasmontana,* 1910, p. 42, publicamos este documento segundo cópia que obtivemos por outra via.

2º ANTÓNIO DOMINGUES, o *Velho,* que casou com D. Isabel Madureira e Morais, do Vimioso.

Descendência:

3º ANTÓNIO DOMINGUES, o *Moço*, que casou com D. Antónia Garcia de Gamboa, de Almofala.

Descendência:

4º ANTÓNIO DOMINGUES CARVALHO DE GAMBOA, que casou com D. Isabel de Almeida, de S. Martinho de Ceia.

Descendência:

5º ANTÓNIO DOMINGUES DE CARVALHO GAMBOA, que casou a 3 de Janeiro de 1601, com D. Ana de Castro Borges, de Moncorvo onde nasceu a 2 de Abril de 1574, filha de António de Castro Borges e de D. Maria de Castro, casados em 25 de Janeiro de 1571 e pais também de Tomé de Castro Borges, instituidor do morgadio do Marmeleiro, nos arrabaldes de Moncorvo.

D. Ana de Castro Borges, era neta paterna de Francisco de Castro Borges e de D. Maria Borges, filha do corregedor de Viana, António de Castro.

Descendência:

6º ANTÓNIO DE CARVALHO GAMBOA, que nasceu a 6 de Agosto de 1604, foi capitão de infantaria de Bragança e casou, a 6 de Outubro de 1638, com D. Catarina Soares, filha de António de Morais Teixeira e de D. Maria Soares, ambos da Castanheira de Monforte de Rio Livre.

Descendência:

7º ANTÓNIO CARVALHO DE GAMBOA, que nasceu a 2 de Fevereiro de 1640 e casou, a 22 de Setembro de 1672, com D. Ana Borges Camelo e Castro, que faleceu em 1713, filha de Luís Camelo, falecido em 1659, e de D. Leonor Camelo Cabral, falecida em 1683, ambos de Moncorvo.

António Carvalho de Gamboa, teve mais duas irmãs que foram freiras.

Descendência:

8º ANTÓNIO CARVALHO DE GAMBOA, tenente coronel de cavalaria do regimento de Almeida que faleceu, sem descendência, em 1751, sucedendo-lhe na administração do vínculo seu irmão:

9º LUÍS CAMELO DE CASTRO, baptizado em 19 de Março de 1682 e falecido a 14 de Novembro de 1763. Era bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, fidalgo da Casa Real, por alvará de 20 de Março de 1756 e casara a 6 de Agosto de 1736 com D. Josefa Luísa de Miranda, de Mirandela, filha de José Maria António de Sequeira e de D. Feliciana Teixeira de Sequeira, de Lamas, concelho de Mirandela.

Além de seis filhas, que foram freiras no convento de S. Bento de

Bragança e se chamavam: – *D. Maria Madalena, D. Maria da Conceição, D. Bernarda, D. Antónia, D. Ana Vicência* e *D. Catarina Leonor,* foi seu filho:

10º António Francisco de Carvalho e Castro, que nasceu a 23 de Abril de 1743 e foi fidalgo da Casa Real, por alvará de 27 de Janeiro de 1757, comendador da Ordem de Cristo, por alvará de 27 de Setembro de 1830 e capitão-mor de Moncorvo, por despacho do Conselho de Guerra de 30 de Janeiro de 1777.

Casou com D. Francisca Antónia Sarmento e Vasconcelos, nascida em Moncorvo a 13 de Setembro de 1741 e falecida a 22 de Agosto de 1817, filha de José Luís Carneiro de Vasconcelos, fidalgo da Casa Real, e de D. Angélica Bernarda Sarmento de Vasconcelos, de Paradinha, Moimenta da Beira, neta paterna de Lourenço Carneiro de Vasconcelos e de D. Isabel de Vasconcelos e materna de José Sarmento de Vasconcelos, de Algoso, e de D. Maria Josefa de Carvalho e Castro.

Descendência:

11º António Manuel de Carvalho e Castro, que nasceu em Moncorvo a 26 de Agosto de 1765 e faleceu a 30 de Setembro de 1845.

Era fidalgo da Casa Real, por alvará de 20 de Março de 1786, cavaleiro da Ordem de Cristo, por alvará de 14 de Abril de 1790, alferes do segundo regimento de infantaria de Bragança, a 14 de Abril de 1790, tenente do mesmo a 13 de Junho de 1796, tenente coronel do regimento de milícias de Miranda a 17 de Dezembro de 1799, coronel do mesmo a 4 de Maio de 1809 e coronel do regimento de milícias de Moncorvo a 8 de Setembro de 1809. Foi condecorado com a Cruz de Ouro da Guerra Peninsular por ordem do dia de 28 de Março de 1820.

Casou a 25 de Maio de 1817 com D. Maria Amélia Freire Cortês de Andrade, da Freineda, concelho de Almeida, filha de Baltazar Freire de Andrade da Fonseca Osório Corte Real, fidalgo da Casa Real, capitão-mor de Castelo Branco, e de D. Josefa Cortês de Carvalho e Vasconcelos, de Santa Eufémia.

António Manuel de Carvalho e Castro tinha os seguintes irmãos:

António Luís de Carvalho e Castro, que nasceu a 28 de Abril de 1762, e casou com D. Joana Bernarda Ferreira de Aragão. Faleceu a 12 de Novembro de 1813 sem descendência. Foi capitão-mor de Moncorvo, por despacho do Conselho de Guerra de 12 de Janeiro de 1797, e era condecorado com o hábito de Cristo, por alvará de 11 de Abril de 1799.

António José de Carvalho e Castro, que nasceu a 6 de Agosto de 1768 e faleceu a 20 de Agosto de 1799. Foi fidalgo cavaleiro da Casa Real, por alvará de 20 de Março de 1786 e alferes do segundo regimento de infantaria de Bragança, a 14 de Abril de 1790.

António Manuel de Carvalho e Castro deixou descendente:

12º ANTÓNIO DE CARVALHO E CASTRO FREIRE COSTÊS, último administrador do morgadio do Marmeleiro, instituído por testamento de 23 de Abril de 1620 por Tomé de Castro Borges e sua mulher D. Ana de Gamboa (5º, atrás citado) que passou a ser administrado pelo ramo direito dos morgados de Santo António, no tempo de seu pai António Manuel de Carvalho e Castro, sendo-lhe rectificada a posse por sentença cível confirmada por acórdão da Relação de Lisboa de 3 de Abril de 1827.

Nasceu a 13 de Dezembro de 1823 e faleceu a 9 de Novembro de 1902. Fidalgo da Casa Real, por alvará de 29 de Fevereiro de 1865, presidente, por vezes, da Câmara Municipal de Moncorvo, juiz de direito substituto da mesma comarca, visconde de Marmeleiro [360].

Descendência:

13º Doutor ANTÓNIO EUGÉNIO DE CARVALHO E SÁ, engenheiro, actual director do caminho de ferro de Murmugão, na Índia, a quem agradecemos a gentileza dos elementos que nos forneceu para estas notícias.

As armas usadas pelos morgados de Santo António eram: brasão esquartelado: no primeiro as armas dos Carvalhos; no segundo as dos Gamboas; no terceiro as dos Morais e no quarto as dos Castros. Por timbre o dos Carvalhos – um cisne de prata com uma estrela de oiro no peito.

Família Mesquitas Morais e Castros

1º FRANCISCO ANTÓNIO OSÓRIO DE MESQUITA E CASTRO, sexto senhor da Salgosa e morgado do Souto, fidalgo da Casa Real, ajudante de sala do tenente general em chefe George Cary, que comandava o exército no ano de 1762, e depois do conde de Bobadela, general da província da Beira, e do general inglês Machibiani, que lhe sucedeu no Governo das armas da mesma província. No ano de 1772 foi despachado para enviado da corte à Rússia, mas, por embaraços que surgiram, não chegou a partir e em 1774 foi recompensado com o despacho de governador e capitão general para a capitania de S. Paulo, no Brasil. Porém uma grave enfermidade, da qual faleceu em Lisboa em Fevereiro de 1775, impediu-o de ir tomar posse dos cargos para que tinha sido nomeado.

Não deixou descendência.

(360) Ver a nossa monografia *Moncorvo – Subsídios para a sua história*, p. 26 e 64, onde nos referimos à capela de Santo António, sede deste morgadio.

2º D. Luísa Caetana Claro Osório de Mesquita Pimentel e Castro, que sucedeu na casa, por morte de seu irmão e casou em 1775 com Belchior Pereira Coutinho de Vilhena, fidalgo da Casa Real, senhor da casa de Penedono, capitão do regimento de cavalaria de Miranda, filho primogénito de João Bernardo Pereira Coutinho de Vilhena, senhor da citada casa, e de D. Joana Teresa de Meneses, filha de D. Francisco Furtado de Mendonça, senhor da casa de Argemil, em Ponte do Lima, e de D. Mariana Luísa de Valadares Carneiro do Amaral.

Francisco António Osório de Mesquita e Castro e sua irmã D. Luísa, eram filhos de Tomás Aires de Mesquita e Castro, quinto senhor da Salgosa e do morgadio do Souto, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, colegial do Real Colégio de S. Paulo, em Coimbra, condutário com privilégios de lente, e de D. Maria Caetana de Mesquita de Morais Pimentel, sua prima, natural de Bragança, filha de Domingos de Morais Madureira Pimentel Machuca e de D. Luísa Caetana de Mesquita Pinto Cardoso, natural de Mirandela, sua prima, aos quais nos referimos em *Bragança – Morais Madureiras Pimentéis e Machucas.*

Netos paternos de Francisco de Morais de Mesquita e Castro, quarto senhor da Salgosa e do morgadio do Souto, por sua mulher, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão-mor da Torre de Moncorvo e procurador em Cortes pela dita vila, e de D. Ana Maria de Castro Osório, sua segunda prima e primeira mulher.

Segundos netos paternos de Francisco de Morais de Mesquita, filho segundo, senhor do morgadio da Salgosa, por sua mulher, e de D. Maria de Castro Osório, natural de Arranhaldos, sua prima, filha de João Ribeiro da Fonseca, terceiro senhor do morgadio da Salgosa (neto de João Ribeiro da Fonseca e de D. Joana Manuel, senhora da quinta da Salgosa, por mercê do infante D. Luís, em 1542), e de D. Isabel de Castro Osório, natural da vila do Souto, filha de Tristão Bordalo de Moura Osório (filho de André Bordalo de Moura e de D. Isabel da Fonseca Osório, irmã do bispo D. Jerónimo Osório) e de D. Filipa de Castro, filha de Jorge de Castro, senhor da casa destes, em Vilarinho da Castanheira e da quinta de Lobazim, no termo da mesma vila.

Terceiros netos paternos de António de Morais de Mesquita, quarto senhor do morgadio de Selores, natural da vila de Ansiães, e capitão-mor da mesma, e de D. Isabel de Mesquita Pimentel, natural de Vilarinho da Castanheira, sua prima, neta de Jorge de Castro, atrás citado, senhor da quinta de Lobazim.

Quartos netos paternos de Gaspar de Mesquita de Morais, terceiro senhor do morgadio de Selores (filho de Fernando de Mesquita e de D. Bri-

tes de Morais, segunda senhora do morgadio de Selores, irmã de D. Gonçalo de Morais, bispo do Porto, primeiro instituidor do referido morgadio, como consta do *Catálogo dos Bispos do Porto,* composto por D. Rodrigo da Cunha, bispo do mesmo bispado), e de D. Luísa de Meireles, sua sobrinha, filha de Gonçalo Pinto Ferreira, senhor da quinta do Prado [361].

Família Monteiro Pimentel

As notícias que a seguir publicamos, referentes a esta família, foram copiadas de um documento antigo, manuscrito que existia em Bragança, na casa dos Figueiredos e que me foi facultado por intermédio do meu grande amigo Francisco de Moura Coutinho.

«O Snr. João Monteiro Pimentel da Torre de Moncorvo nasceo em 16 de Agosto de 1614 e cazou com a Snrª Maria de Ledesma, de quem teve tres filhos a saber =.

Antonio Monteiro Pimentel.

Francisco Monteiro Pimentel.

Maria de Mesquita que era freira noviça em Santa Clara de Bragança a 6 de Fevereiro de 1665.

E falescendo o ditto Snr. João Monteiro Pimentel em 13 de Novembro de 1662 ficou por tutor dos ditos seus filhos seu Irmão Thio delles o Snr. Antonio Monteiro Pimentel, o qual entregou as legitimas a estes sobrinhos já emancipados em 23 de Agosto de 1664, e então he que foi a ditta Maria de Mesquita para freira; mas não ha mais noticia dos dittos filhos, nem se na casa de seu Pay havia vinculo, ou morgado em que succedessem.

O dito Snr. Antonio Monteiro Pimentel Irmão do ditto Snr. João Monteiro cazou primeiramente com a Snr.ª Izabel de Mesquita, de quem não teve filhos, e depois cazou com a Snr.ª D. Barbora de Sá Taveira de quem teve duas filhas a saber =.

D. Ana Monteiro de Sá que cazou com o Snr. André de Morais Sarmento.

D. Joanna Monteiro de Sá que morreu donzella.

O mesmo Snr. Antonio Monteiro Pimentel juntamente com a segunda mulher a Snr.ª D. Barbora de Sá Taveira fizerão seu testamento commum na Torre de Moncorvo em 15 de Julho de 1680 que foi aberto por falecimento do marido em 28 de Novembro de 1681: nelle vincularão suas ter-

(361) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*

ças ordenando que o ultimo que falecesse nomearia por successora dellas huma das suas duas filhas ou Anna mais velha, ou Joanna, e que não nomeando, seria Anna a successora; e que os successores unirião cada hum bens do valor de 30.000 reis: e que este testamento se tresladasse nos livros da Camara da Torre de Moncorvo, e nos das Capellas do Ecclesiastico, onde consta que foi registado em hum livro desde folio 224 em 18 de Novembro de 1682.

A ditta Snrª D. Barbora de Sá Taveira sobrevivendo a seu marido juntamente com seu Entiado filho natural do seu mesmo marido o abbade de Gondarem Gregorio de Mesquita Pimentel e com sua filha legittima a Snr.ª D. Anna Monteiro de Sá, roborando o vinculo instituido no ditto testamento commum por escriptura publica nas notas de Antonio Vaz de Carvalho da Torre de Moncorvo em 4 de Julho de 1693 accrescentarão ao vinculo os bens da ditta Snr.ª D. Barbora de Sá, os do seu enteado Gregorio de Mesquita Pimentel, os da ditta filha D. Anna Monteiro de Sá, e as legittimas da outra filha falescida D. Joanna Monteiro com obrigação de que cada administrador lhe ajuntaria o valor de 10 marcos de prata em lugar de 30.000 reis da primeira instituição do referido testamento commum.

Isto he o que consta legittimamente».

Família Morais

O *Nobiliário Grande*, título 25, diz o seguinte:

1º Martim Fernandes de Novais casou com D. Sancha Martins.

Descendência:

2º Conde D. Vasco Pimentel, que casou com D. Maria Eanes Fornelos.

Descendência:

3º D. Afonso Vasques Pimentel (e outros), que casou com D. Sancha Fernandes.

Descendência:

4º D. João Afonso Pimentel (e outros), que casou com D. Constança Rodrigues de Morais, filha de Rodrigo de Morais e de D. Alda Gonçalves, filha de Gonçalo Rodrigues de Moreira.

Descendência:

I. *D. Rodrigo Afonso Pimentel* (5º, adiante citado).

II. *D. Maria* (?) *Gonçalves*, que casou com Lourenço Pires de Távora, segundo do nome, senhor da casa de Távora, e por este casamento entrou a família dos Morais na casa dos senhores de Távora e na posse e padroado da abadia de Vinhas. Veja-se o Nobiliário da casa de Távora, fólio 124.

5º D. Rodrigo Afonso Pimentel, que foi comendador de Santiago, em

Castela, e casou com D. Lourença da Fonseca.

Descendência:

I. *D. João Afonso Pimentel,* que foi em Portugal senhor de Outeiro e de Bragança e passando a Castela foi feito conde de Benavente de quem procedem os mais.

II. *Martim Afonso Pimentel* (6º, adiante citado).

III. *João Fernandes de Morais.* (À margem, em caligrafia diferente e de época posterior, há a seguinte nota: «Hade ser o patronimico Rodrigues e não Gonçalves nem Fernandes; porque seu pay se chamava Rodrigo Affonso, e nao tomaria o filho tal nome de Affonso para diferença do irmão, por terem ambos o mesmo nome.») [19].

6º MARTIM AFONSO PIMENTEL, filho segundo, casou com D. Inês Vasques de Melo.

Descendência:

7º JOÃO AFONSO PIMENTEL (e outros), com descendência em Castela.

8º JOÃO AFONSO PIMENTEL filho do anterior, casou em Castela com D. Tareja Rico, irmã de Estevam Pacheco, senhor de Seralbo.

Descendência:

9º GIL AFONSO PIMENTEL, que casou na vila do Mogadouro com D. Leonor de Morais, filha de Gonçalo Rodrigues de Morais e de D. Maria de Sousa e está sepultado em S. Francisco de Bragança, padroado antigo dos Morais que eles deram ao Santo quando cá veio.

Descendência:

I. *Álvaro Gil de Morais Pimentel* (10º, adiante citado).

II. *D. Violante Vaz de Morais Pimentel.*

III. *Outro filho* que foi pai de D. Francisca de Morais mãe de D. Gonçalo de Morais, bispo do Porto.

10º ÁLVARO GIL PIMENTEL, que casou na Galiza com D. Isabel de Valcarcel.

Descendência:

I. *João Afonso de Morais,* que morreu na batalha de Ravena. Sem descendência.

II. *Pero Afonso Pimentel* (11º, adiante citado).

11º PERO AFONSO DE MORAIS PIMENTEL, padroeiro do capítulo de S. Francisco de Bragança, onde residiu, casou... (segue em caligrafia diferente o seguinte: «com D. Maria Pereira filha de Gonçallo Vasques Guedes dos senhores de Murça, e de sua mulher D. Maria Pereira, filha de Nuno Alvares Pereira, irmão de Gonçallo Vasques Pinto senhor de Ferreiros e Tendaes. Haro, *Nobiliário Genealo.* lib. 3. cap. 4.»).

Descendência:

I. *Aleixo de Morais Pimentel.*

II. *Inácio de Morais,* e outros.

Pero Afonso de Morais Pimentel casou, em segundas núpcias, com D. Maria Pereira Pinto de quem teve os filhos que se referem no *Nobiliário Grande,* fol. 426, etc.

Em caligrafia diferente segue: «dos quaes o primogenito he Aleixo de Moraes acima e entre os mais que teve de D. Maria Pinto foi Francisco de Moraes. Aleixo de Moraes Pimentel filho primeiro deste atraz e de sua primeira mulher casou com sua prima com-irmã D. Izabel de Moraes prima com-irmã de Affonso Sopico de que teve os filhos e descendentes que se referem no nobiliario grande fol. 428, etc.

E no acresentado ahi D. Alda Gonçalves que casou com Lourenço Pires de Tabora segundo do nome senhor da casa de Tabora e por este casamento entrou a família dos Moraes na casa dos senhores de Tabora e Mogadouro e o padroado da abbadia de Crasto que vulgarmente se diz de Vinhas. Veja-se o *Nobiliário da casa de Tabora* folio 124. (À margem há uma nota que diz: – *Veja-se fol. 53 v.)*

E por muitas sertidões tem declarado os Senhores da casa de Tabora e Mogadouro serem desta família dos Moraes e terem parentesco com muitas pessoas de Tras os Montes.

Dos senhores da dita casa de Tabora e Mogadouro se deriva e procede a família de Moraes da Torre de Moncorvo pela maneira seguinte

Estevão Mendes de Tabora foi senhor da villa do Vimioso e seu termo com sua vassalagem e com toda a jurisdição civel e crime e por elle se chamavão os juizes e mais officiaes de justiça como consta de muitos instrumentos

Era este Estevão Mendes de Tabora irmão de Pero Lourenço de Tabora, primeiro do nome e senhor da caza do Mogadouro reposteiromór del rei D. João 1º como consta por certidão: do 2º marques de Tabora».

12º Estêvão Mendes de Távora, casou com...

Descendência:

13º D. Isabel Mendes de Távora, que residiu na vila do Vimioso e casou com Gonçalo Vaz do Rego, alcaide-mor do Vimioso.

Descendência:

14º Luís de Madureira, que residiu no Vimioso e casou com D. Catarina de Morais de Távora, que descendia dos senhores do Mogadouro, e era neta de Pero Lourenço de Távora, primeiro do nome, atrás citado, senhor da casa do Mogadouro.

Descendência:

15º D. Isabel de Madureira e Morais, que residiu na Torre de Moncorvo para onde veio da vila do Vimioso, casar com António Domingues,

a quem chamaram o *Velho*, natural e residente na vila da Torre de Moncorvo, filho de Afonso Domingues, primeiro instituidor do morgadio de Santo António.

Descendência:

16º António Domingues de Madureira, chamado o *Moço,* que residiu na vila de Moncorvo e casou com D. Antónia Garcia de Gamboa, natural do lugar de Almofala, filha de D. Jácome Anes de Gamboa, originário de nobres cavaleiros de Castela.

Descendência:

17º Fernão de Morais, que foi secretário de estado do conselho de Portugal em Madrid, no tempo de D. Filipe II de Castela.

Foi sua filha D. Helena de Morais, que casou com Afonso Botelho, cavaleiro da Ordem de Santiago.

18º D. Luísa de Morais, que casou com o licenciado Gaspar Carneiro de Varejão (ver *Carneiros),* e, em segundas núpcias, com o doutor Miguel Ferreira Leitão (ver *Ferreiras).*

19º João Fernandes de Morais, que foi senhor de Bragança, casou com ... (à margem em caligrafia diferente tem a seguinte nota: «Senhor de Bragança foi seu irmão João Affonso Pimentel que seguindo a corte de Castella lhe fez mercê Henrique 3º do titulo de conde de Benevente em 17 de Mayo de 1398 e logo que passou para Castella foi Bragança incorporada na corôa atheque o senhor D. Affonso 5 fez mercê a D. Affonso filho del rei D. João Iº de Bragança com o titulo de Duque»).

Descendência:

20º Rui Gonçalves de Morais (à margem em caligrafia diferente tem a seguinte nota: «ha equivoco no patronimico porque hade ser Rodrigues»), que viveu em Bragança e casou com D. Maria de Sousa.

Descendência:

21º Gonçalo de Morais, que residiu em Bragança e casou com D. Inês Rodrigues (à margem em caligrafia diferente tem a seguinte nota: «irmã [D. Ignez Rodrigues] de Gonçalo Rodrigues de Morais que por linha recta de varão descendia de Ruy Martins de Morais chefe dos Morais»).

Descendência:

22º Rui de Morais, que residiu em Vinhais. A sua sepultura está à direita, na capela-mor da igreja de S. Fagundo, com a seguinte inscrição: «Rui de Moraes chefe dos Moraes» à margem em caligrafia diferente tem a seguinte nota: «Foy erro abrogar o titulo de chefe, porque este só se diriva por varonia e se não dá nesta linha, porque a tem de Pimentel»)

Casou com D. Guiomar Gomes.

Descendência:

23º João de Morais, o *Velho,* que residiu em Vinhais e teve demanda

com os senhores do Mogadouro sobre o padroado e apresentação da abadia de Vinhas. Casou com D. Maria de Morais, filha de Duarte Rodrigues de Morais. (À margem em caligrafia diferente tem a seguinte nota: «A mulher de João de Moraes, o Velho era D. Antonia Supico, esta D. Maria de Moraes acima era mulher de Duarte Rodrigues de Moraes pae de Cristovão de Moraes que fica atras»).

Descendência:

I. *Francisco de Morais* (24º, adiante citado).

II. *D. Francisca do Rego Morais,* que casou com Cristóvão da Silva Morais, da vila de Vinhais. Com descendência.

24º Francisco de Morais, que residiu em Vinhais e casou na Galiza com D. Francisca Sarmento de Louzada, filha de Bernardo de Louzada e de D. Maior Sarmento de Arilhano, senhores do Couto de Marmontelos e vizinhos da Granja da Vistida.

Bernardo de Louzada era filho ligítimo de Álvaro de Louzada, senhor de Rio Negro, Marquês de Briano (?), e de D. Maior de Valcarcel, filha de Garcia Rodrigues de Valcarcel, adiantado-mor do reino de Galiza. Bernardo de Louzada também era irmão de D. Rodrigo Henriques, conde de Lemos.

Descendência:

I. *João de Louzada Sarmento* (25º, adiante citado).

II. *D. Maior Sarmento,* que casou com Cristóvão Ferreira de Sá. (Ver *Ferreiras).* Com descendência.

25º João de Louzada, que residiu em Vinhais e casou com D. Maria de Sá, irmã de seu cunhado Cristóvão Ferreira de Sá.

Descendência:

I. *João Sarmento de Morais,* que residiu em Logarelhos e casou com...

II. *Cristóvão Ferreira Sarmento* (26º, adiante citado).

III. *D. Clara Sarmento,* que casou com João Ferreira de Sá, da cidade de Bragança. (Ver *Ferreiras).*

26º Cristóvão Sarmento, que residiu em Vinhais e casou com D. Maria Sarmento, filha de André do Amaral e de D. Maria Sarmento, de Vinhais.

Descendência:

I. *Manuel Ferreira Sarmento.* Sem descendência.

II. *D. Joana Ferreira Sarmento,* que casou com seu primo António Ferreira Sarmento (Ver *Ferreiras).* Com descendência.

Fernão de Morais, natural da vila de Moncorvo, notável por sua nobreza, talento e capacidade, foi secretário de estado de El-Rei D. Filipe II, no conselho de Portugal, residindo na corte de Madrid onde adquiriu reputação e grande nome.

Era filho de D. Isabel de Madureira e Morais, natural da vila do Vimi-

oso, de onde veio para a vila da Torre de Moncorvo para casar com António Domingues, o *Velho*, filho de Afonso Domingues e de D. Isabel..., instituidores do morgadio de Santo António.

D. Isabel de Madureira e Morais era filha de Luís de Madureira, natural e residente na vila do Vimioso, e de D. Catarina de Morais de Távora, que descendia dos senhores do Mogadouro que depois foram marqueses de Távora.

Luís de Madureira era filho de D. Isabel Maria de Távora e de Gonçalo Vaz do Rego, alcaide-mor da vila do Vimioso.

D. Isabel Mendes de Távora era filha de Estêvão Mendes de Távora, senhor da vila do Vimioso e seu termo, com sua vassalagem e toda a jurisdição cível e crime, mero e mixto império e por ele se chamavam os juízes e mais oficiais de justiça como consta de instrumentos autênticos.

A antiga família de Távora de que foi chefe o marquês de Távora, conde de S. João, senhor da casa do Mogadouro, teve, segundo dizem, o princípio no infante Alboazar Ramires que foi filho de El-Rei D. Ramiro II, de Leão, e de sua segunda mulher D. Ariga ou Zahara de quem derivou esta ilustre família de Távora, senhores do Mogadouro, até D. Lourenço Pires de Távora, senhor da mesma casa, que foi pai de Lourenço Pires de Távora, que se acha no *Nobiliário do Conde D. Pedro,* plana 363. Deste Lourenço Pires de Távora foi filho Pero Lourenço de Távora, primeiro do nome, senhor do Mogadouro e reposteiro-mor de El-Rei D. João I. Conforme a computação dos tempos se entende que Pero Lourenço de Távora foi pai ou irmão do citado Estêvão Mendes de Távora, senhor da vila do Vimioso.

Enquanto à família de Mendes afirma-se proceder da antiga família dos Pimentéis, conforme dizem os nobiliários, com os quais se conforma Frei Francisco Brandão. (À margem há uma nota da mesma caligrafia que me *parece* dizer. «Blaso.nto 226. *Monarchia Lusitana,* 4ª parte, livro 25 e parte 3 f Arm de Sous f 238», pois mal se percebe em razão das abreviaturas e de parte das letras estavam comidas na margem pelo roçar das mãos dos leitores).

O primeiro que usou o apelido de Pimentel foi Vasco Mendes Pimentel grandemente aceite a El-Rei D. Afonso III de Portugal e seu meirinho-mor, o qual desgostado do mesmo rei se passou a Castela com 250 homens de cavalaria, bons fidalgos e lá se evidenciou como insigne capitão ao serviço de El-Rei D. Afonso, o *Sábio,* contra o infante D. Sancho e na conquista de Córdova até morrer das feridas que ali recebeu.

Deste foi filho Afonso Vasques Pimentel (Conde D. Pedro, título 35, plana 180) cujo filho, D. Afonso Pimentel [á margem: «D. João Affonso Pimentel»], que serviu com muito valor os reis de Portugal D. Dinis e

D. Afonso IV, tendo vindo de Castela para Portugal e neste reino casou com D. Constança Rodrigues de Morais, filha de Rui Mendes de Morais e de D. Alda Gonçalves, filha de Gonçalo Rodrigues de Moreira.

Deste cavaleiro João Afonso Pimentel e de sua mulher D. Constança Rodrigues de Morais se derivou o sangue da família de Morais para a casa dos condes de Benavente, que se conservaram em Castela, com grandeza, e dos marqueses de Távora, condes de S. João, que também em Portugal se conservaram com grandeza, porquanto João Afonso Pimentel e D. Constança Rodrigues de Morais tiveram a seguinte descendência:

Rodrigo Afonso Pimentel, comendador-mor de Santiago, que foi pai de João Afonso Pimentel, senhor de Bragança, Outeiro e Vinhais e passando a Castela foi lá primeiro conde de Benavente, de quem procedem os mais. [Em nota de caligrafia diferente lê-se: «Teve o primeiro conde de Benavente D. João Affonso Pimentel dous irmãos João Fernandes ou Rodrigues de Moraes e Martim Affonso Pimentel»].

Teve mais dois filhos e duas filhas, uma delas, D. Alda Gonçalves, que casou com Lourenço Pires de Távora de quem procedem os marqueses de Távora, condes de S. João, que tem o sangue da família dos Morais pela via referida e por essa causa lhes pertence a abadia de Crasto que vulgarmente chamam de Vinhas.

E uns e outros senhores das casas de Távora e Benavente reconhecem esta ascendência e tem passado muitas certidões de parentesco a outros ramos da mesma família de Morais que vivem espalhados na província de Trás-os-Montes donde é originário este apelido da cidade de Bragança e seu solar o lugar de Morais termo da mesma cidade.

D. Catarina de Morais de Távora, atrás citada, mulher de Luís de Madureira, era desta mesma família dos senhores da casa de Távora e Mogadouro e era neta de Pero Lourenço de Távora primeiro do nome, senhor da casa do Mogadouro, que era filho de Lourenço Pires de Távora e de D. Alda Gonçalves donde se vê o parentesco que tinha D. Catarina de Morais de Távora com os senhores das casas de Távora e Benavente (362).

António Osório de Morais, natural de Moncorvo, filho de Francisco de Morais de Mesquita e Castro, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo.

Neto de Francisco de Morais de Mesquita.

(362) Ver «Bragança-Ferreiras», onde damos a descrição bibliográfica deste códice.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 5 de Novembro de 1701 (363).

Família Morais Sarmento

Alexandre Tomás de Morais Sarmento, primeiro Visconde do Banho, par do reino em 1834, do conselho de El-Rei, comendador da Ordem da Conceição, Grã-Cruz da de Isabel, a Católica, de Espanha. Foi membro do Supremo Tribunal de Justiça, ministro plenipotenciário em Madrid em 1834 encarregado de negociar o reconhecimento do Governo de El-Rei, membro da Junta Provisória do Governo do Reino, no Porto, em 1828 e depois nomeado para ir na deputação ao Rio de Janeiro como conselheiro de legação, deputado à Câmara de 1826 e às cortes de 1822 e 1820, serviu em 1808 como voluntário (364).

Nasceu na cidade da Baía a 11 de Abril de 1786 e casou a 10 de Maio de 1816 com D. Maria dos Prazeres Girão Sousa e Melo, que nasceu a 3 de Abril de 1803, filha e herdeira de Serafim Girão de Sousa e Melo, que nasceu em 1764 e faleceu a 10 de Abril de 1806, e de D. Luísa Adelaide de Magalhães Coutinho e Mota que nasceu em 1780.

Descendência:

I. *Tomás Inácio,* que nasceu a 19 de Maio de 1819.

II. *D. Luísa Adelaide,* que nasceu a 21 de Setembro de 1821 e faleceu a 13 de Novembro de 1835.

III. *D. Serafina,* que nasceu a 8 de Setembro de 1822.

IV. *D. Maria Madalena,* que nasceu a 15 de Novembro de 1824.

V. *D. Maria dos Prazeres,* que nasceu a 30 de Maio de 1826.

VI. *D. Perpétua Beatriz,* que nasceu a 10 de Abril de 1835.

Ascendência do primeiro Visconde do Banho

Tomás Inácio de Morais Sarmento, desembargador dos agravos da Casa da Suplicação, procurador da real fazenda no Ultramar, deputado do Conselho da Fazenda e Estado da Rainha, procurador da fazenda das

(363) Livro 14 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 231.

(364) Por decreto de 10 de Junho de 1828 foi pelo Governo de D. Miguel demitido do lugar de desembargador da Relação do Porto, por tomar parte em juntas revolucionárias, sendo por isso julgado «reu de lesa-magestade», devendo depois a acção judicial intentada contra ele determinar o castigo que merecia. *(Documentos para a História das Cortes Gerais da Nação Portuguesa,* tomo 4, p. 653.)

casas e estado de Bragança e do infantado e deputado das juntas das mesmas sereníssimas casas, nasceu em Moncorvo a 13 de Dezembro de 1750 e faleceu em Lisboa a 22 de Abril de 1820.

Deixou os seguintes filhos legitimados:

I. *Alexandre Tomás,* primeiro Visconde do Banho, atrás citado.

II. *Cristóvão Pedro,* barão da Torre de Moncorvo (adiante citado).

Criação do título. VISCONDE – 21 de Julho de 1835.
Residência – Rio de Moinhos, comarca de Vizeu (365).

CRISTÓVÃO PEDRO DE MORAIS SARMENTO, primeiro Visconde e primeiro Barão da Torre de Moncorvo, nasceu na Baía de Todos os Santos a 13 de Maio de 1788; bacharel formado pela Universidade de Coimbra; condecorado com a cruz de prata nº 2 da campanha da Guerra Peninsular; fidalgo-cavaleiro da Casa Real; cavaleiro da Ordem de Cristo; comendador da Conceição; do conselho de El-Rei D. João VI, D. Pedro IV e D. Maria II; grã-cruz da Ordem de S. Tiago da Espada; cavaleiro de Malta; grã-cruz da Ordem de Ernesto Pio de Saxe; da de Isabel, a Católica, de Espanha; grande oficial da Legião de Honra, de França; da do Nichan Jftikar, da Turquia; comendador da de Danebrog, da Dinamarca; par do reino; superintendente das alfândegas do tabaco em Trás-os-Montes; encarregado de negócios em Londres e Copenhaga; enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Londres em 1833. Ministro dos Negócios Estrangeiros desde 12 de Março a 21 de Abril de 1841, não chegando porém a exercer o cargo.

Serviu como voluntário durante a Guerra Peninsular e na magistratura e diplomacia desde 17 de Janeiro de 1814 até 15 de Dezembro de 1836.

Foi o diplomata português que negociou e firmou o tratado da Quádrupla Aliança, em 22 de Abril de 1834, entre a Inglaterra, França, Espanha e Portugal.

Faleceu em Londres, no exercício das funções de ministro plenipotenciário, a 11 de Janeiro de 1851.

Casou duas vezes: uma em Copenhague e outra em Londres.

Do primeiro matrimónio deixou a seguinte descendência:

I. *Pedro João de Morais Sarmento,* segundo Barão da Torre de Mon-

(365) *Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal.* Lisboa, 1838, p. 37.

corvo e, pelo seu casamento, nono Conde da Torre e oitavo Marquês da Fronteira e de Alorna (366).

II. *D. Maria Carlota,* que nasceu em Copenhague em Abril de 1834 e casou com Alberto Glas Sandeman, comendador da Ordem de Cristo, negociante e director do Banco de Inglaterra.

III. *Alexandre Tomás de Morais Sarmento,* segundo Visconde da Torre de Moncorvo (adiante citado).

IV. *Cristóvão Pedro de Morais Sarmento,* bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra; comissário-geral da polícia civil de Lisboa; auditor do Conselho de Estado; comendador das Ordens de S. Estanislau, da Rússia, da Coroa de Itália e de Isabel, a Católica, de Espanha.

Nasceu em Londres a 13 de Janeiro de 1837.

V. *Tomás Inácio de Morais Sarmento,* primeiro Visconde de Morais Sarmento, por decreto de 12 de Outubro de 1871. Era moço fidalgo com exercício; cavaleiro da Ordem de Cristo; comendador de número extraordinário da de Carlos III de Espanha; cavaleiro da Coroa de Ferro da Áustria, e da Coroa de Itália; doutor em direito pela Universidade de Yena, em Sax Weimar; adido à legação da corte de Itália, onde faleceu em 10 de Janeiro de 1875, deixando geração legítima.

VI. D. *Carlota Amália,* que nasceu em Londres. Casou em segundas núpcias com o marquês de Oldoini, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do rei de Itália em Lisboa.

Cristóvão Pedro de Morais Sarmento, deixou uma filha do segundo matrimónio:

D. Ana Maria Juliana, que nasceu em Londres e casou em primeiras núpcias com o quarto Conde de Anadia.

Alexandre Tomás de Morais Sarmento, segundo Visconde da Torre de Moncorvo, por diploma de 30 de Julho de 1874, nasceu em Londres a 15 de Novembro de 1835; comendador de número da Ordem de Isabel, a Católica, de Espanha; amanuense da secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, de que foi exonerado a seu pedido; presidente da Câmara Municipal de Mangualde e procurador à Junta Geral do Distrito de Viseu.

Casou a 14 de Dezembro de 1871 com D. Angelina do Amaral que nas-

(366) Aníbal Fernandes Tomás, n'*Os Ex-Libris Ornamentais Portugueses,* Porto 1905, p. 32, traz uma bela foto-gravura representando o ex-libris usado por este nosso ilustre conterrâneo. Foi-lhe dado o título de conde da Torre por decreto de 28 de Maio de 1856. *Diário do Governo* de 13 de Junho do mesmo ano.

ceu a 16 de Maio de 1853.

Descendência:

I. *D. Leonor Maria de Morais Sarmento,* que nasceu a 19 de Dezembro de 1875.

II. *D. Maria Angelina de Morais Sarmento,* que nasceu a 15 de Dezembro de 1876.

Transcrevemos do *Diário de Notícias* de 24 de Fevereiro de 1911, os seguintes locais do seu correspondente em Mangualde, sobre o falecimento do segundo Visconde da Torre de Moncorvo:

«Alexandre de Morais Sarmento (Visconde da Torre de Moncorvo) – *Mangualde, 21* – O *Diário de Notícias,* publicando o retrato do snr. Visconde da Torre de Moncorvo, falecido na Foz do Douro, no dia 19 do corrente, na idade de setenta e seis anos, presta homenagem merecida ao ilustre finado, cujo cadáver chegou hoje a Mangualde, onde lhe foram prestadas as honras fúnebres mais grandiosas de que há memória nesta vila.

Do combóio onde o féretro vinha em câmara ardente, ricamente forrado de veludo preto circundado de sanefas orladas de galão de prata, que também pendiam do tecto.

Veio acompanhá-lo seu genro snr. João Cabral de Albergaria e Lemos.

No préstito, que da estação até à Misericórdia de que o falecido era irmão, e onde lhe foram celebrados ofícios de corpo presente, até ao cemitério encorporaram-se centenares de cidadãos, cinco dos quais conduziam coroas riquíssimas.

Junto do jazigo onde repousa, proferiu o snr. dr. Mário Barroso Henriques da Silva, um eloquente discurso, enaltecendo as qualidades do extinto, como cavalheiro imaculado, como presidente da Câmara deste concelho, lugar que exerceu por algumas vezes com aplauso de todo o concelho.

Era irmão dos falecidos marquez da Fronteira, condessa de Anadia e ultimamente de Vilar Seco, e da marqueza de Oldoini.

O funeral, onde nada faltou para o tornar digno do ilustre finado, foi dirigido pelo snr. Manuel Apolinário Ferreira da Silva, procurador dos condes de Anadia e Vilar Seco».

«*Mangualde, 23* – Pelo falecimento do nobre Visconde da Torre de Moncorvo, snr. Alexandre Morais Sarmento, estão de luto a esposa snr.ª Viscondessa da Torre de Moncorvo, D. Leonor Margarida Carvalho Amaral, D. Maria Angelina Morais Sarmento Cabral, seu genro snr. João

Cabral Sebastião Abrantes Morais, a irmã da snr.ª marqueza de Oldoini, seus cunhados conde de Vilar Seco e marquesa da Fronteira, que acompanhamos na sua mágua».

Criação do título. VISCONDE – Por decreto de 13 de Julho de 1847.
Renovação – Por decreto de 30 de Julho de 1874.
Criação do título. BARÃO – Por decreto de 23 de Maio de 1835.
Residência – Mangualde (367).
Brasão de armas – Escudo partido em pala: na primeira as armas dos Morais e na segunda as dos Sarmentos.

No decreto da renovação do título de Visconde lê-se o seguinte: «Tomando em consideração os merecimentos e qualidades que concorrem em Alexandre Thomaz de Morais Sarmento, e querendo perpetuar na sua pessoa a memória dos valiosos serviços prestados ao paiz por o Visconde da Torre de Moncorvo: Hei por bem fazer Mercê ao mencionado Alexandre Thomaz de Morais Sarmento do titulo de Visconde da Torre de Moncorvo em sua vida».

A Intervenção Estrangeira, traz na integra, uma série de cartas trocadas entre o Visconde de Palmerston, chefe do gabinete inglês e o ministro plenipotenciário de Portugal em Londres, o barão de Moncorvo, desde 29 de Janeiro a 3 de Fevereiro de 1847.

O barão reclamava o auxílio da Grã-Bretanha para debelar a revolução portuguesa, denominada «Maria da Fonte» em virtude do tratado da Quádrupla Aliança pois os revoltosos se tinham unido aos miguelistas comandados pelo general escocês Machdonell. O gabinete inglês não tomando como coisa de valor o movimento miguelista via simplesmente nele, como realmente era, um pretexto do governo dos Cabrais, para que o auxiliassem a sustentar-se no poder, contra a vontade da nação e por isso julgava que os compromissos estipulados no tratado da Quádrupla Aliança não o autorizavam a intervir nas nossas questões internas.

Por então não vingaram as pretensões do nosso barão e Cabral, o valido da rainha, foi escorraçado do poder e do reino, mas mais tarde, valendo-se da sua influência na corte de Madrid, para onde foi como

(367) *Resenha das Famílias Titulares*, ..., vol. 2, p. 683.
LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, artigo Torre de Moncorvo.
Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal. Lisboa 1837.
Notícia dos Ministros e Secretários de Estado, etc.

nosso embaixador, e da alta protecção que a rainha lhe dispensava, esta e o seu favorito, calcando aos pés todo o sentimento de patriotismo, chamaram contra súbditos portugueses as armas estrangeiras (368).

Família Oliveira Pimentel

1º João Carlos de Oliveira Pimentel, capitão-mor da vila de Moncorvo; cavaleiro da Ordem de Cristo, em 15 de Maio de 1802, com 12.000 réis de tença; administrador geral dos tabacos e sabões da comarca da Torre de Moncorvo.

Esta tença foi-lhe concedida em razão dos serviços por ele prestados à causa nacional e constante do documento que adiante se transcreve.

Foi autorizado, por alvará de 1 de Setembro de 1807, a formar uma companhia por acções para tornar navegável o rio Douro, desde o cachão da Valeira até à Barca de Alva, obra que já estava concluída em 1811, apesar dos obstáculos resultantes da Guerra Peninsular.

Descendência:

2º Luís Cláudio de Oliveira Pimentel, primeiro Visconde de Vila Maior (quinta assim chamada na freguesia de Cabeça Boa, concelho de Moncorvo), em duas vidas, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, sargento-mor da vila de Moncorvo, que casou com D. Angélica Teresa de Sousa Pimentel Machado.

Descendência:

3º Júlio Máximo Oliveira Pimentel, segundo Visconde de Vila Maior, nasceu em Moncorvo a 4 de Outubro de 1809 e faleceu em Coimbra a 20 de Outubro de 1884.

Era bacharel formado em matemática pela Universidade de Coimbra; fidalgo-cavaleiro da Casa Real; tenente-coronel reformado; par do reino; comendador da Ordem de Cristo e da de Nossa Senhora da Conceição, de Vila Viçosa, por decreto de 20 de Março de 1857 (369); cavaleiro das de Aviz, da Torre e Espada e da Legião de Honra de França; grã-cruz da Ordem de Carlos III, de Espanha; grande dignitário da Ordem da Rosa do Brasil; comendador das Ordens de Leopoldo, da Bélgica e de S. Maurício e S. Lázaro, de Itália; deputado da nação em várias legislaturas; reitor da Universidade de Coimbra; lente jubilado da Escola Politécnica de Lisboa;

(368) *Intervenção Estrangeira ou Documentos Históricos sobre a Intervenção Armada da França, Espanha e Inglaterra nos negócios internos de Portugal no ano de 1847*. Porto, 1848, 1º vol., p. 113 e seguintes.
(369) *Diário do Governo* de 21 de Abril de 1857.

sócio efectivo de primeira classe da Academia Real das Ciências de Lisboa, da Sociedade das Artes de Londres e de outras corporações sábias.

Director geral do Instituto Agrícola e da Escola Regional de Lisboa; vogal do conselho geral do comércio, agricultura e manufacturas; presidente da Câmara Municipal de Lisboa no biénio de 1858 a 1860; membro do Júri Internacional na Exposição Universal de 1855 em Paris; vogal do grande conselho de saúde durante a epidemia de 1857.

Publicou várias obras.

A ele e a seu tio paterno, o célebre general Claudino, referir-nos-emos largamente no volume consagrado aos escritores.

Casou a 18 de Julho de 1839 com D. Sofia de Roure Auffdiener, senhora muito ilustrada, autora de várias publicações, da qual teve filhos que viviam em Lisboa.

Criação do título. VISCONDE, em duas vidas – Decreto de de Junho de 1858.

Renovação – Decreto de 15 de Julho de 1861, porém o *Diário do* Governo de 27 de Agosto de 1861 diz que este decreto é do dia 16.

Brasão de armas – Escudo partido em pala: na primeira as armas dos Morais e na segunda as dos Pimentéis. Por timbre o dos Morais sobre coronel de conde, por ser par do reino.

Este escudo foi-lhe concedido por alvará de 22 de Junho de 1795.

Documento

«Ill.mo Ex.mo Sr. – João Carlos d'Oliveira Pimentel, portador d'esta carta e das contas da compra de grão mais em detalhe, he o mesmo a quem eu extorqui na Beira vinte e dous mil cruzados que vinhão para o Erario. Fez-me esta entrega porque o obriguei com o direito da força: mas feita essa execução veio muito voluntariamente offerecer-me todo o seu dinheiro, e a sua pessoa para tudo o que fosse do servico do Princepe; acceitei tudo e fazendo relação do que precizava para aprovizionar a praça de Almeida então ameaçada, lha entreguei com ordem para que em logar de ir tratar dos negocios que o traziam a Lisboa partisse para o Minho ou Traz-os-Montes, ou qualquer outra parte onde podesse achar generos, e que os comprasse com o dinheiro que me offerecia. Assim o fez com notavel promptidão, como fiz constar a V. Ex.cia n'esse tempo. Depois disso sendo-me preciso um homem para as compras de grão, mandei-o chamar a Torre de Moncorvo, e apezar de ser em tempo em que as suas dependencias precizavam da sua assistencia não excitou, veio logo. Tor-

nou a empregar dinheiros seus, etc., etc.

Não preciso fazer apologia para que V. Ex.cia attenda um homem que sendo simples particular se prestou na occasião com tanto ardor V. Ex.cia sendo tão amante da sua pátria, como é, não pode deixar de tomar fogo a favor d'aquelles que possuem esta virtude, e que deo provas incontestaveis de que a tem.

Elle esta acredor á Fazenda Real, e precisa fazer os seus arranjamentos depresssa para poder tornar a cuidar nos seus interesses.

V. Ex.cia não pode deixar de ver que este homem merece, alem do seu ajuste de contas, algum pequeno signal de distincção.

Deus guarde a V. Ex.cia muitos annos. Lisboa 22 de março de 1802. – Ill.mo Ex.mo Sr. Dom Rodrigo de Sousa Coutinho. (a) *Marquez d'Alorna, D. Pedro»* (370).

Família Vasconcelos e Carneiro de Vasconcelos

1º António José Carneiro de Vasconcelos, natural de Moncorvo, filho de José Luís de Vasconcelos, fidalgo da Casa Real.

Neto de Lourenço Carneiro de Vasconcelos.

Fidalgo-cavaleiro, por alvará de 20 de Agosto de 1765 (371).

2º António José Carneiro de Vasconcelos, natural de Moncorvo, filho de Lourenço Carneiro de Vasconcelos, fidalgo da Casa Real.

Neto de José Luís de Vasconcelos.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 29 de Outubro de 1796 (372).

3º Emílio Augusto Carneiro Gusmão de Vasconcelos, era em 1909 o representante desta família uma das mais importantes de Moncorvo, que produziu homens notáveis nas letras, como apontaremos no volume consagrado aos escritores.

Do Tombo da família Vasconcelos e Carneiro de Vasconcelos extraí-

(370) SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal,* vol. II, p. 741.
Para a biografia do segundo Visconde de Vila Maior, ver:
Revista Contemporânea de Portugal e Brasil, tomo 2º, p. 439 a 455 e 559 a 570, tomo 3º, p. 11 a 17.
Anuário da Universidade, relativo a 1884-1885.
SILVA, Inocêncio Francisco da – *Dicionário Bibliográfico.*
(371) Livro 19 das *Mercês de El-Rei D. José,* fol. 484.
(372) Livro das *Mercês da Rainha D. Maria I,* fol. 342.
Ver a nossa monografia *Moncorvo – Subsídios para a sua história,* p. 27.

mos as seguintes notícias:

«1º LUCAS DE GOUVEA DE VASCONCELLOS filho de Cristovão de Gouvea de Vasconcellos viveu algum tempo em Mirandella e depois na villa de Moncorvo aonde morreu.

E o dito Cristovão de Gouvea de Vasconcellos era filho de Hieronimo Gomes de Vasconcellos e neto de Cristovão Mendes de Vasconcellos e bisneto de Fernam Gomes e de Leonor Mendes de Vasconcellos, que era filha de Pero Mendes de Vasconcellos e do dito Pero Mendes de Vasconcellos tem sua descendencia e origem os condes de Panella filhos de Joanna Mendes de Vasconcellos senhores dos morgados de Freyriz (?) ... a qual D. Joanna Mendes de Vasconcellos casou com D. A. de Cascais filho do Infante D. João.

Do mesmo tronco e família de Vasconcellos procedem os morgados de Esporão por Mem Rodrigues de Vasconcellos mestre da Ordem de Santhiago de Portugal de quem descende D. Verissimo de Alemcastre, arcebispo de Braga e seus irmãos.

Do mesmo tronco e família descendem os condes de Castelho Melhor pela linha de Ruy Mendes de Vasconcellos insigne cavalleiro, senhor de Figueiró dos Vinhos e Pº Gam [Pedrógão] do qual procedeu João Rodrigues de Vasconcellos de Sousa , conde de Castelho Melhor, governador das armas de Entre Douro e Minho e deste tronco de Vasconcellos procedem muitas mais familias de muitos cavalleiros.

E o dito Lucas de Gouvea de Vasconcellos casou com Maria de Gouvea filha de Manuel de Gouvea de Moncorvo. Teve:

I. *Cristovão de Gouvea de Vasconcellos.*

II. O licenseado *Manuel de Gouvea de Vasconcellos* abbade de Chacim, commissario do Santo Officio, visitador do bispado de Miranda.

III. O Pe. *Fr. Sebastião da Natividade,* frade capucho.

IV. *D. Maria Gouvea* freira em Jerumenha.

2º CRISTOVÃO DE GOUVEA DE VASCONCELLOS filho primeiro deste Lucas de Gouvea acima viveu em a villa de Moncorvo foi cavalleiro da Ordem de Christo casou com D. Marianna de Souza Pimentel da villa de Algozo. Teve:

I. *Lucas de Gouvea de Vasconcellos.*

II. *D. Maria da Gama de Vasconcellos* mulher de Julião de Moraes Sarmento natural de Vinhaes capitão-mor de Algozo.

III. *D. Marianna de Vasconcellos* mulher de Lourenço Carreiro de Vasconcellos de Moncorvo.

IV. D. *Izabel* que morreu sem estado.

Casou segunda vez com D. Maria de Madureira filha de Luís Botelho de Sequeira. Teve:

I. *Manuel Botelho de Vasconcellos.*

V. *Manuel.*

VI. *Josephe.*

VII. *Jacinta* que morreu noviça em Moncorvo (?).

VIII. *Maria.*

IX. *Thomazia.*

II. *D. Ignacia Maria de Vasconcellos* mulher de João Ferreira Sarmento Pimentel *da cidade de Bragança*[373].

3º LUCAS DE GOUVEA DE VASCONCELLOS filho deste Cristovão de Gouvea atras, vive em Moncorvo casou com D. Joanna Francisca Xavier de Vasconcellos filha de Hieronimo Botelho de Vasconcellos de Moncorvo. Teve:

I. *Cristovão.*

II. *Hieronimo.*

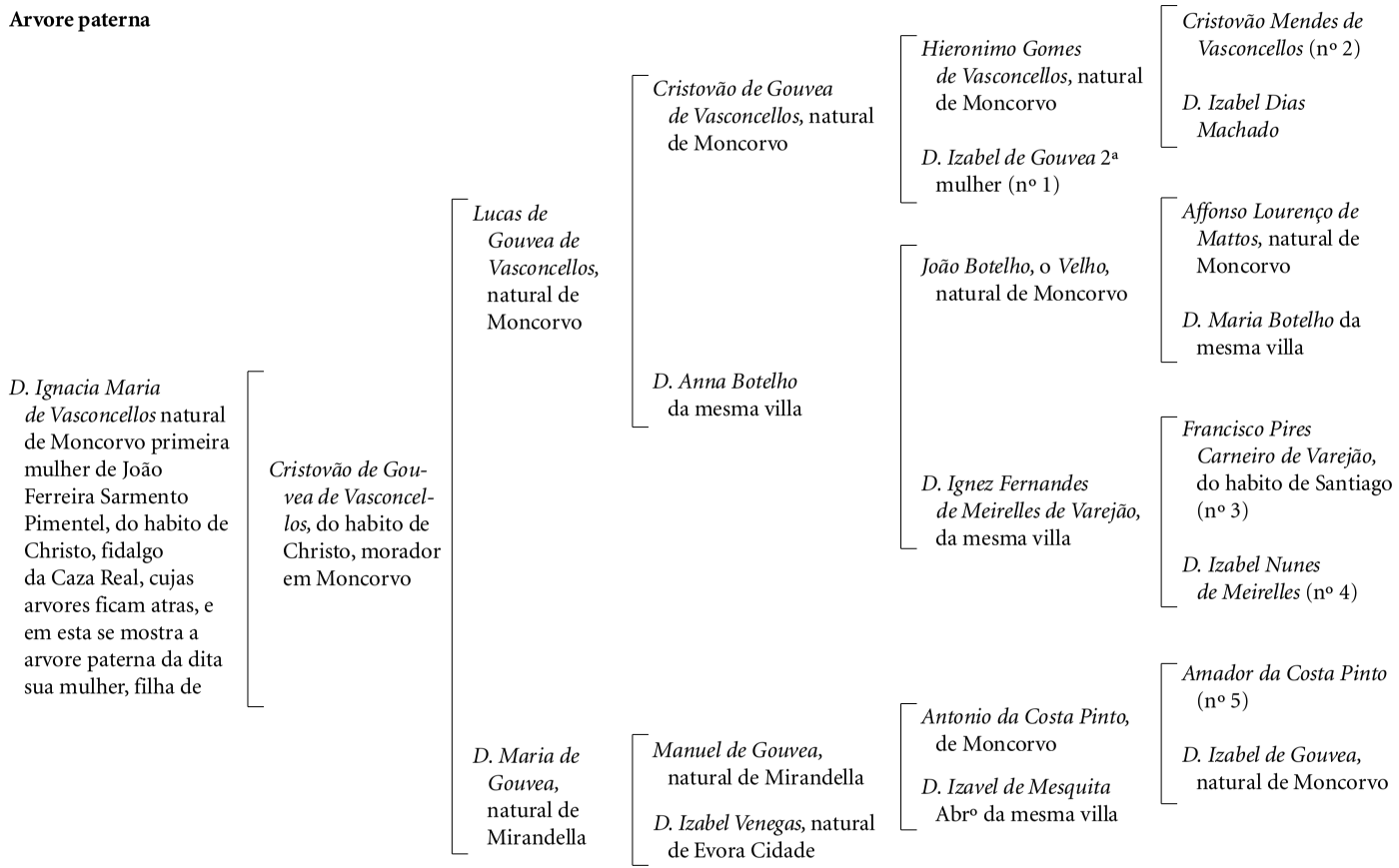
III. *Antonio.*

IV. *Francisco.*

Nº 1 – *D. Isabel de Gouvea* depois de viuva do Hieronimo Gomes,

(373) Esta parte grifada está no códice de onde copiamos estas notícias escrita em caligrafia também antiga, mas de época posterior à da do restante manuscrito.
No Museu Regional de Bragança, maço *Casamentos – Moncorvo,* encontra-se o requerimento feito em 1820 por Bernardo Tomaz de Gouveia Sá e Vasconcelos, filho de Manuel António de Gouveia Sá e Vasconcelos e de D. Maria Josefa de Macedo Sarmento, todos de Moncorvo, para casar com D. Maria Joana da Costa Alpoim e Meneses, filha de José Bernardo da Costa Mimoso Pereira e Vasconcelos e de D. Mariana Felizarda Alpoim e Meneses, de Linhares, bispado de Vizeu.

Arvore paterna



casou com Amador da Costa Pinto, da villa de Mesão frio, quo fica atraz nº 5.

Nº 2 – *Cristovão Mendes de Vasconcellos,* era filho de Fernão Gomes, natural da villa de Freixo de Numão e de D. Leonor Mendes de Vasconcellos, da mesma villa, filha de Pedro Mendes de Vasconcellos.

Nº 3 – *Francisco Pires Carneiro de Varejão,* do habito de Santiago, natural de Moncorvo, filho de Gonçallo Carneiro e de D. Branca de Verejão, da mesma villa, e neto de João Carneiro, alcaide-mor do Porto.

Nº 4 – *D. lsabel Nunes de Meirelles,* da villa de Moncorvo, filha de João Álvares Pereira, natural de Bragança o fundador da misericórdia de Moncorvo o de sua mulher D. Brites Nunes do Meirelles, de Moncorvo.

Nº 5 – *Amador da Costa Pinto,* é o de que se falla em cima no nº 1.

Nº 1 – *Affonso Botelho de Sequeira,* fidalgo da casa real, casado com

Arvore materna

D. Ignacia Maria de Vasconcellos, 1ª mulher de João Ferreira Sarmento Pimentel. Atras fica a sua arvore paterna; em esta se mostra a materna, filha de Cristovão de Gouvea de Vasconcellos do habito de Christo e de sua mulher segunda

- *D. Maria de Madureira,* natural de Moncorvo
  - *Luís Botelho de Sequeira,* natural de Mondim e juiz dos Orfãos em Moncorvo
    - *Jorge Botelho de Sequeira,* natural de Mondim
      - *Luiz Botelho de Sequeira,* natural de Mondim, moço fidalgo da casa del-rei D. João (nº 3)
        - *Affonso Botelho,* meirinho do Paço fidalgo da casa real (nº 1)
        - *D. Izabel Botelho* (nº 2)
      - *D. Anna Rodrigues de Magalhães*
        - *Ma.el Ferr. da Cunha* (nº 3)
        - *D. Fillippa Reimão de Magalhães* (nºs 4, 5, 6, 7 e 8)
    - *D. Maria de Proença da Fonseca*
      - *Manoel de Proença*
        - *Pedro Simão Ferreira Amado* (nº 9)
        - *D. Genebra Lopes Leitão* (nº 10)
  - *D. Luiza Ferreira de Sá,* natural de Moncorvo
    - *Luiz Ferreira Leitão,* natural de Moncorvo
      - O Dr. *Miguel Ferreira Leitão,* corregedor de Coimbra
        - *Ant.io Domingues de Madureira,* o *Moço,* natural de Moncorvo (nº 11)
        - *Antonia Garcia de Gamboa* (nº 12)
      - *D. Luiza de M.es,* natural de Moncorvo
        - *Francisco Aroza,* o Cavaleiro, de Moncorvo (nº 13)
        - *D. Catharina Pinto* da mesma villa (nº 14)
    - *D. Juliana de Sá* da mesma vila
      - *Ambrosio de Aroza Pinto,* o *Velho,* natural de Moncorvo
        - *Vasco de Castro,* juiz dos orfãos, proprietario de Moncorvo (nº 15)
        - *D. Juliana de Sá,* do Mogadouro
      - *D. Antonia de Sá,* da mesma villa

D. Izabel Botelho, natural de Mondim, bispado de Lamego, teve mais filha a D. Guiomar de Sequeira, cazada com Simão Ferreira, do quaes foi filha D. Luiza de Almeida, mulher de Simão da Cunha, trinchante da casa real, pae de D. Marianna de Mendoça que cazou con Fernão Telles de Menezes, primeiro conde de Villa Maior. *Corographia Portugueza,* tom. 2º, cap. 26, pag. 319. [Esta nota é de caligrafia diferente].

Nº 3 – *Manuel Fernandes da Cunha* foi capitão mor de Arzilla filho de Nuno Fernandes da Cunha.

Nº 4 – *D. Fillippa Reimoa,* filha de Jorge Vas de Magalhaes e de D. Mecia de Almeida: neta de Diogo Lopes Relmão e de D. Francisca da Silva de Magalhaes.

Nº 9 – *Pedro Simão Ferreira Amado,* viveu na villa de Fonte Arcada, filho de Simão Pires Ferreira Amado e de D. Izabel Annes, natural de Ferreirim, filha de João Affonso Annes: neto de Pedro Gonçalves Amado e de D. Maria Annes de Almeida: 2º neto de Gonçallo Peres Amado e de D. Beatriz Aires de Marialva, filha de Aires de Sequeira: 3º neto de João Lourenço Amado que foi valoroso cavaleiro e se assignalou nas guerras de D. Affonso 5º contra Castella, e de D. Margarida Annes de Passos, filha de João Annes de Passos, o Velho: 4º neto de Lourenço Annes Amado e de Senhorinha Annes Ferreira, filha de Alvaro Annes Ferreira, de Paredes; 5º neto de Gonçallo Mendes Amado, senhor de Penella, alcaide-mor de Penedono e de D. Maria Annes de Fornellos: 6º neto de Mem Gonçalves Amado, senhor de Penella e de D. Aldonsa da Fonseca: 7º neto de Ludovico Amado que povuou os lugares de... e Penella e de D. Maior Esteves: 8º neto de Amado Viegas e de D. Ouzenda Ramires da familia dos Tavoras: 9º neto de Sueiro Paes Amado e de Justa Peres filha de Paio Guterres e de D. Ouzenda Hermiges Alboazar: 10º neto de Paio Amado, fidalgo da corte do conde de D. Henrique que por ser bem visto daquelle principe se lhe derivou o nome de Amado tendo até aquelle tempo o de Paio Dias e com este assigna em uma doação como Rico homem em 1076, e de sua mulher D. Moninha Guterres, dama da rainha D. Thereza. E depois de viuvo seguio a ordem Eremitica, como escreve Brito.

Nº 10 – *D. Genebra Lopes Leitão,* da villa de Fonte Arcada, filha de João Lopes e de D. Maria Gonçalves Leitão.

Nº 11 – *Antonio Dominges de Madureira,* o Moço, cazado com D. Antonia Garcia de Gamboa, natural de Almofala, filha de D. Jacome Annes de Gamboa oriundo de nobres cavalheiros de Castella, era filho de Antonio Domingues, o Velho, filho de Affonso Domingues, natural de Moncorvo, primeiro instituidor do morgado de Santo Antonio e de D. Izabel de Madureira e Moraes, a qual era filha de Luiz de Madureira da villa do Vimioso e neta de Gonçallo Vaz do Rego, alcaide mor do Vimioso

e de D. Izabel Mendes, filha de Estevão Mendes de Tavora, senhor do Vimioso, que era irmão de Pedro Lourenço de Tavora, primeiro do nome, senhor do Mogadouro; e o sobredito Luiz de Madureira foi cazado com D. Catharina de Moraes de Tavora, neta de Pedro Lourenço de Tavora sobredito.

[À margem uma nota em caligrafia diferente diz: «A mae de Affonso Domingues era Beatriz Dias que assim consta da instituição do dito morgado de Santo Antonio»].

Nº 15 – *Vasco de Castro,* juiz dos orfãos proprietario da villa de Moncorvo, é filho de Pedro Vas de Castro e de D. Branca Borges de Castro, ambos da villa de Moncorvo.

Nº 16 – *D. Julianna de Sá,* da villa do Mogadouro, é filha de Luiz de Sá, natural da cidade do Porto e de sua mulher D. Violante Pereira de São Paio».

Família Meireles

Francisco Rodrigues de Meireles era em l622 administrador de uma capela vinculada, situada à entrada da porta principal da igreja matriz de Moncorvo. Desta capela resta apenas a seguinte inscrição gravada no granito da parede:

Capela da Soreira com obrigaçao de 30 missas nesta igr.a que he da data de sva mgd.r de qve he administrador frcº roz de Meirelles desta villa e se reformov o tombo dela por man dado do dito senhor a 30 de Maio 1622

Família Borges Menezes – Ribeiro de Barros

D. Francisca Borges de Meneses, que casou em 1645 com António Ribeiro de Barros, natural de Évora, fidalgo da Casa Real, era senhora de um morgadio em Moncorvo, donde, ao que parece, era natural, e fundou em 1665 o *Recolhimento de Santo António do Sacramento*, em Moncorvo, destinado a receber donzelas e pessoas nobres da vila, que durou até à extinção das ordens religiosas e ainda em 1796 era habitado por quinze recolhidas (374).

Morgadio de Mendel

(374) Ver a nossa monografia *Moncorvo – Subsídios para a sua história,* p. 20.

Na *Capela do Espírito Santo,* em Moncorvo, hoje chamada *Hospital Velho,* à esquerda de quem entra, embutida na parede, há a seguinte inscrição com algumas letras conjuntas, que deixa ver um vínculo de morgadio:

CAPELLA DO ESPIRITO SANTO COM HOSPITAL
PARA PASSAGEIROS POBRES. DOS SEUS RENDIMENTOS
RESERVOU S. MGD.E A 4ª P.TE P.A DAR AO ADMI
NISTRADOR. TEM HUM CAPELAM COM 14000
P.A DIZER 4 MISSAS CADA SOMANA. HOSPITA
LEIRO COM 2000 HUM ALMUDE DE AZEITE
P.A A LAMPEDA E 2 CARROS DE LENHA. TERA
TRES CAMAS LIMPAS DE COLCHOIS E TRES
DE ENXERGOINS E DOSE MANTAS. E O QUE
SOBEIA SE MANDA DIZER DE MISSAS DE 50
REIS CONSTA DO L.º DAS AVALIACOINS DOS
NOVOS DIREITOS FL. 15 E PROVISAM. FL. 6 TEM
4 LIVROS COM O DO TOMBO E DO INVENTR.º
O MORGADO DE MENDEL DOS BORGES DARA
CADA ANNO HUMA CVBERTA DE BVREL NO
VO DE 6 VARAS, HUM JANTAR AOS POBR
ES. ESTA NO L.º DOS REGISTOS FL. 60. TOMA
O PROVEDOR CONTAS TODOS OS ANNOS
SENDO PDO.E DO.S ROIZ. SERAIVA. 1726 (375).

MONFORTE DE RIO LIVRE

João de Prada, que residiu em Monforte de Rio Livre, obteve em 1714 licença para *oratório* particular na sua casa de moradia (376).

Monforte de Rio Livre foi vila e sede de concelho, mas hoje está completamente desabitada, só restando as muralhas, o castelo e casas em ruínas e sem moradores. A área do seu território e algumas povoações do seu concelho pertencem hoje ao de Chaves.

MORAIS

(375) Ver a nossa monografia *Moncorvo – Subsídios para a sua história,* p. 21.
(376) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

Solar dos Morais

De José Cardoso Borges, *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança*, notícia X, Solar dos Morais, fólio 223 (mihi), copiámos o que segue:

«É solar desta familia o lugar de Morais do destrito desta cidade e em sitio deste se conserva o nome de Torre e se tem achado vestigios e alicerces que insinuam foi edificio grande e a comum e recebida tradicão, sem cousa em contrario, afirma ser este o seu solar. Os moradores de Morais dizem que em esta torre viviam os senhores dele e mostram um campo plano, que chamam Corredoura, onde estes fidalgos exercitavam os cavalos...

Em algumas memorias que tenho visto desta familia se diz, que Estevão Peres del Moral, foi o primeiro deste apelido, que pelos anos de 1107, sendo alcaide ou governador de uma torre chamada del Moral, porque dentro da sua fortaleza havia uma moreira e estava junto da antiga Soria e combatida do rei mouro de Toledo a defendeu de um rigoroso sitio de quatro mezes, de que lhe resultou o cognome da Torre; e mandando el-rei D. Afonso, primeiro de Aragão povoar a Soria pelos anos de 1119 por doze linhagens de fidalgos um destes, e a principal foi a dos Morais; e pretendem trazer sua ascendencia do Conde Gonçalves Fernandes, filho do conde de Castela Fernão Gonçalves e de sua segunda mulher D. Sancha, filha de D. Sancho Abarca, rei de Navarra.

Gonçalo Rodrigues de Morais é o primeiro que acho em esta cidade e povoou o lugar de Morais, a que deu o nome e o de Lagoa e dizem ser filho de D. Rodrigo Garces. E segundo Alvaro Ferreira de Vera em as Notas ao Conde D. Pedro, Plana 107, é descendente do Conde Gonçalo Fernandes, senhor de Aza no bispado de Osma em cujo senhorio sucedeu seu filho D. Fernando Gonçalves de Aza, pai do Conde D. Garcia de Aza, do qual foi filho o Conde D. Garcia de Naxan que cazou com a infanta D. Elvira, filha del-rei D. Fernando de Castela e Leão, de quem teve ao Conde D. Garcia, senhor de Aza, aio do infante D. Sancho (e não filho como vi em um papel da origem desta familia) com o qual morreu na batalha de Vales, ano de 1100, e foi seu filho o Conde D. Garcia Garces, que cazou com D. Leonor, ou Maria Fortunes, filha de Fortum Lopes, Senhor de Soria da familia dos Morais, cujo neto fazem a Gonçalo Rodrigues de Morais.

Casou Gonçalo Rodrigues de Morais nesta cidade [de Bragança] com Constança Soares, filha de Soeiro Dias e de D. Sancha Pires, que o foi de

Pedro Soares de Belmir e de D. Gontinha Pais da Silva, filha de D. Paio Guterre da Silva, adiantado de Portugal; e Soeiro Dias filho de Diogo Gonçalves Ouveques e de D. Urraca Mendes, irmã de Fernão Mendes, o *Bravo,* que foi senhor de Bragança]. Consta de uma escritura que tenho em meu poder da desistência que fez Gonçalo Rodrigues e sua mulher Constança Soares, que diz ser filha de Soeiro Dias e de D. Sancha Pires da acção que pretendia ter por cabeça de sua mulher em parte da quinta de Vila Meã e estava doada por outros fidalgos ao mosteiro de S. Martinho da Castanheda... e a data desta é do ano de 1210 [20].

Facta carta in Era M.ª CC.ª XLVIII in mense Maii regnante Rege Sancio in Portugali; tenente Bragancia Fernandus Fernandi, Abbas Sancti Salvatoris de Castro Avellanarum D. Michel, Goncalvus Roderici de Moralis conf. Constança Suarii uxor ejus conf. Martinus Menendi conf. Roderiens Fernandi conf. Nunius Petrus conf. Velasco Menende conf. Gonçalvus Monis conf.

Este Gonçalo Rodrigues intendo foi o que deu o sitio e antiga capela de Santa Catarina, que são da parte de sua mulher, ao patriarca S. Francisco quando fundou nesta cidade em 1214, pois se acha em tempos tão proximos em 1210 e ainda vivia no de 1217 e consta de outra escritura da venda que fez ao mosteiro de S. Martinho Paio Fernandes, filho de Fernando Feio e sua mulher Velasquite de ametade de São Joanico, Caçarelhos e Genizo que hoje são aldeias do termo da cidade de Miranda e assinam em esta escritura Gonçalo Rodrigues e outros fidalgos desta cidade e de terra de Seabra que se achavam no mosteiro onde ela se fez na era de 1255 que é o sobredito ano de 1217, a qual tenho em meu poder e diz a data:

istas supraditas haereditates compravit ea Pater meus Fernandus Fei cum Matre mea D. Teregia et post obitum eorum ipsas haereditates remanserunt in me filius suus Pelagius Fernandi: Facta carta in era M.CCLV tercio Nonas Januarii in Monasterio Sancti Martini de Castinera, quas ipsas haereditates emerunt Fratres ibi morantes regnante Rege Alfonso in Legione, Sancio Fernandi frater ejus Alferiz, Petrus episcupus in Astorica, in Zamorense Martinus; Archiepiscupus Bracharensis Estefanus, regnante Rege Alfonso filius rex Sancius in Portugali, tenente Bragancia, et Miranda, et Montenegro Fernandus Fernandi; tenente Senabria, Petro Menendis, que praesentes fuerunt et audierunt de Senabria Velasco Roderici, Fernandus Garcia, Garcia Petris, Domino Laurencio Presbitero Rodrico Pelais Presbiter. De Bragancia Nunius Petris, Johani Petris, Gonçalus Roderici Garcia Vermudes, Domno Gonzo, Alfonsus Vermuis, Abbas Saulti Salvatoris de Castro, D. Michaelis, Fernandus Roderici Presbiter.

De Gonçalo Rodrigues de Morais darei uma breve noticia da sua

direita descendencia, pelo que consta de escrituras e papeis que tenho visto desta familia...

1º – Gonçalo Rodrigues de Morais [377], senhor dos lugares de Morais e Lagoa, chefe desta familia, teve de sua mulher Constança Soares.

2º – Martim Gonçalves de Morais que viveu em tempo dos reis D. Sancho Capelo e D. Afonso 3º casou com D. Elvira Pires [Iria Pires de Tavares, dizem outros genealogistas].

Teve:

3º – Rui Martim de Morais de quem fala o Conde D. Pedro, Titulo 48 § 1º morava em esta cidade e foi juiz em o ano de1293, e consta de um instrumento do archivo da Camara da era de 1331, a qual tem Nº 33 e é de procuração bastante que o concelho fez a Estevão Anes, cavaleiro, pelas duvidas que se ofereciam com algumas pessoas poderosas, que honravam as suas herdades: e em outro instrumento, que tem Nº 34 se faz menção de Rui Martins de Morais, no qual está copiada uma carta del-rei D. Afonso 4º que diz aliviava a Afonso Vicente desta cidade, filho de Vicente Domingues seu contador, dos mil maravidis velhos do São Martinho da renda das sacadas (são os direitos que paga o termo desta cidade) da era de 59, porquanto constava por carta del-rei seu pai os mandara dar e recebera Rui Martins de Morais, foi escrita em Lisboa por Estevão Pires na era de 1367, que é o ano de 1329 era já falecido neste tempo, e diz a mesma carta fora procurador de seus herdeiros um F. Lourenço.

Casou com D. Alda Gonçalves, filha de Gonçalo Rodrigues de Morais e de D. Maior Martins e teve:

D. Ignez Rodrigues de Morais, que casou com Rodrigo Afonso Pimentel. S. g.

4º – D. Constança Rodrigues de Morais, D. Guiomar Rodrigues de Morais que casou com João Vasques da Granja com geração. Casou segunda vez com Urraca Gonçalves de Leiria e teve:

5º – *Gonçalo Rodrigues de Morais* – Francisco de Morais – Sebastião de Morais, conego regular de S. Agostinho.

D. Constança Rodrigues de Morais, Nº 4 casou com João Afonso Pimentel, filho de Afonso Vasques Pimentel e de D. Sancha Fernandes, filha de Fernão Esteves de Maceira, o Pintalho e de D. Maria Nunes qua o foi de D. Nuno Martins de Chacim, alcaide mor desta cidade e adiantado ou governador das armas das provincias da Beira e Entre Douro e Minho; e teve Rodrigo Afonso Pimentel, comendador maior de Santiago, que

(377) Parece ser filho de Rui Mendes de Bragança, irmão de Fernão Mendes de Bragança (*Nota do autor.*)

cazou com D. Leonor da Fonseca e foram seus filhos.

§. 1 – *João Afonso Pimentel.*

§. 2 – *Martim Afonso Pimentel.*

§. 3 – *João Fernandes de Morais.*

§. 1 – De *João Afonso Pimentel,* que passando ao serviço da corôa de Castela foi o primeiro conde de Benevente, se tem participado o sangue de Morais ás casas mais ilustres de Espanha; e aos duques da Grão Toscana, e reis de França e Espanha reinantes pela senhora D. Leonor de Toledo, filha do marquêz de Vila Franca, D. Luiz Pimentel, que era filho de D. Rodrigo Afonso Pimentel 4. conde de Benevente, a qual cazou com Cosme de Medicis, Grão Duque da Toscana, cuja neta madame Maria de Medicis, cazou com Henrique 4. de França.

§. 2 – *Martim Afonso Pimentel,* que está enterrado na igreja de S. Vicente desta cidade cazou com D. Inez Vasques de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, senhor da Castanheira, alcaide mor de Evora e teve:

Vasco Martins Pimentel.

João Afonso Pimentel.

João Afonso Pimentel cazou em Castela com D. Tereza Pacheco, irmã do senhor de Cerralvo Estevão Pacheco e teve:

Gil Afonso Pimentel e outros, o qual passando para este reino cazou nesta cidade com D. Leonor de Morais, Nº 11.

§. 3. – *João Fernandes de Morais,* que viveu nesta cidade e esta enterrado na igreja de S. Francisco cazou com... e teve

Rui Gonçalves de Morais.

Tereza Pimentel da qual descendem os Pimentéis da vila da Bemposta, e foi seu neto Diogo Pimentel escudeiro fidalgo a quem el-rei D. Manuel mandou passar carta de nobreza e fidalguia em 22 de Abril de 1514, que se acha na Torre do Tombo e desta consta ser filho de Alvaro Pimentel que se achou na tomada de Arzila e Alcacer e nas guerras contra Castela, o qual cazou com Branca Lopes, e que era neto de João de Louzada e de sua mulher a dita Tereza Pimentel, que diz ser filha de João Afonso Pimentel, irmão de João Afonso Pimentel, conde de Benavente: no que parece haver equivocação, porque devia de dizer de João Fernandes de Morais; e de Diogo Pimentel acima foi filha Bernarda Pimentel de Louzada, que cazou com Pedro de Morais Pegas, que teve Diogo de Morais Pimentel, capitão-mor da vila da Bemposta, o qual cazou com Luciana de Morais, filha de Baltezar de Morais, e neta de Diogo de Morais da mesma vila e teve ao desembargador Pedro de Morais Pimentel e Diogo de Morais Pimentel, cavaleiro do habito de Cristo e de presente [1721-1724] sargento-mor de infantaria desta cidade.

Rui Gonçalves de Morais, desta cidade cazou com Maria de Sousa e teve:

Gonçalo de Morais.

Gregorio de Morais.

João de Morais.

Catarina de Morais.

Gonçalo de Morais, desta cidade, cazou na mesma com Inez Rodrigues, filha de Rodrigo de Morais e de D. Leonor de Morais de Tavora nº 9 e teve:

Rui de Morais.

Vasco de Morais.

Rui de Morais, desta cidade, cazou na vila de Vinhais com Guiomar Gomes e dele descende toda a nobreza daquela vila.

5º – GONÇALO RODRIGUES DE MORAIS, Nº 5, filho de Rui Martins de Morais, no qual se continuou a direita varonia dos Morais, cazou com D. Estefania Soares e teve:

6 – *Martim Gonçalves de Morais.*

7 – *D. Alda Gonçalves de Morais,* que cazou com Lourenço Pires de Tavora, á qual el-rei D. Fernando fes mercê de Samodães e da colheita de Lamego e por este cazamento entraram os Morais na ilustrissima casa de Tavora, de que são senhores os marquezes de Tavora, condes de São João; e dizem, que por D. Alda Gonçalves de Morais tem os morgados da casa de Tavora o padroado da abadia de Crasto Roupal vulgarmente chamada de Vinhas, no distrito desta cidade.

6º – MARTIM GONÇALVES DE MORAIS, chefe dos Morais cazou com D. Lourença Pires de Tavora, que outros chamam D. Lucrecia Lourença de Tavora, irmã de Lourenço Pires de Tavora e de D. Guiomar Rodrigues de Gares, que trazem sua ascendencia del-rei D. Ramiro de Leão pelo infante Albazar Ramires. Teve:

Rui Martins de Morais.

8 – *Gonçalo Rodrigues de Morais.*

8º – GONÇALO RODRIGUES DE MORAIS, nº 8, cazou com Genebra de Macedo, irmã de Martim Gonçalves de Morais, o que se achou na batalha de Aljobarrota e teve:

9 – *Rodrigo de Morais.*

Fernão de Morais, que teve a Vasco Fernandes de Morais, vassalo del-rei, que cazou com Constança Dias de Nobrega, filha de Diogo Vasques de Nobrega, escudeiro vassalo del-rei, morador nesta cidade e foi juiz ordinario em 1468, e teve:

Catarina Vasques de Morais.

Genebra Vasques de Morais, que cazou com João Alvares e teve Juliana Alvares de Macedo, que cazou com Francisco Borges.

9º – RODRIGO DE MORAIS cazou com D. Leonor de Morais de Tavora, filha de Luiz de Madureira e de D. Catarina de Morais de Tavora, que era

neta de Pedro Lourenço de Tavora, reposteiro mor del-rei D. João Iº e Luiz de Madureira, filho de Gonçalo Vas do Rego, alcaide-mor do Vimioso e de D. Izabel Mendes e esta filha de Estevão Mendes de Tavora, que foi senhor do Vimioso e irmão do dito Pedro Lourenço de Tavora, filhos de Lourenço Pires de Tavora e de D. Alda Gonçalves, nº 7.

Teve:

10 – *Gonçalo Rodrigues de Morais.*

Inez Rodrigues, que cazou com Gonçalo de Morais, Nº 4 § 3.

10º – GONÇALO RODRIGUES DE MORAIS cazou com D. Maria de Sousa, que parece ser filha de Pedro de Sousa, que parece ser filho de Pedro de Sousa, alcaide mor desta cidade, nem em ela vejo este apelido senão do tempo do alcaide mor Pedro de Sousa em diante, suposto havia Sousas mais antigos, como se vê em Gonçalo Neves [21] desta cidade, que tambem foi pertensor a herança do Conde D. Gonçalo Garcia de Sousa (378) e teve Gonçalo Rodrigues de Morais e D. Maria de Sousa, filha unica e herdeira.

11 — *Leonor de Morais.*

Até Gonçalo Rodrigues de Morais se vê continuada por linha direita masculina a linhagem dos Morais de que era chefe. Hoje o são os Marquezes de Tavora, não só por direitos descendentes de D. Alda Gonçalves de Morais, irmã de Martim Gonçalves de Morais, chefe dos Morais, mas porque faltando a varonia destes, se achavam já descenderem dos Morais daquela ilustrissima casa por duas linhas... [abstemo-nos de transcrever as largas razões que apresenta tendentes a demonstrar a chefia dos Morais pelos Távoras. No fólio 504 volta a tratar do mesmo assunto].

Deste Gonçalo Rodrigues de Morais, que tinha titulo de vassalo, se faz menção em varios papeis do Arquivo da Camara e direi só de dous. Uma carta del-rei D. Afonso V de 1442, que tem Nº 10, porque agravando o procurador do concelho, Rodrigo Afonso de Pousadas, do corregedor da provincia de Tras os Montes mandar despedir duas serventes de soldada das que se davam dos orfãos ás pessoas de primeira nobreza por privilegio del-rei D. Duarte, que esta cidade tem, foi servido ordenar se cumprisse o dito privilegio e que o corregedor tornasse as serventes e dis: E mandará tomar duas moças que tinham dous vassalos da dita vila a saber: Vasco Fernandes de Morais e Gonçalo Rodrigues de Morais, os quaes eram nossos vassalos dos bons e honrados da dita vila.

Foi tambem Gonçalo Rodrigues de Morais procurador desta cidade nas cortes que se fizeram na de Lisboa em 1439 e consta dos capitulos dados em elas de 10 de Janeiro de 1440, que estam no Arquivo da Camara e tem

(378) BRANDÃO – *Monarquia Lusitana,* parte V, lib. 16, cap. 58, fol. 134 v.

Nº 6, escritos por Afonso Gil e assinados pelo infante regente D. Pedro, e o mesmo consta de outros capitulos das mesmas cortes que tem nº 5.

11º – D. Leonor de Morais, Nº 11 [379], natural desta cidade e não da vila do Mogadouro, como erradamente se diz em um manuscrito moderno, alegando o Nobiliario de Haro, que tal não diz, tomo I, cap. 4, fol. 136 e sim que passando Gil Afonso Pimentel com seu primo D. Afonso Pimentel, conde de Benavente, as montanhas de Mogadouro, fugindo á furia e perseguição de D. Alvaro de Luna, cazara Gil Afonso em esta provincia com D. Leonor de Morais, linhagem muito ilustre e antiga com quem já outras vezes tinham aparentado os senhores da casa de Benavente, a qual era filha unica de Gonçalo Rodrigues de Morais e de D. Maria de Sousa; e já fica mostrado serem desta cidade.

Gil Afonso Pimentel era filho de João Afonso Pimentel e neto de Martim Afonso Pimentel e este de D. Constança Rodrigues de Morais, nº 4 § 2 e se uniram os Pimentéis por este casamento com os Morais de Bragança; faleceu Gil Afonso em março de 1468, e está enterrado no Capitulo de S. Francisco desta cidade.

Teve:

12º – Alvaro Gil de Morais Pimentel desta cidade, cazou com D. Izabel de Valcarce, filha de João Rodrigues de Valcarcel, fidalgo galego que veio morar a esta cidade, e o acho em um instrumento do Arquivo da Camara de 1468, no qual se copiou uma carta del-rei D. João Iº, e tem Nº 14, em que ordenava que os coutos sejam obrigados vir velar a esta cidade, cujo instrumento foi escrito por Afonso Fernandes de Lugo e nele faz menção das pessoas do senado, a saber:

Diogo Vasques de Nobrega, escudeiro vassalo del-rei, juiz ordinario.

Gomes Pires, procurador do concelho.

João Alvares, vereador.

Gonçalo de Morais (é o que vai em nº 4 § 3).

João Rodrigues de Valcarcel.

Afonso Anes.

Gil Afonso.

Pedro Gonçalves, escrivão da Camara e declara que todos são escudeiros.

Era João Rodrigues de Valcarcel descendente de Garcia Rodrigues de Valcarcel, meirinho e adiantado maior do reino de Galiza, de quem descendem os condes de Lemos por sua filha D. Maria de Valcarcel, que cazou com Alvaro Rodrigues Ozorio, progenitores daquele condes; e teve:

Alvaro Gil de Morais Pimentel e D. Izabel de Valcarcel.

---

(379) Em muitos manuscritos se cita a «Grande Leonor de Morais». *(Nota do autor.)*

João Alvares de Morais Pimentel que morreu na batalha de Rabena.

13 – *Pedro Alvares de Morais Pimentel.* D. Inez Pimentel de Morais, que cazou nesta cidade com Lopo Fernandes Machado, e teve:

D. Francisca de Morais.

D. Violante de Morais Pimentel, que cazou com Alvaro Pires Borges, morgado de Macedo dos Cavaleiros, e entre outros filhos teve:

Antonio Borges de Morais Pimentel, que cazou com D. Francisca de Morais acima, sua prima, dos quaes descendem os morgados de Selores na vila de Ansiães pela maneira seguinte:

Antonio Borges de Morais Pimentel, de sua prima D. Francisca de Morais teve:

D. Frei Gonçalo de Morais, bispo do Porto.

Antonio de Morais Pimentel, s. g.

D. Brites de Morais que sucedeu no morgado de Selores a seu irmão Antonio de Morais Pimentel, o qual instituiu o bispo do Porto D. Frei Gonçalo de Morais, com capela na vila de Ansiães, comarca da Torre de Moncorvo e cazou com Fernão de Mesquita, filho de outro e de D. Violante de Meireles, da Torre de Moncorvo, e teve:

Gaspar de Mesquita de Morais Pimentel, que cazou na quinta do Prado com D. Luiza de Meireles Pinto, filha de Aires Pinto Pereira, comendador de S. Salvador de Selores, da Ordem de Cristo e de D. Teodora Ferreira, filha de Francisco Ferreira de Sa, comendador de Lamas, e de D. Paulina de Guimarães. [Ver em *Bragança – Ferreiras,* pag. 63] e teve:

Antonio de Morais que sucedeu no morgado.

João de Mesquita que cazou em Lisboa com... filha de Simão Cabral de Mesquita com g.

Francisco de Morais de Mesquita de que tornarei a fazer lembrança.

Antonio de Morais cazou com sua prima D. Francisca de Morais, de Vale de Torno, filha de Giraldo do Prado da Silveira, senhor que foi de vila Cahens, e teve:

Antonio de Morais, que sucedeu no morgado.

D. Francisca de Morais, que cazou com Romão de Almada de Vasconcelos, filho de Rui Fernandes de Almada com geração.

Antonio de Morais cazou com D. Maria de Menezes, filha de Ambrosio de Azevedo Coutinho e de D. Feliciana Pinto Pereira e teve:

Antonio de Morais, que sucedeu no morgado, e está contratado cazar com uma filha de Gonçalo Teixeira, capitão-mor de Favaios.

Ambrosio Pereira Pinto de Menezes e outros.

Francisco de Morais de Mesquita, filho de Gaspar de Mesquita de Morais Pimentel acima cazou na quinta da Salgosa, termo da vila de Penedono, com D. Maria de Castro, filha de João Ribeiro da Fonseca e de D.

Izabel de Mesquita. Teve:

Francisco de Morais de Mesquita e Castro.

João Ribeiro da Fonseca, lente de prima de leis, na Universidade de Coimbra, morreu conselheiro da fazenda. S. g.

D. Isabel de Mesquita Ozorio, que cazou na vila do Mogadouro com Gabriel Camelo de Morais, mestre de campo de infantaria auxiliar, com g.

Francisco de Morais de Mesquita e Castro, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do habito de Cristo, morador na Torre de Moncorvo, que nas ultimas cortes em que juraram a S. Magestade por successor do reino, foi comissario do Estado dos povos ao estado da nobreza, sucedeu por sua mãi no morgado do Souto que instituiu o bispo do Algarve D. Jeronimo Ozorio, irmão de sua terceira avó D. Izabel da Fonseca; como tambem no morgado de Salgosa, que é maior pela estimação que pelo rendimento em razão que sendo a quinta da Salgosa, patrimonio Real, dividido entre os infantes filhos del-rei D. Manuel e ser doado o prazo da dita quinta a João Ribeiro Esmeraldo em casamento com sua mulher D. Joana Manuel, pelo infante D. Fernando e sua mulher D. Guiomar Coutinho, condessa de Marialva, com os foros reaes de Garajal e vila de Cernancelhe e por estes não caberem nas partilhas ao dito infante, seu irmão o infante D. Luiz seu herdeiro lhe fez doação da quinta e prazo *in solidum* de juro e herdade, para ele e seus successoros em satisfação dos ditos foros reaes que não houveram.

Cazou em S. João da Pesqueira com D. Ana Maria de Castro Ozorio, filha de João Rebelo de Sousa, do habito de Aviz e de D. Maria de Castro. Teve:

Tomaz Aires Pereira de Castro, com o foro de seu pai, colegial de S. Paulo e hoje opositor ás cadeiras.

Frei Gonçalo de Morais, monge de S. Bernardo.

Francisco Alvares de Tavora.

D. Arcangela, ainda sem estado, e outros.

13º – Pedro Alvares de Morais Pimentel, nº 13, desta cidade, padroeiro do capitulo de São Francisco (380), cazou com D. Maria Pereira, filha de Gonçalo Vaz Guedes e de D. Maria Pereira, filha de Nuno Alvares Pereira Pinto, irmão de Gonçalo Vaz Pinto, senhor das vilas de Ferreiros e Tendaes; e Gonçalo Vaz Guedes, filho de Alvaro Vasques Guedes e de D. Ana Izabel de Mesquita e neto de Gonçalo Vasques Guedes, senhor de Murça e de D. Izabel de Alvim, filha de Pedro de Sousa, alcaide mor desta cidade. Teve:

14 – *Aleixo de Morais Pimentel.*

(380) Ver *Capítulo de S. Francisco – Pinheiros.*

15 – *Nuno Alvares Pereira.*

16 – *Manuel Pinto Pereira.*

Marcos Pinto, Francisco de Morais, Inacio de Morais, D. Izabel Pereira de Morais, Nº 24 – Maria Pinto que cazou nesta cidade com Matias Sebastião de Novais de quem era filho Diogo Vaz Pinto, cavaleiro do habito de Cristo e está enterrado no Capitulo de S. Francisco e foi casado com D. Francisca Sarmento desta cidade, com geração.

14º – ALEIXO DE MORAIS PIMENTEL, nº 14, comendador na Ordem de Cristo, cazou com D. Izabel Gomes de Macedo, filha de Rui Gomes de Mascarenhas, comendador de S. Miguel de Abambres, na Ordem de Cristo e de D. Ana de Macedo. Teve:

17 – *Gaspar de Morais Pintentel.*

18 – *Jaime de Morais Pimentel.*

19 – *Manuel de Morais Pimentel.*

20 – *António de Morais Pimentel.*

21 – *D. Maria de Morais Pimentel.*

17º – GASPAR DE MORAIS PIMENTEL, nº 17, cazou na vila de Chaves com D. Ursula da Costa, filha de Gregorio de Castro e de D. Catarina da Costa Chaves, herdeira do antigo morgado de Santa Catarina que instituiu Pedro Esteves em tempo del-rei D. Diniz; e teve:

D. Ana de Morais de Castro.

D. Antonia de Castro.

D. Ana de Morais de Castro cazou com Antonio de Macedo, fidalgo da Caza Real do habito de Cristo e teve a Francisco de Macedo, arcediago da Regoa, bispado do Porto, D. Maria de Morais, que foi abadessa do mosteiro da Conceição desta cidade e a João de Macedo de Morais, que cazou com sua prima D. Francisca de Figueiredo, filha de Pedro de Figueiredo, alcaide mor desta cidade e teve filha unica D. Maria de Morais, mulher de Antonio de Souza Pereira, senhor do morgado de Vilar de Perdizes. c. g.

De D. Antonia de Castro Morais, que cazou em Viana de Alvite com Manuel Mendes Pimentel nasceram Sebastião Mendes Pimentel, comendador de Salsas, destrito desta cidade s. g. o Doutor Manuel Mendes Pimentel, deão de Miranda e D. Ursula de Castro, que cazou com Miguel de Quadros Cabral. s. g.

Gaspar de Morais Pimentel ficando viuvo seguiu o estado eclesiastico; foi abade de Serapicos e se mandou sepultar no capitulo de S. Francisco desta cidade e deixou na mesma capela um legado com obrigação de missas e por não ficar descendencia sua passou a administracão do morgado de Santa Catarina, que está na vila de Chaves, aos herdeiros de sua cunhada D. Antonia de Castro.

18º – JAIME DE MORAIS PIMENTEL, Nº 18, cazou na vila de Chaves com

D. Antonia de Castro, irmã de D. Ursula de Castro, mulher de seu irmão Gaspar de Morais Pimentel, filhas de Gregorio de Castro acima, que era filho de João de Castro, cavaleiro galego, parente dos condes de Lemos, que cazou naquela vila com D. Izabel da Costa Chaves, herdeira do morgado de Santa Catarina. Teve:

Gregorio de Castro Morais, Luiz Alvares de Morais, abade de Monforte de Rio Livre, D. Joana de Castro Morais, que cazou em Chaves com Leonardo Teixeira Homem, comendador na Ordem de Cristo.

Gregorio de Castro Morais cazou com D. Catarina Velozo Teixeira, irmã do dito Leonardo Teixeira Homem, filhos de Martim Teixeira Homem e teve:

Gregorio de Castro Morais, Luiz Alvares de Morais, s. g. Frei Francisco de Chaves, da provincia da Piedade, e outros a saber:

D. Maria Veloso de Vargas, que cazou com Amaro Alvares Leite e D. Francisca de Morais com Jeronimo de Morais.

Gregorio de Castro Morais, fidalgo da casa real, cavaleiro do habito de Cristo, comendador de S. Miguel do Bugalhal, successor do morgado de Santa Catarina; foi sargento-mor de batalha com o governo desta cidade e por vezes esteve encarregado do da provincia, cazou com D. Genebra de Campilho, filha de Francisco de Fontes de Sampaio, morgado de Vila Verde, e teve:

D. Maria de Castro, que cazou em Chaves com Francisco Leite Velho, com g.

D. Filipa de Campilho, que cazou com Duarte Teixeira.

Casou Gregorio de Castro Morais segunda vez nesta cidade com D. Francisca da Rocha, filha de Francisco da Rocha e de D. Catarina do Salvador, e teve:

Francisco de Castro Morais. Gregorio de Castro Morais.

Jaime de Morais Castro, Francisco de Castro Morais, fidalgo da Casa real, do habito de Cristo, comendador de S. Miguel do Bugalhal, governador do Rio de Janeiro, cazou na vila de Chaves com D. Maria de Tavora Leite, teve:

João de Morais Castro Pimentel.

Gregorio de Castro Morais, fidalgo da Casa real, do habito de Cristo, que foi mestre de campo de infantaria no Rio de Janeiro e morreu gloriosamente na primeira ocasião que os francezes foram áquele estado em que foram desbaratados nesta guerra passada. Cazou com D. Sebastiana Veloso, filha de Belchior Pinto Cardoso, da vila de Mirandela e de D. Joana Veloso, filha de Duarte Ferreira de Morais, morgado de Tuizelo [ver em Bragança – *Ferreiras*, pág. 109]. Teve:

Francisco Xavier de Castro Morais, fidalgo da casa real, mestre de

campo de infantaria e cazou no Rio de Janeiro com D. Guiomar Maria de Sá, filha de Martinho Correia Vasques e de D. Guimar de Brito; e tem filhos:

Martinho Correia de Sá.

Gregorio de Castro Morais.

D. Sebastiana Veloso.

Matias de Castro Morais cazou no Rio de Janeiro com D. Maria de Andrade de Soto Maior e de D. Ana de Araujo, com filhos:

Gregorio de Castro Morais. José de Morais Castro e Andrade.

D. Francisca Rosa e D. Brites Sebastiana, freiras no mosteiro da Conceição e outros e frei Eusebio de Castro, religioso.

19º – Manuel de Morais Pimentel, Nº 19, cazou com D. Izabel de Morais, filha de Francisco de Morais Palmeirim, da cidade de Lisboa, está sepultado na capela-mor do mosteiro da Conceição desta cidade; teve:

Aleixo de Morais Pimentel doutor em canones, foi governador do arcebispado de Braga, de Lamego e deste de Miranda em ausencia de seu tio, o bispo D. Frei Francisco Pereira; faleceu na sua igreja de Santa Eulalia de Cabanelas.

Frei Diogo de S. Ana, um dos varões insignes da religião de Santo Agostinho; e vai nos que pertencem a esta cidade.

Frei Francisco de S. Jeronimo, religioso e definidor.

Bento de Morais Pimentel, que instituiu morgado. [Ver *Rio Torto.*]

D. Ana de Morais, que cazou com Alvaro de Morais Madureira, seu primo, morgado de Parada.

D. Izabel, D. Barbora e D. Maria, freiras no mosteiro da Conceição desta cidade.

20º – Antonio de Morais Pimentel (irmão mais velho que Manuel de Morais), cazou com D. Izabel de Madureira, herdeira do morgado de Parada. [Ver *Parada,* onde se continua a sua descendência, assim como a de Francisco de Morais Madureira, de Bragança],

21º – D. Maria de Morais Pimentel, Nº 21, cazou na vila de Chaves com Antonio Carneiro; e desta e de seu irmão Jaime de Morais, que tambem cazou naquela vila, como fica dito, descende a principal nobreza dela. E de Antonio Carneiro e de D. Maria de Morais Pimentel foi filha D. Ana Carneiro, que cazou nesta cidade com Lopo Sarmento, alcaide-mor da mesma, fidalgo da Casa dos Serenissimos Duques, cavaleiro do habito de Cristo; e teve tres filhas, duas que foram freiras no mosteiro da Conceição desta cidade e dotaram os Serenissimos Duques, e D. Violante Sarmento, que cazou com seu primo Pedro de Figueiredo Sarmento, alcaide-mor desta cidade, fidalgo da Casa dos Serenissimos Duques, do habito de Cristo, que instituiu o morgado e continua a sua descendencia. [Ver

em *Bragança – Figueiredos,* pág. 131.]

15º – Nuno Alvares Pereira, Nº 15, do concelho de Portugal em Madrid, cazou com D. Izabel de Mariz, filha de Lopo de Mariz e de D. Ana de Macedo, que o foi de João de Macedo, alcaide-mor de Outeiro e de Branca de Souza, filha de João de Sousa, alcaide-mor desta cidade e todos naturais da mesma, da mais escolhida nobreza dela e principal da provincia e teve:

22 – *Pedro Alvares Pereira.*

Luiz Alvares Pereira, que morreu em Tanger em um encontro com os mouros.

D. Frei Francisco Pereira, bispo de Miranda.

23 – *D. Maria Pereira.*

D. Catarina Pereira. [Ver *Quintela de Lampaças].*

22º – Pedro Alvares Pereira, do concelho de estado em Madrid no de Portugal, um dos maiores talentos daquele tempo, senhor de Serra Leoa, do Paul de Muge e das jugadas de Torres Vedras, comendador de Santa Maria de Marmeleiro na ordem de Cristo, foi decretado para conde de Muja e cazou com D. Mecia de Faro e teve Nuno Alvares Pereira e D. Maria, de que não ficou sucessão.

23º – D. Maria Pereira cazou com Diogo Botelho, governador do Brazil e teve ao famoso heroe Nuno Alvares Botelho, governador da India, que cazou com D. Brites de Lima, filha de D. Luiz Lobo da Silveira, senhor de Sarzedas e de sua mulher D. Joana de Lima e teve:

Francisco Botelho, primeiro conde de S. Miguel, que segunda vez cazou com D. Cezilia de Tavora; em cuja ilustrissima casa se continua com tanto esplendor o nobre sangue dos Morais de Bragança.

16º – Manuel Pinto Pereira, Nº 16, filho de Pedro Alvares de Morais Pimentel, cazou com D. Antonia de Barbuda, filha de Rui Gomes Mascarenhas Vilhena de Barbuda, teve:

Francisco Pinto Pereira, deão de Coimbra, inquisidor do Santo Oficio no Tribunal da mesma cidade.

Nuno Alvares Pereira e outros, que cazou com D. Damazia de Castro, dos quais foi filho Bento Pereira de Melo, D. Prior de Aviz.

24º – D. Izabel Pereira de Morais, filha de Pedro Alvares de Morais Pimentel e de D. Maria Pereira, Nº 13, cazou com João Pinto Pereira, alcaide-mor de Ervededo, que era seu tio, por ser irmão de D. Maria Pereira. *Haro* só faz menção de Francisco Pereira Pinto, seu neto, do conselho Real das ordens e da Santa e Geral Inquisição, governador de Alcobaça, pelo serenissimo infante cardeal D. Fernando. Agora direi os filhos que teve.

Gonçalo Vaz Pinto, que cazou primeiro com D. Maria Botelho, filha

de Pedro Borges de Rebelo, morgado do Corpo Santo, natural de Macedo dos Cavaleiros e segunda ver em Vila Real com D. Izabel Botelho de Mesquita, filha de João Correia de Mesquita.

Frei João Pinto, da ordem de S. Bento, D. abade do mosteiro de S. Miguel de Refoios de Basto.

D. Maria Pinto Pereira, que cazou com Pedro Borges Rebelo, morgado de Macedo dos Cavaleiros. [Ver *Quintela de Lampaças.*]

D. Ana Pinto Pereira, que cazou em Lamego com Diogo Gonçalves Leite, com g.

D. Izabel Pereira, que cazou na Torre de Moncorvo com Gaspar Mendes de Vasconcelos, com g.

D. Maria de Morais, freira em Santa Clara de Amarante.

Com esta breve relação se vê que a maior parte da nobreza desta provincia descende deste solar [dos Morais] ... pois para se dar [relação] com individuação de todos os que são Morais, pedia particular tratado».

Descreve em seguida as armas dos Morais: escudo em campo vermelho, aberto em pala: na primeira uma torre de prata lavrada de preto, com telhado de ouro, junto de um pé de água e uma bandeira de prata e na segunda uma amoreira com raízes em verde. Por timbre uma amoreira.

Diz depois:

«E dizem ter esta significação: a moreira que faz alusão a Estevão Peres, del Moral, que defendeu o castelo assim chamado e de que tomou o nome. E a torre que ajuntaram os deste solar [Morais, de Bragança] que são as antigas armas de um dos principais que se acharam na sua defensa [de Bragança], quando esteve sitiada pelos leoneses em 1193 e o pé de agoa pelos rios Sabor e Fervensa, que a cercam. Mas bem pode ser, que Gonçalo Rodrigues juntasse estas armas por parte de sua mulher, que por ser da familia dos Braganções, que foram senhores desta cidade, lhe competiam» (381).

1º D. Luísa Caetana de Amaral Sarmento, de Vinhais, filha de António de Amaral Sarmento e de D. Ana Cortês de Figueiredo.

Neta paterna de Manuel de Amaral Sarmento e de D. Catarina de

(381) Ver o volume IV, p. 344, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

Queirós, de Vinhais.

Neta materna de João Gomes Mena, natural de Morais, e de D. Merenciana, natural de Izeda.

Nasceu a 5 de Agosto de 1729 e vivia em Morais, na companhia de seu tio António Gomes Mena.

Noviciou em 1752 no convento da Santa Clara de Bragança (382).

João Gomes Mena, também chamado João Gomes de Figueiredo, morador em Morais, tinha em 1700 um *oratório* particular nas suas casas de moradia, onde se celebrava missa, mas não estava em condições e por isso requereu para o legalizar canonicamente.

2º D. Ana Joaquina de Ordaz Sarmento Botelho, natural de Miranda do Douro, faleceu em Morais a 7 de Abril de 1817, deixando por testamenteiro seu marido António Manuel de Amaral Sarmento e Mena, coronel do exército.

Casou, em primeiras núpcias, com o coronel de infantaria Carlos Mascate de Ordaz, que faleceu em Bragança, e era administradora, desde Setembro de 1703, do morgadio de Duas Igrejas, instituído em 1623 pelo licenciado João Ferraz (no manuscrito está pouco perceptível, mas parece Ferraz) e por sua mulher D. Leonor Neto, que residiam em Miranda do Douro, que herdou por morte de seu avô materno João de Ordaz Flores Morais, por sobreviver à filha deste, D. Mariana de Ordaz Flores Morais.

Tinha uma irmã, D. Teresa Angélica, uma cunhada, D. Maria Josefa, freira em Bragança, e uma tia, D. Francisca Antónia.

Nem de um, nem de outro matrimónio teve filhos (383).

3º António Manuel de Amaral Sarmento de Morais, que parece ser o acima citado, mas casado em segundas núpcias, fez testamento em 1844 deixando por herdeiros: sua mulher D. Ana Cândida de Azevedo Ferrão e seu sobrinho, filho primogénito de seu tio Francisco Xavier do Amaral Sarmento e Mena, neto de seu tio paterno José Maria de Figueiredo Sarmento, cidadão brasileiro (384).

4º Em 1804 foi concedida licença para se benzer a capela de S. Pan-

(382) Documentos do Museu Regional de Bragança, *Freiras de Santa Clara,* maços 1 e 2.
(383) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo de Bragança,* livro 54. fol. 82.
(384) Ibidem, livro dos *Testamentos de Izeda,* fol. 18.

talião, sita fora da povoação de Morais, concelho de Macedo de Cavaleiros.

Vínculo de morgadio ou obra do povo? Seria construída neste ano ou apenas se trata de reparações que tornavam necessária a benção? Do documento nada mais se pode concluir, além da benção (385).

5º Padre António Afonso Junior e D. Maria Afonso Júnior instituíram um vínculo de morgadio em Morais de que foi administrador Francisco Xavier de Sousa Júnior (386).

MOSTEIRO

Francisco de Sá Pereira e sua mulher D. Francisca de Lobão, que residiram em Mosteiro, concelho de Monforte de Rio Livre, hoje de Chaves, erigiram em 1702 uma capela, com vínculo de morgadio, na referida povoação, dedicada a S. Francisco.

Em 1753 era José de Morais Pereira do Lago administrador desta capela (387).

NABO

D. Teresa Maria de Morais, natural de Nabo, concelho de Vila Flor, filha de Luís António de Morais e Castro e de D. Antónia Maria de Sá Borges.

Neta paterna de João Borges de Morais, capitão-mor de Vila Flor, e de D. Teresa Josefa Botelho, de Vila Real.

Neta materna de Aleixo Borges de Sá, cavaleiro professo na Ordem de São Tiago, e de D. Maria Correia da Conceição, que residiram em Nabo.

Professou em 1766 no convento de Santa Clara de Vinhais (388).

NOGUEIRA

(385) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(386) Ver o volume IV, p. 344, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(387) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(388) Ibidem, maço *Freiras de Santa Clara.*

Pedro Pires, presbítero, de Nogueira, termo de Bragança, erigiu em 1716 uma capela a Nossa Senhora das Mercês, no sítio chamado Cruz, limite da mesma povoação (389).

OUSILHÃO

1º Doutor Mateus Ferreira dos Reis instituiu em 29 de Dezembro de 1705 um morgadio na sua capela de Santo António, do lugar de Ousilhão, distrito de Bragança.

Este morgadio era de livre nomeação, sem preferência de rigorosa agnação ou cognação. Legou-o ao:

2º Doutor António de Paiva Pona, cidadão de Bragança, provedor da comarca de Miranda, casado com D. Joana de Barros (390).

OUTEIRO

1º Jerónimo Trigueiros de Aragão, a quem em 8 de Maio de 1866 foi conferido o título de visconde de Outeiro, concelho de Bragança (391).

2º D. Joana Machado de Figueiredo Antas, casada com o capitão Manuel Fernandes, de Outeiro, faleceu a 21 de Novembro de 1818, deixando por testamenteiro o Padre Francisco Xavier Machado Antas.

Tinha um irmão, Miguel Machado, e sobrinhas: D. Joaquina, D. Joana e D. Maria José (esta residia em Quintanilha) (392).

3º Luís António Rodrigues de Carvalho, de Outeiro, faleceu a 3 de Março de 1832, deixando por testamenteiro Francisco António Machado de Morais Antas.

Tinha sobrinhos: D. Maria Matilde, D. Cândida, D. Francisca, D. Felisbina e Francisco António Machado de Morais Antas, sargento-mor das vvccc

(389) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(390) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», § 30, fólio 323 (mihi).
(391) LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* artigo – *Outeiro.*
(392) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* liv. 100, fol. 46 v.

ordenanças de Outeiro, casado com D. Maria da Conceição [393]. Ver em *Vinhais – Buiças.*

Numa sepultura raza, de granito, no pavimento da igreja do Santo Cristo de Outeiro, encontra-se a seguinte inscrição, com algumas letras inclusas:

AQVI
IAS M
ANO E
L RO D
RIGVE
S DEAN
DRAD
ARCDI
AGO DE
MRDA
1715

Noutra sepultura idêntica à anterior, no pavimento da mesma igreja, encontra-se a seguinte inscrição, com algumas letras inclusas e conjuntas:

SEPVL
TVRA DE
GASPAR
DE MOR
AIS BVI
SSA. PA
RA SI. E
SEVS S
VCESSO
RES
FALEC
EV EM
8 DE MAIO
DE 1715

(393) Museu Regional de Bragança, livro 204, fol. 44 v.

Ainda noutra sepultura idêntica à anterior, brasonada, no pavimento da mesma igreja, encontra-se a seguinte inscrição com algumas letras inclusas e conjuntas:

AQVI IAZ IOZEPH S
ARMTº FIDLº DA C.ª DE S.M
AGº NAT.L DA CIV.D DE MI
RD.ª E GOVRO.R q. FOY D
O CATº DESTA V.ª DE O
VTº FOI SEPVLTAD. A 8
DE 7BRº DE 1742 A S.

Na coluna que sustenta o arco do alpendre da porta lateral, lado norte, da igreja do Santo Cristo de Outeiro, encontram-se, em duas lápides as seguintes inscrições:

A 26 DE ABRIL
DA ERA ABAIX
O POSTA SUOU
O SANTO XPÕ.

E NO ANNO DE
1698 TEUE P
RINCIPIO E
STA CAPELLA.

Na padieira da porta de uma capelinha contígua à igreja do Santo Cristo do Outeiro encontra-se a inscrição que damos abaixo.

É provável que esta capelinha fosse a primitiva dedicada ao Santo Cristo e que em 1698 tivessem construído o artístico templo, conservando contudo a capelinha como relíquia veneranda.

Também junto ao assombroso templo da Batalha se conserva a humilde capelinha, tão pobre quanto aquele é sublime de arte, onde D. João I fez o voto de erigir um magestoso templo a Nossa Senhora da Vitória, caso vencesse em Aljubarrota.

NESTA CAPELLA SU
OU O S. XPº A 26 DE A
BRIL DE 1698 AS
E SE REDEFICOU ANNO 1755.

PAÇÓ DE VINHAIS

João Alves de Morais, da vila de Paçó, concelho de Vinhais, filho do capitão-mor (da mesma vila? é provável, mas o documento nada esclarece) Luís Alves de Morais, de Armoniz, e de D. Maria Afonso Roxo.

Recebeu ordens menores em 1817.

José Alves de Morais e António Bernardo de Morais, irmãos do precedente, receberam, respectivamente, ordens de subdiácono e menores em 1820 e 1808 (394).

PALAÇOULO

Pedro Nunes Barreto, morgado de Palaçoulo, concelho de Miranda do Douro, vivia pelos anos de 1779 e tinha encargo de mandar celebrar certo número de missas (395).

«O Mordomo do Senhor pelo Foro duas Missas, e cinco alqueires de pão cosido na Pascoa de coresma repartidos por cem pobres, a arratel de pão cada hum» (396).

Esta disposição inculca vínculo de morgadio.

PALAS

Francisco Bernardes, presbítero, de Palas, concelho de Vinhais, erigiu em 1725 nesta povoação uma capela dedicada a S. José, por não haver ali igreja e muitas pessoas falecerem sem Sacramentos (397).

PARADA DE INFANÇÕES

Família Morais Madureira Feijó

André Soares de Madureira, fidalgo do solar da casa de Parada, da província de Trás-os-Montes, familiar do Santo Ofício, cidadão de Bra-

(394) Museu Regional de Bragança, maço *Ordinandos.*
(395) Ver o volume IV, p. 347, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(396) Ibidem.
(397) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

gança e natural da vila de Riborda, era filho legítimo e único de Pedro Soares do Rego e Sousa, capitão fronteiro da província de Trás-os-Montes, e de D. Benedita de Morais Madureira Feijó.

Neto paterno de André Soares Aires, capitão de um terço de infantaria volante, e de D. Ana de Morais e Sousa.

Bisneto paterno de Pedro Aires Soares, capitão de um terço de infantaria volante, governador de Monforte de Rio Livre, e de D. Maria de Sá de Morais e Sousa.

Terceiro neto paterno de Pedro Aires Soares, governador de Monforte, mestre de campo de um terço de infantaria volante, progenitor também do coronel de infantaria Pedro Soares, cavaleiro da Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, e de António de Sá Pereira do Lago, coronel de cavalaria, todos descendentes dos moradores da Casa Real, como senhorios de terras, alcaidarias-mores e comendas, nas três ordens militares.

Neto materno de António de Morais Madureira Feijó, fidalgo de solar, capitão de um terço de infantaria volante, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Ana de Lobão Mascarenhas, quarta neta de Rui de Mascarenhas, comendador de São Miguel de Abambres, e de D. Ana de Macedo, filha de Afonso Gomes de Mascarenhas, que serviu em África.

Bisneto materno de outro António de Morais Madureira, fidalgo de solar, senhor da casa e solar de Parada e mais senhorios pertencentes à mesma, e de D. Anastácia Pereira, filha de Gonçalo Borges Rebelo, nono senhor dos morgadios do Corpo-Santo e Quintela de Lampaças; quinta neta de Álvaro Pires de Meireles, verdadeiro descendente de D. Nuno de Aguilar, de Chacim, e de D. Maria Borges, filha de Diogo Goncalves Borges, senhor da Torre de Moncorvo.

Terceiro neto materno de Álvaro Anes de Morais Madureira, fidalgo de solar, senhor da casa e solar de Parada, e das jugadas de Parada, Paredes, S. Pedro, Grijó e Coelhoso, e de D. Ana de Morais, sua prima, filha de Manuel de Morais Pimentel e de D. Isabel de Morais, filha de Francisco de Morais, o *Palmeirim,* comendador da Ordem de Cristo e tesoureiro do tesouro particular que naquele tempo tinham os monarcas portugueses, de quem tambem descende D. Miguel Pereira.

Quarto neto materno de António de Morais Pimentel (irmão de Jaime de Morais Pimentel, que foi avô de Gregório de Castro Morais, general de batalha, governador das armas de Trás-os-Montes e comendador de São Miguel de Bogalhal) e de D. Isabel de Madureira, filha e herdeira de Álvaro Anes de Madureira, fidalgo de solar, senhor da casa de Parada e das jugadas e mais senhorios já citados, e de D. Branca de Sousa; neta paterna de Luís Anes de Madureira, fidalgo de solar, senhor

da casa de Parada e mais jugadas dos citados lugares e senhorios, e de D. Isabel de Barros; bisneta de Álvaro Anes de Madureira, senhor de Vila Franca de Sesulfe, Val de Prados, Biduedo, Frieira, Arufe, aldeia de Corda-real (?) e outras mais em Trás-os-Montes, fidalgo da casa de El-Rei D. Afonso V (a quem serviu nas guerras do seu tempo e acompanhou na batalha do Toro e nas conquistas de África. Foi este fidalgo o primeiro senhor das *vódas* ou jugadas de Parada, Paredes, S. Pedro, Grijó e Coelhoso, por bula do Papa Urbano VI, expedida no ano de 1417, com consentimento do arcebispo primaz D. Lourenço da Cunha, seu primo coirmão, a cuja mesa arquiepiscopal pertenciam as citadas rendas. Esta casa de Parada foi sempre muito distinguida pelos monarcas, como testemunham as magníficas doações que lhe fizeram D. Dinis, D. Pedro I, D. João I e D. Afonso V, e os instrumentos jurídicos e autênticos que conservam os interessados nesta ascendência de que existem os originais na Torre do Tombo, sendo um deles o que lhes concede o direito de levantar torres nos paços de sua residência), e de D. Ana Fajardo, filha de D. João Fajardo, senhor de Carvajales, em Castela, que depois foram marqueses de los Vales.

Quinto neto materno de Aleixo de Morais Pimentel, fidalgo da casa de El-Rei D. João III, veador da infanta D. Maria, comendador da Ordem de Cristo e padroeiro do capítulo do convento de S. Francisco de Bragança (irmão do secretário de Estado Nuno Álvares Pereira de Morais, pai de Pedro Álvares Pereira, senhor de Serra Leoa, que teve a mercê do título de conde de Muje, casou com D. Mexia de Faro e foi pai de D. Francisco Pereira, bispo de Miranda e Lamego, e de D. Maria, mãe do grande Nuno Álvaro Botelho, governador da Índia, de quem descendem os condes de S. Miguel), e de D. Isabel Gomes de Macedo, filha de Rui Gomes Mascarenhas, comendador de S. Miguel de Abambres, cuja igreja edificou, e de D. Ana de Macedo, neta de Afonso Gomes Mascarenhas, atrás citado.

Sexto neto materno de Pedro Álvares de Morais Pimentel, padroeiro do capítulo do convento de S. Francisco de Bragança, de cuja ascendência trata o *Nobiliário* de Afonso Lopes de Haro, na casa dos senhores da Serra Leoa, e de D. Maria Pereira, filha de Gonçalo Vaz Guedes, terceiro senhor de Murça, e de D. Maria Pereira, filha de Nuno Álvares Pereira, irmão de Rui Vaz Pinto, senhor das vilas de Ferreiros e Tendais.

Sétimo neto materno de Álvaro Pires de Morais Pimentel, padroeiro do referido capítulo, e de D. Isabel de Valcáceres, irmã de D. Maior de Valcáceres, mãe de D. Rodrigo Osório, conde de Lemos, ambas filhas de D. João Rodrigues de Valcáceres.

Oitavo neto materno de Gil Afonso Pimentel, que, voltando de Castela para Portugal com seu primo D. Afonso Pimentel, conde de Bena-

vente, que fugia às perseguições de D. Álvaro de Luna, casou na cidade de Bragança, donde era oriundo, com sua prima D. Leonor de Morais, filha e herdeira de Gonçalo Rodrigues de Morais, oitavo padroeiro do referido capítulo, vassalo de El-Rei D. Afonso V, e chefe da família dos Morais, e de D. Maria de Sousa, neta paterna de Rodrigo de Morais, sétimo padroeiro do referido capítulo, e de D. Leonor de Távora, bisneta de Gonçalo Rodrigues de Morais, sexto padroeiro do mesmo capítulo, e de D. Genebra de Macedo, terceira neta de Martim Gonçalo de Morais, quinto padroeiro do referido capítulo, e de D. Lourença Pires de Távora, filha de Lourenço Pires de Távora, senhor da grande casa de Távora, quarta neta de Gonçalo Rodrigues de Morais, quarto padroeiro do mesmo capítulo, e de D. Estefânia Soares, pais também de D. Alda Gonçalves de Morais, que casou com o segundo Lourenço Pires de Távora, senhor da casa de Távora, quinta neta de Rui Martins de Morais, terceiro padroeiro do dito capítulo, alcaide-mor de Bragança, senhor de Morais e outras terras, e de sua segunda mulher D. Urraca Gonçalves de Leiria, sexta neta de Martim Gonçalves de Morais, segundo padroeiro da igreja de S. Francisco, senhor de Morais e outros lugares, que viveu no tempo de D. Sancho, o *Capelo,* e D. Afonso III, a quem prestou grandes serviços, e de D. Elvira Pires, sétima neta de Gonçalo Rodrigues de Morais, que residiu em Bragança, pelos anos de 1210 a 1217, e foi quem doou ao patriarca S. Francisco a sua ermida de Santa Catarina e a cerca em que o mesmo santo fundou o seu convento, que foi o primeiro desta ordem que houve em Portugal, como atesta o cardeal Gonzaga na *História Seráfica,* e o padre-mestre Esperança na *História da Província de Portugal,* primeira parte, no convento de Bragança.

Nono neto materno de João Afonso Pimentel, que passou para Castela com seu tio João Afonso Pimentel, primeiro conde de Benavente, e lá casou com D. Teresa Pacheco, filha de Serralvo, que depois foram marqueses e grandes.

Décimo neto materno de Martim Afonso Pimentel (irmão de Afonso Pimentel, senhor de Bragança, Vinhais e Outeiro), que passou para Castela e foi lá o primeiro conde de Benavente, e de D. Inês de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, senhor da Castanheira, Povos e Cheleiros, alcaide-mor de Évora.

Décimo primeiro neto materno de João Afonso Pimentel, comendador-mor de Santiago, e de D. Lourença da Fonseca.

Décimo segundo neto materno de João Afonso Pimentel e de D. Constança Rodrigues de Melo, filha de Rui Martins de Morais, terceiro padroeiro da igreja de S. Francisco, alcaide-mor de Bragança e senhor do solar de Morais.

Décimo terceiro neto materno de D. Afonso Vasques Pimentel, rico-homem, e de D. Sancha Fernandes de Maceira.

Décimo quarto neto materno de Vasco Martins Pimentel, que foi avô materno do arcebispo primaz D. Gonçalo Pereira, e de D. Maria Ana, de Fornelos.

Décimo quinto neto materno de Martim Fernandes Pimentel, senhor da quinta e honra da Torre.

Teve por brasão de armas um escudo com as armas dos Morais e dos Madureiras. Por timbre o leão das armas dos Madureiras (398).

MARTINHO DE MORAIS CORREIA DE CASTRO, primeiro Visconde de Azenha, marechal de campo, sucedeu em 27 de Junho de 1827 a seu primo António de Morais Madureira Lobo Feijó no morgadio de Parada de Infanções e faleceu a 23 de Junho de 1833, passando este morgadio para seu neto Inácio de Morais Correia de Castro Leite de Almada, segundo Conde de Azenha.

Sucedeu-lhe Bernardo Correia de Morais e Castro, que residiu em Guimarães e era filho do primeiro Visconde de Azenha (399).

O título de visconde de Azenha foi criado a 3 de Julho de 1823 e o morgadio de Parada a 13 de Maio de 1417, formado nas jugadas de Parada, Paredes, etc., como atrás se descreve (400).

A 9 de Julho de 1755 foi passado brasão de armas a André Soares de Madureira, primeiro citado nesta longa série de fidalgos de Parada, que está registado no *Cartório da Nobreza,* livro particular, fol. 87 v. (401).

A casa solarenga destes fidalgos de Parada pertence hoje, por compra, ao doutor António Rapazote e a seus irmãos, bem como grande parte das propriedades de que era constituído o morgadio. O brasão que a adorna, não condiz bem com as armas que lhe dão os livros de heráldica. É um escudo esquartelado: no primeiro quartel vêm-se duas flores de liz e dois quadrúpedes, que mais parecem porcos ou cachorros do que leões, e por cima, horizontalmente, um ramo a todo o comprimento, o que não condiz perfeitamente com as armas dos Madureiras; no segundo vêm-se duas

(398) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* part. 1ª, p. 19, e part. 2ª, artigos «Madureira» e «Morais».
(399) *Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal,* p. 32.
Portugal: Dicionário Histórico, Biográfico ..., artigo *Azenha.*
(400) *Resenha das Famílias, etc.,* p. 32.
(401) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* part. 1ª, p. 21.

espadas cruzadas com as pontas para baixo, no vértice superior do ângulo formado por elas uma cara de mulher, um ramo que será de feijoeiro e ainda outro emblema que não percebi o que seja, o que não condiz com as armas dos Feijós; no terceiro vê-se a torre e a amoreira, armas dos Morais; no quarto vê-se um animal alado. Será uma águia, armas dos Dragam, de que fala Vilas Boas? Por timbre tem um quadrúpede, leão ou o quer que seja.

A família dos Madureiras foi de grande distinção no tempo de El-Rei D. Afonso V, em que viveu Álvaro Anes de Madureira, primo-irmão do arcebispo primaz de Braga, D. Lourenço da Cunha, que lhe fez muitas e importantes mercês, confirmadas pelo papa Urbano VI. D. Afonso V também lhe fez várias mercês (402).

Nicolau de Arrochela Vieira de Almeida Sodré Laborão de Morais e Castro Pimentel, primeiro Conde de Arrochela, que nasceu a 9 de Novembro de 1799 e faleceu a 26 de Outubro de 1867, foi vigésimo sexto padroeiro, por direito de sucessão, do Capítulo do extinto convento de S. Francisco de Bragança, jazigo da ilustre família dos Pimentéis (403).

António Bernardo da Fonseca Moniz, presbítero secular, natural da vila de Moncorvo, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, arcediago de Neiva, abade de Santa Eulália de Beiriz, desembargador da relação metropolitana de Braga e secretário do reverendo arcebispo da mesma diocese, era filho do bacharel Francisco José Nunes da Fonseca Moniz e de D. Maria de Madureira Ferreira de Castro.

Neto paterno do bacharel José Nunes da Fonseca Moniz e de D. Rosália Maria Rita de Assunção Torres.

Neto materno de João Torres Portocarrero e de D. Luísa Ferreira de Castro.

Teve por armas um escudo ovado e esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Fonsecas; no segundo as dos Moniz; no terceiro as dos Ferreiras e no quarto as dos Castros.

Foi-lhe passado este brasão a 19 de Abril de 1826. Está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 8, fol. 200 (404).

(402) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* part. 2ª, artigo *Madureira.*
(403) SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal,* vol. I, p. 142.
(404) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* parte 1ª, p. 31.

Como por várias vezes nos referimos ao título de «padroeiro da capela do capítulo de S. Francisco de Bragança» que diversas famílias pretendem para si, convem ver o que sobre ele dizemos no volume III pág. 247, destas *Memórias Arqueológico Históricas do Distrito de Bragança,* onde publicamos uma geneologia de Sepúlveda, abade de Rebordãos, referente a este assunto.

Outra genealogia da Família Morais Madureira Feijó

Damos a seguir outra genealogia dos Morais Madureiras Feijós, de Parada de Infanções, que, embora concorde em geral com a antecedente, tem notícias inéditas apreciáveis e por serem dadas por um conterrâneo e contemporâneo de muitos factos que relata, guiado de mais a mais por documentos que teve à mão, são de apreciar. Diz ele:

«O morgado de Parada, casa bem conhecida por uma das principais desta provincia e tem suas casas no lugar deste nome com duas torres antigas e se diz que seus antepassadas tiveram título de Infanção com o senhorio desta aldeia, razão porque ainda hoje se chama Parada dos Infanções e que são chefes dos Madureiras e Feijós deste reino e alguns a querem deduzir do conde D. Gonçalo Garcia de Sousa por seu neto Alvareanes [22]. Si é frequente este nome nos morgados desta casa.

Em uma das torres tem um escudo com as armas dos Morais, que mostra serem mais antigas nesta casa que o casamento de Antonio de Morais Pimentel e tem mais duas flores de Liz, dous lobos, duas espadas cruzadas em aspa, uma cabeça e sobre ela um ramo e por baixo das espadas uma serpente.

Parece que alguma cousa mostram serem dos Fajardos e Feijós; e sobre o escudo tem uma imagem de N. Senhora da Conceição e se tem por imemorial trazerem estes morgados uma venera da Conceição por habito e estão unidos a este morgado os votos de Parada, Coelhoso, Paredes e Grijó [(405)].

(405) Adiante, no fólio 508 (mihi), trata da questão da venera de Nossa Senhora da Conceição que, segundo a tradição do morgadio, é uma regalia especial sua, pois só há dois ou três em Portugal com este privilégio, mas o autor duvida que lhes fosse concedida esta regalia, pois não aparecem em Parada documentos que tal justifiquem, e, no seu entender, começaram a usar esta imagem por «devoção, porque a capela deste morgado é da invocação da Conceição».

1º – O primeiro de que alcanço notícia é PEDRO FEIJÓ DE MADUREIRA, casado com D. Izabel Coutinho [406], parenta do arcebispo primaz D. Lourenço, e teve:

2º – ALVAREANES DE MADUREIRA FEIJÓ, que cazou com D. Ana Fajardo, e este se achou com dous filhos e 25 de cavalo á sua custa em serviço delrei D. João Iº em Aljubarrota, teve:

3º – LUIZ ANES DE MADUREIRA FEIJÓ, que cazou com D. Ana de Macedo, e teve:

4º – ALVAREANES DE MADUREIRA, que acrescentou o morgado, foi fidalgo da casa del-rei D. Afonso 5, a quem fez muitos e assinalados serviços nas guerras com Castela e em Africa, lhe fez mercê do senhorio de algumas terras, como foi o da vila de Sezulfe com os direitos reais jurisdição, civel e crime, mero e misto imperio e pôr da sua mão as justiças, a qual mercê lhe fez em a cidade de Touro a 25 de Janeiro de 1476 e pura doação para sempre dos reguengos, foros, tributos e direitos das aldeias de Vale de Prados, Vila Franca, Frieira, Viduedo e Arufe para ele e seus herdeiros dada em Evora a 23 de Novembro de 1478.

Já não existem na casa estas mercês e declaram os alvarás, que os lugares acima foram do mosteiro de Castro de Avelãs e estavam já metidos na corôa e por eles recebera o mosteiro cousa de mais utilidade e rendimento.

Casou com D. Izabel Soares de Macedo, filha de João de Macedo, alcaide-mor de Outeiro e de Branca de Sousa. Foi irmão deste Alvareanes de Madureira Frei Luiz Anes, dom abade do mosteiro de Castro de Avelãs e se faz dele menção em uma sentença que está no Arquivo da Camara que se deu contra o mosteiro sobre os maninhos em 1457. Teve filhos:

Alvareanes de Madureira.

D. Izabel Soares de Macedo.

5 – Luiz de Madureira

Garcia Alvares de Madureira, do qual se faz menção em um auto de posse que a camara tomou de suas casas em o ano de 1520, sendo juiz João Lopes e vereador o dito Garcia Alvares de Madureira que o nomeiam com titulo de escudeiro fidalgo; que naquele tempo era o acrescentamento que havia, como se vê da *Nobiliarquia Portugueza,* fol. 163. E deste foi neto:

Antonio de Madureira, que casou com D. Antonia Carneiro. §. 2, Nº 3.

(406) A divergência que se nota nos apelidos nada obsta, pois é muito frequente nas genealogias fidalgas.

5º – Luiz de Madureira, que sucedeu no morgado, casou com D. Ana de Buiça e teve:

6º – Alvaro Anes de Madureira, que casou com D. Branca de Sousa e teve filha unica:

7º – D. Izabel de Madureira, que casou com Antonio de Morais Pimentel, filho de Aleixo de Morais Pimentel e de D. Izabel Gomes de Macedo. Noticia X, *Solar dos Macedos,* N.os 14 e 20. Teve:

8º – Alvaro de Morais Madureira, casou com D. Ana de Morais Pimentel, sua prima, filha de Manuel de Morais Pimentel e de D. Izabel de Morais. Noticia X, supra, Nº 19 e teve:

9º – *Antonio de Morais Madureira.*

Francisco de Morais Madureira, §. 5.

Manuel de Morais Pimentel, beneficiado.

9º – Antonio de Morais Madureira, casou em Miranda com D. Aldonça de Albuquerque e teve duas filhas:

D. Izabel de Morais, mulher de Diogo Machado Pimentel, cavaleiro do habito de Cristo, irmão do inquisidor Manuel Pimentel de Sousa, da vila do Vimioso.

D. Mariana de Morais Pimentel, que casou com Lazaro de Figueiredo Sarmento, alcaide-mor de Bragança, §. 1, Nº 3.

D. Mariana de Morais de Albuquerque mulher de Filipe Borges Rebelo §. 22. Casou segunda vez com D. Anastacia Pereira irmã de seu genro Filipe Borges Rebelo e teve:

10 – *Alvaro Al[vares] de Madureira Feijó.*

Manuel de Morais Madureira, conego tesoureiro-mor da Sé de Miranda.

D. Margarida das Chagas.

D. Teresa de Jesus, freira no mosteiro da Conceição e aquela no de Santa Escolastica, de Bragança.

D. Joana de Morais, casou na vila de Chaves com João Borges de Castro, filho de Tristão de Castro Borges, da cidade de Miranda e teve: Tristão de Castro de Morais, que morreu na India no real serviço.

Francisco de Castro de Morais, que de presente [1721-1724] é capitão de infantaria, casado em Chaves com geração.

D. Maria Bernarda de Santo Antonio.

D. Ana Maria da Conceição, freiras no mosteiro de Santa Escolastica de Bragança.

D. Maria de Morais, que casou em Miranda com João Godinho Borges, capitão de infantaria, com geração.

D. Anastacia de Morais casou com o doutor Francisco Gil Torres, c. g.

10º – Alvaro Anes de Madureira Feijó, que sucedeu no morgado, casou com D. Teodora Pinto Pereira do Lago. Teve:

11 – *Antonio de Morais de Madureira Feijó.*

Manuel de Morais de Madureira, capitão de mar e guerra [que nasceu em Parada a 15 de Janeiro de 1681] e casou em Macao.

Alvaro de Morais Madureira, de presente [1721-1724] capitão de infantaria do regimento de Bragança.

João de Morais de Madureira, que anda na Universidade e está para se formar. [É este o célebre autor da *Arte Explicada,* a gramática latina mais curiosa depois da do jesuita Padre Álvares e anterior á do Padre Pereira de Figueiredo. A segunda edição da *Arte Explicada* é de 1739 e ao tempo, o seu autor, era bacharel em teologia e prior de Ançã. A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores].

Padre José de Morais de Madureira [que nasceu em Parada a 2 de Maio de 1689].

D. Ana Maria de Morais, que casou em Tarouca com Francisco Lopes de Carvalho. C. g.

D. Sebastiana de Morais Madureira casada com o doutor Jorge Lopes de Carvalho acima. C. g.

D. Angelica de Morais, casada em Bragança com o doutor Salvador de Prada, filho de João de Prada, cidadão da mesma.

Esta é a familia dos Paradas, desta provincia de que fala Carvalho na *Corografia,* tomo I, fol. 203 e tem seu solar na Torre de Parada, de que foi senhor Martim Garcia de Parada e seu filho Durão Martins de Parada vice-mordomo del-rei D. Dinis, como se vê em varios lugares da *Monarquia Lusitana,* parte 5 e abreviaram o apelido de Parada em Prada.

Tambem ha Pradas na vila de Chaves e foram de Bragança por Antonio de Prada, cavaleiro do habito de Cristo, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, governador do forte de S. Francisco daquela vila onde casou e era primo com irmão de João de Prada acima.

D. Ana de Morais, ainda sem estado.

11º – Antonio de Morais de Madureira Feijó, que de presente [1721--1724] é senhor deste morgado, sargento-mor da vila de Outeiro, casou a primeira vez com D. Izabel de Morais Ferreira, irmã de Antonio de Morais Ferreira, cavaleiro do habito de Cristo, da vila de Vinhais e segunda com D. Izabel de Morais da Costa, sem sucessão.» (407).

(407) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica,* etc.
Sobre esta família e várias outras do distrito de Bragança, pode consultar-se a *Enciclopédia das Famílias,* 1904, onde Antero Falcão publicou um interessante estudo genealógico intitulado: *Breves apontamentos para a história genealógica de algumas famílias da província.*

De uma folha manuscrita avulsa em papel almaço liso, formato oitavo pequeno, que pela caligrafia parecia ser do século XVIII, e nos foi cedida pelo Padre José Firmino da Silva, de Vinhais, pertencente ao Padre Abílio Augusto da Silva Buíça, abade da mesma vila, copiamos o seguinte:

«D. Luiz Anes de Madureira Feijó, foi filho legitimo de Alvaro Anes de Madureira Feijó e de sua mulher D. Ana de Boiça Fajardo instituidores do dito morgado do solar dos Madureira Feijó deste reino de Portugal de que o dito Antonio de Morais é hoje senhor.

A sobredita D. Ana de Buiça Fajardo sua recta ascendente é filha de D. Pedro Fajardo senhor de Carvajales d'onde procedem os Condes d'Alva de liste Marquezes dos Vales [?] titulares grandes em Castella que foi filha de D. Pedro Fajardo de Madureira e sua mulher D. Izabel da Cunha irmaã de D. Lourenço da Cunha Arcebispo de Braga cujo corpo se acha intacto á quaze 300 anos.

Os Madureira Feijó procedem d'el-rei D. Pelajo das Asturias d'Oviedo, e dos Condes de Monte-Rei, sam Galegos de nascimento e na perdição das Espanhas se acolheram ás montanhas de Bragança e fizeram caza em Parada, razam porque se chama Parada dos infantes de Lara Reino d'Aragam d'onde procede esta familia como se verá em Alonso Lopes de Aro nas *Cronicas de Espanha*».

Do Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* extraímos o seguinte:

«D. Caetana Luiza de Morais Feijó, viuva, recolhida em S. Bento de Bragança, morreu a 25 de Março de 1817, deixando por herdeiro seu sobrinho Antonio de Lemos, capitão-mor da vila dos Cortiços. A falecida tinha uma filha no mesmo convento chamada Maria Gertrudes de S. José [408].

Antonio de Madureira Feijó de Morais Sarmento, natural de Parada de lnfanções e D. Maria Imilia de Madureira de Morais Sarmento, natural de Miranda do Douro, parentes em quarto gráu, celebraram em 1824 escritura para casar um com outro. Na escritura figuram: Manuel de

(408) Livro 50, fol. 133.

Madureira Lobo, sua mulher D. Rita Josefa de Santa Marta de Morais Sarmento, de Miranda do Douro, pais da nubente e Francisco Manuel de Morais Sarmento, reitor de Parada, tio da mesma (409).

Benedito Soares de Madureira Feijó, solteiro, morador em Bragança, morreu em Rebordãos a 31 de Janeiro de 1834, deixando por herdeiros seus irmãos André Soares e D. Maria, da vila de Rebordãos e por morte destes a seu sobrinho Antonio de Lemos e Costa Alcoforado, capitão-mor da vila dos Cortiços [atrás citado] (410).

Sebastião de Morais Feijó, casado, de Parada de Infanções, morreu a 10 de Fevereiro de 1808 deixando um filho de nome Sebastião e uma neta chamada Marcelina (411).

Antonio Madureira Feijó Morais Sarmento, [atrás citado], morgado de Parada de Infanções, donde era natural, morreu a 2 de Novembro de 1827 deixando por testamenteiro seu compadre Francisco Antonio Dantas Machado e por herdeira D. Maria Imilia Madureira, sua mulher e mandando que o interassem na sua capela na igreja matriz de Parada de Infanções (412).

D. Mariana Margarida Feijó, solteira, de Rebordãos, morreu a 18 de Julho de 1817. Tinha irmãos: Benedito Soares [atrás citado], André Soares, D. Maria Rosa e uma sobrinha chamada Leonarda, casada com Domingos Pires» (413).

À gentileza do Ex.mo Senhor Doutor Francisco de Barros Ferreira Cabral, de Samaiões, devemos as notícias que damos a seguir, copiadas de um códice contendo quarenta e quatro páginas, além da primeira, onde o coronel Francisco J. de Madureira pede lhe seja passada pública forma de vários documentos respeitantes à família Morais Madureira Feijó, e a última, que está em branco:

«Francisco José de Prada Madureira Lobo, Professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de sua Magestade, Tenente Coronel do Regimento de Cavalaria de Chaves, pede (em 9 de Janeiro de 1790) para que lhe seja passada publica forma dos documentos seguintes:

(409) Livro 171, fol. 34.
(410) Livro de 1833, fol. 92 v.
(411) Livro 10, fol. 53.
(412) Livro 177, fol. 64.
(413) Livro 92, fol. 29.

Antonio Morais Madureira Feijó, Cavaleiro do Habito de N.ª S.ª da Conceição, Fidalgo de Juro e Herdade, da Casa de Sua Magestade, Morgado da Casa de Parada dos Infantes, limite da cidade de Bragança, pede um traslado de Instituição do seu Morgado em 28 de dezembro de 1713. Segue-se um estracto desse documento:

Aos 13 de maio de 1417 Alvaro Annes de Madureira Feijó e sua mulher Donna Anna da Boiça Fajarda, no logar de Parada dos Infantes, termo de Bragança, nos Paços de sua morada, perante tabalião disseram terem ambos assentado fazer um Morgado de nomeação nos terços dos seus bens livres, e só a elles pertencentes, em memoria de seus antigos solares. A instituição de Morgado de Solar dos Madureiras Feijós d'este Reino de Portugal, os quaes descendiam dos Infantes de Lára, Reino de Aragão, Duques de Antuerpia, das Asturias, de Oviedo e Galiza, que por varios casos e acontecimentos se acolheram a este reino de Portugal e pararam na aldeia que, por isso, se ficou chamando Parada dos Infantes.

Segue-se um estracto de doação de D. João Iº:

D. João Iº faz doação de juro e herdade ao seu Fidalgo de Solar dos Madureiras Feijós, de Portugal, Alvaro Annes de Madureira Feijó, Senhor das tres Camaras de Nossa Senhora do Caroço, de Faya, e Reborinhos da Mourisca, e sua mulher Donna Anna Boiça Fajardo, da aldea de Parada dos Infantes, termo de Bragança, por lhe ser feita petição em como eram descendentes dos Infantes de Lara do Reino de Aragão, dos senhores de Carvajalles de Castella, e Duque de Antuerpia, das Asturias, e Oviedo e Galiza, tendo-se passado os seus ascendentes a este Reino de Portugal e Montanhas de Bragança por varios casos e acontecimentos, tendo parado na aldêa que se chama hoje Parada dos Infantes, aonde fizeram assento de morada, aparentando-se grandemente a este Reino. D. João Iº confirma que D. Dinis e D. Pedro lhe fizeram muitas mercês e doações, servindo sempre com interesse e verdade, assim na Paz como na guerra, e o suplicante (Alvaro Annes de Madureira Feijó) o servira – na batalha que venci no Campo de S. Jorge de Aljubarrota – e mais encontros que teve com os Reis de Castella e Leão, D. Henrique, com sua pessoa, dois filhos, vinte e cinco creados de sua casa Lanceiros cavalgados em fortes cavallos por sua conta. O Morgadio teria como Padroeira N.ª S.ª da Conceição com capella fabricada dentro da Igreja matriz. Mais adiante o mesmo rei diz que – *bem me seria lembrado que em meus exercitos, vulgarmente se dizia que lança por lança não havia outra mais firme que a de Alvaro Annes de Bragança*, – e depois chama-lhe – *meu confidente vassalo e amado fidalgo de solar* –.

Na mesma carta vem a descripção do Brazão de Armas:

Duas flores de liz em campo amarello, e dois lobos servaes em campo

pardo, um que vae seguindo a flôr e outro que vae fugindo d'ella, e dois estoques dourados crusados em campo roxo com sua cabeça no meio dos Madureiras Feijós, e debaixo dos estoques uma serpente com o cólo baixo, e em cima da cabeça uma palma cujos ramos cobrirão ambos os escudos, e no pimpolho a Imagem d'esta Immaculada S.ª Virgem da Conceição, Padroeira d'este Reino e seu Morgado com suas cifras, a qual devisa d'armas poderão pôr os instituintes e seus successores sómente n'este Morgado em seus Passos.

Alvaro Annes de Madureira Feijó era filho de D. Pedro Feijó de Madureira e de D. Izabel Coutinho do lustre e linhagem dos Coutinhos d'este reino, e assim parente do arcebispo primaz D. Lourenço Coutinho.

O primogenito de Alvaro Annes e D. Anna de Boiça era D. Luiz Annes de Madureira Feijó que casou com D. Anna de Macedo de Macenedo (filha de João de Macedo e Macenedo, alcaide-mor de Outeiro e Senhor de Bemposta, e de sua mulher D. Bibiana de São Paio, da Casa de Villa Flôr).

Seguem-se as condições do Morgado, descrição dos prazos, etc., etc.».

Família Machado

De José Cardoso Borges, *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XII *Dos Morgados,* § 25, fólio 314 (mihi), copiamos o seguinte:

«1º Morgado que instituiu SEBASTIÃO MACHADO, fidalgo da Casa Real e sua mulher D. Filipa Jorge, filha do doutor Francisco Jorge, desembargador do Paço e de D. Izabel Borges, com uma capela dos Reis no lugar de Parada em 1588 e por não terem filhos o nomearam em seu sobrinho:

2º JOÃO DA ROCHA, filho de Domingos da Rocha e de Maria Alvares de Oliveira, irmã de Ilena da Costa, a que fundou o mosteiro de Santa Escolastica em Bragança [vulgarmente conhecido por convento de S. Bento. Ver 3º em *Bornes,* pág. 24]

Casou João da Rocha duas vezes, primeira com D. Joana da Costa de Figueiredo, irmã do alcaide-mor Pedro de Figueiredo Sarmento e sucedeu seu filho:

3º – SEBASTIÃO MACHADO DE FIGUEIREDO, que casou com D. Maria Salgado [a qual faleceu a 27 de Agosto de 1653]. Foi insigne cavaleiro e chegou á idade quasi de cento e vinte anos. Teve:

4 – *Sebastião Machado de Figueiredo*

Antonio Gomes Mena de Figueiredo [ver 5º em Vimioso] e sete filhas

freiras no mosteiro de N. Senhora da Conceição de Bragança e entre estas são de particular memoria.

Soror Catarina Clara de Jesus.

Joana do Deserto.

Ana Maria da Purificação. [Ver Ousilhão e em Bragança – Família Gomes Mena, página 142.]

4º Sebastião Machado de Figueiredo, cavaleiro do habito de Cristo, sargento-mor da comarca de Miranda, casou com D. Maria de Morais, filha de Antonio do Amaral Sarmento e de D. Maria de Morais, de Vinhais, teve:

5 – *Sebastião Machado de Figueiredo.* [Nasceu em Parada a 6 de Março de 1660.]

6 – *Antonio do Amaral Sarmento.*

Francisco Colmieiro de Morais, abade de São Martinho do Peso.

José Machado de Figueiredo.

João Salgado, capitão de mar e guerra nos estados da India.

D. Teresa Maria de Santo Antonio e outras freiras no mosteiro de N. Senhora da Conceição.

5º – Sebastião Machado de Figueiredo, cavaleiro do habito de Cristo, casou com D. Mariana Freire de Andrade [que faleceu em Parada a 10 de Setembro de 1718 e na mesma povoação faleceu tambem seu marido, a 1 de Maio de 1782]. Não tiveram filhos e sucedeu neste morgado seu irmão.

6º – Antonio do Amaral Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do habito de Cristo, general que foi de Salsete, casou na côrte com D. Antonia Luiza de Azevedo Ihamas e Brito».

Família Pavão

De José Cardoso Borges, *Descrição Topografica da Cidade de Bragança,* notícia XI, *Dos Morgados,* § 23, copiamos o seguinte:

«1º – Morgado que instituiu o doutor Domingos Pires Pavão, mestre escola da Sé de Miranda e seu irmão Amaro Pires Pavão, reitor de Mascarenhas e depois tezoureiro mor da mesma Sé, com capela de Santo Amaro junto das suas cazas, no lugar de Parada em 14 de outubro de 1687 e é primeiro administrador seu sobrinho

2º – Domingos Pires Pavão casado com D. Barbora de Sousa, filha de João Ferreira de Sousa Sarmento, fidalgo da casa real, sargento mor de cavalaria e de D. Maria de Bandos». [Ver em *Bragança – Ferreiras,* 25º, pag. 71.]

Extracto de escrituras em pública forma que existem em poder da família Pavão, em Suções, concelho de Mirandela:

Escritura de dote, obrigação e última vontade

A 14 de Outubro de 1691, em Sanceriz, comarca de Miranda, na residência do escrivão Francisco Gonçalves, compareceram o doutor Domingos Pires Pavão, mestre-escola da Sé de Miranda do Douro, seu irmão Amaro Pires Pavão, reitor de Mascarenhas, Miguel Geraldes e sua sogra D. Catarina Pires Pavão, que residia no lugar de Parada «que todos juntos determinarão fazer huma Capella na invocação do Glorioso Santo Amaro, nas casas que tem no dito logar de Parada» o que fizeram com licença do bispo, concedida em 6 de Janeiro de 1688 (414), para nela se celebrar o culto, mostrando tudo fazer com obrigação vinculada ao morgadio «todos os bens de Raiz que se acham debaixo do sino de São Genizio ora do dito logar de Parada, com as cazas contiguas á dita Capella de huma e outra parte da rua».

Miguel Geraldes disse que tinha filhos e que para eles reservava a fazenda que herdara de seus pais, no lugar de Paradinha, terra de Outeiro, foros em terra de Bragança e a terça da fazenda do lugar de Parada.

A viúva Catarina Pires Pavão doou toda a fazenda que lhe pertencia, porquanto seu filho, o doutor Domingos Pires Pavão, tinha pago 500.000 réis em dinheiro a cada uma das suas filhas do primeiro matrimónio, D. Ana e D. Maria.

O doutor Domingos Pires Pavão entrou com os bens que lhe pertenciam em Parada, a quinta da Aveleira, com obrigação do encargo que lhe fora dado com o património, que era de cinco missas no dia de S. Tomé. Doou também as quintas de Pinelo e Vale de Miro, em Miranda.

Amaro Pires Pavão doou o seu património e mais bens que tinha em Parada e as oliveiras e foros que tinha no lugar de Mascarenhas, com a obrigação de missas cantadas nos dias de Santo Amaro, S. Domingos, Santa Catarina, etc., etc.

Nomearam-se padroeiros da sua capela enquanto vivessem, e por morte do último a seu sobrinho Miguel Domingos, filho de Miguel Geraldes, e por sua morte o filho mais velho deste «seguindo a linha direita

(414) Por um requerimento incorporado no mesmo documento ao bispo de Miranda, suplicando-lhe licença para benzer a capela, vê-se que esta se fez nas casas onde nasceu o cónego mestre-escola e seu irmão reitor de Mascarenhas.

sempre em o filho mais velho havendo-o e não o havendo macho então podia entrar a filha mais velha e possuilo cazandose e por sua morte succederá o seu filho mais velho».

Escritura de troca e sub-rogação de bens do vínculo de Parada

Escritura feita a 29 de Outubro de 1795 na residência do reverendo Domingos Manuel Pavão de Sousa, abade de Vinhas, onde estava de aposentadoria o doutor João de Seixas Caldeira da Fonseca Lima, provedor da comarca de Miranda, no lugar de Vinhas, e onde compareceu D. Catarina Maria de Bandos Pegado, viúva do capitão de cavalaria Domingos Pinto Pavão de Sousa, residente em Vinhas, que apresentou uma provisão da Rainha, de 7 de Julho de 1794, em que concedia licença, em harmonia com a escritura da instituição do vínculo de Santo Amaro do lugar de Parada, de que era administrador seu filho Amaro Vicente Pavão de Sousa, para vender os bens do vínculo sitos em Miranda. Em virtude dessa autorização vendera seu marido Domingos Pinto Pavão de Sousa a quinta de Vale de Miro e outras fazendas e em vez delas sub-rogou ao vínculo as compras e benfeitorias feitas no casal de Parada e as casas da cidade de Bragança. Adiante se indica quais são estas casas.

Deste documento vê-se que Amaro Vicente Pavão de Sousa, administrador do vínculo ao tempo da provisão régia (1794), era cavaleiro professo na Ordem de Cristo, sargento-mor de cavalaria do regimento de Chaves e irmão do abade de Vinhas, Domingos Manuel Pavão de Sousa.

Mais se vê que os bens de Miranda (Quinta de Vale de Miro) foram avaliados para a venda em 6.360.000 réis.

Nota. Uma das testemunhas desta escritura de troca e sub-rogação é João António Rodrigues Bustamant, pintor, do lugar de Val da Porca. Ergo estava então em Vinhas, talvez executando trabalhos da sua especialidade (ver *Cabanelas,* pág. 200). No volume consagrado aos escritores, referir-nos-emos a Bustamant e a outros artistas do distrito de Bragança.

Cópia de um manuscrito intitulado *Memória Biográfica,* existente em poder da família Pavão, em Suções, que também possuem os documentos autênticos a que nesta *Memória* se faz referência:

«Amaro Vicente Pavão de Sousa Pinto Coutinho, filho primogénito de Domingos Pinto Pavão de Sousa Coutinho, fidalgo-cavaleiro da Casa

Real, professo da Ordem de Christo, familiar do Santo Officio, capitão de cavallaria no regimento dos Dragões de Chaves, senhor do morgado e couto d'Avelleira, e de Mascarenhas Sucçaes, Parada d'Infanções, donde era natural, e sua mulher D. Catharina de Bandos Sampaio e Mello, natural de Alvites.

Na idade de 8 annos o dito Amaro Vicente assentou praça de cadete em 6 de Março de 1756 e em 1768 foi agraciado com o habito de Christo em consideração aos serviços prestados nos primeiros 12 annos nos postos de alferes, tenente de cavallaria em que se portou sempre com muita honra e zello do Real serviço, e principalmente pela distincção com que se houve na expedição da Guerra daquella epocha, assim nos recontros que teve o exercito de observação de Tras os Montes, Minho. (Documento nº 1).

Continuando no Real serviço seguio gradualmente os postos até o de coronel que exercitou nove annos e na memoravel epocha da Restauração de Portugal sendo Amaro Vicente Pavão coronel de cavallaria nº 12 teve a gloria de ser o primeiro chefe que se unio e coadjuvou o general Sepulveda quando tiveram a primazia de acclamar o governo portuguez em Bragança; ainda principiou no mesmo dia a organizar o regimento nº 12 do seu comando estando já prompto no fim do mez um esquadrão que foi o primeiro e mais completo que por ordem da Suprema Junta se apresentou na Beira ás ordens do general Bacellar, para ir á Restauração da capital; no que andou com tanta actividade, vigor que pela exaltação dos animos naquelle tempo, o povo de Bragança alucinado se amotinou nos dias 19, 20, 21 de Julho por não sahir aquella força, correndo Amaro Pavão grande risco e custando-lhe muito a socegar o motim com as energicas medidas que tomou como chefe da força armada e como primeiro vogal e vicepresidente da Junta estabelecida naquella cidade.

Na mesma epocha sustentou á sua custa com extraordinaria despeza uma correspondencia activa com Hespanha para alcançar noticias exatas dos movimentos do inimigo e transmitil-as ao Bispo Presidente da Suprema Junta como se vê por uma das muitas cartas que conserva d'aquelle Prelado (Documento 2) e pela contestação do general Sepulveda (Documento nº 3).

Naquella mesma epocha tambem Amaro Pavão commandou o cordão da raia de Miranda até Vinhaes, eté que em Abril de 1810 foi mandado pelo general Silveira em auxilio dos hespanhoes commandando uma brigada de cavallaria e milicias comportando-se nesta expedição tão dignamente como attesta o senhor general Silveira (Documento nº 4).

Em attenção a tantos serviços prestados na Restauração do Reino, na Guerra Peninsular, foi agraciado com a comenda da Ordem de S. Bento

d'Aviz em 3 de Janeiro de 1812 [parece que é 1812, mas também parece 1810] (Documento nº 5).

N'outra epocha tambem memoravel prestou Amaro Pavão relevantes serviços a sua Patria, como foi em 1820 na organização politica do Reino. Sendo escolhido e nomeado por uma portaria da Junta Provisorial do Governo Supremo para governar as armas da provincia de Tras os Montes desempenhando os deveres de general da provincia naquella epocha de exaltação até 28 de Novembro de 1821, com tanta dignidade, inteligencia e verdadeiro espirito patriotico, e exatidão inconcussa que a mesma Regencia lhe testemunhou uma portaria de louvor, passada em nome da mesma Regencia em 14 de Maio de 1821 (Documento nº 6).

Tambem pela portaria de 28 de Novembro de 1821 em nome del-rei o Snr. D. João foi o mesmo Amaro Pavão promovido a marechal de campo em consideração os bons serviços que ultimamente tinha feito no governo das armas da provincia de Tras os Montes (Documento nº)».

Por alvará de 23 de Dezembro de 1821 foi agraciado com o título de fidalgo-cavaleiro (415).

Fundou em 1818, nas suas casas de moradia, a capela dedicada a Santo Amaro, em Suções, com vínculo de morgadio, abundante e rica em parâmentos e alfaias do culto.

(415) Livro 16 das *Mercês de El-Rei D. João VI,* foli. 56 v., in *Dicionário Aristocrático.*

Genealogia de Amaro Vicente Pavão, segundo um na casa da família Pavão, sua descendente, completada por outras

António Caetano de Sousa Pavão e Pinto, fidalgo da Casa Real, por decreto de 21 de Fevereiro de 1822, comendador da Ordem de Cristo, sendo armado cavaleiro desta Ordem na igreja matriz de Mirandela, por decreto de 8 de Abril de 1837, condecorado com a cruz de ouro da Guerra Peninsular, tenente-coronel de cavalaria, morgado de S. Tomé e Santo Amaro de Parada, onde nasceu a 25 de Janeiro de 1788. Recebeu ordens menores em 1808, como se vê do respectivo processo arquivado no *Museu Regional de Bragança,* bem como seu irmão José Vicente Pavão de Sousa, nascido em Parada a 9 de Junho de 1790.

- *Amaro Vicente Pavão de Sousa,* fidalgo com moradia no Paço, por decreto de 23 de Dezembro de 1821, comendador de S. Bento de Avis, por decreto de 3 de Julho de 1812, professo na Ordem de Cristo, por decreto de 17 de Julho de 1769, marechal de campo, governador das armas da província de Trás-os--Montes, senhor dos citados morgadios. Nasceu em Alvites a 22 de Agosto de 1748, mas o seu registo de baptismo foi transcrito para os livros de Parada de Infanções. Faleceu em Dezembro de 1822. Foi seu padrinho de baptismo o doutor Manuel de Miranda, natural de Paradinha de Outeiro.
  - *Domingos Pires Pavão de Sousa,* professo na Ordem de Cristo, capitão de cavalaria, senhor dos morgadios de S. Tomé e Santo Amaro de Parada, donde era natural.
    - *Miguel Afonso Giraldes Pinto Pavão de Sousa,* morgado de Santo Amaro, natural de Paradinha do Outeiro.
    - *D. Catarina Pavão Giraldes,* sua sobrinha, natural de Parada de Infanções.
  - *D. Catarina Maria Sampaio de Bandos Pegado,* natural de Alvites.
    - *Vicente de Bandos Pegado,* do Mogadouro, capitão-mor de Mirandela[417].
    - *D. Maria Felícia de Sampaio e Melo,* de Alvites, onde ambos residiam.
- *D. Caetana Maria Joaquina de Sá Morais Pereira do Lago,* de Mosteiro, freguesia da Castanheira, concelho de Monforte de Rio Livre, hoje de Chaves.
  - *José de Morais de Sá Pereira do Lago,* morgado de S. Francisco da Castanheira, concelho de Monforte de Rio Livre.
    - *António de Sá Pereira do Lago,* cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão--mor de Monforte.
    - *D. Francisca de Morais Castro.*
  - *D. Caetana Teresa Pinto Sampaio de Lemos,* natural da Ferradosa.
    - *Belchior da Rosa Pinto de Andrade e Lemos,* capitão--mor de D. Chama.
    - *D. Teodora Maria de Sampaio e Teles,* de Veiga de Liles.

(416) Ver o Volume IV, p. 349, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

manuscrito existente em Suções, concelho de Mirandela, notícias que se encontram no Museu Regional de Bragança [416]

Miguel Afonso de Sousa.	*Francisco Afonso de Sousa.* *D. Francisca Ferreira,* filha de Francisco Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, marechal de ordenanças.
D. Catarina Pinto Pavão.	*Domingos Pinto Pavão.* *D. Catarina Dinis de Morais.*
Miguel Giraldes, comendador da Ordem de Cristo.	*Miguel Giraldes,* professo na Ordem de Cristo. *D. Isabel de Madureira Morais.*
D. Catarina Pavão de Sousa.	*Miguel Afonso de Sousa,* filho de Francisco Afonso de Sousa e de D. Francisca Ferreira. *D. Catarina Pinto Pavão,* filha de Domingos Pinto Pavão e de D. Catarina Dinis de Morais.
Manuel de Bandos Machado.	*Vicente de Morais Machado.* *D. Maria de Bandos e Sousa.*
D. Bárbara de Sá Pegado.	*Francisco Pegado Toscano.* *D. Francisca de Sá.*
Amador Pinto Sampaio e Melo, de Linhares	....
D. Maria Pinheiro.	....
Rodrigo de Sá, senhor da casa da Castanheira.	....
D. Maria Pereira do Lago.	....
António de Morais Castro.	*Jerónimo de Morais,* filho de Gonçalo de Morais e de D. Cecília da Costa Homem. *D. Francisca de Castro Morais,* filha de Gregório de Castro Morais e de D. Catarina Vilares.
D. Maria de Sá Vilares.	*Manuel Vilares Pinheiro.* .....
.....	....
.....	....
.....	....
.....	....

(417) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico*, tomo I, fol. 225.

1º ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA PAVÃO E PINTO, o primeiro citado na *Genealogia de Amaro Vicente Pavão*, casou com D. Antónia Borges Rebelo de Ataíde e Vasconcelos, de Quintela de Lampaças, e a 1 de Dezembro de 1840 passaram procuração, datada de Suções, onde residiam, para comprar umas casas em Bragança, na Rua de Trás, contíguas a outras que já possuíam nessa mesma rua, que são as casas brasonadas que existem perto do Paço Episcopal (418). Ver 1º, em *Quintela de Lampaças*.

Descendência:

I. *Francisco de Sousa Rebelo Pavão* (2º, adiante citado).

II. *António de Sousa Pavão*, que nasceu em Suções em 1835 e faleceu solteiro, sem descendência, em 28 de Maio de 1906. Foi também deputado em várias legislaturas e salvou a importantíssima casa que seu irmão arruinou completamente no jogo e nas lutas políticas.

2º FRANCISCO DE SOUSA REBELO PAVÃO, senhor dos morgadios de Santo Amaro de Parada, Suções, Mascarenhas, Corpo Santo de Lisboa e Quintela de Lampaças; deputado pelo círculo de Mirandela em várias legislaturas. Faleceu a 16 de Novembro de 1903, tendo casado com D. Margarida da Veiga Vaía Sequeira de Morais Sarmento, de Mirandela, filha de Francisco Manuel da Veiga de Sequeira, director da alfândega de Bragança por decreto de 27 de Novembro de 1849, capitão-mor de Mirandela por decreto de 25 de Setembro de 1785, e de D. Ana Mena Barreto, neta paterna de António Manuel da Veiga de Sequeira Vaía de Morais Sarmento, capitão-mor de Mirandela, filho de José António de Sequeira, professo na Ordem de Cristo, senhor dos morgadios de S. Jorge e do Bom Regalo, no extinto concelho de Lamas de Orelhão, que casou com uma filha de Martinho Correia de Castro, fidalgo da Casa Real, neta do coronel Francisco Xavier de Castro, segunda neta de Gregório de Castro, sargento-mor de batalha, governador das armas da província de Trás-os-Montes, sobrinha de Francisco Xavier da Veiga Cabral, governador de Bragança (419).

Descendência:

I. *Alberto de Sousa Ataíde Rebelo Pavão* (3º, adiante citado).

II. *D. Maria Filomena*, que casou com o doutor Francisco Augusto da Silva Leal, juiz de direito.

III. *D. Beatriz*, que casou com António Xavier de Morais Pinto, da importante casa de Vale de Salgueiro concelho de Mirandela, com descendência.

(418) Museu Regional de Bragança, *Cartório notarial*, livro 70, fol. 91 v.

(419) Domingos de Sequeira, ascendente desta família, natural de Mirandela, fidalgo da Casa Real, assistente na corte, vivia em 1632 e requereu nesse ano a entrega de certos bens.

IV. *D. Margarida,* que casou com Leopoldo Ferreira Sarmento de Lacerda, da casa de Rande, Felgueiras (Ver *Vale de Salgueiros.*)

E outros que faleceram sem deixar descendência.

3º ALBERTO DE SOUSA ATAÍDE REBELO PAVÃO, representante dos morgadios atrás citados, rico proprietário, protótipo completo do cavalheirismo e do homem de bem, que reside em Sucães, concelho de Mirandela, onde nasceu a 21 de Outubro de 1871, casou em 1894 com D. Antónia da Costa Pessoa Pinto Cardoso (a quem nos referiremos em *Vinhais Costa Pessoa*), que nasceu em Sanfins do Douro a 13 de Junho de 1870.

Descendência:

I. *António de Sousa Ataíde Borges Rebelo Pavão,* que nasceu em Mirandela a 12 de Março de 1901.

II. *Francisco de Sousa Veiga Vaía Sequeira de Ataíde Rebelo Pavão,* que nasceu em Sucães a 8 de Março de 1908.

III. *D. Maria Margarida de Sousa Ataíde Pavão*, que nasceu em Mirandela a 12 de Fevereiro de 1906.

A família Pavão, de quem vimos tratando, reside em Sucães, e no arquivo da sua casa vi um pergaminho com um brasão de armas, iluminado por Portugal Rei de Armas, datado de Lisboa a 20 de Agosto de 1543, que concede a Francisco de Magalhães, residente em Esturão, termo de Ponte do Lima, escudo esquartelado: no primeiro quartel campo de prata e vermelho de três escaques de largo; no segundo cinco vieiras de ouro. Por timbre um abutre com uma flor de liz por diferença. (A descrição é deficiente, mas assim está).

Ignoro a relação que terá este documento, se realmente alguma tem, com a família Pavão. O escudo está desenhado de lado.

Pertence ainda à mesma família o seguinte códice encadernado que consta de seiscentos e onze fólios, tendo no primeiro uma portada desenhada à pena com as armas reais:

Livro / Mestre das or / denanças do des / trito das vilas / de Mirandela e Agoa Revez de que he / capitão mor / Antonio da Veiga de Sequeira e por demissão delle he / Francisco Manoel da Veiga de Sequeira por / decreto de S. Magestade / de 25 de Setembro de 1785.

É interessante este manuscrito como documentação genealógica, por conter os nomes dos soldados e oficiais que formavam as companhias das ordenanças das referidas vilas, com alguns dados biográficos.

PARADELA

1º João Lopes, confirmado nas Pousadas, doou em 1662 bens em vínculo à capela dedicada a Santa Catarina, que mandou construir em Paradela, anexa de Mascarenhas.

2º Padre Pedro Gonçalves Nogueira, morador em Paradela, termo de Mirandela, em 1672 fez doação de bens à capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, por ele fundada em Paradela com vínculo de morgadio [420].

3º D. Ana Joaquina da Nóbrega, de Paradela de Mascarenhas, em 1829 era padroeira da capela de Santa Catarina, sita na mesma povoação e pediu para nela haver Sacramento [421].

PARADINHA NOVA

1º João Esteves e Salvador Esteves, de Paradinha Nova, concelho de Bragança, obtiveram em 1771 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia [422].

2º Venâncio Rodrigues Portugal, presbítero, de Paradinha Nova, requereu em 1855 dizendo que havia mais de oitenta anos tinha nas suas casas de moradia *oratório* particular, onde se celebrava missa, e como agora edificara nesse *oratório* uma capela, pedia licença para ser benzida [423].

PARADINHA DE OUTEIRO

1º Manuel Gonçalves de Miranda, bacharel em direito e cânones pela Universidade de Coimbra, natural de Paradinha de Outeiro, concelho de Bragança, era filho de Domingos Miranda e de D. Isabel Gonçalves.

Neto paterno de Miguel Miranda e de D. Maria Pires, ambos naturais de Rio Frio de Outeiro, do mesmo concelho.

Casou com sua prima D. Catarina Luísa Geraldes, de Paradinha.

(420) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(421) Ibidem.
(422) Ibidem.
(423) Ibidem.

Em 27 de Junho de 1747 foi nomeado intendente dos linhos cânhamos da comarca de Moncorvo; mais tarde corregedor da comarca de Coimbra e auditor da província de Trás-os-Montes; desembargador da Relação do Porto em 1758, da Casa da Suplicação em 1766, e, nesse mesmo ano, Intendente Geral da Polícia, sendo-lhe permitido por alvará especial acumular os dois lugares e vencimentos. Este lugar de Intendente foi criado pelo Marquês de Pombal, tendo sido desempenhado primeiro por Inácio Ferreira de Sousa. A Manuel Gonçalves de Miranda sucedeu no desempenho deste cargo o célebre Intendente Pina Manique, que foi o terceiro a desempenhar essas funções.

«É longa e notável a folha de serviços do Intendente Gonçalves de Miranda. O seu nome anda ligado à execução de numerosos actos de desmedida violência e firme energia do ministro Marquês de Pombal. Prestou altos serviços ao Estado, e a sua fama deixou lenda em Trás-os-Montes» (424).

Foi amigo e valido do Marquês de Pombal, que o incumbiu de importantes comissões.

Um dos actos de maior ferocidade praticado pelo Marquês de Pombal e a que anda ligado o nome de Manuel Gonçalves de Miranda, é a bárbara e horrorosa execução do genovês João Baptista Pelle, acusado de conspirar contra o omnipotente valido de El-Rei D. José, facto que não se provou. No entanto, Pelle foi condenado a 1 de Outubro de 1775 pelo Tribunal da Inconfidência, criado expressamente para este julgamento, composto de sete membros, um dos quais era Miranda (425).

Do Museu Regional de Bragança, maço *Para a História,* copiamos textualmente o seguinte «Pregam»:

«Justiça que El Rey Nosso Senhor manda fazer neste Reo chamado João Batista Pelle, Genoves de Nação que seja conduzido em hum carro, com insignias de fogo ao largo e Praça da Cordoaria da Junqueira, ahi vivo lhe sejão cortadas ambas as mãos, e que depois seja tirado e desmembrado por quatro cavallos, e feito o seu corpo em pedaços, que serão consomidos com fogo até ficarem reduzidos a Sinzas, as quais se lançarão ao

(424) DEUSDADO, Manuel Ferreira – *Revista de Educação e Ensino (*Agosto de 1894), p. 335.
LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* artigo «Vimioso».
(425) CHAGAS, Pinheiro – *História de Portugal Ilustrada,* vol. VII, p. 102.

vento: E isto por conspirar com outros socios contra a vida do Ill.mo e Ex.mo Marques de Pombal Primeiro Menistro de Estado immediato a Real pessoa e seo Lugar Tenente sendo lhe achados para o execrando asecinato instrumentos de fogo para com elles o executar no fauticimo dia dos anos do dito Senhor inauguração da sua Real Estatua equestre. Lisboa 12 de outubro de 1775. José Antonio de Oliveira Machado».

Como se vê, não é a sentença condenatória de Pelle, mas sim o pregão da sua execução que, a julgar por este exemplar, se espalhou por todo o reino depois de consumada, pois tal selvajaria teve lugar no dia antecedente e a sentença condenatória é de 1 de Outubro desse ano.

Eis como Pinheiro Chagas, na *História de Portugal,* vol. VII, pág. 102, narra o feroz acontecimento:

«O padecente apeiou-se do carro [em que fora conduzido ao suplício, amarrado a um cepo] e, em conformidade da sentença, cortaram-se-lhe as mãos; depois amarraram-no aos quatro cavallos, dispostos em forma d'aspa, e espicaçaram os animaes, para que partissem a galope, esquartejando o infeliz. Eram porém os cavallos muito ordinarios, e não tinham força para o que d'elles se exigia, resultando d'aqui o martirizarem a desgraçada victima, que esteve padecendo tratos infernaes durante mais d'um quarto de hora. Os esforços dos cavallos, sem conseguirem esquartejar o reu, bastavam para lhe deslocar os ossos, para lhe romper as veias, para lhe infligir tormentos inimaginaveis. Era todo sangue o desgraçado; os seus gritos lastimosos condoiam a todos, a ponto que os frades desfalleceram, sendo necessário que um outro franciscano, Fr. Manuel de Ribas, que era mero espectador, corresse a substituil-os. O genovez, dilacerado, sanguinolento, pedia, exorava os seus algozes que o matassem; queriam elles fazer-lhe a vontade, mas não tinham instrumento com que lhe dessem o golpe de misericordia; finalmente, o juiz da execução disse-lhes que o afogassem com um lenço, e elles assim o fizeram, mettendo-lhe o lenço na bocca e apertando-lhe as guellas, até que o ultimo alento vital se exhalou de todo n'essa pungentissima agonia... Causa verdadeiramente horror a leitura d'estes supplicios usados em tempos ainda tão proximos de nós; parece-nos impossivel que os ordenassem homens que teem comnosco tão intimas affinidades».

A seguinte anedota, ainda hoje corrente em terras bragançanas, mostra bem a audácia valente, tipicamente lombardesa do intendente Miranda:

No pinhal da Azambuja estabelecera sede de operações uma quadrilha tristemente célebre pelos crimes audaciosos que praticou sem que a polícia

conseguisse lançar-lhe a mão. Miranda, desesperado, reúne um pequeno grupo de homens decididos, disfarçam-se em ceifeiros e, de manta ao ombro, foice a tiracolo, vão de casal em casal, de taberna em taberna, até que encontram os bandoleiros entretidos a jogar e a beber, aos quais se associam logo, tomando parte nos jogos e nas libações, sem despertar suspeitas, tomados, como foram, por jornaleiros à cata de serviço. No momento adequado, quando Miranda percebeu quem era o chefe do bando, pelo modo como os subalternos o tratavam, lança-lhe as mãos e intima:

– Está você preso.

– À ordem de quem, pregunta o capitão dos ladrões?

– À ordem do *Calça Larga, Pica bois, ó Galhardo,* da Paradinha. O bandido ficou transido e, sem atinar a balbuciar, ao menos, uma desculpa, deixa-se conduzir ao Limoeiro, onde o caso deu brado.

Os fidalgos e até os príncipes tinham então grupos de caceteiros que se degladiavam em aventuras nocturnas pelas ruas da cidade e o nome de guerra de Miranda no grupo era: *Calça Larga,* da Paradinha, e também: *Pica bois, ó Galhardo,* da Paradinha. E parece que ao seu soberbo estadulho todos rendiam vassalagem.

Manuel Gonçalves de Miranda fundou em 1779 um vínculo de morgadio em Paradinha de Outeiro e Rio Frio, e, por não ter filhos, nomeou administrador deste morgadio seu sobrinho Martinho Carlos de Miranda (3º, adiante citado).

2º Catarina de São Bernardo, irmã do precedente, nasceu em Paradinha de Outeiro a 27 de Fevereiro de 1703 e professou em 1731 no convento de São Bento de Bragança [426].

3º Martinho Carlos de Miranda, natural de Paradinha de Outeiro, casou com D. Perpétua Maria Giraldes, era fidalgo-cavaleiro da Ordem de Cristo, sub-prefeito (governador civil) de Bragança, onde residia.

Do seu testamento [427] vê-se que tinha, além de outros, bens em Mascarenhas e Vimioso e «casas novamente feitas em Bragança», que deixou a sua filha D. Antónia Agostinha, mais conhecida em Bragança por D. Antónia Paradinha.

Estas casas são as do cimo da Rua dos Oleiros, únicas que ali há de certa linha arquitectónica, ultimamente adquiridas pelo doutor António

(426) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de S. Bento.*
Ana Maria Baptista, prima desta, filha de Inocêncio Giraldes e de D. Catarina Rodrigues, natural de Paradinha de Outeiro, onde nasceu a 4 de Junho de 1699, sendo baptizada pelo Padre Pedro Serra, de Soutelo da Gamoeda, professou, com licença do respectivo pároco, no mesmo convento em 1727.
(427) Idem, Cartório Administrativo, *Testamentos de Outeiro,* 1838, fol. 137.

Rapazote. São casas isoladas e ficam mesmo no ponto em que a Rua do Tombeirinho corta em forma de T a Rua dos Oleiros. Têm cinco janelas, correspondentes a outras tantas portas ao rés-do-chão, cornija e coruchéus de granito lavrado, bem como os revestimentos das esquinas. Esta rua é agora denominada Cinco de Outubro.

Nada mais absurdo do que a mudança dos nomes das ruas sempre que essa mudança não sai espontânea da voz do povo a definir uma das suas características. Os nomes das ruas, como os das povoações, são o documento vivo, muitas vezes único, da sua história. Encerram história, arte, linguística, etnografia, arqueologia, botânica, agronomia, etc., são uma verdadeira enciclopédia ao alcance de todos, o que não sucede com as outras.

Das narrativas dos historiadores conclui-se logicamente que os mouros se assenhorearam do distrito de Bragança. Todavia, não há um único texto de autor competente que tal diga. Em compensação, temos os nomes das povoações Alfaião, Babe, Baçal, Bagueixe, Couços, Mogadouro, Muaz, Soeira, etc., tudo palavras árabes que significam respectivamente: terra de sombras, portinha, cebolal, buraquinho, arco, coisa fatal, inevitável, lugar de advertência e coisa bem edificada.

Babe = *portinha*, é ainda uma lição de táctica militar a dizer-nos que só por esse lado o distrito de Bragança é atacável.

Mogo de Malta e Mogo de Ansiães não estão a dizer: marco do terreno concelhio de Ansiães; marco do terreno da Ordem de S. João do Hospital ou de Malta e a falar no prestígio desta ordem militar, que tantos serviços prestou?

Aveleda, derivando de avelã, avelaneda, avelaeda, aveleda; Grijó, de eclesia, eclesiola, egrejola, grijó, etc., não estão preleccionando ao vivo filologia?

Não falam pelo mesmo teor os nomes das outras povoações, cada um na sua especialidade?

Parada, Paradinha e Paradela não nos dizem de um tributo ou pensão medieval, assim chamado segundo a quantidade a pagar?

Com os nomes das ruas dos povoados sucede a mesma coisa. Assim, em Bragança o nome da Rua dos Oleiros fala-nos de uma indústria que ali houve e como que nos está censurando por a não sabermos manter; a de Tumbeirinho aviva-nos reminiscências arqueológicas; a de Fora de Portas fala-nos das Guerras da Aclamação e da energias dos nossos, que fortificavam a parte extra-muros da vila, de onde veio o nome à porta de entrada a sudoeste.

Nas mesmas condições está a da Estacada, onde a fortificação, por o terreno o não permitir, foi substituída por estacaria. A Ponte das Tinárias, a Rua das Moreirinhas e outras todas têm uma razão histórica.

Até a do Canto do Inferno, onde pontifica o nosso Manuel Rodrigues Benito e onde leram de cátedra um Hermógenes, uma Ana Maria e um João Alves, está mostrando o fino tacto do *ridendo castigat mores.*

Para que descaracterizar as terras, que é o mesmo que desnacionalizá-las? Para que privar os seus habitantes da história viva do seu passado, onde devem buscar a compreensão do presente e as energias, o fito orientador, para triunfar no futuro; onde devem ir retemperar-se, couraçar-se no espírito rácico, sem o qual não passamos de arquitectos falidos sem plano construtivo?

Camões, Pombal, Herculano, foram santos da Pátria a quem temos obrigação de prestar culto patriótico mas é por outra forma. Não vamos arrancar a árvore própria do terreno onde frutifica admiravelmente substituindo-lhe a exótica, fatalmente condenada ao raquitismo, à míngua de terreno adequado.

Martinho Carlos de Miranda era natural de Rio Frio de Outeiro e foi baptizado em Paredes, concelho de Bragança, residindo depois em Paradinha de Outeiro.

Era filho do «reverendo cónego doutor Manuel de Miranda» e de D. Catarina Martins, ambos de Rio Frio de Outeiro. Casou com D. Perpétua Maria Giraldes, de Soutelo da Gamoeda, que residia em Paradinha de Outeiro e era filha de Diogo José Serrão Vasconcelos e de D. Maria José Jorges, ambos residentes em Soutelo da Gamoeda (428).

Descendência:

4º D. Antónia Agostinha Miranda, que casou e teve D. Ernestina Angélica Miranda, que casou com José de Almeida Melo e Castro, por alcunha o *Cazuza,* que em Bragança deixou fama como picador: entrou pelas muralhas de Miranda a cavalo e no extremo, sem campo para se voltar, fez rodar o cavalo sobre as patas traseiras por cima dum precipício assombroso; em carreira vertiginosa, o freio regido apenas por delgada fita de seda debruçava-se sob a espádua do cavalo e apanhava do chão uma carta.

Era filho bastardo do conde das Galveias.

O folheto *Resposta à Defeza do Senhor Tenente José de Almeida Melo e Castro,* Bragança, 1868, 8º de oito pág., aponta algumas das extravagâncias deste oficial, que judicialmente se separou da mulher.

Descendência:

D. Antónia de Almeida Miranda Melo e Castro, que casou com Carlos de Almeida Morais Pessanha, que reside em Mascarenhas. (Ver *Pessanhas.)*

(428) Museu Regional de Bragança, maço *Ordinandos, Soutelo da Gamoeda.* Ver *Soutelo da Gamoeda.*

5º José António de Miranda, bacharel formado em direito, presidente da Relação de Lisboa, onde faleceu pelos anos de 1854, tendo nascido a 30 de Outubro de 1783. Ainda chegou a receber ordens menores [429].

6º António José Joaquim de Miranda, que faleceu no Vimioso, onde era proprietário, mas nasceu em Paradinha de Outeiro.

Era formado em matemática pela Universidade de Coimbra e fidalgo-cavaleiro por alvará de 7 de Agosto de 1799 [430].

Fez parte da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão e com ela marchou em 1808 para a França. Fez a campanha da Alemanha em 1809 e a da Rússia em 1812. Era coronel de couraceiros e oficial valente, como mostrou na ponte de Austerlitz, que foi o primeiro a atravessar. Ficou prisioneiro em Moscow, na Rússia, só voltando à pátria aquando da paz geral de 1814. Em 1832 comandou o Batalhão Sagrado, na Ilha Terceira, e exerceu a sub-prefeitura de Setúbal em 1834. Foi também governador civil dos Açores e coronel de milícias de Miranda.

7º Manuel Gonçalves de Miranda, formado em matemática pela Universidade de Coimbra (a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores), casou com D. Joana Pereira de Sousa, única herdeira de seu pai António Caetano Pereira de Sousa, cavaleiro da Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, que lhe deixou uma importante casa em Castelãos, concelho de Macedo de Cavaleiros.

Manuel Gonçalves de Miranda nasceu em Paradinha de Outeiro, concelho de Bragança, a 30 de Novembro de 1780 e faleceu em Lisboa a 5 de Abril de 1841.

Fez com notável bravura as campanhas da Guerra Peninsular, obtendo várias condecorações e promoções por distinção. Foi deputado em várias legislaturas, Ministro da Marinha, por duas vezes e das Finanças, Conselheiro de Estado efectivo, par do reino, sócio honorário da Academia Real das Ciências de Lisboa, grão-mestre da Maçonaria, cargo que exercia quando faleceu e em que lhe sucedeu o célebre ministro António Bernardo da Costa Cabral.

A rude franqueza com que Miranda, sendo ministro em 1821, propôs, quando todos estavam a fugir e a encolher-se, que ou a Rainha jurava a Constituição ou saía pela barra fora, é verdadeiramente típica de um transmontano e *lombardês*.

Descendência:

(429) Museu Regional de Bragança, maço *Ordinandos-Paradinha do Outeiro.*
(430) Livro 30 das *Mercês da Rainha D. Maria 1,* fol. 231.

I. *António José de Miranda,* primeiro Visconde de Paradinha de Outeiro, concelho de Bragança (8º, adiante citado).

II. *José António de Miranda,* que seguiu a magistratura e se aposentou sendo juiz de direito em Vila Real.

Nasceu a 11 de Novembro de 1820 e casou com D. Maria Eugénia de Novais Sá Cardoso.

Descendência:

D. Eugénia Adelaide da Conceição Sá Miranda, que casou em Lisboa a 28 de Fevereiro de 1877 com João Pedro de Alcântara Ferreira e Costa, oficial do exército. Com descendência. (Ver *Saldanha.)*

III. *D. Fábia Emília.*

IV. *D. Libânia Augusta,* que nasceu a 30 de Janeiro de 1816 e casou com Diogo Augusto de Lemos, de Vila Flor.

V. *D. Antónia Amélia,* que nasceu a 6 de Abril de 1816 e casou com José Caetano Saraiva Caldeira, residente em Almendra.

VI. *Martinho Carlos de Miranda,* que residiu em Mascarenhas.

8º António José de Miranda, primeiro Visconde de Paradinha de Outeiro, concelho de Bragança. Nasceu naquela povoação a 21 de Março de 1812.

Era bacharel formado em matemática pela Universidade de Coimbra, par do reino, por sucessão, tomando assento na respectiva Câmara em 28 de Junho de 1843; cavaleiro da Ordem da Torre e Espada e proprietário no distrito de Bragança, do qual foi também governador civil. Faleceu solteiro.

Criação do título. Visconde – Por decreto de 3 de Maio de 1848.
Residência – Paradinha de Outeiro [431].

O *Diário do Governo* de 29 de Julho de 1868 traz a relação dos titulares que formavam a Corte, e, entre eles, menciona o par do reino visconde de Paradinha de Outeiro.

PENAS ROIAS

António Gonçalves Fontoura, pároco de Penas Roias, erigiu em 1694 uma capela dedicada ao nome de Jesus, dentro da igreja paroquial

(431) SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal,* vol. II, p. 227.
Portugal: dicionário histórico, artigo *Paradinha de Outeiro* (António José de Miranda, 1º visconde de).

da povoação, com vínculo de morgadio, que administrariam sucessivamente seus sobrinhos Adrião da Fontoura, *clerigo in minoribus,* e Francisco de Sena, filhos de Domingos Gonçalves e de D. Ana Martins (432).

PEREIROS

O Bispo de Miranda D. Toríbio Lopes concedeu em 1547 licença para se dizer missa na capela de Santo Amaro, dos Pereiros, termo de Bragança (433). Era capela pública ou vínculo de morgadio?

PESSANHAS

Família Pessanha

Para a descrição que a seguir damos da família Pessanha guiamo-nos pela completa monografia *Os Almirantes Pessanhas e sua Descendência,* por José Benedito de Almeida Pessanha, 2ª edição, Porto, 1923:

Os Pessanhas descendem de Manuel Pessanha, genovês, que El-Rei D. Dinis chamou a Portugal para desempenhar o cargo de almirante-mor da armada.

O primeiro que aparece em Trás-os-Montes é:

1º Francisco Pessanha Vilhegas, que veio residir para Nuzelos, concelho de Macedo de Cavaleiros, e casou com D. Joana de Sá Morais, filha de António de Sá Morais, das Arcas, e de D. Francisca de Lobão, de Vilares da Torre, concelho de Mirandela, que nasceu em 1624 e faleceu nas Arcas a 26 de Agosto de 1700.

Descendência:

I. *Leandro de Sá Morais,* primeiro administrador do morgadio da capela de São Caetano, nas Arcas, fundado por seus avós maternos.

Faleceu a 16 de Setembro de 1734.

II. *Francisco de Lobão Morais Pessanha,* que casou com D. Isabel de Almeida, das Arcas, e era proprietário do ofício de escrivão da Câmara de Monforte de Rio Livre em 1674, sargento-mor do terço da cidade de

(432) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(433) Ibidem, livro «*Emprazamentos – principia em 1547 athe 1555*».

Bragança, onde era mestre de campo seu cunhado António de Sá de Almeida (434).

Morreu na restauração de Monsanto a 13 de Junho de 1704.

Descendência:

Francisco José de Sá Morais de Almeida Morais Pessanha (2º, adiante citado).

III. *Paulo Machado de Morais Pessanha,* que nasceu em 1662 e foi capitão de infantaria. Esteve na guarnição do castelo de Outeiro, concelho de Bragança, e entrou nos combates de Monsanto, Badajoz e Salamanca.

IV. *Matias Machado Vilhegas,* cavaleiro da Ordem de Cristo por alvará de 6 de Setembro de 1725, capitão de cavalaria da praça de Chaves, onde faleceu em 1751.

2º Francisco José de Sá Morais de Almeida Morais Pessanha, administrador do morgadio de São Caetano, nas Arcas, e de outro instituído por seu tio António de Sá de Almeida, casou com D. Ana Martins Alves, de Nuzelos.

Fidalgo-cavaleiro por mercê de 27 de Novembro de 1723 «em atenção aos relevantes serviços de seu tio, Antonio de Sá de Almeida, que serviu nos postos de tenente do mestre de campo general na corte e provincia da Extremadura e mestre de campo de infantaria na província da Beira, governador das praças de Almeida e Bragança, com o titulo de sargento-mor de batalha».

Faleceu nas Arcas a 10 de Outubro de 1772, onde também faleceu sua mulher a 13 de Novembro de 1781.

Descendência:

I. *António José de Almeida Morais Pessanha,* que nasceu em 1729 e foi moço fidalgo por mercê de 5 de Julho de 1745, sendo reformado em brigadeiro a 14 de Agosto de 1808.

Casou com D. Maria Antónia de Morais Maltês, de Marmelos, concelho de Mirandela, filha de João de Morais Maltês, de Frechas, familiar do Santo Ofício por carta régia de 1754, e de D. Maria José Lopes, de Valverde, pais também do Padre Gonçalo Lopes de Morais e do doutor em cânones Manuel de Morais Maltês, falecido em Marmelos a 16 de Dezembro de 1800.

O apelido Maltês viria de serem cobradores, rendeiros ou administradores dos bens que a Ordem de Malta ali tinha? (435)

(434) Ver o vol. I, p. 333, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(435) Ibidem vol. III, p. 336 e 337, e o vol. IV, p. 21 e 22 e partes correlativas.

Faleceu nas Arcas a 20 de Agosto de 1809, onde também havia falecido sua mulher D. Maria Antónia a 6 de Agosto de 1795.

Descendência:

a) Francisco António de Almeida Morais Pessanha (3º, adiante citado).

b) António Manuel de Almeida Morais Pessanha (4º, adiante citado).

c) Manuel José de Almeida Morais Pessanha (5º, adiante citado).

d) João Manuel (6º, adiante citado).

e) José Joaquim (7º, adiante citado).

II. *Francisco Xavier de Lobão Machado Pessanha,* bacharel em direito, fidalgo da Casa Real por alvará de 12 de Outubro de 1768, juiz de fora de Vila Real, provedor da comarca de Lamego, corregedor da comarca de Luanda, onde faleceu a *25* de Julho de 1785.

III. Padre José *Machado de Morais Pessanha.*

3º Francisco António de Almeida Morais Pessanha, que nasceu em Marmelos a 12 de Abril de 1775 e casou em 1801 com D. Ana Gertrudes da Maia e Melo Brandão, de Lisboa, filha de João Pedro da Maia e Melo, da Figueira da Foz, e de D. Manuela Libânia, de Lisboa.

Faleceu em Marmelos a 22 de Maio de 1839.

Era moço fidalgo da Casa Real em 1806, juiz de fora em Tavira, sócio da Academia Real das Ciências em 1819, deputado pela província de Trás-os-Montes às Constituintes em 1820 (436) (foi mais quatro vezes eleito deputado às cortes, tomando sempre parte activa nelas), desterrado para o Algarve por constitucional em 1828, prefeito (governador civil) da província de Trás-os-Montes em 1834-35, comendador da Ordem de Cristo e conselheiro por decreto de 3 de Dezembro de 1834. A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Descendência:

I. *Francisco Sebastião de Almeida Morais Pessanha* (8º, adiante citado).

II. *João Pedro de Almeida Morais Pessanha* (9º, adiante citado).

III. *José Benedito de Almeida Morais Pessanha* (10º, adiante citado).

IV. *António Benedito de Almeida Morais Pessanha* (11º, adiante citado.

4º António Manuel de Almeida Morais Pessanha, coronel de cavalaria, cavaleiro da Ordem de Cristo, que nasceu nas Arcas a 7 de Dezembro de 1776 e casou com D. Luísa Rosa Pereira da Silva e Sousa, de Donelo (Douro).

(436) Da sua acção como deputado dá notícia a *Galeria dos deputados das Cortes Gerais extraordinárias e constituintes da nação portuguesa instauradas em 26 de Janeiro de 1821,* por João Damásio Roussado Gorjão, 1822, p. 86.

5º Manuel José de Almeida Morais Pessanha, que nasceu nas Arcas a 24 de Março de 1778 e ali faleceu a 3 de Dezembro de 1823.

Fez parte da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão, pelo que lhe foram confiscados os bens em 1814 e restituídos em 1822 por relevamento justificativo de inculpabilidade.

Descendência:

Domingos António de Almeida Morais Pessanha (12º, adiante citado).

6º João Manuel, que nasceu nas Arcas a 20 de Setembro de 1784 e casou com D. Catarina Josefa de Sousa Pavão, de Suções, concelho de Mirandela, filha de Amaro Vicente Pavão, marechal de campo, a quem nos referimos em *Parada de Infanções – Família Pavão*, pág. 363.

Faleceu em Bragança em 1846 exercendo o cargo de governador civil.

Era tenente-coronel de milícias de Miranda, moço-fidalgo a 27 de Agosto de 1808, governador de Cantagalo (Brasil) em 1817, director da colónia Nova-Friburgo, incipiente povoação que deu uma florescente cidade brasileira.

Descendência:

I. *José Manuel de Almeida Morais Pessanha* (filho natural) (13º, adiante citado).

II. *Manuel de Almeida Morais Pessanha* (14º, adiante citado).

7º José Joaquim, que nasceu nas Arcas a 20 de Fevereiro de 1787 e ali faleceu em 1822, sétimo capitão do exército e fidalgo-cavaleiro.

8º Francisco Sebastião de Almeida Morais Pessanha, que nasceu em Marmelos a 10 de Setembro de 1802 e casou com D. Margarida Soto Maior, de Carvalhais, concelho de Mirandela, filha de D. Alexandre de Macedo Soto Maior e Castro, de quem teve uma filha, D. Maria Augusta, que casou com seu tio José Benedito (ver 10º, adiante citado).

9º João Pedro de Almeida Morais Pessanha, que nasceu na Figueira da Foz em 1804 e faleceu em Lisboa.

Foi eleito deputado a 12 de Fevereiro de 1863 e fez parte do Batalhão dos Voluntários Académicos.

Concluiu a formatura em direito em 1834.

Foi conselheiro da Prefeitura de Trás-os-Montes em 1834; delegado da comarca de Moncorvo; governador civil de Vila Real em 1844 (437);

(437) MARTINS, Oliveira – *Portugal Contemporâneo,* vol. II, p. 190.
COLEN, Barbosa – *História de Portugal,* continuação da de Pinheiro Chagas, vol. XI, p. 116.
Estas duas obras fizeram opinião descrevendo um tanto depreciativamente a acção do conde de Vinhais e de João Pedro de Almeida Morais Pessanha, governador civil de Vila Real, em face das lutas durante a revolução denominada «Maria da Fonte», em 1846. É, porém, incontestável que o seu proceder, dando ao movimento chefe categorizado, contribuiu para o triunfo.

moço-fidalgo por mercê de 3 de Abril de 1845; comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição em 1848 e deputado às cortes em onze legislaturas seguidas a começar em 1840 até à data do seu falecimento.

Descendência:

I. *Carolino,* que casou com sua prima D. Maria Augusta. (Ver 15º, adiante citado.)

II. *D. Carolina,* que casou com o conselheiro Eduardo José Coelho, nascido em Redeal, concelho de Chaves, em 1836 e falecido em Lisboa a 5 de Abril de 1913, governador civil de Bragança, deputado da nação em diversas legislaturas, presidente da Câmara dos Deputados, par do reino, ministro das obras públicas por duas vezes, ministro do reino, grã-cruz da Ordem de Carlos III de Espanha, Coroa da Prússia e Legião de Honra e comissário régio junto da Companhia do Niassa.

Faleceu em S. Pedro de Vale de Conde a 23 de Agosto de 1916.

III. *Carlos,* capitão de cavalaria, deputado da nação em quatro legislaturas, oficial da Ordem de S. Tiago, cavaleiro de Avis, grã-cruz de Isabel a Católica e governador da Guiné, onde faleceu a 14 de Setembro de 1907, tendo casado com D. Antónia de Almeida Miranda de Melo e Castro, dos Mirandas da Paradinha de Outeiro, que reside em Mascarenhas. (Ver 4º em *Paradinha de Outeiro.*)

10º José Benedito de Almeida Morais Pessanha, que nasceu em Marmelos a 14 de Janeiro de 1808 e casou com sua sobrinha D. Maria Augusta.

Faleceu em Marmelos a 16 de Julho de 1857.

Descendência:

I. *Raimundo de Almeida Morais Pessanha,* funcionário superior da Alfândega do Porto, que algumas vezes dirigiu. Faleceu na Foz do Douro em 1900.

II. *D. Catarina,* que casou com o médico doutor José Luís Teixeira e faleceu em Bragança a 28 de Agosto de 1890.

III. *Francisco António,* juiz aposentado do Supremo Tribunal Justiça.

IV. *D. Maria Augusta de Almeida Morais Pessanha* (15º, adiante citado).

Os grandes chefes memorados na História precisam também de prudência; não é só a mentalidade e o valor pessoal que os faz: cooperaram indispensavelmente as correntes sociais que eles canalizam para os fins que pretendem. De resto, todos eles, ainda os mais lídimos heróis, têm, tanto física como moralmente, um ponto vulnerável – o tal calcanhar de Aquiles ou o orifício alguns decímetros mais acima. A heroicidade tem certos limites, e quando se ultrapassam chama-se pertinácia acérrima e a seus autores doidos e estúpidos.

11º ANTÓNIO BENEDITO DE ALMEIDA MORAIS PESSANHA, que nasceu a 31 de Dezembro de 1813 e faleceu em Lamas de Orelhão, concelho de Mirandela, a 6 de Abril de 1877, deixando uma filha, D. Maria Augusta, que casou na Burga, concelho de Macedo de Cavaleiros, com Luís Pinto Vilas Boas.

Foi subdirector da Alfândega de Miranda do Douro e administrador do concelho de Miranda.

12º DOMINGOS ANTÓNIO DE ALMEIDA MORAIS PESSANHA, segundo tenente de artilharia em 1833, segundo oficial da secretaria do Governo Civil de Bragança.

Casou com D. Felicidade de Morais Castro e faleceu em Miranda do Douro em 1849, onde era sub-director da Alfândega.

Descendência:

I. *João Manuel de Almeida Morais Pessanha,* capelão militar, professor do liceu de Bragança, cavaleiro de Avis e escritor, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Faleceu em Cabeça Boa, concelho de Bragança em 1905.

II. *D. Margarida,* que casou com João José Pereira Charula, de Bragança, capitalista, rico proprietário nos Cortiços, concelho de Macedo de Cavaleiros, governador civil de Bragança em 1890 e deputado nas legislaturas de 1894-95 e 1896-97.

Descendência:

a) António Alberto Charula Pessanha, doutor em direito, deputado da nação. Solteiro.

b) D. Laura Charula Pessanha, viúva de D. Jorge de Melo, oficial do exército. Com descendência.

13º JOSÉ MANUEL DE ALMEIDA MORAIS PESSANHA, bacharel em direito, deputado por Bragança na legislatura de 1853-56 e pelo Mogadouro na que findou em 1865, nasceu em Cantagalo (Brasil) a 10 de Janeiro de 1820 e faleceu nos Cortiços a 29 de Maio de 1878, tendo casado com D. Maria Amélia Leite Macedo Sarmento, dos Cortiços.

Descendência:

D. Cândida de Almeida Morais Pessanha, que casou com o médico doutor Albino Vaz das Neves, deputado da nação em 1879-81.

14º MANUEL DE ALMEIDA MORAIS PESSANHA, nasceu nas Arcas a 20 de Agosto 1825 e, ali faleceu a 11 de Janeiro de 1871.

Foi deputado por Bragança na legislatura de 1851-52; governador civil de Bragança em 1857 e par do reino em 1862.

Sua filha D. Carolina Cândida de Almeida Morais Pessanha casou com Francisco de Assis Pereira do Lago, visconde das Arcas em 1879, governador civil do distrito de Bragança em 1886-90 e segunda vez em 1897-900

e deputado em duas legislaturas. Faleceu a 24 de Agosto de 1881 (438). (Ver em *Arcas* pág. 17 e o mesmo no *Suplemento.*)

15º D. Maria Augusta de Almeida Morais Pessanha, nasceu em Carvalhais a 9 de Setembro de 1843 e faleceu em Marmelos a 4 de Maio de 1902. Casou com seu primo Carolino de Almeida Morais Pessanha, deputado em várias legislaturas, governador civil de Bragança e prestigioso político, que faleceu em Mirandela a 19 de Março de 1874.

Descendência:

16º José Benedito de Almeida Pessanha, deputado e escritor, que nasceu em Marmelos, concelho de Mirandela, a 16 de Fevereiro de 1862 e casou a 5 de Abril de 1888 com D. Amélia da Costa e Sá, filha do Doutor Francisco José da Costa e Sá, de Vale de Telhas, concelho de Mirandela.

Faleceu em Matosinhos em meados de Julho de 1927 sem deixar descendência.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

17º João Pedro de Almeida Morais Pessanha, poeta e administrador-geral dos correios e telégrafos, que faleceu em Ancião a 14 de Fevereiro de 1923.

PODENCE

1º Francisco Afonso Moredo e sua mulher D. Isabel Rodrigues, que residiram em Podence, concelho de Macedo de Cavaleiros, doaram em 1648 bens à capela de S. Miguel, de Podence.

Parece deduzir-se do documento que a capela já estava feita, não sendo portanto eles os fundadores, mas simples doadores por devoção (439).

2º Domingos Fernandes, licenciado, de Podence, erigiu em 1713 uma capela na mesma povoação dedicada a Nossa Senhora do Rosário e a S. Domingos a que vinculou bens (440).

(438) O *Diário do Governo* de 29 de Julho de 1868 traz a relação dos titulares que formavam a Corte, e, entre eles, menciona os pares do reino João de Almeida Morais Pessanha e Manuel de Almeida Pessanha.
(439) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(440) Ibidem.

PRADA

JOÃO DE MORAIS COLMIEIRO, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, capitão-mor da vila de Paço, concelho de Vinhais, e sua mulher D. Ana de Sª doaram em 1680 à capela de Santo Amaro, por eles fundada em Prada, bens com vínculo de morgadio (441).

PRETOS

As notícias seguintes, que inserimos a título de curiosidade, deixam ver quanto se infiltraram pelo distrito de Bragança elementos populativos estranhos à raça portuguesa.

Nos processos de habilitação de *genere* dos cónegos para poderem tomar posse das conesias, desde meados do século XVII por diante (ignoramos se já o costume é anterior), um dos quesitos a indagar era: se o agraciado estava limpo de sangue de judeu, cristão novo, mouro, mourisco, negro ou mulato (442).

No Museu Regional de Bragança, maços *Freiras,* encontram-se dezenas e dezenas de requerimentos de freiras a pedir licença para ter criada que as sirva das portas do convento adentro, e a autoridade eclesiástica, deferindo, concede que a criada também possa ser... *serva Aetiops seu hybrida vulgo mulata sit,* isto é, escrava, negra, ou mulata. Estes requerimentos são do século XVII por diante. Daqui se pode concluir a abundância que dessa gente havia então no reino.

No V volume desta obra, pág. CXIII, escrevemos:

«Ha ainda no distrito de Bragança e geralmente por todo o país, certamente ainda em maior quantidade, um outro elemento étnico estranho... e vem a ser os africanos, berbéres, cafres, pretos, mulatos, mestiços, cabras (filho de mulato e branco que em geral é tipo formoso), mouros, asiáticos, indianos, etc., que por cá deixaram semente constantemente renovada por sucessivas vindas de outros da mesma proveniência com as nossas conquistas e descobertas. Os repetidos títulos de Africano, Asiático, Indiano que os documentos apensam a varios indivíduos; os apelidos de Mouro, Moreno, Preto, etc., que ainda hoje perduram, algo deixam antever do caso. No Museu Regional de Bragança ha muitos docu-

(441) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(442) Ibidem, maço *Cónegos,* onde há centenas de processos deste teor.

mentos referentes a tais indivíduos que por cá viveram e constituiram família e por eles se vê quanto é avultada a colónia de pretos que no seculo XVIII vivia em Bragança.

A influencia do sangue negro em Portugal, diz Saa (443), transparece em numerosissimas pessoas, já pelo modo de andar em balancé, já pelas manchas negras que teem no corpo (genipapo), já pela côr e pelo cabelo engrenhado, já pelos olhos abronzeados e grandes, já pelos narizes oferecendo maior superficie de frente que de lado, já pelos labios, já pelas unhas, já pela voz semi-ventriloqua, voz que parece não passar pela laringe, mas principalmente pelos caracteres animicos, a tendencia para a mimica, a predilecção pelo batuque.

Os mouros e os mestiços, continua o mesmo (444), dominam em Portugal por elemento de população mais que em outra qualquer nação da Europa com incremento de boçalidade e redução do indice encefalico».

Era tal já em meados do século XVI a abundância de escravos em Portugal que Garcia de Resende, consignando o facto, diz:

«Vemos no reyno metter
Tantos captivos crescer,
Irem-se os naturaes,
Que, se assim fôr, serão mais
Elles que nós, a meu ver!»

«Seculo e meio depois de Ceuta [esta praça foi tomada em 1415], oitenta anos após a viagem triunfal da India [1498], testemunhas oculares, estrangeiras, mostram-nos o reino vazio da sua gente: negros de Africa, indios, malaios, japões e chins substituiam os trabalhadores nele nascidos. Na capital um terço da população de duzentas mil almas eram escravos... no tempo de D. João 3º, havia em Lisboa de sessenta e setenta negociantes de escravos, e dezasseis correctores... mercadoria tão apreciada, os negros, que a dava em pagamento a corôa a certos funcionarios... Manuel Severim de Faria, em meio do seculo XVII, informa-nos que os trabalhadores dos campos eram pretos; cafres e indios os serviçais em Lisboa» (445).

(443) SAA, Mário – *A Invasão dos judeus,* 1925, p. 155.
(444) SAA, Mário – *Camões no Maranhão,* 1922, p. 132.
Ver ALMEIDA, Fortunato de – *Escravos em Portugal nos séculos XVII* e *XVIII,* tese apresentada ao Congresso para o avançamento das ciências, celebrado em Coimbra em Junho de 1925.
(445) AZEVEDO, J. Lúcio de – *Nação Portuguesa,* 1925, p. 146.

Sem procurar especialmente pelos apelidos de pessoas que fazem lembrar raças estranhas à portuguesa, tomei nota ao acaso das povoações seguintes, onde eles se encontram em documentos do Museu Regional de Bragança. Assim, o apelido *Preto* apareceu-me em:

Algoso
Argozelo
Azinhoso
Atenor
Bemposta
Bragança (446)
Brunhosinho
Cércio
Constantim
Duas Igrejas
Fonte de Aldeia
Freixiosa
Granja de Gregos
Guadramil
Labiados
Lamoso
Meixedo (447)
Miranda do Douro
Mora
Paradinha
Peredo da Bemposta
Prado Gatão
Rio de Onor
Sanhoane
São Martinho de Angueira
Sendim de Miranda
Tó
Travanca de Algoso
Travanca do Mogadouro
Urros
Uva

(446) Manuel da Silva e Ana Joaquina, ambos de cor preta, nascidos em Angola, residentes em Bragança, casaram nesta cidade em 1783. Está o processo no Museu Regional de Bragança.
(447) Joaquim Gomes, de cor preta, morador em Meixedo, pediu licença em 1799 para casar com Teresa Luísa, também preta, moradora em Bragança. Eram ambos naturais de Benguela.

Vale de Algoso
Vale Benfeito
Vale de Frades
Vila Chã de Braciosa
Vilar Seco de Miranda
Vimioso.

Igualmente ao acaso tomei nota das seguintes povoações onde se encontra o apelido Mouro:

Bornes
Castro Roupal
Labiados
Malhadas
Palancar
Podence
São Julião
Santulhão
Soeira
Travanca de Macedo
Vale de Lamas
Vale da Porca
Vila Chã de Braciosa
Vilariça (povoação).

Haverá vinte anos vi um «Rol dos Confessados» de uma das duas freguesias de Bragança, referente a um ano do século XVIII, onde estavam escritos os nomes de todos os fregueses da mesma, numa totalidade de quase quinhentos fogos e duas mil e tal almas, duzentas das quais pretos ou escravos. Não encontro os apontamentos que então tomei, nem o tal «Rol dos Confessados», que evidentemente deve estar no arquivo de alguma das duas freguesias; no entanto, esta notícia, embora vaga, confirma o que vimos dizendo.

QUINTANILHA

Em 1548 concedeu D. Toríbio Lopes, bispo de Miranda, licença para se celebrar missa na capela de S. Sebastião, de Quintanilha, concelho de Bragança [(448)]. Era pública ou vínculo de morgadio? (Ver *Senhora da Ribeira.*)

(448) Museu Regional de Bragança, livro «*Emprazamentos – principia no anno de l547 athe 1559*».

QUINTAS

ANTÓNIO GONÇALVES PINTO, capitão, e sua mulher D. Anastácia Martins erigiram em 1699, no «lugar de Quintas», termo de Mirandela, onde residiam, uma capela dedicada às Chagas de Cristo, dentro da igreja matriz da povoação (449) (Ver em *Mascarenhas* e *Travanca,* família *Barroso.*)

QUINTELA DE LAMPAÇAS

Família Borges Rebelos

De um manuscrito existente em Sucães, concelho de Mirandela, em casa da família Pavão, hoje representante dos Borges Rebelos, de Quintela de Lampaças, copiamos o seguinte:

«1º – D. ANTONIA BORGES REBELLO D'ATAHIDE VASCONCELLOS, senhora dos morgados do Corpo Santo de Lisboa e de Quintella (viuva de Antonio Caetano de Sousa Pavão, fidalgo da Casa Real e commendador da Ordem de Christo, mãe de Francisco de Sousa Rebello Pavão, senhor dos morgados de Santo Amaro, de Parada, Sucções e Mascarenhas, e dos do Corpo Santo de Lisboa e Quintella».

Filha de

2º – JÓSÉ CARLOS BORGES REBELLO, de Quintella de Lampaças, senhor dos ditos morgados, (cazado com D. Anna Joaquina de Moraes Castro Sarmento, de Vinhaes, filha de Lourenço da Silva Sarmento e de D. Francisca de Moraes Castro Sarmento). Era capitão em 1809 bem como seu irmão Manuel de Jesus Borges Rebelo em 1825.

Filho de

3º – FRANCISCO IGNACIO BORGES REBELLO, 13º morgado do Corpo Santo de Lisboa e de Quintella (cazado com D. Marianna Josefa d'Atahide Vasconcellos e Colmieiro) (450). Era sargento mor de Bragança em 1759. Tinha tambem o apelido de Morais.

(449) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

(450) Num manuscrito pertencente aos Figueiredos de Bragança encontrei a seguinte notícia a propósito da família Pavão, de que trata: «Francisco lgnacio de Morais Rebelo [evidentemente o acima indicado] teve o habito de cavalleiro da Ordem de Christo, lançado no convento de Thomar, geral da Ordem, a 29 de Janeiro de 1747, por assim mandar a carta regia de 27 de Março de 1743».

Filho de

4º ANTONIO DE MORAES REBELLO, 12º Senhor do morgado do Corpo Santo e 6º do de Quintella (cazado com sua sobrinha D. Brites Maria de Sá Moraes, filha de Fernando Pinto Bacellar, cavalleiro da Ordem de Christo e mestre de campo de auxiliares, e sua mulher D. Josefa de Moraes, irmã do commendador Domingos de Moraes Pimentel, fidalgo da caza real, filhos ambos de José de Moraes Madureira Pimentel, fidalgo da casa real, instituidor do morgado de S. Francisco, e o seu irmão o mestre de campo Domingos de Moraes Pimentel, commendador de Babe na Ordem de Christo; e é senhor dessa caza Francisco José de Moraes Pimentel, fidalgo da casa real, e descendem da mesma os filhos de Thomaz Aires Pereira de Castro, fidalgo da casa real, e os do governador de Chaves Francisco Xavier da Veiga Cabral, fidalgo da Casa Real, e o dito Fernando Pinto Bacellar era filho d'outro Fernando Pinto Bacellar, valoroso capitão de cavallaria nas Guerras de Acclamação, no qual falla o Conde da Ericeira, Monsieur Lacher nas historias d'aquella guerra, e de D. Maria Magdalena de Moraes Sarmento, filha e herdeira de Gonçalo de Moraes Sarmento, neta de Pedro de Moraes Sarmento, capitão de uma náu da armada da India, bisneta de Gonçalo de Moraes, o Velho, e de D. Anna Gomes Sarmento, dos quaes descendem tambem os senhores da villa do Bollo, e outros fidalgos em Galiza, e a dita D. Anna Gomes era irmã de Lopo Sarmento, alcaide mor de Bragança, filhos ambos de Jacome Luiz Sarmento, do qual descendem o desembargador Pedro de Moraes Sarmento, fidalgo da casa real, Thomé Ferreira de Moraes Sarmento, fidalgo da casa real, Miguel Vicente de Moraes Sarmento, fidalgo da casa real, Balthezar de Moraes Sarmento, fidalgo da casa real, Antonio Gomes Mena, fidalgo da casa real, Antonio d'Amaral Sarmento, fidalgo da casa real, general de... Francisco da Silva Barreto, fidalgo da casa real).

Filho de

5º – IGNACIO BORGES REBELLO, 11º senhor do morgado do Corpo Santo e 5º do de Quintella, casado com sua tia D. Maria de Moraes, irmã de José de Moraes (acima), filhos ambos de Francisco de Moraes Madureira Pimentel, irmão do morgado de Parada (de quem logo se tratará) e de D. Brites de Sá, filha de Gaspar Pinto Cardoso, senhor do morgado de S. Thiago, do qual descendem = Luiz Lazaro Pinto Cardoso, fidalgo da casa real, e os filhos de Antonio de Mesquita Pinto, moço fidalgo da casa real, e o coronel Francisco Xavier de Castro Moraes, fidalgo da casa real, os filhos do tenente coronel João de Moraes Castro Pimentel, fidalgo da casa real, Francisco Ferreira de Moraes, do Mogadouro, moço fidalgo da casa real. E o dito Gaspar Pinto Cardoso era filho de Francisco de Sá Ferreira, e de D. Brites Pinto Cardoso, neto de Francisco de Moraes, *o meia lingua*, e de

D. Maria de Sá, dos quaes tambem descendem João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da casa real, o tenente coronel Francisco José Sarmento, fidalgo da casa real, o sargento-mor José de Moraes Sarmento, fidalgo da casa real, Antonio de Moraes Sarmento, de Miranda, fidalgo da casa real.

6º – FELIPE BORGES REBELLO, 10º senhor do morgado do Corpo Santo e 4º do de Quintella, cazado com D. Marianna de Moraes Albuquerque, filha de Antonio de Moraes Madureira, fidalgo do solar de Parada, e senhor do mesmo solar, e das jugadas de Parada, S. Pedro, Grijó, Paredes e Coelhoso, e de sua mulher D. Aldonça d'Albuquerque, dos quaes foi bisneto o alcaide-mor de Bragança, Lazaro Jorge de Figueiredo Sarmento, fidalgo da Casa Real, e o dito Antonio de Moraes era filho de Alvaro de Moraes Madureira, senhor da casa do solar de Parada e das ditas jugadas e de sua mulher e prima co-irmã D. Anna de Moraes, neta de Antonio de Moraes Pimentel e de sua mulher D. Izabel de Moraes Madureira, filha herdeira de Alvaro Annes de Madureira Feijó, senhor da casa de Parada, e de D. Branca de Sousa, neta de Luiz Annes de Madureira, senhor da referida casa, bisneta de Alvaro Annes de Madureira, senhor de Villa Franca, Grijó e Valbemfeito, e de sua mulher D. Anna de Buiça Fajardo, instituidores do morgado da casa de Parada, o qual teve principio no anno de 1427 (451) por graça que impetrou do Papa Urbano 6º D. Lourenço da Cunha, arcebispo de Braga, primo-co-irmão dos instituidores, para secularisar e annexar as ditas jugadas ou bódos, que pertenciam á mitra de Braga e o dito Antonio de Moraes Pimentel era filho de Aleixo de Moraes Pimentel, fidalgo da casa del-rei D. João 3º, commendador na Ordem de Christo, creado da senhora infanta D. Maria; do qual, além de muitos já referidos, tambem descende o capitão Duarte Teixeira Chaves, fidalgo da Casa Real.

7º – GONÇALO BORGES REBELLO, 9º senhor do morgado do Corpo Santo, e 3º do de Quintella, cazado com D. Antonia Pereira Coutinho filha herdeira de Francisco Granado, segundo morgado de Quintella instituido pelo doutor Gaspar Gonçalves Granado, abbade de Quintella no anno de 1568 com capella e invocação de Santa Cruz.

8º – PEDRO BORGES REBELLO, 8º senhor do morgado do Corpo Santo; cazado com D. Maria Pinto Pereira, filha de João Pinto Pereira, alcaide-mor de Erveredo e sua mulher D. Izabel de Morais, irmã de Aleixo de Morais (acima) e filhos ambos de Pedro Martins de Moraes Pimentel, 12º padroeiro do capitulo de S. Francisco de Bragança, do qual foi bisneto (alem d'outros muitos) o grande Nuno Martins Botelho, governador da

(451) SANCHES DE BAENA – *O Arquivo Heráldico Genealógico*, parte 1ª, p. 19, diz que foi em 1417.

India, pae do 1º conde de S. Miguel. E do dito João Pinto Pereira descendem em Villa Real Francisco Pereira Pinto, fidalgo da Casa Real e os filhos d'André de Moraes Sarmento fidalgo da Casa Real, José Vaz de Mello e Sampaio, fidalgo da Casa Real, senhor de Ribalonga, os filhos de Bernardo Antonio da Silveira Pinto, fidalgo da Casa Real, os filhos de José Caetano Teixeira de Magalhaes e Lacerda, fidalgo da Casa Real; e era o dito João Pinto Pereira irmão de Francisco Vaz Pinto do qual descendem os senhores dos concelhos de Felgueiras, Vieira e Fermedo, os senhores da Teixeira e Sergudo, o Ex.mo Snr. Antonio Guedes Pereira, secretario d'estado, Cosme Damião, os senhores de Bairão João da Costa. . . . .

9º – Pedro Borges Rebello, legitimo senhor do morgado do Corpo Santo. Sua mulher D. F.

10º – Lopo Martins Borges (irmão de Antonio Borges de Moraes, pae de D Gonçalo de Moraes, bispo do Porto), casado com D. Maria Botelho, irmã de Rui d'Abreu Botelho, fidalgo da Casa Real, segundo senhor do morgado do Corpo Santo, o qual foi instituido por sua tia D. Maria de Rebello no anno de 1516. Era esta senhora então viuva de Diogo Fernandes Correia, fidalgo da Casa Real e cavalleiro da Ordem de Christo, alcaide-mor de Cochim, o qual serviu na Africa e na India a El-rei D. Manuel, o qual por doação de 1501, que existe na Torre do Tombo, a folhas 193 do livro da Estremadura, fez mercê ao dito Diogo Fernandes de um pedaço de praia, onde se edificarão duas ruas de casas á porta de Cáta que Farás, que são a substancia deste morgado do Corpo Santo com capella da invocação de Santa Anna na Collegiada da Conceição; e foi a dita doação del-rei D. Manuel confirmada por el-rei D. Sebastião dispensandu-a para sempre na lei mental, era tambem a dita D. Maria de Rebello irmã de Pedro Rebello, pae de Gaspar Rebello, escrivão da fazenda del-rei D. João 3º do qual e d'outros muitos que desta familia ficarão em Lisboa se ignorão cá os descendentes.

11º – Alvaro Pimentel Borges, sua mulher D. Violante Vaz de Moraes irmã de Pedro Martins de Moraes (acima) filhos ambos de Alvaro Gil de Moraes Pimentel 11º padroeiro de S. Francisco de Bragança e de sua mulher D. Izabel de Valcarcel, filha de João Rodrigues de Valcarcel, irmã de D. Mayor de Valcarcel, condessa de Lemos, mae de D. Rodrigo Ozorio de Castro, conde de Lemos, grande de Hespanha; e o dito Alvaro Gil de Moraes era filho de Gil Affonso Pimentel e de sua mulher D. Leonor de Moraes filha herdeira de Gonçalo Rodrigues de Moraes, vassalo del-rei D. Affonso 5º, nono padroeiro do Capitulo de S. Francisco de Bragança, e chefe dos Moraes que descendia dos Machucas... filho de Gonçalo Rodrigues de Moraes que no anno de 1211 deu ao patriarcha S. Francisco uma sua capella de Santa Catharina e era para fundar o seu convento que foi o

unico que o mesmo santo fundou neste reino; e por esse motivo ficarão os Moraes sendo padroeiros do tal capítulo, na forma que se continuou em seus descendentes, e o dito Gil Affonso Pimentel era filho de João Affonso Pimentel, e de D. Thereza Pacheco da caza dos Marques de Carvalho; neto de Martim Affonso Pimentel, (irmão de João Affonso Pimentel, primeiro Conde de Benavente e das casas mais florentes de Hespanha e de D. Ignez Vasques de MelIo, dos Mellos alcaides mores de Evora).

12º – Lopo Martins de Meirelles fronteiro mor de Bragança e sua mulher D. F.

13º – Alvaro Pimentel de Meirelles, e sua mulher D. Maria Borges, filha de Diogo Gonçalves Borges, senhor da Torre de Moncorvo».

Salvador, filho de Álvaro Borges e de D. Catarina Leite, nasceu em Macedo de Cavaleiros a 5 de Agosto de 1597.

Álvaro, irmão do precedente, nasceu em Macedo de Cavaleiros a 10 de Dezembro de 1598.

Não pudemos identificar a genealogia destes dois filhos de Álvaro Borges, que encontramos mencionados em documentos da família de que vimos tratando e da qual supomos seriam membros.

O actual representante dos Borges Rebelos é o Ex.mo Senhor Alberto de Sousa Ataíde Rebelo Pavão, a quem nos referimos em *Parada de Infanções – Família Pavão,* pág. 369.

QUINTELA DE LAMPAÇAS – LISBOA

Morgadio do Corpo Santo

De José Cardoso Borges, *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, *Dos Morgados,* § 22, fólio 310 (mihi), copiamos o seguinte:

«Morgado que se intitula do Corpo Santo em Lisboa, com capela de Santa Ana no Colegio da Conceição, que instituiu *Maria de Rebelo,* viuva de Diogo F. Correia, fidalgo da Casa Real em 12 de Abril de 1516.

É hoje [1721-1724] administrador Antonio de Morais Rebelo, que está despachado com o habito de Cristo, casou com D. Brites de Sá, filha de Fernão Pinto Bacelar, do habito de Cristo, mestre de campo de infantaria auxiliar e de D. Josefa de Morais, filha de José de Morais Madureira, fidalgo da Casa Real.

Filho de Inacio Borges Rebelo e de D. Maria de Morais, filha de Francisco de Morais Madureira e de D. Brites de Sá.

Neto de Filipe Borges Rebelo e de D. Mariana de Morais de Albuquerque, filha de Antonio de Morais Madureira, morgado de Parada e de D. Aldonça de Albuquerque.

Segundo neto de Gonçalo Borges Rebelo e de D. Antonia Pereira da Rocha, filha de Francisco Granado e de D. Antonia da Rocha, que sucedeu no morgado de Quintela, que em 1595 instituiu o licenciado Gaspar Gonçalves Granado, seu tio, abade do mesmo lugar de Quintela de Lampaças, destrito de Bragança.

Terceiro neto de Pedro Borges Rebelo e de D. Maria Pinto Pereira filha de João Pinto Pereira, fidalgo da Casa Real, alcaide-mor de Ervededo e de D. Izabel Pereira de Morais, que o foi de Pedro Alvares de Morais Pimentel, Solar dos Morais.

Quinto neto de Lopo Álvares Borges e de D. Maria Botelho, que sucedeu neste morgado por falecimento de seu irmão Rui de Abreu de Rebelo, fidalgo da casa do mestre de Santiago, que foi o primeiro administrador».

O actual representante dos morgados do Corpo Santo em Lisboa é o Ex.mo Senhor Alberto de Sousa Ataíde Rebelo Pavão, a quem nos referimos em *Parada de Infanções – Família Pavão,* pág. 369.

1º D. Maria Antónia da Conceição, natural de Quintela de Lampaças, filha «que ficou» de Francisco Inácio Borges Rebelo e de D. Mariana, professou em 1790 no convento de Santa Clara de Bragança (452).

2º D. Ana Joaquina Morais Castro Sarmento, viúva, e seus filhos Manuel de Jesus Borges Rebelo, tenente de cavalaria nº 12 e D. Antónia Borges Rebelo, solteira, por escritura celebrada em 1820, a título de aumento de património, deram ao padre Lopo José Correia Borges Rebelo, todos de Quintela de Lampaças, certos bens e receberam em troca outros do padre, provavelmente filho da primeira outorgante (453).

3º José Carlos Borges Rebelo, tenente de cavalaria e sua mulher D. Ana, naturais de Quintela de Lampaças, obtiveram em 1803 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (454).

(452) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara.*
(453) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 173, fol. 42 v., onde vem a respectiva escritura.
(454) Ibidem, maço *Capelas.*

4º D. Marta Margarida de Melo Monteroio, solteira, residente em Quintela de Lampaças, concelho de Bragança, obteve em 1795 licença para *oratório* particular nas suas casas de *moradia* (455).

Era filha do alcaide-mor de Bragança, Lázaro Jorge de Figueiredo Sarmento.

Faleceu a 2 de Novembro de 1811 deixando por herdeiros seus sobrinhos: André Jacinto, sargento-mor de milícias do terço de Miranda, Manuel Diogo de Melo e D. Maria Margarida, filha do primeiro (456).

QUIRÁS

Família Barreira

1º António Joaquim da Veiga Barreira nasceu em Quirás, concelho de Vinhais (e não nesta vila como referem alguns genealogistas) (457) a 27 de Maio de 1831 e faleceu em Lisboa a 9 de Abril de 1878.

A sua morte, mais que misteriosa, foi atribuída ao suicídio. Corre, porém, que a bala que lhe deu a morte, disparada pelo próprio, mal poderia penetrar na região occipital, na trajectória que seguiu.

Cursou os estudos teológicos no Seminário de Bragança, chegando mesmo a receber o subdiaconado. No entanto, alegando pressão de seus pais e não sei mais o quê, conseguiu desligar-se do estado eclesiástico e casou a 27 de Maio de 1870 com D. Júlia Sofia Brandão e Sousa da Fonseca Magalhães, primeira Condessa de Geraz do Lima, viúva de Luís do Rego da Fonseca Magalhães, par do reino, filho do célebre ministro de Estado Rodrigo da Fonseca Magalhães, vulgarmente chamado o *Raposa*, pela sua astúcia.

A 10 de Novembro de 1880 ainda a condessa passou a terceiras núpcias com António de Sousa e Sá, de cujo matrimónio, bem como do segundo, não houve filhos; só do primeiro os teve.

Aludindo a este casamento de António Barreira dizia o povo:

«Não ha terra tão extraordinária como Vinhaes: cazam-se os padres,

(455) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas*.
(456) Ibidem, *Cartório Administrativo*, livro 31, fol. 212 v.
(457) Na carta de moço fidalgo da Casa Real, vem como natural do Pinheiro, concelho de Vinhais, e filho de Francisco José Barreira.

descazam-se os casados [458]; copulam-se as mulheres antes de o ser e cazam as ladinas, sem os maridos saber» [459].

António Barreira era moço fidalgo com exercício na Casa Real por alvará de 27 de Maio de 1871; comendador da Ordem de Cristo; bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra e deputado da nação em várias legislaturas [460].

A passagem de António Joaquim da Veiga Barreira pela terra ficou notavelmente assinalada, principalmente no meio bragançano, onde a sua memória ainda hoje perdura incorporada na lenda popular.

A sua viveza de inteligência e penetração notabilizaram-no no foro; o seu casamento em condições tão insuetas; a sua morte trágica e o grande motim de Santalha, motivado pela sua candidatura a deputado, não deixam perecer a sua memória.

António Barreira era uma destas fortes individualidades que empolgam e sugestionam as massas populares, fazendo-se por elas admirar e amar, com inveja dos medíocres que, não podendo acompanhar na sua ascendência estes super-homens, pretendem lançar entraves de mesquinha lama ao carro do seu triunfo.

Se a morte o não surpreende tão prematuramente, a sua indomável força de vontade tê-lo-ia levado aos primeiros lugares.

Quando nos referirmos à freguesia de Santalha pormenorizaremos o que foi este motim, de que já dissemos algo no volume I, pág. 223, desta obra, e agora vamos dar a largos traços o seu escôrço:

O círculo eleitoral de Vinhais, onde imperava Pedro Vicente de Morais Campilho, por várias vezes administrador desse concelho, e seu irmão António Aníbal de Morais Campilho, primeiro oficial da alfândega de Chaves, era pelos anos de 1868 um reduto inexpugnável da política progressista, e nesse estado se conservou largos anos devido à preponderância dos Campilhos. (A eles nos referiremos em *Vinhais).*

As prepotências, o espancamento e o assassinato assinalaram tristemente essa época na região vinhaense [461], que só tem igual no círculo de Mirandela onde ao tempo imperava a família Pessanha [462].

---

(458) Em 1853 foi por sentença eclesiástica declarado nulo o casamento de António José Pimentel com D. Maria Bernarda da Costa, de Rebordelo, concelho de Vinhais.

(459) Em 12 de Fevereiro de 1927, Maria José, de Penso, casou *habilmente* com Francisco Barreira, de Moimenta, ambos do concelho de Vinhais, sem este saber nada do caso!

(460) Pinto, Albano da Silveira – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, tomo 2º, p. 21.

(461) O *Pombélica,* foi um assassino que nesse tempo aterrou Vinhais sendo por último linchado na noite de S. João num dos bairros da vila. Os jornais desse tempo, nomeadamente *O Raio,* contam as atrocidades cometidas em Vinhais.

(462) Em *Guide* referiremos as proesas dos Pessanhas.

Aproximavam-se as eleições de 1868 e o Barreira pede uma candidatura ao Campilho:

– «Não pode ser», respondeu-lhe escarninhamente este.

– «Nesse caso», tornou o Barreira, «proponho-me pela oposição».

– «Pois proponha», disse-lhe aquele, «mas fique certo de que nem o voto de seu pai leva á urna».

E realmente era preciso a audácia e força de vontade dum Barreira para lutar então contra os Campilhos.

A 22 de Março de 1868 procede-se ao acto eleitoral e pelo círculo de Vinhais aparece como candidato governamental Francisco Pinto Coelho de Ataíde, natural de Moimenta, concelho do mesmo círculo (a quem nos referimos em *Moimenta,* pág. 290) e pela oposição o Barreira.

O cacete manobrado por ordem da autoridade afasta os eleitores contrários; uma urna de duplo fundo engendrada pelo célebre *Facadas,* abade de Gondezende, falsifica na assembleia de Donai, que então fazia parte do círculo de Vinhais, o resultado do sufrágio e o bacamarte, a fouce roçadoura, o pau ferrado e o facalhão lançam tal desordem na assembleia de Santallha que o sangue correu abundantemente dentro da igreja matriz, cujas alfaias sagradas, bancos, candelabros, castiçais, estantes, galhetas e até os próprios santos foram empunhados e vibrados como armas de arremesso. O número dos feridos foi de cento e tantos e o Barreira a muito custo pôde salvar a vida (463).

A eleição foi anulada e na seguinte foi eleito António Joaquim da Veiga Barreira (464).

A luta que o Campilho, que dispunha de grande prestígio (já fora deputado e por mais de dezenove anos administrador do concelho de Vinhais), teve de sustentar para derrubar um homem que ele supunha incapaz de conquistar um voto, mostra bem o seu merecimento.

O seu prestígio incidiu de tal modo sobre o povo que os dois partidos rotativos passaram a denominar-se, por dezenas de anos no meio bragança, de *Barreiras* e *Campilhos,* até mesmo os rapazes das aldeias armavam brigas à pedrada divididos em duas facções, às quais punham os mesmos nomes.

O actual pároco de Castrelos José António da Tiza, um virtuoso e digno sacerdote, natural de Varge, concelho de Bragança, ainda na sua aldeia natal conserva a alcunha de *Barreira* em oposição a outro, a quem chamavam *Campilho,* quando os dois eram ainda crianças.

(463) *Diário do Governo* de 7, 16, 22 e 23 de Maio de 1868.
(464) Ibidem, de 26 de Abril de 1869.

No tomo I desta obra, pág. 230, publicamos as canções que no tempo ganharam celebridade, vulgarizadas pelos menestreis ao som da popular guitarra e viola ou nos descantes populares com música de pandeiro e gaita de fole.

Por alvará de 2 de Julho de 1872 foi-lhe passada carta de brasão de armas: escudo esquartelado, tendo o quartel superior da direita carregado com uma cruz chã de prata, decorada por quatro flores de liz de ouro, acantonadas sobre campo de púrpura; o superior da esquerda interceptado por quatro braceletes de ouro sobre campo de púrpura; o interior da direita interceptado com uma barra de prata ondeada de azul, entre dois castelos de ouro, sobre campo verde, e o inferior da esquerda carregado por cinco pinheiros de sua cor e colocados em aspa sobre campo de prata. Elmo de prata lisa e decorado de ouro lavrado e forro azul. Virol de ouro e púrpura. Por timbre um leão de sua cor, rompante, gotado de prata e armado de azul(465).

2º D. Júlia Sofia Borges da Veiga Barreira, sobrinha de António Joaquim da Veiga Barreira, nasceu a 10 de Abril de 1874 e casou com Daniel José Rodrigues, nascido em Varge, concelho de Bragança a 1 de Maio de 1877, filho de Martinho José Rodrigues, de Varge, e de D. Ermelinda Carlota, de Gimonde, concelho de Bragança, distinto publicista e professor liceal de inglês e alemão, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Residem nos Salgueiros, concelho de Vinhais, onde casaram.

Descendência:

I. *D. Maria Vitória Borges da Veiga Barreira Rodrigues,* que nasceu a 26 de Julho de 1911.

II. *José Manuel Rodrigues,* que nasceu a 26 de Março de 1913.

III. *João Francisco Rodrigues,* que nasceu a 30 de Maio de 1915.

IV. *Francisco Daniel Rodrigues,* que nasceu a 16 de Junho de 1917.

Família Lozada

Todas as informações referentes a esta família foram-nos fornecidas pelo Ex.mo Senhor doutor Francisco de Barros Ferreira Cabral Teixeira

(465) Registado no *Cartório da Nobreza,* livro 9º do Registo Geral dos Brazões, fol. 140 v.
A carta de brasão de armas iluminada existe em Quiraz em poder de seus descendentes. Não a damos na íntegra porque, como temos dito a respeito de outras, são todas do mesmo teor. Ver a que vem transcrita na íntegra em *Mascarenhas – Família Barroso,* p. 252.

Homem, seu actual representante, a quem confessamos o nosso reconhecimento:

1º PEDRO RODRIGUES LOZADA, fidalgo espanhol, casou com D. Ana Pires da Veiga, natural de Quirás, concelho de Vinhais, onde residiam, filha de João Pires da Veiga, de Pinheiro Novo, no mesmo concelho, e de D. Teresa Anes, de Quirás.

Descendência:

2º FRANCISCO RODRIGUES DE MORAIS LOZADA, de Quirás, que casou com D. Isabel Vaz de Morais, de Vilar Seco da Lomba, concelho de Vinhais, filha de Baltasar Vaz de Morais e de D. Teresa Barreira de Morais; neta paterna de Mateus Gomes Barreira e de D. Maria de Morais, filha de Vasco Anes de Morais, capitão-mor de Vilar Seco da Lomba, e de D. Inês da Nova.

Descendência:

3º PEDRO RODRIGUES DE MORAIS, que nasceu em Quirás e foi capitão-mor de Vilar Seco da Lomba, vila, cabeça de concelho, hoje extinto e incorporado no de Vinhais.

Casou em segundas núpcias com D. Maurícia de Barros, filha de João de Barros Pereira do Lago, natural de Águas Frias, do extinto concelho de Monforte de Rio Livre, hoje incorporado no de Chaves, e de D. Ana Soares de Morais; neta paterna de Baltasar de Barros, fidalgo da Casa Real, e de D. Catarina Borges Pereira, filha de Belchior Borges Pereira do Lago, de Braga; e de D. Bernardina Vilares de Sá.

Descendência:

4º JOÃO DE BARROS PEREIRA DO LAGO, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, por alvará de 8 de Outubro de 1716, e tenente-coronel de cavalaria.

Nasceu em Quirás a 15 de Setembro de 1678 e faleceu em Chaves a 27 de Fevereiro de 1751, tendo casado a 26 de Julho de 1717 com D. Jerónima de Morais, que faleceu a 11 de Janeiro de 1724 irmã de Nicolau Ferraz Mourão, oitavo administrador do morgadio de Nossa Senhora da Conceição, de Curalha, e sétimo do dos Araújos, de Chaves (466), ambos filhos de Nicolau Ferraz Mourão, cavaleiro professo na Ordem de Cristo

(466) Este morgadio foi instituído em 1629 por António de Araújo Chaves.
O morgadio de Curalha foi instituído em 7 de Fevereiro de 1598 por Martim Teixeira Homem, brigadeiro de infantaria, comendador de S. Nicolau de Carrazedo e em 1618 procurador em cortes pela vila de Chaves; neto paterno de Martim Teixeira, o *Velho*, que foi sepultado na igreja de Santa Maria Maior, de Chaves, em campa brasonada ao lado do túmulo do primeiro Duque de Bragança.

por alvará de 13 de Dezembro de 1667 e procurador em cortes pela vila de Chaves; netos paternos do doutor João Rodrigues Homem, que depois de viúvo se fez clérigo e foi prior de Chaves.

Descendência:

5º Francisco de Barros de Morais Araújo Teixeira Homem, capitão-mor de Vilar Seco da Lomba, marechal de campo por decreto de 11 de Fevereiro de 1791, governador da ilha de Santa Catarina, no Brasil, fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo na Ordem de Cristo.

Nasceu em Samaiões, concelho de Chaves, a 10 de Outubro de 1719 e faleceu em Chaves a 7 de Outubro de 1804, tendo casado em 27 de Outubro de 1745 com D. Luísa Joaquina da Arrochela de Castro de Almada e Távora; neta materna de Francisco de Castro Morais, fidalgo da Casa Real, comendador de S. Miguel do Bogalhal, governador de Pernambuco e do Rio de Janeiro e senhor dos morgadios do Pópulo e de Santa Catarina, instituídos em 1262, e de D. Maria de Távora Leite.

Além de outros foi seu descendente:

6º Joaquim Teixeira de Barros de Araújo Lousada, que nasceu em Chaves a 22 de Setembro de 1758 e faleceu a 25 de Agosto de 1825.

Foi coronel do regimento de milícias de Chaves, senhor da casa de Quirás, administrador dos dois morgadios atrás referidos e fidalgo-cavaleiro da Casa Real por alvará de 2 de Maio de 1778. Casou a 4 de Dezembro de 1799 com D. Maria Bárbara Damasceno de Sousa, filha de Alexandre de Sousa Pereira Coutinho, fidalgo da Casa Real, alcaide-mor do castelo da Piconha por carta régia de 20 de Setembro de 1779, tenente-coronel de cavalaria e oitavo administrador do morgadio de Vilar de Perdizes, concelho de Montalegre, e de D. Beatriz Agostinha Oce Pimentel Cardoniga Cabeça de Vaca e Ribadenera, oriunda de nobilíssima fidalguia espanhola.

Descendência:

7º Francisco de Barros Teixeira Homem, administrador dos morgadios acima indicados, senhor da casa de Quirás, fidalgo-cavaleiro da Casa Real e coronel de milícias de Chaves, que nasceu em 1802 e faleceu a 27 de Fevereiro de 1878, instituindo por universal herdeiro seu sobrinho Manuel de Barros Ferreira Cabral Homem (9º, adiante citado).

8º D. Luísa Adelaide de Sousa e Barros, nasceu em Chaves a 3 de Setembro de 1800 e faleceu a 19 de Junho de 1875, tendo casado em 1822 com Joaquim Ferreira Cabral Pais do Amaral, fidalgo-cavaleiro da Casa Real por alvará de 26 de Novembro de 1839, cavaleiro da Ordem de S. Bento de Avis, brigadeiro do exército, condecorado com a medalha das campanhas da Guerra Peninsular, administrador de cinco morgadios e de mais um pertencente a sua mulher, descendente de distintas famílias

fidalgas que contam na sua ascendência Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil.

9º MANUEL DE BARROS FERREIRA CABRAL, faleceu em Samaiões, concelho de Chaves, a 4 de Janeiro de 1916, tendo casado em 1886 com D. Maria Leonor Vaz de Sande e Castro, filha de António Pais de Sande e Castro, bacharel formado em direito, deputado da nação, juiz nos tribunais mixtos do Egipto, quarto neto por varonia de António Pais de Sande e comendador de S. Mamede do Mogadouro na Ordem de Cristo, bispado de Miranda, por alvará de 29 de Novembro de 1689.

Além de outros foi seu descendente:

10º Doutor FRANCISCO DE BARROS FERREIRA CABRAL TEIXEIRA HOMEM, que nasceu em Samaiões a 27 de Julho de 1889, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra onde concluiu o curso em 1912 e senhor da grande casa e quinta de Samaiões.

Casou na Sé Nova, em Coimbra, a 24 de Janeiro de 1921 com D. Maria da Assunção de Abreu Castelo Branco, de Fornos de Algodres, onde nasceu a 17 de Agosto de 1892, filha de Nicolau de Abreu Castelo Branco Cardoso e Melo, terceiro Conde de Fornos de Algodres, bacharel em direito, que faleceu a 2 de Janeiro de 1915.

Têm os seguintes filhos, todos nascidos na casa de Samaiões:

I. *Manuel de Barros de Morais Lozada Teixeira Homem,* que nasceu a 6 de Março de 1922.

II. Maria da *Assunção Luísa Adelaide de Sousa Barros de Abreu Castelo Branco,* que nasceu a 1 de Novembro de 1923.

III. *Maria Bárbara Ana Benedita de Sousa Barros de Abreu Castelo Branco,* que nasceu a 27 de Agosto de 1926.

DOMINGOS SARMENTO, sua mulher D. Francisca Xavier de Morais e sua irmã D. Maria Sarmento, de Quirás, concelho de Vinhais, erigiram em 1719 na povoação, junto às suas casas de moradia, uma capela com vínculo de morgadio, dedicada a S. Caetano e S. Francisco [467].

(467) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

RABAL

Família Varge

De José Cardoso Borges, *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, *Dos Morgados,* § 24, fólio 313 (mihi), copiamos o seguinte:

«1 – Morgado que instituiu o padre Bento Pires Varge e seus irmãos o padre João de Varge e Maria dos Santos, com capela de Nossa Senhora da Penha de França no lugar de Rabal junto á fonte do Vale, limite da povoação (468) em 27 de Maio de 1696 e o nomearam em seu sobrinho.

2 – *Bento de Varge,* cidadão de Bragança, capitão de uma tropa da ordenança, que cazou com Francisca de Morais Leite; sem geração.

3 – É hoje [1721-24] administrador Antonio Conçalves Varge, alferes de infantaria, parente mais chegado dentro dos instituidores, que deixaram a clausula, que não tendo o primeiro chamada sucessão, entrasse o parente mais chegado dentro do sexto gráu e faltando em algum tempo a direita sucessão do administrador, havendo parente dentro do sexto gráu sucederá e não o havendo, nomeia a Confraria do Santissimo Sacramento do lugar de Rabal.

Os mesmos instituiram um vinculo para que andasse nos seus parentes até o sexto gráu inclusivé, não por sucessão, mas pelos parentes mais chegados dos instituidores até sexto gráu inclusivé tão somente e que findo o sexto gráu passem logo as fazendas deste vinculo á Confraria do Santo Cristo de S. Vicente de Bragança».

A capela deste morgadio está profanada e pertence por compra aos herdeiros de Martinho Garcia, de Rabal, que fez das campas sepulcrais dos fundadores, nela existentes, degraus de escada na sua casa de habitação, no bairro do Pinheiro!

Na que serve de patamar ainda se vê a seguinte inscrição:

S
D. P. IM.ª D
VARGE N
ATVRAL
DA CIDDE
BRAGANC
Q. FLESE
EO.....

(468) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.* Ver *Bornes,* p. 26.

Há ainda outra pedra sepulcral a servir de degrau, com vestígios de letras, mas não se percebem.

O padre Bento Pires Varge faleceu em Rabal a 2 de Março de 1707 e foi sepultado na sua capela, como declara o respectivo registo de óbito.

No pavimento da capela-mor da igreja matriz de Rabal existe a seguinte inscrição numa sepultura rasa, de granito, a qual faz recordar o nome do grande épico, e a sua inserção aqui serve para corrigir a lição que Mario Saa, por informação nossa, aponta no *Camões no Maranhão,* onde, por erro tipográfico, vem mencionado o ano de 1551 em vez de 1651:

S.ª
DE IO....
DA FO....
OVRA C....
MOES RE
CTOR DE
RABAL
1651.

Nas partes pontuadas, as letras estão gastas pelo roçar do calçado, mas é fácil a sua reconstituição:

S(epultur)a *de Io*(ão) *da Fo*(nt)*ovra C*(a)*moes rector de Rabal* (falecido em) *1651.*

ANTÓNIO JOSÉ PINHEIRO DE FIGUEIREDO SARMENTO, bacharel, professo na Ordem de Cristo, natural de Rabal, concelho de Bragança era filho do capitão Miguel Pires Pinheiro e de D. Luísa Esteves de Figueiredo.

Neto paterno de Francisco Pires Pinheiro e de D. Isabel Rodrigues.

Neto materno de António Esteves Pinheiro e de D. Domingas de Figueiredo Sarmento.

Assim diz Sanches de Baena [469], mas do próprio processo para «Habilitação da Ordem de Christo» e do seu registo de baptismo nos livros do registo paroquial de Rabal, consta que era filho do capitão Miguel Pires Pinheiro e de D. Luzia Esteves.

Neto paterno de Francisco Pires e de D. Isabel Rodrigues, naturais de Gimonde, concelho de Bragança.

(469) SANCHES DE BAEENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* part. 1ª, p. 62.

Neto materno de Francisco Esteves, de Rabal, e de D. Domingas Rodrigues, natural de Paramo.

Seus pais casaram em Rabal a 9 de Fevereiro de 1749 e na mesma povoação faleceu sua mãe a 5 de Setembro de 1770.

O capitão Miguel Pires Pinheiro devia ter casado segunda vez, pois no registo de óbito do filho, doutor António José Pinheiro de Figueiredo Sarmento (que faleceu em Podence, concelho de Macedo de Cavaleiros, a 3 de Outubro de 1823 (470), e não a 12 de Outubro de 1824, como dizemos em *Bouça,* pág. 28, guiados pela *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal),* se diz que tinha na sua companhia sua madrasta Ana Joaquina; que tinha cinco filhos, um dos quais de nome Ezequiel e outro na Ferradosa (casado?) e que tinha propriedades em Cabanelas e um casal em Mirandela.

O doutor António José Pinheiro de Figueiredo Sarmento foi juiz de fora da capitania de Benguela, por despacho de 7 de Maio de 1779; provedor dos defuntos e ausentes da mesma capitania por despacho de 26 do mesmo mês e ano e provedor da fazenda real da mesma, por alvará de 21 do mesmo mês e ano (471).

Teve carta de brasão a 4 de Março de 1796, registada no *Cartório da Nobreza,* livro V, fol. 118 v., que lhe concede escudo esquartelado com as armas dos Pinheiros, Figueiredos e Sarmentos (472).

Era seu tio o bacharel em direito canónico pela Universidade de Coimbra António Esteves Pinheiro de Figueiredo, natural de Rabal, cavaleiro professo da Ordem de Milícia Dourada do Sacro Palácio Pontifício, desembargador da mesa do despacho Episcopal, examinador sinodal, abade de Podence, na diocese de Bragança; neto de Pedro Esteves, sexto avô materno do autor destas linhas, que, em abono da verdade, declara que seus maiores tinham burguesmente os apelidos de Esteves, ignorando portanto donde vieram os aristocráticos de Figueiredo Sarmento. Seria algum Figueiredo Sarmento, de Bragança, com quem a minha família de Rabal sempre se deu muito e ainda hoje se dá, padrinho dos doutorandos e tomaria os apendículos do padrinho?

No arquivo da igreja paroquial de Podence há um livro que contém os autos de posse dos abades da mesma desde 1631 e diz na parte respectiva: «António Esteves Pinheiro de Figueiredo, natural de Rabal, foi provido

(470) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 123, fol. 136.
(471) Torre do Tombo, maço 33, nº 13, letra A.
Chancelaria de D. Maria I, livro 12, fol. 191 v., livro 13, fol. 310 e 311, livro 54, fol. 198 e livro 80, fol. 208.
(472) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* parte 1ª, p. 62.

em concurso, pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo, D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, no ano de 1759, falecendo a 27 de Abril de 1782. Tomou posse da igreja a 10 de Janeiro de 1759».

Na igreja paroquial de Podence, lado do Evangelho, há um lindo altar em talha dourada, onde hoje (1927) se venera a imagem do Coração de Jesus, mandado fazer por este abade, como declara a seguinte inscrição que nele se lê:

Este altar de S. João o mandou fazer o Rdº Abbº Dr. Antonio Esteves Pinheiro de Figueiredo. No anno de 1781.

Na mesma igreja, lado da Epístola, no altar da Senhora das Dores há um painel, onde se vê pintada (mal) uma figura que o artista quis fazer do abade no leito da agonia, onde se lê:

milagre evidentissimo q. fes nossa senhora das dores no Rdº Antonio Esteves Pinheiro e Figueiredo abbº de Podence o qual stando por instantes sofocandose d'uma apostema que de repente lhe sobrebeu na garganta; por intermedio da divina senhora em menos de meia hora se viu libre do dito perigo socedeu amanhecendo ao dia 6 de dezembro, 1775.

Em 1759 fundou na igreja paroquial de Podence a Confraria de Nossa Senhora das Dores, de que ainda no arquivo paroquial se conserva a bula, concedida pelo geral dos dominicanos em Roma, bem como os estatutos organizados pelo abade (473).

Nos caixões das vestes sagradas da sacristia da igreja paroquial de Baçal depositamos uma tese de direito canónico impressa em 1742 de frente em três planas, em seda vermelha, destinada a véu de cálix, defendida por este abade no quinto ano do seu curso, em Coimbra, dedicada a Maria Santíssima sob os títulos de Senhora da Assunção, do Salvador, do Loreto e a sua mãe Santa Ana.

REBORDELO

Estêvão de Mariz, licenciado, abade de Rebordelo, concelho de Vinhais, fundou em 1641 uma capela dedicada a Nossa Senhora de Nazaré, no meio da povoação, a que vinculou bens (474).

(473) Ver o volume IV, p. 662, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.* Ao actual abade de Podence, padre Vicente Carneiro, agradecemos as valiosas notícias que nos forneceu referentes a este seu antecessor.
(474) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

REFOIOS

Inácio José Vaz, presbítero, de Refoios, concelho de Vinhais, erigiu em 1806 uma capela, no meio da povoação, onde era cura, dedicada a Santa Rosa de Viterbo [475].

REGODEIRO

Em 1547 concedeu D. Toríbio Lopes, bispo de Miranda, licença para se dizer missa na capela de Santo Amaro, de Regodeiro, termo da Torre de D. Chama [476]. Era vínculo de morgadio ou pública?

RIO DE FORNOS

1º Henrique Vicente Ferreira Sarmento (filho de Manuel de Morais Sarmento, de Vinhais, e de D. Maria de Sá, de Rebordãos), e sua mulher D. Antónia Luísa de Figueiredo Sarmento (filha de Pedro Soares, de Ousilhão, e de D. Perpétua da Rocha, de Vinhais), que residiram em Rio de Fornos, eram administradores de um morgadio constante de bens sitos em Chacim, Limãos, Vinhais, Rio de Fornos e Castro.

Por um inventário judicial a que se procedeu em 1753, após o seu falecimento, e que se encontra em poder do actual representante desta família, vê-se que deixaram os seguintes filhos menores, de quem ficou tutor Sebastião Ferreira, de Vinhais:

I. *Manuel Carlos de Morais Figueiredo Sarmento,* que casou em Chacim (ver 6º, adiante citado), terceiro avô de António Henrique de Figueiredo Sarmento, natural de Vilar do Monte, aluno da Universidade de Coimbra, que nasceu a 11 de Outubro de 1902, filho de Manuel Carlos de Figueiredo Sarmento, natural de Limãos, onde nasceu em 1862, e casou com D. Mina do Nascimento, de Vilar do Monte, onde residem.

II. *D. Antónia.*

III. *D. Perpétua.*

(475) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

(476) Ibidem, livro «*Emprazamentos – principia em 1547 athe 1559*».

IV. *D. Joana Luísa de Figueiredo Sarmento,* que casou a 9 de Janeiro de 1781 com Aleixo da Novoa da Rocha Pimentel, de Bragança, filho de Gonçalo da Rocha e de D. Maria de Morais Sarmento.

Foi seu filho único António Henrique da Rocha Sarmento Pimentel.

V. *Paulo,* que estava na América quando se procedeu ao inventário.

VI. *Caetano.*

VII. *João José Soares de Figueiredo Sarmento* (na certidão de baptismo está João Crisóstomo), que nasceu a 27 de Janeiro de 1733.

Manuel Carlos, filho primogénito, requereu em 1753, pedindo para que lhe fossem entregues todas as pratas pertencentes ao seu morgadio, que se encontravam depositadas na mão de Sebastião Ferreira e lhe eram precisas para se tratar como nobre que era, bem como algumas jóias para adorno de suas irmãs.

José Joaquim de Figueiredo de Morais Pimentel, que reside em Rio de Fornos, é o actual representante directo dos morgados desta povoação. (Ver *Rio Torto.)*

2º D. Teresa Caetana (no século Teresa Maria), de Rio de Fornos, onde nasceu a 24 de Agosto de 1735, era filha de Tomé de Morais Sarmento, de Rio de Fornos, e de D. Francisca Borges, de Vale de Janeiro.

Neta paterna de Manuel de Morais Sarmento e de D. Isabel Gonçalves (ambos solteiros), naturais de Rio de Fornos.

Neta materna de Domingos Rodrigues, de Vale Paço, e de D. Catarina Borges, de Vale de Janeiro.

Professou em 1753 no convento de S. Bento de Bragança.

3º D. Antónia Josefa, irmã da precedente, nasceu a 1 de Março de 1732, tendo sido seus padrinhos de baptismo Henrique Vicente de Morais Sarmento (1º, atrás citado) e sua mulher D. Antónia Luísa Soares de Figueiredo, que então residiam em Vinhais e nos documentos aparecem com variados apelidos.

Professou no mesmo convento aquando sua irmã.

4º D. Maria José, irmã das precedentes, nasceu em 1745 e professou no mesmo convento em 1760. (Ver *Sesulfe.)*

5º Francisco António de Morais Sarmento, filho ilegítimo de António Xavier de Morais Sarmento, de Rio de Fornos, e de D. Francisca da Veiga Cabral, de Vinhais, nasceu a 11 de Setembro de 1764 e foi baptizado em Prada, concelho de Vinhais, como filho de pais incógnitos.

Casou em 1803 com D. Maria Doroteia, filha de José Simões e de D. Rita Maria, naturais de Lisboa.

6º D. Antónia Luísa Bernardina de Figueiredo Sarmento, natural de

Chacim, onde nasceu a 4 de Setembro de 1784 era filha de Manuel Carlos de Figueiredo Sarmento (atrás citado), natural de Vinhais, e de D. Luísa Maria Joaquina Pinto da Costa, natural de Chacim.

Neta paterna de Henrique Vicente de Morais Ferreira Sarmento, natural de Rio de Fornos, e de D. Antónia Luísa de Figueiredo Sarmento, natural de Ousilhão.

Neta materna do bacharel Manuel Pinto da Costa, natural da vila de Vale de Prados, concelho de Macedo, e de D. Joana Maria da Cruz, natural de Chacim.

Noviciou em 1807 no convento de Santa Clara de Vinhais. (Ver *Sesulfe.*) (477).

No Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 212, fols. 90 v. e 94, vem os testamentos de D. Francisca Angélica de Morais Sarmento e Costa, de Rio de Fornos, de quem foi testamenteiro seu cunhado, o bacharel João de Figueiredo Sarmento, e o de José Ferreira de Castro, casado com D. Maria Angélica (irmã daquela?), feitos em 1834, que segundo creio eram da família do morgado de Rio de Fornos.

7º Pedro Ferreira Sarmento (também chamado Pedro Ferreira de Morais Sarmento), de Rio de Fornos, concelho de Vinhais, falecido em 1717, por testamento feito a 17 de Fevereiro de 1714 vinculou todos os seus bens em morgadio com encargo dos seus possuidores vestirem anualmente «dez pobres de pano de pardo com cazaca calçoens meyas e çapatos, carapuça ou chapeu».

Pelos anos de 1779 era administrador, pelo menos em parte, deste vínculo «Manuel Carlos de Morais Sarmento [também chamado Manuel Carlos de Figueiredo Sarmento, e tinha obrigação]... de vestir dez pobres, sinco pelo vinculo pertencente a Manuel das Flores, de Limãos, e sinco pelo que pertencia a Antonio de Morais Sarmento de Rio de Fornos» (478).

(477) Desde o nº 2, inclusive, por diante, as notícias que damos constam dos maços de *Freiras* e outros documentos do Museu Regional de Bragança.
Ver o volume IV, p. 342, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(478) Ibidem, p. 342 e 343.

RIO TORTO

1º BENTO DE MORAIS PIMENTEL instituiu um morgadio em 14 de Setembro de 1659.

Era filho de Manuel Pimentel de Morais e de D. Isabel de Morais (ver 19º em *Solar dos Morais,* pág. 339). Casou com D. Isabel Teixeira.

Sucedeu-lhe sua filha única:

2º D. MARIA DE MORAIS, que casou com Lopo Dourado, da vila de Vinhais.

Sucedeu-lhe seu filho:

3º FRANCISCO DE MORAIS, que casou com D. Brites de Miranda, da vila de Chaves.

Sucedeu-lhe sua filha única:

4º D. MARIA DE MORAIS, que casou com Gaspar Pinto Cardoso, da vila de Mirandela, filho de André Cardoso de Queiroga, cavaleiro do hábito de Cristo.

Sucedeu-lhe seu filho:

5º ANDRÉ CARDOSO, que casou com D. Maria de Vargas, da vila de Montalegre, que em 1721-24 administrava o morgadio como tutora de seus filhos.

Este morgadio chamava-se de Rio Torto, porque os seus instituidores passaram a residir nesta aldeia. A escritura da sua instituição «está no Arquivo do Convento de São Francisco de Bragança, onde tem obrigação de satisfazer um legado anual de Missas imposto no morgadio e também está nas notas do tabalião Tomaz de Castro em Bragança» (479).

Francisco Bernardo de Morais Teixeira Pimentel, segundo filho de Manuel Caetano de Morais Teixeira Pimentel, fidalgo da Casa Real, administrador do morgadio de Rio Torto, concelho de Vale Passos, e de D. Joaquina Rosa Teixeira de Melo, casou com D. Emília Leopoldina de Figueiredo Sarmento, filha dos morgados de Rio de Fornos (Vinhais), de que é actual representante seu filho José Joaquim de Figueiredo de Morais Pimentel (480).

(479) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, *Dos Morgados,* § 19, fol. 307 (mihi).

(480) Ao aluno da Universidade de Coimbra, António Henrique de Figueiredo Sarmento, natural de Vilar do Monte, agradecemos estas notícias.

ROIOS

Família Marcos Magalhães Pegados

De Manuel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura, *Memoria Genealógica,* página 160, copiamos o seguinte (481).

«Constantino José Marcos, é filho de Joze Joaquim Marcos e de D. Narciza de Mello neto de Joze Luiz Marcos Monteiro mor de Moncorvo p.r Decreto de 18 de Maio de 1778 e de D. Ignacia Maria do logar de Lodões: bisneto de Antonio Fernandes Moutinho Pinto e de D. M.a Margarida Lopez: terceiro neto de Bartholomeu Lopez e de D. Izabel Rodriguez, do logar de Roios: 4º neto de Gonçalo Pinto de Macedo e de D. Maria de Magalhães do logar de Belver e esta irmã de D. Engracia de Mag.es instituidora do morgado de Marzagão, de Antonio Gomez e de M.a Frz. de Mesquita, f.a de Alvaro de Mesquita do qual seus descendentes fazem descenden.as por varonia de D. Alda Nunes senhora que foi de Chacim donde descendem os Mesq.tas de Guimaraens e de Villa Real, e de D. Leonor P.to Mor.es filha de Alvaro de Cid de Mor.es irmão do primeiro Capitão mor de Villa Flor Francisco de Cid de Mor.es e estes dizem seus descend.es que p.r varonia descendião de Antonio Guedez P.to senhor de Ferreios e Tendaes filho de Antº Guedez P.to e este de Pedro Vaz Guedez P.to snr. dos padroados das egrejas de Lobrigos Medroes e Odiellos. A este Pedro Vaz Guedez fez El Rei D. Aff.o 5º merce do privilegio de esempção de fintas embargos etc. não só a elle mas aos seus criados p.r Decreto passado em Santarem em 1591 p.r El Rei D. João 2º que confirmou o concedido p.r D. Aff.o 5º passado em a Cid.e de Touro em 1476, confirmado p.r El Rei D. Fillippe 4º e este dado em conseq.a de serviços prestados na campanha aonde o veio servir com armas e cavallos a sua custa nas guerras que o mesmo tinha com D. Fernando e D. Izabel sobre a sucessão d'aquelles reinos a cujo privilegio se costumava dar o nome de ajuda de campanha. Este descendeo de Gonçalo Vaz P.to e este de Rui Vaz e este de Gonçº Vaz P.to o moço snr. de Ferreiros e Tendaes Alcaide mor de Chaves e adiantado de Entre Douro e Minho e este por varonia descendente de D. João Pinto o primeiro deste appellido. Os parentes mais proximos que hoje (isto he neste anno de 1850) tem o sobredicto Constantino, he Joze Antonio Pegado de Oliveira cazado que foi com D. Jozefa Emilia de Seabra (irmã do Dz.or Antonio Luiz de Seabra, hoje encumbido da redacção

(481) Ver no *Apêndice, Lamas de Orelhão,* onde faremos a descrição deste códice.

do codigo civil deste reino) filho de Martinho Caetano Pegado d'Oliveira fidalgo da C. R. e Cavalleiro da Ordem de Christo Mestre de Campo das extinctas milicias de Miranda e de D. M.ª Caetana d'Assumpção Marcos, segundo matrimonio, e de D. Antonia Mag.es no prº consorcio. Primos segundos existem Manoel Gomez da Silva Pinto Mag.es assistente no logar de Roios conc.lo de Villa Flor e Joze Luiz Gomez da Silva filhos de Pedro Gomez da Silva e Mattos fidalgo da C. R. comd.dor de Christo e Alcaide mor de Braga (filho de Manoel Gomez da Silva, de Braga a quem pelos seus dinheiros com que concorreo na guerra contra os francezes foi dado o dicto foro de Fidalgo e a commenda honoraria) e de sua m.er D. Maria Angelica Pinto de Mag.es f.ª de Manoel Antonio de Mag.es Cavalleiro na de Christo p.r Alvará de 21 de Ag.to de 1761 e D. M.ª da Conceição».

SACOIAS

Domingos Pires, cura de Sacoias, concelho de Bragança, de onde era natural, erigiu em 1673 uma capela na povoação «defronte das suas casas de morada» dedicada às almas do fogo do Purgatório, com vínculo de morgadio, a que doou bens, e «queria e quer que a dita capella fique pera sempre *ad perpetuam rei memoriam* em quanto o mundo for mundo» (482).

O fundador tinha um irmão chamado Cristóvão Pires. Os bens doados eram muitos e bons.

Nada resta hoje (1926) da capela, além da vaga tradição de estar situada onde é a adega de João Baptista Pinelo, e, como vestígio, uma esquina de parede com restos de cal, luxo que só três casas, e há poucos anos, têm na povoação.

O fundador pertencia à família dos *Meixedos,* hoje *Moreiras,* que vendeu a casa onde existia a capela. E queria ele que durasse enquanto o mundo fosse mundo!... Ao cabo de duzentos e cinquenta e três anos foi preciso pôr à prova a minha paciência evangélica, dotada de faro especial em investigações de antiguidades, para encontrar o sítio onde existia a capela, agora convertida em templo de Baccho!! E nem tão mal: a um culto triste sucedeu um culto patusco. *Sic transit gloria mundi!*

(482) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

SALDONHA

1º José Manuel Vergueiro, de Gebelim (irmão de António José Manuel Vergueiro, abade de Sambade), capitão-mor de milícias da vila de Chacim, pai do coronel Alberto José Vergueiro, que se notabilizou pelas modificações que introduziu na espingarda «Mauser» e que por isso se chama «Mauser-Vergueiro»; a ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores, casou com D. Leopoldina Vitória de Sequeira, natural de Saldonha.

Descendência:

2º D. Maria Emília Vergueiro, que casou com o doutor Carlos Alberto Sá de Miranda, filho do juiz de direito doutor José António de Miranda (ver *Paradinha do Outeiro,* pág. 367) e de D. Maria Eugénia de Novais Sá Cardoso, descendente da importante e notável família Sá (José António de), de Bragança (ver pág. 183).

Descendência:

3º D. Maria Emília Vergueiro Sá de Miranda, que nasceu em Gebelim, concelho de Alfândega da Fé, a 24 de Janeiro de 1880 e casou em Saldonha, do mesmo concelho, a 28 de Setembro de 1904, com António Francisco de Meneses Cordeiro, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso em Junho de 1904, natural de Vale Pereiro, concelho de Alfândega da Fé, onde nasceu a 20 de Fevereiro de 1876, filho de Manoel Francisco Cordeiro e de D. Maria da Conceição Reimão de Meneses.

D. Maria Emília faleceu em Alcanices (Espanha) a 11 de Janeiro de 1912, para onde fora quatro dias antes reunir-se a seu marido, que ali se homiziara após a tentativa de restauração monárquica de Outubro de 1911.

O doutor António de Meneses Cordeiro ainda vive e reside em Saldonha.

Descendência:

I. *D. Maria José Beatriz,* que nasceu a 12 de Novembro de 1905.

II. *D. Maria Leopoldina Fortunata,* que nasceu a 11 de Julho de 1907.

III. *D. Antónia da Conceição,* que nasceu a 1 de Outubro de 1909.

SAMBADE

Belchior de Sá Camelo, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, estante nas partes da Índia, natural de Sambade, comarca da Torre de Moncorvo, filho de Gaspar de Sá.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 12 de Março de 1677 (483).

SAMIL

1º D. Ana Maria da Assunção Valente, viúva de André Manuel Freire de Andrade, faleceu em Samil, concelho de Bragança, a 28 de Janeiro de 1829, deixando por herdeiras suas sobrinhas D. Regina Vitória Ochôa, de Izeda, concelho de Bragança, e D. Carolina Benedita, que vivia com a testadora (484).

2º D. Maria Afonso Martinha, de Samil, tinha obrigação de dar três alqueires de trigo aos padres de S. Francisco «pela capella de Brites de Santo Antonio» e Francisco Gonçalves do Rego, quatro pela mesma capela. Isto pelos anos de 1779 (485).

SAMÕES

1º João Pedro Gomes de Almendra, primeiro Barão de Samões; comendador da Ordem de Cristo e proprietário em Samões, concelho de Vila Flor.

O decreto da nomeação de barão é de 20 de Setembro de 1887 (486). O autor que vamos seguindo diz que se dirigiu ao barão pedindo informações, a que ele não respondeu.

Eis os dados que colhi por intermédio do meu bom amigo, cónego Abel José Pires, actual pároco de Samões, a quem aqui consigno fundo reconhecimento, fornecidos pelo doutor António de Almendra, juiz da primeira vara cível de Lisboa, sobrinho do biografado:

(483) Livro 3 da matrícula, fol. 180 v. (tem a íntegra), in *Dicionário Aristocrático.*
(484) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 165, fol. 80 v., onde vem o seu testamento.
(485) Volume IV, p. 336, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(486) PINTO; SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes,* ..., vol. 2º, p. 488. Alguém diz que este decreto é de 2 de Dezembro de 1880.

João Pedro Gomes de Almendra, primeiro Barão de Samões, nasceu em Vinhais em 1812 e faleceu na mesma povoação a 10 de Abril de 1900.

Era filho de Francisco Bernardo Gomes de Almendra e de D. Joana.

Concluiu o curso farmacêutico na Escola Cirúrgica do Porto em 13 de Fevereiro de 1840 e foi estabelecer-se em Samões na farmácia do seu parente António Manuel Vaz de Almeida.

Casou com D. Teresa Maria Delgado, filha do capitão-mor de Castedo.

Pelo nome de «Remédio de Samões» ficou conhecido um específico de sua invenção e de grande eficácia contra as sezões e febres palustres que muito grassavam na região.

Exerceu os cargos de Juiz Ordinário e por diversas vezes o de presidente da Câmara Municipal de Vila Flor, contribuindo poderosamente para a criação da comarca desta vila e ainda para harmonizar as rivalidades que existiam entre ela e a de Carrazeda de Ansiães.

Por despacho de 8 de Junho de 1869 foi nomeado comendador da Ordem de Cristo em atenção «aos serviços por ele feitos a bem da humanidade, além dos por ele prestados no desempenho de diferentes cargos electivos no município de Vila Flor».

2º Doutor ANTÓNIO AUGUSTO GOMES DE ALMENDRA, sobrinho do antecedente, juiz de direito da sexta vara cível de Lisboa, aposentado, nasceu em Vinhais a 2 de Junho de 1853.

Era filho de Manuel Carlos Gomes de Almendra, irmão do primeiro Barão de Samões, e de D. Antónia Felicíssima da Silva.

Casou a 5 de Maio de 1892 com D. Júlia Amélia Pereira, natural do Funchal, ilha da Madeira, onde se realizou o casamento, nascida a 28 de Maio de 1873. Residem em Lisboa.

Descendência:

I. *António Augusto Gomes de Almendra,* que nasceu no Mogadouro, distrito de Bragança, a 25 de Abril de 1894, engenheiro químico pela Universidade de Berne (Suíça), adido extraordinário à Legação Portuguesa desta cidade.

II. *João Anselmo Gomes de Almendra,* que nasceu no Mogadouro a 25 de Julho de 1893, médico-cirurgião dos hospitais de Lisboa.

III. *D. Maria da Natividade Gomes de Almendra,* que nasceu em Vila Flor a 8 de Setembro de 1895 e casou em Lisboa a 24 de Novembro de 1922 com António Vieira de Magalhães de Pina Calado, filho dos barões de Teixoso.

Residem em Teixoso, Beira Alta.

IV. D. *Laurentina Gomes de Almendra,* que nasceu em Samões a 1 de Maio de 1900.

V. *D. Júlia Amélia Gomes de Almendra,* que nasceu em Samões a 3 de Outubro de 1904.

SAMORINHA

AIRES DA SILVA, filho de Fernão Pereira de Sampaio, fidalgo da Casa Real, e de D. Ângela Ferreira, casou com D. Luzia Pinto e residiram em Samorinha, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde fundaram, pelos anos de 1645, uma capela com vínculo de morgadio de que nomearam primeiro administrador a Jorge Pinto, sobrinho de ambos os instituidores (487).

SAMPAIO [23]

Sampaio, senhores de Ansiães

Ao Ex.mo Senhor doutor Manuel de Melo de Sampaio, visconde de Alcobaça, agradecemos as notícias genealógicas dos seus ascendentes que a seguir inserimos e que teve a gentileza de nos fornecer:

Seu tio Miguel de Melo Vaz de Sampaio, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores, escreveu a obra *Tentativas Genealógicas ou Esboço dum Nobiliário da Família Mello e Sampaio, das Casas de Ribalonga e Espinhosa e seus parentes,* 1899-900, manuscrito, códice de I-XII, 273 fólios.

«I. VASCO PIRES DE SAMPAIO, senhor de Villa Flor (488), Chacim e Val da Sancha e Quintella de Lampaças Anciaens e Villarinho da Castanheyra, dos direitos da Torre de Moncorvo, dos privilegios de Lagoa por doaçoes de D. Fernando. Cc. D. Maria Pereira, filha de D. Alvaro Pereira, segundo Marechal de Portugal e de sua mulher D. Maria Vasques Pimentel e tiveram Mecia dizem outros (vide nota nº 1).

(487) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico,* tomo I, fol. 204 v.
(488) A genealogia dos Sampaios, senhores de Vila Flor, pode ver-se em COSTA, Carvalho da – *Corografia Portuguesa,* tomo I, p. 469 da primeira edição. (Nota do autor.)

Fernão Vaz de Sampayo, 2º senhor de Villa Flor, etc., de quem descendem os Marquezes e actuaes Condes de São Payo, os Mellos de Pombeiro, Barões de Pombeiro de Riba de Vizella e outras casas.

Lopo Vaz de Sampayo, segue (vide nota nº 2).

D. Mecia Vaz de Sampayo, que cc. Martins de Freitas e de quem descendem os Sampayos Villas Boas e outras casas.

D. Genebra Pereira cc. Ayres Ferreira, senhor do casal de Cavalleiros, de quem descendem os Ferreiras Sampayos, os Condes de Cavalleiros, etc.

2. Lopo Vaz de Sampayo, 2º senhor de Anciães e Villarinho da Castanheyra por consentimento e confirmação de D. João Iº de 31 de Agosto de 1398. Cc. D. Ignez Dias, filha de Ruy Vaz Pereira e tiveram:

Ruy Lopes de Sampayo, segue (vide nota nº 3).

Pedro Lopes de Sampayo com larga descendencia na India.

D. Isabel Pereira, cc. Ruy da Cunha Pereira, de quem descendem os Pereiras Sampayos da Geria.

3. Ruy Lopes de Sampayo, 3º senhor de Anciães e Vilarinho da Castanheyra, senhor de Barqueiros e dos direitos de Lamas de Orelhão por doações de D. Duarte a 4 de Dezembro de 1433 e 5 de Julho de 1436, pagem do infante D. João, irmão de D. Duarte. Cc. D. Constança Pereira, sobrinha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, filha de seu irmão Antonio de Mello Pereira e tiveram:

Diogo de Sampayo, segue (vide nota nº 4).

Ruy de Sampayo de quem descendem os Sampayos Cogominhos.

Affonso de Sampayo.

4. Diogo de Sampayo, 4º senhor de Anciães e Villarinho da Castanheyra, senhor de Ranhados e de outras terras por doação de D. Manoel a 1 de Outubro de 1500, fidalgo da Casa Real e Contador da comarca de Traz os Montes. Cc. D. Briolanja de Mello, filha de João de Mello, alcaide-mor de Serpa e de D. Isabel da Sylveira e tiveram:

Ruy Dias de Sampayo, segue (vide nota nº 5).

Lopo Vaz de Sampayo, 8º vice-rey da India (vide idem).

Manoel de Sampayo.

D. Isabel de Sousa cc. Pedro de Magalhães.

D. Mecia de Mello, religiosa, viveu em Setubal, instituidora do vinculo de Nossa Senhora da Graça no castello de Anciães em 1584 (vide nota nº 5).

5. Ruy Dias de Sampayo, alcayde-mor de Anciães, onde já não teve senhorio nem em Villarinho, senão dos direitos reaes a que chamavam "paradas". *Senhor dos direitos reaes de Ribalonga* por confirmação de D. Manoel a 16 de Março de 1500. Cc. D. Felipa Pinheiro, dama da

Duqueza de Bragança, filha de Alvaro Pinheiro, alc. mor de Barcellos e de D. Joanna de Lacerda e tiveram:

Ruy Lopes de Sampayo cc. D. Brites de Sousa, de quem houve D. Marianna de Sousa e Sampayo cc. Garcia Affonso de Beja, depois Barões de Anciães.

Gaspar de Mello de Sampayo, segue (vide nota nº 6).

Vasco Pires de Sampayo.

D. Joanna, sobrinha de D. Mecia de Mello e sua herdeira s. g.

D. Maria, idem, s. g.

6. GASPAR DE MELLO DE SAMPAYO, fidalgo escudeiro C. R., senhor dos direitos Reaes de Ribalonga que se separou da casa de seu pae. Em serviço de S. M. na India, capitão da cidade de Gôa. De D. Brites Montesino, filha de Gonçalo Montesino e de Catharina de Moraes, teve:

7. MANOEL DE MELLO DE SAMPAYO, M. F. C. R., do conselho de S. M., 2º senhor de Ribalonga, instituidor do vinculo do Espirito Santo em Ribalonga, em 1621. Cc. D. Isabel Moreno, filha de Garcia Coelho Moreno e de D. Joanna d'Affonseca e tiveram: (vide nota nº 7).

Garcia, segue (vide nota nº 8).

Christovão, fidalgo capelão C. R. (alv. de 24 Nov. 1644) – Ao serviço de S. M. nas guerras da Restauração.

Manoel, M. F. C. R., (alv. de Abril 1610), foi clerigo.

Lourenço, idém (alv. 4 Fevº 1641), conego da Sé de Vizeu, herdº do irmão Chrisº.

8. GARCIA DE MELLO DE SAMPAYO, M. F. C. R. (alv. de 5 Fevº 1641), 3º senhor de Ribalonga, Capitão-mor da Villa do Castanheyro, Juiz dos orfãos nesta villa e na de Valença do Douro. Cc. D. Francisca de Carvalho, herdª de seu pae e senhora da *Casa da Espinhosa,* filha de Belchior de Carvalho e de D. Isabel Ferreira. Pertenceram os serviços prestados a El-Rey D. João 4º por seu irmão Christovão em virtude da renuncia que lhe fez o irmão Lourenço que herdº de Christovão de Mello. Tiveram:

Manoel, segue (vide nota nº 9).

Belchior de Carvalho e Mello, M. F. C. R. (alv. de 13 Setº 1666).

Lopo Vaz de Sampayo, M. F. C. R. (alv. de 12 Agº 1655).

9. MANOEL DE MELLO DE SAMPAYO, M. F. C. R. 4º senhor de Ribalonga, senhor da Espinhosa. Capitão-mor das Villas do Castanheiro, Valença e Paradella. Cc. D. Francisca Pereira de Moraes Sarmento, filha de Francisco Pereira Pinto Guedes, «o ruivo» e de D. Maria Pereira do Lago e tiveram:

Antonio, M. F. C. R., Capitão-mor do Castanheiro, Valença, etc., s. g.

José, segue (vide nota nº 10).

Manoel, M. F. C. R. (alv. de 22 Dezº 1713).

João, idem da mesma data, religioso, vinculou bens a favor do sobrinho Antonio Manuel na Espinhosa.

D. Anna Maria de Mello cc. Jorge Botelho de Magalhães, senhor da casa de Mondim, c. g.

10. Joseph Vaz de São Payo e Mello, M. F. C. R., 5º senhor de Ribalonga, senhor da Espinhosa, Capitão-mor das Villas do Castanheyro, Valença e Paradella. Cc. D. Marianna Eufrazia Pereira Pinto, filha herdª do Dr. Domingos Pinto Velho e de D. Anna de Castro, 1ª administradora do vinculo instituido pelo seu tio o Pe. Francisco Pinto Velho por escriptura feita em Ribalonga a 26 de Mº de 1713. Tiveram:

Antonio Manuel, segue (vide nota nº 11).

Luiz Bernardo, M. [F.] C. R., (alv. 2 Junho 1722).

Francisco José, (idem de 4 Abr. 1720).

D. Thereza cc. Bernardo Salazar Sarmento Eça e Alarcão, morgº do Espinhal.

11. Antonio Manoel de Mello e São Payo Pereira Pinto do Lago, M. F. C. R., 6º senhor e morgado de Ribalonga, senhor da Espinhosa. Capitão-mor das Villas de Castanheyro e Valença do Douro. Cc. D. Caetana Bernarda Pinto Pereira de Azevedo Sotto Mayor, filha de Thomaz Teixeira de Azevº Sº Mayor e de sua mr. D. Luiza Clara de Moraes Sarmento. Tiveram:

Manoel, segue (vide nota nº 12).

Lopo.

José Bernardo.

Francisco, frade.

D. Maria Vitoria, cc. José Cyrne de Souza Madureira, c. g.

D. Bernarda Joaquina, freira no mosteiro do Lorvão.

D. Josefa Benedicta, idem.

D. Quiteria Luiza, idem.

12. Manoel de Mello de Sampayo Pereira Pinto do Lago, M. F. C. R. 7º senhor e [morgado] de Ribalonga, senhor da Espinhosa. Capitão-mor da Villa do Castanheyro e anexas. Cc. D. Margarida de Vilhena de Queiroz Pereira Pinto de Souza e Meneses, filha de José Pedro Navarro de Queiroz e de sua mulher D. Thereza Bernarda Victoria Pereira Pinto. Tiveram:

Antonio, segue (vide nota nº 13).

Lopo.

Joaquim, s. g.

Manoel cc. D. Maria Izabel Azevedo Lobo de Castro, c. g.

D. Emilia Henriqueta.

D. Maria da Piedade.

José cc. D. Leonor Rulinda Leite da Gama (S.ta Maria de Jugueirós), c. g.

D. Anna Emilia.

Francisco, s. g.

Ayres, s. g.

13. Antonio de Mello Vaz de Sampayo Pereira Pinto, 8º senhor e morgado de Ribalonga, senhor da Espinhosa. Cc. D. Sebastianna Emilia de Souza Vahia de Moraes de Madureira Lobo, filha dos 1.os Viscondes de S. João da Pesqueira. Tiveram:

Manoel, segue (vide nota nº 14).

Francisco, s. g.

14. Manoel de Mello Vaz de Sampayo Pereira Pinto, 9º e ultimo morgado de Ribalonga, da Espinhosa. Cc. a sua proxima parente D. Ignez Candida Vaz Guedes Pª Pinto Bacellar, filha de Manoel Vaz Guedes Pereira Pinto Bacellar (Visconde de Monte Alegre) e de D. Anna Carolina Augusta Vaz Guedes Pª Pinto Telles de Meneses e Mello (Viscondessa de Villa Garcia). Tiveram:

D. Maria Anna.

Antonio, segue (vide nota nº 15).

Miguel cc. Iº D. Maria dos Prazeres, 2º D. Maria Henriqueta da Silva da Fonseca de Meneses Cyrne, c. g. do 1º.

D. Maria Izabel cc. Luiz Pinto de Souza Cardoso de Meneses.

Luiz cc. D. Camilla de Meneses, c. g.

Manoel cc. D. Anna Coelho de Vilhena, c. g.

D. Maria Ignez cc. o Conde de Alpendurada (João Baptista Pereira de Magalhães), c. g.

15. Antonio de Mello Vaz de Sampayo, proprietario da casa de Ribalonga, bacharel formado em direito. Cc. D. Maria do Carmo da Silva da Fonseca de Meneses Cyrne, filha primogenita de Pedro da Silva da Fonseca da Cerveira Leite, *(herdeiro de seu* tio *o 1º Barão e Visconde de Alcobaça e seu representante)* e de sua mr. D. Marianna Augusta da Silva Freitas de Meneses Cyrne de Souza.

Tiveram:

Marianna José cc. Miguel de Castro de Souza Guedes, c. g.

Manoel Pedro, segue.

Pedro José, engenheiro de minas "A. R. S. M.", pela "Royal School of Mines", Londres.

16. Manoel Pedro da Silva da Fonseca de Mello de Sampaio, Visconde de Alcobaça, nasceu no 1º de Março de 1898, engenheiro civil pela Universidade de Londres, 2º visconde de Alcobaça por consentimento de S. M. El-Rey o senhor D. Manoel II conforme a comunicação que lhe fez o mordomo-mor Conde de Sabugosa a 14 de Junho de 1922. N. B. – *O 1º Barão e Visconde de Alcobaça* foi Henrique da Silva da Fonseca da Cer-

veira Leite, Par do Reyno, com Honras de Grandeza, Official da Torre e Espada, condecorado com a Cruz d'Ouro das campanhas da Guerra Peninsular, etc., etc....

Nota nº 1

Vasco Pires de Sampayo. Sobre a sua origem ha varias versões. Alguns geneologistas, como Affonso de Torres, dizem ser filho de Pedro do Souto e de D. Francisca de São Payo, neta de Martim Vaz de São Payo. Outros como D. Antonio de Lima, dizem que tomou o apelido do logar de Sampaio, de que foi senhor bem como de muitas outras terras de Traz-os-Montes, tendo feito dois vinculos separados para dois filhos que teve. Segundo uma arvore da origem dos Sampayos de Anciães, existente na casa de Ribalonga e que é a copia da que foi escripta pelo geneologista Diogo Gomes de Figueiredo, tomo 4º, fl. 177, foi Vasco Pires de Sampayo natural da villa de Alfandega da Fé.

Existe na casa de Villar d'Ossos um grosso volume manuscripto, cujo autor, Pedrosa diz que elle era filho de D. Pedro Alvares Osorio, que por certo desafio se passou da Galliza a Portugal. N'uma nota existente na casa de Ribalonga le-se que das Historias Castelhanas consta que este D. Pedro foi filho de D. João Alvares Osorio, senhor de Villa Lobos, guarda-mor do rei D. Henrique 3º e de D. Aldonça Ramires de Gusmão, de quem descenderam os Marqueses de Astorga.

Vasco Pires de Sampayo foi um fidalgo honrado em tempos de D. Fernando e de D. João Iº, os quaes lhe fizeram as seguintes merces, constantes de certidões tiradas dos documentos originaes existentes na Torre do Tombo. As certidões estão na casa de Ribalonga, sendo:

a) certidão da carta de confirmação dos *foros de Villa Nova de Foscoa* que Ruy Fernandes teve de Vasco Pires de Sampayo, dada por D. João Iº aos 22 de Fevº de 1423;

b) idem de doação de bens a Vasco Pires de Sampayo que Fernão Gonçalves de Roboredo perdeu por andar em serviço do rei de Castella, dada por D. João Iº a 23 de Setº de 1426;

c) idem ao mesmo que João Lombado de *Villa Flor* e Gonçalo Esteves de Marialva perderam por andarem em Castella. Esta certidão diz que esta doação foi feita por D. Fernando apezar da data ser de 9 de Abril de 1420. Seria nesta data feita a confirmação por D. João Iº;

d) idem de *Chacim, Val* de *Sancha e Quintella de Lampaças* que João Nunes de Aguilar e Pero Nunes tinham e perderam pelo mesmo motivo, 18 de Julho de 1421;

e) idem de *privilegios de Lagoa* termo de Alfandega, 6 de Abril de 1421;

f) idem confirmação de doação que o mesmo fez a Fernão Vasques seu filho dos *direitos da Torre de Moncorvo* por D. João a 28 de Julho de 1433.

A pg. 12 das *Memorias etymologicas e historicas* do *concelho de Anciães* por José Maria de Moraes da Mesquita consta que a Vasco Pires de Sampayo fez D. João Iº mercê e doação de todas as terras e senhorios, jurisdição e direitos que até aquelle tempo tinha e pertenciam a João Rodrigues, de Porto Carrero e bem assim de juro e herdade do senhorio e direitos da *Villa de Anciães e da de Villarinho da Castanheira,* em 7 de Maio de 1384.

Das *Decadas da Asia* de Diogo do Couto, tomo Iº que contem as decadas IVª e Vª e do capº VII "que contem a falla que Lopo Vaz de Sampayo (489) fez a El-Rey D. João em relação", vem o seguinte: "De minha geneologia ouça V. A. uma cousa que me esqueceo, de Vasco Pires de Sapayo, meu avô, que he digna de contar. No cartorio de Fernão de Sampayo, se achou um perdão que dizia assim:

Pelos serviços que tenho recebido de Vasco Pires de Sampayo, e esperamos de receber, lhe perdoamos a morte de quarenta escudeiros que enforcou na sua *Villa de Moz* com huns poucos de homens de pé, onde morrião quarenta escudeiros. Certo merecimento devia de tal ter Vassallo, e necessidade devia de ter El Rey delle, pois tal perdão dava".

Nota nº 2

Lopo Vaz de Sampayo, vide nota atraz a respeito do vinculo feito em seu favor pelo pae. A seu respeito consta da "Arvore da origem dos Sampayos de Anciães pela que escreveo o genealogico Diogo Gomes de Figueiredo" a fl. 209, do tomo IVº que Lopo Vaz de Sampayo veio a ser morto pelos Tavoras em pendencia que tiveram.

Nota nº 3

Ruy Lopes de Sampayo, na falla acima mencionada de Lopo Vaz vem o seguinte: "Meu avo era Ruy Lopes de Sampayo, e minha avó Constança Pereira era sobrinha do Conde D. Nuno Alvares Pereira, filha de seu irmão, e não nomeio mais da minha linhagem, porque bem sabida está quão antiga he neste Reyno. Meus avós em tempo del Rey D. João de boa memoria tomarão dez Villas aos Castelhanos por força darmas com seus parentes, e amigos, que entregarão, e obedecerão co ellas ao dito senhor, e

(489) A Lopo Vaz de Sampaio, vice-rei da Índia, nos referiremos largamente no volume consagrado aos escritores.

temnas hoje os seus descendentes. ff. Fernão Vaz de Sampayo seis, Ruy Lopes de Sampayo tres: a huma se perdeo não por trayção (que nunca em minha linhagem houve) mas por outras differenças".

A pg. 13 das *memorias* já citadas de J. M. de Moraes da Mesquita diz-se que procedendo-se á eleição do abbade da igreja de S. João extra muros da Villa de Anciães se veio metter de posse forçosa da igreja Fernão Vaz de Sampayo senhor de Villa Flor, como tutor e defensor de seus sobrinhos, filhos e successores de seu irmão Lopo Vaz de Sampayo que fora donatario de Anciães; originando uma contenda que se levou a Roma, aonde foi decidida a favor dos moradores e Camara da dita Villa e contra o donatario que então era Diogo de Sampayo, já neto de Lopo Vaz de Sampayo. Diz o autor das memorias que isto consta de uma sentença estrahida para um pergaminho que se achou no cartorio da Camara de Anciães.

Existem na casa de Ribalonga duas certidões extrahidas dos documentos originaes na Torre do Tombo, sendo:

a) carta de doação ou confirmação de doação a Ruy Lopes de Sampayo; filho de Lopo Vaz de Sampayo, pagem do infante D. João, *da terra dc Barqueiros* a par de Mezão Frio. A carta é de D. Duarte a 4 de Dezº de 1433 e a confirmação de D. Affonso V a 18 de Novº de 1449.

b) idem a Ruy Lopes de S. Paayo da *renda e de todos os direitos de Lamas de Orelhão* por D. Duarte a 4 de Julho de 1436 e confirmação de D. Affonso V a 18 de Novembro de 1449.

Nota nº 4

Diogo de Sampayo. Na falla de Lopo Vaz (vide atraz) vem o seguinte:

"Meu pay foi Diogo de Sampayo, senhor de Anciães, Villarinhos, da Castanheyra e Linhares e de dous mil vassallos: servio nas guerras de Castella, com quatorze escudeiros, e quarenta homens de pé. Na batalha de Toro foi derribado e ferido de feridas mortaes: e jouve aquella noite no campo onde pela manhaã o acharão meyo morto; e disto será sabedor Fernão Vaz de Sampayo, e não alego mais testemunhas porque as não ha daquelle tempo. Foy na tomada de Arzila com cento e oitenta homens em duas caravelas, á sua custa, onde foy *Feito Cavaleyro por mão delRey D. Affonso o V.* Minha mãy foi D. Briolanja de Mello, filha de João de Mello de Serpa, e de Dona Breatriz da Sylveira, filha de Fernão da Sylveira, Regedor e Coudelmor. Este João de Mello meu avo foy filho de Garcia de Mello de Serpa, Alcaydemor daquella Villa. De seus honrados filhos não fallo, porque notorio esta nunca Pricepe no Reyno ajuntar gente pera guerras, e Armadas, em que os Mellos nao fossem dos principaes Capitães e Cava-

leiros. E no tempo delRey D. João o I nomeado foy o grão Martim Affonso de Mello, de que todos vimos".

Existe na casa de Ribalonga uma certidão extrahida do original na Torre do Tombo: carta de doação a Diogo de SamPayo do *lugar e terra de Ranhados* a qual lhe trespassou Joam Te[ll]es, que a houve de Christovão de Tavora e datada de 24 de Setº de 1501 no reinado de D. Manoel. Por um "titulo por onde se mostra pertenceram os direitos reaes de Anciaens e de Villarinho da Castanheyra da Comarca da Torre de Moncorvo a José Vaz de São Payo e Mello senhor da sua quinta da Espinhosa, Comarca de Pinhel e Provincia da Beyra", existente na casa de Ribalonga ve-se que Diogo de Sampayo era senhor de Anciães, Villarinho da Castanheira e das terras pertencentes á confirmação que lhe fez D. Affonso V em Santarem a 13 de Maio de 1472.

Nota nº 5

Ruy Dias de Sampayo. Existe na casa de Ribalonga um indice que sob o nome de Ruy Dias de S. Payo indica uma carta de Alcayde-mor de Anciães e uma carta de mercê de todo o direito do Castello e Alcaydaria de Anciães (Lº 15 fl. 160 e Lº 5º e dos misticos fl. 206 em D. Affonso V, conforme o referido indice). A este respeito nas memorias de Anciães já citadas, a pg. 9 vê-se que os moradores da Villa e Castello de Anciães obtiveram sentença a seu favor e contra Ruy Dias de Sampayo, o 5º e ultimo donatario da Villa, ficando excluido assim não só da alcaydaria-mor, mas tambem do senhorio da Villa, por este se querer intruzar como alcayde--mor, com o fundamento de que este titulo e emprego se comprehendia nas mercês feitas aos seus ascendentes.

Foi sua irmã *D. Mecia de Mello,* instituidora do *vinculo de Nossa Senhora da Graça* no Castello de Anciães em 1584. Uma verba do seu testamento está exarada no Tombo da casa de Ribalonga, como segue: "Digo que faço herdeiras de toda a minha fazenda assim movel como raiz por onde quer que for havida e achada a minhas sobrinhas convem saber D. Joanna e D. Maria, filhas de Ruy Dias de Sampayo meu irmão, assim nesta maneira convem saber vivendo ellas do modo e maneira que até agora comigo viveram e se algumas delias tomar outra vida ou cazar ou for freira não quero que haja nada mas tudo fique á outra assim fazenda que tenho em neste Setuval termo de Palmella como toda a fazenda que tenho traz dos montes ou em outro qualquer logar que por meu falecimento se achar assim movel como de raiz digo que a fazenda que tenho traz dos montes que minhas sobrinhas alogrem e tenham em sua vida dellas ambas. Por seu falecimento da derradeira faço e hordeno della *uma*

capella em a egreja de Nossa Senhora da Graça que está na villa de Anciaens, junto do Salvador donde jaz meu Pae e Mãe e meus Avós porque esta e outra que tenho nesta villa de Setubal termo de Palmela para que fique a minhas sobrinhas livremente da qual capella que assim faço quero que seja administrador meu parente mais chegado que seja macho e se não houver que seja femea contanto que não seja dos descendentes dos de Ruy Lopes de Sampayo nem macho nem femea nem ascendentes d'elle... etc. etc.".

"Foi seu irmão, *Lopo Vaz de Sampayo,* 8º Vice-rey da India, a quem Diogo do Couto se refere nas suas *Decadas da Asia,* Decada 4ª dos feitos que os Portugueses fizeram na conquista e descobrimentos das terras e mares do Oriente, em quanto *governaram a Índia* Lopo Vaz de Sampayo e parte de Nuno da Cunha". Tambem nas *Lendas da India de Gaspar Correa* no tomo 3º a pg. 306, publicadas pela Real Academia de Sciencias de Lisboa, vimos o seu elogio nos seguintes termos:

"Lopo Vaz de Sampayo, foy esforçado cavalleiro, e querençoso de sempre trabalhar em guerra, e muyto constante na justiça, castigando os malfeitores. Homem amigo de Deus; homem feito á boa fé, fora de vaidades nem senhorias, companheiro com todos, assy na paz como na guerra, e a todos guardando boa cortezia".

Luiz de Camões no seu Canto X, Est. LIX dos *Lusíadas*, diz:

Mas comtudo não nego que Sampayo
Será no esforço illustre e assinalado
Mostrando-se no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verá coalhado.
.....

Existe na casa de Ribalonga um alvará que ao comparar-se a assignatura com os fac-similes dos reis de Portugal no 6º volume das *Obras de Luiz de Camões* do Visconde de Juromenha, prova ser a assignatura do Cardeal D. Henrique. O alvará parece referir-se a Dona Joanna de Mello e sua irmã Dona Maria, mas como está escripto com caracteres antigos é difficil de se poder lêr.

Nota nº 6

Gaspar de Mello de Sampayo. Segundo um documento existente na casa de Ribalonga foi Gaspar de Mello Fidalgo Escudeiro da C. R. e consta da arvore de Diogo Gomes de Figueiredo que foi em serviço de S. M. para a India, onde foi Capitão em Goa. Isto tambem consta da *Decada VII da Asia* de Diogo do Couto a pg. 38, col. 1, a saber: 'Por morte do governa-

dor mandou o Chanceller trazer o cofre das successões, que estavão em S. Francisco, e abrindo-se tirou a primeira, e a entregou ao Secretario... E a deu ao Capitão da Cidade, que naquelle auto presidia, pera que com o Ouvidor geral a examinassem bem se estava inteira e sem se nella tocar. Feito isto a abrio o Secretario... e achou-se nella Francisco Barreto... e na capella mor deu a menagem do Estado da India nas mãos do *Capitão da Cidade Gaspar de Mello;* na forma costuma daquelles Estados. (16 de Janº de 1555). Da mesma decada consta a pg. 14, col. 2 que "Nomeado o Capitão-mor do mar da India (Fernão Martins de Freire sobrº do vice-rey D. Pedro de Mascarenhas no anno de 1554) começou logo a correr com a Armada; a que deu tanta pressa que quando forão dez de Outº sahio pela barra fora com todos os navios, de que eram Capitaens D. Francisco Mascarenhas, D. Diogo Lobo, *Gaspar de Mello,* etc., etc., Deu o vizo-rey por regimento que se sahisse de sobre a barra de Surrate, até os turcos lhe entregarem todas as galés". Mais tarde foram destruidas.

Do documento acima referido na cassa da Camara de Goa deu uma bofetada no vereador D. Duarte Deça, pelo que foi remettido ao reino depois de ser prezo governador Francisco Barreto? Sendo posto em liberdade em Lisboa foi morto uma noite ás cutiladas. No titulo atraz citado (nota nº 4) certifica que servio com grande valor na India (titulo por onde se mostra pertencerem os direitos reaes do Concelho de Anciães, etc. a José Vaz de São Payo e Mello).

Nota nº 7

Manuel de Mello de Sampayo. Do alvará existente em Ribalonga de Moço Fidalgo dado em Abril de 1610 ao filho deste, vê-se que era fidalgo da C. R. Foi o instituidor do *vinculo do Espirito Santo* em Ribalonga, como se vê no Tombo da casa: "Saibam coantos este instromento de obrigação e hipoteca virem que pera fabrica de capella deste dia pera todo sempre virem que no anno de N. S. J. C. de mil seiscentos e oitenta digo e vinte e hum annos aos vinte dias do mez de Mayo do dito anno em o lugar de Ribalonga, termo da Villa de Anciaens e no paço do senhor Manuel de Mello e Sampaio do Concelho de Sua Magestade e morador no dito luguar estando elle presente e a senhora Dona Isabel sua mulher logo por elles ambos foi dito em presença de mim tabalião e das testemunhas adiante que elles tinham mandado fazer e estava feita e acabada huma *capella* cita em o dito luguar da *invocação do espirito santo...*" etc., etc. Tambem existe um requerimento nos termos seguintes: "Senor-Diz Manoel de Mello de Sampayo que em poder de Domingos Alvares tabalião estás hu testamento, que Dona Mecia de Mello tya delle supplicante fez, em que instituyo a elle

dito seu sobrinho por universal herdeiro de todos seus bens e fazenda e porque o ditto testamento he aberto e publicado muytos annos ha e elle supplicante para bens de seus negocios e demandas tem necessidade do traslado do ditto testam.to p. portanto elle supplicante a V. M. lhe mande dar o ditto traslado na melhor maneira e forma que possa ser. E recebera justiça e merce". No verso deste requerimento vem o treslado pedido, bastante difficil de lêr, e foi dado ao supplicante M. de M. de 3º em Val Torno a 6 de Novembro de 1584. (Ver tambem nota nº 8).

Nota nº 8

Garcia de Mello de Sampayo. Existe em Ribalonga o alvará de Moço Fidalgo ou carta de mercê a Garcia de Mello de Sampayo com data de 5 de Fevº de 1641. Foi nomeado Capitão mor da Villa do Castanheiro por carta de 19 de Julho de 1650 e no cargo de Juiz dos Orfãos da mesma e na de Valença do Douro por carta de 29 de Julho de 1652. Consta do traslado das certidões passadas a favor de Christovão de Mello de Sampayo, irmão de Garcia de Mello e existente na casa de Ribalonga, o seguinte: "Antonio de Moraes de Mesquita Capitão mor nesta Villa de Anciães e seu termo por S. M. Certifico em como o abbade Christovão de Mello de Sampayo e seu irmão Grassia de Mello de Sampayo acudiram a esta villa a hum rebate que tive do emnemiguo aos seis dias do mes de mayo de mil seiscentos e quarenta e hum com animo de leais vassalos de sua Mag.de anbos a cavallo com suas lanças e pistollas com mais vinte homens criados e caseiros seus armados as suas custas com despeza de suas rendas e foram dos primeiros que se acharam n'esta dita villa e nela assistiram na guarda e vigia da muralha asim de noite como de dia e dali se não foram athé que eu por conselho dos Capitais e m.do do fronteiro mor Francisco de Sampayo mandei recolher a gente toda e asim mais o dito *Grasia de Mello de Sampayo* morador na quinta *Ribalongua* termo desta villa irmão do ditto abade *acudio com muito calor e presteza* aos acomitimentos que o ennemiguo fes a prassa de *freixo de espada a cinta* aos doze de agosto é aos lugares de *machados e duas igrejas* junto a miranda do douro aos vinte esinquo de setenbro deste corrente anno de mil e seiscentos e quarenta e hum em socorro do nosso exercito na entrada que fez no lugar de *Orandilhanes Reyno de Castella* com mais desasete homes armados criados e caseiros seus tudo a conta e custa das rendas do ditto abbade seu irmão sendo dos primeiros que acudiram e se me tem oferesido a fazer o mesmo a tudo o que suseder em defença deste Reyno e serviço de Sua Magestade pello que sam meresedores de todas as honras e acresentamentos que Sua Mag.de lhe quizer fazer e juro passar tudo na verdade pello juramento

dos santos evangelhos por mim feita e asinada e selada com o sinete de minhas armas nesta certidam nesta dita villa oje aos des de desenbro de seis e quarenta e hum". Segue a assignatura e reconhecimento. A outra certidão é como segue: "Dom Sancho Manuel Mestre de Campo de toda a infanteria desta provincia Da Beyra por S. Mag.de, Certifico em como o abbade *Christovão de Mello de Sampayo* morador no lugar da moreira de castello mendo se achou presente com mais seus dois arcabuseiros a sua custa *na emtrada* que o general Fernam Telles de Meneses fes no *Castello de guoardam* e em *sete lugares mais de Castella* os quais todos ganhamos e estavamos desde desosete de mes de dezembro athé aos vinte e hum do sobredito em os quais quatro dias asim de noute como de dia que andamos sempre em campanha nas terras do emnemiguo fisemos g.de damno trazendo cinquo capitais e hum gor. e quinhentos e quarenta soldados castilhanos mais prisioneiros alem de bandeiras e tambores e m.tas armas de foguo e sem elle que lhe tomamos em que assistio a tudo elle abbade na conpanhia e resguardo do ditto general e *na dita campanha e terras de Castella* exercitou assim o exercicio das armas commo o seu offissio de seserdote comfesando muitos castelhanos findos e algus portuguezes nossos no que fez muito servisso a Deus e a sua Mag.de pello que he meresedor de toda a honra e acresentamento que Sua Mag.de lhe quizer fazer afirmo passar tudo asim na verdade a que juro pello juramento dos santos evangelhos por mim assinada esta certidão e sellada com o sello de minhas armas de nesta cidade da g.da oje quatorze de janº de mil seiscentos e quarenta e trez. (a) Dom Sancho Manuel". Seguem reconhecimentos.

A Gracia de Mello de Sampayo pertenceram os serviços de seu irmao Christovão como se vê por uma carta de sentença de justificação dada a seu favor em Lisboa aos 8 de Julho de 1652. Existe ainda na casa de Ribalonga um passaporte dado em Roma a 7 de Setembro de 1629 por "Philippes de Bethune, Comte de Selles Gouner. du Roy en ses consils. Chevalier de ses ordres et son Ambassadeur extraordinaire à Rome – a favor de Christovão e Garcia de Mello de Sampayo – gentilzhões portugays freres, losquels s'en retournants em france", etc.

Garcia de Mello de Sampayo e sua mulher D. Francisca de Carvalho vincularam bens que reuniram ao *vinculo de Nossa Senhora de Assumpção* da Espinhosa por testamento de 11 de Dezembro de 1679.

Nota nº 9

Manoel de Mello de Sampayo. Existe em Ribalonga a carta de merce de Moço Fidalgo com data de 7 de Junho de 1652. Foi Capitão-mor da Villa do Castanheyro, Valença do Douro e Paradella desde 17 de Dezembro de 1678

até 20 de Junho de 1705 data em que faleceu como tudo consta de uma certidão passada por Thomas Leytão de Carvalho Sargento-mor da Comarca de Pinhel a 2 de Janeiro de 1706, a qual existe em Ribalonga. Foi feito em sua vida o *Tombo de todas as propriedades* assim de prazo de vidas como fateozins e dos seus sensos perpetuos e remivens pertencentes a capella de Nossa Senhora da Graça cita na Villa de Anciaens de que he administrador e morgado de presente Manoel de Mello de Sampayo o qual foi instituido por D. Mecia de Mello assistente e moradora que foi na villa de Setubal e natural da de Anciaens comarca da Torre de Moncorvo no anno de 1584 e tombado *neste presente de 1684* por especial provisão de S. M. pello Doutor Francisco Pessoa de Sampaio corregedor da comarca jus nomeada para o tal tombo». Este tombo é um grosso volume de 307 paginas tendo no frontispicio desenhadas a cores as armas da Casa e conserva-se em Ribalonga.

«Nota nº 10

Joseph Vaz de Sao Payo e Mello. Ha a carta de merce de Moço Fidalgo com data de 23 de Dezº de 1713. Foi nomeado Capitão-mor da Villa do Castanheyro por patente de D. João V a 23 de Dezº de 1711, o qual cargo serviu juntamente com os de Valença do Douro e Paradella desde 15 de Abril de 1712 até 2º de Maio de 1719, data em que estava servindo como tudo consta de uma certidão passada por Thomaz Leytão de Carvalho, Sargento-mor da Comarca de Pinhel a 20 de Maio de 1719.

Tambem existe um certificado selado com as armas de "João Dantas da Cunha, Sargento-mor de Batalha dos Exer.os de S. Mg.de Gov.r da praça de Almeyda a cujo cargo está o Governo das Armas desta Provincia da B.ra" em que diz: "experimentey sempre na actividade, zelo e desinterece de Joseph Vaz de São Payo e Mello a mais pontual observancia nas ordes o que lhe forão comettidas distinguindo-se entre os mais Capp.es mores na *boa ordem e disciplina militar* com q exercita as ordenanças do seu desttricto *a sua custa e cuydado de sua fazenda* dezempenhando nas suas acções as obrigações do seu nascimento pelo q se faz merecedor de toda a am.de e honra q S. Mg.de fro servido fazerlhe". O certificado foi dado em Almeyda a 5 de Março de 1732.

Foi seu irmão primogenito *Antonio de Mello e Sampayo* que veio a falecer solteiro e foi nomeado Capitão-mor das mesmas villas que seu irmão por morte de seu pae Manoel de Mello de Sampayo, por patente de D. Pedro II a 4 de Novº de 1706, o qual cargo desempenhou desde Dezembro de 1706 até 27 de Dezembro de 1708, data em que faleceu commo tudo consta de uma certidão passada por Thomas L. de Carvº, Sarg.º-mor da comarca de Pinhel.

Existe uma sentença de justificação com data de 13 de Out.º de 1716 em que se vê que os serviços do avô Gracia pertenceram a J. V. de S. e Mello.

Na escriptura de dote para casamento de José Vaz com D. Marianna Eufrazia Pereira Pinto, feita em Ribalonga a 26 de Maio de 1713 e cuja copia existe nesta casa de Ribalonga, lê-se que o Padre Francisco Pinto Velho, tio da noiva, *vinculou* em seu favor *varios bens situados na Horta da Villariça e Vilarinho da Castanheira* com a clausula seguinte: "em tempo algum pessoa que tenha raça de judeu, mouro, cabra, mulato, nem mourisco nem outra infecta nasçam reprovada pela Santa Madre Igreja... por esta haviam por excluido da administração do morgado".

Nota nº 11

Antonio Manuel de Mello e São Payo Pereira Pinto do Lago. Existe o alvara de Moço Fidalgo com data de 12 de Abril de 1715. Exerceu o cargo de Capitão-mor das ordenanças de Villa do Castanheiro, e suas anexas como se vê por patente concedida ao filho Manoel e como consta d'um requirimento por elle feito e que alega: "que pertencendo a sua casa de juro e herdade, alem de outras merces regias e bens da Coroa; o senhorio das Villas de Anciaens e Villarinho da Castanheira... por doaçoens antigas e feytas a Vasco Pires de S. Payo, Ruy Lopes de S. Payo e Diogo de S. Payo seus 9º, 7º e 6º Avós pellos senhores Reys D. João I e D. Affonso V desde 7 de Mayo de 1422: teve com efeito observancia a successão deste senhorio té Ruy Dias de S. Payo o 5º Avô do supplicante sem mais cauza, q a desse dia dos seguintes administradores succezivam.te omissos em pedir a confirmação das ditas doaçoens... etc." Por isso o supplicante como primogenito pedia a confirmação das regalias concedidas aos antepassados em virtude dos s. serviços.

Nota nº 12

Manoel de Mello de Sampayo Pereira Pinto do Lago. Existe em Ribalonga o alvara de moço Fidalgo com data de 27 de Janeiro de 1752. Foi Capitão-mor das ordenanças do Concelho da Villa do Castanheiro e suas annexas e nomeado por patente de D. Maria I a 16 de Junho de 1783 por demissão de seu pae.

Sua irmã D. Maria Victoria cc. José Cyrne de Sousa Madureira. Existe em Ribalonga a escriptura de dote de seu casamento, feita a 17 de Abril de 1782 na quinta do Freixo, freguezia de Guilhabreu em casa de José Cyrne de Sousa Madureira. Na escriptura ve-se uma procuração de

D. Maria Victoria a seu primo Francisco Manoel Correa de Lacerda. Ve-se tambem uma provisão de Dona Maria I de 12 de Janeiro de 1782 em que diz: "em attenção a ser o supplicante e a dita sua noiva das pessoas da mais destinta nobreza daquelas Provincias..." e mais adiante: "e atendendo a notoria e bem destinta qualidade dos supplicantes e a conservação do esplendor das familias, que só se consegue com casamentos illustres e ser este hum dos casos em que se concederão sempre a subsidiaria hipoteca nos rendimentos dos bens vinculados hei por bem que o suplicante possa obrigar o rendimento dos morgados, etc...".

Suas irmãs D. Bernarda Joaquina, D. Josefa Benedita, D. Quiteria Luiza, todas freiras no mosteiro do Lorvão renunciaram no seu irmão as suas legetimas por consentimento do pae como consta de uma escriptura existente em Ribalonga.

No testamento da *Condessa de Cavalleiros*, feito a 11 de Março de 1829 ha a seguinte disposição: "Igualmente fui herdeira de minha tia D. Maria Umbelina Correa de Lacerda a qual tambem deixou outros encargos de uma só vez e outros vitalicios que tambem tenho cumprido e recomendo se cumprão tanto quanto ella determinou em seu testamento me encarrega que se não tivessem successão propria nomearia por minha morte os prazos e bens de raiz por ella deixados sem parente da linha de sua Mãe e minha Avó, como logo apontou o Ill.mo *Manoel de Mello e Sampayo* da Quinta da Espinhosa no qual assim os nomeio juntamente com a Apolice ou Acção da Companhia na forma do seu testamento e da minha obrigação n'elle contrahida na forma de direito e dever de consciencias".

Nota nº 13

Antonio de Mello Vaz de Sampayo Pereira Pinto. Existe esta certidão de baptismo do mesmo que nasceu a 8 de Setº de 1796. Pertencia-lhe de juro e herdade a merce de Moço Fidalgo como se ve dos alvaras passados a seu pae e avós, mas não existe a respectiva carta de merce?

Nota nº 14

Manuel de Mello Vaz de Sampayo Pereira Pinto. Em virtude da lei da desvinculação foi o ultimo morgado de Ribalonga e Espinhosa. Pertencia-lhe de juro e herdade a merce de Moço Fidalgo (vide acima). Existe um breve de dispensa de parentesco por consaguinidade em 4º grao para o seu casamento com sua parente D. Ignez Candida Vaz Guedes Pereira Pinto Bacellar, a quem pertenceu a casa de Villar d'Ossos, Vinhaes (hoje

pertence a sua filha mais nova D. Maria Ignez, Condessa de Alpendurada) por herança de seus paes os Viscondes de Monte Alegre. Tendo requerido ou solicitado da competente autoridade ecclesiastica a reducção dos encargos pios dos vinculos que herdou por seus maiores foi-lhe deferido este pedido pela Nunciatura Apostolica a 15 de Fevº de 1870, existente nesta casa de Ribalonga. Existe tambem um passaporte com data de Bruxellas de 25 de Janeiro de 1862.

Nota nº 15

Antonio de Mello Vaz de Sampayo, nasceu a 14 de Novº de 1867. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra (Cartas de bacharel e formatura que concluiu em 1 de Junho de 1888). Foi nomeado delegado do Procurador Regio na Comarca de Paredes por decreto de 20 de Setº de 1890, logar que exerceu até á sua transferencia a seu pedido feita para Carrazeda de Anciães, por decretto de 29 de Dezº de 1900. Promovido a Juiz de Direito sendo colocado como Auditor Administrativo do destricto de Coimbra por decreto de 21 de Janº de 1903, logar que exerceo até 4 de Maio de 1911, data em que se ausentou para o estrangeiro. Tendo sido exonerado pelo governo da Republica foi mais tarde adido ao quadro da magistratura judicial pelo Presidente Sidonio Pais por decreto de 20 de Abril de 1918, conservando-se nesta situação.

Sua irmã *D. Maria Anna de Jesus de Mello Vaz de Sampayo* foi condecorada com a medalha de ouro pontificia "Pro Ecclesia et Pontifice" por SS. Pio XI em reconhecimento dos serviços por ella prestados á causa da Egreja Catholica.

Seu irmão *Miguel de Mello Vaz de Sampayo* foi Official da Armada Real Portugueza, tendo serviço de campanhas em Africa pelo que foi condecorado por S. M. El-Rey D. Carlos com a comenda da "Antiga e Muito-Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito". Foi abatido no quadro da Armada pelo governo da Republica».

Em aditamento às notícias anteriores damos mais as seguintes, extraídas de documentos em pergaminho existentes no arquivo da Câmara Municipal de Moncorvo:

1º Vasco Pires de Sampaio, moço fidalgo da Casa Real, senhor das rendas, foros e portagens das vilas de Ansiães, Vilarinho da Castanheira, Vila Flor, Moncorvo, Mós e Vilas Boas, por doação de El-Rei D. João I de 1 de Maio de 1422. Anteriormente foi senhor destas terras João Rodrigues Porto Carreiro, que seguiu o partido de Castela e por isso D. João as deu

ao Sampaio, seu correligionário [490]. A 22 de Fevereiro do ano seguinte, fez-lhe o mesmo rei doação de metade da aldeia de Quintela de Lampaças, concelho de Bragança [491]. Já a 3 de Setembro da era de 1419 (ano de Cristo 1381) El-Rei D. Fernando lhe dera «emprestamo todollos foros, portagens, pescarias, tabelionadas, casas, herdades e todollos outros direitos que êle tinha em Moncorvo» [492].

2º FERNÃO VASQUES (ou Vaz de Sampaio), moço fidalgo da Casa Real.

A 28 de Julho de 1433 confirmou-lhe El-Rei a doação, que fizera a seu pai Vasco Pires de Sampaio, dos foros, rendas, direitos, pertenças e portagens da vila de Moncorvo e seu termo. Igual confirmação lhe fez em 10 de Maio de 1435 da doação, que também havia feito a seu pai, da vila de Mós [493]. Idêntica confirmação lhe fez em 1 de Março de 1441 das vilas de Vila Flor, Vila Boa e metade de Quintela de Lampaças «por ser filho maior do dito Vasco Pires, sem dar dellas partilhas a seus irmãos» [494].

3º LOPO VASQUES (ou Vaz) DE SAMPAIO, filho de Vasco Pires de Sampaio (1º, atrás citado), casou com D. Inês Dias, viúva de Nuno Viegas, fazendo-lhe seu pai doação em dote das Vilas de Ansiães e Vilarinho da Castanheira, o que El-Rei D. Duarte confirmou por carta de 4 de Dezembro de 1433 [495]. Era senhor de metade do pescado que se apanhava na pesqueira do Baão [?].

Na era de 1444 (ano de Cristo 1406) fez composição com os moradores de Ansiães sobre a cobrança dos direitos reais e alcaidaria do castelo.

Contra ele obtiveram, a 4 de Julho de 1422, sentença régia os mesmos moradores que os isentava de lhe pagar dizima das condenações e sentenças judiciais [496].

4º RUI LOPES DE SAMPAIO, moço fidalgo da Casa Real, filho de Lopo Vasques de Sampaio (3º, atrás citado), teve a 4 de Dezembro de 1433 confirmação régia das vilas de Ansiães e Vilarinho da Castanheira que seu pai lhe doara com seus termos. Era pagem do infante D. João, irmão de El-Rei D. Duarte [497]. A 18 de Março de 1460 fez-lhe El-Rei mercê da jurisdição de Ansiães e seu termo cível e crime, com faculdade de colocar juízes, meirinhos e tabeliães [498].

(490) Ver o vol. IV, p. 208 e 231, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(491) Ibidem, p. 231.
(492) Ver a nossa monografia *Moncorvo Subsídios para a sua história,* p. 32.
(493) Ver o volume IV, p. 231, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(494) Ibidem, p. 231, 235 e 297, onde se apontam as datas de varias confirmações régias das terras e jurisdições que possuía.
(495) Ibidem, p. 232.
(496) Ibidem, p. 238.
(497 Ibidem, p. 232.
(498) Ibidem, p. 233.

5º DIOGO DE SAMPAIO, filho de Rui Lopes de Sampaio, moço fidalgo da Casa Real.

A 21 de Janeiro de 1463 fez-lhe El-Rei mercê da jurisdiçao de Ansiães «em retribuição de seus serviços e de seus antecessores» (499).

A 7 de Outubro de 1496 fez-lhe El-Rei D. Manuel confirmação das terras de Ansiães, Vilarinho da Castanheira e Mondego, e «mais todos os outros bens e rendas que elle avia em os ditos logares e seus termos e dando-lhe outro logar na terra de Panoias que se chama Mondego» (500).

Em 26 de Abril de 1498 fez-lhe o mesmo rei confirmação da jurisdição criminal e cível nas referidas terras. D. João III confirmou-lhe estas doações e jurisdições a 6 de Agosto de 1527 (501).

6º RUI DIAS DE SAMPAIO, moço fidalgo da Casa Real.

A 20 de Agosto de 1516 fez-lhe El-Rei mercê do castelo e alcaidaria da vila de Ansiães somente em sua vida (502). Contra esta doação protestou o concelho de Ansiães e obteve sentença régia favorável a 8 de Abril de 1517, confirmando-lhe a posse em que estava de a alcaidaria do seu castelo andar na mão dos moradores da vila só com obrigação de lhe fazerem dele preito e homenagem (503).

A 30 de Agosto de 1502 foi dada sentença régia contra ele, para que nem no concelho de Ansiães, nem fora dele se lhe pagassem portagem, passagem, costumagem... nem «tome aos moradores da terra suas palhas, lenhas, roupas, e outros misteres sem dinheiro» (504).

No pavimento da capela-mor da igreja Paroquial do Castanheiro, concelho de Carrazeda de Ansiães, há, em campa rasa de granito, a seguinte inscrição respeitante a um membro ilustre dos Sampaios:

(499) Ver o vol. IV, p. 233, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(500) Ibidem.
(501) Ibidem.
(502) Ibidem, p. 235.
(503) Ibidem, p. 229 e 237.
(504) Ibidem, p. 238.

AQUI JAZ LUIZ AN
TONIO DE SAM
PAY NATURAL
DA FONTE LONGA
D.OR DEMONSTRA
DOR DA HISTORIA
NAT. NA VNIVER
DE COIM
BRA LENTE D HI
DRAVLICA NA
CIDADE DE LX.A
CAPITAO DE CA
VALARIA DE BR
GANCA ALFIN
GOVERNADOR
DE FREIXO DES
PADA A CINTA
FALECIDO AOS 49
ANOS.

Do *Livro Genealógico. Primeiro e Segundo Tomos. Ano de 1804,* pelo padre Frei Manuel Bernardo de Magalhães e Sousa, tomo I, fólios 167 e seguintes, copiamos o seguinte:

«Verdadeira Descendencia dos Pereiras e Sampayos, de Anciaens, tirada de um Instrumento antigo, que estava no cartorio que servio Bartholomeu de Sousa, o qual Instrumento, foi feito, e reconhecido pelos (*sic*) Rey deste Reino, no anno de 1610 aos 5 de Fevereiro do dito anno, e em suma constava o seguinte:

Primeiramente Lopo Machado Pereira, e Paschoal Machado da Silva, e Fernam Pereira de Sampaio erão irmãos, e filhos legitimos de Manoel Machado, e de sua mulher Donna Guiomar da Silva Pereira, que forão rezidir a Villa Flor, e que a dita Donna Guiomar da Silva Pereyra May dos assima nomiados era filha legitima de outro Fernam Pereira de Sampaio, e filho este legitimo de João da Silva, e sua mulher Donna Catharina Pereira de Sampaio, moradores que forão na quinta da Lavandeira arabalde da Villa de Anciaens, e que o dito Fernam Pereira, e João da Silva seu Pay, e os mais de que se trata, erão pessoas muito nobres da geração dos Fidalgos, e como taes se tratavão com Escodeiros, e mais creados de Libré, Negros, e Negras, e cavalos de Estado, e tinhão grosas cazas semque em sua geração houvesse raça de Judeus, Negros nem de Mouros e outra infecta Nação, antes sempre forão conhecidos por puros christãos velhos, os quaes Fernam Pereira de Sampaio, e João da Silva seu Pay descendião dos Sampaios,

e Silvas deste Reyno, Fidalgos muito illustres de boa fieis ao Rey, e por taes conhecidos, e que por parte de D. Catharina Pereira de São Payo May de Fernam Pereira Avô dos primeiros acima declarados sam Descendentes por linha direita dos Sampaios senhores que foram desta Villa de Anciaens, Villarinho, e Villa Flor, e ainda no anno de 1610 cobrarão os Direitos Reais desta Villa, e da de Villarinho, e da de Villa Flor; aonde estabelecerão huma grande caza, e que todos dese[n]dião *(sic)* direitamente de Vasco Pires de Sampaio senhor que foi desta Villa, e Villarinho da Castanheira, e que a dita D. Catharina Pereira era sobrinha de Lopo Vaz de Sampaio Vizo Rey que foi nas Indias deste Reyno de Portugal, e neta de Pedro Lopes de Sampaio Fidalgo Illustre, e morador em Anciaens a quem El-Rey D. João lhe concedeu hum grande Privilegio para os seus creados, e cazeiros no anno de mil e quinhentos e vinte e nove annos aos vinte e hum de Junho do dito anno cujo Privilegio lhe deu por ser de sua caza Fidalgo muito estimado do dito Rey, e do dito Privilegio se mostrava bem pelas mercês recebidas a qualidade das suas pessoas, e dos primeiros atraz era por huma parte sua Avó D. Angela Ferreira filha legitima de Ayres Pinto, e de sua mulher D. Theodora Ferreira, e esta filha de Francisco Ferreira de Bragança pessoa muito Illustre, e o dito Ayres Pinto era Fidalgo muito nobre, e como tal se tratava com todo o descente estado, e equipagens, e Negros, e Negras, comendador do Abito de Christo, senhor das comendas do Salvador de Anciaens, e suas Anexas, que as pessuio, e andarão nos seus primeiros Descendentes athe o anno de 1610, que passarão a Gaspar de Souza commendador dellas, e o dito commendador Ayres Pinto nam tinha Raça de Judeu, negro, mouro, ou outra infecta Nação, e era morador em Anciaens, e que Julião da Silva morador que foi na dita quinta da Lavandeira Irmão direito de Pay, e May de Fernam Pereira Avôs dos primeiros de que atraz se faz menção destes procedeo João Pereira do Prado de Selores, e este hé proprio por linha direita dos Pereiras, Silvas, e Sampaios senhores que forão da Villa de Anciaens, Villa Flor, e Villarinho, e do dito Ayres Pinto commendador das commendas de Anciaens do Divino Salvador, o dito João Pereira do Prado hé Vizavô dos Pereiras da Carrazeda, e Parambos, e Linhares, e do mesmo descende D. Leonor das Selores, e hoje seus filhos o Tenente (hoje cappitam) Luiz Manoel de Moraes de Mesquita Pimentel, e seus Irmãos Manoel Ignacio Tenente na America, e o Morgado Antonio José; e juntamente o cappitam Mor Luiz Manoel de Sampaio e Silva, e seu filho o Doutor Luiz Antonio de Sampaio, Lente de Filosofia em Coimbra, cappitam de cavallos em Bragança, e hoje governador de Freixo e suas anteadas D. Thereza de Sampaio, e D. Maria de Sampaio; e Francisco Antonio de Frias Moraes Sarmento de Parambos, (hoje cappitam Môr) e seus Irmãos, e Christovão José de Sampaio do mesmo lugar, e seu

Irmão o Doutor Juiz de Fora na Chamusca; Donna Joanna das Areias, José Antonio de Sampaio senhor da casa de Selores e Marzagão, hoje asistente em Abambres; e por huma parte Luiz Antonio de Sampaio do Amedo; porem este por tres partes hé de outra qualidade sem que nellas toque aos mencionados por Parentesco, e de como hé verdade, e se tratão hoje por meus Parentes por saberem que tudo hé verdade tirei este da propria Arvore e Instrumento que deixei em caza do dito cappitam Mór, que de como confessou o nosso Parentesco com os mais que existem, e na forma declarada asignarão todos nesta Villa da Carrazeda de Anciaens aos vinte de Julho de 1792. E eu Antonio Pereira de Sampaio desta Descendencia o fiz; Declaro que o dito Lopo Vaz de Sampaio Vizo Rey na India deu huma bofetada a hum camarista, que era..... dos D. Duarte de Esa, dos ditos Estados pelo que veio prezo para este Reyno, e em sua vida pessoio o Senhorio desta Villa, e Villarinho, e por sua morte do Primogenito descendem os Sampaios de Ribalonga, e do segundo descendem todos os Sampaios deste concelho, que se intrincarão seus Descendentes por cazamentos com os Souzas, Moraes, Pimenteis, Mesquitas, e Pintos pessoas muito Illustres. Luiz Manoel de Sampaio e Silva. Cappitam Môr, que foi.

Copiei do original que tornei a entregar. Candoso 6 de outubro de 1804 annos. Pe. Frei Manoel Bernardo de Magalhaes e Souza».

No corpo de igreja matriz de Vila Flor, lado do Evangelho, há uma capela que tem no pavimento uma sepultura brasonada, com um escudo posto de lado e esta inscrição, com algumas letras inclusas:

S.ª DE
FR.co D. SAMPAIO
DO CONSELHO DEL
R. ES.....
E. D. DONA. ANTONIA
DA. SILVA SVA. MOL
HER QE FALEC....
EO.... O DIA N
RO.....

Na parte pontuada, na quarta linha, estão ilegíveis as letras, gastas do roçar do calçado.

Nas partes pontuadas das linhas 7, 8 e 9 desapareceram as letras, porque os estúpidos selvagens que assentaram uma grade de ferro para vedar a entrada da capela, rebaixaram nesta parte a sepultura picando as letras para que o cancelo podesse girar.

Em 1916 estive segunda vez em Vila Flor e vi que os mesmos cantei-

ros, ou outros, *ejusdem fusfuris,* se meteram a aclarar as letras da inscrição pondo pontos triangulares onde havia os primitivos, que não tinham tal feitio e inflingindo outros aleijões ao pobre monumento! E na lei não há um artigo que mande cortar a mão a criminosos desta força e ponha a tratos de polé os modernizadores que, a pretexto de ornar e aperfeiçoar, cometem destas barbaridades!

No distrito de Bragança só conheço posto de lado outro escudo: é o dos Figueiredos da Quinta da Fé, subúrbios de Bragança, e não há dúvida que este ramo de Figueiredos se iniciou por bastardia, o que nos leva a crer que esta disposição no escudo indica bastardia, hoje representada pelo filete em diagonal sobre o brasão. Foi uma evolução simplificadora como todos as mais da humanidade: antigamente, para significar a bastardia, davam ao escudo a posição inclinada; agora inclinam só o filete [24].

As notícias que damos a seguir são extraídas de uma carta que, a propósito dos Sampaios, de Sampaio e Vila Flor, nos escreveu em 1921 o actual conde de Sampaio, Ex.mo Senhor D. António Pedro Maria da Luz de São Paio e Albuquerque de Mendonça Furtado Melo e Castro da Silva da Torre Moniz de Lusignan, licenciado em direito, sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses e do Instituto de Coimbra, que traz em preparação a *Historia Genealógica da Casa de São Payo com especial notícia da de Vila Flor que é o seu tronco comprovada com muitos e autênticos documentos tirados assim da Torre do Tombo como do Arquivo da mesma Excellentíssima Casa, e justificada por escritores de inviolável fé. Completada de um suplemento sobre as casas, morgados e capelas que na mesma casa de Vila Flor por aliança se encorporaram, composto por Frei Antão de Nossa Senhora da Luz, clérigo regular do hábito dos Frades Menores. Lisboa Oriental:*

FRANCISCO D. SAMPAIO, mencionado no epitáfio atrás transcrito, existente na capela da igreja matriz de Vila Flor, era terceiro filho de António de Sampaio e de D. Maria de Noronha.

Herdou a casa de Vila Flor e S. Paio de seu irmão Fernão, e por isto veio a ser sétimo senhor das vilas e terras pertencentes a esta rica casa.

Foi capitão-mor da gente de ordenanças da vila de Moncorvo e da de Vila Flor, como consta de dois alvarás de D. Sebastião.

Em 1578 partiu na malfadada expedição de Alcácer-Quibir, onde ficou prisioneiro e saiu no resgate dos oitenta fidalgos, como consta do vol. II da *História e Genealogia* de Afonso de Dornelas.

Tomou parte no grupo dos quarenta conjurados de 1640 (vide D. António Caetano de Sousa, o *Conde da Ericeira*, etc.). Depois da Aclamação retirou-se para as suas terras e entregou-se à defesa da comarca, de que era fronteiro-mor. Foi então que restaurou o castelo de Moncorvo, concertando interiormente as duas torres e a alcáçova, obra orçada em 409$800 réis.

Casou com D. Antónia da Silva, dama da rainha D. Catarina, mulher de D. João III, filha de Febo Moniz de Luzignan e de D. Isabel da Cunha, de quem teve, entre outros filhos, a Manuel de S. Paio, que lhe sucedeu.

Casou em segundas núpcias com D. Filipa de Meneses, filha de D. Francisco de Sousa e de D. Luísa de Meneses.

Faleceu pelos anos de 1645, porque neste ano já se encontra o auto da posse da alcaidaria-mor de Moncorvo passado a seu filho e sucessor Manuel.

Há quem diga que o escudo posto de lado, ou ao *balau,* como dizem alguns reis de armas, não significa bastardia. Pela reforma da armaria mandada fazer por D. Manuel I, executada pelo rei de armas bacharel António Rodrigues e principalmente e em especial autoridade por António Godinho, reforma baseada nas leis antigas e nas regras dos países estrangeiros, onde a heráldica era florescente, a ninguém era permitido trazer o escudo direito a não ser ao rei. Nem mesmo os infantes trazem o escudo direito no códice iluminado pelo último reformador nomeado, António Godinho.

Família Sampaio, senhores de Vila Flor

Ainda à gentileza do Ex.mo Senhor D. António Pedro de Sampaio Melo e Castro, actual conde de Sampaio, devemos as notícias que nos serviram para o estudo que a seguir damos:

1º Vasco Pires de Sampaio, a quem atrás nos referimos, fundou dois morgadios: um para o primeiro filho, em quem se continuou a descendência do senhorio de Vila Flor, e outro para o segundo, com o senhorio de Ansiães e Vilarinho da Castanheira.

O primeiro teve o senhorio das vilas da Bemposta, Parada de Pinhão, Moncorvo (de que também teve a alcaidaria), Freixo de Espada à Cinta, Vila Flor, Chacim, Vilas Boas, Frechas e Mós.

Sucedeu-lhe:

2º Fernão Vaz de Sampaio, a quem já nos referimos.

Sucedeu-lhe:

3º Vasco Fernandes de Sampaio, terceiro senhor de Vila Flor e mais terras atrás mencionadas.

Casou com D. Mécia de Melo, filha de Vasco Martins de Melo.

Sucedeu-lhe:

4º Fernão Vaz de Sampaio, quarto senhor de Vila Flor e mais terras.

Casou com D. Leonor de Távora, filha de Pedro Lourenço de Távora, senhor do Mogadouro.

Descendência:

5º MANUEL DE SAMPAIO, quinto senhor de Vila Flor, etc.

Casou com D. Maria de Abreu, e, como não teve filhos, sucedeu-lhe seu sobrinho:

6º ANTÓNIO DE MELO DE SAMPAIO, filho segundo de Fernão Vaz de Sampaio, que casou com D. Maria de Noronha, filha de D. Bernardina de Almeida.

Sucedeu-lhe:

7º FERNÃO VAZ DE SAMPAIO, e, por não ter filhos, sucedeu-lhe seu irmão:

8º FRANCISCO DE MELO DE SAMPAIO, que casou com D. Antónia da Silva, filha de Febo Moniz. (Ver o seu epitáfio que damos noutro lugar.)

Sucedeu-lhe:

9º MANUEL DE SAMPAIO, que casou com D. Filipa de Castro, filha de Cristóvão Juzarte.

Sucedeu-lhe:

10º FRANCISCO DE SAMPAIO, senhor de Vila Flor e mais terras, fronteiro em Trás-os-Montes, governador das armas da mesma província.

Casou com D. Luísa Moniz, filha de Febo Moniz.

Sucedeu-lhe:

11º MANUEL DE SAMPAIO DE MELO E CASTRO, que casou em segundas núpcias com D. Joana Savoia de Távora, filha de João de Saldanha de Sousa.

Sucedeu-lhe:

12º FRANCISCO DE SAMPAIO DE MELO E CASTRO, que casou com D. Jerónima de Bourbon, filha de D. António de Almeida, segundo Conde de Avintes, e de D. Maria Antónia de Bourbon [505].

13º ANTÓNIO DE SAMPAIO MELO E CASTRO MONIZ TORRES DE LUSIGNAN, primeiro Conde de Sampaio, décimo quarto senhor de Vila Flor, Sampaio, etc., alcaide-mor da Torre de Moncorvo e de Miranda do Douro, fronteiro-mor de Freixo de Espada à Cinta, gentil-homem da Câmara de El-Rei D. José, Grã-Cruz da Ordem de Cristo, conselheiro de guerra, governador das armas de Trás-os-Montes e da Torre de Outão e general de cavalaria, sucedeu nos senhorios e na casa a seu pai a 13 de Julho de 1746.

Nasceu a 26 de Abril de 1720 e faleceu a 26 de Novembro de 1803, tendo casado a *27* de Fevereiro de 1759 com D. Teresa Violante Eva Judite de Carvalho e Daun, que nasceu na corte de Viena de Áustria a 10 de

(505) COSTA, António Carvalho da – *Corografia Portuguesa*. 1706, tomo I, pág 469.

Dezembro de 1746 e faleceu a 26 de Outubro de 1823, primeira filha dos primeiros Marqueses de Pombal [506].

Descendência:

14º Manuel António de Sampaio Melo e Castro Moniz Torres de Lusignan, primeiro Marquês e segundo Conde de Sampaio, título criado a 18 de Dezembro de 1764, décimo quinto senhor de Vila Flor, Sampaio, etc., alcaide-mor da Torre de Moncorvo e de Miranda do Douro, fronteiro-mor de Freixo de Espada à Cinta, par do reino em 1834, mordomo-mor de S. Majestade, viador da princesa viúva D. Maria Benedita, Grã-Cruz da Ordem da Torre e Espada, comendador da Ordem de Cristo, tenente-general, inspector geral de cavalaria, vogal do Supremo Conselho de Justiça Militar, conselheiro de Estado em 1821 e deputado às cortes em 1826, sucedeu a seu pai a 3 de Novembro de 1813 no título de conde.

Nasceu a 6 de Janeiro de 1762 e casou duas vezes: a primeira a 31 de Dezembro de 1783 com D. Joaquina Maria Rita José Eustáquio de Melo, que nasceu a 20 de Setembro de 1765 e faleceu a 29 de Novembro de 1785, terceira filha dos primeiros Marqueses de Sabugosa; a segunda em 1787 com D. Maria Inês de Albuquerque Mendonça Furtado, sua prima, que nasceu a 22 de Junho de 1763 e faleceu a 26 de Novembro de 1815, filha e herdeira de João de Sampaio Melo e Castro, moço fidalgo, porteiro-mor da Casa Real, governador da Torre de S. Julião da Barra e tenente-general, que nasceu a 18 de Agosto de 1722 e faleceu a 6 de Março de 1799, e de sua segunda mulher D. Violante Maria Catarina de Albuquerque Mendonça Furtado, senhora dos morgados da casa da Cova.

Do segundo matrimónio deixou a seguinte descendência:

I. *D. Violante Maria,* condessa de Sampaio, que nasceu a 22 de Maio de 1788 (15º, adiante citado).

II. *D. Teresa Delfina,* condessa de Peniche, que nasceu a 31 de Janeiro de 1790.

III. *D. Maria Inês,* que nasceu a 22 de Fevereiro de 1796 e faleceu a 30 de Setembro de 1823, tendo casado a 13 de Fevereiro de 1818 com D. José Maria Carlos de Noronha Ribeiro Soares, do qual foi primeira mulher.

IV. *D. Maria Vitória,* condessa de Redinha, que nasceu a 28 de Março de 1798.

V. *D. Maria da Arrábida,* que nasceu a 1 de Novembro de 1801.

VI. *D. Leonor Maria,* que nasceu a 26 de Janeiro de 1803.

(506) PINTO; SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares do Reino* de *Portugal,* Lisboa 1838, p. 203.
A genealogia dos Sampaios, senhores de Vila Flor, pode ver-se em COSTA, Carvalho da – *Corografia Portuguesa*, tomo I, p. 469.

15º D. Violante Maria Rita de Sampaio de Albuquerque Mendonça Furtado Melo e Castro Torres Lusignan, terceira Condessa de Sampaio, sucedeu a sua mãe nos morgadios da Cova a 15 de Outubro de 1823.

Casou a 11 de Julho de 1812 com seu tio paterno António de Sampaio Melo e Castro, conde de Sampaio, par do reino em 1826, viador da princesa viúva D. Maria Benedita e depois da infanta D. Isabel Maria, cavaleiro da Ordem da Torre e Espada e coronel de cavalaria, que nasceu a 2 de Outubro de 1783, quinto filho dos primeiros condes de Sampaio.

Descendência:

I. *Manuel António,* quarto Conde de Sampaio, cavaleiro da Ordem da Torre e Espada. Serviu em toda a guerra da Restauração, distinguiu-se na batalha de Almoster e finda a campanha pediu a sua demissão. Nasceu a 28 de Junho de 1813.

II. *D. Maria Inês,* que nasceu a 31 de Janeiro de 1817.

III. *Sebastião Maria,* que nasceu a 28 de Maio de 1823.

Francisco Botelho de Morais, familiar do Santo Ofício e capitão-mor de Moncorvo, onde nasceu a 13 de Julho de 1646, faleceu em 1717.

Era filho de Paulo Botelho de Morais, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Isabel Coelho.

Frequentou a Universidade de Coimbra, não tendo concluído o curso devido à morte de um seu contrário em desafio. «Foi sujeito de grande prudência e capacidade, e muito inteligente na História e na Política», conforme escrevia o seu terceiro filho, Paulo Botelho de Morais, numa carta para José Freire de Monterroio Mascarenhas, existente no códice 285 da *Colecção Pombalina* da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Fundou um morgadio com obrigação de os seus administradores usarem do apelido Botelho.

Escreveu as seguintes obras:

Nobiliário das Famílias nobres de Portugal e particularmente das da província de Trás-os-Montes, 1685. Manuscrito in-fólio.

Árvores de Costado das casas ilustres de Portugal, e dos Príncipes da Europa, 1687. Manuscrito in-fólio.

Tratado das coisas particulares da província de Trás-os-Montes, por intervenção e aviso de Tristão da Cunha, mestre de campo general que governava as armas nela e são as notícias que se deram à estampa no tomo I da Corografia Portuguesa do Padre Carvalho da Costa, e correm desde as páginas 419 até 521.

Origem e Progresso da grande e antiga casa de Vila Flor, e notícia das

linhas genealógicas da sua ascendência e descendência, ramos colaterais, e suas excelências e prerogativas, 1689. Manuscrito in-fólio com uma árvore de costado dos sétimos avós de Francisco José de Sampaio Melo e Castro, terceiro de nome e undécimo senhor da vila e casa de Vila Flor, a quem a obra foi dedicada.

Mateus de Sá Pereira, filho de Francisco Pereira de Sampaio, sargento-mor de ordenanças de Moncorvo, e de D. Maria de Almeida de Mesquita, escreveu uma genealogia dos Sampaios.

A casa dos condes de Sampaio em Vila Flor pertence agora, por compra, bem como a maior parte das suas enormes propriedades, ao doutor Francisco Guerra, natural de Sendim de Miranda, a quem nos referiremos em *Vila Flor.*

SANCERIZ

Em 1640 eram vários os herdeiros da capela de Santo Ildefonso, sita em Sanceriz, e citam-se os seus nomes no documento donde tiramos esta notícia [507].

SANTA COMBA DA VILARIÇA

Luís Bernardo de Almeida e Sousa, que residiu em Santa Comba, termo de Vila Flor, era filho de João de Almeida de Sousa e de D. Catarina de Azevedo.

Neto paterno de João de Almeida e Sousa de Mesquita (irmão inteiro de Francisco da Costa Monteiro de Mesquita e Sousa) e de D. Isabel de Figueiredo.

Seus pais e avós foram pessoas muito nobres, e consta procederem: de Lopo Martins de Mesquita, o primeiro a quem foram dadas as armas e apelidos de Mesquita pelo rei D. Afonso V; de Pedro Lourenço de Castro, irmão da mãe de D. João I e de João de Almeida de Mesquita, fidalgo escudeiro da casa do infante D. Duarte, por alvará de 14 de Agosto de 1540,

(507) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

do qual consta que seu pai e avô eram também fidalgos, descendentes de casas e famílias muito nobres da província de Trás-os-Montes.

Teve por escudo as armas dos Sousas, Almeidas, Mesquitas e Monteiros.

Foi-lhe passado este brasão a 23 de Agosto de 1753 e está registado no *Cartório da Nobreza, livro particular,* fol. 62 v.[508].

SANTA CRUZ DA CASTANHEIRA, SÃO FINS DA CASTANHEIRA E VILARTÃO

Embora estas terras não pertençam ao distrito de Bragança, diremos contudo algo da sua fidalguia pela ligação que tem com a daquele:

Álvaro de Frias de Morais Sarmento, senhor da casa e morgadio de Vilartão, que fica junto à vila de Monforte de Rio Livre, foi tenente de cavalaria ligeira de Bragança em 1762, e, deixando a vida militar, casou na vila do Fundão, província da Beira, com D. N. de quem até ao ano de 1777 não tinha sucessão.

Era filho de Álvaro de Morais Soares, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão de cavalaria e senhor da casa e morgadio de Vilartão, e de D. Rosa de Morais Sarmento e Losada, sua prima, filha de Manuel de Morais de Frias Sarmento, quinto senhor do morgadio de Carrazedo, e de D. Josefa Ferreira Sarmento e Losada, sua prima, aos quais nos referiremos em *Vinhais* – Família *Morais Sarmentos.*

Neto paterno de António de Sá Pereira do Lago, cavaleiro da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, capitão-mor de Monforte de Rio Livre, e de D. Francisca de Morais Castro, filha de António de Morais Castro, juiz dos órfãos de Monforte de Rio Livre (neto paterno de Gonçalo de Morais, natural de Lisboa, que depois de viúvo foi abade de Santa Valha, e de D. Cecília da Costa, natural de Lisboa; neto materno de Gregório de Morais, padroeiro da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, e do morgadio de Santa Catarina, em Chaves, e de D. Catarina Veloso Teixeira, filha de Martinho Teixeira Homem, comendador da Ordem de Cristo), e de D. Maria de Sá Vilares, neta paterna de Manuel Pinheiro de MeIo, capitão-mor de Monforte de Rio Livre.

(508) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 447.

Segundo neto paterno de Rodrigo de Sá Soares, natural de Santa Cruz da Castanheira, onde residia (filho de Simão Dias, natural de Águas Frias e de D. Francisca Pereira do Lago), e de D. Maria Pereira do Lago, filha de Gonçalo Pereira do Lago, natural de Águas Frias, e de D. Ana Álvares Teixeira, natural de Chaves, filha de Rodrigo Álvares Teixeira, natural de Chaves.

Terceiro neto paterno de Rodrigo de Sá Soares, que residia em Santa Cruz da Castanheira, e de D. Ana Gomes Teixeira, filha de Gaspar Gomes Teixeira, capitão-mor de Monforte de Rio Livre.

Quarto neto paterno de Aleixo Gonçalves Soares, que residia em Santa Cruz da Castanheira, filho de Gonçalo Aires de Sá (509).

As notícias que a seguir inserimos são extraídas de um códice de que já fizemos descrição em *Bragança* – Família *Ferreiras,* pág. 107:

1º GONÇALO AIRES DE SÁ, natural da vila de Alfândega da Fé, da família dos Sás, desta vila, residiu no lugar da Castanheira, termo da vila de Monforte de Rio Livre.

Casou com D. Maria Teixeira, natural do lugar de Santa Cruz, termo da vila de Monforte.

Descendência:

2º ALEIXO GONÇALVES SOARES, que residiu em Santa Cruz da Castanheira e casou com D. Perpétua de Sá, natural do lugar de Santa Cruz, freguesia de Chaves.

Descendência:

I. *Rodrigo de Sá Soares* (3º, adiante citado).

II. *António de Sá Soares* (9º, adiante citado).

III. *Gonçalo Aires de Sá,* que foi provisor em Leiria e depois abade de Vinhais, onde está sepultado.

IV. *D. Catarina de Sá* que foi aia de uma das rainhas de Portugal antes da perda de El-Rei D. Sebastião.

V. *D. Isabel Pinheira* (11º, adiante citado).

Aleixo Gonçalves Soares casou em segundas núpcias com D. Helena de Góis, natural do bairro de Crespos, de Vinhais, filha ou neta de D. Francisco da Nóvoa Sarmento Cadorniga, da casa dos marqueses de Mesquita, da Galiza, irmão inteiro de um deles.

(509) PINTO, D. Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*

Descendência:

I. *Álvaro de Morais Soares* (13º, adiante citado).

II. *Pero Aires Soares* (14º, adiante citado).

III. *Manuel Soares,* que foi abade de Vilar de Peregrinos.

Paulo de Góis morreu ordenado de epístola, acompanhando seu irmão:

IV. *Álvaro de Morais Soares* e Gaspar Ferreira Sarmento, casado com sua sobrinha D. Ana Vaz Teixeira, em uma pendência que grande número de seus parentes teve na vila da Castanheira, com o abade Pero de Castro, caiu mortalmente ferido do golpe de uma pelota.

V. *Maria Soares,* que casou com António de Morais, da Castanheira, filho de Diogo de Morais, natural de Vilar de Ossos, e de D. Isabel Vaz Teixeira, da Castanheira.

Diogo de *Morais* era irmão inteiro de Gonçalo de Morais, o *Velho.*

3º RODRIGO DE SÁ SOARES, filho primeiro de Aleixo de Sá Soares, residiu no lugar da Castanheira e casou com D. Ana Gomes Teixeira, filha de Gaspar Vaz Teixeira, também da Castanheira.

Descendência:

I. *Rodrigo de Sá Soares* (4º, adiante citado).

II. *Francisco de Sá Soares* (6º, adiante citado).

III. *D. Catarina de Sá Soares,* que casou com João de Barros, do lugar de Santa Cruz.

IV. *D. Maria Pinheira.*

4º RODRIGO DE SÁ SOARES, residiu em Castanheira e casou com D. Maria Pereira do Lago, filha de Gonçalo Pereira do Lago, do lugar de Águas Frias, terra de Monforte, e de D. Ana Lopes, de Chaves.

Gonçalo Pereira era filho de Simão Dias e de D. Francisca Álvares Pereira do Lago

Descendência:

I. *António de Sá Pereira do Lago* (5º, adiante citado).

II. *Francisco de Sá Pereira do Lago,* que casou com D. Francisca de Lobão, de Mosteiro.

III. *D. Maria de Sá Pereira do Lago,* que casou com Pedro Aires Machado, governador de Monforte (17º, adiante citado), sem descendência.

IV. *D. Ana de Sá Pereira,* que casou com seu primo Baltasar Ferreira Sarmento, de Bragança, com descendência (ver em *Bragança – Ferreiras,* pág. 70).

5º ANTÓNIO DE SÁ PEREIRA DO LAGO, residiu na Castanheira e serviu com satisfação nas guerras que se deram depois da aclamação de El-Rei D. João IV, tendo-lhe sido conferido o hábito de Cristo com tença.

Casou com D. Francisca de Morais, natural do lugar de Sonim, filha de António de Morais Castro, juiz dos órfãos de Monforte.

Descendência:

I. *Rodrigo de Sá Pereira.*

II. *Francisco de Sá Pereira do Lago.*

III. *João de Sá Pereira do Lago,* prior de Santa Maria de Bragança, vigário da mesma cidade e comissário do Santo Ofício.

IV. *Álvaro.*

V. *Baltasar.*

VI. *Manuel.*

VII. *Gaspar.*

VIII. *Caetano.*

IX. *Pedro.*

X. *António*

XI. *D. Maria.*

XII. *D. Francisca.*

XIII. *D. Ana.*

XIV. *D. Sebastiana.*

XV. *D. Antónia.*

XVI. *Belchior.*

XVII. *Brás.*

6º Francisco de Sá Soares, filho segundo de Rodrigo de Sá Soares, residiu na Castanheira e casou com D. Maria Pinheira, natural do lugar de Sonim, filha de Francisco Botelho. Sem descendência.

Foi seu filho natural:

7º Jerónimo de Sá, que residiu na quinta da Sobreira, terra de Monforte, e casou com D. Maria Pinheira, filha de António Pinheiro de Melo e de sua segunda mulher D. Jerónima Pereira.

Descendência:

I. *José de Sá Pereira* (8º, adiante citado).

II. *D. Jerónima de Sá,* que casou com António de Morais Borges, filho de Manuel de Morais Borges, de Rio de Fornos de Vinhais.

III. *D. Francisca de Sá,* que faleceu solteira.

8º José de Sá Pereira, residiu na quinta da Sobreira e casou «á sua vontade e sem aseytação de seos parentes» com D. Paula de Azevedo, natural das alturas de Barroso.

9º António de Sá Soares, filho segundo de Aleixo Gonçalves Soares, casou com D. Filipa Rodrigues Carneiro, natural de Chaves.

Descendência:

I. *António Pinheiro,* clérigo.

II. *Frei Aleixo,* frade de S. Francisco.

III. *João de Osório* (10º, adiante citado).

IV. *D. Perpétua de Sá,* que casou com Cristóvão da Silva, o *Fulano,* da quinta de Ruaçós, de Vinhais. Com descendência.

V. *D. Catarina de Sá.*

VI. *D. Leonor Gomes* (estas duas não casaram).

VII. *D. Maria de Osório,* que casou com Manuel da Silva Barroso, do lugar de Rebordelo, sendo já viúvo e com filhos da primeira mulher. Do segundo matrimónio também teve filhos de que há descendência.

10º João de Osório, casou com Jerónima de Castro, filha de Gonçalo de Lemos, do lugar da Castanheira.

Descendência:

D. Maria de Osório, que casou com Manuel de Morais Sarmento, cristão velho, de Vinhais. Com descendência.

11º D. Isabel Pinheira, filha de Aleixo Gonçalves Soares, residiu na Castanheira e casou com Vasco Anes Teixeira.

Descendência:

I. *D. Ana Vaz Teixeira* (12º, adiante citado).

II. *D. Isabel Pinheira,* que casou com Simão de Melo Leitão, de Monforte. Com descendência.

III. *D. Brites de Sá.*

12º D. Ana Vaz Teixeira, residiu em S. Fins da Castanheira e casou com Gaspar Ferreira Sarmento, da vila de Vinhais, filho de Cristóvão Ferreira de Sá e de D. Maior Sarmento.

Descendência:

I. *Cristóvão Ferreira Sarmento,* que morreu no *Abansse* da praça de Alcanices. Sem descendência.

II. *D. Ana Ferreira,* que casou com seu primo coirmão João Ferreira Sarmento Pimentel, de Bragança. Sem descendência.

III. *D. Isabel Ferreira,* que casou com Pascoal de Frias, morgado de Carrazedo (ver em *Bragança – Ferreiras,* pág 71).

IV. *D. Maria da Assunção,* freira em Santa Clara de Bragança.

13º Álvaro de Morais Soares, sexto filho de Aleixo Gonçalves Soares e de sua segunda mulher, residiu em Vilartão e casou com D. Maria Teixeira, filha de Gaspar de Lobão do lugar de Vilartão cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Maria de Morais, filha de Diogo de Morais, de Santa Cruz da Castanheira. Sem descendência.

Instituiu um morgadio, dos melhores da província de Trás-os-Montes, e nomeou para primeiro administrador o seu sobrinho Pero Aires Soares Machado, governador de Monforte.

Dizemos acima que Álvaro de Morais Soares não teve descendência. Assim seria ao tempo em que foi escrito o códice de onde extraímos estas notícias, porém, de vários documentos existentes no Museu Regional de Bragança consta que teve um filho, de que a seguir damos notícia, mencionando também os nomes de seus pais, por os seus apelidos fazerem diferença, e estes serem extraídos de documentos autênticos do registo paroquial:

ANTÓNIO XAVIER DE FRIAS SARMENTO, de Vilartão, era filho de Álvaro de Morais Soares, de Vilartão, e de D. Maria Rosa de Frias Sarmento, de Carrazedo (alguns documentos dizem que era de Vinhais).

Casou com D. Francisca Rita Pereira do Lago, de Mosteiro, freguesia da Castanheira, concelho de Monforte de Rio Livre, filha de José de Morais Sá Pereira do Lago, natural de Santa Cruz, freguesia da Castanheira, concelho de Chaves, e de D. Caetana Teresa de Sampaio e Pinto, natural da Ferradosa, freguesia de Fradizela.

Descendência:

I. *Francisco António Xavier de Morais Soares,* que nasceu em Vilartão a 26 de Novembro de 1795, recebeu ordem de missa em 1820.

II. *João Baptista Frias Soares.*

III. *José António Frias.*

IV. *Joaquim Eusébio de Frias.*

V. *António Telésforo Frias.*

Os quatro últimos requereram em 1808 habilitação de *genere* para receber ordens menores (510).

14º PERO AIRES SOARES, sétimo filho de Aleixo Gonçalves Soares e de sua segunda mulher, residiu em Bragança e casou com D. Maria Mendes de Sá, filha de António Machado, da vila do Vimioso, e de D. Joana Mendes de Sá, de Bragança.

Descendência:

I. *Aleixo Soares* (15º, adiante citado).

II. *Pero Aires Soares Machado* (16º, adiante citado).

III. *Manuel Soares,* abade de Alfaião.

Pero Aires Soares teve um filho bastardo:

Aires Soares (19º, adiante citado).

15º ALEIXO SOARES, nasceu em Bragança, onde residiu, a 24 de Julho de 1665 e casou com D. Maria de Buitrão, filha de Sebastião de Figueiredo Sarmento, de Bragança.

Está sepultado em Santa Maria de Bragança, na capela dos Figueiredos.

(510) Museu Regional de Bragança, maço *Ordinandos – Vilartão.*

Descendência:

I. *Pero Soares de Figueiredo Sarmento* (16º, adiante citado).

II. *Sebastião de Figueiredo,* abade de Alfaião.

III. *D. Mariana,* que casou com João da Rocha de Figueiredo, filho de Francisco da Silva Barreto e de D. Perpétua da Rocha, de Vinhais. Sem descendência.

IV. *D. Inácia.* Sem descendência.

16º Pero Soares de Figueiredo Sarmento, residiu em Bragança e foi cavaleiro da Ordem de Cristo e sargento-mor de infantaria (à margem, uma nota de caligrafia diferente diz: «foi coronel de hum regimento de infantaria») do terço de Bragança.

Casou com D. Perpétua da Rocha, filha do doutor Francisco da Silva Barreto e de D. Perpétua da Rocha, de Vinhais.

Descendência:

Aleixo Raimundo, que casou em 29 de Dezembro de 1716 com D. Rosa Maria Teresa, filha de Lázaro de Figueiredo Sarmento e de D. Maria de Morais Pimentel.

17º Pero Aires Soares Machado, segundo filho de Pero Aires Soares, residiu em Vilartão.

Era familiar do Santo Ofício e foi governador do castelo de Monforte no ano de 1705.

No códice de onde extraímos estas notícias há a seguir, em caligrafia diferente:

Casou com D. Maria de Sá Pereira do Lago, filha de Rodrigo de Sá e de D. Maria Pereira do Lago (4º, atrás citado).

Descendência:

I. *Álvaro de Morais Soares* (18º, adiante citado).

II. *Rodrigo de Morais Soares,* abade de Vale da Porca.

III. *António de Sá Pereira,* capitão de cavalaria.

IV. *Francisco de Sá Pereira,* clérigo.

V. *D. Maria Teresa.*

VI. *D. Ana Francisca,* ambas freiras no convento de S. Bento da cidade de Bragança e outros que faleceram.

18º Álvaro de Morais Soares, filho de Pedro Aires Soares Machado, foi capitão de cavalaria do regimento ligeiro e familiar do Santo Ofício.

Casou com D. Catarina de Lobão, filha de António de Sá Vilhegas, do lugar das Arcas, e de D. Maria Carneiro, do lugar de Podence; neta paterna de Paulo de Sá e de D. Antónia de Lobão, do lugar das Arcas, neta materna de Bartolomeu Nunes da Costa e de D. Maria Carneiro, do lugar de Podence.

Descendência:
I. *Álvaro.*
II. *D. Joana,* que faleceu noviça no convento de S. Bento.
III. *D. Inácia,* freira no mesmo convento.

ANTÓNIO DE SÁ PEREIRA DO LAGO, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e sua mulher D. Francisca de Morais, que residiram em Santa Cruz da Castanheira, concelho de Monforte de Rio Livre, hoje de Chaves, erigiram em 1693 uma capela na povoação, dedicada a Santo António (511).

BALTASAR FERREIRA SARMENTO PIMENTEL, natural de São Fins da Castanheira, filho de João Ferreira Sarmento de Lozada, fidalgo da Casa Real.

Neto de João Ferreira Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 24 de Outubro de 1739 (512).

SANTA VALHA

1º JERÓNIMO DE MORAIS e sua mulher D. Francisca de Morais doaram em 1655 bens com vínculo de morgadio à capela de Santo António, por eles fundada na povoação de Santa Valha, concelho de Vale Passos (513).

2º JERÓNIMO DE MORAIS CASTRO, que residiu em Santa Valha, obteve em 1722 licença para abrir um arco na igreja matriz da povoação, onde edificaria uma capela dedicada ao *Ecce Homo* (514).

3º SEBASTIÃO JOSÉ TEIXEIRA DE BARROS, e sua cunhada D. Maria Josefa de Morais Sarmento, de Santa Valha, obtiveram em 1788 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (515).

4º FRANCISCO ANTÓNIO HOMEM, da quinta das Teixugueiras, freguesia de Santa Valha, erigiu em 1834 uma capela na referida quinta (516).

SANTULHÃO

1º JOÃO AFONSO FREIRE (ver *Babe,* pág. 19), bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso a 18 de Março de 1736, faleceu em Santulhão a 17 de Julho de 1794.

(511) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(512) *Livro 31 das Mercês de El-Rei D. João V*, fol. 36.
(513) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(514) Ibidem.
(515) Ibidem.
(516) Ibidem.

Era irmão de Francisco Afonso Freire, também bacharel em cânones pela mesma Universidade, onde concluiu a formatura a 22 de Abril de 1762, e tio do doutor José Manuel Afonso Freire, também natural de Santulhão, concelho do Vimioso, que fez testamento em 1841 deixando por herdeiro seu sobrinho Adrião Afonso Freire, filho de seu irmão Francisco Afonso Freire (517).

2º Padre MANUEL AFONSO FREIRE, de Santulhão, faleceu a 28 de Janeiro de 1810 deixando por testamenteiro seu sobrinho (518):

3º FRANCISCO ANTÓNIO AFONSO FREIRE, monteiro-mor, filho de Mateus Afonso, de Santulhão, e de D. Maria Rodrigues, de Donai, que casou com D. Maria Mendes, filha de Manuel Mendes, de Talhas, e de D. Maria José Martins, da Matela.

Descendência:

4º ADRIÃO AFONSO FREIRE, que nasceu em Santulhão a 22 de Maio de 1833.

5º D. MARIA DOS SANTOS AFONSO FREIRE, neta do precedente, nasceu em Santulhão a 1 de Novembro de 1884 e casou pelos anos de 1903 com seu primo Francisco Joaquim Rodrigues, de Lagoa, concelho de Bragança. (Ver *Argoselo,* pág. 18.)

Damos a seguir cópia dum documento original em pergaminho existente em Santulhão em poder da família Adrião, descendente do agraciado pela real mercê, para se julgar dos privilégios dos monteiros-mores existentes em todas as terras cabeças de concelho, e para avaliarmos pelas suas isenções, dos ónus pendentes sobre o povo:

«D. João por graça de Deus Rei de Portugal... confiando eu de Francisco Antonio Affonso Freire do lugar de Santulhão confinante com a villa de Algozo... Hei por bem fazer-lhe mercê da propriedade do officio de Monteiro Mór da mesma villa de Algozo e seu Distrito que se acha vago por fallecimento de João de Castro e Carvalho... e o servirá conforme a Ordem e estillo de Minhas montarias e os moradores da dita villa e seu Distrito lhe obedecerão nas ordens que lhes der para se fazerem montarias, aos quaes mandará notificar dia certo em que ellas se hão de fazer... e as pessoas que não acudirem e desobedecerem ás suas ordens elle Monteiro Mór as denunciará, perante os juizes ou corregedores da comarca os quaes ordenaram o comprimento de justiça que lhes parecer: pelo que Quero e Mando que elle dito Meu Monteiro Mór dos Lobos e mais

(517) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro dos testamentos de *Outeiro* de 1838, fol. 144.
(518) Ibidem, livro 48, fol. 4.

bichos... não sirva por mar nem por terra, salvo commigo havendo eu de ir em pessoa ou com meus filhos... que não seja pessoa nenhuma tão ousada que pouse com elle em sua casa de morada contra sua vontade, nem lhe tomem adegas, cavalarices, pão, vinho, roupa, palha, sevada, bestas de sella ou de albarda ou outra cousa alguma de seu uzo que não pague fintas, peitas, talhas, aduanas, pedidos ou emprestados, nem seja tutor ou curador de pessoa alguma... nem vá com prezos ou com dinheiros, nem pague em bolças, fontes, pontes, calçadas, caminhos, nem sirva officios de concelho contra sua vontade... que não pague pegada de trinta alqueires de semeadura, nem outavo de pão, vinho, linho nem de outra qualquer cousa que em suas terras lavrar...

Lisboa 5 de Março de 1803».

SÃO MARTINHO DO PESO

Manuel Caetano de Carvalho, de São Martinho do Peso, concelho do Mogadouro, casou com D. Maria Caetana de Morais e faleceu a 4 de Julho de 1820.

Descendência:

I. *D. Joaquina,* que casou no Vimioso.

II. *D. Joana.*

III. *D. Luísa.*

IV. *D. Caetana.*

V. *D. Rita,* que casou no Mogadouro e recebeu em dote oito mil cruzados.

VI. *Manuel Inácio.*

Manuel Caetano de Carvalho tinha um genro de nome Paulo, marido, ao que parece, de D. Caetana, e um tio de nome João de Carvalho.

É interessante o seu testamento pela menção das alfaias que apresenta dadas às filhas em dote [519].

SÃO PEDRO DOS SARRACENOS

1º Antóno Gonçalves Freire, presbítero, de S. Pedro dos Sarracenos, concelho de Bragança, erigiu em 1694 uma capela dedicada a Santo António, na mesma povoação, junto das suas casas de moradia [520].

(519) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* liv. 127, fol. 4.
(520) Ibidem, maço *Capelas.*

2º D. Madalena Teresa Bernardina Videira, de São Pedro dos Sarracenos, casou com Carlos Valeriano Leitão Bandeira e faleceu a 7 de Julho de 1833.

Descendência:

I. *António Carlos Leitão Bandeira.*

II. *Manuel Carlos Leitão Bandeira* (521).

3º D. Sebastiana Gonçalves Videira, de São Pedro dos Sarracenos, faleceu a 6 de Março de 1829, deixando por testamenteiro seu cunhado Carlos Valeriano Leitão Bandeira. Tinha irmãos: D. Madalena, D. Maria Antónia e «o Padre Mestre» (não indica o nome) (522).

SÃO SALVADOR

Manuel António Pereira do Lago, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e sua mulher D. Doria Luísa de Morais, de São Salvador, concelho de Mirandela, erigiram em 1752 uma capela dedicada a Nossa Senhora da Alegria, na referida povoação, junto às suas casas de moradia (523).

SÃO VICENTE DA RAIA

Afonso Rodrigues e sua mulher, fundaram a capela de São Vicente da Raia, concelho de Chaves, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, da qual em 1761 era administrador o padre José Álvares Teixeira, de Oucidres (524).

SARZEDA

1º Miguel Pires Afonso, de Sarzeda, concelho de Bragança, herdeiro de um padre fundador de uma capela na referida povoação, requereu em 1757 para que as propriedades legadas à mesma fossem avaliadas (525).

(521) Museu Regional de Bragança, *Cartório Adiministrativo,* livro 212, fol. 79, onde vem o seu testamento.
(522) Ibidem, livro 167, fol. 2 v.
(523) Ibidem, maço *Capelas.*
(524) Ibidem.
(525) Ibidem.

2º D. Maria da Glória, filha de Afonso Pires e de D. Joana Rodrigues, de Sarzeda, onde nasceu a 10 de Junho de 1696, professou em 1728 no convento de São Bento de Bragança (526).

SELAS [CELAS]

João Gonçalves, presbítero, de Celas, concelho de Bragança, obteve em 1727 licença para edificar uma capela na povoação, junto às suas casas de moradia, dedicada a S. João Baptista (527).

SELORES

1º António de Morais Mesquita, presbítero, filho de André Rodrigues de Mesquita, natural de Fonte Longa, concelho de Carrazeda de Ansiães, e de D. Maria de Morais, foi confirmado em Selores, concelho de Carrazeda de Ansiães, e aí fundou a capela de S. Caetano a que vinculou bens (528).

2º António de Morais. O bispo do Porto, D. Frei Gonçalo de Morais, falecido em 1617, fundou um morgadio numa capela que mandou fazer, contígua ao seu palacete em Selores, onde passou a sua infância, para sepultura de seus maiores, à qual vinculou bens ajuntando-lhe uma renda de 80.000 réis e chamou para administrador deste vínculo seu irmão António de Morais (529).

A este bispo nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Na verga da porta desta capela há a seguinte inscrição gravada em granito com algumas letras inclusas e conjuntas:

CAP. Q. MANDOV FAZER Dº G.LO DE MORAIS
B PO DO PTº P.A S.A DE SEVS PAIS E IRMAO AN
Tº DE MORAIS E DE NS 1616.

(526) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de São Bento.*
(527) Ibidem, maço *Capelas.*
(528) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico,* tomo I, fol. 208, 222 e 228.
(529) CUNHA, Rodrigo da – *Catálogo e História dos Bispos do Porto,* part. 2ª, p. 361.

Dentro da capela, numa sepultura rasa de granito, há a seguinte inscrição:

S.ª
DE ANTº DE
DE MORAIS
PRº MINITRA
DOR DESTA CAP.
ONDE SE EMTER
AN OS OSOS DE
SEVS PAIS. 616

Esta capela, de tecto apainelado em caixões de granito, está profanada, ou quase, e pertence por compra, bem como metade do palacete, que é muito elegante e um dos melhores no género do distrito, ao padre João Eduardo Evangelista Sampaio de Mariz e Castro, pároco de Vinhais.

O ofício de escrivão da Câmara de Ansiães era da nomeação e eleição anual desta, mas em 1596 foi dada a propriedade do mesmo ofício a António de Morais de Mesquita, da vila de Ansiães, e o primeiro capitão-mor que nesta vila e concelho houve foi António de Morais, irmão do bispo do Porto, D. Gonçalo de Morais de Mesquita, fundador do morgadio dos Mesquitas, de Selores (530).

De um documento manuscrito, avulso, que, a julgar pelo texto, deve ter sido escrito em 1823, extraímos as notícias que a seguir publicamos.

Este documento deve ser o complemento de outros, que não vimos.

3º Francisco de Morais da Mesquita e Castro, que na ordem do nascimento foi o terceiro filho de António de Morais da Mesquita Pimentel, senhor da casa e morgadio de Selores, no concelho de Ansiães (531), e de

(530) *Memórias Etimológicas de Anciães.*

(531) Do *Livro Genealógico Primeiro e Segundo Tomos. Ano de 1804,* pelo padre Frei Manuel Bernardo de Magalhães e Sousa, tomo I, fólio 197, extraímos as seguintes notícias:
O doutor António de Morais da Mesquita cursava a Universidade de Coimbra pelos anos de 1635 e foi segundo morgado de Selores, capitão-mor da vila de Ansiães, juiz de fora de Guimarães, auditor geral da gente de guerra da província de Trás-os-Montes e cavaleiro professo da Ordem de Avis.

D. Isabel da Mesquita e Castro, sua prima, natural de Vilarinho da Castanheira, nasceu em Selores e foi ali baptizado a 30 de Setembro de 1626.

Era fidalgo da Casa Real e casou por escritura de 5 de Março de 1649 com sua prima em terceiro grau D. Maria de Castro Osório, senhora da quinta da Salgosa, filha de João Ribeiro da Fonseca e de D. Isabel de Castro Osório, filha de Tristão Bordalo de Moura e de D. Filipa de Castro.

Sucedeu no morgadio do Souto por falecimento de seu primo António Osório de Morais Castro, quinto senhor deste morgadio.

Descendência:

I. *Francisco de Morais da Mesquita e Castro* (4º, adiante citado).

II. *D. Isabel da Mesquita e Castro* (6º, adiante citado).

III. *João Ribeiro da Fonseca e Castro,* colegial de S. Paulo e lente de direito na Universidade, que casou com D. Isabel de Vasconcelos São Paio, filha de Rodrigo Homem Ribeiro, senhor do morgadio de Taboza, governador de Castelo Rodrigo, e de sua primeira mulher D. Maria de São Paio. Sem descendência.

4º Francisco de Morais da Mesquita e Castro, serviu os lugares de letras, foi duas vezes procurador em cortes por Moncorvo, familiar do Santo Ofício, fidalgo da Casa Real, cavaleiro de Cristo, senhor do morgadio do Souto e da quinta de Salgosas.

Casou por escritura de 27 de Outubro de 1697, feita na vila do Souto nas notas do tabelião João Fernandes de Gouveia, com sua prima em ter-

---

Era filho de António de Morais, primeiro morgado de Selores, capitão-mor de Anciães, e de D. Isabel da Mesquita Pimentel, sua segunda prima, natural de Vilarinho da Castanheira.

António de Morais, primeiro morgado de Selores, era filho legítimo de Gaspar da Mesquita, natural de Selores, e de D. Luísa de Meireles, filha de Gonçalo Pinto e de D. Isabel da Mesquita.

Neto de Fernando da Mesquita, natural de Anciães, e de D. Brites de Morais, irmã inteira de António de Morais, o *Velho,* e de D. Frei Gonçalo de Morais, religioso de São Bento e bispo do Porto, todos três filhos de António Borges de Morais, natural de Vila Franca de Lampaças, e de D. Francisca de Morais, natural de Bragança, que residiram em Vila Franca de Lampaças.

D. Francisca de Morais, após a morte de seu marido, veio com seus filhos para Anciães e aí António de Morais, o *Velho,* por recomendação de seu irmão, bispo do Porto, instituiu o morgadio de Selores chamando para primeiro administrador dele o seu sobrinho António de Morais, o *Moço,* neto de sua irmã D. Brites e sobrinho de sua mulher D. Inês da Mesquita, em razão de que D. Inês da Mesquita era irmã de D. Isabel da Mesquita e de Paulo de Novais, de Anciães, e todos filhos de D. Alda de Meireles e de João de Prado, o *Velho,* que depois foram residir em Vale de Torno, termo de Vilarinho da Castanheira, onde faleceram.

D. Isabel da Mesquita casou com Gonçalo Pinto, filho legítimo do comendador Aires Pinto e de D. Teodora Ferreira, natural de Bragança, que residiram em Fonte Longa.

ceiro grau, D. Ana Maria de Castro Osório, senhora da quinta de Campelo, no concelho de S. João da Pesqueira, filha de João Ribeiro de Sousa e de D. Bárbara da Mesquita Osório, filha de Tristão Bordalo de Moura e de D. Filipa de Castro.

Descendência:

I. *Tomás Aires Pereira de Castro* (5º, adiante citado).

II. *Francisco Álvares de Távora,* formado na Universidade. Faleceu sem descendência.

III. *Gonçalo José de Sousa Vasconcelos de Castro,* beneficiado na Colegiada da Torre, doutor em direito, colegial de S. Paulo. Faleceu sem descendência.

IV. *Frei Gonçalo de Morais,* monge de S. Bernardo, mestre e doutor em teologia.

5º TOMÁS AIRES PEREIRA DE CASTRO, natural de Moncorvo, fidalgo da Casa Real, lente de Instituta na Universidade, sucedeu na casa e morgadio do Souto e da Torre de Moncorvo.

Casou em Bragança com sua prima D. Maria Caetana da Mesquita de Morais, filha de Domingos de Morais Pimentel, fidalgo da Casa Real e comendador de Babe na Ordem de Cristo, e de D. Luísa Caetana da Mesquita, natural de Mirandela, sua prima, filha de Belchior Luís Pinto Cardoso, senhor do morgadio de S. Tiago, coronel e governador de Monte Alegre, e de D. Rosa Maria da Mesquita, da casa de Abaças, sua prima [532].

(532) No documento de onde extraímos estas notícias há à margem o seguinte:
«Fernão Pires cavalleiro senhor da casa de Vila Flor. D. Maria Pinto Pereira da casa de Murça 2ª mulher.
João d'Almeida da Mesquita cavalleiro. Mecia de Moraes.
Fernando da Mesquita o *velho* Maria de Campo que foi a Africa cavalleiro fidalgo. D. Violanta Nunes de Meirelles sua prima.
Fernando da Mesquita procurador de cortes. D. Brites de Moraes Pimentel irmã do bispo instituidor.
Gaspar da Mesquita de Moraes Pimentel. D. Maria de Meireiles Pinto da Mesquita sua prima.
Antonio de Moraes da Mesquita Pimentel morgado de Sellores. D. Isabel da Mesquita e Castro de Villarinho da Castanheira.
Francisco de Moraes da Mesquita e Castro natural de Sellores. D. Maria de Castro Osório.
Francisco de Moraes da Mesquita e Castro, da Torre. D. Anna Maria de Castro Osorio.
Thomaz Ayres Pereira de Castro, da Torre. D. Maria Caetana da Mesquita de Moraes, de Bragança.
D. Luiza Caetana Clara da Mesquita Pimentel e Castro. Melchior Pereira Coutinho de Vilhena senhor da casa de Penedono. Sem geração».

Descendência:

I. *Francisco António Osório da Mesquita e Castro,* que nasceu na Torre em 1731.

Era fidalgo da Casa Real, senhor da casa, morgadios e quinta da Ermida, capitão de cavalaria, sargento-mor e ajudante do Governo da Beira.

Esteve despachado para enviado à Rússia e depois capitão general de S. Paulo, onde não chegou a ir por ter falecido em Lisboa.

Não casou, mas de uma mulher nobre de Freixo de Numão deixou a seguinte descendência:

D. Caetana Clara da Mesquita Pimentel e Castro, que lhe sucedeu nos prazos da casa e casou em S. Pedro do Sul com Cristóvão de Almeida, deixando grande descendência.

II. *D. Luísa Caetana Clara da Mesquita Pimentel e Castro,* que esteve contratada para casar com seu primo coronel Manuel Pinto Bacelar de Morais, casamento que não se realizou. Depois do falecimento de seu irmão casou com Belchior Pereira Coutinho de Vilhena, senhor da casa de Penedono, não deixando descendência.

O morgadio do Souto passou para João Osório da Veiga Cabral Caldeirão, de Vila Real, e, por seu falecimento, para José Osório Colmieiro de Morais da Veiga Cabral Caldeirão, seu sobrinho direito, que sucedeu também na casa de seu avô materno José Maria da Veiga, de Vila Real.

6º D. Isabel da Mesquita e Castro casou no Mogadouro com seu primo em quarto grau Gabriel Camelo de Morais, marechal de campo de auxiliares da comarca de Bragança, filho de Francisco Vaz Monteiro e de D. Marta de Lobão.

Residiram no Mogadouro e passaram depois para Chacim, onde Gabriel Camelo faleceu a 2 de Fevereiro de 1719.

Descendência:

I. *João Ribeiro da Fonseca* (7º, adiante citado).

II. *D. Margarida Rosa de Morais Castro,* que casou com Francisco Ribeiro Homem de Vasconcelos, capitão-mor de Cernancelhe, senhor do morgadio da Taboza, com descendência.

7º João Ribeiro da Fonseca, chamado o *Ribeirinho* (para o distinguir de seu tio materno do mesmo nome, lente da Universidade de Coimbra), sucedeu na casa de seus pais e foi capitão-mor de Cernancelhe, professo na Ordem de Cristo e familiar do Santo Ofício.

Casou duas vezes: a primeira em Crasto Vicente com D. Paula de Sá Taveira, sem geração; a segunda vez no Vedigal, concelho de S. João da Pesqueira, com sua prima D. Isabel Maria de Sousa da Mesquita, filha

de João Ribeiro de Sousa e de sua segunda mulher D. Maria da Mesquita.

Descendência:

I. *D. Francisca Maria Xavier Caetana Mesquita e Sousa* (8º, adiante citado).

II. *D. Tomásia da Mesquita e Castro,* que faleceu ainda menina.

III. *D. Isabel Luísa da Mesquita e Castro,* religiosa na Ribeira.

8º D. Francisca Maria Xavier Caetana da Mesquita e Sousa, sucedeu na casa de seus pais e casou em Vila Real (por escritura de 7 de Outubro de 1742, feita nas notas do tabelião António Correia Cabral, de Vila Real, na quinta de Guiães, pertencente a seu pai João António de Sousa de Morais Colmieiro) com José Maria da Veiga Cabral Lobo de Barbosa Caldeirão, fidalgo da Casa Real, filho de João da Veiga Cabral, marechal de campo de auxiliares de Vila Real, e de D. Ana Maria de Lacerda Barbosa, senhora do prazo e quinta de Palos.

Descendência:

I. *João Osório da Veiga Cabral*, que faleceu solteiro.

II. *Francisco Cabral de Barbosa*, capitão-mor, que faleceu solteiro.

III. *D. Maria Joaquina* (9º, adiante citado).

9º D. Maria Joaquina de Barbosa Cabral e Castro, casou com seu primo em terceiro grau Miguel Carlos Cardoso de Morais Colmieiro, fidalgo da Casa Real por alvará de 15 de Janeiro de 1750.

Descendência:

10º José Osório Colmieiro de Morais da Veiga Cabral Caldeirão, que nasceu em Murça de Panoias a 20 de Novembro de 1765 e casou em Bragança com D. Francisca Antónia de Figueiredo Sarmento, filha de Sebastião Jorge de Figueiredo Sarmento, fidalgo da Casa Real, capitão de infantaria, e de D. Mariana da Fonseca.

Tinha o foro de fidalgo-cavaleiro por alvará de 12 de Novembro de 1782.

Sucedeu na casa de seus pais, na casa de seu avô materno José Maria da Veiga e nos morgadios do Souto e da Torre de Moncorvo, em que tinha sucedido seu tio João Osório da Veiga Cabral.

Descendência:

I *António Colmieiro de Morais Osório da Veiga Cabral Caldeirão,* que acompanhou o conde de Amarante na revolução de Trás-os-Montes a favor do trono e do altar.

Sucedeu nas casas e morgadios de seu pai e era tenente-coronel de cavalaria do regimento nº 12. Pelos anos de 1823 ainda estava solteiro.

II. *D. Vicência.*

III. *D. Angélica.*

IV. *D. Maria,* todas três solteiras, a 3 de Agosto de 1823.

V. *D. Margarida Eugénia de Lacerda Barbosa,* que casou com Luís Monteiro Correia Pinto, de Cidadelhe.

Descendência:

a) Manuel Correia da Veiga e Câmara Monteiro.

b) José Maria Monteiro.

e) António Luís da Veiga, cónego e governador de Bragança. E outros.

SENDAS

António Pimentel de Abreu, abade de Sendas, concelho de Bragança, erigiu em 1729 uma capela junto às suas casas de moradia, dedicada a Santa Teresa [533].

SENDIM DE MIRANDA

Manuel Cordeiro, presbítero, suas sobrinhas D. Catarina Cordeiro e D. Luísa Cordeiro, José António Cordeiro, marido desta, e seus filhos, obtiveram em 1802 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia em Sendim de Miranda, onde residiam [534]. (Ver 10º em *Miranda – Capelas,* pág. 265).

SENHORA DA RIBEIRA

António do Carmo Pires nasceu em Castrelos, concelho de Bragança a 15 de Outubro de 1842 e faleceu pelos anos de 1923.

Era filho de António Caetano Pires e de D. Eugénia Pires, lavradores pobres.

(533) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(534) Ibidem.

Assentou praça no regimento de caçadores 3 e, desgostoso por ter sido preterido em uma promoção de oficial inferior, concluído o serviço militar, foi para o Brasil, onde, lutando contra a adversidade e rudes trabalhos, conseguiu arranjar meios de fortuna e, tendo-se relacionado com altas individualidades comerciais e políticas, fundou uma indústria de lanifícios das mais opulentas da América do Sul.

Nas visitas que fez a Bragança em Junho de 1899 e Maio de 1901 tornou-se benemérito digno de especial menção pelos valiosos donativos que distribuiu a diversos estabelecimentos de caridade e frequentes esmolas a famílias pobres.

Entre esses donativos avultam: em 1899 o de um conto de réis para a restauração do histórico templo da Senhora da Ribeira, no termo de Quintanilha; em 1901 o de 380.000 réis para obras de reparação na igreja matriz de Castrelos; o de duzentas libras em ouro destinadas à construção de um hospital civil em Bragança, com a promessa de outras dádivas e da abertura de uma subscrição entre a colónia brasileira (535). Também neste último ano dotou a sua terra natal com um relógio público.

Em 1899, tendo conhecimento do estado precário em que se encontravam alguns presos da cadeia civil de Bragança, deu 50.000 réis para se lhes comprar roupas (536).

Em 1901 ofereceu à Senhora da Ribeira vinte libras em ouro (537).

Sobre outros actos dignos de memoria praticados pelo visconde António do Carmo Pires, ver *Apontamentos da origem e Reparações do Templo de Nossa Senhora da Ribeira.*

(Ver *Junqueira da Vilariça,* pág. 237).

Por decreto de 8 de Março de 1900 foi nomeado comendador da Ordem Militar de Cristo e por decreto de 27 de Maio de 1905 foi-lhe conferido o título de visconde da Senhora da Ribeira (538).

(535) Ver *O Nordeste* de 31 de Maio e 7 de Junho de 1905.
(536) Ibidem de 14 e 28 de Junho de 1899.
(537) Ibidem de 29 de Maio de 1901.
(538) Ibidem de 31 de Maio de 1905 e a *Gazeta de Bragança* de 4 de Junho de 1905 onde lhe tecem merecidos elogios.

SERAPICOS

Francisco Lourenço Alves, de Serapicos, concelho de Bragança, erigiu em 1715 uma capela na mesma povoação dedicada a S. Lourenço [539].

SESULFE

Família Pinto Pereira do Lago Sarmento

1º António Miguel Pinto Pereira do Lago Sarmento faleceu em Sesulfe, concelho de Macedo de Cavaleiros, onde residia, a 26 de Novembro de 1816, deixando os bens do morgadio que possuía a sua mulher D. Rita.

Era filho de António Pinto Pereira do Lago, de Sesulfe, e de D. Leonor Caetana de Sá Sarmento, de Rio de Fornos.

Neto paterno de Manuel Pinto Pereira do Lago, de Sesulfe, e de D. Maria da Fonseca, de Castedo;

Neto materno de António de Morais Sarmento Buíça, de Rio de Fornos, e de D. Jerónima de Sá, das Açoreiras, concelho de Chaves.

2º Alexandre José Pinto, irmão do precedente, e que lhe sobreviveu, nasceu a 18 de Agosto de 1749 e recebeu ordens de subdiácono em 1773.

3º D. Teresa, irmã dos precedentes, que também sobreviveu ao primeiro citado.

Tinham ainda outro irmão que foi reitor de Alvites, já falecido quando do óbito do primeiro citado, que deixou três filhas: D. Teresa, D. Joana e D. Francisca Leonor [540]. (Ver 2º em *Arcas,* pág. 17 e *Rio* de *Fornos.*)

4º Manuel Pinto, capitão-mor de Sesulfe, e sua mulher D. Guiomar Antónia da Costa doaram bens, que se descrevem, à capela de Santo António, por eles mandada fazer na igreja paroquial de Sesulfe [541].

(539) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(540) Ibidem, *Cartório Administrativo, Registo de Testamentos,* livro 80, fol. 79.
(541) Ibidem, maço *Capelas.*

SOBREIRO

1.º João Gomes e Francisco Gomes, presbíteros, declararam em 1657 que Simão Gomes, abade que foi de Sobreiro, concelho de Vinhais, deixara bens em vínculo de morgadio, de que seria administrador o seu parente mais chegado que fosse padre. E como a vontade do abade era fazer uma capela, eles, cumprindo a vontade do seu ascendente, erigiram uma capela dedicada a S. Simão, numa cortinha sita na referida povoação.

Pelos anos de 1779 era administrador deste morgadio Martinho de Morais Sarmento, de Mirandela (542).

2º Domingos Rodrigues Pereira, de Sobreiró, diácono, erigiu em 1721 um altar, ou, melhor, uma capela, na «igreja nova que se fabrica no dito lugar em correspondência de outro que há-de fabricar João Pinheiro de Castro» sob a invocação de Santa Ana e S. Joaquim (543).

3º D. Maria Luísa de Morais Castro, filha de António de Faria Morais Soutelo, fidalgo de cota de armas, professo na Ordem de Cristo, tenente de cavalaria, e de D. Bernardina, ou Bernarda, de Sá Vilares, natural de Sobreiro (conforme diz no processo que se organizou para a sua entrada para o convento de Santa Clara, mas a certidão de idade, que está junto ao mesmo, dá o pai como natural de Candedo e a mãe de Sonim).

Neta paterna de Francisco de Morais, de Sobreiro de Cima, e de D. Feliciana de Lobão, dos Vilares.

Neta materna de António de Morais Castro, de Santa Valha, e de D. Maria de Sá Vilares, de Sonim.

Noviciou em 1744 no convento de Santa Clara de Vinhais, tomando na clausura o nome de Maria Luísa de Santa Rosa (544).

Ver *Sortes* e *Vimioso.*

4º D. Feliciana de Lobão Martins, irmã da precedente, nasceu a 18 de Maio de 1728 e professou no mesmo ano no referido convento (545).

5º D. Maria Xavier de Morais Madureira, de Sobreiro de Baixo, viúva de Manuel de Morais Sarmento Buíça, faleceu a 3 de Abril de 1818, legando o terço dos bens a sua filha D. Josefa Joaquina, casada com Manuel José da Silva.

(542) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas,* e o vol. IV, p. 341, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(543) Ibidem. Ver *Sortes.*
(544) Ibidem, maço *Freiras de Santa Clara.*
(545) Ibidem.

Tinha mais os seguintes filhos:
I. *Francisco Xavier Buíça.*
II. Padre *Domingos Buíça.*
III. *João Manuel Buíça.*
IV. *Manuel de Morais Buíça.*
V. *D. Maria da Assunção.*

6º Domingos de Morais Sarmento, de Sobreiro de Cima, faleceu a 8 de Novembro de 1819, deixando por testamenteira sua mulher e prima D. Sebastiana de Morais Sarmento (546).

7º Tomás Gomes da Costa, protonotário apostólico de Sua Santidade, seu cavaleiro romano, comissário do Santo Oficio e abade de Sobreiro em 1737.

SOEIRA

D. Maria Rosa, filha ilegítima de Aleixo da Nóvoa Sarmento e de D. Maria Pires, solteiros, naturais de Soeira, concelho de Vinhais, noviciou em 1745 no convento de Santa Clara de Bragança, onde vivia desde a idade de quatro anos (547).

SONIM

1º João Manuel da Fontoura, presbítero, de Sonim, concelho de Monforte de Rio Livre, hoje de Chaves, erigiu em 1836 uma capela na mesma povoação dedicada a Nossa Senhora dos Milagres (548).

2º Manuel António de Sá Morais Pereira do Lago, capitão-mor de Monforte de Rio Livre, hoje concelho de Chaves, sua mulher D. Maria Xavier Pinheiro Teixeira e seu filho João António, de Sonim, obtiveram em 1784 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (549).

(546) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara, Cartório Administrativo,* livro 89, fol. 188, onde vem o seu testamento.
(547) Ibidem, maço *Freiras.*
(548) Ibidem, maço *Capelas.*
(549) Ibidem.

SORTES

André Manuel Freire de Andrade, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e sua mulher D. Ana Maria da Assunção, residentes em Sortes, concelho de Bragança, obtiveram em 1783 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (550).

O doutor André Manuel Freire de Andrade faleceu em Sortes, donde era natural, a 27 de Setembro de 1827, deixando por administradora do vínculo instituído em 1767 por seu tio João Freire, abade de Sobreiró, concelho de Vinhais, a sua irmã D. Isabel Maria Freire de Andrade.

Tinha bens nos Avantos e no Romeu, concelho de Mirandela.

Deixou à igreja de Sortes um quadro do Coração de Jesus e um espelho para a sacristia.

O escrivão que fez o testamento residia em Bragança na Rua dos Prateiros (551).

SOUTELO DA GAMOEDA

1º D. Catarina de Santo António e D. Maria Caetana do Espírito Santo, naturais de Soutelo da Gamoeda, filhas de Baltasar Fernandes Serrão, de Soutelo da Gamoeda, concelho de Bragança, e de D. Maria Giraldes, de Paradinha do Outeiro, professaram no convento de São Bento de Bragança em 1732 (552).

2º Roque de Seixas Serrão nasceu em Soutelo da Gamoeda a 10 de Agosto de 1761 e recebeu a ordem de missa em 1788 (553).

Era filho de Diogo Serrão, de Soutelo da Gamoeda, e de D. Maria José Jorge, de Zoio.

Neto paterno de Baltasar Serrão, de Soutelo da Gamoeda, e de D. Maria Giraldes, de Paradinha do Outeiro.

Neto materno de Brás Jorge e de D. Maria Pires, ambos de Zoio.

3º D. Maria Joana de S. José (no século D. Maria José), irmã do precedente, nasceu em Soutelo da Gamoeda a 24 de Fevereiro de 1745 e foi

(550) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(551) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 122, fol. 27 v.
(552) Ibidem, *Freiras de São Bento.*
(553) Ibidem, *maço Ordinandos – Soutelo da Gamoeda.*

baptizada pelo doutor Francisco Giraldes Pavão, cónego da Sé de Miranda do Douro.

Professou no Convento de S. Bento de Bragança em 1771 (554). No processo para noviciar, feito em 1770, seu pai tem o nome de Diogo José Serrão e Vasconcelos.

4º D. Maria Teresa do Espírito Santo nasceu em Bragança (Santa Maria) a 23 de Agosto de 1732, sendo seu padrinho, por procuração, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de Lisboa.

Era filha de Francisco Lopes de Morais, de Bragança, e de D. Ana de Seixas, de Soutelo da Gamoeda.

Neta paterna de Bartolomeu Pires, de Vila Boa de Ousilhão, e de D. Maria Lopes, de Moimenta.

Neta materna de Baltasar Serrão, de Soutelo da Gamoeda, e de D. Maria Giraldes, de Paradinha do Outeiro.

Professou no convento de S. Bento de Bragança em 1748 (555).

5º D. Ana Luísa Gertrudes, irmã da precedente, nasceu em Bragança (Santa Maria) em 1737 e professou no mesmo convento em 1756 (556). (Ver *Paradinha* do *Outeiro,* pág. 375).

Em Soutelo da Gamoeda não há hoje o apelido Serrão; existe somente o de Serra, que coexistiu com aquele, pois temos notícia em 1798 do padre João Afonso da Serra (557), e em 1699 do padre Pedro Serra (558).

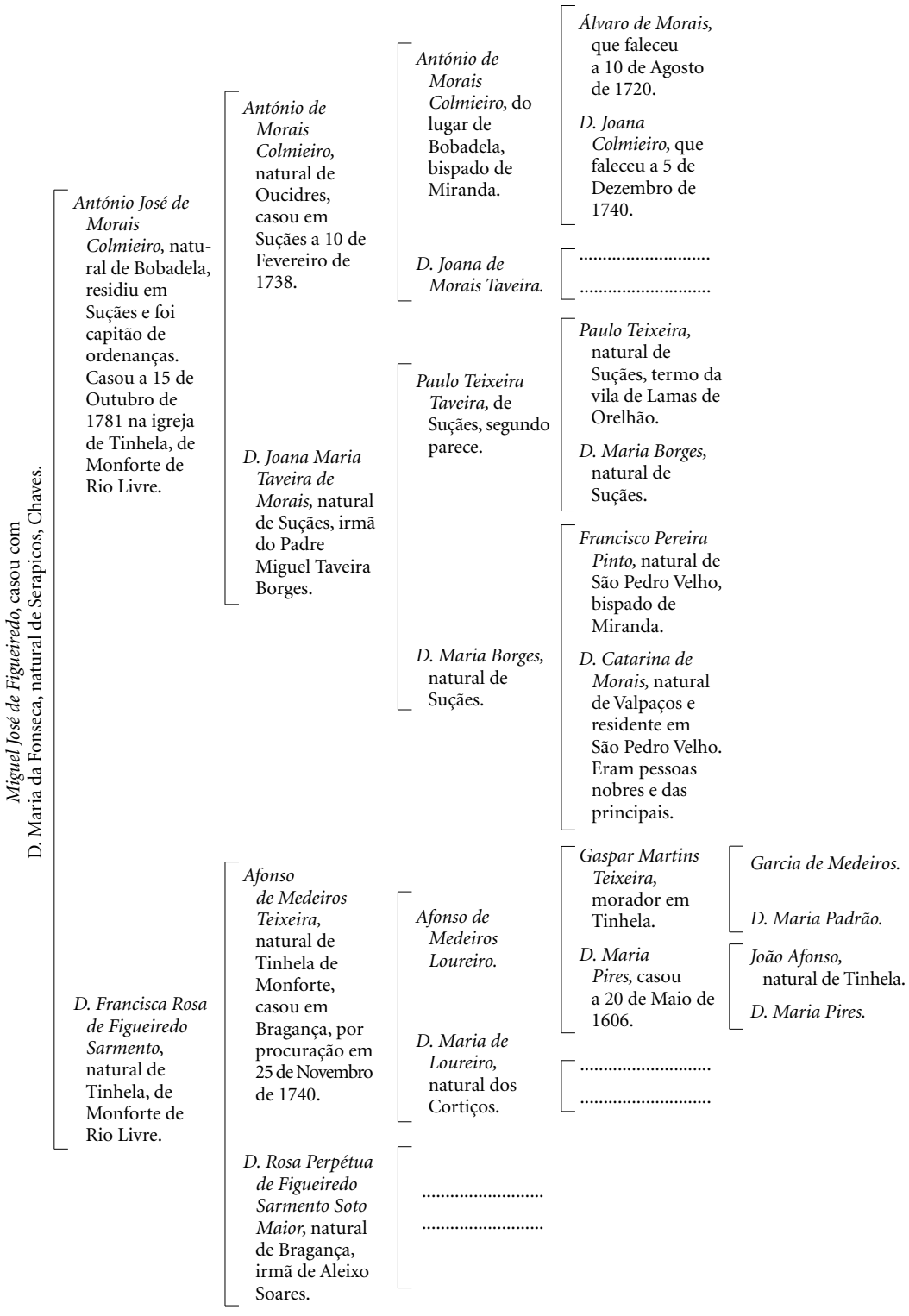
SUÇÃES

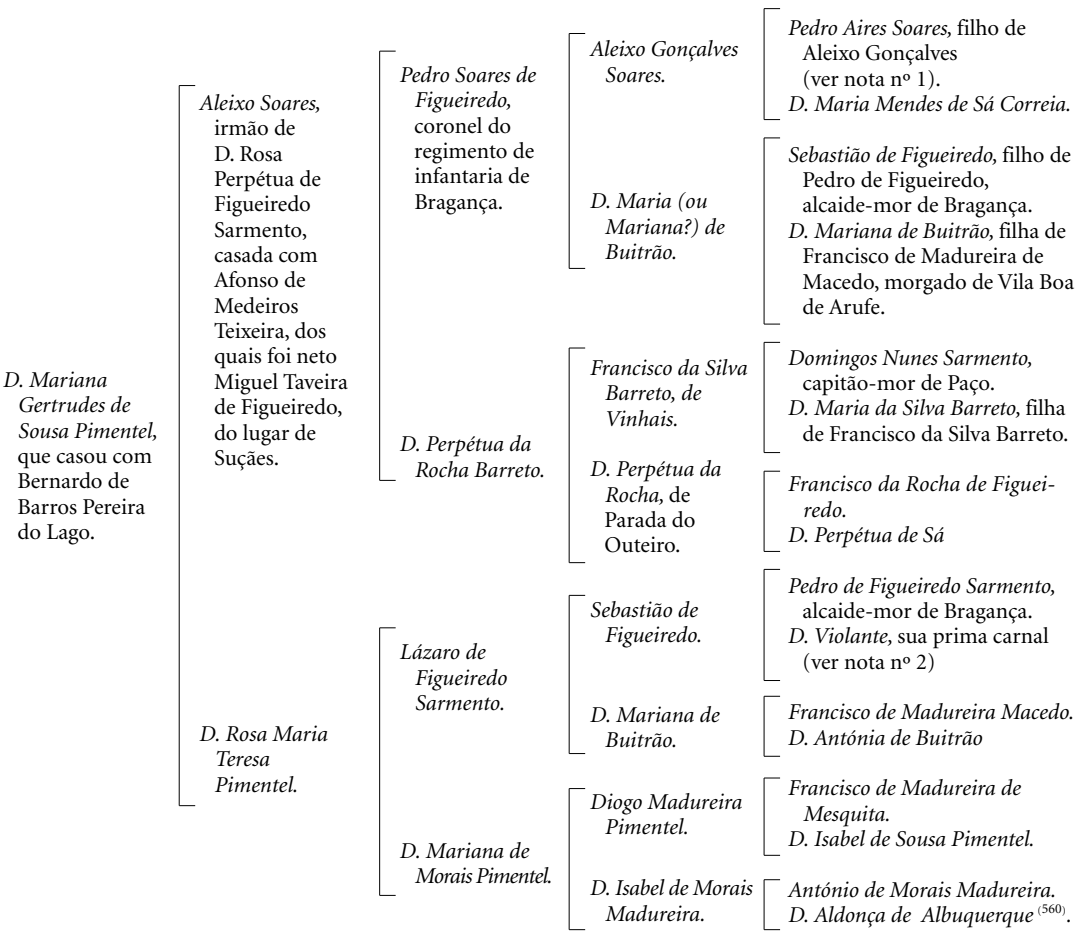
1º Amaro Vicente Pavão de Sousa Pinto Coutinho fundou em 1818 uma capela em Suções, dedicada a Santo Amaro. (Ver *Parada* de *Infanções,* pág. 363).

2º «Miguel Bernardo, filho de Bento Machado de Moura, professo na Ordem de Cristo, casado e com filhos, com filha de José Bernardo de Paiva e Pona, filho do que compos o livro do seu nome, para os órfãos e de sua mulher D. Brites, que vivem em Sucções» (559).

Referir-nos-emos a Paiva e Pona no volume consagrado aos escritores.

(554) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de São Bento.*
(555) Ibidem.
(556) Ibidem.
(557) Museu Regional de Bragança.
(558) Ver *Paradinha de Outeiro,* nota na p. 373.
(559) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico,* tomo I, folio 67. Esta notícia deve referir-se ao ano de 1804.


Miguel José de Figueiredo, casou com D. Maria da Fonseca, natural de Serapicos, Chaves.
António José de Morais Colmieiro, natural de Bobadela, residiu em Sucães e foi capitão de ordenanças. Casou a 15 de Outubro de 1781 na igreja de Tinhela, de Monforte de Rio Livre.
António de Morais Colmieiro, natural de Oucidres, casou em Sucães a 10 de Fevereiro de 1738.
António de Morais Colmieiro, do lugar de Bobadela, bispado de Miranda.
Álvaro de Morais, que faleceu a 10 de Agosto de 1720.
D. Joana Colmieiro, que faleceu a 5 de Dezembro de 1740.
D. Joana de Morais Taveira.
.....
.....
D. Joana Maria Taveira de Morais, natural de Sucães, irmã do Padre Miguel Taveira Borges.
Paulo Teixeira Taveira, de Sucães, segundo parece.
Paulo Teixeira, natural de Sucães, termo da vila de Lamas de Orelhão.
D. Maria Borges, natural de Sucães.
D. Maria Borges, natural de Sucães.
Francisco Pereira Pinto, natural de São Pedro Velho, bispado de Miranda.
D. Catarina de Morais, natural de Valpaços e residente em São Pedro Velho. Eram pessoas nobres e das principais.
D. Francisca Rosa de Figueiredo Sarmento, natural de Tinhela, de Monforte de Rio Livre.
Afonso de Medeiros Teixeira, natural de Tinhela de Monforte, casou em Bragança, por procuração em 25 de Novembro de 1740.
Afonso de Medeiros Loureiro.
Gaspar Martins Teixeira, morador em Tinhela.
Garcia de Medeiros.
D. Maria Padrão.
D. Maria Pires, casou a 20 de Maio de 1606.
João Afonso, natural de Tinhela.
D. Maria Pires.
D. Maria de Loureiro, natural dos Cortiços.
.....
.....
D. Rosa Perpétua de Figueiredo Sarmento Soto Maior, natural de Bragança, irmã de Aleixo Soares.
.....
.....



Nota nº 1

Pedro Aires Soares era filho de Aleixo Gonçalves Soares, o qual, depois de ter dado sucessão à casa de Castanheira, de Monforte, foi casar a Vinhais com D. Helena de Góis e constituiu a casa de Ousilhão.

Nota nº 2

D. Violante, que nesta árvore está sem apelido, chamava-se D. Violante Carneiro e era filha de Lopo de Morais Sarmento, de Bragança, e de D. Ana Carneiro, filha de António Carneiro e de D. Maria de Morais, filha de Aleixo de Morais Pimentel, padroeiro de S. Francisco de Bragança, comendador.

(560) FONTOURA, Manuel de Queiroga Correia Carneiro de – *Memória Genealógica*, fol. 205.

TÁVORAS [25]

A família Távora é uma das mais nobres e antigas de Portugal, conhecida já no tempo de D. Afonso Henriques. O apelido Távora vem-lhe do rio deste nome que há na Beira Baixa e que lhe banhava o seu solar situado perto da vila de Paradela, concelho de Tabuaço, distrito de Viseu. Desempenhou um preponderante papel na história portuguesa; todavia limitar-nos-emos a resenhar sucintamente o que respeita ao distrito de Bragança.

1º PEDRO LOURENÇO DE TÁVORA, nono senhor de Távora, foi o primeiro desta família que governou a cidade de Miranda com o título de alcaide-mor, por nomeação de El-Rei D. João I. Assistiu à batalha de Aljubarrota, onde foi armado cavaleiro em 1385.

Iludido com uma suposta carta de D. João I entregou a praça aos castelhanos. Desgostoso com este incidente fez-se frade franciscano.

Sucedeu-lhe seu filho:

2º ÁLVARO PIRES DE TÁVORA, décimo senhor de Távora e segundo alcaide-mor de Miranda.

Comprou, a 4 de Janeiro de 1466, a João Menino, escudeiro, e a sua mulher D. Beatriz Anes, residentes em Lisboa, todos os bens que estes possuíam em Carvalhais e Mascarenhas, concelho de Mirandela, por «setenta mil reis em haveres ora correntes de trinta e cinco libras o real» (561).

Sucedeu-lhe seu filho:

3º PEDRO LOURENÇO DE TÁVORA, décimo primeiro senhor de Távora, terceiro alcaide-mor de Miranda e primeiro senhor do Mogadouro (alguns genealogistas dizem que era terceiro), onde faleceu, sendo sepultado em S. Pedro das Águias.

É dele o primeiro emprazamento de bens sitos em Carvalhais, que conhecemos, feito em 1483.

O solar dos Távoras em Carvalhais data de 1486.

Sucedeu-lhe seu filho:

4º ÁLVARO PIRES DE TÁVORA, décimo segundo senhor de Távora, quarto alcaide-mor de Miranda e segundo senhor do Mogadouro (ou quarto, segundo outros), comendador de Castelo Branco, concelho de Mogadouro, do conselho de El-Rei D. João III.

(561) MENÉRES, Alfredo – *Carvalhais, Traços Históricos,* p. 83, onde vem publicada na íntegra a escritura de venda, por nós fornecida ao seu autor. No vol. IV, p. 370 e 379 destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança,* publicamos na íntegra: a escritura da venda de Carvalhais e Mascarenhas aos Távoras; a da fundação do seu morgadio e a notícia das lutas que sustentaram com os povos onde tinham propriedades.

Sucedeu-lhe seu filho:

5º Luís Álvares de Távora, primeiro deste nome, décimo terceiro senhor de Távora, quinto alcaide-mor de Miranda e terceiro senhor do Mogadouro (ou quinto, segundo outros).

Fez parte da expedição a Túnis em 1535.

Sucedeu-lhe seu filho:

6º Luís Álvares de Távora, segundo deste nome, décimo quarto senhor de Távora, sexto alcaide-mor de Miranda e quarto senhor do Mogadouro (ou sexto, segundo outros).

Morreu na batalha de Alcácer-Quibir em 1578 (562).

Sucedeu-lhe seu filho:

7º Luís Álvares de Távora, terceiro deste nome, décimo quinto senhor de Távora, primeiro Conde de S. João da Pesqueira, sétimo alcaide-mor de Miranda e quinto senhor do Mogadouro (ou sétimo, segundo outros).

Fez parte da expedição à Baía de Todos os Santos em 1628.

Faleceu em 1640.

Sucedeu-lhe seu filho:

8º António Luís de Távora, décimo sexto senhor de Távora, segundo Conde de S. João da Pesqueira, oitavo alcaide-mor de Miranda e sexto senhor e comendador do Mogadouro (ou oitavo, segundo outros).

Faleceu em 1652.

Sucedeu-lhe seu filho:

9º Luís Álvares de Távora, quarto deste nome, décimo sétimo senhor de Távora, terceiro conde de S. João da Pesqueira, primeiro Marquês de Távora, nono alcaide-mor de Miranda, sétimo senhor e comendador do Mogadouro (ou nono, segundo outros), governador da província de Trás-os-Montes, onde muito se celebrizou, como referimos no I vol. destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança,* durante as Guerras da Aclamação contra Espanha. Senhor das vilas e direitos reais do Mogadouro, Mirandela, Alfândega da Fé, Castro Vicente, Penas Roias, Alijó, Favaios, Lordelo, Galegos, São João da Pesqueira, Sambade, Vila Nova (concelho de Mirandela?), Covelas, Vales e Colmeias.

Nasceu em Lisboa em 1634 e faleceu em 1672 (563).

(562) Nesta batalha morreram também: D. Afonso, conde do Vimioso, e D. Manuel, seu filho. Ver CRUZ, Bernardo da, Frei – *Crónica de El-Rei D. Sebastião,* p. 287.

(563) Ver o volume I, p. 97, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

Sucedeu-lhe seu filho:

10º ANTÓNIO LUÍS DE TÁVORA, segundo deste nome, décimo oitavo senhor de Távora, quarto Conde de São João, segundo Marquês de Távora, comendador de Castelo Branco, concelho do Mogadouro, e senhor das terras atrás mencionadas na província de Trás-os-Montes, incluindo a alcaidaria-mor de Miranda do Douro, tenente-general de cavalaria em Trás-os-Montes.

Nasceu em 1656 e faleceu em 1721. Ver no volume IV, pág. 561, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* a interessante carta que lhe diz respeito, a propósito das campanhas de 1710.

11º LUÍS BERNARDO ÁLVARES DE TÁVORA. Não chegou a usufruir todos os títulos de seu pai porque faleceu em 1716.

Sucedeu-lhe sua filha:

12º D. LEONOR DE TÁVORA, que disfrutou as honrarias de seu avô e casou com seu primo coirmão D. Francisco de Assis e Távora, vice-rei da Índia, aonde a marquesa o acompanhou.

Tanto ela como seu marido foram justiçados a 13 de Janeiro de 1759, acusados de conspirar contra a vida de El-Rei D. José. Idêntica pena sofreu, além de outros, seu filho:

13º LUÍS BERNARDO DE TÁVORA, que viria a ser o vigésimo senhor de Távora, sexto Conde de S. João da Pesqueira e senhor das terras atrás citadas.

Casou com sua tia D. Teresa de Távora e Lorena, régia barregã de D. José I, que pelo seu proceder adúltero motivou o trágico e horroroso suplício.

Da varonia indicada dos Távoras destacaram-se ramos que deram: condes de S. Vicente; condes de Alvor; senhores de Caparica e pessoas de grande destaque social.

Pelo que diz respeito ao distrito de Bragança mencionamos:

1º BERNARDO ANTÓNIO DE TÁVORA, segundo conde de Alvor, governador da província de Trás-os-Montes, ferido no recontro da Godinha em 7 de Maio de 1709.

Vários outros membros desta família se distinguiram: nas letras, como foi Álvaro Pires de Távora, senhor de Caparica, que escreveu a *História dos varões illustres* de *appellido Tavora;* nas armas, derramando o seu sangue em prol da pátria, na África e na Índia, onde muitos pereceram em batalhas; no estado eclesiástico-episcopal e na política, como foi Lourenço Pires de Távora, quarto senhor de Caparica, um dos mais hábeis diplomatas do seu tempo, tendo sido nosso embaixador na Alemanha, Inglaterra, França e Itália, mas nada interessa ao

propósito desta obra ocuparmo-nos pormenorizadamente das suas individualidades (564).

A 3 de Setembro de 1758, pelas onze horas da noite, foram disparados dois tiros de bacamarte, com grossas munições, sobre o coche em que o Rei recolhia ao palácio.

Os Távoras, apontados como autores do atentado, foram justiçados a 13 de Janeiro de 1759.

Eis como Camilo Castelo Branco descreve, no romance *Perfil do Marquez de Pombal,* 1882, pág. 16, a bárbara execução:

«Entretanto (enquanto a marquesa se confessava), martellava-se no cadafalso. Aperfeiçoavam-se as aspas, cravavam-se pregos necessarios á segurança dos postes, aparafuzavam-se as roscas das rodas. Recebida a absolvição, a padecente subiu, entre os dois padres, a escada, na sua natural attitude altiva.

Receberam-a três algozes no topo da escada e mandaram-a fazer um giro no cadafalso para ser bem vista e reconhecida. Depois mostraram-lhe um a um os instrumentos das execuções e explicaram-lhe por miúdo como haviam de morrer seu marido, seus filhos e o marido de sua filha. Mostraram-lhe o masso de ferro que devia matar-lhe o marido a pancadas na arca do peito, as tezouras ou aspas em que se lhe haviam de quebrar os ossos das pernas e dos braços ao marido e aos filhos e explicaram-lhe como era que as rodas operavam no garrote, cuja corda lhe mostravam, e o modo como ella repuchava e estrangulava ao desandar do arrocho. A marqueza então succumbiu, chorou muito anciada, e pediu que a matassem depressa.

O carrasco tirou então a sua capa preta e carapuça da mesma cor, e passou depois a tirar a capa de D. Leonor, dobrando-a e pondo-a sobre o banco do centro do tablado e mandando-a sentar alli. Sentada a infeliz, a prenderam com cordas pela cintura e pelos pés ao mesmo banco (as mãos já vinham presas), e tirando-lhe o lenço dos hombros com elle lhe ven-

(564) A História Portuguesa está cheia dos feitos desta ilustre família; todavia, em especial pode ver-se:
BARROS, João de – *Ásia – Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do oriente,* 1777; Década IV, liv. X, cap. XIX; Década III, livro I, cap. I; Década II, livro I, cap. I, IV, V e VI, livro III, cap. II e III, livro V, cap. XI.
Para a sua genealogia ver:
MORERI – *El Gran Diccionario,* artigo «Távora».
LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* artigos: «Paradela» e «Paredes».

dou os olhos. Absolvida pelos padres o carrasco a degolou (por a parte de traz para maior ignomínia), mostrando a cabeça ao povo e arremeçando--a depois ao chão, para junto do tronco. Esta execução terminou ás oito horas e meia. Voltando então a mesma cadeirinha, escoltada por dragões e infanteria à Quinta dos Bixos e nella veio entre dois padres arrabidos o desgraçado José Maria de Tavora, segundo filho dos marquezes velhos, que fora ajudante d'ordens de seu pae e capitão de dragões de Chaves. Era um elegante e formosissimo mancebo, de longos cabellos louros; vinha vestido de veludo preto, meias cor de perola e mãos amarradas. Foi mostrado ao povo, como sua mãe, pronunciou algumas debeis palavras, com as quaes pediu perdão a todos. Foi amarrado a uma aspa onde lhe quebraram com macetas de ferro, as canas dos braços e pernas, e lhe deram garrote vil. Eram 9 horas.

A cadeirinha com a mesma escolta voltou à Quinta dos bixos e trouxe também entre dois padres arrabidos Luiz Bernardo de Tavora, marquez (filho) d'este título. Trazia vestido escuro, meias pretas e cabelleira de tranças. No acto de ser mostrado ao povo, protestou que era innocente e que era injusta a sentença, foi mandado calar pelo corregedor ameaçando-o de lhe por uma mordaça. Teve igual morte á do irmão. Eram 10 horas.

Nas execuções dos restantes condemnados nem se esperou que um tivesse terminado para se ir buscar o outro, apenas um subia ao cadafalso sahia a cadeirinha a buscar outro.

Eram duas horas da tarde quando a cadeirinha vinda da Quinta dos bixos, entre dois padres mariannos trouxe Francisco d'Assis de Tavora, marquez (pae) d'este título. Ao passar por entre as tropas, rufaram as caixas destemperadas para maior ignominia. Vinha vestido de preto, cabelleira de bolsa e nas mãos atadas um crucifixo. Subiu velozmente a escada. Morreu do mesmo modo que seus filhos e genro.

A sentença condemnatoria, alem das penas já apontadas e das mais que foram aplicadas aos outros correus, mandava derribar e picar todas as armas e escudos delles e arrasar e demolir suas casas e edificios, salgar seus campos, confiscar-lhe para a coroa os bens e que ninguem podesse uzar do apellido de Tavora sob pena de perdimento dos bens e desnaturalização dos direitos de subdito portuguez»[(565)].

(565) *Memoirs of the marquis of Pombal, by John Smith,* citadas por CASTELO BRANCO, Camilo – *Perfil do Marquês de Pombal,* p. 2.

A sentença condenatória e a ferocidade tigrina da execução são obra do Marquês de Pombal.

Diz-se que esta conspiração dos Távoras contra o rei D. José foi causada pela afronta que este fazia àquela ilustre família, tornando sua manceba D. Teresa de Távora, casada com o marquês de Távora (filho).

A este propósito escrevia o ministro inglês Hay, por essa ocasião, para a corte de Jorge II:

«Pois que S. magestade deseja ser informado das particularidades d'esta conspiração, mencionarei uma circunstancia, que procuram ocultar engenhosamente sem impedir que se não acredite, e é a unica a que se attribue o perfido procedimento dos Tavoras: = são as relações do rei com a mulher do marquez novo, as quaes começaram no tempo em que o general foi vice-rei da India e continuavam agora».

Francisco de Assis de Távora, marquês de Távora (pai), foi vice-rei da Índia desde 1750 a 1754 e era sogro de D. Teresa, barregã de D. José.

Praticou proezas na Índia; castigou o Canajá, inimigo poderoso que infestava os mares; arrazou a fortaleza de Neubadel, queimou as embarcações e venceu o Marata em batalha naval. Tomou a fortaleza de Piro ao rei de Lunda e devastou as terras de Pondá e Zambaulim. Quinze autores falaram das proezas deste vice-rei, noutros tantos opúsculos arquivados pelo senhor Figaniére, e todos são muito raros, porque depois da conspiração contra o rei houve o propósito de eliminar da história o nome e os serviços da família Távora (566).

A sentença revisória de 23 de Maio de 1781, assinada por D. Maria, declarou somente como culpados no atentado o duque de Aveiro, com seus sócios António Álvares Ferreira, José Policarpo de Azevedo e Manuel Álvares Ferreira, sendo declarados inocentes os marqueses de Távora e o conde de Atouguia, assim como todas as mais pessoas que por tal motivo haviam sido presas (567).

Inditosos Távoras! Os gritos inanes de Carvalhais, Mascarenhas e outras terras bragançanas, opressas de seus senhorios (568), achariam alfim o

(566) CASTELO BRANCO, Camilo – obra citada.
(567) SORIANO – *História da Guerra Civil em Portugal,* I parte, tomo 1º, p. 296, e tomo 3º, documento 4, p. 11, onde vem exarado com toda a proficiência o depoimento das testemunhas e as razões da inocência dos Távoras.
(568) Ver o vol. IV, p. 378, 379, 561 e 562, destas *Memórias Arqueológico-Históricas.*

«Efeito costumado da Divina
Justiça, que piedosa, e recta, quanto
A mortais olhos o castigo tarda,
Em ira aumenta o que a paciencia aguarda?» (569)

É bem conhecida a terrível sentença bíblica que pune nos filhos as iniquidades dos pais.

Ao erudito investigador Ernesto Augusto Pereira Sales agradecemos a cópia que nos enviou do seguinte documento:

«A *alu.º piriz de tauora carta do oficio de couteiro das perdizes em suas terras.*

Dom manuel etc. Aquamtos esta nossa carta uirem fazemos saber que comfiamdo nos da boomdade e discriçã daluaro piriz de tauora fidalguo de nossa cassa que o fara bem e como compre a nosso seruiço. E per esta presemte o damos por couteiro do caçar das perdizes com boi (sic) e de tomar os ouos dellas em a nossa villa de mjramda de doiro e seu termo e em todallas terras e luguares do ditto aluaro piriz em que tem jurdiçam pera que exeicute e faça exeicutar nos que assi caçarem as perdizes com boys e tomarem os ouuos dellas comtra nossa defessa aquellas penas que sam comtheudas na nossa detriminaçam sobrello feitta das quaaes penas queremos que ametade seia pera ho ditto aluaro piriz de tauora. E a outra se despemda nas obras e corregimento do castello da ditta uilla de miramda. Porem mamdamos atodallas outras nossas justiças e officiaaes e pessoas a que esto pertemcer que aiã o dito aluº piriz por couteiro como ditto he e lhe cumpram em todo esta nossa carta. Sem duujda nem embargo algun por que assy he nossa merçee ho que jurou em anossa chamçallaria aos santtos avamgelhos que bem e dereitamete vse do ditto offiçio cargo guardamdo anos nosso seruiço e ao pouo o seu dereito dada em momte moor o nouo a XX dias de nouembro. Ruj de pina afez de mil IIIjᶜ nouemta cimco. A qual metade de pena pera as obras do ditto castello se carreguara pollo escripuam dellas sobre o R.ᵒʳ das tercas da ditta comarca.» (Livro 1 de *Alemdouro*, fls. 155).

O documento que a seguir transcrevemos é extraído da *Chancelaria de D. Afonso VI*, livro I, fol. 25 e seguintes, e foi publicado pelo padre

(569) *Maláca conquistada*, canto XII, est. 62.

Ernesto Augusto Pereira Sales na *Revista* de *História,* 1920, pág. 72, seguido das seguintes notas elucidativas:

«Luis Alvares de Tavora, 2º do nome, senhor do Mogadouro e alcaide-mor da cidade de Miranda, morreu em 1578 na desastrosa batalha de Alcacer Quibir, deixando viuva sua mulher e prima D. Leonor Henriques, dama do Paço, filha de D. Simão da Silveira, com um filho único, ainda de menor edade, do qual foi zelosa tutora.

Luis Alvares de Tavora, a que por vezes se refere o alvará acabado de transcrever, foi, como seu pai, senhor do Mogadouro, etc., e tomou parte com seu filho mais velho, Antonio Luis de Tavora, na jornada da restauração da Bahia em 1625, tendo-se embarcado com muitos criados seus na armada que para tal fim sahiu de Lisboa. Apesar de haver sido feito conde de S. João da Pesqueira, por Filippe 2º em 21 de Março de 1611, e de haver servido igualmente o seu sucessor Filippe 3º, falleceu em 1640, já de avançada edade, na cidade de Madrid, onde se achava, retido certamente, como outros fidalgos portuguezes de cuja fidelidade haveria vagas suspeitas, na côrte dos dominadores de Portugal:

Eu El Rey faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito aos serviços que D. Lionor Henriques mãy e tutora de Luis Alvares de Tavora me fes na materia da Succeção do Reino e ao modo com que nisso procedeo nas terras do dito seu filho onde logo fes tomar a vos por my e proceder contra os que nellas querião fazer gente em favor de Dom Antonio e tomar sua vos mando [mandando] levar gente em meu serviço contra elles e quietar as ditas terras e assy em mandar socorro a villa de Trancoso no que tudo fes muita despeza; e por folgar de por todos estes respeitos fazer merce ao dito Luis Alvres de Tavora seu filho por mo ella asy pedir Hey por bem e me pras de lhe fazer merce das villas de Mogadouro, Mirandella, Alfandega, e do lugar de São Bade e Alcaydaria mor da cidade de Miranda que elle Luis Alvres ora tem, tudo para seu filho mais velho que delle ficar por seu fallecimento e assy e da maneira que ora tem as ditas terras e alcaydaria mor em sua vida conforme as suas doações e provisões; e por minha lembrança e sua guarda mandei dar este Alvara a dita Dona Lionor pelo qual depois do falecimento de Luis Alvres seu filho se passarão cartas de doações... Pedro Pinto a fes em Madrid a vinte seis de Dezembro de quinhentos e oitenta e tres».

Baltasar de Sousa Colmieiro Teles de Távora, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão de cavalaria, a quem nos referiremos em *Vinhais – Família Colmieiro,* filho de António Colmieiro de

Morais, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Angélica de Sousa de Távora, nasceu em Vinhais e escreveu: *Famílias* de *Trás-os-Montes,* manuscrito [570].

Paulo Botelho de Morais, poeta, nasceu em Moncorvo a 5 de Abril de 1677.

Era filho de Francisco Botelho de Vasconcelos, capitão-mor de Moncorvo, e de D. Brites de Vasconcelos Saraiva.

Escreveu, além de outras obras que citaremos no volume consagrado aos escritores, as seguintes:

História da illustríssima, e antiquíssima família dos Marqueses de Távora, Senhores do Mogadouro, dividida em duas partes: família dos Botelhos de Morais com a ascendência por todos os lados. Escrita em 1725. Manuscrito in folio.

Arvores dos Costados das Pessoas Nobres da Villa da Torre de Moncorvo e seus contornos com noticiosas adições aos quartos. Escrito em 1730.

Não nos foi possível ver nenhum destes manuscritos, mas sabemos que ambos, ou pelo menos o primeiro, existiam ainda há poucos anos em Moncorvo, segundo nos informou o nosso dedicado amigo, o erudito genealogista Francisco de Moura Coutinho.

TÓ

1º Manuel Martins, cura de Tó, concelho do Mogadouro, durante mais de vinte anos, obteve em 1621 licença para edificar uma capela na igreja matriz da povoação «por ella estar alargada de novo toda e ser portanto capaz», dedicada a S. Miguel Anjo, a que doou bens que se descrevem [571].

2º Francisco Casimiro de Morais Carvalho Machado, de Tó, obteve em 1860 licença para edificar uma capela, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, junto às suas casas de moradia [572].

(570) SOARES, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo (Carcavelos) – *Bibliographia Nobiliarchica Portugueza,* 1916.
(571) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(572) Ibidem.

TORRE DE D. CHAMA

1º ANTÓNIO MANUEL MACHADO DE SÁ FALCÃO MORAIS, natural da Torre de D. Chama, cadete do regimento de Bragança, era filho de João Machado Falcão e de D. Joana Maria de Sá.

Neto paterno de João Machado Falcão e de D. Joana Maria de Sá Morais.

Neto materno de José da Costa e de D. Catarina de Sá.

Teve brasão passado a 2 de Outubro de 1787, registado no *Cartório da Nobreza,* livro 4º, fol. 28, com as armas dos Machados, Falcões, Sás e Morais (573).

2º LUÍS JOSÉ DE SOUSA MACHADO DE MORAIS SARMENTO, capitão de mar e guerra nos estados da Índia, natural da vila da Torre de D. Chama, era filho de Luís de Sousa Machado de Morais Sarmento, capitão de cavalaria ligeira da praça da cidade de Bragança, e de D. Maria Hedwiges de Lacerda, natural de Lisboa.

Neto paterno de Manuel de Sousa Falcão de Morais Sarmento, capitão-mor da vila de D. Chama, e de D. Ana de Araújo Morais.

Bisneto paterno de Manuel de Sousa Teixeira, capitão de infantaria do regimento de Bragança, e de D. Maria Machado.

Neto materno do capitão Bento Correia de Matos e de D. Josefa de Miranda.

Teve por armas um escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Sousas; no segundo as dos Machados; no terceiro as dos Morais e no quarto as dos Sarmentos.

Foi-lhe passado este brasão a 27 de Fevereiro de 1783 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 3º, fol. 88 (574).

3º MANUEL DE SOUSA MACHADO DE MORAIS FALCÃO SARMENTO, natural da Torre de D. Chama, residiu em Lisboa, e era filho de um filho legítimo de Luís de Sousa Machado de Morais Sarmento, capitão de cavalaria ligeira da praça de Bragança, e de D. Maria Hedwiges de Lacerda.

Neto paterno de Manuel de Sousa Falcão de Morais Sarmento, capitão-mor da vila da Torre de D. Chama, e de D. Maria de Araújo de Morais.

Bisneto paterno de Manuel de Sousa Teixeira, capitão de infantaria do regimento de Bragança, e de D. Maria Machado.

(573) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* part. I, p. 72.
(574) Ibidem, p. 457.

Neto materno do capitão Bento Correia de Matos e de D. Josefa de Miranda.

Foi-lhe passado escudo com as armas dos Sousas, Machados, Morais e Sarmentos a 27 de Março de 1784 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 3º, fol. 125 (575).

TRAVANCA

Família Barrosos

Ver *Mascarenhas,* pág. 252.

1º Francisco José Salgado Cardoso, natural de Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, era filho legítimo de Francisco de Freitas, natural da freguesia de Santo Tirso de Prazins, e de D. Anastácia Gomes Pedroso Barreto Salgado.

Neto paterno de Jerónimo de Freitas e de D. Maria Francisca.

Neto materno de Bento Gomes Pedroso e de D. Catarina Salgado, filha de D. Manuel Salgado Barreto, irmão de D. Afonso Salgado, general de batalha, governador de Chaves e das armas da província de Trás-os-Montes, pai dos bispos de Pernambuco e Rio de Janeiro, D. Francisco Luís Salgado e D. Francisco da Cruz Salgado, primos coirmãos de D. Catarina Salgado, avó de Francisco José Salgado Cardoso e de seus irmãos Francisco António Gomes Salgado, reitor da igreja de S. Bartolomeu de Rabal, e Manuel Caetano Salgado.

Os seus ascendentes foram pessoas nobres.

Teve por armas um escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Cardosos; no segundo as dos Salgados; no terceiro as dos Barretos e no quarto as dos Peixotos.

Foi-lhe passado este brasão a 14 de Maio de 1766 e está registado no *Cartório* da *Nobreza,* livro 1º, fol. 29 v. (576).

2º Francisco Xavier de Moura Carvalhais, natural de Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, tenente-coronel de milícias, era filho do capitão Caetano José Dias Carvalhais e de D. Maria de Moura.

(575) Ibidem, p. 511.
(576) Ibidem, p. 200.

Neto paterno de Pedro Dias Carvalhais, tenente de infantaria de Bragança.

Neto materno de D. Luísa Pinto.

Foi-lhe passado escudo com as armas dos Mouras e Carvalhais a 21 de Agosto de 1807 e está registado no *Cartório* da *Nobreza,* livro 7º, fol. 199 v.(577).

A certidão autêntica da carta de brasão de armas passada a Francisco Xavier de Moura Carvalhais, escrita em quatro fólios de pergaminho, com iluminuras (ver a descrição geral em *Mascarenhas,* pág. 252), está em Travanca na posse de D. Maria Teresa de Moura Magalhães, filha do conselheiro Francisco Xavier de Moura Carvalhais e de D. Maria Angélica de Sousa Pinto Barroso (ver 4º – III em *Mascarenhas – Família Barrosos,* pág. 255).

3º Francisco José Mascarenhas e sua mulher D. Francisca Joana Freire de Andrade, de Travanca de Macedo de Cavaleiros, obtiveram em 1794 licença para *oratório* particular na sua casa de moradia(578).

4º António Raimundo de Morais Antas, capitão de infantaria, e sua mulher D. Maria da Piedade, obtiveram em 1819 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia em Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, podendo ampliar às suas casas de moradia em Bragança(579).

5º D. Francisca Joana Freire de Andrade, de Travanca de Macedo, mulher de Francisco José Lopes, faleceu a 1 de Novembro de 1806, deixando por sua alma mil e trezentas missas!(580)

TRONCO

João Ferreira, reitor de Edral, concelho de Vinhais, fez em 1610 doação de bens para fundação de uma capela na igreja paroquial de Tronco, concelho de Chaves(581).

(577) Ibidem, p. 224.
(578) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(579) Ibidem.
(580) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 32, fol. 162 v.
(581) Ibidem, maço *Capelas.*

TUIZELO

Primeiro morgadio

1º Gonçalo Rodrigues de Morais, filho de outro do mesmo nome e de D. Estefânia Soares, donde este ramo provém, foi chamado o *Calvo,* por o ser em excesso.

Teve o senhorio dos lugares de Vilar de Ossos, Logarelhos, Quintela, Rio de Fornos e Tuizelo, no concelho de Vinhais. Era muito abastado, pois treze lugares lhe pagavam foros e pitanças.

Casou com sua parente D. Leonor de Morais, filha de João de Morais e de D. Leonor de Meireles.

Descendência:

I. *Duarte Rodrigues de Morais* (2º, adiante citado).

II. *Gonçalo Rodrigues de Morais.*

III. *Belchior de Morais.*

IV. *D. Isabel de Morais,* que casou com Gonçalo Vasques Guedes. Com geração.

2º Duarte Rodrigues de Morais foi o primeiro instituidor do morgadio de Tuizelo [582], no ano de 1530.

Casou com a muito formosa D. Catarina Gonçalves.

Descendência:

I *Francisco de Morais* (3º, adiante citado).

II. *Rodrigo de Morais,* que se achou no cerco de Diu, na Índia, por cujo motivo lhe chamavam o *Indiático.* Com geração mui numerosa.

III. *D. Joana de Morais,* que casou com João de Moraes, o *Grande.* Com geração.

IV. *D. Isabel de Morais,* que casou com Vasco Colmieiro, senhor de Gargalho, na Galiza. Com geração.

3º Francisco de Morais casou com D. Violante de Sá, filha de Francisco Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real e comendador de Lamas e Corujas, e de D. Paulina de Guimarães.

Descendência:

I. *Duarte Ferreira de Morais* (4º, adiante citado).

II. *Francisco Ferreira de Morais.*

(582) Este morgadio tinha em Tuizelo, concelho de Vinhais, a maior parte das propriedade, mas os morgados residiam em Bragança, onde era a casa principal, diz BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da cidade de Bragança.*

4º Duarte Ferreira de Morais, o *Grande* (assim chamado por causa da sua grande estatura e agigantadas forças), foi terceiro senhor do morgadio de Tuizelo e moço fidalgo da Casa Real.

Casou com D. Leonor de Aragão, filha de Álvaro Fernandes Pinheiro, fidalgo da Casa Real, que viveu no reinado de D. João III, irmão de D. António Pinheiro, quarto bispo de Miranda.

Descendência:

I. *Jerónimo Ferreira de Morais* (5º, adiante citado).

II. *Manuel Ferreira de Morais.*

III. *Valentim de Sá,* deão da Sé de Angra.

IV. *Francisco Ferreira de Sá*, que casou com D. Jerónima Ferreira de Morais, filha de Cristóvão Ferreira de Sá e de D. Maior Sarmento de Lozada. (Ver em *Bragança – Família Ferreiras,* 14º, pág. 67).

Descendência:

D. Maior Sarmento Ferreira, que casou na cidade de Miranda com Francisco Ordaz Anhaia, morgado de Fonte de Aldeia.

Descendência:

Luís de Ordaz Anhaia, que sucedeu a seu pai no morgadio e casou com D. Helena Sarmento Ferreira, filha de Dionísio Pinto da Silva, de Quintela de Vinhais, e de D. Isabel de Sá Sarmento Ferreira, filha de João Ferreira de Sá e de D. Clara Sarmento. (Ver em *Bragança – Família Ferreiras,* 6º, pág. 65).

Em 1721-1724 este morgadio estava na posse de Francisco Xavier de Ordaz Sarmento, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, capitão de cavalaria e juiz dos órfãos da cidade de Miranda, casado com D. Luísa Maria Sarmento de Morais, filha de Bernardo Sarmento, de Vinhais, e de D. Teresa de Aragão Cabral, de Miranda.

Descendência:

Bernardo Sarmento de Ordaz Anhaia.

Francisco Xavier de Ordaz Sarmento.

Luís de Ordaz Sarmento de Morais.

D. Jerónima de Ordaz Sarmento Ferreira.

D. Helena Sarmento Ferreira.

Valentim de Sá, deão da Sé de Angola.

D. Isabel de Sá, que casou com Francisco Sarmento de Morais, de Tuizelo. Com geração.

V. *D. Maria Ferreira,* que foi religiosa.

VI. *D. Isabel de Morais,* que casou com seu tio Francisco Sarmento de Morais. Com geração.

5º Jerónimo Ferreira de Morais, foi quarto senhor do morgado de Tuizelo e moço fidalgo da Casa Real.

Casou em Chaves com D. Catarina Veloso, filha de Francisco Álvares Veloso, vedor geral em Chaves.

Descendência:

I. *Duarte Ferreira de Morais* (6º, adiante citado).

II. *Francisco Álvares Veloso.* Com geração.

III. *António Ferreira de Morais,* que foi para a Índia.

6º DUARTE FERREIRA DE MORAIS, quinto senhor do morgadio de Tuizelo e moço fidalgo da Casa Real, casou em Chaves com sua prima D. Jerónima Veloso, filha de Jerónimo Álvares Veloso, fidalgo da Casa Real.

Descendência:

I. *Jerónimo Ferreira de Morais* (7º, adiante citado).

II. *António Álvares Veloso.* Sem geração.

III. *D. Joana Veloso de Morais,* segunda mulher de seu parente Belchior Pinto Cardoso, terceiro senhor do morgadio de Santiago de Mirandela, a quem já nos referimos em *Mirandela Pintos Cardosos,* pág. 273.

7º JERÓNIMO FERREIRA DE MORAIS, sexto senhor do morgadio de Tuizelo e moço fidalgo da Casa Real, casou com D. Francisca Botelho, filha do desembargador Francisco Botelho de Abreu.

Descendência:

I. *Francisco Ferreira de Morais,* fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, casou com D. Joana de Oliveira, filha de João Teixeira de Morais e Sousa (ver em *Bornes* – § 2, 4º, pág. 26). Sem descendência.

II. *Duarte Ferreira* de *Morais* (8º, adiante citado).

III. *João Botelho de Morais,* que casou na vila do Mogadouro com D. Maria Pinto Pereira, filha de Gaspar Pinto e de D. Catarina Pinto, filha de Belchior Pinto Cardoso, de Mirandela e de sua primeira mulher D. Ana de Sousa (ver em *Bragança – Família Ferreiras,* 42º, pág. 76). Com geração.

IV. *António Ferreira de Sá,* que foi provisor e governador do bispado de Miranda, cónego da mesma Sé e abade de Espinhosela.

8º DUARTE FERREIRA DE MORAIS, sétimo senhor da casa e morgadio de Tuizelo, governador de Vinhais, moço fidalgo da Casa Peal, cavaleiro do hábito de Cristo, casou com D. Teresa Pestrelo Pereira, filha de Inácio Pestrelo Pereira e de D. Isabel Correia da Cunha, de Bragança.

Descendência:

I. *D. Joana Francisca Caetana Ferreira de Morais* (9º, adiante citado).

II. *Miguel Ferreira de Morais,* filho bastardo, que casou com D. Francisca Maria de Morais, sua parente, filha de André de Morais Sarmento, de Tuizelo, cavaleiro do hábito de Cristo, e de D. Ana.

Faleceu no ano de 1735, sem descendência.

9º D. JOANA FRANCISCA CAETANA FERREIRA DE MORAIS (ver 9º em *Vimi-*

oso), oitava senhora de toda a casa e morgadio de Tuizelo, casou com Francisco José Sarmento de Lousada Ferreira, cavaleiro da Ordem de Cristo, moço fidalgo da Casa Real, familiar do Santo Ofício, coronel de cavalaria de Chaves, brigadeiro da mesma e que por último teve a patente de marechal de campo, com o Governo das armas da província de Trás-os-Montes.

Descendência:

I. *Pedro Ferreira de Sá Sarmento* (10º, adiante citado).

II. *Francisco José Ferreira de Sá Sarmento,* cavaleiro da Ordem de Cristo, moço fidalgo da Casa Real e capitão de cavalaria.

III. *Frei João António Ferreira de Sá Sarmento,* cavaleiro da Ordem de S. João de Malta e primeiro tenente da guarda do grão-mestre D. Frei Manuel Pinto da Fonseca. Faleceu novo em Malta.

IV. *D. Teresa Ferreira de Sá,* que faleceu ainda solteira.

V. *D. Jerónima Teresa Ferreira,* freira em Santa Clara de Bragança.

VI. *D. Joana Maria Ferreira de Sá,* que faleceu ainda solteira.

VII. *D. Antónia Maria Caetana Ferreira de Sá Sarmento.*

VIII. *D. Maria Sebastiana Ferreira de Sá Sarmento.*

IX. *D. Rosa Teresa Ferreira de Sá Sarmento.* Todas três foram freiras em Santa Clara de Bragança e em 1777 já tinham falecido.

10º Pedro Ferreira de Sá Sarmento, nono senhor de toda a casa e morgadio de Tuizelo, cavaleiro da Ordem de Cristo, moço fidalgo da Casa Real, tenente-coronel de cavalaria dos dragões de Chaves. Em 1776 já estava aposentado e residia em Tuizelo com mais de cinquenta anos de idade.

11º Francisco José Sarmento de Lozada Ferreira, moço fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, coronel brigadeiro da cavalaria de Chaves, marechal de campo, com o governo das armas da província de Trás-os-Montes, no ano de 1762, na guerra contra Espanha.

Faleceu na vila de Tomar, onde acampava o nosso exército, e jaz sepultado no real convento das freiras da mesma vila.

Era filho de Pedro Ferreira de Sá Sarmento, moço fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, coronel de cavalaria, e de D. Jerónima de Macedo de Albuquerque, sua prima, filha de Paulo de Macedo de Albuquerque, cavaleiro da Ordem de Cristo e mestre de campo de auxiliares, e de D. Maria Mendes Pimentel; neta paterna de Francisco de Macedo de Albuquerque, adiante citado (filho de Belchior de Macedo e de D. Ana Rodrigues de Carvalho, adiante citados), e de D. Ana do Campo da Gama, adiante citada, filha de Francisco Álvares do Campo e de D. Juliana Gil, adiante citadas; neta materna do doutor Pedro Álvares de Carvalho (filho

de João Álvares de Carvalho e de D. Isabel de Lozada, filha de Paulo Fernandes Pimentel) e de D. Maria Mendes Pimentel, natural de Miranda, filha de João Supico da Cunha, capitão-mor de Miranda, e de D. Maria Pimentel, filha de Gaspar Pimentel.

Neto paterno de Aires Ferreira de Sá, cavaleiro da Ordem de Cristo, capitão-mor da vila do Vimioso e mestre de campo de auxiliares, e de D. Bibiana Ozores de Albuquerque, natural da vila do Vimioso, filha de Francisco de Macedo de Albuquerque, natural do Vimioso (filho de Belchior de Macedo, natural do Vimioso), e de D. Ana do Campo da Gama, natural do Vimioso, filha de Francisco Álvares do Campo e de D. Juliana Gil da Gama, filha de Francisco Gil de Magalhães.

Segundo neto paterno de João Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Clara de Sá Sarmento, sua prima, filha de Cristóvão Ferreira de Sá (filho segundo de Francisco de Morais Pimentel, o *Meia-língua,* e de sua segunda mulher D. Maria de Sá, filha de Aires Ferreira de Sá, adiante citado) e de D. Maior Sarmento de Lozada, filha de Francisco de Morais, natural de Vinhais, e de D. Francisca Sarmento de Lozada, filha de Bernardo de Lozada, senhor da Mesquita.

Terceiro neto parerno de Pedro Ferreira de Sá, moço fidalgo da Casa Real (filho de Aires Ferreira de Sá, fidalgo da Casa Real, e de D. Isabel de Sá, neto de Pedro Ferreira de Sá, comendador de Lamas e Corujas na Ordem de Cristo), e de D. Maria de Morais, sua parente, filha de João de Morais e Araújo, natural de Bragança, e de D. Maria de Morais, natural da mesma cidade(583).

Segundo morgadio

1º Doutor André de Morais Sarmento, juiz dos pleitos da Coroa e Fazenda Real, natural de Tuizelo, concelho de Vinhais, estando doente «de uma molestia prolongada», no hospital de Nossa Senhora da Luz da cidade de Lisboa, fez o seu testamento a 14 de Novembro de 1690 e instituiu e vinculou em morgadio e capela os bens de sua legítima e de seu irmão Baltasar de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real.

Era cavaleiro professo da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício e capitão-mor da vila de Vinhais, casado com D. Francisca Ozores.

(583) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.* Ver a sua descrição em *Mirandela – Pintos Cardosos,* p. 273.
BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da cidade de Bragança.*

Deste vínculo seria primeiro administrador seu irmão Baltasar e por seu falecimento seu filho André de Morais Sarmento.

Vê-se também que o testador e instituidor tinha um outro irmão chamado Estêvão de Morais Sarmento, às filhas do qual legou quantias em dinheiro, como dote para entrarem no convento das religiosas de Vinhais ou para outro estado.

Determina que o administrador do vínculo se assine sempre Morais Sarmento e que resida na casa de Tuizelo, e não querendo aí residir, passará o morgadio ao imediato, a quem por direito pertencer, sempre debaixo destas condições.

Manda que os administradores deste vínculo sejam obrigados a mandar celebrar, em todo o sempre, por alma dele instituidor, todas as semanas, uma missa na capela da Senhora dos Remédios, de Tuizelo.

Este morgadio constava de várias propriedades situadas em Tuizelo, Seixas, Santalha, Revelhe, Nuzedo Traspassante, Penso, Cabeça da Igreja, Pinheiro Novo e Salgueiros, no concelho de Vinhais, e Caravelas, no de Mirandela, que rendiam duzentos trinta e um alqueires de pão, parte trigo e parte centeio, com duas galinhas de foro, e de muitas propriedades não aforadas em Tuizelo e casais noutras povoações, como Peleas e Seixas, no concelho de Vinhais, e outras em Domes e Pernes, no distrito de Santarém, onde os padres António Ozores e Jorge Ozores, tios do primeiro administrador, haviam sido reitores. (Ver em *Mirandela – Família Doutel de Almeida – Francisco Xavier,* pág. 266).

No I volume destas *Memórias Arqueológico-Históricas,* quando descrevemos o sítio de Vinhais em 1666, pelo general castelhano Pantoja, referimo-nos ao brilhante papel que nele desempenhou Estêvão de Morais Sarmento, irmão do instituidor deste morgadio, e demonstramos que a família Morais Sarmento, de Tuizelo, descendia de varões assinalados por feitos gloriosos na África e Índia (584).

2º D. Luísa Libória Baía e Vilas Boas de Morais Sarmento, senhora do segundo morgadio de Tuizelo e de toda a casa de seu avô materno, Luís Baía, casou em Condeixa com João António de Sá Pereira, fidalgo da Casa Real, senhor da casa de Condeixa, coronel de infantaria de Chaves, governador e capitão general da Ilha da Madeira, para onde partiu em 1767. Com geração.

(584) As notícias sobre esta família são extraídas duma pública forma, autenticada por tabelião, do testamento do primeiro instituidor do morgadio, existente na casa solarenga de Tuizelo, que generosamente me facultou o estudante de teologia no Seminário de Bragança, João Francisco Gonçalves, natural da mesma povoação, ao qual aqui deixo consignado o preito do meu reconhecimento. Se o proceder do inteligente académico tivesse mais imitadores não ignoraríamos tão vergonhosamente o nosso passado histórico.

Era filha de Baltasar de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, senhor do segundo morgadio de Tuizelo, e de D. Leonor Libória Baía Vilas Boas, senhora donatária, filha de Luís Baía Teixeira, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, governador da capitania do Rio de Janeiro, do conselho de El-Rei, e de D. Antónia Rosália de Vilas Boas; neta paterna de Francisco Baía Teixeira capitão de infantaria, sargento-mor da comarca de Vila Real, e de D. Jerónima Ferraz Mourão; neta materna de Francisco de Sá e Vilas Boas, mestre de campo de auxiliares, e de D. Ana de Gouveia.

Neta paterna de André de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, familiar do Santo Ofício, senhor do segundo morgadio de Tuizelo, e de D. Ana Monteiro de Sá, filha do doutor António Monteiro Pimentel, que residiu em Bragança, e de D. Bárbara Taveira de Sá.

Segunda neta paterna de Baltasar de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, governador de Vinhais, natural de Tuizelo, e de D. Francisca Ozores de Albuquerque, aos quais nos referimos no primeiro morgadio de Tuizelo (585).

3º Miguel Vicente Manuel de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real.

Era filho de Inácio de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, desembargador da Câmara de Lisboa, segundo marido de D. Angélica de Morais Sarmento, sua prima, a quem adiante nos referiremos.

Neto paterno de Baltasar de Morais Sarmento, cavaleiro da Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, familiar do Santo Ofício, governador de Vinhais e natural de Tuizelo, e de D. Francisca Ozores de Albuquerque, filha de António Malheiro da Cunha (filho de Diogo Malheiro da Cunha, natural de Ponte de Lima e de D. Mónica Teixeira, filha de António Correia Borges, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Doroteia Teixeira da Cunha) e de D. Maria de Morais Guedes, filha de Diogo Ozores Guedes de Albuquerque e de D. Isabel Correia da Cunha.

Segundo neto paterno de Rodrigo de Morais Sarmento, natural e residente em Tuizelo, e de D. Maria de Morais, filha de Francisco Dourado de Morais (filho de Estêvão Dourado e de D. Maria de Mariz, filha de Lopo de Mariz) e de D. Margarida de Brito Mascarenhas.

Terceiro neto paterno de Aires de Morais Sarmento, natural e residente em Tuizelo, e de D. Ana de Araújo Veloso, natural de Chaves, filha

(585) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*

de Francisco Álvares Veloso, vedor geral de Trás-os-Montes, fidalgo da Casa Real, e de D. Brites de Araújo, natural de Chaves.

Quarto neto paterno de Rodrigo de Morais, o *Indiano,* natural e residente em Tuizelo (filho segundo de Duarte Rodrigues de Morais e de D. Catarina Gonçalves, primeiros instituidores do morgadio de Tuizelo, no ano de 1530), e de D. Maria Sarmento, filha de Jácome Luís Sarmento.

Neto materno de Manuel de Morais Sarmento e de D. Mariana de Lobão Morais, natural da vila do Mogadouro, filha de Francisco Vaz Monteiro (filho de António Vaz Monteiro e de D. Maria Soeiro, sua prima; neto paterno de Martim Vaz Monteiro e de D. Guiomar Monteiro, filha de Diogo Monteiro, o *Velho,* natural de Moncorvo) e de D. Maria de Lobão, filha de Gaspar de Morais Antas (filho de Belchior de Morais, fidalgo da Casa Real, e de D. Isabel de Morais) e de D. Maria de Lobão, filha de Manuel Camelo e de D. Caetana de Lobão.

Segundo neto materno de Rodrigo Dourado de Morais, alcaide-mor de Vinhais, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. Maria Veloso Sarmento, filha de Aires de Morais Sarmento e de D. Ana de Araújo Veloso, atrás citados.

Terceiro neto materno de Francisco Dourado de Morais e de D. Margarida de Brito Mascarenhas, atrás citados[586].

4º Baltasar de Morais Sarmento, cavaleiro da Ordem de Cristo, natural de Tuizelo, filho de Rodrigo de Morais Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 24 de Julho de 1690[587].

5º Baltasar de Morais Sarmento, natural de Tuizelo, filho de André de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real.

Neto de Baltasar de Morais Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 10 de Maio de 1708[588].

5º António de Morais Sarmento, natural de Tuizelo, filho de André de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real.

Neto de Baltasar de Morais Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 10 de Maio de 1708[589].

(586) Ibidem.
(587) Livro 6 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 14 v.
(588) Livro 2 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 22.
(589) Ibidem.

VALBOM DE MASCARENHAS

(Também chamado Valbom dos Figos)

João Afonso Vaz, residente em Cabanelas, o licenciado Mateus de Cepeda, abade de Freixedelo, e Domingos Esteves, reitor de Alvites, todos irmãos, naturais de Valbom de Mascarenhas, erigiram em 1719 uma capela em Valbom, concelho de Mirandela, com vínculo de morgadio, junto às casas onde nasceram, dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Em 1742 era administrador desta capela Francisco Teixeira de Sousa, capitão-mor de Lamas de Orelhão, onde residia [590].

Ver *Cabanelas,* pág. 199.

VALE DE ASNES

1º D. Maria Josefa Alexandrina, filha de José de Meireles Pinto, capitão-mor de Vale de Asnes, e de D. Maria do Ó Albuquerque Telo, professou em 1773 no convento de S. Bento de Bragança.

2º D. Maria do Carmo, irmã da precedente, professou no mesmo convento em 1788, obrigando-se ao pagamento do dote, além de sua mãe, seu irmão João António de Meireles Antas, de Castro de Avelãs, e sua mulher D. Francisca Bernarda de Castro Carvalho [591].

3º D. Alexandrina Teresa de Meireles Antas de Albuquerque, recolhida no convento de S. Bento de Bragança, fez testamento em 1832 deixando por herdeira sua sobrinha D. Maria Ermelinda de Meireles, recolhida no mesmo convento.

Tinha duas irmãs: D. Antónia Bernardina e D. Ana Bernardina, também freiras no mesmo convento, e um sobrinho, Francisco de Meireles [592].

VALE BENFEITO

1º Aleixo Borges de Sá, tenente de cavalaria, cavaleiro professo na Ordem de S. Tiago, sua mulher D. Maria Correia da Conceição e Doro-

(590) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(591) Ibidem, maço *Freiras de S. Bento.*
(592) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 216, fol. 6.

teia de Sá, sua tia, erigiram em 1755 uma capela com vínculo de morgadio em Vale Benfeito, concelho de Macedo de Cavaleiros, junto às suas casas de moradia, dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Ao tempo os fundadores residiam em Nabo, concelho de Vila Flor (593).

Ver Nabo, pág. 343.

2º D. Bernarda Maria Borges, de Vale Benfeito, obteve em 1777 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia, onde se celebrasse missa (594).

3º António Borges de Morais, sargento-mor de infantaria, instituiu em 1523, o morgadio de Vale Benfeito, concelho de Macedo de Cavaleiros.

Sucedeu-lhe seu filho:

4º José Borges de Oliveira, doutor em Cânones, provisor e vigário geral no bispado de Bragança, abade de Montonto, que acrescentou o morgadio e o legou a seu sobrinho:

5º João de Morais.

A este sucedeu seu filho:

6º Doutor Luís de Morais.

E a este sucedeu outro João de Morais, pai de Salvador de Morais, que em 1721-1724 possuía este morgadio. Com geração (595).

VALE DE GOUVINHAS

António Domingues, presbítero, confirmado em Vale de Gouvinhas, concelho de Mirandela, fez em 1649 doação de bens à capela que tencionava erigir na mesma povoação dedicada a Santo António. Os bens constam principalmente de oliveiras (596).

(593) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(594) Ibidem.
(595) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI – Dos morgados, § 18.
(596) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

VALE DE JANEIRO

1º ANTÓNIO BORGES DE MORAIS e sua mulher D. Josefa da Silva e Meneses, de Vale de Janeiro, concelho de Vinhais, obtiveram em 1781 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (597).

2º CIPRIANO FERRO, presbítero, erigiu em 1836 uma capela na povoação de Vale de Janeiro, junto às suas casas de moradia, dedicada a Nosso Senhor Jesus (598).

VALE DE LAMAS

MANUEL CAMELO DE MORAIS, abade de S. João, de Bragança, erigiu em 1715 uma capela da invocação do Calvário, na povoação de Vale de Lamas, concelho de Bragança «para acabar ally a via-sacra daquelle lugar, e lhe dotou por fabrica a Quinta contigua á dita capella que só de vinho rende em cada hum anno 200 ou tresentos Almudes». A quinta estava tapada e murada sobre si e constava de vinha, pomar e hortas. O documento não menciona as confrontações da quinta vinculada e parece que era um morgadio.

Nada resta hoje da capela; apenas a tradição de que ficava ao norte da povoação e contígua a esta na propriedade que fica entre os dois caminhos que, indo de Baçal, se bifurcam a quinhentos ou seiscentos metros antes da povoação (599).

VALE DE LAGOA

1º JOSÉ CAETANO REIMÃO, seus filhos Francisco Reimão, Manuel José, D. Maria Xavier, D. Luísa Josefa e D. Ana, de Vale de Lagoa, concelho de Mirandela, obtiveram em 1795 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia, onde se celebrasse missa (600).

(597) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(598) Ibidem.
(599) Ibidem.
(600) Ibidem.

2º José Caetano Reimão e Meneses, residente em Vale de Lagoa, freguesia de Alvites, concelho de Mirandela, obteve a 6 de Março de 1762 carta de nobreza e brasão de armas, que foi registada no *Cartório da Nobreza,* livro 2º, fólio 38 v (601) e lhe concede escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Reimões; nos segundo e terceiro as dos Meneses e no quarto os dos Reimões. Por timbre o dos Reimões, que é um reimão da sua cor com um ramo de árvore na boca, e por diferença uma brica de ouro com uma almofada azul.

Era filho de Francisco José Pinto Pereira e de D. Isabel Maria, residentes em Vale de Lagoa.

Neto de José de Sá Coutinho e de D. Maria Pinto de Meneses.

Bisneto de Luís Pires e de D. Francisca Reimão de Meneses.

Terceiro neto de João de Sequeira Reimão de Meneses.

VALONGO

P.º (Pedro) Meseda (?) e sua mulher D. Catarina Brás, residentes em Valongo, termo de Bragança, doaram em 1653 bens à capela de Nossa Senhora da Conceição, por eles mandada construir na referida povoação (602).

VALE DE MADEIRO

Ver em *Mascarenhas – Família Barrosos,* pág. 252.

(601) A certidão autêntica desta carta de brasão de armas, escrita em quatro fólios de pergaminho, o primeiro envolvido por cercadura iluminada e o segundo todo ocupado pelo escudo igualmente iluminado, encontra-se em Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, em poder de Álvaro Pegado de Sousa Barroso, a quem agradecemos o favor de no-lo haver comunicado.

Em poder do mesmo nobre fidalgo há a carta régia de 19 de Fevereiro de 1814 que promove António de Sá Pinto a sargento-mor das ordenanças da vila de Mirandela, lugar vago pela promoção de António Pereira da Costa Cabral a capitão-mor do mesmo distrito.

(602) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

VALE DE MIRO

Inácio Teodósio Rodrigues de Santa Marta Soares era administrador do morgadio de Cércio e Vale de Miro, concelho de Miranda, pelos anos de 1779, por parte de sua mulher D. Maria Bernarda de Morais Sarmento, que tinha vários encargos pios, entre eles: uma missa pelo arcediago de Mirandela, João de Macedo, pelos bens que este agregou ao vínculo e um aniversário por João de Morais Silva, arcediago da Sé [603].

VAL PAÇOS [VALPAÇOS]

No meio do claustro do Convento franciscano de Vinhais há um elegante chafariz de forma octogonal encimado pela estátua da *Fama*, com um dístico latino já publicado, incorrectamente, pelo *Portugal Antigo e Moderno*.

No topo das cantarias, em volta do tanque, há a seguinte inscrição, inédita, segundo cremos:

ESTA OBRA / MANDOU FA / ZER / JOAO. JOZ / E DE MAGA / LHA ENS M / ORGADO / DE VAL / PACOS CAPI / TAM DE CAVALARIA, / EM CHA / VES NO ANNO / DE 1785.

Os traços que separam as palavras indicam as letras que há em cada pedra.

VALE PEREIRO

José Manuel Martins Manso, visconde de Vale Pereiro, por decreto de... nasceu na Bemposta, concelho do Mogadouro, e faleceu em Alfândega da Fé a 16 de Julho de 1917.

(603) Volume IV, p. 347, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

Era filho de Manuel Joaquim Martins Manso e de D. Teresa Maria Cordeiro.

Casara na Sé da Guarda a 30 de Agosto de 1898 com D. Isabel Maria Martins Manso, natural de Bemposta, filha de Manuel António Martins Manso, natural de Bemposta, e de D. Ana da Natividade Telo, natural de Vila de Ala, concelho do Mogadouro.

Residiu em Vale Pereiro e jazem, tanto ele como sua mullher, que faleceu também em Alfândega da Fé a 20 de Junho de 1913, na capela-mor da igreja matriz de Vale Pereiro.

I. *Alberto António Maria Martins Manso,* que nasceu a 13 de Junho de 1899.

II. *D. Rosa Maria Martins Manso,* que nasceu a 22 de Outubro de 1900 e casou com Francisco José Lemos de Mendonça a 23 de Novembro de 1921. Reside em Alfândega da Fé. (Ver *Vila de Ala.*)

VALE DA PORCA

Ver *Cabanelas,* pág. 199.

VALE DE SALGUEIRO

1º ANTÓNIO (GONÇALVES?), presbítero, morador em Vale de Salgueiro, confirmado de Quintas, termo de Mirandela, fez doação em 1662 de bens à capela das Almas por ele mandada construir em Vale de Salgueiro, concelho de Mirandela, com vínculo de morgadio (604).

2º FRANCISCO ANTÓNIO DE SOUSA MADUREIRA CIRNE e sua mulher D. Caetana Clara de Mesquita e Castro Osório Vilas Boas, obtiveram em 1816 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia em Vale de Salgueiro, onde se podesse celebrar missa (605).

3º D. MARIA ALEXANDRINA PAVÃO DE MORAIS PINTO. (Ver em *Cabanelas – Família Doutel* de *Andrade,* 3º, pág. 198, e em *Parada de Infanções – Família Pavão,* 3º, na pág. 369.)

(604) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(605) Ibidem.

4º Francisco Xavier Pavão de Morais Pinto, irmão da precedente, nasceu pelos anos de 1888.

5º D. Leopoldina de Morais Pinto Sarmento Pimentel, irmã dos precedentes, todos naturais de Vale de Salgueiro, concelho de Mirandela.

Casou com seu primo carnal Francisco Ferreira Sarmento de Morais Pimentel, do concelho de Felgueiras.

VALE TELHAS [VALE DE TELHAS]

1º António Gomes, confirmado de Vale de Telhas, concelho de Mirandela, e seu sobrinho Gaspar Gomes, também presbítero, residentes em Vale Telhas, fizeram em 1689 doação de bens, com vínculo de morgadio, à capela que tencionavam construir na igreja matriz da referida povoação (606).

2º Francisco Rodrigues Pinheiro de Aguiar, de Vale de Telhas, concelho de Mirandela, era filho de João Rodrigues Pinheiro e de D. Luísa Lopes Cardoso.

Neto paterno de Belchior Rodrigues Pinheiro e de D. Comba Pires.

Neto materno de Gonçalo de Aguiar Cardoso e de D. Maria Brás.

Foi-lhe passado brasão com as armas dos Pinheiros e dos Cardosos a 23 de Maio de 1753 e está registado no *Cartório* da *Nobreza,* livro particular, fol. 58 (607).

VARIZ

Manuel Gonçalves, presbítero, de Variz, concelho do Mogadouro, erigiu em 1814 uma capela nesta povoação, dedicada a Nossa Senhora das Dores, que dotou com bens suficientes para a sua fábrica (608).

(606) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(607) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico-Genealógico,* p. 215.
(608) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

VILA DE ALA

Família Fonseca Telo Caldeira

1º António Freire da Fonseca Telo, fidalgo da Casa Real, casado e com descendência, foi nono senhor do morgadio de Vila de Ala, concelho do Mogadouro, e do antigo padroado do capítulo de S. Francisco do Mogadouro, que lhe pertencia desde a fundação do mosteiro, com capela e jazigo.

2º Manuel Freire da Fonseca, irmão do precedente, despachou-se para a Índia, para onde foi na companhia do vice-rei marquês de Távora, com o foro de seus pais e hábito de Cristo.

3º D. Josefa, irmã dos precedentes.

4º D. Rosa Maria de Albuquerque Ordonhes Telo, irmã dos precedentes, casou em Vila Flor com Diogo Montes de Lemos. Com descendência.

5º D. Mariana, irmã dos precedentes, casou na província do Alentejo com Manuel Cabreira da Fonseca, capitão-mor de Alegrete. Teve um único filho, António Telo da Fonseca, capitão do regimento de Olivença.

Eram todos filhos de José Monteiro da Fonseca Telo (fidalgo cavaleiro da Casa Real, alferes de cavalaria e oitavo senhor da casa e padroado de Vila de Ala, natural de Proença-a-Nova, na Estremadura, que faleceu no ano de 1785, quando marchava com o seu regimento para o Alentejo) e de D. Ana Maria de Albuquerque Ordonhes, irmã de Manuel de Morais Faria, governador de Outeiro e mestre de campo, natural da vila do Vimioso, ambos filhos de Gaspar de Morais Antas, da casa do Vimioso, e de D. Benta de Faria da Silva, aos quais se refere o brasão de armas de Manuel de Morais Faria Antas da Silva.

Netos paternos de Manuel Freire da Fonseca, fidalgo cavaleiro da Casa Real, da ordem de Cristo, provedor de Torres Vedras, primeiro lugar que serviu (irmão de João Telo da Fonseca, desembargador da Casa da Suplicação), e de D. Isabel Caldeira Gaifão, filha de Bartolomeu Caldeira Gaifão, fidalgo da Casa Real e sargento-mor de Proença, e de D. Maria de Meireles, sua prima, filha de Matias da Fonseca e de D. Maria Freire de Meireles; neta paterna de Diogo Manso e de D. Margarida da Fonseca, filha de Vasco da Fonseca, fidalgo da Casa Real, no tempo de D. João III; neta materna de Jorge Delgado, alcaide-mor de Óbidos (filho de António Mendes Caldeira, fidalgo da Casa Real, e de D. Maria da Fonseca, sua parente; neto paterno de António Mendes Caldeira, o *Velho,* da vila de Carlão; neto materno de João da Fonseca, fidalgo da Casa Real, e de D. Inês de Gaia), e de D. Joana Freire.

Segundos netos paternos de António Freire da Fonseca, fidalgo cavaleiro da Casa Real, da Ordem de Cristo, corregedor do cível da corte e da Mesa de Agravos da Casa da Suplicação, e de D. Maria Soeiro de Madureira, filha de Manuel Soeiro de Madureira, morgado de Vila de Ala, e de D. Isabel de Madureira; neta paterna de Miguel Fernandes Soeiro, morgado de Vila de Ala e padroeiro de S. Francisco do Mogadouro, e de D. Guiomar Montes, filha de Diogo Montes, da Torre de Moncorvo; neta materna de João Telo e de D. Filipa de Madureira, filha de Luís de Madureira, morgado de Pradas.

Terceiros netos paternos de António Freire de Afonseca, o *Velho,* fidalgo da Casa Real, e de D. Maria de Morais Freire, filha de Jorge Freire, morgado de Caparica, e de D. Ana Soeiro.

Quartos netos paternos de Manuel Freire da Fonseca (filho de Jorge Delgado, alcaide-mor de Óbidos, e de D. Joana da Fonseca, filha de Pero da Fonseca, fidalgo da Casa Real, capitão de mar e guerra na armada de Tristão da Cunha em 1506, e de D. Ana Freire, filha de Gil Vaz Freire, alcaide-mor de Abrantes, e de D. Catarina de Beirós, filha do senhor de Paramos) e de D. Maria Temudo.

O códice que vamos seguindo algo diverge nos nomes dos terceiros avós de D. Ana Maria de Albuquerque Ordonhes, dos que aponta o *Brazão de Armas de Manuel de Morais Faria Antas da Silva.* Parece-nos, porém, que este seria escrito com mais conhecimento de causa, e por isso para ele remetemos o leitor (609).

6º José Maria Telo, morgado de Vila de Ala, que vivia pelos anos de 1779, era obrigado a pagar ao convento do Mogadouro vinte alqueires de trigo e dez tostões em dinheiro, segundo dispunham as cláusulas da fundação do morgadio (610).

7º António Jacinto da Fonseca Telo Caldeira, casado com D. Francisca Madalena, falecida em Vila de Ala, donde ambos eram naturais, a 14 de Setembro de 1893, assentou praça em tenente em Fevereiro de 1808, fez todas as campanhas da Guerra Peninsular e reformou-se como capitão em 1820.

8º João de Deus Martins Manso, natural de Bemposta, concelho do Mogadouro, neto materno dos antecedentes, combateu em França como

(609) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.* Mas este artigo sobre Vila de Ala, a julgar pela caligrafia que é muito mais mal feita, deve ter sido escrito por pessoa diferente.
Ver o volume IV, p. 348, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
Ver em *Vila Flor – Família Montes Seixas Lemos Pereira,* p. 509.
(610) Volume IV, p. 348, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

alferes durante a Grande Guerra (1914-18), onde foi ferido e, tendo-se depois reformado, casou na Guarda, onde reside, na casa legada por seu tio Manso, chantre na Sé dessa cidade, sobrinho do bispo da mesma D. Manuel Martins Manso, falecido a 1 de Dezembro de 1878, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

VILA BOA DE OUSILHÃO

ANTÓNIO PIRES POUSA, de Vila Boa de Ousilhão, concelho de Vinhais, erigiu em 1861 uma capela junto às suas casas de moradia, em substituição de outra arruinada que lhe pertencia e existia no mesmo local (611).

VILA CHÃ DE BRACIOSA

1º DOMINGOS AFONSO e sua mulher D. Isabel Lopes, lavradores, de Vila Chã de Braciosa, concelho de Miranda, dotaram em 1657 bens, com vínculo de morgadio, à capela de S. Domingos que iam erigir no Cabecinho da Touça, limite da mesma povoação (612).

2º MATEUS DE SANTIAGO, presbítero, natural de Vila Chã de Braciosa, dotou em 1695 de bens suficientes a capela, que na igreja matriz da mesma freguesia mandara erigir o falecido abade dessa freguesia Pedro Guedes de Magalhães, que não fabricara suficientemente (613).

3º D. CATARINA DE MORAIS, viúva, residente em Vila Chã de Braciosa, faleceu a 16 de Junho de 1822 deixando por testamenteiros seu irmão Manuel de Morais, abade de Terroso, e Paulo Miguel Rodrigues de Morais, filho da testadora, deão da Sé de Bragança, cavaleiro da Ordem de Cristo.

Tinha uma nora: D. Maria Guiomar de Azevedo Sousa Sequeira de Figueiredo, e filhos, além do já nomeado, mais: D. Joana, freira, e Manuel Rodrigues de Morais, sargento-mor (614). Ver na lista dos cónegos os apelidos – *Morais* (Paulo Miguel Rodrigues de) e *Azevedo* (Francisco Manuel de Morais).

(611) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(612) Ibidem.
(613) Ibidem.
(614) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 129, fol. 74 v., onde vem o seu testamento.

VILA FLOR

Família Duarte de Almeida

1º D. Duarte de Almeida cobriu-se de imortal glória na batalha de *Toro* contra os castelhanos, porque, sendo alferes-mor de El-Rei D. Afonso V, segurou com os dentes, por lhe haverem já decepado as mãos, a bandeira portuguesa, impedindo assim que ela caísse nas mãos do inimigo, donde lhe veio a alcunha de o *Decepado*.

D. Duarte de Almeida descendia de nobres fidalgos muito validos dos reis D. Dinis e D. Afonso IV, senhores do castelo de Vilharigues (Vouzela) e alcaides-mores de Aveiro.

O *Decepado* deixou progénie nobre, como pode ver-se no *Arquivo Heráldico-Genealógico* de Sanches de Baena, entre outros, Afonso Lopes de Almeida, de quem procedem os marqueses de Penalva e outras famílias nobres de Portugal, de quem não curamos saber. Aqui referir-nos--emos apenas a um ramo que vicejou no distrito de Bragança:

2º Diogo Lopes de Almeida, filho de D. Duarte de Almeida, casou em Pinhel com uma senhora da nobre família dos Mesquitas, de quem teve, entre outros filhos:

3º D. Isabel de Almeida da Mesquita, que casou com António da Costa Montalvão, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, natural de Aveiro.

Descendência:

4º D. Maria de Almeida da Mesquita, natural de Moncorvo, que casou com Salvador da Costa Montalvão, seu primo, de Pinhel.

Descendência:

5º António de Almeida da Mesquita, que casou com D. Antónia da Mesquita, sua prima.

Descendência:

6º D. Antónia de Almeida da Mesquita, que casou com seu primo António de Almeida da Mesquita, dos Mesquitas de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães.

Descendência:

7º Diogo de Almeida da Mesquita, que casou com D. Maria Cepeda Machado, natural de Vila Flor, sobrinha de Lopo Machado, capitão-mor daquela vila (1652), dos Machados dessa vila, uma das famílias nobres e antigas da província de Trás-os-Montes.

Descendência:

8º Manuel de Almeida, natural de Vila Flor, onde era senhor de casa, que casou em segundas núpcias com D. Ana Pinto de Meireles, da casa de *S.* Tiago de Mirandela, pelos Pintos.

Descendência:

9º Francisco Xavier Almeida Machado, herdeiro da casa de seus pais, capitão de auxiliares e senhor da propriedade do ofício de escrivão das sizas de Vilas Boas, Sampaio e Vila Flor, e também proprietário, por sua mulher D. Teresa de Madureira e Lemos, de um vínculo em Vila Flor.

D. Teresa de Madureira era filha de João de Seixas Cabral Montez de Lemos, senhor de vários vínculos e morgadios e da casa dos Lemos em Vila Flor.

Descendência:

10º D. Rosa Rita de Almeida Machado e Lemos, senhora da casa e vínculos de seus pais, que casou com Francisco Leite Pereira, de Favaios, tenente de infantaria de Bragança.

Descendência:

I. *D. Luísa Rita,* que casou com Francisco António Teixeira de Morais Castro Soto Maior, tenente-coronel de milícias e morgado da Praça, em Vila Flor. Com descendência.

II. *Francisco Leite Pereira de Almeida* (11º adiante citado).

11º Francisco Leite Pereira de Almeida, senhor da casa e vínculo de seus maiores e capitão de cavalaria de Chaves, nasceu em Vila Flor a 9 de Maio de 1800, onde faleceu em 1880 e jaz sepultado.

Casou com D. Felicidade Perpétua de Seabra, irmã do ministro e secretário de Estado visconde de Seabra, autor do *Código Civil Portugês,* e filha de António de Seabra da Mota e Silva, corregedor e cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e de D. Doroteia Bernardina de Sousa Lobo Barreto.

Descendência:

I. *D. Guilhermina,* que casou com Francisco Morais Leite Soto Maior e Castro, seu primo, morgado da Praça, em Vila Flor. Com descendência.

II. *Jorge Leite Pereira de Almeida e Seabra* (12º, adiante citado).

12º Jorge Leite Pereira de Almeida e Seabra, de Vila Flor, antigo deputado da nação, advogado e recebedor na comarca de Vinhais, onde faleceu a 15 de Março de 1906 pelas cinco horas da manhã.

Era casado com D. Cândida Falcão, da família do doutor José Falcão, que foi lente da Universidade de Coimbra e chefe do partido republicano.

Descendência:

I. *Antero Falcão Leite de Seabra,* juiz de direito aposentado que publicou na *Enciclopédia das Famílias,* 1904, um interessante estudo genealógico sobre várias famílias trasmontanas.

II. *D. Lavínia.*

III. *D. Constança Leite de Seabra*(615).

(615) *Portugal: dicionário histórico*, ..., artigo «Decepado».

Capitães-mores

1º Álvaro de Morais, capitão-mor de Vila Flor, onde casou com sua prima direita D. Ângela do Sil, filha de Diogo de Morais e de D. Maria do Sil [616].

2º Francisco do Sil (outros dizem do Cid) de Morais, capitão-mor de Vila Flor [617].

3º Jerónimo de Morais Beça, capitão-mor de Vila Flor [618].

4º João Borges de Morais, capitão-mor de Vila Flor, filho de Cristóvão de Seixas, de Vila Flor, e de D. Isabel de Morais.

Casou em Vale Torno, concelho de Vila Flor.

Descendência:

5º João Borges de Morais, também capitão-mor de Vila Flor, que casou em Vila Real.

Descendência:

6º Doutor Francisco de Morais e Castro, capitão-mor de Vila Flor, onde casou com D. Gracia Maria Soto Maior.

Descendência:

7º António José Soto Maior de Morais, capitão-mor de Vila Flor, que viveu pelos anos de 1804 [619].

O primeiro circum-navegador do mundo

Descendência trasmontana do grande navegador Fernão de Magalhães, que primeiro circum-navegou o mundo:

1º Fernão de Magalhães, nasceu em Sabrosa (como dizem alguns genealogistas), província de Trás-os-Montes, distrito de Vila Real, pelos anos de 1480 e foi morto pelos indígenas da ilha de Mactan, no estreito de Magalhães (que tomou o nome do seu descobridor, um dos mais célebres nautas do mundo), a 27 de Abril de 1521.

Fernão de Magalhães, casou mas não deixou descendência directa, tendo fundado um vínculo de morgadio na sua quinta de Souta, perto de Sabrosa [620].

(616) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico*, tomo I, fol. 204.
(617) Ibidem, fol. 173.
(618) Ibidem.
(619) Ibidem, fols. 209 v., 210 e 224.
(620) A quinta de Souta ainda hoje se conserva com o mesmo nome. Não se sabe positivamente onde nasceu Fernão de Magalhães, sendo todavia Sabrosa quem maiores probabilidades tem de ser o seu berço.

Sucedeu-lhe sua irmã:

2º D. Teresa de Magalhães, que casou com João da Silva Teles.

Descendência:

3º Luís Teles da Silva, que casou com D. Rosa de Castro Vasconcelos.

Descendência:

4º Francisco da Silva, que casou com D. Maria Moreira.

Descendência:

5º António de Magalhães e Faria, que casou com D. Francisca Pereira da Silva a 5 de Março de 1600.

Descendência:

6º Gonçalo Alvarez Moreira, que casou com D. Maria Marinho a 3 de Julho de 1633.

Descendência:

7º D. Maria Moreira, que casou com António Francisco Pinheiro a 4 de Maio de 1663.

8º Manuel Álvares Coelho de Faria, que casou com D. Ana Maria Pereira.

Descendência:

9º D. Caetana Rozoura Pereira Coelho, que foi baptizada a 13 de Março de 1694 e casou a 8 de Junho de 1713 com Luís Ribeiro Valente.

Descendência:

10º D. Quitéria Joaquina Pereira, que nasceu a 2 de Abril de 1725 e casou com o doutor Amaro Pereira de Aguiar.

Descendência:

11º António Luís Pereira, que nasceu a 5 de Maio de 1751 e casou com D. Petronila Lopes de Aboim.

António Luís Pereira, em documentos do arquivo da casa de seus descendentes, em Vila Flor, adiante descritos, aparece com o nome de António Luís Álvares Pereira da Silva, como seja num requerimento feito em 1800, onde se declara natural do lugar de Sabrosa, termo de Vila Real, e noutros com o nome de «Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castelo Branco de Magalhães, caballero del Ordem de Santiago y señor de los Derechos de Fernando de Magallanes, Descubridor que fue del Mar del sur, vecino de esta corte [Madrid], natural de Villa Real Provincia de Tras los montes Reino de Portugal», como vem no seu testamento feito em Madrid a 4 de Janeiro de 1802. Neste testamento declara que do seu casamento com D. Petronila não houve filhos, mas que tinha a seguinte filha legitimada:

12º D. Petronila Laura Álvares Pereira, baptizada em Madrid a 1 de Dezembro de 1800, que casou com António Ferreira, que também aparece em alguns documentos com o nome de «Manuel António Ferreira de Aragão Cabral», marechal de campo (ver *Vilar Chão*).

Descendência:

13º Alexandre Manuel Ferreira de Aragão, que também aparece com o nome de «Alexandre Manuel Álvares Pereira de Aragão», bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, deputado às cortes, nascido em Parada de Pinhão e falecido em Vila Flor a 4 de Maio de 1913, onde casara a 5 de Fevereiro de 1865 com D. Felicidade Amália Pinto de Lemos, filha natural de Manuel Pinto de Lemos, reitor de Vila Flor, irmão do marechal e visconde de Lemos, da mesma vila, e de D. Joaquina Rita Afonso de Carvalho (621).

Descendência:

I. *Manuel António Álvares Pereira de Aragão*, casado, proprietário, que reside em Vila Flor. Sem descendência.

II. *Alexandre Álvares Pereira de Aragão*, juiz de direito.

III. *D. Felicidade Laura Álvares Pereira de Aragão*, solteira, que reside em Vila Flor, na rica casa de seus maiores.

IV. *D. Maria Palmira Álvares Pereira de Aragão*, que casou em Freixiel, concelho de Vila Flor. Com geração. (Ver no suplemento – Freixiel).

Fernão de Magalhães e a autenticidade dos testamentos de 1504 e 1580

Tese por nós apresentada ao Congresso Luso-Espanhol para o Adiantamento das Ciências, celebrado no Porto desde 25 de Junho a 1 de Julho de 1921:

Na revista *O Instituto* (622), volume 68, correspondente a Fevereiro de 1921, publicamos, além de outros documentos referentes a Fernão de Magalhães, o seu testamento feito em Belém (Lisboa) em 1504, o de seu sobrinho-neto Francisco da Silva Teles, feito no Maranhão (Brasil) em 1580, a síntese de um auto em que seis escrivães e quatro testemunhas constatam em 1798 que as armas da casa da Pereira de Sabrosa, presumível solar do Grande Navegador, estavam picadas por ordem de D. Manuel I, em razão do genial nauta haver passado ao serviço de Castela, e a árvore

(621) Extraímos estas notícias dos documentos passados em pública forma por tabelião público, portanto dignos de fé, existentes em Vila Flor no arquivo da família Aragão, descendente de Fernão de Magalhães, que hoje se encontram em poder de D. Felicidade Laura (III, acima citada). Estes documentos foram reunidos em volume, que tem por título, na capa: *Documentos relativos ao Grande navegador Fernão de Magalhães, descubridor do estreito do seu nome, e outros titulos e noticias sobre sua familia em Sabrosa.*

(622) Correspondente a Março de 1921, p. 113 e seguintes.

genealógica dos actuais representantes de Fernão de Magalhães, descendentes de sua irmã D. Teresa de Magalhães.

Nesta publicação seguimos o texto de uma cópia autêntica, tirada por notário público, existente em Vila Flor, distrito de Bragança, no arquivo da família Aragão.

D. José Manuel de Noronha tentou demonstrar a não autenticidade dos dois testamentos acima, não porque a descoberta de novos documentos os viesse invalidar, mas porque certas considerações habilmente explanadas parecem justificar tal juízo.

E como se trata de considerações, vá de lhe contrapor outras, não menos dignas de ponderação, que devem forçar-nos a insistir pela autenticidade dos dois testamentos, enquanto se não descobrirem provas em contrário, se porventura as há.

Negando a autenticidade, dizem:

1º No testamento de 1504 instituiu Fernão de Magalhães um morgadio a favor de sua irmã D. Teresa de Magalhães. «Ora, se êle chama para lhe suceder no vinculo uma irmã, é de crer que não tinha irmãos, porque, se os tivesse, não legaria o morgado a fêmea, contra o uso geral daqueles tempos»; mas o testamento que o mesmo fez em Sevilha em 1519 menciona mais dois irmãos – Diogo e Isabel – e o ilustre investigador doutor António Baião descobriu mais outro de nome Duarte; donde os fortes motivos de suspeita contra a autencidade do primeiro testamento.

À guisa de contestação pomos as seguintes considerações:

Os vínculos instituíam-se em favor de uma pessoa amiga, quer masculina, quer feminina; portanto bem podia Magalhães ter irmãos e não os querer contemplar: instituíam-se para conservar inteiras as casas, obstando assim à extrema e prejudicial fragmentação da propriedade e, conseguintemente, em favor da pessoa que melhores garantias dava de satisfazer a esta condição, além de que, bem podia ao tempo não serem nascidos os outros irmãos de Magalhães – não é rara a diferença de vinte a trinta anos entre a natalidade de filhos do mesmo matrimónio – e se o eram, não agradarem ao circum-navegador, em razão da pouca idade, para o plano de engrandecimento doméstico que ambicionava para a sua casa. Que a sua mente gisava tal plano, ressalta claro de outros documentos incontestáveis da sua vida, como é, por exemplo, o testamento de Sevilha, feito em 1519. Enfim, bem podia ser levado a tal proceder por motivos que ignoramos, e nem o facto de ir contra o uso geral daquele tempo deve causar estranheza, porquanto, a limitar-se ao uso geral das viagens náuticas, nunca circum-navegaria o mundo.

2º A representação de Fernão de Magalhães passou para seus irmãos, dizem.

Mas quem sabe da descendência que deixaram? E mesmo ainda que se saiba, enquanto não apareçam outras provas que invalidem, deve insistir-se pela dos descendentes da irmã D. Teresa, pois a questão histórica gravita em volta da família, que pode orgulhar-se de contar o nauta por seu ascendente colateral, já que os diretos desapareceram.

3º «Entre os dois testamentos medeiam setenta e seis anos... Não obstante, entre as duas trancrições há apenas quarenta e quatro folhas do mesmo livro!» da Câmara Municipal de Fafe, onde foram transcritos e registados e donde se extraiu a cópia existente em Vila Flor e publicada em *O Instituto*, como fica dito.

À guisa de contestação, será bom considerar que Fafe era um pequeno concelho, terra de escasso movimento que poucos documentos teria a registar.

4º No testamento de 1504 mostra o Grande Navegador tanta consideração pela irmã D. Teresa e marido, quanta indiferença no de Sevilha feito em 1519, pois nem sequer fala neles, «sendo tanto mais para esperar que fossem mencionados, quanto é certo que ficavam sem a herança que já lhes havia sido uma vez atribuída. E se tivessem sido vítimas de vexames provocados pela passagem a Castela do descobridor do Estreito, o silêncio deste revestiria o aspecto da mais negra e mais desapiedada ingratidão».

À guisa de contestação, oferecemos as seguintes considerações:

Também este testamento não menciona os bens que possuía em Portugal, e, incontestavelmente, devia fazer-lhes referência.

Há porém mais:

Uma das condições *sine qua non* do contrato com El-Rei de Espanha, para Magalhães e herdeiros gozarem dos proventos e honras da famosa viagem, era de viverem em «nuestros Reynos, casados en ellos» (*O Instituto*, volume 68, pág. 73). Esta cláusula é tão essencial que o próprio Magalhães a inclui no testamento de 1519, determinando que o administrador do morgadio que funda «byva en castilla» ou «venga a bevyr e casar en estos Reynos de castilla». (*O Instituto*, vol. 68, pág. 135).

Ora, D. Teresa já estava casada em Portugal e provavelmente sem disposições a expatriar-se; para que, pois, mencioná-la se não podia ou não queria realizar as cláusulas do contrato e conseguintemente as do testamento? Não a menciona? Mas quantos indivíduos deserdam em segundo testamento os contemplados no primeiro; no terceiro os memorados no segundo e assim sucessivamente?

5º No testamento de 1504 três vezes se emprega a expressão – sua majestade –; ora, tal tratamento não tinha cabimento nesse tempo referindo-se a El-Rei D. Manuel I, porque só foi usado pelos nossos monarcas a partir de D. Sebastião; donde a falsidade do documento.

À guisa de contestação consideremos:

Que no fim da cópia desse documento diz o notário: que «vai bem e fielmente copiado menos algumas palavras que por estarem mal escriptas em letra gotica e o papel carcomido do tempo não foi possivel poder ler» *(O Instituto,* vol. 68, pág. 68). Ora, um texto nas condições gráficas apontadas, lido por quem já não estava familiarizado com tal letra, por inusitada no seu tempo, prestava-se facilmente ao equívoco de interpretar a rabisca em breve que indicava o – A – de alteza pelo – M – de magestade, sendo, de mais a mais, este tratamento o que então prevalecia; nem ele, notário, teria conhecimento de outro; nem que o tivesse ligaria importância à troca de um por outro, visto ambos traduzirem a mesma ideia, se é que não julgava impróprio o tratamento de alteza para um monarca, como se julgava no seu tempo. De resto, nem a crítica histórica nem a filologia se preocupavam então com tais minúcias.

6º El-Rei manda picar as armas da casa da Pereira, de Sabrosa, em castigo do nauta passar ao serviço de Castela; mas esta casa não era de Fernão de Magalhães, nem tinha as suas armas; portanto não pode admitir-se tal castigo, donde a falsidade dos dois testamentos de 1504 e 1580.

Não está mal achado; mas é preciso considerar: que a casa era mui provavelmente da irmã no que os críticos concordam *(O Instituto,* vol. 68, pág. 116) e provavelmente viera-lhe de seus maiores, que eram igualmente os do Grande Navegador, e podia ter outro brasão, como tantas vezes se observa em casas solarengas: viver um representante dos antigos instituidores, que todavia discorda em seus apelidos dos simbolizados no escudo (só no distrito de Bragança podemos apontar dezenas e dezenas de casos idênticos). Que assim era mostra-o o testamento de 1504, em que Magalhães manda pôr nessa casa as suas armas.

Portanto, os exactores da ordem régia, mesmo que fossem profundos em heráldica, o que não é provável, picando as armas da casa da Pereira, de Sabrosa, arrasavam as dos Magalhães, do Grande Navegador, embora lá não figurassem as suas próprias, mas sim as dos seus ascendentes que usavam outro apelido, importando pouco que a irmã estivesse de posse da casa, se é que o nauta não tinha lá o seu quinhão, porque era o solar da família, provavelmente único ponto onde se podia efectivar a ordenação régia, e para o efeito moral do castigo nada mais era preciso.

Quer dizer: dos documentos pode concluir-se que Fernão de Magalhães procedia de estirpe nobre, que usava armas de outros apelidos, mas pertenciam-lhe como próprias, embora não ostentassem os emblemas heráldicos dos Magalhães. Seriam estas as que os exactores da ordenação picaram.

7º O testamento de 1580 fala nas perseguições movidas à família da irmã do Grande Navegador pelos «vizinhos» de Sabrosa que a obrigaram a refugiar-se no Maranhão (Brasil). Ora, pelo testamento de 1519, feito em Sevilha, sabe-se que um irmão do nauta vivia em Lisboa estimado na corte régia; portanto não passam de lenda os tais vexames dos vizinhos, conjuntamente com o testamento de 1580.

Contrapondo a esta lenda devemos recordar:

Que a intransigência resulta sempre mais feroz entre a gente rude, e Sabrosa é muito diversa de Lisboa. Demais, não foi sem razão que se fixou a fórmula – ser mais papista que o papa – se é que a má vontade dos povos contra os fidalgos – em tua casa nem fidalgo, nem galgo – ou então – abris y caballeros pocos buenos – consignada nos forais, a ponto de um dos privilégios mais estimados dos municípios ser a garantia de não poderem demorar-se fidalgos na região, não entrava por muito no caso, a menos que não pensemos no ódio e azedume represado dos humildes contra os grandes, sempre prestes a deflagrar mal os vê declinar.

8º A quinta de Souta era de Fernão de Magalhães e nela instituiu o morgadio constante do seu testamento de 1504, mas pelo de 1580 vê-se que andava na família de sua irmã D. Teresa de Magalhães e marido; ora uma ordenação manuelina manda confiscar os bens dos nautas que tomarem serviço em armadas estrangeiras; portanto, ou a ordenação foi aplicada ou não; se foi, os bens não se transmitiam à família de Sabrosa; se não foi, os herdeiros contemplados pelo testamento de 1519 certamente haviam de opôr-se à execução do de 1504, revogado por aquele, donde a falha de autenticidade dos dois testamentos de 1504 e 1580.

A estas conjecturas opõem-se outras não menos ponderáveis:

Não podiam os bens escapar ao confisco por qualquer motivo, quando nem mesmo se sabe se a tal ordenação é anterior á expatriação do nauta? Não podia a família querer manter os dois morgadios – o de Sabrosa, fundado pelo testamento de 1504, e o de Sevilha, fundado pelo de 1519? Conhecem-se casos similares. Não pode o silêncio do testamento de 1519, relativo aos bens de Portugal, provir de haverem realmente sido confiscados, ou como tal os supor o Grande Navegador, e então, na hasta pública, ou mais tarde, voltar a família de Sabrosa a adquiri-los? Há tantas famílias que capricham em adquirir bens que seus maiores alienaram ou perderam, e setenta e seis anos que medeiam entre os dois testamentos são tempo mais que bastante, mesmo em condições normais, para duas mudanças de propriedade. De resto, a escassez desses bens, uma *pouquidade*, como lhe chama o mesmo Grande Navegador em seu testamento de 1504, mal tentaria a cubiça de estranhos, quanto mais a de membros

da mesma família, que nem sequer viviam na terra e sem generosidade de maior os podiam abandonar a pessoas tão conjuntas pelo sangue (623).

É possível que, devido às condições da morte do famigerado nauta e à rápida extinção da sua família directa, o testamento de Sevilha nunca se efectivasse e que os herdeiros portugueses, vendo a dificuldade de tirar dele qualquer partido, se desinteressassem do caso, ficando as coisas como estavam pelo testamento de 1504.

9º Finalmente, argumentam ainda com o facto de na árvore genealógica se mencionar um indivíduo vinte e um anos antes de nascer.

Mas essa árvore foi organizada por pessoa muito diversa e posterior, seguramente duzentos anos, aos factos que relata; portanto, bem podia enganar-se com outro nome idêntico a incluir a mais na geração, e mesmo que assim não fosse, nunca pôde servir de argumento contra a autenticidade do testamento, porque árvore e testamento são coisas muito diversas e de diferentes autores.

Em conclusão: entendemos que, enquanto se não estudarem criticamente os originais dos documentos, de que são cópia autêntica os de Vila Flor, publicados em *O Instituto,* atrás referido, ou não apareçam provas concludentes que os invalidem, se deve insistir pela autenticidade dos documentos de Vila Flor.

D. José Manuel de Noronha acrescenta ainda que «o testamento de 1504, o do Maranhão, a árvore genealógica» e todos os mais *Documentos relativos ao Grande Navegador,* atrás citados, foram coligidos por António Luís Álvares Pereira Coelho da Silva Castelo Branco de Magalhães (nº 11), o qual juntando todos esses papéis, não tinha apenas em vista justificar um ligítimo orgulho de família, mas obter do governo espanhol o cumprimento do tratado feito com seu nono tio, Fernão de Magalhães, como herdeiro do vínculo deste e seu único e legítimo representante... Para ver realizadas as suas pretensões, António Luís contava evidentemente com o apoio do tio de sua mulher, personagem que ocupava em Espanha um lugar primacial. Esse tio era o célebre D. Manuel Godoy, duque de Alcudia, mais tarde Príncipe da Paz

. . . . . .

. . . António Luís Álvares Pereira Coelho da Silva Castelo Branco de Magalhães, faleceu antes de ver coroada pelo êxito a sua pretensão. Um dos seus descendentes, encontrando os papéis, extratou os testamentos e sucessivamente os foi comunicando aos investigadores que se interessa-

(623) Esses bens valiam antes de 1914, ou seja antes da crise presente, uns 500.000 réis, que, referidos ao preço dos géneros alimentícios numa e outra época corresponderão a uns 15.000 réis no tempo de D. Manuel I.

vam pela grandiosa figura do nosso ilustre compatriota. Assim se foi estabelecendo a opinião de que estava descoberta a representação ligítima do navegador».

Logo que apareceu a contestação de D. José Manuel de Noronha, mandei para *O Instituto*, do qual ele era secretário de redacção e em que eu tinha colaborado largamente, como se vê no volume 56 e seguintes, as considerações atrás expostas. Nunca se dignou responder a duas ou três cartas que lhe dirigi pedindo a publicação e nunca esses considerandos foram publicados, apesar de seu sogro, Ex.mo Snr. doutor Francisco Miranda da Costa Lobo, lente da Universidade de Coimbra (que muito me honra com a sua amizade), presidente da sociedade *O Instituto*, de que também sou sócio e de que a revista é órgão, me dizer que tal publicação se faria.

Por isso decalquei sobre esses considerandos a tese que mandei ao *Congresso Luso-Espanhol para o Avançamento das Ciências*, celebrado no Porto desde 26 de Junho a 1 de Julho de 1921, à qual se referiu a imprensa, nomeadamente o *Diário de Notícias*, de Lisboa, de 2 de Julho de 1921.

Alguns homens de categoria nas ciências históricas, nacionais (624) e estrangeiros, seguiram o meu parecer relativamente à autenticidade dos documentos de Vila Flor e outros limitaram-se a prudente reserva.

Família Montes Seixas Lemos Pereira

1º Mário Miler Pinto de Lemos, agrónomo, falecido em África, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

2º D. Maria do Céu Pinto de Lemos, que casou com Acácio Artur Almeida, negociante no Porto.

3º D. Maria Zulmira Pinto de Lemos, que casou com o doutor Francisco Guerra, de Sendim de Miranda.

4º D. Maria Palmira Pinto de Lemos, que casou com o doutor João Carlos de Noronha, de Vila Flor.

Todos quatro eram filhos de António de Vasconcelos Pinto de Lemos e de D. Sofia de Magalhães Miler, que residiram em Vila Flor.

Netos paternos de Diogo Augusto Pinto de Lemos, morgado de Vila Flor.

Bisnetos paternos de Francisco Diogo Montes de Lemos, morgado de Vila Flor, e de D. Antónia de Vasconcelos, de Algoso.

(624) *O Instituto*, volume 68, correspondente a Junho de 1921, de que se fez tiragem especial sob o título *O Instituto – número comemorativo do quarto Centenário de Fernão de Magalhães.*

Francisco D. Montes de Lemos tinha os seguintes irmãos, aos quais nos referimos noutro lugar:

Dionísio Inácio de Lemos, juiz de fora de Moçambique.

António Pinto de Seixas Pereira de Lemos, tenente-general e visconde de Lemos, por decreto de 29 de Março de 1854, governador civil de Vila Real, comendador da Ordem de Avis, da Torre e Espada e de Vila Viçosa, condecorado com a Cruz das Três Campanhas da Guerra Peninsular. Nasceu em Vila Flor a 1 de Junho de 1795 e aí faleceu solteiro a 16 de Janeiro de 1862. Teve casa brasonada em Vila Flor por ele mandada construir em 1846 (625).

Manuel Pinto de Lemos, reitor de Vila Flor.

João de Seixas Pinto de Lemos, major.

D. Antónia Pinto de Lemos.

Terceiros netos paternos de João de Seixas Caldeira da Fonseca e Lemos, juiz de fora de Freixo de Numão e Miranda, corregedor de Bragança, falecido em Lisboa a 22 de Abril de 1806, e de D. Maria Antónia de Morais Sarmento, de Mirandela, filha de António Bernardo de Morais Sarmento, morgado de Santa Comba, e de D. Luísa Caetana de Mesquita Pinto.

Quartos netos paternos de Diogo Montes de Lemos, professo na Ordem de Cristo, senhor dos morgadios de São João e S. Domingos, Godeiros e Vale de Castelares (626), capitão-mor de Vila Flor, e de D. Rosa Maria de Albuquerque Ordonhas Telo, filha de José Monteiro da Fonseca Telo, de Proença-a-Nova, oitavo senhor do morgadio de Vila de Ala, fidalgo da Casa Real, padroeiro do capítulo de S. Francisco do Mogadouro (filho de Manuel Freire da Fonseca, fidalgo da Casa Real, professo na Ordem de Cristo, e de D. Isabel Caldeira, filha de Bartolomeu Caldeira Gaifão, fidalgo da Casa Real, sargento-mor, e de D. Maria de Meireles da Fonseca), e de D. Ana Maria de Albuquerque, do Vimioso, irmã de

(625) PINHO, Leal – *Portugal Antigo e Moderno,* artigo «Vila Flor».
Portugal: dicionário histórico ..., artigo «Lemos».
SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal,* vol. II, p. 87.

(626) O morgadio de S. João foi fundado pelo Padre Manuel Pinto de Azevedo, em S. João da Pesqueira, em 1645.
O morgadio de Godeiros, termo de Vila Flor, foi fundado por António Borges de Castro, filho de Paulo de Castro, de Moncorvo, e de D. Catarina Pinto, sobrinho de D. Francisco Pereira, bispo de Miranda.
O morgadio de Mendel foi fundado por Gomes Borges, irmão de D. Gonçalo Borges, abade comendatário de Refoios, netos de Domingos Gonçalves Borges, fidalgo da Casa Real, senhor dos Cortiços e Cernadela, e de D. Maria Lourenço de Castro.

Manuel de Morais Faria, mestre de campo, governador de Outeiro, filha de Gaspar de Morais Antas, da casa do Vimioso, e de D. Benta de Faria da Silva; neta paterna de Manuel de Morais Antas, do Vimioso, e de D. Isabel de Ordonhes; neta materna de José de Faria da Silva, dos senhores do castelo de Faria, e de D. Faustina Malho de Buíça.

Manuel Freire da Fonseca, atrás citado, era filho de Manuel Freire da Fonseca, fidalgo da Casa Real, professo na Ordem de Cristo, corregedor do cível da Corte, e de D. Maria Soeiro de Madureira, sua prima.

Quintos netos paternos de João de Seixas Cabral e Lemos, senhor do morgadio de S. João e Godeiros, capitão de cavalaria das ordenanças do almoxarifado de Moncorvo, e de D. Mariana de Almeida Meireles Pinto, irmã do sargento-mor Manuel de Almeida Meireles, instituidor dos morgadios de São Domingos e Vale de Castelares, filha de Domingos Jorge de Seixas, instituidor do morgadio de Candoso, e de D. Isabel de Almeida Meireles; neta paterna de Manuel Jorge de Seixas e de D. Maria de...; neta materna de André Gomes de Meireles e de D. Maria de Almeida.

Sextos netos paternos de Diogo Montes de Lemos, alferes de cavalaria, senhor do morgadio de S. João, e de D. Francisca Cabral de Macedo, filha de João de Seixas Cabral, sargento-mor de Vila Flor, morgado de S. João, e de D. Joana Pinto de Azevedo.

Sétimos netos paternos de Paulo Montes de Madureira, instituidor do morgadio e quinta da Senhora da Conceição e proprietário do ofício de escrivão da Câmara de Vila Flor, e de D. Filipa de Lemos da Fonseca, irmã de António Borges de Lemos, capitão-mor de Freixo de Espada à Cinta.

D. Maria Antónia Violante de Morais Sarmento (atrás citada), era filha de António Bernardo de Morais Sarmento e Vasconcelos, quinto administrador do morgadio de Santa Comba, da vila de Mirandela, e de D. Luísa Caetana de Mesquita, atrás citada em *Mirandela – Família Morais Sarmentos e Sás, senhores do morgadio de Santa Comba em Mirandela,* pág. 267 (627).

(627) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.* Mas este artigo sobre Vila Flor, a julgar pela caligrafia, que é muito mais mal feita, deve ter sido escrito por pessoa diferente.
Ascendência do II.mo e Ex.mo Snr. João de Seixas Caldeira da Fonseca e Lemos e da Ex.ma Snr.a D. Maria Antónia de Morais Sarmento (aquele de Vila Flor e esta de Mirandela). Porto, Tip. de António Rodrigues Alves, rua de Santa Catarina, 230, sem nome de autor, nem ano de impressão, 8º de 59 p. Será obra do Dr. Antero Falcão? Ver *Vila de Ala,* p. 496.

Família Leite Pereira

1º D. Álvaro Gonçalves Pereira, sexto grão-prior do Crato, fidalgo da Casa Real, no tempo de D. Afonso IV, teve, entre muitos filhos, a:

2º D. Nuno Álvares Pereira, condestável do reino, de quem procede a sereníssima casa de Bragança.

3º D. Maria Álvares Pereira, irmã do condestável, que casou com João ou José Gonçalves de Basto, seu parente, meirinho-mor e alferes-mor do condestável, fidalgo da Casa Real, senhor das casas de Vilar e Taipa e dos direitos reais do Arco de Baúlhe, em Basto, e de várias terras.

Descendência:

4º Álvaro Gonçalves Pereira, fidalgo da Casa Real, no tempo de D. Afonso V, que casou com D. Leonor Álvares Leite (irmã de Vasco Leite, que praticou proezas em Toro, e deste procedem os Leites, da Madeira, de Diogo Leite e de Álvaro Leite, de quem procedem, entre outras famílias ilustres, os Leites Pereiras, senhores de Quebrantões e Gaia Pequena, actualmente condes de Campo Belo), filha de Álvaro Annes Leite, fidalgo da Casa Real no tempo de D. João I, senhor do préstimo de Calvos e do solar do Barrosão, em Basto, e de D. Filipa Borges, neta de Gonçalo Borges, senhor das vilas de Carvalhais, Ílhavo e Verdemilho, porteiro-mor e fidalgo da Casa Real no tempo de D. Afonso IV.

Descendência:

I. *D. Leonor,* que casou com Fernão Velho, senhor da casa de Sobrado, em Basto, de quem procedem os Leites Pereiras de Meireles, senhores da casa do Campo, em Basto.

II. *Rui Leite Pereira,* de quem procede a casa de Cainhos.

III. *João Álvares Leite Pereira* (5º, adiante citado).

5º João Álvares Leite Pereira, fidalgo da Casa Real no tempo de D. Afonso V e de D. João II, senhor das casas de Vilar, Paço e outras, em Basto, que casou com D. Catarina de Morais, da família dos Morais, alcaides-mores de Bragança e padroeiros de S. Francisco desta cidade, filha de Martim Gonçalves de Morais, quinto padroeiro de S. Francisco de Bragança, alcaide-mor desta cidade, senhor da honra de Vinhais, Alagoa e seus padroados, e de D. Constança Lourenço, filha de Lourenço Pires de Távora, senhor do Mogadouro.

6º D. Isabel de Morais Leite Pereira, senhora das casas de Vilar, Paço, etc., que nasceu em Bragança e casou com Francisco Vaz Pimenta, filho de Marçal Pimenta, descendente de Afonso Pimenta, alcaide-mor de Braga, e de D. Isabel Martins Dosguimarães.

Descendência:

I. *D. Camila,* senhora da casa de Vilar, que casou com Álvaro de Mei-

reles de Andrade, de quem procedem os Leites Pereiras de Tavares e outras famílias.

II. *D. Isabel* (7º, adiante citado).

7º D. Isabel Pimenta Leite Pereira, senhora da casa do Paço, que lhe doaram seus pais, casou com António Gonçalves de Castro, dos Castros de Monte Longo.

Descendência:

8º D. Isabel Leite Pereira de Azevedo, que casou com Luís Álvares Rebelo de Meireles, fidalgo da Casa Real e senhor da casa do Telhado, no Arco de Baúlhe, irmão de António Rebelo de Meireles, de quem procedem os senhores da casa do Campo, Santo Antoninho e Santa Senhorinha, em Basto.

Descendência:

9º Baltasar Rebelo Leite Pereira de Meireles, fidalgo da Casa Real e senhor da casa dos Chãos.

Entre outros filhos tiveram a:

10º Miguel Rebelo Leite Pereira de Meireles, filho segundo, fidalgo da Casa Real, que casou em Trás-os-Montes com D. Francisca Teixeira de Magalhães Ferraz de Fontoura.

Descendência:

11º Miguel Rebelo Leite Pereira de Magalhães Ferraz, fidalgo da Casa Real e sargento-mor de Favaios, onde residiu e casou com D. Maria Teixeira de Barros Beça, filha de Gonçalo Teixeira de Barros Beça, fidalgo da Casa Real e capitão-mor de Favaios, e de D. Joana de Mesquita Pimentel Alcoforado, filha de Maurício de Mesquita Pimentel, professo na Ordem de Cristo e fidalgo da Casa Real, de Penaguião, e de D. Serafina de Afonseca, de Manfómedes.

Entre outros filhos (ver a nota adiante) tiveram a:

12º Francisco Leite Pereira de Magalhães Ferraz, de Favaios, onde nasceu a 21 de Fevereiro de 1749, tenente de infantaria de Bragança, irmão de Manuel Leite Pereira de Magalhães Ferraz, marechal de campo e governador interino das armas de Trás-os-Montes, de quem procede José Maria Pinto Leite de Queiroz, senhor das casas de Vale Passos e Favaios.

Francisco Leite casou em Vila Flor com D. Rita de Almeida Machado e Lemos, senhora de um vínculo de que foi quarto administrador seu marido, filha de Francisco Xavier de Almeida Machado, de Vila Flor, sexto neto de D. Duarte de Almeida, o glorioso *Decepado* da batalha de Toro, e de D. Teresa de Madureira e Lemos, filha de João de Seixas Cabral de Lemos, senhor da casa dos Lemos, de Vila Flor.

Descendência:

I. *Francisco* (13º, adiante citado).

II. *D. Luísa Rita,* que casou com Francisco António Teixeira de Morais Castro Soto Maior, senhor dos vínculos de Linhares (Ansiães), Carvalhais (Mirandela) e do morgadio da Praça (Vila Flor). Descendência:

a) Francisco, que foi herdeiro e senhor dos vínculos e morgadio de seus pais e casou com sua prima coirmã D. Guilhermina, adiante citada.

b) D. Maria Leopoldina, que casou com Justiniano de Morais de Madureira Lobo, senhor da casa de Freixiel. Descendência:

Guilhermino.

D. Beatriz.

D. Isabel.

13º Francisco Leite Pereira de Almeida, de Vila Flor, oficial de cavalaria de Chaves, quinto e último administrador do vínculo atrás mencionado, casou com D. Felicidade Perpétua de Seabra, irmã do grande jurisconsulto, ministro e secretário de Estado, visconde de Seabra, filhos de António de Seabra da Mota e Silva, de Mogofores, corregedor da comarca de Moncorvo e cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e de D. Doroteia Bernardina de Sousa Lobo Barreto.

Descendência:

I. *Jorge* (14º, adiante citado).

II. *D. Guilhermina Amália,* que casou com seu primo coirmão Francisco de Morais Leite Soto Maior e Castro (atrás citado). Descendência:

a) Agripino.

b) D. Adília.

c) D. Felicidade.

d) Arnaldo.

e) D. Beatriz.

14º Jorge Leite pereira de Almeida e Seabra, de Vila Flor, deputado às cortes em 1870, bacharel formado em direito, advogado e recebedor na comarca de Vinhais, casou com D. Cândida Francisca Fernandes Falcão, de Pouzafoles (Miranda do Corvo), da família do doutor José Falcão, lente de matemática na Universidade de Coimbra.

Descendência:

I. *Antero.*

II. *D. Lavínia.*

III. *D. Constança.*

Esta árvore foi organizada em harmonia com o nobiliário de Gaio, existente na Misericórdia de Barcelos, com o do bispo de Lamego, Moura Coutinho, em poder do doutor João Bernardo Cardoso, da casa de Arnoia, com o grande nobiliário do casal do Paço, existente na Biblioteca Municipal do Porto, com o *Arquivo Heráldico Genealógico* do visconde de Sanches

de Baena e com documentos particulares de família, em poder do doutor Antero Falcão, delegado do procurador régio em Castelo Branco.

Nota

Um dos filhos de Miguel Rebelo Leite Pereira de Magalhães Ferraz (11º, atrás citado) foi Manuel Leite Pereira de Magalhães Ferraz, marechal de campo e governador das armas da província de Trás-os-Montes (1809).

Casou em Vila Flor com D. Luísa Caetana Rita de Macedo e Albuquerque, filha de Diogo Monter de Lemos, capitão-mor e ali senhor de vínculos, morgadios e casa dos Lemos, bisavó de José Maria Pinto Leite, actual senhor das casas de Favaios e Vale Passos.

Outro filho foi D. Francisca Inácia, que casou com o doutor José António de Cid Montes de Lemos, juiz de fora em várias comarcas, senhor da casa e vínculos de Vila Flor, pais de D. Ana Raquel do Cid Leite Pereira, que casou com Manuel Diogo Tenreiro de Figueiredo Sarmento, fidalgo da Casa Real, alcaide-mor de Monsarás, senhor da casa de Moncorvo. Com geração.

VICENTE DE PAULA JUSTO RUFINO LOPES DO REGO, natural de Vila Flor, filho de Luís António Lopes do Rego e de D. Clara Maria.

Neto paterno de Manuel Lopes do Rego e de D. Maria Teresa.

Neto materno de Luís Cardoso e de D. Maria Páscoa.

Bisneto paterno de Bartolomeu Lopes do Rego e de D. Maria Esteves.

Bisneto materno de Brutil da Silva.

Sobrinho paterno de António José do Rego, capitão de dragões da praça de Chaves, a quem foi passado brasão de armas a 18 de Dezembro de 1787 (628).

Teve por armas um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Lopes e na segunda as dos Regos.

Foi-lhe passado este brasão a 14 de Novembro de 1803 e está registado no *Cartório* da *Nobreza,* livro 7, fol. 47 (629).

JOÃO MANUEL BORGES SÁ MORAIS E CASTRO, natural de Vila Flor, filho legítimo de Luís António de Morais Castro, natural da dita vila, onde foi sargento-mor, e de D. Antónia Maria de Sá.

Neto paterno de João Borges de Morais Castro, natural da mesma vila, onde foi capitão-mor, e de D. Teresa Josefa Botelho, de Vila Real.

(628) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico*, p. 650.
(629) Ibidem, p. 593.

Bisneto paterno de João Borges de Morais, capitão-mor, natural de Vila Flor, e de D. Isabel de Morais.

Terceiro neto paterno de Cristóvão de Seixas e Morais e de D. Isabel de Morais.

Quarto neto paterno de António de Seixas Morais.

Quinto neto paterno de Lopo Borges Pinto de Morais, fidalgo da Casa Real.

Neto materno de Alexandre Borges Sá, natural de Val Benfeito, capitão de granadeiros do regimento de cavalaria de dragões de Chaves.

Teve por armas um escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Morais; no segundo as dos Castros; no terceiro as dos Sás e no quarto as dos Borges.

Foi-lhe passado este brasão a 16 de Agosto de 1769 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro I, fol. 106 v.[630].

ANTÓNIO DE SEABRA DA MOTA E SILVA, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, ouvidor na Vila do Príncipe, Brasil. Era corregedor da comarca de Moncorvo quando faleceu, em Vila Flor, onde foi sepultado, no segundo quartel do século XIX, tendo nascido em Mogofores, distrito de Aveiro, no segundo quartel do século XVIII. Foi magistrado integérrimo e muito erudito.

Era filho de Jacinto de Seabra da Mota, dos legítimos Seabras (esta família procede de Mem Rodrigues de Seabra, fidalgo galego, senhor de Puebla de Sanabria, que no tempo de El-Rei D. Fernando I residiu na Vila da Feira, de que foi também senhor), e de D. Teresa Joaquina da Silva.

Casou com D. Doroteia Bernardina de Sousa Lobo Barreto, dama formosíssima e muito ilustre, oriunda, pelos Sousas, da casa de Soutelo, Trancoso.

Descendência:

I. *D. Josefa Seabra,* que casou com José António de Oliveira Pegado, senhor da casa e morgadio do Mogadouro, de quem procedem os Pegados de Trás-os-Montes.

II. *António Luís de Seabra,* famoso jurisconsulto, autor do *Código Civil,* ministro de Estado e visconde de Seabra.

III. *D. Ana de Seabra,* que casou com seu primo coirmão Manuel Ferreira de Seabra da Mota e Silva, primeiro Barão de Mogofores, do conselho de El-Rei, comendador da Ordem de Cristo, deputado às cortes em 1840 e juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

IV. *D. Domitília.*

V. *D. Carlota Joaquina,* afilhada de El-Rei D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina. Ambas faleceram em Vila Flor.

(630) Ibidem, p. 304.

VI. *D. Felicidade Perpétua de Seabra,* que casou com Francisco Leite Pereira de Almeida, capitão de cavalaria e senhor de um vínculo em Vila Flor, de quem procedem os Seabras de Trás-os-Montes.

Tanto os retratos do visconde de Seabra como o de seu pai, se encontram na obra donde extraímos estas notícias (631).

Da última filha, D. Felicidade Perpétua, e de seu marido, nasceu Jorge Leite Pereira de Almeida e Seabra, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso em 1858, deputado da nação em 1870, advogado e recebedor na comarca de Vinhais, tendo exercido, nos seus princípios, os cargos de presidente da Câmara e administrador do concelho em Vila Flor, onde teve grande influência política. Nasceu a 11 de Agosto de 1835 e faleceu em Vinhais a 11 de Março de 1906.

Era casado com D. Cândida Leite Falcão, da família do doutor José Falcão, lente da Universidade de Coimbra. Descendência:

Antero Falcão, juiz de direito.

D. Lavínia.

D. Constança. (Ver atrás *Família Duarte de Almeida,* 12º, pág. 500.)

VILA FRANCA DE LAMPAÇAS

A capela de Nossa Senhora da Conceição, de Vila Franca de Lampaças, concelho de Bragança, foi mandada construir por Baltasar de Lobão Morais, e em 1684, Aleixo de Mesquita, sobrinho do fundador, homem nobre, residente em Vila Franca de Lampaças, requereu para que a autoridade eclesiástica mandasse avaliar as propriedades doadas à capela em morgadio, sendo pelo bispo diocesano encarregado Gaspar de Morais Antas, doutor e abade de Vinhas, de proceder a essa vistoria.

Do exposto é lícito concluir que a capela seria construída pouco antes de 1684 (632). Ver *Edral,* pág. 224.

Há em Vila Franca de Lampaças um portal de granito, que dizem ter sido da casa do bispo do Porto, D. Gonçalo de Morais (ver *Selores,* pág. 454) e tem na padieira esta inscrição: 1691 ANOS – e por cima um escudo que parece constar de um castelo com uma flor-de-lis de cada lado (633).

(631) COLEN, Barbosa; CHAGAS, Pinheiro – *História de Portugal Popular iIustrada,* vol. 9, p. 353 e 373.

(632) Museu Regional de Bragança, maço-*Capelas.*

(633) Ver *Ilustração Trasmontana,* 1910, p. 127, onde vem a sua fotogravura.

Família Carneiro Morais

1º ANTÓNIO CARNEIRO, filho de Martim Carneiro, moço da Câmara de El-Rei D. João III, fidalgo da casa do duque de Bragança, condecorado com o hábito de Cristo no ano de 1565, como consta do VI tomo da *Genealogia da Casa Real,* residiu em Vila Franca de Lampaças.

Casou com D. Maria de Morais, filha de Aleixo de Morais Pimentel, dos padroeiros do capítulo de S. Francisco de Bragança.

Descendência:

I. *D. Ana,* que casou em Bragança com Lopo de Morais Sarmento, onde residiam em 1550.

II. *Martim Carneiro de Morais,* que casou com D. Antónia Teixeira de Figueiredo, de Chaves, filha de Martim Teixeira Homem, irmão de Leonardo Teixeira Homem.

III. *António Carneiro,* que casou com D. Francisca Álvares Veloso. Descendência:

a) Manuel Carneiro.

b) D. Maria Carneiro, que casou com Martim...

Martim Carneiro casou em segundas núpcias com D. Filipa Mendes, filha de Manuel Mendes de Araújo. Descendência:

a) Manuel Mendes Carneiro, que casou com D. Leonor, dos quais houve uma filha, D. Ana, que casou com Gregório de Castro de Morais. Com descendência.

b) D. Ana de Araújo Carneiro, que casou com João Ferreira de Murça.

c) Eliseu Carneiro, que teve filhos bastardos.

d) José Carneiro de Morais, reitor de Morais.

c) D. Genoveva Carneiro, que casou com...

2º PEDRO CARNEIRO, filho de Francisco Carneiro, fidalgo da casa do duque de Bragança, casou, a 6 de Janeiro de 1636, com D. Violante Teixeira de Queiroga, filha de Gonçalo Teixeira Homem (filho de Martim Teixeira Homem e de D. Antónia de Figueiredo; neto de Martim Teixeira Homem, o primeiro cavaleiro que teve o hábito de Cristo em Chaves, onde viveu casado com D. Francisca Alves Veloso), e de D. Isabel Mendes, filha de Manuel Mendes de Araújo e de D. Violante de Queiroga, filha de D. Álvaro de Queiroga [634].

(634) FONTOURA, Manuel de Queiroga Correia Carneiro de – *Memória Genealógica,* ..., manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto, fol. 260.

VILA NOVA

1º José de Sousa Machado e sua mulher D. Teresa de Morais naturais de Carvalhais, concelho de Mirandela, erigiram em 1740 uma capela, com vínculo de morgadio, dedicada a S. José e a Santa Teresa, em Vila Nova, concelho de Mirandela (635).

2º Gonçalo Pires Barroso, presbítero, natural de Martim, erigiu em 1726 uma capela em Vila Nova, concelho de Mirandela, onde residia, dedicada a S. Gonçalo (636).

VILAR CHÃO

1º Alexandre José de Aragão Cabral, natural de Vilar Chão, capitão-mor da vila de Castro Vicente; cavaleiro professo na Ordem de Cristo, monteiro-mor da vila de Alfândega da Fé e da de Castro Vicente, comarca de Moncorvo.

Era filho de Damião de Morais Cabral, natural da vila de Castro Vicente, e de D. Maria de Sousa, natural de Vilar Chão.

Neto paterno de Alexandre José de Aragão Cabral, natural de Castro Vicente, e de D. Joana Freire, natural da vila de Chacim.

Neto materno de Domingos Alves de Sousa e de D. Isabel Martins. Teve carta de brasão de armas a 25 Junho de 1763, que lhe concedia escudo partido em pala: na primeira as armas dos Cabrais e na segunda as armas dos Aragões. Por timbre o dos Cabrais, que é uma cabra do escudo, e por diferença uma brica de azul com um farpão de ouro.

A certidão autêntica desta carta, em quatro fólios de pergaminho tarjados a cores, com um escudo iluminado que ocupa um deles, encontra-se em Vila Flor em poder da família Aragão.

No arquivo da mesma família Aragão, de Vila Flor, há a pública forma, tirada em 1918, de uma carta patente, em que El-Rei D. José nomeia, a 17 de Outubro de 1771, Alexandre José Ferreira de Aragão Cabral, capitão-mor das ordenanças da vila de Castro Vicente, cargo vago pelo falecimento de seu pai, do mesmo nome «pelo que ordena ao Tenente General

(635) Museu Regional de Bragança, maço-*Capelas.*
(636) Ibidem.

Dom Simão Fraser que governa as Armas da Provincia de Traz-os-Montes» que lhe mande dar posse.

2º Manuel António Ferreira de Aragão Cabral, marechal de campo, nasceu em Vilar Chão, concelho de Alfândega da Fé. Era fidalgo e morgado.

Casou com D. Petronilha Laura Pereira de Magalhães, descendente do célebre navegador Fernão de Magalhães. (Ver em *Vila Flor: O primeiro circum-navegador do mundo,* nº 12º).

VILAR DE OSSOS

1º D. Ana de Almeida Castelo Branco, que casou com o almirante Jácome de Morais Sarmento, instituiu em Bragança e em Vilar de Ossos, concelho de Vinhais, um morgadio.

Sucedeu-lhe:

2º Gaspar de Oliveira Sarmento, que casou com D. Maria Sarmento, filho da instituidora. (Ver em *Bornes* – § 1º – 5º.) Não deixou descendência.

Sucedeu-lhe sua irmã:

3º D. Joana de Oliveira Sarmento, que casou com o desembargador André de Morais Sarmento (ver em *Bornes* – § 1º – 6º).

«Corre letígio entre João Teixeira de Morais Sarmento por ser sua mulher D. Cezília de Morais Sarmento de Oliveira, neta e directa descendente do desembargador André de Morais Sarmento e D. Joana, sua mulher, nº 3, com os herdeiros do desembargador Lopo de Mariz Carneiro» (637).

4º D. Maria Madalena Sarmento e Mariz dotou em 1684 com bens suficientes para o culto a capela que fizera em Vilar de Ossos, dedicada a Nossa Senhora da Assunção.

A doadora residia em Seixo, termo da Torre de D. Chama, hoje concelho de Mirandela (638).

(637) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados» § 8º, fol. 287 (mihi).
(638) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

Família Bacelar

1º Manuel Pinto de Morais Bacelar (ver *Bragança,* pág. 165), primeiro Visconde de Monte Alegre, quinto senhor do morgadio de Nossa Senhora da Assunção de Vilar de Ossos e do de S. Miguel do Seixo, grã-cruz da Ordem da Torre Espada, tenente-general, governador das armas da província da Beira Alta desde 1808 a 1816. Entrou na Guerra Peninsular onde assumiu comandos de muita importância.

Nasceu em Vilar de Ossos a 4 de Setembro de 1741 e sucedeu na casa de seu pai. Faleceu a 1 de Maio de 1816.

Casou a 16 de Julho de 1776 com D. Joana Delfina Vanzeler Teixeira de Andrade Pinto, que nasceu a 7 de Abril de 1753 e faleceu em Março de 1808, filha de Pedro Francisco Vanzeler, coronel de cavalaria, governador do forte de S. Neutel, em Chaves, e de D. Maria Josefa Teixeira de Andrade Pinto, irmã primogénita de D. Ana Luísa Barbosa da Silva Teixeira de Andrade Pinto, casada com D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, embaixador de Portugal em Madrid, pais dos condes de Linhares.

Descendência:

I. *D. Maria Águeda,* que nasceu a 5 de Fevereiro de 1778.

II. *D. Mariana Doroteia,* que nasceu a 5 de Fevereiro de 1780 e foi freira no convento de Santa Clara de Vinhais.

III. *D. Inês Maria Cândida* (2º, adiante citado).

IV. *D. Joana Maria do Carmo,* que nasceu a 27 de Fevereiro de 1785.

V. *D. Antónia Umbelina,* que nasceu a *2* de Julho de 1786.

VI. *José,* abade de Santa Valha.

VII. *D. Maria Antónia.*

2º D. Inês Maria Cândida Pinto Bacelar (ver *Bragança,* pág. 165), que nasceu a 24 de Novembro de 1785, sucedeu a seu pai a 1 de Maio de 1816, porque sua irmã primogénita lhe cedeu os seus direitos a 12 de Fevereiro de 1804.

Foi segunda Viscondessa de Monte Alegre, senhora do morgadio de S. Miguel do Seixo e sexta senhora do de Nossa Senhora da Assunção, de Vilar de Ossos,

Casou a 13 de Fevereiro de 1804 com Luís Vaz Pinto Guedes, visconde de Monte Alegre, comendador das ordens de Cristo e da Torre e Espada, condecorado com a cruz de campanha da guerra peninsular e brigadeiro do exército, quarto filho de Miguel António Vaz Guedes Pereira Pinto e de D. Francisca Margarida Leocádia Pereira Pinto Teixeira de Magalhães. Nasceu a 10 de Agosto de 1770 e faleceu a 10 de Maio de 1841.

Descendência:

3º Francisco Pinto Vaz Guedes Bacelar Sarmento Pereira de Morais Madureira Pimentel, terceiro Visconde de Monte Alegre, comendador da Ordem de Cristo e tenente de cavalaria, sucedeu a sua mãe a 15 de Agosto de 1819.

Sucedeu também, a 14 de Outubro de 1819, por falecimento da primeira Viscondessa de Mirandela, no morgadio de Machucas e padroado do capítulo de S. Francisco de Bragança (ver *Visconde de Mirandela).*

Nasceu a 18 de Fevereiro de 1814 e faleceu a 26 de Fevereiro 1835.

4º Manuel Pinto Vaz Guedes Bacelar Sarmento de Morais Pimentel (ver *Bragança,* pág. 167), senhor do morgadio de S. Miguel do Seixo, oitavo senhor do de Nossa Senhora da Assunção, de Vilar de Ossos, vigésimo segundo senhor do de Machucas e padroado do capítulo de S. Francisco de Bragança, sucedeu a seu irmão no título de visconde de Monte Alegre a 26 de Fevereiro de 1835.

Nasceu a 29 de Julho de 1816 e casou a 15 de Outubro de 1835 com D. Ana Carolina Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto Teles de Meneses e Melo, sua sobrinha, que nasceu a 31 de Março de 1819, filha e herdeira de Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes da Fonseca e de D. Josefa Júlia Teles de Magalhães Teixeira de Meneses e Melo.

Criação do título. Visconde – Por decreto de 17 de Dezembro de 1811.

Criação do padroado de S. Francisco de Bragança – 1210.

Residência – Vilar de Ossos, termo de Vinhais [639].

5º D. Inês Cândida Vaz Guedes Pinto Bacelar (ver Bragança, pág. 167), nasceu a 2 de Novembro de 1837 e faleceu a 18 de Agosto de 1908.

Casou com Manuel de Melo Vaz de Sampaio (ver em *Sampaios* 14º, pág. 419), que nasceu a 1 de Agosto de 1836 e faleceu a 1 de Julho de 1894.

Descendência:

I. Doutor *António de Melo.*

II. *D. Maria Antónia.*

III. *Manuel de Melo.*

(639) *Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal,* vol. II, p. 133 e 147.
No volume consagrado aos escritores referir-nos-emos largamente ao general Manuel Pinto Bacelar.
Ver *Bouça,* p. 28, e em *Bragança – Família Morais Madureira Pimentel,* etc., p. 147.

IV. *D. Maria Isabel,* que casou com Luís Pinto de Sousa Bagauste.

V. *Luís de Melo,* oficial de artilharia.

VI. Doutor *Manuel de Melo.*

VII. *D. Maria Inês de Melo Vaz de Sampaio,* que nasceu em Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, a 26 de Julho de 1882.

Casou em 1905 com João Baptista de Carvalho Pereira de Magalhães, senhor, por sua mulher, da importante casa brasonada de Vilar de Ossos, segundo Conde de Alpendurada, por decreto de *25* de Fevereiro de 1904, que nasceu em Lamego (casa do Poço [640]) a 4 de Dezembro de 1877, filho de Francisco António Pereira de Magalhães, fidalgo cavaleiro, primeiro Conde de Alpendurada, que nasceu em Lamego a 23 de Maio de 1851 e ali faleceu a 9 de Novembro de 1897, e de D. Maria Filomena de Carvalho Rebelo Teixeira de Sousa Magalhães, que nasceu também em Lamego a 26 de Junho de 1849 e ali faleceu a 16 de Junho de 1923. Descendência:

a) Francisco Manuel de Melo Pereira de Magalhães, que nasceu a 11 de Dezembro de 1909 na Foz do Douro.

b) Manuel Maria de Melo Pereira de Magalhães, que nasceu a 2 de Setembro de 1911 em Alpendurada.

c) João Baptista de Melo Pereira de Magalhães, que nasceu a 4 de Março de 1913, na Foz do Douro.

d) António Maria de Melo Pereira de Magalhães, que nasceu a 7 de Novembro de 1914 em Alpendurada.

e) Luís Maria de Melo Pereira de Magalhães, que nasceu a 7 de Novembro de 1916 em Alpendurada.

f) D. Maria Inês de Melo Pereira de MagaIhães, que nasceu a 10 de Março de 1921 na Foz do Douro.

6º Luís Vaz Guedes Pereira Pinto Bacelar Teles de Meneses Sarmento de Morais Pimentel (ver *Bragança,* pág. 168), segundo Visconde de Vila Garcia, terceiro da Bouça, quinto de Monte Alegre e nono de Mirandela, senhor da casa e morgadio do Arco, em Vila Real, do de São Miguel do Seixo, termo da Torre de D. Chama, hoje concelho de Mirandela, nono senhor do de Nossa Senhora da Assunção de Vilar de Ossos, vigésimo terceiro senhor do dos Machucas [641] e casa do Arco de Bragança, do de Nossa Senhora da Vida em Rio de Moinhos, concelho de Lousada, e do de Vale Melhorado, concelho de Felgueiras.

(640) Desta casa do Poço, de Lamego, descendia D. Rodrigo de Carvalho, segundo bispo de Miranda.
Ver o II vol., p. 7, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

(641) Este apelido vem-lhe do desembaraço e coragem com que numa batalha *machucou* castelhanos.

Casou com D. Maria da Conceição de Sousa Homem Teles de Magalhães Meneses e residiam na importante casa de Vale Melhorado.

Descendência:

I. *Manuel Vaz de Sousa Bacelar Teles,* doutor em direito pela Universidade de Coimbra, nasceu a 10 de Abril de 1879.

II. *José Vaz de Sousa Pereira Pinto Guedes Bacelar,* doutor em direito pela Universidade de Coimbra, nasceu a 27 de Setembro de 1880.

É o único dos irmãos que reside na Bouça, onde continua as tradições de quarto Visconde da Bouça e décimo Visconde de Mirandela, títulos que incontestavelmente lhe pertencem.

III. *D. Ana Maria Vaz Guedes Bacelar,* que nasceu a 8 de Janeiro de 1882 e casou na Aguiã, Arcos de Valdevez, com Simão da Rocha. Com geração.

IV. *Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes de Sousa Bacelar,* oficial do exército, que nasceu a 21 de Fevereiro de 1884 e casou com D. Isabel Botelho, de Alvites, concelho de Mirandela. Sem geração.

V. *Luís Vaz Pereira Pinto Guedes de Sousa Bacelar,* que nasceu a 21 de Dezembro de 1882.

VI. *Fernando Vaz Guedes de Sousa Homem Bacelar,* que nasceu a 2 de Setembro de 1885 e casou com D. Ana da Conceição. Com geração.

VII. *Gonçalo Vaz Guedes de Sousa Homem Bacelar,* que nasceu a 2 de Fevereiro de 1887.

VIII. *Carlos Vaz Guedes de Sousa Homem Bacelar,* que nasceu a 26 de Novembro de 1888.

IX. *D. Maria da Conceição Vaz Guedes Bacelar,* que nasceu a 28 de Julho de 1890.

D. Joana do Carmo Pinto Bacelar, D. Antónia Umbelina Pinto Bacelar, filhas do tenente-general, primeiro Visconde de Monte Alegre, Manuel Pinto Bacelar, e Luís Vaz Pereira Pinto Guedes, filhos do segundo Visconde de Monte Alegre, Luís Vaz Pereira Pinto Guedes, todos de Vilar de Ossos, obtiveram em 1841 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (642).

Ver adiante, na relação dos brasões das famílias nobres bragançanas, o brasão da família Bacelar, que tem palacetes brasonados em Vilar de Ossos, Bouça, Bragança, Vila Real, Vale Melhorado e Rio de Moinhos.

(642) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

VILAR DO MONTE

1º D. Luísa Maria Pinto de Escovar, viúva, natural de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, faleceu a 19 de Outubro de 1809.

Tinha duas irmãs: D. Maria Caetana e D. Maria dos Prazeres, que residiam em Lamas de Podence.

Tinha bens em Chacim.

Descendência:

D. Luísa Marcelina de Escovar, que casou com Alexandre José de Sousa (3º, adiante citado)(643).

2º D. Maria Inácia de Morais Sarmento, que residiu em Vilar de Monte, viúva de Manuel Alves de Faria, major de infantaria, faleceu a *22* de Setembro de 1821, deixando por testamenteiro e herdeiro seu primo Francisco Xavier Gomes de Sepúlveda, abade de Rebordãos, e a irmã deste D. Valeriana de Sepúlveda, por sua vida, e, por morte deles, o Seminário de Bragança(644).

3º Alexandre José de Sousa Freire Pimentel, de Vilar do Monte, capitão reformado do regimento de milícias de Bragança, viúvo de D. Luísa Maria Pinto de Escovar, faleceu a 24 de Março de 1825 deixando um filho único, António Venâncio Bernardino de Sousa Freire Pimentel(645).

(Ver em *Bragança – Família Sepúlveda,* pág. 185, e *Rio de Fornos,* pág. 406).

VILAR SECO DE LOMBA

José Carlos de Lucena e Sousa, abade de Vilar Seco de Lomba, concelho de Vinhais, erigiu em 1754 uma capela nesta povoação, um pouco acima das casas da residência paroquial, dedicada a Nossa Senhora da Boa Morte(646).

(643) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 34, fólio 71.
(644) Ibidem, livro 115, fol. 64.
(645) Ibidem, livro 135, fol. 41, onde vem o seu testamento.
(646) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

VILAR SECO DE MIRANDA

D. Isabel Faria, viúva, residente em Quintela de Vinhais, administrava em 1779 o morgadio de Vilar Seco de Miranda (647).

VILARELHOS

1º Francisco António Pereira de Lemos, bacharel em direito, deputado às cortes, morgado de Vilarelhos, concelho de Alfândega da Fé.

Nasceu em Vilarelhos em 1800 e ali faleceu em Outubro de 1883.

Distinguiu-se como deputado nas câmaras de 1838 e diz-se que Camilo Castelo Branco decalcou sobre o seu tipo moral a bela criação do Calisto Elói em *A Queda dum Anjo.* (Ver *Caçarelhos,* pág. 200.)

Uma sua filha natural e herdeira da sua grande casa casou com Camilo de Mendonça, dos Mendonças de Barcel, que nasceu a 28 de Fevereiro de 1849 e faleceu em Vilarelhos a 31 de Outubro de 1922.

Gozou enorme prestígio político no concelho de Alfândega da Fé onde era estimadíssimo.

Descendência:

2º Joaquim Cândido de Mendonça, que faleceu a 27 de Setembro de 1910, vítima da sua grande abnegação e altruísmo quando tentava salvar a vida a um seu criado asfixiado num túnel, onde pereceram os dois.

3º D. Antónia de Vasconcelos Pereira de Lemos, sobrinha e herdeira de Francisco António Pereira de Lemos, casou com Manuel da Costa Pessoa, irmão do terceiro Conde de Vinhais, Simão da Costa Pessoa. Com geração (ver em *Vinhais – Família Costa Pessoa).*

4º D. Luísa Antónia da Conceição (na clausura, D. Luísa Antónia do Sacramento), natural de Vilarelhos, filha de João de Azevedo Pereira e de D. Bernarda Maria Josefa e Sousa de Almeida Chaves de Lemos, professou no convento de S. Bento de Bragança em 1759 (648).

(647) Ver o vol. IV, p. 341, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(648) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de S. Bento.*

VILARINHO DE AGROCHÃO

Ver adiante a relação dos brasões e pedras de armas bragançanas.

VILARINHO DA CASTANHEIRA

1º ANTÓNIO DE CASTRO DA MESQUITA, natural da vila de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, filho de António de Castro da Mesquita.

Escudeiro fidalgo e cavaleiro fidalgo por alvará de 4 de Fevereiro de 1684 (649).

2º FRANCISCO DA COSTA MONTEIRO, capitão-mor de Vilarinho da Castanheira, escrivão da Câmara Municipal da mesma vila, casou com D. Marta de Almeida (650).

3º MANUEL ANTÓNIO PIMENTEL E CASTRO em Abril de 1805 era capitão-mor de Vilarinho da Castanheira (651).

4º ANTÓNIO JOSÉ DE SOUSA PIMENTEL, de Vilarinho da Castanheira, senhor do morgadio desta vila.

5º ANTÓNIO JOAQUIM DE SOUSA PIMENTEL, filho do precedente, ficou em 1776 por fiador de D. Joana Rita e de D. Francisca Maria Xavier, freiras em Santa Clara de Bragança, pelos alimentos para sustento da criada que pretendiam tomar (652).

6º MANUEL DE CASTRO PEREIRA, natural de Vale Torno (mas o solar de sua família é em Vilarinho da Castanheira), rico proprietário, capitão de um esquadrão de cavalaria, organizado à sua custa, nas guerras de 1801.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

7º MANUEL ANTÓNIO GOMES DE CASTRO, capitão de infantaria auxiliar do estado do Maranhão, natural da vila de Vilarinho da Castanheira, era filho de Manuel Francisco e de D. Maria Gomes.

Neto paterno de Domingos Francisco e de D. Luísa Gomes.

Bisneto paterno de Mateus Francisco e de D. Isabel Maria.

Neto materno de Francisco Rodrigues e de D. Ana Gomes.

(649) Livro 1º das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 149, in *Dic. Aristocrático,* 1840.
(650) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico,* tomo I, fol. 217.
(651) Ibidem, fol. 51.
(652) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara.*

Bisneto materno de Paulo Rodrigues e de D. Ana Gonçalves. Teve por escudo as armas dos Gomes. Por timbre o mesmo pelicano do escudo.

Foi-lhe passado este brasão a 15 de Outubro de 1792 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 4, fol. 265 v.[653].

8º MANUEL DE CASTRO PEREIRA TEIXEIRA LOBO PIZARRO, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, nasceu em Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, a 6 de Janeiro de 1884.

Casou a 2 de Outubro de 1905 com D. Corina Vilhena de Moura Carvalhais Pegado, filha de José António de Magalhães Pegado de Seabra e de D. Maria Teresa de Vilhena de Moura Carvalhais (ver *Travanca,* pág. 479).

Descendência:

I. *António.*

II. *Luís.*

Manuel de Castro Pereira Teixeira Lobo Pizarro, era filho de Sebastião Teixeira Lobo Pizarro (filho de Francisco Teixeira Lobo Tavares Sampaio, senhor dos morgadios de Nossa Senhora da Conceição, de Sabrosa, do das Portas da Vila, em Vila Real, do dos Penelas e de Falafura, e de D. Maria Angelina Pinto Pizarro Pimentel e Castro, senhora dos morgadios de Alfarela e Jales, neta de Tomás Homem de Sousa Quevedo Pizarro, irmão do primeiro Visconde de Bóbeda e do general Pizarro, vultos bem conhecidos nas lutas liberais; bisneta de António Pinto Pimentel de Almeida Carvalhais, sétimo morgado de Ribeira de Sabrosa, avô de Rodrigo da Nóbrega Pinto Pizarro de Almeida Carvalhais, primeiro Barão de Ribeira de Sabrosa, notável vulto político do reinado de D. Maria II), e de D. Maria da Purificação de Castro Pereira da Mesquita.

Neto materno[654] de Luís de Castro Pereira da Mesquita, doutor em direito, senhor da quinta de Lobazim e grande proprietário em Vilarinho da Castanheira, Freixo de Numão e S. João da Pesqueira, e de D. Delfina Augusta da Silva Cunha.

Bisneto materno de Dionísio de Castro Pereira da Mesquita (ou Dionísio da Mesquita e Castro), doutor em leis e desembargador da Relação do Porto, que nasceu em 1736 e faleceu em Lobazim em 1791, tendo casado em Fevereiro de 1774 na capela de Lobazim com sua sobrinha D. Maria de Castro, filha única de seu irmão Manuel Augusto de Castro da Mesquita, capitão-mor de Freixo de Numão, senhor da quinta de Loba-

(653) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico*, p. 463.

(654) Não nos referimos ao ramo paterno por ter ramificado fora do distrito de Bragança, objecto único dos nossos estudos.

zim e morgadio de Santa Luzia, na mesma quinta, e do morgadio da Purificação Longroura de Vilaroco, que nasceu em Vilarinho da Castanheira e casou em 1736 com sua prima em segundo grau, D. Maria Pereira Malheiro do Lago, senhora do morgadio da Conceição da Póvoa e Horta.

Terceiro neto materno de Manuel de Sousa Cardoso e Castro, senhor da quinta de Lobazim, pagador geral da gente da guerra de Trás-os-Montes, e de D. Maria Arcângela Pereira Pimentel, que nasceu em Freixo de Numão em 1699 e faleceu em Vilarinho da Castanheira, filha de Fernando Pereira Pimentel, senhor do morgadio de Freixo de Numão, onde nasceu em 14 de Maio de 1663, e de D. Mariana de Sousa da Fonseca, de S. João da Pesqueira, senhora dos morgadios da Póvoa e Horta.

Manuel de Castro Pereira da Mesquita, filho de Manuel de Sousa Cardoso e Castro, fez parte, como capitão, da legião organizada em Portugal por Napoleão e com ela marchou para a Rússia. Foi governador de Bragança, Vila Real e Porto. Esteve em Espanha e depois na Rússia como embaixador de Portugal, e, com seu primo, o barão de Ribeira de Sabrosa, fez parte de três ministérios, na pasta dos estrangeiros. A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Quarto neto materno de Manuel Tavares da Mesquita e Castro, terceiro capitão-mor de Vilarinho da Castanheira, senhor da quinta de Lobazim e morgadio de Santa Luzia e Purificação, que com sua mãe instituiu na mesma quinta, e de D. Maria de Almeida Sousa, de Vilaroco, senhora do morgadio de Longroura, no mesmo lugar, filha de Domingos de Almeida, de Vilaroco, fundador do morgadio de Vilaroco a 15 de Setembro de 1693, e de D. Maria de Sousa e Almeida.

Quinto neto materno de António de Castro da Mesquita, segundo capitão-mor de Vilarinho da Castanheira, senhor da quinta de Lobazim, primeiro morgado de Santa Luzia, na mesma quinta, e de D. Isabel da Mesquita e Castro, sua parente em terceiro e quarto graus, filha de António Tavares, primeiro sargento-mor de Vilarinho da Castanheira, eleito em Janeiro de 1626 (filho de Francisco de Tavares, o primeiro deste apelido que residiu em Vilarinho, onde faleceu em 1610, e de D. Maria de Gouveia, de Vilarinho, onde faleceu em 1603), e de D. Antónia da Mesquita e Castro, de Penha Longa, que residiu em Vilarinho, onde faleceu em 1645, filha de Manuel Rodrigues Homem, natural do Crato (filho de André Rodrigues e de D. Leonor Caldeira), e de D. Isabel de Mesquita, filha de António de Mesquita, sobrinha de D. Isabel de Castro, filha de Jorge de Castro, adiante citado.

D. Isabel da Mesquita e Castro, atrás citada, por escritura de Fevereiro de 1669, instituiu o vínculo da Purificação, na quinta de Lobazim.

Sexto neto materno de Francisco dos Santos Monteiro de Castro, primeiro capitão-mor de Vilarinho da Castanheira, eleito em 9 de Janeiro de 1669 (filho de António de Castro da Mesquita, senhor da quinta de Lobazim, natural de Vilarinho da Castanheira, onde ainda residia em 1604, filho de Jorge de Castro, fidalgo da Casa Real), e de D. Marta de Almeida, de Vilarinho (que, com seu marido, instituiu em 1618 o morgadio de Santa Luzia, na quinta de Lobazim), filha de Baltasar de Seixas (filho de Pedro Esteves Pereira, que dizem fora fidalgo, e de D. Helena de Sousa) e de D. Beatriz de Almeida, de Vilarinho da Castanheira, filha de Belchior de Almeida e de D. Maria Sobrinho, de Arosa (655).

VILARINHO DE COVA DE LUA

Padre Francisco Afonso Barreira, confirmado de Vilarinho de Cova de Lua, concelho de Bragança, por testamento feito a 21 de Janeiro de 1753, fundou um vínculo de morgadio de que nomeou primeiro administrador seu sobrinho Diogo José, com encargo de seis missas «para sempre emquanto o mundo for mundo». Na falta de sucessor passariam os bens doados para a Confraria do Senhor, erecta na mesma povoação (656).

VIMIEIRO

1º D. Josefa Maria de Sá Delgado, natural do Vimieiro, freguesia do Romeu, concelho de Mirandela, filha de José de Sá e de D. Maria Delgado.

Neta paterna de Domingos Rodrigues.

Neta materna de Manuel Delgado.

Teve por escudo uma lisonja partida em pala – a primeira de prata e a segunda cortada em faxa: na primeira as armas dos Sás e na segunda as dos Delgados.

(655) Ao Ex.mo Sr. Fulgêncio Lopes da Silva, primeiro oficial da Biblioteca Pública Municipal do Porto, agradecemos as informações que nos deu para este estudo, extraídas da *Memória Genealógica*, de Carneiro de Fontoura. (Ver «Lamas de Orelhão», p. 246.)

(656) Ver o vol. IV, p. 337, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

Foi-lhe passado este brasão a 28 de Março de 1781 (657).

2º Luís António de Sá Delgado, cónego da Sé de Bragança, e sua irmã D. Josefa Maria de Sá Delgado, do Vimieiro, concelho de Mirandela, obtiveram em 1778 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia onde se celebrasse missa (658).

VIMIOSO

Condes do Vimioso

Esta família é estranha à genealogia do distrito de Bragança por não ter nele residido, todavia damos dela uma sucinta notícia para melhor inteligência do nobiliário que publicamos:

1º D. Francisco de Portugal, foi o primeiro Conde do Vimioso, título criado por El-Rei D. Manuel a 2 de Fevereiro de 1516.

Era filho bastardo de D. Afonso de Portugal, bispo de Évora, filho bastardo de D. Afonso, filho de D. Afonso, primeiro Duque de Bragança, filho bastardo de El-Rei D. João I.

O primeiro Conde do Vimioso faleceu a 8 de Dezembro de 1540 em Évora, onde nascera.

A julgar pela respectiva carta régia (659), parece que este título era puramente honorífico, sendo D. João III, por carta de 28 de Março de 1534, quem lhe fez mercê «da Villa do Vimioso e seu termo que é de Coroa, e patrimonio Real e lhe dou e concedo em sua vida, com toda sua jurisdição civel e crime, mero e mixto imperio e com todas as rendas foros e direitos Reaes, que eu hy ey e possa aver, com o Castello e alcaydaria, e dereytos dela e portagem e quaesquer outros que nella tenho reservado para mym Correição e alçada, e lhe faço ysso mesmo merce e doação expressamente do padroado que tenho e todos e cada huã das Igrejas da dita Villa, e seu termo e do direito de apresentar... E porem lhe faço a dita doação e merce dos direitos e renda que Jeronimo Teixeira tinha na dita Villa, e por seu falecimento vagarão» (660).

(657) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* p. 430.
(658) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(659) Pode ver-se no vol. IV, p. 450, destas *Memórias Arqueológico-Históricas,* onde a publicamos na íntegra.
(660) Ibidem, p. 451, onde o documento vem na íntegra.

Depois, a 21 de Abril de 1698, D. Pedro II, fez doação das vilas do Vimioso e Aguiar da Beira a seu filho o infante D. Francisco «que por sentença havida contra o conde do Vimioso, forão julgadas por vagas para a Coroa» (661).

As famílias Mendes Antas e Mendes Vasconcelos, cuja genealogia damos adiante, querem que o senhorio desta vila tivesse pertencido a seus maiores. Resulta, porém, que em face de documentos autênticos, que os seus nobiliários são algo falhos e que desde 1534 o senhorio do Vimioso pertenceu aos condes deste título, até que em 1698 passou para a casa do Infantado, sendo que já em 1534 pertencia, pelo menos as suas rendas, a Jerónimo Teixeira.

Na melhor das hipóteses devemos entender que o senhorio do Vimioso andaria em algum tempo nessas famílias, que afinal estavam enlaçadas uma com outra por casamentos.

Do primeiro Conde do Vimioso, que foi considerado como escritor de notáveis qualidades, era irmão D. Martinho de Portugal, bispo do Funchal, o único que nessa diocese teve o título de arcebispo (662).

2º D. Afonso de Portugal, segundo Conde do Vimioso, morreu na batalha de Alcácer-Quibir em 1578.

Entre outros foram seus filhos: D. Manuel e D. João de Portugal, que ficaram prisioneiros na referida batalha, conseguindo depois resgatar-se.

D. Madalena de Vilhena, viúva de D. João, supondo-o morto, casou com Manuel de Sousa Coutinho. Aparecendo, porém, o primeiro marido, professou como freira no convento do Sacramento, em Lisboa e seu segundo marido, que depois foi o famoso e clássico escritor Frei Luís de Sousa, no de Benfica. Sobre este caso, muito memorado na literatura portuguesa, escreveu Almeida Garrett uma tragédia que é a base do moderno teatro português (663).

3º D. Francisco de Portugal, também filho de D. Afonso de Portugal, foi terceiro Conde do Vimioso e um dos poucos portugueses fiéis à sua

(661) Ver o vol. IV, p. 453 destas *Memórias Arqueológico-Históricas.*

(662) CASTRO, João Baptista de – *Mapa de Portugal,* tomo II, p. 311.

(663) SOUSA, Luís de, Frei – *História de S. Domingos,* II parte, p. IX. Idem, *Vida do Beato Súrio,* no prólogo.

O Panorama, 2ª série (1842), p. 237.

Sobre a coragem com que o segundo conde do Vimioso se portou em Alcácer-Quibir, ver SILVA, Luís Augusto da – *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII;* vol. I, p. 175 e 253, onde também se aponta a devoção patriótica da sua família contra a invasão de Filipe de Castela em Portugal, devoção que assombra pela coragem, quando tudo se vendia à Espanha.

pátria, quando todos rendiam vassalagem à Espanha. Esta dedicação valeu-lhe ser perseguido ferozmente por Filipe II que arrastou prisioneiros sua mãe, sete filhas, três filhos e dezasseis criados, de terra em terra, até uma clausura perto de Madrid.

O conde morreu a 26 de Julho de 1582, nas águas da ilha de S. Miguel, pelejando heroicamente a favor de D. António, prior do Crato, contra as armas espanholas.

Deste terceiro Conde do Vimioso foi irmão D. Frei João de Portugal, bispo de Viseu, onde faleceu em 1629. Das suas extraordinárias virtudes e da competência com que escreveu algumas obras falam largamente vários autores (664). Foi também seu irmão D. Nuno Álvares de Portugal, um dos governadores do reino após a morte do Cardeal-Rei.

D. Henrique, que ocupou no reino os maiores postos e, não obstante, morreu pobre, deixando cinco filhos órfãos e sem recursos, tal a isenção com que se houve.

Foi sobrinho do bispo de Viseu, D. Miguel de Portugal, que depois foi bispo de Lamego e desempenhou brilhante papel como nosso embaixador em Roma, pleiteando a favor de El-Rei D. João IV contra Castela (665).

4º D. Luís de Portugal, irmão do precedente e que lhe sucedeu por aquele não ter deixado descendência, foi quarto Conde do Vimioso.

Casou com D. Joana de Mendonça, filha do conde de Basto e, depois de terem filhos e filhas, de comum acordo se separaram para entrarem na clausura, ele em S. Domingos de Benfica, onde tomou o nome de Frei Domingos do Rosário e onde faleceu em 1637, e ela no do Sacramento em Lisboa (666).

Também esteve na batalha de Alcácer-Quibir onde ficou cativo resgatando-se depois. Foi seu filho:

5º D. Afonso de Portugal, quinto Conde do Vimioso, que nasceu em 1591 e faleceu em 1649.

Foi procurador da nobreza às cortes de 1619, celebradas por Filipe III; lutou heroicamente contra os holandeses em 1625, no Rio de Janeiro; proclamou El-Rei D. João IV em Évora, juntamente com o marquês de Ferreira em 1640; governou as armas da província do Alentejo em 1640,

(664) SANTA CATARINA, Lucas de, Frei – *História de S. Domingos,* apêndice à IV parte.
(665) Ver ERICEIRA, Conde da – *Portugal Restaurado* e CHAGAS, Pinheiro – *História de Portugal.*
(666) SANTA CATARINA, Lucas de, Frei – *História de S. Domingos,* IV parte, livro I, cap. XXXV. A mesma obra faz honrosa menção de soror Luísa de Deus, filha dos condes do Vimioso, freira dominicana em Santa Catarina de Évora, escritora que «tocou várias aplicações da Escritura com admirável inteligência».

na guerra da Aclamação contra Espanha e foi nomeado marquês de Aguiar em 1643 (667).

O quinto Conde do Vimioso foi quem denunciou a El-Rei D. João IV a conspiração tramada contra ele por D. Sebastião de Matos, arcebispo de Lisboa e pelo marquês de Vila Real.

6º D. Luís de Portugal, sexto Conde do Vimioso, marquês de Aguiar, almirante de Portugal, gentil homem da câmara do príncipe D. Teodósio.

Foi morto desastradamente em 1655, no jogo da péla, pelo conde de S. Lourenço e, como não deixou filhos legítimos, sucedeu-lhe seu irmão:

7º D. Miguel de Portugal, sétimo conde do Vimioso.

Descendência:

8º D. Francisco de Portugal, oitavo Conde do Vimioso, que foi segundo Marquês de Valença, por renovação deste título na sua pessoa por El-Rei D. João V em 1716.

O título de marquês de Valença pertencia a seus ascendentes, mas havia mais de duzentos e cinquenta anos que não tivera nomeação.

9º D. José Miguel João de Portugal, nono Conde do Vimioso, que nasceu em 1706.

Foi escritor notável, terceiro Marquês de Valença e faleceu sem descendência.

Sucedeu-lhe:

10º D. Afonso Miguel de Portugal e Castro, décimo Conde do Vimioso, quarto Marquês de Valença, gentil homem da câmara de D. Maria I, grão-mestre da ordem de Cristo, governador e capitão general da Baía, deputado à Junta dos Três Estados, presidente da Junta do Tabaco.

Nasceu em 1748 e faleceu em 1802.

Teve, além de outros filhos:

11º D. José Bernardino de Portugal e Castro, undécimo Conde do Vimioso, quinto Marquês de Valença, primeiro Marquês de Portugal, par do reino em 1826, ministro de Estado honorário, presidente do Ministério em 1836 (mas não chegou a exercer o cargo) e gentil homem da câmara real.

Nasceu em 1780 e faleceu em 1840.

Foi seu irmão D. Manuel Francisco de Portugal e Castro, governador, capitão-general de Minas Gerais e da Ilha da Madeira, vice-rei da Índia, falecido em 1854.

(667) Da sua acção militar fala largamente o Conde da Ericeira, *Portugal Restaurado,* parte I, livro 2, p. 69 e 96.
SILVA, Rebelo da – *História,* ..., cap. II, p. 228.

Sucedeu-lhe seu filho:

12º D. Francisco de Paula Portugal e Castro, décimo segundo Conde do Vimioso (o título de marquês de Valença não se renovou), que faleceu em 1864.

Descendência:

13º D. Maria José de Portugal e Castro, décima terceira Condessa do Vimioso, que casou com D. Francisco de Sousa Coutinho, filho e herdeiro dos condes de Redondo (668).

Família Dias de Faria Seixas Loureiro

1º Doutor Gaspar Dias de Faria, desembargador do Porto, e sua mulher D. Brites de Seixas, filha de Gaspar de Seixas Antas, da vila do Vimioso, instituiram um morgadio em 1606.

Sucedeu-lhe seu filho:

2º Doutor Francisco Borges de Faria, desembargador da Relação do Porto, que não casou.

Sucedeu-lhe:

3º João de Loureiro de Mesquita, neto dos instituidores, filho de António de Loureiro de Mesquita, da cidade de Viseu, e de D. Maria de Faria Borges, irmã do desembargador Francisco Borges de Faria (2º, atrás citado).

Sucedeu-lhe seu filho:

4º António de Loureiro de Mesquita, que casou com D. Maria Correia, da vila de Lamas de Orelhão. Sucedeu-lhe sua filha única e herdeira:

5º D. Emerenciana de Loureiro, que casou com João Gomes de Figueiredo, fidalgo da Casa Real, do hábito de Cristo, capitão de infantaria reformado, filho de António Gomes Mena de Figueiredo, fidalgo da Casa Real, do hábito de Cristo, governador de Cabo Verde. (Ver em *Parada de Infanções – Família Machado,* pág. 360.)

Sucedeu-lhe seu filho primogénito:

6º António Gomes Mena de Figueiredo, com o foro de seu pai, cavaleiro do hábito de Cristo, que casou com D. Caetana Luísa de Sousa Pimentel, filha de Lázaro de Figueiredo Sarmento, alcaide-mor de Bragança, e de D. Mariana de Morais Pimentel (669). (Ver em *Bragança – Família Figueiredos,* pág. 133).

(668) Seria um nunca acabar o apontar a bibliografia da ilustre família dos condes do Vimioso, bastando lembrar que, além das obras de história e bibliografia, todos os nobiliários portugueses a ela se referem, e por isso abstemo-nos de fazer mais citações.

(669) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XI, «Dos Morgados», § 26, fol. 316 (mihi).

Família Ferreira e Castro

Damos a seguir cópia de um códice manuscrito, formato quarto de papel almaço liso, contendo oito fólios numerados de frente e um mapa genealógico desdobrável, tudo encadernado em pasta de papel, tendo por título:

Tronco
de
Ferreiras e Castros
do
Vemiozo
ou Nobiliarchia
dos
mesmos

Este códice encontra-se em Vinhais em poder da *família* Germano Ferreira de Castro.

Ao bom amigo Firmino Augusto Martins, ilustrado pároco de Travanca, agradecemos os bons ofícios atinentes a ser-nos facultada a leitura deste códice, que, a julgar pela caligrafia, deve ter sido escrito pelos meados do século XIX:

«1 – D. Belchior de Castro filho de D. Garcia de Castro que foi senhor de Paul, e Boquilobo e visneto de D. Álvaro Pires de Castro Conde d'Arraiolos e primeiro Condestavel de Portugal, irmão da Rainha D. Ignez de Castro, acompanhou no posto de seu Alferes de Bandeira (estandarte Real) ao Principe D. João, filho de El Rei D. Affonso 5º, quando foi socorrel-o, e auxilial-o na celebre batalha de Toro em 1476; e na volta para este Reino feze-o, o Principe, Governador da villa de Vemiozo, aonde se estabelecêo e casou com D. Cecilia Mendes, filha de Francisco Mendes Antas, o primeiro, e dos da sua família quarto senhor da dita villa com jurisdição, padroado da Igreja, e dois terços dos dizimos. Este teve filho primogenito.

2 – Pedro de Castro, fidalgo da Casa Real, como seu pai, que viveo no Vemiozo, e ali cazou com D. Isabel do Rego (670). Teve filho unico.

(670) D. Isabel do Rego era filha de João do Rego, que residiu no Vimioso, grande proprietário e dos principais da mesma vila, fundador e padroeiro da capela de Nossa Senhora das Preiras, e de D. Ana Rodrigues de Carvalho, filha de Pedro Rodrigues de Carvalho, dos bons Carvalhos de Lamego.

3 – BELCHIOR DE CASTRO que logrou o mesmo foro e cazou com D. Maria de Moraes, irmãa de Jorge de Moraes, Alcaide Mór da sobredita villa, aonde viverão e della teve filho unico.

4 – LUIZ DE CASTRO tambem fidalgo da Casa Real que casou com D. Isabel da Fonseca (671) sua prima em terceiro gráo da mesma Villa, teve filho primogenito.

5 – PEDRO DE CASTRO OSSORES que gozou o mesmo foro, cazou com D. Francisca de Moraes Ferreira Supico (672) da dita villa dos quaes nasceu filho mais velho.

6 – FRANCISCO FERREIRA DE CASTRO que de sua mulher Izabel Mendes d'Albuquerque (673), viviam em 1625, tambem do Vemiozo, entre outros filhos teve:

---

(671) D. Isabel da Fonseca era filha de Diogo Ossores Guimarães, fidalgo da Casa Real, e de D. Francisca do Rego, do Vimioso.
Neta paterna de Fernando Guimarães, também fidalgo da Casa Real, e de D. Branca da Fonseca, parente do bispo do Algarve D. Jerónimo Osório, irmão de D. Maria da Fonseca, de quem procederam muitas famílias ilustres, espalhadas pela Beira e Trás-os-Montes. Fernando Guimarães, que residia em Pinhel veio refugiar-se em Bragança que então era Couto, por crimes em que fora envolvido.
Neta materna de João do Rego (atrás citado) e de D. Ana Rodrigues de Carvalho.
(672) D. Francisca de Morais Ferreira Súpico, era filha de Gaspar Ferreira Sarmento, da vila de Vinhais, fidalgo da Casa Real, e de D. Isabel Mendes Antas, do Vimioso, onde residiam.
Neta paterna de Cristóvão Ferreira de Sá e de D. Maior Sarmento.
Bisneta de Francisco de Morais (o *Meia língua)* e de D. Maria de Sá, tronco da maior parte das famílias ilustres do alto da província de Trás-os-Montes.
Neta materna de Afonso Supico de Morais (o *Velho),* fidalgo da Casa Real, e de D. Inês Rodrigues, filha de Rui Martins de Morais, alcaide-mor do Vimioso.
Bisneta de outro Afonso Supico, também fidalgo da Casa Real, dos senhores de São Ceris, e de D. Violante Mendes Antas.
Gaspar Ferreira Sarmento, atrás citado, pai de D. Francisca de Morais Ferreira Supico, era irmão de D. Clara Sarmento, que casou com seu segundo tio João Ferreira de Sá, dos quais nasceu D. Isabel de Sá, que casou com Dinis Pinto da Silva, de Quintela de Vinhais. Deste matrimónio nasceu D. Maria Ferreira, que casou com Matias de Faria da Silva, que foram pais de João Macedo Sarmento, governador de Vinhais, casado em Sonim com D. Maria Xavier de Sá Melo.
D. Maior Sarmento, mulher de Cristóvão Ferreira de Sá, era filha de Francisco de Morais (filho de João de Morais, o *Velho,* e neto de Rui de Morais, de Bragança) e de D. Francisca Sarmento, filha de Bernardo de Lousada, senhor de Marmontelos e da Granja da Batida, na Galiza.
(673) D. Isabel Mendes de Albuquerque era filha de Bento Machado de Albuquerque, capitão-mor do Vimioso, e de D. Francisca Navarro.
Neta paterna de Diogo Machado de Albuquerque, fidalgo da Casa Real, e de D. Isabel Mendes Antas, bisneta de Francisco Mendes Antas, segundo senhor do Vimioso.
Bisneta paterna de Luís Machado e de D. Francisca de Albuquerque, irmã de Diogo Ossores Guimarães, fidalgo da Casa Real, o mesmo que atrás referimos como pai de D. Isabel da Fonseca, na nota correspondente ao nº 4.
Terceira neta de João Machado, da esclarecida casa de Entre Homem e Cávado, que casou na província de Trás-os-Montes com D. Ana Madureira, da antiquísssima casa de Parada.

7 – João de Castro Ferreira, o *Velho,* que viveo na mesma Villa e cazou na d'Outeiro com D. Agueda de Moraes Figueiredo (674) e della teve alem doutros filhos a:

8 – João de Castro Ferreira, o *Novo,* que constrangido por justiça em virtude de escripto de cazamento (segundo a pratica daquelle tempo) recebêo por mulher a D. Maria de Quina da ditta Villa (675) teve alem doutros filhos a:

9 – António Ferreira de Castro, Cavalleiro da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, e Capitão Mór do Vemiozo; cazou com sua prima em terceiro gráu D. Archangela de Moraes Figueiredo, da Ferradosa, concelho de D. Chama (676) da qual teve filhos = André Ferreira de Morais Figueiredo Cavalleiro da Ordem de Christo Tenente de Infantaria que em 1762, quando foi tomada a cidade de Miranda foi prizioneiro e levado a Pamplona, não quiz continuar no serviço e cazou em Bragança com D. Caetana Josefa d'Abreu Nogueira = João Ferreira de Castro, conego na Sé de Miranda = Manoel Antonio Ferreira de Castro Presbitero Secular = D. Rita Maria Ferreira de Castro que cazou em Tinhela de Monforte com o Major d'Ordenanças Jose Manoel de Souza e Freitas, e

10 – Christovão Jose Ferreira de Castro que cazou em Val das Fontes com D. Catharina Maria Frontoura (677) e tiverão filhos =

---

(674) D. Águeda de Morais Figueiredo era filha de André de Morais Figueiredo, capitão-mor de Outeiro, e de D. Maria Pimentel da Rosa.
Neta paterna de José Gil de Morais e de D. Catarina Pereira.
Bisneta de outro João José Gil de Morais e de D. Maria Correia da Cunha, de Bragança.
Neta materna de António Machado e Figueiredo e de D. Francisca da Rosa Pimentel, filha do alcaide-mor de Outeiro, António da Rosa Pimentel.

(675) D. Maria de Quina, era filha do capitão André de Quina, de Vimioso, e de D. Maria Martins, da casa do morgado da Amatéla (?), bisneta de Paulo Martins, da Junqueira, e de D. Inês de Morais, filha de Jerónimo do Campo, de Valverde do Mogadouro, e de D. Juliana Gil da Gama, sobrinha e herdeira do doutor Pedro Anes da Gama, abade de Vilar Chão da Barcioza, comissário do Santo Ofício e, por mais de vinte e cinco anos, visitador do bispado.

(676) D. Arcângela de Morais Figueiredo, irmã de D. Águeda de Morais Figueiredo, a quem atrás nos referimos na nota correspondente ao nº 7, era filha de André de Morais Figueiredo e de D. Ana Gomes da Foutoura, que residiram na Ferradoza.
Neta paterna de António Machado de Morais e de D. Luísa Teixeira Coelho, filha de Baltasar Teixeira Coelho, capitão-mor de D. Chama (filho de outro capitão-mor, João Teixeira Coelho e de D. Antónia de Morais Campilho), e de D. Natália Machado Falcão.
Neta materna de Gervásio Jorge de Morais (filho de Pedro Jorge de Morais, da Ferradoza), e de D. Cecília Gomes da Fontoura, filha de Francisco Pires das Eiras, da Fradizela, e de D. Antónia da Fontoura, filha de João da Fontoura, juiz dos órfãos, proprietário e pessoa principal de D. Chama, e de D. Cecília Gomes, que residiram em Vilares.

(677) D. Catarina Maria da Fontoura era filha de Francisco Gonçalves da Fontoura e de D. Catarina Rodrigues Fontoura, natural de Val das Fontes, pessoas de distinção e os principais da terra, parentes em primeiro e segundo graus dos Fontouras da Ferradoza.

1º – *João Ferreira de Castro,* Doutor formado em Direito que morreo solteiro em Bragança sendo Promotor dos negocios Ecclesiasticos.

2º – *Antonio Ferreira de Castro* que cazou com grande desgosto da sua familia.

3º – *D. Barbora* que ficou solteira.

4º – *D. Caetana* qne cazou no Ladario com o Major d'Ordenanças José Manoel Gomes de Frias, estes tiverão filhos a

a) – José Marcello Ferreira de Castro, Doutor Formado em Direito, Major de Voluntarios Realistas de Chaves.

b) – Manoel Joaquim Ferreira de Castro que falecêo quando frequentava os estudos de Direito.

c) – D. Emilia Ferreira de Frias de Castro que cazou com Joaquim José de Macedo Montalvão Sarmento, filho do Morgado de Sonim e sobrinho do Capitao Mór do mesmo lugar e estes tiverão filhos a

d) – Manoel Joaquim Montalvão Sarmento e Castro que frequenta as aulas de Direito.

e) – D. Maria Emilia de Macedo Sarmento e Castro.

f) – D. Anna de Jesus Macedo Sarmento e Castro.

g) – José Manoel Sarmento Sá e Castro Pereira do Lago que frequenta a aula de Enginharia.

h) – D. Carmelina de Macedo Sarmento e Castro.

11 – José Ferreira de Castro, Capitão Mór do Districto de Vinhaes que cazou em Rio de Fornos com D. Maria Angelica de Moraes Sarmento e Castro (678) e tiverão filhos:

1º – *Candido Ferreira Sarmento Figueiredo e Castro* em quem recahia o vinculo do Vemiozo, se o ultimo administrador do mesmo o não desferisse em 1825 que éra Antonio Ferreira de Castro e Figueiredo, filho de Andre Ferreira de Moraes Figueiredo retro, por autonomasia o Morgado

(678) D. Maria Angélica de Morais Sarmento e Costa (no texto acima o autor, certamente por equívoco, escreveu Castro), era filha primogénita de José de Morais Sarmento, capitão de milícias, natural de Rio de Fornos, e de D. Maria Joaquina da Costa Tinoco, do Cobro, concelho de Lamas de Orelhão, prima em segundo, terceiro e quarto graus dos Meneses de São Pedro de Val de Conde, Reimãos da Vilariça e Pessanhas de Mamelos, e de quase todas as famílias distintas daqueles concelhos e do de Mirandela.
Neta paterna de Tomé de Morais Sarmento, da casa do morgado de Rio de Fornos, que tinha relações de parentesco com muitas famílias ilustres, sendo primos em terceiro grau dos Figueiredos de Arufe, e de D. Francisca Borges da Silva, da Casa dos Borges de Val de Janeiro.
Neta materna de Francisco José da Costa Tinoco, do Cobro, capitão de ordenanças e fidalgo da Casa Real (procedente da casa de José Bernardo, dos Eixes), e de D. Maria José da Costa, de Cabanelas.

da Praça de Bragança e como este morreo sem filhos legitimos, assim como seu primo o Doutor João Ferreira de Castro e á morte daquelle éra sucessor José Ferreira de Castro, seguesse que no supradito recahia o vinculo como filho mais velho deste – Candido Ferreira Sarmento de Figueiredo e Castro, Major de Voluntarios Rialistas em Bragança, que alem deste teve mais filhos a

2º – *D. Mequelina Ferreira Sarmento Figueiredo e Castro,* cazada com Antonio Ferreira, Morgado na Praça de Bragança que foi capitão de Voluntarios Realistas de Bragança, primo em terceiro gráo (679).

3º – *Julio Eleziario Ferreira Sarmento Figueiredo e Castro.*

4º – *José Marcellino Ferreira Sarmento e Castro* que com desgosto da familia sentou praça no Regimento de cavallaria nº 7 onde chegou ao posto de segundo sargento Aspirante, e não querendo continuar no serviço dêo baixa e faleceo passado pouco tempo.

5º – *Silverio Ferreira Sarmento Castro Albuquerque.*

6º – *João Augusto Ferreira Sarmento Figueiredo e Castro.*

7º – *Germano Velarmino Ferreira Sarmento Figueiredo e Castro* que cazou com D. Josefa Teixeira, filha de Antonio Teixeira, do Bairro do Eiró de Vinhaes, este teve filhos a

a) – D. Eugenia Ferreira Sarmento Figueiredo de Castro e Teixeira.

b) – Veriato Constantino Ferreira Sarmento Figueiredo e Castro Teixeira.

c) – D. Luísa Ferreira Sarmento Figueiredo de Castro e Teixeira.

8º – D. Etelvina Maria Maximina Ferreira Sarmento Figueiredo e Castro.

Os filhos do dito Capitão Mór de Vinhaes José Ferreira de Castro, todos frequentarão as aulas até ao anno de 1834 em que mudou a Politica.

Nota. A familia dos Mendes Antas com a qual se enlaçou a dos Castros, por meio de Muitos cazamentos teve o Senhorio do Vemiozo sem interrupção, desde o Reinado de D. Affonso 3º até ao de D. Manoel, em que se extinguiu a progenitura varonil da dita familia, sendo Mendo

(679) O filho natural do morgado da Praça, de Bragança, de que falámos na p. 110, chamava-se António Florentino de Correia Castro, residia em Pinela, concelho de Bragança e faleceu pelos anos de 1875.
Sua mulher, a tristemente célebre Miquelina, era natural de Rio de Fornos, concelho de Vinhais, e a criada, a quem esta arrancou os olhos, era natural de Paradinha Velha, concelho de Bragança.

Affonso de Antas o ultimo que a logrou, e o primeiro a quem foi feita essa mercê foi João Vasques filho de Vasco Pires – o Beirão – cazado com D. Urráca Esteves d'Antas, Senhora do Paço d'Antas, no concelho de Coura, neto paterno de Pedro Fernandes Bragança, Senhor de Bragança, visneto de Mendo Fernandes Bragança – o Bravo – e terceiro neto de Fernão Mendes, fronteiro Mór de Bragança.

Os Ferreiras que tambem se enlaçarão com os Castros pelo cazamento de D. Francisca de Morais Ferreira Supico com Pedro de Castro Ossores, vierão da caza de Cavalleiros (hoje elevada a Condado) junto a Guimaraes; e o primeiro que veio a estabelecerse a Bragança foi Álvaro Ferreira filho segundo da dita caza o qual cazou com D. Violante de Sá filha de João Rodrigues de Sá – o Velho – Senhor de Mathosinhos, e ascendente dos Condes de Pena Guião, e Marquezes de Fontes, agora encorporados na caza dos Marquezes d'Abrantes:

Este Alvaro Ferreira é o tronco de todos os bons Ferreiras da Provincia, como se pode ver nas suas respectivas arbores.

Foi transcripto o sobredito de memorias antigas do principio do Seculo p. p. [seculo XVIII] e em parte já com referencia a outras mais antigas, que parecem dignas de credito por combinarem os seus dizeres com os das arbores que nas supraditas familias se tem conservado».

Segue agora no códice original um mapa desdobrável com a árvore genealógica das famílias tratadas no texto atrás transcrito, que por isso mesmo nos abstemos de copiar.

Também junto a este códice se encontra um papel avulso onde está desenhado, com as devidas cores, esmaltes e campos, um escudo com as armas dos Morais, Sarmentos, Costas e Tinocos, acompanhado das explicações que destas armas dão os livros de heráldica e no final diz: «Feito em Bragança aos 4 de Agosto do ano de 1827», depois uma rúbrica complicadíssima de letras enlaçadas em que nos pareceu ver as seguintes: F J R F A. Devemos porém notar que a caligrafia deste papel avulso é diversa da do códice.

Família Macedo

1º João de Macedo, natural de Bragança, alcaide-mor de Outeiro, fronteiro-mor ou governador das armas da província de Trás-os-Montes.

Casou com D. Branca de Sousa, natural de Bragança.

Entre outros filhos teve:

2º Fernão de Macedo, que casou na vila do Vimioso com D. Maria

Vaz do Rego, descendente de Gonçalo Vaz do Rego, alcaide-mor daquela vila.

Entre outros filhos teve:

3º Fernão de Macedo, que instituiu o morgadio na capela de Nossa Senhora de Vale de Pereiras e casou na mesma vila com D. Maria Mendes, filha de Francisco Mendes Dantas.

Descendência:

I. *João de Macedo* (4º, adiante citado).

II. *António de Macedo,* que serviu na Índia.

4º João de Macedo, que sucedeu neste morgadio, casou com D. Bibiana Osores.

Sucedeu-lhe seu filho:

5º Belchior de Macedo, que casou com D. Ana Rodrigues de Carvalho, da cidade de Bragança.

Descendência:

I. *Francisco de Macedo* (6º adiante citado).

II. *D. Bibiana Osores,* que casou com Joane Mendes Dantas da vila do Vimioso, e, por não terem filhos, instituíram um vínculo, que uniram a este morgadio.

III. *Gonçalo Vaz do Rego,* com geração.

6º Francisco de Macedo, casou com D. Ana do Campo da Gama.

Descendência:

I. *Belchior de Macedo,* abade de São Martinho de Angueira.

II. *Jerónimo do Campo,* abade de Duas Igrejas.

III. *Paulo de Macedo,* cavaleiro do hábito de Cristo, mestre de campo de infantaria auxiliar, que casou em Miranda com D. Maria Mendes Pimentel. Descendência:

a) D. Jerónima Pimentel (ver 8º, adiante citado).

b) D. Ana de Macedo, que casou com Cristóvão Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Cristo, filho de João Ferreira Sarmento Pimentel, de Bragança (ver em *Bragança – Família Ferreiras* – 23º, pág. 70).

Descendência:

D. Josefa Jerónima de Lozada, que casou com Manuel Morais de Faria, morgado de Carrazedo. (Ver em *Carrazedo – Família Frias e Faria* 6º, pág. 205).

7º D. Bibiana Osores, casou com Aires Ferreira de Sá, cavaleiro do hábito de Cristo, capitão-mor da Vila do Vimioso, filho de João Ferreira de Sá e de D. Clara Sarmento de Lozada. (Ver em *Bragança – Família Ferreiras* – 7º, pág. 65).

Descendência:

8º Pedro Ferreira de Sá Sarmento, moço fidalgo, cavaleiro do hábito de Cristo, coronel de Dragões, sucedeu neste morgadio e casou com D. Jerónima Pimentel, filha de Paulo de Macedo, natural do Vimioso e pelos anos de 1721-24 residia em Bragança.

Descendência:

I. *Francisco José Sarmento de Lozada* (9º adiante citado).

II. *D. Ana Maria Pimentel,* que casou em Vinhais com Aires Ferreira Sarmento. Com geração.

9º Francisco José Sarmento de Lozada, sucedeu no foro de seu pai e era cavaleiro do hábito de Cristo e sargento-mor de Dragões.

Casou com D. Joana Francisca Caetana de Morais Ferreira, filha de Duarte Ferreira de Morais (ver 8º, em *Tuizelo*).

Descendência

I. *Pedro Ferreira de de Sarmento.*

II. *João António José Ferreira de Sá Sarmento,* cavaleiro da ordem de S. Filipe.

III. *D. Teresa Jerónima Ferreira de Sá Sarmento,* que faleceu sem tomar estado.

IV. *D. Jerónima Teresa Ferreira de Sá Sarmento,* que foi freira em Santa Clara.

V. *D. Joana Maria Ferreira de Sá Sarmento.*

VI. *D. Francisca Josefa Ferreira de Sá Sarmento.*

VII. *D. Antónia Maria Caetana Ferreira de Sá Sarmento.*

VIII. *Francisco Ferreira Sarmento*[680].

Família Mendes Antas

Damos a seguir cópia de um códice, fólio em papel almaço bastante grosso que se encontra no Vimioso, em poder da família Antas e que encerra muitas notícias e cópias de documentos. Tem por título:

«Arvore da Geraçam, e Familia dos Mendes, e Antas da Villa do Vimioso»

Começa por citar «Dom Fruella 2º do nome, Rey de Leam, Asturias, e Galliza» e deduz deste a origem da família Mendes e Antas, do Vimioso,

(680) BORGES, José Cardoso – *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XII, «Dos Morgados», § 15, fol. 300 (mihi).

que depois faz entroncar nos Bragançãos, fidalgos da primeira dinastia, alcaides-mores ou senhores de Bragança, memorados no *Nobiliario* do conde D. Pedro. (Ver pág. 35).

Deixando porém coisas tão remotas, de que não pode haver certeza, copiaremos apenas as notícias que nos parecem mais seguras e que começam no fólio 4 do códice:

«João Vasques Antas, cujo appellido herdou de sua mae; el-rei D. Affonso o 3º governando o reino no impedimento del-rei D. Sancho o *Capello,* lhe fes merce do Senhorio do Vimioso, e o teve de mero mixto imperio assistindo o mesmo João Vasques Antas, na mesma villa, sendo tudo pellos annos de 1242 donde pessuia muitas fazendas alem do dito senhorio, não falão de seu cazamento os genellogicos antiguos, só sim que tivera por filho

§. 7.

Estevão Antas que sucedeu na caza de seu pae, e no Senhorio de Vimiozo, faz menção e declaração o Conde D. Pedro, no folio 34. §. 32, no seu nobiliario manuscripto e dis que tivera por filhos.

§. 8.

1º *Gonçallo Esteves*
2º *Mendo Esteves Antas*

Gonçalo Esteves, dis o conde D. Pedro, que fora cazado com D. Maria Martins, filha de Martim Annes Redondo. Suppoe-se que este não teve successão porque o Senhorio do Vimiozo passou a seu irmão Mendo Esteves Antas.

Mendo Esteves Antas, succedeu na caza de seu pai e senhorio do Vimiozo, por fallecimento de seu irmão Gonçallo Esteves; viveu nos reinados del-rei D. Pedro o 1º e el-rei D. Fernando. Cazou com D. Ignez Rodrigues de Moraes, sua prima, familia illustre na provincia de Tras os Montes e teve:

§.9.

1º *Affonso Mendes Antas*

2º *João Mendes Antas*

Affonso Mendes Antas succedeu na caza de seu pai, por ser o primogenito, e tambem succedeu no senhorio do Vimioso, viveu no reinado del-rei D. João o Iº cazou com D. Aldonça Gonçalves de Moraes, sua parenta, filha de Lourenço Pires de Tavora, 2º de nome, e senhor do Mogadouro; e teve

§. 10.

1º *Mendo Affonso Antas*

2º *Estevão Mendes Antas*

Mendo Affonso Antas, succedeu na caza de seu pae e senhorio do Vimioso, cazou com D. Margarida de Vasconcellos, de quem não teve successão; falleceu no tempo em que reinava el-rei D. Affonso V que fez mercê do senhorio do Vimiozo a D. Francisco de Portugal, sendo seu aio e lhe confirmou o titulo el-rei D. Manuel de conde.

Estevão Mendes Antas, filho 2º de Affonso Mendes, succedeu na caza de seu irmão Mendo Affonso Antas, pertendeu por morte de seu irmão, o senhorio do Vimiozo e moveu pleito e D. Francisco de Portugal, que correu muitos annos perante o corregedor de Vizeu, a quem el-rei deu commissão e o nomeou por juiz da mesma cauza; porem como falleceu neste tempo Estevão Mendes e o poder que tinha na corte o conde, fesse desatendido o seu direito; e este o ficou pessuindo livremente emthe que passou para a caza do [I]nfantado cujos autos se conservam no cartorio daquelle juizo, cazou com D. Maria de Madureira da mesma villa do Vimioso, que tiveram por filhos.

§. 11.

1º *Lourenço Mendes Antas*

2º *Vasco Rodrigues Antas* cazado com D. Michaela de Albuquerque.

Lourenço Mendes Antas teve o foro de fidalgo pello herdar de seu pae Estevão Mendes, foi tambem professo na Ordem de Christo. Cazou com D. Catharina de Madureira Feijó, instituio um morgado em o anno de 1521 de todos os seus bens e por cabeça delle a sua capella da Magdalena que agora se acha dentro da igreja matriz desta villa. Vincollou todos os bens que possuía a si na villa do Vimioso como nos logares de terra de Miranda a saber: Paradella, Iffanes, Povoa, Águas Vivas, Malhadas, Constantim, Villar Secco em terra de Algozo, São Pedro da Silva, Val d'Algoso, Matella, Junqueira, Avinhó; de terra de Outeiro, Argosello, Carção, Santu-

lhão; em terra de Bragança, Macedo do Matto; chamando para primeiro successor e administrador a seu filho unico Gaspar Mendes Antas.

§. 12.

Gaspar Mendes Antas, filho unico do dito acima Lourenço Mendes Antas, succedeu no morgado que seu pae tinha instituido succedeu tambem no foro e foi armado cavalleiro e formado na Universidade de Coimbra. Foi cazado com D. Brites Dis de Carvalho de que teve daquelle matrimonio seis filhas e um varão a saber

1º *D. Leonor Mendes Antas,* cazou com Belchior Mendes da villa de Chacim.

2º *D. Brites Dis Antas,* cazou com Gaspar de Seixas Antas da villa do Vimioso.

3º *D. Izabel Mendes Antas,* que cazou com Cristovão Pires da cidade de Bragança.

4º *D. Francisca Mendes Antas,* que cazou com o doutor Braz de Figueiredo Castello Branco, da villa de Vouzella da Beira desembargador dos Aggravos e chanceller no Porto, de quem procede Manuel Telles de Figueiredo, da mesma villa e João Tenreiro de Mello, de Louzinde, da Beira.

5º *D. Juliana Mendes Antas,* cazou com o licenceado Arcadio de Andrade, ouvidor que foi do duque de Bragança e assistente em Villa Viçosa.

6º *D. Filippa Mendes Antas,* foi freira em o convento de Villa Frechosa, reino de Castella.

7º *João Mendes Antas* por ser varão succedeu no morgado que seu avô Lourenço Mendes Antas tinha instituido, succedeu e herdou tambem o foro de fidalgo e foi armado cavalleiro em o tempo do rei D. Filippe 1º; mandou fazer a trasladação da igreja matriz da mesma villa que antes era onde é agora o Calvario, dando elle o campo para o assento ajudando no discurso de 25 annos, que durou a obra, com um moço e uma junta de bois; e à dita egreja unio a capella do morgado, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que antes era da Magdalena, cazou com D. Catharina de Quinhonez, do reino de Castella, de que se ignora a patria, só sim se sabe que era parenta dos condes de Luna, e que fora dama do passo da imperatriz D. Izabel, filha del-rei D. Manuel de Portugal e succedeu no morgado por ser varão; e teve a:

Segue-se com melhor clareza esta successão por se acharem novamente os padrões e alvarás das merces que os Senhores Reis lhe fizeram de tenças em attenção aos serviços que lhe tinham feito, assim o dito João Mendes Antas, como seus sogros...

Acha-se pello primeiro padrão e alvará fabricado em Lisboa, em os 20 de fevereiro de 1563 que el-rei o senhor D. Fellippe o primeiro fes a merce de tomar por moço da sua Real Camera ao dito João Mendes Antas, (que antigamente por autonomazia se appelidava *Joanni Mendes)* com coatro centos e seis reis de moradia, em cada mez e tres coartas de cevada por dia; atendendo aos serviços que o dito seu pae Gaspar Mendes Antas, que dissemos no § 12 e nº 1 lhe tinha feito, no tempo em que foi Corregedor do Crime no Porto, o que tudo melhor consta do mesmo alvará assignado pela sua real mão, e foi armado cavalleiro na dita cidade de Lisboa na igreja de Nossa Senhora da Conceição por Frei Luis Alvares de Tavora em 21 de março de 1564 com 20000 reis de tença em cada anno.

Foi cazado com D. Catherina de Quinhones ou Nunes, como no fim do padrao fabricado em pergaminho se declara ser a mesma D. Catherina Nunes a do appellido de Quinhones, pellos ter ambos. A qual era filha de Francisco Fernandes e de sua mulher Innez Fernandes, do reino de Castella, aquelle copeiro-mor da Senhora Infanta D. Maria de que tinha de tença 30000 reis em cada anno de que lhe fes merce a Senhora Rainha D. Leonor, mãe da mesma senhora infanta, o que tudo consta do dito padrão; e esta foi moça da camera da mesma senhora infanta com a tença de 15000 reis em cada anno; e a dita tença dos 30000 do dito Francisco Fernandes, seu marido, ficou pelo seu falecimento, a dita sua filha D. Catherina de Quinhones, em quanto ella vivesse; foi confirmada esta deixa por merce da mesma senhora rainha a qual foi feita em villa Cotre em os 20 de agosto de 1539 e por outra feita em Puysi em os 18 de julho de 1546 o que tudo consta do mesmo padrão e tambem ficarem-lhe a dita D. Catherina de Quinhones mais 5000 dos quinze que eram da dita sua mãe por lhe ficarem por seu falecimento, os quaes 15000 forão repartidos por tres filhos do dito Francisco Fernandes e de sua mulher a saber 5000 à dita D. Catherina e os outros 10000 a suas irmãs, uma chamada Inez Fernandes e a outra Rufina Fernandes, esta freira professa em o convento de Cos, da Ordem de S. Bernardo, e aquella moça da Camera da mesma Senhora infanta, de que lhe fes a merce de lhe confirmar a deixa da dita sua mãe dos 5000 a cada uma das suas filhas, ficando à dita D. Catherina de Quinhones 35000 de tença.

Foi recebido o dito João Mendes Antas com a dita sua mulher em Lisboa dentro do Paço da Senhora infanta por estar naquelle tempo sendo moça da sua camera em 16 de abril de 1564, o que melhor consta da licença do muito ilustrissimo Cabido sede vacante, da mesma cidade.

Teve por filhos deste matrimonio:

Pero Mendes Antas, que teve tambem o foro e foi armado cavalleiro em Tomar pello Dom Prior do convento, em os 18 de agosto de 1589

como melhor consta do alvará mandado passar pello senhor rei D. Filippe fasendo-lhe mercê o mesmo senhor que os 20000 de tença que tinha o dito seu pae ao depois de seu fallecimento ficassem a esse dito seu filho, o que consta do alvará 8º do mesmo livro, o qual viveo poucos annos e ficou seu pae gozando a dita tença dos 20000 reis o qual ao depois de sua morte a deixou a um seu filho natural chamado Gaspar, como consta do seu testamento comque falleceo, que se acha neste mesmo livro; o qual foi frade da Ordem de S. Francisco, o que consta de uns autos de demanda que moveo neste juiz o Gaspar de Seixas Antas a um João Mendes, filho de uma irmã do dito frade, chamada Izabel Mendes, pella reivindicação da metade do dito morgado, cujos autos estão cubertos com uma capa de pergaminho por conterem muitas clarezas da nobreza da caza, e pella inquirição se provar com individuação, o senhorio desta villa e sello o ultimo senhor Affonso Mendes de Antas e por muitas circunstancias se devem conservar os ditos autos com os mais papeis que estão juntos a elles.

Teve tambem por filha a D. Arcangella que cazou a primeira vez com Diogo de Barros, natural da cidade de Braga, cavalleiro muito illustre naquela cidade a quem seu pae lhe duou quarenta mil cruzados e recuzando elle dar-lhos, lhe moveo o dito Diogo de Barros pleito perante o doutor corregedor da cidade de Miranda por ser esta villa naquelle tempo da mesma comarca e não consintindo no dito juizo, aggravou para a Relação pella razão de se achar servindo de juiz da Alfandega desta villa de propriedade e ser seu juiz comparente de que foi provido em seu agravo; acha-se registado o Accordão da Relação em um livro antigo dos registos da Alfandega da dita cidade de Miranda e morto o dito seu marido do qual não teve successão cazou ao dipois com Marcos de Faria da Silva desta villa do qual tambem não teve filhos.

Teve tambem o dito João Mendes Antas daquelle matrimonio por filha a

D. Izabel de Quinhones que foi moça da camera tambem da senhora infanta D. Maria, como consta do Alvará 2º do mesmo livro feito em os 20 do mez de março de 1571 tambem teve a tença dos 35000 que erão da dita sua mãe que lhe deixou por seu fallecimento, a qual lha confirmou o senhor D. Filippe 2º em os 28 de setembro de 1604, o que melhor consta da certidão 10 tirada de um alvará, a qual se acha no mesmo livro.

Foi cazado duas vezes com Bebiana de Albuquerque (681) mãe que foi de Pedro Ferreira de Sá Sarmento da cidade de Bragança, de quem não houve successão e deixou em seu testamento com que falleceo, á dita sua mulher, as cazas da praça redondamente com seu quintal e juntamente a

(681) Deve haver engano, porque se trata de uma mulher; mas assim está escrito.

curtinha do Castello com seu pombal, cuja cortinha e cazas as possue Francisco Joseph Sarmento de Louzada neto da dita Bibiana de Albuquerque assistente na dita cidade e hora coronel de Dragões na praça da villa de Chaves; deixou tambem a Francisco de Macedo, irmão da dita sua mulher uma terra caminho do Campo onde chamam ao Malhão; o que tudo consta do mesmo testamento mettido no mesmo livro.

Este dito João Mendes Antas no anno de 1596 fez uma justificação perante o doutor corregedor de Miranda que era chamado Amador Ribeiro que depois foi desembargador na Relação do Porto em como elle era fidalgo de linhagem e que seu bisavó Affonso Mendes de Antas e assim Mendo Affonso e Estevão Mendes de Antas pae de Lourenço Mendes avó delle que foram senhores desta villa e seu termo e que elles nomeavam os juizes, vereadores e mais justiças tendo jurisdicção e vassallagem em todos os moradores della, com mixto imperio e que a elle lhe pertencia o mesmo foro e fidalguia e que como tal se tratava e que elle e seus passados foram todos havidos e nascidos de legitimo matrimonio, cuja justificação se acha no dito livro com os mais Alvarás.

E tornando a terceira filha chamada a dita D. Izabel de Quinhones ó depois freira em Santa Clara de Bragança, e vendo que de seu pae não tinha mais filhos alguns que ouvessem de succeder no morgado, que tinha vagado por fallecimento de seu pae, impetrou breve da Sé Apostolica em tempo de Paulo V para anullar a profissão, fundada em que tinha professado violentamente, com effeito, concedido o breve se pronunciou juis delle o doutor Francisco Painho, vigario geral que então era neste bispado de Miranda, sendo bispo delle D. Joseph de Mello, de cujas averiguações obteve sentença a seu favor, sem embargo de ser professa catorze annos, que saindo do convento succedeu no dito morgado e em toda a mais caza de seu pae. Cazou com seu primo Gaspar de Seixas Pegado e estando cazados quasi tres annos de que não tiveram successão; e por seu fallecimento fes seu testamento de que deixou a seu marido por herdeiro de todos os seus bens livres por sua vida e por sua morte aos padres da Companhia de Jesus de Bragança e ás freiras de Santa Clara da mesma cidade, que são os que possuem todos nesta villa e no logar de S. Juanico e o morgado o nomeou em seu primo carnal Gaspar de Seixas Antas para que succedesse nelle por ser bisneto do instituidor Lourenço Mendes, o que tudo consta do codecilio que esta fes em os doze de novembro de 1614 e com efeito tanto que faíleceo a dita D. Izabel, *ex vi* da nomeação que tinha feito, tomou logo posse do morgado o dito Gaspar de Seixas Antas; e por ser filho de D. Brites Dis Antas e de Gaspar de Seixas Antas, que era filha 2ª do primeiro chamado successor Gaspar Mendes Antas no nº 1 e no § 12 que abaixo se fará mais expressa menção.

Tomou tambem posse do morgado Gaspar Mendes, morador que era em o logar de Urros, termo da villa de Algoso, como filho de D. Leonor Mendes Antas, filha mais velha do dito Gaspar Mendes Antas, que dissemos no mesmo numero 1 § 12 acima e adiante se declarará e assim seguisse a geração das outras irmãs de João Mendes Antas que dissemos no § 12.

D. Leonor Mendes Antas, filha mais velha do dito Gaspar Mendes Antas e neta do dito Lourenço Mendes Antas, como acima dissemos § 12, foi cazada com Belchior Mendes da villa de Chacim e teve o licenceado Belchior Mendes que foi abbade de Travanca, termo da villa de Algozo e Gaspar Mendes Antas.

§. 13.

Gaspar Mendes Antas, que foi cazado com D. Butelha de Azevedo do logar de Rãs, termo da villa de Algozo e succedeo no morgado por ser filho da irmã mais velha do dito João Mendes e foi o 3º administrador e teve a

§. 14.

1º *D. Antonia de Azevedo.*

2º *Manoel Mendes,* o *Velho* que casou com D. Maria de Aguillar, da villa do Vimioso e succedeu no morgado por fallecimento de seu pae, e foi o 4º administrador e teve:

1º Manuel Mendes, o *Moço,* que cazou com D. Maria do Rego, filha de Gaspar de Seixas Antas e neta pella materna de D. Brites Dis Antas, que dissemos no nº 2º § 12, e assim fica sendo sua prima em 3º gráo, que por tal se despensaram e ficaram neste cazamento unindo as duas linhas das irmãs: D. Leonor Mendes Antas e D. Brites Antas e a cauza deste cazamento adiante se declarará e segue-se a outra linha de D. Brites Dis Antas que dissemos no § 12, nº 2º.

D. Brites Dis Antas, como já dissemos no nº 2º, foi cazada com Gaspar de Seixas da villa do Vimioso e teve:

1º *D. Brites Dis,* que cazou com Francisco Nunes da mesma villa.

2º *Gaspar de Seixas Antas,* que cazou na mesma villa com D. Violante de Madureira, e foi ouvidor nella no tempo em que era inda senhor della D. Francisco Portugal, que dissemos no nº 2º e foi tambem capitão-mor e teve por filhos:

1º D. Maria do Rego.

2º D. Angela de Seixas.

3º D. Ignacia de Madureira.

4º Antonio de Seixas Antas que foi reitor de Iffanes.

§. 15.

D. MARIA DO REGO, foi cazada com seu primo Manuel Mendes, o *Moço,* como disse no nº 1 *ex vi* de uma escritura de composição que fizeram o pae desta Gaspar de Seixas Antas com seu primo Gaspar Mendes, morador em o logar de Ros, pellas duvidas e letigios que entre elles se moveram sobre a admenistração e successão do morgado, que tinha instituido seu bisavó delles litigantes Lourenço Mendes; porquanto o dito Gaspar de Seixas Antas tinha tomado posse delle por fallecimento da dita D. Izabel de Quinhones, pois tinha feito nomeação esta naquelle, como já fica dito no §. 12 e Gaspar Mendes tambem tomou posse do dito morgado, pella razão de ser filho de D. Leonor Mendes, neto mais velho do instituidor, e por evitarem duvidas e demandos, se composeram amigavelmente por escriptura feita em a villa de Algoso em os 4 de Abril do anno de 1615 que cazasse o neto que tinha o dito Gaspar Mendes, de Rós, chamado Manoel Mendes, o *Moço,* com sua prima Maria do Rego, filha do dito Gaspar de Seixas Antas; e com effeito tanto que cazaram entraram logo a possuir e administrar o dito morgado, como verdadeiros successores, por ficar sendo o dito Manoel Mendes, o *Moço,* 4º neto do instituidor, e a dita Maria do Rego 3ª neta; e foram os 5.os administradores e tiveram.

§. 16.

1º *D. Faustina Mendes Antas.*

2º *D. Josefa Mendes,* que cazou com um filho de Pedro Torrão, de S. Juanico, chamado João Mendes, de que só foram cazados não mais do que trez annos e não tiveram successão estiveram de posse de metade do dito morgado que ao depois que esta falleceu lhe moveu demanda Gaspar de Seixas Antas ao dito João Mendes pela dita posse do morgado, em razão de não poder ser partido; e como este ficasse vencido, se unio todo o morgado ficando possuidora de todo elle, a dita D. Faustina Mendes, por ser esta a verdadeira successora e a mais velha e por estar de posse da outra metade, o que tudo consta dos mesmos autos e juntamente se defendia o dito João Mendes que elle que era filho de Izabel Mendes e esta fora filha natural de João Mendes Antas, de que dissemos no §. 12 o qual a tinha perfilhado de que este fundamento não foi equivalente, porque os naturaes não podem succeder nos morgados instituidos antecedentemente havendo legitimos transversaes e por este fundamento teve sentença contra si e foi expulsado da outra metade do morgado.

3º *D. Izabel Mendes,* que cazou com Luiz da Gama, do Azinhoso.

§. 17.

D. Faustina Mendes Antas, filha deste Manuel Mendes, o *Moço,* de D. Maria do Rego, succedeu no morgado, como acima dissemos, e foi a 6ª administradora delle; cazou com Manuel Marques, natural da villa de Coma, filho de Pedro Gomes da Praia e D. Agostinha Fragosa, que era primo direito do doutor Antonio Antunes de Paiva, deão que foi na Sé de Miranda em o anno de 1667, e do reverendo Diogo de Paiva, abbade que foi de Sendim; e pelo motivo destes dois primos é que veio para esta provincia: e tiveram entre outras filhas femeas, a

João Mendes Antas, que succedeo no morgado e foi o setimo administrador delle e cazou com D. Anna Maria de Figueiredo, da villa de Algozo, filha de Manuel Machado de Moraes, da mesma e de D. Antonia de Figueiredo, da villa da Bemposta, e tiveram:

1º *D. Archangela Maria de Figueiredo,* que cazou com o doutor Francisco Xavier Chaves Salgado, juiz de fora que foi em Algozo e juiz dos orfãos da villa da Covilhã, e teve successão.

§. 18.

2º *Henrique de Figueiredo Mendes Antas.*

3º *D. Perpetua de Figueiredo.*

4º *Antonio de Figueiredo Antas,* formado na Universidade de Coimbra, e foi juiz de fora em a villa da Castanheira ao pé de Lisboa.

Henrique de Figueiredo Mendes Antas succedeu na caza de seu pae e tambem no morgado de que foi o oitavo administrador; cazou com D. Francisca Clara de Sousa Carvalho, da quinta da Granja, freguezia do logar de Figueira, bispado de Lamego; filha de Luiz Pinto de Sousa e Sampaio e de D. Anna Maria de Sousa Coutinho; e teve

1º *Simão Antonio de Figueiredo Mendes Antas.* Falleceo de 22 annos de idade.

§. 19.

2º *Luiz Bernardo Mendes Antas.*

3º *Gaspar Caetano Mendes.*

4º *Hieronymo Mendes.*

5º *Francisco Xavier* que falleceo de anno e meio de idade.

6º *D. Angelica Thereza de Sousa* que falleceo de dez annos de idade.

7º *José Antonio Mendes Antas.*

8º *D. Maria Luiza de Figueiredo* que cazou no logar da Veiga de Lille termo de Chaves com Francisco José de Carvalhal Silveira e Vitancur.

Luiz Bernardo de Figueiredo Mendes Antas succedeu na caza de seu pae e tambem no morgado de que foi o nono administrador. Assentou praça no anno de 1762 e foi cinco annos cadete no primeiro regimento de infanteria de Bragança e socegado o reino deo baixa por decreto, por lhe ser preciso recolher-se a sua caza para administração della; cazou com D. Maria Caetana de Moraes Antas, da cidade de Bragança; filha legitima de Antonio Bernardo de Moraes Antas desta villa e de D. Antonia Rosa Alves de Carvalho da dita cidade nomeando-lhe para o dito casamento o Reverendo José de Moraes Antas, abbade de São João da dita cidade, seu tio, um morgado que o mesmo instituio sito na cidade de Bragança.

Luiz José de Figueiredo Mendes Antas succedeo na caza de seu pae e na administração do morgado. Foi cadete no regimento de infanteria nº 24 no anno de 1797, teve baixa em 1804 depois da paz feita em Badajoz no anno de 1801.

Foi sargento-mor das ordenanças da villa do Vimioso em 1825; em 1831 foi promovido ao posto de capitão-mor que acabou seu exercicio pello governo constitucional.

Cazou com D. Anna Joaquina de Moraes Faria, do Vimioso e teve filhos:

1º *José Maria de Figueiredo Mendes Antas,* nasceu a 15 de Janeiro de 1834.

2º *Luiz Augusto de Figueiredo Mendes Antas,* falleceo de 4 annos de idade.

3º *D. Maria Augusta de Figueiredo Mendes Antas.*

José Maria de Figueiredo Mendes Antas, cazou com D. Lucia de Oliveira, natural de Carção e teve filhos:

1º *Abel.*

2º *Carolina Candida de Figueiredo Antas,* nascida em 16 de março de 1857.

3º *José Maria de Figueiredo Antas,* nascido em 22 de setembro de 1859.

4º *Abel Augusto de Figueiredo Antas,* nascido em 18 de janeiro de 1864.

5º *Lucinda Amelia de Figueiredo Antas,* nascida em *27* de maio de 1868» (682).

(682) Até ao § 19, nº 5, a caligrafia é a mesma, notando-se dali até ao fim acréscimos feitos em duas caligrafias diferentes.

Família Mendes Vasconcelos

D. João, filho de El-Rei D. Pedro I, o *Cru,* e de D. Inês de Castro, casou três vezes: a primeira com D. Maria Teles de Meneses, que depois assassinou; a segunda com D. Constança, filha bastarda de D. Henrique de Castela, e a terceira com D. Maria Mendes de Vasconcelos, filha e herdeira de Joane Mendes de Vasconcelos, senhor de Bragança, da qual teve, entre outros filhos, o

1º D. Fernando Mendes de Vasconcelos, que casou com D. Ana de Meneses, filha de D. Pedro de Meneses, primeiro capitão de Ceuta, primeiro Conde de Vila Real e segundo Conde de Viana.

Descendência:

2º D. Mendo Afonso Mendes de Vasconcelos, senhor do Vimioso, que casou com D. Luísa Vaz Borralho, filha de D. Francisco Vaz Borralho, senhor de Urro.

Descendência:

I. *D. Mendo Mendes Vaz Borralho,* bailio de Leça, comendador de Algoso.

II. *D. João Vaz Borralho* (3º, adiante citado).

3. D. João Vaz Borralho, senhor do Vimioso, casou com...

Descendência:

4º D. Francisco Mendes de Vasconcelos, senhor do Vimioso, que instituiu o morgadio da Torre, no sítio da Carreira dos Cavalos, onde residia, em uma casa que naquele tempo tinha uma torre.

Vinculou a este morgadio terras, foros e rendas que havia herdado dos seus maiores, na freguesia dos Picadeiros, onde possuía também casas nobres com uma torre.

Casou em 1480 com D. Inês Taveira de Figueiroa, da cidade de Salamanca, filha de D. João de Alva Figueiroa, regedor perpétuo daquela cidade, senhor de Vila Maior, Almenares e Tordilho e senhor de soga e cuchilo!...

Fixou residência em Salamanca, onde vivia a família de sua mulher, durante treze anos, até 1493, data em que regressou ao Vimioso, onde, como senhor da vila, foi muito bem recebido por todos, exceptuando os habitantes da freguesia dos Picadeiros que, na ausência dele, se haviam recusado a pagar aos seus criados e procuradores as rendas e foros e já deviam avultadas somas correspondentes a muitos anos.

Tentou D. Francisco fazer um acordo com os seus devedores, mas eles persistiram no propósito de não pagar, pelo que D. Francisco Mendes, com o pretexto de fazer uma caçada, foi um dia com os seus criados à povoacão dos Picadeiros, para ver se os resolvia a pagarem-lhe os foros e rendas; mas,

apenas ali chegou, levantaram-se em massa os moradores da freguesia e correram armados contra eles com paus, pedras, espingardas, foices e forcados, pelo que D. Francisco teve de acolher-se à sua torre com os seus criados, perecendo logo no primeiro recontro um dos que ele mais estimava.

Cercaram e assaltaram a torre durante dois dias, perecendo neste assédio outro criado de D. Francisco, varado por duas balas que lhe atravessaram o peito e ficaram outros feridos, mas por seu turno foram também feridos muitos dos assaltantes e mortos cinco!

Eram vésperas de Natal ou de festa (!) e, como ao soar da meia noite do dia 24 de Dezembro de 1493, os sitiantes corressem todos para a igreja a ouvir a missa do galo, D. Francisco aproveitando o ensejo, fugiu com os seus criados para Vimioso.

Passados dias, foi procurar El-Rei D. João II, que então se encontrava na vila de Alvor; expos-lhe a triste ocorrência, pedindo-lhe perdão das mortes feitas em defesa própria, e como estivesse a partir uma armada para Ceuta, ofereceu-se para ir nela.

El-Rei ouviu-o com atenção, aceitou o seu oferecimento nomeando-o logo capitão de mar e guerra e com este posto partiu D. Francisco Mendes a 2 de Março de 1494 para a África, a bordo da nau *Senhora da Guia.*

Mandou também logo El-Rei ordem ao doutor João Bernardes da Silveira, chanceler da Relação do Porto, para que fosse devassar do caso sucedido, com plenos poderes para a execução de tudo o que fosse de direito e justiça.

Partiu o chanceler imediatamente para Bragança, aonde chegou no dia 22 de Março do mesmo ano e de ali seguiu para o Vimioso, onde chegou no dia 24, acompanhado por duas companhias de cavalaria e outras duas de infantaria.

Tratou logo de se informar e no dia 28, pelas duas horas da noite, mandou cercar toda a povoação dos Picadeiros e pôr sentinelas dobradas em volta das habitações dos cabeças de motim, que eram o capitão António Duarte, seu irmão Francisco Duarte, João da Costa, criado do capitão e autor da primeira morte, Pedro Nunes Furão, António Rilhado, Domingos Anes, João Fernandes Picalho, António Esteves e Francisco de Almeida Bailão, que foi quem matou o segundo criado.

No dia seguinte foram estes todos presos, algemados e remetidos, uns para o forte de Bragança e outros para as cadeias de Algoso e Mogadouro, logrando evadir-se outros mais, também compreendidos na mesma ordem de prisão.

O chanceler instalou-se em Vimioso no palácio de D. Francisco Mendes de Vasconcelos e ali deu andamento à devassa, no fim da qual mandou ir do Porto para Vimioso um carrasco e de Bragança os sete presos: Antó-

nio Duarte, João da Costa, Francisco de Almeida Bailão, Pedro Nunes Furão, António Rilhado, Domingos Anes e João Fernandes Picalho.

Foram metidos na cadeia até 16 de Abril de 1495, dia em que apareceram três forças levantadas no monte do Sardoal ou Carvoal, em frente da extinta paróquia, hoje quinta dos Picadeiros.

Foram os presos postos em esteiras atadas a cavalos e assim deram três voltas em redor da praça e do pelourinho; depois foram conduzidos em préstito até à capela de Nossa Senhora dos Remédios, sendo exortados em todo o trânsito por dois padres; na capela celebrou missa e fez uma tocante prática o padre António Pimentel; depois foram os presos levados para o patíbulo, confessados e por último enforcados. Foram-lhes depois cortadas as cabeças. A do capitão, a do criado deste, a de Francisco de Almeida Bailão e a de Pedro Nunes Furão foram levadas para a povoação dos Picadeiros e ali estiveram no local do crime colocadas em altos postes até que os bichos e o tempo as consumiram, as dos outros três ficaram espetadas nas forcas onde foram justiçados.

Os outros habitantes da povoação pasmados com o ocorrido fugiram e foram estabelecer-se em Espanha, não longe de Alcanices, no local ainda hoje chamado Bimbineira, sendo-lhes confiscados todos os bens, pelo que ficou a povoação totalmente deserta e reduzida a uma quinta.

É isto o que consta da genealogia dos Mendes de Vasconcelos; mas a tradição local diz que os fugitivos foram estabelecer-se num sítio escarpado e quase inacessível, na margem esquerda do Douro, junto da raia e da povoação de Paradela de Miranda, em território espanhol, onde formaram a povoação chamada ainda hoje Castro Ladron.

Os presos que haviam ido para as cadeias de Algoso e Mogadouro foram degredados.

D. Francisco Mendes de Vasconcelos regressou com a armada a Lisboa no dia 18 de Novembro do mesmo ano de 1495. Poucos anos depois faleceu, deixando entre outros filhos:

5º D. Estêvão Vaz Borralho Mendes de Vasconcelos Figueiroa, senhor do Vimioso e administrador do morgadio da Torre e da quinta dos Picadeiros.

6º D. Belchior Vaz Borralho, senhor do Vimioso e da quinta dos Picadeiros.

Casou com D. Juliana Dias da Gama, filha do conde D. Vasco da Gama, descobridor e vice-rei da Índia.

Descendência:

7º D. Francisco Vaz Borralho, senhor do Vimioso e da quinta dos Picadeiros.

Não sabemos se casou;

Sucedeu-lhe sua irmã:

8º D. Francisca Mendes da Gama, senhora do Vimioso e da quinta dos Picadeiros.

9º D. Sebastião Vaz Borralho Mendes de Figueiredo Vasconcelos, senhor do Vimioso e da quinta dos Picadeiros.

Descendência:

10º D. Pedro Mendes de Almeida Figueiredo, senhor do Vimioso e da quinta dos Picadeiros.

Casou com D. Leonor da Gama Seixas Pegado e tiveram entre outros filhos:

11º D. Fernão Mendes de Almeida Seixas Pegado, senhor do Vimioso e da célebre quinta dos Picadeiros.

Casou com sua prima D. Maria Dias de Antas.

12º D. Mateus de Almeida Seixas Pegado, senhor do Vimioso e da quinta dos Picadeiros.

Foi, desta família, o último senhor do Vimioso, posto que El-Rei D. Sebastião em 1556 havia confirmado a D. Francisco Vaz Borralho Mendes de Vasconcelos o decreto de 6 de Novembro de 1494 de El-Rei D. João II, reconhecendo-lhe o senhorio do Vimioso, para ele e seus descendentes. (Quando nos referirmos aos Mendes Antas mostraremos as alternativas porque passou o senhorio do Vimioso).

Casou com sua prima D. Antónia Dias de Antas.

Descendência:

13º Gaspar Mendes de Seixas Pegado, sucessor de toda a casa de seus pais, desembargador.

14º Francisco Mendes de Seixas Pegado, sucessor e administrador do morgadio da Torre e da quinta dos Picadeiros.

Descendência:

15º Gaspar de Seixas Pegado, sucedeu no senhorio da quinta dos Picadeiros.

Descendência:

16º Joaquim de Seixas Pegado, sucedeu a seu pai e foi capitão-mor do Vimioso, administrador do morgadio da Torre e da quinta dos Picadeiros.

Casou com D. Ana Garcia da Gama, da qual teve duas filhas e um filho, que foi excluído da sucessão por haver nascido antes do casamento.

Sucedeu-lhe sua filha:

17º D. Mariana de Seixas Pegado, que foi administradora do vínculo da Torre e quinta dos Picadeiros.

Descendência:

18º Bernardo José de Sampaio e Melo, que sucedeu no morgadio da Torre e quinta dos Picadeiros.

Descendência:

19º João Baptista Monteiro de Seixas, sucedeu a seu pai e foi administrador do morgadio da Torre e quinta dos Picadeiros, capitão-mor de Vimioso, etc. Faleceu a 11 de Junho de 1809 (683).

Casou duas vezes, mas de nenhuma delas deixou descendência.

A segunda mulher foi D. Joana Luísa de Morais Pavão.

Sucedeu-lhe seu tio:

20º João Manuel de Sampaio Cabral de Vasconcelos, filho segundo de D. Mariana Seixas Pegado, formado em direito pela Universidade de Salamanca, fidalgo cavaleiro da Casa Real.

Residiu muitos anos em Lisboa e ali estava ainda por ocasião do grande terremoto de 1755 e do atentado contra El-Rei D. José, factos que registou, bem como muitos outros, em um livro ricamente encadernado, que ele denominava o seu *Livro de Ouro*.

Passados anos vendeu todos os bens que havia adquirido em Lisboa e regressou ao Vimioso, onde, com o produto da venda dos bens de Lisboa, comprou várias propriedades e uma casa dentro da vila, na Rua da Rapadoura, onde residiu e faleceu, casa tão privilegiada que nenhum criminoso podia ser preso, diz a lenda popular, logo que lançasse a mão a uma argola de ferro, muito bem cinzelada, que tinha no portão e que ainda hoje lá se vê toda carcomida.

Casou em Lisboa duas vezes: a primeira com uma senhora já viúva, de quem não teve descendência, e a segunda com D. Helena Rita da Cruz da Silva Breiner, que faleceu no Vimioso a 18 de Setembro de 1823 (684).

Do segundo matrimónio, entre outros, teve os seguintes filhos:

I. *D. Raimunda Libânia de Sampaio e Melo*, de quem procede Luís António de Figueiredo Antas, de Vila do Conde.

II. *Quirino José* (21º, adiante citado).

21º Quirino José de Sampaio e Melo, sucessor e administrador do morgadio da Torre e quinta dos Picadeiros.

Disputou-lhe porém a sucessão seu primo José Caetano de Faria Macedo Madureira, da vila de Algoso; e, depois da rija demanda, vieram a um acordo, ficando Quirino José com o morgadio da Torre e quinta dos Picadeiros, sendo divididos pelos dois os bens livres.

Casou com D. Maria Lopes Garcia, de quem teve numerosa descendência.

Faleceu em 1860, contando oitenta e oito anos de idade, sendo sepultado na sua capela de Santo Amaro, da quinta dos Picadeiros, que por sua

(683) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo*, livro 143, fólio 57 v., onde vem o seu testamento.
(684) Ibidem, livro 141, fol. 80, idem.

morte foi retalhada e dividida por diferentes herdeiros, graças à extinção dos vínculos.

Foi Quirino José o último administrador do morgadio da Torre do Vimioso e da quinta dos Picadeiros, também chamada de Santo Amaro, vasta propriedade que se conservou na mesma família durante quatrocentos a quinhentos anos!!

Só de centeio produzia cinco a seis mil alqueires por ano, além de muita cevada, trigo serodio e de grande criação de gado lanígero, muar e vacum.

Não produzia vinho, nem fruta [685].

Família Morais Antas

Até à extinção dos morgadios, diz o *Portugal Antigo e Moderno,* foi a vila do Vimioso um viveiro de nobreza, como a de Vila Flor. Teve doze casas nobres [686]: Vasconcelos, Antas, Morais Antas, Gamas, Sampaios, Farias, Sarmentos, Lacerdas, Pimenteis Ferreiras, Madureiras, e Sousas, não contando as suas numerosas ramificações. Das mais antigas eram os Vasconcelos e Sampaios, ramo dos Vasconcelos, por D. Vasco Pires da Torre. Actualmente representa estas duas nobres casas o Snr. João António de Morais Antas, do Vimioso, neto primogénito do último representante, Quirino José de Sampaio e Melo falecido a 9 de Agosto de 1860.

João António de Morais Antas representa também a família do seu apelido, como única vergôntea desta ramagem e último neto do último representante dela.

Manuel Inácio de Morais Antas, penúltimo capitão-mor de Vimioso, representava as primeira e segunda famílias, por se achar extinto e retalhado o vínculo, que por falecimento do seu último administrador foi repartido pelos seus herdeiros, dos quais alguns já faleceram esmolando e outros seguem o mesmo rumo, – graças à extinção dos vínculos – (ver *Vila Real de Trás-os-Montes,* vol. XI, pág. 1021, col. 1ª).

A família Mendes Antas, igualmente nobre e saída do mesmo tronco, ainda se conserva florescente. Foi o seu último representante o último capitão-mor do Vimioso, Luís José de Figueiredo Mendes Antas, filho do

(685) LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* artigo *Vimioso,* segundo a genealogia dos Mendes e Vasconcelos, publicada por Luís António de Figueiredo Antas, residente em Vila do Conde, ao tempo representante de um dos ramos dos Mendes Vasconcelos, nos n.os 268 e seguintes do 6º ano do *Pombalense.*

(686) O padre António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa,* 1706, também as menciona como existentes no seu tempo.

mencionado capitão-mor e que tem sido administrador deste concelho e reside na casa paterna.

Da mesma família há um ramo em Vila do Conde, representado por Luís António de Figueiredo Antas, filho natural do referido capitão-mor, e outro em Vale de Pradinhos, concelho de Macedo de Cavaleiros, representado por D. Maria Augusta de Figueiredo Antas, filha legítima do referido capitão-mor, ali casada com Agostinho António Pires de Queiroz.

A casa solar dos Antas, é o Paço das Antas, no concelho de Coura, da qual é hoje senhor e muito digno representante Joaquim José de Antas Bacelar e Barbosa.

Da família Gama, restam só a tradição e memorias de vários casamentos com diferentes indivíduos desta vila a principiar pelo casamento de D. Juliana Dias da Gama, filha do conde e vice-rei D. Vasco da Gama, com Belchior Vaz Borralho, do Vimioso, de quem procederam D. Francisco Vaz Borralho Mendes Vasconcelos Figueiroa, etc.

Da nobre casa dos Farias foi penúltimo representante o morgado Pedro José de Faria Sá Sarmento, cujo filho aniquilou toda a casa, como já dissemos e faleceu solteiro e sem descendência.

Da nobre família Lacerda, que vivia na Rua da Oliveira, quase defronte da cadeia antiga, também apenas resta a memória, porque o seu último representante, Manuel Caetano de Lacerda, já depois do meado do século passado sendo um grande proprietário e falecendo solteiro, deixou todos os seus bens a uma criada!...

A família Pimentel, uma das mais nobres e mais antigas do Vimioso, acabou há muito.

A nobre família Madureira transferiu-se para Miranda do Douro e foi seu último representante um coronel de milícias daquela cidade.

Da nobre família Eça, do Vimioso, já não se sabe quem foi o seu último representante. Supõe-se procedia de algum dos quarenta e dois filhos de D. Fernando de Eça, o primeiro deste apelido, filho do infante D. João e da desditosa D. Maria Teles de Meneses, irmã da rainha D. Leonor Teles de Meneses, e que viesse para Vimioso no tempo de D. Mendo Afonso Mendes de Vasconcelos, seu parente, senhor desta vila.

Da nobre família Sousa foi último representante, no segundo quartel do século passado, José de Sousa Reboredo Quino, grande proprietário, casado com D. Francisca, residentes na Rua da Malhada, mas um belo dia, enfastiados com o monótono viver do Vimioso, venderam todos os bens que ali tinham e foram para Lisboa, donde não mais voltaram. Os Sampaios eram um ramo dos senhores de Vila Flor de Trás-os-Montes[687].

(687) LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* artigo «Vimioso».

Família Morais Faria Antas da Silva

1º Manuel de Morais Faria Antas e Silva, cavaleiro professo na ordem de Cristo, mestre de campo de um regimento de infantaria auxiliar das comarcas de Miranda do Douro e Moncorvo, obteve em 1724 carta de nobreza e brasão de armas por justificar que era filho de Gaspar de Morais Antas e de D. Benta de Faria da Silva, do Vimioso.

Neto paterno de Manuel de Morais Antas e de D. Isabel de Ordonhes e Campo, do Vimioso.

Bisneto paterno de Gaspar de Morais Antas e de D. Maria de Lobão, do Mogadouro.

Terceiro neto paterno de Belchior de Morais Antas (que teve brasão de armas em 1586, onde se declara ser filho de Pedro de Morais, quarto avô de Manuel de Morais Faria Antas e Silva) e de D. Maria de Afonseca.

Quinto neto paterno de Francisco Rodrigues de Morais e de D. Isabel Mendes de Antas, do Vimioso.

Sexto neto paterno de Vasco Rodrigues de Morais e de D. Micaela de Albuquerque, do Vimioso.

Sétimo neto paterno de Estêvão Mendes de Antas e de D. Maria de Madureira.

Oitavo neto paterno de Mendo Afonso de Antas, senhor da vila do Vimioso (como consta da referida carta de brasão passada em 1586 a Belchior de Morais Antas), e de D. Maria de Vasconcelos.

Mendo Afonso de Antas era filho de Afonso Mendes de Antas, fidalgo no tempo de El-Rei D. João I, senhor do Vimioso, com jurisdição civil e crime, e de D. Aldra (*sic.* – Alda?) Gonçalves de Morais, filha de Lourenço Pires de Távora.

Neto materno de José de Faria da Silva e de D. Faustina Malha de Gundô.

Bisneto materno de Matias Faria da Silva, do Vimioso, e de D. Catarina de Ocampo da Gama, de Valverde, termo do Mogadouro.

Terceiro neto materno de Marcos de Faria da Silva e de D. Maria de Macedo, ambos do Vimioso.

Quarto neto materno de Marcos de Faria Machado, que veio de Barcelos para a vila de Quintela de Vinhais, onde casou com D. Isabel da Silva Barreto, filha de António da Silva Barreto, comendador de Conlelas.

A Manuel de Morais Faria Antas e Silva (1º, atrás citado) foi concedido escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Morais; no segundo as dos Antas; no terceiro as dos Farias e no quarto as dos Silvas. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metais e cores das

armas. Por timbre o dos Morais, que é a mesma torre das armas, e por diferença uma brica de ouro e nela uma merleta preta.

A carta de brasão foi-lhe passada a 9 de Abril de 1724 e está registada no livro 7 do *Registo dos Brazões da Nobresa,* fol. 243.

Estas notícias respeitantes à família Morais Faria Antas da Silva são extraídas da carta de brasão de armas atrás referida, escrita em pergaminho, que não publicamos na íntegra porque, como todas, *mutatis mutandis,* é igual no formulário tabeleónico à que transcrevemos em *Mascarenhas – Família Barroso,* pág. 252.

Esta carta de brasão está incluída num códice que consta de cinquenta e um fólios manuscritos, sendo vinte e dois de pergaminho, paginados de frente com caracteres romanos, e desde o fólio 25, inclusive, até ao 51, de papel almaço liso, também paginados de frente com caracteres cursivos.

As folhas de pergaminho estão ornadas, tanto na frente como no verso, com tarja iluminada de pouco mais de um centímetro de largura, sem valor artístico.

No fólio 5 v. há um desenho à pena, que ocupa a página toda, constituído por um brasão de armas em escudo, formado por quarenta e dois escudetes de armas de diversas famílias aparentadas com a principal – Morais Faria Antas da Silva. É um trabalho paciente e bem feito. Nas restantes folhas de pergaminho há ainda mais dez brasões, bem desenhados e iluminados, ocupando cada um o verso de uma folha.

Este códice, que se encontra em Lisboa, em poder do general reformado Alberto Carlos de Morais Faria Carvalho, descendente da família Morais Faria Antas da Silva, mede 0,^{m}33x0,^{m}22, tem uma encadernação ordinária e velha de cabedal e intitula-se:

Brazão
darmas
de Manoel de Moraes Faria
Antas da Sylva, cavaleiro pro
feço da Ordem de Cristo Mes
tre de Campo de Infantaria auxe
liar das comarcas de Miranda
do Douro & Torre de Moncorvo.
Anno de 1724.

A lombada já foi recoberta e nela tem, em caracteres dourados, disposto em duas linhas o título – *Brazão de Armas.*

Neste códice há umas certidões, passadas em 1724 por Simão da Silva Lamberto, escrivão do *Cartório da Nobreza,* àcerca da genealogia das

famílias de que nele se trata, tiradas dos livros existentes nesse *Cartório,* que dizem:

«... E no dito livro a fol. 135, ha o seguinte:

Titulo de Antas

Esta familia é uma das mais antigas e nobres das Hespanhas, aparentada muitas vezes com os reis e princepes e casas ilustres dela; teve o seu principio, segundo alguns autores, em tempo del-rei D. Afonso VI de Castela sendo já nobilissima naquele tempo. O primeiro de quem temos noticia foi:

1 D. Mendo Alão, senhor de Bragança e outras muitas terras em Castela, o qual procedia dos ditos reis de Castela e casou com uma filha del-rei de Armenia quando com a sua familia se passou ao dito Reino. E teve:

2 Fernão Mendes de Antas, que casou com uma filha do dito rei D. Afonso VI de Castela. E teve:

3 Mem Fernandes de Antas, que casou com D. Sancha Viegas, filha de Egas Gosendez. E teve:

4 Fernão Mendes de Antas, que serviu com grande valor contra os mouros neste reino com seus irmãos Nuno Mendes de Antas, Rui Mendes de Antas. Cazou com D. Tereza Soares, filha de Sueiro Mendes, o *Bom.* E teve:

5 Fernão Mendes de Antas de Edra ou Laerra, que casou com D. Gracia Pires. E teve:

6 Vasco Pires de Antas, que casou com D. Aldonça Gonçalves da Moreira. E teve:

7 Vasco Pires de Antas Vairão com o mesmo senhorio de Vimioso, Chacim e outras terras e casou com D. Ignez Rodrigues de Morais, filha de Rui Martins de Morais e de D. Alda Gonçalves. E teve:

8 Afonso Mendes de Morais Antas, que teve o senhorio do Vimioso e outras mais terras em tempo de el-rei D. João I, casou com D. Aldonça Gonçalves de Morais, filha de Lourenço Pires de Tavora, senhor do Mogadouro. E teve:

9 Mendo Afonso de Morais Antas, que sucedeu a seu pai no mesmo senhorio do Vimioso, como consta de um Brazão dado a Belchior de Morais Antas, seu quinto neto no ano de 1586, e casou com D. Margarida de Vasconcelos. E teve:

10 Estevão Mendes de Morais Antas. Estevão de Morais Antas filho primeiro e erdeiro da casa de seu pai que sobre o senhorio do Vimioso o demandou D. Francisco de Portugal, por direito que dizia tambem tinha pela condição de um testamento o qual rectificou el-rei D. João na volta de Touro, e esta demanda correu no juizo da correição de Vizeu por

naquele tempo compreender aquela correição todo aquele partido, e a requerimento de ambos se pos em sequestro até final decizão da causa, e por morrer o dito Estevão Mendes se não concluiu e ficou devoluto o senhorio. Foi casado com D. Maria de Madureira. E teve:

11 Vasco Rodrigues de Morais Antas, que casou com D. Micaela de Albuquerque, da mesma vila do Vimioso. E teve:

12 Pedro de Morais Antas casou com D. Inez Navarra de Antas. E teve:

13 Gaspar de Morais Antas, que casou, e viveu na mesma vila e morreu sem geração.

14 Belchior de Morais Antas foi casar à vila do Mogadouro com D. Maria da Fonseca, filha de Pedro Alves da Fonseca e de D. Tereza de Morais, do Mogadouro. E teve:

15 Gaspar de Morais Antas, que casou na mesma vila do Mogadouro com D. Maria de Lobão, filha de Manuel Camelo e de D. Catarina de Lobão; neta paterna de Braz Camelo e de D. Maria Soeiro. E teve:

16 Manuel de Morais Antas [(688)], que veio para o Vimioso para o casal que lhe deixou seu tio Gaspar de Morais Antas, irmão de seu avô acima, que casou com D. Izabel de Ordonhes, filha de D. Antonio de Ordonhes e Ocampo, da cidade de Samora e de D. Violante de Buiça, da cidade de Miranda, o qual D. Antonio de Ordonhes e Ocampo, era filho de D. Gabriel de Mieses e Ocampo Vilhaqueira da dita cidade de Samora e de D. Luiza de Ordonhes da mesma, filha de D. Diogo de Ordonhes, irmão do marquês de Cardinhoza e de D. Micaela de Louzada, filha do conde de Bornes, e o dito D. Gabriel de Mieses e Ocampo, filho de D. Agostinho de Mieses e de D. Beatriz de Cârdenas Cabeça de Vaca, familia das mais ilustres e nobilissimas de Castela, e os Ordonhes descendentes do infante D. Ordonho, o *Cego,* filho de D. Ramiro 3º de Leão.

17 Gaspar de Morais Antas, que casou com D. Benta de Faria da Silva, filha de José de Faria da Silva, da mesma vila do Vimioso e de D. Faustina Malha, da cidade de Miranda, sua prima com irma» [(689)].

(688) Tinha um irmão de nome Gaspar de Morais Antas, abade de Vinhais. António de Morais Antas, sobrinho deste, foi cónego da Sé de Miranda e depois abade de Podence; Sebastião de Morais, irmão do cónego, foi abade de Vale Benfeito e outro irmão, Manuel Camelo de Morais, fundador do morgadio em Vale de Lamas em 1715, foi abade de S. João Baptista, de Bragança.
(689) Todas estas notícias são copiadas textualmente, excepto na ortografia e pontuação, que corrigimos um pouco para melhor compreensão do leitor.

«**Titulo de Morais**

[Como nesta parte a certidão de Lamberto nada acrescenta ao que fica dito em *Família Morais,* para lá remetemos o leitor, transcrevendo apenas o que ele diz dos Buiças (690)].

E no dito Livro [do *Cartório da Nobreza*] *a fl.* 137 está o seguinte:

Titulo de Buiças

D. Violante de Buiça, mulher de D. Antonio de Ordonhes, filha de Gaspar de Buiça, o *Velho,* o qual veio das Asturias do reino de Leão retirado por um crime e conhecido por cavaleiro das ilustres familias dos Buiças por ser tradição comum e constante terem os Buiças daquele reino a sua origem do ilustre e famoso princepe D. Fruela; casou na cidade de Miranda com D. Izabel Monteiro das primeiras nobrezas daquela provincia que tiveram, alem da dita D. Violante de Buiça, a Gomes de Buiça. Consta de uma certidão que se passou na vila de Madrid no ano de 1588 e se acha registada no dito Livro a fl... a requerimento de Gaspar de Buiça, da cidade de Miranda, no tempo del-rei D. Filipe 2º.

Titulo de Farias, Silvas e Machados

No dito livro a fl. 163 está o seguinte:

1 MARCOS DE FARIA MACHADO, que era de Barcelos, fidalgo da Casa de Sua Magestade, filho segundo da nobre casa que inda hoje na vila de Barcelos conserva o castelo dos Farias com as prerogativas tão antiquissimas de nobreza... veio à vila do Vimioso tomar posse de uma erança grande que uma sua tia lhe tinha deixado, a qual fora casada com um filho de Gonçalo Vaz do Rego, e casou este na vila de Quintela de Vinhais com D. Izabel da Silva Barreto, filha de Antonio da Silva Barreto, natural da cidade de Lisboa, das principais familias daquela côrte e nela tinha casado com D. Maria de Sousa de igual nobreza e qualidade. Era seu pai moço-fidalgo e guarda-roupa del-rei D. Sebastião; e ao mesmo Antonio da Silva Barreto tinha o dito rei, feito mercê da comenda de S. Pedro Fins de *Colnelas* [é constante esta grafia que se repete muitas vezes neste códice. Deve entender-se a povo-

(690) Diz Lamberto que as notícias sobre os Morais estão no fol. 148 do livro respectivo existente no *Cartório da Nobreza.*

ação hoje chamada *Condelas*] termo da cidade de Bragança e na perdição deste, ficando a côrte na consternação e magoa que inda hoje se sente, se mudou com sua casa e familia para a vila de Quintela de Vinhais, por ficar visinho da sua comenda, ficando comsigo a dita sua filha D. Izabel da Silva que casou com o sobredito Marcos de Faria Machado. E teve:

2 MARCOS DE FARIA DA SILVA, que casou em segundas nupcias (691) com D. Maria de Macedo, filha de Belchior de Macedo de Albuquerque e de D. Ana Rodrigues de Carvalho, filha de Gaspar Rodrigues de Carvalho, fidalgo da Casa de Sua Magestade, como ainda hoje se vê em uma tampa de uma sepultura da igreja matriz da vila do Vimioso e de sua mulher D. Aldonça Supico de Albuquerque. E o dito Belchior de Macedo de Albuquerque filho de Fernando de Macedo, fidalgo da casa de Sua Magestade e de D. Maria Mendes de Antas, todos da dita vila do Vimioso. E teve:

3 MATIAS DE FARIA DA SILVA, que casou com D. Catarina do Campo da Gama, filha de Jeronimo do Campo e de D. Juliana Gil da Gama, do lugar de Valverde, termo do Mogadouro, filho o dito Jeronimo do Campo, de Vasque Anes do Campo, do dito lugar e de D. Ilena da Gama e Bandos, da vila do Mogadouro. E teve:

4 JOSÉ DE FARIA DA SILVA, que casou com D. Faustina Malha, da cidade de Miranda, sua prima com-irmã, por ser filha unica de Gaspar de Buiça e de D. Izabel da Silva, irmã de seu pai, por ser filha de Marcos de Faria da Silva D. Maria de Macedo, já dito; filho o dito Gaspar de Buiça, de Gomes de Buiça e de D. Beatriz Malhan da dita cidade de Miranda e o dito Gomes de Buiça, que era irmão de D. Violante de Buiça, já dita, erão filhos de Gaspar de Buiça, o *Velho,* e de D. Izabel Monteiro da dita cidade já ditos. E teve:

5 D. BENTA DE FARIA DA SILVA, casou na mesma vila do Vimioso com Gaspar de Morais de Antas, acima dito em *Título de Antas.* E tiverão:

6 MANUEL DE MORAIS FARIA, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, mestre de campo das comarcas de Miranda e Moncorvo, casou com D. Anastacia Luiza de Morais da Gama, filha de Gonçalo de Sá Machado, capitão-mor da vila de Alfandega da Fé e de D. Luiza Freire de Andrade, do lugar de Lagoa, termo de Bragança, sendo filho o dito Gonçalo de Sá Machado, de Simão de Sá de Sequeira e de D. Filipa da Costa Machado, filha de Diogo Machado e de D. Maria da Costa, da vila da Bemposta e o dito Simão de Sá de Sequeira, filho do doutor Pascoal de Sequeira e de D. Ana de Sá, da vila de Alfandega. Sendo filha a dita D. Luiza Freire de Andrade, acima dita, de Jacinto Silveira Telo, da vila de Almada e Caparica e de D. Anastacia de Morais da Gama, filha de Manuel de Bandos

(691) Casou primeiro com D. Francisca Mendes de Vasconcelos, filha do célebre general nas Guerras da Aclamação, Joane Mendes de Vasconcelos, de quem não houve descendência.

Machado, morgado de Lagoa e de D. Inez de Morais, da vila do Mogadouro e o dito Jacinto Silveira Telo da dita vila de Almada e Caparica e de D. Luiza Freire de Andrade da cidade de Evora, filha de Jorge Freire, morgado de Caparica e de D. Antonia Sueira, filha de João Telo e de D. Catarina Sueiro, da vila do Mogadouro. E tiverão:

7 José Manuel de Morais Antas, sargento-mor da vila do Vimioso, que é hoje o herdeiro da casa.

II. *Matias de Faria da Silva,* frade.

III. *Luiz Antonio de Morais Antas.*

IV. *Francisco José de Morais Silva.*

V. *D. Catarina Rosa da Conceição.*

VI. *D. Benta de Faria da Silva.*

VII. *D. Anastacia Luisa Marta de Albuquerque.*

Marcos de Faria da Silva, nº 2 atrás, teve irmãos:

a) Francisco da Silva Barreto que casou com D. Izabel de Seixas, do Vimioso, viveu em Quintela e tiveram D. Izabel da Silva, que casou com João de Macedo de Madureira e tiveram Lourenço da Silva Barreto, que casou em Vilar Seco, termo de Miranda.

b) Antonio da Silva Barreto, que casou na Moimenta, concelho de Vinhaes, com D. Maria da Silva, a quem, depois de ter um filho dela, assassinou, pelo que foi degolado na Relação do Porto. O filho havia nome Antonio de Faria Barreto e casou em Bragança com D. Maria de Sá, filha de Pedro Ferreira de Sá, de quem nasceu D. Izabel de Sá, que casou com João de Figueiredo e teve D. Francisca Xavier de Morais, que casou com Antonio Ferreira de Sá, de Vinhais, de quem nasceu Aires Ferreira de Sá Sarmento.

c) Luiz de Faria da Silva, que foi clerigo.

d) D. Helena de Sousa, que casou com Antonio da Silva de Aguiar, sobrinho do desembargador do Paço Henrique da Silva, tronco da casa de Matias de Faria, de Quintela, de quem nasceu Lourenço da Silva Sarmento e outros.

e) D. Izabel de Faria casou com Lopo Ferreira de Sá, de Bragança, pais de D. Brites de Faria, que casou com Jeronimo de Morais Sarmento, de Tuizelo, e tiveram: Antonio de Morais Sarmento, que casou com D. Maria de Frias, Morgada de Carrazedo.

D. Marta de *Macedo,* mulher de Marcos de Faria de Macedo, nº 2 acima, era irmã de Francisco de Macedo de Albuquerque, que casou com D. Ana do Campo da Gama, de quem teve:

f) Belchior de Macedo, abade de Duas Igrejas.

g) Francisco de Macedo, abade de S. Martinho de Angueira.

h) Paulo de Macedo de Albuquerque, casou em Miranda com sua prima N... e teve:

D. Jeronima de Albuquerque, que casou com Pedro Ferreira Sarmento, como acima se disse.

D. Ana de Albuquerque Pimentel, que casou com Cristovão Ferreira, de Bragança, fidalgo da Casa Real, pais de D. Josefa que casou com Manuel de Morais Faria, morgado de Carrazedo.

i) Bebiana Ozorio que casou com Aires Ferreira de Sá Sarmento, de Vinhais, capitão-mor do Vimioso, morto no ataque de Alcaniças durante a Guerra da Aclamação. Tiveram: Pedro Ferreira de Sá Sarmento, coronel de cavalaria, moço fidalgo da Casa Real, que casou com sua prima co-irmã D. Jeronima de Albuquerque, filha de Paulo de Macedo e Albuquerque, irmão de sua mãi, tiveram Francisco José Sarmento Losada e D. Ana Maria que casou com Aires Ferreira, de Vinhais.

Matias de Faria da Silva, numero 3 atrás, teve irmãos:

j) Belchior de Albuquerque, chantre da Sé de Miranda.

k) D. Maria da Assumção, freira em S. Bento de Bragança.

l) D. Izabel da Silva, que casou em Miranda com Gaspar de Buiça, filho de Gomes de Buiça e de D. Beatriz Malha, de Miranda e irmão o dito Gomes de Buiça de D. Violante de Buiça, filhos de Gaspar de Buiça, o *Velho,* e de D. Izabel Monteiro, como já fica dito [no *título de Buiças].*

D. Catarina do Campo da Gama, mulher de Matias de Faria da Silva, acima nº 3, teve irmãos:

m) D. Guiomar da Gama, que casou com Gaspar de Seixas Pegado, do Vimioso, e teve: Gaspar de Seixas Pegado; Vicente da Gama Borralho; Francisco Pegado, abade de Montonto. Gaspar de Seixas Pegado casou no Vimioso com Baptista Mendes de que teve: Joaquim de Seixas Pegado; Jeronimo do Campo, abade de Montonto; Lazaro de Seixas, reitor do Vimioso; D. Francisca Pegado que casou com Antonio Mendes, o *Golas,* de Outeiro, sem geração. Joaquim de Seixas Pegado casou com D. Joana de Sousa, filha de Antonio Mendes, o *Golas* e teve: D. Baptista Mendes casada com Manuel de Mariz Sarmento, sem geração, mas teve filhos naturais a D. Mariana de Seixas, que casou com Manuel de Sampaio e Melo, herdeira de seu pai e perfilhada por el-rei D. João V e a João de Seixas Pegado, abade de Montonto, perfilhado igualmente com autorização do mesmo rei.

n) D. Ana do Campo da Gama casou com Francisco de Macedo de Albuquerque, com geração atrás indicada letras *f, g, h.*

o) D. Filipa do Campo, casou nas Arcas, concelho de Macedo de Cavaleiros com... de quem procedem os Pessanhas das Arcas.

p) Nuno do Campo casou no Mogadouro com... de quem procedem os Ataides.

D. Faustina Malha, nº 4 atrás, depois de enviuvar de José de Faria da Silva, casou em segundas nupcias com José Gomes da Silva, de Edral de Lomba, concelho de Vinhais e teve:

q) José Sarmento morador em Miranda, fidalgo da Casa Real, governador do castelo de Outeiro, casou com D. Izabel da Silva Madureira, da vila de Quintela de Vinhais e teve: João de Macedo de Madureira, arcediago de Mirandela (conego da Sé de Miranda), fidalgo capelão da Casa Real; José Sarmento casou segunda vez com D. Catarina de Morais Sarmento, filha de Cristovão da Silva, de Vinhais e teve: Antonio de Morais Sarmento, fidalgo da Casa Real, sargento-mor de Miranda; João de Morais Sarmento, doutor, fidalgo da Casa Real; D. Caetana, freira em Santa Clara de Vinhais.

Manuel de Morais Faria, atrás nº 6 teve irmãos:

r) Pascoal de Faria de Morais, abade de Gestosa.

s) D. Rosa Maria de Ordonhes que casou com Rodrigo de Sá Machado, capitão-mor de Alfandega da Fé, filho de Gonçalo de Sá Machado, capitão-mor da mesma vila e de D. Luiza Freire de Andrade, de Lagoa, concelho de Bragança e tiveram alem de outros filhos:

D. Ana Maria de Albuquerque que casou com José Monteiro da Fonseca Telo, fidalgo da Casa Real, natural da vila de Proença-a-Nova, filho de Manuel Freire da Fonseca, fidalgo da Casa Real e de D. Izabel Caldeira e neto do dezembargador Antonio Freire da Fonseca, fidalgo da Casa Real, de Proença-a-Nova, com geração.

D. Anastacia Luiza de Morais da Gama, mulher de Manuel de Morais Faria, acima nº 6 teve irmãos:

t) D. Rosa Maria de Sá que casou com o morgado de Alfandega da Fé Antonio Pegado de Morais, filho de Manuel de Bandos Machado, do Mogadouro e de D. Barbara de Sá Pegado, de Alfandega da Fé. Tiveram: Manuel, sucessor no morgadio; Barbara, Inacia e Rosa Maria.

E no dito livro [*Cartório da Nobreza* – diz ainda Lamberto nas referidas certidões] a fol. 175 está o seguinte:

Titulo Familia de Silveiras e Freires de Andrade
de Evora Cidade e Almada.

Estas familias são muito antigas, dividiram-se em varios ramos fixando-se uns em Evora e outros em Almada, donde se espalharam pelas Beiras e Tras os Montes. Os desta provincia procedem de

1 Albino Mendes, da vila de Alcochete, moço da Camara del-rei D. Filipe 3º que foi pai de

2 Paulo Silveira Telo que casou com D. Luiza Freire de Andrade, de Evora, filha de Jorge Freire, morgado de Caparica, e de D. Antonia Sueiro, filha de João Telo e de D. Catarina Sueiro, do Mogadouro. Teve:

I. *Jacinto da Silveira Telo,* que segue no nº 3.

II. *Antonio da Silveira Telo,* que segue no nº 6.

III. *D. Maria Sueiro,* que casou em Evora com o sargento-mor Belchior Lobato da Costa. S. g.

IV. *D. Antonia Sueiro* que morreu solteira deixando os bens de Evora a seu irmão Jacinto.

3 JACINTO DA SILVEIRA TELO, acima nº 1, veio para a provincia de Tras os Montes onde casou com D. Anastacia de Morais da Gama, filha de Manuel de Bandos Machado, morgado de Lagoa e de D. Inez de Morais, do Mogadouro e teve:

a) D. Luiza Freire de Andrade que segue.

b) Paulo Silveira Telo, que foi clerigo.

c) D. Inez de Morais.

4 D. LUIZA FREIRE DE ANDRADE, acima letra *a,* casou com Gonçalo de Sá Machado, capitão-mor de Alfandega da Fé (atras nº 6 em *Título* de *Farias Silvas e Machados).*

5 D. INEZ DE MORAIS, acima letra *c,* casou com Antonio da Silva, de Algoso, sargento-mor da mesma vila, e teve:

d) Paulo da Silveira Telo, sargento-mor da vila de Algoso, que casou com D. Catarina da Rocha, da vila de Chacim e teve: João; Paulo; Antonio; Inez e outra filha...

6 ANTÓNIO DA SILVEIRA TELO, acima nº II, casou com D. Izabel Zagalo, de Caparica, filha de Antão Preto Zagalo, descendente do almirante Zagalo e teve José da Silveira Zagalo, que casou com D. Rosa Maria de Quinhones, senhora em 1724 do morgadio da Caparica, sem geração».

Seguem agora no códice alguns documentos dos quais nos limitamos a transcrever os cabeçalhos, por bastarem ao plano que nos propuzemos:

«Trellado de hũa escriptura de instetuição de Morgado que fizerão e instituirão Manoel de Moraes Antas, e Gaspar de Moraes Antas seu filho e D. Benta de Faria da Silva sua mulher, anexado a terça de Matias de Faria da Silva seu avô, todos da vila do Vimioso a qual fizerão a capella de Nossa S.ª da Conceipção sitta no pateo das casas em que hoje he posoidor e ademenistrador o Marechal de Campo Manoel de Moraes de Faria e ultimamente acreçentado pello sobre dito Manoel de Moraes Faria e sua molher D. Anastacia Luiza de Moraes e seu irmão Pe. Pascoal de Faria de Moraes, Abbade da Gestosa».

Esta escritura foi lavrada no Vimioso a 17 de Março de 1692 pelo tabelião Domingos Cabanaque e assinam-na como testemunhas, entre outros: António Súpico e Bartolomeu Vicente (692).

(692) Ver o vol. IV, p. 349, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

«Trellado de hũa escriptura de doação e Morgado que fez o Mestre de Campo Manoel de Moraes Faria e sua molher Donna Anastacia Luiza de Moraes e seu irmão o Reverendo Padre Paschoal de Faria Abbade da Gestosa todos desta villa do Vimioso».

Esta escritura foi feita no Vimioso a 14 de Maio de 1717 pelo tabelião Manoel de Sousa e assinam-na como testemunhas: Manuel de Sampaio e Melo, Joaquim de Seixas Pegado, Domingos Meirinho e Francisco Xavier Chaves Salgado.

PASCOAL DE FARIA, depois abade da Gestosa, era reitor do Vimioso em 1702 e juntamente com seu irmão Manuel de Morais Faria, mestre de campo, foram culpados no assassinato de António Ferreira Lamares, do Vimioso (693).

Os últimos representantes deste morgadio foram:

PEDRO JOSÉ FARIA DE SÁ SARMENTO e seu filho CARLOS JOSÉ FARIA, que obteve provisão régia para desfazer o morgadio, vendendo e empenhando depois tudo.

JOSÉ MORAIS FARIA DE CARVALHO, antigo deputado da nação em várias legislaturas, senhor da nobre casa do Rapadouro, nasceu no Vimioso em 1815.

Foi ajudante de campo do general Jorge de Aviler na revolução da Patuleia.

Casou em Bragança e faleceu em Braga, onde era juiz.

Descendência:

I. *Alfredo Augusto de Morais Carvalho,* a quem pertenceu, em perfeito estado de conservação, a capela e palacete da Rua da Rapadoura.

Era engenheiro de minas e casou com D. Maria Emília Leite.

Faleceu a 29 de Março de 1910, em Paços de Ferreira, vítima de um acidente de automóvel. Com descendência,

II. *Adriano Acácio de Morais Carvalho,* doutor em Direito, nasceu em Bragança a 28 de Março de 1848.

Desempenhou as funções de comissário geral da polícia civil do Porto, desde 1878 até 25 de Agosto de 1907, data em que faleceu.

Foi cavaleiro da ordem da Torre e Espada, da ordem da Rosa, do Bra-

(693) Todas as notícias referentes a esta família são extraídas da cópia do códice *Brazão de armas de Manoel de Morais Faria Antas da Silva,* de que já demos a descrição bibliográfica, a qual nos foi enviada pelo dedicado regionalista, o erudito escritor Ernesto Augusto Pereira Sales.

sil, e da Legião de Honra, comendador da ordem de Carlos III e de Isabel, a Católica, de Espanha.

Casou em Braga com D. Maria Zulmira de Araújo.

III. *Albano* de *Morais Carvalho.*

IV. *Abílio de Morais Carvalho,* oficial do Paço Real e íntimo amigo do rei D. Carlos.

V. *Alberto Carlos de Morais Faria de Carvalho,* general reformado, possuidor do códice que atrás descrevemos e de onde foram copiadas as notícias referentes a esta família.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Várias Famílias

1º D. Maria Bárbara Pimentel e Antas, filha de Domingos Rodrigues de Morais, natural de Carragosa, concelho de Bragança, e de D. Maria Ordonhes, do Vimioso.

Neta paterna de João Rodrigues e de D. Luzia Lopes, de Carragosa.

Neta materna de António de Morais Antas e de D. Bernarda Maria Umanhe, do Vimioso.

Nasceu em Bragança (Santa Maria) a 6 de Dezembro de 1732 e noviciou em 1748 no convento de Santa Clara de Bragança (694).

2º D. Anastácia Maria da Conceição, irmã da precedente, nasceu no Vimioso a 2 de Maio de 1709 e foi baptizada por Pascoal de Faria Morais, reitor da mesma freguesia, sendo seus padrinhos: D. João Franco de Oliveira, bispo de Miranda do Douro, e D. Anastácia Luísa de Morais, mulher de Manuel de Morais Faria.

Professou no convento de São Bento de Bragança em 1725 (695).

3º Miguel de Morais Antas, de Bragança, filho de António Manuel de Morais Antas e de D. Antónia Josefa Joaquina de Morais Antas, de Moncorvo.

Neto paterno de Domingos Rodrigues de Morais, de Carragosa, e de D. Maria Caetana de Ordonhes, do Vimioso.

Neto materno de Francisco Xavier Carneiro, de Moncorvo, e de D. Benta Escolástica de Morais Antas, do Vimioso.

Recebeu ordens menores em 1794.

Em 1798 residia, havia três anos, em Lisboa (696).

(694) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara.*
(695) Ibidem, maço *Freiras de S. Bento.*
(696) Ibidem, maço *Ordinandos – Bragança.*

4º D. Josefa Maria da Conceição, do Vimioso, filha do capitão-mor José Manuel Moreira, noviciou em 1766 no convento de Santa Clara de Bragança (697).

5º Padre Amaro Giraldes, do Vimioso, falecido a 30 de Abril de 1762, fundou um morgadio a que vinculou os bens do Vimioso e de S. Joanico, nomeando primeiro administrador a seu sobrinho André Giraldes (698).

6º Caetano Mariz Sarmento, do Vimioso, filho de António Pimentel de Sousa.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de *22* de Março de 1712 (699).

7º Amaro de Carvalho Salazar, natural da vila do Vimioso, filho de Francisco Fernandes Salazar e de D. Teresa de Carvalho Quaresma.

Neto paterno de Manuel de Salazar e de D. Maria Fernandes.

Neto materno de Afonso Fernandes e de D. Filipa de Carvalho Quaresma.

Teve por escudo as armas dos Salazares e as dos Carvalhos.

Brasão passado a 5 de Maio de 1753 (700).

8º Manuel de Miranda.

«Mercê a Manuel de Miranda, cavalleiro-fidalgo da Casa Real, natural de Lisboa, filho de Lucas de Miranda, de 40:900 reis effectivos com o habito de Christo e de declaração que, morrendo na jornada que vai fazer à Hollanda em companhia do embaixador D. Fernando Telles de Faro, se fará mercê do habito a seu filho, e que, voltando, se lhe deferirá como for justo: pelos serviços que a principio prestou em Tanger, Flandres e no Brasil, regressando ao reino com praça de alferes de uma companhia paga e embarcando novamente para Tanger em companhia do conde de Tarouca não querendo sair com elle a Gibraltar e voltando para o Reino ir servir na provincia de Tras os Montes com os postos de ajudante, capitão reformado, e capitão-mor do castello de Vimioso. – De 6 de abril de 1658».

«Mercê a Manuel de Miranda, consignando-lhe por conta da promessa de 40:000 réis effectivos com que pela portaria anterior foi despachado, os 20:000 reis que pediu e apontou (701) de Gaspar Lopes, Manuel

(697) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara.*
(698) Ver o vol. IV, p. 349, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(699) Livro 5, das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 309.
(700) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico*, parte I, p. 16.
(701) No texto devem faltar as palavras «nos bens».

Luís e D. Bento Louzada, ausentes do reino, situados em Mirandella, comarca de Moncorvo. De 31 de maio de 1658» (702).

«Atendendo aos serviços do ajudante Manuel de Miranda e a ter servido esta coroa onze annos, achando-se em muitas ocasiões de peleja em Tanger e no Brasil na batalha naval, na jornada do conde da Torre com a do holandês, em terra de Labarte com os franceses, e ultimamente na fronteira de Tras os Montes com os castelhanos onde foi passado com uma bala de que esteve à morte, procedendo sempre com valor, zelo e satisfação, e por esperar delle ..... me pras ..... de o prover do cargo de capitão de infantaria para o ser da companhia de que foi o capitão Manuel Botelho, por cujo falecimento vagou, que assistia na praça da Bem posta em Tras os Montes, com o qual cargo haverá de soldo por mês quarenta cruzados de que se lhe pagará somente a metade na conformidade de minhas ordens. . . . .

Lx.ª 18 de maio de 1644» (703).

Capelas (704)

1º Lourenço Mendes Antas, fundou um morgadio encabeçado no altar de Santa Maria Madalena, na capela do mesmo nome.

João Mendes Antas, neto do fundador, quando pelos anos de 1570 se fez a actual igreja paroquial, ou melhor, se mudou a antiga que ficava fora da vila, para o sítio que hoje ocupa, mudou a invocação da capela e cabeça de morgadio para o de Nossa Senhora da Conceição, que agora está ao lado esquerdo da mesma igreja.

Esta capela de Santa Maria Madalena arruinou-se durante as guerras da Aclamação e em 1748 já o local onde ela existiu servia de pátio a uns palheiros de António Geraldes, de São Joanico.

O outro altar da capela, dedicado a Santa Ana, era cabeça do morgadio fundado pelo abade Francisco Mendes Antas e serviu de jazigo a sua família até ao falecimento de seu bisneto Sebastião Mendes Antas, que foi o último ali sepultado.

(702) Inventário dos livros das portarias do reino, vol. 2º, p. 185.
(703) Livro 17, das *Mercês de El-Rei D. João IV,* fol. 41.
(704) Todas estas notícias são extraídas da *Descrição do Vimioso,* por António Ferreira de Castro, 1748, manuscrito de que faremos a descrição no volume consagrado aos escritores.

2º Capela de S. Sebastião. «Teve principio no reinado d'El Rei D. Sebastião pelos annos de mil quinhentos setenta e tres, fez-se por conta do povo, e para a mesma concorreu a pedra que havia na igreja matriz velha; o motivo que houve para se fazer esta capella, foi a geral lei com que o mesmo Rei mandou que em todo o reino nas cidades, villas e lugares que houvesse capacidade se erigise hua capella ao martir São Sebastião».

Mencionamos esta capela, apesar de não ser cabeça de morgadio, pela circunstância determinante da sua erecção – a ordem régia motivada pelas contínuas fomes, pestes e guerras, de que o Santo era advogado, que então assolavam o reino.

3º Estêvão João, natural de Vila Chão da Ribeira fundou, com vínculo de morgadio, em 1578, a capela de Nossa Senhora dos Remédios.

Teve vários administradores, descendentes do fundador, até que a comprou Afonso de Reboredo, natural do Vimioso, abade de Mosteiro de Fráguas, diocese de Viseu.

Sucedeu-lhe seu sobrinho, doutor António de Reboredo e a este Manuel de Sousa, por parte de sua mulher Maria de Reboredo, sobrinha do mencionado doutor, e a este seu filho Manuel de Sousa Reboredo, que vivia em 1748.

4º João do Rego, cavaleiro fidalgo, fundou pelos anos de 1530 a capela de Nossa Senhora de Pereiras no cabeço deste nome, perto do Vimioso, com vínculo de morgadio.

Sucedeu-lhe seu genro Diogo Osório de Carvalho; a este sua filha D. Violante Osório; a este seu sobrinho António Osório, reitor de Bornes; a este sua sobrinha D. Bebiana Osório de Albuquerque, mulher de Aires Ferreira de Sá Sarmento e em segundas núpcias de João Mendes Antas, morgado de Paradela; a este seu filho Pedro Ferreira de Sá Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, coronel de cavalaria; a este seu filho Francisco José Sarmento Ferreira, fidalgo da Casa Real, cavaleiro na Ordem de Cristo, tenente-coronel de cavalaria em 1748.

Segundo a tradição o título de Pereiras vem-lhe de um frade da família do fundador trazer do convento de Pereiras, onde era religioso, a imagem de Nossa Senhora.

A capela, que tinha o título de Nossa Senhora do Bom Despacho, estava profanada, mas foi restaurada graças ao zelo do reitor do Vimioso, natural da mesma vila, José Augusto Dias, falecido pelos anos de 1925.

5º Capela de Santa Cruz. Foi edificada em 1650 por conta do povo, sendo juiz Gonçalo Vaz do Rego, o *Índio*.

No ano de 1748 mandando-se fazer cabido a esta capela apareceram «duas sepulturas lavradas na fraga com vestígios de se haver nelas sepul-

tado corpos, mas não podemos descobrir de quem fossem, nem o motivo que para ali se sepultarem houve».

Não é vínculo de morgadio mas contém espécies étnicas e arcaicas que convém fixar.

6º GASPAR DE MORAIS ANTAS e sua mulher D. Benta de Faria da Silva fundaram nas suas casas, com vínculo de morgadio, em 1692, a capela de Nossa Senhora da Conceição a que noutro lugar nos referimos.

7º JOÃO DE CASTRO FERREIRA fundou em 1707, com vínculo de morgadio, nas suas casas de moradia, na rua do Castelo, a capela de São João Baptista.

Hoje (1927) está profanada, mas ainda tem na fachada o brasão dos Ferreiras.

8º A Capela e Casa de Misericórdia foi fundada por Inês Taveira, segundo «certa e segura tradição e se acha em papeis daquele tempo, sendo abbade nesta vila [do Vimioso] Francisco Mendes Antas passou este a cidade de Salamanca a devertirse e contrahiu estreitos laços de amizade com esta Ignez Taveyra da mesma cidade, e pello nascimento pessoa nobre, que levada do mesmo abbade se lhe fingir secular se deixou pessuir debaixo da palavra de cazamento e nesta sem duvida o acompanhou a esta vila, onde recolhida em hum quarto de suas cazas nunca viu ao mesmo abbade em habitos de ecleziastico; passados alguns annos tendo já filhos, em hua noite da Natividade do menino Deus, depois que o abbade foi para a igreija, foi tambem a mesma Ignez Taveyra e o viu celebrar e acreditou em ser clerigo, e que total vivia enganada; recolheramse a caza, e depois de repetir à leivosia com que a tinha tratado, fez separação... toda se inclinou ao serviço de Deos, aborrecendo a vida em que soltamente permanecera alguns annos, e de sua fazenda mandou dar principio a Mizericordia e a mesma deixou alguas terras com a obrigação de sexta feira da semana santa de cada hum anno se dar, e destribuir coatro alqueires de trigo cozido pellos pobres, o que ainda se conserva».

Transcrevemos esta notícia, embora não respeite a morgadio, por ajudar à fotografia dos costumes da época; por localizar a tradição, que muitas vezes temos ouvido, da barregã eclesiástica encerrada em casa, sem saber que o era, e porque mostra, junto a tantas outras, a mentira que sempre foi o celibato clerical e a necessidade de acabar com ele *saltem transmontani mei.*

Realmente em *Quirás*, pág. 395, vimos um subdiácono dispensado e casar; em *Vimioso* a freira dispensada igualmente dos votos e casar.

O caso do baú de Vinhais, e tantos, tantos outros exarados nestas páginas!! Sempre haverá um ou outro parvo comprometido, sem autoridade

para falar, que finja revoltar-se contra a supressão do celibato, mas as coisas são o que são e esta medida puramente disciplinar só tem feito mal sem trazer bem algum.

Falo assim porque entendo que traduzo uma aspiração geral e porque, pela idade e pela vida que tenho tido, entendo que o posso fazer sem suspeita de intuitos reservados.

Da capela de S. Tomé, na grande quinta deste nome, hoje (1927) em ruínas, e da de Santo Amaro, ainda bem conservada, na importante quinta dos Picadeiros, ambas cabeça de morgadio, já falamos noutra parte.

VINHAIS

Família Buíça [705]

1º Gaspar de Buíça. «A 14 de março de 1584 se determinou que o veador da fazenda embargue em mão de Gaspar de Buiça o dinheiro de Bernardo Lopez para restituir as casas do cabydo no estado em que estavão quando se lhe aforarão» [706].

Na sessão de 18 de Fevereiro de 1604 resolveu o cabido vender a Gaspar Buiça, o *Velho,* um pequeno chão (terreno) que essa corporação tinha na cidade de Miranda do Douro [707].

João de Buíça, filho de Gaspar de Buíça, de Miranda do Douro, recebeu ordens menores em 1575 [708].

Francisco de Buíça, tomou posse de um meio canonicato da Sé de Miranda em 1547.

António de Buíça, de Outeiro. Na eleição dos alunos que haviam de frequentar o Seminário de Miranda do Douro, feita pelos cónegos da Sé dessa cidade, na sessão capitular de 6 de Fevereiro de 1658 figura um António de Boiça, de Outeiro [709].

(705) Acerca da origem dos Buíças ver em *Vimioso – Família Morais Faria Antas da Silva «Título de Buiças»,* p. 565.
(706) *Livro de Acórdãos, e assentos antigos, 1547 a 1606,* do cabido de Miranda do Douro, manuscrito existente no Museu Regional de Bragança, fol. 78 v.
(707) Ibidem, fol. 189 v.
(708) Museu Regional de Bragança, *Livro dos Ordinandos,* do bispo D. António Pinheiro.
(709) *Acórdãos* do cabido de Miranda do Douro de 1621 a 1688, fol. 130.

Padre Francisco Rodrigues de Boiça (sic). Aos 11 de Janeiro de 1642 foi-lhe passada provisão para a igreja da Especiosa [710].

Nas cortes de Tomar, reunidas em 1581 para o juramento de Filipe II de Espanha e I de Portugal, o distrito de Bragança estava assim representado:

Por Bragança – Manuel de Madureira e o licenciado Manuel Gomes.

Por Miranda – Gaspar Buíça e António Pegas.

Por Moncorvo – Pedro Carneiro de Meireles e o doutor Luís de Madureira.

Por Freixo de Espada à Cinta – Gaspar de Sá Soto Maior e Luís Camelo [711].

Em 1630 Gaspar de Buíça e os moradores de Vale de Miro, termo de Miranda do Douro, onde aquele residia, erigiram em Vale de Miro uma capela dedicada a Santa Ana, por na povoação não haver capela nem Igreja onde se pudesse celebrar missa [712].

Numa sepultura de granito no pavimento da igreja do Santo Cristo de Outeiro, concelho de Bragança, há a seguinte inscrição, com algumas letras inclusas e conjuntas:

SEPVL
TVRA DE
GASPAR
DE MOR
AIS BVI
SSA. PA
RA SI. E
SEVS S
VCESSO
RES
FALEC
EV EM
8 DE MAIO
DE 1715.

(710) *Livro de Registos* do cabido da Sé de Miranda do Douro existente no Museu Regional de Bragança.
(711) Encontra-se esta notícia num códice da Biblioteca Nacional de Lisboa.
(712) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

António José de Morais Buíça Sarmento é um dos que aparece a assinar a acta da Câmara Municipal de Miranda do Douro concernente à defesa da fronteira em 1809 contra os franceses (713).

2º Manuel José de Morais Buíça, de Outeiro, concelho de Bragança, filho de Manuel de Morais Sarmento Buíça de Outeiro, e de D. Maria Xavier de Morais Madureira, de Sobreiro de Baixo, concelho de Vinhais.

Neto paterno de Bernardo de Morais Buíça Sarmento, de Outeiro, e de D. Maria Sarmento e Castro, de Logarelhos.

Neto materno de José Pinheiro de Castro, de Sobreiró, e de D. Isabel de Morais Madureira, de Miranda do Douro.

Nasceu a 18 de Fevereiro de 1776 e casou em 1801 com D. Maria José de Araújo, de Outeiro, filha de José Maria de Araújo Carneiro e de D. Ana Josefa de Paiva (714). (Ver 5º em *Sobreiro*, pág. 463).

3º Francisco Xavier de Morais, de Outeiro, residente em Vinhais, irmão do precedente, recebeu ordens menores em 1808 (715).

4º Domingos José de Madureira Buíça Sarmento, irmão dos precedentes, natural de Outeiro e residente em Sobreiró de Baixo, recebeu ordens de missa em 1806 (716) e ainda vivia em 1825.

5º João Manuel Buíça de Morais Sarmento, de Nuzedo de Cima, concelho de Vinhais, casado com D. Maria Teresa, faleceu a 2 de Outubro de 1818.

No seu testamento declara que quer ser envolto militarmente e nomeia por testamenteiro seu primo padre João António de Sampaio, da Bouça.

Tinha bens em Vinhais.

Era capitão de milícias em 1812 e foi condecorado com a cruz modelo nº 1, correspondente a quatro campanhas que tinha feito (717).

6º D. Josefa, irmã do precedente, casou em Vinhais com Manuel José da Silva, de quem teve um filho de nome Manuel (718).

7º Manuel Bernardo Buíça Sarmento, de Outeiro, fez testamento em 1837 e por ele se vê: que tinha bens em Santulhão e Sobreiró de Baixo;

(713) Ver o vol. IV, p. 152, 153, 156, 157 e 158 nestas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(714) Museu Regional de Bragança, maço *Casamentos – Outeiro.*
(715) Ibidem, maço *Ordinandos – Outeiro.*
(716) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 100, fol. 1 onde vem transcrito o seu testamento.
(717) *Ordem do dia,* nº 98, de 17 de Julho de 1822, publicada na *Ordem do dia* de 28 de Março de 1820.
(718) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 100, fol. 1, onde vem transcrito o seu testamento.

que tinha uma irmã chamada D. Josefa (será o 6º, atrás citado?), casado em Vinhais, da qual eram filhos – João, Manuel, Antónia e Josefa, a quem nomeia por seus herdeiros, e quer ser sepultado na campa da sua família na capela do Santo Cristo, de Outeiro (719).

8º D. Maria Xavier de Morais Madureira Buíça, viúva de Manuel Sarmento de Morais Buíça, de Outeiro (2º, atrás citado), e D. Arcângela Maria Rosa, solteira, de Sobreiró de Baixo, fizeram a 10 de Março de 1800 doação a seu filho e sobrinho José Manuel Buíça Sarmento (5º, atrás citado), de Nuzedo, para casar com D. Mariana Teresa de Morais Sampaio, filha de José de Sampaio, de *Nozedo das Olas,* deste mesmo termo de Vinhais. (É interessante esta denominação – *Nozedo das Olas*).

D. Arcângela era filha de João Pinheiro de Castro, de Sobreiró de Baixo.

Os bens doados eram nas Aguieiras (720).

9º Manuel Diogo da Silva Buíça de Morais Sarmento, filho de Manuel José da Silva, de Vinhais, e de D. Josefa Joaquina Madureira, de Sobreiró.

Neto paterno do doutor João Martins da Silva, de Agrochão, concelho de Vinhais, e de D. Inácia Maria, de Ceduinhos, concelho de Mirandela.

Neto materno de Manuel Bernardo Buíça de Morais Sarmento, de Outeiro, e de D. Maria Xavier de Morais Madureira, de Sobreiró de Baixo.

Nasceu em Vinhais a 13 de Novembro de 1809.

Foram seus padrinhos José Manuel Buíça de Morais Sarmento e sua mulher D. Mariana Ferreira de Morais Sampaio, de Nuzedo de Cima (721).

Faleceu em Vinhais a 13 de Janeiro de 1903.

10º João Manuel da Silva Buíça de Morais Sarmento, irmão do precedente (no documento de onde extraímos estas notícias, sua mãe tem mais o apelido de Castro, e dá-a como natural de Outeiro; a avó paterna tem o nome de D. Inácia Maria da Cunha Borges), nasceu em Vinhais a 9 de Janeiro de 1808.

Foram seus padrinhos Manuel Bernardo Buíça Sarmento e sua mulher D. Maria de Araújo Paiva, que residiam em Outeiro.

(719) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo – Livro dos testamentos de Outeiro,* feitos em 1838, fol. 168 v., onde o seu vem transcrito na íntegra.
(720) Ibidem, testamentos de 1819, fol. 44. A divergência ou omissão de apelidos é frequente nas famílias fidalgas, que, como tinham muitos, nem sempre os usavam todos, nem por ordem.
(721) Livro dos baptizados da freguesia de Vinhais.

Faleceu em Sujães, concelho de Mirandela, em 1847, de uma apoplexia.

Foi promovido a capitão da 5ª companhia do Batalhão de Voluntários Realistas de Bragança a 25 de Abril de 1831; a tenente-coronel agregado para o mesmo Batalhão a 23 de Abril de 1833 e a coronel a 18 de Fevereiro de 1834.

Damos em seguida dois documentos que lhe dizem respeito e que interessam ao propósito deste livro:

«Ill.mo S.nr

Saptisfazendo áo que V. S.ª de mim exige no seu officio de 10 do corrente, tenho a dizer, que tendo havido notisia de que os Rebeldes tentavão atacar este ponto na noute do dia 6, para 7, e indo eu rondar os Piquetes na madrugada desse dia, o Commandante do Piquete da Esquerda me deo parte de que ouvira de madrugada gritos d'aqui d'El Rey: ordenei ao sargento que commandava hum ponto mais avançado, que de pois da discuberta indagace o motivo dos gritos, e demorando-me eu no alto da Estrada que dali vai para essa Villa, junto a huma Patrulha postada no sitio ahonde cruza a mesma, outra (*sic*) que vem de S. João dever para o Telegrafo velho, passou ali Francisco Padeiro que foi prizioneiro nas Ilhas, e se evadio do Porto, pelo que teve baixa, e está vivendo com sua mulher em S. Bento, e me disse que naquella noute tinhão hido a sua Caza alguns Voluntarios de Bragança, e com elles hia hum Snr Official, e batendo-lhe à porta elle ouvira procurar por Capiras, persuadido então que erão os Rebeldes, pois que nos deo esse nome fugira mesmo nú, e depois entrando-lhe elles em Caza quizerão violentar sua mulher, a qual fugio para a rua gritando como já disse ao que elle não acudio por ser hum dos apprezentados e tendo-lhe ouvido falar em Capiras receava o cahir-lhe na mão.

Quando este homem me falou elle não sabia quem eu era, mas creio o soube depois, porque tornando a contar o cazo na Quinta ahonde o Batalham do meu Commando se acha aquartellado lhe disse hum official que elle se devia queixar, ao que o homem respondeo, que já, sem saber com quem falava se tinha queixado a mim; por este motivo, e para evitar a continuação de tal procedimento, que nos torna odiosos aos Povos, e desacredita hum Exercito defensor do Altar e do Throno, e Protetor de huma Nação, que está fazendo toda a especie de sacrificios para evitar o governo da impiedade, dezenvoltura, e dissulução; por isso o participei a Sua Ex.cia o Snr. Commandante da Brigada, para que V. S.ª por si, e em execução das ordens do mesmo Senhor não deixase impune aquele delicto que se deve conciderar tão atroz por ofender a honra dos nossos

semilhantes, e emvilecer o individuo que o perpetra, e qualquer crime ficando impune torna logo a ser repetido.

Deus Guarde a V. S.ª Quartel em Souto Redondo 11 de Janeiro de 1834.

Ill.mo S.nr João Manoel da Silva Buiça Morais Sarmento Tenente Coronel Commandante de Realistas de Bragança.

Antonio Maria de Macedo Tudella Forjaz, major do Rº de Lagos».

«Batalham de Voluntarios Realistas de Bragança. Anno de 1834, mez de março.

Rellação do Vencimento do soldo dos officiaes abaixo mencionados para serem pagos neste mez.

João Manoel da Silva Buiça de Moraes Sarmento, coronel, commandante do corpo.

Antonio Venancio Bernardo de Sousa Freire Pimentel, tenente-coronel.

Manoel da Fonceca Soares, cappitam-ajudante. Foi despachado major para o Batalham nº 9 por decreto de 7 de março de 1834.

Joaquim Pereira Flores, alferes-ajudante. Foi despachado tenente para cacadores nº 7 [?] por decreto de 7 de março de 1834.

José Mar.co de Moura Pinto, tenente quartel mestre. Demetido por decreto de 22 de março de 1834.

Frei Thomaz da Soledade, capellão-alferes. Passou ao regimento nº 12 por decreto de 12 de março de 1834.

Felippe José da Veiga, cappitam commandante da 1ª companhia.

Francisco Antonio da Rocha, cappitam commandante da 2ª companhia.

Manoel Antonio de Barros Pereira do Lago, cappitam commandante da 3ª companhia.

José Marcellino de Barros, cappitam commandante da 4ª companhia.

Candido Ferreira Sarmento Castro, cappitam commandante da 5ª companhia.

José Manoel Fernandes, cappitam commandante da 6ª companhia.

Ricardo Alvares Gatto, secretario aggregado da provincia de Tras os Montes.

Ferderico Antonio Alves do Valle Souza-Gatto.

José Pinto das Neves.

Luiz Claudino de Sá.

José Joaquim Borges. Foi despachado alferes por decreto de 24 de março de 1834.

Julio Luciano Chaves, alferes.

Torcato Vallariano da Sv.ª, alferes.
José Emilio Freire d'Andrade, alferes.
Antonio Luiz Vallente, alferes.
José Thomaz Nunes, alferes. Existe prisioneiro.
José Manoel Martins, alferes.
Quartel em Santarem, 1 de abril de 1834».

Estes dois documentos são copiados dos originais existentes em Vinhais em poder de uma irmã do abade da mesma vila, padre Abílio Augusto da Silva Buíça (11º, adiante citado).

11º Abílio Augusto da Silva Buíça, abade de Vinhais, filho de Manuel Diogo da Silva Buíça de Morais Sarmento (9º, atrás citado), nasceu em Cedaínhos, concelho de Mirandela, a 23 de Novembro de 1837 e faleceu em Vinhais em 1915.

12º Manuel dos Reis da Silva Buíça, foi um dos regicidas do Terreiro do Paço em 1908, tendo sido morto no local do atentado.

Eis a sua autobiografia, escrita em 28 de Janeiro, quatro dias antes do regicídio, e que ele subordinara ao título: «Apontamentos indispensaveis se eu morrer»:

«Manuel dos Reis da Silva Buiça, viuvo, filho de Augusto da Silva Buiça e de Maria Barroso, residente em Vinhaes, concelho de Vinhaes, districto de Bragança. Sou natural de Bouçoais (722), concelho de Valpassos, districto de Vila Real (Traz-os-Montes); fui casado com D. Herminia Augusta da Silva Buíça, filha do major de cavalaria (reformado) e de D. Maria de Jesus Costa. O major chama-se João Augusto da Costa, viuvo. Ficaram-me de minha mulher dois filhos, a saber: Elvira, que nasceu a 19 de dezembro de 1900, na rua de Santa Marta, numero... rez do chão e que não está ainda baptisada nem registada civilmente e Manuel que nasceu a 12 de setembro de 1907 nas Escadinhas da Mouraria, numero quatro, quarto andar, esquerdo e foi registado na administração do primeiro bairro de Lisboa, no dia onze de outubro do anno acima referido. Foram testemunhas do acto Albano José Correia, casado, empregado no comercio e

(722) Oito dias após o seu baptizado foi levado para as Aguieiras, concelho de Mirandela, onde se criou, e depois para Vinhais para a companhia de sua mãe. *O Primeiro de Janeiro,* de 5 de Fevereiro de 1908, publica um telegrama de Vinhais, em que se pede, em nome dos habitantes desta vila, para declarar que o regicida Buíça, sendo efectivamente filho do abade dessa freguesia, tinha nascido na povoação de Bouçoães, concelho de Valpaços e fora baptizado na freguesia das Aguieiras, concelho de Mirandela.

Aquilino Ribeiro, solteiro, publicista. Ambos os meus filhos vivem commigo e com a avó materna nas Escadinhas da Mouraria, 4, 4º andar, esquerdo.

Minha familia vive em Vinhaes para onde se deve participar a minha morte ou o meu desapparecimento, caso se dêem. Meus filhos ficam pobrissimos; não tenho nada que lhes legar senão o meu nome e o respeito e compaixão pelos que soffrem. Peço que os eduquem nos principios da liberdade, egualdade e fraternidade que eu commungo e por causa dos quaes ficarão, porventura, em breve, orphãos.

Lisboa, 28 de janeiro de 1908. Manuel dos Reis da Silva Buiça. Reconhece a minha assignatura o tabelião Motta, rua do Crucifixo, Lisboa».

«Era de mediana estatura, muito claro de tez, vivos os seus olhos azues, contrastando com a barba negra, na qual scintilavam alguns fios fulvos, como linhasinhas de cobre. Espalhafatoso de gestos, berrador de inventiva larga, aquele trasmontano de Bouçoais, no concelho de Valpassos, era de aparência delicada e atraia os revolucionários por sua fama de valente, seus ares desprezadores ante as falhas dos politicos e a decisão com que desafiava, arremetia, e quási sempre ficava de melhor. Chamava-se Manuel dos Reis da Silva Buíça, exercendo o professorado na *Escola Moderna,* mas mal se adregava entender como podia ser mestre o turbulento que sempre se mostrara e o falho de exames, de cursos, de categoria oficial. Contavam-se dêle proezas de monta nas horas em que os nervos o sacudiam. Batera-se, em fúria, contra uma turba, no teatro da rua dos Condes; no caminho de Linda-a-Pastora, vindo de uma reúnião, desaviera-se com um dos revolucionarios e increspara-o, em termos do outro puchar da pistola e ameacal-o. Correra para êle e, ao segurarem-no, tanta fôrça dispendera entre o grupo, que só se quedara ao sentir um braço deslocado.

Fôra sargento em cavalaria 7 e espancava os recrutas nos dias sombrios de suas cóleras, quando naturalmente se lembrava da ma sina de seu viver. Nascera dos amores de um padre – o pároco de Vinhais (723) – com uma carrejã (724) que dera sete filhas ao amante, cada uma delas da mais estranha fisionomia, olhos em estrabismo, ruças, caras de expressões singulares. Fôra o único varão e, desde a escola ao quartel, em desordens se mostrara excitado e valoroso (725), duma valentia ferina que o

(723) «Seu pae chama-se Abilio Augusto da Silva Buiça. Ele usava essa graça de Manuel dos Reis que soaria singularmente no seu nome de regicida».
(724) Era criada do abade e este tinha ainda filhos de uma outra criada.
(725) «Em Vinhais correra de pistola em punho atraz dum primo, para o matar. Era este o escrivão da Boa Hora, Abilio Magro».

espantava, ao sossegar os nervos. Cavalgava os mais fogosos cavalos, nadava como um tritão, era um atirador especialisado que o regimento admirára» (726).

Foram dois os regicidas: Manuel Buíça e Alfredo Luís da Costa, de vinte e quatro anos de idade, natural do Alentejo, empregado no comércio e redactor do jornal *A Voz do Caixeiro.*

Segundo se afirma eram mais os indigitados para perpetrar o atentado – cinco – e que estavam espalhados por todo o percurso do cortejo real, para entrarem em acção caso falhasse a primeira tentativa.

O atentado foi cometido no dia 1 de Fevereiro, pouco depois das cinco horas da tarde quando El-Rei D. Carlos regressava, com a Rainha D. Amélia e o Príncipe-Real D. Luís Filipe, das suas propriedades de Vila Viçosa.

Desembarcaram do vapor «D. Luís» no Terreiro do Paço e, em companhia do Infante D. Manuel que ali os aguardava, tomaram lugar num *landau.*

Os regicidas estavam emboscados, um na arcada e outro junto às árvores: Manuel Buíça, armado com uma carabina Winchester, que ocultava sob um amplo varino, e Alfredo da Costa com uma pistola Browing.

«Alfredo da Costa, num impeto, saltava para o empedrado e do intervalo do trem real e do primeiro do séquito, disparara contra a nuca refegada do Rei, assente no debrum vermelho do capote. Sibilou o projéctil e logo a cabeça de D. Carlos pendeu sôbre o lado direito, para lhe decair no peito largo.

Devia ter sido fulminado. O corte da vertebra, produzido por esta bala traiçoeira, matara o monarca. O regicida continuava a disparar a sua arma, no grande tumulto que se estabelecera e Buíça, desembuçado do varino, dera uma descarga e correndo para as bandas do *kiosque* da praça, dali alvejava, com segurança o Principe Real que, de pé, valentemente lhe ripostava aos tiros com a sua pistola. Mas os solavancos do *landau* roubaram-lhe a firmeza e, varejado, baqueava nas almofadas. A Rainha, cobrindo com o seu vulto o Infante D. Manuel, já ferido no braço direito, fustigava com as flores um dos atacantes, que se aproximara e via fuzilar-lhe os olhos, inesqueciveis para ela, no seu azul desmaiado, esgarçados, n'um rosto ossudo e magro. Jamais arma tão fragil castigara, por mão d'uma martirisada mãe a morte do filho amado. Redobrara o tiroteio. Buíça continuava a visar o carro da tragedia, na furia de suprimir,

(726) MARTINS, ROCHA – *D. Carlos: História do seu reinado,* XV cap., p. 565 e 566.

na praça publica, a casa de Bragança [727]. Um soldado [728] lançara-se sobre ele mas o homem dextro sacudira-o e ia fugir, quando o tenente Francisco Figueira, ao vel-o de novo a apontar para a carruagem, correra para o deter. O atacante ajoelhou e baleou-lhe a virilha ao mesmo tempo que o oficial lhe enterrava a espada no corpo. Depois arrancou-lhe a carabina das mãos convulsas... Os policias ao apossarem-se de Buíça e de Alfredo da Costa, descarregavam as pistolas, acutilavam-nos retalhando-os a golpes de sabre, arrastando-os à pressa, mal pensando, em seu rancor, no seu forte desejo de vingança, que não deviam emudecer as vozes dos regicidas [729]. Na freima louca mataram um caixeiro, inocente na conjura [730].

... Espalhara-se um intenso pânico; fugia-se no auge do terror...

A carruagem trágica sumira-se no portão do Arsenal como que engulida na bocarra negra e fúnebre dum túnel de preságios; perdia-se lá dentro, rodando cavamente sob as abóbadas, transportando dois cadáveres, a dôr sem par d'uma Rainha, um novo Rei, ferido, criança sagrada para o trono num lago de sangue. Infante prestes a reinar e que nunca mais saberia sorrir, como há pouco, de lapela florida, nos aromas da precoce primavera.

Durara rápidos minutos a horrida travessia. O cocheiro Bento Caparica, ferido numa das mãos, chicoteava a parelha, lançava o *landau* de batida; o sota embaraçava-se e corria-se, numa galgada; entrava-se para o refúgio daquela escancarada bôca lôbrega, como num acaso, na derradeira defesa. O marquês do Lavradio e o visconde de Assêca, empoleirados num estribo, seguravam o Principe; do outro lado alguem ia tomando o pulso sem alento do Rei e a condessa de Figueiró, abraçada ao que julgava ainda vivo, a esse esbelto e formoso D. Luis Filipe, chorava desesperadamente. A Rainha, em pranto, via o forte vulto de D. Carlos a escorregar, na trepidação do trem, a cabeça descoberta, pendida a fronte, que jámais se baixara ante os seus adversários» [731].

Manuel Buíça não primava pela bondade dos sentimentos: enquanto soldado foi condenado várias vezes, sendo uma em sete meses de prisão militar por ter espancado um inferior; de outra vez quis matar um oficial

(727) «Segundo outra versão teria sido uma bala da carabina de Buíça que matara o Rei, mas não é essa, apezar talvez de muito espalhada de começo, a mais corrente nem a mais aceitável».
(728) Chamava-se Henrique da Silva Valente.
(729) «O guarda que feriu Buiça era o número 684 da esquadra do Município. O assassino mordera-o num dedo quando êle o quizera agarrar».
(730) «Chamava-se Sabino Costa e era empregado n'uma casa da rua do Arsenal».
(731) MARTINS, Rocha – *D. Carlos: Historia do seu reinado,* XV cap., p. 584 e 585.

porque este o repreendeu; – também ouvimos dizer a pessoa fidedigna, que quisera bater na mãe. Quando assentou praça não tinha ocupação alguma. Já havia sido condenado, pelo menos duas vezes, por ofensas corporais: uma em 1901 e outra em 1904.

«Epitaphios sobre as campas do professor Manoel Buíça e de Alfredo Costa

Entregaram requerimentos na secretaria da camara municipal as senhoras D. Maria de Jesus Costa, sogra do professor Manuel dos Reis da Silva Buiça e D. Maria da Soledade Costa, mãe de Alfredo Luiz da Costa, as duas gloriosas victimas da selvageria policial na tarde de 1 de fevereiro de 1908, pedindo auctorisação para collocarem sobre as campas daquelles dois sympathicos martyres da Republica os seguintes epitaphios: Na de Manuel Buíça – "Aqui jazem os restos mortaes do heroe propagandista e livre pensador Manuel dos Reis da Silva Buiça, nascido em 31 de Dezembro de 1875 e assassinado pela policia na tarde de 1 de Fevereiro de 1908. Sua familia, especialisando seus filhos Elvira e Manuel Buiça, offerecem como tributo de saudade esta ultima homenagem".

Na de Alfredo Costa – "Aqui jazem os restos mortaes do que foi um grande patriota e um incansavel propagandista democratico Alfredo Luiz da Costa. Nasceu em Casevel em 24 de Novembro de 1884 e foi barbaramente assassinado pela policia nesta cidade na tarde de 1 de Fevereiro de 1908. Sua familia e em especial sua mãe e sua irmã, offerecem-lhe esta modesta homenagem como tributo de uma eterna saudade"».

Recortamos esta local do *Diário de Notícias* de 31 de Março de 1911 que é expressiva como sinal dos tempos, se o não é da justiça imanente, que levando séculos de gestação talvez só naquele momento acabasse de sancionar crimes avoengos entre os quais avultavam: D. João II assassinando de facto e pseudo-legalmente em processo-farça, revestido de felonia suplementar revoltante; D. José e o seu ministro, por igual teor, num requinte máximo de ferocidade tigrina, como de quem saboreia as torturas da vítima.

D. Carlos e o Príncipe Real eram inocentes. Eram, não há dúvida. E a vítima da morbidez ancestral, que no leito da dor, arrasta uma vida de torturas cruciantes, que crime cometeu ou que culpa tem nos vícios dos seus antepassados?!

13º Pedro Pinto de Morais Sarmento, ajudante da quinta brigada de infantaria de Trás-os-Montes, foi o denunciante da patriótica conspiração de Gomes Freire de Andrade em 1815.

Haverá qualquer parentesco entre este Morais Sarmento e os Buíças?

14º André de Morais Sarmento era o corregedor de Évora, que, pelas suas afeições aos castelhanos, em detrimento do patriotismo nacional, provocou em 1634 os motins dessa cidade, que tantos desastres causaram (732).

Seria este também da mesma família? É notável a coincidência de apelidos em tão críticos momentos históricos.

Família Amaral Sarmento

1º António Manuel de Amaral Sarmento, senhor da casa dos Amarais Sarmento, em Vinhais (em 1791), filho de António do Amaral Sarmento, juiz da alfândega da vila do Vimioso, e de D. Joana de Figueiredo, filha de João Gomes Mena, fidalgo da Casa Real e capitão de infantaria em Bragança, e de D. Emerenciana de Loureiro, filha de António Loureiro da Mesquita.

Neto paterno de Manuel do Amaral Sarmento, cavaleiro da ordem de Cristo, juiz da alfândega do Vimioso, e de D. Catarina de Queiroz e Eça, filha de João de Queiroz e Eça, sargento-mor da comarca de Miranda, e de D. Maria de Morais Sarmento, filha de Francisco Gomes Sarmento, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão-mor da Guarda (733).

Ver adiante 1º em *Capelas.*

2º D. Antónia Margarida de Figueiredo Sarmento, viúva do doutor João Fernandes Teixeira, que residiu em Vinhais, no bairro do Fornelo (havia também nesse tempo o bairro da Boavista).

Faleceu a 9 de Novembro de 1817, deixando por herdeiros seus filhos: Bernardo e D. João da Virgem Maria, cónego regular de Santo Agostinho (734).

(732) MENESES, Luís de, conde da Ericeira – *História de Portugal Restaurado,* parte 1ª, livro 2º, p. 67.
(733) BEZERRA, Manuel Gomes de Lima – *Os Estrangeiros no Lima,* tomo II, Diálogo V, p. 254.
(734) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 81, fol. 52 v., onde vem o seu testamento.

Família Colmieiro

Em *Mascarenhas – Família Barroso,* pág. 252, publicamos na íntegra uma carta de brasão de armas de nobreza e fidalguia, para dar ideia do formulário genérico destes documentos; vamos agora publicar, igualmente na íntegra, o nobiliário de uma família, idêntico a tantos outros que temos visto, na preocupação de lhe filiar a origem nos reis godos, como se só daí pudesse deduzir-se a autêntica nobreza.

É desnecessário advertir que pouco ou nenhum crédito, merecem tais filiações, anteriores ao século XIV, referentes a famílias particulares, como já dissemos noutra parte.

A transcrição que se segue é feita do manuscrito original que se encontra em poder do nosso erudito amigo Francisco de Moura Coutinho, director do Banco de Portugal em Bragança.

Este códice consta de trinta e oito fólios de papel grosso liso; apenas os vinte primeiros fólios estão numerados de frente, os restantes não têm numeração; não aponta nome de autor, mas Moura Coutinho é de opinião que foi escrito por Baltasar de Sousa Colmieiro (735). Tem por título:

«Ilustre familia de Colmieyros, e Sousas chichorros armas de que usão com seus troncos.

Esta familia erão seus apelidos Ribeiros Soutellos, e Salgados com solar na Limia de Galiza como traz entroncada *Pheliphe de la gandera* no seu libro armas e triunfos de galiza; e na tala de Colomera quando tomarão esta villa aos mouros obrarão tais proezas, que se apelidarão Colmeneros levantando nova torre, e solar no vale de Tintorei (?) junto à praça de Monterrei, reyno de galiza donde continuarão com grandes empregos o serviço Real, sendo senhores com jurisdição de muitas terras, e villas, athe que por graves crimes de homecidios, vierão para este Reyno Francisco Colmieyro, Vasco Colmieyro, o Doutor Sancho Colmieyro e D. Phelipa Colmieyro todos irmãos, de que adiante se tratará e cazarão na villa de vinhais Provincia de Tras dos montes, com a successão que se segue: conservando sempre a sua fidalguia, sem nota, nem maconica.

Principiando por diversa forma dos genealogicos descrevo esta ilustre familia historiada para milhor inteligencia das Arbores.

(735) Em *A Pátria Nova,* semanário publicado em Bragança, inseriu Moura Coutinho, em folhetins, desde 6 de Maio a 10 de Junho de 1908, um estudo sobre este manuscrito e seu autor. Ver 7º em *Vinhais – Capelas.*

§. 1º

Xavier Francisco de Sousa Colmieyro Telles Tavora fidalgo da Casa de Sua Magestade.

Balthesar Antonio de Sousa Colmieyro Telles Tavora fidalgo da Casa de Sua Magestade.

D. Angelica Maria de Sousa Telles Tavora.

São todos tres filhos de legitimo matrimonio de Balthezar de Sousa Colmieyro Telles Tavora natural da cidade de Bragança [à margem há uma nota que diz: «Balthezar de Sousa Colmieiro de Telles Tavora nasceu em Bragança, freguezia de S. João Baptista em 30 d'abril de 1693 e foi baptizado a 21 de maio do mesmo ano»] freguezia de S. João Baptista fidalgo da Caza de Sua Magestade com mil e seis centos reis de moradia por mez e hum alqueire de sevada por dia cavalleiro professo na ordem de Christo com setenta mil reis de tença, e familiar do Santo officio, commissario, e capitão de cavalos do regimento de Dragoens da Beira baixa e de sua molher D. Angelica violante de Moura Coutinho e Almeida senhora dos Reguengos de eixo natural da villa de esgueira de que adiante se trata no paragrafo segundo e netos de Antonio Colmieyro de Moraes natural da villa de vinhais, fidalgo da Caza de Sua Magestade cavaleiro professo na ordem de Christo e de sua mulher D. Angelica Maria de Sousa Telles Tavora (736) natural da cidade de Lixboa freguezia do Seccorro onde nasceu a 3 de Dezembro de 1650 fidalga da primeira grandeza de que adiante se trata no paragrafo terceiro, e ambos senhores do morgado de São Vicente na dita villa de vinhais e instetuidora da novena de São Francisco de Xavier na cidade de Bragança; e segundos netos de Francisco Colmieyro de Moraes natural de vinhais, fidalgo da Caza de Sua Magestade e Cavalleiro professo na ordem de Christo, teve de propriedade a ocupação de vedor geral, e foi pagador geral e tão rico, e poderoso que chegou a sustentar com o seu proprio cabedal o exercito de Sua Magestade por espacio de seis mezes, como consta de seus alvarás de merces, e foi o primeiro instituidor do morgado de S. Vicente com sua mulher D. Maria de Sousa,senhora da Ilustre Caza de Vilar de Perdizes; e de sua primeira mulher D. Maria de Saa da Silva natural da mesma villa de vinhais, como adiante se dirá Paragrafo quarto e terceiros netos de Francisco Colmieyro de Moraes natural de vinhais fidalgo da Caza de Sua

(736) Casaram em Bragança, na capela de sua casa, a 28 de Abril de 1665. O solar desta família era em Vinhais na quinta de Riaçós, no Bairro de Além, onde tinham a capela de S. Vicente, cabeça do seu morgadio; mas Antonio Colmieiro de Morais deixou Vinhais e veio viver para Bragança, onde faleceu a 20 de Novembro de 1704, e sua mulher a 8 de Janeiro de 1722.

Magestade cavaleiro na ordem de Santiago, e de sua mulher D. Catherina de Valcarce Paragrafo quinto e quartos netos de Francisco Colmieyro que passou para este Reyno com seus irmãos, do Reyno de Galiza e nelle era senhor de muitas villas e Muimentinha Cazella, ginco, fidalgo com jurisdição solar e Torre no vale de Tintorei (?) junto à praça de Monterrei, que cazou na villa de vinhais na Ilustre caza, e familia dos Moraes com D. Matia de Moraes de que adiante se trata no Paragrafo seixto.

e quintos netos de Payo Colmieyro senhor de gargalo, Razela, ginco, e Muimentinha, e de sua mulher D. Branca Alves natural de Vilar de vos no mesmo Reyno de Galiza; e sextos netos de Vasco Colmieyro cavaleiro na ordem de Calatrava, e general do Casco, Senhor das mesmas terras, e de sua mulher D. Maria Maldonado e Mendonça natural de Salamanca filha de D. João Maldonado, *el galan,* e de sua mulher D. Anna de Mendonça filha de D. João Furtado de Mendonça adiantado de Garsola (?), e irmão do Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendonza:

e setimos netos digo o que tudo tras Pheliphe de la gandera fol. 350, e setimos netos de Nuno Gonçalves Soutello senhor de Lamalonga, e de sua mulher D. Constança; e oitavos netos de Gil Rodrigues Soutello senhor de Lamalonga e Razela, e de sua mulher D. Maria Salgado; e nonos netos de Rodrigo Salgado, senhor de Sandim, e de sua mulher D. Aldonça; e decimos netos de Pedro lopes Salgado, senhor de Sandim, e de sua mulher D. Sancha Gonçalves Soutelo senhora de Jocim e vila.

e undecimos netos de Lopo Salgado de Ribeira senhor da Caza e estados da Limia de Ribeira, e de sua mulher D. Maria Mendes de Senabria sua prima filha de Men Rodrigues de Senabrea senhor da Puebla de Senabrea, que serviu a el Rey D. Pedro de Castella, nas guerras del Henrique, e morreu na de Montiul e lhe tirarão suas terras por seguir o seu Rey legitimo, filho de Fernão garcia de senabrea senhor da mesma villa, e de sua mulher D. Mayor Fernandes de Diesma.

e Duodecimos netos de Maria de Ribeira senhora dos estados e Caza de Ribeira de Limia, cazada com D. Pedro Salgado senhor de Sabuedo [Sabocedo?] na Limia; e Decimos terceiros netos de Lopo Lopes de Ribeira senhor do Castello de Ribeira na limia e de sua mulher D. Maria Afan, filha de Pedro Alfan, e de sua mulher D. Maria Pires Badanha filha de Ruy Gonçalves de Badanha.

e Decimos quartos netos de Gonçalo Lopes de Ribeira senhor do castello, e estados da Ribeira da limia, e de sua mulher D. Tereza Ferreira de Meira filha de Fernão Alves de Meira, e de D. Mayor Peres galego; e Decimos quintos netos de lope Rou de Ribeira senhor dos estados de Ribeira na limia, e de sua mulher D. elvira Ponce filha do Conde D. Pedro Ponce e da infanta D. Aldonça Affonsso, filha del Rei Dom Affonso de Leão, e de

D. Aldonça da Silva, filha de Martim gomes da Silva e de sua mulher D. Urraca Vello filha de D. Rodrigo ferreira senhor de Cabreira, e Ribeira, e de D. elvira Ponce.

e Decimos seistos netos de D. Rodrigo Rodrigues de Ribeira senhor da caza da limia e estados de Ribeira cavaleiro na ordem de Santiago, e de sua mulher D. Tereza Gonçalves.

e Decimos cetimos netos de Ramiro Rodrigues de Ribeira senhor dos estados de Ribeira na limia, e de sua mulher D. Mayor: e Decimos oitavos netos de Fernão Roiz de Ribeira senhor desta caza, e Torre, e de sua mulher D. Sancha Ramires, filha do Conde D. Rodrigo Mores. filho de Ramiro Mores, Irmão de D. Telis de gusmão pay do glorioso são Domingos.

e decimos nonos netos de Rodrigo Telis veloso senhor dos estados de Ribeira na limia cazado com filha do Conde D. Pedro vela.

Vigessimos netos de Pedro Rodrigues senhor dos estados de Ribeira na limia e de sua mulher D. Gusman; vigessimos primeiros netos do conde D. Fernando senhor dos estados de Ribeira na Limia e de sua mulher D. Elvira irmã do Conde D. Pedro vela: e vigessimos secundos netos do Conde D. Rodrigo Veloso, e de sua mulher D. Aldara Paes senhora dos estados e solar de Ribeira da Limia, filha do conde Adoyno, e da condeça D. gontroda Irma de D. Aldora, que cazou com o Conde D. guiterres pais do glorioso S. Rosendo, e tambem irmã de D. Tereza que cazou com Hahufro Hahufes pay de Santa Senhorinha de Bastos de que vem os Sousas; filha do conde D. ero embege e Rico Homem e de sua mulher D. Adosinda, filha do Conde D. Affonsso Romanes fundador do convento de Santa Maria de Ribeira da ordem de S. Bento e de sua mulher D. Gontina de Ribeira, e filho do conde D. Mendo do sangue dos godos e de sua molher D Joanna Romanes Senhora de Trastamara e filha do Conde D. Roman irmão elegitimo del Rey D. Affonso Casto de Leão; e vigessimos terceiros netos do Infante D. Veloso e de D. Moninha, filha del Rey D. Ramiro.

Não hera necessario passar de aqui e o referido tras o mais moderno autor Pheliphe de la gandera de fol. 83 athe 349 e citam-se autores, e afirma como esta familia uzou do soberano nome de Flavios [Alavios?]».

§. 2º

Este parágrafo trata largamente da «decendencia da Senhora D. Angelica Violante de Moura Coutinho e Almeida mulher de Balthazor de Sousa Colmieyro Telles Tavora», que foi natural da vila de Esgueira onde nasceu em 1720 e faleceu a 21 de Abril de 1743; mas como não nos interessa, por

ser estranha ao distrito de Bragança, único que temos em vista estudar, não damos aqui a sua cópia.

§. 3º

Trata da «descendencia da Senhora D. Angelica Maria de Sousa Teles Tavora mulher de Antonio Colmieyro de Moraes pai de Balthezar de Sousa Colmieyro Telles Tavara», que era natural de Lisboa, descendente dos morgados de Vilar de Perdizes, junto a Chaves.

Trata também largamente da sua descendência na qual figura como seu sétimo avô Martim Gonçalves de Macedo «o que com heroico valor na batalha de Aljubarrota matou a Álvaro Gonçalves de Sandoval fidalgo castilhano de grandes forças, que havia tomado a massa da mão del Rey D. João o Iº a quem livrou da morte, e fes recobrar a massa comque el Rey lhe fez merce das Aldeyas de Algosello e pindello, que forão de Martim Affonsso de Seixas, e o fes alcaide mor de Outeiro por doação de 27 de Maio de 1391, e lhe deu as portages de Bragança e direitos de Outeiro e o acrescentou do foro de escudeiro a seu vassalo, consta ter a dita Alcaidaria mor no anno de 1446 do treslado de hua centensa que contra Ruy Martins cavaleiro e senhor da Aldeya de sanceriz, alcançarão os moradores da mesma Aldeya em 2 de Março de 1306 pella qual el Rey D. Diniz os desobriga de darem serviço ao dito Ruy Martins».

§. 4º

«Decendencia da Senhora D. Maria de Sá da Silva natural da quinta de Riassós, freguezia de São Facundo da villa de Vinhaes primeira mulher de Francisco Colmieiro de Moraes, fidalgo da Casa de Sua Magestade de que se tratou no § 1º avó de Balthezar de Sousa Colmieiro Telles Tavora, foi filha a dita senhora de Cristovão da Silva chamado o *Africano* capitam mór de Vinhaes cavaleiro na Ordem de Santiago, morador na sua quinta de Riassós – [à margem há uma nota que diz: «Christovão da Silva de Moraes jaz na capella de S. Facundo em Vinhaes e está sepultado ao pé do altar-mór tendo o seguinte epitaphio – *Sepultura de Christovão da Silva de Moraes de Riassós* – não tem brazão»] e de sua mulher D. Perpetua de Sá natural de Castanheira termo de Monforte de Rio Livre; e neta de Antonio de Morais natural de Vinhais, e de D. Maria da Silva, filha de Manuel da Silva Barrocas de Provezende e de sua mulher D. Leonor de Castro filha de Gonçalo vas do Castro alcaide mór de Melgaço; e 2ª neta de Henrique de Morais e de sua mulher e prima D. Catherina de Morais

filha de Gonçalo de Morais, e de sua mulher D. Briolanja de Sousa, filha de João de Sousa alcaide-mór de Bragança.

e 3ª neta de Pedro de Morais e Guiomar Gomes; e 4ª neta de Ruy de Morais natural de Bragança e de sua mulher D. Guiomar Gomes; e 5ª neta de Gonçalo de Morais e de sua mulher D. Ignez Rodrigues de Valcarce filha de João Rodrigues de Valcarce, terceiro neto [de] Garcia Rodrigues de Valcarce adiantado do reino de Galiza; e foi 6ª neta de Ruy Gonçalves de Morais e de sua mulher D. Maria de Sousa; e 7ª neta de João Ferreira de Morais, irmão de João Affonso Pimentel 1º conde de Benavente que foi senhor de Bragança e Vinhais, e casado com D Joanna Telles de Menezes irmã da Rainha D. Leonor de Portugal mulher del Rey D. Fernando, de que decendem os marquezes do vilar e viana e Tavora e os milhores de espanha e Princepes da Europa como tras Haro e o Conde D. Pedro e moderno gandera fol. 159; e foi oitavo neto de Rodrigo Affonsso Pimentel Commendador-mór da ordem de Santiago, e de sua mulher D. Lourença da Fonceca filha de Lourenço vasques da Fonceca Senhor de Nogales e de D. Sancha vasques de Moura decima neta del-Rey D. Fernando o Magno; 11ª del Rey Dom Ordonho o Iº de Leão, 13 neta del Rey D. Ramiro o 2º e 11 del Rey D. Fruela; e foi nona neta de João Affonso Pimentel, 1º no nome, e de sua mulher D. Constança Rodrigues de Moraes, filha de Ruy Martins de Moraes alcaide-mór de Bragança, e de sua mulher D. Alda Gonçalves de Moreira; e foi 10ª neta de Affonsso vasques Pimentel 3º no nome irmão de D. Urraca vasques Pimentel mulher do conde D. Gonçalo Pereira dos quaes procedem todos os Princepes cristãos, e de sua mulher Sancha Ferreira Britello; e foi 11ª neta de vasco Martins Pimentel meirinho mór deste Reyno, em tempo del Rey D. Affonsso o 3º de quem foi muito valido, e de sua mulher D. Maria Annes de Fornellos; e foi neta de Martim Fernandes Pimentel que se achou na tomada de Sevilha anno de 1248 e foi senhor de honrra de Novais no julgado de vermuim e de sua mulher D. Sancha Martins de Riba de vizela;

e foi 13ª neta de Fernande vasques de Novaes 3º no nome Senhor da honrra de Novaes e de sua mulher D. Alda Martins Pimentel; e foi 14ª neta de Vasco Fernandes de Novaes, que se achou na tomada de Lixboa anno de 1147 senhor da honrra de Novaes, e de sua mulher D. Ignez gomes; e foi 15ª neta de Fernando Affonso de Novaes primeiro no nome, fundador neste Reyno da honrra de Novaes, e de sua mulher D. Tereza viegas filha do grande Egas moniz; e foi 16ª neta de Affonso Fernandes de Novaes 2º de nome senhor da terra, Fortaleza, e caza de Novais no Reyno de Galiza donde vey para este Reyno em companhia do Conde D. Henrique, e de sua mulher D. Maria Rodrigues da Ilustre caza de Diedema.

e foi 17ª neta de Fernando Rodrigues e de sua mulher Fornilde Senhora

da Torre Fortaleza e casa de Novaes, decendente de Cayo Carpio regulo da Maya; e foi 18ª neta do conde D. Rodrigo Affonsso, e da condesa D. gonia; e foi 19ª neta do conde D. Affonsso donhes, e da condeça D. Justa; e foi 20ª neta do Infante D. Ordonho chamado o cego, e da Infante D. Cristina filha del Rey D. Bermudo, o 2º e foi 21ª neta del Rey D. Fruella 2º no nome, e da Rainha D. Ximena filha del Rey D. Sancho garces de Navarra.

foi finalmente a Senhora D. Maria de Sá da Silva de que se trata neta de Antonio de Sá natural do lugar de Santa Cruz de Monforte e de sua mulher D. Phelipa Carneiro da villa de Chaves filha de Antonio Carneiro da mesma e de sua mulher D. Maria de Moraes Pimentel, filha de Aleixo de Moraes Pimentel comendador na ordem de Christo e Padroeiro da Capella de S. Francisco de Bragança, e de sua mulher D. Izabel Gomes de Macedo filha de Ruy Gomes mascarenhas comendador de S. Miguel de Abambres, e de sua mulher D. Anna de Macedo, filha de João de Macedo Alcaide mór de Outeiro e da Bemposta e capitão general nas guerras, que se moverão entre el Rev D. Affonso 5º de Portugal, e D. Fernando o *Catolico,* e de sua mulher D. Branca de Souza filha de João de Souza Alcaide mór de Bragança de cujo tronco de Macedos se tratou no § 3 e foi tambem o dito João de Macedo, muito estimado del Rey D. João o 2º e o que lhe deo a dita alcaidaria mór de outteiro e a largou a el Rey D. Manuel para a dar o Duque de Bragança e em satisfação recebeo 30:214 de tença em Lixboa Livro 4º dos misticos fol. 56 a 2 de agosto de 1438 e el Rey D. Manuel lhe mandou passar seu brazão de Armas em Lixboa a 15 de Abril de 1518 [aqui há uma entrelinha em caligrafia moderna que diz: «Vide Archivo Heraldico-Genealogico nº 1200 pag. 301»] como se vê no Livro dos misticos fol. 19 parte 1ª pag 137 donde consta ser chefe dos Macedos e foi filho de Gonçalo de Macedo e neto de Fernão esteves de Macedo, e 2º neto de estevão Anes de Macedo, e 3º neto de Ruy Gonçalves de Macedo, e 4º neto de Gonçalo Rodrigues de Macedo o primeiro em quem se emfia a geração de Macedos como fica dito no § 3.

e foi 2ª neta a dita Senhora D. Maria de Sá da Silva de que se trata de Aleixo Gonçalves Soares governador de Monforte e de sua mulher D. Perpetua de Sá; e 3ª neta de Gonçalo Ayres de Sá que vivia em Alfandega da Fé, e de sua mulher D. Maria Teixeira dos Senhores da Teixeira, e 4ª neta de Francisco Ferreira de Sá fidalgo honrrado comendador de Lamas e de sua mulher D. Paulina de guimarais, filha de Martinho de guimarais Comendador de São Cosme de garfe, e senhor do couto e Castello de Tabariz; e foi 5ª neta de Lopo Ferreira e de D. Violanta de Sá. filha de João Rodrigues de Sá senhor de Matozinhos Alcaide mór do Porto Senhor de Sever è Payva, camareiro mór del Rey D. João o 1º e de D. Izabel Pacheco.

e foi 6ª neta de Ayres Ferreira 6º senhor do cazal de Cavaleiros Alcaide mór de Trancoso e de D. Genebra Pereira filha de Vasco Pires de Sampayo

Senhor de Villa Flor, e de D. Maria Pereira 1º filha de Alvaro Pereira 2º mariscal de Portugal senhor da terra de Santa Maria, e progenitor da caza da feira e de D. Mecia vasques Pimentel filha de Vasco Martins Pimentel, e foi 7ª neta de gomes Ferreira senhor do cazal de Cavaleiros, e de sua mulher D. Izabel Pereira filha de Martim ferreira de Lacerda senhor do Sardoal, e de D. Violante Alves Pereira irmã do condestavel D. Nuno Alves Pereira que he progenitor dos senhores Reys de Portugal e de todos os mais Princepes da Europa, e neta de D. Affonsso Fernandes de Lacerda, que era neto de D. Affonsso, que se intitulou Rey de Castella, e de sua mulher D. Luiza de Meneses.

e foi 8ª neta de Martim Ferreira 4º senhor do cazal de Cavaleiros, e de D. Violante da Cunha, filha de Fernando Affonsso correa senhor de Farelais, e de sua mulher D. Leonor Annes da Cunha filha de Fernando da Cunha; e aquelle de Affonso correa senhor de Farelais, Alcaide mór de Abrantes e de D. Berengueira Annes filha de Ruy Pereira capitam mór do mar. e foi 9ª neta de Gomes Martins Ferreira senhor do cazal de Cavaleiros; e 10ª neta de Martim Ferreira senhor do cazal de Cavaleiros, e de D. Brites Annes de Sandim, filha de João Ferreira de Sandim, e de D. Leonor Rodrigues de Alvelos, neta de Rodrigo de Alvelos que foi neto de D. Martim Moniz, que morreu na tomada do castello de Lixboa e de D. Mafalda Affonso, filha de Affonsso Martins Mocha neto do conde D. Mendo, o *Souzão;* e foi 11 neta de estevão Ferreira senhor do cazal de Cavaleiros, e de D. Mayor Martins filha herdeira de Martim Annes Farisco senhor de Terroso Ayra, Cebros, e Porto carreiro, e de sua 2ª mulher D. Joanna Nunes.

e foi 12ª neta de Pedro Ferreira neto de Estevão Pires Ferreira e de D. Catherina Esteves Borges, filha de estevão Annes Borges, e neta de João Rodrigues Borges senhor da terra de Alvaro, e de Catherina lopes, que jas em São Domingos de Santarem com o titulo de muito virtuosa; e foi 13 neta de Pedro Ferreira senhor da villa de Ferreira de Aves, e de Maria Vaz; e foi 14ª neta de D. Fernando Alvres de Ferreira Rico Homem de Portugal; e foi 15ª neta de D. Alvaro Rodrigues de Ferreira senhor de Maciela Rico Homem, e meirinho mór.

Tambem foi 4ª neta a dita D. Maria de Sá da Silva de que se trata de João de Sousa alcaide mór de Bragança, como fica dito neste § e de sua mulher D. Constança Gil filha de Gil Annes Colmieyro, e neta de Alvarianes Colmieyro de Souza, do senhor da villa de frieiras em o Reino de galiza e de sua mulher D. Izabel Pires Leite, filha de Pedro esteves da Roda senhor do morgado de Santa Catherina na villa de Chaves de que tomou posse no anno de 1405 e de sua 2ª mulher Betaça Affonsso Leite. e neta de Estevão Rodrigues de Chaves; e 3ª neta de Rodrigo esteves de Chaves e 3ª neta de Estevão Rodrigues de Chaves que acrecentou o dito morgado com

a aldeia de Santa cruz de que era senhor e foi irmão de Lourenço Pires de Chaves primeiro instituidor do dito morgado anno de 1249 Reinando el Rey D. Affonso o 3º e 4ª neta de Pedro Esteves de Chaves senhor da Aboboleira e Santa Cruz; e 5ª neta de estevão Rodrigues de Chaves senhor das referidas Aldeyas, que vivia no anno de 1200.

e 6ª neta de Ruy Lopes de Chaves, que foi o primeiro que tomou o apelido de Chaves, em memoria de elle e seu Irmão garcia lopes, terem tomado aos mouros a villa de Chaves no anno de 1160 ficando herdado nas referidas Aldeyas.

§ 5º

Decendencia da Senhora D. Catherina de Valcarcer Bisavo de Balthezar de Sousa Colmieyro Telles Tavora § 1º.

foi a dita Senhora cazada com Francisco Colmieyro de Moraes, e filha de Fagundo de Moraes, cavalleiro na Ordem de Christo e de sua mulher D. Joanna de Castro, filha de Gonçalo Vas de Castro fidalgo honrrado Alcaide mór de Melgaço e de sua mulher e subrinha D. Anna Vas. e foi neta a dita D. Catherina de Valcarcer de que se trata de Rodrigo de Moraes natural de Vinhais, e de sua mulher D. elena de Gois, filha de Fernão de gois da Ilustre caza de Maceda em Galiza. e foi 2ª neta de Ruy de Moraes natural de Bragança e de sua mulher D. guiomar gomes; e 3ª neta de Gonçallo de Moraes e de D. Ignez Rodrigues de Valcarcer; e foi 4ª neta de Ruy Gonçalves de Moraes, e de sua mulher D. Maria de Souza; e foi 5ª neta de João Fernandes de Moraes, irmão de João Affonso Pimentel senhor de Bragança e Vinhaes 1º conde de Benevente em Castela de que se tratou no § 4º ambos filhos de Rodrigo Affonso Pimentel comendador mór da ordem de Santiago, e de sua mulher D. Lourença da Fonseca filha de Lourenço Vasques da Fonseca senhor de Nogales, como fica dito.

§. 6º

Decendencia da Senhora D. Maria de Moraes mulher de Francisco Colmieyro, que passou para este Reino do de galiza de que se trata no § 1º 3º avo de Balthezar de Sousa Colmieyro Telles Tavora.

foi filha de Domingos Serrão de Moraes Padroeiro do Capitulo de S. Francisco de Bragança e de sua mulher Dominges de Moraes tambem padroeyra do mesmo capitulo, aquelle filho de João Serrão fidalgo honrrado, que veyo de Alemtejo acoutar-se a Bragança, e nella cazou com D. Maria de Moraes; e esta dita Domingas de Moraes filha de Francisco de

Moraes o meya lingua padroeiro do capitolo de S. Francisco e de sua 1ª mulher D. Ignez Rodrigues, filha de Francisco Rodrigues de Morais, e de sua mulher Domingas de Moraes filha de João Affonso de Moraes; e foi 2ª neta a dita Dona Maria de Moraes de Pedro Alvres de Moraes Pimentel comendador na Ordem de Christo, e padroeiro do dito capitolo e de sua mulher D. Maria Pinto Pereira filha de Gonçalo Vas guedes (progenitor dos Senhores de felgueiras, vieira e Fermedo por varonia) dos guedes senhores de Murça, (pais que tambem forão de Nuno Alves Pereira secretario de estado em Castella, cazado com D. Izabel de Mariz naturais de Bragança) de que procedem os condes de S. Miguel;

e foi 3ª neta a dita D. Maria de Moraes, de Alvaro gil de Moraes Pimentel, e de sua mulher D. Izabel de Valcarcer filha de Joso Rodrigues de Valcarcer, 3º neto de garcia Rodrigues de Valcarcer adiantado do Reyno de galiza; e foi 4ª neta de gil Affonsso Pimentel e de sua mulher D. Leonor de Moraes filha unica e herdeira.

e foi 5ª neta de gonçalo Rodrigues de Moraes, vassalo del Rey, e procurador de cortes anno 1439, cazou com D. Maria de Sousa filha de Pedro de Souza de Alvim Alcaide mor de Bragança; e foi 6ª neta de Rodrigo de Moraes e de sua mulher D. Leonor de Moraes de Tavora, filha de Luiz Madureira e de D. Catherina de Moraes de Tavora, que era neta de Pedro Lourenço de Tavora reposteiro mor del Rey D. João o 1º e o dito Luiz de Madureira filho de Gonçalo vas do Rego Alcaide mor do Vemioso, e de Izabel Mendes que decendia dos Senhores da dita villa; e foi neta a dita Maria de Moraes, de que se trata de Gonçalo Rodrigues de Moraes, e de sua mulher D. Genebra de Macedo Irmã de Martim gonçalves de Macedo celebre na batalha de Aljubarrota de que se tratou no §. 3º e foi 8ª neta de Martim Gonçalves de Moraes senhor de muitas terras, e de sua mulher D. Lourença Pires de Tavora filha de pero Lourenço Pires de Tavora, e de D. Guiomar Rodrigues de gures, de quem fala o Conde D. Pedro titulo 66 e de que se tratou no §. 3º.

e foi 9ª neta de gonçalo Rodrigues de Moraes senhor de Moraes, Vinhais, e Lagoa e de sua mulher D. Estefania Soares, (pais que tambem forão de D. Alda Gonçalves de Moraes, a que el Rey D. Fernando, deu as colheitas de Lamego e do senhorio de Samudais, casada com Lourenço Pires de Tavora progenitor desta Ilustrissima casa como fica dito no §. 3º (737)).

e foi 10ª neta de Ruy Martins de Morais senhor das mesmas terras alcaide mor de Bragança, e de sua 2ª mulher D. Urraca Gonçalves de Lei-

(737) D. Maria Venância da Conceição Pereira da Serra, solteira, de Vinhais, faleceu a 5 de Junho de 1830, deixando a filha Regina Emília de Jesus, «que por fragilidade humana ouve do reverendo António Domingues Salgado, abade falecido de Vilar de Ossos». Donde se vê que ainda neste tempo havia o apelido Serra em Vinhais.

ria de que fala o Conde D. Pedro titolo 48. §. 1º e foi 11ª neta de Martim Gonçalves de Moraes senhor de Morais, vinhais, e lagoa, que viveu em tempo del Rey D. Sancho Capello, e el Rey D. Affonsso e cazou com D. elvira Pires; e foi 12ª neta de gonçalo Rodrigues de Morais, o primeiro que passou para este Reyno, e nelle povoou os lugares de Moraes e Lagoa asestindo em Bragança donde cazou com D. Constança Soares filha de Soeiro Dias, e de D. Sancha Pires, o que consta por escritura feita no anno de 1210, e era viva no de 1217 por outra escritura, e foi o que deu ao Patriarcha S. Francisco no anno de 1214 a ermida de Santa Catherina, quando fundou na cidade de Bragança, ficando padroeiro do capitolo do dito convento e o que deu nome ao lugar de Morais solar desta familia; e foi neto o dito gonçalo Rodrigues de Morais do conde D. garcia garces da Aza, e de sua mulher D. Leonor Fortuna como lhe chama Salazar nas suas *dignidades seculares de castella e leão* a fol. 139 coluna 2ª e diz que era filha de Fortum Lopes senhor de Soria da familia dos Moraes, e de sua mulher D. Elvira Pires de Fuente Almaxi filha de Pedro Olunes do solar de Fuente Almaxi Principe de Osma e senhor de muitos lugares; e foi 2º neto o dito gonçalo Rodrigues de Moraes do conde D. Garcia senhor de Aza Ayo do Infante D. Sancho com o qual morreu na batalha de Velas anno de 1100; e foi 3º neto do Conde D. Garcia de Naxara e de sua mulher a infante D. Elvira, filha del Rey D. Fernando de Castella e Leão, e 4º neto do Conde D. Garcia de Aza; e 5º neto de D. Fernando Gonçalves de Aza Senhor de Aza; e 6º neto do conde D. Gonçalo Ferreira senhor de Aza; e 7º neto do conde de Castella Fernão Gonçalves cazado com D. Sancha filha de D. Sancho Abarca Rey de Navarra;

e foi o dito conde Fernão Gonçalves soberano de Castella neto de D. Nuno Belchides, irmão do famoso Roldão, filhos ambos de Milom conde de Anglaris e Brava, e de sua mulher Berta irmã do emperador Carlos Magno como tras Rodrigo Mendes Silva no Catalogo Real de espanha a fol. 65 e sua may D. Sulla bella era filha de D. Diogo Porcelos que povoou a cidade de Burgos, que era filho do conde D. Rodrigo Froles, irmão de D. Bermurdo o Diacono Rey 8º de Asturias e filhos ambos de D. Fruela Duque de Cantabria, irmão de D. Affonso o Católico, Rey das esturias, como tras Alvaro Ferreira de vera nas notas ao conde D. Pedro Plana 1ª e 5ª.

He solar desta familia de Moraes o lugar de Moraes no destrito da cidade de Bragança e nelle se conserva hum citio com nome de Torre, e se tem achado vestigios, e alicerces que mostrão ser edificio grande e os moradores desta aldea tem por tradição, que naquelle citio da Torre vivião os Senhores deste solar, e mostram hum campo plano, que chamão Corredoura, aonde exercitavão os cavallos.

Em alguas memorias se diz que Estevão Pires de Moral foi o primeiro

deste apelido, que pellos annos de 1107 sendo Alcaide de hua Torre chamada del Moral, que estava junto da antiga Soria a defendeu coatro mezes de hum rigoroso citio posto pelo Rey mouro de Toledo, de que lhe resultou o cognomento da Torre, e mandando D. Affonso Iº de Aragão povoar Soria pellos annos de 1119 por doze linhagens de fidalgos, hua e a principal dellas foi a de Moraes, que pretendem trazer sua acendencia do conde gonçalo Fernandes como fica dito atraz.

De cujos troncos tem os filhos de Balthezar de Souza Colmieyro Telles Tavora de que se trata vinte e oito linhas Reais, e estas repetidas pellos cazamentos segundo a variedade dos escritores, de tanto credito apontados, e outros mais; que se não apontão e documentos, brazois, Alvaras, e patentes».

Seguem agora no manuscrito dezoito fólios, sem numeração, com as árvores de geração das famílias apontadas no texto atrás transcrito. Não as copiamos também por nada acrescentarem a estas notícias.

1º Baltasar de Sousa Colmieiro de Teles Távora, presumível autor do manuscrito que acabamos de transcrever, nasceu em Bragança (freguesia de S. João, hoje Sé) a 30 de Abril de 1693 e foi baptizado pelo licenciado Francisco de Morais Doutel, sendo padrinhos o doutor Lopo de Mariz Carneiro e D. Joana de Sousa, sua mulher.

Foi capitão do regimento de Dragões da Beira Baixa, comissário da Mesa da Consciência e Ordens, fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na ordem de Cristo com setenta mil réis de tença, familiar do Santo Ofício em 1729, residindo então ainda em Bragança, e era um linhagista apreciável.

Casou em 1738, na casa de Santa Cruz de Esgueira, subúrbio de Aveiro, com D. Angélica Violante de Moura Coutinho, que nasceu em 1720 e faleceu a 31 de Abril de 1743, filha e herdeira de Tomé de Moura Coutinho de Almeida de Eça, senhor dos morgados de Nossa Senhora da Lapa, em Condeixa, da Conceição e Perrais, do prazo de Alaguela, no reguengo da vila de Eixo, e da capela de Alquerubim, e de D. Josefa Jacinta Pacheco Cardoso Soares de Castelo Branco, filha do capitão Bento Pacheco Soares, a quem foi passado brasão de armas em 26 de Outubro de 1688.

Descendência:

2º Manuel Maria da Rocha Colmieiro, brigadeiro, que casou com D. Maria Emília Leite Pereira de Barredo.

Descendência:

3º D. Antónia Jesuína da Rocha Colmieiro, filha única, que casou em Esgueira com o doutor João de Moura Coutinho de Almeida de Eça, seu primo, doutorado em capelo na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 12 de Fevereiro de 1843.

Descendência:

4º D. Antónia da Rocha Colmieiro de Moura Coutinho, que casou com seu primo Álvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, bacharel em direito, professor do liceu de Aveiro, filho do conselheiro Bento Fortunato de Moura Coutinho de Almeida de Eça, general de divisão, engenheiro inspector geral de obras públicas e juiz do Supremo Tribunal Administrativo, falecido em 1906 (738).

5º Francisco de Morais Colmieiro, pároco da Moimenta, concelho de Vinhais, faleceu nas Arcas, concelho de Macedo de Cavaleiros, a 31 de Maio de 1677.

6º Gaspar Colmieiro foi nomeado, pelo bispo D. Toríbio Lopes, distribuidor do Auditório Eclesiástico da Sé de Miranda do Douro em 1547.

7º Afonso de Morais Colmieiro foi cónego em Miranda do Douro, como se verifica pela respectiva *Lista* que adiante publicaremos.

8º Francisco de Moura Coutinho e Paiva Cardoso de Almeida de Eça, erudito genealogista, director da agência do Banco de Portugal em Bragança até 18 de Julho de 1917, data em que foi desempenhar idêntico cargo para Santarém e depois para Viseu, onde agora se encontra, conta entre os seus ascendentes a Baltasar de Sousa Colmieiro.

Nasceu em Estarreja distrito de Aveiro, a 4 de Outubro de 1869.

É filho de José Maria Cardoso de Lima, nascido em Coimbra a 9 de Junho de 1838 e falecido em 1881 nas Caldas da Rainha, onde era juiz de direito, e de D. Maria Francisca de Moura Coutinho e Paiva Cardoso, nascida no Porto a 8 de Julho de 1842.

Neto paterno de António José Cardoso, de Guimarães, cavaleiro da ordem de Cristo, abastado proprietário em Coimbra, onde exerceu importantes cargos públicos, e de D. Antónia Albina de Paiva e Lima Cardoso.

Neto materno de Francisco de Moura Coutinho de Almeida de Eça, antigo oficial de D. Miguel, fidalgo da Casa Real, e de D. Inês Francisca de Solho Paiva de Sousa e Brito.

(738) D. António Caetano de Sousa na *História Genealógica da Casa Real Portuguesa,* tomo VIII, p. 18, dá Baltasar de Sousa Colmieiro como nascido em Vinhais, mas enganou-se, pois nasceu em Bragança, como fica dito acima.

De José Cardoso Borges, *Descrição Topográfica da Cidade de Bragança,* notícia XII, *Dos morgados,* § 28, fólio 320 (mihi), copiamos a seguinte genealogia, que embora seja da mesma família Colmieiro, lhe acrescenta novas notícias:

«1º Morgado que instituiu em 1532 FRANCISCO COLMIEIRO, fidalgo galego, que passou para este reino e cazou em Bragança com D. Maria de Morais, filha de Domingos Serrão de Morais e de Ignez de Morais. Tem capela de S. Vicente na Vila de Vinhais, onde tem parte das fazendas deste morgado e as casas principais em Bragança, onde vivem, sucedeu seu filho:

2º FRANCISCO COLMIEIRO DE MORAIS, do habito de Santiago, que cazou com D. Catarina de Valcacer, filha de Fagundo de Morais, da vila de Vinhais e de D. Joana de Castro, filha de Gonçalo Vaz de Castro, alcaide mór de Melgaço; e sucedeu seu filho:

3º FRANCISCO COLMIEIRO DE MORAIS, fidalgo da casa real, do habito de Cristo, cazou com D. Maria de Sá da Silva, filha de Cristovão da Silva, da vila de Vinhais e de sua mulher segunda D. Perpetua de Sá. Cristovão da Silva era filho de Antonio de Morais e de Maria da Silva; neto de Henrique de Morais e de Catarina de Morais, filha de Gonçalo de Morais e de D. Brialonja de Sousa, filha de João de Sousa, alcaide mór de Bragança; teve

I. *Antonio Colmieiro de Morais,* que segue.

II. *D. Maria de Castro Colmieiro,* que cazou com Sebastião da Veiga Cabral, mestre de campo general, governador das armas da provincia de Tras-os-Montes e teve deste matrimonio:

III. *João da Veiga Cabral,* mestre de campo de infantaria auxiliar, que cazou em Vila Real com D. Tereza.....

IV. *D. Maria da Conceição,* freira no mosteiro de Santa Escolastica.

Casou segunda vez Francisco Colmieiro de Morais com D. Maria de Sousa, filha de Alexandre de Sousa Pereira e de D. Angelica da Costa Veloso, morgados de Vilar de Perdizes, de que não teve filhos, mas acrescentaram o morgado, como tambem o fez seu irmão Afonso de Morais Colmieiro, chantre da Sé de Miranda; e sucedeu:

4º ANTONIO COLMIEIRO DE MORAIS, fidalgo da casa real, cavaleiro do habito de Cristo, que cazou com D. Angelica Maria de Sousa Teles e Tavora, filha de Baltesar de Souza Pereira, do habito de Cristo, fidalgo da casa real, governador do Maranhão e ultimamente da fortaleza de Santo Antonio da Barra, que era irmão de D. Maria de Sousa, acima nº 3 e de sua mulher D. Maria Madalena Teles Tavora, filha de Manuel Teles de Tavora, da cidade de Lisboa, que teve governo na India e de D. Maria de

Sousa, irmã do secretario de estado Antonio de Sousa de Macedo; e Manuel Teles de Tavora, filho de Diogo Ortiz de Tavora e de D. Margarida de Brito, filha do senhor de Sançariz e neto de Fernando Ortiz de Vilhegas, porteiro mór do infante, cardeal D. Afonso, cavaleiro castelhano, que passou para este reino com seu tio D. Diogo Ortiz, que foi bispo de Vizeu. Teve:

I. *Francisco Colmieiro de Morais,* cavaleiro do habito de Cristo. S. g.

II. *Antonio Colmieiro de Morais,* que segue.

III. *Francisco Xavier de Morais Colmieiro,* casado com D. Joana Maria Batista.

IV. *Baltazar de Sousa Colmieiro,* todos com o foro de seu pai e filhas freiras.

5º ANTONIO COLMIEIRO DE MORAIS, fidalgo da casa real, cazou com D. Joana Tereza de Mesquita e Sousa, filha de João Ribeiro de Sousa, do habito de Avis e de D. Maria de Castro, da vila de S. João da Pesqueira. Teve:

I. *João Antonio de Morais Colmieiro,* com o foro de seu pai, casou com D. Maria Caetana de Arrabida, filha de Antonio Cardoso de Vasconcelos, morgado de... e tem:

II. *Miguel Carlos de Morais Colmieiro.*

III. *D. Mariana,* mulher de Francisco Inacio Borges Rebelo, morgado do Corpo Santo». (Ver *Quintela de Lampaças,* pág. 389).

MIGUEL CARLOS DE SOUSA COLMIEIRO TELES DE TÁVORA, filho de Baltasar de Sousa Colmieiro Teles de Távora, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da ordem de Cristo, senhor das casas e morgadio de S. Vicente e de S. Francisco Xavier, tenente de cavalaria de Bragança, casou em Vila Real com sua prima D. Maria Joaquina da Veiga Cabral, filha de José Maria da Veiga Cabral, fidalgo da Casa Real, e de D. Francisca Xavier de Mesquita e Castro.

Descendência:

José Colmieiro de Morais Teles e Távora, que em 1777 vivia ainda solteiro (739).

ANTÓNIO DE MORAIS FERREIRA, natural de Vinhais, cavaleiro professo na ordem de Cristo, filho de João de Morais Colmieiro.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 7 de Dezembro de 1722 (740).

(739) PINTO, Bento – *Caderno de Árvores de Costado.*

(740) Livro 14, das *Mercê de El Rei D. João V,* fol. 274 (tem a íntegra) in *Dicionário Aristocrático.*

António Xavier de Morais Colmieiro, natural de Vinhais, filho de Francisco Xavier Colmieiro, fidalgo da Casa Real.

Neto de António Colmieiro de Morais.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 28 de Novembro de 1752 (741).

Família Colmieiro de Morais da Veiga Cabral Caldeirão

1º José osório Colmieiro de Morais da Veiga Cabral Caldeirão, primeiro Barão de Paúlos, comendador da Ordem de Cristo, sexto senhor do morgadio de S. Vicente de Vinhais, em que sucedeu a seus pais, décimo primeiro senhor do de Souto de Penedono, décimo de Ferreirim e décimo primeiro do prazo de Paúlos, que herdou de seu tio materno Francisco Osório da Veiga Cabral Caldeirão.

Nasceu em Vinhais, a 20 de Novembro de 1765.

Era filho de Miguel Carlos Cardoso de Sousa de Morais Colmieiro, quinto senhor do morgadio de S. Vicente, em que sucedeu a seu pai, fidalgo da Casa Real, tenente de cavalaria de Chaves, que nasceu em 1745 e faleceu em 1793, tendo casado em 29 de Junho de 1759 com D. Maria Joaquina Barbosa Cabral e Castro, primeira filha de José Maria da Veiga Cabral Caldeirão Barbosa Lobo, fidalgo da Casa Real, senhor dos morgadios de Souto de Penedono, de Ferreirim, e do prazo de Paúlos, e de D. Francisca Maria Xavier de Mesquita e Castro.

Casou com D. Francisca Antónia de Figueiredo Sarmento, que nasceu em 1770, filha de Sebastião Jorge de Figueiredo Sarmento, senhor da casa de Vila Boa de Arufe, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão de infantaria, e de D. Mariana de Gouveia de Vasconcelos.

Descendência:

2º António Colmieiro de Morais, segundo Barão de Paúlos, general do exército de D. Miguel, que teve um filho e duas filhas, aos quais deixou uma grande casa que seu genro Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, neto e representante do general Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, primeiro Marquês de Chaves e segundo Conde de Amarante, e bisneto do general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, primeiro Conde de Amarante, arruinou completamente por má administração (742).

(741) Livro 5, das *Mercês de El-Rei D. José,* fol. 125, in *Dicionário Aristocrático.*
(742) LEAL, Pinho – *O Portugal Antigo e Moderno,* artigo «Vinhais e lugares relativos».

Criação do título – BARÃO. Por decreto de 23 de Outubro de 1823.

Residência. Vila Real [743], desde que em 1827, pouco mais ou menos, o primeiro Barão de Paúlos herdou a grande casa aqui situada.

Família Costa Pessoa

1º JOSÉ DA COSTA PESSOA, que casou com D. Josefa de Morais Sarmento.

Descendência:

I. *Simão da Costa Pessoa* (2º, adiante citado).

II. *Manuel da Costa Pessoa* (3º, adiante citado).

2º SIMÃO DA COSTA PESSOA, primeiro Conde, primeiro Visconde e primeiro Barão de Vinhais.

Nasceu em Vinhais a 15 de Setembro de 1789.

Assentou praça em 1795, tendo cinco anos de idade. Alferes a 20 de Setembro de 1808, tenente a 3 de Março de 1812, capitão a 12 de Outubro de 1815, major a 6 de Agosto de 1832, tenente-coronel a 25 de Julho de 1834 e brigadeiro graduado por distinção a 8 de Agosto de 1837, pelos brilhantes feitos na acção de 21 de Julho desse ano junto a Armiñon, onde arrancou, por meio da mais brilhante carga, a vitória ao inimigo.

Cavaleiro da ordem militar de S. Bento de Avis por decreto de 19 de Março de 1833; Cavaleiro da Torre e Espada do Valor Lealdade e Mérito, pelos serviços prestados na acção de 18 de Agosto de 1833; elevado a Oficial da mesma ordem pelo denodo com que carregou o inimigo na acção dos dias 15 e 25 de Janeiro de 1834 entre Leiria e Torres Novas; Comendador de S. Bento de Avis, pelos bons serviços que prestou enquanto comandou a 8ª divisão militar; Comendador da Torre e Espada em reconhecimento da perícia com que concorreu para debelar a revolta que afligiu o país em 1844; cruz de 1ª classe da ordem de S. Fernando de Espanha pelos serviços prestados no comando das forças de cavalaria nº 6 da Divisão Auxiliar Portuguesa à Espanha, na acção de 28 de Julho de 1837, nas imediações de Zembrana; Grã-cruz de Isabel, a *Católica,* por decreto de 20 de Outubro de 1847 e cruz nº 2 da Guerra Peninsular.

(743) PINTO; SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal,* pag. 151. *Portugal: dicionário histórico,* artigo «Paúlos» [José Osório Colmieiro de Morais da Veiga Cabral Caldeirão (1º Barão de)].

O decreto que o promove, por distinção, a coronel, é do teor seguinte:

«Tendo-se feito digna da minha particular consideracão a maneira corajosa e distinta porque ultimamente se tem havido o tenente-coronel comandante de cavalaria Nº 10, Simão da Costa Pessoa, especialmente na acção do dia 30 de Janeiro do presente ano em que com o maior valor, carregando o inimigo que se achava formado em quadrado conseguiu rompelo e fazer prisioneira quási toda a sua força, pelo que mereceu a repetição dos louvores e recomendação do marechal do exercito, conde de Saldanha, chefe do meu estado maior imperial; e querendo dar-lhe testemunho da minha aprovação, por tão brilhantes feitos e relevantes serviços; hei por bem, em nome da rainha promover o sobredito tenente-coronel ao posto de coronel do regimento de cavalaria Nº 10.

Paço das Necessidades 6 de fevereiro de 1834» (744).

O autor que vamos seguindo apresenta o retrato do primeiro conde de Vinhais acompanhado das seguintes palavras: «a publicação do retrato do distinto oficial, que soube colher para o seu nome e para a sua patria os mais elevados triunfos, representa uma homenagem a um dos vultos mais brilhantes e a um dos oficiais mais bravos da nossa cavalaria» (745).

O combate ou acção do Alto do Viso, termo da freguesia de Nossa Senhora da Anunciação, a dois quilómetros de Setúbal, dado a 1 de Maio de 1847, entre o general conde de Vinhais, comandante das tropas da Rainha, e o visconde de Sá da Bandeira, das da Junta do Porto, é a demonstração completa das consequências trágicas resultantes da obstinação parva, incapaz de ver onde finda o brio heróico do dever cumprido e começa a teimosia asinina, revoltante e indigna de considerações. Sá da Bandeira que era um valente, um herói mesmo, mas sem qualidades de comando, sacrificou no Alto do Viso oitocentos homens, sem utilidade nenhuma, à sua *fanfarrice de tezura,* pois estava informado das negocia-

(744) *Ordem do Exército,* nº 172, de 8 de Fevereiro de 1834.
(745) SEPÚLVEDA, Cristóvão Aires de Magalhães – *História da Cavalaria Portuguesa,* tomo III, p. XXIX.
Pinheiro Chagas na *História de Portugal,* vol. VII, p. 621, publica a fotogravura do palácio dos condes de Vinhais.
Ver vol. XI, p. 116 e 118, da mesma obra, sobre a acção do conde de Vinhais nas lutas cabralistas ou da Maria da Fonte.

ções entaboladas com a Junta do Porto e até avisado pelo delegado inglês da intervenção da sua nação, com perda de todas as vantagens da vitória, se a conseguisse, e das da amnistia, em caso de desastre. E, no entanto, obstinou-se cegamente e lá derramou sobre a cabeça o sangue dessas oitocentas vítimas! E há escritores que lhe entretecem a lenda sobre acto tão dementado!

O conde de Vinhais, ou seja o *Vinhais,* como geralmente era conhecido, colheu no Alto do Viso mais um florão de glória para a sua coroa militar (746).

O conde de Vinhais fora batido em Abril de 1847 na ponte de Mirandela pelas forças do general Bernardino Coelho Soares de Moura, que o perseguiu até à raia da Galiza, onde teve de se internar com a sua gente (747); no entanto, a acção do Alto do Viso e a intervenção das potências estrangeiras deram o triunfo definitivo à causa da Rainha. Eis como uma testemunha ocular refere a acção:

«Dia 1 de Maio, de 1847, diz ela, as tropas do conde de Vinhais, que aderira ao partido da rainha, foram atacadas nos reductos que o Vinhais construira nas noites de 28 e 29 de Abril de 1847, nas imediações de Setúbal, no alto do Viso, nome porque ficou conhecido esta batalha, pelas forças insurgentes do comando do visconde de Sá da Bandeira, que desalojaram o Vinhais daqueles redutos, mas sendo um dos batalhões insurgentes carregado e roto por um esquadrão de cavalaria do Vinhais, a desordem se comunicou prontamente ao resto e eles foram obrigados a retirar para a vila de Setubal na maior confusão, onde o Vinhais os não perseguiu» (748).

Era tenente-general e governador das armas da província de Trás-os--Montes e da do Minho; fez a Guerra Peninsular e foi um dos sete mil e quinhentos bravos do Mindelo; comandou as forças do Algarve contra o célebre *Remexido,* que aprisionou.

---

(746) É grande relativamente a bibliografia referente a esta batalha que se encontra descrita em todas as suas minúcias no *Portugal Antigo e Moderno,* vol. XII, artigo *Viso,* p. 1904.
Ver BAPTISTA, António Maria – *Uma década da História Contemporânea – 1838 a 1848,* 1888.
CHAGAS, Pinheiro – *História de Portugal,* continuação, vol. XI, p. 211.
Duas Palavras ao autor do esboço histórico de José Estêvão ou refutação da parte respectiva nos acontecimentos de Setúbal em 1846 a 1847. Foi publicado em 1863.
(747) LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* artigo «Santos», freguesia da Beira Alta.
(748) Carta do coronel Wylde ao visconde de Palmerston, in *Intervenção Estrangeira ou Documentos Históricos sobre a intervenção armada de França, Hespanha e Inglaterra nos negócios internos de Portugal, no ano de 1847.* Porto, 1848, p. X e 272.

A revolução da *Maria da Fonte* tinha em vista derrubar o Governo de Costa Cabral, conde de Tomar, mas a adesão do conde de Vinhais ao partido cabralista veio dar o golpe decisivo na revolução chefiada pela Junta do Porto.

Casou com sua prima D. Maria Felicíssima de Morais Sarmento, herdeira de um morgadio que passou para seu sobrinho António Aníbal de Morais Campilho (ver adiante 3º, em *Família Morais Campilho)*, por não ter deixado descendência.

Faleceu em Braga a 30 de Setembro de 1848.

«A morte acaba de roubarnos mais um distincto general. O conde de Vinhaes falecido em Braga no 1 de outubro de 1848. O seu nome resume toda uma apologia. Cavalheiro distincto por seu esclarecido nascimento, ainda o foi mais pelos seus proprios feitos. Amigo, ninguem o sabia ser como elle: em galhardia não soffria q. o excedessem: em amor da patria – em devoção pela monarchia – nos ardentes e desinteressados votos pelo bem publico – nos zelos de q. nunca se desmentisou os principios politicos pelos quaes, constante pelejara; quem ha ahi que lhe pretendesse vantegem? A bravura resultante de uma nobre educação militar e congenita dos brios da boa fidalguia, se revelou sempre no conde. Nunca hesitou nos lances mais desesperados em arriscar a vida, para resgatar o irmão de armas, para desoprimir batalhões inteiros, quasi vencidos! e na victoria! poupou sempre vidas e fortunas; fes ainda mais acolheu os vencidos, e subtrahiu a sorte desastrosa, e mesmo encaminhou à liberdade, quem em momento de halucinação, pretendera attentar contra a existencia delle conde!

Varão de prendas tão singulares não podia ser esquecido nas occasiões de apura. Assim foi que quando depois de 1835 a guerra civil recrudesceu no Algarve o escolheram para lhe impor termo. A sua energia casando-se com a prudencia, e maior trato influiu toda a sua politica local e a coroou de felizes resultados.

Quando em 1846 rebentou a guerra civil, não duvidou erigir-se em pacificador da sua provincia natal encarregando-se dos agravos dos seus conterraneos para serem apreciados no q. valessem, serenando-lhes os animos e esclarecendo-lhes os espiritos, declarando-lhes q. faria respeitar as prerogativas da coroa. Em 1847 extincta a luta civil, durante a qual o conde fulgurou em relevantissimos serviços foi nomeado governador militar da provincia do Minho. Onde deixou geraes sympatias – Familiar, affavel e polido, ninguem o conheceu q. o não estimasse.

Era bemquisto no exercito e teve toda a influencia nos soldados aos quaes dizia elle sempre, com a mais singela candura – *que devia toda a*

sua fortuna militar, porque nunca os invocara que os não incontrasse a seu lado, nos lances mais arriscados » (749).

O primeiro conde de Vinhais está sepultado sob uma campa de mármore, sita no centro da igreja do Carmo, em Braga, na capela chamada do Sacramento (750).

Como Simão da Costa Pessoa não deixasse descendência sucedeu-lhe seu irmão:

3º Manuel da Costa Pessoa, segundo Conde, segundo Visconde e segundo Barão de Vinhais, que nasceu a 12 de Abril de 1795.

Era general de divisão, reformado no posto de marechal do exército; Grã-cruz da ordem de Avis, por decreto de 20 de Outubro de 1862; Comendador da ordem da Torre e Espada e da de Carlos III, de Espanha; condecorado com a medalha das três campanhas da Guerra Peninsular e com a nº 7 das campanhas da Liberdade.

Tomou parte na Guerra Peninsular desde 1812 a 1814 e nas guerras Constitucionais desde 1826 a 1834. Assistiu às batalhas de Salamanca, Vitória, Pamplona e Burgos; a todas as acções havidas durante o Cerco do Porto, em Leiria, Torres Novas e Pernes; em Espanha às de Arlaban, Peña Serrada, Salvatierra e Zambrona. Fez parte da Divisão Auxiliar à Espanha desde 23 de Novembro de 1836 a 3 de Setembro de 1837. Emigrou para França e Inglaterra em 1828, donde veio para a Ilha Terceira, desembarcando depois nas praias do Mindelo a 8 de Julho de 1832.

Foi louvado na ordem do dia 8 de Fevereiro de 1834 pelo zelo e inteligência com que se houve na acção de 30 de Janeiro do mesmo ano em Pernes (751).

Faleceu na sua casa de Vinhais a 19 de Dezembro de 1873, tendo casado a 1 de Setembro de 1840 com D. Maria Rosa Pinto Cardoso de Morais Sá Ferreira Pimentel, que nasceu a 5 de Fevereiro de 1811, senhora dos morgadios de S. Tiago de Mirandela e do de Tuiselo, viúva de Francisco de Sousa Vaía Rebelo, filho dos primeiros Viscondes de S. João da Pesqueira.

Na lápide de mármore brasonada que cobre a sepultura rasa de sua mulher, no pavimento da igreja matriz de Mirandela, está gravada a inscrição que se lê na página imediata.

(749) A. X. Palmeirim, coronel de estado maior do conde de Vinhais, *Diário do Governo* de 6 de Outubro de 1848.
(750) BELINO, Albano – *Arqueologia Cristã,* pag. 184.
(751) AIRES, Cristóvão – *História da Cavalaria Portuguesa,* vol. III, p. 118.

«A virtude não morre, vive e dura
Lembrada sempre alem da sepultura

Aqui Jaz
A *Ex.ma Senhora*
D. Maria Rosa Pinto Cardoso Sá Ferreira Pimentel
Condessa de Vinhaes
Senhora dos morgados de S. Tiago e Tuizello
Nasceo
a 5 de Fevereiro de 1811
E Morreo
a 5 de Fevereiro de 1856
Filha dos EX.mos Senhores
Inacio Pinto Cardoso
Fidalgo da Casa Real
E de
D. Matilde Olimpia de Meneses e Sousa
IIª Neta de
Martim Aff.co Pimentel
Irmão de
João Aff.co Pimentel
Iº Conde de Benavente em Hespanha
E senhor de
Vinhaes e Bragança
Nobilissimo tronco dos
Marqueses de Fronteira e Vagos
E Conde de Arcos, Peniche e S. Miguel
Em Hespanha
Dos Duques de Ciudad Real e Marqueses de Povar e Mirabillo
E Condes de Luna e Maiorca
E Asecndente da Augusta Estirpe de
Maria de Medicis
Rainha de França
Seu Marido
O Conde de Vinhaes
Manuel da Costa Pessoa
Em Signal de Eterna Saudade
Mandou colocar esta campa.

Os pobres que esmolaste e te amaram
Seu pranto de saudade aqui deixaram».

Descendência:

I. *Simão da Costa Pessoa* (4º, adiante citado).

II. *Manuel da Costa Pessoa Pinto Cardoso* (5º, adiante citado).

4º SIMÃO DA COSTA PESSOA, terceiro Conde de Vinhais, em verificação de mais uma vida, concedida por alvará de *2* de Julho de 1853, nasceu em Vinhais a 16 de Setembro de 1843 e faleceu em Mirandela, onde residia, a 29 de Agosto de 1912.

Casou com D. Ana Augusta de Barros Carneiro, de Sampaio do Douro, que faleceu a 24 de Março de 1924.

Descendência:

I. *Augusto da Costa Pessoa,* que nasceu em Mirandela.

II. *Manuel da Costa Pessoa,* que nasceu em Mirandela a 22 de Dezembro de 1872. Solteiro.

III. *Francisco da Costa Pessoa,* que nasceu em Mirandela e reside em São Fins do Douro.

IV. *D. Antónia da Costa Pessoa,* que nasceu em Mirandela e casou em Suções, do mesmo concelho, com Alberto Pavão (ver pág. 367).

5º MANUEL DA COSTA PESSOA PINTO CARDOSO, irmão do terceiro Conde de Vinhais, casou em Vilarelhos, concelho de Vila Flor, com D. Antónia de Vasconcelos Pereira de Lemos, sobrinha e herdeira do morgado de Vilarelhos (ver pág. 526).

Descendência:

I. *José da Costa Pessoa.*

II. *D. Maria Rosa da Costa Pessoa.*

III. *Simão da Costa Pessoa.*

IV. *D. Ana Raquel da Costa Pessoa,* que casou em Vinhais com o doutor Francisco José de Sousa.

Residem em Lisboa e têm sete filhos.

V. *António da Costa Pessoa.*

VI. *D. Rita Clara da Costa Pessoa,* que casou com Olívio de Morais.

Residem em Vilas Boas, concelho de Vila Flor.

VII. *D. Inês da Costa Pessoa,* que casou com Francisco Alçada Padez.

Residem em Lisboa e têm cinco filhos.

VIII. D. *Isabel da Costa Pessoa.*

IX. *Luís da Costa Pessoa.*

X. *D. Augusta da Costa Pessoa.*

Criação dos títulos:

CONDE, por decreto de 20 de Janeiro de 1847.

VISCONDE, por decreto de 10 de Março de 1842.

BARÃO, por decreto de 17 de Julho de 1840.

Renovação dos títulos:

CONDE, por decreto de 17 de Junho de 1862.
VISCONDE, por decreto de 20 de Janeiro de 1847.
BARÃO, por decreto de 23 de Outubro de 1844 (752).

O Diário do Governo de 29 de Julho de 1868 traz a relação dos titulares que formavam a Corte, e, entre eles, menciona os segundo e terceiro Condes de Vinhais.

D. ANA MARIA JOSEFA DE MORAIS SARMENTO, irmã de D. Margarida, que residiu em Santa Clara de Vinhais, faleceu a 17 de Agosto de 1812, deixando por herdeiros Manuel da Costa Pessoa e José da Costa Pessoa, casado com sua irmã D. Josefa, e os filhos desta: D. Ana Genebra Pessoa e D. Umbelina Maria Vitória (753).

D. MARIA JOSEFA DE VASCONCELOS ou D. Margarida Josefa de Morais Sarmento, como vem na certidão de óbito, solteira, irmã de D. Ana Joaquina Rita de Ataíde, mulher de José da Costa Pessoa, de Vinhais, e filhas ambas de D. Mariana Josefa, recolhida em Santa Clara de Vinhais, faleceu a 17 de Agosto de 1812 (754).

JOSÉ DA COSTA PESSOA, tenente-coronel de cavalaria reformado, marido, em primeiras núpcias, de D. Josefa Francisca, e em segundas núpcias de D. Ana Joaquina Rita de Ataíde, faleceu a 17 de Dezembro de 1833, deixando por testamenteiro seu filho padre *José Pessoa,* e além deste os seguintes filhos:

II. *Simão da Costa Pessoa.*
III. *Manuel da Costa Pessoa.*
IV. *D. Ana Genebra Pessoa.*
V. *D. Umbelina Maria Vitória Pessoa.*

Família Ferreira de Campos Sarmento

PEDRO FERREIRA DE CAMPOS SARMENTO, tenente de granadeiros de uma das companhias da praça de Bragança, natural e residente em Vinhais, filho de João Ferreira e de D. Maria Álvares Lopes.

(752) SANCHES DE BAENA – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal,* vol. II, p. 774.
Diário de Lisboa de 28 de Novembro de 1862.
(753) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 43, fol. 47.
(754) Ibidem, livro 47, fol. 36 v., onde se encontra o seu testamento e junto a ele o inventário de seus bens, que é enorme.

Neto paterno de Pedro Pires de Morais, capitão das ordenanças da vila de Vinhais, e de D. Brites Ferreira Sarmento.

Bisneto paterno de Pedro Ferreira de Campos Sarmento, que nas guerras da Aclamação foi mestre de campo de um terço de infantaria volante, e de D. Madalena de Morais.

Neto materno de João Rodrigues Álvares da Silva, sargento-mor que foi das ordenanças da vila de Paço, e de D. Maria Lopes de Morais.

Bisneto materno de Fagundo Lopes de Morais, sargento-mor de infantaria auxiliar, e de D. Isabel Gonçalves Teixeira.

Foi-lhe passada carta de brasão, com as armas dos Morais, Ferreiras Sarmentos e Teixeiras, a 11 de Março de 1754, e está registada no *Cartório da Nobreza,* livro particular, fol. 69 v.[755].

Família Ferreira Sarmento Morais Pimentel

1º João Ferreira Sarmento, primeiro Conde, primeiro Visconde e primeiro Barão de Sarmento.

Nasceu em Vinhais a 4 de Junho de 1792 e faleceu a 10 de Junho de 1865. Alguns genealogistas dão o nascimento a 24 de Junho e o falecimento a 10 de Julho.

Era do conselho de El-Rei; gentil-homem da Câmara, com serviço efectivo no quarto de El-Rei D. Fernando II; general de divisão, ajudante de campo de sua magestade imperial o duque de Bragança e do príncipe duque de Loustemberg; Grã-cruz da ordem de Avis; Comendador das ordens de Cristo, da Torre e Espada e Conceição; condecorado com as medalhas de duas campanhas da Guerra Peninsular; Grã-cruz das ordens seguintes: de Ernesto Pio, de Saxe Coburgo Gotta, de Constantino das Duas Sicílias, de São Maurício e S. Lázaro de Itália, de Isabel, a Católica, de Espanha, e de Leopoldo da Bélgica; Grande Oficial da Legião de Honra de França; Comendador da Coroa de Carvalho dos Países Baixos, da Águia Vermelha da Prússia e da de Carlos III, de Espanha.

Esteve encarregado do expediente da repartição dos negócios da guerra, na qualidade de secretário da regência, por impedimento do ministro e secretário da mesma regência em todas as repartições do Estado, Luís Mousinho de Albuquerque, desde 14 de Janeiro até 2 de Julho de 1831[756].

(755) SANCHES DE BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico*, p. 545.
(756) *Notícias dos Ministros e Secretários de Estado do Regime Constitucional,* p. 13.

Casou duas vezes e de ambos os matrimónios não houve descendência. Residiu em Lisboa.

Criação dos títulos:

Conde, por decreto de 30 de Setembro de 1862.
Visconde, por decreto de 15 de Setembro de 1855.
Barão, por decreto de 29 de Outubro de 1843 (757).

2º Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel, natural de Vinhais, filho de António Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real.

Neto de Baltasar Ferreira Sarmento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 13 de Janeiro de 1781 (758).

3º António Sarmento Pimentel, natural de Vinhais, filho de Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real.

Neto de outro do mesmo nome.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 31 de Agosto de 1807 (759).

4º António Sarmento pimentel, cavaleiro professo na ordem de Cristo, natural de Vinhais, filho de Baltasar Ferreira Sarmento, que foi coronel do regimento de cavalaria de Bragança.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 24 de Janeiro de 1780 (760).

5º Doutor António Ferreira Sarmento Pimentel, conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, representante da família Ferreira Sarmento Pimentel, de Vinhais, faleceu em Lisboa em 1885, deixando filhos, dos quais, o mais velho – António Ferreira Sarmento, reside na vila de S. João da Pesqueira.

6º Francisco Teixeira Sarmento Pimentel, casado com D. Maria de Jesus, sargento-mor de cavalaria reformado, professo na ordem de Avis, residiu em Vinhais nas casas que foram de Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel e faleceu a 17 de Fevereiro de 1814, deixando por herdeira sua mulher, e dos bens do morgadio sua filha D. Maria Joaquina.

Tinha um sobrinho, já falecido, Baltasar Ferreira Sarmento Pimentel, com quem andou em demanda.

A filha estava no convento, onde tinha o nome de D. Maria Ismélia (761).

7º Estêvão de Mariz Sarmento, cavaleiro da ordem de Cristo, natural de Vinhais, filho de Rodrigo de Morais.

(757) SANCHES BAENA – *Resenha das Famílias Titulares*, ..., tomo II, p. 594.
(758) Livro 10 das *Mercês da Rainha D. Maria I*, fol. 324.
(759) Livro 9 das *Mercês do Principe regente D. João*, fol. 353.
(760) Livro 8 das *Mercês da Rainha D. Maria I*, fol. 331.
(761) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo*, livro 44 onde vem o seu testamento.

Fidalgo-cavaleiro por alvará de 12 de Dezembro de 1689 (762).

8º JOSÉ DE MORAIS SARMENTO. A sua memória consta da seguinte inscrição, gravada numa lápide de granito, metida na parede entrada da igreja de S. Francisco em Vinhais:

FUNDOU ESTE SEMINARIO JOZE
DE MORAES SARMENTO, FIDALGO
DA CAZA REAL, MESTRE DE CAM-
PO, E NATURAL DESTA VILLA DE
VINHAES, NO ANNO DE M.DCCLII
CEDEO O PADROADO DELL E NAS
MÃOS DE SUA MAGESTADE, E FA
LECEO NO ANNO DE M.DCC.LXII.

Na capela-mor da mesma igreja há uma campa brasonada, de mármore branco, e nela gravada a seguinte inscrição:

AQUI JAS JOZE DE MORA
ES SARMENTO FIDALGO
DA CAZA DE SUA MAGES
TADE, MESTRE DE CAM
PO DE AVXILIARES CAVA
LEIRO PROFESSO NA OR
DEM DE CRISTO FVNDA
DOR DESTE SEMINARI
O E DA ORDEM TERCEI
RA DESTA VILLA DE VI
NHAES E NATVRAL DA
MESMA ANNO D 1762.

Ao lado desta campa há uma outra idêntica, onde se lê:

AQVI IAS PEDRO
DE MARIS SAR
MENTO IRM.
DO FVNDADOR
1766.

(762) Livro 5 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II*, fol. 306 (tem a íntegra).

Estas lápides foram já publicadas no *Portugal Antigo e Moderno,* mas incorrectamente.

O brasão é dividido em pala: na da esquerda, a amoreira dos Morais e na da direita cinco carreiras de besantes, com três cada uma das quatro primeiras e só um na quinta.

9º ANTÓNIO DE MORAIS SARMENTO, natural de Vinhais, filho de Francisco da Silva Barreto, moço fidalgo.

Neto de Domingos Nunes de Morais.

Moço fidalgo por alvará de 27 de Agosto de 1703 (763).

10º ANTÓNIO DE MORAIS SARMENTO, natural de Vinhais, filho de Pedro de Morais Sarmento, moço fidalgo.

Neto de Francisco da Silva Barreto.

Moço fidalgo por alvará de 30 de Outubro de 1734.

Fidalgo-capelão por alvará de 26 de Novembro do mesmo ano.

Alvará de Vestiária de 20 de Outubro de 1736 (764).

11º ANTONIO XAVIER DA SILVA BARRETO MORAIS SARMENTO, natural de Vinhais, filho de Francisco da Silva Barreto, moço fidalgo.

Neto de Pedro de Morais Sarmento.

Moço fidalgo por alvará de 12 de Abril de 1749 (765).

12º ANTÓNIO LUÍS MARIA DE MORAIS SILVA SARMENTO, natural de Vinhais, filho de Pedro José Sebastião de Morais Sarmento, moço fidalgo.

Neto de Francisco da Silva Barreto.

Moço fidalgo por alvará de 19 de Setembro de 1795 (766).

13º D. FRANCISCA JOANA DE MORAIS SARMENTO, administradora do morgadio de Miranda do Douro, que residiu em Vinhais e faleceu a 14 de Fevereiro de 1820 (767).

14º PEDRO JOSÉ SEBASTIÃO DE MORAIS SARMENTO, de Vinhais, faleceu a 9 de Agosto de 1828, deixando por testamenteira sua mulher D. Maria Tomásia da Silveira e na sua falta o seu filho José Vitorino.

Fora já casado com D. Maria Eugénia.

Tinha duas filhas: D. Balbina, casada com António Vicente, e D. Ana Liónida, freira em Vinhais (768).

(763) Livro 15 das *Mercês de El-Rei D. Pedro II,* fol. 312 v., in *Dicionário Aristocrático.*
(764) Livro 26 das *Mercês de El-Rei D. João V,* fol. 113.
(765) Livro 2 das *Mercês de El-Rei D. José,* fol. 498, in *Dicionário Aristocrático.*
(766) Livro 18 das *Mercês da Rainha D. Maria I,* fol. 104 v., in *Dicionário Aristocrático.*
(767) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 154, fol. 79 v., onde vem o seu testamento.
(768) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 211, fol. 60 v., onde vem o seu testamento.

15º Francisca Margarida de Morais Sarmento, de Vinhais, faleceu a 30 de Agosto de 1828 deixando por testamenteiro seu sobrinho José Vitorino (769).

16º D. Maria Josefa Sarmento, filha de Tomé Ferreira Sarmento e de D. Josefa Maria de Brito.

Neta paterna de Francisco Xavier de Morais Sarmento e de D. Maria Ferreira Sarmento, naturais de Vinhais.

Neta materna de João Fontes Cardoso, da Covilhã, e de D. Maria Josefa de Brito, de Alpedrinha, nascida no Fundão a 21 de Abril de 1716.

Obteve em 1740 licença para entrar como recolhida no convento de Santa Clara de Vinhais (770).

17º Pedro José Sebastião de Morais Sarmento, sua mulher D. Maria Tomásia da Silveira, seus filhos: D. Balbina Crispiana de Morais Sarmento Barreto, casada com António Vicente de Morais Campilho, e D. Maria Feliciana de Morais Sarmento, recolhida em Santa Clara de Vinhais, celebraram uma escritura referente à desistência de um prazo de que eram enfiteutas (771).

Família Morais Campilho

1º António Caetano de Morais Campilho, bacharel, juiz de fora da vila de Vinhais, natural de Sobreiró de Cima, concelho de Vinhais.

Era filho de Manuel de Morais Soutelo e de D. Caetana de Morais Campilho.

Neto paterno de Francisco de Morais Soutelo e de D. Maria de Sá Meneses.

Bisneto paterno de João Lopes Soutelo e de D. Maria Gomes.

Terceiro neto paterno de outro João Lopes Soutelo e de D. Margarida de Morais.

Quarto neto paterno de Brás Soutelo e de D. Maria Lopes.

Quinto neto paterno de Gil Rodrigues Soutelo.

Neto materno de João de Campilho Vargas (772) e de D. Maria de Morais.

(769) Ibidem, fol. 63.
(770) Ibidem, maço *Freiras de Santa Clara de Vinhais.*
(771) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 216, fol. 136.
(772) Em uns apontamentos genealógicos que vimos, diz-se que era neto materno de Pedro José Sebastião de Morais Sarmento, moço fidalgo da Casa Real, natural de Vinhais e casa da Corujeira, e de D. Maria Eugénia da Silva Sarmento, de Vinhais, da casa de Crespos, também conhe-

Terceiro neto materno de outro João de Campilho Vargas e de D. Joana de Sampaio.

Quarto neto materno de Diogo de Campilho Teixeira e de D. Antónia de Morais, filha de João de Morais Sarmento (filho de outro Diogo de Campilho Teixeira e de D. Emerência de Vargas, filha de Roque Teixeira, dos senhores de Teixeira) e de D. Ana de Reboredo. (Ver em *Vinhais – Família Costa Pessoa* e na lista dos cónegos o apelido *Soutelo*).

Teve por armas um escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Morais; no segundo as dos Soutelos; no terceiro as dos Madureiras e no quarto as dos Sás.

Foi-lhe passado este brasão a 16 de Maio de 1777 e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 2, fol. 136 (773).

Sotello que deu *Soutelo,* apelido nobre em Portugal, era uma família de Galiza que veio residir na comarca de Miranda do Douro (774).

António Caetano de Morais Campilho casou com D. Custódia Maria Joaquina Magalhães e Almeida, natural de Cerdêda, termo de Ferreirim, Beira Alta.

Descendência:

2º ANTÓNIO VICENTE DE MORAIS CAMPILHO, de Vidago, que casou com D. Balbina Ulpiana de Morais Sarmento Barreto, de Vinhais (casa da Corujeira), filha de Pedro José Sebastião de Morais Sarmento, moço fidalgo da Casa Real, com exercício, natural de Vinhais (casa da Corujeira), e de D. Maria Eugénia da Silva Sarmento, de Vinhais (casa de Crespos, também conhecida por casa do Eiró).

Descendência:

3º ANTÓNIO ANÍBAL DE MORAIS SARMENTO CAMPILHO, que nasceu em Sobreiró de Cima, concelho de Vinhais, a 24 de Fevereiro de 1823, e casou com D. Maria da Glória de Figueiredo Sarmento, de Vinhais, nascida a 33 de Outubro de 1836, filha de José Manuel de Figueiredo Sarmento (filho de Bernardo Baptista de Figueiredo Sarmento, de Vinhais, e de D. Maria Angélica Ferreira Sarmento, de Carrazedo de Montenegro) e de D. Fancisca Benedita da Silva Madureira e Castro, filha de Manuel José da Silva, de Vinhais, e de D. Josefa Joaquina de Madureira e Castro, natural da vila de Outeiro, concelho de Bragança.

---

cida por casa do Eiró. Deve haver equívoco nos apontamentos, ou então referem-se a outro ascendente mais afastado.

(773) SANCHES BAENA – *Arquivo Heráldico Genealógico,* parte I, p. 33.

(774) Ibidem, parte II, artigo *Sotello.*

Descendência:

4º D. Maria Felicíssima de Morais Sarmento Campilho, que nasceu em Vinhais a 30 de Novembro de 1860.

5º D. Alcina Augusta de Morais Sarmento Campilho, que nasceu em Vinhais a 14 de Outubro de 1862.

6º Augusto César de Morais Sarmento Campilho, que nasceu em Vinhais a 2 de Maio de 1864.

É contador do juiz de direito da comarca de Vinhais.

7º D. Olinda da Glória de Morais Sarmento Campilho, que nasceu em Vinhais a 4 de Novembro de 1866 e ali casou a 7 de Dezembro de 1898 com seu primo o doutor Alfredo Aníbal de Morais Campilho, actual juiz da Relação de Lisboa, filho de Augusto César de Morais Sarmento Campilho, de Vinhais, e de sua mulher e prima D. Ana Augusta Montalvão de Morais Campilho, de Vidago.

Descendência:

I. *Aníbal Augusto Montalvão de Morais Sarmento Campilho,* que nasceu em Vinhais a 5 de Junho de 1900. Frequenta o 4º ano de medicina na Universidade de Lisboa.

II. *Pedro Vicente de Morais Sarmento Campilho,* que nasceu em Monte Alegre a 22 de Fevereiro de 1903. Frequenta o 4º ano de direito na Universidade de Coimbra.

8º D. Clotilde Eugénia de Morais Sarmento Campilho, que nasceu em Vinhais a 24 de Fevereiro de 1863.

9º D. Inês Amália de Morais Sarmento Campilho, que nasceu em Vinhais a 13 de Março de 1876.

10º Pedro Vicente de Morais Sarmento Campilho, que nasceu em Vinhais a 31 de Outubro de 1878.

É bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso em 1902.

Era juiz de direito na comarca de Melgaço por ocasião do movimento de 19 de Janeiro de 1919, tendo sido demitido por motivos políticos.

Casou a 8 de Setembro de 1916 no Porto (Lordelo do Oiro) com D. Maria Carolina Bessa Cardoso da Cunha Soares, natural da freguesia de Cedofeita, da mesma cidade, filha de António Abreu da Cunha Soares, de Varziela, concelho de Felgueiras, e de D. Laura Albertina Bessa Cardoso Soares, do Porto, onde nasceu a 6 de Junho de 1887.

Descendência:

I. *D. Maria Laura Bessa de Morais Sarmento Campilho,* que nasceu na quinta da Ermida, em S. Mamede de Infesta, a 29 de Novembro de 1917.

II. *Pedro Sebastião de Morais Sarmento Campilho,* que nasceu no Porto (Avenida da Boavista) a 8 de Dezembro de 1918.

III. *António Aníbal de Morais Sarmento Campilho,* que nasceu em Vinhais a 17 de Março de 1922.

Os Campilhos eram fidalgos castelhanos que em 1513 se estabeleceram em Chaves, donde ramificaram para Vinhais, como largamente apontam os *Nobiliários,* descrevendo a sua genealogia.

Família Morais Silva

1º António de Morais Silva, presbítero secular do hábito de S. Pedro, professor régio de gramática latina na vila de Vinhais, filho de Luís de Morais, tenente de infantaria, e de D. Maria da Silva.

Neto paterno do capitão Sebastião Fernandes de Morais e de D. Maria Martins.

Neto materno de Pedro Gonçalves de Morais e de D. Maria da Silva, filha de António da Silva (filho de Belchior Martins e de D. Maria da Silva, filha de Gaspar da Silva e de D. Isabel de Morais) e de D. Catarina Rodrigues.

Gaspar da Silva, atrás citado, era filho de Cristóvão da Silva e de D. Francisca do Rego, irmã germana de António de Morais, a quem foi passado brasão, a 6 de Janeiro de 1628, com as armas dos Sousas, Morais, Silvas e Regos.

Foi-lhe passado brasão a 15 de Fevereiro de 1796 com as referidas armas e está registado no *Cartório da Nobreza,* livro V, fol. 115 v. (775).

2º António de Morais Silva, cavaleiro do hábito de Cristo, residiu na cidade de Tânger.

Era filho de Cristóvão da Silva, residente em Vinhais, e de D. Francisca do Rego, filha de João de Morais, o *Velho,* residente na vila de Vinhais (chefe dos Morais, cujas armas estão na sua sepultura na parede da capela-mor de S. Fagundo, da referida vila), e de D. Antónia Supico (filha de Afonso Supico (primo co-irmão de Afonso Supico, senhor da vila de Sanceriz) e de D. Francisca do Rego, residentes na vila do Vimioso); neta de Rui de Morais e de D. Guiomar Gomes, residentes em Vinhais; bisneta de Gonçalo de Morais e de D. Inês Rodrigues, residentes em Bragança; terceira neta de Rui Gonçalves de Morais e de D. Maria de Sousa, residentes em Bragança; quarta neta de João Fernandes de Morais, irmão inteiro de João Afonso Pimentel, primeiro Conde de Benavente.

(775) Ibidem, part. I, p. 76.

Neto de António de Morais, residente em Vinhais, e de D. Maria da Silva, filha de Manuel da Silva Barroquas, da vila de Provezende (parente em quarto grau de Francisco da Silva, senhor da vila da Chamusca, e avô do marquês de Alenquer), e de D. Leonor de Castro, filha de Gonçalo Vaz de Castro, alcaide-mor de Melgaço.

Bisneto de Henrique de Morais e de D. Catarina de Morais, filha de Gonçalo de Morais (irmão de João de Morais, o Velho) e de D. Briolanja de Sousa, filha de João de Sousa, alcaide-mor de Bragança.

Foi-lhe passado brasão, a 3 de Janeiro de 1628, com as armas dos Sousas, Silvas, Morais e Regos.

Por diferença um trifólio verde (776).

D. João de Morais e sua irmã D. Isabel de Morais, a quem foi passado brasão, a 9 de Abril de 1678, com as armas dos Morais, Silvas e Castanhos, em escudo esquartelado (777), vinha a entroncar nesta família Morais Silva.

As notícias que a seguir damos constam da certidão autêntica (pública – forma) da justificação *de genere* feita em 1626 pelo capitão Aires de Sousa da Silva, existente em Vinhais em poder da família Campilho, a quem agradecemos a gentileza de nos facultar a sua leitura.

Consta de dez fólios de papel liso, manuscritos:

Francisco de Morais da Silva, capitão, e seu irmão Lourenço da Silva Sarmento requereram em 1699 ao juiz de Vinhais certidão autêntica da «justificação *de genere* que fes o capitão Aires de Sousa da Silva, seu tio indo para os estados da India».

Dessa certidão passada por José Moreira Freire «tabalião do publico judicial e notas nesta villa de Vinhaes e seu termo por sua Magestade» consta:

Que a justificação se fez a 23 de Dezembro de 1626 em Vinhais, a requerimento de Aires de Sousa da Silva e de António de Morais da Silva, residentes na cidade de Tânger (África);

(776) MACHADO, José de Sousa – *Brasões inéditos*, livro I, fol. 366 v., nº 56.
(777) Ibidem, livro III, fol. 273 v., nº 251 e 282.

Que eram filhos de Cristóvão da Silva e de D. Francisca do Rego, residentes em Vinhais;

Netos paternos de António de Morais e de D. Maria da Silva, residentes em Vinhais;

Bisnetos paternos de Henrique de Morais, irmão de João de Morais, *o Velho,* e de D. Catarina de Morais, casados em 1526, filha de Gonçalo de Morais e de D. Briolanja de Sousa, filha de João de Sousa, alcaide-mor de Bragança. «E o dito Gonçalo de Morais, era irmão de João de Moraes, o *Velho,* chefe dos Morais, morador em Vinhaes cujas armas estão na sua sepultura na capela mor de S. Fagundo, na parede á mão direita;

E a dita Maria da Silva, mai do referido Cristóvão da Silva era filha de Manuel da Silva Barrocas, de Provezende e de Leonor de Castro, filha de Gonçalo Vaz de Castro, alcaide-mor de Melgaço, parente dentro do quarto grau de Francisco da Silva, senhor da Chamusca, avó do marquez de Alenquer»;

Netos maternos de João de Morais, o *Velho,* atrás citado, chefe dos Morais, e de D. Antónia Supico;

Bisnetos maternos de Rui de Morais e de D. Guiomar Gomes, residentes em Vinhais;

Terceiros netos maternos de Gonçalo de Morais e de D. Inês Rodrigues, residentes em Bragança;

Quartos netos maternos de Rui Gonçales de Morais e de D. Maria de Sousa, residentes em Bragança;

Quintos netos maternos de João Frz. de Morais, irmão de João Afonso Pimentel, primeiro Conde de Benavente;

D. Antónia Supico, mãe da referida D. Francisca do Rego, era filha de Afonso Supico, primo coirmão de Afonso Supico, senhor da vila de Sanceriz, e de D. Francisca do Rego, residentes no Vimioso.

Consta mais: que os justificantes diziam que todos estes seus antepassados eram «fidalgos de geração sem aver nelles bastardia, nem raça de judeu nem mouro e se tratarão sempre á lei da nobreza e fidalguia tendo armas e cavalos, criados e escravos» e por isso pediam ao corregedor da comarca «que justificando o que dizem em sua petição por testemunhas dignas de fé sem suspeita lhe mande diço com o theor de seus ditos dar seu instrumento em publiqua forma e modo que faça fé».

O corregedor João Vaz Nunes incumbiu de proceder à inquirição das testemunhas a João Salgado Soutelo, juiz de Vinhais, e para testemunhas indicou:

1º Gonçalo de Morais, fidalgo da Casa Real, «capitão mor de Vinhaes e seus destritos por El Rei noso Senhor», de noventa anos de idade, pouco mais ou menos.

Concorda com tudo e declara que são «limpos de raça e legítimos sem raça alguma de judeus, mouros nem mulatos, nem de outra infecta nação».

2º Doutor Afonso Telo, abade de Vinhais, de cinquenta anos, pouco mais ou menos.

No seu depoimento falando das armas da sepultura de João de Morais, «que está na parede da capella mor de S. Fagundo igreja matriz desta villa de que he o dito Doutor Abbade, e que nas ditas armas havia hum letreiro que diz que são do dito João de Moraes». Falando do quinto avô materno diz: «e que ouvira dizer que o dito Rui Gonçales de Moraes era filho legitimo de João Frz. de Moraes senhor de Bragança e que sabe isto porque lendo hua escritura em caza do Conde de Sam João a qual escritura era de venda de huma quinta que esta na Velariça que chamão a quinta dos Madureiras que se vendia ao s.or da casa de São João e estava por testemunha na dita carta de venda João Fernandes de Moraes senhor de Bragança».

3º António Pequeno, residente em Vinhais, de setenta anos, pouco mais ou menos.

Concorda com o depoimento das outras testemunhas; sabe ser verdadeira a genealogia apresentada pelos justificantes «sem aver duvida alguma e *constar dos livros dos bautizados»;* diz que João de Morais «a quem elle testemunha conheceo muito bem e que está sepultado na sua sepultura na capella mor de Sam Fagundo em hum arco da parede da mão direita e que em sima da dita sepultura estão pintadas as armas dos Morais com hum letreiro que dis que são do dito João de Moraes chefre das ditas armas».

Depõem mais três testemunhas, concordando todas em que os justificantes e «antepassados eram a milhor gente de fidalguia e antiga nobreza desta terra, e que sempre se tratarão a lei da fidalguia e nobreza tendo armas, cavalos, e como tais se tratarão sempre e por tais são tidos e ovidos em toda esta provincia de tras os montes, e mais lugares deste reino aonde são conhecidos» (778).

No vão do arco de uma tumba sepulcral, metida na parede da igreja de São Fagundo, de Vinhais (evidentemente a referida nos depoimentos

(778) Nem sempre os depoimentos das testemunhas inquiridas nestes processos, e nos mais em que elas entram, estão de acordo com a verdade histórica, como o leitor notará facilmente pelas notícias contraditórias de muitas genealogias que apresentamos, sem mesmo aludir a tal.
A que motiva esta nota diverge muito quanto ao *«chefre»* dos Morais e ao irmão do conde de Benavente, mas assim reza o documento.

atrás citados, pois lá não se vê outra), está pintado a tinta de óleo um escudo esquartelado com as armas dos Morais, Ferreiras e Sarmentos. No mesmo vão, também a tinta de óleo, está pintada a seguinte inscrição, com letras muito mal feitas:

ISTO MAN
DOV FAZER JO
ZE BERNARDO
FERREIRA SAR
MENTO DA ORD
EM DE CRISTO

Capelas [779]

1º Pública-forma passada por tabelião, a pedido do licenciado Manuel de Amaral, chantre da Sé de Miranda, do testamento do licenciado Francisco de Amaral, abade que foi de Vinhais, tio do chantre referido, que deixou em vínculo de morgadio várias propriedades, para ser erigida uma capela de arco e abóbada na igreja de S. Facundo, de Vinhais, onde ele quer ser enterrado [780].

Como o chantre faleceu entre 1603 e Janeiro de 1621 segue-se que a capela é deste tempo. Ver em *Vinhais – Família Amaral Sarmento.*

2º Rui Dourado de Mariz, alcaide-mor de Vinhais, e sua mulher D. Maria Veloso Sarmento doaram em 1644 bens suficientes para a fundação de uma capela, com vínculo de morgadio, no convento de Santa Clara de Vinhais [781].

3º João de Morais Valcarcer, licenciado, abade de Negreda, fez em 1662 doação, com vínculo de dois morgadios, a suas sobrinhas: D. Francisca de Morais, casada com Estêvão de Mariz Sarmento, residentes em Vinhais, e D. Isabel de Morais, casada com Cristóvão da Silva, ambas filhas de sua irmã D. Maria de Valcarcer.

Os bens doados estavam situados em Vinhais e Bragança, reservando o doante apenas para si as terras do lugar de Selas.

(779) A propósito dos morgadios de Vinhais, ver o vol. IV, p. 342, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(780) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(781) Ibidem.

Os doados ficavam obrigados a fazer, dentro de dois anos, duas capelas como cabeça do morgadio, dedicadas, uma a Nossa Senhora da Luz e outra a Nossa Senhora da Conceição.

Dos bens que o doante reservava para si mandava dar cem mil réis à Misericórdia de Vinhais e outros cem aos pobres da sua freguesia. A João de Morais de Prada; aos filhos de sua prima; a uma sua sobrinha, filha de Nicolau de Morais, de Vilar de Ossos, e a sua prima D. Joana de Castro, de Vinhais, várias importâncias em dinheiro (782).

Parece que as capelas a erigir eram em Vinhais; pelo menos a de Nossa Senhora da Luz, situada no arrabalde da vila, no palacete que foi de Estêvão de Mariz Sarmento, e que pelos anos de 1890 pertencia ao morgado Manuel José Ferreira Sarmento, residente nas Aguieiras. A capela está hoje profanada e convertida em hospedaria.

4º Aires Ferreira de Sá Sarmento, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão-mor de Vinhais e ouvidor deste distrito, e sua mulher D. Francisca, de Vinhais, erigiram em 1714 uma capela «junto às suas casas dos Bairros da mesma villa» – dedicada a Santa Catarina (783).

Esta capela fica no bairro de Eiró, no palacete brasonado que pertenceu ao morgado Manuel José Ferreira Sarmento, residente nas Aguieiras (784).

5º Francisco José de Morais Silva Sarmento, tenente de cavalaria, cavaleiro da ordem de Cristo, obteve em 1783 licença para mudar a capela de S. Caetano que havia em Vinhais para sitio mais apropriado, por se achar arruinada (785). Está situada junto ao palacete dos condes de Vinhais, na rua Nova, com ligação entre si, por autorização da junta de paróquia, pois a capela é pública, pelo menos desde a abolição dos morgadios.

6º É natural que a capela de Nossa Senhora da Oliveira, sita no palacete brasonado da família Campilho, na Rua da Corujeira, e a de Nossa Senhora da Natividade, sita na Rua de Baixo, na casa de José António Machado, de Vilar de Ossos, casado que foi na mesma família Campilho, fossem cabeças de morgadio, mas não achamos notícias a tal respeito.

7º Também a família Colmieiro tinha no seu palacete, no Bairro de Além, uma capela dedicada a S. Vicente, que foi demolida, e ainda em 1706 estava entregue ao culto, como se vê pela *Corografia Portuguesa.*

(782) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(783) Ibidem.
(784) Ver o vol. IV, p. 342, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(785) Pedro Augusto Ferreira, continuador do *Portugal Antigo e Moderno,* vol. XI, p. 1020, artigo «Vila Real de Trás-os-Montes».

Esta capela fora fundada por João Serrão e sua mulher D. Guiomar Freire, com vínculo de morgadio, de que nomearam administrador seu sobrinho Francisco Colmieiro, que acrescentou o morgadio e nele fez novo acréscimo Francisco Colmieiro de Morais, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da ordem de Cristo e sua mulher D. Maria de Sousa, senhora da casa de Vilar de Perdizes, dos quais foi filho António Colmieiro de Morais, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da ordem de Cristo.

Afonso de Morais Colmieiro, chantre da Sé de Miranda, tio de António Colmieiro de Morais, atrás citado, ajuntou a este morgadio de S. Vicente, possuído pelos Colmieiros, uma quinta.

Nas ruínas da capela de S. Vicente apareceu uma campa funerária com a seguinte inscrição dada pelo autor do *Portugal Antigo e Moderno,* artigo *Vila Real de Trás-os-Montes,* vol. XI, pág. 1020:

Aqui esta sepultado
João Serrão de Moraes
e sua mulher Guio
mar Freire.

Segundo diz o mesmo autor, João Serrão ficou cativo na batalha de Alcácer-Quibir, mas conseguiu evadir-se.

Foi seu penúltimo representante o segundo Barão de Paúlos, concelho de Vila Real, que deixou uma filha, D. Maria do Carmo Osório Colmieiro da Veiga Cabral Caldeirão, mulher de Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, de Canelas, concelho da Régua, neto materno do primeiro Marquês de Chaves e segundo Conde de Amarante, bisneto do primeiro Conde deste título e neto paterno do primeiro Visconde de Várzea.

Manuel da Silveira Pinto da Fonseca desbaratou de todo a sua grande casa, pela sua péssima administração, deixando na miséria a família (786).

VINHAS

1º Domingos Fernandes, presbítero, licenciado, natural de Vinhas, concelho de Macedo de Cavaleiros, erigiu em 1636 um vínculo de morgadio, com capela, em favor de seu sobrinho Domingos, filho de Martim Nicolau (787).

(786) Ibidem, vol. XI, p. 1020, artigo «Vila Real de Trás-os-Montes».
(787) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*

2º Simão Rodrigues Soares, presbítero, residente em Vinhas, erigiu em 1698 uma capela na mesma povoação, dedicada a S. Francisco, à qual vinculou bens (788).

3º Francisco Gonçalves de Moura e António Gonçalves de Moura, presbíteros, Caetano Xavier de Moura e sua irmã D. Ana de Moura, de Vinhas, obtiveram em 1794 licença para *oratório* particular nas suas casas de moradia (789).

ZEDES

1º Francisco Manuel de Morais da Mesquita e Meneses, doutor em direito, residente no lugar de Zedes, por diploma de 28 de Julho de 1869, foi nomeado cavaleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito (790).

2º José Maria de Morais da Mesquita e Meneses, doutor em direito, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores, falecido em Zedes em 1896, casou com D. Josefa Emília de Magalhães Pegado, de Roios, concelho de Vila Flor.

Descendência:

D. Maria das Mercês de Morais da Mesquita Meneses de Magalhães Pegado, que casou com o doutor Jerónimo Barbosa de Abreu e Lima e residem em Zedes, no palacete brasonado de seus maiores. (Ver *Selores,* pág. 454, de onde esta família traz a origem).

(788) Museu Regional de Bragança, maço *Capelas.*
(789) Ibidem.
(790) *Diário do Governo* de 30 de Setembro do mesmo ano.

LISTA DOS CÓNEGOS DA SÉ DE MIRANDA E BRAGANÇA

Como os cónegos antigos pertenciam, em geral, a famílias fidalgas, damos em seguida uma lista dos da Sé de Miranda e Bragança segundo a que pudemos apurar dos livros manuscritos intitulados *Acórdãos do Cabido* existentes no Museu Regional de Bragança.

Esses livros são:

Acórdãos de 1547 a 1598, códice de 187 fólios.
Acórdãos de 1547 a 1606.
Acórdãos de 1606 a 1625, códice de 118 fólios.
Acórdãos de 1621 a 1688, códice de 248 fólios.
Acórdãos de 1686 a 1735, códice de 241 + 7 fólios inumerados.
Acórdãos de 1736 a 1812, códice de 211 fólios.
Acórdãos de 1804 a 1829, códice de 198 fólios.
Acórdãos de 1829 a 1863, códice de 198 fólios só escritos até ao 49º.

Ver a *Relação dos Vigários Capitulares* que demos no vol. IV, pág. 589, destas *Memórias Arqueológico-Históricas,* onde se encontram vários elementos genealógicos e biobibliográficos respeitantes aos cónegos da Sé de Bragança.

O Cabido de Miranda constava de sete dignidades, a saber: deão, chantre, mestre-escola, tesoureiro-mor, arcediago da Sé, arcediago de Mirandela e arcediago de Bragança; mais onze cónegos prebendados e seis beneficiados, a que chamavam meios cónegos, segundo declara o *Relatório do bispo D. Manuel de Moura Manuel para a visita ad sacra limina,* manuscrito existente no Museu Regional de Bragança.

Abreu (António de Macedo de), natural de Valença do Minho, assistente na cúria romana.

Habilitação *de genere* em 1639, para tomar posse da meia conesia, vaga por falecimento de Marti *(sic)* Fernandes. (Martim vem noutra parte do processo). [Museu Regional de Bragança, *maço nº 2* (791).]

(791) Para evitar repetições, citaremos apenas o número dos *maços* em que se encontram os processos, ficando entendido que pertencem ao Museu Regional de Bragança.

Abreu (Pedro do Couto Ribeiro de), natural de Guimarães.

Habilitação *de genere* em 1802, para tomar posse da cadeira doutoral que nele renunciou o cónego José Manuel de Magalhães. Tinha então dezasseis anos e frequentava a Universidade de Coimbra.

Sua mãe chamava-se D. Antónia Felizarda de Magalhães. Provavelmente era irmã ou da família do cónego renunciante *(maço nº 2)*.

Afonso (António), natural de Talhas, filho de Pedro Afonso e de D. Clara Rodrigues.

Habilitação *de genere* em 1727, para tomar posse da cadeira de tesoureiro-mor que nele renunciou Sebastião de Morais Cidade (*maço nº 2*).

– (Francisco). Ver *Morais* (João António).

– (Gaspar). Assina no livro das actas dos *Acórdãos* de 1616.

Aguiar (António de). Assina no livro das actas dos *Acórdãos* de 1617 como tesoureiro-mor.

Albuquerque (Matias José da Costa Pinto e), pregador régio, cavaleiro da ordem de Cristo, provido em 1815 na cadeira de mestre escola da Sé: tricas da luta dos cónegos que não lhe queriam dar posse.

Era abade de Quirás, mas não formado, pelo que foi dispensado do grau de doutor, exigido para os providos no cargo de mestre escola.

O antecessor nesta cadeira canónica fora Paulo Miguel Rodrigues de Morais, bacharel formado em cânones, provido em 1798, que sucedera ao doutor Simão Preto, natural de Fonte de Aldeia, provido em 1752, por desistência que nele fez o doutor em cânones Manuel Freire Batalha, que tomara posse em 1749, natural da freguesia de S. José, de Lisboa, vindo de idêntico cargo na Sé do Rio de Janeiro a suceder nesta de Miranda ao doutor Domingos Pires Neves Pavão, falecido pelos anos de 1746.

Albuquerque tomou posse a 2 de Janeiro de 1816 *(maço nº 1)*.

Almança (Álvaro de). Tomou posse de meio cónego em 1547.

– (Cristoval de), chantre em 1553, pelo menos, e cónego desde 1550. Faleceu em Janeiro de 1604.

Almeida (António de). Tomou posse do canonicato a 4 de Julho de 1609. (Livro das actas dos *Acórdãos.*)

– – Natural de Miranda do Douro.

Em 1751 Manuel Gonçalves Gamboa, cónego na Sé de Miranda há mais de vinte e sete anos, renunciou nele a sua cadeira. (Acusações simoníacas *maço nº 1*).

Ignoro se este António de Almeida é o mesmo que assina nas actas dos *Acórdãos* em 1767.

Almeida Osório (João de). Tomou posse do canonicato em 28 de Fevereiro de 1664, por falecimento do seu antecessor Manuel de Oliveira de Escovar, cargo que exerceu pouco tempo, pois já era falecido em 14 de Julho de 1667. (Livro das actas dos *Acórdãos,* fol. 142 v.).

Almeida de Seixa (Sebastião de), arcediago da Sé, de que tomou posse a 13 de Fevereiro de 1664. (Livro das actas dos *Acórdãos,* fol. 142).

Alvaredo (Francisco José Gonçalves), de Gustei, abade reservatário de Mendrões, irmão de António Bernardo Gonçalves Alvaredo, reitor de Paçó de Vinhais, filhos de Francisco Gonçalves Alvaredo, de Gustei, e de D. Ana Rodrigues, natural de Montesinho.

Netos paternos de Domingos Gonçalves Alvaredo, de Gustei, e de D. Catarina Gonçalves, de Sabariz.

Netos maternos de Francisco Rodrigues, de Sueira, e de D. Maria Lourença, de Montesinho.

Habilitação *de genere,* para tomar posse do canonicato, em 1799.

Junto ao processo há uma sentença sobre a contestação que o cabido fez à sua nomeação canónica (*maço nº 1*).

Era arcediago da Sé em 1800 e ainda vivia em 1832.

Alvarenga (Manuel de). Cónego em Maio de 1594.

Ainda vivia em 1601.

Alvares Franco. Tomou posse como meio cónego a 12 de Janeiro de 1632.

Alvares de Moura (Lopo), presidente da Inquisição de Goa, onde faleceu a 5 de Janeiro de 1690, e cónego de Miranda. (Livro dos *Acórdãos,* fol. 43).

Alvarez (Diogo), ou Diogo de *Olivares,* como parece melhor leitura.

Assina nas actas de 1566.

– (Francisco). Assina nas actas em 1593 e provavelmente é o mesmo que tomou posse a 5 de Fevereiro de 1583. (Livro dos *Acórdãos,* fol. 67 v.).
– (Gonçalo). Tomou posse como meio cónego a 27 de Junho de 1645.
– (Julião). «Fez muitos serviços ao cabido».

Fala-se no seu falecimento, como recente, na sessão de 13 de Dezembro de 1582.

– (Doutor Lourenço). Tomou posse a 12 de Junho de 1605.

Ainda vivia em 1630.

– (Lourenço). Provido em 19 de Outubro de 1626 numa meia conesia, vaga por o seu proprietário, Domingos Carvalho, ter sido nomeado vigário de Castro de Avelãs *(maço nº 1).*
– (Manuel). Assina nas actas de 1572.

Alvarez (Mateus), natural de Miranda do Douro.

Habilitação *de genere* em 1645, para tomar posse do canonicato vago por o licenciado António de Escovar, seu proprietário, ter ido para abade de Travanca (Santa Maria) *(maço nº* 2).

Ainda vivia em 21 de Agosto de 1657.

– (Pedro). Assina actas no livro dos *Acórdãos* de 1566.

– (Tomé). Tomou posse a 12 de Outubro de 1655. (Livro dos *Acórdãos,* fol. 113 v.).

Alvarez Leal (Manuel), de Bragança, cavaleiro professo na ordem de Cristo. Tomou posse de arcediago de Bragança a 14 de Novembro de 1820.

Faleceu em Bragança a 15 de Março de 1830. (Livro 180, fol. 49 v., do *Registo de Testamentos* do Museu Regional de Bragança).

Alvarez de Melo (Abílio Ribeiro), chantre em 1866 e ainda em 1874.

Alvarez Teixeira (Doutor Francisco). Tomou posse a 10 de Abril de 1685 da cadeira que nele renunciou o doutor Cristóvão Galvão de Lemos.

Era arcediago de Mirandela em 1691. (Livro dos *Acórdãos,* fol. 47 e *maço nº 2*).

Alves (Diogo). Tomou posse de meio cónego em 1547.

– (Manuel), natural de Paradinha Nova, por seu pai, e de Miranda do Douro, por sua mãe.

Habilitação de *genere* em 1673, para cónego organista *(maço nº 2*).

Alves havia começado por moço do coro e depois capelão da Sé. Foi provido em concurso por ter abandonado o cargo o organista padre António Aires Ferreira.

É curioso o processo deste meio cónego porque o conde de S. João o mandou numa lista para ser preso para soldado e ele mudou o apelido de Pires, que tinha, para Alves e escapou. Bons tempos! ou melhor: o favoritismo é de todos os tempos.

Alvres de Carvalho (João), licenciado. Tomou posse do canonicato doutoral a 29 de Abril de 1634.

Era já falecido em 1657.

Provavelmente é este o mesmo que tomou posse de arcediago da Sé a 30 de Novembro de 1649, vago pela ida de Diogo de Carvalho para cónego da Guarda.

– – (Tomé), cónego doutoral. Foi visitador na diocese em 1658.

Alvrez (António), licenciado. Tomou posse da cadeira de deão a 26 de Janeiro de 1601, que depois renunciou para ser abade de Guide, como consta das actas do livro dos *Acórdãos* de 12 de Setembro de 1606 e 26 de Maio do mesmo ano, fol. 154 e 201 v.

Amado (Sebastião). Tomou posse a 28 de Agosto de 1673, por falecimento de Manuel da Rocha Pita.

Amaral (Francisco de). Fez profissão de fé (a posse costumava preceder), como deão, a 30 de Junho de 1585. (Livro dos *Acórdãos,* fol. 83 v.)

– (Manuel de), licenciado. Tomou posse do canonicato a 27 de Março de 1603; fez profissão de fé, como chantre, a 28 de Janeiro de 1604 e como deão em 1606.

Já era falecido em Janeiro de 1621.

– (Marcos de). Tomou posse de arcediago de Bragança a 27 de Marco de 1640.

Ainda vivia em Agosto de 1657.

Andrade (Manuel Rodrigues), licenciado, natural de Vidigal, bispado de Lamego.

Habilitação *de genere* em 1686, para tomar posse da cadeira de arcediago de Mirandela *(maço nº 2).*

Está sepultado na igreja do Santo-Cristo de Outeiro, sob uma campa de granito na qual se lê:

Aqvi
jas m
anoe
l Rod
rigve
s de an
drad
arcdi
ago de
mrda
1715

Anunciação (Joaquim José da), natural de Samorinha, concelho de Carrazeda de Ansiães, frade secularizado do convento de Balsemão, diocese de Bragança, provido em 1833 no canonicato de arcediago de Bragança, vago por falecimento de Manuel Álvares Leal, que sucedera no mesmo cargo a José Rodrigues da Costa, natural de Lamas, falecido a 2 de Abril de 1792 *(maço nº 1).*

Aragão (Francisco Cabral de), natural de Castro Vicente.

Tomou posse do canonicato a 10 de Agosto de 1664. (Livro dos *Acórdãos,* fol. 147 v.)

Aranha (Francisco Xavier), natural da vila de Arronches, bispado de Portalegre, formado em cânones pela Universidade de Coimbra, sacerdote do hábito de S. Pedro, capelão e familiar do bispo de Miranda e do seu desembargo, provisor e vigário geral do bispado.

Foi, a 2 de Julho de 1728, provido na cadeira do doutor Manuel Vaz Torres, falecido a 29 de Junho do mesmo ano.

Em Junho de 1749 passou a ser deão da Sé de Miranda do Douro, porque a nomeação, pelo cabido, do cónego José Simões Ribeiro para esse cargo, não foi acatada pelo Governo.

A 13 de Fevereiro de 1754 foi nomeado bispo de Termopolis *in partibus infidelium,* coadjutor e futuro sucessor de D. Luís de Santa Teresa, bispo de Olinda. A Bula da nomeação encontra-se transcrita no fol. 109 v. do livro dos *Acórdãos (maço nº 1).*

Araújo (António Brandão de), natural de Refoios do Lima.

Habilitação *de gerere* em 1704, para tomar posse de um meio canonicato *(maço nº 2).*

– (António Rodrigues de), natural de S. Félix da Marinha, vigário geral da diocese do Porto.

Habilitação *de genere* para a cadeira doutoral da Sé de Miranda, vaga pela promoção do cónego José Botelho de Matos a arcebispo da Baía em 1745.

Era formado em cânones e faleceu a 2 de Maio de 1771.

Foi um dos quatro cónegos eleitos pelo cabido, na sessão de 11 de Maio de 1761, para assistir ao Sínodo Diocesano.

– (Francisco Teixeira de), natural de Logarelhos, filho de Francisco Teixeira, da Torre de D. Chama, e de D. Catarina Salgado, de Logarelhos.

Neto materno de Diogo Salgado e de D. Catarina Salgado, ambos de Logarelhos.

Neto paterno de Miguel Teixeira, da Torre de D. Chama, e de D. Maria Pinheiro de Araújo, da Castanheira, termo de Monforte de Rio Livre.

Habilitação *de genere* em 1750, para tomar posse do canonicato que nele resignou seu tio o cónego Diogo Salgado Soutelo *(maço nº 2). Ver Soutelo* (Diogo Salgado).

– (Manuel de). Tomou posse do canonicato a 24 de Março de 1666. (Livro dos *Acórdãos* fol. 159).

– (Manuel Bernardo de), natural de Vale de Lamas, concelho de Bragança, filho de João Alves, de Baçal, e de D. Micaela de Morais, de Vale de Lamas.

Tomou posse em 1811 do canonicato que nele renunciou, como coadjutor e futuro sucessor, Manuel Doutel de Figueiredo Sarmento.

A 23 de Julho de 1829 obteve licença para estar ausente do benefício, a fim de ir tratar da sua saúde *(maço nº 1).*

– (Mateus de), de Grijó, renunciou, em Janeiro de 1734, o meio canonicato que usufruía em Agostinho Dias da Silva, com ónus de pagar ao

padre Francisco Mendes de Figueiredo trinta mil réis de pensão, que provavelmente possuíra o mesmo meio canonicato, e o renunciara com essa cláusula, como lhe facultavam os cânones, ou pelo menos o costume diocesano (maço *nº 1)*. Ver *Silva* (Agostinho Dias da).

Araújo Roda (Francisco Teixeira de). Tomou posse a 19 de Março de 1750. Ainda vivia em 1767.

Argulho (Domingos Gil), chantre. Tomou posse a 14 de Maio de 1607.

Arrais Ordaz (Manuel de). Assina nas actas de 1666.

Artulho (Francisco), capelão da rainha, bacharel em teologia.

Tomou posse de mestre escola em 1547.

Azevedo (Francisco Manuel de Morais), natural de Vila Chã da Barciosa, beneficiado de Santa Maria de Bragança, filho de Manuel Rodrigues de Morais, de Vila Chã da Barciosa, sargento-mor das ordenanças de Miranda, e de D. Maria Guiomar de Morais Azevedo, natural de Eucizia.

Neto paterno de Manuel Rodrigues Antão, familiar do Santo Ofício, de Vila Chã, e de D. Catarina de Morais, da Junqueira.

Neto materno de Alexandre de Azevedo, da Ferradosa, e de D. Caetana Maria Josefa de Sequeira, da Eucizia.

Habilitação *de genere* em 1813, para a cadeira de coadjutor e futuro sucessor do cónego Bento José de Figueiredo Sarmento *(maço nº 1)*.

Figueiredo faleceu a 3 de Novembro de 1814 e Azevedo entrou logo na efectividade do cargo *(maço nº 1)*.

Era sobrinho do deão Paulo Miguel Rodrigues de Morais.

– (Doutor Francisco de Sousa e).

Tomou posse da cadeira de deão a 18 de Outubro de 1686. (Fólio 246 v.).

Baptista (João), natural de Bragança, filho de Domingos Rodrigues Brás, de Paradinha, e de D. Ana Maria, de Bragança.

Habilitação *de genere* em 1683, para tomar posse do meio canonicato que nele resignou seu tio Domingos Pires *(maço nº 2)*.

Barbas (Doutor Francisco). Assina nas actas de 1619. (Fólio 112 v.).

Barbudo (Manuel Mendes). Assina nas actas de 1617. (Fólio 95 v.).

Barreira (Manuel Caetano). Assina nas actas de 1863.

Barroso (Diego). Assina nas actas de 1572.

– (José Emílio da Silva). Assina nas actas de 1838.

Batalha (Manuel Freire). Ver Albuquerque.

Belo (António da Silva), natural de Alvarelhos, concelho de Monforte de Rio Livre, hoje de Chaves.

Habilitação *de genere* em 1730, para tomar posse de um canonicato na Sé de Évora *(maço nº 2)*.

Boiça (Francisco de). Tomou posse de uma meia conesia em 1547.

Borges (André). Arcediago de Bragança em 1584. Ainda vivia em 1595.

– (Bento), natural de Nuzedo sub Castelo, filho de Manuel Martins, de Nuzedo, e de D. Catarina Rodrigues, de Curopos.
Habilitação *de genere* em 1734, para tomar posse do canonicato vago por falecimento de Miguel Giraldes *(maço nº 2)*.

– (João). Tomou posse em 29 de Junho de 1609.

Cabral (João). Ver *Nunes* (Pascoal).

Cabral da Câmara (António Xavier da Veiga). Cónego doutoral, bacharel em leis, foi em 1827 promovido a deão, por falecimento, em Março do mesmo ano, do seu antecessor Paulo Miguel Rodrigues de Morais.

Cabral da Câmara era freire conventual de S. Tiago da Espada, cavaleiro de Nossa Senhora da Conceição, provisor e juiz dos casamentos *(maço nº 1)*.

Era natural de Cidadelhe, termo Mesão Frio, mas seus pais eram oriundos de Vila Real.

Era cónego na Sé de Bragança desde 1818, em que sucedeu na cadeira vaga por falecimento de José Manuel da Veiga.

Faleceu em Sezulfe, bispado de Bragança, às nove e meia horas da noite de 15 de Abril de 1832 e aí foi sepultado. *(Acórdãos* de 1829 a 1863, fol. 25 v.)

Cabral da Silva (Doutor Bernardino). Assina como deão nas actas de 1715.

Faleceu em Lisboa a 6 de Dezembro de 1740 e deixou trezentos mil réis ao cabido de Miranda.

Foi deputado da Inquisição de Lisboa, de que tomou posse a 24 de de Julho de 1717.

Quando faleceu era presidente da referida Inquisição.

Cam (André Gonçalves), natural de Bobadela, arcebispado de Braga.

Habilitação *de genere* em 1683, para arcediago de Mirandela *(maço nº 2)*.

– (João), licenciado. *(Acórdãos* de 1547.)

Cameirão (António Afonso), cónego-tesoureiro-mor da Sé.

Resignou em 1758 a conesia em seu sobrinho Sebastião de Morais, reservando certa pensão a favor de João Afonso, de Talhas, também seu sobrinho.

António Afonso Cameirão, também chamado António Bernardo Afonso Cameirão, era natural de Talhas e filho de Domingos Afonso, de Talhas, e de D. Domingas de Morais, de Izeda.

Tomara posse da conesia em 1757 *(maço nº 1)*.

Foi reitor do Seminário.

– (Pedro Rodrigues), natural de Izeda, filho de José Pires e de D. Isabel Rodrigues, ambos de Izeda.

Neto paterno de Baltasar Pires, de Faiões, e de D. Maria Pires, de Izeda.

Neto materno de Lourenço Rodrigues Cameirão e de D. Filipa Rodrigues, naturais de Izeda.

Era cónego da Sé de Faro e fez a sua habilitação *de genere* em 1701, para tomar posse da cadeira que vagou por permuta com João de Frias e Costa.

Camelo (João), licenciado. Tomou posse a 5 de Janeiro de 1605.

– (Paulo da Cunha), natural do Mogadouro.
Habilitação *de genere* em 1683, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Manuel de Araújo Roda *(maço nº 2)*.

Veio doente de Roma e faleceu logo em Miranda, apenas vencido meio mês, como consta da sessão de 9 de Maio de 1683, e tão pobre que o cabido lhe fez de graça os funerais (fólio 221 v.).

Campo (Manuel do). Ver *Costa* (Francisco Madeira da).

Cardoso (Nuno). Tomou posse a 20 de Fevereiro de 1612.

Carmo (Manuel António do). Em 18 de Agosto de 1810 resignou o meio cónego António José da Rocha, de setenta anos de idade e passante de trinta de serviço, reitor do Seminário, a sua cadeira de meio cónego, no acima citado, reservando a pensão de quarenta mil réis anuais a favor de sua sobrinha D. Gertrudes Narcisa, freira de Santa Clara de Bragança *(maço nº 1)*.

As habilitações *de genere* de Manuel António do Carmo, declaram que era filho de António Lopes, de Selas, e de D. Maria Alves, de Ferreira *(maço nº 2)*.

Carrilho (Miguel). Assina nas actas de 1608.

Carvalho. Em Maio de 1613 faleceu António Simões, meio cónego da Sé de Miranda, e na mesma altura vagou a igreja de Constantim por falecimento do pároco Fernão Nunes. Postas a concurso as duas vacaturas a elas concorreram Bernardino Carvalho e Francisco Ribeiro, que foram aprovados, mas não declara o documento qual foi o provido na conesia.

– (Diogo de), licenciado, arcediago da Sé. Tomou posse a 17 de Agosto de 1642.

Foi visitador na diocese e como tal visitou a igreja de Caçarelhos a 28 de Novembro de 1641, já com o título de arcediago de Miranda. Ver *Alvres de Carvalho.*

– (Domingos), meio cónego, que a 3 de Setembro de 1626 se colou como pároco na igreja de Castro de Avelãs e na conesia vaga foi provido Lourenço Alvarez *(maço nº 1)*.

– (Domingos). Assina nas actas de 1629.

– (Francisco), licenciado. Tomou posse a 24 de Dezembro de 1607. Ver *Carvalho* (João Alvarez de).

– (João Alvarez de). Em carta régia, datada de Madrid a 24 de Março de 1634, reconhece El-Rei o provimento da conesia doutoral da Sé de Miranda do Douro, feito pelo bispo, no doutor João Alvarez de Carvalho, vaga por falecimento do doutor Francisco de Carvalho. Aquele era natural de Miranda e foi abade de Terroso *(maços n.os 1 e 2).*

Carvalho (Sebastião). Assina nas actas de 1592.

Carvalho Barroso (Sebastião), arcediago bispo D. Toríbio Lopes. Tomou posse em 1547.

Casas Novas (Nicolau Martins), natural de Freixiel.

Habilitação *de genere* em 1685, para tomar posse de um meio canonicato *(maço nº 2).*

Castelo Branco (Joaquim de Melo), cavaleiro da ordem de Cristo, natural do Rio de Janeiro, vigário colado na freguesia de Itipicurú, da praia do arcebispo da Baía, provido em 1815 na meia conesia da Sé de Bragança, com ónus de organista, vaga por falecimento de Manuel António Moreira, sucedido a 23 de Maio de 1800. A posse deste cónego suscitou graves discórdias no cabido *(maços n.os 1 e 2).*

Castro (João Ferreira de), natural do Vimioso, filho de António Ferreira de Castro, do Vimioso, familiar do Santo Ofício, cavaleiro da ordem de Cristo, e de D. Arcângela de Morais Figueiredo, da Ferradosa.

Neto paterno de João de Castro Ferreira e de D. Maria de Quina, do Vimioso.

Neto materno de André de Morais Figueiredo, de Outeiro, e de D. Ana Gomes da Fontoura, de Ferradosa, termo da Torre de D. Chama.

Habilitação *de genere* em 1757, para tomar posse como coadjutor e futuro sucessor da cadeira do cónego Francisco Teixeira de Araújo Roda *(maço nº 2).*

Cavaleiro (André Gonçalves). Tomou posse de arcediago de Mirandela, vago por falecimento de Francisco Rodrigues, a 13 de Março de 1683. (Livro dos *Acórdãos,* fol. 22 v.)

Cerqueira (Manuel). Fez profissão de fé a 20 de Agosto de 1616.

Chaves (Amaro Pires), natural de Santulhão.

Habilitação *de genere* em 1704, para tomar posse da cadeira que nele renunciou o cónego Pedro Rodrigues Cameirão.

Era filho de José Pires, de Izeda, e de D. Ana Rodrigues, de Santulhão *(maço nº 2).*

– (Francisco de), natural de Miranda do Douro, licenciado.

Tomou posse da cadeira doutoral, vaga por falecimento do doutor Francisco Barbas, a 21 de Maio de 1650.

Ainda vivia em 1657. (*Acordãos,* fol. 97). Era filho de Francisco Rodrigues e de D. Leonor de Chaves *(maço nº 2).*

Coelho (Nicolau), licenciado. Tomou posse a 20 de Setembro de 1599. Nas sessões de 2 de Março e 9 de Abril de 1566 aparece um cónego a assinar com este nome.

Colaço (Fernão). Assina nas actas de 1583.

Colmieiro (Afonso de Morais). Assina como chantre em 1669 (fol. 167).

Era natural de Vinhais, filho de Francisco Colmieiro e de D. Catarina de Valcacer.

No processo para tomar posse do canonicato, organizado em 1648, assina, como testemunha, Rodrigo Dourado de Morais, fidalgo do hábito de Cristo, alcaide-mor e capitão-mor de Vinhais.

Costa (António da), licenciado. Assina nas actas de Maio de 1594.

– (Doutor António da), vigário geral da Guarda.

Habilitação *de genere* em 1674, para tomar posse da cadeira de deão *(maço nº 2)*.

Era natural de Penamacor e sucedeu no cargo a Jácome Luís de Figueiredo.

– (Domingos Gonçalves da), natural de Vale da Porca, filho de Pedro Gonçalves, de Ala, e de D. Josefa da Costa, de Vale da Porca.

Habilitação *de genere* em 1715, para arcediago de Bragança, vago por falecimento de António de Morais Sarmento *(maço nº 2)*.

– (Francisco da), licenciado. Tomou posse, como tesoureiro, a 7 de Março de 1592. (Fólio 119 v.)

– (Doutor Francisco Madeira da), provido no canonicato, vago por falecimento de Manuel do Campo, de que tomou posse a 5 de Dezembro de 1677.

– (Jácome Ferreira da), natural de Braga.

Habilitação *de genere* em 1699, para meio cónego com obrigação de tocar órgão *(maço nº 2)*.

– (João Machado da), natural de Candoso, concelho de Vila Flor.

Faleceu em Setembro de 1927.

– (José Joaquim Pinto da), natural de Chacim, filho do doutor Manuel Pinto da Costa e de D. Joana Maria da Cruz.

Irmão de D. Luísa Maria Joaquina Pinto da Costa, avó do doutor António Henriques de Figueiredo Sarmento, natural de Vilar do Monte, que conhece dados biográficos do cónego, o qual foi vigário geral, mas não sei onde nem quando.

Era cónego doutoral em Bragança em 1829.

– (José Rodrigues da), natural de Chacim.

Habilitação *de genere* em 1740, para arcediago de Bragança, por coadjutor e futuro sucessor de seu tio Domingos Gonçalves da Costa, de Vale da Porca.

Era fiiho de Manuel da Costa Ochôa, de Vale da Porca, e de D. Ana Machado, de Chacim.

Neto materno de João Machado e de D. Maria Nunes, de Chacim *(maço nº 2)*. Ainda vivia em 1767.

Costa (Luís António da), provido em 1829 no canonicato, vago por falecimento de Tomás Machado Peixoto, sucedido a 10 de Março de 1828, o qual fora provido em 1816 por falecimento de Tomé Rodrigues de Sá, natural de Agrochão, sucedido a 24 de Março de 1799.

Peixoto fora frade dominicano brasileiro (Rio de Janeiro), mas era natural de Guimarães. Minhoto e frade secularizado!... É o caso: – Mau frade, pior padre. Mau padre, bom frade.

Luís António da Costa faleceu em Bragança a 29 de Março de 1833. (Livro 210, fol. 89 do *Livro de Testamentos* do Museu Regional de Bragança).

Rodrigues de Sá tomara posse em 1767, por renúncia, com futura sucessão que nele fez seu tio Gaspar Rodrigues de Sá, natural de Guide, falecido nesse mesmo ano com setenta e quatro anos de idade, que já obtivera o canonicato por renúncia que nele fez seu tio João Rodrigues em 1723 *(maço nº 1)*.

– (Luís da). Tomou posse, como tesoureiro, a 23 de Maio de 1585. (Fólio 82).

– (Luís da). Tomou posse, como arcediago da Sé, a 2 de Janeiro de 1609.

Couceiro (Estêvão). Tomou posse em 29 de Junho de 1610.

Cruz e Sousa (António da). Tomou posse em 1850. Ainda vivia em 1894.

– (António). Assina nas actas de 1838.

Cunha (Luís da). Tomou posse a 28 de Agosto de 1632. Ainda vivia em 1657. (Fólio 47).

Delgado (Luís António de Sá), natural do Vimieiro.

Habilitação de *genere* em 1749, para tomar posse, como coadjutor e futuro sucessor, do canonicato que nele renunciou seu tio António Rodrigues de Sá *(maço nº 2)*.

Faleceu em Julho de 1808.

Dias (Francisco). Assina nas actas, como chantre, em 1662. (Fólio 135 v.).

– (Jerónimo). Assina nas actas de 1566.

– (Lopo), licenciado em cânones. Tomou posse em 1547.

Foi a Roma tratar de negócios do cabido e regressou em Março de 1547.

Dias da Fonseca (António). Assina nas actas de 1688. (Fol. 26).

Diegues (Francisco). Ver *Sá* (Domingos Tavares de).

– (Manuel Marcelino), natural de Bragança. Tomou posse de meio cónego em 1872 *(maço nº 1)*.

Doutel de Almeida (Manuel), fidalgo da Casa Real, natural de Bragança, provido em 1815 no canonicato, vago por falecimento de Luis António Delgado, do Vimieiro, sucedido em Bragança a 20 de Julho de 1808.

Doutel de Almeida foi depois abade para Vinhais e renunciou o canonicato em Manuel Doutel de Figueiredo Sarmento, que, por sua vez, resignou o cargo em 1824 e foi servir de capelão militar para cavalaria nº 6 *(maço nº 1)*.

Doutel de Figueiredo Sarmento (Manuel), abade de Espinhosela, provido em 1791 no canonicato vago por falecimento de António de Almeida, sucedido a 2 de Outubro de 1790.

Anteriormente fora apresentado nessa cadeira o doutor João António Gomes de Sepúlveda, que recusou, sendo depois provido o Doutel, natural de Bragança, onde faleceu a 29 de Abril de 1819.

O seu testamento encontra-se no livro 106, fol. 146 v., do *Registo dos Testamentos,* no Museu Regional de Bragança.

Deixa herdeiros seus sobrinhos: visconde de Mirandela, D. Cristina Carolina Doutel, D. Amélia Carolina e D. Ana Lodovina, sua irmã, freiras em Santa Clara e S. Bento de Bragança, e Manuel Doutel de Figueiredo Sarmento, das Aguieiras.

Escovar (Adrião), natural do Vimioso, filho de Francisco de Almeida e de D. Maria de Escovar.

Habilitação *de genere* em 1659, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Pedro Ferreira *(maço nº 2)*. Mas no fólio 133 dos *Acórdãos* diz-se que a posse foi por falecimento do cónego Domingos Pires Urbano.

– (António de), licenciado, natural de Viseu.

Habilitação *de genere* em 1639.

Seu irmão Manuel de Oliveira de Escovar era nesse tempo cónego na Sé de Miranda e eram ambos filhos de Diogo Lopes e de D. Ana Mendes *(maço nº 2)*.

– (Diogo de), cónego antes de 1564.

– (Estêvão Martins), capelão do bispo D. Toríbio Lopes, arcediago de Mirandela.

Tomou posse em 1547. Em 1601 aparece um Estêvão Manuel de Escovar, como arcediago da Sé. Ignoro se será o mesmo, devido a equívoco na leitura.

Falcão (Jerónimo ou João). Assina nos *Acórdãos* de 1572.

– (João Afonso), de Frontes, extra-muros de Zamora, filho de Manuel Falcão, de Fonte de Aldeia, e de D. Maria Rodrigues, de Vilar Seco.

Habilitação *de genere* em 1732 para tomar posse da cadeira de organista, vaga por falecimento de João Teixeira *(maços n.os 1 e 2)*.

Falcão (Luís), de Carção, provido em 1827 no canonicato, vago por falecimento de Francisco Manuel de Morais Azevedo, sucedido em Maio desse ano.

Falcão era filho de Domingos Luís e de D. Maria Dias *(maço nº 1).*

O seu nome todo era Luís António Falcão.

Foi paroquiar Carção quando o sistema constitucional tirou as rendas aos cabidos e só regressou a Bragança em 1848.

Faria (Nicolau de). Tomou posse a 4 de Janeiro de 1601. (Fólio 153). Renunciou depois o canonicato, para tomar posse da abadia de Cércio, a 6 de Agosto de 1607. *(Acórdãos,* fol. 13)

Feijó (Manuel de Madureira Feijó de Morais Sarmento), natural de Parada de Infanções, onde nasceu a 23 de Maio de 1761, filho de António Luís Madureira e de D. Francisca Rosa de Morais Sarmento, natural de Ferreira.

Neto paterno de Salvador de Prada, de Bragança, e de D. Angélica de Morais Madureira, de Parada.

Neto materno de João de Morais Leite, de Ferreira, e de D. Joana de Morais Queiroga, de Edral. Ver *Morais Sarmento* (Manuel de).

Habilitação *de genere* em 1798, para tomar posse da cadeira de tesoureiro-mor que possuía o cónego Sebastião de Morais.

Como testemunhas no processo figuram: João Manuel Pires Dinis, de Coelhoso, residente em Bragança, familiar do Santo Ofício, médico do Hospital Real e dos partidos de Bragança, e António Manuel do Amaral Sarmento, natural de Morais, cavaleiro professo na ordem de Cristo, sargento-mor da praça de Bragança.

Feijó ainda continuava no exercício em 1803, mas já estava nomeado cónego da Sé Patriarcal.

Em 1805 trocou com José Maria de Meireles o seu benefício, pelo que este possuía na Colegiada de Santa Maria de Bragança. No processo figura António de Madureira Feijó de Morais Sarmento, tenente de cavalaria, irmão do cónego. Meireles obtivera o benefício por resignação que nele fez em 1778 seu tio António José de Meireles, arcediago da Sé do Porto. Ver *Morais Madureira* (Manuel de) *(maços n.os 1e 2).*

Fernandes (Gaspar). Assina nos *Acórdãos* de 1581.

– (João). Fez profissão de fé a 21 de Janeiro de 1589 (fólio 107).

– (João), natural de Rebordãos, filho de Baltasar Fernandes e de D. Maria Afonso.

Habilitação *de genere* em 1659, para tomar posse do canonicato vago por falecimento de Manuel Antunes de Paiva *(maço nº 2).*

– (Martim). Ver Abreu (António de Macedo de).

Fernandes da Veiga (António). Tomou posse a 3 de Julho de 1637 (fólio 62 v.).

Fernandes Pereira (Doutor Domingos) ou Domingos Gonçalves Pereira, tomou posse a 1 de Janeiro de 1681 do canonicato vago por desistência do doutor Francisco Madureira da Costa. (Fólio 205).

Ferreira (Agostinho), natural de Vale Paço, prelasia de Tomar, bacharel em cânones.

Habilitação *de genere* em 1749, para tomar posse da cadeira doutoral, vaga pela promoção a deão do doutor Francisco Xavier Aranha *(maço nº 2)*.

– (António Aires). Ver *Alves* (Manuel).

– (Brás), natural de Vinhais.

Habilitação *de genere* em 1671, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Adrião de Escovar.

Era filho de Jerónimo Ferreira Sarmento e de D. Maria de Sá *(maço nº 2)*.

– (Domingos de Sá). Tomou posse como organista em 1851.

– (Francisco), licenciado. Assina nos *Acórdãos* de 1621.

– (Francisco António), natural de Babe, bacharel em cânones, provido em 1827 na cadeira de magistral que vagara em 14 de Outubro de 1819, pela promoção do doutor João Pedro Freixo de Miranda a prelado da Sé patriarcal de Lisboa *(maço nº 2)*.

– (Gaspar Caetano de Sá), natural de Chacim, clérigo *in minoribus*, filho de João de Sá Mesquita e de D. Paula Ferreira, todos de Chacim.

Habilitação *de genere* em 1734, para tomar posse da cadeira de chantre, por renúncia que nele fez seu tio Gaspar da Rocha Ferreira *(maço nº 2)*. Faleceu a 1 de Novembro de 1776.

Também foi mestre escola e um dos quatro cónegos eleitos pelo cabido, na sessão de 11 de Maio de 1761, para assistir ao Sínodo Diocesano.

– (Jorge). Assina como tesoureiro-mor em 1564. Ainda vivia em Março de 1566.

– (José Maria), nasceu em Pombares, concelho de Bragança, a 14 de Dezembro de 1864. Era filho de Manuel António Ferreira e de D. Vitória do Espírito Santo.

Professor do Seminário e pregador régio. Vive actualmente (1927) em Alvites. A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Ferreira de Sá (António), cónego magistral a 8 de Março de 1650. (Fólio 39).

Figueiredo (André Borges Leite de), licenciado, assina como arcediago de Bragança em 1566.

Figueiredo (Francisco Mendes de). Assina nos *Acórdãos* de 1702.

– (João de). Ver Sarmento (António Ferreira de Sá).

– (José Lanhas de), natural de Braga.

Habilitação *de genere* em 1683, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento do doutor Leonardo de Morais Lobo *(maço nº 2)*.

Figueiredo Morais (João de), natural de Bragança, filho de João de Figueiredo e de D. Isabel de Sá.

Habilitação *de genere* em 1719, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de João de Loureiro Medeiros *(maço nº 2)*.

Figueiredo Sarmento (Bento José de), natural de Bragança, abade de Urros, filho de outro do mesmo nome, natural de Bragança e de D. Ana Maria Pinto da Fonseca, natural da vila de Vale de Prados.

Neto paterno de José Cardoso Borges, natural de Miranda, e de D. Clara Maria de Figueiredo Sarmento, de Bragança.

Neto materno de Francisco Álvares de Avelar, natural de Avelar, e de D. Maria Pinto da Fonseca, natural de Espadanedo.

Habilitação *de genere* em 1799, para tomar posse do canonicato, vago por falecimento de Damião Jaques *(maço nº 2)*, sucedido em Agosto de 1797 *(maço nº 1)*.

– – (Jácome Luis de). Ver Costa (António da).

– – (João de). Tomou posse a 12 de Junho de 1634 (fólio 55).

Figueiroa (Miguel de). Tomou posse a 17 de Março de 1595 (fólio 131).

Fonseca (André da), natural de Évora.

Habilitação *de genere* em 1635.

Era licenciado em teologia e filho de Diogo Cordeiro e de D. Catarina Dias da Costa *(maço nº 2)*.

Era arcediago de Bragança e renunciou o cargo poucos anos depois.

– (António Dias da Afonseca), natural de Marialva, provido a 29 de Dezembro de 1687 na meia conesia vaga por falecimento de Francisco Gomes *(maço nº 1)*.

– (Doutor João Ribeiro da), de Moncorvo, filho de Francisco Morais da Mesquita e de D. Maria de Castro Osório, de Ansiães.

Neto paterno de António de Morais da Mesquita e de D. Isabel da Mesquita, de Ansiães.

Neto materno de João Ribeiro da Fonseca e de D. Isabel da Mesquita, do Souto de Penedono.

Habilitação *de genere* em 1685, para cónego magistral *(maço nº 2)*.

Era opositor às cadeiras da Universidade de Coimbra.

Fonseca (Doutor Sebastião Soares da), de Aveiro. Tomou posse a 27 de Janeiro de 1686.

– (Luís da). Fez profissão de fé, para tomar posse do canonicato, a 21 de Janeiro de 1589. (Fólio 107).

– (Salvador da). Assina nos *Acórdãos* de 1593.

Era natural de Miranda, ou pelo menos lá tinha irmãos que viviam em casa separada da do cónego.

Fonseca Coutinho (Luís da). Assina nos *Acórdãos* de 1595.

Fonseca Pedrossa (Francisco da). Fez profissão de fé a 20 de Junho de 1598.

Franco (José António), natural de Bragança, bacharel em direito, abade de Vinhais. Requereu em 1871 para tomar posse da cadeira, por troca que fez com Luís Baptista Montes *(maço nº 1)*.

Nasceu em Bragança (Sé), a 22 de Agosto de 1833, e aí faleceu a 2 de Outubro de 1890.

Foi professor do Seminário e notável causídico.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

– (Pedro Álvares). No processo está o nome *Franco* abreviado, de forma que também parece ler-se Francisco.

Era promotor geral do Auditório Eclesiástico, natural da Paradinha Nova e licenciado.

Foi provido em 1631 no meio canonicato vago por desistência de Julião de Sá *(maço nº 1)*.

Freire (António Gonçalves), natural de São Pedro dos Sarracenos.

Habilitação *de genere* em 1684 para tomar posse da conesia vaga por falecimento de Paulo da Cunha, também era chamado Paulo da Cunha Camelo.

Era filho de Francisco Afonso e de D. Isabel Gonçalves, de São Pedro dos Sarracenos.

Neto paterno de João Afonso de Baixo e de D. Catarina Freire.

Neto materno de Francisco Gonçalves de Baixo e de D. Maria Pires, todos de São Pedro dos Sarracenos *(maço nº 2)*.

– (Bento de Morais), abade de Martim, natural de Castelãos, filho de Bartolomeu de Castilho, de Podence, e de D. Maria de Morais, de Castelãos.

Habilitação *de genere* em 1739, para tomar posse da meia conesia de Francisco Afonso Moredo, com o qual trocara a abadia pelo canonicato *(maço nº 2)*.

– (Francisco Afonso), natural de Babe, filho de Francisco Afonso, de São Pedro dos Sarracenos, residente em Babe, e de D. Maria Fernandes, residente em Babe.

Neto materno de João Afonso, de Rebordãos, residente em Babe, e de D. Catarina Fernandes, de Babe.

Neto paterno de Francisco Afonso e de D. Maria Isabel Gonçalves, naturais de São Pedro dos Sarracenos.

Habilitação *de genere* em 1704 (*maço nº 2).*

Frias (Pascoal de). Assina nos *Acórdãos* de 1581.

Frias e Costa (José de). Assina nos *Acórdãos* de 1694. Ver *Cameirão* (Pedro).

Gama (Jerónimo do Campo da). Assina nos *Acórdãos* de 1651, como arcediago de Miranda. Foi visitador na diocese em 1656.

Gamboa (Manuel Gonçalves de). Tomou posse, a 10 de Abril de 1724, da cadeira vaga por falecimento de Francisco Afonso Freire.

Era natural de Marvão *(maço nº 1).*

Giraldes Neves (Miguel). Assina nos *Acórdãos* de 1724.

Godines (Diogo Mexia), natural de Campo Maior.

Habilitação *de genere* em 1681, para tomar posse do canonicato vago por falecimento de Francisco de Morais *(maço nº 2).*

Parece que era natural de Lisboa; pelo menos aí vivia em 1692, depois de resignar, com pensão, o canonicato.

Gomes (Francisco). Ver *Fonseca* (António).

Gonçalves (João), natural da Especiosa, pelo lado materno e pelo paterno de Carragosa, concelho de Bragança.

Habilitação *de genere* em 1654, para meio cónego *(maço nº 2).*

– (Mateus). Assina nos *Acórdãos* de 1556.

Gouveia (Francisco de). Assina nos *Acórdãos* de 1557.

– (Miguel de), capelão do infante D. Luís.

Tomou posse, como chantre, em 1547. (O apelido Gouveia também parece Guamboa).

Gracês Coelho (Doutor Simão dos Santos), natural do Funchal, Ilha da Madeira.

Habilitação *de genere* em 1761, para tomar posse da cadeira doutoral vaga por falecimento de Agostinho Ferreira *(maço nº 2).*

Assina como mestre escola em 1765.

Foi provisor e vigário geral do bispado.

Gracia (António). Assina nos *Acordãos* de 1608.

Guarda (António da). Assina nos *Acórdãos* de 1553. Ainda vivia em Março de 1565.

Guerra (Francisco André). Tomou posse como mestre escola a 1 de Outubro de 1632. Foi visitador na diocese em 1639.

– (Luís Augusto de Moura), natural de Bragança.

Requereu em 1860 para tomar posse de uma meia conesia *(maço nº 1).*

Guerreiro (Francisco Lopes), bacharel. Foi provido no meio canonicato vago por falecimento de António Ribeiro, sucedido em Agosto de 1615 *(maço nº1).*

Henriques (Miguel de Miranda), natural de Lisboa, licenciado em cânones, filho de José de Miranda Henriques, de Lisboa, e de D. Maria Catarina de Sá e Benevides, de Goa.

Neto paterno de Bernardo de Miranda Henriques, de Setúbal, e de D. Antónia Francisca, de Lisboa.

Habilitação *de genere* em 1758, para tomar posse da cadeira de deão.

Era sobrinho do bispo D. Aleixo de Miranda Henriques e clérigo *in minoribus* quando foi nomeado deão!

Renunciou o cargo em 1790 em Caetano José Saraiva, vigário geral, presbítero do hábito de S. Pedro, bacharel pela Universidade de Coimbra, que ficou com o ónus de pagar anualmente duzentos mil réis a D. Maria Luísa de Miranda Henriques.

O penúltimo deão, imediatamente anterior a Miranda Henriques, foi o doutor Bernardino Cabral da Silva que faleceu a 6 de Dezembro de 1740.

Encontram-se no processo as alegações contra a Coroa Real que por esta ocasião nomeou deão o doutor José Simões Ribeiro, cónego magistral, recusado pelo cabido, fundado nas ditas alegações *(maço nº 1)*.

Homem (Estêvão de Miranda). Tomou posse do canonicato a 21 de Novembro de 1626.

– (João). Na sessão de 17 de Outubro de 1609 diz-se que o cónego Belchior Leitão, trocou o seu canonicato com seu irmão João Homem, o qual tomara posse a 8 de Agosto de 1605.

Também assina João Homem Leitão.

Jaques (Damião). Assina nos *Acórdãos* de 1767.

Jorge (Francisco). Assina nos *Acórdãos* de 1626.

Leitão (Belchior). Fez profissão de fé a 20 de Junho de 1598 (fol. 145 v.).

Leite (Félix António), natural de Braga, clerigo *in minoribus.*

Habilitação de genere em 1780, para tomar posse da cadeira de mestre da capela, vaga por falecimento de Domingos de Sousa *(maço nº 2)*.

Lemos (Cristóvão Galvão de). Ver *Álvares Teixeira.*

– (Manuel de), natural de Bragança, licenciado, filho de Gonçalo de Lemos e de D. Maria Fernandes.

Habilitação *de genere* em 1750, para coadjutor e futuro sucessor do doutor Francisco Álvares Teixeira *(maço nº 2)*.

– (Manuel Parreira de) provido em Outubro de 1750, mediante concurso de provas públicas, no meio canonicato vago por falecimento de Manuel Pires de Morais, sucedido a 9 de Junho de esse ano.

Lemos era presbítero do hábito de S. Pedro, doutor em teologia e natural de S. Pedro da Silva, filho de Francisco Martins Parreira, de S. Pedro da Silva, e de D. Bárbara Torrão, de Caçarelhos *(maços n.os 1 e 2)*.

Lobo (D. Diogo). Tomou posse como mestre escola a 26 de Dezembro de 1623. Ver *Miguel* (João).

– (Doutor Leonardo de Morais). Tomou posse como magistral a 12 de Setembro de 1673, na cadeira vaga por falecimento de Francisco de Chaves.

Lopes (Bernardo). Foi eleito pelo Cabido na sessão de 17 de Agosto de 1566 para ir ao Concílio de Braga (fólio 93).

– (Doutor Manuel Bernardo), cónego magistral.

Ainda vivia em 1767 e na sessão de 11 de Maio de 1761 foi eleito pelo Cabido para assistir ao Sínodo Diocesano.

– (Gonçalo), licenciado em teologia. Tomou posse em 1547.

Ainda vivia em Março de 1566.

– (Luís), natural de Setúbal.

Habilitação *de genere* em 1703, para tomar posse da meia prebenda com obrigação de mestre da capela *(maço nº 2)*.

– (Manuel Bernardo), natural de Bragança, formado em teologia e cânones, filho de António Lopes e de D. Isabel dos Santos.

Habilitação *de genere* em 1751, para tomar posse, como coadjutor e futuro sucessor, da cadeira magistral do doutor José Simões Ribeiro (maço *nº 2)*.

Foi provisor e juiz dos resíduos e casamentos.

– (Miguel José), natural de Bragança, bacharel em teologia, apresentado em 1867 no canonicato vago por falecimento de Manuel Caetano Barreira) *(maço nº 2)*.

Era filho de Tiago Antão Lopes, de Vilar Seco de Miranda, e de D. Ana Rita, de Varge.

Neto materno de João Fernandes, de Varge, e de D. Maria Bernarda, de Sacoias.

Presbítero em 1857. Foi professor e secretário do Seminário.

Tinha outro irmão padre, que foi capelão militar, chamado António Albino Lopes.

Lopes de Moura (Vicente), cónego doutoral, visitador na diocese. Tomou posse a 3 de Março de 1630.

Era já falecido antes de 7 de Maio de 1664.

Lopo (José Maria Pereira). Assina nos *Acórdãos* de 1863.

Louçano (André), natural de Miranda do Douro, filho de Manuel Louçano e de D. Mariana Fernandes.

Habilitação *de genere* em 1716, para tomar posse da cadeira de organista, que nele resignou Jácome Ferreira da Costa *(maço nº 2)*.

Loureiro (António de). Assina nos *Acórdãos* de 1581.

– (João de). Assina nos *Acórdãos* de 1695.

Louzada (João de). Assina nos *Acórdãos* de 1566.

Luís (Afonso), licenciado. Assina nos *Acórdãos,* como mestre escola, em 1554.

Ainda vivia em 1583. Às vezes assinava só: *o Mestre.*

– (Damião), mestre em artes, graduado pela Universidade de Coimbra. Tomou posse em 1547.

– (Francisco), licenciado, visitador na diocese. Tomou posse, como coadjutor e futuro sucessor do arcediago de Mirandela, a 21 de Março de 1602.

A 14 de Junho de 1630 visitou a igreja de Caçarelhos.

Macedo de Madureira (João de). Assina como arcediago de Mirandela nos *Acórdãos* de 1686 a 1735, mas esqueceu-nos de apontar o ano.

Macedo da Silva (Belchior), do Vimioso. Tomou posse, como chantre, a 9 de Maio de 1634, por renúncia que nele fez António Gomes de Roxas.

Era já falecido em 1 de Março de 1657.

Machado (Dionísio), natural de Vila Real.

Parece que além de Machado tinha outro apelido, como Sande ou Sousa, mas não se percebe claramente.

Habilitação *de genere* em 1641, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de João de Sousa *(maço nº 2).*

Machado de Sousa (Dionísio). Tomou posse a 26 de Fevereiro de 1641.

Machado Peixoto (Tomás), natural de Guimarães.

Habilitação *de genere* em 1816, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Tomé Rodrigues de Sá.

Machado Pereira Pinto (Luís), natural de Vale Torno, perto de Vila Flor. Tomou posse, como mestre escola, a 19 de Dezembro de 1647. Ainda vivia em 1657.

Machado Pimentel (João). Assina nos *Acórdãos* em 1657, como tesoureiro-mor, e também em 1639.

Era do Vimioso, segundo aponta a *Descrição do Vimioso* por António Ferreira de Castro (fol. 29 v.).

Madeira da Costa (Doutor Francisco), natural de Évora, filho de Belchior Madeira.

Neto paterno de Francisco Madeira e de D. Francisca de Castro, ambos de Freixo de Espada à Cinta.

Habilitação de *genere* em 1677, para tomar posse da cadeira doutoral vaga por falecimento de Manuel do Campo da Veiga.

Sua mãe era natural de Évora e chamava-se D. Joana da Costa *(maço nº 2).*

Magalhães (Doutor Diogo de). Tomou posse a 5 de Junho de 1607.

– (Doutor José Manuel de). Tomou posse a 24 de Maio de 1777 da cadeira que fora de António Rodrigues de Araújo. A posse foi-lhe conferida pelo bispo D. Bernardo Pinto Ribeiro Seixas, na residência do abade de Podence, António Esteves Pinheiro de Figueiredo, onde o bispo estava de visita *(maço nº 1)*.

O abade de Podence era ascendente colateral do autor destas linhas, Francisco Manuel Alves, reitor de Baçal, e foi depois visitador na diocese, examinador sinodal e desembargador da Mesa Episcopal.

Em 1797 aparece um doutor José Manuel de Magalhães, familiar do Santo Ofício, natural de Bragança, abade de Santa Maria de Louredo, comarca de Vila Real, e anteriormente de São Pedro do Vale, na mesma comarca, filho de Manuel Lourenço de Barros e de D. Catarina Rodrigues Álvares, a fazer habilitação *de genere* em 1797, para tomar posse da cadeira doutoral que possuía Paulo Miguel Rodrigues de Morais. São dois indivíduos diferentes ou é um só? *(maço nº 2)*.

– (Fernão de). Assina nos *Acórdãos* de 1654.

– (Francisco de), licenciado. Tomou posse, como deão, a 19 de Maio de 1590. Faleceu a 4 de Outubro de 1598 (fólio 156 v., dos *Acórdãos*).

Malho (António). Assina nos *Acórdãos* de 1566.

Manso (Francisco José Martins). Requereu em 1863 para tomar posse da cadeira de cónego *(maço nº 2)*.

– (Manuel Martins), natural da Bemposta, bacharel em cânones, vigário geral. Tomou posse, como chantre, em 1825. Foi depois bispo da Guarda *(maço nº 2)*.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Manuel (Estêvão), licenciado. Assina nos *Acórdãos* de 1593, como arcediago de Miranda.

Marinho (André). Fez a profissão de fé, como arcediago de Mirandela, a 30 de Junho de 1585.

Na sessão de 2 de Março de 1566 assina um cónego com este mesmo nome. Será o mesmo ou outro diferente?

Faleceu a 1 de Maio de 1603 (fólio 184 v.).

Martins (António), natural de Miranda do Douro.

Habilitação *de genere* em 1640, para tomar posse da cadeira que nele resignou João Mendes Vila Lobos *(maço nº 2)*. Ainda vivia em 1657.

– (Francisco). Assina nos Acórdãos de 1715.

– (João José), abade de Sendas, governador do bispado. Assina, como tesoureiro-mor, em 1863, se bem que dez anos antes já assina como cónego. Ainda vivia em 1868.

Martins (Sebastião Luís), natural da Bemposta, bacharel em direito.

Requereu em 1862 para tomar posse da cadeira de cónego *(maço nº 1)*.

Foi depois chantre, governador do bispado e professor do Seminário.

Nasceu no Azinhoso a 9 de Agosto de 1825 e faleceu em Bragança em 1911.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Martins de Castro (Jerónimo). Tomou posse a 7 de Agosto de 1590.

Mascarenhas (Francisco). Assina nos *Acórdãos* de 1594.

Matos (Doutor José Botelho de), natural de Lisboa, vigário geral e provisor do bispado de Miranda, filho de Manuel Botelho e de D. Maria de Jesus, naturais de Lisboa.

Neto paterno de Pedro Álvares Botelho e de D. Leonor Colaço, naturais de Alcoentre.

Neto materno de Matias de Matos e de D. Natália de Jesus, naturais de Lisboa.

Habilitação *de genere* em 1712.

Foi depois eleito arcebispo da Baía (Brasil), a 11 de Fevereiro de 1739, e proposto no Consistório de 2 de Janeiro de 1741.

«Chegou á Bahia em 3 de Maio de 1741 e tomou logo posse da diocese. Perseguido pelo marquez de Pombal por não collaborar na guerra movida aos jesuitas, entregou ao cabido a administração da diocese em 7 de Janeiro de 1760 e retirou-se para Itapagipe, onde falleceu a 22 de Novembro de 1761» (792).

Há no Museu Regional de Bragança várias cartas deste bispo, referentes aos anos de 1747 a 1753, dirigidas ao cabido de Miranda respeitantes a diversas esmolas que mandava para os pobres da diocese, compreendendo dotes para casamentos de raparigas pobres (alguns de cem mil réis).

Tinha família em Miranda do Douro, pois uma das cartas refere-se dolorosamente à notícia que o cabido lhe mandou do falecimento de um sobrinho, e à remessa de esmolas para missas em sufrágio da sua alma, distribuídas pelo cabido, clero e frades de Miranda, em cuja Sé supõe que o sobrinho seria enterrado.

Medeiros (João de Loureiro), natural de Tinhela, filho de Afonso de Medeiros Teixeira, de Tinhela, e de D. Maria de Loureiro, dos Cortiços.

(792) ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal,* tomo III, parte II, p. 971, onde se citam várias obras referentes a este notável bispo.

Neto materno de João de Loureiro de Mesquita, dos Cortiços, e de D. Filipa de Buíça, de Miranda do Douro.

Habilitação *de genere* em 1693, para tomar posse como coadjutor e futuro sucessor de Francisco Cabral de Aragão *(maço nº 2)*. Ainda vivia em 1711.

Meireles (André Manuel de). Assina nos *Acórdãos* de 1797.

– (António Jorge de), natural de Bragança, bacharel, filho de André Manuel Pires, de Penhas Juntas, e de D. Caetana Maria do Carmo, de Bragança.

Neto paterno de Pascoal Gonçalves, de Penhas Juntas, e de D. Joana Pires, de São Cibrainhos.

Neto materno de Francisco José Pires, de Gimonde, e de D. Ana Maria, de Bragança.

Habilitação *de genere* em 1803, para tomar posse como coadjutor e futuro sucessor do chantre Francisco Pinto Pereira *(maço nº 2)*. Ver *Morais* (Mirandela).

– (José Maria de), natural de Bragança, filho de Manuel da Cruz, natural de Riba Longa, e de D. Maria Caetana de Meireles, natural de Bragança.

Neto paterno de Jorge Francisco, de Nugoselo, bispado de Pinhel, e de D. Eufémia Dias, de Riba Longa.

Neto materno de Pedro Martins Meireles, capitão de infantaria, natural da Bemposta, e de D. Micaela Domingues, natural de Mós de Rebordãos.

Habilitação *de genere* em 1806, para tomar posse de tesoureiro-mor da Sé de Bragança, pela permuta que fez com Manuel de Madureira Feijó de Morais Sarmento *(maço nº 2)*.

Melo (António Veloso de), de Condeixa-a-Nova.

Habilitação *de genere* em 1706, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Inácio Supico de Carvalho *(maço nº 2)*.

O seu processo encontra-se junto com o de seu irmão Bernardino Cabral da Silva, cónego na mesma Sé de Miranda.

Mendes (António), licenciado. Fez profissão de fé a 27 de Maio de 1600.

Faleceu em Janeiro de 1630 ou fins de Dezembro de 1629.

Nos *Acórdãos* aparece a assinar em 1596, como mestre escola, um António Mendes.

– (Joane). Assina nos *Acórdãos* de 1603.

– (Manuel). Tomou posse a 10 de Fevereiro de 1612.

Mendes de Vasconcelos (Manuel). Fez profissão de fé a 12 de Maio de 1601.

Mendonça (João Arrais de). A leitura Arrais não será bem segura pois parece *Alvres*. Tomou posse, como arcediago de Miranda, a 1 de Janeiro de 1604.

Mesquita (Filipe da), licenciado. Tomou posse, como tesoureiro-mor da Sé, a 22 de Dezembro de 1626.

Miguel (João), licenciado. Tomou posse, como mestre escola, a 28 de Outubro de 1625, por renúncia que nele fez D. Diogo Lobo da Silveira.

Miranda (Doutor Manuel de), natural de Rio Frio de Outeiro, clérigo *in minoribus,* filho de Miguel Ferreira, de Rio Frio de Outeiro, e de D. Maria Miranda, da Paradinha de Outeiro.

Neto paterno de Manuel Ferreira e de D. Isabel Lopes, de Rio Frio de Outeiro.

Neto materno de Domingos de Miranda e de D. Isabel Gonçalves, da Paradinha de Outeiro.

Habilitação *de genere* em 1758, para tomar posse da cadeira do doutor Francisco Giraldes Pavão, que nele a resignou (ver 3º em *Paradinha de Outeiro,* pág. 373 e *Soutelo da Gamoeda,* pág. 465).

– (João Pedro Freixo de), natural de Lisboa, doutor em teologia pela Universidade de Coimbra e opositor às cadeiras da mesma, filho de José António Freixo de Miranda e de D. Joaquina Teresa de Miranda Macedo.

Neto paterno do capitão João Fernandes Freixo de Miranda e de D. Maria da Ascensão Nunes Ovelheira.

Neto materno do capitão José da Costa Cabral e de D. Luísa Maria Roubão de Macedo.

Habilitação *de genere* em 1802, para a cadeira de magistral, vaga por falecimento de Manuel de Miranda

Mondragão (Doutor Manuel Calvo), cónego?

Monteiro (Afonso), capelão do bispo D. Toríbio Lopes. Tomou posse, como cónego, em 1546.

– (António). Assina nos *Acórdãos* de 1547 a 1598.

– (João). Assina nos *Acórdãos* de 1594. Faleceu a 13 de Outubro de 1614 e deixou à fábrica da Sé um legado com que se comprasse um paramento preto, rico, para as festas principais.

– (José Pires), natural de Duas Igrejas.

Foi provido na vaga que se deu a 16 de Agosto de 1827 pelo falecimento do meio cónego Caetano José Pires (*maço nº 1).*

Montes (Luís Baptista). Assina nos *Acórdãos* de 1869. A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Morais (Afonso de), natural de Vinhais, filho de Francisco Colmieiro e de D. Catarina de Valcácer, residentes em Vinhais.

Habilitação *de genere* em 1648, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Dionísio Machado.

No processo depõe como testemunha Rodrigo Dourado (de Morais?), fidalgo do hábito de Cristo, alcaide-mor e capitão-mor de Vinhais *(maço nº 2)*.

Morais (Francisco de). Tomou posse, como chantre, a 29 de Agosto de 1658, cargo vago por falecimento do doutor Belchior de Macedo.

– (Francisco de). Tomou posse, como cónego, a 5 de Outubro de 1663.

– (Gaspar de), licenciado. Fez profissão de fé a 10 de Maio de 1597.

– (João António de), de Bragança, mas nascido em Babe, filho de José António e de D. Maria Teresa.

Neto materno de Manuel José Pires, de Baçal, e de D. Domingas, de Varge.

Era pároco de Nogueira, e foi provido em 1827 na cadeira de organista, vaga por falecimento de Francisco do Nascimento Afonso, natural de Bragança, que fora provido em 1825 e sucedera a Joaquim de Melo Castelo Branco, natural do Rio de Janeiro, que fora provido em 1815 por falecimento de Manuel António Moreira, sucedido em 3 de Maio de 1800, natural de Mós, diz a certidão de óbito, mas ele em requerimento dizia ser natural dos Estevais, comarca de Moncorvo, o qual sucedera no cargo em 1753 a André Louçano e este a Jácome Ferreira da Costa provido em 1699 *(maço nº 1)*.

Nos *Acórdãos* de 1838 assina um João Manuel de Morais. Ignoro se é o mesmo acima ou outro.

– (Manuel de). Assina nos *Acórdãos* de 1608.

– (Manuel de), natural de Edral, filho de Lourenço de Morais e de D. Catarina de Varjão.

Habilitação *de genere* em 1693, para tomar posse da cadeira que nele renunciou o arcediago da Sé, João de Morais da da Silva *(maço nº 2)*.

– (Manuel Pires de). Ver *Lemos* (Manuel Parreira de).

– (Melchior Luís de), natural de Mirandela, filho de José de Morais e de D. Sebastiana Ferreira.

Habilitação *de genere* em 1819, para tomar posse da cadeira de chantre, vaga por falecimento de António Jorge de Meireles, natural de Bragança, onde faleceu a 27 de Abril de 1814 *(maço nº 2)*.

– (Paulo Miguel Rodrigues de), natural de Vila Chã da Barciosa, cavaleiro da ordem de Cristo e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, bacharel em cânones, mestre escola da Sé, promovido a deão em 1814. Provisor, vigário geral e juiz dos resíduos e casamentos.

Faleceu a 14 de Março de 1827 *(maço nº 1)*.

Teve a cadeira doutoral em 1795. O antecessor nesta cadeira

fora o doutor José Manuel de Magalhães, bacharel em cânones, que sucedeu no cargo a António Rodrigues de Araújo, falecido a 2 de Maio de 1771, abade reservatário de Louredo, distrito de Vila Real. Era natural de São Félix da Marinha, comarca da Feira, diocese do Porto, tomara posse da cadeira doutoral em 1749 e era bacharel em cânones e presbítero do hábito de São Pedro. Neste processo *(maço nº 1)* vem formidável carta do bispo de Miranda, D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, contra os jesuítas e ainda recursos que houve por causa dos canonicatos. É interessante este processo para ajuizar da jesuitofobia do bispo e das sabugices para com os grandes.

No livro 146, fol. 82, do *Registo dos Testamentos* do Museu Regional de Bragança, vem o cónego.

O seguinte documento mostra as divergências que ao tempo havia no Cabido de Bragança. A outras anteriores e posteriores já nos referimos no II vol. destas *Memórias Arqueológico-Históricas,* ao tratar do bispo D. António da Veiga, e no vol. IV, págs. 589, 604 e 659.

«Sendo presente a El-Rei Nosso Senhor pela informação a que mandou proceder pelo desembargador da Relação do Porto Manoel Marinho Falcão de Castro e Moraes sobre os diversos e contrarios requerimentos do Cabbido da Sé de Bragança devido a entre si, com geral escandalo, que o Deão, unido com o Mestre Escolla, Arcediago e dous conegos tem insultado e infamado o Vigario Apostolico, escolhido e mandado em o Regio Beneplacito para restituir ao Cabbido e á Diocese a paz de que tanto necessitão e promovem todos os meios para aumentar as intrigas e desordens sem respeitarem os mandatos da Sé Apostolica e as Reaes ordens, nem obedecerem ao Vigario Apostolico, seu legitimo Superior:

Manda Sua Magestade, como providencia indispensavel, que o Deão Paulo Miguel Rodrigues de Moraes vá para a cidade de Tavira, o Mestre Escola Mathias da Costa Pinto e Albuquerque para a cidade de Castello Branco, o Arcediago da Sé Francisco José Gonçalves para a cidade de Lamego, o Conego Francisco Manuel de Moraes Azevedo [era sobrinho do Deão] para a cidade de Vizeu; o Conego Thomaz Machado Peixoto para a cidade do Porto; que todos partão da cidade de Bragança dentro de cinco dias depois da intimação; que cada um remeterá á Secretaria de Estado dos Negocios do Reino certidão do principal Magistrado da cidade para onde hé mandado, com declaração do dia da sua respectiva chegada, e que todos se conservem nos lugares do seu destino athe segunda ordem

do mesmo Senhor . . . . . Palacio do Governo em 14 de Março de 1818» [793].

Por Aviso de 14 de Julho de 1818 foram mandados recolher a Bragança, sendo-lhes perdoado o castigo [794].

Morais (Sebastião de), natural de Izeda, filho de Francisco Afonso e de D. Emerenciana de Morais.

Habilitação *de genere* em 1758, para tomar posse da cadeira de coadjutor e futuro sucessor de seu tio António Afonso Cameirão, tesoureiro-mor *(maço nº 2)*.

Morais Antas (Doutor António de). Tomou posse, a 20 de Março de 1679, da cadeira doutoral, vaga por falecimento do doutor Sebastião Rodrigues Amado.

Morais Cidade (Sebastião). Assina nos *Acórdãos* de 1715, como tesoureiro-mor.

Morais da Silva (João de). Tomou posse, a 25 de Dezembro de 1674, do canonicato que nele renunciou o doutor Sebastião de Almeida de Seixas.

– (Manuel de). Assina como arcediago de Miranda, também chamado do bago ou da Sé, nos *Acórdãos* de 1715.

Morais Madureira (Manuel de). Tomou posse, a 12 de Abril de 1672, da cadeira de tesoureiro-mor, vaga por falecimento de João Machado Pimentel.

Era filho de António de Morais Madureira, de Parada, e de D. Anastácia Pereira, de Macedo de Cavaleiros.

Neto paterno de Alvareanes e de D. Ana de Morais.

Neto materno de Gonçalo Borges e de D. Antónia Pereira, de Macedo de Cavaleiros.

Morais Pimentel (José de), natural de Bragança. Tomou posse do canonicato a 30 de Abril de 1691.

Morais Sarmento (Antonio de), natural de Vinhais. Tomou posse, a 16 de Julho de 1685, da cadeira de arcediago de Bragança, vaga por falecimento de Francisco Simões de Sousa.

– (Manuel de). Habilitação *de genere* em 1733, para arcediago do Aro, sendo ao tempo clérigo *in minoribus.*

Era natural de Ferreira, filho de João de Morais Leite e de D. Joana de Morais Queiroga, de Ferreira.

Neto paterno de Manuel de Morais Soares, de Ferreira, e de D. Rufina da Rosa, de Mascarenhas.

(793) Livro VI do *Registo Maior da Câmara de Bragança,* fol. 109.
(794) Ibidem, fol. 118 v.

Neto materno de Lourenço de Morais Sarmento, de Edral, e de D. Catarina de Vargas, de Chaves.

Ainda vivia em 1767.

Moredo (Francisco Afonso), natural de Podence, filho de Bartolomeu Afonso e de D. Margarida Alvres, todos de Podence.

Habilitação *de genere* em 1719, para tomar posse do meio canonicato, com obrigação de cura da Sé de Miranda, por resignação que nele fez o meio cónego António Brandão de Araújo *(maço nº 2)*.

Moreira (António Luís Gonzaga), natural de Bragança, reitor de Oucidres, provido em 1826 na meia conesia a que andava anexo o cargo de mestre da capela, vago pela promoção a cónego de Manuel José da Silva, que tomara posse em 1784, por desistência de António José da Silva, natural de Miranda do Douro, que fora provido em 1782 por falecimento do meio prebendado Félix António Leite, natural de Braga, provido em 1779 por falecimento de Domingos de Sousa, também natural de Braga.

Moreira foi em 1849 promovido a cónego por falecimento de Manuel Bernardo de Araújo *(maço nº 1)*.

– (Manuel António), natural de Estevais, filho de António Luís Moreira, dos Estevais, e de D. Ana Maria da Silva, de Ferreiros.

Habilitação *de genere* em 1753, para tomar posse da cadeira de meio cónego com ónus de organista *(maço nº 2)*.

Mós (José Joaquim de Oliveira), natural de Bragança, onde nasceu a 22 de Janeiro de 1835 e na mesma cidade faleceu a 9 de Julho de 1897. Bacharel em teologia.

Requereu em 1860 para tomar posse do canonicato. Foi depois vigário capitular, governador do bispado e professor do Seminário.

Assina nos *Acórdãos* em 1894, como mestre escola e presidente do cabido.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Mota (Brás da), capelão do bispo D. Toríbio Lopes.

Tomou posse, como organista, em 1547. Faleceu em 1575.

Moura (Francisco de). Reunciou a 22 de Dezembro de 1738 à meia conesia que possuía na Sé de Miranda, em favor de seu sobrinho José de Moura, clérigo *in minoribus,* natural de Podence.

Francisco de Moura faleceu em Miranda do Douro a 24 de Abril de 1746 *(maço nº 1)*.

– (José de), natural de Podence, clérigo *in minoribus*, filho de Francisco Fernandes Nobre, de Podence, e de D. Maria de Moura, de Salselas.

Habilitação *de genere* em 1739, para tomar posse, como coadjutor e futuro sucessor de seu tio Francisco de Moura, meio cónego *(maço nº 2)*.

Moura (Lopo Alvarez), cónego da Sé de Miranda e presidente da Inquisição de Goa, onde faleceu a 5 de Janeiro de 1690.

– (Luís de) de Castro Roupal. Habilitação *de genere* em 1697 para tomar posse do meio canonicato vago por falecimento de Nicolau Brás *(maço nº2)*.

Navarro (António Afonso). Ver o seguinte.

– (Francisco Afonso), natural de Prado Gatão.

Habilitação *de genere* em 1724, para tomar posse de um meio canonicato.

Era irmão do meio cónego da mesma Sé, António Afonso Navarro.

Seus avós paternos eram naturais de Calvelhe *(maço nº 2)*.

Neves (Domingos Pires). Assina como mestre escola nos *Acórdãos* de 1715. Ainda vivia em 1740.

– (Miguel Giraldes), natural da Paradinha, reitor de Castro de Avelãs, filho de Inocêncio Giraldes, da Paradinha, e de D. Catarina Rodrigues, de Coelhoso.

Neto paterno de Miguel Giraldes, da Paradinha, e de D. Isabel Gonçalves, das Veigas.

Neto materno de João Rodrigues, de Coelhoso, e de D. Maria Pires, de Parada.

Habilitação *de genere* em 1723, para coadjutor e futuro sucessor do cónego Pinto Rodrigues *(maço nº 2)*.

Nicós (Damião Jaques), natural de Viana, familiar do bispo D. Aleixo de Miranda Henriques.

Pelo pai era de origem francesa e pela mãe irlandesa.

Habilitação *de genere* em 1765, para tomar posse do canonicato vago por falecimento de António Ferreira Sarmento, sucedido a 5 de Junho desse ano *(maços* n.os *1 e 2)*.

Nóvoa (António José da), natural do distrito de Vila Real, bacharel em teologia.

Assina como mestre escola em 1915.

Foi professor e vice-reitor do Seminário.

Nunes (António). Assina nos *Acórdãos* de 1565, como arcediago de Bragança.

– (Francisco). Assina nos *Acórdãos* de 1556.

– (Pascoal), licenciado, escrivão da Câmara Eclesiástica, capelão do bispo D. Jorge de Melo, natural de Coimbra «clerigo conimbricence», como dizem os documentos, sucedeu no meio canonicato ao licenciado João Cabral, que em 9 de Abril de 1630 tomou posse da abadia de Nossa Senhora da Oliveira, bispado do Porto. Neste concurso do canonicato apareceram vários opositores, mas, desde que viram que um dos pretendentes era o faldriqueiro do bispo, todos desistiram! espontanea-

mente, dizem eles!!!... Foi sempre assim. Os bispos importavam estes peniculários que iam espetando pelos benefícios, em detrimento dos filhos da terra, obrigados a desviar-se para não acarretar as iras daqueles senhores. O nepotismo puro em todos os tempos! E a justiça, e a virtude, e o saber? ora bolas! quero, posso e mando *(maço nº 1).*

Nunes (Simão), ou Simão Moniz). Tomou posse em 1547. Ainda vivia em Março de 1566.

Ochoa (António André), natural de Izeda, bacharel em cânones, reitor de Fontes Trasbaceiro (isto diz a carta régia, mas a provisão do bispo diz: reitor do Paraniso, e assim é que está certo), provido em 1793 na cadeira magistral, vaga por falecimento do doutor Manuel Bernardo Lopes, natural de Bragança, que sucedeu no cargo ao doutor José Simões Ribeiro, falecido em 1751 *(maço nº 1).*

– (Filipe), natural de Vale da Porca, filho de Gaspar Ochoa e de D. Quitéria Alves.

Tomou posse em 1667 *(maço nº 1).*

– (Francisco Luís), natural de Vale da Porca, filho de Martinho Luís, de Meles, e de D. Quitéria Alves, de Vale da Porca.

Habilitação *de genere* em 1689, para tomar posse do canonicato que nele renunciou Filipe Ochoa *(maço nº 2).*

Oliveira (António Ferreira Miranda). Assina, como magistral, em 1853.

– (José de), bacharel em teologia, natural de Niza, Alentejo, onde nasceu a 10 de Abril de 1867.

Foi despachado deão, mas não chegou a tomar posse, e professor do Seminário.

Ainda vive (1926) e é cónego, pelo menos desde 1896.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

– (Luís Lopes de). Ver *Teixeira* (João).

– (Manuel de). Fez profissão de fé, como arcediago de Bragança, a 24 de Setembro de 1601.

Parece que ja era falecido a 28 de Maio de 1603.

Oliveira de Escobar (Manuel de). Tomou posse a 27 de Junho de 1631.

Ainda vivia em 21 de Agosto de 1657.

Ozores de Albuquerque (Diogo), natural do Vimioso, como aponta a *Descrição do Vimioso,* por António Ferreira de Castro, fol. 29.

Tomou posse a 24 de Agosto de 1610.

Paiva (António Pires de). Tomou posse a 8 de Maio de 1673 do canonicato vago por falecimento de João Fernandes.

Era já falecido em Janeiro de 1689.

– (Doutor António Antunes de). Tomou posse, como deão, a 27 de Agosto de 1664.

O cabido opôs grandes dificuldades à posse deste deão, como se vê de várias actas do livro dos *Acórdãos.*

Paiva (Gaspar de). Assina nos *Acórdãos* de 1547 a 1598.

– (Manuel Antunes de). Tomou posse a 4 de Dezembro de 1632.

Ainda vivia em 21 de Agosto de 1657.

– (Manuel Antunes de), natural de Coina, arcebispado de Lisboa, pagem do bispo D. Jorge de Melo.

Habilitação *de genere* em 1632.

No mesmo processo está o de seu irmão Diogo de Paiva, diácono, para tomar posse da abadia de Sendim, concelho de Miranda do Douro, onde foi apresentado em 1640 pelo comendador de Algoso *(maço nº 2).*

Palácios (Diogo de). Assina nos *Acórdãos* de 1608.

Pavão (Amaro Pires). Assina, como tesoureiro-mor, em 1700.

Era irmão do seguinte, naturais de Parada de Infanções, filhos de Miguel Aº e de D. Catarina Pires.

Habilitação *de genere* em 1697, para a cadeira de tesoureiro-mor *(maço nº 1).*

– (Doutor Domingos Pires). Tomou posse a 4 de Agosto de 1680, só com o nome de Domingos Pires, da cadeira de mestre escola, por ter falecido Luís Machado Pereira Pinto seu antecessor no cargo.

Na sessão do cabido de Miranda de 15 de Outubro de 1700, «se asentou por nota de todos *nemine descrepante* que porquanto havia comua, e geral queixa em todo este Bispado que o Doutor Domingos Pires Pavão Mestre escolla desta Sé tinha abuzado da ocupação que no principio de Sé vacante se lhe tinha dado de Econimo e recebedor da Mitra [795] não satisfazendo com a inteireza a obrigação que tinha assi no repartir das esmollas que se mandavam dar como em tudo o mais tocante a fasenda assim do espolio que ficou do Ill.mo Snr. Bispo defunto como dos bens e rendas da mitra, e outro si se entrometera em a jurisdisão ordinaria dando despachos como menistro mandando excomungar, e absolver sem ter jurisdição,

(795) O bispo D. Manuel de Morais Manuel havia falecido a 7 de Setembro de 1699 e na sessão de 9 de Setembro do mesmo ano é que o Pavão foi nomeado recebedor das rendas da mitra com o ordenado de cincoenta mil réis (fol. 88 v.).
Na sessão de 5 de Agosto de 1700 procedeu o cabido à eleição de novas autoridades para regimento do bispado, sede vacante, e para recebedor das rendas da mitra foram nomeados o doutor Jerónimo Preto e o cónego Francisco Ochoa (fol. 105).
Na sessão de 9 de Agosto do mesmo ano protestaram Domingos Pires Pavão, mestre escola, e seu irmão Amaro Pires Pavão, cónego também e tesoureiro-mor, contra tal nomeação (fol. 11 v.).

entrometendosse outro si e faser deligencias *de genere* sem comisão e outras cometidas pello R.do D.or Provisor sem as hir tirar aos lugares das origens mandando a outrem em seu nome e lugar estando em o mesmo tempo em diversas partes, e diversos negocios, e fasendo outros assinava as testemunhas não tiradas por elle como se as tirara levando inteiramente o salario de todos como se a cada huma fora especialmente, e outras mais cousas; e sendo assi merecia exemplar castigo o que considerado pello muito illustre cabido resolveo se tirasse devassa pera haveriguação da verdade pera cujo efeito se nomeou ao Doutor Antonio Ferreira de Sá Provisor deste bispado» (fol. 116 v.).

Na de 27 de Outubro do mesmo ano ainda o mesmo mestre escola Domingos Pires Pavão foi acusado de ter feito uma provisão falsa em nome do secretário do cabido, assinando por ele sem este lhe dar licença, para se darem quarenta mil réis ao doutor corregedor, pelo trabalho de inventariar os bens do bispo defunto D. Manuel de Moura Manuel.

Para julgar da acusação nomeou o cabido o doutor António Ferreira de Sá, provisor, e o doutor António de Morais Antas, vigário geral, ambos cónegos da Sé (fol. 118 v).

Os fólios 119, 121 v. e 133 contêm ainda matéria referente a este assunto.

Na sessão de 23 de Junho de 1706 tratou-se de nomear quem fosse «tirar as habilitações [*de genere*] a Domingos Pires, natural do lugar de Coelhoso novamente provido na cadeira de mestre escola desta See para o que foi eleito o R.do tezoureiro mor Sebastião de Moraes» (fol. 145).

Pavão (Doutor Francisco Giraldes), natural da Paradinha de Outeiro, em quem renunciou, em 1734, como coadjutor e futuro sucessor, o cónego magistral Jerónimo Preto e Lemos, falecido em Miranda em 1745 *(maço nº 1)*.

Pegado (Martim). Tomou posse, como cónego doutoral, a 2 de Março de 1657, por renúncia que nele fez António Fernandes da Veiga.

Peixoto (Tomás Machado), natural de Guimarães.

Habilitação *de genere* em 1816, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Tomé Rodrigues de Sá *(maço nº 2)*.

Pequeno Chaves (Francisco), natural de Chaves, filho de António Pequeno Chaves, de Chaves, e de D. Bernarda de Morais Sarmento, de Edral.

Neto materno de João de Barros Pereira do Lago, natural de Águas Frias, e de D. Helena de Morais Sarmento, natural de Edral.

Foi em 1767 provido definitivamente na cadeira de arcediago de Mirandela, por ter falecido a 22 de Março de 1767 o cónego João de Macedo Madureira, em Miranda do Douro, de quem era coadjutor e futuro sucessor *(maço nº 1)*.

O cónego Pequeno Chaves faleceu a 19 de Agosto de 1770.

Pereira (Bento), licenciado. Tomou posse a 21 de Junho de 1606.

– (Francisco Luís). Assina nos *Acórdãos* de 1767.

No fólio 75 v., dos mesmos *Acórdãos*, assina um só com o nome de Francisco Luís. Ignoro se serão dois diferentes ou o mesmo. Já era cónego em 1740.

– (Francisco Pinto), oriundo de Mirandela, lente de teologia, fidalgo da Casa Real, professo na ordem de Cristo, filho de Luís Lázaro Pinto Cardoso, fidalgo da Casa Real, professo na ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, natural de Mirandela, e de D. Mariana Teresa da Silva Teixeira e Sousa, de Braga.

Neto paterno de Belchior Luís Pinto Cardoso, fidalgo da Casa Real, professo na ordem de Cristo, governador de Monte Alegre, e de D. Rosa Maria de Mesquita Pinto.

Neto materno de Francisco de Sousa Teixeira, professo na ordem de Cristo; corregedor de Viana, ouvidor de Braga, familiar do Santo Ofício, e de D. Rosa da Silva, naturais de Braga.

Habilitação *de genere* em 1797, para tomar posse da cadeira de chantre.

Era ao tempo clérigo *in minoribus (maço nº 2)*.

Sobre as disputas que houve no seu provimento de cónego ver *São Pedro dos Sarracenos*.

Pimenta (Aires Pires), capelão do bispo D. Toríbio. Tomou posse em 1547.

Pimentel (João Machado), natural do Vimioso, filho de Gaspar Pimentel e de D. Maria de Morais, do Vimioso.

Neto materno de Diogo Machado e de D. Isabel Mendes.

Habilitação *de genere* em 1635, para tomar posse de um canonicato *(maço nº 2)*.

– (João Pereira Botelho do Amaral e). Assina nos *Acórdãos* de 1853, como chantre.

Foi governador do bispado e por último bispo de Angra do Heroísmo. Era natural de Sernache do Bonjardim.

– (José de Morais), natural de Rio Torto.

Habilitação *de genere* em 1691, para a cadeira vaga por falecimento do cónego António Pires Paiva.

Era filho de Lopo Dourado de Morais, de Bragança, e de D. Margarida de Morais, de Rio Torto.

Neto paterno de Francisco Dourado de Morais e de D. Margarida de Morais, naturais de Bragança.

Neto materno de Bento de Morais Pimentel e de D. Isabel Teixeira, natural de Rio Torto *(maço nº 2)*.

Pimentel (Manuel Mendes), licenciado. Tomou posse da cadeira de deão a 1 de Fevereiro de 1621.

Em 11 de Outubro de 1631 e 5 de Junho de 1634 visitou a igreja de Caçarelhos.

Pina (Manuel Correia de Bastos), doutor em direito, chantre em 1851.

Foi depois bispo de Coimbra, onde faleceu em 1913, deixando o episcopado assinalado, pela protecção dispensada à arte, no Museu de Coimbra, que fundou, assim como à cultura científica no seu Seminário.

Pinheiro (Vicente José), natural de Braga. Habilitação *de genere* em 1775, para tomar posse da meia prebenda vaga por falecimento de Francisco Navarro *(maços n.os 1 e 2)*.

Pinho (Garcia de). Tomou posse a 19 de Janeiro de 1599.

Pinto (Doutor António). Estava em Roma em 1562.

– (Rui Gomes). Assina nos *Acórdãos* de 1583, como arcediago de Bragança.

Pinto Cardoso (Belchior Luís), natural de Mirandela. Habilitação *de genere* em 1799, para coadjutor e futuro sucessor da cadeira de chantre de seu tio Francisco Pinto.

Era filho de António Bernardo de Morais Sarmento, de Mirandela, e de D. Luísa Caetana Pinto de Mesquita, de Braga.

Neto paterno de Baltasar de Morais de Sá e Gama, mestre de campo do terço de Vila Real, natural de Mirandela, e de D. Josefa Quitéria de Vasconcelos, de São Martinho de Mouros, bispado de Lamego.

Neto materno de Luís Lázaro Pinto Cardoso, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, natural de Mirandela, e de D. Mariana Teresa da Sª Teixeira e Sª, natural de Braga.

Entre as testemunhas inquiridas no processo figura António Manuel de Amaral Sarmento, cavaleiro professo na ordem de Cristo, natural de Morais *(maço nº 2)*.

Ainda vivia em 1819.

Pinto da Costa (José Joaquim), natural de Chacim, bacharel em cânones.

Foi nomeado em 1829 para a cadeira doutoral vaga pela promoção a deão de António Xavier da Veiga *(maço nº 2)*.

Pinto Pereira (Francisco), cavaleiro professo na ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real.

Era filho de Luís Lázaro Pinto Cardoso, fidalgo da Casa Real,

professo na ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, natural de Mirandela, e de D. Mariana Teresa da Silva Teixeira e Sousa, de Braga.

Neto paterno de Belchior Luís Pinto Cardoso, fidalgo da Casa Real, professo na ordem de Cristo, governador de Montalegre, e de D. Rosa Maria Mesquita.

Foi provido em 1797 na cadeira de chantre, mas opôs-se-lhe Tomás António Leitão, de Bragança, clérigo de prima tonsura, que, depois de muitas chicanas, nada conseguiu. Foi enorme a papelada que esta pendência originou.

O imediato antecessor no cargo foi Gaspar Caetano de Sá Ferreira.

Pinto Pereira era lente de teologia, natural de Braga, mas oriundo de Mirandela, frade secularizado da ordem da Santíssima Trindade da Redenção dos Cativos e em 1799 renunciou o chantrado em seu sobrinho Belchior Luís Pinto, natural de Chelas, perto de Mirandela, como seu coadjutor e futuro sucessor.

O canonicato rendia «24 ducados de ouro de camera que fazem 42 mil reis da nossa moeda» e mais outros emolumentos que ao todo dão 304.500 réis.

Tanto o tio como o sobrinho aparecem também com o apelido Cardoso.

O sobrinho faleceu em Mirandela a 6 de Janeiro de 1803 e nesse mesmo ano fez o tio nova renúncia com futura sucessão no bacharel António Jorge de Meireles, natural de Bragança *(maço nº 1)*.

Pinto Pereira (Manuel), Tomou posse a 1 de Julho de 1615. Já era falecido em 1632.

Pires (Abel José), natural de Macedo de Cavaleiros, meio cónego e agora (1926) pároco de Samões, tendo sido anteriormente de Meixedo.

– (Afonso), licenciado. Fez profissão de fé como coadjutor do arcediago de Mirandela, a 15 de Março de 1589.

– (Caetano José), natural de Nogueira, cura na Sé de Bragança, filho de André Pires e de D. Maria Gonçalves, de Nogueira.

Habilitação *de genere* em 1801, para tomar posse do meio canonicato vago por falecimento de Vicente José Pinheiro *(maço nº 2)*.

Ainda vivia em 1826.

– (Domingos), natural de Miranda do Douro. Habilitação *de genere* em 1639, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Estêvão de Miranda Homem *(maço nº 2)*.

– (Domingos), natural de Miranda, clérigo *in minoribus*.

Habilitação *de genere* em 1656, para tomar posse da meia conesia que nele resignou Lourenço Alves *(maço nº 2)*.

– (Francisco). Assina nos *Acórdãos* de 1590.
– (João), capelão do bispo D. Toríbio Lopes. Tomou posse em 1547.
– (Manuel António). Requereu em 1860, para tomar posse de uma cadeira de cónego *(maço nº 1)*.

Começou por sacristão da Sé e recebeu ordens de missa em 1847.

Nasceu em São Pedro dos Sarracenos, concelho de Bragança, a 3 de Setembro de 1824 e nesta cidade faleceu a 9 de Março de 1895.

Foi professor do Seminário e a ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.
– (Martim). Assina nos *Acórdãos* de 1608.

Pires Limpo (André). Assina nos *Acórdãos* de 1633.

Pires Urbano (Domingos). Assina nos *Acórdãos* de 1641. Foi visitador na diocese.

Pissarro (Claudino César), natural de Bragança. Requereu em 1857 para tomar posse da cadeira de meio cónego *(maço nº 1)*.

Pita (Manuel da Rocha), natural de Bragança.

Habilitação *de genere* em 1667 para tomar posse da cadeira vaga por falecimento do doutor Vicente Lopes de Moura.

Era filho do licenciado Manuel de Faria Borges e de D. Madalena de Figueiredo *(maço nº 2)*.

Pousadas de Brito (Dionísio), licenciado. Tomou posse a 27 de Julho de 1600 e, como mestre escola, a 9 de Outubro de 1604.

Prado (Gil de), bacharel ern cânones. Tomou posse, como deão, em 1546.

«Por suas letras e authoridade» foi eleito pelo Cabido na sessão de 17 de Agosto de 1566, juntamente com o cónego Bernardo Lopes, para irem com o bispo D. António Pinheiro ao Concílio de Braga.

Preto (João Pires), licenciado. Tomou posse a 9 de Julho de 1685, como arcediago de Mirandela.
– (Simão), natural de Fonte de Aldeia, bacharel em teologia, filho de Simão Preto e de D. Isabel Pires, de Fonte de Aldeia.

Habilitação *de genere* em 1752, para tomar posse da cadeira de mestre escola *(maço nº 2)*.

Foi um dos quatro cónegos eleitos pelo Cabido na sessão de de Maio de 1761, para assistir ao Sínodo Diocesano.

Foi provisor e vigário geral do bispado.

Preto de Lemos (Doutor Jerónimo), natural de Fornelos, bispado do Porto.

Habilitação *de genere* em 1692, para tomar posse de uma conesia magistral *(maço nº 2)*. Faleceu em Miranda em 1745.

Queirós (Francisco de), licenciado. Tomou posse a 4 de Maio de 1584, como meio cónego. Parece que faleceu pelo princípio de 1610.

Quintela (Doutor Manuel Velho), natural de São Pedro Fins de Inª, arcebispado de Braga.

Habilitação *de genere* em 1759, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Bento Borges *(maço nº 2)*.

Ainda vivia em 1788 e foi provisor no bispado.

Bento Borges faleceu a 10 de Setembro de 1758 e na sua vaga foi provido António Valente de Castro, de Lisboa, que não aceitou, e a 27 de Janeiro de 1759 obteve Quintela o despacho.

Uma das testemunhas que assinou o auto de colocação deste cónego, efectuado a 10 de Fevereiro de 1759, é o meu ascendente colateral António Esteves Pinheiro de Figueiredo, já como abade de Podence. Lá vem o seu autógrafo.

Ramires (Bernardino), licenciado. Fez profissão de fé, para tomar posse da cadeira de tesoureiro-mor, a 7 de Junho de 1597.

Ramos (António) Assina nos *Acórdãos* de 1608.

Rebelo (Sebastião). Fez profissão de fé a 4 de Fevereiro de 1589. Assinou *Rabelo.*

Resende (Gaspar). Assina nos *Acórdãos* de 1580.

Ribeiro (António). Ver *Guerreiro.*

– (António dos Santos), natural de Bragança, meio cónego.

Hoje (1926) acumula ao cargo a paroquialidade da freguesia de Santa Maria de Bragança.

– (Doutor José Simões), natural de Vila Pouca da Beira, diocese de Coimbra, clérigo *in minoribus.*

Habilitação *de genere* em 1706, para tomar posse da cadeira magistral vaga pela promoção a abade de Espinhosela, do cónego doutor António Ferreira de Sá *(maço nº 2)*.

– (Pedro do Couto), natural de Guimarães, cónego doutoral em 1807, quando recebeu ordens menores, como se vê pelo respectivo processo de ordenação.

Rocha (Domingos da), natural de Chacim.

Habilitação *de genere* em 1681, para tomar posse da cadeira de chantre.

Era filho de Francisco Lopes e de D. Maria da Rocha *(maço nº 2)*.

O chantrado vagara por falecimento do doutor Afonso de Morais Colmieiro.

– (Doutor António José da), cónego e vigário capitular, sede vacante, em 1820.

– (Monsenhor António José da), natural de Caçarelhos, professor de latinidade no Liceu Nacional de Bragança e da mesma língua e de ciências eclesiásticas no Seminário desta diocese. Ainda vivia em 1926.

Rocha Ferreira (Gaspar da). Assina, como chantre, em 1715.

Roda (Manuel de Araújo), natural da Castanheira, termo de Monforte de Rio Livre.

Habilitação *de genere* em 1666 *(maço nº 2).*

Rodrigo (Miguel Garcia), natural de Bragança, notário apostólico, filho de outro do mesmo nome, natural de Aveleda, e de D. Maria Gonçalves, de São Pedro dos Sarracenos.

Neto materno de Bartolomeu Rodrigues, de Freixedelo, e de D. Ana Gonçalves, de São Pedro dos Sarracenos.

Neto paterno de Miguel Garcia e de D. Maria Rodrigues, de Aveleda.

Habilitação *de genere* em 1792, para tomar posse da cadeira canónica de arcediago de Mirandela, vaga pelo falecimento de Francisco Xavier Pequeno Chaves, sucedido a 19 de Agosto de 1770.

O pai do cónego Rodrigo tinha a alcunha de *Mil Homens,* por ser muito alto.

O cónego e seus pais, que eram pobres, viviam da indústria de padaria, em frente de Santa Clara, numa casa dos fidalgos chamados *Bassouras,* cujo chefe se chamava José António da Rocha, e do rendimento de algumas vinhas que tinham em Bragança.

O pai fora casado duas vezes e, por ter empobrecido, foi para Zamora, onde arranjou alguns meios de fortuna, vindo depois para Bragança, onde casou pela terceira vez com a mãe do cónego *(maços n.os 1 e 2).*

Faleceu a 21 de Maio de 1823 *(Registo dos Testamentos,* livro 119, fol. 41 v., do Museu Regional de Bragança).

José Maria Garcia Rodrigues, irmão do cónego, casou com D. Maria Augusta de Loureiro Melo de Alencastro, natural de Gouveia, com geração que seguiu a carreira eclesiástica, pelo menos até ordens menores, como se vê pelo respectivo processo arquivado no Museu Regional de Bragança.

Rodrigues (António), natural do Vimieiro, filho de Domingos Rodrigues e de D. Luzia de Sá.

Habilitação *de genere* em 1734, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de Francisco Martins *(maço nº 1).*

– (António José), natural de Bragança. Foi provido a 13 de Março de 1826 no meio canonicato, vago por falecimento de Xisto Xavier Rodrigues *(maço nº 1).*
– (Diogo), licenciado. Assina nos *Acórdãos* de 1557.
– (Francisco). Assina nos *Acórdãos* de 1673, como arcediago de Mirandela.
– (João), natural da Torre de D. Chama, licenciado, filho de António Rodrigues e de D. Maria Lopes.

Habilitação *de genere* em 1699, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento de António Gonçalves Freire *(maço nº 2)*.

– (Pedro), capelão da Rainha. Tomou passe em 1546.

– (Pedro), natural de Chacim.

Habilitação *de genere* em 1672, para meio cónego *(maço nº 2)*.

– (Pedro), natural de Miranda do Douro.

Habilitação *de genere* em 1705, para tomar posse do canonicato vago por falecimento de Amaro Pires de Chaves *(maço nº 2)*.

– (Xisto Xavier), natural de Cova de Lua, filho de Francisco Afonso Rodrigues, ajudante das ordenanças, e de D. Maria Ramos de Oliveira, naturais de Cova de Lua.

Habilitação *de genere* em 1793, para meio cónego.

Faleceu a 29 de Julho de 1822.

Rodrigues da Costa (Duarte), licenciado em cânones. Tomou posse a 16 de Novembro de 1594.

Rodrigues de Andrade (Manuel). Tomou posse, como arcediago de Mirandela, a 28 de Janeiro de 1686, cargo vago por falecimento de João Pires Preto.

Rodrigues de Sá (António). Assina nos *Acórdãos* de 1740.

– – (António), subdiácono, natural de Vale dos Miões, anexa de Vilar de Ledra.

Habilitação *de genere* em 1788, para meia prebenda (meio cónego), pela renúncia, com futura sucessão, que nele fez Francisco Afonso Navarro *(maço nº 2)*.

– – (Gaspar), natural da Torre de D. Chama, filho de António Rodrigues, da Torre de D. Chama, e de D. Maria de Sá, de Nuzelos.

Habilitação *de genere* em 1723, para coadjutor e futuro sucessor de seu tio João Rodrigues *(maços n.os 1 e 2)*.

– – (Tomé). Assina nos *Acordãos* de 1767.

Rodrigues Pereira (Tomé), licenciado. Tomou posse a 18 de Novembro de 1603.

Roxas (Doutor António Gomes de). Tomou posse da cadeira de chantre a 30 de Julho de 1633, por resignação que nele fez Domingos Gil Argulho.

Sá (Domingos Tavares de), natural da Guarda. Tomou posse a 19 de Outubro de 1675 da meia conesia, com ónus de mestre da capela, vaga por Francisco Diegues *(maço nº 1)*.

– (Doutor António Ferreira de), natural de Bragança, filho de Jerónimo Ferreira Morais e de D. Francisca Botelho, residentes em Bragança.

Neto paterno de Duarte Ferreira Morais e de D. Jerónima Veloso.

Neto materno do doutor Francisco Botelho de Abreu, desembargador da Relação do Porto, e de D. Maria Teixeira de Medeiros, todos residentes em Bragança.

Habilitação *de genere* em 1690 *(maço nº 2)*.

– (José de). Assina nos *Acórdãos* de 1740.
– (Julião de). Ver *Franco* (Pedro).
– (Tomé Esteves de), natural de Agrochão, filho de António Esteves, de Agrochão, e de D. Isabel de Sá, da Torre de D. Chama.

Habilitação *de genere* em 1758, para coadjutor e futuro sucessor de seu tio Gaspar Rodrigues de Sá *(maço nº 2)*.

Salazar (João de). Tomou posse, como organista, a 9 de Outubro de 1599.
– (Pedro de), capelão do bispo D. Toríbio Lopes. Tomou posse, como arcediago da Sé, em 1546.

Sampaio (Manuel Cardoso de). Assina nos *Acórdãos* de 1688.

Sampaio e Costa (Martinho de), natural de Mirandela, cavaleiro da ordem de Cristo, filho do desembargador Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, professo na ordem Cristo, desembargador dos agravos da casa da Suplicação, natural de Mirandela, e de D. Antónia Teresa Teixeira Galvão, de Chaves.

Neto paterno de Luís Ribeiro de Sampaio, de Murça, e de D. Leonor da Costa, de Mirandela.

Nasceu em 1784 e foi seu padrinho de baptismo, por procuração, Martinho de Melo e Castro, secretário de Estado (ministro do reino, como actualmente se diria).

Recebeu ordens menores em 1806 e já então era cónego da Sé de Bragança.

Santos tempos e santas gentes em que os meninos nasciam logo da barriga das mães feitos cónegos, bispos, magistrados e generais.

Ainda vivia em 1832.

Habilitação *de genere* em 1803, para tomar posse do canonicato vago por falecimento de André Manuel de Meireles *(maços n.os 1 e 2)*.

Santa Bárbara (António José de Araújo), natural do Souto, diocese de Braga, lente do quarto ano da faculdade de matemática da Universidade de Coimbra, filho de António de Araújo Fernandes e de D. Maria do Ó Álvares Ferreira, naturais de Braga, freguesia de São João do Souto.

Habilitação *de genere* em 1814 para a cadeira de magistral, vaga por falecimento do doutor Manuel Bernardo Lopes.

Foi longa a campanha entre o Cabido e Santa Bárbara, por não

lhe querer dar posse sem comparecer pessoalmente, mas ao fim tiveram de lha conferir por meio do seu procurador.

Esta campanha originou as dissensões do cabido que duraram anos *(maços n.os 1 e* 2).

Santiago (António Manuel), bacharel em direito, professor do Seminário, nasceu no Felgar, concelho de Moncorvo, a 22 de Novembro de 1869, mas criou-se em Sendim da Serra.

Era filho de Augusto José Pinto Santiago e de D. Raquel Júlia de Azevedo.

É actualmente (1927) funcionário do Governo Civil de Santarém.

Saraiva (Doutor Caetano José), natural de Bragança, vigário geral do bispado, comissário do Santo Ofício da Inquisição de Coimbra e abade reservatário de Montonto.

Era filho de José Fernandes Saraiva, familiar do Santo Ofício, cavaleiro professo na ordem de Cristo, tenente de cavalaria, natural de Rebordãos, e de D. Joana Maria, de Bragança.

Tomou posse em 1790, como coadjutor e futuro sucessor do deão Miguel de Miranda Henriques *(maço nº 1)*.

António Rodrigues Saraiva, abade de Selas, natural de Rebordãos, falecido a 19 de Outubro de 1819, seria irmão deste cónego?

Sardinha (João). Tomou posse a 1 de Agosto de 1582.

Sardo (Doutor Francisco dos Santos). Assina nos *Acórdãos* de 1701, como deão.

Sarmento (António de Morais), natural de Vinhais, filho de Cristóvão da Silva Sarmento e de D. Isabel de Morais.

Neto paterno de Cristóvão da Silva Sarmento e de D. Catarina Sarmento, de Vinhais.

Neto materno de António de Morais da Silva e de D. Maria de Alcácer.

Habilitação *de genere* em 1687, para tomar posse da cadeira vaga por falecimento do cónego António Martins *(maço nº 2)*.

– (António Ferreira de Sá), natural de Vinhais, clérigo de menores, filho de Aires Ferreira de Sá Sarmento, de Vinhais, e de D. Ana Maria de Sá Sarmento, do Vimioso.

Neto paterno de António Ferreira, de Vinhais, e de D. Francisca de Morais, de Bragança.

Neto materno do coronel Pedro de Sá Sarmento, do Vimioso, e de D. Jerónima de Macedo, de Miranda do Douro.

Habilitação *de genere* em 1734, para coadjutor e futuro sucessor de seu tio João de Figueiredo *(maço nº 2)*.

– (Brás Ferreira). Tomou posse a 26 de Abril de 1671.

– (Julião de Sá). Tomou posse a 26 de Abril de 1631.
– (Lourenço Ferreira). Assina nos *Acórdãos* de 1598.
– (Lourenço Ferreira), natural de Logarelhos, filho de Gil de Morais Sarmento e de D. Isabel.

Neto paterno de João Sarmento e de D. Maria Sarmento, todos de Logarelhos.

Neto materno de Jerónimo Ferreira e de D. Maria de Sá, residentes em Candedo.

Uma das testemunhas a depor no processo é Estêvão de Mariz Sarmento, fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na ordem de Cristo, governador da vila de Vinhais, de sessenta e três anos de idade «pouco mais ou menos».

Habilitação *de genere* em 1694, para coadjutor e futuro sucessor de Brás Ferreira Sarmento *(maço nº 2)*.
– (Manuel de Morais), clérigo *in minoribus,* natural de Ferreira, filho de João de Morais Leite e de D. Joana de Morais Queiroga, de Ferreira.

Neto paterno de Manuel de Morais Soares, de Ferreira, e de D. Rufina da Rosa, de Mascarenhas.

Neto materno de Lourenço de Morais Sarmento, de Edral, e de D. Catarina de Vargas, de Chaves.

Habilitação *de genere* em 1733, para coadjutor do arcediago do Aro, com futura sucessão *(maço nº 2)*.

Seixas (Sebastião de Almeida de). Ver *Morais da Silva* (João de).

Sepúlveda (João António Correia de Castro), natural de Bragança, fidalgo da Casa Real, filho de Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda, conselheiro de guerra, natural de Bragança, e de D. Joana Correia de Sá Vasques Benevides, natural do Rio de Janeiro.

Neto paterno de António Gomes de Sepúlveda, cavaleiro da ordem de Cristo, coronel de cavalaria de Almeida, natural de Mirandela, e de D. Maria Luísa Pereira, natural de Santo Estêvão.

Neto materno de Martim Correia de Sá, sargento-mor de Dragões, e de D. Isabel Correia de Sá, natural do Rio de Janeiro.

A 8 de Outubro de 1833 faleceu o arcediago da Sé de Bragança, Francisco José Gonçalves Alvaredo, natural de Gustei, e na sua vaga entrou Sepúlveda, em quem havia resignado o cargo como coadjutor e futuro sucessor *(maço nº 1)*.

Sepúlveda assina nos *Acórdãos* de 1853, como deão.

Nasceu em Bragança a 17 de Novembro de 1796 e aqui faleceu a 14 de Julho de 1876.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Serrano (Roque). Assina nos *Acórdãos* de 1577.

Silva (Agostinho Dias da), natural de Miranda, reitor de Angueira, filho de Domingos Dias, de Bragança, e de D. Maria Vara, de Miranda.

Habilitação *de genere* em 1728, para tomar posse da meia conesia de António Afonso Navarro, em virtude da troca que fizeram, dando-lhe este àquele a meia conesia pela reitoria mencionada *(maço nº 2)*. Ver *Araújo* (Mateus de).

– (António). Ver *Silva* (Manuel José da).

– (Doutor Bernardino Cabral da), natural de Condeixa-a-Nova.

Habilitação *de genere* em 1706, para tomar posse da cadeira de mestre escola, vaga por falecimento do doutor Domingos Pires Pavão.

O processo está junto com o do cónego António Veloso de Melo, seu irmão *(maço nº 2)*.

– (Manuel da). Foi testamenteiro de seu irmão João António da Silva, reitor de Quintela de Vinhais, natural de Castrelos, onde faleceu a 6 de Outubro de 1828 (livro 162, fol. 39, do *Registo de Testamentos,* do Museu Regional de Bragança).

É o mesmo adiante nomeado ou são diferentes? O seguinte vem com o título de meio cónego e este com o de cónego.

– (Manuel José da), meio cónego.

A 17 de Setembro de 1823 tomou posse da abadia de Vinhais Manuel Doutel de Almeida, cónego da Sé de Bragança e, na sua vacância, entrou Manuel José da Silva, de Bragança, filho de Manuel da Silva e de D. Luísa Teixeira, que se habilitara em 1784 para tomar posse da cadeira de mestre de capela (meio cónego), cargo vago por falecimento de seu irmão António José da Silva *(maços nº 1 e 2)*.

Simões (António). Assina dos *Acórdãos* de 1599.

Simões de Sousa (Francisco), natural de Bragança. Tomou posse da cadeira de arcediago de Bragança a 8 de Dezembro de 1659, cargo vago pelo falecimento de Marcos do Amaral.

Foi visitador na diocese em 1672.

Simões Ribeiro (José), foi eleito deão pelo cabido a 28 de Dezembro de 1740; mas esta eleição ficou sem efeito e, na sua vaga, entrou Francisco Xavier Aranha.

Há no Arquivo as cartas em que o ministro Mota estranha ao cabido esta eleição feita de encontro a todas as praxes, diz ele.

Soares (João). Assina nos *Acórdãos* de 1592.

– (Jorge). Assina nos *Acórdãos* de 1547-1598.

Sousa (Agostinho Nunes de), foi nomeado em 1734 condjutor e futuro sucessor do cónego da Sé de Viseu, João Correia *(maço nº 1)*.

– (Domingos de), natural de Bragança.

Habilitação *de genere* em 1755, para tomar posse do meio canonicato, com ónus de mestre de capela, vago por falecimento de João Afonso Falcão *(maço nº 1)*.

– (Francisco Cândido de), natural de Rebordãos, meio cónego.
– (João de). Tomou posse a 18 de Outubro de 1627.
– (José António Xavier de Sousa de Morais). No livro 139, fol. 60, do *Registo de Testamentos,* do Museu Regional de Bragança, encontra-se o seu testamento, onde lhe dá o título de beneficiado (meio cónego?).

Faleceu a 18 de Maio de 1826 deixando herdeira sua sobrinha D. Caetana Joaquina de Sousa de Morais Buíça.

– (Manuel Tavares de), de São Romão, bispado de Coimbra, licenciado em cânones, abade de Podence.

Habilitação *de genere* em 1702, para tomar posse da cadeira do doutor António de Morais Antas, com o qual trocou a abadia pela conesia *(maço n.° 2)*.

– *(*Pantalião de), protonotário apostólico, prior de Santa Maria de Torres Vedras, obteve em 1766, por concessão do Papa, a pensão de vinte e oito ducados de câmera e dez julios «que fazem cincoenta mil reis» na cadeira que fora do cónego da Sé de Miranda, Manuel Velho Quintela *(maço nº 2)*.

Soutelo (Aires Morais). Assina nos *Acórdãos* de 1715.

– (Diogo Salgado). Assina nos *Acórdãos* de 1724.

Faleceu pelos anos de 1750. Seria natural de Carção? Pelo menos desta povoação eram os seus herdeiros.

Em 1719 queixaram-se os cónegos da Sé de Miranda: Aires de Morais Soutelo e seu irmão Diogo Salgado Soutelo, contra o doutor João Vicente Homem, natural de São Pedro do Sul, comarca de Viseu, clérigo do hábito de São Pedro, residente em Miranda do Douro, reitor do Seminário, vigário geral que foi da mesma diocese, de que lhe escalara a casa, levado de amores que mantinha com Micaela de Morais, sobrinha dos mesmos cónegos. A este crime juntava o de ser contrabandista *(maço nº 1)*. O processo concernente às aventuras amorosas é duma grande frescura de pormenores e está no Museu Regional de Bragança (*maço Para a história dos cónegos)*.

Supico de Carvalho (Inácio). Assina nos *Acórdãos* de 1691.

Távora (Gaspar de) Assina nos *Acórdãos* de 1613.

Em 1614 vem assinado nos mesmos *Acórdãos* um Gaspar de Távora Telo que provavelmente é o mesmo.

Teive (Diogo de). Não aparece nos documentos, mas foi cónego em Miranda.

A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Teixeira (Dionísio). Tomou posse como arcediago de Mirandela a 24 de Setembro de 1646.

Ainda vivia em 1657 (Agosto).

Era natural de Vila Real *(maço nº2)*.

– *(*Francisco). Fez profissão de fé, como arcediago da Sé, em 1605.

– (João), natural de Vilar de Amargo, bispado de Lamego.

Habilitação *de genere* em 1722, para tomar posse da cadeira de meio-cónego que nele resignou Luís Lopes de Oliveira, com obrigação de mestre de capela da Sé *(maço nº 2)*.

– (Mateus de Araújo), natural de Grijó de Parada, filho de João de Araújo Teixeira, de Grijó de Parada, e de D. Mariana de Morais Buíça, natural da vila de Outeiro.

Neto materno de António Teixeira de Morais, do Vimioso, e de D. Ana de Buíça, da vila de Outeiro.

Habilitação *de genere* em 1734, para coadjutor e futuro sucessor do meio cónego Agostinho Dias da Silva *(maço nº 2)*.

– (Pero). Assina nos *Acórdãos* de 1607, como arcediago da Sé.

– (Salvador). Já era falecido em 1592.

Telo (Nicolau). Assina nos *Acórdãos* de 1566, como arcediago de Mirandela.

Torres (Doutor Manuel Vaz), natural de Vila Flor, presbítero do hábito de S. Pedro, filho de Gonçalo Vaz Torres e de D. Catarina Fernandes, de Vila Flor.

Habilitação *de genere* em 1725, para tomar posse da cadeira doutoral, vaga por falecimento de Manuel de Lemos. *(maços n.os 1 e* 2).

– (José da Graça), natural de Elvas, capelão do bispo Santa Ana e Noronha, beneficiado de Santa Maria de Bragança, provido a 11 de Setembro de 1829 na abadia de Terroso, onde sucedeu a Lopo José Borges Rebelo, promovido a abade de Vilar de Ossos, de que tomou posse a 21 de Março de 1829.

Torres foi em 1829 provido no canonicato, vago por falecimento de José Maria de Meireles, sucedido em Abril desse ano *(maço nº 1)*.

Era tesoureiro-mor.

Valadas (Luís), natural da ilha Terceira, residente em Miranda do Douro, provido em 1684 no meio canonicato da Sé, com o cargo de mestre de capela *(maço nº 1)*.

Vale (Manuel do). Tomou posse, a 18 de Janeiro de 1657, de um meio canonicato.

Era natural de Miranda do Douro, filho de Bartolomeu Pires e de D. Maria do Vale *(maço* nº 2).

Valente (António Acácio de Castro), natural da Adeganha, era cónego em 1915 e faleceu a 12 de Dezembro desse ano.

Foi tesoureiro da Bula e professor de cantochão e ceremónias no Seminário Diocesano.

Vaz (Doutor Sebastião). Assina como cónego nos *Acórdãos* de 1565.

– (Nuno), licenciado. Tomou posse como mestre escola a 20 de Fevereiro de 1590.

O nome inteiro era Nuno Vaz de Albuquerque.

Na sessão de 7 de Junho de 1603 se diz que havia de renunciar a cadeira por todo esse mês.

– (Pedro), natural de Santulhão, filho de João Vaz e de D. Leonor Rodrigues.

Habilitação *de genere* em 1649, para cura da Sé de Miranda *(maço nº 2)*.

Veiga (António Fernandes da), natural de São João da Pesqueira, licenciado em teologia.

Habilitação *de genere* em 1637, para tomar posse da cadeira doutoral, vaga por falecimento de Lourenço Álvares *(maço nº 2)*.

– (João da), capelão do bispo D. Toríbio Lopes, graduado em cânones pela Universidade de Coimbra.

Tomou posse em 1547.

Ainda vivia em 1566.

– (José Manuel da), natural de Bragança, beneficiado em Santa Maria do Mogadouro, formado em cânones, filho de Amaro José da Veiga, de Bragança, e de D. Ana Josefa, de Meirinhos.

Habilitação *de genere* em 1802, para tomar posse da cadeira doutoral, vaga por falecimento de Simão dos Santos Gracês Coelho, natural das ilhas, falecido a 2 de Maio de 1794 *(maço nº 2)*.

– (Manuel do Campo da). Tomou posse, a 26 de Julho de 1666, da cadeira vaga por falecimento do doutor Francisco de Chaves.

Veiga Cabral da Câmara (António Xavier da), freire conventual da ordem de São Tiago da Espada, bacharel em leis, natural de Cidadelhe, bispado de Lamego.

Habilitação *de genere* em 1818, para tomar posse da cadeira doutoral, vaga por falecimento de José Manuel da Veiga, falecido em Bragança a 27 de Abril de 1805.

Foi governador, vigário geral e capitular do bispado, cavaleiro de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

Vergueiro (João Evangelista). Tomou posse em 1851.

Vieira (António José), natural do Vassal, terra de Chaves, provido em 1824 em arcediago de Mirandela, cargo vago por falecimento de Miguel Garcia Rodrigues, de Bragança, sucedido a 20 de Maio de 1823 *(maço nº 1)*.

Vila Lobos (João Mendes de). Assina nos *Acórdãos* desde 1604 a 1630.
Vilas Boas (Lucas Lopes), licenciado. Assina nos *Acordãos* de 1688.

Pelo que fica dito vê-se que os cónegos eram mais, mas não encontramos notícia deles nos livros dos *Acórdãos.*

SÍNODO DIOCESANO. Dos *Acórdãos* de 1736 a 1812 consta a reunião do *Sínodo Diocesano,* convocado pelo bispo D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, de que não havia notícia.

Na sessão de 11 de Maio de 1761 elegeu o Cabido os cónegos que nele deviam tomar parte, o qual começara no dia anterior «para assistirem ás conferências das novas constituições, que Sua Exª Rev.ma determina fazer».

Os cónegos eleitos foram: Gaspar Caetano de Sá Ferreira, mestre escola; Simão Preto, cónego doutoral; António Rodrigues de Araújo, magistral e Doutor Manuel Bernardo Lopes.

INDIVÍDUOS COM TÍTULOS NOBILIÁRQUICOS CONSTANTES DE DOCUMENTOS OFICIAIS (796)

Abarca (D. Francisco de Paula Castro Pimentel Morais y), natural de Pamplona (Espanha), fidalgo da Casa Real de Espanha, conde da Rosa, barão de...

Era filho de D. Francisco de Castro, fidalgo da Casa Real, sargento-mor de infantaria do terço de Bragança, natural de Bragança, e de D. Antónia Louzano y Abarca, condessa da Rosa, da cidade de Pamplona.

Casou a 22 de Abril de 1788 com D. Amália Joaquina Ana Josefa Antónia Francisca de Paula Jerónima Modesto, da cidade de Valência, filha de D. José da Emquizar y Montes, da Casa de Sua Magestade Católica, seu regente (?) no reino de Navarra, com encargo de Vice-Rei. O casamento realizou-se em Bragança (Santa Maria), por meio de procuração.

– (D. Maria Inês Abarca Paloma Balasco y Gusmão), natural de Pamplona e residente em Bragança (na casa de seu genro Francisco António de Castro Correia Pimentel Morais, na Rua da Amargura), era mulher de D. José de Campilho, e faleceu em Bragança, a 7 de Outubro de 1781, com setenta anos de idade.

Alcoforado (José António da Cunha Morais), natural dos Cortiços, filho de Leonardo da Cunha Morais Alcoforado e de D. Francisca Teresa de Sousa. Recebeu ordens menores em 1777.

Antas (José de Morais), abade de S. João de Bragança, faleceu em Bragança a 8 de Janeiro de 1774, deixando por herdeiro seu sobrinho António Manuel de Morais Antas, filho de Domingos Rodrigues de Morais e de D. Maria de Morais Ordonhes, falecida em Bragança, Santa Maria, em 5 de Março de 1774.

Era natural do Vimioso e residia em Bragança na Rua dos Prateiros.

Antas e Silva (Alexandre José de Morais), natural de Alfândega da Fé, filho de Rodrigo de Sá Machado e de D. Maria Domingues. Recebeu ordens de missa em 1778.

Barros (Bernardo de), filho de Bernardo de Barros Pereira e de D. Mariana Gertrudes Soares de Figueiredo Sarmento, natural de Carrapatas, residente na quinta de Santa Apolónia, faleceu a 22 de Agosto de 1798.

D. Mariana, sua mãe, faleceu a 22 de Outubro de 1799.

(796) Ao erudito genealogista Francisco de Moura Coutinho agradecemos as notícias referentes a este capítulo.

Bessa (António), filho de Sebastião António Ferro Bessa, sargento de infantaria, e de D. Angélica Teresa, faleceu em Bragança, Santa Maria, a 6 de Janeiro de 1807.

– (D. Joana Maria), filha de Sebastião António Ferro de Bessa Morais Loureiro, natural de Abambres, concelho de Mirandela, pagador do regimento de intantaria nº 24, e de D. Angélica (ou Angelina) Teresa de Mora, natural de Miranda.

Neta paterna de Manuel José Ferro de Morais Castro, de Abambres, e de D. Rita de Bessa Loureiro, de Lamas de Orelhão.

Neta materna de Martim Mora e de D. Maria José Vaz, de Miranda.

Nasceu a 24 de Agosto de 1816, em Bragança, Santa Maria.

– (Francisco de), viúvo de D. Maria Rodrigues, natural de Petisqueira, residente no moinho da Rica Fé, faleceu a 10 de Dezembro de 1801. Deixou por testamenteiro seu filho Francisco.

Borges (José Cardoso), viúvo, de setenta anos de idade, apareceu morto na cama, em Bragança, freguesia de Santa Maria, a 26 de Janeiro de 1745. Jaz sepultado na Igreja de S. Francisco.

Cabral (Doutor Belchior de Sá), abade de S. João, comissário do Santo Ofício, faleceu a 8 de Novembro de 1685. Deixou por testamenteiro seu cunhado Jerónimo Botelho de Vasconcelos.

Cabral da Câmara (João da Veiga), fidalgo da Casa Real, capitão do regimento de cavalaria de Bragança, faleceu a 21 de Setembro de 1788.

Cabral e Câmara (D. Joana Francisca da Veiga), viscondessa de Mirandela, mulher de António Doutel de Almeida, faleceu a 14 de Outubro de 1819.

Castro (Gregório de), governador da praça de Bragança, casado com D. Francisca.

Consta de um baptizado realizado de Santa Maria em 1661.

Colmieiro (António de Morais), cavaleiro professo na ordem de Cristo, faleceu em Bragança, Sé, a 20 de Setembro de 1704.

Colmieiro de Morais (Francisco), faleceu em Lisboa, a 22 de Outubro de 1673.

Deixou por testamenteiro seu filho António de Morais.

Conde de Alvor – D. Ana Tomásia do Rosário, filha de Bernardo António de Távora, conde de Alvor, general da província de Trás-os-Montes, e de D. Joana do Carmo, nasceu em Bragança, Santa Maria, a 5 de Dezembro de 1711.

José Maria Tomás Belchior, irmão da precedente, ou seja filho dos condes de Alvor, foi baptizado a 30 de Março de 1713 na capela de Nossa Senhora da Conceição «aonde assiste o senhor conde de Alvor». Nascera a 23 de Março de 1713.

Costa (D. Catarina da), mulher de Manuel da Costa Lobo. Faleceu a 23 de Janeiro de 1627.

Doutel (Francisco de Morais), era abade de Vilarinho de Agrochão, em Outubro de 1736, e baptizou em Bragança uma filha de Martinho Correia.

– (Doutor Francisco de Morais), abade de Vilarinho, foi padrinho de João, filho de seu irmão António Henrique Doutel e de D. Inácia Clara Doutel, nascido em Bragança, Santa Maria, em 1746.

Faria Figueiredo (Baltasar José de), natural de Alfândega da Fé, filho de Francisco Xavier de Faria Figueiredo e de D. Francisca Leonor Maria da Cunha. Recebeu ordens de missa em 1778.

Figueiredo (Aleixo José Soares de), filho de Pº Soares e de D. Perpétua, casou na capela de S. José, no castelo de Bragança, a 23 de Dezembro de 1746, com D. Rosa Maria Teresa de Sá, filha de Lázaro de Figueiredo Sarmento, alcaide-mor, e de D. Maria de Morais Pimentel.

– (André Ferreira de Morais), cavaleiro professo na ordem de Cristo, alferes de infantaria, casado com D. Caetana Josefa Nogueira de Abreu, residente na Praça. Faleceu a 2 de Abril de 1792.

Deixou por herdeiro seu filho António, morgado do Vimioso.

– (António Ferreira de Morais), filho de André Ferreira de Morais Figueiredo, do Vimioso, e de D. Caetana Josefa Nogueira de Abreu, de Braga.

Neto paterno de António Ferreira de Castro, capitão-mor do Vimioso, cavaleiro da ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, e de D. Arcângela de Morais Figueiredo, natural de Ferradosa.

Nasceu em Bragança, Sé, a 10 de Agosto de 1757.

– (João de), abade de Podence, faleceu em Bragança, Santa Maria, a 12 de Maio de 1669.

– (José António de), governador do forte, faleceu em Bragança, Santa Maria, a 6 de Outubro de 1733.

Figueiredo Sarmento (D. Catarina Golias), casada com António de Figueiredo Sarmento, governador de Bragança, faleceu nesta cidade, freguesia da Sé, a 29 de Dezembro de 1709.

– – (D. Mariana Gertrudes Soares de), viúva de Bernardo de Barros Pereira do Lago, residiu na quinta de Santa Apolónia e faleceu a 22 de Setembro de 1799.

– – (Francisco de), capitão de cavalaria, professo na ordem de Cristo, viúvo de D. Maria de Morais, faleceu em Bragança, freguesia da Sé, a 1 de Julho de 1706.

– – (Lázaro de), cavaleiro professo na ordem de Cristo, alcaide-mor do castelo de Bragança, faleceu a 17 de Setembro de 1713, em Bragança, freguesia de Santa Maria.

Era senhor da quinta de Arufe.

– – (Lázaro Jorge de), cavaleiro professo na ordem de Cristo, alcaide-mor do Castelo de Bragança, faleceu nesta cidade, freguesia de Santa Maria, a 8 de Abril de 1736.

Deixou por testamenteiro seu irmão Roque de Sousa, abade de Vinhas.

Galas da Costa (João José Dias), natural de Ligares, concelho de Freixo de Espada à Cinta, filho de Venceslau Gabriel e de D. Maria Gabriel.

Recebeu ordens de subdiácono em 1773.

Galego (Domingos da Ponte), tenente-general e comendador de Baçal, casado com D. Maria Susana.

Consta do baptizado de seu filho Manuel, nascido a 31 de Janeiro de 1662, na freguesia de Santa Maria.

Gato (Pedro Álvares), bacharel em leis, natural de Zoio, concelho de Bragança, onde faleceu a 4 de Maio de 1825.

Deixou por testamenteira sua irmã D. Inácia Maria.

Tinha um sobrinho, o padre Pedro da Assunção Fernandes.

No testamento diz-se pessoa nobre e queixa-se amargamente de um filho natural que tinha.

Possuía bens em Coimbra [(797)].

Gil (D. Catarina), viúva de João Esteves, natural da Rica Fé, faleceu a 14 de Fevereiro de 1805.

Gil de Figueiredo Sarmento (Domingos António), sargento-mor de infantaria, filho de Domingos António Gil e de D. Rita de Figueiredo, naturais da Mofreita.

Casou a 20 de Março de 1814 com D. Mariana Vitória Cândida (sua parente em segundo grau de consanguinidade) filha de João Esteves e de D. Catarina Gil, natural da Rica Fé.

Gil Lamadeita e Castro (Francisco), natural da Moimenta, filho de João de Lamadeita e Castro, da Moimenta, e de D. Teresa Maria de Jesus, de Bragança.

Casou em Rica-Fé, a 5 de Dezembro de 1805, com D. Rita Sebastiana, de Rica-Fé, filha de João Esteves Alves e de D. Catarina Gil, da Moimenta.

Foi testemunha António Gil Lamadeita.

Jaques (António), «mestre de campo em esta província e governador della e desta praça de Bragança», casado com D. Eugénia.

Consta de um baptizado na igreja de Santa Maria, realizado em Abril de 1651.

(797) Museu Regional de Bragança, *Cartório Administrativo,* livro 150, fol. 84, onde vem o seu testamento.

Juzarte (Pedro Monteiro), governador da praça de Bragança.

Consta de um baptizado realizado em 1654, na igreja de Santa Maria.

Noutro baptizado realizado em 1655 aparece com o nome de Pedro Sarmento Juzarte.

Faleceu em Bragança, (Santa Maria) a 8 de Abril de 1656 e no respectivo termo do registo paroquial diz-se que era «governador desta praça de Bragança».

Lago (António de Sá Pereira do), natural da Castanheira, termo de Monforte de Rio Livre, hoje concelho de Chaves.

Teve a 7 de Dezembro de 1703 carta de familiar do Santo Ofício, concedida pelo bispo inquisidor D. Frei José de Lancastro. O agraciado era cavaleiro do hábito de Cristo e casado com D. Maria de Morais.

– (D. Antónia Maria de Sá Morais Pereira do), mulher de Bernardo Baptista da Fonseca Sousa, natural da Castanheira, termo de Montorte de Rio Livre, hoje concelho de Chaves, residente na Rua da Alfândega, faleceu em Bragança a 21 de Janeiro de 1792, com quarenta e oito anos de idade, pouco mais ou menos.

Lago Sarmento (Francisco José Pinto do), natural de Sezulfe, concelho de Macedo de Cavaleiros, filho de António Pereira Pinto do Lago e de D. Leonor Caetana de Morais Sarmento.

Recebeu ordens menores em 1773.

Ledesma (Gabriel Rodrigues de), licenciado, médico da Câmara, residente na Rua dos Oleiros, faleceu de «acidente» a 4 de Setembro de 1741.

– (José Gabriel), filho do doutor António Rodrigues Ledesma e de D. Luísa Joaquina Perpétua, ambos de Bragança.

Neto paterno do doutor Gabriel Rodrigues Ledesma e de D. Luísa Josefa Henriques, ambos de Bragança.

Neto materno de João Nunes da Costa, de Bragança, e de D. Mariana Teresa, de Sendim.

Nasceu em Bragança, Sé, a 12 de Outubro de 1766 e ali faleceu a 6 de Outubro de 1794.

Leitão Bandeira (D. Francisca Gertrudes) filha de Tomás Luís António Leitão Bandeira, cavaleiro da ordem de Cristo, juiz dos órfãos de Bragança, e de D. Ana Maria Joaquina, ambos de Bragança.

Neta paterna de António Gomes Leitão Bandeira, professo na ordem de Cristo, natural de Lisboa, e de D. Joaquina Engrácia Mariana de Campos, de Torres Vedras.

Neta materna de André Rocha Padrão, familiar do Santo Ofício e capitão de ordenanças, e de D. Maria Teresa, ambos de Bragança.

Nasceu em Bragança, Sé, a 12 de Outubro de 1770.

Leitão Bandeira (Manuel), irmão da precedente, nasceu a 21 de Outubro de 1783.

Lima (Jerónimo Vieira de), fidalgo da Casa Real, filho de Pedro Francisco de Mesquita e de D. Jerónima Vieira de Lima, de Guimarães.

Casou a 12 de Fevereiro de 1730 com D. Ana Maria Madalena Pimentel de Melo Morais de Mesquita e Miranda, filha de António Borges de Morais Miranda e de D. Ana Maria Pimentel de Melo, da vila de Freixiel, concelho de Vila Flor.

Lozada (Francisco José Sarmento), natural do Vimioso, moço fidalgo, sargento-mor de cavalaria, casado com D. Joana Francisca Caetana de Morais, irmã de Miguel Ferreira de Morais, morgado de Tuizelo.

Consta do baptizado do filho, João António, nascido na freguesia de Santa Maria a 24 de Junho de 1718, de que foi padrinho António de Sá de Almeida, governador da praça de Bragança.

De outro filho dos mesmos, chamado Francisco, nascido também na freguesia de Santa Maria em 1719, foi padrinho P.º Ferreira de Sá Sarmento.

Era neto paterno de Pedro Ferreira de Sá Sarmento, cavaleiro professo na ordem de Cristo, moço fidalgo da Casa Real e coronel de cavalaria, do Vimioso.

Macedo (António), comendador, casado com D. Ana, faleceu a 13 de Abril de 1612.

– (Rodrigo Alberto de), natural de Algoso, filho de João de Macedo e de D. Francisca de Figueiredo, recebeu ordens menores em 1778.

Madureira (Domingos de Morais), cavaleiro do hábito de Cristo, comendador de Babe, faleceu a 27 de Dezembro de 1729.

Sua mulher, D. Luísa Caetana, faleceu a 29 de Abril de 1733.

Magalhães (Manuel António de), natural de Moncorvo, filho de António Xavier Carneiro de Magalhães e de D. Rita Joaquina Carneiro de Vasconcelos.

Recebeu ordens de diácono em 1833.

Malheiro (António), abade de Rebordãos, faleceu em Bragança, Sé, a 21 de Novembro de 1681.

Meireles de Távora (Domingos de), casado com D. Maria dos Santos Sarmento. Foram pais de D. Maria Inácia, nascida na freguesia de Santa Maria a 3 de Outubro de 1723, da qual foi padrinho D. João de Sousa Carvalho, bispo de Miranda.

Mena (António Gomes), escrivão da Câmara Municipal de Bragança, faleceu em Bragança, freguesia de Santa Maria, a 26 de Fevereiro de 1660.

Morais (Bernardo José de), natural de Bragança, filho de Miguel Teixeira Pinheiro, de Vilarinho de Agrochão, tenente de cavalaria, e de D. Mariana Teresa, de Bragança.

Casou em Bragança, Santa Maria, a 9 de Maio de 1747, com D. Rosa Maria Xavier de Sá Morais, de Terroso, filha do capitão de infantaria, ... da Costa, natural de Felgueiras (Moncorvo), e de D. Rosa de Sá Morais, de Bragança.

– (Francisco Xavier Lopes de), natural de Bragança, professo na ordem de Cristo, filho de António Lopes Álvares de Morais e de D. Isabel dos Santos.

Casou em Bragança (Santa Maria), a 15 de Junho de 1763, com D. Caetana Queiroz de Morais Feijó, de Bragança, filha de Francisco de Morais da Veiga (?) e de D. Ana Jerónima de Morais Feijó.

– (Gregório de Castro), casado com D. Francisca da Rocha, era governador da praça de Bragança em 1665.

Consta dos baptizados de Santa Maria.

– (Manuel Camelo de), abade de S. João, faleceu a 9 de Junho de 1716.

– (Martinho Correia de Castro), fidalgo da Casa Real, casado com D. Ana Sebastiana, faleceu a 3 de Outubro de 1759. Deixou por testamenteiro Francisco António em quem nomeia o vínculo de Nossa Senhora da Conceição, que foi instituído por seu pai, e o de Vilarinho, que foi instituído por seu tio, o reverendo abade de Vilarinho. Deixa a seu filho Martinho Correia o prazo de Britelo.

Paiva e Pona (Doutor António), desembargador.

Consta do baptizado de sua filha, Rosa Maria, nascida na freguesia de Santa Maria a 19 de Dezembro de 1697.

Teve outra filha de nome Mariana, nascida na mesma freguesia a 21 de Setembro de 1703.

Outro de nome José, nascido na mesma freguesia a 6 de Março de 1705, de que foram padrinhos: Francisco Alberto Xavier e Bento, irmãos do baptizado.

Paiva e Pona era filho de Pero Pires e de D. Catarina Pires, de Paredes.

Casou em Santa Maria de Bragança, a 15 de Fevereiro de 1691 com D. Joana de Barros, filha de Manuel Teixeira e de D. Antónia de Meireles, de Bragança.

Faleceu em Bragança a 27 de Fevereiro de 1739 e jaz na igreja de S. Bento.

Pereira (Francisco Manuel), natural de Ala, concelho de Macedo de Cavaleiros, filho de Manuel Luís Pereira e de D. Maria de Morais.

Recebeu ordens menores em 1777.

Pereira de Castro (Tomás Aires), fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na ordem de Cristo, filho de Francisco de Morais Mesquita, fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na ordem de Cristo, natural de Moncorvo.

Casou a 5 de Novembro de 1731 com D. Maria Caetana de Mesquita, filha de Domingos de Morais Pimentel, fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na ordem de Cristo, e de D. Ana Luísa Caetana de Mesquita, natural de Bragança.

Pimentel (D. Rosa Joana Gabriela de Morais), natural de Bragança, viúva de Francisco Xavier da Veiga Cabral da Câmara, general das armas da província de Trás-os-Montes. Faleceu a 4 de Junho de 1793.

– (Doutor José Manuel de Morais), fidalgo da Casa Real, faleceu a 2 de Junho de 1789, deixando por herdeiro seu sobrinho Francisco Xavier da Veiga Cabral e do vínculo a sua irmã D. Rosa.

– (Francisco Ferreira Sarmento), abade de S. João de Bragança durante doze anos, faleceu a 1 de Março de 1672. Deixou por testamenteiro seu irmão João Ferreira Sarmento.

– (Frei Domingos de Morais), fidalgo da Casa Real, professo na ordem de Malta, comendador de Águas Santas, natural de Bragança.

Faleceu a 26 de Abril de 1788.

– (João Ferreira Sarmento), fidalgo da Casa Real, casado com D. Inês Francisca de Mariz Sarmento, faleceu a 11 de Fevereiro de 1757.

D. Inês Francisca de Mariz Sarmento, sua mulher, que casou duas vezes, faleceu a 16 de Agosto de 1762.

– (José António da Rocha Sarmento), natural de Coelhoso, sargento-mor de auxiliares, filho de Gonçalo da Rocha Pimentel, natural de Bragança, e de D. Mariana de Morais Sarmento, de Coelhoso, residentes em Bragança.

Casou em Bragança, Santa Maria, a 26 de Setembro de 1751 com D. Maria Pinto, filha de António Pinto e de D. Isabel Rodrigues Sobral, de Frechas. Foram testemunhas João Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, e padre Frei João de Santo António Soledade, religioso de S. Francisco, lente de filosofia.

– (Pedro Ferreira), cavaleiro professo na ordem de Cristo, filho de Jerónimo Ferreira e de D. Ana.

Casou em Bragança, Santa Maria, a 14 de Junho de 1679 com D. Joana de Sousa, filha de António Machado Pereira e de D. Joana de Sousa, de Susães.

Pinto (Agostinho José da Fonseca), proprietário, viúvo, natural de Outeiro, concelho de Bragança, nasceu a 17 de Dezembro de 1869.

Era filho de José Agostinho da Fonseca Pinto, chefe da delegação aduaneira de Outeiro, sobrinho do conselheiro Agostinho José da Fonseca Pinto, juiz de direito, e também sobrinho, por afinidade, de Firmino João Lopes, que foi governador civil de Bragança.

Ponte (Bento da), beneficiado da colegiada de Santa Maria de Bragança, faleceu em Bragança, freguesia de Santa Maria, a 24 de Junho de 1724. Deixou por herdeiro seu primo António da Ponte, reitor de Salsas.

Entre os bens que possuía incluía-se a quinta de Santa Rita, limite de Cabeça Boa, com capela dedicada à mesma Santa.

Ponte Galego (António), filho de Domingos da Ponte Galego e de D. Maria de Figueiroa.

Casou a 13 de Junho de 1667 com D. Maria Nogueira da Fonseca filha de Francisco de Almeida de Figueiredo e de D. Francisca de Sá (Santa Maria).

Prazeres (Maria José dos), natural de Rio de Fornos, concelho de Vinhais, fez profissão monástica em 10 de Junho de 1760.

A respectiva carta, com desenhos à pena muito característicos da época pela ornamentação, conserva-se no Museu Regional de Bragança, onde há mais do mesmo género e trabalho artístico.

Rocha (André Xavier da), abade de Miragaia, no Porto, faleceu em Bragança, a 2 de Novembro de 1791.

– (D. Francisca da), casada com Gregório de Castro Morais, governador de Bragança, faleceu a 22 de Julho de 1666.

Seu marido faleceu a 4 de Outubro de 1681. Deixou por testamenteiro seu filho Francisco de Castro. Parece que casou duas vezes.

Manuel de Faria Borges, mestre de campo, do hábito de Cristo, fidalgo da Casa Real, faleceu a 18 de Agosto de 1667.

– (Manuel da), filho de João da Rocha e de D. Sebastiana da Rosa, de Parada.

Casou a 14 de Junho de 1648, em Bragança, Santa Maria, com D. Maria Doutel de Abreu, filha de Baltasar de Abreu e de D. Joana de Barros, de Bragança.

Depois de enviuvar casou em segundas núpcias, a 15 de Fevereiro de 1655, com D. Maria da Costa, filha de António da Costa, médico, e de D. Ana Novais, de Bragança.

Rocha Pimentel (José Gonçalo da), natural de Bragança, casado com D. Maria José Morais e Sousa.

Consta do baptizado de seu filho Francisco, nascido em Bra-

gança, Santa Maria, a 16 de Novembro de 1733, o qual era neto paterno de Manuel da Rocha Pimentel, de Parada, e de D. Maria da Costa, de Bragança e materno de Francisco Pessanha Vilhegas, das Arcas, e de D. Maria «do termo de Monforte de Rio Livre».

Rocha Sarmento Pimentel (Aleixo da Nova da), viúvo.

Faleceu a 25 de Janeiro de 1794. Deixou por herdeiro seu filho António Henrique da Rocha Sarmento Pimentel.

– – (José António), cavaleiro professo na ordem de Cristo, sargento-mor do terço de auxiliares de Bragança, de onde era natural.

Faleceu a 31 de Outubro de 1778. Deixou por herdeiros seu filho Pedro Alberto da Rocha Sarmento Pimentel e seu sobrinho António da Rocha Pimentel.

Rosa (Conde da). D. Francisco de Paula Correia de Morais Sá Castro Lozano Pimentel Abarca, fidalgo da Casa Real, conde da Rosa, natural de Pamplona, casado com D. Maria Inácia Vila Nova Março e Abarca, condessa da Rosa, natural da vila de Sadoba (?), Espanha.

Tiveram um filho de nome Francisco, nascido em Bragança, Santa Maria, a 9 de Abril de 1797, o qual era neto paterno de Francisco António Correia de Morais Sá Castro e de D. Antónia de Lozano Pimentel e Abarca, condessa da Rosa, natural de Pamplona, e materno de D. Eugénio Vila Nova Abarca e de D. Manuela de Março e Bentana.

Sá Carneiro (José Paulino de), filho de António José de Sá Pereira Carneiro e de D. Maria do Ó Ferreira, ambos de Bragança.

Neto paterno de António José Baptista de Sá Carneiro e de D. Joana Ferreira, de Bragança.

Neto materno de Justiniano António Ferreira, de Azambuja e de D. Ana Maria Gertrudes, de Bragança.

Nasceu a 24 de Julho de 1808 em Bragança, Santa Maria.

Foi general de divisão.

Sampaio Castro e Melo (Dionísio de), natural do Amedo, concelho de Carrazeda de Ansiães, filho de Luís António de Sampaio Castro e Melo e de D. Angélica de Mariz Sarmento,

Recebeu ordens de missa em 1833.

Sanches (João de Castro), faleceu em Bragança, freguesia da Sé, a 13 de Dezembro de 1703.

– (Luís de Castro), natural de Bragança e residente em Babe, faleceu em Bragança, freguesia da Sé, a 9 de Novembro de 1702.

Sandoval (D. Tomás de), castelhano, mestre prateiro, faleceu em Bragança, a 10 de Março de 1731. Deixou por testamenteiros sua mulher D. Maria da Veiga de Escobar e seu filho Afonso da Paz.

Sarmento (António de Abreu), filho de Estêvão de Abreu Sarmento e de D. Joana Gomes.

Casou a 7 de Novembro de 1721 em Bragança, Santa Maria, com D. Rosa Maria de Figueiredo e Lemos, filha de Manuel de Faria e Figueiredo e de D. Mariana de Lemos, residentes nos Cortiços.

– (António de Loureiro Soares de Figueiredo), filho de Afonso de Medeiros, natural de Pinhelo (Monforte), e de D. Rosa Perpétua Soares de Figueiredo Sarmento, de Bragança.

Casou em Bragança, Santa Maria, a 31 de Outubro de 1790 com D. Catarina Maria Teresa Vilas Boas, filha de Domingos da Silva e de D. Ana de Vilas Boas, natural de Coelhoso. (Ela e a mãe foram recolhidas em Santa Clara.)

– (António Miguel Pinto Pereira do Lago), viúvo de D. Manuel (?) Maria Pereira, casou a 9 de Outubro de 1785 em Bragança, Santa Maria, com D. Rita Antónia da Penha de França Vilas Boas, recolhida em Santa Clara, filha de Domingos da Silva e de D. Ana Rodrigues de Vilas Boas, todos de Coelhoso.

Deixou por testamenteiro Alexandre José Maria Vilas Boas, abade de Gondezende.

– (D. Luísa Antónia de Morais Ferreira), natural de Edral, concelho de Vinhais, nasceu a 13 de Julho de 1774.

Era filha de Manuel de Morais Sarmento, natural de Zido, concelho de Vinhais, residente em Edral, e de D. Mariana Ferreira Sarmento, de Vinhais.

Neta paterna de Pedro Sarmento, de Zido, e de D. Maria de Morais Soares, de Vilar de Peregrinos.

Neta materna de Pedro Ferreira de Sá Sarmento, de Vinhais, e de D. Maria Ferreira Sarmento, de Fundão, residente em Vinhais.

Foi seu padrinho Inácio Xavier de Morais Sarmento, cavaleiro da ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, residente em Frechas, concelho de Mirandela.

Professou em 1797 no convento de Vinhais ficando como fiador dos bens para sua alimentação, seu tio Manuel Maria de Morais Ferreira Sarmento, capitão-mor de Lomba, concelho de Vinhais[798].

– (D. Maria Antonia Ferreira de Sá), filha natural de Francisco José Ferreira de Sá Sarmento, cavaleiro professo na ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, natural de Bragança.

(798) Museu Regional de Bragança, maço *Freiras de Santa Clara de Vinhais.*

Neta paterna de Francisco José Sarmento, do Vimioso, cavaleiro professo na ordem de Cristo, general da província, e de D. Joana Francisca Caetana de Morais, de Tuizelo.

Nasceu em Bragança, Sé, a 15 de Novembro de 1783.

– (Francisco José da Silva de Morais), professo na ordem de Cristo, alferes de cavalaria, natural de Vinhais, filho de Lourenço da Silva, professo na ordem de Cristo, capitão de cavalaria do regimento de Chaves, e de D. Francisca Luísa de Morais Castro, de Santo Estêvão, termo de Chaves.

Casou a 7 de Dezembro de 1773 em Bragança, Santa Maria, com D. Ana Maria Antónia de Morais Sarmento Pimentel, filha de João Vicente Teixeira Pimentel, de Bragança, e de D. Teodósia de Morais Sarmento, de Águas Frias.

Consta de uma procuração passada ao doutor de capelo António Caetano da Silva de Morais Castro, natural de Vinhais.

– (Henrique Vicente de Morais), natural de Rio de Fornos, concelho de Vinhais, filho de Manuel de Morais Sarmento e de D. Maria de Sá Peixoto, residentes em Rio de Fornos.

Casou em Bragança, Santa Maria, a 17 de Outubro de 1731 com D. Antónia Luísa Soares de Figueiredo, filha do coronel P.º Soares de Figueiredo, natural e residente em Bragança, e de D. Perpétua Maria de Figueiredo, de Vinhais.

– (Manuel de Sampaio Gama), natural de Algoso, filho de José Maria de Sampaio e de D. Inácia de Morais Sarmento.

Recebeu ordens de missa em 1777.

Sepúlveda (D. Maria Inácia), filha de António Gomes de Sepúlveda, natural de Mirandela.

Neta materna de Mateus Rodrigues Eiró.

Nasceu em 28 de Janeiro de 1729.

– (D. Maria Luísa de), casada com o sargento-mor António Gomes de Sepúlveda, faleceu a 19 de Junho de 1749.

– (João), filho do capitão de cavalaria António Gomes de Sepúlveda e de D. Maria Luísa.

Neto paterno de António Gomes de Abreu e de D. Serafina de Sepúlveda, naturais de Braga.

Neto materno de Mateus Rodrigues, de Santo Estêvão de Chaves, e de D. Maria Alves, de Vila Meão de Chaves.

Nasceu a 4 de Março de 1725.

– (Manuel Jorge), general, filho de António Gomes de Sepúlveda, nasceu a 12 de Abril de 1736. Era irmão do precedente. Aparecem também mais duas irmãs baptizadas nesta freguesia.

Soares (Bernardo Sarmento Pereira de Morais), tenente-coronel, casado com

D. Mariana Josefa de Figueiredo Sarmento, natural de Bragança, faleceu a 31 de Agosto de 1793 e foi sepultado na sua capela de Santa Apolónia.

Sousa (Francisco Xavier de), cavaleiro professo na ordem de Cristo, escrivão da Câmara de Bragança, faleceu a 6 de Abril de 1752. Deixou por testamenteira sua mulher D. Joana Luísa Caetana.

Taveira de Morais (Francisco), cavaleiro professo na ordem de Cristo, faleceu em Bragança, Sé, a 16 de Dezembro de 1704.

Távora (D. Angélica Maria de Sousa Telo), viúva de António Colmieiro de Morais, faleceu a 8 de Janeiro de 1722. Deixou por testamenteiro seu filho Baltazar Colmieiro.

Teixeira (D. Maria), filha de Gonçalo Teixeira e de D. Helena da Costa, nasceu a 11 de Maio de 1567.

Foi seu padrinho D. António Pinheiro, bispo de Miranda.

(Livro dos baptizados de Santa Maria.)

Telo (António José Vieira da Fonseca), natural de Azinhoso, filho de António José Freire de Albuquerque Telo e de D. Maria José Vieira. Recebeu ordens menores em 1777.

Vasconcelos (João Mendes de), governador das armas da província de Trás-os-Montes. Consta de um baptizado feito em Santa Maria em Março de 1655.

Veiga Cabral (Francisco António da), filho de Francisco Xavier da Veiga Cabral, governador do castelo de Bragança e de D. Rosa Joana de Morais Pimentel, ambos de Bragança.

Neto paterno de Sebastião da Veiga Cabral, mestre de campo, natural de Lisboa, e de D. Maria de Figueiroa, de Bragança.

Neto materno de Domingos de Morais de Madureira, de Bragança, professo na ordem de Cristo, e de D. Luísa Caetana de Mesquita, de Mirandela.

Nasceu a 10 de Setembro de 1733.

– – (Francisco Xavier da), fidalgo da Casa Real, governador do castelo de Bragança, cavaleiro professo na ordem de Cristo, filho de Sebastião da Veiga Cabral, governador das armas da província de Trás-os-Montes, e de D. Maria de Figueiroa.

Casou com D. Rosa Joana de Morais Pimentel, filha de Domingos de Morais Pimentel, fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo na ordem de Cristo, e de D. Caetana Luísa de Mesquita.

O casamento realizou-se em casa da noiva a 5 de Novembro de 1731.

– – (Francisco Xavier da), governador das armas da província de Trás-os-Montes, faleceu a 18 de Dezembro de 1761.

– – (Sebastião da), mestre de campo general, faleceu em Bragança, Sé, a 24 de Maio de 1704.

SUPLEMENTO

ÁGUAS FRIAS

João de Prada, natural de Bragança, mandou construir em Monforte de Rio Livre, concelho de Chaves, onde era abade, uma capela dedicada a Nossa Senhora do Loreto e outra na anexa de Águas Frias, sob a mesma invocação [799]. Ignoro se foi com vínculo de morgadio, mas é provável que assim fosse, visto ele ser fidalgo.

ALIJÓ

1º Tomás Carneiro da Mesquita e Sá, fidalgo da Casa Real, natural de Murça, e D. Bernarda da Mesquita, sua mulher, de S. Fins (Alijó), fundaram uma capela, com vínculo de morgadio, dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Não houve filhos deste matrimónio.

Casou em segundas núpcias com D. Leonesa Taveira de Barros Beça, da casa de São Jorge, em Favaios.

Descendência:

2º João Teixeira de Barros Carneiro, segundo morgado de S. Fins, que casou com D. Maria Teresa da Mesquita, do Castedo.

Descendência:

3º D. Josefa Luísa de Barros Carneiro, terceira morgada de S. Fins, que casou com Lourenço José de Araújo Borges, doutor em cânones, de Abreiro, filho de António de Araújo Borges, clérigo depois de viúvo [800].

Descendência:

4º D. Maria Josefa de Barros Carneiro, quarta morgada de S. Fins, que casou com o seu parente Manuel António de Barros Beça e Magalhães, doutor em direito, capitão-mor de Freixiel e Abreiro, filho de António de Barros Beça e de D. Quitéria Rosa de Oliveira.

Descendência:

5º Francisco de Barros Carneiro e Araújo, quinto morgado de S. Fins, que casou com D. Isabel Augusta de Figueiredo, filha do brigadeiro

(799) LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* vol. X, p. 142, artigo «Senhora do Loreto».
(800) Estes Borges ramificaram depois para Frechas, onde ainda têm representantes, como referimos a p. 227, e para Freixiel.

José Paulo de Figueiredo, de Abambres, fidalgo da Casa Real, e de D. Maria Angélica de Figueiredo.

Descendência:

6º D. Ana Augusta de Barros Carneiro, sexta morgada de S. Fins, que casou com o terceiro Conde de Vinhais, Simão da Costa Pessoa, residente em Mirandela.

Descendência:

I. *Manuel da Costa Pessoa,* que casou com D. Sílvia Maria Pinto, com geração.

II. *Francisco da Costa Pessoa.*

III. *Augusto da Costa Pessoa,* que nasceu em Mirandela a 21 de Janeiro de 1880. (Ver pág. 611).

IV. D. *Antónia da Costa Pessoa de Barros Carneiro,* que casou com Alberto de Sousa Ataíde Rebelo Pavão (ver pág. 369) [801].

ALVITES

1º D. Maria Isabel Frias Botelho, casada com Miguel Bacelar, da casa de Vilar de Ossos-Bouça, bacharel em direito, irmão de José e Manuel Bacelar, a quem nos referimos em *Bragança – Família Morais Madureira Pimentel Machucas da Casa do Arco,* págs. 147 e 524. Sem descendência.

2º Afonso Frias Botelho, bacharel. Reside nos Vilares da Torre de D. Chama.

3º D. Conceição Frias Botelho, reside em Carcavelos.

Segundo diz a tradição o último morgado Frias Botelho, haverá setenta anos falecido, vivia só para o seu *harém* povoado de *odaliscas* e, porque uma sua irmã se deixou seduzir por um criado, inclausurou-a numa parte do palacete brasonado de Alvites, chamado o *Castelo,* que ainda existe, com as janelas fortemente gradeadas de ferro, e lá se definhou.

Segundo a mesma tradição, um morgado dos lados de Miranda do Douro deu uma bofetada no abade da freguesia, que era irmão de Frias Botelho, por causa de precedências numa procissão de festa; o Frias, que soube do caso, não se deu por achado, e um belo dia oferece um jantar aos seus amigos, na casa do irmão abade, ao qual veio também, por convite, o da bofetada.

(801) FALCÃO, Antero – *Breves Apontamentos para a História Genealógica de algumas famílias de província,* in *Enciclopédia das Famílias,* 1903, nº 196, p. 292.

Correu tudo na melhor paz e harmonia; a bofetada, como explosão inconsciente de um momento de ira, já esquecera.

Frias Botelho despede-se abraçando-os a todos e por último o ofensor do irmão a quem apertou com tal gana que o arrebentou.

– Ai que me matou, diz este ao exalar o último suspiro!

– É que isto não são festas de procissões, tornou-lhe ele e seguiu de socega para Alvites.

Era um hércules: nas suas camisas, ainda conservadas na casa solarenga, cabem bem duas pessoas.

(Ver em *Carrazedo – Família Frias Sarmentos,* pág. 203).

No palacete brasonado de Alvites, da família Pereira Cabral, residem actualmente:

1º D. Emília Bárbara Pereira Cabral.

2º D. Delfina Pereira Cabral, que regulam por sessenta anos de idade, ambas irmãs do doutor Jerónimo Barbosa Pereira Cabral, a quem nos referimos em *Zedas,* pág. 627.

ARCAS

1º Manuel Pessanha Pereira do Lago, nasceu nas Arcas a 27 de Abril de 1868 e casou com D. Filomena da Conceição Pessanha, das Arcas, que faleceu a 25 de Dezembro de 1917.

Descendência:

I. *Sérgio Pessanha Pereira do Lago,* que nasceu a 24 de Novembro de 1904.

II. *D. Maria José Pessanha Pereira do Lago,* que nasceu a 9 de Junho de 1902.

III. D. *Berta Pessanha Pereira do Lago,* que nasceu a 9 de Setembro de 1906.

IV. *José Silvério Pessanha Pereira do Lago,* que nasceu a 19 de Março de 1908.

V. *D. Dulce Pessanha Pereira do Lago,* que nasceu a 24 de Fevereiro de 1910.

2º Francisco Pessanha Pereira do Lago, nasceu nas Arcas a 14 de Abril de 1869 e casou com D. Maria Teixeira Lopes, de Bragança, sobrinha do cónego da Sé, da mesma cidade, Miguel José Lopes.

Descendência:

I. *D. Maria Beatriz,* que nasceu a 6 de Junho de 1901.

II. *D. Maria Inês,* que nasceu a 21 de Março de 1903.

III. *D. Maria Leonarda,* que nasceu a 29 de Novembro de 1906.

3º ANTÓNIO PESSANHA PEREIRA DO LAGO, bacharel em direito, nasceu nas Arcas a 1 de Novembro de 1876 e casou em Chacim.

Faleceu sem deixar descendência.

4º D. MARIA BEATRIZ PESSANHA PEREIRA DO LAGO, casou em Soutelo da Pesqueira com Manuel António da Costa Seixas. Com descendência.

ARGOZELO

1º Doutor FRANCISCO VAZ DE QUINA, governador, provisor, vigário geral do bispado de Miranda do Douro, comissário do Santo Ofício, opositor aos lugares de letras da Universidade de Coimbra, natural de Argozelo, concelho do Vimioso.

Era filho do capitão André Martins e de D. Isabel Vaz Torrão.

Neto paterno de outro André Martins e de D. Ana de Quina.

Neto materno de Francisco Vaz e de D. Isabel Torrão, filha de outro Francisco Vaz e de D. Francisca de Quina (ver em *Miranda* – 8º em *Capelas,* pág. 265).

Teve por armas escudo oval, partido em pala: na primeira as armas dos Martins e na segunda as dos Vaz. Por diferença uma brica com um trifólio verde. Por timbre o da sua dignidade com uma borla por banda.

Brasão passado a 24 de Março de 1781 (802).

Faleceu a 4 de Setembro de 1804.

2º EDUARDO AUGUSTO VAZ DE QUINA, actual representante desta família, nasceu em Argozelo a 8 de Novembro de 1859 e casou a 1 de Setembro de 1883 com D. Sofia Crisóstomo Pinto, filha do coronel João Pinto Crisóstomo e de D. Rita Garcia, que nasceu no Porto (freguesia da Vitória), a 15 de Setembro de 1858 e faleceu em Argozelo a 16 de Agosto de 1915.

Descendência:

I. *Álvaro Eugénio Vaz de Quina,* que nasceu em Argozelo a 22 de Fevereiro de 1892.

(802) Extracto da carta de brasão de armas, em pergaminho, iluminada, existente em Argozelo em poder da família Quina, descendente colateral do agraciado.

II. *D. Maria da Conceição Vaz de Quina,* que nasceu em Argozelo a 1 de Março de 1893. Reside em Lisboa, onde casou com seu primo João Pinto Crisóstomo. Com descendência.

III. *D. Irene Gabriela Vaz de Quina,* que nasceu em Argozelo a 16 de Junho de 1896.

IV. *Fernando Duarte Vaz de Quina* que nasceu em Argozelo a 1 de Maio de 1895 e casou com D. Prudência Martins Amado, também de Argozelo, de quem teve cinco filhos, irmã do padre Adrião Martins Amado, natural da mesma povoação, distinto professor e já por várias vezes reitor do Liceu de Bragança, antigo governador civil do distrito de Bragança, publicista e jornalista, nascido a 7 de Outubro de 1874, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Eduardo Augusto Vaz de Quina é filho de Álvaro José Raimundo Vaz de Quina, doutor em direito, nascido a 31 de Dezembro de 1833 e falecido a 6 de Agosto de 1883, e de D. Rosa da Anunciação Rodrigues Portugal, nascida na Paradinha Nova a 16 de Março de 1840 e ali falecida a 31 de Maio de 1878. O doutor Álvaro de Quina frequentou a Universidade em tempos de lutas constantes e, para despistar ladrões e facções políticas, ia de Argozelo a Coimbra a pé em três dias, feito caçador, de arma ao ombro e cão perdigueiro! Quando já formado e delegado em Miranda do Douro, ia lá e voltava a Argozelo no mesmo dia, depois de assistir às audiências, palmilhando assim setenta quilómetros! Nem os cães de caça o aguentavam a andar!

Neto paterno do doutor Raimundo André Vaz de Quina, bacharel em leis, falecido a 14 de Maio de 1840, e de D. Mariana Felícia Rita, natural de Lisboa, filha do doutor Francisco Vaz de Quina, médico da Corte, irmão de José Francisco Pires de Quina, reitor de Ifanes. O doutor Raimundo e sua mulher doaram em 1837 várias propriedades sitas em Ifanes a sua filha D. Raimunda Miquelina de Quina, para casar com o doutor Agostinho António de Quina, residente em Malhadas [(803)]. Francisco Manuel de Quina, abade de Travanca de Algoso, onde faleceu a 5 de Abril de 1820, deixou por testamenteiro seu irmão o doutor Raimundo André Vaz de Quina, e tinha uma sobrinha de nome Ana Maria de Quina, residente em Santulhão [(804)], D. Maria Josefa das Dores Vaz de Quina, irmã de D. Raimunda, atrás citada, casou a 27 de Janeiro de 1834 com Viriato de Madureira, de Miranda do Douro, filho de Manuel de Madureira Lobo e

(803) Museu Regional de Bragança, *Cartório notarial,* livro 390, fol. 30. O casamento realizou-se a 20 de Abril de 1837.
(804) Ibidem, *Cartório Administrativo,* livro 129, fol. 5 v., onde se encontra o seu testamento.

de D. Rita de Santa Marta Morais Sarmento. Tendo falecido seu marido, casou em segundas núpcias com Joaquim Álvares Falcão, natural de S. Jorge, concelho de Chaves.

Bisneto paterno de Manuel António Pires de Quina, de Argozelo e de D. Inês Martins Sardinha, de Vale de Algoso.

Terceiro neto paterno de António Pires Lago e de D. Ana Maria Martins, irmã do doutor Francisco Vaz de Quina, agraciado com a carta de nobreza a que atrás nos referimos.

Sobre o morgadio dos Mirandas de Argozelo ver o volume IV, pág. 350, destas *Memórias Arqueológico-Históricas.*

3º D. Ana Maria de Quina, atrás citada, casou em Santulhão, concelho do Vimioso, com Francisco Afonso Freire (que depois de viúvo passou a segundas núpcias).

Descendência:

4º D. Ana Maria de Quina Afonso Freire, que casou com João de Sousa Teixeira Lobo Girão, juiz de fora em Outeiro, concelho extinto, hoje incorporado no de Bragança, senhor da casa das Torres em Oliveira de Mesão Frio.

Descendência:

5º Eduardo Afonso de Sousa Ferreira Teixeira Lobo Girão.

6º António Afonso Ferreira Teixeira Lobo Girão, filho do precedente, casado em Lamego, onde reside, com uma filha do conde do Val Pendurado [805].

ARNAL

Cipriano da Silva, natural de Arnal, concelho de Carrazeda de Ansiães, escudeiro fidalgo da Casa Real, casou com D. Ângela de Carvalho [806].

BEMPOSTA

António Augusto Pimentel, solteiro, proprietário, representante dos Pimentéis da Bemposta, reside nesta povoação e nasceu a 2 de Outubro de 1877.

(805) Ao nosso velho amigo Eduardo Vaz de Quina agradecemos as informações para estas notícias.
(806) SOUSA, Manuel Bernardo de Magalhães e – *Livro Genealógico,* tomo I, fólio 176.

É filho de Carlos Augusto Pimentel Telo e de D. Ana Rita Morais.
Neto paterno de António Joaquim Pimentel e de D. Rita Telo.
Neto materno de António Ramos Gonçalves e de D. Ana Morais.
Tem irmãos e irmãs mais novos.

BORNES

No livro XX, fl. 332, da *Chancelaria de S. Tiago,* vem uma carta de padrão de doze mil réis de tença com o hábito, concedida a Luís Teixeira de Sampaio, na qual se diz:

«D. Pedro, etc. Attendendo aos serviços de Domingos Teixeira de Sampaio, filho de Christovam Teixeira, e natural da villa de Bornes, feitos com intrepolação na provincia de Tras os Montes como soldado pago, tenente de cavallos da ordenança, furriel, alferes de cavallos ligeiros e de couraças por espaço de 27 annos, 2 meses e 28 dias, de 15 de Janº de 1649 a 13 de Julho de 1682, e no decurso do tempo referido se achar na provincia do Minho na campanha da Veiga de Mira no cortar de hum comboyo que hia de villa nova pª o forte de Sam George na pelleya do socorro que se intentou meter em Monçam que estava sitiado pelo inimigo em que aprisionou hum soldado e hum cavallo no ganhar de hua caza forte do inimigo junto a Monte Rey, e encontro que se teve com elle na retirada que foi posto em fugida degollando-lhe a maior parte do terço o anno de 665 marchar de socorro á provincia do Alemtejo e se achar no socorro de Vª Viçosa, Batalha de Montes Claros, e passando ao Minho acompanhar o exercito que entrou em Galiza, e depois de se queimarem m.tas villas e lugares de render o forte da Guarda em que assistio por cabo nos ataques, e no anno de 667 se achar na mesma provincia na queima de V.ª de Porqueira e choque que se deo com o inimigo em que aprisionaram mais de dozentos (?) cavallos e m.tos cabos governando elle a sua compª e avendosse no que fica referido com m.to valor, e na satisfaçam de tudo hei por bem fazer merce para seu filho Luiz Teixeira de S. Payo de 12$000 reis de tença affectivos por conta dos quarenta em que elle foi respondido p.ª os lograr cõ o habito da ordem de Sanctiago que lhe tenho mandado lançar, e dos 28$000 reis que faltam p.ª comprim.to delles se lhe passou padram p.ª p.te a que tocava os quoais doze mil reis se lhe assentaram em hum dos Almoxarifados do Reino em que ember...».

Esta carta é datada de 9 de Fevereiro de 1683 (807). Luís Teixeira de Sampaio residiu em Mirandela em 1701 e em 1722 uma sua filha casou em Vila Nova, concelho de Mirandela.

BRAGANÇA

Família Ferreiras (ver pág. 63)

1º António Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real, requereu em 1797 certidão do testamento de seu pai João Ferreira Sarmento de Louzada, fidalgo da Casa Real, casado com D. Maria Leonor de Vasconcelos. O testamento foi feito em Junho de 1757.

Era senhor do morgadio de Vale de Flores (808), termo de Bragança, que deixa a sua mulher, e dos da Castanheira, Torre [de D. Chama?] e Aguieiras, que deixa a seu filho António Ferreira Sarmento Pimentel.

2º Aires Ferreira, casado com D. Isabel de Sá, teve a 1 de Setembro de 1588 quarenta mil réis de tença, concedida por El-Rei D. Filipe em atenção aos seus serviços e a «proceder bem no tempo das alterações passadas» e aos serviços de Martim Ferreira, António Ferreira, Estêvão Ferreira, Cristóvão Ferreira, João Ferreira e Gaspar Ferreira, seus irmãos.

3º João Ferreira Sarmento, capitão da companhia de cavalaria da ordenança de Bragança, por carta régia de 29 de Fevereiro de 1652.

4º Joaquim Ferreira Sarmento Louzada Pimentel, tenente de cavalaria, natural de Fornos de Pinhal, bispado de Bragança, filho de Valentim Manuel de Macedo de Morais Sarmento.

Neto materno de Francisco Ferreira Sarmento Pimentel, fidalgo da Casa Real.

Foi agraciado com o foro de fidalgo da Casa Real por carta de 8 de Julho de 1843.

(807) Ao nosso erudito amigo Ernesto Augusto Pereira Sales, tantas vezes memorado com louvor nestas páginas, agradecemos a notícia deste documento.

(808) O morgadio de Vale Flores (ver p. 67), também chamado de Santo António, da capela que tinha dedicada a este Santo, foi fundado a 8 de Agosto de 1646 por Francisco de Morais Sarmento, marido de D. Juliana de Sá.

Além da quinta de Vale Flores, ainda hoje na posse de seus descendentes, compreendia a da Granja, hoje na posse de D. Rosa Edra, de Meixedo, por compra, de que era enfiteuta, sendo directos senhorios os frades de S. Martinho da Castanheira, em terra de Sanabria (Espanha), aos quais pagava anualmente de foro dezasseis almudes de vinho.

Os actuais representantes desta nobre família são:

1º D. Alexandrina Augusta Ferreira Sarmento de Louzada Pimentel Calaínho [809], que nasceu a 30 de Agosto de 1856, e a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Encontra-se solteira, tendo-se retirado de Bragança para o casal de Algoso, concelho do Vimioso, onde reside.

2º D. Guilhermina Amália Ferreira Sarmento de Louzada Pimentel Calaínho, religiosa Doroteia no Colégio de S. José em Vila do Conde (ver 3º, na pág. 498).

3º D. Joana Adelaide Ferreira Sarmento de Louzada Pimentel Calaínho, que é a proprietária do solar dos Calaínhos em Bragança.

Casou com Manuel Maria de Morais Azevedo, da casa de Vila Chã da Barciosa (ver 3º, na pág. 498).

Descendência:

I. *D. Maria Alexandrina Sarmento Calaínho Azevedo,* que nasceu em Castro Vicente, concelho do Mogadouro, a 26 de Novembro de 1882 e casou com António Guilhermino Furtado, farmacêutico, natural de Bragança, onde nasceu pelos anos de 1878. Residem no Porto.

II. *D. Maria Guilhermina Sarmento Calaínho de Azevedo,* que nasceu no Vimioso pelos anos de 1884.

III. *D. Maria Guiomar Sarmento Calaínho de Azevedo,* que nasceu em Bragança pelos anos de 1886.

IV. *D. Maria Raquel Sarmento Calaínho de Azevedo,* que nasceu em Bragança pelos anos de 1889.

V. *António Carlos Sarmento Calaínho de Azevedo,* que nasceu em Bragança pelos anos de 1896 e casou com D. Isabel Noronha Paiva Couceiro, natural de Lisboa, filha de D. Júlia Noronha Paiva Couceiro e de Henrique de Paiva Couceiro, coronel, chefe dos movimentos monárquicos dados em Portugal em 1911, após a proclamação da República.

VI. *D. Maria Emília Sarmento Calaínho de Azevedo,* que nasceu no Vimioso, pelos anos de 1898.

Residem todos no Porto e, algumas vezes, em diferentes casais de Trás-os-Montes.

(809) O apelido *Calaínho,* como os de *Indiano, Africano, Brasiteiro* e outros memorados nestas páginas, começou por ser alcunha, imposta pelos soldados da guerra dos Sete Anos (?), a um membro da família que, pelo louro do cabelo, donaire e musculatura alentada, se parecia ao tipo dos naturais de *Calais,* onde residiu durante algum tempo.

Seus pais

4º João Ferreira Sarmento de Louzada Pimentel Calaínho, morgado da casa brasonada dos Calaínhos em Bragança, general de cavalaria reformado.

Nasceu no Porto (Jardim de S. Lázaro), a 27 de Dezembro de 1834 e faleceu em Algoso a 4 de Setembro de 1904.

Casara em 1854 com D. Alexandrina Augusta de Macedo Gouveia e Vasconcelos, herdeira do morgadio dos Morais Pimentéis, de Castelo Branco, concelho do Mogadouro, filha de D. Maria Amália de Morais Pimentel.

Seus avós paternos

5º João Ferreira Sarmento de Louzada Pimentel Calaínho, morgado da casa dos Calaínhos em Bragança, oficial do exército, um dos 7.500 desembarcados no Mindelo, irmão de António Ferreira Sarmento (810) que casou com D. Maria Rita, irmã da mulher de seu irmão, natural de Fornos de Pinhel, concelho de Valpaços, de quem teve, além de outros, um filho que casou em Évora com uma sobrinha do famigerado Teles Jordão e comandou, durante muitos anos, a Guarda Municipal, achando-se na efectividade desse comando quando se deu a revolução de 31 de Janeiro de 1891, com geração, e uma filha que casou com um proprietário do concelho de Valpaços, de quem teve uma filha que actualmente (1927) vive casada com um parente em Santo Estêvão, concelho de Chaves.

João Ferreira Sarmento de Louzada Pimentel, casou com D. Ana Amália de Macedo Sarmento, natural de Fornos de Pinhal.

Seus bisavós paternos

Em carta que nos escreveu diz-nos a Ex.ma Senhora D. Alexandrina Augusta Ferreira Sarmento (1º, atrás citado):

«O avô paterno de meu pai creio que se chamava João Afonso, pelo menos, durante muito tempo, este nome era dado aos primogénitos da casa dos Calaínhos de Bragança. Foi casado com uma senhora de Freixo de Espada à Cinta, creio da família Taborda. Era morgado e com bom morgadio, mas o marido, que era um grande estroina à moda do seu

(810) António Ferreira Sarmento de Louzada Pimentel Calaínho, fidalgo da Casa Real, faleceu em Bragança a 5 de Janeiro de 1855, sendo coronel de cavalaria 7, e era tio do coronel, reformado em 1911, Francisco Ferreira Sarmento Calainho, da casa solar dos Calaínhos, de Fornos de Pinhal, que reside no Porto.

tempo, mandava cortar as oliveiras para obter licença de vender as propriedades alegando que tinham rendimento insignificante. A pobre esposa, depois de muito sofrer, entrou no Convento de Santa Clara com as filhas e aí morreu. Chamava-se Guiomar».

Seus avós maternos

6º JOÃO ALBERTO DE MACEDO GOUVEIA E VASCONCELOS, de Moncorvo, irmão de Carlos Augusto, morgado dos Vasconcelos, que faleceu em Moncorvo, de António de Macedo Gouveia e Vasconcelos que casou em Vilarelhos, concelho de Alfândega da Fé e teve uma filha de nome D. Antónia de Vasconcelos, que casou com o irmão do terceiro Conde de Vinhais, com descendência, e de D. Ana que casou com um fidalgo de Algoso, concelho do Vimioso, de apelido Faria, que tinha casa brasonada, actualmente pertencente aos Oliveiras do Asinhoso, seus descendentes.

Casou com...

Seus bisavós maternos

Seu bisavô materno era natural do concelho de Vinhais e casou em Fornos de Pinhal com a morgada D. Inácia, onde construiu o rico palacete dos Calaínhos que hoje pertence a seus descendentes (811).

Família Figueiredos (ver pág. 113)

Os actuais representantes da família Figueiredo em Bragança são:

1º CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO SARMENTO, que nasceu a 10 de Março de 1869 e faleceu em Bragança a 29 de Novembro de 1926.

Casara com D. Arminda Pinto Coelho de Ataíde, da Moimenta, concelho de Vinhais, a quem já nos referimos na pág. 125.

Descendência:

I. *Carlos Augusto de Ataíde Figueiredo Sarmento,* aluno da Universidade de Coimbra, que nasceu em Bragança a 28 de Maio de 1904.

II. *D. Maria Ana Pinto Coelho de Ataíde Figueiredo Sarmento,* que nasceu em Bragança a 9 de Março de 1903.

2º Padre FRANCISCO DE FIGUEIREDO SARMENTO, falecido há poucos anos, que deixou descendência.

(811) À Ex.ma Senhora D. Alexandrina Sarmento, agradecemos as notícias que nos forneceu, bem como a sua sobrinha D. Maria Guiomar Sarmento Calaínho de Azevedo.

Família Figueiredos da Rica Fé (ver 8º, pág. 128)

Doutor JOSÉ HIPÓLITO tem mais um filho, de nome António João de Figueiredo Carmona, que nasceu em Bragança a 1 de Novembro de 1924.

Família Sepúlveda (ver 3º, na pág 190)

MANUEL JORGE GOMES DE SEPÚLVEDA, tenente-general, representou a El-Rei dizendo que na sua casa havia um morgadio insignificante, instituído em 1743 por António Gomes de Sepúlveda e por isso lhe agregara as propriedades constantes da escritura feita em Bragança no tabelião José Manuel Lopes a 5 de Fevereiro de 1795, para o que pedia a régia confirmação, a qual foi dada a 24 de Março de 1802 (812).

Família Sá Carneiro Vargas

1º JOSÉ DE SÁ VARGAS e D. Leonor Nunes (ver pág. 185), avós paternos de José de Sá Carneiro Vargas, a quem nos referiremos adiante, tiveram os seguintes filhos todos nascidos em Bragança, Santa Maria:

I. *José,* que nasceu em 1720.

II. *Francisco,* que nasceu em 1721.

III. *Belchior,* que nasceu em 1723.

IV. *Gabriel*, que nasceu em 1724.

V. *António,* que nasceu em 1729.

VI. *João,* que nasceu em 1730.

VII. *Manuel*, que nasceu em 1733.

2º JOSÉ DE SÁ CARNEIRO VARGAS (ver pág. 184), casado com D. Maria Joaquina Rosa de Campos (813).

Descendência:

I. *D. Ana Henriqueta de Sá Carneiro Vargas,* que nasceu em Bragança, Santa Maria, a 15 de Junho de 1813.

II. *José de Sá Vargas* (3º, adiante citado).

3º JOSÉ DE SÁ VARGAS, nasceu em Bragança, Santa Maria, a de Agosto de 1802.

(812) D. João VI, livro 7, p. 341.
Ver o volume IV, p. 337, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*
(813) A sua carta original de nobreza, em quatro fólios de pergaminho, três escritos e um em branco, ocupando a face de um deles o brasão iluminado, conserva-se em Bragança em poder de sua bisneta D. Fortunata Augusta de Sá Vargas.

Descendência:

I. *Diogo Albino de Sá Vargas* (4º, adiante citado).

II. *José Marcelino de Sá Vargas,* que foi ministro de Estado.

III. *António Júlio de Sá Vargas.* Os dois últimos viveram solteiros e não deixaram descendência. A eles nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

4º Diogo Albino de Sá Vargas, casou com D. Emília Augusta de Castro Pereira, natural do Porto.

Descendência:

5º José Marcelino de Sá Vargas, nascido em Bragança em 1853, onde casou, na freguesia da Sé, em 1879, com D. Maria Augusta Ledesma Pereira de Castro, de Bragança, filha do comendador José Carlos Ledesma de Castro e de D. Luísa Augusta Mendes Pereira.

Descendência:

6º D. Fortunata Augusta de Sá Vargas, que nasceu em Bragança a 19 de Janeiro de 1880 e casou com o doutor Francisco Martins Morgado, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Com larga descendência.

7º Diogo Albino de Sá Vargas, deputado da nação, professor do liceu em Lisboa, nasceu em Bragança a 13 de Janeiro de 1883. A ele nos referiremos no volume consagrado aos escritores.

Família Veiga Cabral

1º Sebastião Xavier da Veiga Cabral (ver pág. 161), governador das armas da província de Trás-os-Montes, marechal de campo.

Era filho de Rodrigo Caldeirão, cavaleiro de Cristo, e de D. Joana da Veiga Cabral. Neto paterno do célebre doutor Francisco Caldeirão, lente da Universidade de Coimbra, desembargador dos agravos, que foi queimado em Lisboa pela Inquisição, e de D. Leonor de Noronha. Sebastião Xavier da Veiga Cabral casou em primeiras núpcias com D. Maria de Castro Morais, filha de Francisco Colmieiro de Morais e de D. Catarina Valcácer, e deste matrimónio procedem os Veigas Cabrais, de Vila Real. Casou mais duas vezes, sendo a terceira com D. Maria de Figueiroa, filha de António da Ponte Galego, fidalgo da Casa Real, comendador da ordem de Cristo, brigadeiro de infantaria de Chaves, e de D. Maria Nogueira. Tiveram entre outros filhos, mencionados na pág. 162, a D. António da Veiga, bispo de Bragança [814].

(814) FALCÃO, Antero – *Breves Apontamentos para a história Genealógica,*in *Enciclopédia Portuguesa,* 1903, nº 203, p. 845.

CARRAZEDA DE ANSIÃES

Família Carvalho

«O Mestre da ordem de S. Tiago JOÃO DE CARVALHO filho 2º de Diogo Alvares de Carvalho passou a viver no lugar do Amedo de Anciães. Foi vassalo de El-Rei D. João II por carta de 18 de Outubro de 1483 e privilegiou aos seus caseiros quintas e herdades como consta por carta de 9 de Dezembro de 1483 feita pelo Chanceler João Teixeira. Casou com D. Isabel Reimoa natural de Cernancelhe, outros dizem de Anciães mais certo, de quem teve:

1 *Sebastião de Carvalho* de quem procedem os filhos de Manuel de Carvalho Ataíde, Cónego na Patriarcal, deputado da Mesa da Consciência.

1 *Francisco de Carvalho* segue-se.

1 *Gonçalo de Carvalho* viveu em Pombal aonde casou contra a vontade de seus Pais.

1 *Isabel de Morais* com geração casou em Bragança.

1 *Brites de Carvalho* casou com geração.

FRANCISCO DE CARVALHO filho 2º viveu em Linhares de Anciaens casou com D Filipa Dias de Azevedo filha do doutor Anes de Azevedo que viveu em Linhares e era natural de Favaios e de D. Filipa Dias natural de Linhares de quem teve:

2 O Licenciado *Domingos de Carvalho* com geração.

2 O Licenciado *Gaspar de Carvalho* reitor de Marzação que instituiu um morgado com geração.

2 *Diogo de Carvalho* casou com D. Ana de Magalhães da vila de Anciães com geração.

2 *Simão de Carvalho* casou com geração.

2 *Nicolau de Carvalho* sem geração.

2 *D. Inês de Carvalho* mulher de Domingos Teixeira morou em Linhares fidalgo como seu Pai e Avós filho de Francisco Teixeira. Fidalgo como seu pai que viveu em Veiga de Lila e casou em Linhares com D. Guiomar de Seixas.

2 *D. Inês de Carvalho* mulher de Francisco Teixeira acima teve filhos.

3 *D. Maria de Carvalho* mulher de João de Matos que viveu em Linhares de quem teve:

4 *Sebastião Teixeira de Carvalho* segue-se.

4 O Padre *João de Mattos,* vigario de Pombal, em Anciães.

4 *D. Maria de S. Miguel,* Freira Abbedessa em Murça.

4 D. *Ignez de Carvalho* mulher de Lucas de Castro Camello, com geração na Torre de Moncorvo.

4 *Antonio de Mattos* casado com geração.

4 SEBASTIÃO TEIXEIRA DE CARVALHO, casou duas vezes a primeira com D. Izabel da Silva e Sampaio filha de Tomás da Silva e Sampaio e sua mulher D. Catarina Pereira, a 2ª vez com D. Izabel Pinto de Moraes natural de Selores filha de Pascoal de Mattos Pinto e de D. Angella de Lobão, viveu Sebastião Teixeira de Carvalho em Marzagão, e teve da 2ª mulher:

5 *António Teixeira de Carvalho.*

5 O Padre *Frei Thomaz do Espírito Santo,* dominicano.

5 *Sebastião Teixeira de Carvalho.*

5 *João de Mattos Teixeira.*

5 *D. Anna Maria Teixeira* mulher de Francisco Borges de Carvalho segue-se.

5 *D. Angella de Lobão* casou com António de Queiroz de Mesquita, do Concelho de Penaguião.

5 D. ANNA MARIA TEIXEIRA casou com Francisco Borges de Carvalho acima Capitão Mor de Penaguiam teve os filhos seguintes:

6 O Doutor *Frei José de Jesus* da Ordem de S. Bento.

6 *Francisco Manuel de Ledesma Borges e Vasconcelos* oppozitor na Faculdade de Leis na Universidade de Coimbra segue-se.

6 *D. Anna Maria Mafalda e Castro* casou com Manuel Loureiro de Vasconcelos filho de Manuel de Campo Luiz Loureiro, na Serra da Estrela, termo de Cea.

6 Mais 2 frades hum Clerigo e hua freira.

6 FRANCISCO MANUEL DE LEDESMA E VASCONCEIOS casou com D. Sebastiana de Sotto Maior e Menezes filha de Marcos Malheiro Pereira Bacellar Fidalgo da Casa Real, Comendador na ordem de Cristo natural de Braga e de D. Maria de Menezes Sotto Maior da Casa Barbeitos e tiveram filhos:

7 *Antonio Correia Bacellar,* Conego Regrante de Santo Agostinho Conventual em Mafra, passou para o Bussaco, donde veio para S. José dos Marianos, e mataram-o os francezes ao pé de Berta; foi de virtude exemplar, e morreu santamente padecendo o martirio das baionetas com que o atravessaram estando a rezar em huma varanda de humas casas.

7 *D. Anna Maria Claudia de Menezes* casou e viveu na sua Casa de Mattos em a Freguezia de Sediellos Concelho de Penaguiam» (815).

(815) FONTOURA, Manuel de Queiroga – *Memória Genealógica,* ..., fol. 77, que diz ter tirado estas notícias do *Livro Genealógico das Armas do Mestre Francisco Manuel de Ledesma.*
Ao Ex.mo Snr. Fulgêncio Lopes da Silva, primeiro oficial da Biblioteca Municipal do Porto, filho adoptivo de Vinhais, agradecemos as notícias que nos forneceu sobre este códice, descrito na p. 280, por intermédio do generoso amigo doutor Pedro Vitorino, conservador da mesma Biblioteca.

À esquerda de quem entra na igreja paroquial de Carrazeda de Ansiães há uma capela com arco para a igreja e no pavimento dela, em campa rasa de granito, vê-se a seguinte inscrição de letras em relevo, algumas conjuntas e inclusas.

S.
DE FRANC
ISCO FRZ
DE MAGA
LHAIS P
RIMEIRO
MINISTR
ADOR DES
TA CAPE
LA E DE SE
VS DESEM
DE... T
ES
1614

CASCALHAL – REGO DE VIDE

JOAQUIM MACHADO PINTO MOUTINHO, capitão-mor de Alfarela de Jales, faleceu sem geração.

Era filho de José Manuel Machado Pinto Moutinho de Vasconcelos, monteiro-mor de Lamas de Orelhão, concelho de Mirandela, capitão-mor de Alfarela de Jales, falecido em Julho de 1816, e de D. Maria de Matos, de Vila Real.

Neto paterno de José Machado Pinto Moutinho, natural de Lamas de Orelhão e de D. Maria de Mendonça Dinis.

Segundo neto paterno de Domingos Machado Vasconcelos, natural do Cascalhal, freguesia de Lamas de Orelhão (filho de Bartolomeu Machado de Coiros, do Cascalhal, filho de Francisco Borges Moutinho, residente no Cascalhal, e de D. Maria da Mota, instituidores de um vínculo de morgadio no Cascalhal em 1640), e de D. Maria Vilela, natural de Alfarela de Jales, que casaram em Maio de 1697, filha de Gonçalo Vilela, de Alfarela, e de D. Isabel Moutinho, filha de Lopo Vaz Moutinho e de D. Isabel Moutinho, residentes no Rego de Vide, onde instituíram a capela de Nossa Senhora da Conceição, com vínculo de morgadio, e parece que nela estão sepultados (816).

(816) FONTOURA, Manuel de Queiroga – *Memória Genealógica,* ..., fol. 209.

CASTELO BRANCO

(Ver pág. 215)

A carta de brasão de armas de António José de Morais Pimentel foi passada a 23 de Junho de 1795.

Sua mulher era filha de José Maria de Sampaio Bacelar Pinto de Melo e de D. Inácia do Campo da Gama, que tiveram carta de brasão de armas a 9 de Novembro de 1752; neta paterna de Bernardo Pinto Bacelar e de D. Ana da Fonseca Pacheco da Arruda; bisneta paterna de Manuel Pinto Bacelar e de D. Maria de Sampaio Barrientos.

Ao doutor Arnaldo Augusto de Morais Pimentel da Fonseca agradecemos os novos elementos cronológicos que nos forneceu para completar esta notícia. Não os pudemos porém aproveitar integralmente por terem chegado tarde.

COELHOSO

1º JOÃO MANUEL PIRES DINIS, médico pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso pelos anos de 1761, era natural de Coelhoso, concelho de Bragança, e casou com D. Rita Maria, nascida em Coelhoso a 15 de Outubro de 1735.

Descendência:

2º D. MARIA ANTÓNIA PIRES DINIS, que casou com José Manuel Martins, capitão, de Grijó de Parada.

Descendência:

I. *José Manuel António,* tenente, que casou em 1813 com D. Rita Regina, sua consanguínea em quarto grau. Com descendência.

II. *Luciano João* (3º, adiante citado).

III. *António Manuel* (4º, adiante citado).

3º LUCIANO JOÃO DA ROCHA SARMENTO E PIMENTEL (está com estes apelidos no respectivo assento do registo paroquial), casou com D. Maria dos Prazeres Morais, sua parente em segundo grau, neta de D. Francisca Benedita Alves de Morais, natural de Rebordelo.

Além de outros filhos tiveram a:

Francisco Manuel da Rocha, natural de Coelhoso, actual pároco de Pinela, concelho de Bragança.

4º ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA, casou em Bragança com D. ..... Vieira.

Descendência:

I. *Jaime Augusto Vieira da Rocha,* actual director da fábrica da pólvora em Barcarena.

II. *Filipe Vieira da Rocha,* capitão-almirante, que tem desempenhado várias comissões no Ultramar, como demarcação de territórios coloniais, e outros.

III. *Ernesto Maria Vieira da Rocha,* general, inspector geral da arma de cavalaria, ministro da guerra já por três vezes.

CONSTANTIM

Ver o volume IV, pág. 346, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

CONTINS

O doutor José Bacelar, referindo-se-nos em carta a um escudo que apareceu arrumado a um canto na sua casa da Bouga, descreve-o assim:

«Num quartel leão ao lado, noutro flores parecendo de liz. Em baixo outro leão e no outro quartel uma serie de correntes. Este brasão era de D. Rosa Sarmento Figueiredo, senhora da casa de Contins e do morgadio de S. Gonçalo, em Mirandela, e que foi senhora da casa da Bouça por casamento com Sebastião Sampaio e Melo, 1º Visconde da Bouça».

FONTE DE ALDEIA

D. Joana Teresa de Meneses de Ordaz e Vasconcelos, casada com Joaquim José Caldeira de Valadares, mestre de campo, fidalgo da Casa Real, natural da cidade de Castelo Branco, então vila, onde nasceu em 1745, era neta paterna de João de Ordaz Anhaia, de Miranda do Douro, onde nasceu em Março de 1658 (e irmã de D. Teresa de Aragão Cabral, que casou com Belchior de Morais Sarmento, sargento-mor de Miranda, pais de D. Francisca de Morais Sarmento, que casou com Francisco Xavier de Ordaz Anhaia, seu primo, fidalgo da Casa Real, capitão de cavalaria, senhor do morgadio de Fonte de Aldeia, filho de Luís de Ordaz Anhaia, morgado de Fonte de Aldeia, neto de Francisco de Ordaz Anhaia, bisneto de Luís de Ordaz Porres e de D. Leonor de Anhaia. O apelido Porres, por mal soante,

foi substituído pelo de Maça), e de D. Francisca de Vasconcelos Queiroz e Meneses, de Telões, neta do doutor Diogo de Ordaz Anhaia, de Miranda, e de D. Isabel de Aragão Cabral, de Castro Vicente, filha de Bernardo Cabral de Aragão e de D. Damiana de Morais, de Castro Vicente, terceira neta de D. Luís de Ordaz Porres, licenciado, corregedor em várias terras de Castela, que casou em Miranda do Douro em 1580 com D. Leonor de Valença, sua parente, filha de Francisco Mendes Neto e de D. Isabel de Valença, filha de Álvaro de Valença, mariscal de Castela em Zamora, que se refugiou em Miranda por causa de um homicídio que cometera, e de D. Maria de Lobão.

Ainda hoje há descendência desta família no distrito de Bragança (817).

FORMENTÃOS [FERMENTÃOS]

Ver o volume IV, pág. 343, destas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.*

FRANCO

D. João José Vaz Pereira, natural de Franco, concelho de Mirandela, reitor do Seminário de Braga, chantre na Sé da mesma cidade, desembargador e provisor do arcebispado, irmão do sargento-mor Pedro José Vaz Pereira natural de Franco, que teve por brasão de armas, a 21 de Março de 1815, escudo partido em pala: na primeira as armas dos Vaz e na segunda as dos Pereiras.

Eram ambos filhos do capitão João Vaz e de D. Comba Álvares Dias Pereira.

Netos paternos de Pedro Vaz e de D. Maria Vaz.

Netos maternos de Pedro Álvares e de D. Teresa Dias Pereira.

D. João José Vaz Pereira teve carta de brasão de armas a 7 de Março de 1817 – escudo ovado e esquartelado: no primeiro e quarto quartéis as armas dos Vaz; no segundo as dos Dias e no terceiro as dos Pereiras. Por diferença uma brica de prata com uma armela de azul (818).

(817) FALCÃO, Antero – *Breves Apontamentos para a História Genealógica de algumas Famílias de província,* in *Enciclopédia das Famílias,* 18º ano, nº 205, p. 35.

(818) A carta original, em quatro fólios pequenos de pergaminho, ocupando o anverso de um o escudo iluminado, encontra-se em poder de João Maria Teixeira Guedes, reitor de Sucões, descendente colateral do agraciado.

Foi bispo titular de Carres, coadjutor e futuro sucessor de D. Miguel da Madre de Deus, arcebispo de Braga, onde faleceu a 4 de Maio de 1830, sem entrar na efectividade episcopal.

Mandou edificar no Franco uma capela que ainda se conserva, tendo sido destruída por um incêndio a casa de moradia que igualmente construíra.

FREIXIEL

1º Alexandre Álvares Pereira de Aragão Lobo, nasceu em Freixiel, concelho de Vila Flor, a 3 de Agosto de 1894. Solteiro, sem descendência.

2º D. Maria Beatriz Álvares Pereira de Aragão Lobo, irmã do precedente, nasceu em Freixiel a 21 de Maio de 1892 e casou a 18 de Fevereiro de 1913 com o doutor Amador Álvaro Pegado de Sousa Barroso (ver pág. 255).

Residem em Calvelhe, concelho de Bragança.

São filhos de Guilhermino Augusto de Morais Madureira Lobo, de Freixiel (filho de Justiniano de Morais Madureira Lobo, morgado de Freixiel, onde nasceu (ver pág. 229), e de D. Maria Leopoldina Leite Pereira de Almeida Soto Maior, de Vila Flor, falecida em Freixiel), e D. Maria Palmira Álvares Pereira de Aragão, de Vila Flor (ver IV na pág. 503).

D. Maria Leopoldina era filha segunda dos morgados da Praça, de Vila Flor: Francisco António de Morais Castro Soto Maior e Muito Nobre e D. Luísa Leite Pereira de Almeida Machado e Lemos, irmã de Francisco Leite Pereira de Almeida, oficial de Dragões de Chaves, falecido em 1881 em Vila Flor, donde era natural.

Tomé de Morais da Silveira Lobo, filho de José de Morais Cardoso de Miranda, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão-mor de Freixiel, concelho de Vila Flor, e de D. Paula Madureira da Silveira Lobo.

Neto paterno de João de Morais de Miranda, de Freixiel, capitão-mor da mesma vila, e de D. Isabel de Morais Cardoso, neta de Ambrósio Cardoso de Abreu, prior de Santo António de Lisboa.

Segundo neto paterno do doutor Tomás de Miranda, natural de Fontelo, e de D. Ana de Morais, filha de Lopo Borges, de Freixiel (filho do padre Domingos Borges, natural de Freixiel), e de D. Maria de Morais, filha de Jorge Pinto, natural de Freixiel, e de D. Maria de Morais, irmã do bispo do Porto D. Frei Gonçalo de Morais, instituídor do morgadio dos Selores.

Neto materno de Francisco Teixeira de Sampaio, de Chaves, e de

D. Leonor de Góis Morais, de Moncorvo, filha do doutor João de Góis e de D. Ana Borges de Morais, ambos de Moncorvo.

Segundo neto paterno de Paulo de Madureira Lobo, capitão de infantaria, governador de Monforte de Rio Livre, na Guerra da Aclamação (filho do doutor António de Madureira Lobo, juiz dos órfãos de propriedade em Chaves – filho do doutor Luís de Miranda, cavaleiro fidalgo da Casa Real e da ordem de Cristo, juiz de fora de Olivença, e de D. Isabel Lobo, de Olivença – e de D. Filipa Mendes, filha de Gonçalo Couraça e de D. Maria Álvares Leite, ambos de Chaves), e de D. Águeda (?) de Vargas Teixeira, de Chaves, filha de Afonso Pires Teixeira, de Chaves, e de D. Ana de Vargas de Sampaio e Queiroga, de Chaves, filha do doutor Jácome de Vargas Sampaio e de D. Isabel de Queiroga, ambos de Chaves [819].

LAMAS DE ORELHÃO

Família Guedes

1º Francisco António de Sousa Pinto Guedes da Gama (também usou o apelido *Teixeira),* capitão-mor de Lamas de Orelhão, concelho de Mirandela, casou com D. Ana Felicíssima de Sousa Lobo, natural de Soutelo, comarca de Trancoso, e faleceu em Lamas de Orelhão, a 28 de Maio de 1756.

Era filho de Luís António de Sousa, capitão de ordenanças, quinto administrador da capela do Adro, e de D. Ana Maria do Prado, de Marmelos, concelho de Mirandela, onde casaram em Dezembro de 1755.

Neto paterno de Manuel Guedes Pinto, abade de Vilarinho da Castanheira, natural de Lamas de Orelhão, irmão de Francisco Teixeira de Sousa, capitão-mor da dita vila, cavaleiro do hábito de Cristo, que teve brasão de armas em Novembro de 1727, o qual reformou a capela do Adro, e de D. Maria Caetana, natural dos Paços.

Segundo neto paterno de Gaspar Vaz Teixeira, capitão-mor de Lamas, terceiro administrador da capela do Adro, ou seja de Nossa Senhora da Ajuda, na igreja paroquial de Lamas de Orelhão, falecido a 26 de Maio de 1727, e de D. Mariana Guedes Correia, natural de Alfarela de Jales, falecida a 22 de Fevereiro de 1735, neta do padre António Guedes, vigário de Alfarela, e de Isabel Rodrigues, sua criada.

(819) FONTOURA, Manuel de Queiroga – *Memória Genealógica,* ..., fol. 154.
Informações do Ex.mo Snr. Fulgêncio Lopes da Silva, primeiro oficial da Biblioteca Municipal do Porto.

Terceiro neto paterno de Jerónimo de Sousa Correia, de Lamas de Orelhão, segundo administrador do morgadio da capela do Adro (filho de Gaspar Vaz Teixeira, que mandou construir a capela do Adro em 1647, e de D. Sebastiana Correia), e de D. Ângela Teixeira, de Tinhela, concelho de Chaves, filha de Gaspar Teixeira, de Argemil, concelho de Chaves, e de D. Maria Pires, de Tinhela, a qual era já viúva em 1695 e neste ano, estando doente de cama, fez testamento.

Gaspar Vaz Teixeira, fundador do vínculo da capela do Adro, ou seja de Nossa Senhora da Ajuda, sendo juiz de Lamas de Orelhão, mandou construir a casa da Câmara da mesma vila e mudar o pelourinho «para onde hoje está porque nesse tempo estava no cimo da vila aonde se chama o Muro por ser ahi nesse tempo a vila murada e acastelada» (820).

Francisco António de Sousa Pinto Guedes da Gama também assinava Francisco Teixeira de Sousa e teve carta de brasão de armas a 30 de Novembro de 1727 (registado no livro 8º dos *Brazões da Nobresa,* fol. 36) em escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Sousas do Prado; no segundo as dos Teixeiras; no terceiro as dos Guedes e no quarto as dos Gamas. Por diferença uma brica verde com um trifólio de ouro.

O seu escudo encontra-se gravado numa campa funerária na igreja paroquial de Lamas de Orelhão.

Era natural de Soutelo, concelho de São João da Pesqueira.

Descendência:

2º Gaspar Teixeira de Sousa Guedes, deputado, que faleceu solteiro deixando filho natural a

3º Luís de Sousa Pinto Guedes, que casou com D. Inácia Maria Vaz Teixeira, filha do notável médico José Luís Gomes Teixeira, natural de Moreira, concelho de Vila Pouca de Aguiar, falecido nos Passos, onde fixou residência em 1874, e de D. Ana Josefa Vaz Pereira, natural dos Passos, concelho de Mirandela, mas nascida em Alijó, onde seu pai era médico municipal, sobrinha do bispo titular de Carrhes, a quem nos referimos em *Franco,* e falecida a 20 de Maio de 1890.

Descendência:

I. *Alfredo Augusto Teixeira Guedes,* doutor em medicina, já falecido.

II. *João Maria Teixeira Guedes,* actual reitor de Suções, que nasceu nos Passos a 13 de Dezembro de 1868.

III. *D. Maria Augusta Teixeira Guedes,* que casou com João Manuel Alves Vaz e residem em Lamas de Orelhão.

(820) FONTOURA, Manuel de Queiroga – *Memória Genealógica,* ..., fol. 207.
Informações, que muito agradecemos, do Ex.mo Snr. Fulgêncio Lopes da Silva, primeiro oficial da Biblioteca Municipal do Porto.

IV. *Artur Cândido Teixeira Guedes,* que nasceu em Setembro de 1876, é doutor em medicina e reside nos Passos.

Famílias Queiroga, Pereira, Madureira, Sá e Carneiro

CARLOS ANTÓNIO DE QUEIROGA TEIXEIRA, nasceu em Lamas de Orelhão, concelho de Mirandela, a 28 de Outubro de 1736.

Foi administrador da capela e vínculo de Nossa Senhora do Amparo, de Lamas de Orelhão.

Casou com D. Maria José Carneiro da Fontoura, senhora da casa privilegiada de Granja de Jou, onde residiram e tiveram descendência.

Era filho de Francisco de Queiroga Teixeira, juiz dos órfãos de Lamas de Orelhão, onde casou a 10 de Dezembro de 1733 e faleceu a 5 de Setembro de 1774, tendo sido legitimado a 6 de Março de 1743, e de D. Ana Maria de Sá Carneiro, nascida em Lamas de Orelhão a 20 de Fevereiro de 1718 quinta administradora do morgadio da capela de Nossa do Amparo, que tinha anexa uma sepultura particular, um banco e um estrado, privativos desta casa, dentro da igreja matriz da freguesia, por escritura pública feita com os moradores em 20 de Março de 1580, a António Gil de Morais, monteiro-mor de Lamas de Orelhão, fundador do morgadio e capela. Faleceu a 30 de Janeiro de 1795.

Neto paterno de Francisco de Queiroga Teixeira, cavaleiro da ordem de Cristo, sargento-mor do primeiro regimento de infantaria de Bragança, falecido no Rio de Janeiro em 1754, e de D. Catarina de Queiroga, sua parente, nascida nos Passos, concelho de Mirandela, a 15 de Maio de 1673 e falecida a 8 de Março de 1722. Era filha de Domingos Fernandes de Azevedo Cabral, natural de Vouzela; neta de Domingos de Azevedo Cabral, de Vouzela, moço da Câmara de El-Rei; bisneta de Simão de Azevedo Cabral, que teve brasão de armas em 1570.

Segundo neto paterno de João de Sousa Queiroga, o *Tato,* familiar do Santo Ofício, que nasceu e casou em Chaves e residiu em Outeiro Seco, do mesmo concelho, falecendo a 25 de Março de 1686 (filho de João de Queiroga Teixeira, de Chaves, um dos capitães de mais luzimento eleitos para governar as ordenanças organizadas em seguida à aclamação de D. João IV, distinguindo-se no dia 30 de Janeiro de 1641 quando houve o grande rebate contra os castelhanos, filho de Gaspar de Queiroga, o *Cavaleiro,* natural de Chaves, provedor desta vila em cortes, no orçamento do príncipe D. Filipe, de quem descende quase toda a nobreza Trás-os-Montes, e de D. Ana de Vargas), e de D. Antónia de Castro Amorim que nasceu em Chaves a 10 de Novembro de 1646 e que faleceu em Outeiro Seco a 4 de Janeiro de 1701.

Neto materno de João de Almeida Lobo, nascido em Murça a 3 de Janeiro de 1665 e falecido em Lamas de Orelhão a 26 de Agosto de 1719, e de D. Rosa Maria de Sá Correia Carneiro, quarta administradora da capela e vínculo de Nossa Senhora do Amparo, de Lamas de Orelhão, onde faleceu a 30 de Agosto de 1732, filha de João Pereira de Medeiros, monteiro-mor de Lamas de Orelhão, administrador do morgadio de Nossa Senhora do Amparo, irmão de Pedro Ferreira de Medeiros, sargento-mor, o qual faleceu em 1722, e de D. Ana Maria de Sá Carneiro Correia, nascida em Murça em 1660 e falecida em Lamas de Orelhão, onde residiu casada, filha de Duarte Carneiro Correia, fidalgo-cavaleiro, ouvidor das vilas de Murça, Águas Revez e Torre de D. Chama.

João Pereira de Medeiros, atrás citado, era filho de Leonardo Pereira Pestana, segundo administrador do vínculo de Nossa Senhora do Amparo, monteiro-mor de Lamas (filho de Luís Pereira Pestana, natural de Lamas de Orelhão, herdeiro de António Gil de Morais, instituidor da capela e morgadio de Nossa Senhora do Amparo), e de D. Maria de Medeiros, viúva de Manuel Pinheiro de Sousa, ambos naturais de Tinhela, concelho de Chaves, filha de André Gonçalves, de Tinhela, que em 1637 casou com D. Maria Perez de Medeiros, irmã de D. Ângela Teixeira, de Tinhela, que casou com Jerónimo de Sousa, capitão-mor de Lamas de Orelhão.

Segundo neto materno de Filipe Gomes, de Argeriz, concelho de Chaves, que casou em Murça a 8 de Junho de 1654, e de D. Ana de Medina Lobo, nascida em Murça em 1640 e falecida a 19 de Março de 1687, filha de Lucas de Medina Lobo, familiar do Santo Ofício, natural de Murça, falecido em 1663 (irmão de Bartolomeu Lobo, comissário do Santo Ofício, reitor de Murça), e de D. Filipa de Almeida Leitão, falecida em Murça em 1663, filha de Francisco Ribeiro de Almeida, filho de José de Almeida Leitão, fidalgo da Casa Real, natural de Ribeira de Pena [821].

1º Francisco Pereira de Medeiros, casou mal e quasi aniquilou a casa e vínculo.

2º D. Inácia Pereira de Medeiros.

3º Álvaro Pereira de Medeiros. Serviu no regimento que foi para o Rio de Janeiro em 1816.

(821) FONTOURA, Manuel de Queiroga, *Memória Genealógica,* ..., fol. 214.

Eram filhos de António José Pereira de Medeiros, capitão de ordenanças (irmão de D. Inácia Pereira, primeira mulher de seu tio direito Félix Pereira, capitão-mor de Lamas de Orelhão, a qual possuiu o vínculo fundado por seu tio, padre Aleixo Pires, e por morte dele passou a seu irmão António José Pereira, atrás citado, que não somente vendeu todos os bens livres do morgadio, mas também deteriorou os outros em mais de vinte mil cruzados), e de D. Bárbara Morais, sua parente, natural de Pousadas, concelho de Mirandela.

Netos paternos de António José Pereira de Medeiros, capitão de ordenanças, irmão do capitão-mor Félix Pereira de Medeiros, e de D. Isabel da Costa, natural de Frechas, concelho de Mirandela, irmã do capitão Lucas Duarte e do padre Francisco José de Oliveira, todos filhos do doutor Policárpio de Oliveira, pagador geral (meio irmão do padre Aleixo Pires, senhor da Ribeirinha de Lamas, instituidor de um grande vínculo encabeçado em sua sobrinha D. Inácia, filha de sua sobrinha D. Isabel da Costa), e de D. Isabel de Cepeda, sua segunda prima, viúva do doutor Domingos de Almeida de Mesquita, administradora do vínculo fundado por seu primo Gaspar Moutinho em 1690.

Segundos netos paternos de Pedro Pereira de Medeiros, sargento-mor de Lamas, irmão de João Pereira de Medeiros (filhos de Leonardo Pereira, monteiro-mor de Lamas, e de D. Maria de Medeiros, natural de Tinhela, concelho de Chaves, filha de Gaspar Teixeira, de Águas Frias, concelho de Chaves, e de D. Maria de Medeiros, da casa do morgado de Tinhela), e de D. Ana Maria de Morais Coelho.

Netos maternos de Manuel de Morais Sá, tenente de cavalaria, natural da Torre de D. Chama, e de D. Feliciana Maria da Costa, filha de Domingos Gonçalves Pires, irmão do doutor Policárpio de Oliveira, atrás citado.

Segundos netos maternos de Laureano de Morais, capitão-mor da Torre de D. Chama, segundo parece [822].

FÉLIX PEREIRA DE MEDEIROS, capitão-mor de Lamas de Orelhão durante vinte e oito anos, mandou fazer umas casas nobres com capela e armas, cujo brasão tirou no ano de...

Casou em primeiras núpcias com D. Inácia, sua sobrinha, filha de seu irmão António Pereira, de quem não teve filhos, e em segundas núpcias com sua criada Maria Álvares, natural do Corvo, concelho de Jales.

(822) Ibidem, fol. 206, segundo informações que nos forneceu e Ex.mo Snr. Fulgêncio Lopes da Silva, primeiro oficial da Biblioteca Municipal do Porto.

Era filho de Pedro Pereira de Medeiros, sargento-mor de Lamas, e de D. Ana Maria de Morais Teixeira Coelho, natural de Abambres, concelho de Mirandela.

Neto paterno de Leonardo Pereira, monteiro-mor de Lamas de Orelhão, donde era natural, e de D. Maria de Medeiros Padrão, natural de Tinhela, concelho de Chaves (823).

Teve carta de brasão de armas, passada a 9 de Dezembro de 1790, com escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Pereiras; no segundo as dos Medeiros; no terceiro as dos Teixeiras e no quarto as dos Morais. Está registado no *Cartório da Nobreza,* livro 4º, fol. 199, e o seu escudo encontra-se sobre uma campa funerária na igreja paroquial de Lamas de Orelhão (824).

MACEDO DE CAVALEIROS

1º Bernardino José da Costa Borges e Oliveira, administrador do morgadio dos Oliveiras, com capela brasonada na igreja matriz da vila e palacete brasonado em Macedo de Cavaleiros e Vale Benfeito, casou com D. Josefa Rosa de Miranda, de Grijó de Vale Benfeito.

Descendência:

2º D. Ana Maria de Oliveira Miranda, nascida em Macedo de Cavaleiros, que casou com Rufino Augusto Pereira, natural de Vale de Asnes, concelho de Mirandela, filho de António Pereira, capitão de milícias dos Cortiços, e de D. Isabel.

Descendência:

3º Albano Augusto Pereira de Oliveira, que nasceu a 25 de Abril de 1878, em Vale Benfeito, e casou com D. Clotilde Cândida de Oliveira Sousa, que nasceu a 16 de Outubro de 1881 em Macedo de Cavaleiros.

Descendência:

I. *D. Maria de Lourdes.*

II. *D. Maria José.*

III. *D. Beatriz Maria.*

IV. *José Eugénio de Oliveira Sousa e Pereira,* todos nascidos em Macedo de Cavaleiros.

(823) FONTOURA, Manuel de Queiroga – *Memória Genealógica,* ..., fol. 208.

(824) Ao bom amigo Ernesto Augusto Pereira Sales agradecemos as valiosas informações referentes à genealogia desta família.

MARZAGÃO

Sebastião Teixeira de Carvalho, senhor de casa em Marzagão, concelho de Carrazeda de Ansiães, casou com D. Isabel Pinto de Morais, filha de Pascoal de Morais Pinto e de D. Ângela de Cid de Lobão, de Vila Flor, neta de Francisco de Cid de Morais, capitão-mor de Vila Flor.

Neta paterna de Gaspar Borges de Morais, de Freixiel (filho de Gonçalo Borges da Fonte e de D. Isabel Pinto, de quem procedem os Morais e Castros, de Vila Flor, e Morais Madureiras Lobos, de Freixiel), e de D. Isabel Pinto de Morais, filha de Jorge Pinto, fidalgo da Casa Real, capitão-mor de Abreiro e Freixiel, onde jaz sepultado, natural da Lagariça, e de D. Catarina de Morais, sobrinha ou irmã de D. Gonçalo de Morais, bispo do Porto, fundador do morgadio dos Selores.

MASCARENHAS

1º Álvaro Pegado de Sousa Barroso (ver 5º, págs. 255 e 256), nasceu a 9 de Abril de 1863 e casou a 21 de Dezembro de 1883 com D. Ana Augusta da Silva Reimão de Meneses Falcão, natural de Calvelhe, concelho de Bragança, filha de Amador José da Silva e de D. Fábia Reimão de Meneses, que faleceu a 25 de Outubro de 1901.

Descendência:

I. *Amador Álvaro Pegado de Sousa Barroso,* doutor em direito, que nasceu em Calvelhe a 13 de Outubro de 1884 e casou com sua prima D. Maria Beatriz de Aragão Lobo, de Freixiel, concelho de Vila Flor.

Descendência:

a) Alexandre.

b) Pedro

c) D. Maria.

II. *D. Maria Beatriz Pegado de Meneses Barroso,* que nasceu a 27 de Dezembro de 1885.

III. *D. Teresa Pegado de Meneses Barroso,* que nasceu a 1 de Maio de 1887 e casou com seu primo José António de Moura Pegado, agrónomo.

Descendência:

a) D. Maria Teresa.

b) D. Ana Maria Angélica.

IV. *D. Maria Fábia Pegado Mendes Barroso,* que nasceu a 1 de Abril de 1889.

V. *António Alexandre Pegado Mendes Barroso,* agrónomo, que nasceu a 26 de Abril de 1896.

2º Jacinto Venâncio de Meneses Sarmento, a quem são dirigidas as cartas da conspiração miguelista em 1847, casou em Rio Torto, mas residiu em Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, e como não teve filhos, deixou a fortuna a uma sobrinha, casada com um tio de Álvaro Pegado de Sousa Barroso.

3º Martinho Caetano Pegado de Oliveira, nasceu no Mogadouro.

Era filho de José António Pegado de Oliveira e de D. Caetana Maria de Aragão Cabral, do Mogadouro.

Neto paterno de Martinho Pegado de Oliveira, natural de Ala, concelho de Mirandela, e de D. Ana Luísa de Antas, do Mogadouro.

Neto materno de Bernardo da Rocha Homem e de D. Bernarda de Aragão Cabral, naturais de Chacim.

A certidão autêntica que vimos não indica o dia em que nasceu Martinho Pegado de Oliveira, e só que fora baptizado a 24 de Fevereiro de 1749, mas como naquele tempo era costume fazerem-se os baptizados dentro de oito dias após a natalidade, já se pode concluir qual fosse.

MOGADOURO

1º Francisco Inácio Machado, natural do Mogadouro, por carta régia de 12 de Setembro de 1785 foi nomeado capitão de infantaria auxiliar do terço da comarca de Miranda, de que era mestre de campo Martinho Caetano Pegado de Oliveira, cargo vago por falecimento de Manuel Carvalho Salazar.

Ao tempo governava as armas da província de Trás-os-Montes o brigadeiro Roberto Wrey.

Por carta régia de 10 de Dezembro de 1785 foi-lhe feita mercê da propriedade do ofício de monteiro-mor da vila de Penas Roias, vago por falecimento de Manuel Carvalho Salazar, de S. Martinho do Peso.

Por outra carta de 4 de Setembro de 1806 foi nomeado sargento-mor graduado do mesmo regimento. Ao tempo era governador das armas da província de Trás-os-Montes o tenente-general Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda.

Nasceu a 4 de Outubro de 1749 e faleceu a 29 de Janeiro de 1818.

Era irmão do bacharel em cânones e presbítero António Manuel Machado, nascido em 1750 e falecido em 1818.

Casou em 1781 com D. Maria Xavier Pinto de Morais, nascida em 1748, filha de António Pinto de Morais, bacharel em leis, e de D. Ana Maria de Aguiar.

Descendência:

I. *António Vitorino* (2º, adiante citado).

II. *Francisco Casimiro* (3º, adiante citado).

III. *António Maria* (4º, adiante citado).

2º ANTÓNIO VITORINO DE MORAIS MACHADO, nasceu no Mogadouro em 1782 e faleceu em 1853.

Fez as campanhas da Guerra Peninsular nos postos de tenente e capitão da companhia do regimento de milícias de Miranda; bateu o inimigo no ponto da Lagoaça em 17 de Outubro de 1811 e assistiu à tomada de Puebla de Sanábria, onde ficou com uma guarda em observação do inimigo enquanto a nossa gente se recolhia ao reino.

Foi condecorado com a cruz de ouro nº 4 da campanha Peninsular.

Foi nomeado provedor (administrador) do concelho do Mogadouro, em 1834, pelo Governo liberal.

Fora preso por liberal, em 1828, e esteve na cadeia de Miranda, bem como o padre Francisco Manuel Fernandes Rosa, do Vimioso, pelo mesmo motivo.

Casou em 1805 com D. Rita Josefa de Morais Carvalho Salazar, filha do capitão-mor de Penas Roias, Manuel Caetano de Carvalho Salazar (filho de Manuel de Carvalho Salazar, monteiro-mor de Penas Roias), e de D. Maria Caetana de Morais Carvalho, filha de Simão Pedro de Morais, sargento-mor das ordenanças, do Vimioso, e de D. Joana Rosa de Carvalho Salazar.

Descendência:

3º FRANCISCO CASIMIRO DE MORAIS CARVALHO MACHADO, que nasceu a 23 de Outubro de 1806.

Era bacharel em leis; moço fidalgo da Casa Real, com exercício no Paço, por alvará de 21 de Janeiro de 1863, cavaleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa por decreto de 30 de Julho de 1844 em atenção às perseguições e perdas que teve pela sua fidelidade ao trono constitucional e aos serviços militares que prestou nas lutas literais.

Casou com D. Maria dos Anjos Martins.

Descendência:

I. *Francisco Maria,* presbítero.

II. *Afonso Henriques de Morais Machado* (5º, adiante citado).

III. *João Cândido.*

4º ANTÓNIO MARIA DE MORAIS MACHADO, que nasceu a 18 de Agosto de 1855.

Era doutor em direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso em 1855; administrador do concelho do Mogadouro; procurador por várias vezes à Junta Geral do Distrito de Bragança; moço fidalgo da Casa Real, com exercício no Paço, por carta régia de 21 de Janeiro; comen-

dador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, por decreto de 1 de Outubro de 1874; governador civil do distrito de Bragança, por decreto de 10 de Janeiro de 1877; segunda vez, por decreto de 6 de Fevereiro de 1878; terceira vez, por decreto de 2 de Abril de 1881; conselheiro de Estado, por decreto de 20 de Março de 1879 e deputado às cortes em 1884-85-86.

Casou com D. Angelina Margarida Máxima Salazar, sua prima coirmã, da casa de S. Martinho do Peso, neta do monteiro-mor de Penas Roias, atrás citado, irmã do general Salazar [825].

Descendência:

I. *D. Adelaide.*

II. *D. Amélia.*

III. *Alberto Carlos.*

5º Afonso Henriques de Morais Machado, farmacêutico pela Escola do Porto, administrador do concelho e presidente do município do Mogadouro.

Casou com D. Albertina Maria de Morais Machado, sua prima; filha de António Maria de Morais Machado (4º, atrás citado).

Descendência:

6º Casimiro Henrique de Morais Machado, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, nascido no Mogadouro a 2 de Junho de 1898, a quem devemos valiosas informações para os nossos trabalhos de investigação.

MONCORVO

Família Bandeira

Gonçalo Pires Bandeira, fidalgo-cavaleiro na ordem de Cristo, coronel brigadeiro no regimento de Dragões de Aveiro.

Era filho de António Bandeira Pereira, fidalgo-cavaleiro na ordem de Cristo, capitão de infantaria, residente em Moncorvo, e de D. Ana Maria da Rocha, do Porto, filha de Francisco da Rocha Leão, do Porto, e de D. Isabel da Costa.

Neto paterno de Luís de Figueiredo Bandeira, natural de Besteiros, tenente-general de infantaria, governador de Bragança, e de D. Ana Madureira, de Moncorvo, filha de António Domingues de Gamboa, de

(825) A sua biografia encontra-se nos *Portugueses Ilustres,* Lisboa, nº 48 (Março 1887).

Moncorvo (filho de António Domingues de Madureira, o *Mau,* natural de Moncorvo, e de D. Antónia de Garcia de Gamboa, natural de Almofala, filha de Jácome Nunes de Gamboa), e de D. Isabel de Madureira, sua parente em terceiro grau, filha de Gaspar Domingues de Madureira, irmão de António Domingues, atrás citado, e de D. Ana de Lobão, de Moncorvo, filha de João de Lobão.

Segundo neto paterno de Inácio Bandeira, desembargador do Porto, natural de Besteiros (filho de Sebastião Aranha Pereira de Castelo Branco Betoleja Bandeira, filho de Gonçalo Pires Bandeira, valoroso capitão que recuperou uma bandeira real portuguesa na batalha de Toro), e de D. Joana de Figueiredo, natural de Pinhel, filha de Francisco de Figueiredo, fidalgo da Casa Real, comendador na ordem de Cristo, e de D. Irene Álvares da Fonseca, natural da Guarda (826).

PARADINHA DE OUTEIRO

Martinho Carlos de Miranda (ver pág. 373) teve a mercê da ordem de Cristo a 2 de Outubro de 1770 e era capitão-mor das ordenanças de Outeiro, por carta régia de 4 de Junho de 1780, e fidalgo da Casa Real, por alvará de 18 de Novembro de 1778.

QUINTELA DE LAMPAÇAS

Antero Falcão, autor dos *Breves Apontamentos para a História genealógica de algumas famílias de província,* in *Enciclopédia das Famílias,* nº 190, pág. 747, 1902, diz que se guiou para organização do seu trabalho pelo «velho e curiosíssimo nobiliário de Francisco José da Silva», secretário da província de Trás-os-Montes em 1790, e no respeitante aos Borges Rebelos, de Quintela de Lampaças (ver pág. 389), notam-se algumas pequenas divergências de nomes com os da genealogia por nós apresentada.

Estas divergências são frequentes nos nobiliários, devido aos muitos apelidos que os fidalgos e nobres tinham.

É possível que a nossa genealogia se aproxime mais da verdade, visto ser extraída de um manuscrito da família.

(826) FONTOURA, Manuel de Queiroga – *Memória Genealógica,* ..., fol. 157, segundo informações que devemos ao Ex.mo Snr. Fulgêncio Lopes da Silva, primeiro oficial da Biblioteca Municipal do Porto.

RIO DE FORNOS

1º ANTÓNIO HENRIQUE DE FIGUEIREDO SARMENTO concluiu já a sua formatura em direito.

Seu pai faleceu em Agosto de 1925 e o nome completo de sua mãe é D. Maria do Nascimento Afonso.

2º JOSÉ MANUEL DE FIGUEIREDO SARMENTO, irmão do antecedente, nasceu em Vilar do Monte a 29 de Outubro de 1897 e é segundo tenente da armada.

Casou com D. Antónia Emília de Sá Miranda, de Grijó de Vale Benfeito, descendente de D. Beatriz de Morais Madureira Lobo, filha de Justiniano de Morais Madureira Lobo, morgado de Freixiel, a quem nos referimos a págs. 712, e de D. Maria Leopoldina, filha de Francisco António Teixeira de Morais Castro Soto Maior, morgado da Praça, de Vila Flor, e de D. Luísa Rita Leite Pereira de Almeida Machado e Lemos, de Vila Flor; neta paterna de Tomás Manuel Teixeira de Morais e Castro, monteiro-mor, senhor do vínculo de Linhares, no concelho de Carrazeda de Ansiães, e do morgadio da Praça, em Vila Flor, e de D. Mariana de Macedo Soto Maior e Castro e Muito Nobre, sua mulher, com quem casou pelos anos de 1750 (827).

Os títulos de *Dom* e *Muito Nobre* foram concedidos aos ascendentes desta família por El-Rei D. João IV pelo heroísmo com que um deles se houve nas guerras da Restauração (828).

António Henrique e José Manuel de Figueiredo Sarmento (1º e 2º, atrás citados) são netos de Pedro José de Figueiredo Sarmento (filho de D. Emília Leopoldina de Figueiredo Sarmento – ver *Rio de Fornos),* que casou com D. Maria Inácia de Miranda Cavaleiro, de Rio Frio de Outeiro (ver *Vale Benfeito).*

3º JOSÉ JOAQUIM DE FIGUEIREDO DE MORAIS PIMENTEL, actual morgado de Rio de Fornos (ver pág. 407), nasceu em Vale de Pereiro, freguesia de Mascarenhas, concelho de Mirandela, onde tem um importante casal legado por uma tia a 15 de Março de 1852, dia em que se inaugurou a dispensa que permite comer carne na Quaresma.

É solteiro, lídimo cavalheiro, e reside em Rio de Fornos entregue à administração da sua importante casa agrícola.

(827) FALCÃO, Antero – *Breves Apontamentos ...*, in *Enciclopédia das Famílias,* 18º ano, nº 211, p. 535.
(828) Ibidem, p. 533.

SALDANHA

(Ver pág. 412)

O nome do abade de Sambade é António José Xavier Vergueiro.

Nasceu a 2 de Agosto de 1791, foi cavaleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, cónego honorário da Sé de Braga, arcipreste, juiz dos casamentos do ramo de Chacim, notável orador sagrado e grande político, que muito sofreu como partidário das ideias constitucionais.

SANTA VALHA

(Ver pág. 450)

Em Santa Valha havia um morgadio intitulado dos *Ciprestes,* que foi fundado por Gonçalo de Morais Cabral, abade da mesma povoação, filho de Francisco de Morais Cabral, autor do *Palmeirim de Inglaterra*[829].

SÃO MARTINHO DO PESO

Martinho Caetano de Carvalho Salazar, natural de São Martinho do Peso, concelho do Mogadouro, monteiro-mor de Penas Roias, do mesmo concelho, faleceu pelos anos de 1785.

Era filho de Manuel Caetano de Carvalho Salazar, sargento-mor das ordenanças de Penas Roias, e de D. Maria Caetana de Morais.

Neto paterno de Manuel de Carvalho Salazar, capitão de infantaria auxiliar e monteiro-mor de Penas Roias, e de D. Maria Martins.

Neto materno de Simão Pedro de Morais, sargento-mor das ordenanças do Vimioso, e de D. Joana Rosa de Carvalho Salazar.

Teve carta régia de brasão de armas a 22 de Maio de 1784, sendo o escudo esquartelado: nos primeiro e quarto quartéis as armas dos Carvalhos; no segundo as dos Salazares e no terceiro as dos Morais. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Por timbre o dos Carvalhos[830]. (Ver no apêndice *Mogadouro.)*

(829) FALCÃO, Antero – *Breves Apontamentos* ..., 1902, p. 749.

(830) Em poder dos actuais representantes desta família existe uma pública-forma, passada por tabelião, da carta régia original, em pergaminho iluminada.

O actual representante desta família é Manuel Salazar, sobrinho do general António Caetano Salazar, falecido no Porto pelos anos de 1887.

SÃO PEDRO DOS SARRACENOS

1º Inácio Gomes Leitão Bandeira, natural de Lisboa [831], casou com D. Leonarda Maria de Vasconcelos, de Lisboa.

Descendência:

2º António Gomes Leitão Bandeira, natural de Coimbra, cavaleiro da ordem de Cristo, proprietário do ofício de juiz dos órfãos de Bragança.

Casou com D. Joaquina Eugénia Mariana de Campos, natural de Lisboa, filha de João Nunes da Fonseca e de D. Margarida Antónia de Campos.

Descendência:

3º Tomás Luís António Leitão Bandeira, cavaleiro da ordem de Cristo, graduado em leis pela Universidade de Coimbra, opositor aos lugares de letras da mesma Universidade e proprietário do ofício de juiz dos órfãos da cidade de Bragança.

Teve carta régia de brasão, com as armas das famílias Leitão e Bandeira, a 16 de Novembro de 1770.

Faleceu a 30 de Maio de 1802, tendo casado com D. Ana Maria Joaquina da Rocha, de Bragança.

Descendência:

I. *Tomás António Leitão,* que nasceu em Bragança e recebeu ordens menores em 1792.

Em 1797, sendo apenas clérigo de prima tonsura, obteve bula da Santa Sé para chantre da Sé de Bragança, cadeira vaga por falecimento de Gaspar Caetano de Sá Ferreira, na qual foi provido Francisco Pereira Pinto, de Mirandela, devido à falta de exactidão nas informações atinentes à consecução da bula do Leitão. O processo em que este sustentou os seus direitos é dos mais férteis em alegações e tricas juristas (seu pai era o advogado). Abrange 178 fólios, além de várias alegações avulsas, e con-

Ao doutor Casimiro Henrique de Morais Machado, do Mogadouro, agradecemos as notícias referentes a este artigo.

(831) Nos documentos antigos que tenho consultado não se encontra o apelido Bandeira, a não ser dos bisnetos deste por diante.

serva-se no Museu Regional de Bragança (maço – *Para a história dos cónegos)*.

II. *João Baptista Leitão,* natural de Bragança, que recebeu ordens menores em 1806. (Acerca dos outros filhos ver 3º, na pág 43).

III. *Carlos Valeriano Leitão Bandeira,* que nasceu em Bragança em 1786, era oficial do exército e em 1844 foi reformado no posto de tenente-coronel; cavaleiro de São Bento de Avis, por mercê de Janeiro de 1820.

Casou a 15 de Novembro de 1825 com D. Madalena Teresa Bernardina Videira, de São Pedro dos Sarracenos, concelho de Bragança, filha de Francisco Gonçalves Videira, de São Pedro, e de D. Bárbara Barreira, do Pinheiro Velho, concelho de Vinhais.

Descendência:

4º JOÃO CARLOS LEITÃO BANDEIRA, que nasceu em São Pedro dos Sarracenos a 29 de Julho de 1826 e faleceu em Alfândega da Fé a 8 de Março de 1905, tendo casado com D. Leopoldina Carolina de Sá Machado Pavão, falecida em São Pedro dos Sarracenos a 15 de Maio de 1895, nascida em Algoso em 1820, filha de João de Sá Machado, morgado da Junqueira, e neta de Rodrigo de Sá Machado, capitão-mor de Algoso.

Descendência:

D. Ana Clotilde Sá Machado Leitão Bandeira, filha única, que nasceu em Bragança a 17 de Junho de 1859 e casou em 1882 com Abílio Augusto de Madureira Beça, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, professor liceal, conselheiro, governador civil de Bragança, presidente da Câmara Municipal da mesma cidade, deputado às cortes em várias legislaturas, prestigioso político, a quem Bragança deve a parte principal na consecução do seu caminho de ferro, grande benemérito regional, fundador e redactor principal da *Gaseta de Bragança,* semanário que manteve enquanto viveu (durante dezoito anos), natural de Bragança, embora eventualmente nascesse em Vinhais a 20 de Agosto de 1856, e falecido em Bragança, vítima de um desastre na via férrea, a 27 de Abril de 1910.

O doutor Abílio de Madureira Beça era irmão do major Celestino Jacinto de Madureira Beça, nascido em 1848 e falecido em Bragança a 20 de Abril de 1910; do general Adriano Beça, nascido a 18 de Novembro de 1857 e falecido a 12 de Setembro de 1923, brilhante escritor, autor de várias obras militares impressas e premiadas, um dos oficiais mais notáveis do seu tempo; do engenheiro José António Ferro de Madureira Beça, deputado às cortes, autor de importantes trabalhos da sua especialidade, falecido com quarenta e três anos de idade a 26 de Dezembro de 1902, com grande folha de serviços em prol da consecução do caminho de ferro

de Bragança; primo coirmão do major Desidério Augusto Ferro de Beça, governador civil de Bragança, autor de várias publicações, nascido a 26 de Novembro de 1866 e falecido repentinamente em Vila Real, onde fora assistir ao congresso trasmontano, a 11 de Setembro de 1920, e de Humberto Beça, falecido no Porto em 1925, professor e autor de várias obras impressas, nascido em Bragança a 10 de Setembro de 1878.

Do casamento de D. Ana Leitão Bandeira com o conselheiro Abílio Beça houve a seguinte descendência, além de outros filhos falecidos muito novos:

a) D. Maria de Lourdes, que nasceu em Bragança a 31 de Março de 1900 e casou com o doutor em medicina pela Universidade de Lisboa (onde concluiu o curso em 1922) Horácio Augusto Cordeiro Pereira, natural de Alfândega da Fé, onde nasceu a 18 de Agosto de 1896, filho de Júlio Manuel Pereira, de Gebelim, e de D. Leopoldina Candida Cordeiro Pereira, de Alfândega da Fé.

Descendência:

João Carlos Leitão do Rego Pereira, que nasceu em Lisboa a 15 de Março de 1926.

b) Fernando Carlos, que nasceu em Bragança a 28 de Novembro de 1902. Frequenta o curso de agronomia.

5º António Carlos Leitão Bandeira, irmão do antecedente, nasceu a 11 de Outubro de 1829 e faleceu a 20 de Fevereiro de 1913, tendo casado com D. Maria Amália Rodrigues, de Nogueira, concelho de Bragança.

Descendência:

I. *Carlos António Leitão Bandeira,* tenente-coronel de infantaria, que nasceu em São Pedro dos Sarracenos a 1 de Dezembro de 1872 e casou com D. Maria do Coração de Jesus Cameirão Afonso, de Izeda, concelho de Bragança, nascida a 7 de Junho de 1890 (ver na *Lista dos cónegos* o apelido *Cameirão).*

Descendência:

a) Afonso Henriques Leitão Bandeira, que nasceu a 11 de Fevereiro de 1913.

b) Cristiano Carlos Leitão Bandeira, que nasceu a 12 de Maio de 1914.

c) José Maria Afonso Leitão Bandeira, que nasceu a 12 de Outubro de 1915

d) Inácio Gomes Leitão Bandeira, que nasceu a 5 de Março de 1917.

c) Fernando Gomes Leitão Bandeira, que nasceu a 12 de Janeiro de 1922.

f) D. Maria Augusta Leitão Bandeira, que nasceu a 7 de Julho de 1923.

g) Duarte Nunes Leitão Bandeira, que nasceu a 25 de Janeiro de 1926.

VALE FRECHOSO

Rui Martins, abade de Vale Frechoso, fundou em 1518 o morgadio do Anjo, em Chaves, de que foi segundo administrador seu filho, também abade de Vale Frechoso [832].

VAL PAÇOS [VALPAÇOS]

(Ver Pág. 493)

Sobre os morgados de Valpaços, ver: *Beves Apontamentos para a História genealógica de algumas famílias de província,* por Antero Falcão, in *Enciclopédia das Famílias,* nº 192, pág. 924, 1902.

VILA FLOR E CASTRO VICENTE

Família Aragão

1º Bernardo de Aragão Cabral, natural de Celorico da Beira, filho de Manuel de Aragão Cabral e de D. Isabel Buíça, de Miranda do Douro, casou com D. Damiana de Morais, de Castro Vicente.

Descendência:

2º Alexandre de Aragão Cabral, que nasceu em Chacim e casou com D. Joana Ferreira, de Chacim, da família dos Ferreiras, de Bragança.

Descendência:

3º Damião de Morais Ferreira de Aragão Cabral, sargento-mor das ordenanças da vila de Castro Vicente, que casou com D. Maria de Sousa, da mesma vila.

(832) FALCÃO, Antero – *Breves Apontamentos* ..., in *Enciclopédia das Famílias,* 1903, nº 194, p. 106.

Descendência:

4º Alexandre José Ferreira de Aragão Cabral, capitão-mor de Castro Vicente, que casou em Junho de 1746 com D. Inácia Maria de Aragão, sua prima, filha de Bernardo da Rocha Homem filho do padre Domingos da Rocha, chantre da Sé de Miranda, e da castelhana Maria Quesada.

Descendência:

5º Alexandre José Ferreira de Aragão Cabral, capitão-mor de Castro Vicente, por carta régia de 17 de Outubro de 1771; cavaleiro da ordem de Cristo, por carta de 16 de Abril de 1760 e monteiro-mor de Alfândega da Fé.

Casou em 1764 com D. Teresa Delfina Pereira Carneiro da Fontoura, morgada do Fiolhoso, donde era natural. Este morgadio foi fundado em 1627 por Gaspar Pereira, fidalgo da Casa Real, governador de Bacaim, Goa e Malaca.

Tiveram, além de vários filhos, que muito se notabilizaram durante as campanhas da guerra Peninsular, a:

6º Manuel António Ferreira de Aragão Cabral, marechal de campo reformado, que muito se distinguiu nas campanhas da guerra Peninsular, de que tinha a cruz nº 1, e depois nas constitucionais, sendo um dos desembarcados nas praias do Mindelo.

Foi governador militar de Viseu e de Almeida.

Casou com D. Petronila Loura Álvares Pereira de Magalhães[833]. (Ver 12º, na pág. 502).

VILA FLOR

Família Montes Seixas Lemos Pereira (ver pág. 505)

1º Mário Miler Pinto de Lemos, nasceu a 17 de Julho de 1880 e faleceu em 1913.

2º D. Maria do Céu Pinto de Lemos, nasceu a 19 de Julho de 1881.

Seu marido, negociante no Porto, é natural de Mirandela.

Descendência:

Alfredo...

3º D. Maria Zulmira Miler de Vasconcelos Pinto de Lemos, nasceu a 3 de Junho de 1884 e casou a 10 de Junho de 1918 com Francisco Maria

(833) Ibidem, 18º ano, nº 209, p. 352.

Guerra, de Sendim de Miranda, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso em 1900, tendo nascido a 11 de Outubro de 1876, filho de Valentim Guerra e de D. Baltasara Ramos.

Descendência:

I. *João Pedro Miler Pinto de Lemos Guerra,* que nasceu em Vila Flor a 11 de Maio de 1912.

II. *Francisco Guilherme,* que nasceu na Foz do Douro a 17 de Agosto de 1914.

III. *D. Guilhermina,* que nasceu em Vila Flor a 24 de Maio de 1918.

4º D. Maria Palmira Pinto de Lemos, nasceu a 18 de Maio de 1886 e casou com o doutor João Carlos de Noronha, nascido em Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, a 30 de Janeiro de 1882, filho de Carlos Augusto de Noronha Botelho de Magalhães, nascido em Pombal a 10 de Outubro de 1837, e de D. Isabel Morais Frias de Sampaio e Melo, natural da Fontelonga, concelho da Carrazeda de Ansiães; neto paterno de Joaquim de Noronha Botelho de Magalhães, nascido em Pombal a 5 de Março de 1803 e falecido em 1885, filho de António Bernardino Cabral e Melo, morgado do Amieiro, concelho de Alijó, e de D. Margarida Henriques Botelho de Magalhães, nascida em Moncorvo em 1780, filha de uma irmã do morgado Leopoldo Henriques Botelho de Magalhães e do juiz de Moncorvo Joaquim de Noronha, de Santo Varão, concelho de Montemor-o-Velho; neto paterno de João Baptista de Morais, da Samorinha, concelho de Carrazeda de Ansiães, e de D. Maria Teresa de Sampaio e Melo Frias, filha de António Frias, de Paranhos, concelho de Carrazeda de Ansiães, cuja casa brasonada pertence hoje, por compra, ao doutor António Sampaio Chaves, notário, e de D. Feliciana de Sampaio e Melo, irmã de D. Flora de Sampaio e Melo, casada em segundas núpcias com o importante político Pontes, do Peredo, a quem nos referiremos no volume consagrado aos escritores, memorado como anjo da caridade por Sousa Costa, nas *Páginas de Sangue,* pela abnegação que mostrou ao socorrer os fugidos da Pesqueira para Linhares, quando perseguidos pelo Marçal, de Foscôa, nas lutas constitucionais.

O doutor João Carlos de Noronha é sobrinho do doutor em medicina André de Morais Frias Sampaio e Melo, proprietário da casa brasonada de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, que vendeu a Carlos Mendes, pai do notável operador doutor Manuel de Morais Frias, lente da Escola Médica do Porto.

Descendência:

D. Maria Guilhermina, que nasceu a 27 de Abril de 1916.

Antonio de Vasconceeos Pinto de Lemos, casado com D. Sofia de

Magalhães Miler, nascida no Rio de Janeiro, mas filha de pais portugueses, nasceu a 5 de Outubro de 1855 e faleceu a 20 de Setembro de 1927.

Família Tenreiro

1º João Tenreiro de Melo de Figueiredo Sarmento fidalgo da Casa Real, alcaide-mor de Monsaraz, irmão de Jorge de Figueiredo Sarmento, alcaide-mor de Bragança, casou com sua prima D. Antónia de Sampaio Monteiro de Melo, filha de Manuel Diogo de Sampaio Monteiro de Melo, capitão-mor de Moncorvo, senhor da casa do Cabo, desta vila, e de sua prima D. Josefa Matilde Tenreiro de Melo, natural de Luzinde; neta paterna de Diogo Monteiro de Melo, capitão-mor de Moncorvo, senhor da casa do Cabo, na mesma vila, e de D. Antónia Bernarda de Melo; segunda neta de Diogo Monteiro de Azevedo, familiar do Santo Ofício, e de D. Madalena de Melo Sampaio; terceira neta de Diogo de Sampaio e Melo, da família dos donatários de Vila Flor, e de D. Joana Cabral.

Descendência:

2º Manuel Diogo de Sampaio e Melo de Figueiredo Tenreiro, alcaide-mor de Monsaraz, que casou com D. Ana Raquel do Cid Leite Pereira, de Vila Flor, filha de José António do Cid Carneiro de Lemos, de Vila Flor, senhor dos morgadios de Vale de Espinho e Cortiços, juiz de fora em várias comarcas, e de D. Francisca Inácia Leite Pereira de Magalhães Ferraz, irmã do marechal de campo Manuel Leite Pereira de Magalhães Ferraz, ambos filhos de Miguel Leite Pereira de Magalhães Ferraz, sargento-mor de Favaios, e de D. Mónica Teixeira de Barros Bega da Mesquita Pimentel; neta paterna de Paulo Montez de Madureira Roubão, de Vila Flor, senhor do morgadio de Vale de Espinho, autor do poema heroico *Progressos Lusitanos,* e de D. Maria Clara do Cid Carneiro, de Vila Flor; segunda neta de António Borges de Lemos, de Vila Flor, primeiro administrador do morgadio da Senhora da Conceição; terceira neta de Paulo Montes de Madureira, de Vila Flor, senhor da quinta da Conceição e Vale de Espinho, proprietário e senhor do ofício de escrivão da Câmara e almotaçaria dessa vila, e de D. Filipa de Lemos da Fonseca, irmã de António Borges de Lemos, de Vila Flor, vedor geral da província da Beira, procurador às cortes, cavaleiro de Cristo, senhor da quinta de Godeiros, em Vila Flor, capitão-mor de Freixo, e filha de António Borges de Castro, capitão-mor de Vila Flor, e de D. Ângela de Lemos da Fonseca.

Descendência:

I. *João Tenreiro de Figueiredo Monteiro e Melo,* fidalgo da Casa Real e oficial de caçadores.

Descendência:

Abel Pompeu de Sá Tenreiro, de Vila Flor, que foi recebedor em Alfândega da Fé, casado com D. Cândida de Sampaio Freire Côrte Real, filha de Miguel de Sampaio Freire Corte Real, fidalgo distinto, com geração.

II. *D. Elisa Cândida Tenreiro.*

III. *D. Adelaide Augusta,* casada com Alexandre Manuel da Costa Vaz, residente em Vila Flor.

IV. *D. Antónia Joaquina Tenreiro,* já falecida, que casou com seu primo direito Guilherme Augusto Tenreiro Ilharco, general de brigada reformado [834].

D. Maria Clara Cid, atrás citada, casada com Paulo Montes de Madureira Roubão, era filha de Francisco de Cid Carneiro, de Vila Flor, senhor do morgadio de São Martinho, e de sua segunda mulher D. Maria Micaela de Mesquita, filha de Diogo de Almeida de Mesquita, de Vilarinho da Castanheira, descendente de D. Duarte de Almeida, o *Decepado* da batalha de Toro, e de D. Maria Cepeda Machado Pinto, de Vila Flor.

Neta paterna de Francisco do Cid Lobão, de Vila Flor, morgado de São Martinho, e de sua sobrinha D. Violante do Cid Carneiro.

Segunda neta de André do Cid de Morais e de D. Catarina de Lobão, filha de António Vaz Ferreira, capitão-mor de Monforte de Rio Livre, e de D. Beatriz de Lobão.

Terceira neta de Francisco do Cid de Morais, capitão-mor de Vila Flor, no tempo de El-Rei D. Sebastião (e o primeiro que esta vila teve), e de D. Catarina de Almendra, de Vila Flor.

VILAR DE OSSOS

Luiz Vaz Guedes etc. (ver 6º, na pág. 523) era moço fidalgo e fidalgo-cavaleiro com exercício no Paço.

Todos os seus filhos, mencionados na pág. 524, nasceram na casa de Vale Melhorado, freguesia de Santa Maria Alta de Pombeiro Riba Vizela, concelho de Felgueiras. O IV desses filhos é também formado em direito pela Universidade do Rio de Janeiro, para onde teve de emigrar após as lutas políticas, seguidas à proclamação da República. Faleceu no Brasil a 22 de Outubro de 1918, deixando a seguinte descendência:

(834) Ibidem, 1903, nº 195, p. 187.

José Vaz, que nasceu em Vila Garcia a 3 de Agosto de 1905.
D. Maria da Conceição, que nasceu a 6 de Outubro de 1908.
D. Maria Alice, que nasceu a 2 de Dezembro de 1913.

VIMIOSO

1º António Ferreira de Castro (ver 9º, na pág. 538), capitão-mor do Vimioso, por carta régia de 24 de Janeiro de 1750.

No livro de *Registo e Acórdãos* da Câmara do Vimioso, relativo aos anos de 1742-1746, encontra-se a sua árvore de geração, descrita por ele mesmo, pois em 1743 era escrivão da Câmara, a qual concorda sensivelmente com a que apontamos, divergindo um pouco nos apelidos, devido a que os fidalgos tinham muitos e os primogénitos adoptavam os mais nobres, deixando os outros para os filhos segundos.

Foi também juiz ordinário do Vimioso, cargo de que tomou posse em 1740, tendo sido acusado por Manuel de Morais Faria, adiante citado, de graves irregularidades na administração da justiça, com o fim de se apropriar das peitas das partes. A sindicância que se lhe fez mostrou que era falsa a acusação e tudo provinha do ódio figadal e hereditário entre as duas famílias.

2º André Ferreira de Morais Figueiredo, filho do precedente, foi também juiz ordinário do Vimioso.

Em Novembro de 1751 procedeu-se a uma sindicância contra ele, resultando ser suspenso e declarado inábil para exercer o cargo, bem como qualquer outro filho do capitão-mor António Ferreira de Castro. No auto de intimação da sentença declara-se que o doutor provedor não mandou registar a sentença no livro da Câmara por conter segredo de justiça (835).

Efeitos da intriga odienta do mestre de campo Manuel de Morais Faria?

É interessante o pleito que Faria lhe moveu por causa das armas do brasão, todavia sem êxito, pois Faria ficou vencido por sentença do corregedor de 3 de Junho de 1742, em que se declara que o referido mestre de campo queria defraudar o seu parente no seu crédito, honra e antiga nobreza.

(835) *Livro do Registo da Câmara do Vimioso,* fol. 163.

Todavia não desistiu, e em Novembro de 1751 conseguiu fazê-lo desterrar por dez anos, mas El-Rei D. José, em 1755, levantou a pena ao capitão-mor António Ferreira de Castro, ordenando que durante dez anos nem ele nem seus descendentes servissem na governança do Vimioso enquanto se não reconciliassem, desistindo do antigo ódio que tinha arruinado as duas famílias [836].

(836) Livro do *Registo da Câmara do Vimioso,* fol. 185 v.
Ao erudito investigador José Manuel Lopes, prior de Argozelo, agradecemos estas notícias.

PEDRAS DE ARMAS (BRASÕES) DO DISTRITO DE BRAGANÇA [26]

Ilustrações (desenhos) do grande artista Domingos Bernardo Martins Vinhas, professor das escolas primárias de Bragança, notável pintor, Cinzelador e entalhador

Como a importância heráldica do escudo reside nos emblemas contidos na figura central, pelo geral em forma rectangular ou oval, nenhuma tendo, a não ser artística e cronológica pelo tipo de ornatos que se encontram aos lados delas, e para a leitura são nulos os do timbre, damos todos os escudos sob a mesma forma por conveniência gráfica, visto ser impossível, pela altura, posição e deterioração da pedra em que muitos se encontram, tirar nítidas fotografias deles.

De resto, o essencial é apanhar bem os emblemas que lá estão, pouco importando que o leão, a ave, a torre, a árvore, etc., tenham este ou aquele feitio, pois é o símbolo, e não a forma como está feito, que permite decifrar esta espécie de hieróglifos.

Para a leitura rigorosa deviam marcar-se os campos; mas raríssimos são os escudos que os apresentam no distrito de Bragança, ou porque nunca os tiveram marcados ou porque desapareceram gastos pelo tempo, cumprindo-nos portanto advirtir que os campos marcados nos escudos adiante insertos, até ao número 27, saíram por engano, donde as dúvidas que apresentamos na leitura de muitos, e mais seriam se as notícias genealógicas que damos não esclarecessem o assunto. Também deviam marcar-se os esmaltes, mas na pedra é impossível.

Os campos são: de ouro (significado por pontos como no escudo número 9); de vermelho (indicado pelos traços verticais do mesmo escudo); de prata (completamente branco como no escudo número 8); de azul (traduzido por traços horizontais como no escudo número 26); de verde (traços oblíquos para a direita como no escudo número 22); de púrpura (traços oblíquos para a esquerda); de preto, de arminhos, contra arminhos, mas destes últimos não temos conhecimento no distrito.

Nem todas as famílias nobres tiravam carta de armas, usando a seu bel-prazer as que lhe apetecia segundo as concepções estravagantes eivadas de pedantismo pretenciosamente ridículo que a soberbia mental lhe sugeria. Neste género é típico o escudo de D. José Lopes Leite de Faria,

bispo de Bragança, ultimamente falecido. Da *episcobite* que lhe nulificou toda a acção prelatícia, aliás tão prometedora nas aparências, diremos no VII vol. e do tarantismobispáceo ainda de todo não extinto.

É antiga a vesânia, pois Garcia de Resende já dizia no seu tempo:

Os reis por accrescentar
As pessoas em valia,
Por lhes serviços pagar
Vimos a uns o Dom dar,
E a outros a fidalguia.
Já os reis não hão mister
Pois toma o Dom quem o quer,
E as armas nobres também
Toma quem armas não tem,
E dá o Dom á mulher.

E Diogo Bernardes:

Tudo está caro: só em nossos dias
Graças ao céu, temos em bom preço,
Os tremoços, o arroz e as Senhorias!...

Descrição dos escudos (837)

I – Está em Abreiro na fachada da casa da família Mendonça de Araújo e na campa sepulcral da mesma no cemitério da povoação. Ver pág. 5. Na casa da professora D. Cândida da Costa e Almeida, que foi antigamente dos Araújos Borges, há um escudo esquartelado tendo no 1º e 3º quartéis as armas dos Araújos; no 2º e 4º quartéis o leão dos Borges sem a orla das flores-de-lis, ou porque nunca a teve ou porque se lhe não percebe.

Em poder de D. Maria Olímpia de Mendonça Machado de Araújo (pág. 5, nº IV) existe um testamento em que António de Araújo, depois clérigo de missa, funda um vínculo de morgadio em favor de seu filho António de Araújo Borges, que parece casou em Frechas, e teve:

2º – Lourenço José de Araújo Borges, bacharel em cânones, que casou em Sanfins do Douro com D. Josefa Luísa de Barros Carneiro trisavó da condessa de Vinhais, ultimamente falecida.

Esta família era a proprietária da casa brasonada de Freixiel com escudo igual a este, que vendeu.

(837) Quando se não indicam outras coisas, as pedras foram colhidas por nós em diversas excursões pelo distrito de Bragança.

Tambem no artístico cruzeiro de Abreiro, situado a meio da povoação há um escudo esquartelado, tendo no 1º quartel as armas dos Machados, no 2º as dos Araújos; no 3º um leão e no 4º um castelo. Em volta do cruzeiro há a seguinte inscrição:

ESTE SANTUARIO HE P.ª SE VE.NAR O
SN. DOS AFL.OS ESRA. DA CNC.AM O
MD.OV FAZER COM O SEV ARD.E ZELO
M.EL M.DO DE AR.O CAVALEIRO
GOV.OR DE CRASTO LABOOR.O NO A.
DE 1735

2 – Está em Alfândega da Fé na casa do morgado, que servia de tribunal. Armas dos Sousas de Arronches.

3 – Está em Alfândega da Fé na fachada de uma casa que pertence à familia Botelho, de Alvites.

4 – Está em Alfândega da Fé na fachada da casa que foi do patriarca da Etiópia D. Manuel de Sá, filho de António Cabral de Mesquita, capitão-mor de Alfândega da Fé. Da casa apenas restam as paredes; tudo o mais foi devorado por um incêndio, bem como a capela de rico labor artístico que nela havia. A sineira, em alto relevo laborada, pode ainda admirar-se na capela da vila para onde foi transferida. Não percebi as armas dos quartéis em branco.

5 – Está em Alganhafres, concelho da Carrazeda de Ansiães, na fachada da capela pertencente ao morgado Francisco António de Frias. Por baixo do escudo, que ostenta as armas dos Sousas do Prado, há a data 1789, que indicará o ano em que se fez a capela.

6 – Está em Algoso, concelho do Vimioso, na fachada de uma casa que foi dos Vasconcelos e hoje de estranhos. Dizem que José de Maria A. de Vasconcelos, pertença da casa brasonada, sendo major de cavalaria 12, foi quem impediu, por mandado de D. Miguel, que os embaixadores estrangeiros falassem à rainha D. Carlota Joaquina. Parece conter no 1º quartel as armas dos Morais sem a pala a separar a amoreira do Castelo; no 2º as dos Vasconcelos ou talvez as dos Sampaios, sem a orla dos SS como aparecem noutras partes do distrito de Bragança; no 3º as dos Sarmentos e no 4º as dos Pintos.

Era idêntico a este o escudo que havia em Macedo de Cavaleiros na casa que foi dos Morais Sarmentos de Vasconcelos, segundo me informa o seu actual representante, e hoje pertence por compra aos herdeiros do falecido doutor António Júlio de Pimentel Martins, que o mandou picar,

7 – Está em Algoso numa campa da igreja paroquial onde se lê a seguinte inscrição:

S.ª DE D.os GIL DA
GVAMA E DE SV
A MOLHER MARIA LE
AL DE MORA
ES
ER

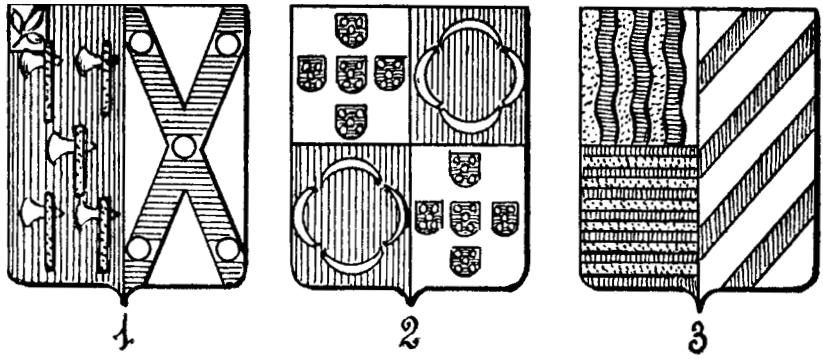
(Sepultura de Domingos Gil da Gama e de sua mulher Maria Leal de Morais e s[eus] [h]er[deiros.])

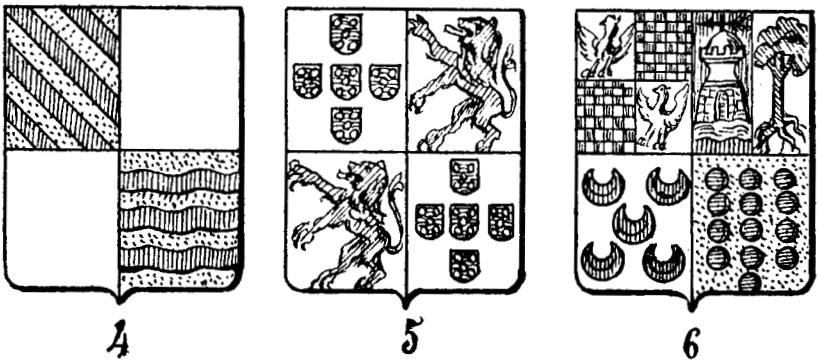
8 – Está em Algoso no fecho do tecto da igreja paroquial. Na mesma igreja, sobre o trono do altar da padroeira, na capela-mor, há outro escudo, que o meu informador Eduardo Vaz de Quina não pode copiar devido à altura em que está e à escuridão do sítio.

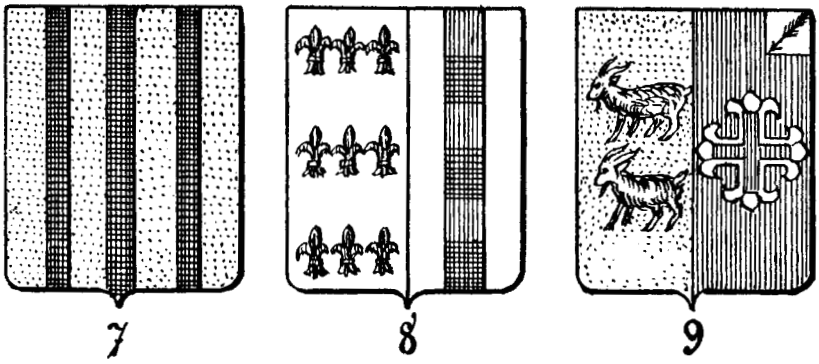
9 – Foi concedido este escudo a 26 de Agosto de 1793 ao doutor Manuel Inácio Pereira Cabral, cavaleiro do hábito de Cristo, juiz de fora do Vimioso, desembargador da Relação da Baía, filho do doutor Manuel Pereira Cabral, juiz de fora em Vila Real, e de D. Maria da Costa Neto; neto paterno de Domingos Pereira Cabral e de D. Isabel Antónia. O actual representante da família é Olímpio Eliseu Pereira Cabral, nascido a 14 de Fevereiro de 1862, casado com D. Delfina Augusta Barbosa Pereira Cabral, sua parente em terceiro grau, ricos proprietários em Gueribanes, concelho de Mirandela, onde residem, sem geração. O escudo dividido em pala, tendo na da esquerda as armas dos Cabrais e na da direita as dos Pereiras com um farpão numa brica por diferença, está na carta original, iluminada, em pergaminho existente em poder da família.

10 – Está em Alvites no frontispício do elegante palacete de D. Delfina Barbosa Pereira Cabral e de D. Incília Barbosa Pereira Cabral, irmãs do doutor Jerónimo Cabral, de quem falamos em Zedes. Escudo esquartelado: no 1º as armas dos Cabrais, mas somente com uma cabra em vez de duas; no 2º as dos Pereiras e assim os contrários.

11 – Está em Alvites no frontispício do elegante palacete da família Frias Botelho. Escudo esquartelado, parecendo conter no 1º quartel as armas dos Ferreiras; no 2º as dos Morais; no 3º a torre e os dois leões que representarão os Frias, pois em vez da orla com oito aspas, tem por baixo da torre quatro aspas que a gravura não acusa, mas existem na pedra; no


1
2
3


4
5
6


7
8
9

4º as dos Sarmentos com a anomalia de em vez de ficar o besante isolado na coluna do centro estar na da extremidade.

12 – Está na Amendoeira, concelho de Macedo de Cavaleiros feito em argamassa na parede da varanda que deita para a rua da casa de Abel Pereira, parente de um capitão a quem dizem pertencia o escudo. Numa padieira da porta dessa casa há gravada a data de 1752, que indicará o ano em que vivia o possuidor das armas.

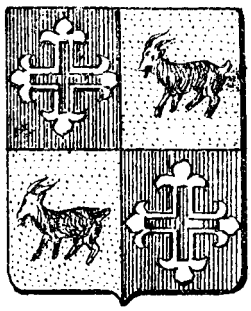
13 – Está na Amendoeira também feito em argamassa no frontispício da casa que foi do visconde de Ervedosa e pertence por compra a um tal Francisco do Vimieiro que está vivendo em mansarda pocilguenta e tem a casa brasonada convertida em palheiro! Modos de compreender a vida! voltas que o mundo dá! e pouco passa de meio século que morreu o visconde!! Escudo dividido em pala: na da esquerda as armas dos Sepúlvedas; a da direita dividida em facha; na superior as armas dos Correias e na inferior as dos Sás.

14 – Está nas Arcas, concelho de Macedo de Cavaleiros, no frontispício do palacete do visconde das Arcas. Escudo esquartelado tendo no 1º quartel as armas dos Almeidas; no 3º as dos Pessanhas e no 4º as dos Machados.

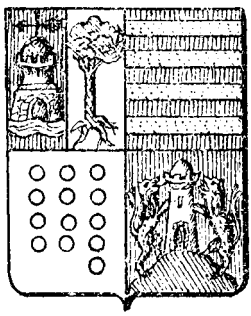
15 – Está nas Arcas no frontispício de uma casa em ruínas. É de forma circular, embora a gravura, por conveniência gráfica, o apresente rectangular, e esquartelado tendo no 1º quartel as armas dos Morais; o 2º não se percebe por gasto pelo tempo; no 3º as dos Teixeiras Pereiras (?) no 4º as dos Pintos (?). Descrição segundo fotografias que nos deu o doutor Vitor Maria Teixeira.

16 – Está nos Avantos, concelho de Mirandela, no palacete da família Barroso, de Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, hoje pertencente por compra a Francisco Luís de Sá Morais e é idêntico ao que tem na casa de Travanca, trazido do solar de Mascarenhas. Escudo esquartelado: no 1º quartel as armas dos Sarmentos; no 2º as dos Sousas do Prado; no 3º as dos Teixeiras.

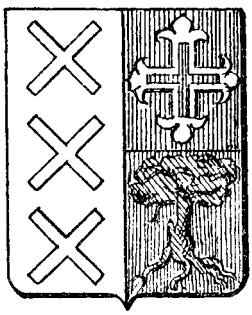
17 – Está em Argozelo, concelho do Vimioso, na fachada da casa de Eduardo Quina. É de forma oval, embora na gravura, por conveniência gráfica, apareça rectangular, e tem por timbre chapéu eclesiástico com as respectivas borlas a pender dos lados. Escudo dividido em pala: na da



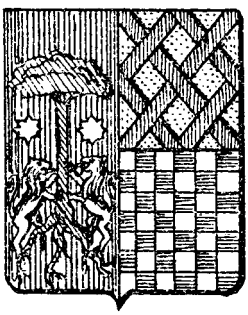
10



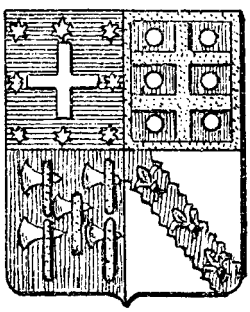
11



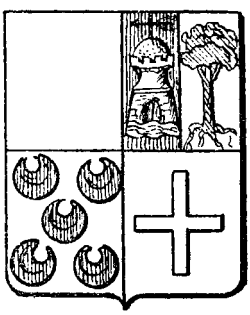
12



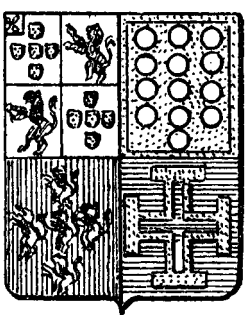
13



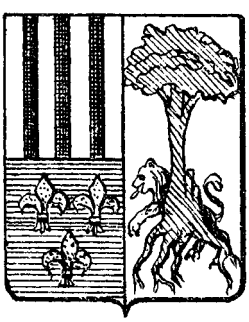
14



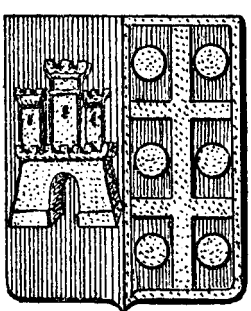
15



16



17



18

direita as armas dos Vaz, de Rui Vaz; na da esquerda as dos Martins tendo por diferença uma brica com um trifólio que a gravura nos acusa. Ver pág. 696.

18 – Está em Babe, concelho de Bragança, numa pedra solta de granito que andava por ali aos tombos e que, há dois ou três anos, o povo colocou no muro de um tanque no meio da povoação. Escudo dividido em pala, tendo na da direita as armas dos Almeidas (?) e na da esquerda um castelo com três torres em cima.

19 – Está em Bornes, concelho de Macedo de Cavaleiros, na casa do major António Joaquim Pinto Pereira do Lago Sarmento. Uma sua filha reside em Vilas Boas, concelho de Vila Flor, e é viúva de João Baptista Negreiros. Em cima da torre parece estar uma mulher com os bracos estendidos. Informações do cónego Abel Pires, pároco de Samões.

20 – Está na Bemposta, concelho do Mogadouro, na casa da família Manso, pertença do bispo Manso, da Guarda. Informações do doutor Casimiro Henriques de Morais Machado, do Mogadouro. Escudo em forma oval, embora, por conveniência, na gravura apareça rectangular, tendo por elmo chapéu eclesiástico de que pendem borlas correspondentes à dignidade episcopal. O escudo conforme está gravado na pedra não está dividido. Apresenta em cima uma cruz, por baixo desta três flores-de-lis em linha horizontal e por baixo delas duas palas. É quase certo que o lapicida se enganou com as armas dos Martins que quis representar, e por isso as damos na gravura

21 – Está na Bemposta sobre a porta de uma capela da família Pimentel. Informações do doutor Casimiro Henriques de Morais Machado, do Mogadouro. É também em forma oval tendo por timbre chapéu eclesiástico de que pendem borlas correspondentes à dignidade de bispo. Não apresenta divisões internas por evidente engano do lapicida e os crescentes em vez de estarem em sautor estão unidos os dois de cima um ao outro em forma de arcatura seguida, mas com a abertura para cima; da mesma forma estão os dois de baixo ficando no meio um só. Esta disposição aparece também num escudo de Freixiel. O xadrez ocupa de alto a baixo toda a metade esquerda do escudo. Por se entender que quiseram representar as armas dos Lemos e dos Pretos damos mais conveniente disposição aos emblemas heráldicos.

Dentro da capela há uma campa funerária com uma inscrição de letras inclusas e conjuntas, a qual reproduzimos na página imediata.

S.ª D DO HIE R
PRETO DE L
EMOS CN
MAGESTAL
NA SE SE DE M
RD.ª PR.º NSTI
TUDOR. DESTA
CA P.ª E P.ª SEV
S HERDEIROS
ANNO 1773

Ver na lista dos cónegos o apelido *Preto.*

22 – Está na Bemposta, na casa da mesma família Pimentel. Informações do doutor Casimiro Henriques de Morais Machado, do Mogadouro. Na pedra está o escudo dividido em pala tendo na da direita as armas dos Pimentéis, com a bordadura semeada de cruzetas, coisas que em poucos escudos de Pimentéis do distrito de Bragança aparece, pois que as cruzetas faltam na maior parte e na da direita as dos Morais sem a pala a separar a amoreira da torre. A pender do escudo a cruz de Cristo, coisa não acusada pela gravura, que também por engano saiu esquartelada em vez de dividida em pala.

23 – Está em Bragança na esquina nascente do palacete pertencente a D. Gaudência Miranda. Ver pág. 45. Escudo esquartelado: no 1º as armas dos Ferreiras que na gravura, por engano, saíram com palas em vez de fachas; no 2º as dos Louzadas; no 3º as dos Morais e no 4º as dos Sarmentos que por engano na gravura saíram só com dez besantes em vez de treze. Outro idêntico na outra esquina do palacete e ainda outro no tecto de uma sala.

24 – Está em Bragança no átrio da igreja de S. Francisco a encimar a inscrição da mulher do tenente-general Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda, que damos no tomo II, pág. 249, destas *Memórias.* É esquartelado: no 1º quartel as armas dos Correias; no 2º as dos Sepúlvedas; no 3º as dos Morais e no 4º as dos Castros bastardos.

25 – Está em Bragança numa esquina da casa dos Figueiredos, ao cimo da Rua da Costa Grande. É esquartelado: no 1º quartel as armas dos Pintos (?); no 2º as dos Figueiredos; no 3º as dos Sarmentos; no 4º as dos Fonsecas (?).

26 – Está em Bragança num palacete a meio da Rua da Costa Grande, que hoje pertence por compra aos herdeiros do médico militar doutor

Aníbal Gomes Pereira, e também na fachada da igreja de S. Bento na mesma cidade junto à porta lateral. Contém as armas dos Teixeiras, com a circunstância de que os dois braços do lado superior esquerdo da cruz estão ligados por um traço e no vão dos braços há um crescente de lua com as pontas voltadas para cima, sinais estes que a gravura não acusa.

27 – Está em Bragança no arco da capela dos Figueiredos, na igreja matriz de Santa Maria, mandada fazer por Pedro de Figueiredo. Ver tomo I destas *Memórias,* pág. 325. Armas dos Figueiredos.

28 – Está numa campa sepulcral do cemitério público em Bragança, na qual se lê esta inscrição:

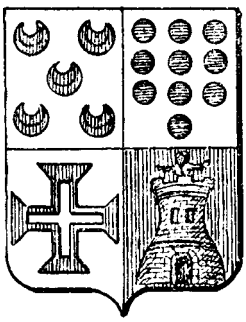
Aqui jaz
D. Maria Ignacia Correa de Sá
Castro Sepulveda mulher do coronel de cavallaria Francisco
de Figueiredo Sarmento Fidalgo ca
valleiro da casa de Sua Magesta
de F.ma cavalleiro professo na ordem
de Christo e governador que foi des
ta cidade. Falecida aos 4 de outubro
de 1848.

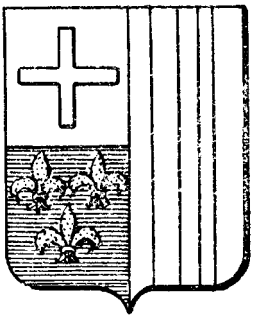
Escudo dividido em pala: na da direita as armas dos Sarmentos na da esquerda as dos Figueiredos. Ver pág. 191, nº 1.

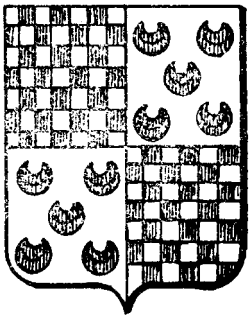
29 – Está em Bragança na quinta da Rica Fé, arrabaldes da cidade, num pergaminho iluminado e em dois reposteiros pertencentes ao doutor José Hipólito de Morais Carmona (ver pág. 128, nº 8). Armas idênticas às do antecedente, com a anomalia porém de que os besantes estão em três fachas com cinco na primeira e quatro em cada uma das outras, e de que o escudo está posto de ilharga, singularidade que no distrito de Bragança só notamos noutro existente na capela dos Sampaios da igreja matriz de Vila Flor.

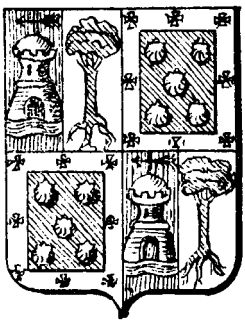
Por conveniência gráfica a gravura não acusa a posição de ilharga. Ver o que a respeito desta posição dizemos em Vila Flor.

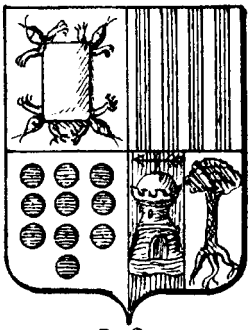
30 – Está em Bragança numa campa sepulcral do pavimento da capela-mor da igreja de Santa Clara. É em forma oval e dividido em pala, tendo na da direita as armas dos Morais e na da esquerda as dos Pinhateli (?). Realmente nesta pala parece estarem gravados três púcaros em roquete; mas não quereria antes o artista expressar três vieiras? Ver tomo II destas *Memórias,* págs. 247 e 263.

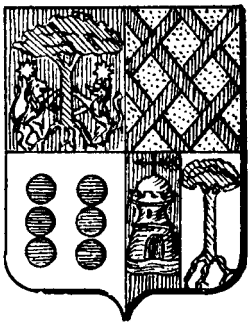

19

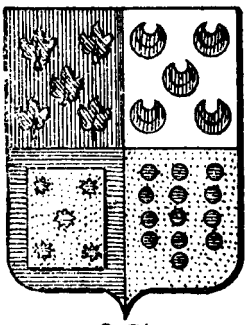

20

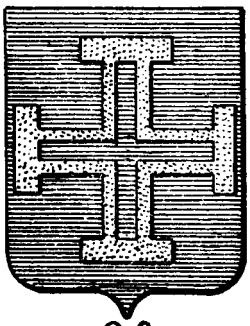

21

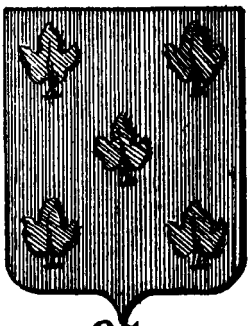

22


23


24


25


26


27

31 – Está em Bragança no cemitério público no «Jazigo da família Novais e Sá». É dividido em pala, tendo na da direita as armas dos Castros; na da esquerda as dos Sás. Ver pág. 184.

32 – Está gravado numa pedra de talco embutida noutra de granito numa sepultura do cemitério público de Bragança. A um canto do escudo há a seguinte legenda: «Dinne Exculpio», que é preciosíssima por se referir a um grande artista ignorado, natural de Bragança, de quem falaremos no VII vol. Ver nº 35.

33 – Está em Bragança no cemitério público numa placa de ferro fundido embutida numa campa de granito na qual se lê: «Aqui jaz D. Guiomar Correia Sepulveda mulher do morgado José Luiz Carneiro de Vasconcellos, natural de Moncorvo». Ver pág. 191, nº III. Escudo dividido em pala: na da direita as armas dos Sepúlvedas; na da esquerda as dos Carneiros.

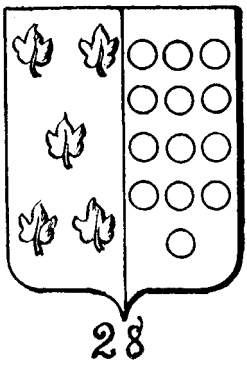
34 – Está em Bragança na fachada do palacete da casa do Arco, pertencente a Domingos de Morais Madureira Pimentel, que foi quem obteve licença em 1694 para fazer o Arco. Ver pág. 146 e seguintes. Escudo dividido em pala: na da direita as armas dos Pimentéis sem a bordadura semeada de cruzetas; na da esquerda as dos Morais com uma cara humana arrumada ou a sair do tronco da amoreira, em contra chefe?

35 – Está em Bragança numa casa perto da do Arco, mas do lado oposto que pertenceu a Amaro Vicente Pavão (ver pág. 363). Seria curioso verificar se tem a assinatura do grande artista Dine, como o nº 32, pois tem aparências disso.

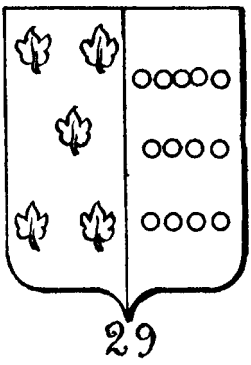
36 – Está em Bragança no palacete dos Calaínhos em frente da praça da Sé (ver pág. 63, Família Ferreiras e no suplemento o artigo respectivo). Escudo esquartelado: no 1º quartel as armas dos Sarmentos; no 2º as dos Pimentéis, como mais usualmente aparecem no distrito de Bragança sem a orla das cruzetas; no 3º as dos Morais; no 4º as dos Ferreiras.

37 – Está em Bragança numa campa sepulcral no pavimento da igreja de São Bento, no qual se lê a inscrição que damos no II vol., pág. 272. Escudo esquartelado: no 1º e 3º quartéis as armas dos Costas; no 2º e 4º as dos Oliveiras.

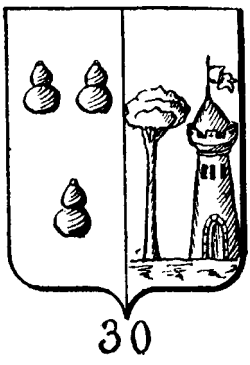
Ainda na mesma igreja há outro brasão esquartelado, de que se não percebem os emblemas.



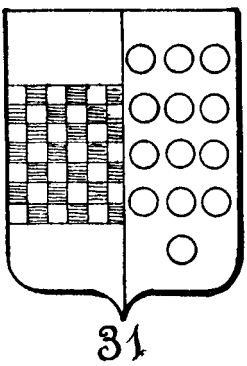
28



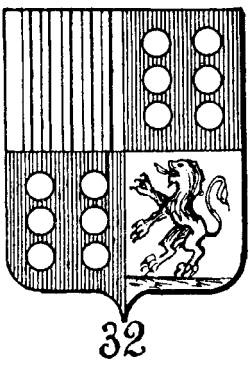
29



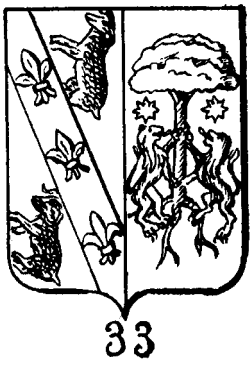
30



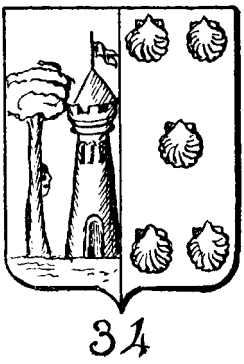
31



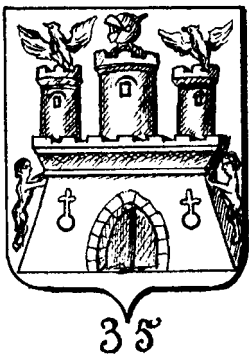
32



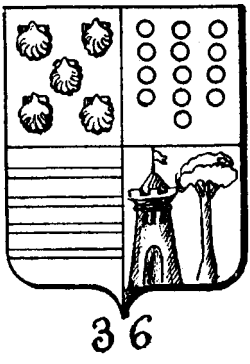
33



34



35



36

38 – Está em Bragança na padieira da porta da capela de Santo António, da quinta das Carvas, subúrbios da cidade. Esta quinta era dos Sarmentos de Santo Estêvão, procedentes de São Fins da Castanheira, tudo no concelho de Chaves, e agora, por compra, de José Marcelino Rodrigues, o *Gaiteiro,* de Gimonde. Escudo mal gravado. É provável que tivesse mais dois quartéis, mas não cabiam na pedra. Ver pág. 50.

39 – Está em Bragança no elegante tanque de uma quinta no vale de São Francisco, pertencente, por compra de seus maiores, ao doutor Diogo Albino de Sá Vargas. Escudo dividido em pala: na da direita as armas dos Morais e na da esquerda as dos Pimentéis sem a orla.

40 – Está em Bragança na fachada do Paço Episcopal, onde agora está o Museu Regional. Escudo esquartelado: no 1º e 3º quartéis as armas dos Carvalhos; no 2º e 4º as dos Sousas de Arronches.

Também se encontra gravado na tampa de uma caixa de prata das hóstias, que ultimamente servia para levar o bálsamo para a benção dos Santos Óleos em Quinta-feira Santa; numa salva grande de prata primorosamente cinzelada que servia nos pontificais; no tecto de uma sala do mesmo Paço Episcopal, aberto em madeira, e na campa sepulcral do bispo D. João de Sousa Carvalho, no pavimento da capela de Nossa Senhora dos Remédios na Sé de Miranda do Douro. Também se encontra feito à pena no primeiro fólio de um exemplar manuscrito dos *Estatutos do Cabido de Miranda* que existia na Biblioteca do mesmo Paço.

41 – Está em Bragança no frontispício da Casa do Aljube (antiga prisão eclesiástica) na Rua Fora de Portas, hoje chamada de Alexandre Herculano, bem como na preciosa urna de pau preto, fina e profusamente ornamentada, que na sacristia da Sé guarda as três âmbulas grandes de prata, que servem para a benção dos Santos Óleos em Quinta-feira Santa. Esta urna, verdadeira jóia artística, prova da grandiosidade do bispo D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, a quem as armas pertencem, que certamente mandou fazer o Aljube e presenteou a Sé com a urna.

Também se encontra pintado no tecto de uma sala do Paço Episcopal em Bragança e em ferro forjado nos artísticos cancelões de uma capela na Sé de Miranda do Douro mandada fazer por este bispo.

42 – Está em Bragança no cemitério público, no frontão em mármore do mausoléu do bispo D. José Luís Alves Feijó, falecido em 1875.

Além destes escudos, não contando os municipais e reais, há em Bra-

gança mais os seguintes: um na *Árvore Genealógica da Família dos Figueiredos da Quinta de Arufe* (pág. 113), com as armas dos Figueiredos e dos Sarmentos em pala, dando-se a anomalia de na primeira linha das dos Sarmentos estarem cinco besantes e quatro em cada uma das outras duas; outro na mesma Árvore também dividido em pala com as armas dos Pimentéis e dos Morais. São ambos feitos à pena. Um numa salva de prata da família Sá Vargas que esteve na Exposição Artística em 1924 promovida em Bragança pelos doutores Raul Manuel Teixeira, António Quintela, José Montanha e outros devotados regionalistas. Tem gravadas as armas dos Vargas, Sás Costas e Henriques, de que falo na pág. 185.

Da mesma família estiveram na Exposição uma liteira e uma berlinda, agora no Museu Regional de Bragança por oferta do benemerente doutor Diogo Albino de Sá Vargas, ambas brasonadas. Outro no Museu Regional de Bragança bordado em tela. É esquartelado: no 1º quartel as armas dos Doutéis, segundo aparecem no distrito de Bragança, ou seja com uma flor-de-lis entre as duas palas de arruelas; no 2º as dos Abreus; no 3º as dos Figueiredos; no 4º as dos Farias e ainda no abismo um escudete com as dos Sarmentos. Outro na tela do Paço Episcopal que contém o retrato do bispo D. Miguel António Barreto de Meneses. É esquartelado e parece conter as armas dos Abreus, Barretos, Pereiras, Limas e no abismo um escudete com as dos Meneses. Outro no espaldar de um precioso leito de pau preto profusamente ornamentado em talha de colchete (estilo D. João V) no Paço Episcopal, agora Museu Regional, que a julgar pelas armas – Silvas (?) Cabrais, Francos e Oliveiras pertenceu ao bispo D. João Franco de Oliveira, falecido em 1715. Outro no Museu Regional gravado em madeira com as armas dos Morais (?), mas sobre as ameias da torre tem uma peça de artilharia a dar fogo.

Nos pontificais os bispos serviam-se de sete salvas, dois gomis e cinco pratos rectangulares, tudo armoriado, tendo num quartel as armas dos Araújos e noutro as dos Fonsecas ao parecer, que provavelmente não pertencem a nenhum dos bispos da diocese.

No tomo II, pág. 31, destas *Memórias Arqueológicas,* falo de outro escudo. Também no espaldar de uma cadeira de madeira da sala capitular do cabido de Bragança vi em 1903 um escudo esquartelado e ainda outro numa liteira do Paço Episcopal, agora Museu Regional, que parece, a julgar pelas armas, ter pertencido ao bispo D. Bernardo Ribeiro Seixas.

43 – Está em Cabanelas, concelho de Mirandela, na fachada da capela contígua à casa do doutor João Silvério Doutel de Andrade.

É esquartelado: no 1º quartel as armas dos Doutéis, conforme aparecem no distrito de Bragança; no 2º as dos Gomes; no 3º as dos Costas e no 4º as dos Almeidas.

44 – Está numa capela à direita de quem entra na igreja paroquial da Carrazeda de Ansiães. Ver pág. 708. Armas dos Magalhães

45 – Está em Castelo Branco concelho do Mogadouro, na fachada do palacete dos Pimentéis, um dos mais elegantes do distrito. É esquartelado: no 1º quartel as armas dos Sampaios; no 2º as dos Morais; no 3º as dos Pimentéis com a orla das cruzetas, que em poucos escudos do distrito aparece, e no 4º as dos Sarmentos.

Informações do doutor Arnaldo Augusto de Morais Pimentel da Fonseca, descendente do fundador do solar.

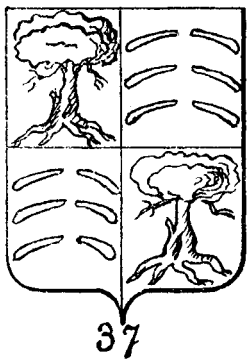
46 – Está em Castelãos, concelho de Macedo de Cavaleiros, no frontispício do palacete do visconde da Paradinha de Outeiro, António José de Miranda, hoje de D. Antónia Amélia de Miranda, sua descendente, casada com José Caetano Saraiva Caldeira, visconde de Almendra, governador civil de Bragança em 1906. Ver pág. 377. Escudo dividido em pala tendo na da esquerda as armas dos Pereiras e por diferença uma brica com um M; a da direita dividida em facha e na inferior as dos Carmonas.

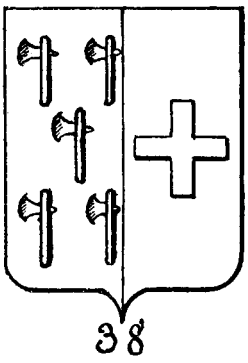
47 – Está em Coelhoso, concelho de Bragança, ou, melhor, anda aos tombos pela povoação sem se saber a que edifício pertenceu.

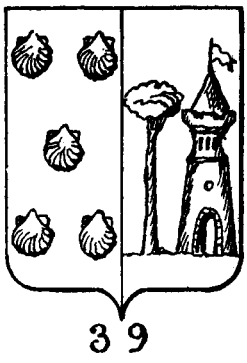
Na parte superior, em chefe (?) parece conter as armas dos Neves, deduzidas das dos Novais por semelhança de apelidos, as dos Almeidas separadas daquelas por uma ave com uma carta (?) no bico. A parte inferior é esquartelada e contém as armas dos Pimentéis, Machados e Pereiras e não sei as de quem no 1º quartel.

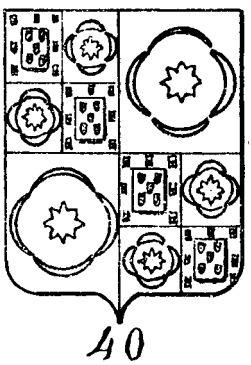
Como as armas dos 3º e 4º quartéis se aproximam do nº 38 e pelo que se diz na pág. 50, aventamos a hipótese de pertencer à família Rocha Pimentel, ligada com os Neves Pavões e Machados aí mencionados. Ver tomo IV, pág. 349.

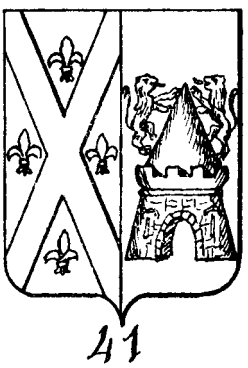
Uma vaga tradição diz que a pedra de armas pertencia a uns fidalgos de apelido Bassouras (ver pág. 667) que tinham um casal, vínculo de morgadio (?) em Coelhoso, agora pertencente ao padre Francisco Manuel da Rocha (págs. 222 e 709), parente dos primitivos Rochas. Pela alcunha de Bassouras eram conhecidos os Sarmentos de que falo no número 38, às mãos dos quais foi parar o morgadio dos Rochas Pimentéis.

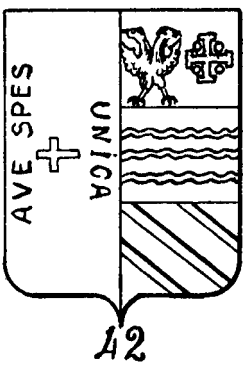

37


38

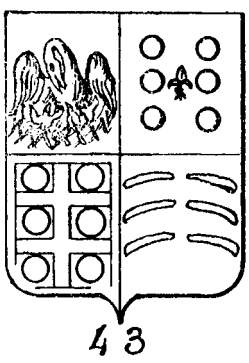

39

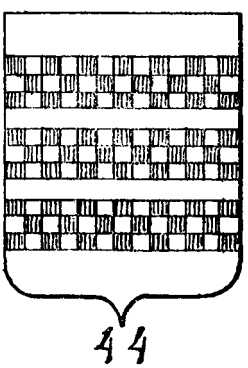

40

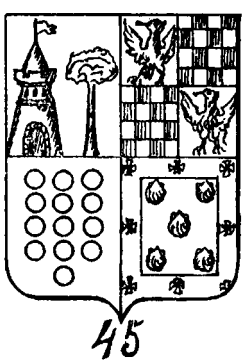

41



42


43


44


45

48 – Está em Castro de Avelãs, concelho de Bragança, no frontispício de uma casa pertencente a José Marcelino Carneiro, que a comprou a um tal Figueiredo, que não era já o fundador, pois o escudo ostenta as armas dos Carvalhos. Ver pág. 217 e tomo IV pág. 335. Informações do Padre Manuel José da Ressurreição Palmeiro. Na Casa há uma capela profanada.

49 – Está em Chacim, concelho de Macedo de Cavaleiros, no frontispício de uma casa pertencente aos Pimentéis, de Vilar do Monte. Ver pág. 219 onde vem a descrição do escudo.

50 – Está em Chacim no frontispício de uma casa pertencente à família do doutor António Henrique de Figueiredo Sarmento, de quem dizemos nas págs. 406 e 724.

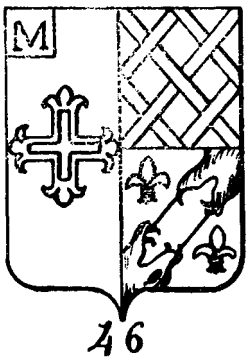
Escudo dividido em facha e a superior em três palas, tendo na da esquerda as armas dos Sarmentos com um besante na primeira linha em vez de estar na última; na do meio as dos Amorins (?) e na 3ª uma flor-de-lis. Na inferior as armas dos Ferreiras com fachas a mais, caso não único no distrito de Bragança, e as dos Morais.

51 – Está em Chacim no fecho do retábulo de um altar da igreja matriz. Armas dos Almeidas?

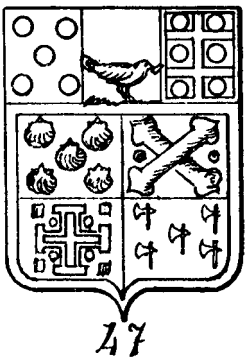
Carviçais. Agostinho Luís Salgado, morador em Carviçais, concelho de Moncorvo, foi a Monte Rei (Verin, Espanha), donde era natural, tirar uma cópia do brasão da sua família, mandou-o abrir em granito e colocou-o em 1868 na esquina da sua casa em Carviçais. É um escudo elegante, mas estranho ao distrito de Bragança e por isso nos abstemos de o apresentar. Informações de D. Júlio Dube Salgado, neto de Agostinho acima.

52 – Está em Carvalhais, concelho de Mirandela, no tecto de uma sala da casa de Constantino Pegado, de Roios. Ver págs. 256, 410 e 719.

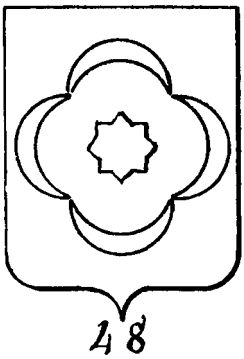
53 – Está em Contins, concelho de Mirandela, na fachada de uma casa fundada no século XVII por D. Duarte Teixeira Chaves, comendador dos Vales, concelho de Vale Passos, a cuja comenda pertencia a povoação de Contins, marido de D. Filipa Mesquita Taveira Guedes de Botelho e Soto Maior. Esta casa passou depois para Domingos Teixeira de Andrade Pinto, das Arcas, concelho de Macedo de Cavaleiros, pai de D. Maria Josefa Teixeira de Andrade Pinto, que casou com Pedro Francisco Wanzeller, coronel, governador do forte de S. Noutel, de Chaves, pais de D. Joana Del-



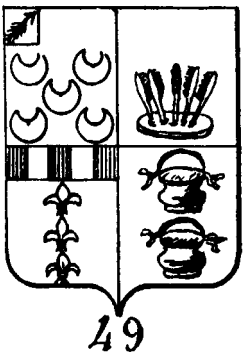
46



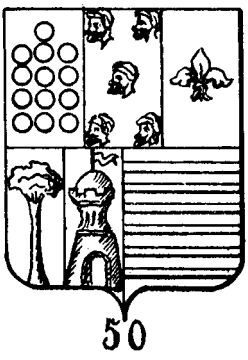
47



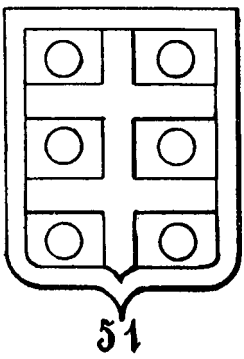
48



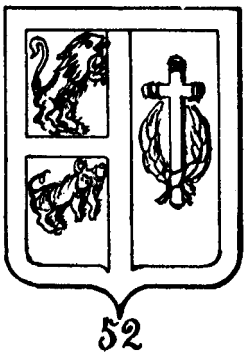
49



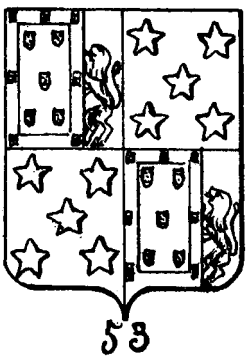
50



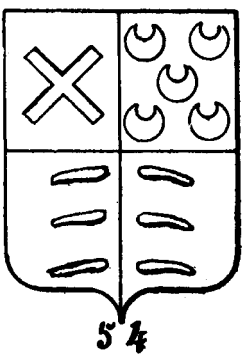
51



52



53



54

fina, mulher de Manuel Pinto Bacelar, marechal de campo, morgado de Vilar de Ossos, visconde de Montalegre. Ver pág. 165.

Não sei como *alguém* deu corrente a caluniosa acusação feita nas Constituintes de 1822 à memória do visconde de Montalegre sem atentar na tendenciosa insídia política visada pelo acusador.

Este escudo, assente sobre uma panóplia, é dos mais elegantes do distrito, onde só conhecemos mais dois iguais na ornamentação. Pende dele a cruz de Cristo, por baixo desta a data MDCCLIX. A. e ainda dois versos latinos sem importância histórica.

54 – Está nos Cortiços, concelho de Macedo de Cavaleiros, na fachada da casa da família Sá Lemos Costa, hoje pertencente, por compra, à família Charula. Ver págs. 223 e 383. Provavelmente o escudo foi mal gravado, pois no 3º e 4º quartéis estão as armas dos Costas inexactamente; no 1º as dos Lemos e no 2º não sei o quê.

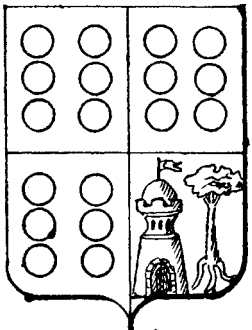
55 – Está nos Cortiços, na fachada da casa de Amadeu de Sá, a qual, segundo dizem, foi dos Sarmentos das Aguieiras. Armas dos Morais e dos Castros bastardos? Informações do doutor António Henrique de Figueiredo Sarmento.

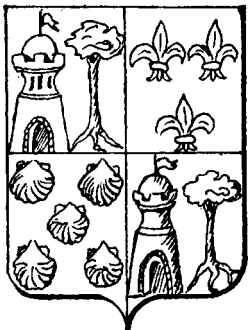
56 – Está nos Cortiços, na fachada da casa dos Pimentéis, agora, por compra, da família Charula. Escudo esquartelado: no 1º quartel as armas dos Esteves; no 2º e 3º as dos Morais; no 4º as dos Pimentéis sem a orla das cruzetas. Informações do doutor António Henriques de Figueiredo Sarmento.

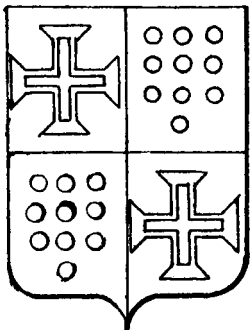
57 – Está em Edral, concelho de Vinhais, na fachada da casa que foi dos morgados desta povoação e agora, por compra, de estranhos. Informações de António Neto, professor de Vilar Seco de Lomba. É provável que a cruz, ao que parece de Cristo, seja a dos Teixeiras.

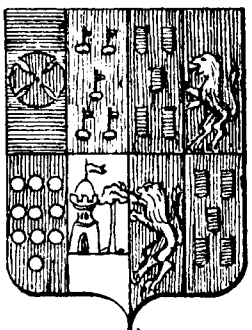
58 – Está pintado a cores no retábulo do altar-mor da capela de São Tiago de Ribas, freguesia de Edral. É dividido em oito quartéis: no 2º tem as armas dos Novais ou idênticas e no 4º a cruz de Cristo como no anterior, que provavelmente é a dos Teixeiras. Estes dois quartéis saíram menos exactos na gravura. Informações do profossor Neto.

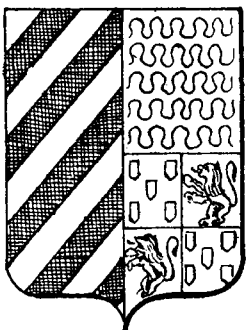
59 – Está em Felgueiras, concelho de Moncorvo, na capela que foi de Carlos José Botelho e hoje de seus herdeiros Urbano Acácio Diogo e D. Maria do Céu Sampaio e Melo. Informações dos mesmos.

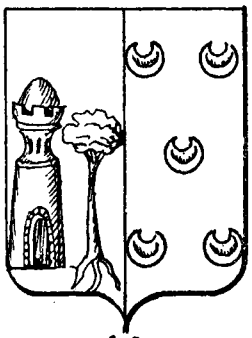

55

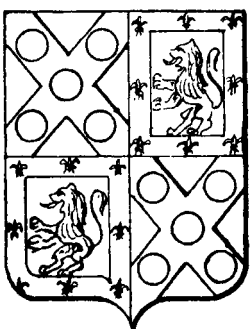

56

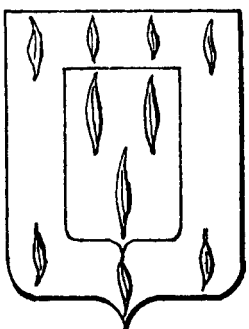

57

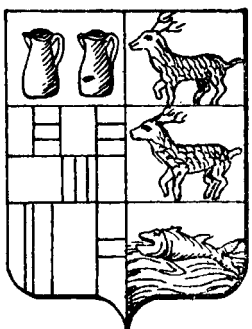

58


59


60


61


62


63

60 – Está em Freixiel, concelho de Vila Flor, na fachada do palacete da família Morais Madureira Lobo. O escudo não está dividido em pala, como na gravura por engano aparece, e os crescentes das armas dos Pintos em vez de estarem em aspa, como a gravura acusa, estão postos em linha vertical e unidos dois a dois em forma de um 3 voltado para cima os da primeira linha e da fundeira e um só na do meio. Qual o motivo desta anomalia que também encontramos noutro escudo do distrito? falta de espaço? ignorância do lapicida?

61 – Está em Freixiel primorosamente aberto em mármore na fachada de uma casa em poder de estranhos aos Araújos Borges que as armas indicam. Ver *Abreiro* e *Frechas*. É um dos poucos que tem marcados os campos, de que porém não tomei nota porque são os próprios das famílias indicados.

62 – Está em Freixo de Espada à Cinta na fachada de uma casa que dizem pertenceu a uma família Figueiredo. Informações do estudante Luís Alves Carpinteiro.

63 – Está em Freixo de Espada à Cinta, numa casa em ruínas que foi de Rubalo da Gama Pinhateli, pelos anos de 1738, de quem passou para a família Taborda, sua parente, ultimamente vendida ao Estado para estação telégrafo-postal pelo doutor João Taborda de Magalhães, juiz em Lisboa. Informações de João do Nascimento Pires, de Urrós.

64 – Está em Grijó de Vale Benfeito, concelho de Macedo de Cavaleiros, na campa de uma sepultura na capela da casa de José Manuel de Sá Miranda. Armas dos Almeidas. Informações do doutor António Henriques de Figueiredo Sarmento. Na parede da casa da mesma família Miranda há uma lápide funerária romana que diz ter sido dedicada a Boucia, filha de Boucio, falecida aos trinta anos de idade.

65 – Está em Frechas, concelho de Mirandela, na fachada do palacete dos Araújos Borges, cujas armas representa, e na qual ainda se conserva a capela do morgadio. Sob o ponto de vista artístico é dos mais típicos do distrito, para documentar a época da sua construção, pois os ornatos em talha repolhuda, envolvendo duas conchas, indicam claramente o estilo D. João V.

66 – Está na Junqueira da Vilariça, concelho de Moncorvo, no frontispício de uma capela da casa do morgado da mesma povoação, hoje pertencente a D. Ambrosina Delgado Rodrigues, viúva do doutor Manuel Barros Pinto de Magalhães.

Quando em 1916 copiei o escudo, ainda habitava na casa, já muito arruinada, um descendente dos antigos morgados, reduzido à miséria, pois vivia quase exclusivamente da casa. O escudo, em mármore branco, é dos mais elegantes do distrito e ostenta as armas dos Pintos e dos Mesquitas.

67 – Está em Lamas de Orelhão, concelho de Mirandela, na casa pertencente à família do padre João Maria Teixeira Guedes. Escudo esquartelado: no 1º quartel as armas dos Teixeiras; no 2º as dos Sousas; no 3º as dos Gamas; no 4º as dos Guedes. Na igreja paroquial de Lamas de Orelhão há uma capela da mesma família com idêntico escudo e no arco dela a seguinte legenda:

Esta
capela
do nascim.to de N.S. N.R.A mandou fazer Gaspar Vas Teixr.a e sua m.er p.a
sua sepultura e de seus descendentes na era de 1607 reformada por seu ne.to
por varonia legitima Fran.co Teixr.a de Souza cavalr.o da Ordem de
Cristo e capitão mor desta vila no ano de 1750.

Em poder da mesma família Teixeira Guedes conserva-se a carta original iluminada em pergaminho de brasão de armas concedida em 1817 a seu tio João José Vaz Pereira, do Franco, reitor do Seminário de Braga, depois bispo *in partibus,* tendo no 1º quartel as armas dos Dias; no 2º e 3º as dos Vazes e no 4º as dos Pereiras, pág. 711.

Informações do tenente Serafim Cardoso Pimenta e do pároco Manuel de Jesus Machado.

Ainda na igreja paroquial de Lamas de Orelhão há uma campa funerária brasonada com as armas dos Pereiras, Medeiros, Teixeiras e Morais, de que se fala na página 246 e por baixo o seguinte epitáfio:

Brazão
de armas
e sepultura
do capitão mor Felis
Pereira de Medeiros
Ano de
1795

Escudo elegante e, como os n.os 53 e 78, assenta sobre uma panóplia que lhe serve de ornato. Informações do padre Manuel de Jesus Machado.

68 – Está em Limãos, no frontispício da casa de Manuel Carlos de Figueiredo Sarmento, pai do doutor António Henrique de Figueiredo Sarmento, nosso informador, de quem falamos nas págs 406 e 724.

69 – Está em Linhares, concelho da Carrazeda de Ansiães, na fachada da casa que foi do doutor em medicina André Frias, falecido no Porto, no Hotel Continental, a 26 de Abril de 1919, que casara em Soutelo do Douro. Foi médico militar, mas desligou-se do serviço. Vendeu a casa sem precisar, pois era muito abastado, o que levou seu filho doutor Manuel António de Morais Frias, lente na Faculdade de Medicina do Porto, a não mais querer vir ao solar de seus maiores, nem mesmo em serviços clínicos. Informações do doutor Adelino Mendes da Silva, a quem a casa pertence por compra de seu pai.

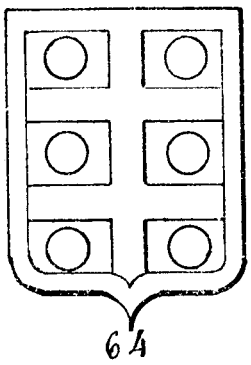
70 – Está em Lodões, concelho de Vila Flor, na casa que pertence, por compra, a João Roque. É esquartelado: no 1º e 3º quartéis as armas dos Meneses; no 2º e 4º as dos Reimões. Informações de Alberto do Espírito Santo Gouveia, de Vale Frechoso. Idêntico a este escudo há outro em Vale de Lagoa.

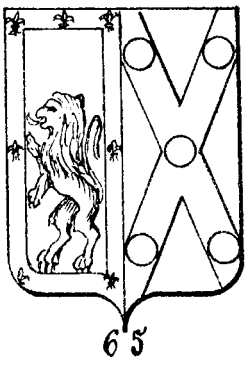
71 – Está em Macedo de Cavaleiros no fecho do arco de uma capela metida na parede da igreja matriz. Há outro escudo idêntico a este no Mogadouro, na fachada da casa do morgado Oliveira; outro no frontão da porta que dá entrada para a casa do morgado Oliveira, de Macedo de Cavaleiros, a quem pertencia também a casa brasonada de Vale Benfeito, como se vê pela identidade do escudo (ver pág. 718).

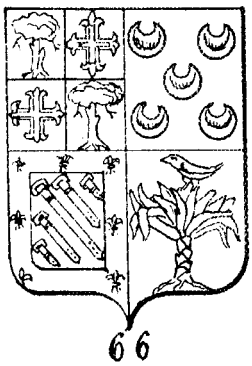
No 2º quartel estão as armas dos Oliveiras representadas por um ramo, em vez de árvore, como se costuma. É possível que no 3º e 4º quartéis estejam as armas dos Costas divididas em pala, talvez por engano do lapicida.

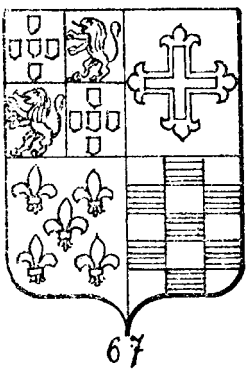
Havia mais em Macedo de Cavaleiros o palacete brasonado dos Morais Sarmentos, figura 72, de que falo na pág. 251. O escudo era esquartelado: no 1º quartel as armas dos Morais; no 2º as dos Sampaios; no 3º as dos Sarmentos; no 4º as dos Pintos, mas foi picado pelos actuais proprietários. Como se vê, era idêntico ao nº 6, existente em Algoso, donde a família ramificava. Por engano no 3º quartel saíram só dez besantes em vez de treze.

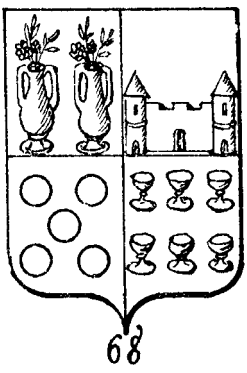
Há ainda em Macedo outra casa brasonada que pertenceu a um juiz, mas o escudo está coberto por espessa camada de argamassa, e parece que existiu outra no largo denominado «Prado de Cavaleiros», pertencente à família Morais Sarmento, acima mencionada, onde ainda reside uma sua descendente; mas por mais voltas que dei não o encontrei, e nem ela, nem

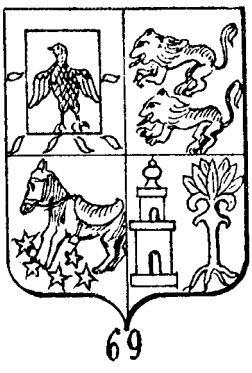

64

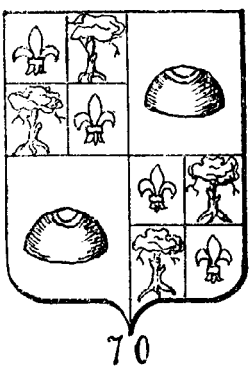

65

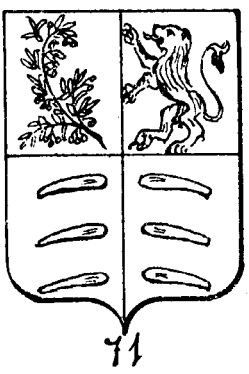

66

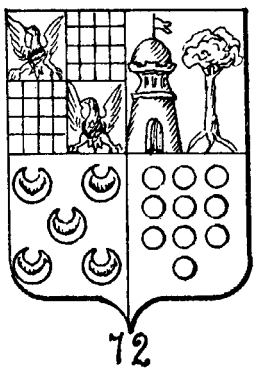

67


68


69


70


71


72

pessoa alguma me deu notícia do monumento, sendo portanto provável que desaparecesse em alguma reconstrução devido ao espírito (?) fundamente prosaico, para não dizer outra coisa, do marido da nobre fidalga.

73 – Está em Marmelos, concelho de Mirandela, na casa do falecido José Benedito de Almeida Pessanha (pág. 384) e ostenta as armas dos Pessanhas.

Mascarenhas. Nesta povoação do concelho de Mirandela há uma capela profanada faceando com uma casa pertencente à viscondessa de Foz Côa (?) e no frontão uma grande inscrição tendo de um e outro lado um escudo com as armas dos Morais. A inscrição, de letras inclusas e conjuntas diz: Esta capella mandou fazer o P.e Pascoal de Morais... e segue por ali fora enumerando os encargos pios (missas, esmolas, ofícios, responsos) com que ficam onerados os bens que lhe vinculou em morgadio. Não a damos na íntegra por ser longa e nada acrescentar de interessante ao nosso propósito.

74 – Está em Meixedo, concelho de Bragança, na campa de granito de uma capela aberta em arco na parede da igreja matriz. Ver pág. 261. Quase idêntico a este há outro, aberto em madeira, no Museu Regional de Bragança, para onde veio da casa da residência paroquial da mesma povoação de Meixedo, mas tem no 2º quartel cinco estrelas em vez de uma nos respectivos quartéis, bem como uma águia em vez de leão, e voltados à esquerda os leões do 4º quartel.

75 – Está na Sé de Miranda do Douro na nave esquerda, junto à coluna do púlpito em campa rasa de granito. Por baixo do escudo há uma inscrição que diz: *Sepultura perpetua dos filhos e herdeiros de Ignacio Theodoro Rodrigues de Santa Martia Soares e de sua mulher D. Maria Bernarda Izabel de Moraes Sarmento com o filhamento de fidalgo na sua casa e aquelle juiz de fora que foi nesta cidade, corregedor e provedor na comarca, superintendente geral e actual dos tabacos e sabons* (sic) *e alfandega desta cidade.* Ver pág. 265.

Na orla da pala da esquerda há oito escudetes com as quinas do reino que a gravura não acusa.

76 – Está na Sé de Miranda do Douro em campa rasa de granito, logo um pouco mais acima da antecedente. Supuz a princípio que se tratasse de algum Mestre Escola, dignidade do Cabido, muitas vezes só indicada com o título de Mestre, o Mestre, dada a estranheza de um mestre de obras ter brasão, mas realmente é de Francisco Velasques mestre [de

obras] que foi desta Sé [falecido em] 1576 que se trata, como a tradição local aponta e mostrarei no VII vol. desta obra.

77 – Está na Sé de Miranda do Douro na parede ao lado do altar da capela de S. Pedro, metida em arco na nave esquerda da Sé.

No pavimento da capela, em campa rasa de granito há a seguinte inscrição:

S.ª do L.do
Manoel
Godinho
padroei
ro desta
capella
de S. Pe
dro e de
seus her
deiros.

Ver pág. 264, nº 1, 3 e 11.

Em campa rasa de granito sita no pavimento da capela de Nossa Senhora dos Remédios da Sé de Miranda do Douro, nave direita, há um escudo idêntico ao nº 40 e o seguinte epitáfio:

Aqui já o Ill.mo S.r D.
João de Sousa Carvalho
XX bispo de Miranda
governou XXI annos morreo a XV de agosto
1737

Na capela do Santíssimo Sacramento, sita na nave esquerda da Sé de Miranda, há umas artísticas grades de ferro forjado encimadas por um escudo também em ferro com as armas dos Mirandas Henriques idêntico ao nº 41. Nessas grades lê-se a data de 1760 e no arco de granito que as envolve a de 1736, indicativas dos anos em que essas obras se fizeram. Esta capela foi mandada fazer pelo bispo D. Aleixo de Miranda Henriques para sua sepultura (pág. 265) e *«foi mal não lhe servir para evitar os damnos que causou a êste bispado»*(838). Outro tanto pode dizer Bragança do bispo Faria, ultimamente falecido, e do sinistro vírus bragançofabo que inoculou nos

(838) Ver tomo II, p. 67, destas *Memórias Arqueológico Históricas do distrito de Bragança.*

sócios, com a agravante de que Miranda Henriques deixou obras de valor ainda hoje existentes a confirmar-lhe a autêntica mentalidade superior e Faria, a fario-maniaquice que continua anarquizando a pretexto de uma cacarejada competência, que ninguém vê em que consistiu.

78 – Está em Miranda apeado nos baixos da casa de um oficial de diligências, junto à praça em frente dos Paços do Concelho, e pertenceu a uma família dona dessa casa, de apelido Ordaz Sarmento e Vasconcelos. Não se percebem, por gastas, as armas do segundo quartel. Este escudo como os n.os 53 e 67, é ornamentado em volta por uma elegante panóplia.

79 – Está em Miranda na fachada de uma casa da Rua do Moreira pertencente, por compra, à família Pinto Basto, de Lisboa. No espaldar de uma cadeira de couro lavrado existente na Câmara Municipal de Miranda há um escudo esquartelado, tendo no 1º quartel os cinco crescentes, dos Pintos (?); no 2º dez besantes; no 3º um leão empunhando uma espada e no 4º cinco fachas.

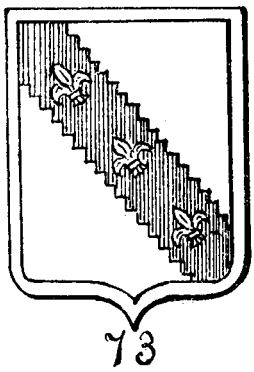
80 – Estava no Mogadouro na casa do Largo, pertencente ao doutor António Maria de Morais Machado, e hoje na capela do seu representante e nosso informador doutor Casimiro Henrique de Morais Machado (pág. 722). É de forma oval e esquartelado: nos 1º e 3º quartéis as armas dos Carvalhos; no 2º e 4º as dos Pimentéis (?) com orla de castelos. Timbre um chapéu eclesiástico de que pendem borlas.

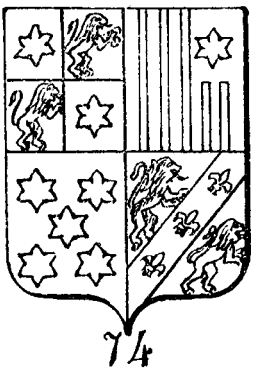
81 – Está em Mirandela na fachada do palacete dos condes de Vinhais.

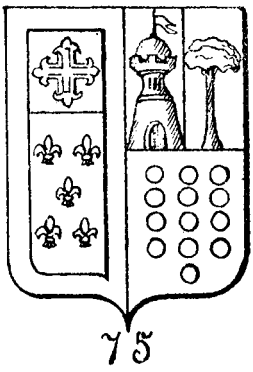
82 – Está em Mirandela em campa rasa de mármore (pág. 610). Escudo dividido em três palas: na da direita as armas dos Costas; na do centro as dos Cardosos e na da esquerda as dos Pintos.

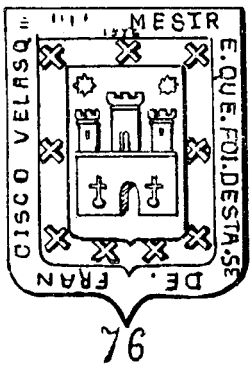
83 – Está em Mirandela segundo me informaram (quando lá andei em pesquisas não o vi) numa casa que foi dos Doutéis. É esquartelado: no 1º quartel as armas dos Gomes; no 2º as dos Doutéis, como aparecem no distrito de Bragança; no 3º as dos Almeidas e no 4º as dos Costas.

84 – Está em Mirandela sobre o portal da capela profanada de S. José, pertencente ao morgadio dos Veigas Baías de Sequeira de Morais Sarmento hoje representados pelos Pavões, de Suções (pág. 369). O escudo está quase imperceptível por muito apagado do tempo e parece que assenta sobre uma fita, serpente ou o que seja, que sobresai na parte supe-

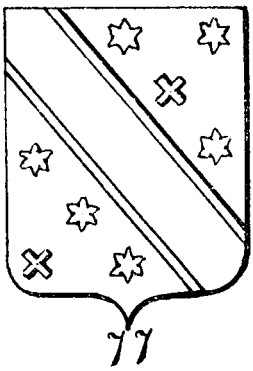

73

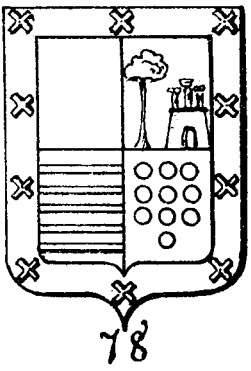

74

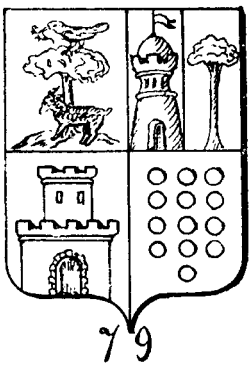

75

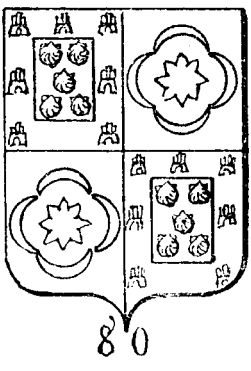


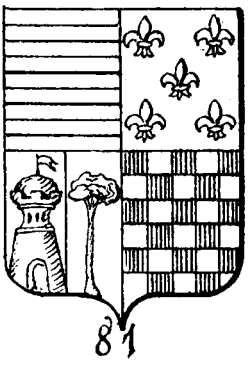
76


77


78


79


80


81

rior e inferior do mesmo, não acusada na gravura, bem como a brica que tem no centro superior esquerdo. Quando copiei o escudo pareceu-me que os emblemas tinham a configuração de caça-rolas; porém, o meu erudito amigo Ernesto Augusto Pereira Sales, que o viu em melhores condições e com outros olhos, diz-me que são cinco vieiras em santor.

85 – Está em Mirandela numa coluna de granito na esquina do jardim dos condes de Vinhais que deita para a praça dos Paços do Concelho.

No cemitério público de Mirandela, na sepultura de Carolino de Almeida Morais Pessanha (pág. 384, nº 15), está em mármore o brasão dos Pessanhas (nº 73) que me dizem fora trazido para ali da casa desta família reconstruída pelo mesmo Carolino na praça dos Paços do Concelho, onde fizera gravar as suas armas.

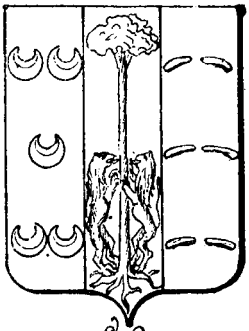
Na casa, cabeça de morgadio de António Gomes de Sepúlveda (pág. 190), havia um escudo com as armas desta família em granito muito fino e muito bem trabalhadas, mas foi despedaçado e aproveitado para enchimento de paredes (!!!) em fins do século XIX, quando Albino Luís Mendo comprou o prédio e o reconstruiu.

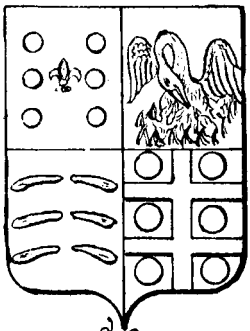
O mesmo fez António José de Morais quando reconstruiu uma casa da Rua de Santo António em Mirandela, que comprara, a um escudo que lá havia. Quando entrará no bestunto de certa gente o culto consciente pelos documentos do passado e desaparecerá a vandálica fúria iconoclasta?

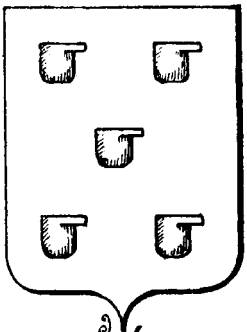
Também na fachada da antiga capela do grandioso Paço dos Távoras, em Mirandela, contígua a ele, se vêem os restos da antiga pedra de armas desta família picada em execução da feroz sentença de 1759 e se lê ainda a data de 1664 que indicará o ano em que se fez. O Paço tem hoje as armas dos condes de São Vicente; escudo em pala: numa as armas dos Cunhas e na outra as dos Távoras, três fachas em vez de cinco ondeadas de água, com um golfinho na do centro, sem a legenda *Quascumque fundit,* que costumavam ter. Informações de Ernesto Augusto Pereira Sales.

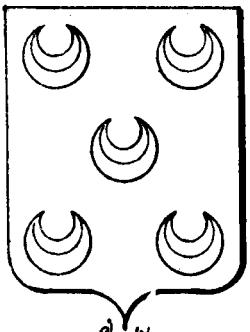
86 – Está no Mogadouro em campa rasa de granito no pavimento da igreja paroquial e na mesma uma inscrição de letras muito gastas que dizem:

Esta sputu
ra de Fr.co
Camelo
Fuzeiro F
o ano 1564.

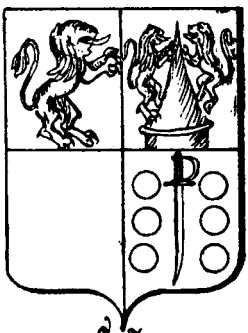

82

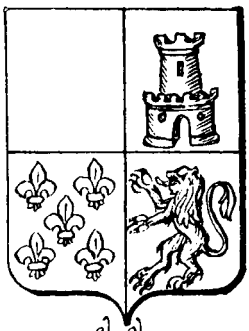

83

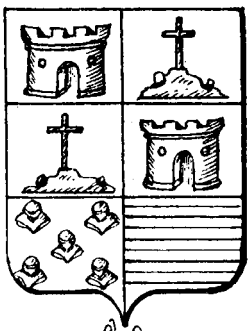

84

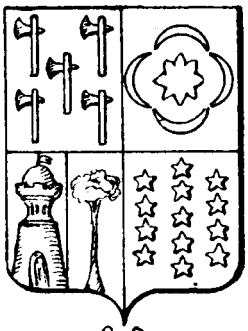

85

86


87


88


89


90

A palavra Fr.co, embora me pareça leitura mais provável, também poderá ser Braz e, em vez de Fuzeiro, talvez: e seus herdeiros.

87 – Está em campa de granito na mesma igreja paroquial do Mogadouro. As armas do 4º quartel já se não percebem. Por baixo do escudo há a seguinte legenda de letras conjuntas e inclusas de que se percebem apenas seis letras da primeira linha, que não fazem sentido, e nas outras:

(s) ua mulher Fe
lipa de Madur
eira e de seus
descendentes.

88 – Está em campa de granito na referida igreja paroquial do Mogadouro. As armas do 2º quartel não se percebem. Por baixo do escudo há o seguinte epitáfio:

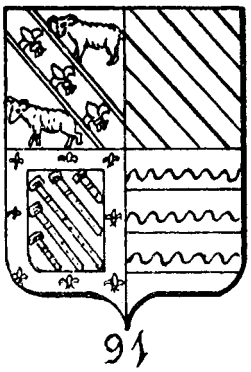
Aqui jaz
Antonio
Teixeira
da Silva.

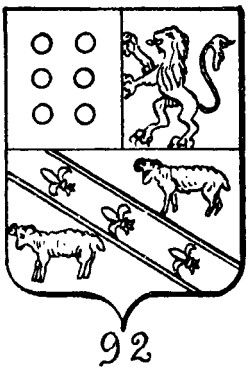
89 – Está no pavimento da dita igreja paroquial do Mogadouro na campa de granito de um tal Belchior Solveira. O escudo é dividido em seis quartéis, tendo no 5º as armas dos Ferreiras e no 6º as dos Amorins, tudo mal figurado, tendo a gravura procurado aproximar-se o mais possível do original.

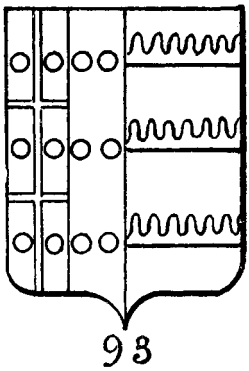
90 – Está no Mogadouro na fachada do palacete do doutor Casimiro Henrique de Morais Machado (pág. 722). Contém as armas dos Carvalhos, Machados, Salazares e Morais.

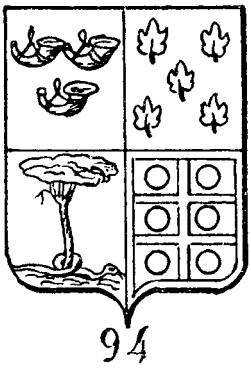
No frontão da porta da casa do morgado Oliveira, do Mogadouro, há um escudo perfeitamente idêntico ao nº 71, para onde remetemos o leitor. Vi ainda no Mogadouro um sinete pertencente à família Pegado de Oliveira que era dividido em pala, tendo na da direita as armas dos Pegados e na outra as dos Oliveiras (a árvore e não um ramo só).

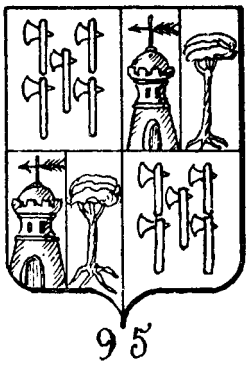
91 – Está em Moncorvo por cima da porta da capela da casa de Emílio Augusto Carneiro Gusmão Vasconcelos, descendente de Lourenço António Carneiro de Vasconcelos. Esta capela é de muito trabalho artístico e tem vários quadros em tela, entre os quais um muito grande, representando um Auto-de-fé, em que a figura do paciente é cheia de expressão dolorosa.

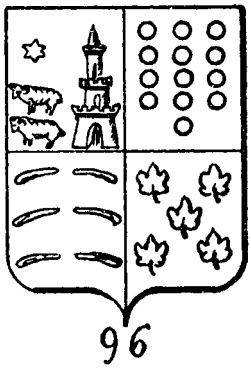

91

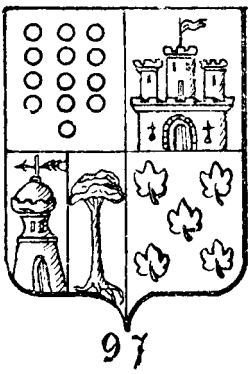

92

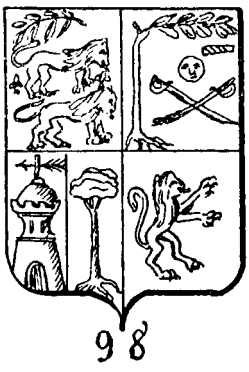

93

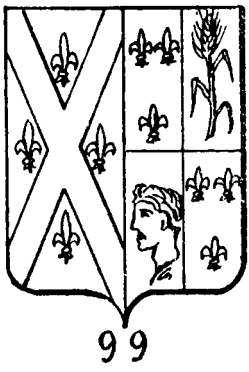

94


95


96


97


98


99

É esquartelado: no 1º quartel vêem-se as armas dos Ataídes; no 2º as dos Carneiros; no 3º as dos Vasconcelos e no 4º as dos Mesquitas.

92 – Está na fachada de uma capela da quinta do Marmeleiro, junto a Moncorvo, pertencente à família do visconde de Marmeleiro (pág. 297). Esta família tem também casa brasonada em Moncorvo da qual não vi as armas por estarem cobertas de luto, mas suponho que serão idênticas às da capela.

93 – Está em Moncorvo no frontispício da casa de Luís Carlos de Vasconcelos, hoje representado por D. Josefa de Vasconcelos, residente em Braga. Há nesta casa a capela de Nossa Senhora dos Prazeres. As armas dos Vasconcelos e Castros e Almeidas.

94 – Está em Moncorvo no frontispício da casa que foi de João Tenreiro (representado por Abel Tenreiro, residente em Vila Flor), e hoje pertence, por compra, ao doutor Ramiro Guerra.

Morais. Nesta povoação do concelho de Macedo de Cavaleiros há uma casa brasonada de que possuo alguns apontamentos, que me foram enviados pelo seminarista José João Alves Calado. A pedra está muito gasta, percebendo-se apenas que o escudo é esquartelado, tendo no 1º quartel cinco estrelas em santor; no 2º uma estrela no meio e um ramo em cada canto; no 3º as dos Morais e no 4º parecem ser as dos Meneses.

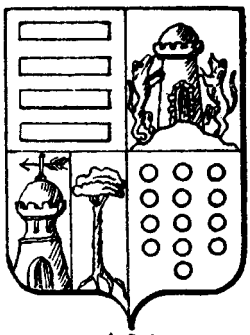
Outeiro, concelho de Bragança. No pavimento da igreja de Santo Cristo, na campa sepulcral de José Sarmento (pág. 345) há um escudo idêntico ao nº 79, e por isso o não apresentamos.

95 – Está em Parada de Infanções, concelho de Bragança, no frontispício de uma casa que pertence, por compra, a Manuel Ruano. Armas dos Morais e dos Machados.

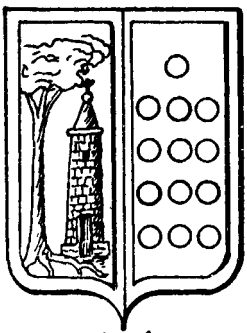
96 – Está em Parada de Infanções no frontispício da casa que pertence, por compra, a Luís António Raimundo. Armas dos Sarmentos ou Castros, Figueiredos e Costas. Das do 2º quartel nada percebi.

97 – Está numa capela na igreja matriz de Parada de Infanções e por cima dele a data 1588.

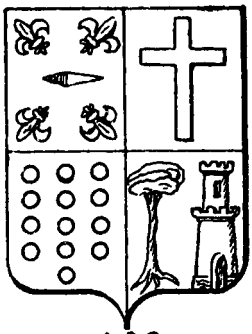
98 – Está em Parada de Infanções no frontispício da casa que pertence, por compra, aos doutores António e Agostinho Rapazote.



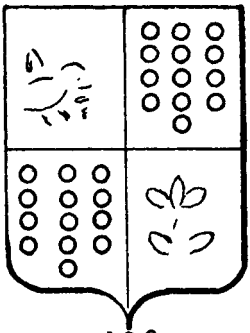
100



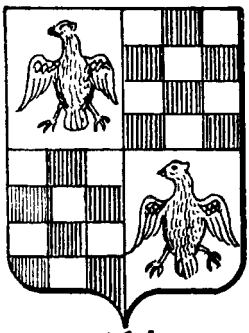
101



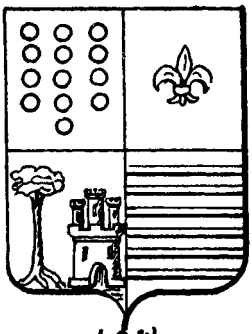
102



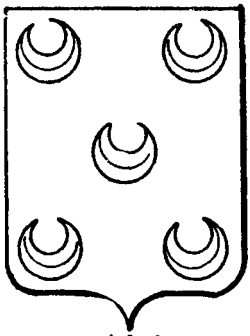
103



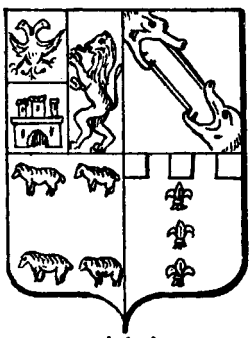
104



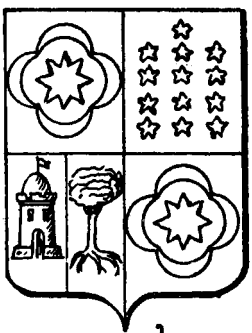
105



106



107



108

Esta casa, que ainda conserva uma torre, era o solar da importante família Morais Madureira Feijó. Ver págs. 351-353.

99 – Está na fachada do palacete do visconde de Paradinha do Outeiro, na povoação deste nome. No escudo da mesma família, no cemitério dos Prazeres, em Lisboa, em vez de flores-de-lis há pombas. Escudo dividido em pala: a da direita esquartelada com as armas dos Giraldes; na da esquerda as dos Mirandas.

100 – Está em Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães, na fachada do palacete que pertence, por compra, ao doutor António Sampaio Chaves, conservador do Registo Civil.

Quirás. O ilustrado professor liceal Daniel José Rodrigues (pág. 398) mostrou-nos uma charuteira de prata brasonada, que foi de seu tio António Joaquim da Veiga Barreira (pág. 395), onde está esculpido o brasão que descrevemos na pág. 358.

Quintela de Lampaças, concelho de Bragança. Numa campa funerária na igreja paroquial desta povoação há um escudo com as armas dos Figueiredos e por baixo esta inscrição:

S.ª DE DIOGO
DE FIGOEIREDO
SARMENTO
ANNO 1686

Na mesma igreja há uma capela metida em arco da parede, do lado da Epístola, e no fecho do arco um escudo esquartelado, tendo o 1º e 2º quartéis uma cruz cada um; no 3º as armas dos Figueiredos e o 4º é incompreensível. Ver pág. 391.

102 – Está em Rabal, concelho de Bragança, na casa que pertenceu ao major Luís Ferreira Real, que a adquiriu de sua mulher, por compra de seus maiores, pois as armas eram de outra família. Ver nº 5, pág. 26.

103 – Está em Rebordãos, concelho de Bragança, na fachada de uma casa. Não se percebem as armas do 2º e 3º quartéis. Na mesma povoação vi outro escudo gravado numa pedra de granito, que andou por ali aos tombos e agora meteram na parede de uma escada.

104 – Está em Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, na

fachada do palacete do doutor António de Melo Vaz de Sampaio (pág. 431). Informações do padre Domingos Manuel Antão. Armas dos Sampaios, sem a orla.

105 – Está em Rio de Fornos, concelho de Vinhais, na fachada da casa do morgado da mesma povoação (págs. 407 e 724).

Roios, concelho de Vila Flor. Na fachada da casa de Constantino José de Magalhães Pegado (págs. 256 e 410) há um escudo idêntico ao nº 66, e por isso o não apresentamos.

106 – Está em Samões, concelho de Vila Flor, na capela da casa do barão de Samões (pág. 413). Armas dos Pintos? Informações do cónego Abel Pires. Do escudo pende uma venera com a cruz de Cristo, que a gravura não apresenta.

107 – Está em Santulhão na casa da família Afonso Freire (págs 19 e 450). No 1º quartel as armas dos Freires; no 2º as dos Afonsos; no 3º as dos Martins; no 4º as dos Cordeiros.

108 – Está em São Martinho do Peso, concelho do Mogadouro, na fachada da casa da família Morais Carvalho Salazar (págs. 452 e 725).

109 – Está em Selores, concelho de Carrazeda de Ansiães, na fachada do palacete de Francisco António de Frias, morgado de Alganhafres. No 1º e 3º quartéis as armas dos Barretos; no 4º as dos Vieiras

110 – Está no mesmo palacete de Selores. No 1º quartel as armas dos Caldeirões; no 2º as dos Morais, sem a pala entre a torre e a amoreira; no 3º as dos Sousas; no 4º as dos Mesquitas.

111 – Está na fachada da capela do mesmo palacete de Selores. A cruz em cima da amoreira (armas dos Morais) e junto ao pé representará mais uma *pensadura,* como tantas outras já memoradas, do fundador do brasão ou capricho do lapicida? Nesta capela está a inscrição que damos na pág. 454.

A capela e parte do palacete pertencem hoje por compra a João Eduardo Evangelista Sampaio de Mariz e Castro, pároco de Vinhais.

Este palacete é dos mais elegantes do distrito e são de belíssimo efeito os dentículos que lhe ornam a cornija. Faceando com a frontaria apresenta uma varanda com colunas de granito em espiral, ornadas por folhagem de parras e uvas em que debicam aves.

Em Vila Franca de Lampaças, concelho de Bragança, há um portal de granito que dizem ser o da entrada da casa do bispo D. Gonçalo de Morais, fundador do morgadio de Selores. Na padieira da porta tem este letreiro – *1691 Anos* – e por cima dele um escudo que parece ser um castelo tendo de cada lado uma flor-de-lis. Ver *Ilustração Transmontana,* 1910, pág. 127, onde se encontra a sua fotogravura.

112 – Está em Sesulfe, concelho de Macedo de Cavaleiros, numa grande pedra de granito, que anda por ali aos tombos, sem que uma alma piedosa de arte se compadeça de tão vergonhoso desleixo, a qual me disseram haver pertencido ao morgado da mesma povoação, de apelido Pinto Pereira do Lago, da família conhecida pela alcunha dos *Latagões.* A ornamentação, em volta, é estilo D. João V. No 1º quartel talvez quisessem indicar as armas dos Costas, mas assim estão na pedra, se bem que no escudo nº 60 se nota caso idêntico com as armas dos Pintos.

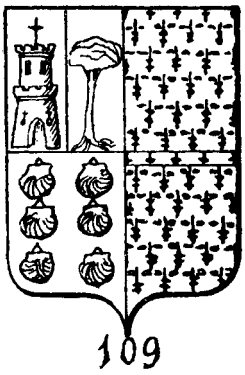
113 – Está em Soeira, concelho de Vinhais, no espaldar da cadeira paroquial da igreja matriz. É aberto em couro lavrado e apresenta as armas dos Araújos.

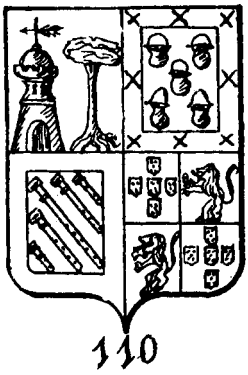
114 – Está em Soeira na fachada de uma casa que hoje pertence, por compra, a Ametio Lourenço Pires, situada no bairro chamado Cimo de Vila. As janelas desta casa apresentam certa elegância e são modeladas no estilo manuelino. Na fachada da casa há dispostas simetricamente, de distância em distância, pedras embutidas na parede cheias de ornatos em relevo. Teixeira de Carvalho, *Arte e Arqueologia,* 1925, pág. 77, diz que esta ornamentação é própria da Renascença; porém, sem contestar a afirmação do mestre, devemos notar que na fachada da igreja de São Facundo, em Vinhais, e na da Adeganha, concelho de Moncorvo, há baixos relevos do mesmo teor e essas igrejas apresentam tipo românico.

115 – Está em Sucães, concelho de Mirandela, a um canto, no jardim da família Pavão (págs. 361 e 466). Estava na casa antiga, e, quando há poucos anos a restauraram, arrumaram-no ali. No 4º quartel parecem ser as armas dos Moutinhos.

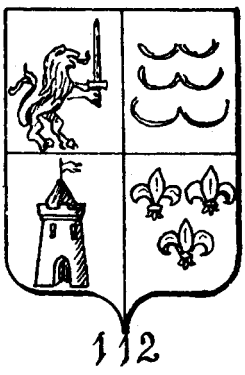
116 – Está em Sucães na fachada da actual casa da família Pavão. É obra de há poucos anos.

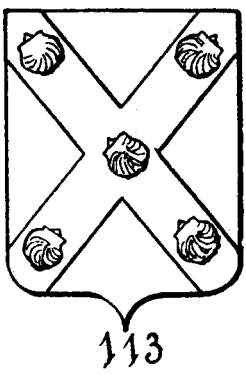
117 – Está na Torre de D. Chama, feito em gesso, na fachada da casa de D. Maria da Glória de Morais Sarmento, natural de Vilar de Ouro,


109

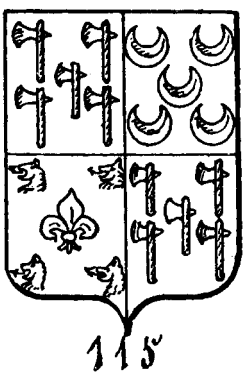

110

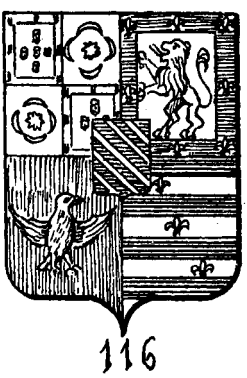
111

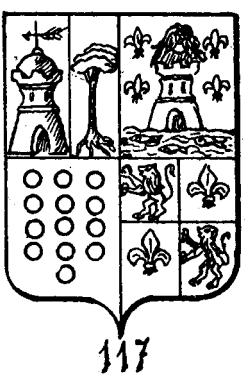

112


113

114


115


116


117

mulher do doutor médico José Alves Ferreira, e foi copiado do que existia na casa de Vilar de Ouro, à qual pertencia o morgado da Teixugueira em Alfândega da Fé. No 1º quartel as armas dos Lagos e no 4º as dos Madureiras. Ver nº 144.

Tó – Na casa de Tó, concelho do Mogadouro, mandada construir por Francisco Casimiro de Morais Carvalho Machado (pág. 721), nunca foi colocada a pedra de armas que lhe destinava, a qual se encontra agora na capela da família, no Mogadouro, pertencente ao doutor Casimiro Henrique de Morais Machado, neto do fundador da casa de Tó. Ver pág. 477.

118 – Está em Tralhariz, concelho de Carrazeda de Ansiães, na fachada da casa de Cândido Frias. Nos 1º e 4º quartéis as armas dos Borges; no 2º as dos Pimentéis.

119 – Está em Travanca, concelho de Macedo de Cavaleiros, na casa de D. Maria Teresa de Moura, mãe do falecido agrónomo José António de Moura Pegado (pág. 255). No 1º quartel as armas dos Araújos; no 2º as dos Borges, no 4º as dos Sarmentos, com a anomalia de quatro besantes na primeira facha. Disseram-me que este escudo viera de Frechas, da família Araújo Borges.

120 – A mesma casa de Travanca tem capela com porta para a rua e na fachada o escudo nº 120.

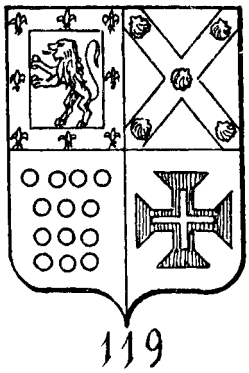
121 – Está na mesma povoação de Travanca, no frontispício da casa de Álvaro Pegado de Sousa Barroso (pág. 255), que fez transportar este escudo da casa de Mascarenhas, pertença de seus maiores. No 1º quartel as armas dos Sarmentos, apresentando na 1ª facha o besante que costuma estar na última; no 2º as dos Sousas do Prado; no 3º as dos Teixeiras (?); no 4º as dos Barrosos.

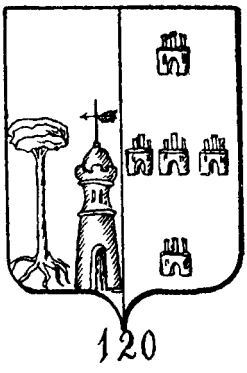
122 – Está em Tuizelo, concelho de Vinhais, na fachada da casa Bacelar. Armas dos Pintos.

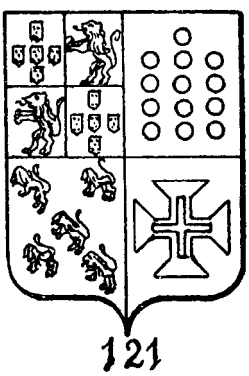
Vale de Lagoa. Álvaro Pegado de Sousa Barroso (pág. 255) possui uma carta em pergaminho de brasão de armas, iluminada concedida em 1762 a José Caetano Reimão e Meneses, seu parente. O escudo é idêntico ao nº 70, e por isso o não apresentamos. No 1º e 4º quartéis as armas dos Meneses; no 2º e 3º as dos Reimões. Ver pág. 491.

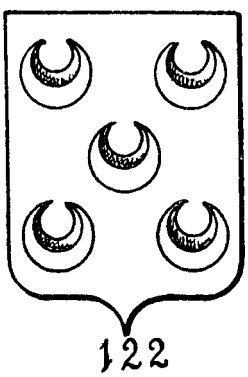
123 – Está na antiga vila de Vale de Prados, concelho de Macedo de

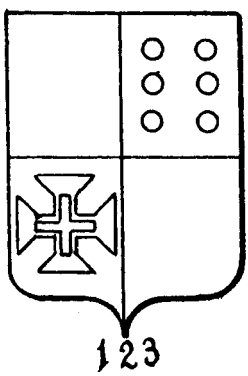
118

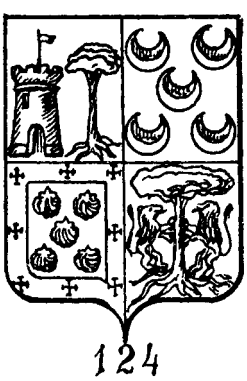

119

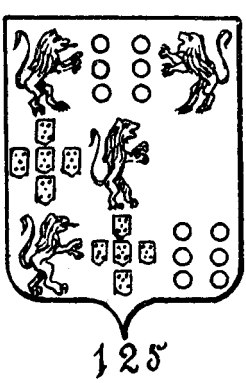

120


121


122


123


124


125

126

Cavaleiros, no frontispício da casa de Augusto César de Castro Pereira, sogro do ex-Ministro da Justiça, por mais de uma vez, doutor Artur Alberto Camacho Lopes Cardoso, distinto bragançano. No 1º quartel as armas dos Castros bastardos; no 4º as dos Pereiras. As dos outros quartéis não se percebem.

124 – Está em Vale de Salgueiro, concelho de Mirandela, na casa do capitão de artilharia Francisco Xavier Pavão de Morais Pinto Pimentel. No 4º quartel as armas dos Pimentéis com a orla das cruzetas. Ver nº 4 na pág. 495.

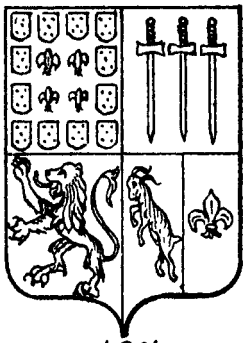
125 – Está na mesma povoação de Vale de Salgueiro na casa de uma tia do capitão Francisco Xavier Pavão de Morais Pinto Pimentel, acima mencionado. Nota-se neste escudo a singularidade de não apresentar divisões.

126 – Está em Vale de Telhas, concelho de Mirandela. É dividido em pala: na da direita as armas dos Cardosos; na da esquerda as dos Pinheiros com uma brica por diferença. Ver pág. 495. Na mesma povoação de Vale de Telhas há uma casa, tipo manuelino, e na verga de uma janela um círculo e dentro dele uma cruz cantonada de quatro cruzetas. Brasão de armas? A casa pertence a António de Matos.

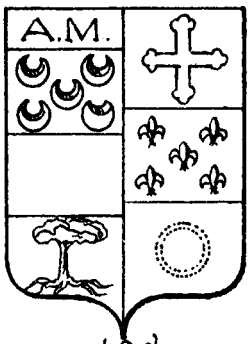
127 – Está em Alfândega da Fé, na sala de visitas de Francisco José Lemos de Mendonça, genro de D. Isabel Manso, viscondessa de Vale Pereiro (pág. 495), que o trouxe da Bemposta, concelho do Mogadouro, e, segundo dizem, pertencia aos Telos Caldeiras, de Vila de Ala (pág. 496), seus ascendentes. Dizem que esses Telos Caldeiras descendem do rijado na caldeira pelos castelhanos em Badajoz; mas já antes da batalha de Aljubarrota havia o apelido Caldeira em Portugal, e nem no brasão há os emblemas dos Telos nem dos Caldeiras.

Vale Benfeito. No frontispício da casa de António Bernardino Pereira de Oliveira, em Vale Benfeito, descendente dos morgados Oliveiras, de Macedo de Cavaleiros, há um escudo idêntico ao nº 71 e por isso o não apresentamos.

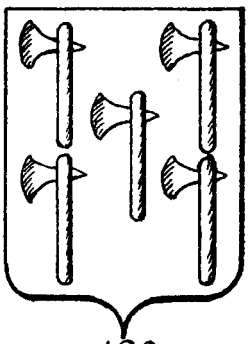
128 – Está em Vila Flor, na fachada da casa de José Cardoso Pereira Rebelo de Meneses, que a herdou do arcebispo de Larissa, D. João Rebelo Cardoso de Meneses. No quartel em branco não se percebem os emblemas e o círculo no último quartel da direita representa o anel dos Meneses. Pela árvore talvez quizessem indicar os Cardosos, mas ficaram aquém.



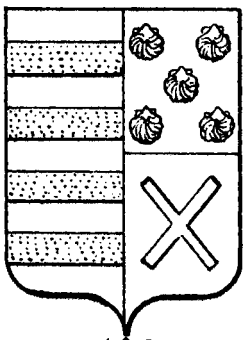
127



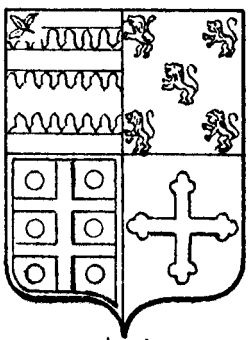
128



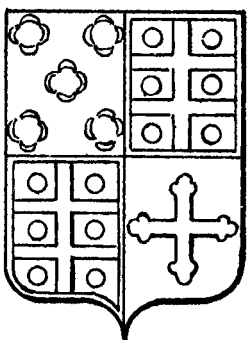
129



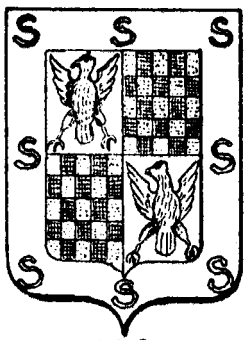
130



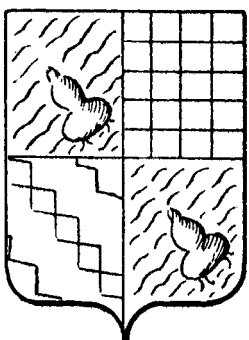
131



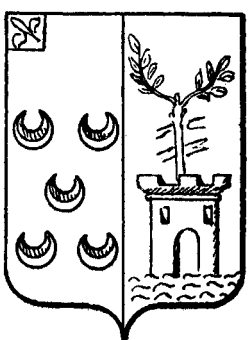
132



133



134



135

129 – Está em Vila Flor, num pequeno oratório pertencente aos herdeiros do doutor Alexandre Manuel Ferreira Álvares Pereira de Aragão (pág. 503) que me disse viera dos ascendentes da sua família de Algoso.

130 – Está em Vila Flor, em campa de granito na igreja paroquial acompanhado da seguinte inscrição:

S.
DE MAN
OEL MA
CHADO

131 – Está em Vila Flor, na fachada do palacete da família Montes Pinto de Lemos, hoje representada por António Augusto de Vasconcelos Pinto de Lemos. Os emblemas do primeiro quartel não estavam bastante nítidos e provavelmente são carneiros e não leões.

132 – Está em Vila Flor, na fachada do palacete da família Montes Pinto de Lemos. No segundo quartel as armas dos Lemos.

133 – Está em Vila Flor, no arco da capela de Nossa Senhora da Piedade na igreja paroquial. Armas dos Sampaios.

134 – Está em Vila Flor, na campa de granito de uma sepultura da capela de Nossa Senhora da Piedade na igreja paroquial, de que se fala no número anterior, acompanhado pela inscrição que damos na pág. 436.

Na pedra o escudo está posto de ilharga, isto é, em posição oblíqua ou inclinada, não acusada na figura por conveniência gráfica. De todos os escudos do distrito de Bragança só este e o nº 29 têm posição oblíqua, que, a nosso ver, indica bastardia, apesar de muito boa gente o não entender assim. Ver o IV vol. destas *Memórias,* págs. 232 e seguintes.

135 – Está em Vila Flor, no frontispício de uma casa. A árvore sobre o castelo da pala da direita indicará Morais? Ver o que dizemos a propósito do nº 161.

136 – Está em Vila Flor, na casa que foi de António Maria de Morais e Castro Cardoso, último capitão-mor desta vila.

137 – Está em Vila Real, na fachada do palacete da casa do Arco, pertença da família Bacelar (págs. 28, 163, 521 e 733). No 3º quartel em volta

da torre há quatro flores-de-lis, duas de cada lado, não acusadas na gravura, e peixes junto à base da torre. Armas dos Lagos.

[138 – Na edição original falta a descrição deste escudo-de-armas, assim como qualquer referência quanto à sua localização. A sua leitura heráldica seria a seguinte: escudo esquartelado – 1º e 4º quartéis, Bacelar; 2º, Pinto; 3º, Sarmento].

139 – Está em Vilar de Ossos, concelho de Vinhais, na fachada do palacete da família Bacelar (págs. 28, 163, 521 e 733).

140 – Copiado de um anel de ouro usado pelo pai do doutor José Vaz de Sousa Pereira Pinto Guedes Bacelar (pág. 524).

141 – Está em Vale Melhorado, na fachada do palacete da família Bacelar (págs 28, 163, 521 e 733). No 2º quartel parece tratar-se das armas dos Ribeiros e dos Homens; no 4º advertindo que os crescentes estão unidos dois a dois em forma de 3 com a abertura para cima, como os do nº 60. Os quartéis em branco não se percebem.

A propósito do escudo desta família, existente na casa da Bouga, ver o que dizemos na nota correspondente ao nº 53. Também a esta família pertence o escudo nº 34 e outro, que não damos gravado, num carimbo da casa, que é esquartelado, tendo no primeiro quartel as armas dos Pintos; no 2º e 3º quartéis as dos Bacelares e no 4º as dos Sarmentos. Ao todo sete brasões.

142 – Está em Vilar do Monte, na casa da família Sousa Freire Pimentel. Informações do doutor António Henrique de Figueiredo Sarmento.

143 – Está em Vilar de Ouro, anexa de Soutelo Mourisco, concelho de Macedo de Cavaleiros, na casa que foi de José Maria Pinto de Morais Sarmento e hoje pertence, por compra, a Maria José de Morais. Informações de Benjamim César de Morais, pároco de Soutelo Mourisco.

144 – Está na mesma povoação de Vilar de Ouro, na casa que herdou de seus maiores D. Maria da Glória de Morais Sarmento, agora residente na Torre de D. Chama. Quando tratamos do escudo nº 117, dissemos, por informação colhida *in loco,* que fora copiado do nº 144; é porém evidente que as informações que nos deram na Torre de D. Chama claudicam neste ponto. Informações do mesmo pároco. O besante isolado que aparece na pala do meio está no escudo na primeira da direita, se bem que a gravura por equívoco o não apresenta nesse lugar.

Vila Franca. Ver nota correspondente ao escudo nº 109.

145 – Está em Vilarelhos, concelho de Alfândega da Fé, na fachada do palacete do morgado desta povoação (pág. 526) por cima da porta da capela.

Há ainda em Vilarelhos outra casa brasonada pertencente aos herdeiros de Manuel da Costa Pessoa, irmão do 3º Conde de Vinhais (pág. 611), mas está em ruínas. Informações de João Baptista Vilares, professor de Sambade.

146 – Está nos Vilares da Vilariça, concelho de Alfândega da Fé, na fachada da casa da antiga família de Leopoldo Reimão de Magalhães. Informações de João Baptista Vilares, professor de Sambade

O *Portugal Antigo e Moderno,* artigo «Vilar de Baixo», diz que em Vilares da Vilariça há três edifícios brasonados: um pertence a Manuel Joaquim de Sousa Pimentel, capitão-mor de Alfândega da Fé; outro a Manuel Caetano Reimão e outro a José Saraiva de Almendra.

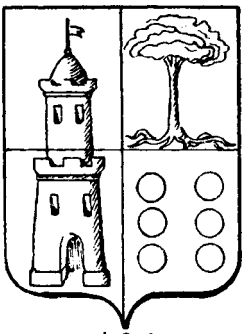
É possível que este último fosse o que estava numa quinta, antiga propriedade dos Távoras, que foi picado em virtude da sentença condenatória e ultimamente fizeram da pedra uma pia para comerem os porcos. O do Reimão será o nº 146. E o terceiro será o do Pimentel, que se encontra aberto em talha na capela-mor da igreja paroquial que tem efectivamente numa pala as armas dos Pimentéis e na outra umas flores que mal se percebem.

147 – Está em Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, na quinta de Lobazim, pertencente ao doutor Manuel de Castro Pereira Teixeira Lobo Pizarro. No 2º quartel as armas dos Castros, com a anomalia de o besante isolado estar no meio da pala central. No 4º as armas dos Mesquitas.

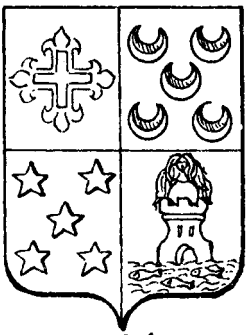
O mesmo possui também casa brasonada na quinta das Portas da Vila, em Vila Real, onde se vêem as armas dos Sousas, Lobos, Pintos e Sampaios.

A mesma família possuía também outra casa brasonada em Vilarinho da Castanheira, mas vendeu-a e mandou picar as armas *para não irem para um pastor,* diz a tradição. O pastor que pelo seu trabalho honrado se habilita a comprar casa brasonada é bem mais digno do escudo do que muitos fidalgos que, por má administração, vinho, batota, orgia e amores fáceis, arruinaram nobres solares. É certo que aos Pizarros de Lobazim não tem aplicação o conceito.

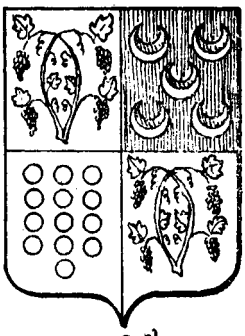
148 – Está em Vilar Chão, concelho de Alfândega da Fé, na casa do marechal de campo Ferreira de Aragão Cabral (pág. 520). Informações de João Baptista Vilares, professor de Sambade.



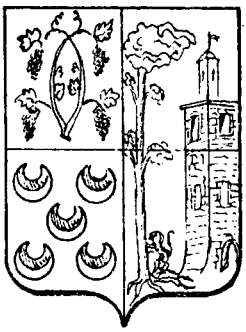
136



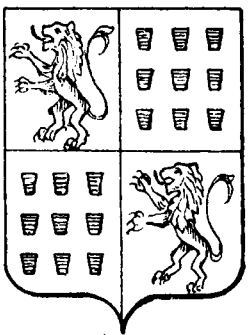
137



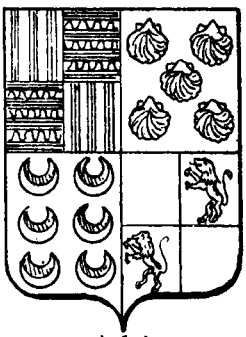
138



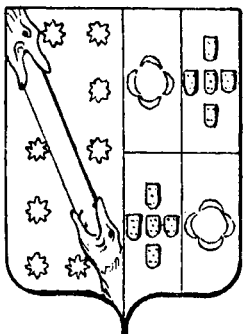
139



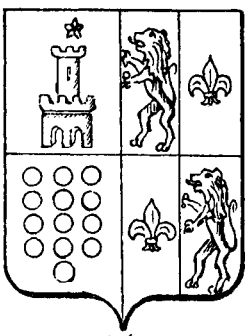
140



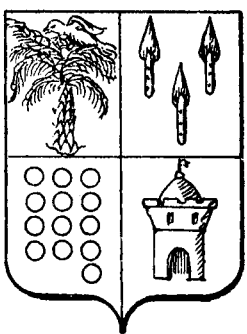
141



142



143



144

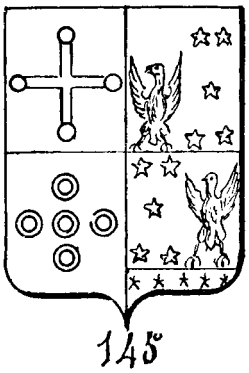
149 – Está em Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, na casa de Joaquim Pereira Marcos, que dizem ter pertencido ao major Manuel Velho de Azevedo Lobo. Informações dos estudantes da mesma povoação Alberto dos Anjos Cordeiro e Belarmino Augusto Cordeiro.

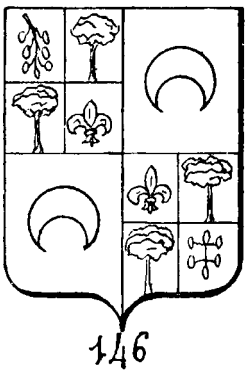
150 – Está em Vilarinho da Castanheira, na casa fundada pelo capitão-mor Manuel António Pimentel e Castro, hoje pertença de D. Maria Gomes Ferreira. Há ainda na mesma vila outra casa brasonada pertencente a José Albano Cordeiro, que dizem fora de um coronel de cavalaria. O escudo é dividido em seis quartéis: no 1º as armas dos Morais; no 2º cinco fachas que não alcançam os lados do escudo e estão divididas ao meio por uma pala; no 3º cinco estrelas de cinco pontas; no 4º cinco crescentes em santor; no 5º um leão rompante; no 6º treze besantes, sendo quatro na primeira facha. Informações dos dois estudantes acima citados.

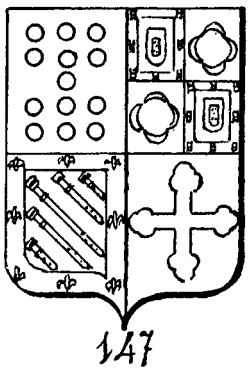
151 – Está em Vilarinho de Agrochão, concelho de Macedo de Cavaleiros, num belíssimo e barbarissimamente desbaratado palacete que foi um mimo de gosto e de elegância. Disseram-me que esta casa fora mandada fazer por um capitão-mor e seus descendentes que ainda hoje vivem no povo, em tristes mansardas; deixaram-na arruinar por não se acordarem na partilha. Foram-lhe levando à formiga, telhas, tábuas, traves, caibros, deixando apenas de pé as paredes nuas. Uma dor de alma! A fachada é imponente – tudo granito lavrado à fiada – seis grandes janelas, balcão ao centro e sobre ele o escudo ornado a primor em lavrados D. João V. Faceando com a fachada do palacete a capela destelhada e o retábulo – uma joia de talha – vendido a um amador por uma insignificância!

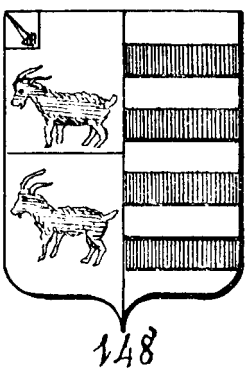
Que pena!... Como o selvagismo bandalho, a estupidez ruim e invejosa chega a tanto!! E ninguém se lembra de aproveitar aquilo enquanto não desaba de todo, ao menos para uma escola! E não há um novo-rico com gosto que converta aquilo em vivenda, e principesca que era, de veraneação!!! E vão levar à Suíça e a outros pontos rios de dinheiro, anchos dos panoramas mundiais que conhecem, sem se envergonhar de desconhecer a própria terra!!!

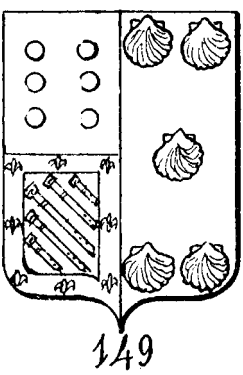
No tecto da sacristia da igreja paroquial de Vilarinho de Agrochão está pintado um escudo com as armas dos Doutéis, segundo aparecem no distrito de Bragança, isto é, uma flor-de-lis entre duas palas de besantes, três em cada uma. À laia de timbre tem o apelido Doutel. No tecto da sala da residência paroquial (pag. 199) há outro escudo com as armas dos Doutéis pelo mesmo teor na pala da direita, tendo na da esquerda as dos Morais e em chefe e contra chefe o nome Doutel.

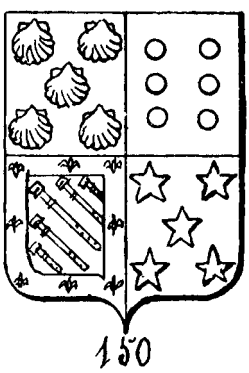

145

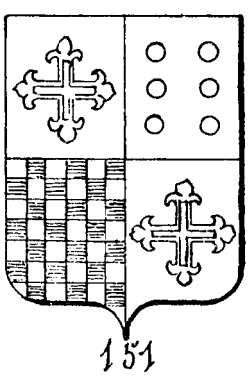

146

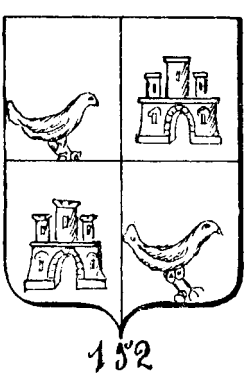

147

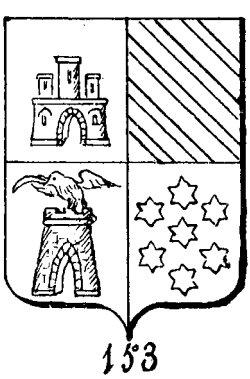

148


149


150


151


152


153

O doutor Francisco de Morais Doutel foi abade de Vilarinho de Agrochão pelos anos de 1736-1746 (págs. 679 e 683).

152 – Está em Vilas-Boas, concelho de Vila Flor, na casa do coronel de cavalaria António de Macedo Vasconcelos, hoje representado por D. Rita da Costa Pessoa, da família dos Condes de Vinhais, ramo de Vilarelhos. Informações do cónego Abel Pires.

153 – Está na mesma povoação de Vilas-Boas, na antiga casa da Câmara Municipal dessa vila e do Tribunal, hoje pertencente por compra a Casimiro António Evaristo. A ornamentação em volta do escudo é formado por uma panóplia como a descrita nos n.os 53 e 78. Informações do cónego Abel Pires. Há ainda em Vilas-Boas, no frontispício de uma capela um escudo aberto em cantaria que tem por armas uma torre com uma ave em cima e uma casa, encontra-se repetido o mesmo escudo em madeira no altar-mor da capela que pertence à família de Manuel Augusto Teixeira de Castro, coronel reformado, residente em Bragança, onde casou, filho de José Vicente Teixeira de Castro. Informações do pároco Abílio Ferreira.

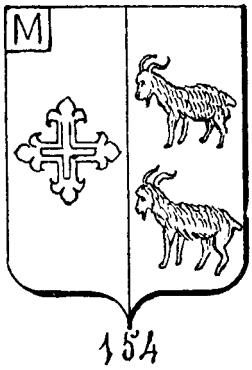
154 – Está no Vimieiro, concelho de Mirandela, na casa pertencente à família Sousa Freire Pimentel, de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros. Informações do Doutor António Henrique de Figueiredo Sarmento.

155 – Está no Vimioso, na casa da família Gonçais, mas as armas correspondem aos apelidos Ferreiras e Almeidas. Informações do Padre Manuel José da Ressurreição Palmeiro.

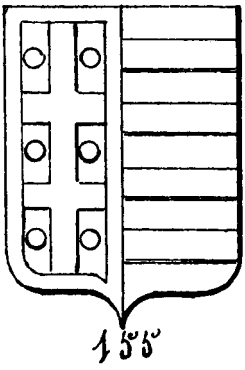
156 – Está no Vimioso, na casa da família Morais Carvalho, mas os emblemas acusam Antas e Morais. Informações do mesmo Padre Palmeiro.

157 – Está no Vimioso, na casa da família Mendes Antas cujas armas simboliza. Informações do mesmo Padre Palmeiro.

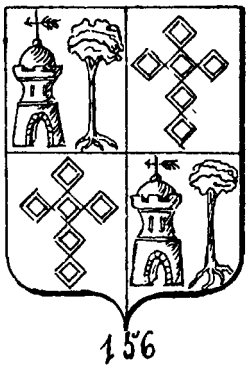
158 – Está em Vinhais, no cemitério de São Facundo em campa de granito pertencente à família Costa Pessoa (Costas na pala da esquerda e Pessoas na da direita). Idêntico escudo apresenta a fachada do palacete da mesma família (condes de Vinhais) na Rua Nova da vila. Pintado a tinta de óleo na parede da igreja de São Facundo, contígua ao cemitério do mesmo nome, no vão de um arco de tumba sepulcral metida na parede há um escudo esquartelado tendo nos 1º e 4º quartéis as armas dos Ferreiras, no 2º as dos Morais e no 3º as dos Sarmentos.



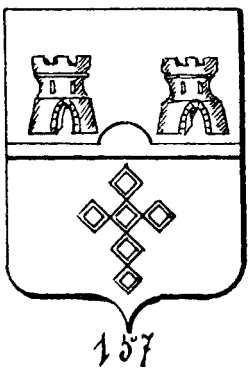
154



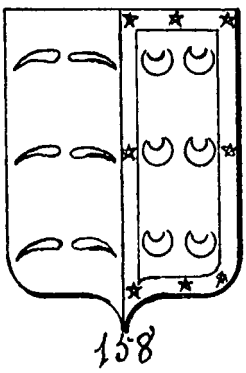
155



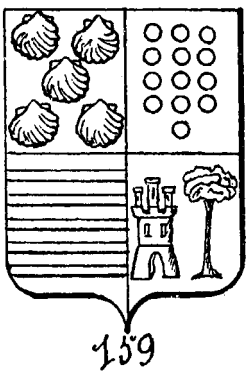
156



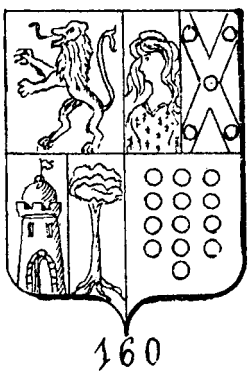
157



158

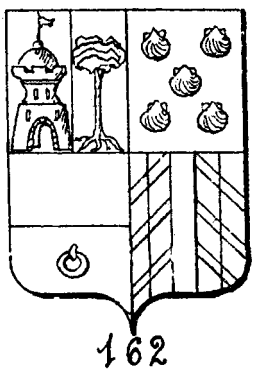


159



160

161



162

No mesmo vão do arco há o letreiro de José Sarmento, que dou na pág. 624. Logo abaixo desta igreja, no bairro que lhe fica perto, há uma casa apalacetada muito deteriorada, construída originariamente com esmero e dispêndio, pertencente hoje ao morgado Manuel José Pereira Sarmento, residente nas Aguieiras, a qual tem na fachada um escudo idêntico ao atrás referido, pintado a óleo.

A este mesmo morgado pertencia pelos anos de 1890 a casa brasonada à entrada da vila onde está a inscrição referente ao general Pantoja (tomo I destas *Memórias,* pag. 112). O escudo apresenta só as armas dos Morais, tantas vezes aqui repetidas.

159 – Está em Vinhais, na fachada da casa pertencente, por compra, à família do falecido padre João de Deus Fernandes, prior de Santa Maria de Bragança e vigário capitular da diocese. É idêntico ao nº 36, tendo a mais a pender dele a cruz de Cristo, não acusada na figura por conveniência gráfica. Pertenceu ao ramo dos Ferreiras (Calaínhos) de Bragança, ramificado para Vinhais.

160 – Está em Vinhais, na fachada do palacete da família Campilho (pág. 617). A esta família pertence uma salva armoriada de prata que apresenta um escudo sensivelmente idêntico a este, a não ser que lhe falta a figura de mulher (armas dos Barretos?) e o 2º quartel é axadrezado. Em Vinhais, no pavimento da capela-mor da igreja de São Francisco, em campa de mármore branco, acompanhado da inscrição que dou na pág. 615, há um escudo dividido em pala, tendo na da direita as armas dos Sarmentos e na da esquerda as dos Morais. É notável pela anomalia, pois apresenta catorze besantes em vez de treze sendo quatro na primeira facha, e na dos Morais apresenta a torre em cima da amoreira! Deve-se confessar que os do nº 135 andaram com mais juízo, porque embora errassem na disposição dos emblemas, pelo menos colocaram a amoreira em cima da torre. Que dores de cabeca não causa a interpretação de extravagâncias desta ordem, quase indecifráveis, se os letreiros que as acompanham não elucidassem!

161 – Está em Zedes (pág. 627), na fachada do palacete da família Morais da Mesquita. No 1º quartel as armas dos Pimentéis com a orla das cruzetas bastante rara nos escudos do distrito de Bragança.

162 – Está em Zedes, na capela contígua ao palacete da mesma família. Apresenta o anel dos Meneses e no quartel em branco já se não percebem os emblemas por gastos.

São estes os escudos que há no distrito de Bragança, não contando os das vilas e cidades cabeças de concelho; pelo menos não soube de outros apesar das muitas diligências que empreguei.

ADENDA

BAGUEIXE

João Fernandes Ferreira, presbítero, natural de Quintela de Lampaças, era administrador em 1731 de uma capela com vínculo sita em Bagueixe e requereu para trocar os bens por outros.

COELHOSO

1º Doutor João Manuel Pires Dinis (pág. 709), em alguns documentos aparece José, casado com D. Rita Maria Martins da Rocha, natural de Coelhoso. Teve:

2º D. Maria Antónia Dinis da Rocha, de Coelhoso, que casou com José Manuel Martins, de Grijó de Parada. Teve:

3º António Manuel Martins da Rocha, tenente-coronel de cavalaria, que nasceu em Coelhoso a 13 de Dezembro de 1829 e faleceu a 22 de Fevereiro de 1913, tendo casado com D. Rita de Cássia Vieira, nascida em Bragança a 27 de Março de 1832, filha de Francisco José Vieira, natural do Porto, e de D. Amélia Carolina Vieira, de Bragança (Sé); neta paterna de Francisco Vieira, do Porto, e de D. Maria do Carmo Vieira, do Porto, e materna de Manuel Fernandes Igreja, de Bragança [839], e de D. Maria Joaquina de Morais Sarmento, de Bragança. Teve:

I. *Jaime Augusto Vieira da Rocha,* nascido em Bragança a 15 de Julho de 1867, coronel de artilharia de reserva, comandante da base de operações no distrito da Zambézia em 1897, director da fábrica de pólvora de Barcarena, governador civil de Viana do Castelo, em 1921, cavaleiro da Ordem da Torre Espada, de S. Bento de Avis, com grande folha de serviços no Ultramar, onde desempenhou honrosas comissões. Diremos dele mais largamente no VII vol. Casou com D. Beatriz Aiola de Sales Ferreira, de São Tomé. Com geração.

II. *Filipe Trajano Vieira da Rocha,* que nasceu em Castelo Branco a 24 de Maio de 1869, capitão de fragata. Fez parte da campanha de Lourenço

(839) Manuel Fernandes Igreja era natural desta minha povoação de Baçal, embora em alguns documentos venha mencionado como de Bragança, segundo o costume de englobar nas sedes concelhias quanto pertencia às povoações das mesmas. É hoje sua representante em Baçal Maria dos Prazeres Esteves, viúva de Albino Augusto Fernandes, neta do padre José Joaquim Fernandes (de alcunha o *Vermelho,* por ser muito corado), nascido em 1815 e falecido em 1892, da qual são filhos, entre outros, Adozinda Fernandes, casada com Manuel António Alves.

Marques em 1894-95 contra o Gungunhana; foi louvado mais de uma vez por serviços náuticos durante a Grande Guerra; comendador da Ordem da Torre Espada; cavaleiro da Ordem de S. Tiago, da Estrela de Itália, da de L'Étoile Noire, francesa e da americana de distintos serviços. Casou com D. Josefa Montenegro Soto Pinedo Gusmão, natural de Jerez de la Frontera.

III. *Ernesto Maria Vieira da Rocha,* que nasceu em Évora a 18 de Outubro de 1872, general de cavalaria, ministro da Guerra em 1922, segunda vez em 1924 e terceira em 1925, donde transitou para o ministério das Colónias, e director da arma de cavalaria. Louvado pelos bons serviços na campanha contra os Namarraes em 1897, na de Gaza, na de Angola em 1915, louvado várias vezes tanto por serviços militares como por feitos tácticos de inteligência. Comendador da Ordem da Torre Espada, Grã-Cruz da Ordem de Cristo, da de Avis, da Ordem Militar, distintivo branco, de Espanha. Tomou parte na campanha dos Namarraes (1897) onde foi ferido, na de Gaza (1898) onde foi também ferido, na do Sul de Angola (1914-1915) e na Grande Guerra em 1918. É grande a folha dos seus serviços e longa a lista das medalhas e condecorações do general Vieira da Rocha, de que só apontamos as principais.

Mais alguns esclarecimentos referentes aos Vassouras, fornecidos pelo padre Camilo Cordeiro, actual pároco de Águas Frias, concelho de Chaves. O ultimo morgado Vassoura, de nome José, morreu em Águas Frias, para onde fora desterrado, sendo herdeira dos bens do morgadio sua prima D. Marcelina da Rocha Fernardes Pimentel, filha de Francisco Xavier da Rocha, irmã de um padre Rocha, pároco de Roriz, concelho de Chaves, falecido na Castanheira haverá sessenta anos, mas enterrado em Roriz, casada com o doutor Francisco José de Morais Castro Lobão, da Castanheira, concelho de Chaves, de quem teve: Francisco e D. Adelaide, que morreram solteiros, e D. Maria, gue casou em Santo Estêvão, concelho de Chaves. Um seu filho casou em Vila Verde da Raia, concelho de Chaves, de cujo enlace houve numerosa e distinta família.

O padre Domingos Neves Pavão, de Coelhoso, foi despachado abade de Selas em 1737.

MACEDO DE CAVALEIROS

ANTÓNIO RODRIGUES, abade de Martim, natural de Macedo de Cavaleiros, requereu em 1597 licença para fazer uma capela em Macedo de Cavaleiros, contígua às suas casas de moradia, dedicada a Nossa Senhora

do Rosário, a que fez doação de bens para sua fábrica. Vínculo de morgadio?

O requerimento e escritura da doação de bens estão cosidos a vários processos de concursos paroquiais para a igreja de Quirás.

MIRANDA DO DOURO

Inácio Teodoso Rodrigues de Santa Marta Soares, provedor da comarca de Miranda do Douro, requereu em 1777 dizendo: que tendo-lhe falecido sua filha primogénita D. Ana Maria de Santa Marta a 12 de Outubro desse ano e sendo enterrada na Sé, perto do altar de Nossa Senhora da Alegria, junto à sepultura do governador da mesma cidade Diogo de Morais Pimentel, pede para lhe ser dada como exclusivo da sua família a sepultura de sua filha, mediante a paga combinada, pois tencionava colocar na campa as suas armas e um letreiro. D. Maria Bernarda Isabel de Morais Sarmento, mulher do requerente Santa Marta Soares, já era falecida em 1799 e sua família tinha sepultura também particular na Sé de Miranda.

PARADINHA VELHA

António Lobo de Macedo Pereira, fidalgo da Casa Real, morador na Paradinha Velha, concelho de Bragança, alegou em requerimento, em 1735, que sua mulher tinha um *estrado* na igreja matriz para se assentar ela e família, por concessão do bispo D. João Franco de Oliveira, mas como o bispo ao tempo proibira em Portugal tais *estrados* a quem não tivesse licença para usar deles, pretendia justificar o seu direito. Obteve despacho favorável.

DEVOTADOS REGIONALISTAS QUE NOS AUXILIARAM COM INFORMAÇÕES E BONS SERVIÇOS PARA ESTE VOLUME

Tomás António Salgueiro Fragoso, governador civil do distrito de Bragança.

Raúl dos Santos Ribeiro de Sampaio, de São Jorge (Favaios).

Eduardo Vaz de Quina, de Argozelo (Vimioso).

Afonso de Castro Monteiro, de Lisboa.

Padre Manuel Pereira, secretário da Câmara Eclesiástica de Braga.

António Eugénio de Carvalho e Sá, engenheiro, de Moncorvo.

José Manuel Miranda Lopes, prior de Argozelo.

Manuel José da Ressurreição Palmeira, pároco de Donai (Bragança).

Ernesto Augusto Pereira Sales, antigo capelão militar (Lisboa). Publicista.

Alberto de Morais Carvalho, general (Lisboa).

Francisco de Moura Coutinho, director da Agência do Banco de Portugal em Bragança e agora em Viseu.

José Augusto Tavares, abade de Carviçais (Moncorvo). Publicista.

D. Maria Olímpia de Mendonça Machado de Araújo, de Barcel (Mirandela).

João Eduardo Evangelista Sampaio de Mariz e Castro, pároco de Vinhais.

Joaquim Peres, pároco de Frechas.

D. Maria Ermelinda Ferreira, professora de Babe (Bragança).

Vicente Carneiro, abade de Podence (Macedo de Cavaleiros).

António Henrique de Figueiredo Sarmento, de Vilar do Monte (Macedo de Cavaleiros), aluno da Universidade de Coimbra.

Carlos Figueiredo, de Bragança.

Arnaldo Augusto de Morais Pimentel, advogado em Alfândega da Fé.

João de Deus Martins Manso, da Guarda.

Júlio Augusto Afonso, pároco de Remondes (Mogadouro).

António Neto, professor de Vilar Seco de Lomba (Vinhais).

Luciano José de Morais Sarmento e Vasconcelos, capitão do exército (Lisboa).

D. António Pedro Maria da Luz de Sampaio e Albuquerque de Mendonça Furtado Melo e Castro da Silva da Torre Moniz de Lusignan, conde de Sampaio (Lisboa).

Álvaro Pegado de Sousa Barroso, de Travanca (Macedo de Cavaleiros).

D. Alexandrina Augusta Ferreira Sarmento (Algoso).

Dr. Pedro Vicente de Morais Sarmento Campilho (Vinhais).

D. Guilhermina Ferreira Sarmento, religiosa Doroteia (Vila do Conde).

Dr. António dos Santos Vila, Lisboa.

Dr. Francisco de Barros Ferreira Cabral (Samaiões, concelho de Chaves).

Dr. António Francisco de Meneses Cordeiro, de Saldonha (Alfândega da Fé).

Serafim Cardoso Pimenta, tenente do exército.

José António Rodrigues Horta.

Francisco Manuel da Rocha, pároco de Coelhoso.

Dr. Pedro Vitorino, conservador do Museu Municipal do Porto.

Fulgêncio Lopes da Silva, primeiro oficial da Biblioteca Municipal do Porto.

Abel Pires, cónego da Sé de Bragança, pároco de Samões, presidente da Comissão Executiva Municipal de Vila Flor, a quem devo muito preciosas informações.

Dr. Casimiro Henriques de Morais Machado, de Mogadouro.

Alberto dos Anjos Cordeiro, estudante, de Vilarinho da Castanheira.

Belarmino Augusto Cordeiro, estudante, de Vilarinho da Castanheira.

Dr. João Carlos de Noronha, de Vila Flor.

Benjamim César de Morais, pároco das Aguieiras.

João do Nascimento Pires, de Urrós (Mogadouro).

Dr. Raúl Manuel Teixeira, Juiz de Direito, natural de Bragança.

Dr. Vítor Maria Teixeira, de Bragança.

Dr. António Augusto Pires Quintela, professor do Liceu de Bragança.

José António Furtado Montanha, director da Agência do Banco de Portugal em Bragança.

A estes quatro beneméritos regionalistas ultimamente mencionados devo, além de valiosíssima cooperação mental, auxílio máximo moral e material. São eles os grandes Mecenas, a alma desta publicação, bem como os Drs. António Francisco de Meneses Cordeiro e José Vaz de Sousa Pereira Pinto Guedes Bacelar.

António Faria, tenente do exército.

Amadeu de Sá Morais, tenente do exército. Além do mais, deve-lhe o Museu Regional de Bragança a ara do deus Aerno, preciosidade única, de que se não conhece outro exemplar em todo o mundo.

José João Calado, estudante, de Morais.

José Maria Machado, estudante, de Fradizela.

Albano Augusto Pereira de Oliveira, de Macedo de Cavaleiros.

Francisco Manuel de Matos, professor primário, de Vale Frechoso.

Domingos Manuel Pires, pároco de Castelãos.

Abílio Ferreira, pároco de Vilas Boas.

Dr. Armando Santos Pereira, médico (Porto).

Pelo corpo do volume vão citados vários outros.

CORPORAÇÕES ADMINISTRATIVAS QUE CONCORRERAM PARA A PUBLICAÇÃO DESTE VOLUME

JUNTA GERAL DO DISTRITO DE BRAGANÇA

Francisco António Carneiro, coronel, presidente.
Dr. Adérito Jaime Mendes Madeiro.
José Luís da Cruz, tenente.
Acácio Augusto Mariano.
Ramiro Telmo Gomes Pereira.

CÂMARAS MUNICIPAIS

Bragança

Manuel Miranda Branco, capitão, presidente.
António Afonso Terroso.
Francisco dos Inocentes.
Francisco António de Moura Carneiro.
Guilherme Augusto.
Alípio Augusto Queirós.
Augusto José Machado.

Carrazeda de Ansiães

Manuel Maria Múrias, presidente.
Flaviano Lopes Monteiro.
Alfredo Elias de Morais Pimentel.

Freixo de Espada à Cinta

António Teixeira Monteiro, presidente.
Dr. António Augusto Rodrigues.
Francisco Maria Duarte.

Macedo de Cavaleiros

António Alexandre Pegado de Sousa Barroso, presidente.
João Francisco Vaz.
Tomás António da Costa.

Miranda do Douro

Dr. Joaquim Mendes Pereira, presidente.

Francisco Moreira.
Pedro Alcântara Martins.

Mirandela

Joaquim Maria Neto, presidente.
João António de Almeida.
Ilídio Alves Esteves.

Moncorvo

Emílio Augusto Barreiros, presidente.
Dr. Abílio Eugénio Pontes.
Abílio António de Campos.
Adriano Emílio Fernandes.
Jaime Machado.

Vinhais

Francisco Bernardo Gomes de Almendra, presidente.
Francisco António Lopes.
Francisco Silva.

Alfândega da Fé

António Manuel Vilares, presidente.
Carolino Abílio Urze.
António Joaquim Trigo.

Mogadouro

António Bernardino de Albuquerque, presidente.
António Augusto da Silva Calejo.
António Maria Calejo.
Manuel António Domingues.
Carlos Alberto Pires.

Vimioso

Padre Francisco Joaquim Neto.
Manuel José Lopes.
José Maria de Morais.
José Augusto Lopes.

Vila Flor

Concorreram, mas não mandaram os nomes dos membros, apesar de lhos pedir por mais de uma vez.

NOTAS DE REVISÃO

[1] É bem conhecida a tendência dos genealogistas até ao final do século passado, na generalidade dos casos, e, infelizmente, ainda de alguns autores dos nossos dias, para entrocarem a maioria das famílias em indivíduos que viveram nos períodos visigótico ou asturiano, de forma a remontar as suas origens a um momento anterior à invasão da Península Ibérica pelos Muçulmanos, ou aos primórdios da Reconquista. Contudo, e como ficou expresso no texto crítico do início do volume, também não se pode cair no extremo de negar qualquer hipótese de ligação de algumas famílias ao período medieval, incluindo as cronologias anteriores ao século XIV. E faço esta referência precisa, uma vez que também se encontra muito difundida a ideia, e a afirmação do Abade de Baçal que motivou esta nota é disso prova evidente, de que, mesmo quando se pode remontar a origem de uma família até à Idade Média, esta fica-se **pelo final da centúria de Trezentos**, ou seja, pela implantação da Dinastia de Avis (vd. nota crítica 3), também entendida como um período quase *mítico,* de abundantes nobilitações e despontar de novas linhagens, o que é, quanto a mim, mais um estereótipo historiográfico. Recorde-se, a este título que, no reinado de D. Manuel I, das 72 famílias representadas no célebre tecto da *Sala dos Veados,* ou dos *Brasões,* do Palácio Nacional de Sintra, 4 tinham origem régia mais ou menos recente (Noronha, Eça, Henriques e Manuel), 53 remontavam ao século XIII ou mesmo, em alguns casos, a centúrias anteriores, pelo que apenas 15 encontravam a sua origem (pelo menos documentalmente conhecida), no século XV.

[2] Pode entender-se esta opinião pouco favorável de Francisco Manuel Alves a respeito dos textos linhagísticos medievais, entre os quais se destacava, como é lógico, o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* – seguramente mais pela utilização abusiva que deles fizeram os genealogistas do que pelo seu trabalho directo com essas fontes –, muito embora ache que o Abade de Baçal, até como membro da Academia das Ciências, deveria ter dado mais atenção ao valor e ao reconhecimento que Alexandre Herculano lhes dispensou, ao

incluí-los na publicação dos *Portugaliae Monumenta Historica,* onde ocupam dois terços do volume dos *Scriptores.* E, com efeito, os estudos mais recentes que têm aproveitado aquelas fontes de uma forma mais ou menos sistemática, puderam comprovar a qualidade e o rigor das suas informações, confirmadas na generalidade dos casos, pela documentação coeva (Cfr. MATTOSO, José – *A Nobreza Medieval Portuguesa – a família e o poder.* 2ª ed. Lisboa: Ed. Estampa, 1987, p. 37-100; KRUS, Luís – *A Concepção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1388).* Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian – JNICT, 1994; VENTURA, Leontina – *A Nobreza de Corte de Afonso III.* Coimbra, 1992. 2 vol. SOUSA, Bernardo de Vasconcelos e – *Os Pimentéis. Percursos de uma Linhagem da Nobreza Medieval Portuguesa (Séculos XIII-XIV).* Lisboa, 1995; PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor – *Os Patronos do Mosteiro de Grijó (Evolução e Estrutura da Família Nobre – Séculos XI a XIV).* Ponte de Lima: Ed. Carvalhos de Basto, 1995, e *Linhagens Medievais Portuguesas. Genealogias e Estratégias (1279-1325).* Porto: Centro de Estudos de Genealogia e História da Família e Heráldica – Universidade Moderna do Porto, 1999. 3 vols.

[3] Tal como tinha referido na nota [1], o arranque da Dinastia de Avis é tradicionalmente tido como um momento de «*procreação fidalga*», fenómeno esse que, tal como se procurou demonstrar, deverá ser devidamente dimensionado. Um outro momento é o da Guerra Civil de 1245-1248, que levou à deposição de D. Sancho II e à entronização de D. Afonso III. Ao contrário, porém, do que se poderia supor, isto é, que daí resultara a nobilitação de uma série de indivíduos que passam a surgir com bastante destaque na corte do *Bolonhês,* o que na verdade ocorreu foi a ascensão de vários indivíduos ao topo da hierarquia nobiliárquica, como foi o caso de Rui Gomes de Briteiros ou de João Pires de Aboim, ou aos meios cortesãos, como Mem Soares de Melo, João Soares Coelho ou Fernão Fernandes Cogominho, procedentes de linhagens nobres de nível médio, mas nenhum deles foi «nobilitado» (cfr. VENTURA, Leontina – *ob. cit.,* vol. I, p. 399-508). Contudo, parece evidente que o século XIII assistiu a uma clara dinâmica nobiliárquica, especialmente a partir de meados da centúria, com o aparecimento, por exemplo, de «novas linhagens», ou, pelo menos, da sua afirmação como linhagens autónomas, fenómeno que, a meu ver, poderá estar mais ligado, por exemplo, ao abrandamento e conclusão da *Reconquista* – com a ascensão de alguns cavaleiros-vilãos à fidalguia? – do que directamente com as perturbações políticas acima referidas. No entanto, esta questão ainda não foi devidamente estudada para que se possa avançar uma resposta razoavelmente credível e segura.

[4] O Abade de Baçal não é aqui suficientemente rigoroso, uma vez que deveria falar das **duas** primeiras dinastias. Em primeiro lugar, porque os velhos Bragançãos foram substituídos pelos Chacins – linhagem que entroncava naqueles por via feminina, extinguindo-se ambas na passagem de Duzentos para Trezentos – e não pelos Braganças. Estes, como se sabe, e em segundo lugar, só surgem à frente do ducado de Bragança na década de 40 do século XV, além de que, tirando as áreas flaviense e brigantina, tinham uma expressão territorial na região trasmontana muito inferior à que exerciam no sul do

Reino (cfr. CUNHA, Mafalda Soares da – *Linhagem, Parentesco e Poder. A casa de Bragança (1384-1483)*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1990, p. 81-124), implantação possivelmente mais expressiva com os Sampaios ou os Távoras, linhagens manifestamente inferiores aos Braganças.

[5] A origem desta linhagem levanta vários problemas, e, tal como é dada no texto, enferma de várias inexactidões: primeiro porque os Machados não descendem de Mem Moniz, e depois porque não foi este o responsável pelo feito heróico, e como já veremos mítico, da abertura das portas de Lisboa (1147). Como é sabido esse «herói» chamou-se Martim Moniz de Cabreira, indivíduo que, de facto, está na origem dos Vasconcelos. Quanto ao seu «feito», de cuja veracidade já Herculano duvidara, não se coaduna com a cronologia em que terá vivido, uma vez que se sabe que o seu pai ainda estava solteiro em 1130 e que Martim não foi o filho primogénito. Sobre a origem dos Machados, e segundo o Livro de Linhagens do Conde D. Pedro, sabe-se que descendem de um filho bastardo de Maria Moniz, irmã de Martim, mas nem sequer se sabe o seu nome ou o de seu pai. De resto, é muito difícil entroncar alguns indivíduos de apelido Machado que aparecem na documentação de finais do século XIII, até porque as próprias fontes linhagísticas medievais são omissas quanto às gerações posteriores a Maria Moniz de Cabreira, omissão que, como seria de esperar, permitiu os mais delirantes exercícios de imaginação genealógica (sobre o pouco que se sabe a respeito das primeiras gerações desta linhagem, vejam-se os meus dois trabalhos indicados na nota [2] – Os Patronos (...), p. 217-222, e Linhagens Medievais (...), vol. II, p. 820-821, e a bibliografia ali referida).

[6] Pessoalmente nada tenho contra o aspecto pitoresco, e quantas vezes encantador, das tradições, mais lendárias umas do que outras. O problema é quando a lenda se cultiva ao ponto de ser assumida como verdade, especialmente quando é transmitida através de obras que tinham a obrigação de chamar a atenção para essas características. É o caso da referência aos cavaleiros de Alfândega da Fé, apelidados de Sá, Sequeira e Mesquita, companheiros de armas do Conde D. Henrique. Em primeiro lugar, já há muito que os muçulmanos tinham sido expulsos para sul do Douro, pelo que é uma grave inexactidão afirmar que o conde foi o responsável por essa acção. Em segundo lugar, os apelidos só começam a surgir com alguma regularidade na segunda metade do século XII – e apenas no âmbito das linhagens mais poderosas – mas especialmente na centúria seguinte. Finalmente, as três linhagens referidas terão surgido apenas no século XIII, e muito provavelmente a partir de meados da centúria. Em conclusão, as origens destas três famílias, seguramente muito veneráveis e honradas, não poderão nunca ser remontadas até aos finais do século XI ou inícios do século XII.

[7] Note-se que é sexta-neta de um casal que terá vivido na segunda metade do século XIV, e depois, em quatro/cinco gerações ascendentes, passa a décima-neta de Fernando I, o Magno (século XI) e undécima-neta de Ordonho I (século IX) !!!...

[8] Efectivamente não era fácil trabalhar com os livros de linhagens medievais,

fosse através da sua edição parcial pelo teatino D. António Caetano de Sousa, nas Provas à sua monumental História Genealógica da Casa Real Portuguesa, ou mesmo na sua edição integral que preenche quase dois terços do volume de Scriptores, dos Portugaliae Monumenta Historica, inestimável serviço que se ficou a dever à vontade de Alexandre Herculano. O problema da sua consulta – que anteriormente originava vários erros de interpretação, devido à forma quase caótica como o texto se encontrava editado – só ficou resolvido a partir de 1980, quando o Professor José Mattoso procedeu à publicação daquelas fontes, numa excepcional edição crítica: *Portugaliae Monumenta Historica – Nova Série*. Volume I – *Livro Velho de Linhagens* e *Livro de Linhagens do Deão* (Ed. por Joseph Piel e José Mattoso); Volume II (Tomos I e II) – *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (Ed. por José Mattoso). Lisboa: Academia das Ciências, 1980, 3 vol.

[9] Sobre esta linhagem, que descendia por via bastarda e feminina dos Braganções, e que na origem deveriam ser vassalos destes, atrevo-me a remeter o leitor para o meu trabalho Linhagens Medievais ..., vol. I, p. 241-250.

[10] Ainda a propósito de apelidos, convirá referir que Ladrão nunca foi apelido, nem mesmo alcunha, neste caso depreciativa. Parece-me antes tratar-se de uma corrupção de Ledrão, isto é, senhor da terra de Ledra, aumentativo utilisado com indivíduos poderosos de outras linhagens («o Sousão» ou o «Bragação»), ou mesmo extensivo à totalidade da linhagem, como é o caso dos Braganções, dos Sousãos ou Guedãos, todas elas muito antigas e poderosas (cfr. PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor – *Linhagens Medievais* ..., vol. I, p. 230 – nota 24). Quanto a Urro, trata-se, com efeito, de Urrô, topónimo da zona de Penafiel de Sousa e que foi assumido como apelido pelos senhores da honra desse lugar.

[11] Os Chacins, tal como acima indiquei, não descendiam dos Braganções por varonia, mas sim por via feminina: Fruilhe Nunes de Bragança, filha bastarda de Rui Nunes de Bragança, casou com Martim Pires de Chacim, que muito provavelmente seria vassalo da poderosa família de sua mulher. Curiosamente, o desnível social das duas linhagens foi bem acentuado pelo Livro de Linhagens do Deão, que refere a aliança como um «casamento desaguisado» (cfr. PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor – *Linhagens Medievais* ..., p. 241).

[12] Deve antes tratar-se de uma «sucessão de bens» (e mesmo assim não se refere qualquer documento que abone a afirmação do texto, sobretudo quanto à data), e não de um morgadio, nos seus contornos «clássicos», cujo exemplo mais antigo que se conhece data de 1300 (sobre a questão dos morgadios veja-se o trabalho modelar de ROSA, Maria de Lurdes – *O Morgadio em Portugal – séc. XIV-XV. Modelos e Práticas de Comportamento Linhagístico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995).

[13] Uma vez mais a associação dos fundadores das linhagens ao Conde D. Henrique, seja através de cavaleiros autóctones que o auxiliaram, como há pouco se viu com os pretensos Sás, Sequeiras e Mesquitas, ou, como é agora o caso, com cavaleiros francos que o teriam acompanhado desde França. Numa outra nota terei oportunidade de me referir concretamente aos Pimentéis.

[14] Trata-se de Laim Calvo, um dos alcaides de Castela e progenitor de várias linhagens, entre as quais a dos Castros (Livro de Linhagens do Conde D. Pedro (ed. cit.), vol. II, tomo I, p. 133 e 163). Faço esta correcção a título de exemplo, uma vez que alguns dos textos genealógicos citados ou transcritos pelo Abade de Baçal empregam grafias dos nomes muitas vezes incorrectas. Desta forma, e pelas razões expostas na nota crítica [8], sugere-se ao leitor interessado que utilize as edições críticas das fontes linhagísticas medievais ali indicadas.

[15] Sobre a origem dos Pimentéis e a evolução da linhagem até ao final do século XIV veja-se, por todos, o excelente trabalho de SOUSA, Bernardo de Vasconcelos e – *Os Pimentéis. Percursos de uma Linhagem Medieval Portuguesa (Séculos XIII-XIV)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 1995. Aguarda-se para breve a edição comercial desta dissertação de doutoramento, que veio esclarecer bastantes questões menos conhecidas ou totalmente ignoradas sobre esta linhagem, e que, no plano genealógico, que para aqui importa, vem corrigir todas as informações contidas neste livro sobre as primeiras gerações de Pimentéis.

[16] A remissão correcta para a fonte linhagística em causa é a seguinte: *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro,* ed. cit., vol. I, tomo I, p. 401 (LL35H2-4).

[17] Sobre a cronologia dos primeiros morgadios ver o que ficou dito na nota crítica [12].

[18] Existe uma preocupação quase obsessiva por parte dos genealogistas em entroncar as famílias oriundas de Trás-os-Montes na linhagem dos Braganções, como é agora o caso dos Mascarenhas, sem que exista qualquer dado documental que o permita afirmar, ou sequer um testemunho de tradição que com toda a certeza seria aproveitado pelos autores dos livros de linhagens medievais. Ora, e tal como já se referiu a propósito dos Chacins, que, ao contrário do que normalmente se afirma, não descendiam dos Braganções por varonia mas neles entroncavam por via feminina, também estou convencido de que a linhagem de Mascarenhas deve ter surgido a partir de cavaleiros vassalos daqueles poderosos próceres. O seu desaparecimento, nos finais do século XIII, terá depois permitido o gradual crescimento dessas pequenas linhagens, as quais viriam, já avançado o século XIV ou mesmo durante o século XV, a assumir posições de destaque, fosse apenas no âmbito transmontano e alti-duriense, como terá sido o caso dos Morais, ou mesmo a nível nacional, como aconteceu com os Mascarenhas, mas também os Sampaios ou os Távoras. Entretanto, e como complemento ao que se afirmou no início desta nota, veja-se o que fica exposto nas p. 626-627 sobre a origem dos Antas, onde o autor de uma genealogia chega ao dislate de adaptar àquela família os nomes e as informações relativas aos Braganções contidas nas fontes linhagísticas medievais !...

[19] Com esta nota pretende-se chamar a atenção para aqueles que, tal como o autor da «nota à margem» pensam que a regra dos patronímicos é, pelo menos nas épocas mais recuadas, absolutamente infalível. De resto, esta ideia, posta em prática, permitiu a muitos genealogistas «completar» muitas gera-

ções entre, por exemplo, um indivíduo que era referido nos livros de linhagens do século XIV e outro, com o mesmo apelido, de que havia notícia para os séculos XV ou XVI. O facto, porém, é a de que havia muitas infracções àquela regra, e pelos mais variados motivos: para ultrapassar o problema das homonímias; para homenagear a memória do avô paterno, ou materno, quando a linhagem da mãe era mais prestigiada que a do pai, etc. De resto, o mesmo se poderia afirmar quanto aos apelidos, muito embora aqui as excepções sejam menos frequentes.

[20] Ou o documento é falso ou então a data foi mal lida, uma vez que, em 1210, Fernão Fernandes de Bragança se encontrava exilado no Reino de Leão (cfr. *Linhagens Medievais* ..., vol. I, p. 233). Quanto à intenção de entroncar os Morais nos Braganções, seja de que maneira for, apenas chamo a atenção do leitor para a conjugação do que se diz nesta página quanto à ascendência da mulher de Gonçalo Rodrigues e o que se afirma na nota de rodapé da página seguinte sobre a filiação do próprio Gonçalo Rodrigues: ali, a sua mulher seria neta de uma irmã de D. Fernão Mendes, e na nota Gonçalo Rodrigues seria sobrinho do mesmo Fernão Mendes. Este tipo de aliança, como é evidente, não é de todo impossível; o problema é a forma como é feita a afirmação – parece ser filho de Rui Mendes de Bragança, irmão de ... Parece como? Eu explico: como Gonçalo é Rodrigues, nada mais conveniente, à luz da também conveniente regra dos patronímicos, a existência de um Rui Mendes de Bragança, documentado entre 1130 e 1135, sobre o qual os nobiliários medievais são completamente omissos em termos de casamento ou de descendência (cfr. *Linhagens Medievais* ..., vol. I, p. 240).

[21] Não se chamava Gonçalo Neves (!), mas sim Dom Gonçalo Nunes de Bragança, e foi o último indivíduo que efectivamente teve a varonia dos Braganções, tendo estado a maior parte da sua vida exilado na corte castelhana, vindo a falecer sem descendência (cfr. *Linhagens Medievais* ..., vol. I, p. 236-237).

[22] O conde Dom Gonçalo Garcia de Sousa, último representante varão, legítimo, da ilustre linhagem dos Sousas não teve filhos do seu casamento com Leonor Afonso, filha bastarda de D. Afonso III. A representação dos Sousas passou depois para duas filhas de seu irmão Dom Mem Garcia, as quais estão na origem dos dois conhecidos ramos dos Sousas de Arronches e dos Sousas Chichorros ou do Prado. No entanto, o conde teve um filho bastardo, João Gonçalves de Sousa, referido pelos livros de linhagens medievais e que se documenta entre 1250 e 1293. Também este teve descendência, dois filhos e uma filha, Gonçalo Garcia, Álvaro Anes e Constança Anes, só sendo possível documentar uma filha do primeiro, Guiomar Gonçalves de Sousa, em 1320 (cfr. *Linhagens Medievais* ..., vol. I, p. 220-222). Face a estes dados, não se pode negar a possibilidade de Álvaro Anes ter tido descendência, mas não deixa de ser estranho que, com semelhante ascendência, não fosse a mesma conhecida dos principais genealogistas do período moderno.

[23] Pelo menos por uma vez encontramos uma genealogia credível e bem fundamentada. De resto, a família Sampaio deverá ser uma das famílias trasmon-

tanas mais bem estudadas, sendo aqui obrigatório remeter para os excelentes trabalhos genealógicos do Professor Doutor Luís de Mello Vaz de São Payo, Ilustre Presidente do Instituto Português de Heráldica, onde habitualmente se podem recolher abundantes informações sobre diversas famílias da nobreza trasmontana e alti-duriense.

[24] O Abade de Baçal dá aqui uma opinião perfeitamente gratuita. O escudo *au ballon* nada tem a ver com a bastardia. Não é um posicionamento do escudo que se encontre com frequência, muito embora tenha tido bastante voga nos séculos XVI, XVII e XVIII, mas já era utilizado no período medieval, por exemplo em França e em Inglaterra, como o comprovam vários armoriais da segunda metade do século XIV (cfr. PASTOUREAU, Michel – *Traité d'Héraldique*. 2ª ed., Paris: Ed. Picard, 1993, p. 64-65).

[25] Família ilustríssima da nobreza portuguesa, não precisa de recuar ao reinado de D. Afonso Henriques para justificar a sua importância e pergaminhos. Em termos de antiguidade, porém, a família Távora encontra-se documentada a partir da segunda metade do século XIII.

[26] Na impossibilidade de fazer um comentário crítico sobre todos os escudos-de-armas referidos neste inventário (em grande parte inviabilizado pela ausência de fotografias), gostaria apenas de deixar alguns apontamentos que elucidem o leitor quanto à sua utilização. Em primeiro lugar, uma chamada de atenção para os comentários iniciais do Abade de Baçal, demonstrativos da sua mais completa ignorância em matéria heráldica, como sejam, por exemplo, a sua afirmação de que o formato do escudo não tem qualquer interesse, quando é muitas vezes um elemento imprescindível para a sua datação, ou mesmo do edifício ou suporte onde se encontra; ou a atitude em relação ao timbre, o qual, se referenciado, permitiria a identificação de quartéis de alguns escudos que através do desenho são impossíveis de decifrar. Em segundo lugar, a maioria das descrições dos escudos esquartelados (mas também com outro tipo de partições), são feitas ao contrário das gravuras, isto é, descreve primeiro o 2º quartel e depois, sucessivamente, o 1º, o 4º e o 3º (terá ocorrido algum erro na impressão das gravuras ?). Em terceiro lugar, e em alguns casos, o desenho é de tal forma arbitrário que dificilmente se pode avançar com uma identificação minimamente segura, muito embora, há que admitir, o mau estado de conservação de alguns desses escudos possa justificar a deficiente representação gráfica. Finalmente, terá o leitor que aceitar com cuidado algumas das identificações propostas, tendo em conta que se chegam a confundir as armas dos Vasconcelos com as dos Sampaios (!!) – vd. n.º 6. Pese embora este conjunto de observações, não posso deixar de louvar a inclusão deste inventário, que pode tornar-se num instrumento bastante útil, sobretudo se alguém tiver a coragem e a paciência de o corrigir e completar.

ÍNDICE

[Introdução] ..... [i]

Prólogo I

Abambres 1
Abreiro 1
Agrochão 7
Águas Frias 7
Aguieiras 7
Ala 7
Alfândega da Fé 8
Algoso 9
Alvites 15
Amendoeira 16
Arcas 16
Argozelo 18
Arufe 18
Babe 18
Barcel 20
Barreiros 21
Bemposta 22
Bornes 23
Bouça 27
Bragança 29
    Abreu Sarmento 29
    Aires Soares – Santa Apolónia 33
    Alonsos 34
    Amaral Sarmento 34

Barganções (família) 35
Camelos de Morais Leites (família) 42
Capelas com vínculo de morgadio e oratórios 43
Castro de Morais (família) 46
Castro de Morais (família) – Conde da Rosa 47
Castro Pereira (família) 49
Colmieiro de Morais (família) 49
Colmieiro Teles de Távora (família) 50
Costas (família) 50
Cruz e Sousa (família) 51
Doutéis (família) 51
Ferreira (família) 63
Ferreiras (família) 63
Ferreiras de Castro Figueiredo (família) – Morgado da Praça 110
Ferreira Lima (família) 111
Ferreira de Sá (família) 112
Ferreira de Sá Sarmento (família) 112
Figueiredos (família) 113
Figueiredos da Rica Fé (família) 125
Figueiredos (família) 131
Figueiredos I (família) 131
Figueiredos II (família) 134
Figueiredos III (família) 135
Figueiredos IV (família) 137
Figueiredos Sarmento (família) 138
Fonseca Pinto (família) 138
Fonseca de Sousa (família) – Barão de Santa Bárbara 139
Gomes Mena (família) 142
Leal Gomes (família) 142
Leitão Bandeira (família) 143
Lopes de Morais Garrido (família) 143
Malheiro da Cunha (família) 144
Mendes (família) 144
Morais e Castro (família) 145
Morais Leite (família) 145
Morais Madureira (família) 146
Morais Madureira Pimentel (família) 146
Morais Madureira Pimentel (família), Machucas da Casa do Arco – Visconde de Mirandela, de Monte Alegre – Bacelares, de Vilar de Ossos 146
Morais Sarmento (família) 182
Pinto Cabral (família) 183

Pinto de Morais (família) 183
Sá (família) 183
Sá Carneiro Vargas (família) 184
Sepúlvedas (família), Visconde de Ervedosa 185
Veigas Cabrais Caldeirões (família) 195
Cabages 198
Cabanelas 198
Doutel de Andrade (família) 198
Caçarelhos 200
Candedo 201
Carragosa 202
Carrapatas 203
Carrazedo 203
Frias Sarmentos (família) 203
Frias e Farias (família) 204
Morais Sarmento (família) 206
Rebelo de Faria (família) 208
Carvalhais 209
Visconde de Chanceleiros 210
Castanheira 213
Castelãos 213
Castelo Branco 214
Castro de Avelãs 217
Castro Vicente 218
Cedães 219
Cércio 219
Chacim 219
Coelhoso 221
Cortiços 223
Alcoforado (família) 223
Corujas 224
Duas Igrejas 224
Edral 224
Morais Sarmentos Leite Chaves (família), de Edral, concelho de Vinhais 224
Edroso 226
Eixos 226
Ervedosa 226
Ferreira 226
Fonte de Aldeia 227
Fornos de Pinhal 227
Frechas 227
Araújo (família) 227

Freixiel 228
Freixo de Espada à Cinta 232
Gimonde 234
Gralhós 234
Grijó de Vale Benfeito 234
Guribanes 235
Guide 235
Gostei 235
Izeda 236
Junqueira da Vilariça 237
Junqueira de Algoso 237
Tombo dos bens do morgadio da Junqueira 237
Lagoa 242
Lagoaça 243
Lamas de Orelhão 246
Lavandeira 247
Limãos 247
Linhares 247
Lisboa (Nossa Senhora da Luz) 247
Maçaira [Maceira] 248
Macedo de Cavaleiros 249
Solar dos Macedos 249
Morais Sarmento de Vasconcelos (família) 250
Mascarenhas 252
Barrosos (família) 252
Mascarenhas (solar dos) 258
Carpinteros Macedos Pimentéis (família) 260
Meixedo 261
Meles 263
Miões 263
Miranda 263
Capelas 264
Mirandela 265
Doutel de Almelda (família) 265
Morais Sarmentos e Sás (família), senhores do morgadio de Santa Comba de Mirandela 267
Pessoa (família) 273
Pintos Cardosos, senhores do morgadio de S. Tiago 273
Veiga Sequeira Vaia (família) 283
Capelas 284
Mofreita 285
Mogadouro 286

Ferreiras Morais (família), ramo da casa de Tuizelo que passou a vila de Mogadouro 286
Barão do Mogadouro 287
Ferreira (família), de Tuizelo, ramificada para o Mogadouro – Bispo D. António Pinheiro 287
Moimenta 288
Gil Lamadeita (família) 289
Moncorvo 290
Botelhos (família) 290
Caregeiros (Sanceriz) (família) 292
Carvalho Camelo e Castro (família) 293
Ferreiras (família) 293
Fonseca Moniz, barão de Palme (família) 294
Malheiro (família) 296
Marmeleiro (morgado do) 297
Mesquitas Morais e Castros (família) 302
Monteiro Pimentel (família) 304
Morais (família) 305
Morais Sarmento (família) 312
Oliveira Pimentel (família) 317
Vasconcelos e Carneiro de Vasconcelos (família) 319
Meireles (família) 326
Borges Menezes – Ribeiro de Barros (família) 326
Mendel (morgadio de) 327
Monforte de Rio Livre 327
Morais 328
Morais (solar dos) 328
Mosteiro 343
Nabo 343
Nogueira 344
Ousilhão 344
Outeiro 344
Paçó de Vinhais 347
Palaçoulo 347
Palas 347
Parada de Infanções 347
Morais Madureira Feijó (família) 347
Machado (família) 360
Pavão (família) 361
Paradela 370
Paradinha Nova 370
Paradinha de Outeiro 370

Penas Roias 377
Pereiros 378
Pessanhas 378
Pessanha (família) 378
Podence 384
Prada 385
Pretos 385
Quintanilha 388
Quintas 389
Quintela de Lampaças 389
Borges Rebelos (família) 389
Quintela de Lampaças – Lisboa 393
Corpo Santo (morgadio do) 393
Quirás 395
Barreira (família) 395
Lozada (família) 398
Rabal 402
Varge (família) 402
Rebordelo 405
Refoios 406
Regodeiro 406
Rio de Fornos 406
Rio Torto 409
Roios 410
Marcos Magalhães Pegados (família) 410
Sacoias 411
Saldonha 412
Sambade 413
Samil 413
Samões 413
Samorinha 415
Sampaio 415
Sampaio, senhores de Ansiães 415
Sampaio (família), senhores de Vila Flor 438
Sanceriz 442
Santa Comba da Vilariça 442
Santa Cruz da Castanheira – São Fins da Castanheira e Vilartão 443
Santa Valha 450
Santulhão 450
São Martinho do Peso 452
São Pedro dos Sarracenos 452
São Salvador 453

São Vicente da Raia 453
Sarzeda 453
Selas [Celas] 454
Selores 454
Sendas 460
Sendim de Miranda 460
Senhora da Ribeira 460
Serapicos 462
Sesulfe 462
    Pinto Pereira do Lago Sarmento (família) 462
Sobreiro 463
Soeira 464
Sonim 464
Sortes 465
Soutelo da Gamoeda 465
Suções 466
    Morais Colmieiros Figueiredos Sarmentos (família) 467
Távoras 469
Tó 477
Torre de D. Chama 478
Travanca 479
    Barrosos (família) 479
Tronco 480
Tuizelo 481
    Primeiro morgadio 481
    Segundo morgadio 485
Valbom de Mascarenhas (também chamado Valbom dos Figos) 489
Vale de Asnes 489
Vale Benfeito 489
Vale de Gouvinhas 490
Vale de Janeiro 491
Vale de Lamas 491
Vale de Lagoa 491
Valongo 492
Vale de Madeiro 492
Vale de Miro 493
Val Paços [Valpaços] 493
Vale Pereiro 493
Vale da Porca 494
Vale de Salgueiro 494
Vale Telhas [Vale de Telhas] 495
Variz 495

Vila de Ala 496
Fonseca Telo Caldeira (família) 496
Vila Boa de Ousilhão 498
Vila Chã da Braciosa 498
Vila Flor 499
Duarte de Almeida (família) 499
Capitães-mores 501
O primeiro circum-navegador do mundo 501
Fernão de Magalhães e a autenticidade dos testamentos de 1504 e 1580 503
Montes Seixas Lemos Pereira (família) 509
Leite Pereira (família) 512
Vila Franca de Lampaças 517
Carneiro Morais (família) 518
Vila Nova 519
Vilar Chão 519
Vilar de Ossos 520
Bacelar (família) 521
Vilar do Monte 525
Vilar Seco de Lomba 525
Vilar Seco de Miranda 526
Vilarelhos 526
Vilarinho de Agrochão 527
Vilarinho da Castanheira 527
Vilarinho de Cova de Lua 530
Vimieiro 530
Vimioso 531
Condes do Vimioso 531
Dias de Faria Seixas Loureiro (família) 535
Ferreira e Castro (família) 536
Macedo (família) 541
Mendes Antas (família) 543
Mendes Vasconcelos (família) 554
Morais Antas (família) 559
Morais Faria Antas da Silva (família) 561
Várias famílias 572
Capelas 574
Vinhais 577
Buíça (família) 577
Amaral Sarmento (família) 588
Colmieiro (família) 589
Colmieiro de Morais da Veiga Cabral Caldeirão (família) 604
Costa Pessoa (família) 605

Ferreira de Campos Sarmento (família) 612
Ferreira Sarmento Morais Pimentel (família) 613
Morais Campilho (família) 617
Morais Silva (família) 620
Capelas 624
Vinhas 626
Zedes 627
Lista dos cónegos da Sé de Miranda e Bragança 629
Indivíduos com títulos nobiliárquicos constantes de documentos oficiais 677

SUPLEMENTO

Águas Frias 693
Alijó 693
Alvites 694
Arcas 695
Argozelo 696
Arnal 698
Bemposta 698
Bornes 699
Bragança 700
Ferreiras (família) 700
Figueiredos (família) 703
Figueiredos da Rica Fé (família) 704
Sepúlveda (família) 704
Sá Carneiro Vargas (família) 704
Veiga Cabral (família) 705
Carrazeda de Ansiães 706
Carvalho (família) 706
Cascalhal – Rego de Vide 708
Castelo Branco 709
Coelhoso 709
Constantim 710
Contins 710
Fonte de Aldeia 710
Formentãos [Fermentãos] 711
Franco 711
Freixiel 712
Lamas de Orelhão 713
Guedes (família) 713
Queiroga, Pereira, Madureira, Sá e Carneiro (família) 715

Macedo de Cavaleiros 718
Marzagão 719
Mascarenhas 719
Mogadouro 720
Moncorvo 722
Bandeira (família) 722
Paradinha de Outeiro 723
Quintela de Lampaças 723
Rio de Fornos 724
Saldanha 725
Santa Valha 725
São Martinho do Peso 725
São Pedro dos Sarracenos 726
Vale Frechoso 729
Val Paços [Valpaços] 729
Vila Flor e Castro Vicente 729
Aragão (família) 729
Vila Flor 730
Montes Seixas Lemos Pereira (família) 730
Tenreiro (família) 732
Vilar de Ossos 733
Vimioso 734

Pedras de armas (brasões) do distrito de Bragança 737

ADENDA

Bagueixe 791
Coelhoso 791
Macedo de Cavaleiros 792
Miranda do Douro 793
Paradinha Velha 793

Devotados regionalistas que nos auxiliaram com informações e bons serviços para este volume 795
Corporações administrativas que concorreram para a publicação deste livro ... 797

[NOTAS DE REVISÃO] ..... [799]

As Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança são um repositório amplíssimo, completo quanto possível, de notícias respeitantes à nossa terra, interessantes sob todos os pontos de vista científicos, por mais variados que sejam. Representam, não uma tentativa mercantil, mas sim um preito de amor, um monumento carinhosamente erguido ao torrão natal com grandes sacrifícios físicos, pecuniários e mentais, não tanto pelo autor, como pelo grupo de devotados regionalistas que omnimodamente o auxiliam. Todo o bragançano digno de tal nome tem obrigação moral de cooperar para o incremento e divulgação das mesmas.